ANNO

PUBLICADO
SOB A DIRECÇÃO
João Ribeiro

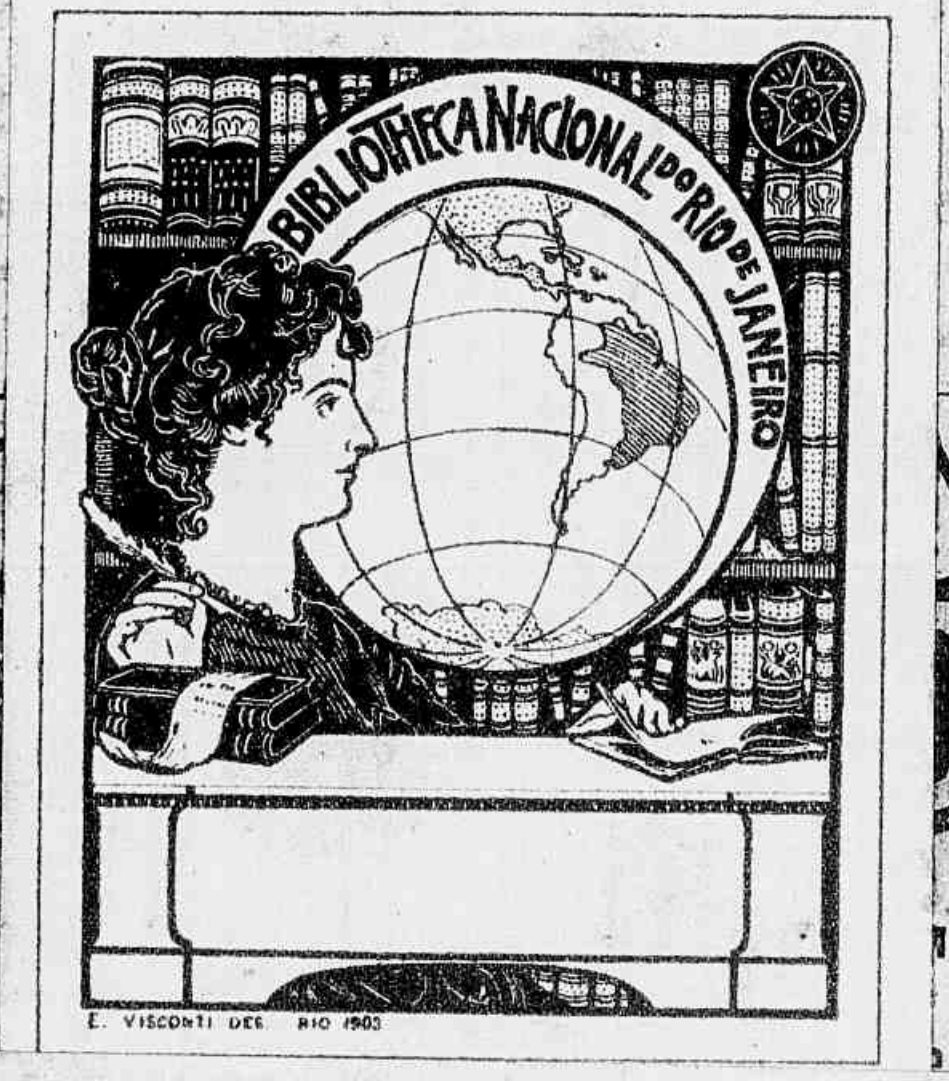
ALMANAQUE
BRASILEIRO



Garnier

1907

RIO DE JANEIRO
GARNIER
71 Rua do Ouvidor 71
Paris-Rua



COLLECÇÃO BENEDICTO OTTONI
ORGANISADA PELO DR. J. C. RODRIGUES
Doação do Dr. Julio B. Ottoni

QUI

ELIXIR VINOS

O QUINÁ-LARO
todos os demais
Emprega-se no
de Forças, F

QUINA-LARO

NTE

OCHE

EXTRACTO
MPLETO DAS 3 QUINAS

muito superior a

mago, Falta

a Anemia,

Chlorose, nas Convalescenças, etc.

QUINA-LAROCHE PHOSPHATADO contra o **Lymphatismo,**
Escrofulas, Enfartes dos Ganglios, etc.

PARIS, 20, Rue des Fossés-Saint-Jacques, *e em todas as boas Pharmacias e Drogarias.* 883

INVENTARIO -BN
00.160.543-7

Ao Heroe
Dr. J. C. Rodrigues

Rio de Jan
71, Rua do Ouvidor



Almanaque Brasileiro

Garnier

para o anno de

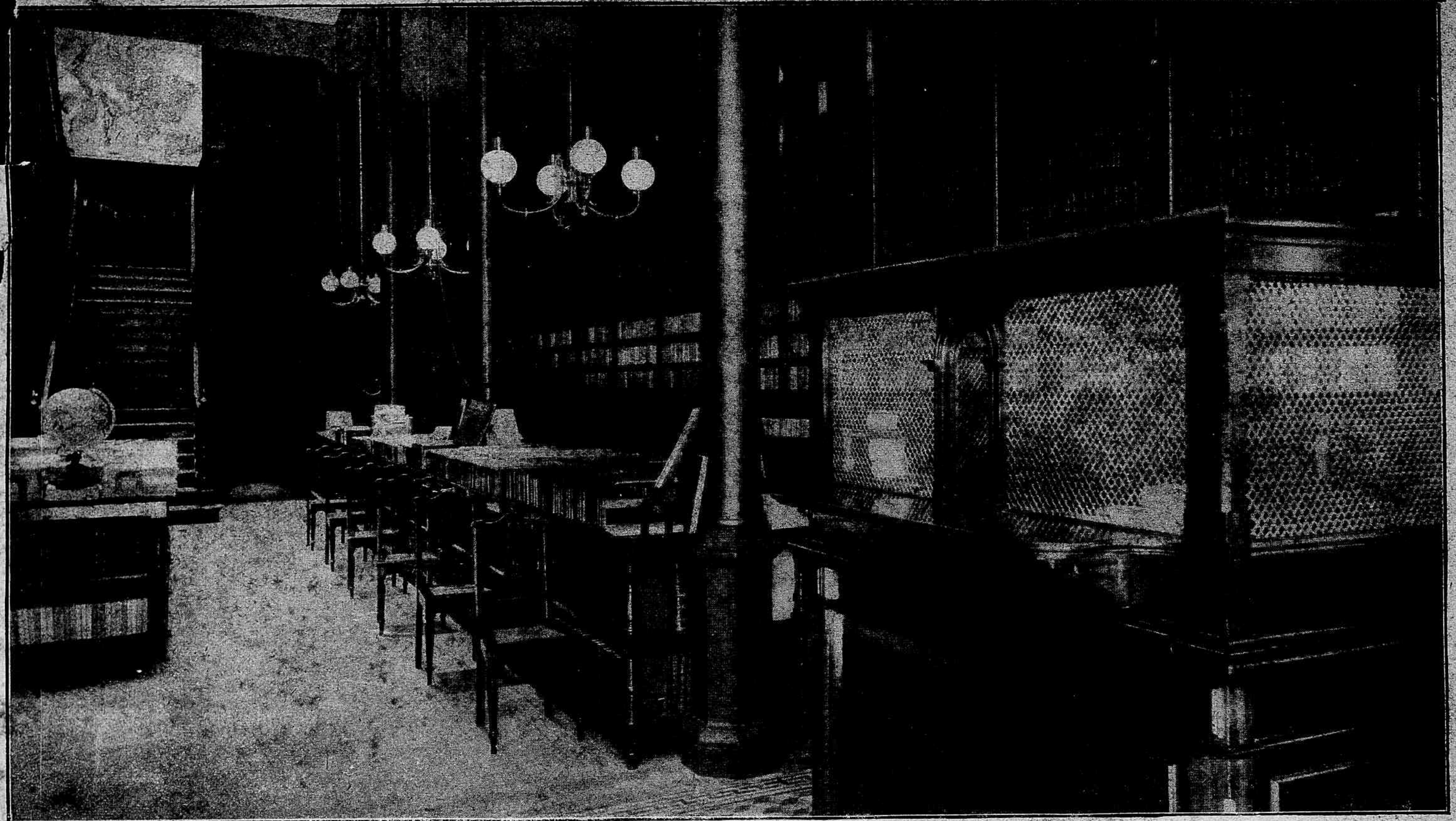
— 1907 —

PUBLICADO SOB A DIRECÇÃO

DE

JOÃO RIBEIRO

Anno V



SALA DE VENDA DA LIVRARIA GARNIER — RIO-DE-JANEIRO

O dr. Affonso Penna n. na cidade de Sancta Barbara (Minas) a 30 de Novembro de 1847 e graduou-se em direito em 1870. Deputado provincial de 1874 a 1879 e deputado geral de 1879 a 1889, foi ministro da guerra no ministerio Martinho Campos em 1882, da agricultura no ministerio Lafayette em 1883 e da justiça no ministerio Dantas em 1885. Depois da proclamação da Republica fez parte da Constituinte Mineira, foi presidente de Minas de 1892 - 1894, e presidente do Banco da Republica de 1895 a 1898.

Director da Academia Livre de Direito de Bello-Horizonte, ahi o foi encontrar a eleição de 18 de Fevereiro de 1902, que o elevou á vice-presidencia da Republica. Em 1905 uma colligacão de chefes politicos indicou-o para succeder ao dr. Rodrigues Alves na presidencia da Republica.

Foi realmente eleito a 1.º de março de 1906 com grande numero de suffragios.



Dr. Affonso Penna
Presidente da Republica
(1906-1910)



Dr. Nilo Peçanha
Vice-presidente da Republica
(1906-1910)

A mesma colligação de politicos notaveis que havia indicado para Presidente da Republica o Dr Affonso Penna, indicou para Vice-presidente o dr. Nilo Peçanha que, embora joven, já se tinha revelado estadista energico e de pulso no governo do Estado do Rio Janeiro, cujas finanças e prosperidade com rapidez e efficacia de acção logo rehabilitou. O dr. Nilo Peçanha foi distincto parlamentar, de notavel prestigio nos annos anteriores e n'elle descançavam as esperanças da nova geração republicana, agora realisadas. O dr. Nilo Peçanha nasceu em 1867.

Dr Benjamin Franklin Ramiz Galvão

Deixou a direcção do *Almanaque Garnier* desde a edição de 1907, o douto hellenista e illustre homem de letras, o dr. Benjamin Franklin Ramiz Galvão. Foi elle quem deu a este livro a feição sympathica, attrahente, variada que tem e deve conservar por muito tempo e aqui abriu as paginas a todos os talentos sem distincção de côr literaria, de escolas e presumpções, com discreta e ao mesmo tempo larga condescendencia.

O dr. Ramiz Galvão nasceu em 1846 no Rio Grande do Sul; bacharelou-se no antigo Collegio de Pedro II, hoje Gymnasio Nacional, em 1861 ao termo de um curso excepcionalmente brilhante e n'aquella casa onde se formaram muitos dos mais eminentes espiritos de hoje, deixou uma tradição exemplar que ainda se não apagou. Em 1870, tomou o gráo de doutor pela nossa Faculdade de Medicina, que perlustrou com o mesmo intenso brilho indo, logo tres annos depois, occupar uma cadeira de lente obtida em brilhante concurso.

Já antes de exercer o magisterio havia sido nomeado director da Bibliotheca Nacional em 1870. O joven bibliothecario, pois não tinha sequer 25 annos e póde-se dizer nunca mais teve successor que se lhe podesse comparar n'aquelle estabelecimento que foi elle quem organizou tirando-o do cahos e confusão em que estava, iniciando o catalogo, completando as collecções, descobrindo e inventariando as riquezas, melhorando em todos os sentidos a administração e conservação d'aquelle antigo acervo de preciosidades inestimaveis, e alli empregou em toda a extensão e profundidade, o seu esforço, a sua capacidade enorme de trabalho, a sua erudição e conhecimento das nossas cousas e das que nos interessam directa ou indirectamente, pesquizando, estudando, e trabalhando indefessamente a todas as horas do dia e ainda da noite. Ramiz Galvão creou a Bibliotheca Nacional que, sem elle, vai pouco a pouco a caminlo de decadencia. Sob sua direcção organizou-se o *Catalogo da Exposição de Historia do Brasil*, monumento da nossa bibliographia e começaram os preciosos *Annaes* d'aquelle instituto.

No ensino como lente de grego do Gymnasio, na direcção da Instrucção publica por escolha de Benjamin Constant, no jornalismo que exerceu de 1900 a 1905, foi sempre o mesmo consciencioso, activo e infatigavel luctador. São varias as suas obras, sem falar no que deixou disperso nas paginas dos *Annaes da Bibliotheca*, na *Gazeta de Noticias*, nas *dissertações*, *theses*, *discursos* e *relatorios* officiaes; merecem especial menção a sua *Biographia de Fr. Camillo de Montserrate*, 1887, o seu *Vocabulario* das palavras gregas, tentativa da correcção dos erros que a proposito de neologismos gregos se commettem a todo o instante,

obra de que apenas se publicaram excerptos, e entre as suas numerosas traducções e adaptações é digna de registro a do *Brasil* de Eliseu Reclus.

Nos fragmentos e estudos publicados nas folhas e revistas muito contri-



Ramiz Galvão.

buiu para a elucidação de questões diversas, como a da vida de Claudio Manoel da Costa da qual descobriu e editou muitas poesias inéditas e ignoradas, e a de João de Bolés na *Revista do Instituto*, etc.

O *Almanaque Garnier* devia este insignificante preito ao seu illustre ex-director.

J.

PRIMEIRA PARTE

Chronologia - Calendario

FESTAS DA EGREJA CATHOLICA

Festas fixas.

Circuncisão do Senhor...	1º de Jan.
Epiphania ou Reis.....	6 Jan.
S. Sebastião.....	20 Jan.
Purificação de N. S.ª.....	2 Fev.
Annunciação de N. S.ª...	25 Março.
S. João Baptista	24 Junho.
S. Pedro e S. Paulo (Apost.)	29 Junho.
Assumpção de N. S.ª.....	15 Agosto.
Natividade de N. S.ª.....	8 Sept.
Todos os Sanctos.....	1º Nov.
Imm. Conceição de N. S.ª.	8 Dez.
Nascimento de N. S.....	25 Dez.

Para as festas moveis, póde-se de modo geral estabelecer a seguinte relação :

Conhecido o dia da Paschoa, 63 dias antes é a *Septuagesima;* 49 dias antes é o *Domingo gordo;* 7 dias antes, o *Domingo de Ramos ;* 40 dias depois é a 5.ª feira da *Ascensão ;* 50 dias depois é o *Domingo do Espirito Sancto* ou *de Pentecoste;* 61 depois é *Corpo de Deus* (5.ª feira).

QUADRO DAS DATAS DA FESTA DA PASCHOA DESDE 1907 ATÉ AO ANNO 2000

ANNO	DATA DA PASCHOA		ANNO	DATA DA PASCHOA		ANNO	DATA DA PASCHOA		ANNO	DATA DA PASCHOA	
1907	Março	31	1932	Março	27	1957	Abril	21	1982	Abril	11
1908	Abril	19	1933	Abril	16	1958	»	6	1983	»	3
1909	»	11	1934	»	1	1959	Março	29	1984	»	22
			1935	»	21				1985	»	7
1910	Março	27	1936	»	12	1960	Abril	17	1986	Março	30
1911	Abril	16	1937	Março	28	1961	»	2	1987	Abril	19
1912	»	7	1938	Abril	17	1962	»	22	1988	»	3
1913	Março	23	1939	»	9	1963	»	14	1989	Março	26
1914	Abril	12				1964	Março	29			
1915	»	4	1940	Março	24	1965	Abril	18	1990	Abril	15
1916	»	23	1941	Abril	13	1966	»	10	1991	Março	31
1917	»	8	1942	»	5	1967	Março	26	1992	Abril	19
1918	Março	31	1943	»	25	1968	Abril	14	1993	»	11
1919	Abril	20	1944	»	9	1969	»	6	1994	»	3
			1945	»	1				1995	»	16
1920	Abril	4	1946	»	21	1970	Março	29	1996	»	7
1921	Março	27	1947	»	6	1971	Abril	11	1997	Março	30
1922	Abril	16	1948	Março	28	1972	»	2	1998	Abril	12
1923	»	1	1949	Abril	17	1973	»	22	1999	»	4
1924	»	20		»	9	1974	»	14		Abril	23
1925	»	12	1950			1975	Março	30	2000		
1926	»	4	1951	Março	25	1976	Abril	18			
1927	»	17	1952	Abril	13	1977	»	10			
1928	»	8	1953	»	5	1978	Março	26			
1929	Março	31	1954	»	18	1979	Abril	15			
1930	Abril	20	1955	»	10	1980	»	6			
1931	Abril	5	1956	Abril	1	1981	»	19			

QUADRO DAS FESTAS MOVEIS (1907 a 1912)

Annos.	Lettra dominical.	Aureo numero.	Epacta.	Indicção romana.	Septuagesima.	Sexagesima.	Quinquagesima.	Dia de cinzas.	Paixão de N. S.	Paschoa.	Ascensão de N. S.	Pentecoste.	SS. Trindade.	Corpo de Deus.	1º Domingo do Advento.
1907	F	8	XVI	5	27 Jan.	3 Fev.	10 Fev.	13 Fev.	17 Março	31 Março	9 Maio	19 Maio	26 Maio	30 Maio	1 Dez.
1908	ED	9	XXVII	6	16 Fev.	23 Fev.	1 Março	4 Março	5 Abr.	19 Abr.	28 Maio	7 Junho	14 Junho	18 Junho	29 Nov.
1909	C	10	VIII	7	7 Fev.	14 Fev.	21 Fev.	24 Fev.	28 Março	11 Abr.	20 Maio	30 Maio	6 Junho	10 Junho	28 Nov.
1910	B	11	XIX	8	23 Jan.	30 Jan.	6 Fev.	9 Fev.	13 Março	27 Março	5 Maio	15 Maio	22 Maio	26 Maio	27 Nov.
1911	A	12	XXX	9	12 Fev.	19 Fev.	26 Fev.	1 Março	2 Abr.	16 Abr.	25 Maio	4 Junho	11 Junho	15 Junho	3 Dez.
1912	GF	13	XI	10	4 Fev.	11 Fev.	18 Fev.	21 Fev.	24 Março	7 Abr.	16 Maio	26 Maio	2 Junho	6 Junho	1 Dez.

O CALENDARIO GREGORIANO

A correcção Juliana feita aos calendarios antigos não foi sufficiente, porque deu ao anno tropico exactamente 365 dias e 6 horas, quando em verdade elle só tem 365 dias 5 horas e 49 minutos. Havia portanto um êrro de 11 minutos para mais em cada anno; este êrro accumulado produziu um dia em 129 annos, 2 em 258 e assim por deante. Em 1582 esses 11 minutos excedentes haviam produzido 10 dias de mais.

Para corrigir o êrro, o papa Gregorio XIII, auxiliado pelo astronomo Luiz Lilio. ordenou que se supprimissem dez dias no mez de Outubro de 1582, passando-se de 4 para 15. Assim, no anno seguinte, já o equinoccio da primavera caïu a 21 de Março, e ficou remediado o êrro que até então se commettera.

Para prevenir o êrro futuro, que havia de provir da successiva accumulação dos 11 minutos, ordenou egualmente que se fizessem trez equações solares ou se supprimissem trez dias nos trez primeiros annos centesimos de cada cyclo de 400 annos, a começar em 1700.

Assim 1700 e 1800 que deviam ser bissextos deixaram de sê-lo; 1900 tambem o não foi, e só 2000 ficará bissexto.

Tal é a reforma gregoriana acceita hoje quasi geralmente pelos povos civilizados. Na Europa só os Gregos e Russos não a abraçaram; seguem ainda o calendario juliano, contando actualmente mais 13 dias do que nós: 10 que se omittiram em Outubro de 1582 e mais 3 dos annos centesimos — 1700, 1800 e 1900, — que para elles fôram bissextos.

A maneira de contar pelo calendario juliano diz-se *estylo velho*, e o do calendario gregoriano *estylo novo*.

Na correspondencia usam escrever as duas datas á maneira de quebrado, ficando a do estylo velho em numerador, ex.:

$\frac{17}{30}$ de Janeiro de 1906.

A reforma gregoriana foi adoptada em França no mesmo anno de 1582, na Allemanha catholica em 1584, na Polonia em 1586, na Allemanha protestante em fins do seculo XVII e na Inglaterra só em 1752.

Augusto Comte, fundador do Positivismo, propoz um calendario novo, que é acceito pelos sectarios da doutrina. Segundo elle, o anno é dividido em 13 mezes eguaes, de 28 dias ou quatro semanas cada um, tendo mais um dia complementar, o último do anno, que é consagrado á commemoração geral dos mortos. Nos annos bissextos juncta-se a este dia complementar mais outro, que Comte consagrou ás mulheres sanctas.

Cada mez é dedicado a um dos seguintes grandes vultos na historia da civilização:

Moisés, Homero, Aristoteles, Archimedes, Cesar, S. Paulo, Carlos Magno, Dante, Gutemberg, Shakespeare, Descartes, Frederico e Bichat.

A era positivista adoptada começa a 1º de Janeiro de 1789.

O CALENDARIO ECCLESIASTICO

O fim unico do calendario ecclesiastico é determinar a primeira lua cheia do outomno, visto como todas as festas moveis do anno dependem da Paschoa, que deve celebrar-se no primeiro domingo seguinte á lua cheia depois do dia 21 de Março.

Para determinar o dia da Paschoa empregam-se os seguintes meios: *cyclo lunar*, *aureo numero*, *epacta*, *edade da lua*, *cyclo solar*, *lettra dominical* e *determinação do dia da semana*.

Cyclo lunar. — É o periodo de 19 annos solares ou de 235 lunações synodicas. O 1.º anno da era vulgar foi o 2.º d'um cyclo lunar.

Novo cyclo lunar. — É o periodo de 2.500 annos, durante os quaes se fazem 8 equações lunares, para fazer desapparecer o excesso de 8 dias que haveria no fim d'esse tempo. Estas equações fazem-se, as septe primeiras do 300 em 300 annos, e a última, a 8.ª, depois de 400 annos. Assentado que um dos cyclos de 2.500 annos acabasse em 1.500 da era vulgar, e principiasse outro cyclo em 1501, a 1.ª equação lunar fez-se em 1800, a 2.ª se fará em 2100 e assim por deante.

Aureo numero. — É o numero que indica o anno, em que se está, do cyclo lunar.

Epacta. — É o numero de dias que tem a lua, ou a edade d'ella, no principio do anno civil.

Cyclo solar. — É o periodo de 28 annos, decorridos os quaes, os dias dos mezes tornam a caïr nos mesmos dias da semana. O 1.º anno da era vulgar, foi o 10.º d'um cyclo solar.

Lettra dominical. — É a lettra que corresponde ás datas dos domingos d'um anno qualquer. Fôram para isto adoptadas as septe primeiras lettras do alphabeto, as quaes, escriptas invariavelmente na ordem alphabetica desde o 1.º de Janeiro até 31 de Dezembro representam os septe dias da semana.

Supponha-se que o anno começa numa quinta-feira. Sendo *A* a lettra do dia 1.º de Janeiro, á sexta-feira corresponde *B*, ao sabbado *C* e ao domingo *D*; logo *D* será a lettra dominical d'esse anno.

Seculo XX

N'este seculo haverá 1.000 eclipses — 650 do sol e 350 da lua.

Terá 25 annos bissextos e o mez de fevereiro terá, por tres vezes, cinco domingos: em 1920, em 1948 e em 1986.

As dadivas do millionario Andrew Carnegie a bibliothecas e outras instituições de ensino, até 30 de Novembro de 1902, montavam, segundo o *Library*, ás seguintes sommas: nglaterra e Paiz de Galles, £ 376.100; Irlanda, £ 100.600; Escocia, £ 2.479.250; Canadá, 954.000 dollars (£ 190.800); Cuba, 252.000 dollars (£ 50.400); Estados-Unidos, 212.882.173 dollars (£ 43.576.434); prefazendo um total de 45.773.584 libras, isto é, cêrca de 915.471 : 780$000!

E as liberalidades de Carnegie ainda continuam.

O anno bissexto tem duas lettras dominicaes.

Cyclo da indicção romana. — É um periodo de 15 annos, adoptado pelo Concilio de Nicéa desde o anno 325 da nossa era, para substituir a notação das olympiades. É usado nas datas dos Concilios, e os pontifices ainda hoje o empregam nas datas dos seus diplomas.

Como determinar o aureo número?

Juncta-se 1 ao anno dado, e divide-se a somma por 19. O resto da divisão é o número, que se procura.

Como determinar a epacta?

Multiplica-se o aureo número do anno dado por 11; ao producto tiram-se 10 unidades e mais tantas unidades quantas equações solares tiver havido desde 1700 *inclusive;* ao resto junctam-se tantas unidades quantas equações lunares tiver havido desde 1500. Si o resultado fôr inferior a 30, é essa a epacta; si fôr superior, divide-se por 30, e o resto é a epacta pedida.

Como determinar a edade da lua?

Juncta-se á data do mez a epacta do anno e mais tantas unidades quantos mezes tiverem decorrido desde Março inclusive. Si o mez dado fôr Janeiro ou Fevereiro, procede-se como si Janeiro fôsse Março, e Fevereiro fôsse Abril. Si a somma fôr inferior a 29 ou 30, dá a edade da lua; si fôr superior, tiram-se d'ella 30, e o resto é o numero que se procura. Ex.: A edade da lua no dia 12 de Julho de 1889 foi de 14 dias (lua cheia), porque: $12 + 28 + 4 = 44$, $44 - 30 = 14$.

Como determinar que anno é do cyclo solar um anno qualquer?

Junctem-se 9 ao anno dado, e divida-se a somma por 28; o resto é o número pedido.

Como determinar a lettra dominical d'um anno qualquer da nossa era?

1.º caso. Anno anterior á correcção gregoriana:

Divide-se o anno dado por 4; juncta-se o quociente ao anno dado, e junctam-se a esta somma mais 12 unida-

---

A sociedade dos homens de lettras tchécos celebrou em 1903 as festas do 50º anniversario do nascimento de Jãroslav Urchlicky, conhecido pelo pseudonymo de Emile Frida, o mais fecundo poeta da Bohemia contemporanea.

A Bohemia festejou na pessoa de Urchlicky um grande lyrico e um extraordinario auctor dramatico. Nada menos de 62 volumes de poesias, 27 dramas, 6 volumes de ensaios criticos e 76 traducções poeticas de obras primas extrangeiras formãm a sua bagagem litteraria. Tem traduzido Victor Hugo, Lecomte de Lisle, Dante, Tasso, Carducci, Leopardi, Gœthe.

Urchlicky, nascido em 16 de Fevereiro de 1853 em Louny, Bohemia, é hoje professor de Historia das litteraturas modernas na Universidade de Praga e membro da Camara Alta.

O Conselho Municipal rendeu-lhe homenagem; a imprensa periodica fez edições especiaes em honra ao patricio illustre, e á noite houve espectaculo de gala, representando-se « Soud Lasky » (Tribunal do amor), peça do festejado.

des; divide-se a somma total por 7. O resto indica a lettra dominical na tabella seguinte

G	F	E	D	C	B	A
1	2	3	4	5	6	0

contando-se pela ordem retrógrada do alphabeto e directa dos numeros. Si o resto é 0, a lettra dominical é A.

2.º caso. Anno posterior á correcção gregoriana:

Divide-se o anno dado por 4; juncta-se ao quociente o anno proposto; junctam-se mais a esta somma 12 unidades; tiram-se 10 unidades (correcção gregoriana) e mais tantas unidades quantas equações solares tiverem decorrido desde 1601. A differença divide-se por 7, e o resto mostrará a lettra dominical na tabella.

N. B. Si se tracta de anno bissexto, o resto da divisão por 7 indica a segunda das duas dominicaes, e a primeira (a que regula até 24 de Fevereiro) é a que se segue áquella na ordem directa do alphabeto. Si o resto da divisão indica *B*, as lettras dominicaes são *CB*.

Como determinar a indicção romana?

Juncte-se 3 ao anno dado, e divida-se a somma por 15. O resto, si o ha, mostra a indicção; si não ha resto, isso indica que o anno dado é o último do cyclo de 15 annos.

Como determinar a data da Paschoa em um anno dado?

O meio mais expedito é o que se segue: 1.º Divida-se por 19 o millesimo dado accrescentado de 1 unidade. 2.º Achado assim pelo resto da divisão o *aureo número*, tire-se-lhe 1 unidade, multiplique-se por 11 e do producto tirem-se todos os multiplos de 30; o resto é a *epacta*. 3.º Subtraia-se de 44 o número da epacta. Si ella fôr menor que 24, tereis a data do mez de Março em que cae a lua cheia da Paschoa. Si a epacta fôr de 25 a 30, subtraia-se de 43, e o resto dar-nos-ha a data do mez de Abril em que cae a lua cheia. Si a epacta fôr exactamente 24, a lua cheia caïrá a 19 de Abril. A Paschoa é o domingo que se segue a esta lua cheia, e o domingo se acha por meio da *lettra dominical*.

Ex.:

Em que data caïu a Paschoa de 1898?

1.º Dividamos (1898 + 1) 1899 por 19; o resto 18 é o *aureo número*. 2.º Multiplicando (18 — 1) 17 × 11, teremos 187, dos quaes subtrahidos (180) todos os multiplos de 30, teremos 7, que é a *epacta*. 3.º Subtrahindo 7 de 44 =37. Portanto o 37 de Março ou 6 de Abril será a data da lua cheia.

Ora, sendo *B* a lettra dominical do anno proposto, segue-se que o 1.º de Janeiro caïu em sabbado (A), e portanto 6 de Abril será quarta-feira. Logo o domingo seguinte, que é o da Paschoa, caïu em 10 de Abril. E' esta a solução do problema.

N. B. Para facilitar-se o cálculo, são muito uteis o calendario (A) e a Tabella (B) que se seguem:

A. Calendario perpetuo, ou Tabella que dá o nome de qualquer dia do mez, desde que se sabe o nome do primeiro dia do mesmo mez.

Dias do mez	Segunda-feira	Terça-feira	Quarta-feira	Quinta-feira	Sexta-feira	Sabbado	Domingo
1	Seg.	Terç.	Quart.	Quint.	Sext.	Sab.	Dom.
2	Terç.	Quart.	Quint.	Sext.	Sab.	Dom.	Seg.
3	Quart.	Quint.	Sext.	Sab.	Dom.	Seg.	Terç.
4	Quint.	Sext.	Sab.	Dom.	Seg.	Terç.	Quart.
5	Sext.	Sab.	Dom.	Seg.	Terç.	Quart.	Quint.
6	Sab.	Dom.	Seg.	Terç.	Quart.	Quint.	Sext.
7	Dom.	Seg.	Terç.	Quart.	Quint.	Sext.	Sab.
8	Seg.	Terç.	Quart.	Quint.	Sext.	Sab.	Dom.
9	Terç.	Quart.	Quint.	Sext.	Sab.	Dom.	Seg.
10	Quart.	Quint.	Sext.	Sab.	Dom.	Seg.	Terç.
11	Quint.	Sext.	Sab.	Dom.	Seg.	Terç.	Quart.
12	Sext.	Sab.	Dom.	Seg.	Terç.	Quart.	Quint.
13	Sab.	Dom.	Seg.	Terç.	Quart.	Quint.	Sext.
14	Dom.	Seg.	Terç.	Quart.	Quint.	Sext.	Sab.
15	Seg.	Terç.	Quart.	Quint.	Sext.	Sab.	Dom.
16	Terç.	Quart.	Quint.	Sext.	Sab.	Dom.	Seg.
17	Quart.	Quint.	Sext.	Sab.	Dom.	Seg.	Terç.
18	Quint.	Sext.	Sab.	Dom.	Seg.	Terç.	Quart.
19	Sext.	Sab.	Dom.	Seg.	Terç.	Quart.	Quint.
20	Sab.	Dom.	Seg.	Terç.	Quart.	Quint.	Sext.
21	Dom.	Seg.	Terç.	Quart.	Quint.	Sext.	Sab.
22	Seg.	Terç.	Quart.	Quint.	Sext.	Sab.	Dom.
23	Terç.	Quart.	Quint.	Sext.	Sab.	Dom.	Seg.
24	Quart.	Quint.	Sext.	Sab.	Dom.	Seg.	Terç.
25	Quint.	Sext.	Sab.	Dom.	Seg.	Terç.	Quart.
26	Sext.	Sab.	Dom.	Seg.	Terç.	Quart.	Quint.
27	Sab.	Dom.	Seg.	Terç.	Quart.	Quint.	Sext.
28	Dom.	Seg.	Terç.	Quart.	Quint.	Sext.	Sab.
29	Seg.	Terç.	Quart.	Quint.	Sext.	Sab.	Dom.
30	Terç.	Quart.	Quint.	Sext.	Sab.	Dom.	Seg.
31	Quart.	Quint.	Sext.	Sab.	Dom.	Seg.	Terç.

Exemplo : Em que dia da semana caïu o 10 de Abril de 1898, sabendo-se que 1.º de Janeiro foi um sabbado?

Tome-se a columna — Sabbado — e desça-se até 31, em que se lê *Segunda-feira* na casa correspondente ; tome-se o 1.º de Fevereiro na columna — Terça-feira, — vá até 28 (porque 1898 não é bissexto, onde se lê *Segunda-feira;* tome-se o 1.º de Março na columna — Terça-feira, — desça-se até 31 onde se lê *Quinta-feira;* tome-se finalmente o 1.º de Abril na columna *Sexta-feira*, e em frente ao n. 10 encontra-se *Domingo*, que é o que procuramos. Logo 10 de Abril de 1898 caïu em domingo.

A tabella seguinte ainda mais abrevia este trabalho. Effectivamente o algarismo indicado nas columnas Fevereiro, Março, Abril, etc. é o número de dias que se deve acrescentar ao dia do 1.º de Janeiro para ter o 1.º de Feve-

reiro, o 1.º de Março, o 1.º de Abril, etc. Conhecido o dia da semana do 1.º do mez, facil é achar o dia da semana de qualquer data do mez.

B. Tabella que dá o nome do 1.º de cada mez, quando se sabe o dia da semana em que caïu o 1.º de Janeiro.

ANNOS	Janeiro	Fevereiro	Março	Abril	Maio	Junho	Julho	Agosto	Septembro	Outubro	Novembro	Dezembro
Não-bissextos.....	0	3	3	6	1	4	6	2	5	0	3	5
Bissextos.....	0	3	4	0	2	5	0	3	6	1	4	6

Exemplo : Em que dia da semana caïu o 10 de Abril de 1898, sabendo-se que o 1.º de Janeiro foi um Sabbado ?

Na columna — Abril — temos para 1.º de Abril o algarismo 6, o qual significa que se deve acrescentar 6 dias ao dia da semana do 1.º de Janeiro para termos o dia da semana do 1.º de Abril. Ora sabbado + 6 dias = sexta-feira. Recorrendo então á tabua A, desce-se pela columna Sexta-feira até 10, e acha-se *Domingo*. Logo caïu em domingo o 10 de Abril de 1898.

A tabella seguinte *C* dá a solução de outro problema, que muitas vezes na vida se precisa resolver com presteza, isto é : saber o número de dias que decorrem entre duas datas.

C. Tabella, pela qual se calcula o numero de dias decorridos entre um dia dado e um dia de outro mez.

ECLIPSES DE 1907

Haverá no anno de 1907 dois eclipses do sol e dois da lua.

I Eclipse do sol a 13 de janeiro, invisivel no Brasil.

II Eclipse parcial da lua a 29 de janeiro, invisivel no Rio.

III Eclipse annular do sol, a 10 de julho, visivel ao norte do Brasil. O começo do eclipse será ás 10 h. 57′ 10″ da M., e o fim ás 2 h. 6′ 34″ da T.

IV Eclipse parcial da lua em 24 de julho, visivel no Rio de Janeiro. Grandeza do eclipse = 0.620, supposto o diametro da lua = 1. O primerio contacto com a sombra será a 25 ás 0 h. 10′ 53″ da M. e o ultimo, ás 2 h. 48′ e 28″ da M.

Como sempre foram estas notas resumidas das que graciosamente nos mandou o nosso Observatorio Astronomico.

DE	Janeiro	Fevereiro	Março	Abril	Maio	Junho	Julho	Agosto	Septembro	Outubro	Novembro	Dezembro
Janeiro.....	365	334	306	275	245	214	184	153	122	92	61	31
Fevereiro.....	31	365	337	306	276	245	215	184	153	123	92	62
Março.....	59	28	365	334	304	273	243	212	181	151	120	90
Abril.....	90	59	31	365	335	304	274	243	212	182	151	121
Maio.....	120	89	61	30	365	334	304	273	242	212	181	151
Junho.....	151	120	92	61	31	365	335	304	273	242	212	182
Julho.....	181	150	122	91	61	30	365	334	308	273	242	212
Agosto.....	212	181	153	122	92	61	31	365	334	304	273	243
Septembro.....	243	222	184	153	123	92	62	31	365	335	304	274
Outubro.....	273	242	214	181	153	122	92	61	30	365	334	304
Novembro.....	304	273	245	214	184	153	123	92	61	31	365	335
Dezembro.....	334	308	275	244	214	183	153	122	91	61	30	365

N. B. Para os annos bissextos, accrescente-se 1 aos numeros da tabella.

Exemplos : 1.º Quantos dias decorrem entre 16 de Outubro e 16 de Julho seguinte?

Procure-se a columna vertical — Outubro, — e desça-se até chegar á linha horizontal correspondente a Julho : achar-se-ha 273, que é o número de dias procurado.

2.º Quantos dias vão de 16 de Fevereiro a 18 de Agosto?

Entre 16 e 18 ha 2 dias. Na columna — Fevereiro, — em face de Agosto, acha-se o algarismo 181. Entre as datas propostas ha portanto (181 + 2) 183 dias.

Eu nasci tão sem ventura,
Em taes extremos me vejo,
Que o morrer me não procura,
E o viver não n'o desejo.

O amor é como a agua,
Se pouco ou muito nos toca;
Que emquanto, a uns, mata a sêde,
A muitos outros suffoca.

O cantar que o povo canta,
— Não falo sem fundamento, —
E' de todos os cantares,
O que tem mais sentimento,
E' feliz quem prantos verte
Com que as dôres se minoram;
Os seres mais desgraçados,
São aquelles, que não choram.

Da mulher muito se fala,
Muito se escreve, tambem;
Não ha prova mais cabal
Do muito poder que tem.

Ao que negue, por completo,
A virtude da mulher,
Recordem que teve mãe...
Mudará de parecer.

O ANNO DE 1907

E' um anno de 365 dias e corresponde ao anno

6620 do periodo juliano em 1º de Janeiro,
5667-68 da era dos Judeus, começando em 24 de Septembro,
44 do 76º cyclo do calendario chinez, em 19 de Fevereiro,
2683 da 1.ª olympiade,
2660 da fundação de Roma,
1907 do calendario juliano em 13 de Janeiro,
1874 da morte de N. S. Jesu Christo,
1325 da hegira (era musulmana), em 20 de Abril,
811 do principio da monarchia portugueza,
467 do descobrimento da imprensa por Guttemberg,
415 do descobrimento da America por Chr. Colombo,
407 do descobrimento do Brasil por P. Alvares Cabral,
390 da reforma de Luthero,
325 do calendario gregoriano,
267 da restauração de Portugal,
144 da elevação do Rio de Janeiro a capital do Brasil,
131 da independencia dos Estados-Unidos da America do Norte,
131 da colheita dos primeiros fructos do cafeeiro por fr. J. M. da Conceição Velloso,
118 da revolução franceza,
85 da independencia do Brasil,
69 do estabelecimento do telegrapho,
67 do emprêgo dos sellos postaes,
52 da inauguração da primeira estrada de ferro no Brasil, de Mauá á raiz da serra da Estrella,
30 do descobrimento do telephonio,
19 da emancipação dos escravos no Brasil,
18 da fundação da Republica dos Estados-Unidos do Brasil.

Cómputo ecclesiastico.

Aureo numero	8
Epacta	XVI
Cyclo solar	11
Lettra dominical	F
Indicção romana	5

Festas religiosas moveis.

Septuagesima	27 Jan.
Sexagesima	3 Fev.
Quinquagesima	10 Fev.
4ª feira de cinzas	13 Fev.
Ramos	24 Março
Paschoa	31 Março
Ascenção do Senhor	9 Maio
Espirito-Sancto	19 Maio
SS. Trindade	26 Maio
Corpo de Deus	30 Maio
1º Dom. do Advento	1 Dez.

Festas religiosas fixas.

1º Jan. — Circ. de N.-S.
6 » — Epiphania (Reis).
20 » — S. Sebastião (no arceb. do Rio de Janeiro).

25 Jan. — Conv. de S. Paulo (no bisp. de S. Paulo).
2 Fev. — Purificação de N. S.ª.
25 Mar. — Annunciação de N. S.ª.
24 Jun. — S. João Baptista.
29 » — S. Pedro e S. Paulo.
15 Ag. — Assumpção de N. S.ª.
8 Sept. — Natividade de N. S.ª.
1º Nov. — Todos os Sanctos.
2 Nov. — Finados.
8 Dez. — Immaculada Conceição de N. S.ª.
25 » — Nascimento de N. S. Jesu Christo.

Governadores dos Estados

AMAZONAS (1904-1908)
Major dr. Antonio Constantino Nery.

PARÁ (1905-1909)
Dr. Augusto Montenegro.

MARANHÃO (1906-1910)
Dr. Benedicto Pereira Leite.

PIAUHY (1904-1908)
Dr. Alvaro Osorio de Assis Mendes.

CEARÁ (1904-1908)
Dr. Antonio Pinto Nogueira Accioly.

RIO-GRANDE DO NORTE (1904-1908)
Dr. Augusto Tavares de Lyra.

PARAHIBA (1904-1908)
Major dr. Alvaro Lopes Machado.

PERNAMBUCO (1904-1908)
Dr. Segismundo Antonio Gonçalves.

ALAGOAS (1906-1909)
Dr. Euclides Malta.

SERGIPE (1906-1909)
Dr. Guilherme Campos.

BAHIA (1904-1908)
Dr. José Marcellino de Souza.

ESPIRITO-SANTO (1904-1908)
Henrique da Silva Coutinho.

RIO DE JANEIRO (1904-1907)
Dr. Nilo Peçanha.

S. PAULO (1904-1908)
Dr. Jorge Tybiriçá.

PARANÁ (1904-1908)
Dr. Vicente Machado da Silva Lima.

SANTA CATHARINA (1902-1906)
Vidal José de Oliveira Ramos.

RIO-GRANDE DO SUL (1903-1908)
Dr. Antonio Augusto Borges de Medeiros.

MINAS-GERAES (1906-1910)
Dr. João Pinheiro.

GOYAZ (1904-1907)
Coronel Rocha Lima.

MATTO-GROSSO (1903-1907)
Coronel Antonio Paes de Barros.

Os futuros eclipses

Os futuros eclipses do sol realizam-se nas seguintes datas, sendo visiveis nos pontos abaixo indicados.

Em 14 de janeiro de 1907 — Visivel na Asia Central.

Em 3 de janeiro de 1908—No Oceano Pacifico.

Em 23 de dézembro do mesmo anno — No Oceano Atlantico do Sul.

Em 17 de junho de 1909 — Na Greenlandia.

Em 9 de maio de 1910 — Nas regiões antarcticas.

Em 28 de abril de 1911 — Na Australia.

Em 17 de abril de 1912 — No sudoeste de Pariz (pequena duração).

Em 21 de agosto de 1914 — Noruega Russia e Indias.

Em 3 de novembro de 1916 — Na America do Sul e Açores.

Em 8 de junho de 1918 — Nos Estados Unidos da America do Norte.

Em 29 de maio de 1919 — Na America do Sul e Africa.

Em 1 de outubro de 1921 — Nas regiões antarcticas.

Em 31 de setembro de 1922 — Na Australia.

Em 16 de setembro de 1923 — No

estado do Texas (America do Norte).

Em 24 de janeiro de 1925 — Nos Estados Unidos (Oceano Atlantico).

Em 14 de janeiro de 1926 — Na Africa, Oceano Indico e em Bornéo.

Em 3 de janeiro de 1927 — No Oceano Atlantico.

Em 29 de junho de 1927 — Na Inglaterra e Noruega.

FESTAS NACIONAES BRASILEIRAS

1.º Jan. — Confraternização da humanidade.
24 Fever. — Promulgação da Constituição federal, em 1891.
21 Abril — Execução de Tiradentes, em 1792.
3 Maio — Descobrimento do Brasil, em 1500.
13 Maio — Extincção da escravatura, em 1888.
14 Julho — Commemoração da Republica, da liberdade e da independencia dos povos americanos.
7 Sept. — Independencia do Brasil, em 1822.
12 Out. — Descobrimento da America, em 1492.
2 Nov. — Commemoração geral dos mortos.
15 Nov. — Proclamação da Republica, em 1889.

FESTAS ESTADUAES

Amazonas — 13 Mar. — Promulgação da Constituição estadual.
1º Jul. — Installação do Congresso Constituinte.
10 Jul. — Libertação dos escravos.
5 Sept. — Creação da provincia do Amazonas.
21 Nov. — Adhesão á Republica.
Pará — 22 Jun. — Promulgação da Constituição estadual.
15 Ag. — Adhesão á independencia (1823).
16 Nov. — Adhesão á Republica.
Maranhão — 28 Jul. — Promulgação da Constituição estadual.
18 Nov. — Adhesão á Republica.
Piauhi — 24 Jan. — Adhesão á independencia do Brasil (1823).
13 Jun. — Promulgação da Constituição estadual.
Ceará — 25 Mar. — Redempção dos captivos no Ceará.
12 Jul. — Promulgação da Constituição estadual.
16 Nov. — Adhesão á Republica.
R. G. Norte — 19 Mar. — Installação do governo republicano em 1817.
7 Abril — Promulgação da Constituição estadual.
12 Jun. — Execução de frei Miguelinho, em 1817.
Parahiba — 20 Jul. — Promulgação da Constituição estadual.
5 Ag. — N. Sra. das Neves, padroeira do Estado.

Pernam.	— 27 Jan.	—	Restauração de Pernambuco do dominio hollandez, 1654.
	6 Mar.	—	Revolução republicana de 1817.
	17 Jun.	—	Promulgação da Constituição estadual.
	24 Jul.	—	Proclamação da republica do Equador, em 1824.
	10 Nov.	—	1° brado da republica por Bernardo V. de Mello, 1710.
Alagôas	— 15 Mar.	—	Installação da 1ª assembléa provincial.
	11 Jun.	—	Promulgação da Constituição estadual.
	16 Sept.	—	Creação da provincia de Alagôas.
Sergipe	— 18 Maio	—	Promulgação da Constituição estadual.
Bahia	— 2 Jul.	—	» » » »
	7 Nov.	—	Revolução de 1837 (Sabinada).
Esp.-Sancto	— 2 Maio	—	Promulgação da Constituição do Estado.
	23 Maio	—	Povoamento do territorio do Estado.
	12 Jun.	—	Execução de Domingos José Martins, em 1817.
	25 Ag.	—	Festa de N. Sra. da Penha.
	25 Dez.	—	Natal.
R. Janeiro	— 9 Abril	—	Promulgação da Constituição estadual.
Dist. Feder.	— 20 Jan.	—	Fundação da cidade do Rio de Janeiro.
S. Paulo	— 8 Jul.	—	Installação do Congresso Constituinte.
	14 Jul.	—	Promulgação da Constituição estadual.
	15 Dez.	—	Restauração da legalidade.
Paraná	— 7 Abril	—	Promulgação da Constituição estadual.
	19 Dez.	—	Installação da provincia em 1853.
S. Catharina	— 11 Jun.	—	Promulgação da Constituição estadual.
	17 Nov.	—	Adhesão á Republica.
R. G. do Sul	— 14 Jul.	—	Promulgação da Constituição estadual.
	20 Sept.	—	Revolução de 1835.
Minas	— 15 Jun.	—	Promulgação da Constituição estadual.
Goiaz	— 1° Jun.	—	» » » »
	13 Jul.	—	Reforma constitucional.
	16 Dez.	—	Adhesão á independencia.
Mat. Grosso	— 15 Ag.	—	Promulgação da Constituição estadual.
	9 Dez.	—	Adhesão á Republica.

São ainda feriados : no municipio do Rio de Janeiro — o dia 20 de Septembro em commemoração da primeira lei de organização municipal ; e no municipio de S. Paulo — 25 de Janeiro, data da fundação da cidade.

FESTAS NACIONAES DOS PRINCIPAES PAIZES EXTRANGEIROS

Allemanha — 27 Jan. (ann. natalicio do imperador); 2 Sept. (ann. de Sédan).

Argentina (Rep.) — 25 Maio. (dia da Constituição; 9 Jul. (juramento da Constituição).

Austria-Hungria — 18 Ag. (ann. natal. do imperador).

Belgica — 21, 22 e 23 Jun. (ann. da ascenção de Leopoldo I ao throno e da proclamação da independencia); 15 Nov. (ann. natal de Leopoldo II).

Bolivia — 6 Ag. (primeiro Congresso — 1825 —, e proclamacão da independencia).

Chile — 18 Sept. (proclamação da independencia).

China — Anno Bom — O deus da cozinha (7 dias antes de Anno Bom — Festas das lanternas (15 do 1° mez) — Festa dos dragões (5 do 5° mez) — Festa do outomno (15 do 8° mez).

Colombia — 27 Jul. (independencia); 28 Out. (ann. de Bolivar).

Costa-Rica — 15 Sept. (independencia); 12 Out. (descobrimento da America).

Dinamarca — 8 Abr. (ann. natal. do rei); 5 Jun. (Constituição — 1849).

Equador — 10 Ag. (independencia); 9 Out. (independencia de Guaiaquil).

Estados-Unidos — 22 Fev. (ann. natal. de Washington); 4 Março. (posse do presidente, de 4 em 4 annos); 30 Maio. (decoração dos tumulos); 4 Jul. (independencia); 1ª segunda-feira de Sept. (*labor-day*); um dia de Nov. (acção de graças).

França — 14 Jul. (tomada da Bastilha).

Grã-Bretanha — 9 Nov. (ann. natal. de Eduardo VII).

Grecia — 25 Março./6 Abr. (independencia).

Guatemala — 15 Março. (posse do presidente); 30 Jun. (revolução liberal); 15 Sept. (independencia).

Haiti — 1 Jan. (independencia); 1 Maio. (Festa da lavoura).

Hespanha — 2 Maio. (ann. de 1808); 17 Maio. (ann. natal. de Affonso XIII); 21 Jul. (ann. natal. da rainha Maria Christina); 12 Out. (ann. do descobrimento da America).

Honduras — 15 Sept. (independencia — 1821).

Italia — 1° domingo de Jun. (dia da Constituição); 20 Sept. (entrada das tropas em Roma); 11 Nov. (ann. natal. de Victor-Emmanuel III).

Japão — 11 Fev. (ascensão ao throno do primeiro imperador Jimmu); 3 Nov. (ann. natal. do imperador Mutsuhito).

Mexico — 5 Fev. (publicação da Constituição); 5 Maio. (ann. da batalha de Puebla); 16 Sept. (independencia — 1810).

Montenegro — 23 Abr./6 Mai. (festa de S. Jorge); 25 Sept./8 Out. (ann. natal. do principe Nicolau).

Nicaragua — 11 Jun. (comêço da guerra civil — 1893); 15 Sept. (proclamação da independencia).

Paizes-Baixos — 31 Ag. (ann. natal. da rainha); 2 Ag. (ann. natal. da rainha-mãe).

Paraguai — 15 Maio. (dia da independencia); 25 Nov. (dia da Constituição).

Perú — 28 Jul. (ann. da independencia — 1821).

Portugal — 2 Jan. (abertura do Parlamento); 21 Março. (ann. do principe herdeiro); 29 Abr. (festa da Constituição); 31 Jul. (juramento da Constituição); 24 Sept. (ann. da morte de d. Pedro IV); 28 Sept. (ann. natal. do rei Carlos I); 16 Out. (ann. natal. da rainha-mãe); 19 Out. (ann. da morte do rei d. Luiz I).

Rumania — 14/27 Março. (ann. da proclamação do reino) 10/23 Maio. (ann. da coroação do rei Carlos).

Russia — 6/19 Maio. (ann. natal. do imperador); 14 Maio. (ann. da sagração do soberano); 25 Maio. (ann. natal. da imperatriz Alexandra); 21 Out. (ascensão ao throno do imperador Nicolau).

Salvador — 29 Abr. (ann. da revolução de Gutierrez — 1894); 15 Sept. (ann. da independencia — 1821).

São Marino — 5 Fev. (independencia); 3 Sept. (festa de S. Marino, padroeiro da Republica).

Serbia — 15/28 Jul. (festa commemorativa dos guerreiros mortos pela Fé e pela Patria).

Suecia-Noruega — 21 Jan. (ann. natal. do rei); 17 Mai. (festa da independencia e da Constituição — 1814).

Suissa	— O 3º domingo de Septembro (dia da prece pública).
Turquia	— 16 Chaban (8 Dez., ann. natal. do sultão); 1 Moharram (30 Abr., festa de Anno Bom); 11 Djumadi-el-auual (31 Ag., ann. natal. do principe).
Uruguai	— 3 Fev. (ann. da batalha de Montecaseros); 18 Jul. (juramento da Constituição); 25 Ag. (proclamação da independencia da Republica).
Venezuela	— 5 Jul. (ann. da independencia).

FESTAS OFFICIAES OBSERVADAS NAS LEGAÇÕES E NOS CONSULADOS EXTRANGEIROS

Jan.	21	— Suecia e Noruega — Anniversario do rei Oscar II.
»	27	— Allemanha — Anniversario do imperador Guilherme II.
Fev.	7	— Rep. de S. Domingos — Anniversario da independencia.
Abril	6	— Grecia — Anniversario da independencia.
»	8	— Dinamarca — Anniversario do rei Christiano IX.
Maio	15	— Paraguai — Anniversario da independencia.
»	17	— Hespanha — Anniversario do rei Affonso XIII.
»	19	— Russia — Anniversario do tsar Nicolau II.
»	25	— Rep. Argentina — Anniversario da independencia.
Julho	4	— E. U. da America do Norte — Anniversario da independencia.
»	5	— Venezuela — Anniversario da independencia.
»	14	— França — Festa nacional da Republica.
»	27	— Colombia — Anniversario da independencia.
»	28	— Perú — Idem.
Agosto	1	— Suissa — Anniversario da fundação da Confederação.
»	6	— Bolivia — Anniversario da independencia.
»	10	— Equador — Idem.
»	18	— Austria-Hungria — Anniversario do imperador Francisco José.
»	25	— Uruguai — Anniversario da independencia.
»	31	— Hollanda — Anniversario da rainha Guilhermina.
Sept.	18	— Chile — Anniversario da independencia.
Sept.	28	— Portugal — Anniversario dos reis d. Carlos e d. Maria Amelia.
Nov.	9	— Grã-Bretanha — Anniversario do rei Eduardo VII.
»	11	— Italia — Anniversario do rei Victor Emmanuel III.
»	15	— Belgica — Anniversario do rei Leopoldo.

CALENDARIO PERPETUO

Válido desde sexta feira 15 de outubro de 1582 até domingo 31 de dezembro de 2000

O quadro AA indica os *seculos*. Os quadros CC: os *annos correntes*, de 1 a 50 á esqurda, e de 51 a 100 á direita. Assim, para termos 1926, tomamos 1900, em AA, e 26 na 5.ª columna do quadro C. Seguindo perpendicularmente a columna que contém 1900 e horizontalmente a que contém 26, vamos encontrar, no quadro B, e na intersecção d'ellas, a letra R. Querendo saber que dia da semana será 25 de maio de 1926, procure-se, no quadro de maio, o numero 25, e siga-se horizontalmente a columna até ao encontro da columna vertical R, no quadro emmoldurado de preto, e encimado pelo nome de **Christo**. Na intersecção d'estas duas columnas encontra-se a designação 3.ª, que quer dizer *terça-feira*. O dia 25 de maio de 1926 será, por conseguinte, terça-feira.

Para os annos bissextos, as letras do quadro B não servem senão a partir do 1º de março. Para janeiro e fevereiro, toma-se a letra á direita da que é encontrada pelo methodo que fica dito. Exemplo: «Achar o dia, que corresponde a 12 de fevereiro de 1896».

O quadro B dá a letra I na intersecção da columna vertical 1800 com a columna horizontal 96. Como o anno é bissexto, e o mez o de fevereiro, entrar-se-ha no quadro **Christo** com a letra S, que fica immediatamente á direita. E assim, achar-se-ha, que o dia 12 de fevereiro de 1896 foi uma *quarta feira*.

A								
C	6		17	23	28	34		45
1	7	12	18		29	35	40	46
2		13	19	24	30		41	47
3	8	14		25	31	36	42	
	9	15	20	26		37	43	48
4	10		21	27	32	38		49
5	11	16	22		33	39	44	50

A = SECULOS = A						
1600		1700		1800		1900 1500
			B			
C	H	R	I	S	T	O
O	C	H	R	I	S	T
T	O	C	H	R	I	S
S	T	O	C	H	R	I
I	S	T	O	C	H	R
R	I	S	T	O	C	H
H	R	I	S	T	O	C

A								
51	56	62		73	79	84	90	C
	57	63	68	74		85	91	96
52	58		69	75	80	86		97
53	59	64	70		81	87	92	98
54		65	71	76	82		93	99
55	60	66		77	83	88	94	
	61	67	72	78		89	95	100

JANEIRO				
1	8	15	22	29
2	9	16	23	30
3	10	17	24	31
4	11	18	25	
5	12	19	26	
6	13	20	27	
7	14	21	28	

FEVEREIRO				
	5	12	19	26
	6	13	20	27
	7	14	21	28
1	8	15	22	29
2	9	16	23	
3	10	17	24	
4	11	18	25	

MARÇO				
	5	12	19	26
	6	13	20	27
	7	14	21	28
1	8	15	22	29
2	9	16	23	30
3	10	17	24	31
4	11	18	25	

ABRIL				
30	2	9	16	23
	3	10	17	24
	4	11	18	25
	5	12	19	26
	6	13	20	27
	7	14	21	28
1	8	15	22	29

MAIO				
	7	14	21	28
1	8	15	22	29
2	9	16	23	30
3	10	17	24	31
4	11	18	25	
5	12	19	26	
6	13	20	27	

JUNHO				
	4	11	18	25
	5	12	19	26
	6	13	20	27
	7	14	21	28
1	8	15	22	29
2	9	16	23	30
3	10	17	24	

C H R I S T O						
D	S	6.ª	5.ª	4.ª	3.ª	2.ª
2.ª	D	S	6.ª	5.ª	4.ª	3.ª
3.ª	2.ª	D	S	6.ª	5.ª	4.ª
4.ª	3.ª	2.ª	D	S	6.ª	5.ª
5.ª	4.ª	3.ª	2.ª	D	S	6.ª
6.ª	5.ª	4.ª	3.ª	2.ª	D	S
S	6.ª	5.ª	4.ª	3.ª	2.ª	D

JULHO				
30	2	9	16	23
31	3	10	17	24
	4	11	18	25
	5	12	19	26
	6	13	20	27
	7	14	21	28
1	8	15	22	29

AGOSTO				
	6	13	20	27
	7	14	21	28
1	8	15	22	29
2	9	16	23	30
3	10	17	24	31
4	11	18	25	
5	12	19	26	

SETEMBRO				
	3	10	17	24
	4	11	18	25
	5	12	19	26
	6	13	20	27
	7	14	21	28
1	8	15	22	29
2	9	16	23	30

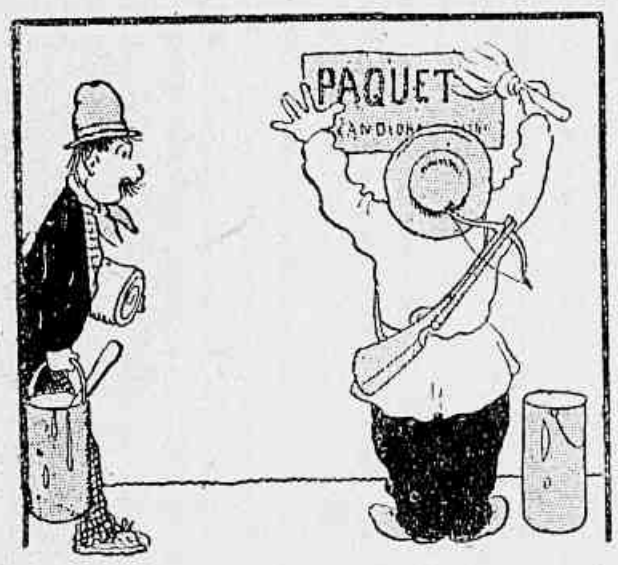
OUTUBRO				
1	8	15	22	29
2	9	16	23	30
3	10	17	24	31
4	11	18	25	
5	12	19	26	
6	13	20	27	
7	14	21	28	

C H R I S T O						
D	S	6.ª	5.ª	4.ª	3.ª	2.ª
2.ª	D	S	6.ª	5.ª	4.ª	3.ª
3.ª	2.ª	D	S	6.ª	5.ª	4.ª
4.ª	3.ª	2.ª	D	S	6.ª	5.ª
5.ª	4.ª	3.ª	2.ª	D	S	6.ª
6.ª	5.ª	4.ª	3.ª	2.ª	D	S
S	6.ª	5.ª	4.ª	3.ª	2.ª	D

NOVEMBRO				
	5	12	19	26
	6	13	20	27
	7	14	21	28
1	8	15	22	29
2	9	16	23	30
3	10	17	24	
4	11	18	25	

DEZEMBRO				
31	3	10	17	24
	4	11	18	25
	5	12	19	26
	6	13	20	27
	7	14	21	28
1	8	15	22	29
2	9	16	23	30

OS CARTAZES



1. — Verás o que te vae acontecer, meu collega; julgas que será lido o teu cartaz?



2. — Que audacia!



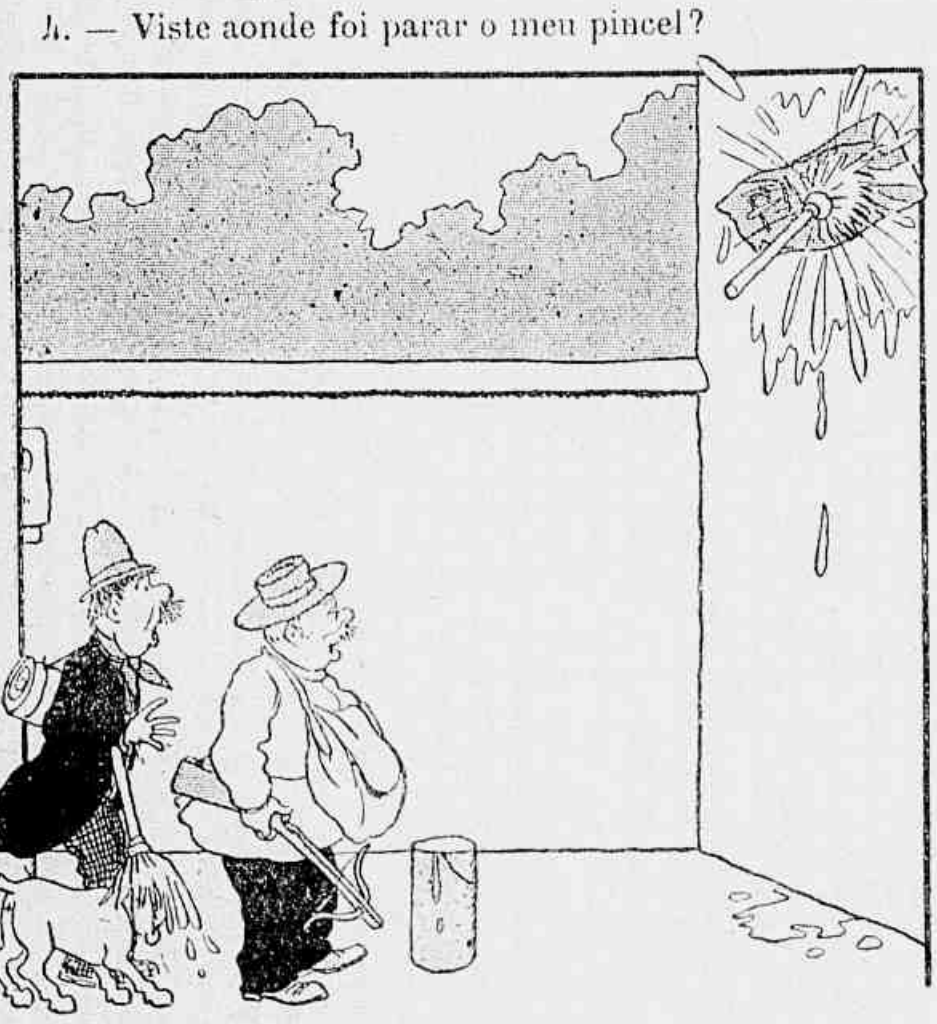
3. — Caro collega, repara ágora onde vou collar o meu.



4. — Viste aonde foi parar o meu pincel?



5. — Ainda não é tudo; não está terminada a operação.



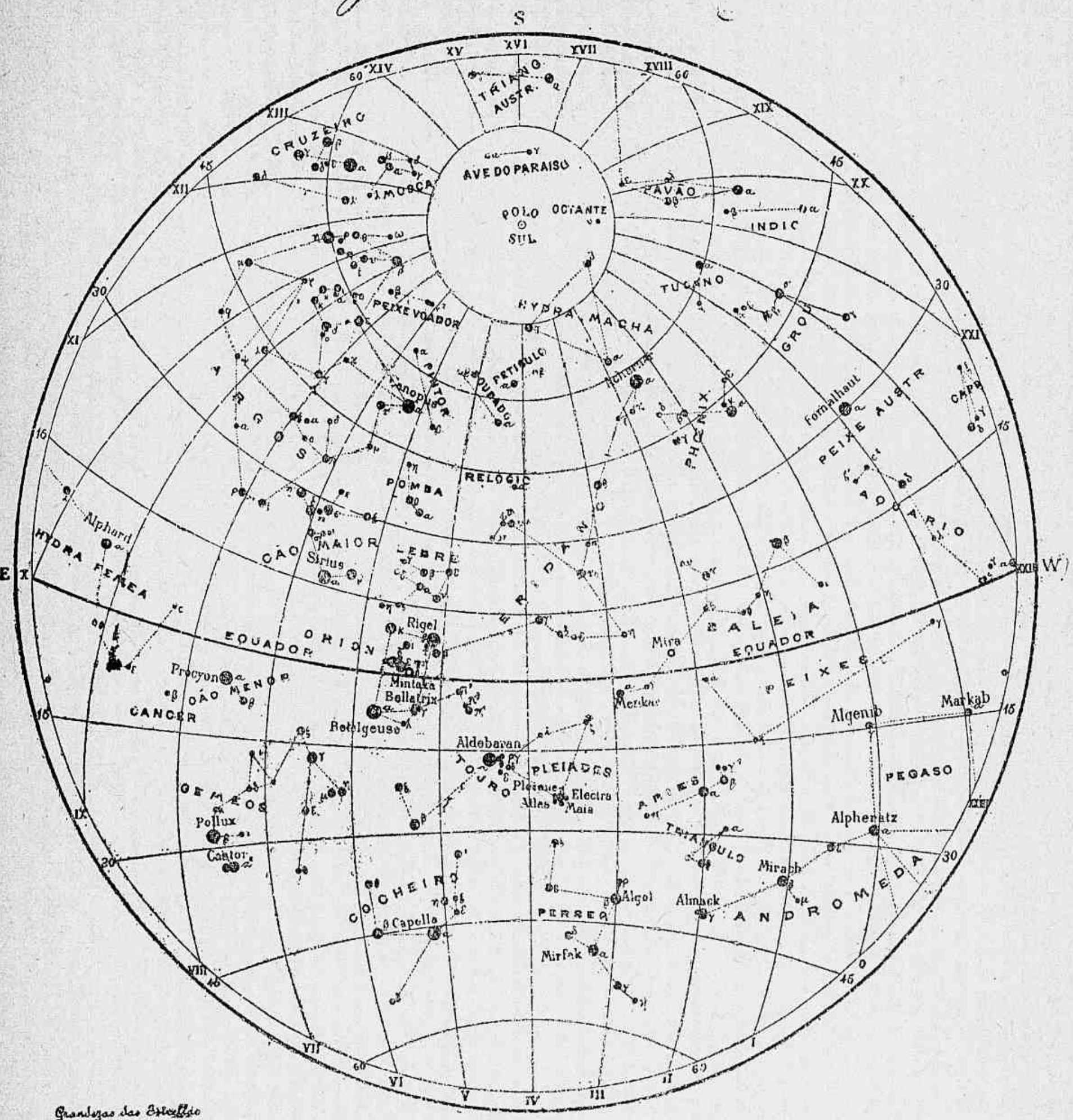
6. — Sou mais perito no manejo do arco do que Guilherme Tell.



7. — Cobrirás agora o men cartaz com o teu... si puderes.

ASPECTO DO CÉU

15 de Janeiro ás 8.h 20.m da noite



Tempo Sideral IV horas

PRINCIPAES CONSTELLAÇÕES E ESTRELLAS VISIVEIS NO MEZ

QUADRANTE S. E.: Cruzeiro, Argus, Cão-Maior, Peixe-Voador, Mosca, Pintor, Dourado, Pomba.

QUADRANTE S. O.: Hydra-Macha, Pavão, Grou, Phenix, Indio, Peixe-Austral, Eridano.

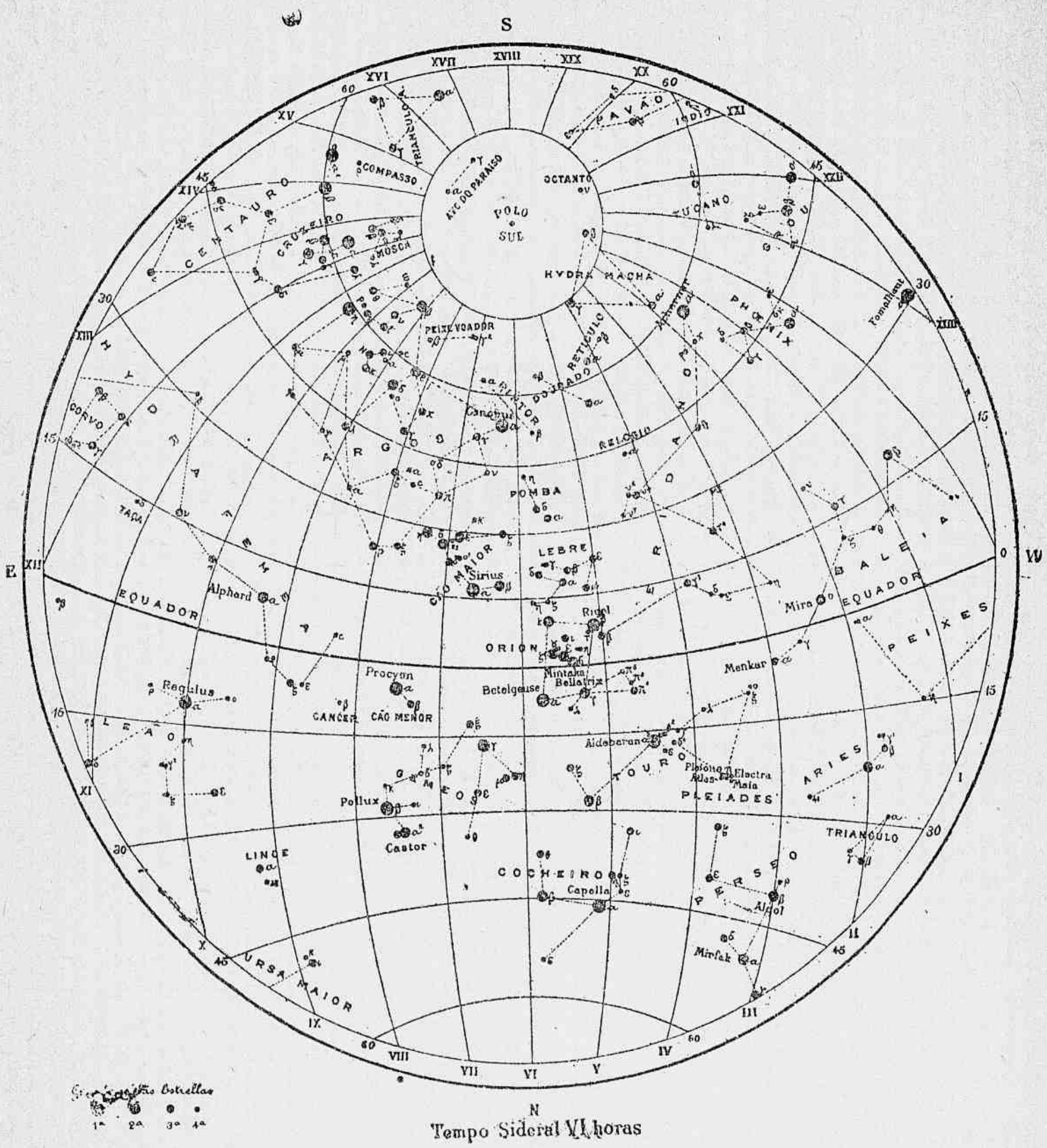
QUADRANTE N. E.: Orion, Gemeos, Cocheiro, Cão-Menor.

QUADRANTE N. O.: Perseu, Andromeda e Pegaso, Peixes, Baleia, Aries, Triangulo.

NO MERIDIANO: Touro, Relogio, Reticulo.

ESTRELLAS DE 1.ª GRANDEZA: Sirius (α *Cão-Maior*), Canopus (α *Argus*), Fomalhaut (α *Peixe-Austral*), Aldebaran (α *Touro*), Capella (α *Cocheiro*), Pollux (β *Gemeos*), α *Cruzeiro*, Rigel (β *Orion*) Procyon (α *Cão-Menor*). — L. CRULS.

15 de Fevereiro ás 8.h 15.m da noite



Tempo Sideral VI horas

PRINCIPAES CONSTELLAÇÕES E ESTRELLAS VISIVEIS NO MEZ

Quadrante S. E. : Cruzeiro, parte do Centauro, Argus, Corvo, Triangulo-Austral, Mosca, Peixe-Voador.

Quadrante S. O. : Eridano, Phenix, Grou, Hydra-Macha, Tucano, Reticulo, Dourado.

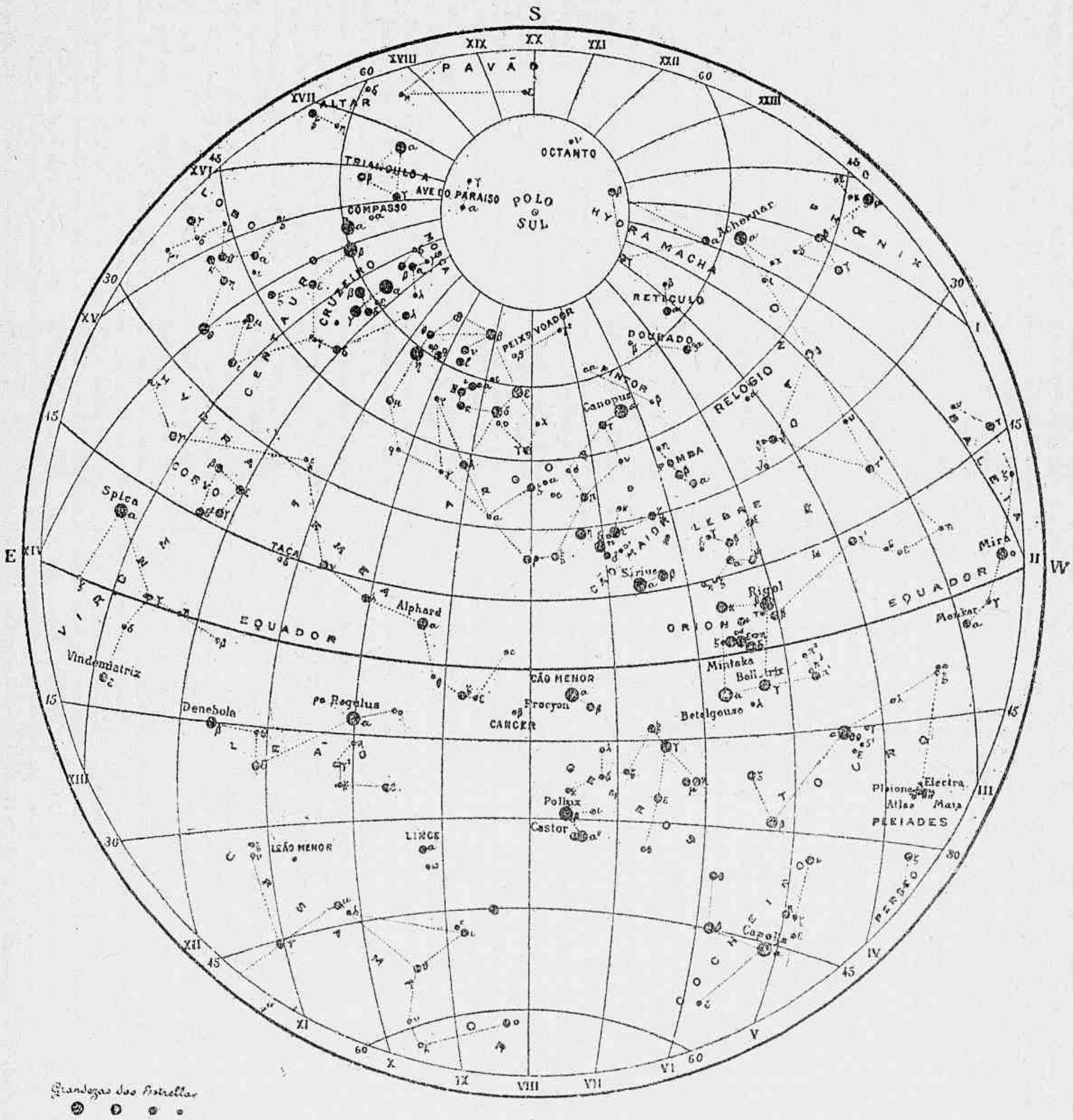
Quadrante N. E. : Gemeos, Cão-Menor, Leão.

Quadrante N. O. : Touro, Orion, Perseu, Cocheiro, Aries.

No meridiano : Pintor, Pomba.

Estrellas de 1.ª grandeza : α e β do Centauro, α Cruzeiro, Rigel (β *Orion*), Pollux (β *Gemeos*), Capella (α *Cocheiro*), Regulus (α *Leão*), Sirius (α *Cão-Maior*), Achernar (α *Eridano*), Fomalhaut (α *Peixe-Austral*), Procyon (α *Cão-Menor*). — L. Cruls.

15 de Março ás 8h. 25m. da noite



Tempo Sideral VIII horas

PRINCIPAES CONSTELLAÇÕES E ESTRELLAS VISIVEIS NO MEZ

Quadrante S. E. : Cruzeiro, Centauro, Triangulo-Austral, Lobo, Corvo, Ave do Paraiso.

Quadrante S. O. : Eridano, Hydra-Macha, Cão-Maior, Phenix, Pomba.

Quadrante N. E. : Leão, Ursa-Maior, Leão-Menor, Lynce.

Quadrante N. O. : Touro, Gemeos, Cocheiro, Leão-Menor.

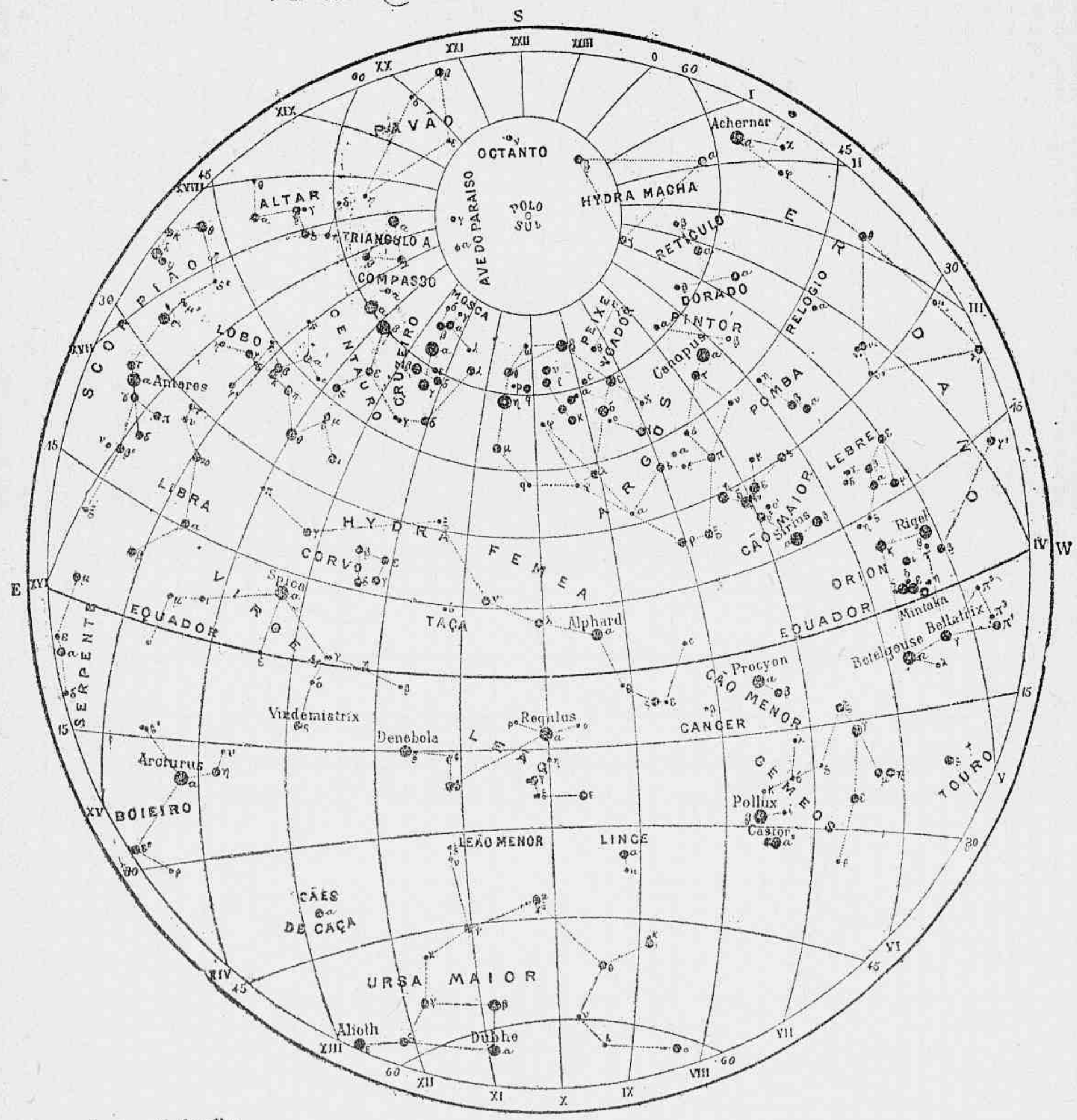
No meridiano: Argus, Peixe-Voador.

A Oeste : Orion.

A Leste : Virgem.

Estrellas de 1.ª grandeza : α e β do Centauro, α Cruzeiro, Sirius (α *Cão-Maior*), Aldebaran (α *Touro*), Canopus (α *Argus*), Pollux (β *Gemeos*), Rigel (β *Orion*), Espiga (α *Virgem*), Procyon (α *Cão-Menor*), Capella (α *Cocheiro*), Regulus (α *Leão*). — L. Cruls.

15 de Abril ás 8.h 25 da noite



Tempo Sideral X horas

PRINCIPAES CONSTELLAÇÕES E ESTRELLAS VISIVEIS NO MEZ

Quadrante S. E. : Cruzeiro, Centauro, Triangulo-Austral, Altar, Pavão, Escorpião, Lobo, Libra.

Quadrante S. O. : Argus, Cão-Maior, Eridano, Pomba, Lebre, Pintor, Dourado, Reticulo, Hydra-Macha.

Quadrante N. E. : Ursa-Maior, Leão-Menor, Cães de caça, Boieiro.

Quadrante N. O. : Gemeos, Cão-Menor.

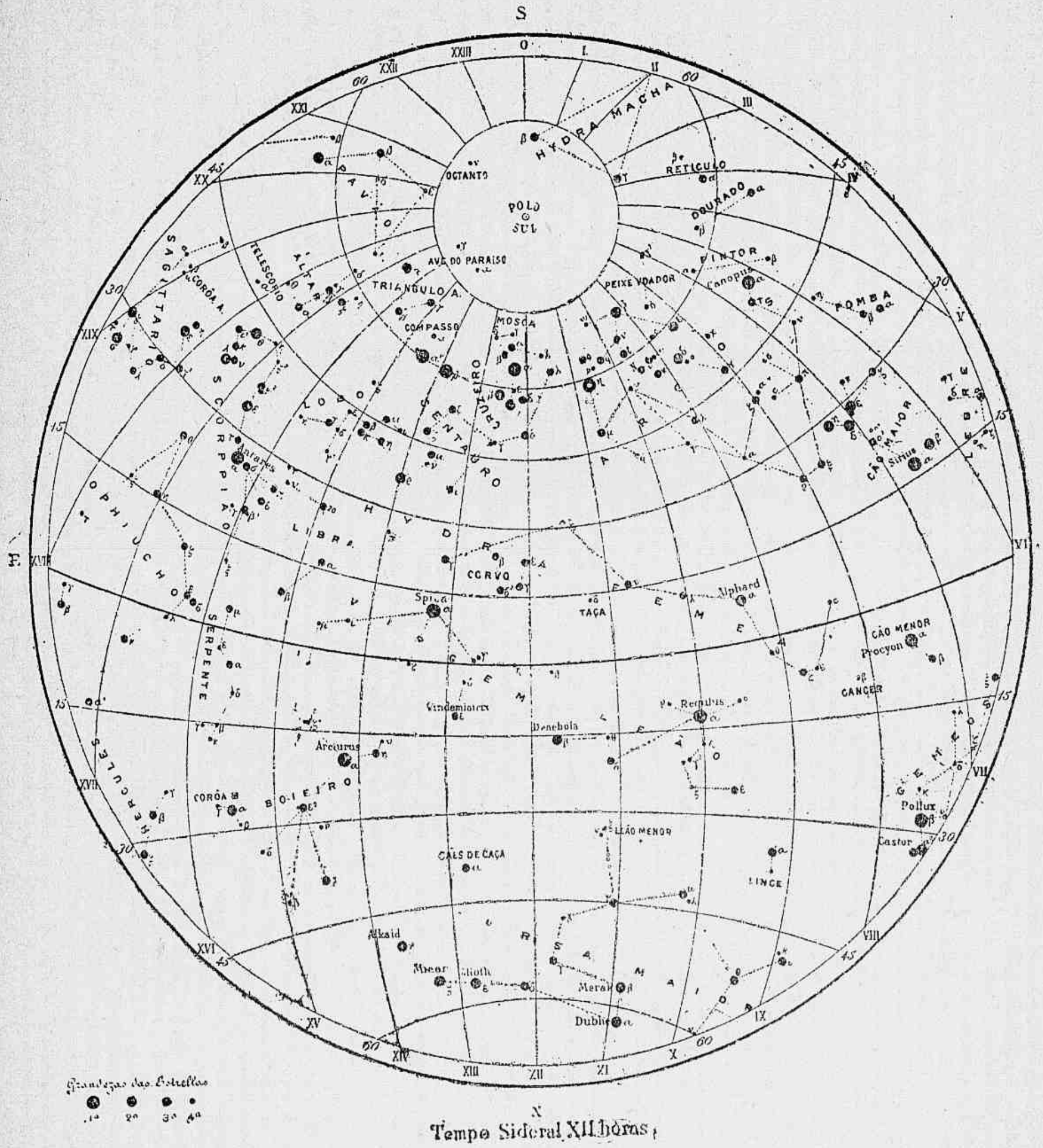
A Leste : Orion.

A Oeste : Virgem.

No meridiano : Leão.

Estrellas de 1.ª grandeza : α e β do Centauro, α Cruzeiro, Procyon (α *Cão-Menor*), Rigel (β *Orion*), Pollux (β *Gemeos*), Achernar (α *Eridano*), Canopus (α *Argus*), Antares (α *Escorpião*), Arcturus (α *Boieiro*), Espiga (α *Virgem*), Sirius (α *Cão-Maior*), Regulus (α *Leão*). — L. Cruls.

15 de Maio ás 8h. 25m. da noite



Tempo Sideral XII horas.

PRINCIPAES CONSTELLAÇÕES E ESTRELLAS VISIVEIS NO MEZ

Quadrante S. E.: Centauro, Escorpião, Triangulo-Austral, Pavão, Sagittario, Altar, Lobo.

Quadrante S. O.: Argus, Cão-Maior, Pomba, Peixe-Voador, Dourado, Pintor, Reticulo.

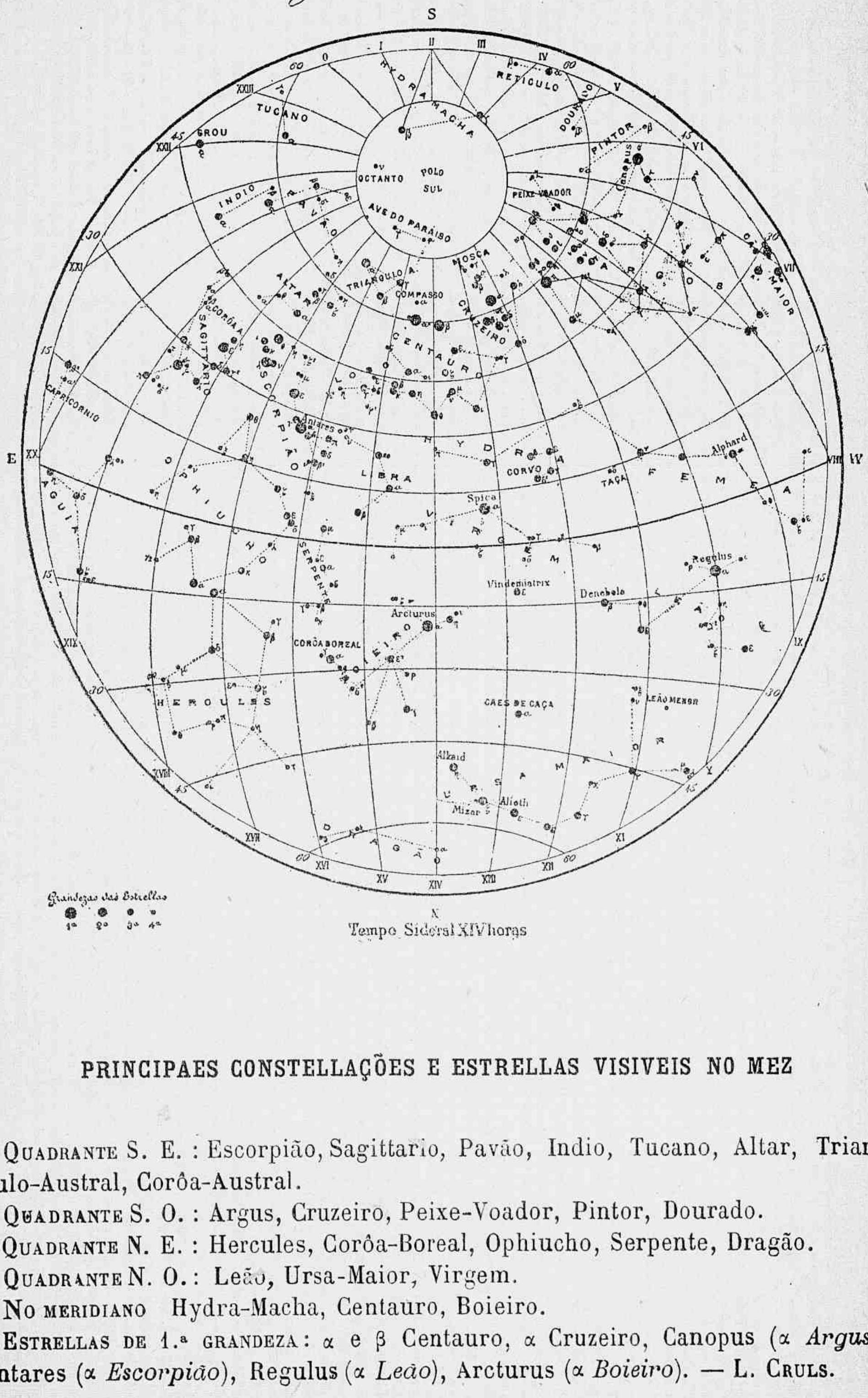
Quadrante N. E.: Boieiro, Virgem, Serpente.

Quadrante N. O.: Leão, Cão-Menor.

No meridiano: Cruzeiro, Ursa-Maior, Corvo.

Estrellas de 1.ª grandeza: α e β Centauro, α Cruzeiro, Sirius (α *Cão-Maior*), Canopus (α *Argus*), Espiga (α *Virgem*), Regulus (α *Leão*), Procyon (α *Cão-Menor*), Antares (α *Escorpião*), Arcturus (α *Boieiro*), Pollux (β *Gemeos*). — **L. Cruls.**

15 de Junho ás 8.h 25.m da noite



Tempo Sideral XIV horas

PRINCIPAES CONSTELLAÇÕES E ESTRELLAS VISIVEIS NO MEZ

Quadrante S. E. : Escorpião, Sagittario, Pavão, Indio, Tucano, Altar, Triangulo-Austral, Corôa-Austral.

Quadrante S. O. : Argus, Cruzeiro, Peixe-Voador, Pintor, Dourado.

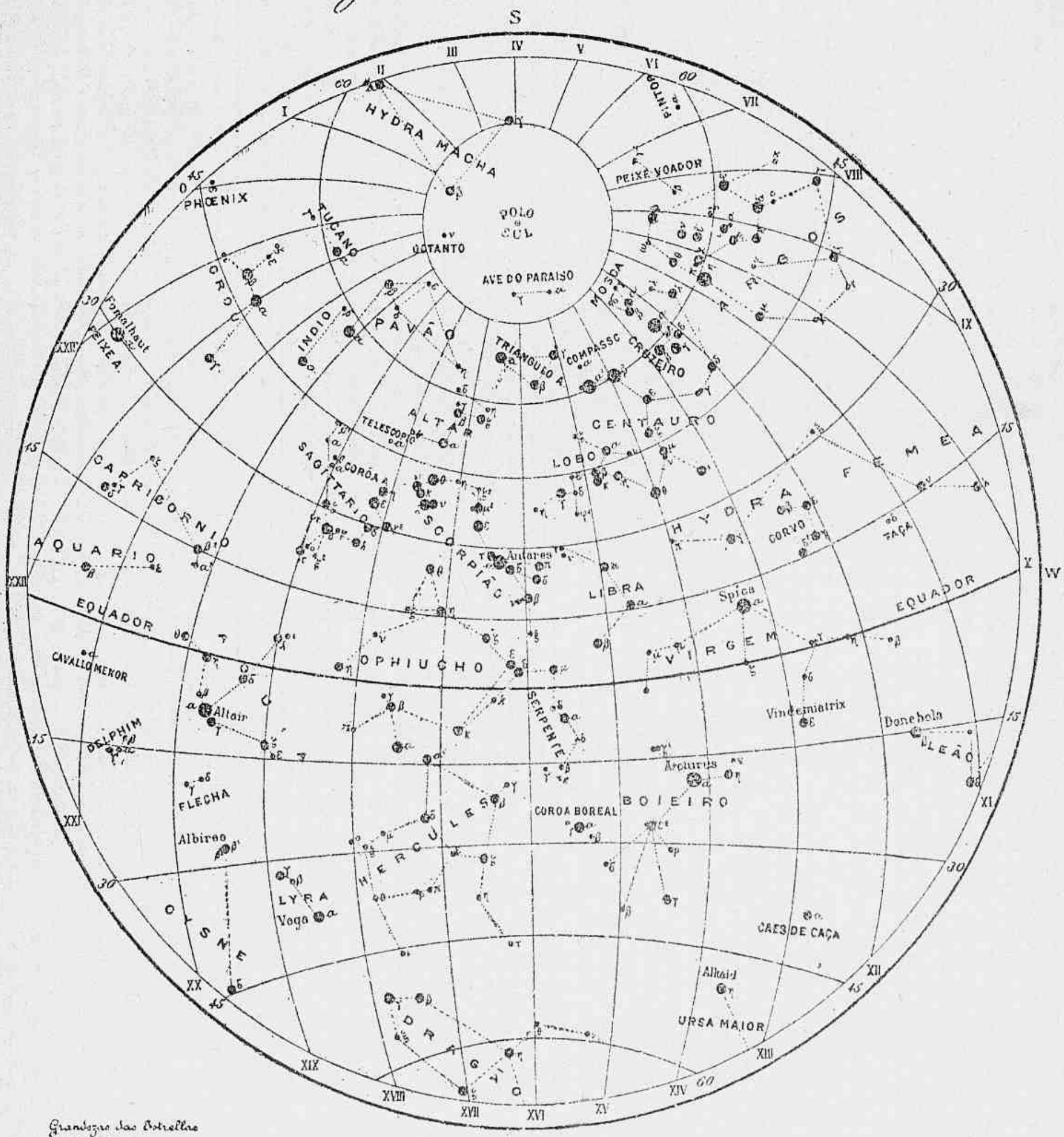
Quadrante N. E. : Hercules, Corôa-Boreal, Ophiucho, Serpente, Dragão.

Quadrante N. O. : Leão, Ursa-Maior, Virgem.

No meridiano Hydra-Macha, Centauro, Boieiro.

Estrellas de 1.ª grandeza: α e β Centauro, α Cruzeiro, Canopus (α *Argus*), Antares (α *Escorpião*), Regulus (α *Leão*), Arcturus (α *Boieiro*). — L. Cruls.

15 de Julho ás 8 h. 25 da noite.



Tempo Sidéral XVI horas

PRINCIPAES CONSTELLAÇÕES E ESTRELLAS VISIVEIS NO MEZ

Quadrante S. E.: Sagittario, Pavão, Grou, India, Hydra-Macha, Altar, Telescopio, Corôa-Austral.

Quadrante S. O.: Argus, Centauro, Cruzeiro, Peixe-Voador, Corvo, Libra.

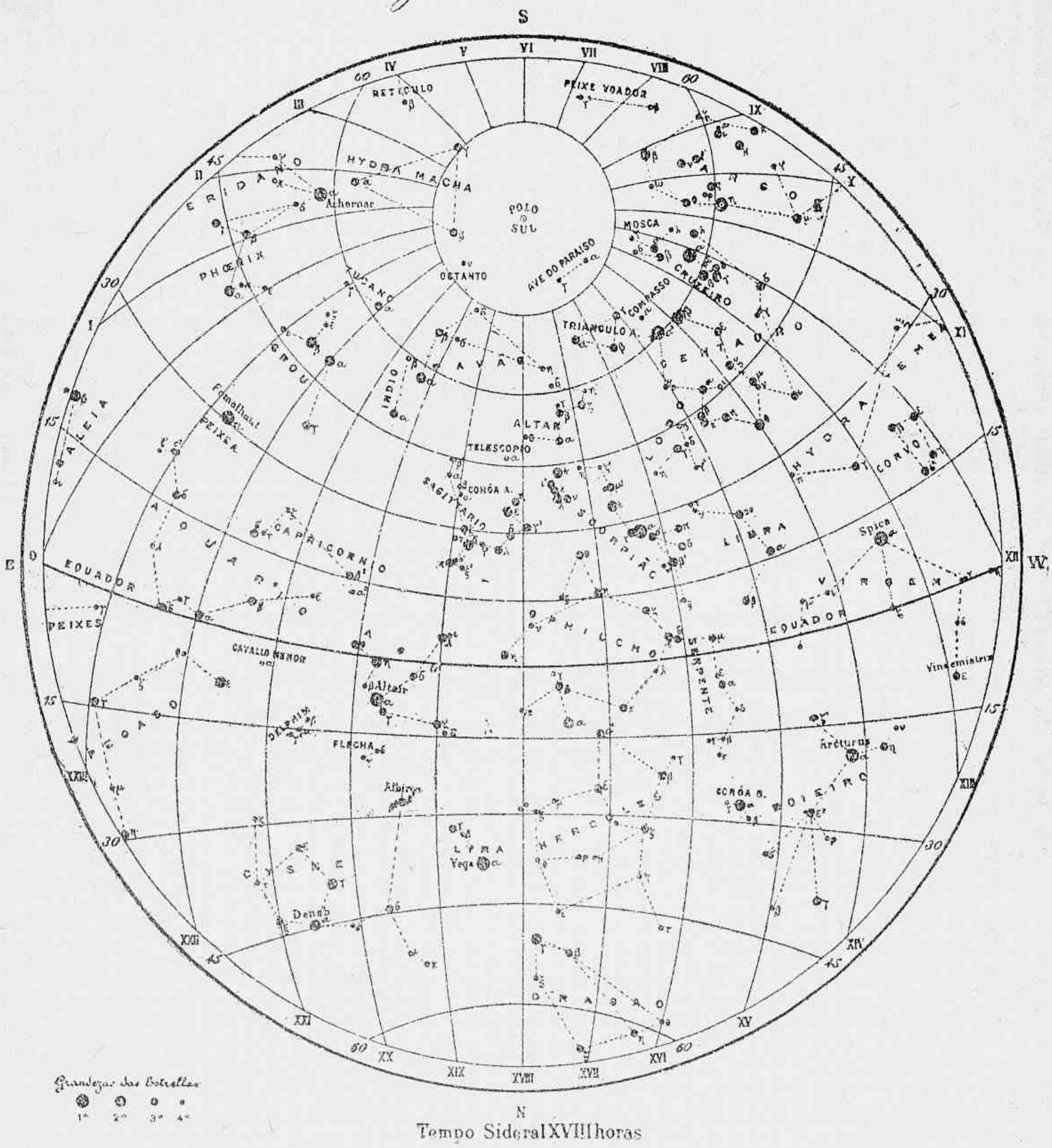
Quadrante N. E.: Hercules, Ophiucho, Aguia, Lyra, Flecha, Cavallo-Menor.

Quadrante N. O.: Boieiro, Cães de caça, Leão, Virgem, Corôa-Boreal.

No meridiano: Triangulo-Austral, Escorpião, Serpente, Dragão.

Estrellas de 1.ª grandeza: α e β Centauro, α Cruzeiro, Arcturus (α *Boieiro*), Espiga (α *Virgem*), Antares (α *Escorpião*), Fomalhaut (α *Peixe-Austral*) Vega (α *Lyra*), Altaïr (α *Aguia*). — L. Cruls.

15 de Agosto ás 8h 25m da noite



Tempo Sideral XVIII horas

PRINCIPAES CONSTELLAÇÕES E ESTRELLAS VISIVEIS NO MEZ

QUADRANTE S. E.: Pavão, Grou, Tucano, Hydra-Macha, Eridano (parte), Phenix, Peixe-Austral.

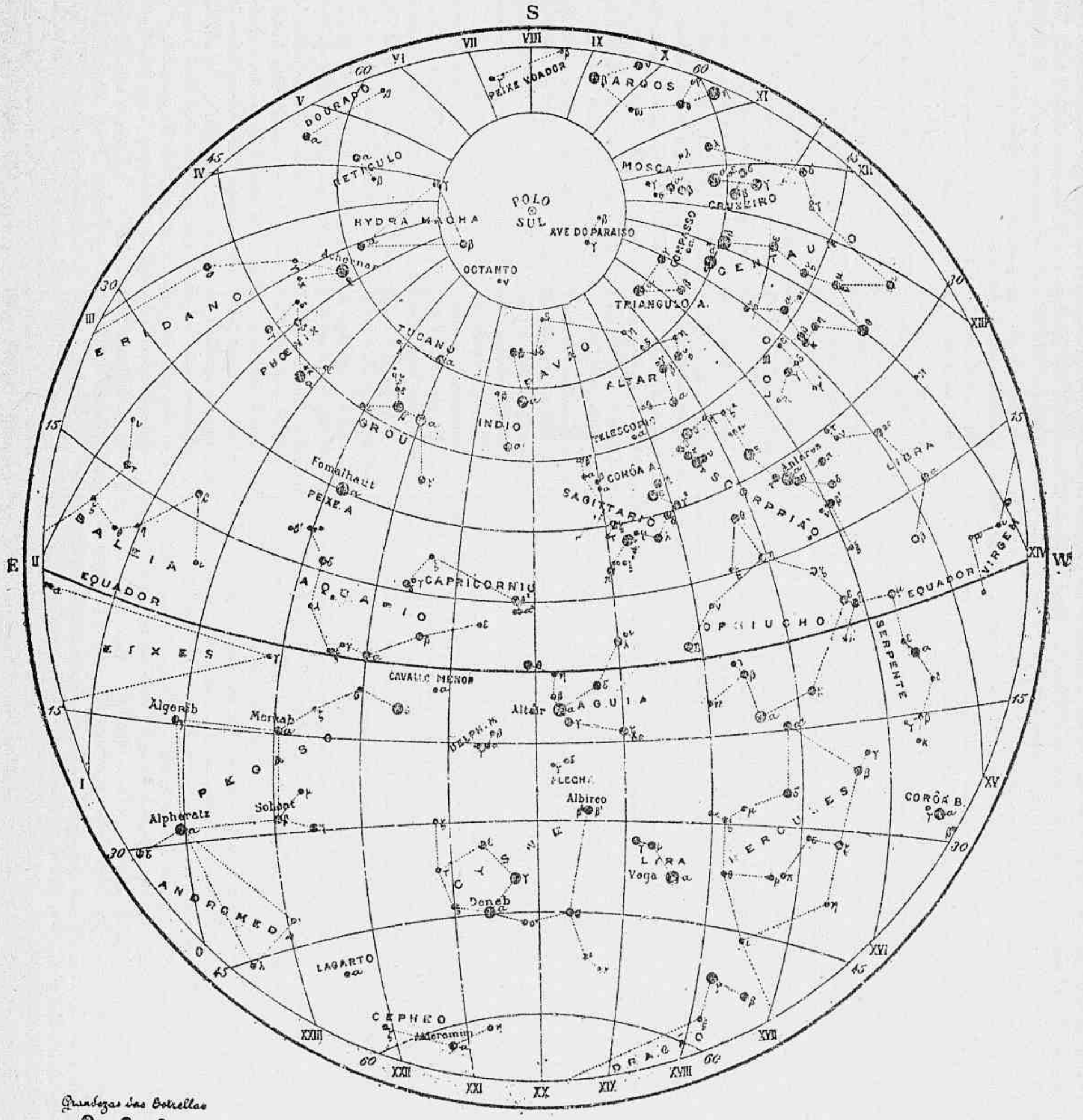
QUADRANTE S. O.: Centauro, Cruzeiro, Argus (parte), Lobo, Corvo, Escorpião, Triangulo-Austral, Altar, Mosca.

QUADRANTE N. E.: Cysne, Aguia, Lyra, Flecha, Pegaso (parte).

QUADRANTE N. O.: Boieiro, Ophiucho, Serpente, Hercules, Corôa-Boreal, Dragão.

ESTRELLAS DE 1.ª GRANDEZA: α e β Centauro, α Cruzeiro, Antares (α *Escorpião*), Espiga (α *Virgem*), Arcturus (α *Boieiro*), Vega (α *Lyra*), Altaïr (α *Aguia*), Fomalhaut (α *Peixe-Austral*), Achernar (α *Eridano*). — L. CRULS.

15 de Setembro ás 8h. 20m. da noite



Tempo Sideral XX horas

PRINCIPAES CONSTELLAÇÕES E ESTRELLAS VISIVEIS NO MEZ

Quadrante S. E.: Eridano, Grou, Hydra-Macha, Tucano, Reticulo.

Quadrante S. O.: Escorpião, Triangulo-Austral, Centauro, Cruzeiro, Mosca, Lobo, Altar, Libra. Sagittario, Corôa-Austral.

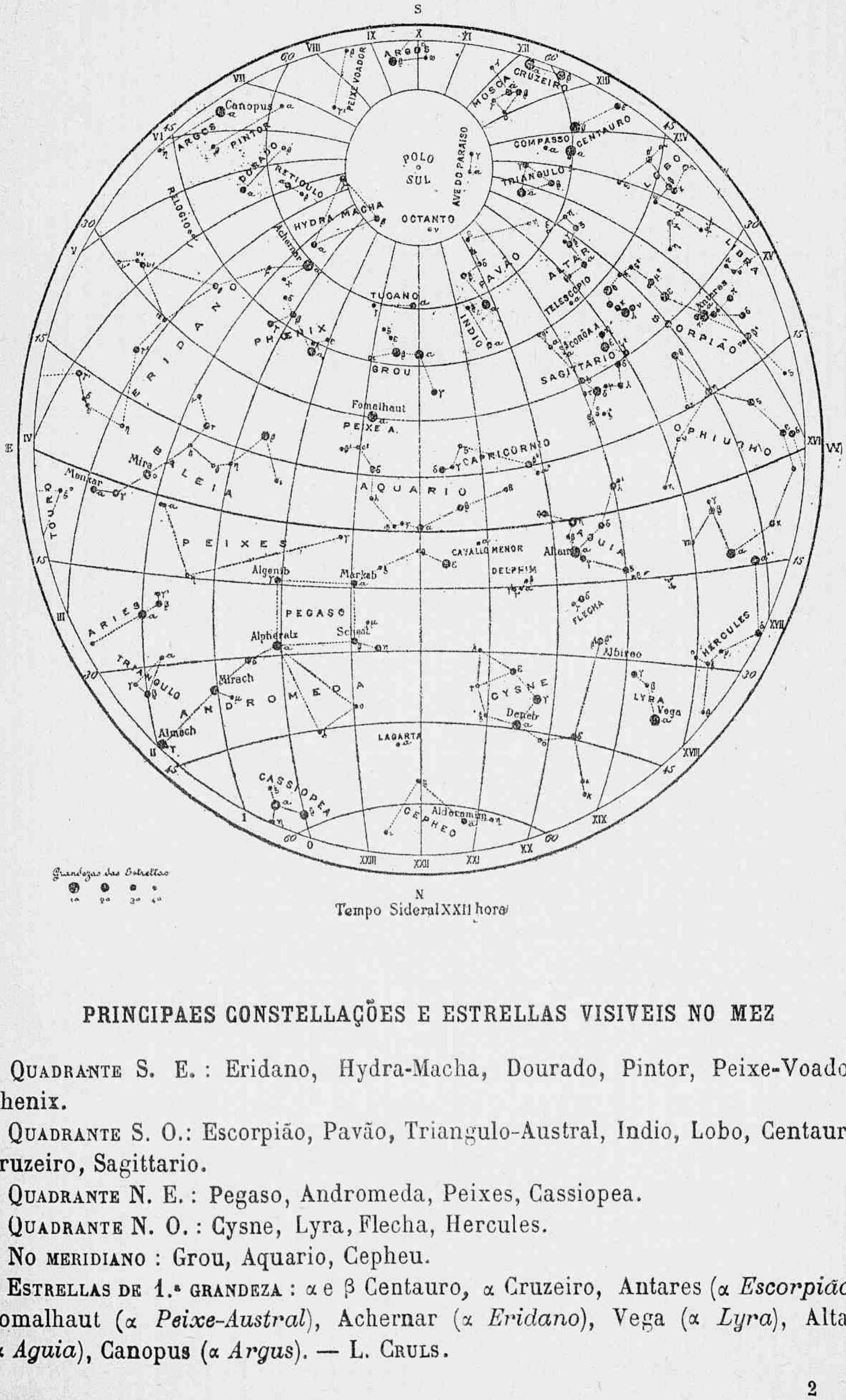
Quadrante N. E.: Pegaso, Andromeda (parte), Cepheu, Lagarto.

Quadrante N. O.: Hercules, Lyra, Aguia, Dragão.

No meridiano: Pavão, Cysne.

Estrellas de 1.ª grandeza: α e β Centauro, α Cruzeiro, Antares (α *Escorpião*), Altaïr (α *Aguia*), Vega (α *Lyra*), Fomalhaut (α *Peixe-Austral*), Achernar (α *Eridano*). — L. Cruls.

15 de Outubro ás 8.h 25.m da noite



Tempo Sideral XXII hora

PRINCIPAES CONSTELLAÇÕES E ESTRELLAS VISIVEIS NO MEZ

Quadrante S. E. : Eridano, Hydra-Macha, Dourado, Pintor, Peixe-Voador, Phenix.

Quadrante S. O.: Escorpião, Pavão, Triangulo-Austral, Indio, Lobo, Centauro, Cruzeiro, Sagittario.

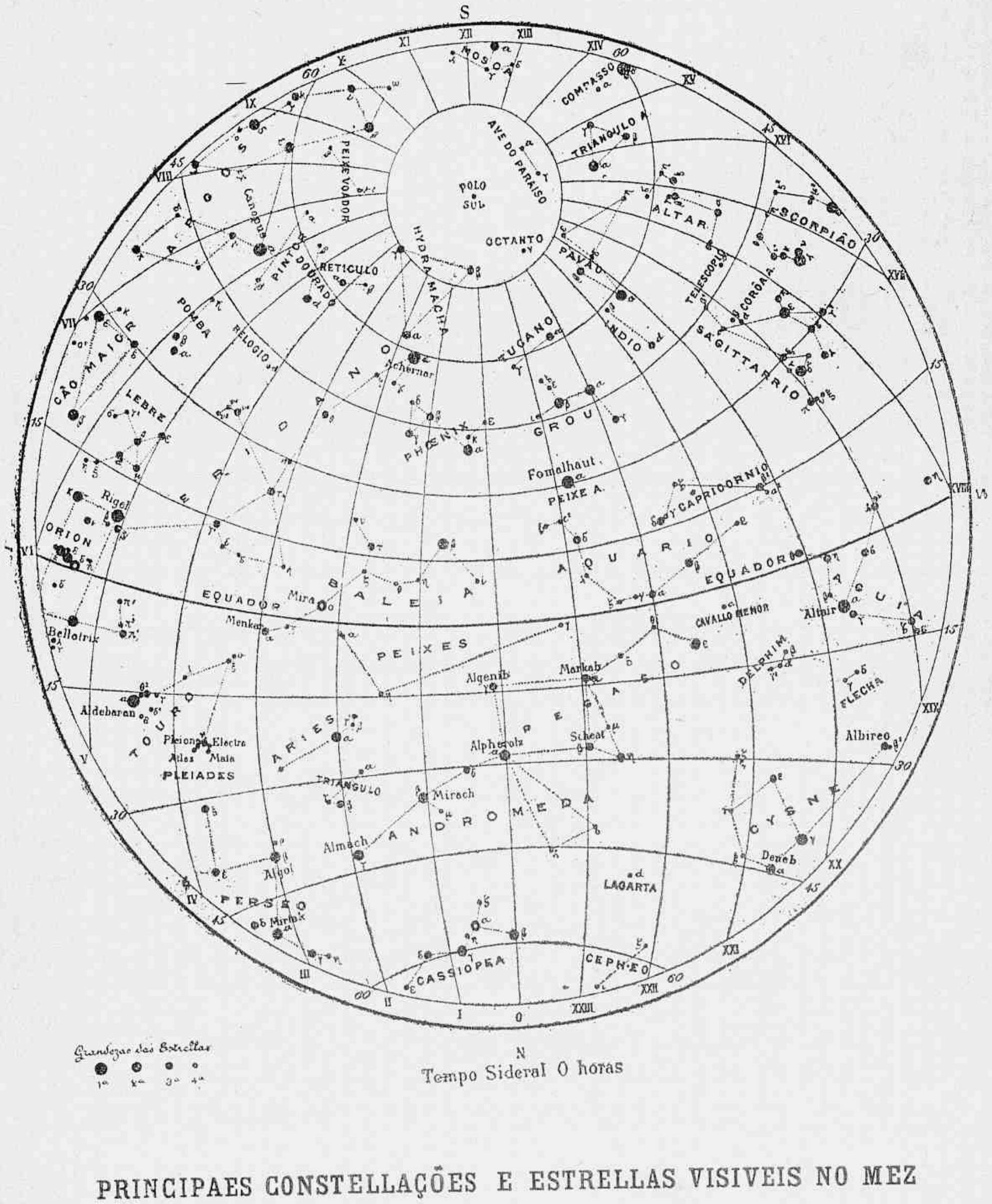
Quadrante N. E. : Pegaso, Andromeda, Peixes, Cassiopea.

Quadrante N. O. : Cysne, Lyra, Flecha, Hercules.

No meridiano : Grou, Aquario, Cepheu.

Estrellas de 1.ª grandeza : α e β Centauro, α Cruzeiro, Antares (α *Escorpião*), Fomalhaut (α *Peixe-Austral*), Achernar (α *Eridano*), Vega (α *Lyra*), Altaïr (α *Aguia*), Canopus (α *Argus*). — L. Cruls.

15 de Novembro ás 8.h 20.m da noite



PRINCIPAES CONSTELLAÇÕES E ESTRELLAS VISIVEIS NO MEZ

Quadrante S. E. : Eridano, Hydra-Macha, Dourado, Reticulo, Peixe-Voador, Argus, Pomba, Relogio, Cão-Maior.

Quadrante S. O.: Escorpião, Sagittario, Altar, Triangulo-Austral, Indio, Pavão, Grou, Peixe-Austral, Tucano.

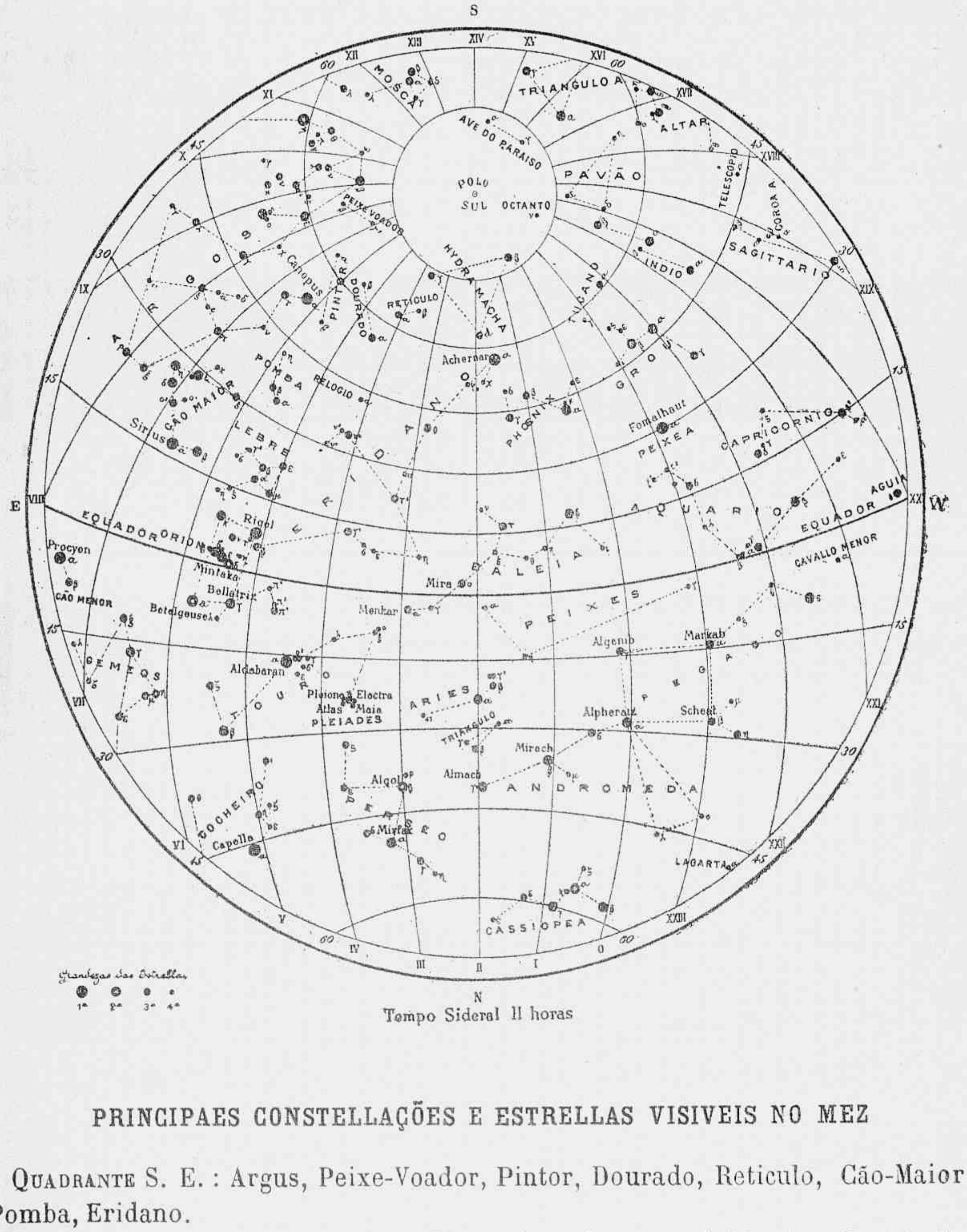
Quadrante N. E. : Andromeda, Peixes, Touro, Aries, Perseu, Triangulo.

Quadrante N. O.: Cysne, Lagarto, Cepheu.

No meridiano : Phenix, Pegaso.

Estrellas de 1.ª grandeza : α Centauro, Fomalhaut (α *Peixe-Austral*), Achernar (α *Eridano*), Canopus (α *Argus*), Rigel (β *Orion*), Aldebaran (α *Touro*), Altaïr (α *Aguia*). — L. Cruls.

15 de Dezembro ás 8 h. 20 m. da noite



Tempo Sideral 11 horas

PRINCIPAES CONSTELLAÇÕES E ESTRELLAS VISIVEIS NO MEZ

QUADRANTE S. E. : Argus, Peixe-Voador, Pintor, Dourado, Reticulo, Cão-Maior, Pomba, Eridano.

QUADRANTE S. O. : Grou, Pavão, Indio, Triangulo-Austral, Phenix, Sagittario, Peixe-Austral.

QUADRANTE N. E. : Touro, Orion, Perseu, Cocheiro, Gemeos.

QUADRANTE N. O. : Andromeda, Pegaso, Cassiopea, Peixes.

NO MERIDIANO: Hydra-Macha, Baleia, Aries, Triangulo.

ESTRELLAS DE 1.ª GRANDEZA: Fomalhaut (α *Peixe-Austral*), Achernar (α *Eridano*), Canopus (α *Argus*), Sirius (α *Cão-Menor*), Procyon (α *Cão-Maior*), Aldebaran (α *Touro*), Capella (α *Cocheiro*). — L. CRULS.

Q. M. no dia 7 as 11 h. 55 M.
L. N. » » 14 » 3 4 M.
Q. C. » » 21 » 5 49 M.
L. C. » » 29 » 10 52 M.

Perigeo no dia 12 as 12
Apogeo » » 24 » 15

Janeiro



PRIMEIRO MEZ — 31 DIAS — Aquarius

DIAS do mez	DIAS da semana	SANCTOS, FESTAS DA EGREJA E FERIADOS
1	Terç.	† *Circuncisão* (FERIADO). Fulgencio.
2	Quart.	Isidoro. Macario.
3	Quint.	Antero. Genoveva.
4	Sext.	Gregorio. Rigoberto. Tito.
5	Sabb.	Simeão. Estelita. Apollinaria.
6	**DOMINGO**	† *Reis,* ou *Epiphania*. André.
7	Seg.	Theodoro.
8	Terç.	Lourenço. Justiniano.
9	Quart.	Julião. Marciana.
10	Quint.	Paulo. Gonçalo d'Amarante.
11	Sext.	Hygino. Honorata.
12	Sabb.	Satyro. Taciana.
13	**DOMINGO**	Veronica.
14	Seg.	Hilario. Felix de Nole.
15	Terç.	Amaro. Bonito.
16	Quart.	Marcello. Estephania.
17	Quint.	Antão. Servula.
18	Sext.	Prisca. Margarida d'Hungria.
19	Sabb.	Canuto. Ponciano. Germana.
20	**DOMINGO**	† (na Cap. Fed.) Sebastião.
21	Seg.	*SS. Nome de Jesus*. Ignez. Patroclo.
22	Terç.	Vicente. Anastasio.
23	Quart.	Raimundo de Penaforte. Emerenciana.
24	Quint.	Timotheo. Marcolino.
25	Sext.	Conv. de S. Paulo. Ananias.
26	Sabb.	Polycarpo. Paula.
27	**DOMINGO**	*Septuagesima*. João Chrysostomo.
28	Seg.	*Sagr. Familia*. Cyrillo. Herminia.
29	Terç.	Francisco de Sales.
30	Quart.	Martinha. Matilde.
31	Quint.	Pedro Nolasco. Cyro.

Charada :
1-2. — Do navio este animal pulou ao rio.

Dias do mez	*FOLHA DE LEMBRANÇAS*
1	
2	
3	
4	
5	
6	
7	
8	
9	
10	
11	
12	
13	
14	
15	
16	
17	
18	
19	
20	
21	
22	
23	
24	
25	
26	
27	
28	
29	
30	
31	

Q. M. no dia 5 as 9 h. 59 M.
L. N. » » 12 » 2 50 T.
Q. C. » » 20 » 1 42 M.
L. C. » » 28 » 3 30 M.

Perigeo no dia 9 as 16
Apogeo » » 21 » 10

Fevereiro



SEGUNDO MEZ — 28 DIAS — Pisces

DIAS do mez	DIAS da semana	SANCTOS, FESTAS DA EGREJA E FERIADOS
1	Sext.	Ignacio. Brigida.
2	Sabb.	† *Purif. de N. Sª.*
3	**DOMINGO**	*Sexagesima.* Braz. Odorico.
4	Seg.	João de Britto. Gilberto.
5	Terç.	Agueda. Pedro Baptista.
6	Quart.	Dorothea. Antonio de Amandula.
7	Quint.	Romualdo. Ricardo.
8	Sext.	João de Matha.
9	Sabb.	Cyrillo. Apollonia.
10	**DOMINGO**	*Quinquagesima.* (*Carnaval*). Escholastica.
11	Seg.	Lazaro. Severino.
12	Terç.	Lucio. Eulalia.
13	Quart.	*Cinzas.* Catharina de Ricci
14	Quint.	Valentim. Jovita.
15	Sext.	Faustino.
16	Sabb.	Samuel. Porphyrio.
17	**DOMINGO**	Philippe de Jesus. Silvano.
18	Seg.	Theotonio. Simeão.
19	Terç.	Conrado. Ernestina.
20	Quart.	Eleutherio. Nilo.
21	Quint.	Fabiano. Vitalina. Leonor.
22	Sext.	Papias. Abilio.
23	Sabb.	Pedro Damião. Milburges.
24	**DOMINGO**	FERIADO. Mathias.
25	Seg.	Margarida de Cortona.
26	Terç.	Nestor. Torquato.
27	Quart.	Leandro. Honorina.
28	Quint.	Romão. Thomaz de Coria.

A venda dos objectos d'arte e da mobilia de E. Zola produziu em Paris, em 1903, a somma de 152.375 fraucos.

Dias do mez	*FOLHA DE LEMBRANÇAS*
1	.....
2	.....
3	.....
4	.....
5	.....
6	.....
7	.....
8	.....
9	.....
10	.....
11	.....
12	.....
13	.....
14	.....
15	.....
16	.....
17	.....
18	.....
19	.....
20	.....
21	.....
22	.....
23	.....
24	.....
25	.....
26	.....
27	.....
28	.....

1-1. — Esta pedra nós temos como peixe.

Q. M. no dia 7 as 5 h. 49 M.
L. N. » » 14 » 3 12 M.
Q. C. » » 21 » 10 17 T.
L. C. » » 29 » 4 51 T.

Perigeo no dia 8 as 17
Apogeo » » 21 » 7

Março



TERCEIRO MEZ — 31 DIAS — Aries

DIAS do mez	DIAS da semana	SANCTOS, FESTAS DA EGREJA E FERIADOS
1	Sext.	Albino. Adriano. Eudoxia.
2	Sabb.	Simplicio. Camilla.
3	**DOMINGO**	Hemeterio. Cunegundes.
4	Seg.	Casimiro. Lucio.
5	Terç.	Theophilo. Rogerio.
6	Quart.	Perpétua. Felicidade.
7	Quint.	Thomaz de Aquino.
8	Sext.	João de Deus. Pelagia.
9	Sabb.	Francisca. Gregorio de Nyssa.
10	**DOMINGO**	Militão.
11	Seg.	Candido. Constantino. Rosa.
12	Terç.	Gregorio Magno.
13	Quart.	Sancha. Euphrasia. Ernesto.
14	Quint.	Boaventura. Matilde.
15	Sext.	Christovão. Longino.
16	Sabb.	Cyriaco. Abrahão.
17	**DOMINGO**	Patricio. Agricola.
18	Seg.	Gabriel. Anselmo.
19	Terç.	José (protector da Egreja).
20	Quart.	Martinho Dumiense. Cyrillo.
21	Quint.	Bento.
22	Sext.	Benevenuto. Cilecina.
23	Sabb.	Felix. Victoriano.
24	**DOMINGO**	*Dom. de Ramos.* Agapito.
25	Seg.	† *Annunc. de N. Sa.*
26	Terç.	Ludgero. Braulio.
27	Quart.	João Damasceno. Lydia.
28	Quint.	Alexandre. Dorothéa.
29	Sext.	*Paixão.* Bertholdo. Eustasia.
30	Sabb.	Clineu. Regulo.
31	**DOMINGO**	*Paschoa.* Benjamim.

Dias do mez	*FOLHA DE LEMBRANÇAS*
1	.....
2	.....
3	.....
4	.....
5	.....
6	.....
7	.....
8	.....
9	.....
10	.....
11	.....
12	.....
13	.....
14	.....
15	.....
16	.....
17	.....
18	.....
19	.....
20	.....
21	.....
22	.....
23	.....
24	.....
25	.....
26	.....
27	.....
28	.....
29	.....
30	.....
31	.....

Q. M. no dia 5 as 0 h. 27 T.
L. N. » » 12 » 4 13 T.
Q. C. » » 20 » 5 45 T.
L. C. » » 28 » 3 12 M.

Perigeo no dia 2 as 14
Apogeo » » 18 » 2
Perigeo » » 29 » 23

Abril



QUARTO MEZ — 30 DIAS — Taurus

DIAS do mez	DIAS da semana	SANCTOS, FESTAS DA EGREJA E FERIADOS
1	Seg.	Catharina de Sena.
2	Terç.	Francisco de Paula. Maria Egypciaca.
3	Quart.	Ricardo. Irene.
4	Quint.	Vicente Ferrer. Isidoro.
5	Sext.	Juliana. Iria.
6	Sabb.	Marcellino. Catharina de Pallencia.
7	**DOMINGO**	Epiphanio. Valtrudes.
8	Seg.	Amancio.
9	Terç.	*Ascenção*. Demetrio.
10	Quart.	Ezequiel. Pompeu.
11	Quint.	Leão. Isaac.
12	Sext.	Julio. Victor.
13	Sabb.	Hermenegildo.
14	**DOMINGO**	Justino.
15	Seg.	Lucio. Anastasia.
16	Terç.	Engracia. Fructuoso.
17	Quart.	Rodolfo. Aniceto.
18	Quint.	Galdino. Valeriano.
19	Sext.	*Espirito Santo*. Hermogenes.
20	Sabb.	Timotheo. Accindino.
21	**DOMINGO**	Anselmo. Silvino.
22	Seg.	Sotero. Senhorinha.
23	Terç.	Jorge. Adalberto.
24	Quart.	Honorio. Roberto.
25	Quint.	Marcos Ev.
26	Sext.	Cleto. Marcellino.
27	Sabb.	Tertulliano. Zita. Thuribio.
28	**DOMINGO**	Paulo da Cruz.
29	Seg.	Pedro. Hugo.
30	Terç.	Eutropio. Sophia.

Charada augmentativa :

2. — **As saias** d'estas senhoras tem muito pello.

Dias do mez	*FOLHA DE LEMBRANÇAS*
1	
2	
3	
4	
5	
6	
7	
8	
9	
10	
11	
12	
13	
14	
15	
16	
17	
18	
19	
20	
21	
22	
23	
24	
25	
26	
27	
28	
29	
30	

Q. M. no dia 4 as 7 h. 0 T.
L. N. » » 12 » 6 6 M.
Q. C. » » 20 » 10 35 M.
L. C. » » 27 » 11 25 M.

Apogeo no dia 15 as 18
Perigeo » » 28 » 2

Maio



QUINTO MEZ — 31 DIAS — Gemini

DIAS do mez	DIAS da semana	SANCTOS, FESTAS DA EGREJA E FERIADOS
1	Quart.	Philippe. Jacob.
2	Quint.	Athanasio. Mafalda.
3	Sext.	FERIADO. Alexandre. Juvenal.
4	Sabb.	Monica. Floriano.
5	**DOMINGO**	Pio. Angelo.
6	Seg.	*Maternidade de N. S.* João Damasceno.
7	Terç.	Estanislau. Gisela.
8	Quart.	Miguel Arch. Victor.
9	Quint.	Greg. Nazianzeno. Trasl. de S^{to} André.
10	Sext.	Antonino.
11	Sabb.	Athanasio. Palmyra.
12	**DOMINGO**	Joanna.
13	Seg.	FERIADO. Pio. Glyceria.
14	Terç.	Bonifacio. Justa.
15	Quart.	Isidro. Dimpina.
16	Quint.	João Nepom. Maxima.
17	Sext.	Paschoal Bailão. Restituta.
18	Sabb.	Venancio. Liborio.
19	**DOMINGO**	Ivo.
20	Seg.	Bernardino de Sena.
21	Terç.	Pedro Celestino.
22	Quart.	Rita de Cassia. Helena.
23	Quint.	Desiderio. Basileu.
24	Sext.	Afra. João do Prado.
25	Sabb.	Urbano. Maria Magd. de Pazzi.
26	**DOMINGO**	*S. S. Trindade*. Philippe Nery. Prisco.
27	Seg.	Agostinho de Cantuaria.
28	Terç.	Germano. Emilio.
29	Quart.	Maximo. Theodosia.
30	Quint.	*Corpo de Deus*. Fernando. Emilia.
31	Sext.	Petronilha.

Dias do mez	*FOLHA DE LEMBRANÇAS*
1	
2	
3	
4	
5	
6	
7	
8	
9	
10	
11	
12	
13	
14	
15	
16	
17	
18	
19	
20	
21	
22	
23	
24	
25	
26	
27	
28	
29	
30	
31	

Q. M. no dia 3 as 2 h. 27 M.
L. N. » » 10 » 8 57 T.
Q. C. » » 19 » 0 2 M.
L. C. » » 25 » 6 34 T.

Apogeo no dia 12 as 4
Perigeo » » 25 » 11

Junho



SEXTO MEZ — 30 DIAS — Cancer

DIAS do mez	DIAS da semana	SANCTOS, FESTAS DA EGREJA E FERIADOS
1	Sabb.	Pamphilo. Ubaldo.
2	**DOMINGO**	Marcellino. Eugenio.
3	Seg.	Clotilde. Paula. Ovidio.
4	Terç.	Quirino. Saturnina.
5	Quart.	Bonifacio. Valeria.
6	Quint.	Norberto. Paulina.
7	Sext.	Roberto.
8	Sabb.	Salustiano. Calliopa.
9	**DOMINGO**	Primo. Melania.
10	Seg.	Margarida. Mauricio.
11	Terç.	Felix. Barnabé.
12	Quart.	Onofre. Antonina.
13	Quint.	Antonio, de Lisboa.
14	Sext.	Basilio o Magno.
15	Sabb.	Modesto. Crescencia.
16	**DOMINGO**	João Francisco Regis. Germana.
17	Seg.	Thereza. Manuel.
18	Terç.	Leoncio. Marina.
19	Quart.	Gervasio.
20	Quint.	Silverio. Prudenciana.
21	Sext.	Luiz de Gonzaga. Demetria.
22	Sabb.	*S. Coração de Jesus.* Paulino.
23	**DOMINGO**	Edeltrudes.
24	Seg.	† *João Baptista.*
25	Terç	Guilherme. Febronia.
26	Quart.	João e Paulo. Perseveranda.
27	Quint.	Ladislau de Hungria.
28	Sext.	Marcella.
29	Sabb.	† *Pedro e Paulo.*
30	**DOMINGO**	Lucia. Marçal.

Invertida por syllabas.
2. — Toda creanca é creança.

Dias do mez	*FOLHA DE LEMBRANÇAS*
1	
2	
3	
4	
5	
6	
7	
8	
9	
10	
11	
12	
13	
14	
15	
16	
17	
18	
19	
20	
21	
22	
23	
24	
25	
26	
27	
28	
29	
30	

Q. M. no dia 2 as 11 h. 41 M.
L. N. » » 10 » 0 24 T.
Q. C. » » 18 » 10 19 M.
L. C. » » 25 » 1 36 M.
Q. M. » » 31 » 11 33 T.

Apogeo no dia 9 as 7
Perigeo » » 23 » 21

Julho



SEPTIMO MEZ — 31 DIAS — Leo

DIAS do mez	DIAS da semana	SANCTOS, FESTAS DA EGREJA E FERIADOS
1	Seg.	Domiciano. Theodorico.
2	Terç.	*Visitação de N. Sa.* Processo.
3	Quart.	Anatolio. Jacintho.
4	Quint.	Isabel, de Portugal. Bertha.
5	Sext.	Philomena. Zoé.
6	Sabb.	Tranquillino. Isaïas.
7	**DOMINGO**	Pulcheria.
8	Seg.	Procopio. Methodio. Priscillia.
9	Terç.	Nicolau. Anathalia.
10	Quart.	Januario. Rufina.
11	Quint.	Pio. Sabino.
12	Sext.	João Gualberto. Marciana.
13	Sabb.	Anacleto. Eugenio.
14	**DOMINGO**	FERIADO. Boaventura.
15	Seg.	Henrique. Rosalia.
16	Terç.	Ceslau. Reinalda.
17	Quart.	Acylino. Marcellina.
18	Quint.	Camillo de Lellis.
19	Sext.	Vicente de Paulo. Justa.
20	Sabb.	Margarida. Jeronymo Emiliano.
21	**DOMINGO**	Praxedes. Victor.
22	Seg.	Maria Magdalena.
23	Terç.	Liborio. Brigida.
24	Quart.	Christina. Vicente.
25	Quint.	Christovão. Valentina.
26	Sext.	Olympio.
27	Sabb.	Pantaleão. Natalia.
28	**DOMINGO**	Innocencio. Celso.
29	Seg.	*Sta Anna.* Olavo. Beatriz. Martha.
30	Terç.	Julieta. Rufino.
31	Quart.	Ignacio de Loiola. Germano.

Não leveis as creanças a grandes praias, mas sim a praias grandes. Só o bulicio provocado por ellas é que convem á sua saude. (*Extr.*).

Dias do mez	*FOLHA DE LEMBRANÇAS*
1	
2	
3	
4	
5	
6	
7	
8	
9	
10	
11	
12	
13	
14	
15	
16	
17	
18	
19	
20	
21	
22	
23	
24	
25	
26	
27	
28	
29	
30	
31	

L. N. no dia 9 as 3 h. 44 M.
Q. C. » » 16 » 6 13 T.
L. C. » » 23 » 9 22 M.
Q. M. » » 30 » 2 35 T.

Apogeo no dia 5 as 14
Perigeo » » 21 » 4

Agosto



OITAVO MEZ — 31 DIAS — Virgo

DIAS do mez	DIAS da semana	SANCTOS, FESTAS DA EGREJA E FERIADOS
1	Quint.	Pedro nos vinculos.
2	Sext.	Affonso de Ligorio. Estevão.
3	Sabb.	Lydia. Hermilio.
4	**DOMINGO**	Domingos. Perpétua.
5	Seg.	Cantidiano. Afra.
6	Terç.	Thiago. Xisto.
7	Quart.	Caetano. Donato.
8	Quint.	Cyriaco. Esmeralda.
9	Sext.	Romão. Sabina.
10	Sabb.	Lourenço. Philomena.
11	**DOMINGO**	Tiburcio. Susanna.
12	Seg.	Clara. Cassiano.
13	Terç.	Hippolyto.
14	Quart.	Eusebio. Athanasia.
15	Quint.	† *Assumpção de N. Sª.* Alipio.
16	Sext.	Roque. Sirena.
17	Sabb.	Mamede. Paulina.
18	**DOMINGO**	Agapito. Helena.
19	Seg.	*S. Joaquim.* Jacintho. Tecla.
20	Terç.	Bernardo. Samuel.
21	Quart.	Umbelina.
22	Quint.	Felisberto. Antusa.
23	Sext.	Liberato. Davina. Graça.
24	Sabb.	Bartholomeu. Aurea.
25	**DOMINGO**	Luiz. Patricia.
26	Seg.	*S. Coração de Maria.* Zephyrino. Rosa.
27	Terç.	José Calasans. Cesario.
28	Quart.	Agostinho. Alexandre.
29	Quint.	Candida. Adolfo.
30	Sext.	Rosa de Lima.
31	Sabb.	Raimundo Nonnato.

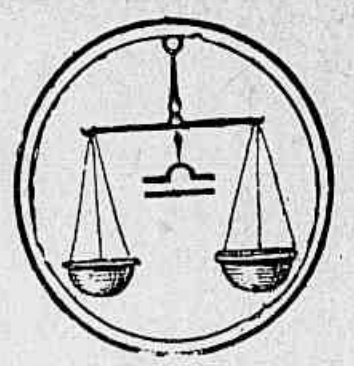
Charada electrica :
2. — O animal é feito de lodo.

Dias do mez	*FOLHA DE LEMBRANÇAS*
1	
2	
3	
4	
5	
6	
7	
8	
9	
10	
11	
12	
13	
14	
15	
16	
17	
18	
19	
20	
21	
22	
23	
24	
25	
26	
27	
28	
29	
30	
31	

L. N. no dia 7 as 6 h. 11 T.
Q. C. » » 15 » 0 47 M.
L. C. » » 21 » 6 41 T.
Q. M. » » 29 » 8 44 M.

Apogeo no dia 2 as 4
Perigeo » » 18 » 0
Apogeo » » 29 » 22

Septembro



NONO MEZ — 30 DIAS — Libra

DIAS do mez	DIAS da semana	SANCTOS, FESTAS DA EGREJA E FERIADOS
1	**DOMINGO**	Egydio. Gedeão.
2	Seg.	Estevão. Maxima.
3	Terç.	Aristeu. Euphemia.
4	Quart.	Rosa de Viterbo. Candida.
5	Quint.	Lourenço Justiniano. Gentil.
6	Sext.	Libania. Zacharias.
7	Sabb.	FERIADO. Regina. Athanagildo.
8	**DOMINGO**	† *Natividade de N. Sª*. Adriano.
9	Seg.	*O Stº Nome de Maria*. Serafina.
10	Terç.	Nicolau Tolentino.
11	Quart.	Theodora. Jacintho.
12	Quint.	Auta. Juvencio.
13	Sext.	Eulogio. Maurilio.
14	Sabb.	*Exaltação da SS. Cruz*. Cornelio. Crescencio.
15	**DOMINGO**	Nicomedes. Melitina.
16	Seg.	*Dôres de N. Sª*. Cypriano. Luiza.
17	Terç.	Pedro de Arbues. Comba.
18	Quart.	Thomaz. Sophia.
19	Quint.	Januario. Constança.
20	Sext.	Philippa.
21	Sabb.	Matheus. Iphigenia.
22	**DOMINGO**	Mauricio.
23	Seg.	Lino. Tecla.
24	Terç.	Geraldo.
25	Quart.	Firmino. Pacifico.
26	Quint.	Justina. Callistrato.
27	Sext.	Cosme. Damião. Delphina.
28	Sabb.	Wenceslau. Lioba.
29	**DOMINGO**	Miguel Archanjo. Fraterno.
30	Seg.	Jeronymo. Sophia.

Enigma :

Qual é o animal que come sem ter bocca, anda sem ter pés e morre sem ter vida?

Dias do mez	*FOLHA DE LEMBRANÇAS*
1	
2	
3	
4	
5	
6	
7	
8	
9	
10	
11	
12	
13	
14	
15	
16	
17	
18	
19	
20	
21	
22	
23	
24	
25	
26	
27	
28	
29	
30	

L. N. no dia 7 as 7 h. 28 M.
Q. C. » » 14 » 7 9 M.
L. C. » » 21 » 6 24 M.
Q. M. » » 29 » 4 59 M.

Perigeo no dia 14 as 0
Apogeo » » 27 » 18

Outubro



DECIMO MEZ — 31 DIAS — Scorpius

DIAS do mez	DIAS da semana	SANCTOS, FESTAS DA EGREJA E FERIADOS
1	Terç.	Remigio. Julia.
2	Quart.	Nilo. Ludgero.
3	Quint.	Candido. Emilia.
4	Sext.	Franc. de Assis.
5	Sabb.	Placido. Flaviana.
6	**DOMINGO**	Bruno.
7	Seg.	*N. Sª. do Rosario*. Marcos. Sergio.
8	Terç.	Pelagia. Reparata.
9	Quart.	Dionysio. Andronico.
10	Quint.	Eulampia. Luiz Beltrão.
11	Sext.	Nicacio. Genoveva.
12	Sabb.	FERIADO. Wilfrido. Serafina.
13	**DOMINGO**	Daniel. Eduardo.
14	Seg.	Calixto. Gaudencio.
15	Terç.	Theresa de Jesus.
16	Quart.	Gallo. Lullo.
17	Quint.	Heduviges. Mariano.
18	Sext.	Lucas. Athenodoro.
19	Sabb.	Pedro d'Alcantara.
20	**DOMINGO**	João Cancio. Iria.
21	Seg.	*N. Sª. dos Remedios*. Ursula. Celina.
22	Terç.	Maria Salomé. Alodia.
23	Quart.	Domicio. Hilarião.
24	Quint.	Rafael Archanjo. Evergisto.
25	Sext.	Crispim. Daria.
26	Sabb.	Evaristo. Luciano.
27	**DOMINGO**	Elesbão. Capitolina.
28	Seg.	Simão. Judas Thadeu. Cyrilla.
29	Terç.	Narciso. Benvinda.
30	Quart.	Serapião. Eutropia.
31	Quint.	Quintino. Wolfgango.

Enigma :
Flor sou; mulher sou; homem, talvez; pedra, ás vezes.

Dias do mez	*FOLHA DE LEMBRANÇAS*
1	
2	
3	
4	
5	
6	
7	
8	
9	
10	
11	
12	
13	
14	
15	
16	
17	
18	
19	
20	
21	
22	
23	
24	
25	
26	
27	
28	
29	
30	
31	

L. N. no dia 5 as 7 h. 46 T.
Q. C. » » 12 » 2 21 T.
L. C. » » 19 » 9 11 T.
Q. M. » » 28 » 1 28 M.

Perigeo no dia 8 as 15
Apogeo » » 24 » 15

Novembro



UNDECIMO MEZ — 30 DIAS — Sagittarius

DIAS do mez	DIAS da semana	SANCTOS, FESTAS DA EGREJA E FERIADOS
1	Sext.	† *Todos os Sanctos.* Cesario.
2	Sabb.	FERIADO. *Finados.* Tobias.
3	**DOMINGO**	Malachias. Silvia.
4	Seg.	Carlos Borromeu. Agricola.
5	Terç.	Zacharias. Berthilde.
6	Quart.	Leonardo. Severo.
7	Quint.	Herculano. Nicandro.
8	Sext.	Severiano.
9	Sabb.	Theodoro. Mathurino.
10	**DOMINGO**	André Avellino. Nympha.
11	Seg.	*Patrocinio de N. Sª.* Martinho. Renato.
12	Terç.	Diogo. Levino.
13	Quart.	Eugenio. Zebina.
14	Quint.	Clementino. Philomena.
15	Sext.	FERIADO. Gertrudes. Leopoldo.
16	Sabb.	Valerio. Ignez.
17	**DOMINGO**	Alpheu. Zacheu.
18	Seg.	Romão. Astrogilda.
19	Terç.	Isabel. Ponciano.
20	Quart.	Felix. Octavio. Maxencio.
21	Quint.	Demetrio. Honorio.
22	Sext.	Cecilia. Amphiloquio.
23	Sabb.	Clemente. Felicidade.
24	**DOMINGO**	Estanislau. Chrysogono.
25	Seg.	Catharina. Alfredo.
26	Terç.	Belmiro. Genoveva.
27	Quart.	Margarida de Saboia. Maximo.
28	Quint.	Jacob da Marca.
29	Sext.	Saturnino.
30	Sabb.	André. Maura.

Enigma astronomico :
Onde é o dia que tem 73 horas ?

Dias do mez	*FOLHA DE LEMBRANÇAS*
1	
2	
3	
4	
5	
6	
7	
8	
9	
10	
11	
12	
13	
14	
15	
16	
17	
18	
19	
20	
21	
22	
23	
24	
25	
26	
27	
28	
29	
30	

L. N. no dia 5 as 7 h. 29 M.
Q. C. » » 11 » 11 23 T.
L. C. » » 19 » 3 2 T.
Q. M. » » 27 » 8 18 T.

Perigeo no dia 6 as 12
Apogeo » » 22 » 7

Dezembro



DUODECIMO MEZ — 31 DIAS — Capricornius

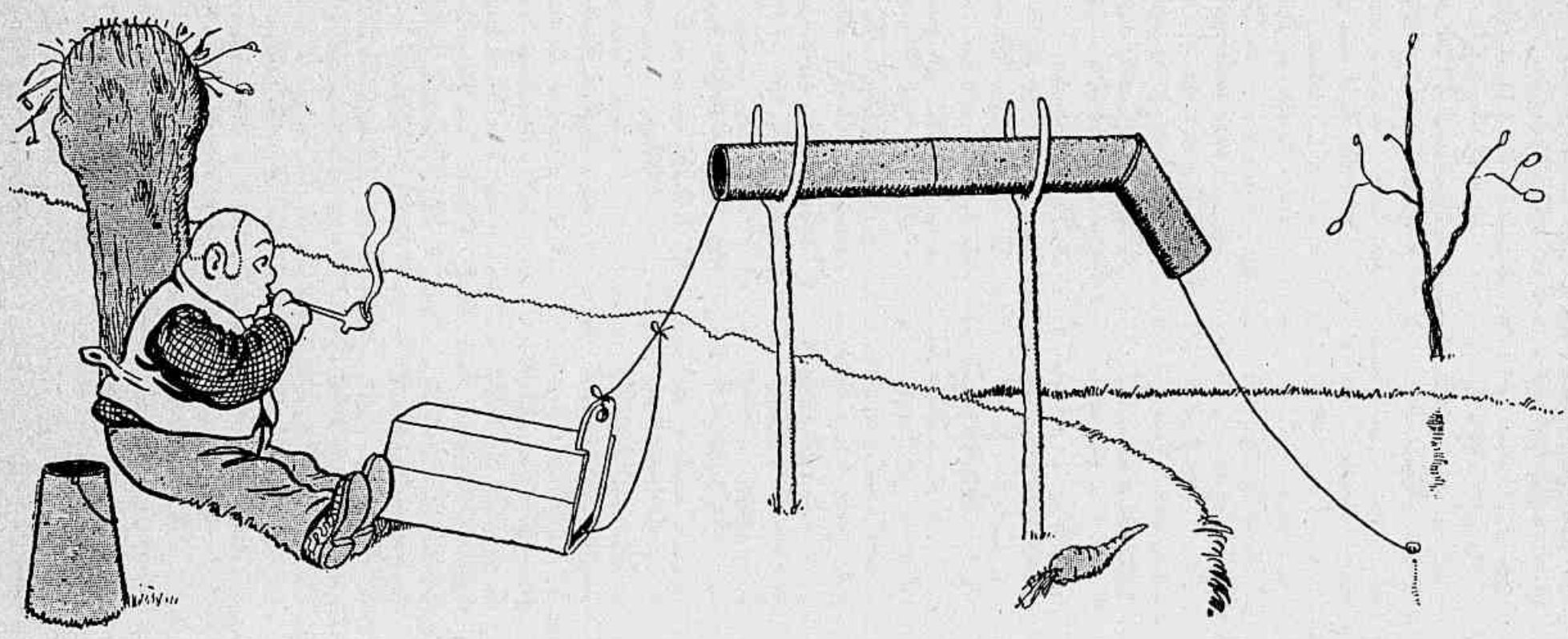
DIAS do mez	DIAS da semana	SANCTOS, FESTAS DA EGREJA E FERIADOS
1	**DOMINGO**	*Advento*. Eloi. Agerico.
2	Seg.	Bibiana. Aurelio.
3	Terç.	Francisco Xavier. Sofonia.
4	Quart.	Barbara. Osmundo.
5	Quint.	Geraldo. Sabas.
6	Sext.	Nicolau. Leoncia.
7	Sabb.	Ambrosio. Fara.
8	**DOMINGO**	† *Conceição de N. Sª*. Romarico.
9	Seg.	Leocadia. Proculo.
10	Terç.	Melchiades. Eulalia.
11	Quart.	Damaso. Pretextato.
12	Quint.	Justino. Dionysia.
13	Sext.	Luzia. Otilia. Orestes.
14	Sabb.	Agnello. Eutropia.
15	**DOMINGO**	Eusebio. Irineu.
16	Seg.	Adelaide. Mizael.
17	Terç.	Martha. Lazaro.
18	Quart.	Espiridião. Basiliano.
19	Quint.	Fausta. Dario.
20	Sext.	Philogonio. Domingos.
21	Sabb.	Thomé. Themistocles.
22	**DOMINGO**	Honorato. Angelina.
23	Seg.	Servulo. Victoria.
24	Terç.	Gregoriano. Delphino.
25	Quart.	† *Natal*. Eugenia.
26	Quint.	Estevão. Archelau.
27	Sext.	João Evang.
28	Sabb.	Eutychio. Theophila.
29	**DOMINGO**	Thomaz. Melania.
30	Seg.	Sabino. Colomba.
31	Terç.	Silvestre. Nominando.

Questão a demonstrar :

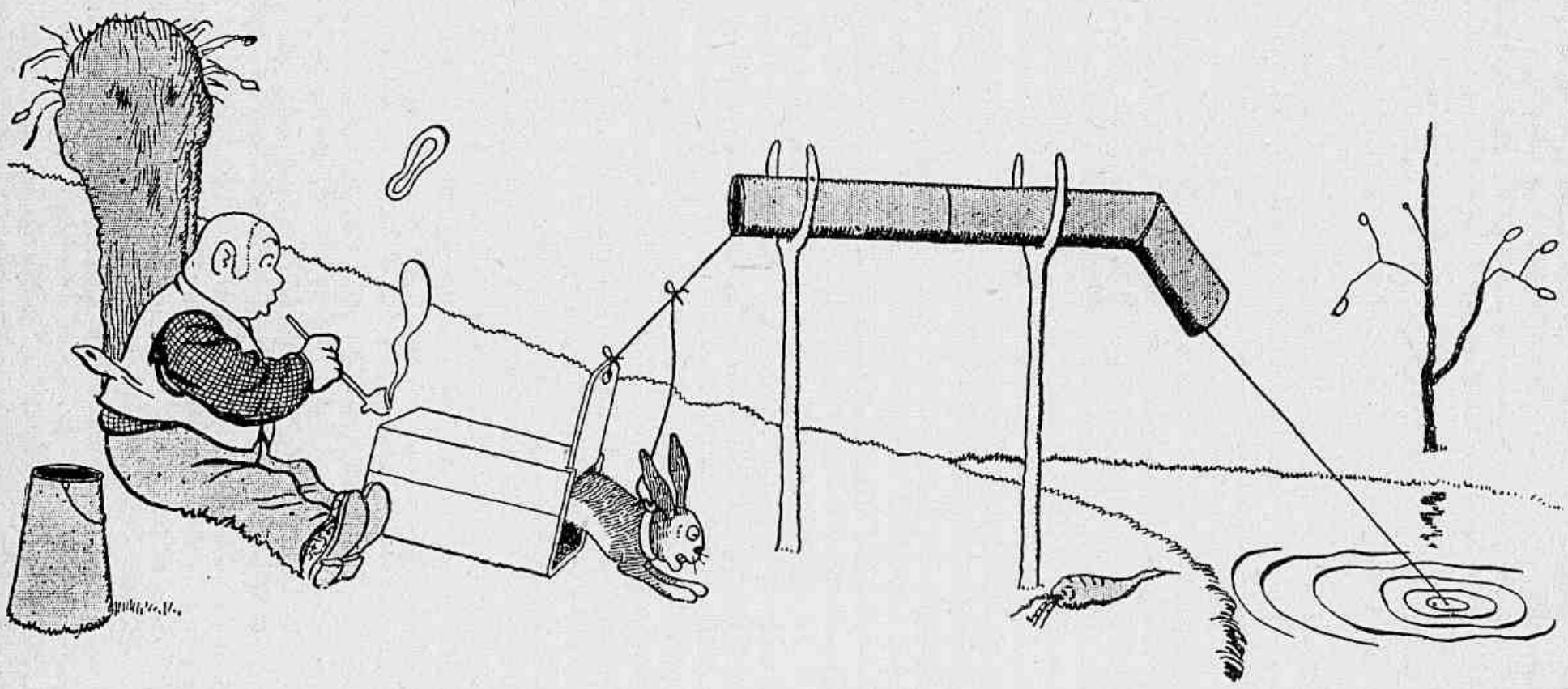
— Por que é que a differença entre dois numeros de tres algarismos dá sempre um numero cujo algarismo do meio é 9 e a somma dos outros dois é tambem nove?

Dias do mez	*FOLHA DE LEMBRANÇAS*
1	
2	
3	
4	
5	
6	
7	
8	
9	
10	
11	
12	
13	
14	
15	
16	
17	
18	
19	
20	
21	
22	
23	
24	
25	
26	
27	
28	
29	
30	
31	

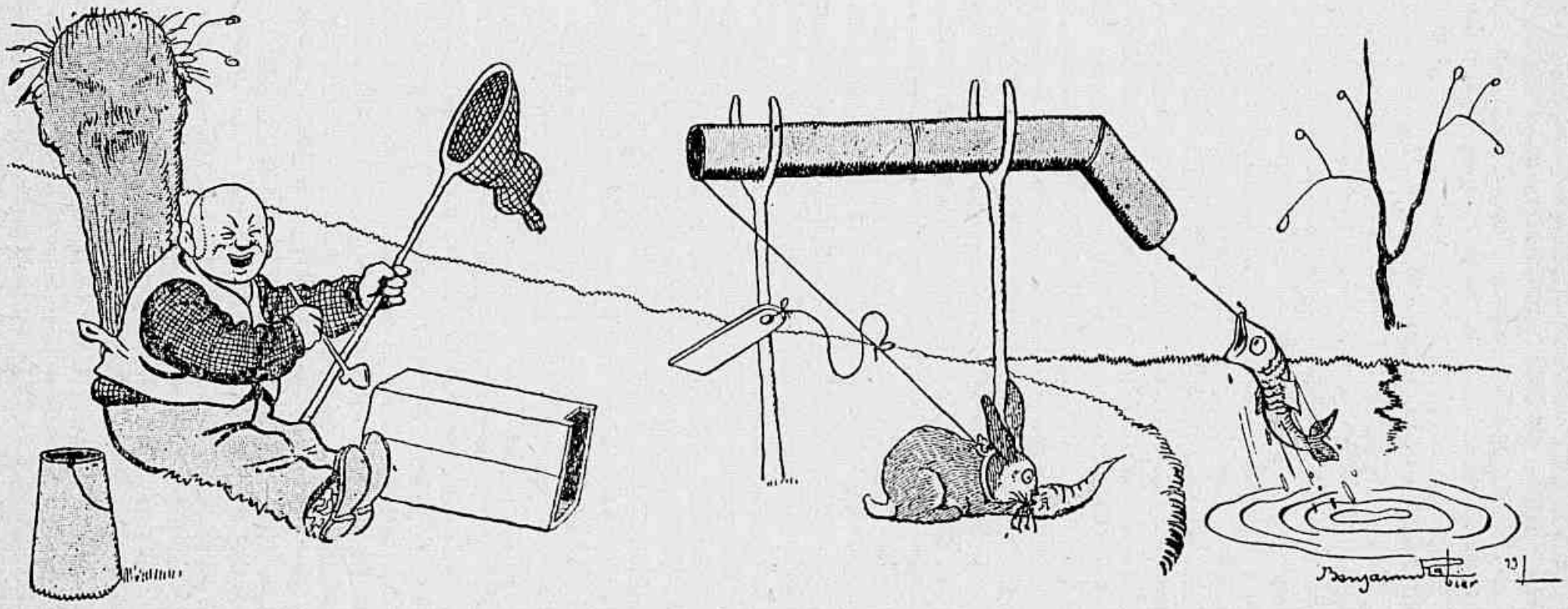
O COELHO PESCADOR



1. — Eis uma pequena installação que tem a vantagem de não ser prohibida pelos regulamentos da pesca.



2. — E' extremamente simples, como se vê. O peixe puxa o cordão, a porta do caixote se levanta, dando liberdade ao coelho...



3. — ...que corre avidamente para comer a cenoura, trazendo d'esse modo o peixe. Eu o destaco do anzol... e recomeço.

PARTE II

Geographia Estatistica

BRASIL



Republica federativa composta de 20 Estados e um Districto Federal. Constituição de 24 de Fevereiro de 1891. O Senado compõe-se de 63 representantes, sendo 3 por cada Estado e outros 3 pelo Districto Federal, renovando-se o Senado pelo terço triennalmente. A Camara dos Deputados compõe-se de 212 representantes (um por 70.000 hab.), eleitos mediante suffragio directo por trez annos. O presidente e o vice-presidente da Republica são eleitos por 4 annos e tambem por suffragio directo. É eleitor todo o Brasileiro maior de 21 annos que se alistar na forma da lei.

Aos 20 Estados acima referidos accresce o chamado territorio do Acre, que pelo decreto n. 5188, de 7 de Abril de 1904, foi dividido em trez zonas ou departamentos administrativos com estas denominações : *Alto Acre*, *Alto Purús* e *Alto Juruá*. Cada um d'elles é administrado por um prefeito de nomeação do presidente da Republica, havendo em Manaus um delegado do Governo Federal para centro de informações e transmissão de ordens. Todo esse territorio constitue uma comarca com um juiz de direito e trez juizes de districto.

— Area, 8.525.055 kls. qs., comprehendida a permuta de territorios estipulada pelo recente tractado de Petropolis. —População (segundo o recenseamento de 1890) 14.333.915 hab.; presume-se que a actual não seja inferior a 18.000.000 e ha quem com boas razões a eleve a 21.000.000. Um estudioso de estatisticas faz os calculos seguintes a respeito da população :

Pharmacia LIMOUSIN, Paris

Inhalador d'oxygenio, Capsulas venifugas Limousin, Picho-lithinado Limousin

Ambulas hypodermicas Limousin, Vinho e Tintura de Condurango

A população do Brasil em 1906

	ESTADOS	AREA EM klms. QUADRADOS	POPULAÇÃO	HABTS. por KLM. Q.
1	Alagôas	58.491	937.920	16,03
2	Amazonas	1.897.020	288.000	0,15
3	Bahia	426.427	2.802.000	6,57
4	Ceará	104.250	1.200.000	11,41
5	Districto Federal	1.394	876.000	62,80
6	Espirito-Santo	44.839	241.920	5,39
7	Goyaz	747.311	408.000	0,54
8	Maranhão	459.884	792.000	1,72
9	Matto-Grosso	1.379.651	188.400	0,13
10	Minas-Geraes	574.885	5.132.880	8,05
11	Pará	1.149.712	782.880	0,69
12	Parahyba	74.731	716.200	9,59
13	Paraná	221.319	432.000	1,95
14	Pernambuco	128.395	2.507.400	19,50
15	Piauhy	301.797	510.000	1,68
16	Rio Grande do Norte	57.485	488.640	8,51
17	Rio Grande do Sul	236.553	1.620.000	6,84
18	Rio de Janeiro	68.972	1.560.000	22,60
19	Santa Catharina	74.156	486.960	6,86
20	São Paulo	290.876	3.024.000	10,39
21	Sergipe	39.090	540.000	13,81
	Total	8.337.218	25.534.200	3,85

Para o calculo do presente quadro servio de base o organisado pelo Dr. Antonio de Toledo Piza, para 1900, admittindo-se augmento de 20 o/o nos seis annos desde então decorridos, acrescimo correspondente á duplicação observada do numero de habitantes em trinta annos.

Limites. — Confina ao *Norte* com as Guianas Franceza, Hollandeza e Ingleza, e as republicas de Venezuela e Estados-Unidos da Colombia; a Oeste e SO. com as republicas do Perú, da Bolivia, do Paraguai e Argentina; ao S. com a Republica do Uruguai; a SE, E.e NE. com o Oceano Atlantico, tendo por pontos extremos:

Ao *Norte*, na serra Roruima, a nascente do rio Cotingo, aos 5° — 9′ — 40″ lat. N. e 17° — 34′ — 20″ long. O. do Obs. do Rio de Janeiro ou 60° 44′ — 41, 15 O. de Greenwich.

A *Leste*, Ponta de Pedras, na costa de Pernambuco, aos 7° — 37′ — 30″ lat. S. e 8° — 22′ — 01″,15 long. E. do Obs. do Rio-de-Janeiro ou 34° — 48′ — 02″ O. de Greenwich.

Ao *Sul*, a barra do arroio Chui, no Oceano Atlantico, aos 33° — 45′ — ″00 lat. S. e 10° — 21′ — 27″,10 long. O. do Obs. do Rio-de-Janeiro ou 53° — 31′ — 48″,25 O. de Greenwich.

A *Oeste* (actualmente) a nascente do Rio Jaquirana, aos 7° — 11′ — 48″,10 lat. S. e 30° — 37′ — 23″,35 long. O. do Obs. do Rio-de-Janeiro ou 73° — 47′ — 44″,50 O. de Greenwich, ponto commum ao Brasil, Perú e Bolivia.

A sua maior extensão entre os pontos terminaes, na linha *Norte-Sul*, é de 4.310 kilometros, e na linha *Este-Oeste* de 4.300 kilometros.

Aspecto physico, serras e chapadões. — A maior parte do paiz consta de um planalto de 300 a 1000 metros de altura, limitado ao N. e a O. pelas grandes depressões continentaes do Amazonas e do Paraguai, quasi unidas por meio do valle do Madeira e de seu tributario o Guaporé. Comprehende tambem parte do planalto da Guiana, a maior parte da depressão do Amazonas e a parte superior da do Paraguai. A estas quatro divisões ainda ha que junctar uma região maritima, que occupa uma estreita facha entre o Oceano e a beira oriental do grande planalto brasileiro.

Embora representem-n'o geralmente como montanhoso, o planalto brasileiro consta em grande parte de chapadões profundamente excavados pelos valles de numerosos rios. As verdadeiras montanhas, — as que são devidas ao soleva-mento — existem principalmente a Leste e no centro, e podem considerar-se como constituindo duas cadeias quasi separadas pelos altos chapadões da bacia do S. Francisco e da do Paraná.

A cadeia oriental ou maritima accompanha a costa do Atlantico a pequena distancia do littoral, desde as proximidades do cabo de S. Roque, e vai quasi até aos limites meridionaes do paiz.

A cadeia central ou goiana occupa uma parte do Sul de Goiaz, parte do Estado de Minas a Oeste do S. Francisco, e juncta-se á cadeia oriental por uma lom-bada transversal que se extende para Oeste atravez do Sul de Minas. Esta lom-bada transversal faz parte da grande divisoria das aguas do continente, exten-dendo-se na direcção E. O., e á qual geralmente chamam Serra das Vertentes, denominação impropria, porque uma parte consideravel da divisoria das aguas não é precisamente montanhosa.

As montanhas do systema oriental formam uma zona longa e comparativa-mente estreita, de cêrca de vinte leguas na sua maior largura, nos Estados ao Sul do Rio-de-Janeiro, de quatro ou cinco vezes mais no Sul de Minas-Geraes, de cincoenta ou sessenta leguas a Leste do rio S. Francisco.

Nos Estados do Paraná, S. Paulo, Rio-de-Janeiro, Espirito-Sancto e no S. E. de Minas-Geraes, onde esta cadeia chega ao seu maior desenvolvimento, ha duas divisões parallelas bem definidas : a serra do Mar e a serra da Mantiqueira, que se extendem de S. O. para N. E. Os pontos culminantes são : os picos dos Orgãos deante da bahia do Rio-de-Janeiro (2232 m.), na serra do Mar; e o Itatiaia (2994 m.), o mais elevado do Brasil, na serra da Mantiqueira, no angulo dos trez Estados do Rio-de-Janeiro, S. Paulo e Minas-Geraes.

Ao Norte do parallelo do Rio-de-Janeiro, a linha culminante da cadeia passa da serra da Mantiqueira, que continúa na direcção de N. E., para um ramal que, sob o nome de serra do Espinhaço, encaminha-se para o Norte ao longo da margem oriental da bacia do S. Francisco. Os pontos mais elevados d'esta serra

são os picos de Itacolumi (1750 m.), e Caraça (1955 m.), proximo a Ouro-Preto, Piedade (1787 m.) juncto a Sabará, e Itambé (1817 m.) na região de Diamantina. As montanhas d'esta cadeia oriental tornam-se mais baixas ao Norte e ao Sul dos Estados mencionados, e ao Norte do S. Francisco são representadas por pequenas serras e cabeços isolados.

A cadeia central ou goiana consta pelo menos de duas divisões distinctas : a das serras da Canastra e Matta da Corda, que se extendem em direcção geralmente septentrional desde as cabeceiras do S. Francisco até á margem meridional da bacia do grande affluente occidental, o Paracatú, e a das montanhas do Sul de Goiaz, que se extendem na direcção de N. E. entre as cabeceiras das bacias do Tocantins-Araguaia e do Paraná.

A primeira destaca-se da lombada mencionada, que da serra da Mantiqueira se extende atravez do Sul de Minas-Geraes. Seu ponto culminante é a serra da Canastra, onde nasce o S. Francisco, com a elevação de 1282 metros.

Da segunda ainda não se póde traçar com precisão nem a extensão, nem os limites, pois os conhecimentos que se possúem da geologia e topographia d'aquella região não permittem distinguir as verdadeiras montanhas, devidas a solevamento, das que são devidas á denudação de estratos horizontaes. E' assim impossivel estabelecer até que poncto as várias divisorias das aguas que irradiam de Goiaz devem classificar-se com as suas montanhas, e determinar si formam ou não um systema distincto.

(*Orv. Derby*).

Altitude das principaes montanhas do Brasil

	Metros
Ceará	
Serra Ibiapaba (ponto culminante)	1.020
Serra de Maranguape	920
Serra de Maruóca	850
Serra do Aratanha	780
Serrote do Joá	620
Parahiba	
Cordilheira de Borborema	264
Pernambuco	
Serra do Gigante	921
Serra de Garanhuns	845
Serra do Exú	631
Alagôas	
Garganta da serra do Olho de Agua de Paula	301
Jatobá	299
Sergipe	
Serra de Itabaiana	860
Bahia	
Morro de Commandatuba	600
Monte Paschoal	536
Cimo da Serra-Grande	500
Serra de Itiúba	436
Espirito-Sancto	
Serra de Itapemirim	2.100
Serra de Itabapoana	1.430
Morro Mestre-Alvares	980
Rio-de-Janeiro	
Serra dos Orgãos, Pedra Assú	2.232
Serra dos Orgãos, pico medido por Liais	2.011
Serra das Almas, trez Picos do Matheus	1.880
Frade de Macahé	1.750
Serra do Tinguá	1.650
Morro do Frade (Mambucaba)	1.640
Serra da Onça	1.400

	Metros
Districto federal	
Pico do Andarahi.	1.025
Pico do Corcovado	697
Paineiras (Corcovado).	464
Pão de Açucar.	385
Antiga Caixa da Carioca . . .	209
Minas-Geraes	
Itatiaia (Agulhas Negras). . . .	2.994
Itatiaia (Pyramides)	2.500
Pico do Passa-Quatro (Serra da Mantiqueira).	2.252
Serra do Caraça	1.955
Pico do Itambé.	1.817
Alto da serra da Piedade em Sabará.	1.787
Pico de Itacolomi (Ouro-Preto)	1.750
Pedra-Branca, juncto á cidade de Caldas	1.710
Pico de Itabira do Campo. . .	1.520
Morro da Moeda	1.455
Alto da Serra na estrada de Barbacena.	1.288
Serra do Ouro-Branco, ao Sul de Ouro-Preto	1.260
S. Paulo	
Serra do Macuco	1.400
Serra de S. Roque	900
Paraná	
Serra da Ribeira	1.000
Sancta-Catharina	
Serra do Mirador.	492
Rio-Grande do Sul	
Aceguá	621
Sancta-Tecla	573
Herval.	500
Sanct'Anna.	490
Matto-Grosso	
Serra de Maracajú	618
Nioac	220
Goiaz	
Chapada dos Veadeiros. . . .	1.678
Serra dos Pyreneus.	1.385
Serra da Tabatinga.	880

Rios principaes, com a sua extensão approximada:

Bacia do Amazonas

	Kms
Amazonas..	5.400
Madeira	3.240
Purús	3.000
Tocantins	2.640
Araguaia.	2.627
Tapajoz	1.992
Xingú	1.980
Juruá	1.980
Japurá.	1.848
Guaporé	1.716
Negro	1.551
Içá.	1.452
Jutahi	1.056
Teffé.	990
Javari	660
Coari	594
Branco.	560

Dous pobres foram presos na occasião em que um ia ao pello ao outro.

— Porque estava você dando pancadas neste pobre homem?

— Porque ha um mez eu ando a puxa-lo no carrinho e elle a fazer-se de aleijado; agora chegou a minha vez de andar de carro e elle não quer puxar-me.

Bacia do Rio da Prata

	Kms		Kms
Paraná	4.390	Iguassú	1.320
Paraguai	2.078	Tieté	1.122
Uruguai	1.650	Paranahiba	957
Grande (Minas)	1.353	Paranapanema	660

Bacia do S. Francisco

	Kms		Kms
S. Francisco (Liais)	2.900	Paracatú	627
Rio das Velhas (navegavel)	1.135	Preto (affl. do Paracatú)	528
Verde Grande (40 kms., navegavel)	792	Urucuia	501

Bacias secundarias

	Kms		Kms
Parnahiba (do Piauhi, navegavel até á foz do Canindé)	1.716	Gurupi	800
Itapicurú (do Maranhão)	1.650	Parahiba do Sul	792
Mearim (do Maranhão)	1.095	Pardo (Bahia)	792
Jequitinhonha	1.082	Rio de Contas (Bahia)	550
Doce	977	Vasa-Barris (Sergipe)	530
Canindé	858	Mucuri	528
		Paraguassú (Bahia)	520

Distancia em milhas do Rio-de-Janeiro a Manaus e Porto-Alegre

Para o Norte

	Milhas
Rio-de-Janeiro a Bahia	734
Bahia a Maceió	270
Maceió a Recife	120
Recife a Parahiba	70
Parahiba a Natal	78
Natal a Fortaleza	260
Fortaleza a S. Luiz	360
S. Luiz a Belém	250
Belém a Breves	146
Breves a Gurupá	123
Gurupá a Porto de Móz	48
Porto de Móz a Prainha	96
Prainha a Montalegre	41
Montalegre a Santarem	60
Santarem a Obidos	68
Obidos a Villa-Bella	95
Villa-Bella a Itacoatiara	137
Itacoatiara a Manaus	110

	Milhas
Rio-de-Janeiro a Bahia	734
Rio-de-Janeiro a Recife	1.124
Rio-de-Janeiro a Fortaleza	1.532
Rio-de-Janeiro a S. Luiz	1.892
Rio-de-Janeiro a Belém	2.142
Rio-de-Janeiro a Manaus	3.066

Para o Sul

Rio-de-Janeiro a Santos	202
Santos a Paranaguá	142
Paranaguá a Antonina	15
Antonina a S. Francisco	29
S. Francisco a Florianopolis	65

	Milhas
Florianopolis a Rio-Grande . .	349
Rio-Grande a Pelotas	27
Pelotas a Porto-Alegre	106
Rio-de-Janeiro a Santos. . . .	202
Rio-de-Janeiro a Paranaguá . .	344
Rio-de-Janeiro a Antonina . .	359
Rio-de-Janeiro a S. Francisco .	388
Rio-de-Janeiro a Florianopolis.	453
Rio-de-Janeiro a Rio-Grande. .	802
Rio-de-Janeiro a Pelotas. . . .	829
Rio-de-Janeiro a Porto-Alegre.	935
De Montevidéu a Cuiabá. . . .	2.091

População do Brasil em 1905.

Estados	Recenseamento de 1890.	População actual (Calculo T. Piza)
Amazonas	147.915 habs.	240.000 habs.
Pará	328.455 —	652.400 —
Maranhão	430.854 —	660.000 —
Piauhi	267.609 —	425.000 —
Ceará	805.687 —	1.000.000 —
Rio-Grande do Norte	268.273 —	407.200 —
Parahiba	457.232 —	596.000 —
Pernambuco	1.030.224 —	2.089.500 —
Alagôas	511.440 —	781.600 —
Sergipe	310.926 —	450.000 —
Bahia	1.919.802 —	2.335.000 —
Espirito-Sancto	135.997 —	201.600 —
Rio-de-Janeiro	876.884 —	1.300.000 —
Districto Federal	522.651 —	730.000 —
S. Paulo	1.384.753 —	2.520.000 —
Paraná	249.491 —	360.000 —
Sancta-Catharina	283.769 —	405.800 —
Rio-Grande do Sul	897.455 —	1.350.000 —
Minas-Geraes	3.184.099 —	4.277.400 —
Goiaz	227.572 —	340.000 —
Matto-Grosso	92.827 —	157.000 —
TOTAL.....	14.333.915 habs.	21.278.500 habs.

N. Conhecida, como é, a imperfeição do recenseamento de 1890, e computado em 2,5 % o augmento de população nos paizes novos, vê-se que o cálculo do dr. Toledo Piza deve exprimir mais ou menos a realidade.

Um viajante, indo jantar a um hotel, pára deante de uma linda pelle de urso, extendida no salão, e pergunta :

— A que animal pertence esta pelle ?

— A este seu criado, responde ancho e satisfeito o dono do hotel.

As Estações.

Verão..... de 21 de Dezembro a 20 de Março.
Outomno..... de 20 de Março a 21 de Junho.
Inverno..... de 21 de Junho a 23 de Septembro.
Primavera..... de 23 de Septembro a 21 de Dezembro.

A Hora no Brasil.

Quando na Capital Federal é meio-dia :

Differença de hora entre cidades do Brasil

	H.	M.	S.
Rio-de-Janeiro	12	0	0
Manaus.....	10	52	41
Belém.....	11	38	45
S. Luiz.....	11	55	34
Therezina	12	1	56
Fortaleza.....	12	18	29
Natal.....	12	31	28
Parahiba.....	12	33	16
Recife.....	12	33	7
Olinda	12	33	13
Maceió	12	29	51
Aracajú	12	24	12
S. Salvador.....	12	18	36
Victoria	12	11	34
Petropolis	12	0	0
Parahiba do Sul.....	11	58	30
Nicteroi	12	1	1
Campos	12	7	4
S. Paulo	11	46	8
Santos	11	47	25
Campinas.....	11	44	12
Amparo	11	45	16
Rio-Claro	11	42	4
Casa-Branca	11	43	36
Piracicaba	11	41	52
Sorocaba	11	42	48
Taubaté	11	50	20

	H.	M.	S.
Curitiba	11	34	52
Paranaguá.....	11	38	40
Antonina	11	37	24
Florianopolis	11	38	36
S. Francisco	11	38	0
Porto-Alegre	11	27	40
Pelotas.....	11	22	44
Rio-Grande	11	23	48
Bagé.....	11	15	56
Uruguaiana.....	11	4	36
Alegrete.....	11	9	8
Itaqui.....	11	6	52
Jaguarão	11	18	52
Livramento.....	11	10	36
S. Gabriel.....	11	14	28
Ouro-Preto	11	56	32
Barbacena	11	56	44
Juiz de Fóra.....	11	58	48
Leopoldina	11	58	20
S. João d'El-Rei	11	54	52
Campanha.....	11	51	8
Marianna.....	11	57	0
Uberaba.....	11	40	12
Goiaz.....	11	32	12
Cuiabá	11	8	16
Corumbá.....	11	2	8

— O desenvolvimento da viação ferrea já excede de 17.000 kilometros em trafego. A extensão das redes telegraphicas é de 25.000 kilometros com desenvolvimento que excede 47.000.

— Várias companhias de navegação fazem o serviço costeiro, umas subvencionadas pelo Estado, outras com recursos exclusivamente seus, a saber :

Lloyd Brasileiro, que mantem as seguintes :

Linhas de navegação. — Entre o Rio-de-Janeiro e Manaus, com escalas pelos

portos de Victoria, Bahia, Maceió, Pernambuco, Parahiba, Natal, Ceará, Maranhão, Pará, Obidos e Santarém.

Entre o Rio-de-Janeiro e Rosario de Sancta Fé, com escalas por Santos, Paranaguá, Antonina, S. Francisco, Itajahi, Florianopolis, Rio-Grande, Montevidéu, e Buenos-Aires.

Entre o Rio-de-Janeiro e Porto-Alegre, com escalas por Santos, Cananéa, Iguape, Paranaguá, Antonina, S. Francisco, Itajahi, Florianopolis, Rio-Grande e Pelotas.

Entre o Rio-de-Janeiro e Maceió, com escalas por Ponta d'Arêa, Caravellas, Bahia, Estancia, Aracajú e Penedo.

Entre o Rio-de-Janeiro e a Bahia, com escalas por Cabo-Frio, Itapemirim, Piuma, Benevente, Guarapari, Victoria, Sancta-Cruz (Espirito-Sancto), Barra e Cidade de S. Matheus, Viçosa, Caravellas, Alcobaça, Prado, Porto-Seguro, Sancta-Cruz (Bahia), Canavieiras e Ilhéos.

Entre o Rosario de Santa Fé e Cuiabá, com escalas por Paraná, La Paz, Goya, Bella Vista, Corrientes, Cerrito, Humaitá, Pilar, Villa Franca, Assumpção, Rosario, Conceição, Foz do Apa, Olympo, Coimbra, Albuquerque, e Corumbá.

Entre os portos de Sancta-Catharina.

Entre os portos da Bahia e entre o Rio-Grande e Porto-Alegre.

Existe mais uma linha especial para cargas entre o Rio-de-Janeiro, Porto-Alegre e o Pará.

Companhia Nacional de Navegação Costeira (do Rio-de-Janeiro a Pernambuco e a Porto-Alegre);

Empresa Esperança Maritima (do Rio-de-Janeiro a Macau e a Porto-Alegre,

Empresa de Navegação (do Rio a Caravellas).

Empresa de Sal e Navegação (Norte e Sul).

— As communicações maritimas internacionaes são feitas pelas seguintes companhias de paquetes:

Messageries Maritimes, Rio-de-Janeiro a Bordéus	5139	milhas
Transports Maritimes, — — a Marselha	5384	—
Chargeurs Réunis, de Santos ao Havre	5289	—
Royal Mail, do Rio a Southampton	5313	—
Pacific Steam Navigation, do Rio a Liverpool	5671	—
Liverpool-Brazil and River-Plate Steamers, do Rio-de-Janeiro a Liverpool	5671	—
Prince Line. de Santos a Nova-York	4146	—
La Veloce, do Rio a Genova	4991	—
Navigazione Generale Italiana, do Rio a Genova	4991	—
La Ligure Brasiliana (Santos-Genova).		
Hamburg-America Linie.		
Hamburg-Südamerikanische Dampfschifffahrts-Gesellschaft, de Santos a Hamburgo	5719	—
Robert M. Sloman et Cº (Hamburgo-Nova-York-Brasil).		
Norddeutscher Lloyd Bremen, de Porto-Alegre a Bremen	6673	—
Lloyd Austr. e Real Hung. Adria, de Santos a Trieste	6600	—

Os paquetes d'estas companhias fazem quasi todos escala por Bahia e Pernambuco, tocando alguns em Victoria e Maceió.

— Em 1904 a fôrça do exercito constava de 18.747 homens, sendo 2.863 officiaes e 15.884 praças.

O estado completo de todos os corpos elevaria este número a 28.160 praças com 2.012 officiaes.

O material da armada brasileira (frota de mar e flotilha de rios) em 1904 constava de :

5 encouraçados	10 avisos	5 torpedeiras
4 cruzadores	5 vapores auxiliares	1 hiate.
3 cruzadores-torpedeiros	1 rebocador	
6 navios-escola	1 caça-torpedeiras	

O quadro do pessoal de marinheiros nacionaes em 1904 comprehendia 3.014 praças; o corpo de infantaria de marinha tinha o effectivo de 465 homens; os officiaes combatentes eram em numero de 579.

— A costa do Brasil é provida de 80 pharoes e alguns pharoletes, cuja manutenção corre por conta do ministerio da marinha.

— A instrucção superior é dada nas Faculdades de Medicina do Rio-de-Janeiro e da Bahia, nas Faculdades de Direito de S. Paulo e do Recife, na Escola Polytechnica do Rio-de-Janeiro, na Escola de Minas de Ouro-Preto (estabelecimentos federaes) e nos seguintes institutos particulares ou estaduaes equiparados : Faculdade Livre de Direito e Faculdade Livre de Sciencias Juridicas e Sociaes (Rio-de-Janeiro), Faculdade Livre de Direito (Minas), Faculdade Livre de Direito e Escola Polytechnica (Bahia), Escola de Engenharia (Pernambuco), Faculdade de Medicina e Pharmacia e Escola de Engenharia (Porto-Alegre). Ha na capital uma Escola de Bellas-Artes, um Instituto Nacional de Musica, o Instituto Benjamin Constant (para educação dos cegos), o Instituto de Surdos-Mudos, a riquissima Bibliotheca Nacional (com 250.000 vols. impressos, cêrca de 50.000 mss., 3.200 cartas geographicas, mais de 100.000 estampas e 23.000 moedas e medalhas), que mantem o serviço de permutas internacionaes, o vasto Museu Nacional, o Archivo Publico, a Escola Naval, a Eschola Militar, um Observatorio Astronomico, um Jardim Botanico.

Em todos os Estados e no Districto Federal ha lyceus de instrucção secundaria mais ou menos modelados pelo Gymnasio Nacional do Rio-de-Janeiro, e nas sedes episcopaes existem seminarios. Os Estados e a Municipalidade da capital da União mantêm o ensino primario e escolas normaes.

Periodo presidencial dos Estados

5 ANNOS	4 ANNOS
Rio-Grande do Sul.	Rio-de-Janeiro. — Espirito-Sancto. — S. Paulo. — Paraná. — Sancta-Catharina. — Minas-Geraes. — Matto-Grosso.
4 ANNOS	3 ANNOS
Amazonas. — Pará. — Maranhão. — Piauhi. —Ceará. — Rio-Grande do Norte. — Parahiba. — Pernambuco. Bahia.	Alagôas. — Sergipe. — Goiaz.

O periodo presidencial da Republica é de 4 annos.

O Episcopado Brasileiro.

ARCEBISPOS

Metropolitano da *Bahia* e primaz do *Brasil*, dr. d. Jeronymo Thomé da Silva (1893).

Metropolitano do *Rio-de-Janeiro*, O cardeal dr. d. Joaquim de Arcoverde Cavalcanti d'Albuquerque (1897).

BISPOS

(SUFFRAGANEOS DA BAHIA)

Amazonas, dr. d. José Lourenço da Costa Aguiar (1893).

Santarem (Baixo-Amazonas), d. Frederico Costa (1905).

Pará, d. Francisco do Rego Maia (1893).

Maranhão, d. Antonio Xisto Albano (1901).

Ceará, d. Joaquim José Vieira (1883).

Parahiba, dr. d. Adaucto Aurelio de Miranda Henriques (1894).

Olinda, d. Luiz Raimundo da Silva Brito (1901).

Maceió, dr. d. Antonio Manuel de Castilho Brandão (1894).

Goiaz, dr. d. Eduardo Duarte Silva (1893).

(SUFFRAGANEOS DO RIO-DE-JANEIRO)

Victoria, d. Fernando de Sousa Monteiro (1901).

Petropolis, d. João Francisco Braga, (1902).

S. Paulo, d. José de Camargo Barros (1903).

Curitiba, d. Duarte Leopoldo (1904).

Rio-Grande do Sul, d. Claudio José Gonçalves Ponce de Leon (1881).

Marianna, d. Silverio Gomes Pimenta (1896).

Diamantina, d. João Antonio dos Santos (1863); d. Joaquim Silverio de Sousa, bispo coadjutor (1902).

Pouso-Alegre, d. João Baptista Corrêa Nery (1901).

Cuiabá, d. Carlos Luiz d'Amour (1877).

Importação e Exportação.

Informações mais completas e exactas sobre o movimento de importação no Brasil em 1902 deram o seguinte resultado :

MERCADORIAS	VALOR A BORDO, NO BRASIL		
	Total em mil réis papel	Total em mil. réis ouro (27 d.)	Porcentagem sobre o valor total
Resumo por classes			
Classe I.— Animaes vivos e dissecados	5.096:677$	2.239:584$	1,08
Classe II. — Materias primas e artigos com applicação ás artes e industrias.....	89.192:565$	39.168:872$	18,93
Classe III. — Artigos manufacturados	202.998:926$	89.185:639$	43,10
Classe IV. — Artigos destinados a alimentação e forragens.....	173.825:952$	76.334:065$	36,89
Total das mercadorias.....	471.114:120$	206.928:160$	
Classe V. — Especie metallica e notas de banco extrangeiras.....	19.848:825$	8.766:234$	
Total geral.....	490.962:945$	215.694:394$	

Quanto á exportação no mesmo anno, foi ella de 735.940:125$000.
No 1º semestre de 1903 o resumo averiguado foi o seguinte :

Importação :

CLASSES	VALOR A BORDO, NO BRASIL
	Mil réis, papel
	1903 (*1º semestre*)
Classe I. — Animaes vivos e dissecados.....	3.564:285$
Classe II. — Materias primas e artigos com applicação ás artes e industrias.....	41.893:574$
Classe III. — Artigos manufacturados.....	102.998:486$
Classe IV. — Artigos destinados á alimentação e forragens.....	82.944:565$
Total das mercadorias.....	231.400:910$
Classe V. — Especies metallicas e notas de banco, extrangeiras.....	7.964:239$
Total geral.....	239.365:149$

Exportação :

CLASSES	UNIDADE	VALOR A BORDO	
		Mil réis, papel	Mil réis, ouro
		1903	**1903**
Classe I. — Animaes e seus productos.....	—	23.051:743$	10.246:968$
Classe II. — Mineraes e seus productos.....	—	8.515:961$	3.786:915$
Classe III. — Vegetaes e seus productos.....	—	313.612:696$	138.166:928$
Total das mercadorias.....	—	345.180:400$	152.200:811$
Classe IV. — Moedas metallicas e notas de banco, extrangeiras.....	—	1.833:848$	805:075$
Total geral.....	—	347.014:248$	153.005:886$

Nos 52 portos da Republica o movimento de saïdas e entradas de navios a vapor e á vela foi o seguinte no 1º semestre do mesmo anno de 1903, por bandeiras e tonelagem :

Entradas :

Bandeiras	*Número*	*Ton.*
Brasileira.....	6.056	2.281.610
Allemã.....	388	898.877
Argentina.....	125	47.801
Austro-Hungara...	49	74.421
Belga.....	33	83.516
Chilena.....	1	3.151
Dinamarqueza.....	22	6.000
Franceza.....	168	356.949
Hespanhola.....	9	18.574
Hollandeza.....	8	7.437
Ingleza.....	818	1.651.530
Italiana.....	67	124.419
Norte-Americana..	14	12.656
Norueguense.....	77	52.001
Paraguaia.....	29	5.539
Portugueza.....	10	6.662
Russa.....	16	4.836
Sueca.....	17	11.229
Uruguaia.....	23	4.369
	7.930	5.651.577

Saïdas :

Bandeiras	*Número*	*Ton.*
Brasileira.....	6.039	5.646.508
Allemã.....	391	903.225
Argentina.....	122	44.600
Austro-Hungara...	49	77.669
Belga.....	31	76.643
Chilena.....	1	3.151
Dinamarqueza.....	23	6.341
Franceza.....	169	358.525
Hespanhola.....	10	19.003
Hollandeza.....	7	7.174
Ingleza.....	830	1.658.057
Italiana.....	66	124.420
Norte-Americana..	16	14.567
Norueguense.....	81	53.669
Paraguaia.....	29	5.539
Portugueza.....	13	8.541
Russa.....	20	6.194
Sueca.....	18	11.047
Uruguaia.....	23	4.369
	7.938	5.646.508

— No 1º semestre de 1904 o nosso commercio de exportação foi o seguinte em valores officiaes :

MERCADORIAS	1º SEM. — *1904*
Algodão.....	12.900:266$
Areia monazitica.....	827:753$
Assucar.....	492:654$
Bagas de mamona.....	283:098$
Borracha de mangabeira.....	1.308:071$
Borracha de maniçoba.....	3.750:599$
Borracha seringa.....	115.461:977$
Cacau.....	6.475:211$
Café.....	126.854:188$
Caroços de algodão.....	1.066:365$
Castanhas.....	2.056:857$
Cera de carnaúba.....	3.344:779$
Chifres.....	275:047$
Couros salgados.....	12.833:913$
Couros seccos.....	6.431:565$
Crina.....	379:788$
Extracto e caldo de carne.....	359:645$
Farello.....	862:643$
Somma.....	295.964:419$

Somma anterior...	295.964:419$
Farinha de mandioca	295:991$
Folhas, raizes e rezinas medicinaes	245:894$
Fructos e fructas	358:169$
Fumo	10.599:149$
Herva matte	8.138:222$
Ipecacuanha	93:977$
Lã	1.008:193$
Madeiras	909:803$
Manganez	2.743:476$
Metaes velhos	189:122$
Milho	80$
Ouro em barra	4.563:866$
Pedras preciosas	765:662$
Pelles	8.316:301$
Piaçava	455:565$
Diversas mercadorias	2.545:636$
Total de mercadorias	337.193:525$
Moedas metallicas	53:457$
Total	337.246:982$

— A renda das Alfandegas da União arrecadada no trimestre de Janeiro a Março de 1904 foi esta :

ALFANDEGAS	OURO	PAPEL
1. Manáos	584:731$	2.257:835$
2. Belém	1.226:162$	5.634:841$
3. Maranhão	237:209$	889:654$
4. Parnahiba	34:752$	210:359$
5. Fortaleza	230:985$	831:005$
6. Natal	5:921$	41:078$
7. Parahiba	90:259$	363:056$
8. Recife	890:852$	3.368:880$
9. Maceió	90:739$	349:985$
10. Penedo	1.104:000$	22:129$
11. Aracajú	31:838$	136:333$
12. Bahia	845:447$	3.344:976$
13. Victoria	25:685$	106:797$
14. Macahé	241$	25:006$
15. Rio-de-Janeiro	4.507:402$	13.272:246$
16. Santos	1.563:052$	5.535:189$
17. Paranaguá	69:207$	330:776$
18. Florianopolis	67:880$	251:302$
19. Rio-Grande	540:230$	2.762:798$
20. Porto-Alegre	331:244$	1.458:977$
21. Uruguaiana	40:191$	168:880$
22. Sanct'Anna do Livramento	1:214$	44:780$
23. Corumbá	49:505$	210:456$
Somma	11.465:850$	41.620:328$

Renda total arrecadada.....	53.086:178$
Idem idem em egual trimestre de 1903	50.779:030$
Differença para mais.....	2.307.148$

Receita e despesa federaes..

O balanço mais completo do anno de 1902 apresentou este resultado, que differe, para mais, do consignado no nosso *Almanaque* anterior :

	OURO	PAPEL
Receita	87.619:394$115	362.757:528$610
Despesa.....	36.163:453$355	236.079:665$633
Saldo.....	51.455:940$760	126.677:862$977

— A synopse do exercicio de 1903, sujeita ainda a verificações, offereceu os seguintes dados :

RECEITA

Ordinaria :

	OURO	PAPEL
Importação..	27.316:080$724	108.269:222$035
Entrada, saïda e estadia de navios.....	350:475$606	7:369$013
Addicionaes	$	154:884$143
Interior.....	732:628$946	60.589:766$222
Consumo.....	$	24.136:061$154
Exportação.....	$	348:996$095
Extraordinaria.....	424:141$549	5.901:199$151
	28.823:326$825	199.407:497$813

RENDA COM APPLICAÇÃO ESPECIAL :

Fundo de resgate do papel-moeda	$	2.534:481$974
— de garantia idem..	7.004:455$614	$
— de resgate de apolices	$	604:368$623
— para amortização dos emprestimos internos.....	$	69:481$557
— destinado ás obras de melhoramentos dos portos.....	1.248:067$494	11.665:822$200
	37.075:849$933	214.281:652$167
Importancia já escripturada.....		
— por escripturar e calculada proporcionalmente.....	8.474:818$461	37.989:637$628
	45.550:668$394	252.271:289$795
Depositos (liquido).....	18:275$705	14.192:242$390
	45.568:944$099	266.463:532$185

OPERAÇÕES DE CREDITO		
Permuta de apolices.....	8:000$000	600$000
	45.576:944$099	266.464:132$185
Saldo do exercicio de 1902, não liquidado.....	51.455:940$760	126.677:862$977
Total da Receita.....	97.032:884$859	393.141:995$162

DESPESA

	OURO	PAPEL
Ministerio da Justiça e Negocios Interiores.....	22:913$482	23.386:102$854
— das Relações Exteriores..	1.022:528$935	968:916$837
— da Marinha.....	87:862$220	24.924:960$558
— da Guerra.....	295:712$118	31.909:029$124
— da Industria, Viação e Obras Publicas.....	2.649:208$915	49.534:590$453
— da Fazenda.....	32.736:160$127	64.144:399$720
	36:814.385$797	194.867:999$546
Importancia já escripturada.....		
— por escripturar e calculada proporcionalmente.....	6.166:742$084	86.330:960$187
	42.981:127$881	281.198:950$733
OPERAÇÕES DE CREDITO		
Permuta de apolices.....	$	15:000$000
Compra de prata.....	211:086$217	$
Total da Despesa.....	43.192:214$098	281.213:959$733
Da comparação da receita, no total de.....	97.032:883$859	393.131:995$162
com a despesa, no de.....	43.192:214$098	281.213:959$733
resulta um saldo, sujeito ainda a modificações, que passou para 1904, na somma de.....	53.840:670$761	111.928:035$429

— No 1º semestre de 1904 a renda dos impostos de consumo em toda a Repupubica foi esta e assim discriminada :

	Registo	*Taxas*
Fumo.....	896:920$	2.117:545$
Bebidas.....	927:550$	2.109:457$
Phosphoros.....	238:330$	3.210:304$
Sal.....	28:470$	1.528:619$
Velas.....	29:550$	146:008$
Calçado.....	142:550$	569:179$
Somma.....		9.681:112$

Somma anterior...		9.681:112$
Perfumarias	83:210$	169:349$
Esp.-pharmaceuticas	74:910$	286:706$
Vinagre	6:960$	93:272$
Conservas	142:000$	420:294$
Cart. de jogar	2:740$	86:456$
Chapéus	64:540$	526:644$
Bengalas	6:600$	10:129$
Tecidos	575:390$	4.008:715$
Total	3.219:720$	15.282:677$

Os impostos de consumo produziram portanto uma renda de 18.502:397$ contra 14.660:499$ no 1º semestre de 1903, o que deu um augmento de 3.841:898$000.

A Divida

Divida activa da União :

Externa	24.717:660$374	(Rep. Uruguai).
—	135:718$980	(Rep. Paraguai).
Interna	18.051:318$614	(Est. da Bahia).
—	9.898:820$021	(Est. de Pernambuco).

Divida passiva (até 31 de Dezembro de 1903) :

Externa fundada..	£ 65.751.677-9-9.	
Interna fundada..	581.340:600$000	
Interna fluctuante.	230.036:586$705,	proveniente de :
Anterior a 1827.....	22:176$975	
Inscripta no Grande Livro.....	135:994$460	
Inscripta nos Livros Auxiliares	148:765$260	306:936$655
Lettras do Thesouro.....		17:500$000
Bens de defuntos e ausentes....		3.446:843$888
Cofre dos Orphãos.....		10.870:653$736
Depositos do Monte de Soccorro da Capital Federal.....		221:730$991
Depositos das Caixas Economicas		159.661:531$935
Depositos Publicos.....		4.778:587$740
Depositos de diversas origens...		50.732:801$600
		230.036:586$705

Caixas Economicas

Em 31 de Dezembro de 1903 o saldo dos depositos das Caixas Economicas existentes no paiz era de 159.661:531$935, segundo demonstra o seguinte quadro :

A agua do mar é tão poderoso remedio, que si constituisse um balneario não haveria negocio que se lhe comparasse, nem outra *Meca* onde concorressem mais peregrinos.

ESTADOS	ENTRADAS			
	SALDO DE 1901	1902	1903	SOMMA
Capital Federal..	39.916:944$142	8.236:175$986	6.700:000$000	54.853:120$128
Espirito-Sancto ..	1.520:655$365	352:567$746	213:140$014	2.086:363$154
Bahia.....	10.160:183$528	4.381:493$749	4.053:831$701	18.595:508$978
Sergipe.....	3.454:000$929	1.140:870$491	750:397$532	5.345:268$952
Alagôas	2.456:052$391	573:290$397	178:239$411	3.207:582$199
Pernambuco.....	15.000:351$631	4.409:800$750	5.640:624$010	25 050:776$391
Parahiba	1.277:720$906	245:132$011	693:809$106	2.216:662$023
Rio-Grande do Norte.	283:942$401	110:703$400	190:710$040	585:355$841
Ceará.....	3.240:483$298	1.028:914$829	1.412:017$374	5.681:415$501
Piauhi.....	1.127:521$387	333:166$751	61:953$899	1.522:642$037
Maranhão.....	6.957:109$504	2.158:812$815	2.032:089$851	11.148:012$070
Pará.....	4.620:303$664	1.129:903$653	1.643:877$828	7.394:085$145
Amazonas.....	2.923:564$955	1.656:740$500	1.992:213$000	6.572:518$455
S. Paulo.....	12.067:922$385	3.176:104$193	1.366:870$948	16.610:897$526
Paraná	1.197:871$412	576:775$690	955:718$880	2.730:365$982
Sancta-Catharina.	2.851:079$530	861:077$125	1.048:871$586	4.761:028$241
Rio-Grande do Sul	9.805:237$183	4.958:572$257	$	14.763:809$440
Minas-Geraes	1.033:369$008	354:922$311	$	1.388:291$319
Goiaz.....	2.168:816$830	418:983$737	490:068$937	3.077:869$504
Matto-Grosso	2.497:533$816	475:395$666	$	2.972:929$482
	124.560:661$165	36.579:404$057	29.424:434$146	190.564:502$368

ESTADOS	SAÏDAS			EXISTENTE
	1902	1903	SOMMA	
Capital Federal ..	420:000$000	1.480:000$000	1.900:000$000	52 953:120$128
Espirito-Sancto ..	173:686$379	146:398$200	320:084$579	1.766:278$575
Bahia.....	2.272:000$000	2.590:605$000	4.862:605$000	13.732:903$978
Sergipe.....	753:755$382	605:618$617	1.359:373$999	3.985:894$953
Alagôas.....	308:141$947	197:676$682	505:818$629	2.701:763$570
Pernambuco.....	3.708:318$780	3.170:457$090	6.878:775$870	18.172:000$521
Parahiba.....	198:484$823	254:979$187	453:464$010	1.763:198$013
Rio-Grande doNorte.	50:654$363	106:162$223	156:816$586	428:539$255
Ceará.....	405:703$649	494:343$168	900:047$417	4.781:368$084
Piauhi.....	210:013$366	80:188$490	290:201$856	1.232:440$181
Maranhão	862:342$544	1.234:088$676	2.096:431$220	9.051:580$850
Pará.....	936:088$928	703:300$990	1.639:389$918	5.754:695$227
Amazonas..	1.682:937$920	1.506:819$530	3.189:757$450	3.382:761$005
S. Paulo.....	837:000$000	1.317:000$000	1.974:000$000	14.636:897$526
Paraná	337:417$150	285:250$253	622:667$403	2.107:698$579
Sancta-Catharina.	399:565$944	385:903$990	785:469$934	3.975:558$307
Rio-Grande do Sul	1.282:581$233	$	1.282:581$233	13.481:228$207
Minas-Geraes.. .	320:814$000	$	320:814$000	1.067:477$319
Goiaz.....	304:416$000	249:664$300	554:080$700	2.523:788$804
Matto-Grosso	810:590$629	$	810:590$629	2.162:338$853
	16.274:513$437	14.628:456$996	30.902:970$433	159.661:531$935

Os algarismos relativos aos exercicios de 1902 e 1903 ainda estão sujeitos a liquidação.

ETHNOGRAPHIA SELVAGEM

Só com precaução podemos usar dos caracteres corporaes para a classificação ethnologica, isto é, apenas nos casos de coincidirem typos anthropologicos determinados com grupos linguisticamente connexos e tamben affins de sangue, como, por exemplo, podemos apural-os nos grandes povos isolados dos Bororós e dos Carayás, assim como nas nações gés do Brasil oriental. Ao contrario, devemos ter sempre em mente que tribus amplamente disseminadas de grupo linguistico igual como os Caraibas, os Aruaks e os Tupis, apresentam consideraveis variedades somaticas. Tambem peculiaridades de um meio igual dão cunho semelhante a povos de troncos differentes como é o caso dos habitantes do Puna nas Cordilheiras. Em todo o caso é anti-scientifico querer reunir em subraças tribus hecterogeneas, fundando-se em caracteres escolhidos arbitrariamente, como por exemplo, os indices cephalicos. Assim merece a mais aspera repulsa a tentativa de Denniker, seguida por Verneau e outros, de construir uma especie de pre-raça com os Fueguinos e Botocudos, Patagões e Bororós, levados por exterioridades somaticas superficiaes que nem sequer são incontestadas, — repulsa tanto mais necessaria quanto esta ameaça já passou para os compendios.

Uma orientação até certo ponto satisfactoria no enredo das innumeras pequenas tribus só se póde lograr baseado na linguistica. Em principio a unica difficuldade consiste no conhecimento deficiente destas linguas, de que apenas pequena parte está grammaticalmente elaborada, ao passo que para a maioria temos de nos contentar com vocabularios mais ou menos indigentes. Apurou-se, porém, que os vocabularios, desde que contenham uma série de *palavras-fio* (*Leitwoerter*), muito constantes conforme a experiencia, particularmente as designações das partes do corpo, tambem possuem consideravel força demonstrativa.

Muitas vezes ligações suspeitadas diante de escassas listas de palavras são mais tarde brilhantemente confirmadas quando sobrevem material mais abundante.

Em muitos casos o mero nome da tribu, quando é realmente indigena, já aponta o caminho direito. Assim, por exemplo, os nomes de tribus terminados em *oto* indicam sempre affinidade carahiba, e os que terminam em krin, kling, kleng affinidade gé.

Outro bom auxiliar exterior fornecem as tatuagens das tribus. Assim, por exemplo, a tatuagem peculiar do rosto, praticada entre os Apiacás do Tocantins, pertencentes ao grupo carahiba, encontrou-se tambem entre os chamados Araras do Madeira e do Xingú, de cuja lingua nada se sabia até modernamente Coudreau mostrar a identidade linguistica de ambas as tribus.

A nomenclatura das tribus sud-americanas andou até á éra moderna na maior confusão que se póde imaginar. Apenas de pequena parte dellas conhecemos os verdadeiros nomes indigenas, e quando isto se dá em geral não podem supplantar os nomes vulgares uma vez introduzidos. Não seria grande o mal se ao menos empregassem consistentemente as designações dadas pelos Europêos e não se reunissem sob o mesmo nome tribus ás vezes de todo heterogeneas. Quando tirados de linguas europêas taes nomes são muitas vezes designações arbitrarias e triviaes de certas particularidades externas dos indigenas. Assim chamavam de

Coroados as tribus que usavam de tonsura, *Lenguas* os que tinham o labio inferior perfurado, *Botocudos* os que traziam no labio ou nas orelhas um ornato semelhando batoque, *Orejones* eram sujeitos de longos lobulos auriculares pendentes, *Encabellados* os que usavam de cabello comprido. Depois que se ficou sabendo que os Carahibas comiam gente costumou-se chamar Carahibas todas as tribus que obedeciam a este costume. Em compensação parentes, mesmo tendo uma denominação commum, receberam designações diversas. Assim ha no Chaco tribus e hordas que apparecem na litteratura sob vinte nomes diversos.

Outra fonte de confusão fornecem os proprios nomes indios, especialmente quando se chamam muitas tribus com os nomes que lhes deram outros vizinhos, pertencentes talvez a familias de linguas inteiramente diversas. Além dos enganos habituaes, são registados nomes de mofa e alcunhas, e confundidas as designações de parentela e classe, especialmente os nomes de animaes totemicos, com os nomes herdados da tribu. Pela retraducção dos nomes em linguas européas, apparecem tribus com os nomes de animaes, como Araras, Gaviões, Caracará, Antas, etc. O que mais atrapalha, porém, é que deste modo a tribu extrangeira muitas vezes obtem uma designação pertencente a lingua inteiramente differente, dest'arte fingindo um parentesco de tribu que talvez não existe. Assim depois que no Brazil o tupy tornou-se lingua geral, vehiculo de communicações entre os brancos e os Indios, impuzeram nomes tupys a tribus que nada tinham de tupy. Deste modo tribus selvagens, allophylas e inimigas dos Tupuys foram reunidas sob a designação geral de Tapuias, isto é, inimigos, de modo que a Este da America do Sul dividio-se tudo nos dous grupos de Tupys e Tapuias.

Este modo summario de divisão conservou-se até muito pelo seculo XIX a dentro e salienta-se particularmente em Orbigny.

Mesmo Martius, que, formando o grupo gé, assentou a base de nova classificação, estava sob o peso da tupimania que ainda domina no Brasil, cousa analoga ao que foi entre nós a celtomania. Em sua obra ethnographica esforça-se a cada passo para explicar pelo tupy todas as especies de nomes de tribus, muitas vezes da maneira mais violenta, com as etymologias mais aventurosas, não raro de effeito comico. Todas as suas interpretações devem ser acolhidas sempre com a maxima desconfiança.

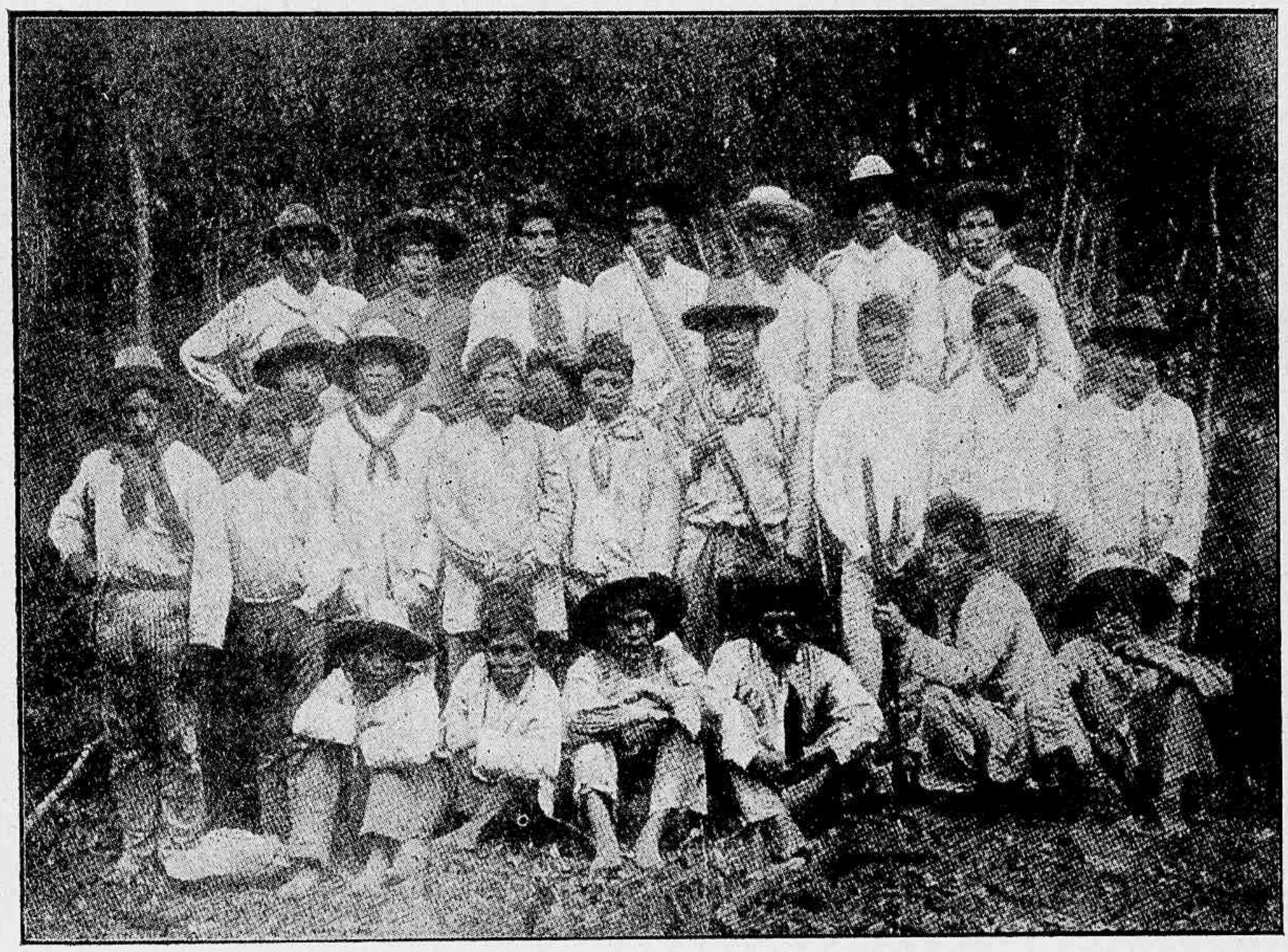
Em condições inteiramente semelhantes estão os nomes em outras partes do continente, como por exemplo no Perú oriental e no Ecuador e particularmente no Chaco, onde a confusão só em parte foi remediada nos ultimos annos. Dentre os innumeros nomes de tribus, transmittidos do periodo da conquista e da éra dos missionarios que se seguio, apenas pequena parte póde ser identificada com os nomes hodiernos. Grande numero é absolutamente fabuloso, como os Morcegos, de que faz menção Raleigh e particularmente os Acephalos, figurados ainda no seculo XVIII no Atlas de Lafitau. Os Pygmeus arboreos, desde muito tempo desmascarados, são verdadeiros macacos Coata. De resto ainda hoje domina geralmente a crença em taes tribus entre Indios e a população mestiça civilizada. Quantas tribus têm perecido desde o descobrimento nem approximadamente se póde estimar.

As *Beitraege zur Ethnographie* de Martius, de resto, contém uma boa collecção da maior parte dos nomes usados no Brasil e na Guiana desde os primeiros tempos; para o Orenoco é de importancia o *Festschrift* da Sociedade de Geographia de Hamburgo sobre as expedições dos Welser. Para toda a região amazonica Markham organizou em 1864 e 1893 um registo bastante deficiente.

Empregando expressões como povo e tribu, cumpre não esquecer que aqui nunca se chegou propriamente a uma formação de povos. Defrontamos antes por

toda a parte uma conjuncção de tribus e hordas, que ou existem inteiramente sem cohesão, ou apenas se unem occasionalmente para emprezas communs.

Entre as tribus infimas como os Botocudos e seus parentes Guahibo, Guayaki, Fueguinios, etc., as unidades politicas são apenas representadas por grãs-familias e parentela. Uma reunião de taes hordas e parentelas formando unidades organizadas de tribus, taes quaes conhecemos de maneira typica entre os Pelles vermelhas da America do Norte, parece só ter occorrido de modo muito excepcional, como entre os Goajiro, Araucanios e quiçá algumas tribus do Chaco. Em



Indios Guaranys.

compensação deparamos com frequencia communidades de aldeias, ligadas por nomes communs, desenhos de tatuagens, fórmas de ornato, signaes de proveniencia como em flechas e outras armas; em geral, porém, não possuem organização commum mais estreita, e muitas vezes são entre si inimigas, como os Ipurinã e outras tribus dos affluentes occidentaes do Amazonas, os Jivaro e muitas outras tribus do Chaco.

Por nomes como Carahibas, Aruaks, Tupis, Gés, entendemos tribus linguisticamente aparentadas cuja connexão foi primariamente apurada pela analyse scientifica. Podem ser referidos a um hypothetico povo primitivo, do mesmo modo que as chamadas tribus indo-germanicas do Velho Mundo.

Como taes tribus de igual familia linguistica estão muitas vezes dispersas por territorios enormes e suas linguas, graças ao isolamento ou a acções extranhas, muitas vezes apresentam grandes divergencias no vocabulario, em regra entre estas não se conservou a consciencia do parentesco.

Para Martius tem ainda valor o conceito de uma *colluvies gentium*, isto é, bandos aggregados de Indios de tribus differentes e linguas diversas, usando

entre si uma especie de giria. Formações destas em parte alguma se têm apurado com segurança, e caso tenham occorrido, devem ter sido phenomenos inteiramente ephemeros, provocados pela influencia de aventureiros brancos.

Quando muito poderia ser considerada tal uma nova formação, sem duvida ethnographicamente muito notavel: a dos quilombolas do Surinam, compostos de bandos organizados de negros fugidos com seu dialecto particular de trapos africanos, inglezes, hollandezes, francezes e indios.

Regiões ethnographicas. — Os grandes systemas fluviaes da America do Sul que determinaram a dispersão e encaminharam as migrações dos povos e tribus dão-nos tambem a primeira base para a repartição ethnographica. Póde-se assim distinguir tres grandes territorios como regiões ethnographicas.

A primeira e maior comprehende as bacias unidas do Amazonas e do Orenoco, que hydrographicamente formam uma unidade, com o planalto de Goyana que fica entre as duas. Ethnographicamente inclue tambem ao Norte as ilhas das Antilhas: para o Sul transpõem a divisora das aguas do planalto brasileiro, alcançando o rio Paraguay e o rio da Prata. Ao Sudoeste a linha lindeira atravessa a Bolivia por cerca de 16º Sul, determinada em sua parte essencial pelo Guaporé e pelo alto Mamoré.

A segunda região pega dahi até á ponta meridional do continente, abarcando todo o territorio situado á margem direita do Paraguay. O limite ethnographico para Oeste não coincide porém, como na primeira zona, com os Andes, que transgride no Chile meridional.

A terceira região é naturalmente constituida pela cadeia dos Andes e pelos planetas nelles incluidos ou a elles annexos. Só ao Sul, como fica dito, o linde ethnographico vai-se obliterando para o Oriente.

Cada uma destas zonas reparte-se numa porção de subdivisões ou provincias geographicas de caracteres ethnographicos especificos. Na primeira distinguimos os dous planaltos de Goyana e do Brasil, o valle do rio das Amazonas que demora entre ambos, a bacia do Orenoco, a baixada dos tributarios septentrionaes do Amazonas que ficam a Oeste do rio Negro, a baixada meridional do Amazonas e Oeste do Madeira, na qual por sua vez as bacias do Juruá e do Purús constituem uma subdivisão particular.

A segunda zona reparte-se de Norte para o Sul no chamado Grão Chaco de Guaporé ao rio Salado, na planicie dos Pampas até o rio Negro, no planalto patagonico até á terra do Fogo.

Na região andina, terceira zona, a membração ethnographica é determinada pelos tres circulos de cultura dos povos Chibcha, Kechua e Kolya (Aymará). As relações primitivas foram naturalmente transformadas pela absorpção gradual da maioria das tribus naturaes. Como tambem a antiquissima cultura dos Kolia, do mesmo modo que a dos Chimu, abrolhou nas costas do imperio incasico dos Kechua, na pratica só se póde fallar de um circulo de cultura da Colombia e de um circulo de cultura do Perú; este inclue tambem Ecuador e Bolivia.

Como cada um destes territorios menores inclue dentro de limites bastante claros seus grupos caracteristicos de tribus, poderiamos realizar o agrupamento ethnographico guiados unicamente por pontos de vista geographicos, se alguns povos, deixando suas sédes primitivas, se não houveram derramado pelos territorios vizinhos, alcançando até recantos muito afastados. Assim encontramos seus troços insertos entre tribus de outra especie inteiramente diversa, muitas vezes rodeados como ilhas de povos allophylos, com que então entraram em uma cultura commum.

Isto se dá principalmente com tribus que constituem as grandes familias lin-

guisticas dos Tupis, Aruaks e Carahibas, que por isso teremos de considerar separadamente das outras.

Tupi-Guarany — Esta familia abarca as tribus historicamente mais importantes do Brasil e do Paraguay, sendo agora representadas de modo consideravel na Bolivia e na Guiana. Já no primeiro periodo do descobrimento foram mencionados e descriptos com grande frequencia. As relações classicas de Hans Staden, Léry e Thevet no seculo XVI, assim como a de Yves d'Evreux, no seculo XVII, são com vantagem as melhores descripções ethnographicas daquelle periodo.

Tribus tupis occupavam então toda a costa brasileira desde a latitude de 30º Sul até o baixo Amazonas. Viviam em grandes aldeias fortificadas; exerciam, além da caça e pesca, uma agricultura não insignificante, e nas costas da Bahia e do Maranhão praticavam até a navegação. Eram ao mesmo tempo cannibaes guerreiros, envoltos em continuas lutas de tribus.

Mais pacificos e de costumes mais brandos eram seus companheiros de tribus ao Sul do Brasil e no Paraguay, os Guaranis, entre os quaes primeiramente começou a obra das missões. No Paraguay têm continuado até hoje em massas compactas, guardando sua lingua, muito corrompida embora; os restos dos Tupis orientaes (Tupinambá, Lupinikin, Tupinaé e Caheté) levam vida de pobres pescadores em aldeias dispersas pela costa desde Espirito Santo até o Maranhão.

A lingua tupi-guarani, o *abañeenga*, primeiro e do modo mais completo elaborada pelos missionarios, cujos ambos dialectos apenas apresentam pequenas differenças, tornou-se com o tempo vehiculo geral de communicações entre brancos e indios e entre os proprios indios, para o que concorreram essencialmente as correrias dos chamados Mamelucos ou Paulistas no seculo XVII.

Assim formou-se paulatinamente uma giria simplificada, a chamada lingua geral. Fóra do Paraguay é usada ainda hoje no rio das Amazonas, entre a população india meio-civilisada alli existente, composta de gente procedente das missões dissolvidas ha cem annos, originaria das tribus mais variadas.

A ampla divulgação deste idioma concorreu em primeira linha para a idéa erronea, mas geralmente dominante no Brasil, de que os Tupis ainda hoje formam a principal massa das tribus indigenas, idéa de que foram dominados quasi todos os primeiros viajantes, especialmente Orbigny e em parte tambem ainda Martius.

Ficou provado que a idéa é insustentavel; entretanto verificou-se a existencia de alguns povos de lingua tupi bastante pura no interior do Brasil, como os Apiacá no alto Tapajoz, os Camayurá descobertos em 1887 nas cabeceiras do Xingú, os Tapirapé de Goyaz, os Tembé no interior do Estado do Pará, os Guajajaras do Maranhão e Piauhy a Oeste do Tocantins.

Além dos limites do Brasil pertencem a estes : na Guayana oriental os Oyampi e Emerillon e Trio, na fronteira peruana oriental, os Omagua ou Cambeba, no Solimões, os Cocamas; na Bolivia oriental, nas cabeceiras dos affluentes do Madeira, os Guarayo e Tapu, em parte inteiramente selvagens ainda, e os Chiriguano que em parte se conservam ainda independentes, mas já são accessiveis ás missões : sobre estas tribus, dentre os novos trabalhos são importantes os do Dr. Domenico Campana. No Paraguay oriental e no baixo e médio Paraná devem chamar-se Tupys puros os Caingua ou Cayua, conhecidos com mais exactidão graças a Ambrosetti, e os Apitere descobertos recentemente.

Além destes chamados Tupis puros devemos arrolar entre os Tupis uma porção de tribus maiores do interior do Brasil por causa de seu parentesco linguistico, e cujos idiomas devem ser considerados linguas irmãs independentes. A

estes pertencem os bellicosos Mandurucú e Mauhé no Tapajoz, os Yuruna e seus parentes Mani-Sauá no médio Xingú e os Auctê, nas cabeceiras do Xingú.

Interesse consideravel despertou recentemente a descoberta ou redescoberta da antiquissima tribu dos Guaiaki, caçadores que em plena idade de pedra habitam as florestas ao Sueste do Paraguay, cuja lingua, até onde se tem podido apural-a até agora, é dialecto guarani bastante puro. Teriamos assim Tupisguarani no estado natural primitivo: a isto oppõe-se o testemunho dos missionarios, conservado em Hervas, do tempo em que os Guayaki estavam em contacto mais frequente com os brancos: diz-se ahi expressamente que sua lingua differe do Guarani, mas muitos guaranis fugidos das missões aggregaram-se áquelles selvagens nas mattas. Com isto concordaria o facto que todos os vocabularios até aqui reunidos contêm palavras inexplicaveis pelo guarani.

Defrontamos aqui talvez um daquelles casos notaveis de mudança de lingua, que tambem por vezes encontramos alhures, onde tribus infimas ficam rodeadas de outras superiores em desenvolvimento. Assim por exemplo os Veddah de Ceylão fallam um singhalez deturpado, os Pygmêos africanos a lingua de seus vizinhos, os Negritos de Luzon o tagalo, embora pertençam a raça inteiramente outra. Tambem o haver social dos Guayaky concorda muito com o das tribus inferiores do littoral. E' principalmente notavel a falta de rêde para dormir e a fórma das flechas. O estado actual da questão dos Guayaki foi criticamente investigado por Vogt e Koch (Z. f. Ethn, 34, p. 30 e seg., 1902).

A distribuição singularmente salteada dos Tupis está indicando vastas migrações que radiam quasi em fórma de leque de um centro de dispersão.

Taes migrações parecem ter occorrido não só na éra precolumbiana como ainda até pelo seculo XVII a dentro. Os Portuguezes repelliram as tribus costeiras cada vez mais para o Norte, onde do sertão estavam de posse as tribus Gés, mais bellicosas e numericamente mais fortes; os Hespanhoes por sua vez em suas expedições pelo Paraguay acima foram empurrando os povos guaranis cada vez mais para Noroeste, para o actual territorio boliviano. Séde primitiva dos Tupi parecem ter sido as terras situadas entre o medio Paraná e o alto Paraguay. Já na éra prehistorica uma corrente alastrou desde o Sul do Brasil pela costa até o Amazonas e mais tarde penetrou mesmo na Guiana oriental.

A occupação do baixo Amazonas parece só ter se dado em época posterior, pois o fidedigno Acuña, em sua famosa viagem com Teixeira em 1637, diz que achou a ilha de Tupinambarana habitada por povos tupis, que para aqui emigraram do Maranhão, não havia muito tempo, para escapar das oppressões dos Portuguezes.

A linha occidental de distribuição dos Tupis é dada pelas tribus bolivianas deste grupo, os Chiriguano e Guarayo, talvez tambem pelos Omaguas.

Martius pende a identificar os ultimos com a tribu do mesmo nome, muitas vezes mencionada em tempo mais antigo, ao norte de Jujuhy na fronteira boliviana, e admitte que tambem elles fugindo dos Hespanhóes attrahiram as tribus peruanas orientaes para o rio Solimões. Talvez, porém, estes Omaguas do Sul sejam povo inteiramente diverso. Com bons fundamentos Brinton impugnou sua filiação ao grupo Kechua, com o que concordam tambem os dados antigos relativos á sua cultura. Em todo caso existe a possibilidade de mudança de nome, pois tambem são confundidos os Omagua septentrionaes com os Umaua do alto Japurá. Waitz suspeita são os Amahuaca pertencentes ao grupo dos Panos, mas apezar disto podem ter recebido influxo peruano.

Terceiro caminho foi o Tapajoz, onde, além dos Apiacá *puros*, conhecemos os Mundrucú e Mauhé como principaes representantes dos Tupis *impuros*. Pro-

vavelmente são apenas seus parentes no médio Xingú, misturados com elementos estranhos, o galho que mais cedo se separou, cujas linguas se desenvolveram de modo particular e independente.

Que o Xingú fosse caminho de migrações é inverosimil, pois uma das principaes tribus deste grupo, os Yuruna, vai subindo o rio, sem nada saber das tribus que vivem lá em cima, de que estão separados por caxoeiras difficeis. Por outro lado, como se póde demonstrar, ha seculos que aqui estão segregadas as tribus das cabeceiras do Xingú. Os Manitsauá desta região, sem duvida, são parentes dos Yurunas, mas apresentam relações claras com as tribus dos Tapajoz pelo facto de possuirem cachorros.

Parece, pois, que sendo o Tapajoz a via propria de distribuição para o Norte, começou mais tarde uma remigração Xingú acima, que ainda agora não está terminada.

Dos Tapirapé, situados no rio de igual nome, affluente do Araguaya, conhecidos só por informações, não se póde agora dizer se estão em relação com os Tupis orientaes ou com os do centro. E' possivel que viessem ter aqui avulsos, procedentes do Pará ou Maranhão.

Como os antigos Tupis costumavam guardar seus mortos em possantes urnas de lavor tosco, chamadas *igaçauas*, os achados desta ordem são um bom auxiliar para determinar-se a distribuição antiga destas tribus.

Com mais frequencia apparecem no Estado de S. Paulo, em todo o littoral, no baixo Amazonas e no Paraguay. Modernamente foram tambem patenteadas nas cabeceiras do Xingú.

Das linguas do grupo tupi conhecemos com exactidão apenas os dous dialectos principaes, segundo o material dos missionarios do seculo XVI ao seculo XVII, em cuja reimpressão, como é sabido, Platzmann, recentemente finado, conquistou merito immortal. Os autores mais importantes são para o tupi oriental Anchieta, para o guarany Montoya e Restivo. A elaboração scientifica mais importante deve-se a Baptista Caetano de Almeida Nogueira (*Ann. da Bib. Nac. do Rio*, vols. 6 e 7).

Para a lingua geral Barbosa Rodrigues principalmente tem trazido contribuições preciosas; faltam, porém, de todo investigações dos dialectos dos Tupis selvagens, ainda intactos.

Aruaks. — Tribus desta familia foram as que os primeiros descobridores encontraram nas ilhas Lucayas e nas grandes Antilhas. De sua lingua, o Taino, passaram para as linguas européas numerosas palavras designativas de productos naturaes e utensilios, como *tabaco*, *hamaca*, *kanaua*, *mahis*.

Taes palavras pódem-se em parte acompanhar muito pelo continente sul-americano a dentro, e são importantes para se conhecer as distribuições das plantas cultivadas e a influencia aruak em geral.

Das pequenas Antilhas que occuparam na éra precolombiana, foram gradualmente rechaçados por Carahibas salteadores. Chamavam-se aqui Allouages; os restos que se conservaram independentes nas serras eram denominados Inyeri.

Como os Tupis os Aruaks do continente andam tambem derramados por espaço enorme. Sua patria primitiva deve ser procurada no Orenoco, na baixada venezuelana e na Guiana septentrional, onde estão ainda hoje representados por numerosas tribus. Na região do Orenoco as mais importantes são os Maipure do curso medio; os Piapoco e Baniva na Guaviare, os Baré no Caura, os Mitua no Imrida, os Yavitero no Atabapo, os Achagua no rio Meta, outr'ora mencionados com frequencia e agora quasi extinctos.

Conhecemo-los principalmente pelas informações antigas dos missionarios,

dentre as quaes as de Gumilla e P. Gilij têm valor classico. Informações mais modernas deu Chaffanjon, *L'Orénoque et Caura*, Paris, 1889.

Na Guiana os missionarios moravios descreveram aprofundadamente os Aruaks do Surinam e investigaram sua lingua. O trabalho mais moderno contendo muitos pormenores desconhecidos sobre os Aruak já meio civilizados da costa foi publicado por Van Coll nos *Bijdr. to taal land en Volkenkunde van Neerl Indie*, em 1903.

As tribus aruaks do interior, quasi independentes, Atorai, Taruma e outras, ficaram conhecidas graças aos irmãos Schomburg e E. Im Thurm.

Acompanhando a costa, as tribus aruaks estenderam-se até á embocadura do Amazonas, onde não ha muito que se extinguiram os Aruãs da ilha de Marajó. Os restos magnificos de antiga ceramica, encontrados aqui e modernamente tambem na costa septentrional (região de Cuyuni) devem ser a elles referidos. Chronologicamente importante é a occurrencia das chamadas perolas de Aggri, artigo importado depois do descobrimento, que se tem achado nas excavações.

A avançada mais norte-occidental desta familia formam os Goajiro ainda independentes, na peninsula do mesmo nome, unica tribu sul-americana que transformou-se em pastores meio nomades de rezes. A melhor descripção recente desta tribu interessante deve-se a Candelier, *Rio Hacha*, Paris, 1893; as communicações de Brettes no *Tour du monde* devem ser tomadas com cautela.

O caminho dos Aruaks para o médio Amazonas é assignalado pelos Baniva no alto e pelos quasi extinctos Manaos no baixo rio Negro, sobre cuja lingua Brinton descobrio materiaes. Daqui póde-se acompanhar uma larga cafila de tribus aruaks, que penetra para Sudoeste pelos rios Purús e Juruá até as Cordilheiras.

As tribus mais importantes do Purús são os Paumari, Yamamadi e os Ipuruã, divididos numa porção de tribus — Maneteniri, Catiana, Cannamari, Canawari, etc. — que se estendem muito pelo territorio do Acre.

No Juruá habitam os Arauna mais apparentados aos Paumari, e os Catoquina, que apresentam forte influencia tupi e talvez com elles se misturaram; na fronteira peruana seguem-se no Huállaga e no Ucayali os Anta ou Campa, tambem chamados Machiganga, assim como os Chontaquiro ou Piro, agora insignificantes.

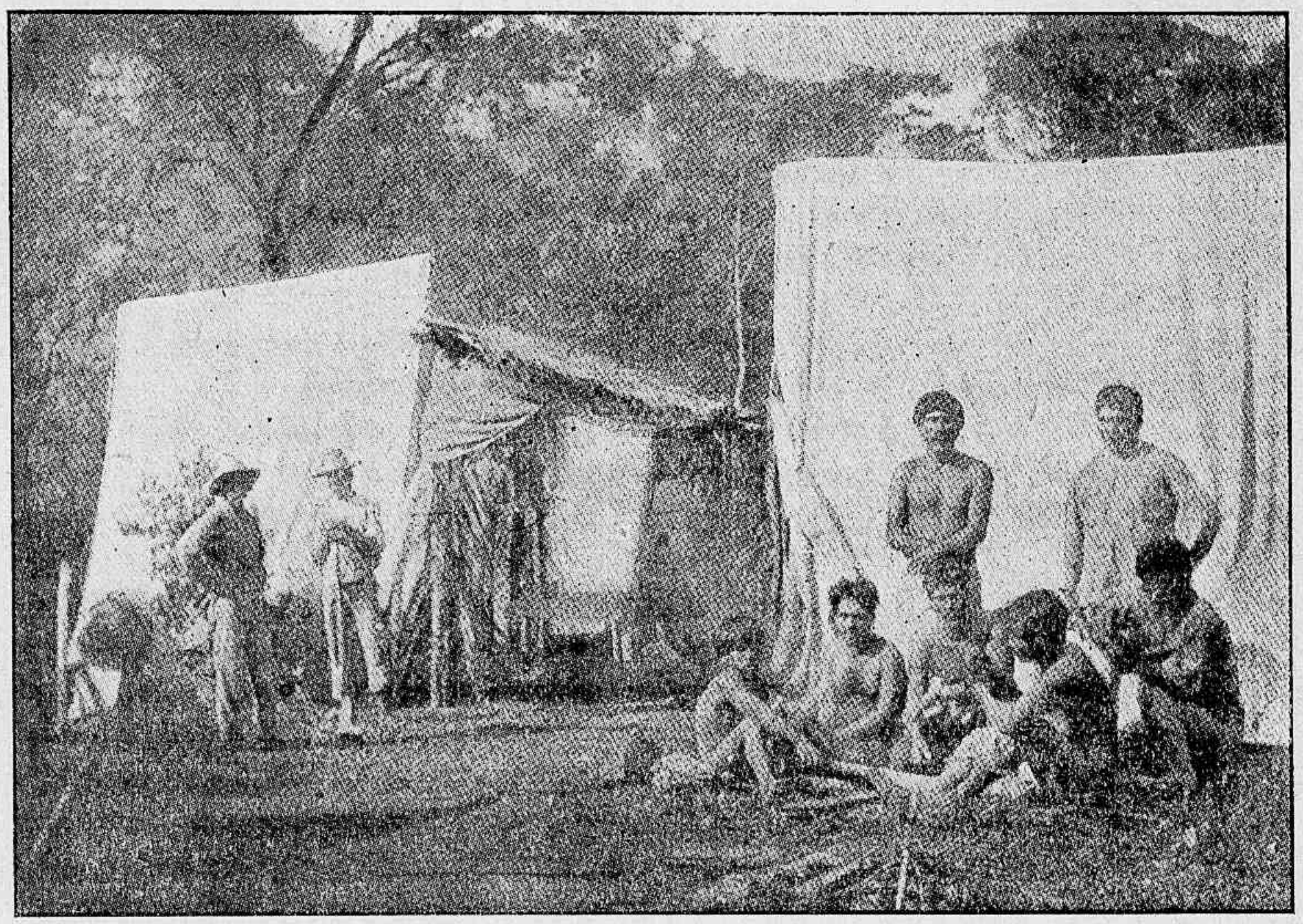
Na Bolivia os mais importantes são os Moxo ou Musu e Baure, agora meio civilizados, sobre os quaes possuimos excellentes noticias antigas, principalmente do Eder. Em Matto Grosso finalmente os Parecis, na região do Diamantino, formam o membro ha mais tempo conhecido desta familia. Entre elles conservou-se a tradicção de uma immigração vinda das terras do Norte. Bastante isolados têm-se conservado nas cabeceiras do Xingú os Mehinaku, Kustenaú, Xaulapiti e Waura, descobertos pelas expedições allemãs áquelle rio; sobre elles informa aprofundadamente Carlos von den Steinen. A avançada mais meridional dos Aruaks formam no alto Paraguay os Guanás, Tereno e Layano que receberam multiplos influxos por parte dos visinhos Guaycurus. (Communicações recentes de M. Schmidt, *Z. f. E.*, 33, p. 336 e seg., 1903.)

Tambem o grupo aruak apresenta uma serie de tribus, cujas linguas mostram divergencias consideraveis do caracter das tribus restantes desta familia. São os Jumana, Passé, Uainuma, Cauixana, primeiramente descriptos por Martius, todos na região do baixo Iça ou Japurá, sobre os quaes não existem informes mais recentes.

O desenvolvimento cultural dos Aruaks varia muito.

Na éra antiga attingio a culminancia nas grandes Antilhas, onde, além das rela-

ções dos primeiros descobridores, numerosos achados archeologicos revelaram notaveis esculpturas em pedra. Estas, do mesmo modo que as idéas religiosas relativamente desenvolvidas dos Taino, indicam influencias exercidas pelas culturas central-americanas. Sua rigida organização politica sob caciques politicos lembra quasi as condições da Polynesia. Tambem os Aruaks septentrionaes do continente occupam uma posição cultural bastante elevada ainda, pois industrialmente sobrelevam a seus contemporaneos. Foram provavelmente os inventores da rêde de dormir, os principaes propagadores do cultivo do tabaco e do milho,



Guaranys visitando um Acampamento.

assignalaram-se na olaria, que em varios pontos, como na embocadura do Amazonas, assumio desenvolvimento extraordinario, verdadeiramente artistico; por toda parte os Aruaks apparecem como votarios da arte ceramica, cujos productos viajaram de tribu a tribu como artigos commerciaes e levaram outras nações a imital-os.

Em estadio bastante primitivo quedaram ao contrario as tribus que mais se internaram pelas solidões da Amazonia occidental, no Purús, no Juruá, no Ucayale, os Ipurinã, Yamamadi, Paumari e Arauna, que em sua segregação não passaram do estado de infimos caçadores e pescadores com pequena agricultura. Entre elles os Paumari e Arauna apresentam por sua vez um typo singular, pois levam vida de puros pescadores, alimentando-se principalmente de tartarugas e jacarés, morando em balsas nas lagoas que acompanham os rios.

Os Aruaks do Perú oriental, como os Anti (Campa) e seus parentes foram em compensação indubitavelmente influenciados pela cultura incasica. Observaram até uma metallurgia grosseira, que pela acção dos brancos se estendeu até á arte de fundir ferro.

De modo em tudo divergente os Goajiros tornaram-se ao Norte um povo pas-

toril criador de rezes, e assim lograram ao mesmo tempo organisação politica mais firme, que tem concorrido essencialmente para a conservação de sua independencia.

Grammaticalmente são conhecidas até agora as seguintes linguas aruaks : Arnak de Guayana, Baure, Moxo, Anti, Manao, Goajiro e Ipurinã.

Carahibas. — Já ao descobrirem-se as grandes Antilhas constaram aos Hespanhóes as correrias dos Carahibas cannibaes, Calina, Callinago, como a si proprios chamavam, que desde as costas do continente e das pequenas Antilhas, onde aniquilaram ou submetteram os indigenas aruaks, talaram as outras ilhas do archipelago. Visavam principalmente ao rapto das mulheres, por terem ficado no continente a maior parte das suas mulheres. As Aruaks raptadas conservaram sua lingua vernacula, de modo que em suas ilhas Martinica, Guadalupe e Dominica houve completo dualismo linguistico, oppondo-se aos homens que fallavam carahiba as mulheres que fallavam aruak. Não se trata, pois, aqui de mera variedade dialectal, como entre algumas tribus sul-americanas, Carayas, Chiquito, Guaycurú, Carahybas e suas linguas são bem conhecidas, graças aos missionarios francezes do seculo XVII, Rochefort, Bréton, Labat, du Tertre; esvahem-se, porém, com a colonisação crescente durante o seculo XVII. Onde mais tempo se conservaram com forte mistura de negros foi nas ilhas Dominica e S. Vicente, donde os Inglezes transportaram a maior partes de seus restos para a costa de Belise. Sobre estes « Carahibas negros » fez Sapper interessantes communicações no *Int. Archiv fuer Elhn* 10, 1897, e no vol. 84, n. 24 do *Globus*.

Estes Carahibas insulares não vieram, como mais tarde se affirmou simplesmente, da Florida, ao Norte, mas sim do continente sul-americano, onde ainda hoje assistem em grande numero os seus parentes. Angariados desde muito cedo pelas missões, os Carahibas da Venezuela septentrional, Chayma, Cumanagoto, Tamanaco, foram por isso extinctos ou incorporados na população moderna, ao passo que ficaram até certo ponto independentes nas Guayanas britannica e franceza. Suas tribus mais importantes são os Galibis, Caribisi, na Guiana franceza, os Macuxi, Acawoio, Ipurukoto, Arekuna ou Arekuyana na parte britannica daquella região, mas alcançando tambem Venezuela e o Brasil. Na Guiana propriamente brasileira, ao Sul de Tumuc-Humac, nos affluentes septentrionaes do baixo Amazonas, habitam os Recuyennes, corrupção provavel de Arukuyana, primeiramente descriptos por Crevaux, e os Apalai; desde os rios Paru e Jary a Oeste delles, no alto Trombetas e no Jamundá, assistem os Pianokoto, visitados por Coudreau, provavelmente emigrados da Guiana septentrional para aqui em éra moderna. No alto rio Branco seguem-se os Marikitaré, e finalmente os Kirichaná ou Jauaperi no affiuente deste nome, que desagua no rio Negro. Até o começo da éra de 80 do seculo XIX viviam estes na idade de pedra, mostrando-se hostis aos moradores; porém, graças a Barbosa Rodrigues em 1884, entabolaram-se relações mais amistosas. A descripção deste autor em sua obra *Pacificação dos Crichanás*, é tambem fonte importante para outras tribus desta região, sobre a qual depois não têm havido mais descripções exactas.

A questão da séde primitiva e do centro de sua dispersão só modernamente foi levada á solução até certo ponto satisfactoria, graças á descoberta de grande população carahiba ao Sul do Amazonas, nas comarcas centraes do continente. Já Martius derivara do Sul os Carahibas; punha-os, porém, em connexão estreita com os Tupis orientaes, procurando demonstral-a com etymologias inteiramente falhas, principalmente interpretações de nomes. Cada nome de tribu contendo as syllabas *kar*, *kari*, *kara* parecia-lhe indicar afinidade carahiba. Mais tarde,

com melhores fundamentos linguisticos, Lucien Adam procurou ao Sul do Amazonas os parentes dos Carahihas das Guianas : alli já os Pimenteira do Piauhy e os Palmella do Mato Grosso occidental accusavam claramente sua filição a esta familia.

Mais tarde, as duas primeiras expedições allemãs ao Xingú, chefiadas por C. von den Steinen, tiveram a felicidade de averiguar outras tribus carahibas nas cabeceiras deste rio e nas do Paranatinga, os Bacaeris e os Nahuqua, achados ainda no primitivo estado precolombiano : a lingua e as tradicções dos Bacaeris foram estudadas aturadamente. Apurou-se de tudo que antigamente assistiam mais ao norte, approximadamente entre 9º e 12º S. no Xingú e no Paranatinga e descendo o rio paro o Norte foram procurar seus avós. Os Nahuqua, cuja massa principal não demora no Culiseu, onde primeiro foram descobertos, mas em seu affluente oriental, o Culnene, foram mais tarde, em 1896, visitados e estudados pela Dr. Herrmann Meyer : faltam ainda informações mais precizas sobre o assumpto.

De resto, descobriram-se os membros intermedios que ligam os Carahybas do Sul aos do Norte. Primeiramente eu proprio consegui em minha viagem de Tocantins, em 1888, estabelecer que não se devem os Apiacá, chamados tambem Apingui por alguns, estabelecidos na margem esquerda do baixo Tocantins, confundir com os Tupis de igual nome, habitantes do alto Tapajoz; os Apiacá do Tocantins são linguisticamente muito proximos dos Bacaeri e só no meiado do seculo XIX, repellidos do territorio do Xingú pelos Suyá, emigraram rumo do Nordeste para o Tocantins.

Depois H. Meyer demonstrou a identidade destes Apiacá com uma tribu até então desconhecida do alto Xingú, os Aruma ou Yaruma, de que apenas puderam ser estudados alguns individuos avulsos entre outras tribus.

Finalmente, dos vocabularios do viajante francez Coudreau que em 1896 subio Xingú acima, resultou que os hostis araras, tribu muito derramada entre o médio Xingú e o Madeira, são identicos a estes Apiacá e Aruma, o que se demostra ao mesmo tempo pela tatuagem commum a todas estas tribus, — uma linha azul de ambos os lados do rosto, desde o olho até o canto da bocca.

Os Bonari e Japii da embocadura do rio Negro e do baixo Amazonas, hoje extinctos, levam depois directamente aos Carahibas do Norte.

Assim, está demonstrado agora que uma larga facha de grandes tribus carahibas vai desde o centro para NE. até a Guiana, e deve-se considerar como seu ponto de partida a região entre 10º e 12º S. Os Palmellas foram sua avançada sul-occidental, os Bacaeris a meridional, os Pimenteiras a avançada mais oriental.

Muito pouco conhecidas são algumas tribus carahibas, salteadas, de Noroeste, ao Norte do Amazonas, como os Carijona e Uitoto do alto Japurá, primeiro visitadas por Crevaux, e os Motillon da fronteira entre Venezuela e Colombia, extremamente inimigos dos brancos.

Dentre as linguas carahibas têm sido até agora cuidadosamente estudadas desde muito tempo ; o Carahiba das ilhas, por Bréton; o Cumanagoto e seus dialectos, por Tauste, Blanco e Tapia, e modernamente o bacaeri por C. von den Steinen, *Die Bahairisprache*, Leipzig, 1893.

O gráo de cultura destas tribus em geral é igual ao dos Tupis e Aruacs; caracteristicos dos Carahibas são as redes de algodão e o costume de apertar com cordas de algodão os braços e as pernas, acima do cotovello e abaixo do joelho, de modo que a carne fica sahida. Encontra-se tambem com frequencia entre as tribus carahibas o costume singular de chôco (couvade).

Estão assim derramados estes tres grupos sobre o enorme territorio que

acima assignalamos como a primeira zona ethnographica principal. Dominam por assim dizer exclusivamente dous grandes territorios, a Guiana e o valle do Amazonas.

1. Na Guiana, no sentido mais lato, isto é, a terra entre o Orenoco e o Amazonas, desde e rio Negro até a costa, incluindo tambem o archipelago das Antilhas, os Aruaks habitam particularmente o Norte e o Sul, os Tupis o Oriente e os Carahibas o centro.

De tribus allophylas apenas duas têm aqui importancia. Primeiramente os Warrau ou Guarauno, excellentes constructores de canôas, residentes nos banhados do delta do Orenoco, descriptos cuidadosamente, além de Schomburgk, modernamente por Crevaux, Chaffanjon e Im Thurm: Lucien Adam lançou um esboço de sua lingua, que está inteiramente isolada (*Congresso dos Americanistas*, Stockolm, 1894.) Além disso os Guahibo, povo nomade das cabeceiras do Orenoco, cuja patria provavel deve procurar-se a Oeste, nos rios Meta e Vichada: quem os observou com mais exactidão foi Stradelli.

2. O valle proprio do Amazonas, incluindo o curso inferior de seus tributarios, é dentro do territorio brasileiro quasi exclusivamente habitado por tribus aruaks e tupis, de que as primeiras occupam ou occuparam principalmente a margem esquerda e os segundos a margem direita. Entretanto, do Purús em toda sua extensão, e do Juruá no curso médio apossaram-se tribus aruaks.

São de mencionar nesta comarca as tribus não classificaveis dos Mura na embocadura do Madeira e do Purús, assim como entre este e o baixo rio Negro. Martius observou-os em estado selvagem, em gráo muito inferior de civilisação; hoje estão inteiramente ao serviço dos seringueiros. As communicações mais recentes vêm da Princeza Thereza de Baviera, infelizmente sem dados linguisticos. Estamos, quanto á sua lingua, limitados sempre ao succinto vocabulario de Martius, pois as amostras de Teza em seus *Saggi inediti* publicados sob o nome de Mure pertencem a lingua totalmente diversa, que provavelmente deve ser procurada na Bolivia.

3. O planalto brasileiro mostra condições ethnographicas bastante complicadas. Em sua metade occidental até o Madeira e o Paraguay é occupado inteiramente por tribus daquelles tres grupos. Assim, os Aruaks residem do planalto de Matto-Grosso nas cabeceiras de Xingú e Tapajoz, do mesmo modo que no alto Paraguay. Tupis são representados nos tres rios, quasi em toda sua extensão, como os Guaranis avultam em massa compacta na margem esquerda do Paraguay e projectavam-se em época mais antiga por toda a costa brasileira oriental para o Norte até o Amazonas; tribus carahibas emergem essencialmente em Matto-Grosso como Palmela no Xingú, como Bacaeri, Nahuqua, Aruma ou Arara; avulsos e modernamente apparecem tambem no angulo norte-oriental do planalto do Tocantins.

A tribu allophyla mais interessante desta comarca são os ainda indecifraveis Trumai, nas cercanias em que confluem as cabeceiras do Xingù: com elles entraram em contacto fugaz as duas primeiras expedições allemãs de 1884 e 1887; mais tarde, em 1896, Hermann Meyer conversou-os mais de perto. Sua lingua apresenta-se de todo isolada e mesmo phoneticamente destaca-se de modo golpeante das tribus aruaks vizinhas.

Gés. Na metade oriental do planalto brasileiro domina até a serra do Mar um grupo de povos ethnographicamente muito singulares, que, de caracter sobremodo archaico, mais que todos os outros desta região, merecem ser considerados autochtones. São as chamadas tribus *Gés*, a que pertence a massa principal dos Tapuyas, como antigamente chamavam todos os indios do Brasil oriental

não pertencentes aos Tupis e assignalados por especial selvajeria e hostilidade.

Martius, que primeiro constituio este grupo, ainda os apanhou de modo por demais estreito. Seus Gés são essencialmente identicos ás hodiernas tribus dos Cayapó e Akuen em Goyaz, nas vizinhanças do Pará, Maránhão e Piauhy, cujos nomes de tribus terminam em parte na syllaba *gé*, como Apinagé, Krikatagé, Amanagé. Comtudo salientou como distinctivo geral deste grupo o caracter phonetico das linguas, o costume de botoques ou rolos de folhas no labio inferior ou nos lobulos auriculares, a falta das redes de dormir, a ignorancia da olaria e da navegação, assim como certas peculiaridades nas armas.

Sabemos hoje que as tribus *Gés* estão ou estiveram derramadas por toda a metade oriental do planalto brasileiro, desdo o seu declive ao Norte, marcado pelas ultimas cachoeiras do Xingú e do Tocantins até cêrca de 30º S., para o Poente até o alto Xingú: não alcançaram em compensação o valle de Amazonas.

Devem ser especialmente alistadas no grupo *gé* as hordas e tribus primitivas das mattas da ladeira oriental da serra do Mar e seus rios costeiros, desde o Pardo até o Doce, e mais para o Sul, nos territorios de S. Paulo, Paraná e Santa Catharina, os poviléos que habitam a Oéste desta serra, nos affluentes do Paraná e do alto Uruguay.

A elles pertencem antes de tudo os chamados Botocudos ou Burum do Espirito Sancto, Minas oriental e Bahia meridional, numerosos sobretudo nas bacias dos rios Doce e Mucury, ainda independentes em parte. Devem considerar-se seus antecessores provaveis os Aimorés, tão mencionados e temidos nos seculos XVI e XVII. Conhecem-se principalmente pela monographia classica do principe zu Wied, no segundo volume de sua viagem. Material moderno foi communicado por mim na *Z. f. E.*, p. 1 e 49 e seg., em 1887.

Delles são mais ou menos aparentadas uma porção de nações menores, quasi todas extinctas hoje, em Minas Novas, nos altos rios Pardo e Jequitinhonha, como os Malali, Machakali, Menien, Patachó, Kotochó, observados ainda em liberdade ao começar o seculo XIX por Eschwege, Principe zu Wied e Auguste de Saint-Hilaire.

Finalmente, entram tambem aqui os chamados Bugres de Santa Catharina, de máo nome até ha pouco tempo pelos assaltos dados aos colonos, situados principalmente nas mattas das cabeceiras do Uruguay, mas não visitados ainda por viajante algum. Da sua lingua nada se conhece; entretanto Shokleng (Xocren), seu nome tribal, comparavel á tribu uxekrim dos Cayapós, indica connexão com os Gé.

Todas estas tribus estão em gráo infimo de cultura, inferior até á dos Bushmen e Australios e apresentam assim, até certo ponto, a camada primeva do grupo inteiro.

Um pouco superiores mostram-se entre os Gé orientaes, os Camacan de Ilheos, descriptos pelo Principe zu Wied, assim como os Camé e Caingang distribuidos pelas comarcas occidentaes dos Estados de São Paulo, Paraná e Rio Grande do Sul: destes os mais meridionaes podem considerar-se meio civilisados; os do Pequiry, Iguassu e Ivahy, affluentes do Paraná, conservam-se quasi independentes, mas não são hostis aos brancos. Tambem a elles se applica o nome collectivo de Coroados, tão vulgarisado no paiz. Contrastando com os outros Gé orientaes praticam a agricultura e, graças a influencias estranhas, desenvolveram a ceramica e a tecelagem. De uma especie de embira fazem roupa semelhando camisa, de modelos singulares que lembram os do Perú Oriental. Em época moderna foram descriptos especialmente por Hensel (Z. f. E. 1, p. 124, 1869) e Telemaco

Borba (Rev. mens. da Soc. de Geog. de Lisboa no Brasil, 2, 1883): tambem Taunay e Ambrosetti forneceram contribuições recentes.

Graças ao ultimo destes investigadores ficamos conhecendo a tribu dos Ingain do Paraná nas proximidades de salto Guairá, evidentemente identicos aos Guyaná, os Waiganna de Hans Staden, sobre os quaes até agora havia apenas escassas noticias. Parecem remotos parentes dos Camé ou ao menos fortemente influenciados por estes.

Os Guanahans visitados por Aug. de Saint-Hilaire são indubitavelmente Caingang (Ambrosetti, no *Bol. Ac. de Cordoba*, 14 V. 331, et Ihering, *Rev. do Mus. Paulisla*, 1902).

O gráo mais elevado occupam os Gés centraes de Goyaz com os territorios comarcãos de Matto Grosso, Pará, Maranhão, Piauhy, divididos em dous grandes grupos, os Cayapós e os Acuens.

Ao começar o seculo XVIII tribus cayapós habitavam o Sul de Goyaz, onde oppuzeram a mais violenta resistencia aos immigrantes portuguezes. Parte dos indigenas recuaram finalmente para o Sul ao Paranahyba; no principio do seculo XIX Langsdorff e Auguste de Saint-Hilaire, mais tarde tambem Kupffer vizitaram suas aldeias. Jazem nas cercanias de Sant'Anna de Paranahyba, de onde ainda hoje os Cayapó fazem viagens commerciaes aos estabelecimentos proximos de S. Paulo. Os que ficaram em Goyaz foram parcialmente aldeiados em Mossamedes, onde Pohl os vizitou. A maioria, porém, reunio-se aos parentes septentrionaes, na margem oriental do Araguaya. Aqui desfrutam inteira independencia as tribus de Kradaho, Caraho e Uchikrim, que vivem em lucta accesa com os Caraya assistentes á margem esquerda do rio.

Modernamente, segundo informes de Condreau (*Voyage au Tocantins et Araguaya*, Paris, 1887) conseguiram missionarios italianos chegar a algumas de suas aldeias e chamar os moradores ao trato regular com os brancos. E' de esperar não fosse sem proveito este excellente ensejo de investigar ethnographicamente genuinos povos naturaes.

Como a avançada mais occidental destes Cayapós do Norte são de mencionar os Suyá, descobertos pela primeira expedição de Carlos von den Sternen no alto Xingú, acima da cachoeira de Martius : linguisticamente muito se approximam dos Apinagés. Graças á influencia dos vizinhos, aprenderam a servir-se das rêdes de dormir e das canôas de casca. Infelizmente não se conseguio mais depois travar relações com elles. Sabe-se apenas que uma expedição de aventureiros americanos foi por elles destroçada no anno de 1896.

Proximos parentes das tribus Cayapó a Este do Araguaya são os Apinagé, já aldeados em Boa-Vista, no médio Tocantins, sobre que o botanico italiano Buscaleoni trouxe as noticias mais recentes. Em compensação, pouco conhecidos são os Gaviões ou Cricatagé, já assistentes em territorio paraense, e os Acobu ou Gamella, Bucobus ou Temembus, formando provavelmente uma divisão dos Bus, e o subgrupo dos Cran, Pocamekran, Macamekran, Aponegikran, a Sueste do Maranhão, descriptos por Pohl e Castelnau. Tambem são mencionados Carahos nesta região comarcã. Enfeixam as tribus gé do Maranhão sob a denominação collectiva de Gamella, Timbira ou Canella.

A segunda divisão dos Gés centraes fórmam as tribus dos Akuens, assignalados pela côr clara da pelle, grande estatura e feições regulares, distinguidos pelos Brasileiros em Xavantes e Xerentes : estes não são mais que Xavantes meio-civilizados, que permaneceram no médio Tocantins, séde originaria desta tribu; os Xavantes livres refluiram para a margem esquerda do Araguaya, na bacia do rio das Mortes, onde até hoje não penetrou ainda viajante algum

scientifico. Paulistas, á cata de ouro ou á caça de escravos, navegaram frequentemente neste rio, haverá cento e cincoenta annos, guerreando e anniquilando os Araé alli residentes.

Devem considerar-se parentes dos Akuen os Xicriabas e Jaicó entre o Tocantins e o rio S. Francisco, assim como os Acroá no rio das Balsas. Desde a viagem de Pohl não ha informações exactas sobre todas estas tribus. Tribus gé extinctas do sertão da Bahia são de mencionar os Massacara Ponta e Aracuja, de que Martius encontrou ainda restos.

Com grande verosimilhança devem contar-se entre os Gé os chamados Ta-



Indios Chavantes.

puyas do sertão de Pernambuco e Maranhão: durante o seculo XVII auxiliaram as tentativas Mauricio de Nassau nos ensaios de colonisação hollandeza contra os Portuguezes. Quanto a seus costumes e modo de vida, estamos bem informados, graças a autores contemporaneos, particularmente Piso, Marcgraf, Barlaens e Roulox Baro. Numerosas imagens, entre as quaes retratos em tamanho natural, conservam-se nas collecções de Kopenhagen e nas bibliothecas de Berlim e Dresda : entre seus objectos ethnographicos destaca-se a palheta com que jogavam flechas, pois era-lhes desconhecido o arco, facto ethnologicamente interessantissimo. Os motivos que nos determinam a contar entre os Gés estes Tapuyas ou Othushukayana foram por mim expostos num artigo do *Globus*, vol. 66, p. 81 e seg.

Os mais antigos restos anthropologicos dos povos gés são os conhecidos craneos descobertos por Lund nas cavernas de Lagôa-Santa em Minas Geraes, cuja synchronicidade com os restos de mammiferos extinctos alli excavados affirmou-se, mas não se provou. Sua formação de resto é absolutamente a dos hodiernos Botocudos e Cayapós, com os quaes tambem concordam na structura da caixa craneana.

As linguas dos Gés são-nos conhecidas principalmente por vocabularios. Dados grammaticaes possuimos apenas dos dialectos botocudo e uxikrim entre o dos

Cayapó e dos Camé (cf particularmente Lucien Adam, *Cong. des Americ.*, de Paris, pags. 317 e seg.). Entretanto, sobre esta ultima lingua o material é demasiado inverosimil, para ser possivel uma elaboração grammatical completa.

Inseridas entre as nações gé ha ainda no planalto brasileiro tribus allophylas, que em parte se occulturam com seus vizinhos.

Kiriri. — Ao Norte do S. Francisco, no territorio de Pernambuco e Piauhy, devem mencionar-se como grupo particular, vizinhos dos Pimenteiras carahibas e dos mencionados Tapuyos, os Kiriris e Sabuya, hoje extinctos, cuja lingua nos transmittiram Mamiani e Bernard de Nantes. O Kircherianum em Roma possue objectos ethnographicos seus. Ao Sul, no baixo Parahyba, existia durante o seculo XVI a tribu selvagem dos

Goytacaz (Waitaka), muito temidos, mas já extinctos ao começar o seculo XVII. Seus parentes ou descendentes são considerados os Coroados, Puri e Coropó, assistentes do Parahyba para o Norte até Minas e Itapemirim. Os viajantes da primeira metade do seculo XIX, Eschwege, Principe de Wied, Martius, Auguste de Saint-Hilaire descrevêram-nos aprofundadamente. Cf tambem minhas observações proprias *Z. f. E.*, 18, pags. 184 e seg., 1886.

Estas tribus possuem rêdes, mas quanto aos outros costumes e modos de vida assemelham-se inteiramente aos Botucudos. O nome de Coroados tem levado á confusão frequente entre Camé e Bororo.

Caraya. No meio dos Gé centraes encontramos em Goyaz a granda nação dos Carayá, moradores na margem direita do Araguaya. E' provavel que antigamente se estendessem mais para o Sul, pois já no seculo XVI Léry, dá uma tribu deste nome como visinha ao Norte dos Tupis da costa e linguisticamente differentes. Suas condições ethnographicas indicam, entretanto, uma immigração de Norte ou Noroeste. Dividem-se em tres troncos principaes. São os Carayahy, no curso navegavel do Araguaya até á ponta septentrional da ilha do Bananal, ao 10º S, que negociam com os moradores, e dão-se com as tribus de Tapirapé que moram a Oeste; os bellicosos Xambioá ainda independentes na região encaxoeirada para o Norte; os Yavahé dentro da grande ilha do Banansl, não vizitados nestes cento e cincoenta annos. Em 1888 eu proprio achei os Carayás quasi nas mesmas condições que Castelnan quarenta annos antes, — povo laborioso de pescadores e lavradores, altamente desenvolvido, e muito superiores, quanto ao teor geral da vida, aos vizinhos civilisados. (Chminhas *Beitraege zur Voelkerkunde Brasiliens*, Berlim, 1891.) Em compensação já em 1896 Coudreau annunciava a decadencia da tribu, o que está pedindo com urgencia confirmação.

Tambem na margem direita do baixo Xingú mencionam-se Carayá como tribu hostil aos Yuruna. São talvez identicos aos Assurini mencionados por Coudreau. Descripção mais acurada dos Carayá seria um dos desiderata mais urgentes para o futuro proximo, pois especialmente suas dansas mascaradas, com vestuarios e mascaras magnificamente ornadas, indicam opulenta elaboração de idéas animisticas e de mythos tribaes.

Bororó — No centro de Matto Grosso, a divisa das aguas entre o Xingú e o Araguaya, é habitada por uma tribu de caçadores nomades e bravios, os Bororó, já mencionados nesta região durante a primeira metade do seculo XVIII, quando os Portuguezes serviram-se do seu auxilio contra os Cayapó de Goyaz meridional. Parte destes Bororó estabeleceram-se mais tarde no alto Paraguay, os chamados Bororó de Cabaçal, onde foram visitados pela expedição de Langsdorff, e mais tarde tambem por Castelnau, Rhode, Koslowski e outros. Seus irmãos independentes no proprio planalto, que até á éra de 80 no seculo passado fizeram correrias e salteios para Oéste até ás cercanias da cidade de Cuyabá e para Éste até o terri-

torio goyano, foram conhecidos durante dezenas de annos pelo nome collectivo de Coroados, até em 1888 a segunda expedição allemã ao Xingú provar sua identidade com os antigos Bororós genuinos. Seu centro parecia então demorar entre as cabeceiras do S. Lourenço e o Cayapó grande, nas cabeceiras do Araguaya.

A colonia Thereza Christina, no S. Lourenço, conhecida pelas descripções de C. von den Steinen, onde muitas centenas de Bororó que se sujeitaram voluntariamente, ficaram sob inspecção militar, parece ter-se dissolvido, segundo as noticias mais recentes. Muitos dos indios entraram para o serviço domestico em Cuyabá. Os Borocó, assignalados pelo notavel tamanho do corpo, são povo puramente caçador, sem agricultura, que em muitas feições lembram os Gés, como estes sem canôas nem rêdes, mas peritos no feitio de armas e ornatos de pennas. Sua organização social parece, em compensação, achar-se muito atrasada.

4. *A baixada NW. do Orenoco até os Andes.* — Aos poviléos aruaks e carahibas do territorio do Orenoco prende-se a Oéste entre Apure, rio Meta e Vichada, uma série de tribus, que, nos informes mais antigos dos missionarios jesuitas alli chegados por cêrca de 1730, particularmente do Gumilla e Gilij vêm frequentemente mencionados, mas bem pouco conhecidos são. Merecem mencionados

Piaroa, no Vichada e Mataweni; os

Churuja, no alto Meta e Guejar (cf. *Z. f. E.*, p. 336, 1876) e os restos agora insignificantes dos

Otomaco, Saliva e Jaruro.

A' lingua destes ultimos Guilherme von Humboldt consagrou estudos aprofundados, mas parece perdido o material original de que se servio.

Betoya. — O grupo Betoya, primeiramente estabelecido por Brinton (*Studies in S. Am. native languages*, p. 62, Philadelphia, 1892) abarca grande numero de tribus da baixada colombiana oriental entre 7º N. e 3º S., alcançando desde o Sul até o Japurá e para o Oriente até o rio Negro. Tambem entre o alto Napó e o Putumayo estão ainda representados. Brinton escolheu para designar o grupo a mais septentrional de suas tribus, os Betoya, que antigamente habitavam nas abas do morro de Begoaa, entre Apure e Meta, principalmente em Casanare. Das outras nações deste grupo os Uaupés, no grande affluente do rio Negro, são relativamente os melhor conhecidos pelas viagens de Wallace, Stradelli, Coppi e Pfaff. A elles pertencem os Uaupés propriamente ditos, os Tucanos ou Dace, que se subdividem nos grupos duplos do Jupua e Koretu e nos Jauna e Kobeu do outro. Estão ao mesmo tempo em contacto intimo com tribus allophylas, como os Triana, aruaks, e os Arekuna, carahibas, no Içana, de modo que desenvolveu-se uma especie de acculturação entre estas tribus, que obscurecem um pouco o quadro ethnographico.

De outros membros deste grupo cumpre mencionar os Dessana no Apaporis, os Coregaye e Tama no rio Yari, affluente do Yapurá, que foram vizitados por Crevaux.

Os Pioye no Napó e Putumaio são provavelmente identicos aos antigos Encabellados, tão referidos em outro tempo. Os Umaua no alto Yapura, que Martius dá como inimigos dos Miranhas, foram talvez pela semelhança do nome confundidos com os Omagua do grupo tupi.

Tiradas as breves communicações de Crevaux não ha noticias recentes sobre todas estas tribus. São, porém, de esperar os de Th. Koch, que actualmente se occupa nos rios Maupá e Içana.

As linguas do grupo Betoya são pouco conhecidas, mas Brinton deu com

material moderno o esboço de um dialecto coreguaye ou pioye (*Am. ph. ass.* 7, Philadelphia, 1892).

Entre as singularidades ethnographicas das tribus Maupés cumpre mencionar o cylindro de pedra perfurado que orna o peito do maioral, assim como as mascaradas peculiares, cujo centro fórma um demonio personificado como heróe solar ou cultural. Chamam-no geralmente yurupari, disignação tomada á lingua geral e falsamente identificado com o diabo pelos missionarios. Devemos a Stradelli uma exposição aprofundada do mytho e dos usos antiquados desta festa, que, entretanto, está pedindo com urgencia novo exame. (Bul. Soc. geog. italiana, 94 p. 425 e seg. 1890).

Ha tambem communicações importantes de Collini, segundo informações do padre Coppi, na mesma revista de 1884 e 1885.

No médio e no baixo Yapura, Martius menciona os Miranha ou Juri como tribus de filiação não clara. Os Miranha eram então um povo de corço, barbaro, affeito á anthropophagia, caracterizado exteriormente por botoques nas narinas, que assim ficavam monstruosamente alargadas, e cinto particular de embira semelhando funda herniaria. Apezar da rudeza de seus costumes, não ha testemunhos desfavoraveis a seu caracter e é afamada sua pericia nas artes de tecer e trançar. Desde a visita de Martius em 1820 são apenas mencionados ligeiramente por outros viajantes.

Sua lingua, rica de asperos sons gutturaes, é conhecida apenas por vocabularios de dous dialectos. Por ora não se póde subordinal-a a algum grupo maior, mas ha affinidades phoneticas com a lingua dos Juri, que moravam rio abaixo e em tempo de Martius eram seus inimigos. Destes apontam-se como caracteristicos a tatuagam negra da bocca e o uso de escudos de pelle de anta. Tambem sobre elles faltam noticias frescas. Ligação das duas tribus com o grupo dos Betoya, que admitti em 1891, é sem duvida possivel, mas até agora absolutamente indemonstravel.

Nas solidões do Ecuador oriental, desde as abas dos Andes até os rios Napó e Narañon, são mencionadas numerosas tribus que, ao parecer, podem ser reunidas nos dous grupos principaes de Zaparo e Jivaro. Alguns, como os Kototo e Tautapishito, parecem parentes dos Pioye, são portanto Betoya; outros, como os Amishiri e Legartocaches, mencionados por Hervas, devem-se contar entre os Iquito.

Como os Zaparo chamam-se tambem Xebêro têm sido muitas vezes confundidos com os Jivaro.

Os Zaparo, de que Brinon dá não menos de cincoenta e sete nomes de tribus, habitam em região bastante baixa entre o Napóe o Pastassa, estendem-se tambem pelo Morona até dar no rio Marañon. Foram descriptos por Osculati en 1851 e mais tarde por Simpson.

Em plena independencia e geralmente hostil vive ainda o grande grupo dos Jivaro, dividido tambem em numerosas tribus, entre o Pastassa e o Morona, de 2º até 4º S. As subdivisões mais importantes são os Murato, Antipa, Aguaruno, Ayuli, Itucalli e outros.

Tambem ao Sul do Marañon Herndon indica ainda tribus Jivaro, cuja affinidade não está, porém, apurada.

Já ao expirar o seculo XVI os Hespanhóes tentaram de balde sujeital-os: comtudo ainda hoje existe uma estação em Macas no alto Pastassa, donde viajantes europeus têm penetrado até elles (Cf Reiss, *Verh. d. Ges. fur Erdkunde zu Berlin*, 1880).

Sua peculiaridade ethnographica mais importante são seus trophéos, cabeças

de inimigos preparadas com refino, que depois de retiradas as partes osseas reduzem-se pelo encolhimento ao tamanho de um punho.

De sua lingua Brinton lançou um esboço (*Studies*, p. 21), segundo materiaes recentemente publicadas.

5. *Territorio do Marañon e de seus affluentes meridionaes*.

No alto Marañon, no baixo Huállaga vive ainda uma porção de tribus avulsas, de affinidade indeterminada, que em parte já nos seculos XVI e XVII estiveram sob a influencia das missões, mas nem um passo deram quanto á cultura.

A elles pertencem os Ticuna, conhecidos por suas dansas mascaradas descriptas por Spix e Martius, e tambem como preparadores de frechas envenenadas;

Os Yahua, que, segundo Brinton, reunem-se em grupos aos extinctos Pebas e Canauri;

Os Lama e Jameo, descriptos por Poeppig;

No baixo Huállaga os Cholon e Hibito, de cuja lingua tratou Brinton, segundo material inedito em seus *Studies*, p. 30;

E finalmente os Lorenzos, nomeados pela primeira vez em 1880, segundo Ordinaire são restos dos Amage e Carapocho, encontrados no seculo XVIII° por missionarios no valle de Pozuzo. Vivem ainda em pura idade de pedra nos rios Palcassu, Pichis e Chuchurras. Sobre sua lingua nada se sabe.

Pano. — O grupo dos Pano comprehende uma porção de tribus da mata peruana oriental, principalmente no Ucayale e Javary, mas tambem derramados pelo alto Juruá, o médio Madeira, assim como o Beni e o Madre de Dios. Entre elles assistem em territorio peruano Aruaks, Campa e Piro, em territorio boliviano os Tacana e seus parentes. As tribus mais essenciaes são:

No Ucayale os Conibo, entre os quaes já houve missões no seculo XVII, que pouco lograram para civilisal-os: usa-se entre elles uma especie de circumcisão barbara das raparigas;

Os Cassivo, selvagens e cannibaes, no Aguaitea e Pssqui, e os Setibo e Sipilo entre o Huallaga e o Ucayale, seus parentes;

No Javary os Majoruna, igualmente selvagens, que furam o canto da bocca e as azas do nariz para introduzir conchas e ornatos de pennas, e usam grandes lanças de arremeço, mas tambem a zarabatana.

Dos Panos que habitam o alto Juruá só modernamente chegaram-nos noticias.

No extremo de sua memoravel viagem, Chandless chocou-se com os Naua, armados de escudos. Desde a penetração dos seringueiros por aquellas devesas ficámos conhecendo nas cabeceiras do Juruá, do Tarauaca e do Emvira, outros representantes deste grupo, os Caxinana, Xanindana, Jaminaua, de que chegaram tambem objectos ao Museu de Berlim. Tambem estas tribus usam escudos de couro de anta, como os muitas vezes mencionados entre as tribus orientaes no tempo da conquista (*Globus*, vol. 88, p. 335). Estes territorios estão pedindo uma investigação o mais breve possivel, pois o commercio da borracha e a pága de escravos já estão implantados nessos territorios longinquos, depravando os indigenas e ameaçando-lhes a existencia.

Pouco sabemos sobre os Huatxipaizi no alto Purús, os Sirinizi, no Madre de Dios e os Caripana, no alto Madeira, com quem, entre outros, entrou em contacto Keller-Leuzinger.

Passam por meio civilizados os Pacaguara, no baixo Beni.

Boas descripções das tribus dos Pano e de seu habito ethnographico devemos a Lucioli e Colini (*Burl. Soc. Geog. Ital.*, 1883), a Ordinaire (*Rev. de Ethn.*, 1887).

Das linguas Pano tratou B. de la Grasserie, *Cong. des Americanistes*, de Berlim, p. 435.

6. *Baixada boliviana e cabeceiras do Beni e Madeira.*

Tacana. —As tribus do grupo Tacana, entre os rios Beni, Madeira e Acre, foram visitadas por missionarios desde o seculo XVII, mas só modernamente, depois de devassados os seringaes dalli, foram sendo conhecidas, graças ao Americano Heath, ao Brasileiro Coronel Labre e ao missionario boliviano Armentia. Brinton tratou linguisticamente do grupo em seus *Studies*. Além de algumas tribus extinctas, dá como principaes representantes os Araona, Cavina, Equino, Isanama, Maropa, Tacana, Sabipocoma e Pucapacuri, de que grande parte já estava convertida ao christianismo em tempo de Grbigny.

Por selvagens passam ainda os Toromona e Araona. Consta que, em vez de jangadas, usam de balsas. Labre e Armentia fallam em seus templos ou casas de meisinha, em que estão expostos idolos feitos de madeira ou pedra, assim como do seu culto dos espiritos da natureza. Informações mais exactas seriam desejadas com soffreguidão. E' possivel que se contenham aqui restos de antigo culto peruano, pois está provado que os Incas avançaram postos para esta banda.

A Bolivia oriental hospeda, além de tribus aruaks e tupis, ainda uma série de poviléos de especie particular, de que, porém, só dous têm alguma importancia, isto é, os Yurakaré e os Chiquito.

Dr Paul Ehrenreich.

(Do *Arch. f. Anthropologie*, de Brsunschweig.)

A rêde telegraphica que se extende em toda a superficie do globo tem um desenvolvimento avaliado em 1.710.000 kilometros, dos quaes 610.000 na Europa, 878.100 na America, 108.600 na Asia, 34.700 na Africa e 76.500 na Oceania.

A grande Republica Norte-Americana é o paiz em que é maior a extensão de fios telegraphicos. Os Estados-Unidos possuem uma rêde superior á de toda a Europa, isto é, 650.000 kilometros. Nessa classificação occupa o segundo logar a Russia, com 130.000 kilometros, seguindo-se: a Allemanha, com 118.000; a França, 96.000; a Austria-Hungria, 69.200; as Indias Inglezas, 63.000; o Mexico, 61.000; a Grã-Bretanha e a Irlanda, 55.000; o Canadá, 52.000; a Italia, 39.000; a Turquia, 33.000; a Republica Argentina, 30.000; a Hespanha, 26.000; o Chile, 25.000; o Brasil, 23.000.

*
* *

Segundo um inquerito emprehendido pelo jornal inglez de medicina *The Lancet*, o homem mais edoso dos tempos modernos era em 1895 um mixtiço de S. Salvador, chamado Miguel Solis, o qual, em 1878, dizia contar 180 annos. Na realidade, a sua assignatura figurava num documento datado de 1712; e um medico, que tinha em 1878 cêrca de 80 annos, affirmava que o conhecêra quando elle, o informante, era criança. E nessa epocha Solis já era centenario. Em 1895, conta *The Lancet*, esse individuo falleceu com 198 annos.

*
* *

No dia 9 de Septembro de 1903 inauguraram-se no Rio de Janeiro as obras do primeiro grupo de pequenos mercados contractados pela Prefeitura com a « The Brazilian Cold Development Cº, limited »; esses mercados ficarão situados nas praias de Botafogo, do Russell e na praça da Harmonia.

30º 25º 15º

MANÁOS

L. Saracá

Rio Negro

Ilha de S. Vicente

Amazonas

Rio

L. Manacary

L. Paratary

Escala de 1:3.468.750

0º

Republica de Venezuela

Serra Araraquara

Cucuhy

Serra Cucuhy

Serra Jacamim

Serra Paracaima

L. Amacú

Rio Uraricoera

Fonte de S. Joaquim

Rio Tacutu

Guyana Ingleza

Rio Branco

Rio Padauary

Rio Ipana

Rio Uaupés

Maravilhanas

N. S. da Guia

S. Felippe

Castanheiro

Thomar

S. Gabriel

S. Isabel Nova

Moreira

Barcellos

Carvoeiro

Moura

Rio Jaupery

Rio Jauaperi

Serra de Tacamahaba

Rio Yamundá

Rio Japurá

L. Anamá

Ayrão

Tauapessasu

Silves

MANÁOS

Parintins

Itacoatiara

Maués

L. Cupeya

L. Codajaz

Fonte Boa

Teffé

Cadajaz

Coary

Rio Coary

Rio Teffé

Rio Purus

Barba

R. Putumayo

S. Paulo de Olivença

Tabatinga

Rio Javary

R. Jandiatiba

Rio Jutahy

Rio Juruá

Rio Tapauá

Manicoré

Rio Madeira

Rio Canumá

Cordilheira do Norte

R. Taujor

Estado do Pará

R. Mic

R. Grégorio

Rio Tarauacá

R. Yaco

R. Aquiri

Cach. S. Antonio

Salto Theotonio

Cach. dos Morrinhos

Rio

Estado de Matto Grosso

ESTADO do AMAZONAS

Escala de 1:13.887.500

5º

10º

20º

Tourrette del.

ESTADO DO AMAZONAS



Confina com a Guiana Ingleza, Venezuela, Nova-Granada, Perú e Bolivia e com os Estados do Pará e Matto-Grosso; tem 1.897.020 kls. qs. de superficie e 240.000 habitantes (cálculo T. Piza). Cortado de rios immensos e caudalosos, offerece a mais vasta bacia fluvial do globo. Entre esses rios: Solimões-Amazonas, o Javari, o Jutaï, o Juruá, o Teffé, o Purús, o Madeira, o Içá ou Putumaio, o Japurá, o Negro, o Branco, o Tacutú, o Uaupés e o Urubú.

O solo é plano em geral e em alguns pontos alagadiço; o clima é quente e humido. As serras principaes, além das da fronteira-norte, são: as de Tacamiaba, Cucuï, Jacamim e Tucano.

No Amazonas não ha ainda estradas de ferro; as grandes communicações são fluviaes, havendo as seguintes linhas regulares:

— Rio Purús, de Manaus a Hiutanahan: extensão — 1.685 milhas (viagem de 36 dias);

— Linha de Iquitos com 1.141 milhas;

— Linhas do Acre e do Javari;

— Rio Madeira, de Manaus a S^{to} Antonio: extensão — 692 milhas;

— Rio Juruá, de Manaus a Marari: extensão — 1.090 milhas;

— Rio Negro, de Tauapessassú a S^{ta} Isabel — 846 milhas.

Ha no Estado um pharol, na ponta da Correnteza, á margem esquerda do rio.

Suas riquezas florestaes são enormes, avultando entre ellas a producção da borracha, do cacau e da salsaparrilha.



A. Constantino Nery, governador.



D. José Lourenço, bispo.

No anno de 1903 a exportação da borracha foi de 15.786.327 kilos, no valor official de 83.071: 216$739, que produziram a renda de 16.614 : 263$347; mas a arrecadação geral subiu a 18.290:066$556, por se lhe addicionarem outros impostos. As outras

producções de maior vulto foram : o cacau, o peixe-secco, a castanha e a piaçaba.

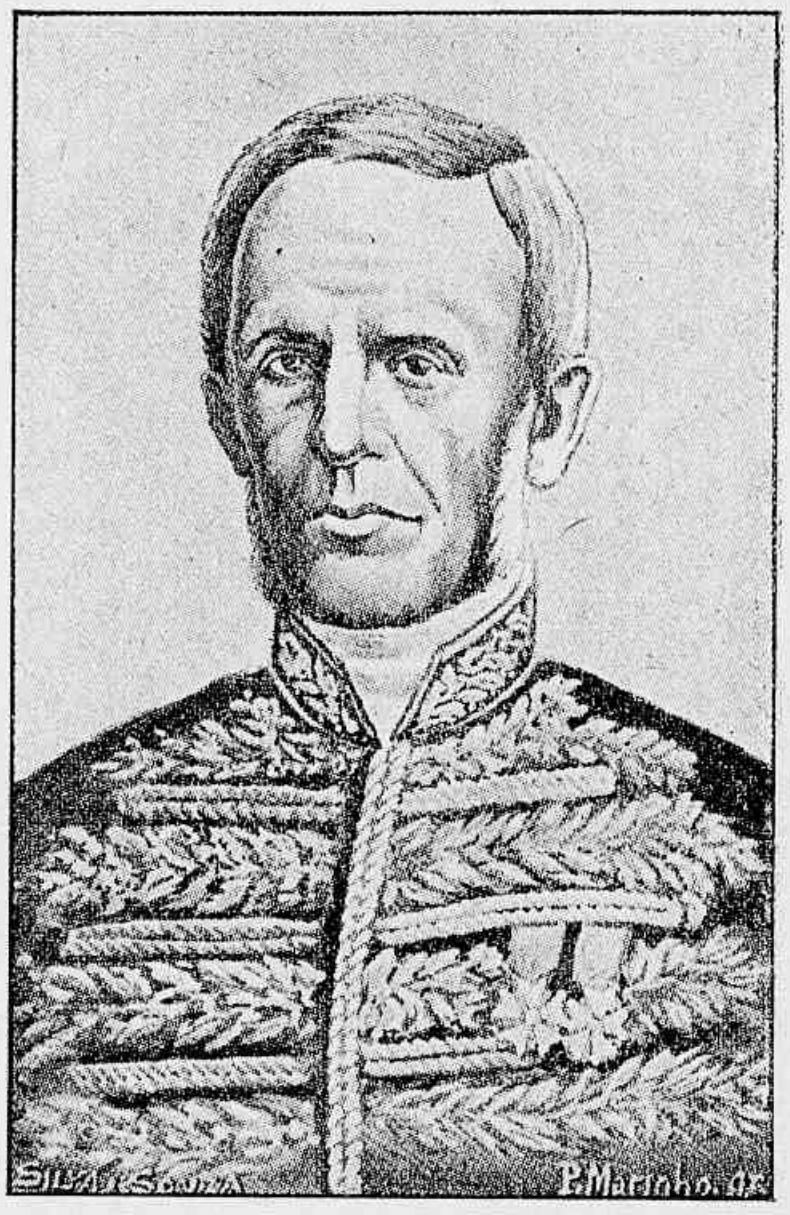
A despesa geral do Estado nesse anno foi de 14.824 : 688$551.

Em 1904 a divida fluctuante do Amazonas baixou a 494 : 608$336.

A divida consolidada em apolices-papel baixou a 13.394 : 500$000; e da consolidada em titulos-ouro foram encineradas apolices no valor de £ 397.425 ou 7.948 : 500$000.

A alfandega de Manaus rendeu no anno de 1904 : 10.422:451$000.

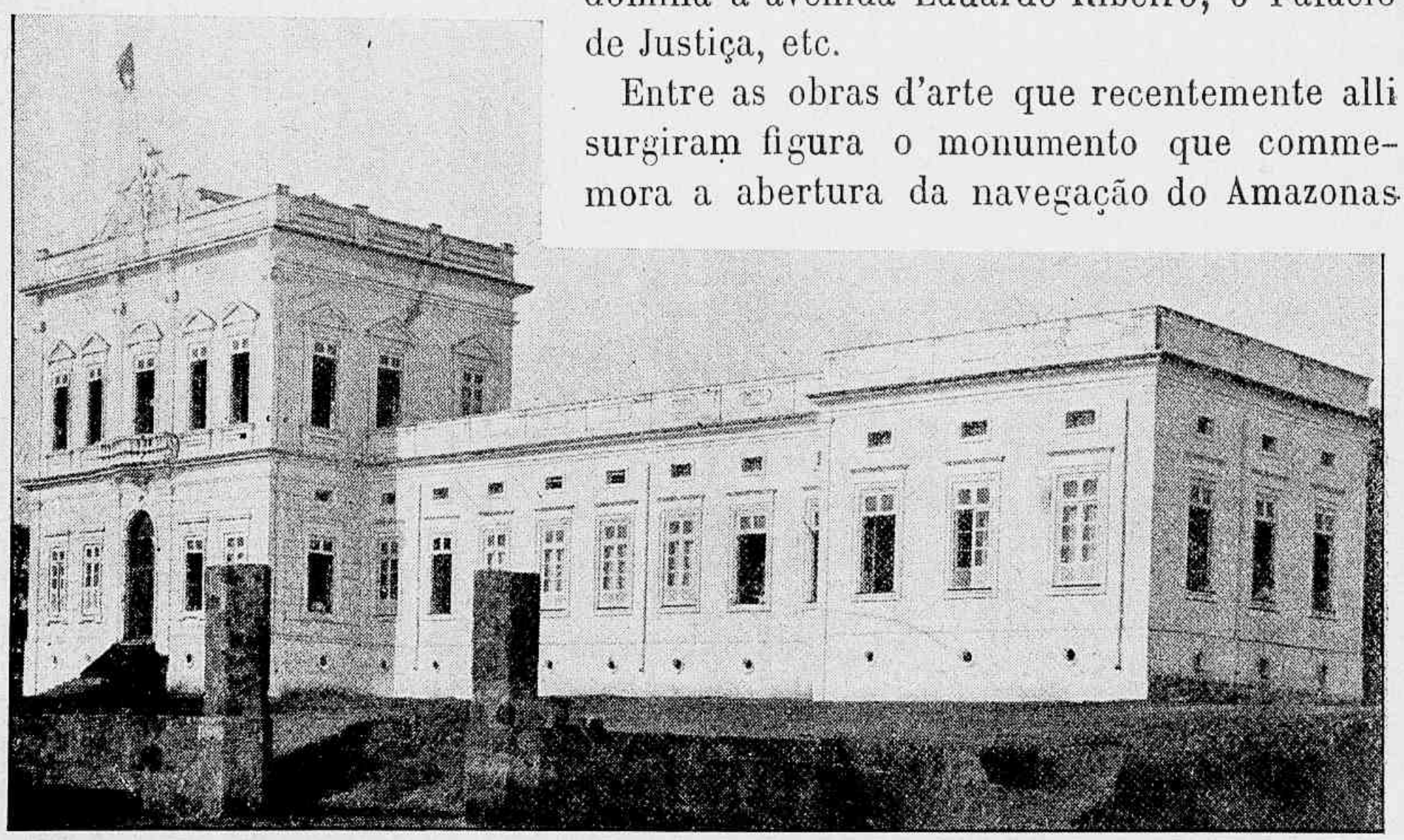
Orçamentos para 1904 : receita — 14.465 : 000$; despesa — 14.067 : 110$940.



Tenreiro Aranha
fundador da provincia do Amazonas.

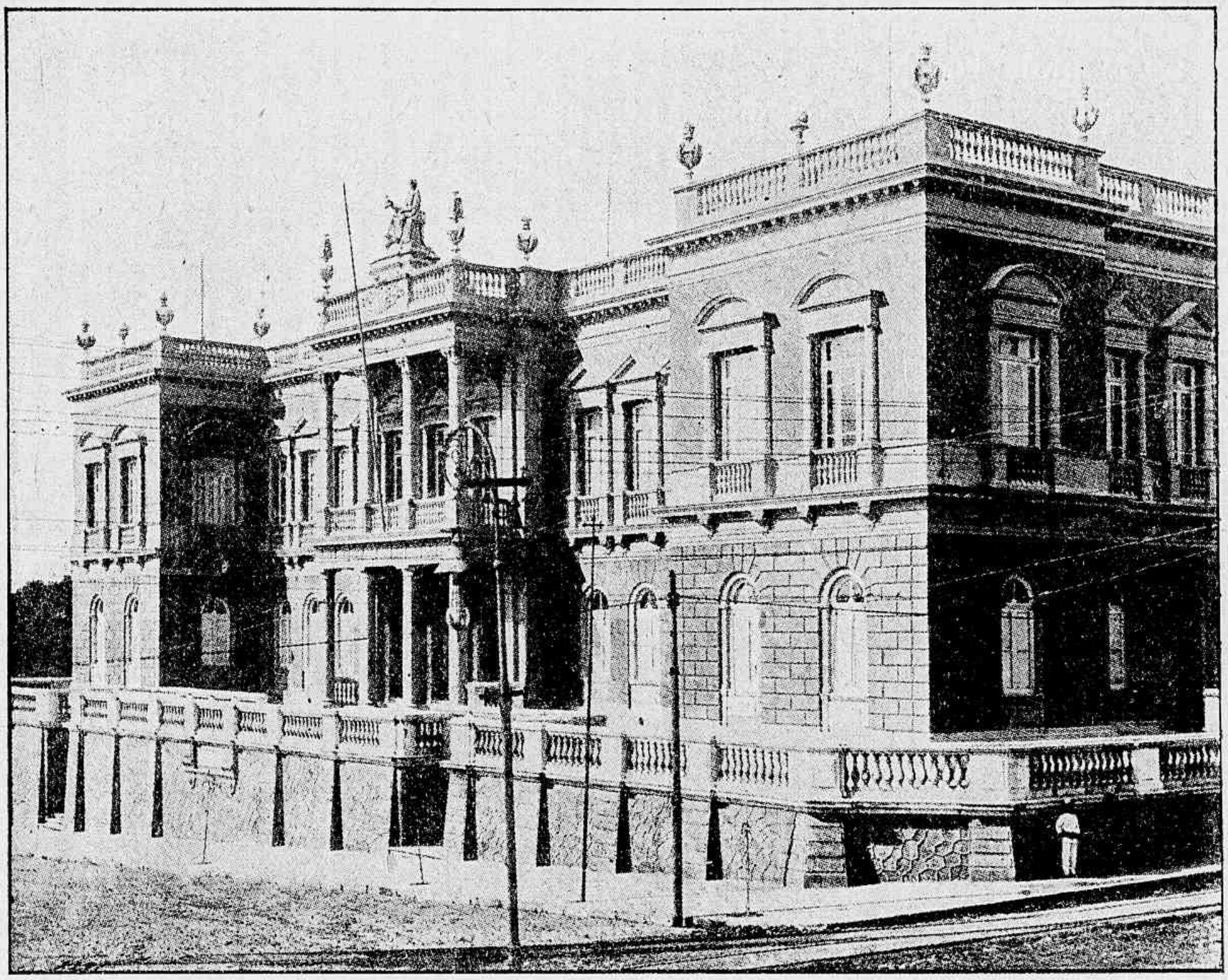
Cidades principaes. — MANAUS (capital) á margem esquerda do rio Negro, e a 3º 8′ 4″ lat. S. e 16º 51′0″ long. O., consideravelmente augmentada e aformoseada nestes ultimos annos depois do advento da Republica, contem bellas avenidas, jardins e varios edificios monumentaes, como o Instituto Benjamin Constant, dedicado á educação de meninas, o Gymnasio, o Theatro, que é um dos mais bellos da America, e situado em logar que domina a avenida Eduardo Ribeiro, o Palacio de Justiça, etc.

Entre as obras d'arte que recentemente alli surgiram figura o monumento que commemora a abertura da navegação do Amazonas



MANAUS. — Hospital da sociedade Portugueza Beneficiente.

aos navios de todas as nações decretada pelo Imperio em 7 de Septembro de 1867. O Palacio do Governo, ainda não concluido, será sem dúvida uma construcção grandiosa. Manaus é illuminada por luz electrica, possue bons encana-



MANAUS. — Palacio da Justiça.

mentos d'agua, linhas de bonds, calçamento regular feito com asfalto e granito. Desde 15 de Novembro de 1902 passaram para o dominio do Estado os serviços electricos de viação, luz e bombeamento de agua.



MANAUS. — Avenida Eduardo Ribeiro.

O movimento commercial da cidade é hoje consideravel e sua população não distará muito de 50.000 almas.

Movimento maritimo. — No anno de 1903 : navios entrados 1.051; saïdos 1.040.

Seguem-se á capital as cidades : Teffé, Itacoatiara (antiga Serpa) e Parintins (antiga Villa-Bella).

A riqueza do Estado reside principalmente na extracção da borracha. Diversas linhas de navegação, nacionaes e extrangeiras, umas subvencionadas e outras não, offerecem transporte facil para varios pontos do Estado e põem-n'o em communicação com o porto do Pará.

Estão em projecto duas estradas de ferro : uma de Manaus á foz do rio Mahú, concedida a Joaquim Huet Bacellar; e outra do Rio Branco á fronteira da Guiana Ingleza, concedida ao dr. Pedro Luiz Soares de Sousa.

As finanças do Amazonas entraram em phase mais risonha, e o futuro do grande e riquissimo Estado cada dia se annuncia mais lisonjeiro.

É governador do Estado até 1908 o tenente coronel dr. Antonio Constantino Nery, vice-governador o coronel Antonio Clemente Ribeiro Bittencourt, e bispo da diocese d. José Lourenço da Costa Aguiar, que se tem desvelado pela catechese dos Indios e cultiva a lingua tupi com proficiencia.

O Congresso compõe-se de uma Camara com 24 representantes e reune-se a 10 de Julho de cada anno; a legislatura dura 3 annos.

O presidente exerce o cargo por 4 annos e tem um secretario de Estado que lhe subscreve os actos.

O poder judiciario forma duas instancias : a primeira, composta dos juizes de direito, juizes municipaes e jury; a segunda, de desembargadores (7), que constituem o Superior Tribunal de Justiça. O territorio do Estado é dividido em 26 municipios.

RESUMO HISTORICO

Visitado pela primeira vez em 1540 pelo capitão Orellana, o rio Amazonas só mais tarde veio a ser mais bem conhecido, quando em 1637 o capitão-mór Pedro Teixeira, em commissão do governador do Estado do Maranhão, o percorreu indo até Quito, e quando as posteriores expedições de Favella e outras devassaram alguns dos seus principaes affluentes. Em 1669 fundou-se a fortaleza de S. José do Rio-Negro, que deu origem á cidade de Manaus. Em 1755, por carta régia de 3 de Março, foi creada a capitania de S. José do Rio-Negro, tendo por séde do govêrno, primeiro a villa de Barcellos, e depois a Barra ou N. S. da Conceição de Manaus ou simplesmente Manaus.

Por occasião da independencia do Brasil em 1822, o vastissimo territorio da capitania ficou ainda annexo á provincia do Pará, e assim se manteve até que a lei de 5 de Septembro de 1850 a elevou a provincia distincta, chamada do Amazonas. Neste periodo os successos mais importantes foram : a revolucionaria acclamação da « Provincia do Rio-Negro » em 22 de Junho de 1832 (movimento abafado pelo tenente-coronel Cunha Baiana logo depois); de 1836 a 1840 as luctas da *Cabanagem* que repercutiram e se extenderam ao territorio do Amazonas; e em 1848 a elevação de Manaus á categoria de cidade. No dia 1º de Janeiro de 1852 foi inaugurada a nova provincia do Imperio, sendo seu primeiro presidente João Baptista de Figueiredo Tenreiro Aranha. Data d'ahi, e particularmente de 1867 o seu progresso; effectivamente pelo decreto de 7 de Septembro deste anno foi aberta aos navios mercantes de todas as nações a navegação do rio Amazonas até á fronteira do Brasil.

Em 1884, sob a administração do dr. Theodoreto Souto, foram libertos todos os seus escravos. Em 1890, feita a mudança do regimen politico, teve por primeiro governador o capitão dr. Augusto Ximeno Villeroy; dessa data em deante tomaram grande incremento os melhoramentos materiaes da capital do Estado, graças á avultada renda que lhe proporciona a exportação da borracha, uma das muitas riquezas naturaes do solo.

Sobre o clima d'este Estado, tomemos a opinião dos estrangeiros : diz Agassiz : «... *que é perfeitamente salubre e d'uma temperatura muito mais moderada do que geralmente se suppõe.*» ; Maury, afflrma : « ... *o clima do Amazonas é um dos mais notaveis do mundo*; Liais : « ... *a temperatura de inverno, lá, é a do verão em França, aliás sem os dias abafadiços que este accidentalmente nos offerece. A temperatura do verão distingue-se, ali, pela presença dos grandes calores, os quaes são, comtudo, muito mais faceis de supportar de que entre nós.* »

O radio e o helio

A energia calorifica do sol não seria devida á presença do radio nesse astro? E' o que pergunta o snr. W. E. Wilson em uma nota communicada á *Nature*.

Apoiando-se sôbre as observações de M. Curie, segundo as quaes um gramma de radio dá 100 calorias por hora, e sôbre as de Langley, segundo as quaes o sol emittiria 828 milhões de calorias por metro cubico e por hora, é facil calcular que bastaria que o sol contivesse 3, 6 grammas de radio por metro cubico para fornecer esta energia calorifica. Este algarismo poderia até mesmo ser reduzido, se o radio fôsse capaz de uma irradiação muito mais energica na temperatura solar.

Esta supposição, segundo a *Electrical Review*, seria aliás confirmada pelo facto de que o helio, que se acha em abundancia no sol, se encontra tambem no uranio, thorio, e outras substancias radio-activas. O proprio helio poderia não ser mais que o producto da desintegração atomica do radio ; os atomos do radio e do thorio fracturam-se de facto continuamente em particulas menores, e nada haveria de admiravel, que este phenomeno produzisse com o correr do tempo algum elemento novo em quantidade sufficiente para ser descoberto com o auxilio da analyse chimica. Aliás a analyse espectral parece confirmar plenamente esta theoria.

Sir William Huggins e Lady Huggins, em uma communicação á Royal Society, estabelecem que um sal de radio dá no espectro oito riscas, quatro ou cinco das quaes se confundem com as do espectro do helio. Estas observações foram confirmadas por experiencias de Sir William Ramsay. O helio seria pois um producto do radio, e sua presença na atmosphera solar indicaria nella a presença do radio. E não seria impossivel, tendo em vista as energicas propriedades radio-activas do radio, que elle fôsse a origem do calor solar.

Logico.

Um assassino é julgado no jury.

O juiz. — Mas emfim, porque depois de ter assassinado a mulher, o réu a cortou em pedaços ?

Réu. — Snr. juiz, para fallar com franqueza : « Antes de a matar, não teria podido. »

PARÁ



Confina ao N. com as Guianas Franceza, Hollandeza e Ingleza; a L. com Maranhão e Goiaz; ao S. com Matto-Grosso, e a O. com o Estado do Amazonas. Parte do Estado ao N. é banhada pelo Atlantico; tem 1.149.712 kms. qs. de área e 652.400 habitantes (calculo T. Piza).



Dr Augusto Montenegro.

Conserva-se, como parte integrante do Estado, o ex-contestado franco-brasileiro, comprehendido entre a margem esquerda do Araguari e a direita do Oiapock. Este territorio, denominado Aricari, é dividido em dous municipios e foi elevado á categoria de comarca.

O solo do Pará é baixo nas vizinhanças do rio Amazonas e mais elevado á margem esquerda deste rio desde Almeirim e Velha-Pobre; ladeando os grandes affluentes do Amazonas (Tapajoz, Xingú, Anapú, Jamundá, Trombetas, Parú e Araguari) vicejam densas florestas. Clima quente e humido na região baixa, ameno e mais temperado nas terras altas.



M. M. Cardoso Barata, senador.

As mais importantes serras são as de Tumucumaque e Parintins.

São várias as linhas de navegação, pelas quaes se fazem as communicações no Estado, a saber:



Justo Leite Chermont, senador.

Rio Amazonas: Belém a Iquitos (por Manaus e Tabatinga) — 2.066 milhas, e Belém a Macapá — 451 milhas;

Rio Pará: Abaeté a Piria — 310 milhas;

Rio Tocantins: Belém a Baião — 141 milhas;

ESTADO do PARÁ

Escala de 1:13.887.500

Escala de 1:8.168.750

OCEANO ATLANTICO

Guyana Hollandeza

Guyana Franceza

Estado do Amazonas

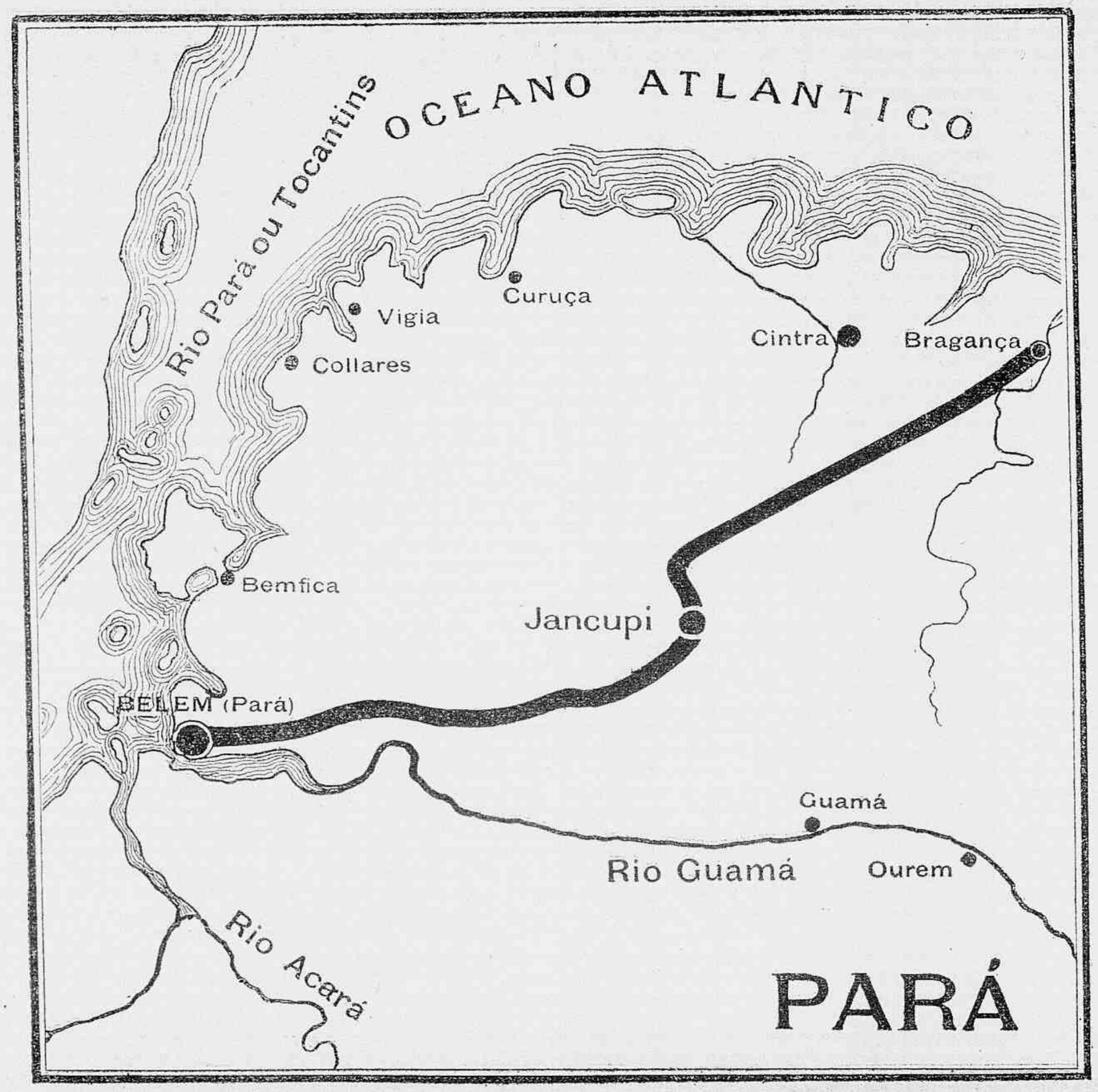
Estado de Matto Grosso

Estado de Goyaz

Estado do Maranhão

Macapa
Mazagão
Chaves
Lago Arary
Soure
Monsaras
Anajaz
I. Atuá
Muaná
Curralinho
Breves
Gurupa
Melgaço
Oeiras
Cametá
BELEM
Acará
Igarapé Miry
B. do Sol
Bahia de Guajara
Ilhas do Gurupá
Ilha Bailique
Ilha Janaucú
Ilha Caviana
Ponta de S. Anna
Ilha Mexiana

Cabo Cassiporé
R. Oyapok
R. Cassiporé
Serra do Paru
Serra Tumuc Humac
R. Araguary
Amapá
Ilha de Maracá
Cabo do Norte
Ponta Grossa
Ilha Bailique
Embocadura do Amazonas
Ilha Caviana
Ilha Mexiana
Embocadura do Rio Para
Cintra
Quatipurú
Bahia do Sol
Bragança
Vizeu
Ourem
Guama
Acará
Abaeté
Mojú
Mocajuba
Baião
Parlel
Oeiras
Cametá
Porto de Moz
Souzel
Monte Alegre
Santarem
Obidos
Faro
Alemquer
Gurupá
Ilha Gurupá
Mazagão
Ilha de Maracá
Maana
Anajaz
L. Arary
Soure
Chaves
Ilha Caviana
Ilha Mexiana
Macapa
Embocadura do Rio Para
Rio Jary
Rio Paru
Serra Velha Pobre
R. Curuna
R. Trombetas
R. Jamundá
L. Urubuquara
Rio Curuá
Rio Curuá
Rio Jamundá
Rio Trombetas
Rio Jary
Rio Paru
Rio Jary


OCEANO ATLANTICO
Rio Pará ou Tocantins
Vigia
Curuça
Collares
Cintra
Bragança
Bemfica
Jancupi
BELEM (Pará)
Guamá
Rio Guamá
Ourem
Rio Acará
PARÁ

Rio Tapajoz : Belém a Itaituba — 729 milhas ;

Rio Xingú : Belém a Sumaluima.

E mais as linhas de Macapá, Araguari, Sancta Julia, Soure, Calçoene, Pinheiro e Mosqueiro, — todas da companhia " The Amazon Steam Navigation ".

A « Linha de Navegação Paraense » mantem vapores que transitam entre Belém e os seguintes pontos extremos : Alto Xingú, Chaves, Faro, Cachoeira, Amará, Irituia, Cairari, Alto Anajaz, Acará e Salgado.

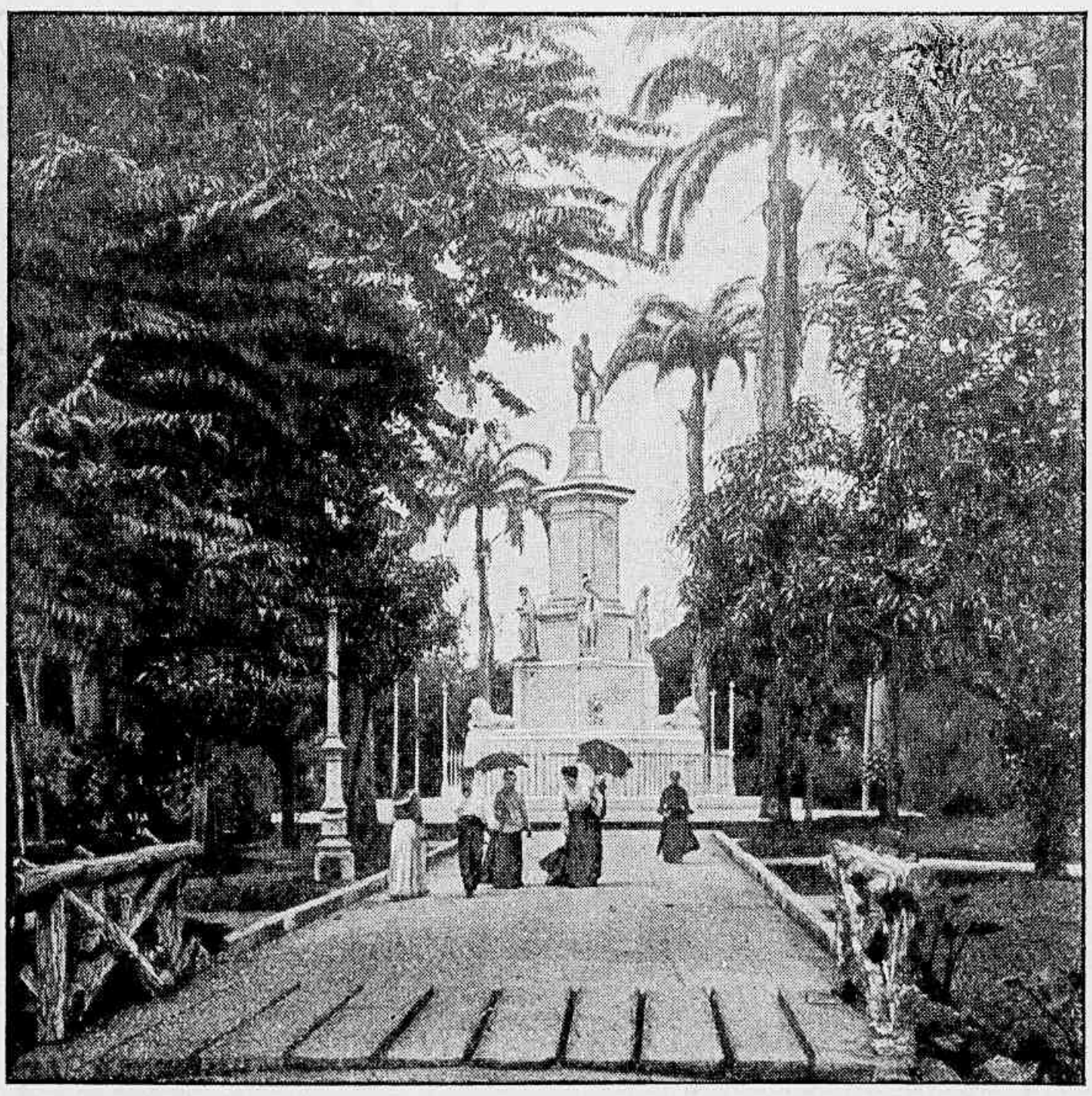


BELÉM. — Bosque municipal.

Está com estudos approvados a E. F. de Alcobaça á Praia da Rainha, que tem 148 km. 200 de extensão.

Acha-se funccionando a pequena estrada de ferro Benjamin Constant (systema Decauville), que liga o porto de Sapucaia á sede do nucleo colonial Benjamim Constant, com o desenvolvimento de 17.658 m.

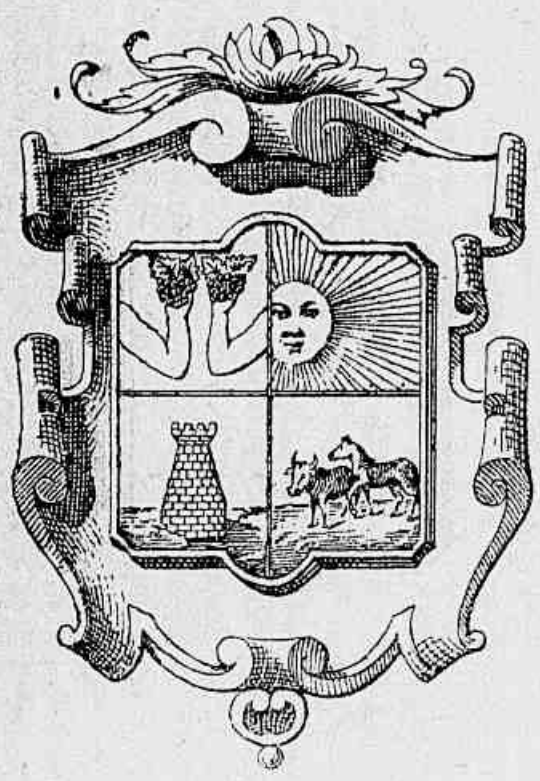
Da Estrada de Ferro de Bragança estavam em 1904 entregues ao tráfego 141 kilometros, attingindo a ferro-via as margens do Maracanã, e adeantava-se a construcção do ramal do Pinheiro.



BELÉM. — Praça da Independancia.

Ha no Estado 15 pharoes.

Como productos principaes do Pará figuram: a borracha, o cacau, a canna de açucar, a farinha, o guaraná, a castanha do Pará.



Belém.

A industria pastoril prospera na ilha de Marajó e em alguns municipios. Na zona do Salgado explora-se a industria do sal.

O anno de 1903 fechou-se com este balanço: receita propria do exercicio — 6.561:822$549 ouro ou 14.987:684$196 papel; despesa — 6.272:262$263 ouro; no 1º semestre de 1904 a receita foi de 3.177:325$631 ouro ou mais de 7.000:000 $ papel.



D. Francisco do R. Maia, bispo do Pará.



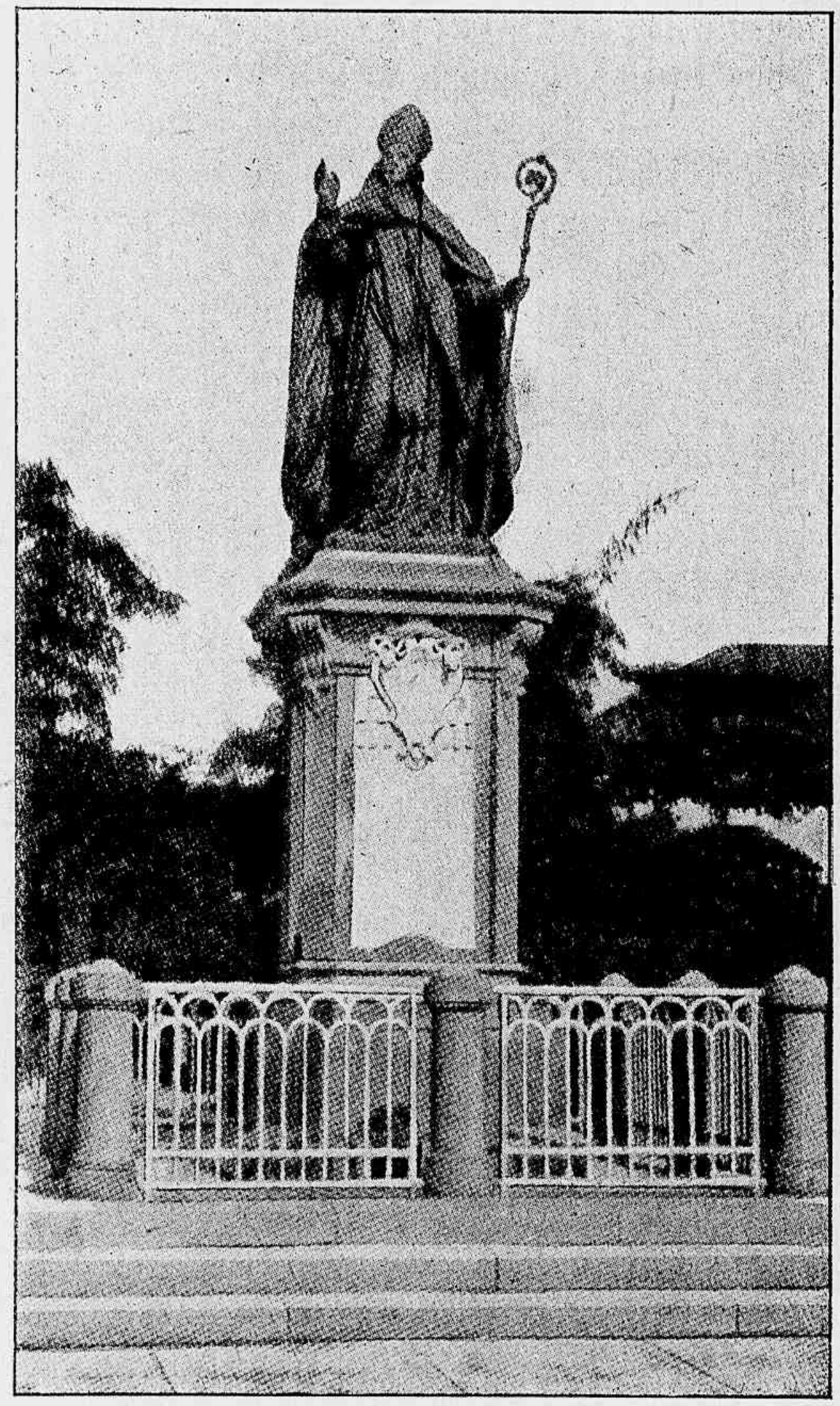
Praça D. Frei Caetano Brandão.

No anno de 1903-04 a borracha exportada (11.134.537 kilos) teve o valor official de 50.813:808$068; o cacau (3.320.717 kilos) teve o de 3.039:014$550.

A alfandega de Belém rendeu em 1904 : 24.762160$000.

A proposta orçamentaria para 1905 orçou a receita do Estado em 6.340:000$000 ouro, e a despesa em 6.168: 491$250.

Cidades principaes.— Bélem (capital) a 1° 27′ 2″ de lat. S. e 5° 15 22″ de long. O. Importante cidade commercial, onde não faltam bellas praças e edificios monumentaes; entre elles são dignos de menção especial o Palacio do Governo (construcção do seculo XVIII), o vasto Theatro da Paz, a cathedral, que data tambem do tempo do marquez de Pombal e a egreja de N. S. do Carmo, annexa ao Seminario menor, a Alfandega, o Hospital D. Luiz I, o Hospital civil, o Hospicio dos alienados, o Mercado, o Museu, a Intendencia Municipal, o Lyceu Benjamim Constant, o Instituto Lauro Sodré e outros. Merecem egualmente apreço as trez estatuas de d. fr. Caetano Brandão, do general Hilario Gurjão e do dr. José da Gama Malcher.



Monumento Frei Caetano Brandão á Parça da Sé.

A cidade tem a área total de 40.515.868,^{m2}00 e uma população de cêrca de 200.000 almas.

Na Avenida da Republica ostenta-se diariamente o movimento das grandes cidades, e poucas cousas ha comparaveis ás pittorescas estradas de Nazareth e S. Jeronymo, que conduzem aos arrabaldes, encantando os olhos do viajante com a luxuosa vegetação equatorial.

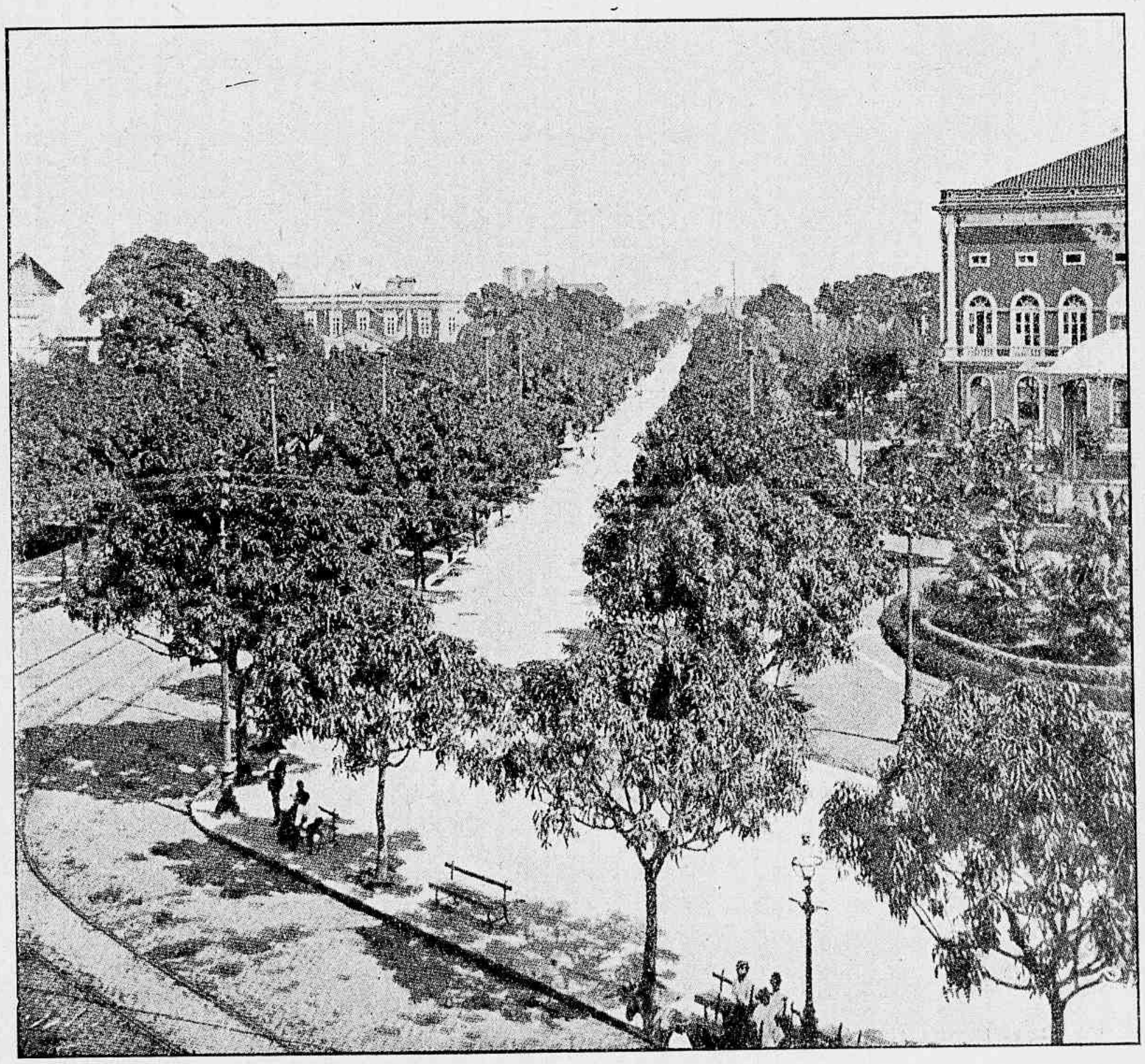
O transporte na cidade é feito principalmente pela Companhia Urbana E. F. Paraense, que em 1899 tinha 41 kilom. 900 de trilhos assentados, bitola de 1^{m},45, e que transportou 19.058.180 passageiros (receita 2.316:103$980 — despesa 2.034:577$950). Esta mesma Companhia faz o serviço da illuminação

pública da cidade por meio de lampadas de incandescencia e de arco voltaico.

A população da capital tem actualmente o gôso de 11.400.000 litros d'agua por dia.

Como praça commercial, a de Belém é das primeiras do Brasil. Seu movimento maritimo foi este, no anno de 1902 : navios entrados — 767 com 762.218 toneladas; saïdos — 610 com 871.485 ton.

Sua receita municipal no 1° semestre de 1902 foi de 3.837:826$742.



Belém. — Um lado da praça da Republica.

Seguem-se as cidades de : Alenquer, Bragança, Macapá, Mazagão, Monte-Alegre, Obidos, Santarem, Cametá, Vigia, Vizeu, etc.

E' governador desde 1901 o dr. Augusto Montenegro (ultimamente reeleito), e bispo de Belém d. Francisco do Rego Maia (transferido de Petropolis). Em 1904 foi creado o bispado de Santarem (Baixo-Amazonas) e confirmada a nomeação de d. Frederico Costa. O Congresso compõe-se de Camara de Deputados e Senado, aquella com representantes eleitos por 3 annos, e este com membros eleitos por 9 annos, renovando-se pelo terço triennalmente.

O governador exerce o cargo por 4 annos. O poder judiciario tem por orgãos : o Tribunal de Superior Justiça (com 7 desembargadores), juizes de direito e substitutos nas comarcas, jury e tribunaes correccionaes. O ministerio publico

compõe-se d'um procurador geral do Estado, promotores publicos, curadores de orphãos e ausentes, e promotores de residuos. São vitalicios os desembargadores, o procurador geral e os juizes de direito. O Pará é dividido em 54 municipios, presidindo a cada um d'elles um Conselho (deliberativo) e um intendente (executivo).

RESUMO HISTORICO

Foi Vicente Yanez Pinson quem primeiro visitou ou avistou a costa do Pará na sua célebre viagem de 1500, subindo do cabo Sancta Maria de la Consolacion até ao cabo Orange; todavia este descobrimento não teve consequencias, como se sabe. Orellana em 1560, tendo descido o rio Napo, percorreu o Amazonas; mas ainda d'ahi não proveio a fundação de estabelecimento algum.

Datam de 1616 os principios da capitania; nesse anno Francisco Caldeira Castello-Branco, por ordem de Alexandre de Moura, seguiu até á bahia de Guajará, onde assentou os fundamentos da actual cidade de Belém, e alli permaneceu algum tempo em lucta com indios e com aventureiros extrangeiros, que tentavam fixar-se em varios pontos.

Fundado o Estado do Maranhão em 1621, o govêrno da metropole annexou-lhe o Pará; mas isto durou apenas até 1637, anno em que se creou a capitania do Cabo do Norte. Foi por essa epocha que Pedro Teixeira realizou a primeira exploração regular do Amazonas, que se concluiu em 1639, data de seu regresso ao Pará.

Em fins do seculo XVII foi mister repellir á viva fôrça os Francezes, que pretenderam por sua vez estabelecer-se e assenhorear-se da margem esquerda do Amazonas: em 1691, o marquez de Ferrolles, governador de Caienna, tomára Macapá. O capitão portuguez Fundão incumbiu-se de rehaver a posição e fê-lo de modo completo.

No decurso do seculo XVIII accentuou-se o progresso da capitania, regida por homens intelligentes e auxiliada pelo trabalho dos missionarios. O bispado do Pará foi creado em 1723. Conheceu-se a borracha e a quina. A esplendida bacia hydrographica da região começou a ser estudada e aproveitada. Desenvolveu-se a criação do gado. Fundaram-se colonias militares e estaleiros, e melhoraram muito não só as condições hygienicas como as construcções da cidade de Belém.

Esse progresso ainda tomou maior incremento com a vinda da côrte portugueza para o Brasil em 1808. Do Pará saïram no anno seguinte as tropas que tomaram Caienna.

Em 1822, quando se fez a independencia do Brasil, uma Juncta Governativa administrava a provincia, e havia um partido que desde o anno anterior pugnava pela fidelidade ao rei. Afinal os patriotas levaram a melhor; capitaneados pelo conego Baptista Campos, e apoiados por uma fôrça ao mando do chefe Greenfell, obrigaram a Juncta a capitular. Foi a 15 de Agosto de 1823 que a adhesão ao Imperio se realizou. Continuaram entretanto em Belém os motins e as revoltas, que só amainaram deante da intervenção enertanto e brutal do mesmo Greenfell, em cuja lista de bons serviços á causa do Brasil independente figura aliás a nodoa da carnificina do *Palhaço*.

A indignação produzida por este e outros actos de selvageria alimentou a agitação dos espiritos, que perturbou por vezes a ordem pública na provincia durante os primeiros annos do regimen imperial: em 1831 as tropas prenderam o presidente visconde de Goiana; em 1832 rebentou na Barra do Rio-Negro uma sedição militar, e em 1835 alçou arrogante o collo a revolução do *Vinagre*, que, depois de muitos horrores e muitas victimas, só em 1837 poude ser dominada pelo brigadeiro Soares de Andrea apoiado nas forças navaes de Frederico Mariath.

Seguiu-se felizmente uma era de paz, que permittiu a marcha progressiva da provincia.

Em 1889 passou a Estado da Republica, tomando logo as redeas do govêrno uma juncta composta do dr. Justo Chermont, coronel Bento Fernandes e capitão de fragata José do Nascimento. O dr. Chermont foi governador, de Dezembro de 1889 a Janeiro de 1891; o capitão de fragata Huet Bacellar, de Março a Junho de 1891; e primeiro governador eleito o dr. Lauro Sodré.

Em 1900, o govêrno suisso, como árbitro, deu ganho de causa aos direitos do Brasil na secular questão de limites com a Guiana Franceza, reconhecendo como nosso o « Contestado » e dando ao Pará por limite septentrional o Oiapok. Foi estrenuo defensor destes direitos o benemerito e erudito Brasileiro barão do Rio-Branco.

Foram filhos illustres do Pará : o arcebispo d. Romualdo A. de Seixas, marquez de Sancta Cruz, Bernardo de Sousa Franco (estadista), o general Hilario Gurjão, Bruno H. de Almeida Seabra (poeta), Henrique Eulalio Gurjão (musico), dr. Philippe Alberto Patroni, M. Maciel Parente (fervoroso patriota).

O DEPARTAMENTO DO ALTO-JURUÁ (1905)

Este Departamento abrange as terras regadas pelo rio Tarauacá e seus affluentes, e pelo Alto Juruá e todos os seus tributarios, entre os quaes se contam o Ipixuna, o Môa, o Paraná da Viuva, o Juruá-miri, o Riosinho do Leonel, o Amoneo, o Tejo e o Breu.

Divide-se em 9 circumscripções administrativas, tendo cada uma um juiz de paz e dois supplentes. A séde da 1ª circumscripção é no Cruzeiro do Sul, que é a capital do Departamento, num bonito planalto, perto da foz do rio Môa.

O clima é bom, comquanto as margens do Juruá alaguem quasi todas no inverno, epoca da enchente. A' pequena distancia das margens, onde aliás tambem ha *terras firmes*, notam-se muitos logares elevados. São pouco habitados, porque não produzem borracha. Mas muitos proprietarios já os vão aproveitando para moradia. As febres, em todo o Departamento, são raras.

A exportação da borracha, avaliada no minimo, é de 2.400.000 kilos, que produzem, na média de 6.000 réis o kilo, o valor official de 14.400 contos de réis. A União, que arrecadou até dezembro de 1904 apenas 15 °/o e de janeiro de 1905 em diante 18 °/o, colheu cêrca de 2.500 réis dêste imposto na safra de 1904-905 (setembro a maio). A exportação, por ora, limita-se á syphonia elastica. Mas o Departamento produz tambem muito cacau.

Em todo o Departamento ha proximamente 600 seringaes, egualmente conhecidos pelo nome de *barracões*. Não incluimos nesta conta as barracas de pequenos seringueiros.

O total da população departamental (Juruá e affluentes, Tarauacá e tributarios) anda por 70 a 75 mil pessoas. E' sabido que as familias cearenses são extraordinariamente prolificas e que a zona do Territorio do Acre é a mais habitada em toda a immensa Amazonia.

As primeiras nomeações effectuadas pelo coronel dr. Taumaturgo de Azevedo, Prefeito do Alto Juruá, foram estas: — Manuel Fran Paxeco, official de gabinete: tenente Fernando Guapindaia, Delegado Auxiliar de Policia; Henrique de Lucena, secretario geral; capitão dr. Neiva de Figueiredo, chefe da Directoria da Fazenda; dr. Adriano Pimentel, chefe da Directoria do Commercio; capitão Jesuino de Albuquerque chefe da Directoria do Interior; dr. José de Berredo, director da Repartição Central de Terras, etc.

Ha 4 Postos Fiscaes no Departamento, — 1 no Juruá, 1 no Amonea, 1 no Tarauacá e 1 no Embira; 4 Registos Fiscaes, — 1 no Breu, 1 no alto-Liberdade, 1 no alto-Gregorio e 1 no alto Acurana — e ainda 3 Agencias Fiscaes, — 1 no alto-Môa, 1 no Môa, 1 no alto-Paraná da Viuva e 1 no alto-Juruá-miri, por causa do contrabando peruano.

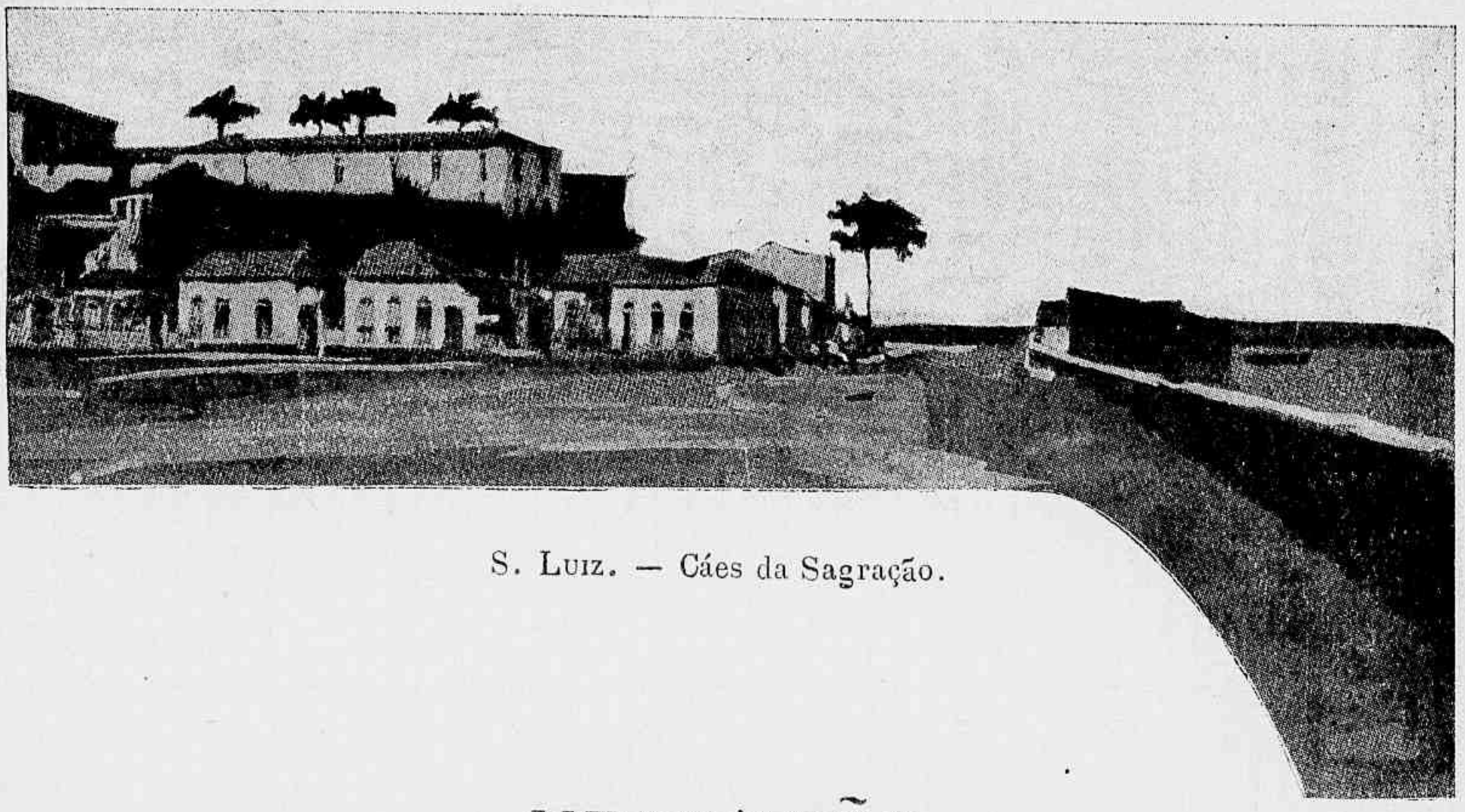

OCEANO ATLANTICO
Turiassú
Alcantara
S. LUIZ
Rosario
Vianna
Mearim
Arary
Victoria
Itapicuru-Mirim
Monção
Rio Itapucurú
Rio Parnahiba
Caxias
Dias Carneiro
Christino Cruz
Aarão Reis
Luiz Domingues
Cajazeiras
Codó
Rio Mearim
Barra do Corda
MARANHÃO

OCEANO ATLANTICO

PARAHYBA

RIO GRANDE DO NORTE

Cabo Gurupy
Pta. do Ivury Mirim
CARUTAPERA
Gurupy
R. Ivury
R. Turyassú
TURYASSÚ
Pta Tamaricuá
I. Iriburoca
I. S. João
I. Mangunca
S. Cabello da Velha
CURURUPY
R. Una
Pta. Atins
Cumaty
Cor. dos Ovos
Marac
GUIMARÃES
Pharol de Itacolomy
S. João de Cortes
I. Pharol de S. Anna
P. Mangues Verdes
Barras do Parnahyba
Primeira Cruz
Prea
MIRITIBA
BARREIRINHAS
Morro Alto
TUTOYA
L. Casso
L. Taboa
SALINAS
ARAYOZES
Sta HELENA
Montes Aureos
ALCANTARA
S. BENTO
S. LUIZ
PINHEIRO
S. VICENTE
Ubinzal
ROZARIO
V. Velha
CATU
ANAJATUBA
ARARY
Morros
CAJAPIÓ
VIANNA
VICTORIA
PENALVA
ITAPECURÚ MIRIM
Camacaoca
Boa Vista
L. Jacarehy
MONÇÃO
S. Pedro Alcantara
Engenho Central
Catanhedes
Caximbos
Manga
VARGEM GRANDE
S. BERNARDO
L. S. Augustinho
Cajueiro
CHAPADINHA
BREJO
Repartição
Lagem
Bacabal
COROATÁ
S. LUIZ GONZAGA
R.ª de Marianna
Urubú de Monte Alegre
BURITY
Januaria
Pindaré
PEDREIRAS
CODÓ
CURRALINHO
Boqueirão
Petropolis
Trezidella
CAXIAS
Léopoldina
IMPERATRIZ
Cocal
L. da Malla
FLORES
R. Grajahú
GRAJAHÚ
BARRA DO CORDA
PASSAGEM FRANCA
PICOS
S. JOSÉ DOS MATTÕES
S. FRANCISCO
MIRADOR
S. JOÃO dos PATOS
PORTO FRANCO
Itapicurú
PASTOS BONS
NOVA YORK
S. Felix de Balsas
CAROLINA
LORETO
RIACHÃO
Uruhú
SANTO ANTONIO DE BALSAS
VICTORIA DO ALTO PARNAHYBA
Pão Chairoso
R. Parnahyba
R. Tocantins
Sra da Desordem
Sra. Tiracambú
Sra da Cinta
Sra da Canella
Sra do Itapicurú
Sra das Corvadas
Sra do Penteado
Sra Mangabeira
Sra do Parnahyba
Sra Tabatinga
Sra Albercas
Sra Ourives
Serra Negra
Serra
R. Mearim
R. Itapicurú
R. Preá
R. Munim
R. Burity
R. Codó
R. Balsas
R. Neves
R. Gurupy
R. Pindaré
R. Grajahú
R. Tocantins
R. Parnahyba
R. Babalonia
R. Pomerania
R. Muju
R. Balsinhas
R. Verde
R. Limpeza
R. Ouro
R. Jenipapo
R. Jaguarema
R. Pedra Furada
R. Manoel Alves Grande
Rio Gurupy
Rio Preto
Rio Itapicurú
Rio Parnahyba
Rio Balsas
Rio Neves
Rio Verde
Rio Muju
Rio Pedra Furada
Rio Manoel Alves Grande
Rio Tocantins
Rio Munim
Rio Mearim
Rio Grajahú
Rio Pindaré
Rio Turyassú
Rio Una



S. Luiz. — Cáes da Sagração.

MARANHÃO

Confina ao N, com o Atlantico, a L. com Piauhi, ao S. com Piauhi e Goiaz, a O. com Goiaz e Pará. Tem de superficie 459.884 kms. qs., e população de 660.000 almas, segundo a estimativa do dr. T. Piza.



D. Antonio Xisto, bispo do Maranhão.

Solo plano á beira-mar e montanhoso no interior. Clima saudavel, mórmente durante a estação da sêcca; mas nos valles que alagam, e em certos campos, o paludismo domina.

As serras mais importantes são : Mangabeiras, Penitente, Itapicurú, Alpercatas, Negro, Desordem e Valentim. Entre os maiores rios destacam-se estes : Parnahiba, Mearim, Itapicurú, Turi-assú, Pindaré e rio das Balsas. Em alguns transitam vapores regularmente.

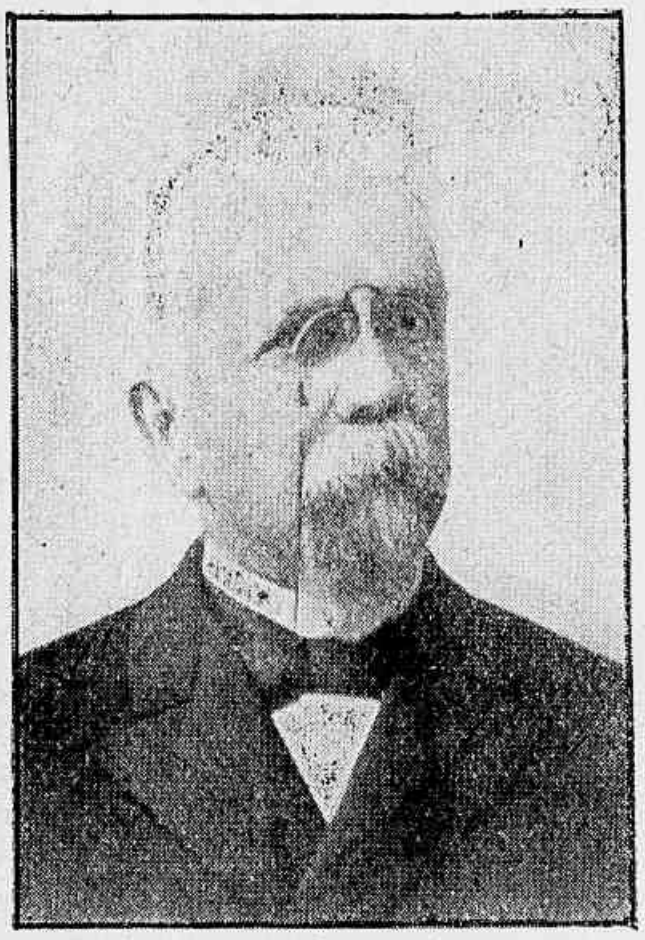
Na costa do Estado ha seis pharoes.

A unica estrada de ferro que possue é a de Caxias a Cajazeiras, com 78 kms. de extensão, propriedade da Companhia Geral de Melhoramentos do Maranhão; esta estrada liga os rios Itapicurú e Parnahiba, ambos servidos por linhas de navegação. Em 1903 transportou ella 4.636 passageiros e 9.402.527 ton. de mercadorias. A via ferrea de Caxias ao Araguaia não passou de estudos.

As communicações costeira e fluvial fazem-se por estas linhas de vapores :

— Companhia de Navegação a Vapor do Maranhão (linha costeira), de S. Luiz ao Pará, de S. Luiz ao Ceará e da mesma cidade a Barreirinhas.

— A mesma Companhia (linhas fluviaes), a saber : Linha de Itapicurú (de S. Luiz a Caxias); Linha de Mearim (de S. Luiz a Barrado Corda); Linha de Pindaré (de S. Luiz a E. Central e Vianna); Linha de Muuim (de S. Luiz a Manga); Linha de S. Luiz a Miritiba.



A. O. Gomes de Castro, senador.

— Companhia Fluvial Maranhense, que mantem linhas fluviaes identicas á precedente.

— Comp. de Navegação a vapor do Maranhão, com linhas para Fortaleza, Pará, S. Bento e Barreirinhas.



Benedicto P. Leite, presidente.

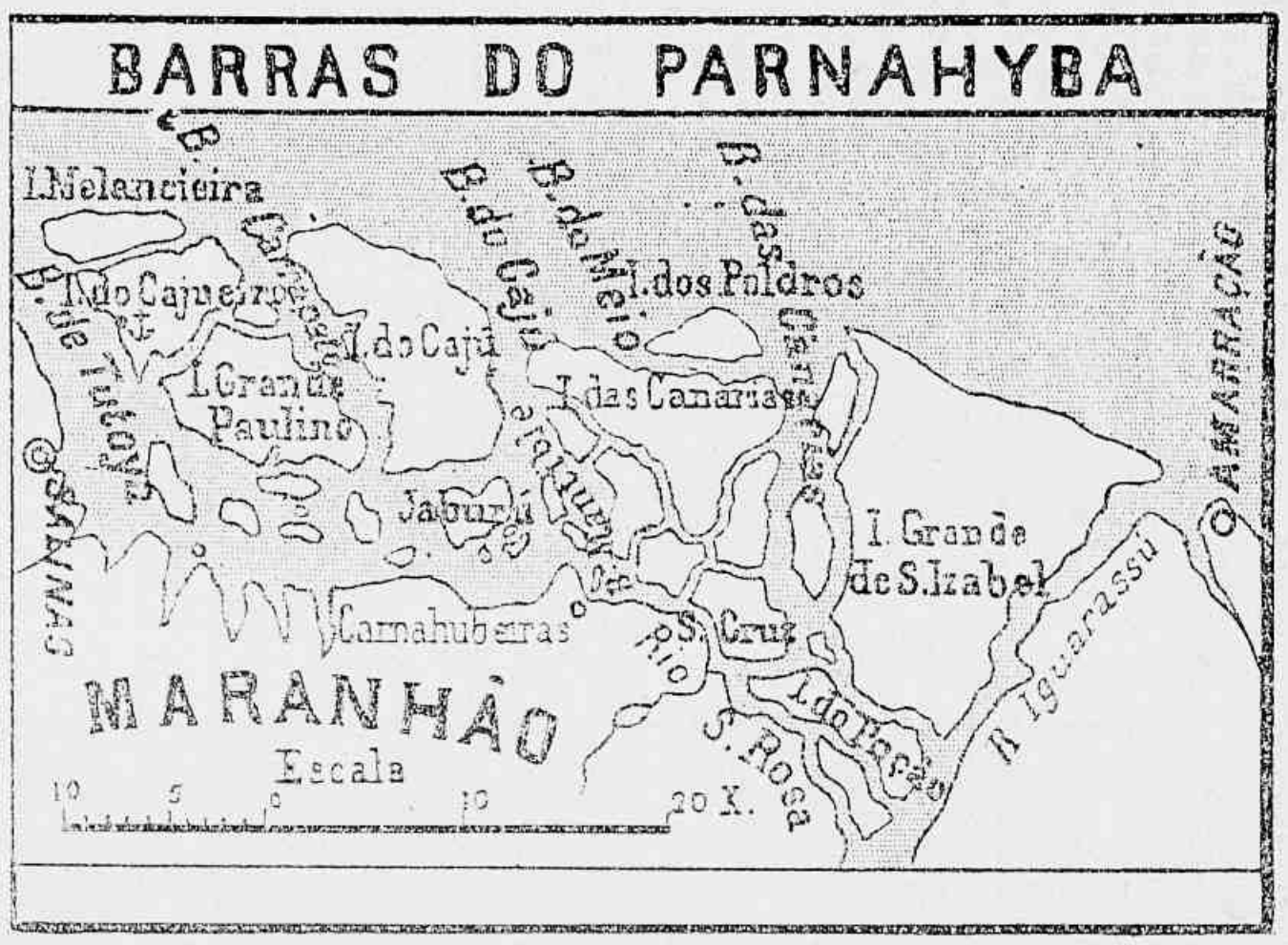
Abundam no Maranhão minas de cobre e ferro, mormente no Grajahú. Entre os campos de S. Bento e a Bahia de S. Marcos existe uma rica salina, que reclama exploração.

As industrias principaes do Estado são : a criação de gado, a cultura do arroz, do algodão, da canna, do fumo, do milho e da mandioca.

A exportação do Estado no anno de 1902 teve o valor official de 6.545:764$000; a importação o de 6.207:386$000. A receita do Estado foi orçada para 1904 em



S. Luiz. — Largo do Palacio.





S. Luiz. — Thesouro publico do Estado.

2.351:128$750, e a despesa em 2.341:001$000. A alfandega de S. Luiz rendeu nesse anno : 4.486:753$000.

Divida fundada do Estado — 1.229:600$000.

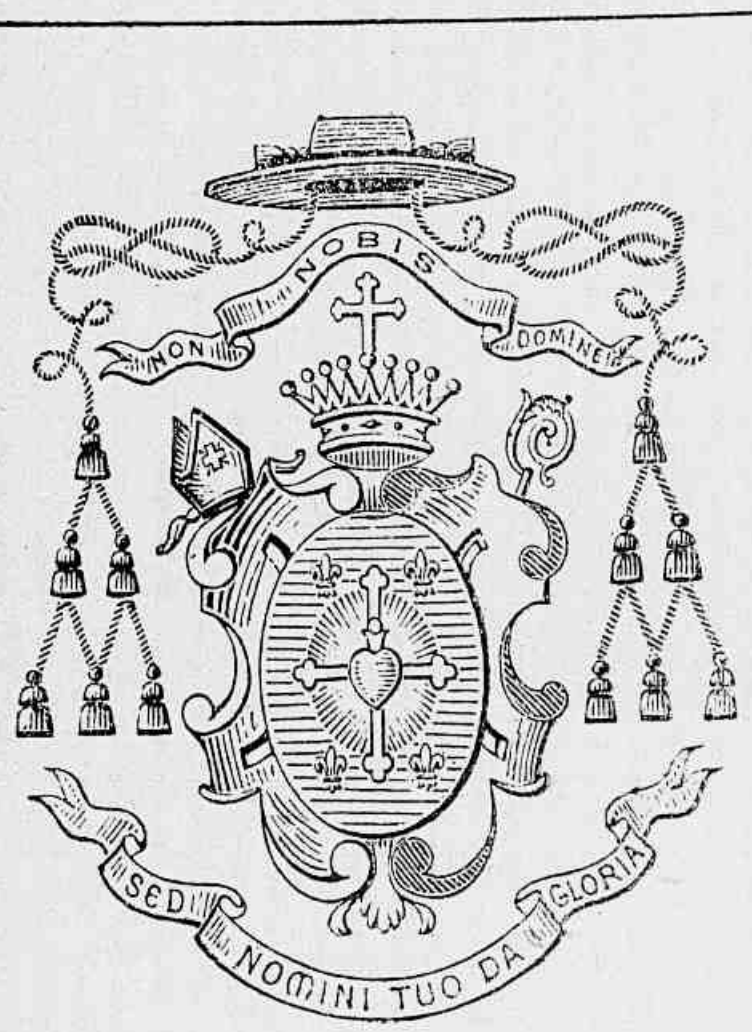
Cidades principaes. — S. Luiz (capital) com cêrca de 50.000 habitantes, provida de bons edificios, mas de construcção antiga, como : o Palacio do Governo com facnada que olha para o mar, a Intendencia Municipal, o theatro de S. Luiz, o Hospital da Sancta Casa de Misericordia e o Hospital Portuguez (sob a invocação de S. João de Deus) inaugurado em 1869, a cathedral, a egreja do Carmo, a Escola 11 de Agosto, o Quartel Federal, a Escola Normal, etc. No Largo dos Remedios, que está situado numa das extremidades da cidade e á esquerda do rio Anil, ergue-se, rodeada de vistosas palmeiras, a estatua do grande poeta Antonio Gonçalves Dias inaugurada em 1873. Este monumento d'arte mede 15 1/2 metros de altura, e tem nas quatro faces do pedestal os bustos de Odorico Mendes, Sotero dos Reis, João Francisco Lisboa e Gomes de Sousa. A praça João Lisboa (antigo largo do Carmo) está hoje aformoseada de modo notavel.



Na do Campo de Ourique está a pyramide commemorativa da sagração de d. Pedro II.

São notaveis as grandes fábricas de algodão da capital.

As mais cidades dignas de nota são Caxias, Alcantara, Carolaina, Brejo, Itapicurú-mirim e Vianna.



Armas do bispo de S. Luiz.

O Congresso compõe-se de duas camaras : a dos Deputados e a dos Senadores, que funccionam de 5 de Fevereiro a 5 de Abril; a primeira tem 20 membros eleitos de 3 em 3 annos, e a segunda 15 membros, cujo mandato é de 9 annos, renovando-se pelo terço triennalmente.

O governador do Estado é eleito por 4 annos e pelo suffragio directo, não podendo ser reeleito.

O poder judiciario do Estado é exercido pelo Superior Tribunal de Justiça (com 7 desembargadores) e por juizes de direito, supplentes dos juizes de direito e por tribunaes do jury.

O Maranhão é dividido em 53 municipios, sendo administrado cada um delles por um intendente e uma camara municipal.

E' governador do Estado até 1906 o dr. Benedicto P. Leite. Occupa o solio episcopal d. Antonio Xisto Albano, sagrado a 16 de Junho de 1901.

RESUMO HISTORICO

Os primeiros Europeus que avistaram terras do Maranhão foram talvez os da expedição de Yanez Pinson, que em principios de 1500 descobriram o cabo de Sancta Maria de la Consolacion (provavelmente o cabo de Sto-Agostinho) e d'alli seguiram para o N. beirando a costa. Em 1531 Diogo Leite explorou ligeiramente o littoral. Feita a divisão do Brasil em capitanias, coube a do Maranhão em 1535 a João de Barros e Fernão Alvares de Andrade, os quaes não podendo saïr do reino, se associaram a Aires da Cunha; este porém, vindo com grande leva de colonos, naufragou.

O mesmo succedeu em 1560 a Luiz de Mello da Silva. Abortando assim o projecto de colonização da capitania, reverteu esta para o Estado pouco depois. Esta demora de occupação e povoamento permittiu que aventureiros francezes fundassem alli estabelecimentos : desde 1594 Jacques Riffault e Carlos des Vaux, e em 1612 La Ravardière procuraram fixar-se no solo; este ultimo deu principio á fundação do forte de S. Luiz. Estes Francezes foram desalojados do Maranhão em 1614 e 1615 por Jeronymo d'Albuquerque e Alexandre de Moura. Taes factos despertaram por fim a attenção da metropole, a qual em 1621 instituiu o Estado do Maranhão, independente do resto da colonia; seu primeiro governador foi Francisco Coelho de Carvalho.

Durante a guerra hollandeza o sargento-mór A. Teixeira de Mello d'alli expelliu os invasores em 1643, depois da victoria do Outeiro da Cruz.

A creação de uma Companhia de Commercio para o Maranhão, em 1684, com poderes exclusivos de importação e exportação de varios generos, deu logar a uma

revolta popular dirigida por Manuel Beckman e outros, os quaes depuzeram o governador interino; este movimento foi abafado por Gomes Freire d'Andrade no anno seguinte, mas o govêrno portuguez reconhecendo o seu êrro aboliu a Companhia do Estanco. Beckman e Jorge de Sampaio pagaram entretanto com a vida a sua ousada iniciativa.

Durante a fecunda administração do marquez de Pombal, foi o norte do Brasil alvo de mais acurada attenção : a Companhia de Commercio do Grão-Pará e Maranhão, creada em 1753, si foi odioso monopolio, não deixou de animar vigorosamente a industria agricola de toda a região. O progresso do Maranhão se foi accentuando com o tempo; em 1772 passou a capitania independente, e em 1822 a provincia do Imperio.

O reconhecimento da independencia nacional deu logar no Maranhão a luctas promovidas pelo elemento reaccionario portuguez, que era alli importante; mas lord Cochrane com energia venceu as resistencias na capital; e no interior da provincia, onde se accolhêra com suas tropas Fidié (ex-governador do Piauhi), teve este de capitular deante da bravura patriotica de João da Costa Alecrim e do major Salvador Cardoso de Oliveira, chefes das fôrças independentes. Novos disturbios na provincia reclamaram pouco depois segunda intervenção de lord Cochrane, que destituiu o presidente Bruce e restabeleceu a ordem, procedendo entretanto de modo extranhavel e pouco digno na hora de receber o pagamento de seus serviços.

No periodo da regencia, a 13 de dezembro de 1838, rompeu uma revolta em Manga do Iguará (comarca de Itapicurú-mirim) capitaneada pelo desordeiro Raimundo Gomes Vieira, a pretexto de lucta entre *bentevis* e *cabanos*, como alli se chamavam liberaes e conservadores. Engrossando a sedição com outros bandos facciosos, assaltaram as povoações de Itapicurú, Brejo e Caxias, não logrando subjuga-los o presidente Manuel Felizardo de Sousa e Mello. Só em 1840, o coronel Luiz Alves de Lima, depois duque de Caxias, com o auxilio de tropas conseguiu bater os rebeldes e, usando de clemencia obteve a plena pacificação da provincia em Janeiro de 1841.

Em 1889 passou o Maranhão a Estado da Republica, sendo nomeado seu primeiro governador o dr. Pedro Tavares, que pouco se demorou; em 1891 foi acclamado governador o capitão-tenente Manuel Ignacio Belfort Vieira, o qual em 1892 por eleição regular passou a exercer o posto effectivamente.

A primeira constituição do Estado foi promulgada a 4 de julho de 1891, e a segunda a 28 de julho de 1892.

Foram gloriosos filhos do Maranhão : Antonio Gonçalves Dias — o maior lyrico brasileiro (de Caxias), fr. Custodio Alves Serrão — sabio naturalista e Franco de Sá — poeta (de Alcantara), João Francisco Lisboa (o *Timon*) — publicista e historiador, e Gomes de Sousa — eximio mathematico (ambos de Itapicurú-mirim), dr. D. A. Martins Costa — médico e Candido Mendes de Almeida — sabio geographo, historiador e jurisconsulto (do Brejo), Joaquim Serra — poeta e jornalista, Odorico Mendes — philologo, Sotero dos Reis — grammatico, Gentil-Homem de Almeida Braga — poeta (todos de S. Luiz), d. Joaquim Gonçalves de Azevedo — antigo arcebispo da Bahia (de Turi-assú), João Pedro Dias Vieira — politico do Imperio (de Guimarães).

ODORICO MENDES

Com toda a solemnidade effectuou-se na tarde de 28 do mez de julho de 1905, na capital do Maranhão, a ceremonia do assentamento da primeira pedra do monumento que a Officina dos Novos vai erigir numa das praças da cidade, para perpetuar a individualidade do grande maranhense, Odorico Mendes.

Presentes as principaes autoridades civis e militares, o secretario geral da officina

leu a acta, a que prestaram as suas assignaturas o coronel Collares Moreira, vice-governador em exercicio ; o presidente do Congresso Legislativo, o coronel sub-intendente municipal, o coronel commandante da guarnição federal, o coronel Nuno Alvares de Pinho, representante do *Federalista ;* Alberto Pinheiro, representante do *Diario do Maranhão ;* professor Joaquim Alfredo Fernandes, representante do *Avante*; drs. Ribeiro Gonçalves e Antonio Pereira Junior, Antonio Silva, representando os estudantes do Lyceu Maranhense; Carlos Sttoy e Augusto Rodrigues, representando a Companhia de Navegação a Vapor do Maranhão, e pela commissão do officina Hermilio Pereira, Astolpho Marques e Alfredo Assis.

Depois de assignada, foi a acta guardada debaixo da pedra, conjuntamente com um numero do *Novos*, um da *Revista do Norte*, um do *Federalista*, um do *Diario do Maranhão*, um do *Avante* e um exemplar do poema *Oceano*, edição da officina, dedicado a Odorico Mendes.

No acto proferiram allocuções os srs. Astolpho Marques e Alberto Pinheiro.

Terminado o assentamento da pedra, tres bandas de musica tocaram ao mesmo tempo o hymno maranhense.

A' noite, no theatro S. Luiz, realizou-se a primeira conferencia sobre a vida e obra de Odorico Mendes, sendo orador official o eloquente tribuno Antonio Lobo.

A sessão foi presidida pelo distincto poeta e socio da officina dr. Alves de Farias, tendo ao seu lado os operarios Astolpho Marques, Hermilio Pereira, Alfredo Assis, Joaquim Fernandes, Correia de Araujo e Almerio Godinho.

Levantado o panno, via-se ao fundo do palco e entrelaçado de flores o retrato do insigne escriptor e politico.

ALCOOL CONTIDO NOS VINHOS E EM OUTRAS BEBIDAS

Cerveja ingleza Porter.....	4.50	0/0	Vinho Xerez.....	19	0/0
— Ale.....	7.40	—	Vermout.....	19	—
Vinho de Chablis branco.....	7.88	—	Vinho do Porto.....	20	—
— Château-Laffitte.....	8.73	—	Madeira branco.....	20	—
— Mosella.....	9.06	—	Marsala.....	23.85	—
— Château-Latour.....	9.33	—	Liquor Coraçau.....	27	—
— Bordéus tincto.....	10.10	—	Anisette.....	33	—
— Tokay.....	10.20	—	Marasquino.....	34	—
— Rheno.....	11	—	Chartreuse.....	43	—
— Mâcon branco.....	11	—	Genebra.....	51.60	—
— Champanhe sêcco...	11.77	—	Conhaque.....	53.40	—
— Chypre.....	15	—	Rhum.....	55.80	—
— Malaga.....	15	—	Kirsch.....	52	—
— Constança.....	18.17	—	Wisky escocez.....	54.30	—

Uma discussão viva na rua do Ouvidor :

— O snr. me dará uma satisfacção !

— Um duelo com o snr? Nunca. Eu sou membro da sociedade protectora dos animaes.

***

Na livraria Garnier :

— Quero um romance serio, qualquer cousa de historico... mas que seja bonito.

— O snr. quer os « Ultimos dias de Pompeia » ?

— De que morreu ella?

— Supponho que de uma erupção.

DELTA do Rio Parnahiba

Barra do Carrapato
Ilha do Caju
Barra do Cajú
Barra do Meio
Barra de Canarias
Ilha Grande do Paulino
Ilha de Canarias
Ilha Crande de S. Cruz
Parnahiba
Escala de 1:1.100.000

OCEANO ATLANTICO

Parnahiba
Amarracão
Buritydos Lopes
Rio Trangy
Pirapyl
Rio das Mattos
Balalha
Barras
Piracurura
Rio Maratoan
R. Corrente Longa
Itamaraty
União
Campo Maior
Serra dos Mattões
Serra Ibiapaba
THEREZINA
Humildes
Rio Poty
Rio S. Nicoláu
Serra dos Missoes
Rio S. Victor
Serra dos Cayrys Novos
Amarante
Valença
Picos
Rio Guaribas
Rio Jaloba
Manga
Parnahyba
Rio Tranqueiras
Rio Piauhy
Jaicos
Rio Canindé
Rio Ytaueira
Serra Vermelha
Apparecida
Jeromenha
Oeiras
Rio Urussuhy
Urussuhy assú
S. Antonio de Gilbaes
Rio Gurgueia
Rio Itaquatiara
Rio S. Rosa
R. Riachão
S. Philomena
R. Paquarussú
R. Urussuhy sinho
Rio Pintada
R. Parnahybinha
Curguéa
Serra Curmatan
R. S. João
R. dos Passos
Serra Dous Irmãos
Estado de Pernambuco
Serra de Tabatinga
Serra da Gurgueia
Parnaguá
Lagoa Parnagua
Lagoa Dourada
L. Pimenteiras
L. Ibiraba
Lagoa do Matto
Serra do Piauhy
Estado da Bahia

ESTADO do PIAUHI

Escala de 1:5.555.000

Tourrette del.t

1° 0° 3° 5° 10°

PIAUHI



Limita-se a O. com o Maranhão, a L. com Ceará e Pernambuco, ao S. com Bahia e Goiaz, e ao N. com o Atlantico por pequenissima porção de costa. Superficie = 301.797 kms. qs.; população — cêrca de 425.000 almas.

O solo é mais ou menos montanhoso, á proporção que se caminha para o interior, e todo elle é regado pelo grande rio Parnahiba ou por seus muitos affluentes da margem direita, entre os quaes se destacam o Urussuhi-mirim e o Assú, o Gurgueia, o Piauhi, o Canindé e o Poti. As serras mais notaveis são : Piauhi, Dous-Ermãos, Vermelha, Cariris-Novos, Ibiapaba, Gurgueia e dos Mattões.



Dr J. Paranaguá, **senador.**

As communicações com paizes extrangeiros são feitas pela « The Liverpool and Maranhan Steamship Comp. lt. » e pela « The Booth Steamship Comp. ». Ha no Estado uma linha que faz o serviço de navegação do rio Parnahiba.

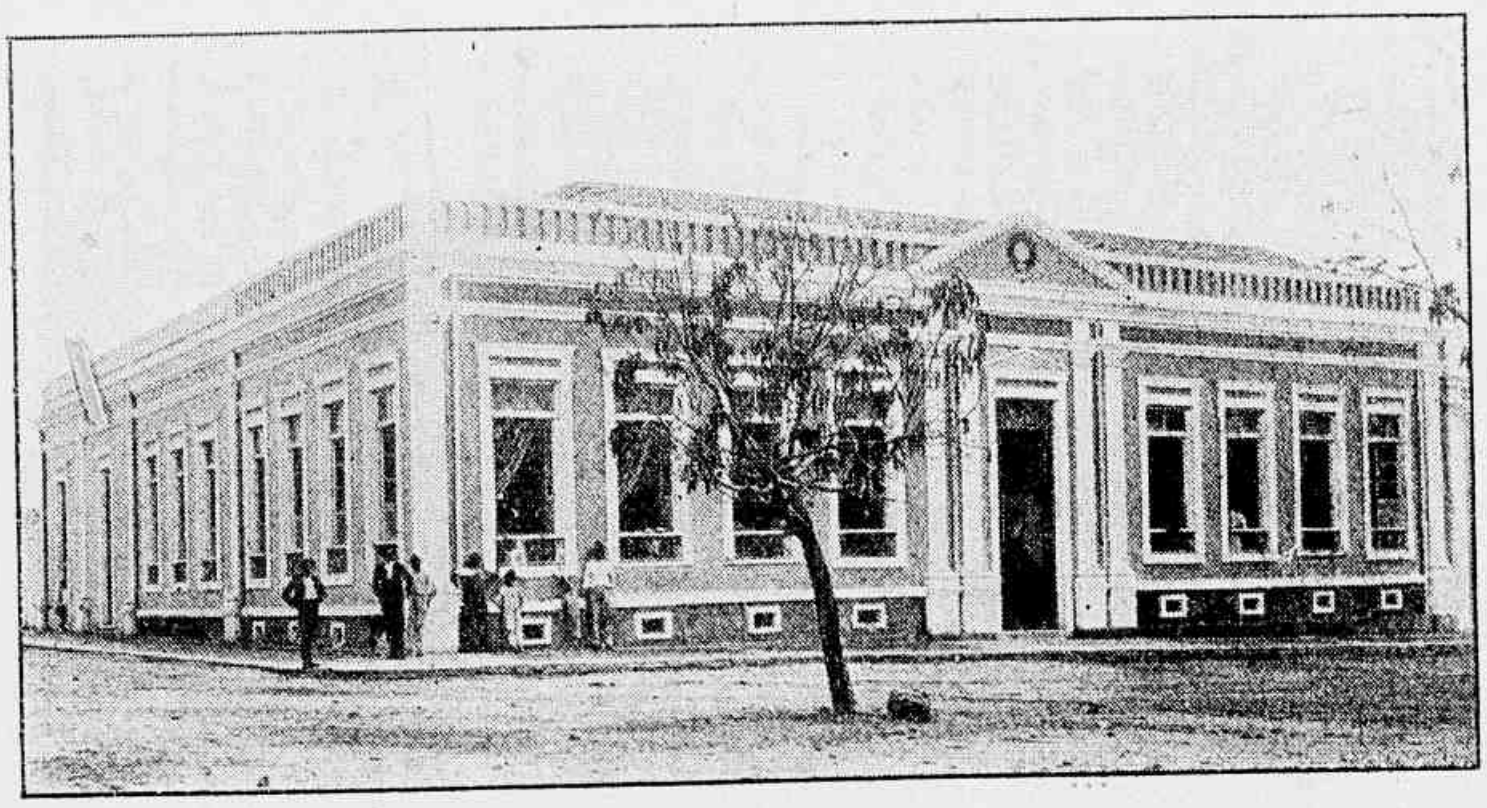
Pharol — um, na ponta da Pedra do Sal.

A principal industria do Estado é a criação de gado; cultiva-se algodão e algum fumo.

No anno de 1903 a receita importou em 983:196$490, e a despesa em 833:157$428. Valor da importação 2.509:846$000; o da exportação 2.615:536$000. A renda da alfandega de Parnahiba em 1904 foi de 1.277:839$000.

Clima — em geral salubre, particularmente nas terras altas.

Cidades principaes. — THERESINA (capital), com perto de 30.000 habitantes, fundada em 1852; alli se notam o Palacio do Governo, trez egrejas, um lyceu, um bom theatro e algumas fábricas. Seguem-se em importancia : Parnahiba, Amarante e Oeiras.



A municipalidade de Therezina.

O Congresso compõe-se de Ca-

mara dos Deputados e Senado, e funcciona de 1 de Junho a 31 de Julho, durando cada legislatura 4 annos : a Camara com 20 membros, e o Senado com 10, sendo os senadores eleitos por oito annos com renovação pela metade de 4 em 4 annos.



Egreja de S. Benedicto-Therezina.

O governador exerce o cargo por 4 annos egualmente, e tem trez secretarios d'Estado : do Governo, da Fazenda e da Policia.

O poder judiciario é constituido por um Tribunal de Justiça (com 5 desembargadores), juizes de direito, juizes districtaes e jurados. O ministerio publico é representado por um procurador geral do Estado e por promotores publicos.

O territorio do Piauhi comprehende 34 municipios, havendo em cada um delles um Concelho e um intendente.

RESUMO HISTORICO

A exploração e o povoamento do territorio do Piauhi fez-se tarde : só em 1674 por alli se internaram o paulista Domingos Jorge e o portuguez Domingos Affonso Mafrense, cabendo a este ultimo a gloria de fixar-se no solo, onde fundou numerosas fazendas de criação de gado. Esta indústria, que foi talvez o principal factor do povoamento, mantiveram-n'a e continuaram-n'a os padres Jesuitas, que chegaram a possuir alli avultadissimas propriedades.

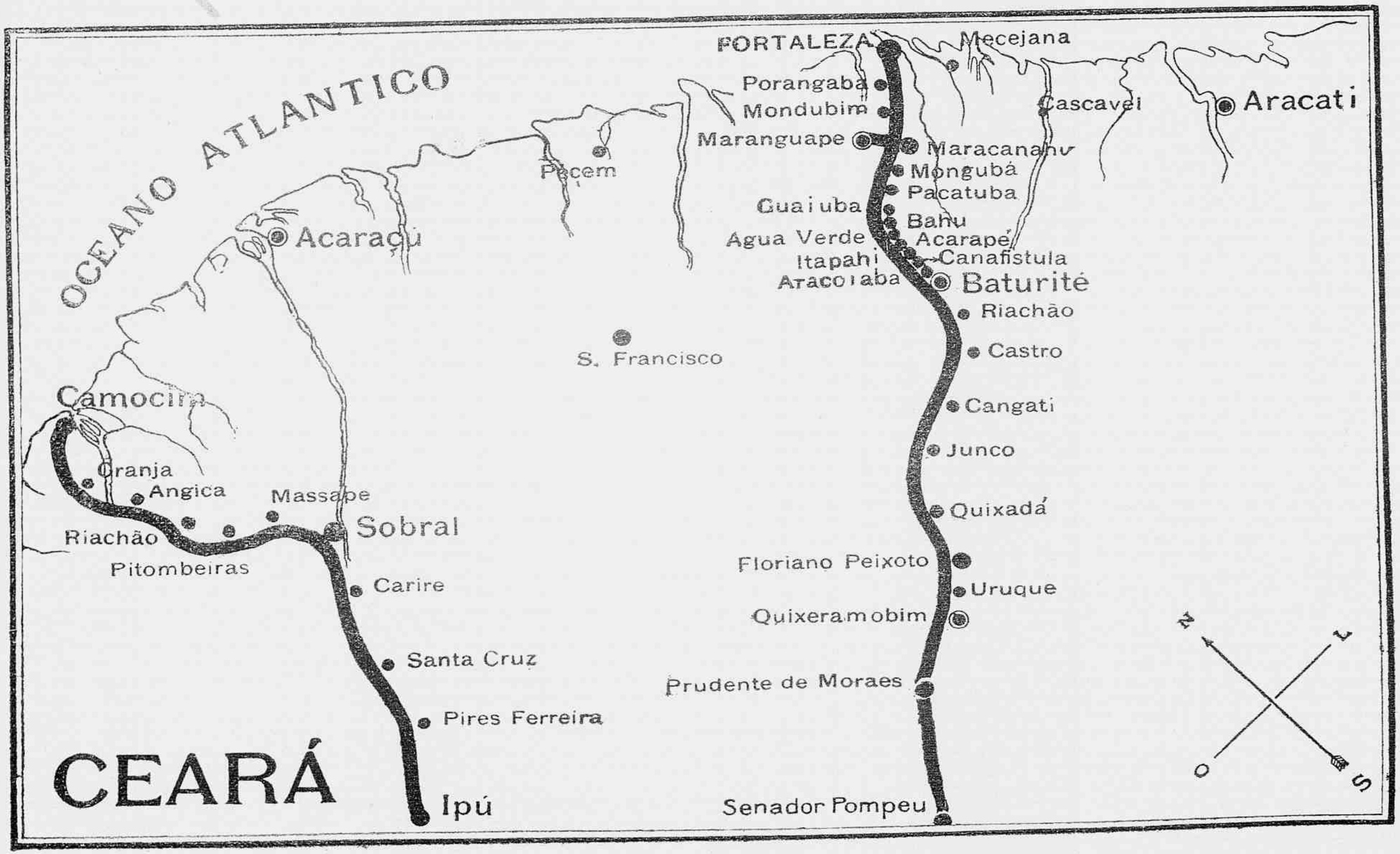
Em 1718 foi organizada a capitania, ficando porém sujeita ao govêrno do Maranhão e em 1811 conseguiu relativa autonomia, tendo por capital a villa da Mocha, que depois se chamou Oeiras.

Em 1822, como provincia, fez parte do Imperio, tendo por capital a mesma cidade de Oeiras até 1852; neste anno a séde do govêrno transferiu-se para Therezina, sendo presidente o dr. José Antonio Saraiva.

Em 1889 passou a Estado da Republica, e teve por primeiro governador eleito o dr. Gabriel Luiz Ferreira. Sua constituição é datada de 13 de Junho de 1892.

Nasceram no Piauhi : Francisco José Furtado — eminente politico liberal, o dr. Pedro F. da Costa Alvarenga — medico, e o general Henrique Valladares.

O general Gaspar Ochoa, dono do vulcão Popocatepetl e das immensas jazidas de enxofre na sua cratera, vendeu-o a um syndicato americano por $5.000.000 (cêrca de 40 mil contos).


OCEANO ATLANTICO
PORTALEZA
Mecejana
Porangaba
Mondubim
Cascavel
Aracati
Maranguape
Maracanahu
Pecem
Mongubá
Pacatuba
Acaracu
Guaiuba
Bahu
Agua Verde
Acarapé
Itapahi
Canafistula
Aracoiaba
Baturité
S. Francisco
Riachão
Castro
Camocim
Cangati
Junco
Granja
Angica
Massape
Quixadá
Sobral
Riachão
Floriano Peixoto
Pitombeiras
Uruque
Carire
Quixeramobim
Santa Cruz
Prudente de Moraes
Pires Ferreira
CEARÁ
Ipú
Senador Pompeu
N
L
O
S

ESTADO do CEARÁ

Escala de 1:3.967.500

OCEANO ATLANTICO

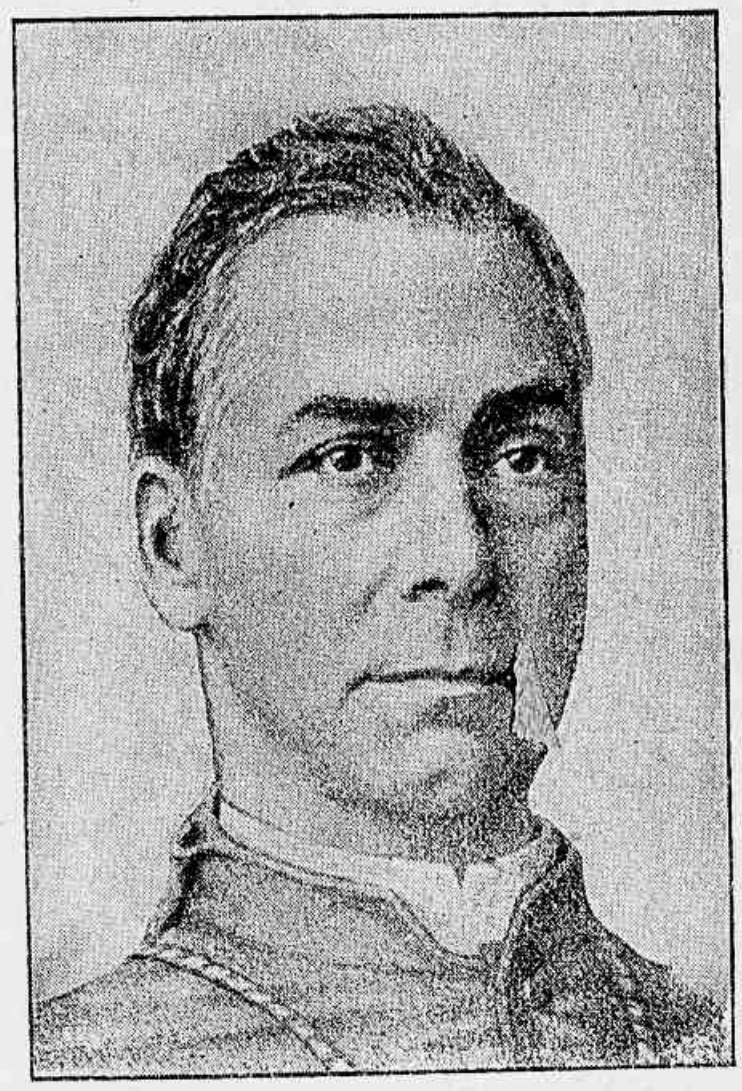
Porto de camocim
Camocim
Granga
Porto de Acarahú
Acarahú
Ubiaçá
Arpica
Riachão
Serra da Meruoca
Acaraú
Sta Anna
Pitombeiras
Rio Aracaty-Assú
Rio Mundahú
Massapé
Sobral
Rio
Serra da Ibiapaba
Viçoza
Ibiapina
Carire
Santa Cruz
Campo Grande
S. Benedicto
Pires-Ferreira
Ipu
Serra da Uruburetama
S. Francisco
Rio Curú
S. Gonçalo
Rio Caujipe
FORTALEZA
Ponta e pharol de Mocuripe
Barra do Rio Coco
Maranguape
Mecejana
Barra do Rio Pacoty
Rio Maracanahú
Pacatuba
Aquiraz
Rio Pacoty
Guayuba
Acarape
Cascavel
Canindé
Rio Canindé
Redempção
Canafistula
Guarany
Serra de Baturité
Baturité
Riachão
Castro
Pirangy
Aracaty
Rio Choro
Rio Palhano
Serra do Machado
Serra Mariannna
Serra do Estevam
Junco
Rio Quixeramobim
S.a Azul
S. Bernardo
União
Lagôa Philippa
Uruque
Morada Nova
Quixeramobim
Boa Viagem
Prudente de Moraes
Sebastião de Lacerda
Quixadá
Rio Banabuyú
Senador-Pompeu
Maria Pereira
Carattheus
Serra da Joaninha
Serra de Rita
Serrote de Mombaça
Serra dos Flaccos
Rio Jaguaribe
Limoeiro
Chapada da Serra do Apodi
Riacha do Sangue
Cachoeira
Riacho do Sangue
Rio do Juquez
Rio Figueiredo
Iracema
S. João de Inhamuns
Serra Grande
Serra dos Orós
Jaguaribe-mirim
Riachão
Rio do Peixe
S.a do Pereiro
Arneiroz
Rio
S.a do Arneiroz
S.a do Flamengo
Lag. Igabi
Igatu
S. Matheus
Ico
Pereiro
Jaguaribe
Saboeiro
Assaré
Serra Quicunca
S.a de S. Pedro
Serra do Camara
Pavras
Salgado
R. das Antas
Missão Velha
Crato
Milagres
Barbalha
Rio
Lagôa S. Miguel
Lagôa Burity
Lagôa Cardoso
Jardim
Porteiras
Estado do Piauhi
Estado do Rio Grande do Norte
Estado da Parahyba
Estado de Pernambuco

2º 3º 4º 5º
2º 3º 4º 5º 6º 7º 8º

Tourrette del.t

CEARÁ

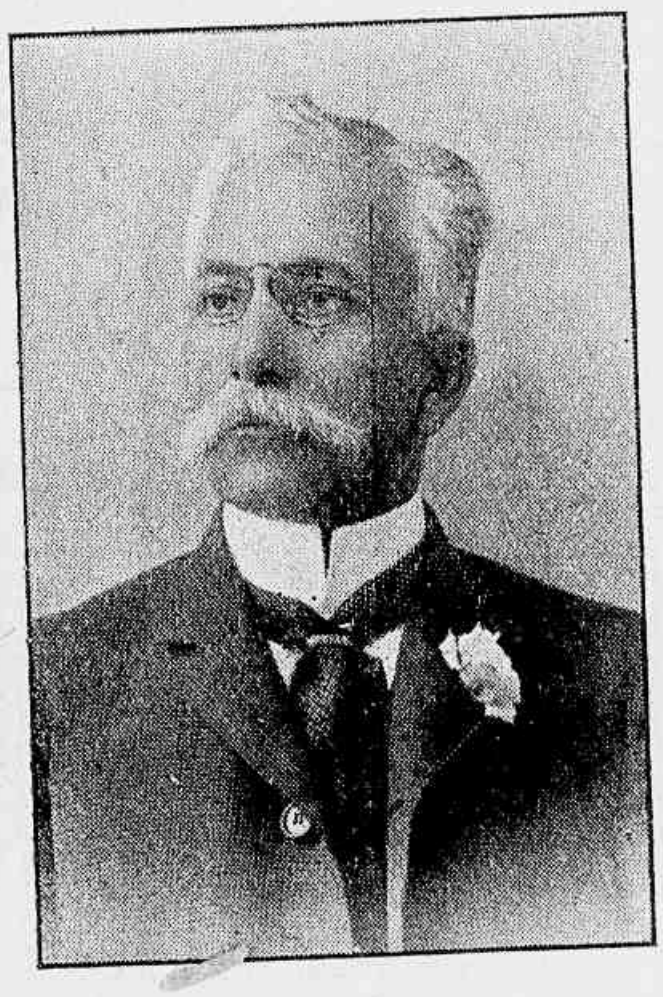
Tem por limites: ao N. e NE. o Atlantico; a L. o Rio-Grande-do-Norte; ao S. a Parahiba e Pernambuco; a O. o Piauhi. Superficie = 104.250 kms. qs. População = 1.000.000 habitantes.



D. Joaquim José Vieira, bispo.

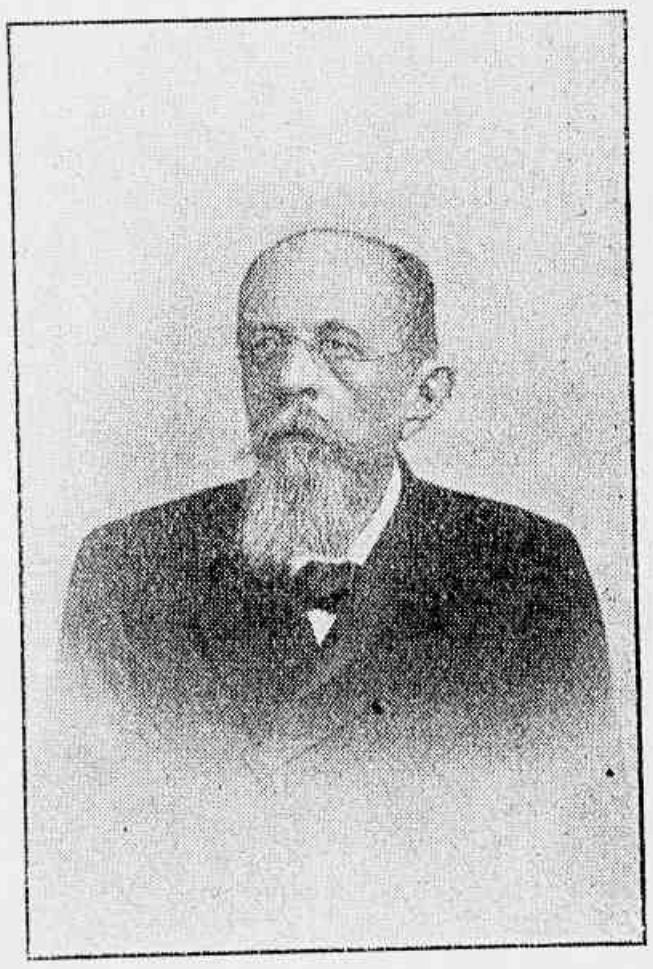
Solo baixo na costa, mas que se eleva gradualmente para o interior até á serra Ibiapaba. Clima quente e humido no littoral, sêcco e quente no sertão, o qual tem fama de grande salubridade. O Estado é sujeito a sêccas devastadoras como as de 1877 e 1878 e um pouco menos as de 1898 e 1900, cujos effeitos os Cearenses têm ultimamente evitado emigrando em grandes levas para outros Estados, e sobretudo para os do Amazonas e Pará.

A cordilheira principal é a da Ibiapaba, que toma os nomes de Serra-Grande dos Côcos, Carateús e Coronzó até á Varzea da Vacca, e d'ahi em deante se denomina Araripe até entroncar nas serras de Pajehú; seguem-se as serras de Maranguape, Baturité, Urubu retama, Meruoca, etc. O ponto culminante da Ibiapaba tem 1.020 m. de altitude; o da Maranguape — 920 m.; o da Baturité — 852 m. em Monte-Flor.



Dr Pedro Borges, senador.

Os rios do Ceará, posto que alguns extensos, não mantêm regime fluvial sinão no *inverno* (estação das chuvas). Os principaes são: o Jaguaribe, o Acarahú, o Aracati, o Curú e o Choró. O Estado carece de bons portos e tem trez pharoes.



Dr A. P. Nogueira Accioli.
Presidente do Ceara.

Suas principaes industrias são: a criação de gado, a extracção da carnaúba e as lavouras de algodão, açucar, café e fumo.

A 20 kms. do porto do Fortinho, no municipio de Aracati, ha as ricas salinas de Canoé, que estão sendo exploradas. Ellas constam de 31 baldes ou crystallizadores de $100^m \times 80^m$, e produzem annualmente um milhão de alqueires de sal. A empresa alli construiu uma linha ferrea, que já percorre 23 kms.

A exportação do Ceará para a Europa, em 1902, foi de 4.219:130$690, pagando de direitos 467:743$939, e para a America foi de 1.010:216$400, que renderam de direitos réis 120:102$040.

Para a Europa as maiores parcellas foram : 1.885:781$400 de algodão em rama,



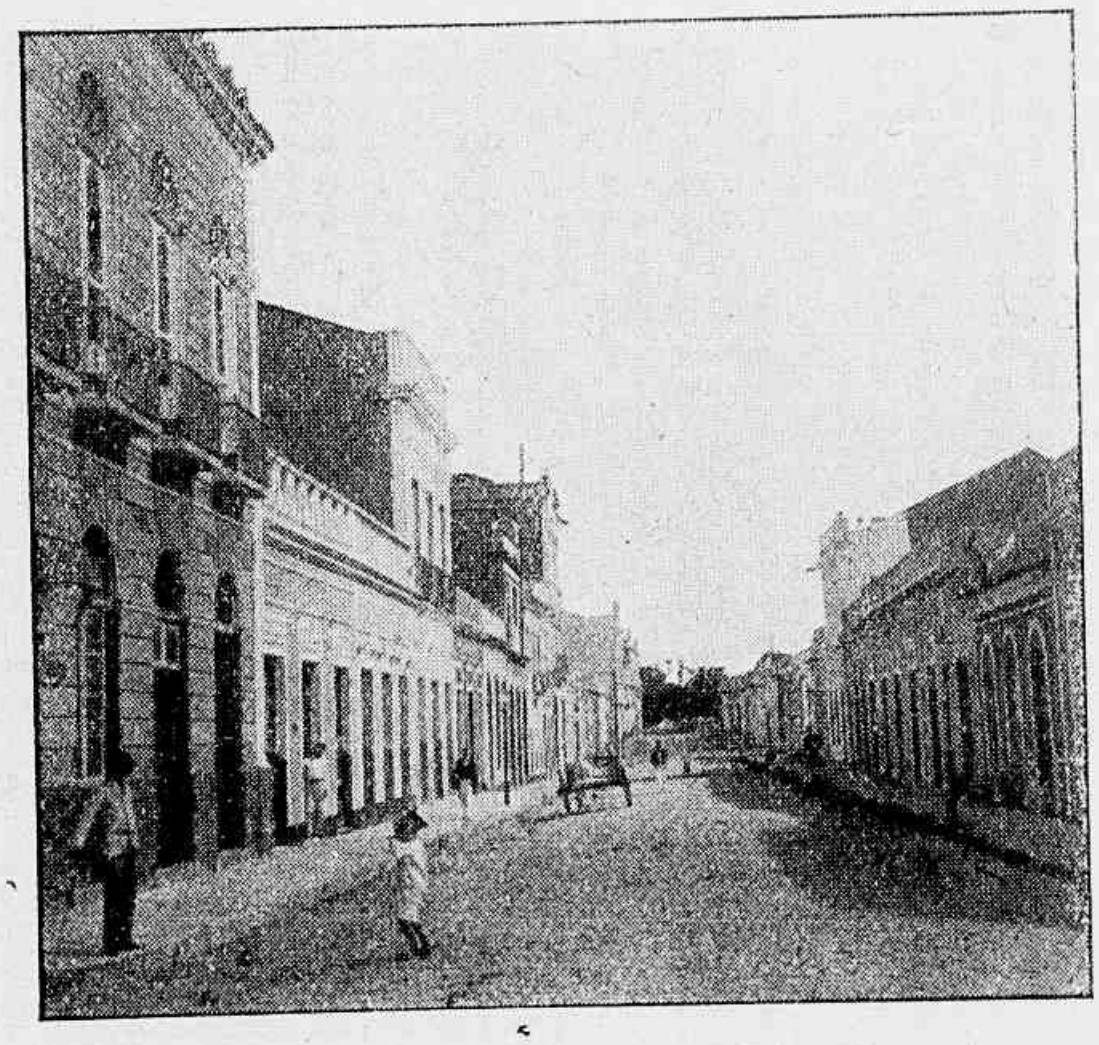
Ceará. — Caninde.

1.201:460$ de borracha, 520:819$ de couros salgados, 355:320$ de pelles de cabra, 102:989$550 de caroço de algodão e 77:436$600 de cêra de carnaúba.

Para a America, quasi toda a exportação foi representada por 887:403$ de pelles de cabra. Além d'isso, só saïu com o mesmo destino cêra de carnaúba, no valor de 62:804$, e pelles de carneiro, no de 59:726$000.

A saïda de productos cearenses para os outros Estados teve o valor official de 1.005:397$998, sendo a maior cifra d'esse commercio 361:087$857 em rêdes de dormir.

O valor da importação em 1902 foi de 4.883:348$000.



Fortaleza. - Trecho da rua Major Jacundo.

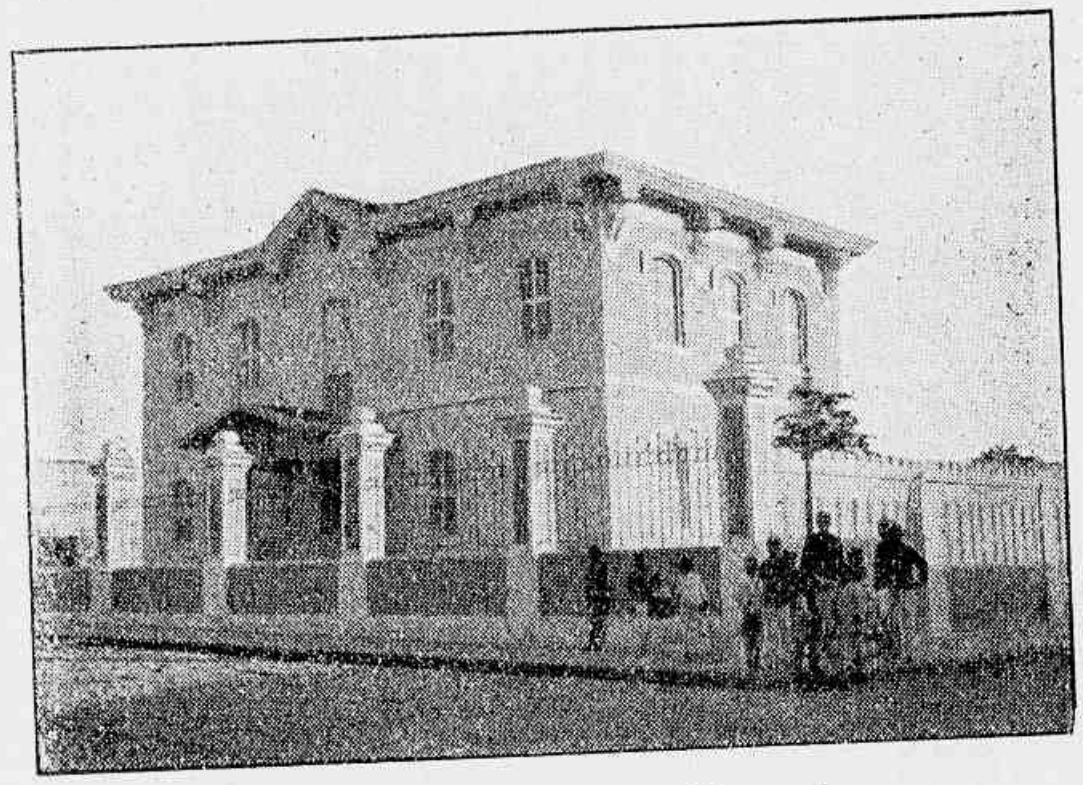
A alfandega de Fortaleza no anno de 1904 rendeu 3.533:565$000.

Duas estradas de ferro communicam o littoral com o interior : a de Sobral, arrendada a Saboia, Albuquerque e C. desde 1897, cuja extensão em tráfego é de 216 km. 280, de Camocim a Ipú, linha percorrida em 10 h. de viagem; e a de Baturité, arrendada a Augusto Novis em 1898, com 297 km. 445 em tráfego, a saber : de Fortaleza a Senador Pompeu (287 k. 299), ramal de Maracanahú a Maranguape (7 k. 246) e ramal da E. Central á Alfandega (2 k. 900). Esta última estrada tem estudos approvados na extensão de mais 214 k. 290, de Humaitá a Guixará, e simples estudos de Guixará ao planalto do Araripe na extensão de 81 k. 672.

A estrada de Sobral teve em 1903 a renda bruta de.....	313:497$750
e a despesa de.....	244:607$323
Saldo.....	68:890$427
A de Baturité teve no mesmoa nno a receita de	798:644$952
e a despesa de.....	778:226$267
Saldo.....	20 : 418$685

Para obviar os desastres resultantes das sêccas iniciou-se ha annos a construcção de grandes açudes, dos quaes o mais importante é o de Quixadá, a uma legua da cidade do mesmo nome, e formado por quatro barragens : uma central de alvenaria, e as outras trez de terra.

A barragem central, que é a principal, é de forma curva, apresentando um raio de curvatura de 200 metros.



FORTALEZA. — Escola Normal.

Mede 415 metros de comprimento e 16m,20 de altura, tendo de largura na base 15m,10 e no coroamento 3m,30.

O seu perfil não obedece a nenhum typo classico; é formado pela concordancia de duas rectas por uma curva.

As outras trez barragens são rectilineas e construidas de terra, typo francez, com taludes de $\frac{1}{1,25}$.

Os seus taludes são pedrados com rejunctamento de cimento.

As aguas que pelo açude são represadas têm o volume de 136.000.000 metros cubicos ou sejam 136.000.000.000 de litros.

Ellas estão represadas numa extensão de 26 kilometros, e a sua maior curva de contôrno mede 96 kilometros.

A altura maxima das aguas é de 15 metros.

O reservatorio concluido bastará para a irrigação de 30 kilometros de terra, e a esta irrigação já se deu principio.

O canal principal, com cêrca de 2.000 metros de extensão foi projectado para uma descarga de 3.000 litros por segundo.

A secção de vasão é de 6 metros quadrados, a declividade de 0m,2 por kilometro e a velocidade da agua de 0m,51 por segundo. Esse canal divide-se em dous ramaes, o do Sul e o do Norte, um para o lado direito e outro para o esquerdo do valle do Sabiá.

O volume effectivo para a irrigação é de 125.694.200 m. cubicos. Esse volume dá para irrigar uma área de 2.572 hectares durante 5 mezes dos annos ordinarios e mais, durante o mesmo periodo, em 2 annos successivos de *sêcca*.

Nesse periodo de 5 mezes póde-se obter 2 colheitas de milho ligeiro, de feijão de moita e grande quantidade de legumes, pastagens, etc.

Calcula-se em setenta mil a quantidade de peixes annualmente pescados no açude.

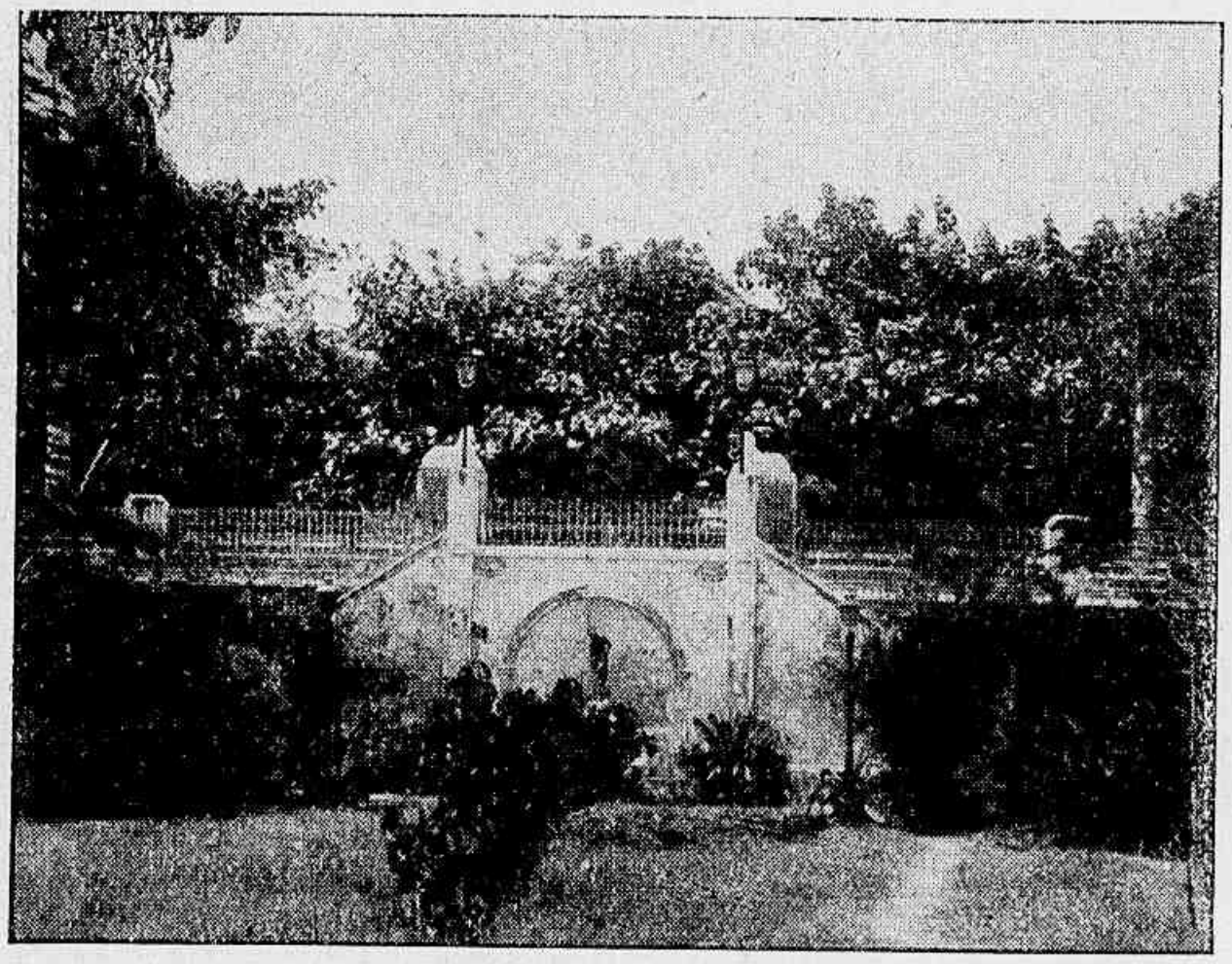
A despesa effectuada até Dezembro de 1902 era de 4.058:458$012.

Outro açude importante é o de Massapê, calculado para 200 milhões de metros cubicos d'agua.

Iniciaram-se em 1903 os estudos de açudagem nos valles de Acarape e Acarahú Mirim.

Cidades principaes. — Fortaleza (capital), situada aos 3° 43′ 36″ lat. S. e 4° 39 11″ long. E. do Rio-de-Janeiro, bem edificada, illuminada e calçada, com 15 praças, 10 egrejas e alguns edificios de notavel aspecto, como a Intendencia, a Bibliotheca, o Lyceu, o Quartel de policia, etc. Em 1903 foi installada a Academia Livre de Direito. Duas estatuas ornam praças da cidade : a do general Tiburcio e a do general Sampaio, ambos heroes da campanha do Paraguai. População = 50.000 almas. Funccionam na capital trez empresas de bondes : a « Ferro-Carril do Ceará » com oito linhas, a « Ferro-Carril do Outeiro » com uma linha para o Outeiro, e a « Ferro-Carril do Porangaba » com uma linha Porangaba a Bemfica. Segue-se em importancia : Aracati, Sobral, Baturité, Crato, Jardim, Maranguape, Granja, Camocim, Quixeramobim, Acarahú, Viçosa, Ipú, etc.

O orçamento do Estado para 1905 consignou : receita 2.940:748$955; despesa 2.653:362$601 ; no exercicio de 1903-04 a receita foi de 2.927:390$035, e a despesa — 2.802:521$687.



Fortaleza. — Passeio Publico.

A divida passiva em 1904 era de 125:609$000.

E' presidente do Ceará o dr. Nogueira Accioly e bispo d. Joaquim José Vieira.

A Assembléa Legislativa compõe-se de 30 deputados eleitos por 4 annos, e cada sessão dura dous mezes. O poder executivo é exercido pelo presidente do Estado, cujo mandato é de 4 annos e não póde ser renovado immediatamente; tem elle para os serviços do Estado trez secretarias : do interior, da justiça e da fazenda.

O poder judiciario tem por orgãos : o Tribunal da Relação, juizes de direito, juizes substitutos, o ministerio publico, o jury e as junctas correccionaes.

Ha no Estado 80 municipios, dos quaes 28 são cidades e 52 villas.

RESUMO HISTORICO

A capitania do Ceará foi doada em 1534 a Antonio Cardoso de Barros, mas o donatario nenhum trabalho alli realizou. No decurso do seculo xvi Portuguezes e Francezes

traficaram com os tapuias do littoral; mas a primeira tentativa de colonização foi feita em 1603 por Pero Coelho de Sousa. Em 1607 os jesuitas Francisco Pinto e Luiz Figueira iniciaram a catechese, fundando pequenos estabelecimentos aldeiados; dous annos depois, Martim Soares Moreno, auxiliado pelo potiguar Jacauna, fundou o forte de N. Sª do Amparo na barra do Ceará, iniciando assim o povoamento regular do sólo.

Em 1637 os Hollandezes effectuaram a conquista da capitania, que com pequena interrupção mantiveram até 1654. D'esta data em deante o Ceará ficou encorporado á capitania geral de Pernambuco. Neste interim o sertão começou a ser avassallado por colonos portuguezes, que fundaram fazendas de criação de gado bovino. Em fins do seculo XVII e pelo comêço do seculo XVIII proseguiu mais activamente a catechese dos indios, fundando-se várias povoações.

A primeira villa do Ceará foi inaugurada em 1700 sob o govêrno do capitão-mór Francisco Gil Ribeiro no logar donominado Aquiraz; em 1726 creou-se outra villa no Forte, hoje Fortaleza; seguiram-se Icó, Aracati e outras.

Por acto de 17 de Janeiro de 1799 foi declarada a capitania do Ceará independente da de Pernambuco, sendo grande já a sua producção de gado e notavel o seu commercio com Recife e Bahia; o primeiro governador foi o chefe de esquadra Bernardo Manuel Vasconcellos. Em 1817, sob o govêrno de Manuel Ignacio de Sampaio, repercutiu no Crato o movimento republicano de Pernambuco, mas breve desfalleceu, apezar da propaganda de José Martiniano de Alencar.

Feita a independencia do Brasil em 1822, passou o Ceará a provincia do Imperio. Em 1824, theatro já de rebellião accentuada, adheriu á chamada republica do Equador, sendo eleito seu presidente Tristão de Alencar Araripe; mas breve o govêrno central abafou o movimento, não obstante a coragem e a pertinacia de Tristão, que teve raros imitadores. Seguiram-se infelizmente os processos summarios instaurados pelas commissões militares, processos que só não fizeram maior número de víctimas graças á magnanimidade de Francisco de Lima e Silva e Conrado J. de Niemeyer.

Em 1831 o cratense Joaquim Pinto Madeira, insurgindo-se contra a abdicação de Pedro I, pretendeu fazer vingar a restauração; batido porém pelos legalistas no engenho do Buriti, entregou-se por fim ao general Labatut e soffreu a pena última em 1834. Depois d'esse emprehendimento insensato não se perturbou mais a ordem pública no Estado, durante o regimen imperial.

Foi creado em 1854 o bispado do Ceará, mas o primeiro bispo, d. Luiz Antonio dos Santos, só tomou posse em 1861.

Data de 1873 o seu Tribunal da Relação.

No dia 25 de Março de 1884 solennizou o Ceará a completa extincção da escravatura no seu territorio, antecipando de quatro annos, por esta forma, a gloriosa lei aurea de 1888.

Inaugurada a Republica, o Ceará teve por primeiro governador o tenente-coronel Luiz Antonio Ferraz. A primeira constituição republicana do Estado foi promulgada em 16 de Junho de 1891, e a segunda em 12 de Julho de 1892 após a deposição violenta do governador general José Clarindo de Queiroz.

Entre os Cearenses mais illustres já ceifados pela morte contam-se : o senador J. Martiniano de Alencar, seu filho o grande escriptor José de Alencar, o geographo Thomaz Pompeu de Sousa Brasil, os generaes Antonio Tiburcio Ferreira de Sousa e Antonio Ferreira Sampaio, Franklin Tavora — romancista, Manuel do Nascimento Castro e Silva — estadista e parlamentar, d. Manuel do Rego Medeiros — bispo de Olinda, o visconde de Cauhipe e o barão de Ibiapaba — benemeritos philanthropos, Raimundo A. da Rocha Lima — crítico de grande talento.



Natal. — Panorama da entrada.

RIO-GRANDE-DO-NORTE

Confina ao N. e a E. com o Atlantico, ao S. com a Parahiba, a O. e NO. com o Ceará. Superficie = 57.485 kms. qs.; população = 407.200 almas.



Pedro Velho d'Albuquerque Maranhão, senador.

Solo desegual, arenoso e baixo perto da costa e mais elevado para o interior onde se erguem as serras da Borborema (com grandes ramificações), do João do Valle, do Martins e do Luiz Gomes. Os rios principaes são: Mossoró, Piranhas, Ceará-Mirim e Potengi. Clima quente e sadio.

Ha quatro pharoes na costa.



Dr. A. Tavares de Lyra, governador.

Os productos das industrias pastoril e agricola são muito escassos em relação ao que se poderia obter da terra, que é excellente. Cria-se algum gado, extrahe-se carnaúba, cultiva-se canna e algodoeiro. D'ahi acanhado commercio.

A estrada de ferro de Natal a Nova-Cruz, hoje resgatada pela União e comprehendida na rêde arrendada á *Great Western of Brazil Railway*, tem em tráfego 211 kms., que são percorridos em 8 1/2 h.; e pelo trecho recentemente construido

ESTADO
do
RIO GRANDE DO NORTE

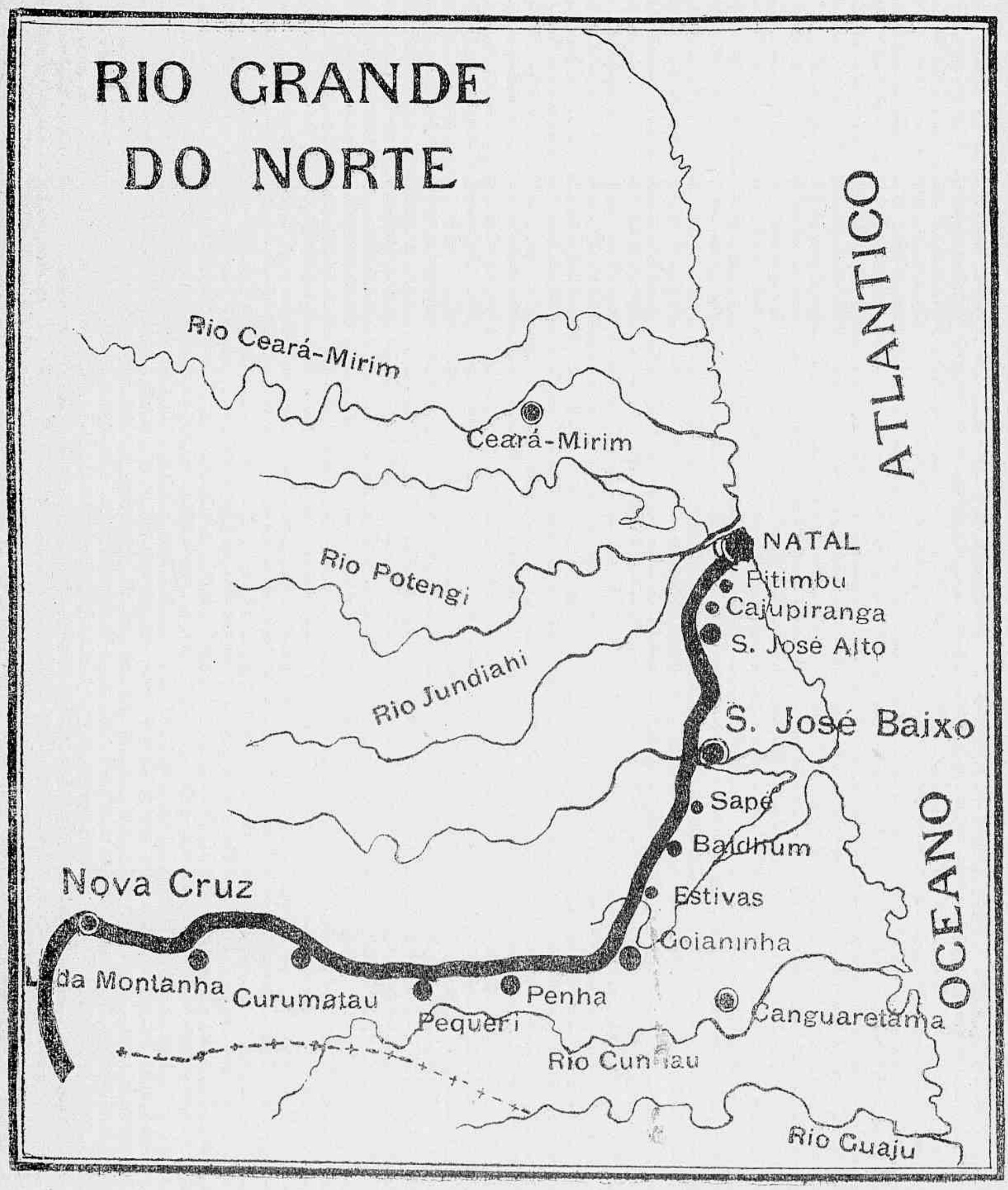
Escala de 1:2.313.750

OCEANO ATLANTICO

5° 6° 7° 8°

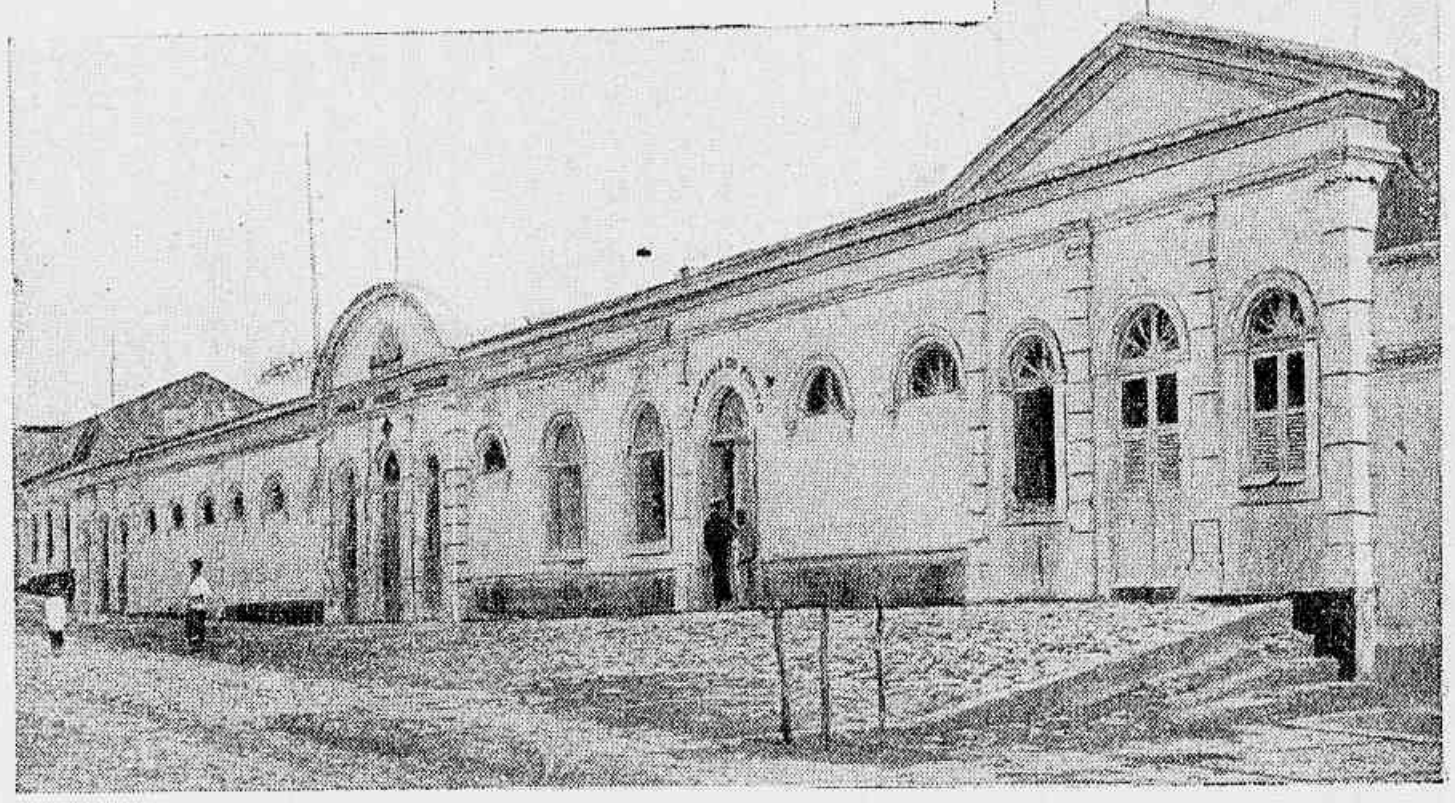
Barra do Mossoró
Ponta Redonda
P.ª do Mel
Conchas
Cavallos
Amargoso
Barra do Guamare
Enseada de Caissara
Caissara
Ponta de Santo Christo
Rahia de Touros
Touros
Rio dos Touros
Punahuí
Cabo de S. Roque
Rio Maxaranguape
Rio Ceará-mirim
Ceará-mirim
Fortaleza e Pharol dos Reis Magos
NATAL
Ponta Negra
R. G. do N.
S. Gonçalo
Rio Potengy
Cajupiranga
Nova Cruz
S. José Alto
Macahiba
S. José-de-Mipibú
Rio Jundiahy
Sagé
Arez
Rio Trahiry
Baldhum
Estivas
Rio Jacú
Goyaninha
Canguaretama
Nova Cruz
Curumatáu
Rio Curimataháu
Rio Guajú
Barra do Cunhaú
Ponta da Pipa
Barra do Guajú
Macau
Assú
L. Piato
Rio Piranhas
Rio Assú
Rio Carnaubaes
I. Ponta Grande
Rio Paraháu
Rio Palachoca
Angicoso
Rio Carnaubaes
Rio Mossoró
Rio Piranhas
Mossoró
Triumpho
Apody
Rio Apody
Rio de Umary
L. Aparha-péixe
Carahubas
S.ª do João do Valle
Rio das Pratas
Rio Fundoha
S. Anna do Mattos
Serra de Sant'Anna
Serra Rajada
Flôres
Rio Serido
Acary
Serra Cypriano
Caicó
Jardim
Serra da Borborema
Pau dos Ferros
Serra do Martins
Martins
Patú de Fora
Rio Patú
Luiz Gomes
Serra do Luiz Gomes
Estado do Ceará
Estado da Parahiba

Tourrette del.


RIO GRANDE
DO NORTE
ATLANTICO
OCEANO
Rio Ceará-Mirim
Ceará-Mirim
Rio Potengi
Rio Jundiahi
NATAL
Pitimbu
Cajupiranga
S. José Alto
S. José Baixo
Sapé
Baldhum
Estivas
Goianinha
Nova Cruz
da Montanha
Curumatau
Pequeri
Penha
Canguaretama
Rio Cunhau
Rio Guaju

entre Nova-Cruz e Guarabira liga-se agora á E. F. Conde d'Eu (da Parahiba), de forma a estabelecer-se communicação ininterrupta entre o Rio-Grande-do-Norte e Alagôas. Ha no Estado ricas salinas, que hoje são exploradas.

O anno de 1903 foi assignalado infelizmente no Estado pelos effeitos desastrosos da grande sêcca, que flagellou varios pontos do Norte. Ante esta calamidade, que parece ter sido maior do que a de 1877, os poderes publicos deliberaram, alêm da remessa de promptos soccorros, uma serie de melhoramentos que devem influir beneficamente na situação do Rio-Grande-do-Norte. Esssa medidas foram consignadas na lei do orçamento da União pela seguinte forma



NATAL. — Arsenal de Marinha.

Art. 16, n. 10: «Estudos e construcção de açudes, poços e outras obras contra os effeitos das sêccas, inclusive as que facilitem o transporte por terra e por agua 1.000:000$000.

Art. 17, § 2 n. 20: «E' o poder executivo auctorizado a construir, no Estado do Rio-Grande-do-Norte, uma estrada de ferro que, partindo do ponto mais conveniente do littoral, vá ter á região mais assolada pela sêcca;

N. 32: A tomar as seguintes medidas, no intuito de attenuar, tanto quanto possivel, os effeitos da sêcca nos Estados do norte:

a) construir açudes e poços nos Estados assolados pela sêcca, de accôrdo com as instrucções que forem expedidas; b) construir estradas de ferro e melhorar outras vias de communicação que liguem os pontos affectados pela sêcca aos de facil communicação com os melhores mercados e aos centros productores;

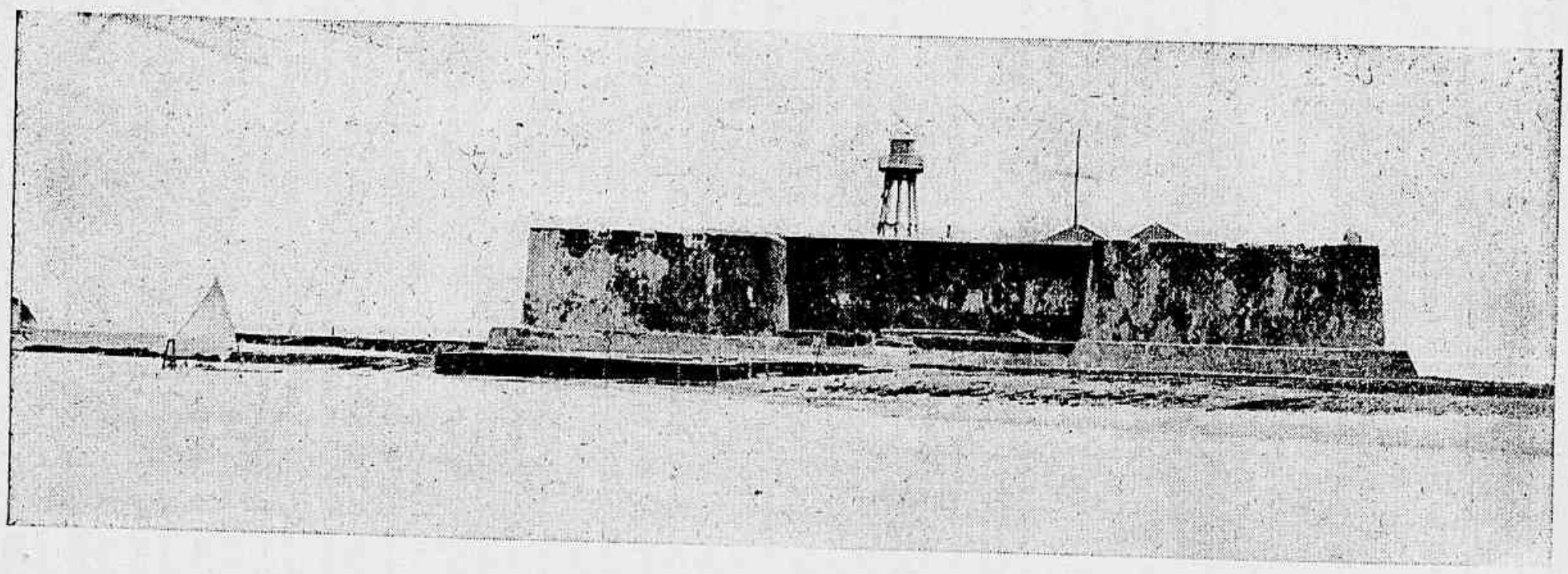
c) premiar aos cidadãos que construirem em terra de sua propriedade peque-



NATAL. — Palacio do Governo.

nos açudes ou poços, de accôrdo com as condições estabelecidas pelo govêrno;

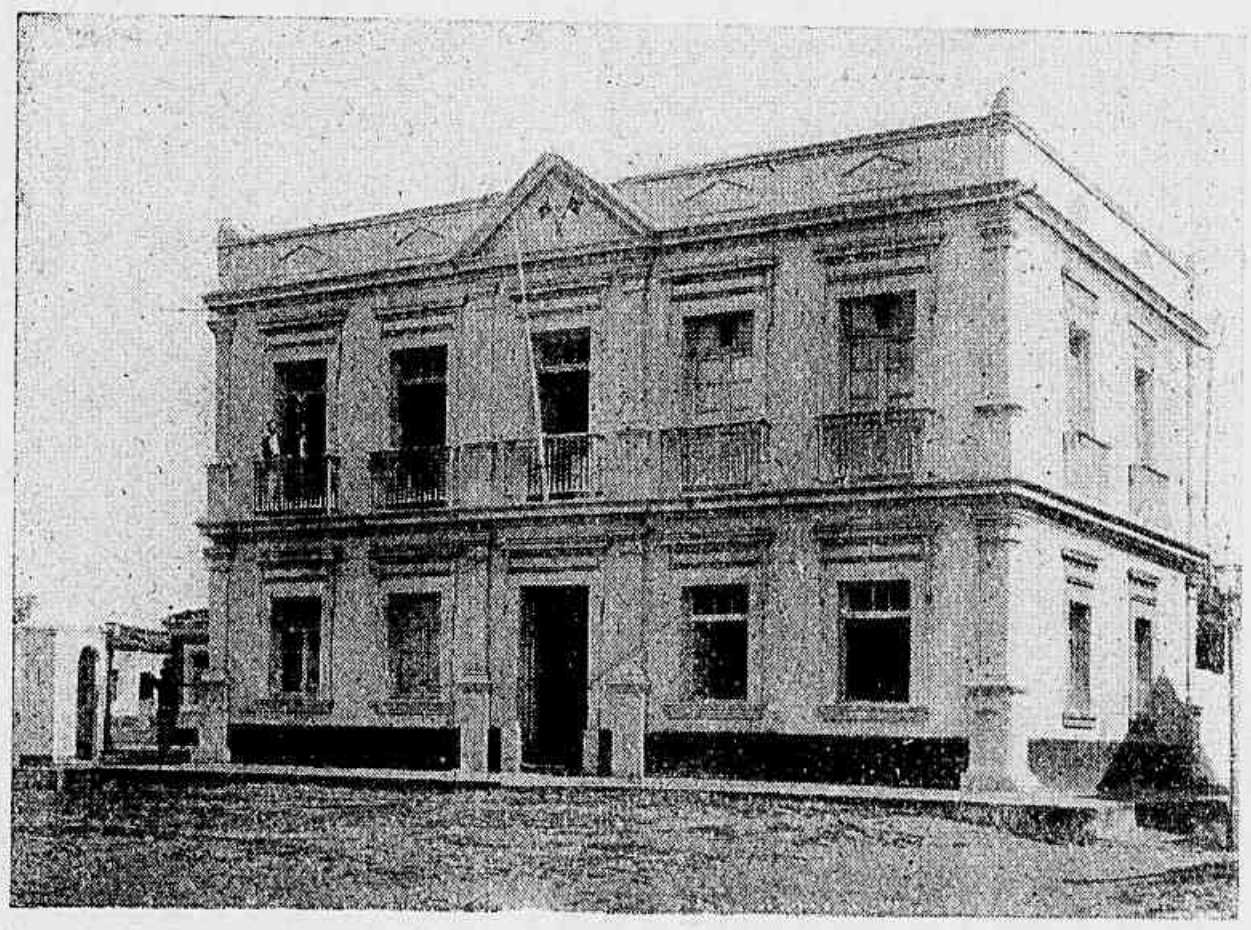
N. 33: A despender para a execução das medidas especificadas no n. 32, além das verbas que forem consignadas no orçamento, até a quantia de 1.000:



NATAL. — Antigo forte dos Tres-Reis-Magos.

000$000, em condições ordinarias, e as que forem necessarias, em caso de calamidade proveniente da sêcca.»

Em Março de 1904 partiu para alli a commissão de engenheiros incumbida de alguns d'esses trabalhos: a construcção da estrada de ferro do Ceará-mirim, assim como dos açudes que pudesse concluir com simples movimento de terras; o estudo da linha de penetração na zona sertaneja e mormente do ramal da estrada Natal-Nova-Cruz ao rio Seridó; a possibilidade da abertura de poços artesianos, etc.



NATAL. — Delegacia Fiscal.

No anno de 1902 o valor da exportação foi de 2.341:188$000.

No anno de 1903 a receita do Estado foi de 1.238.244$645 e a despesa 1.310:904$465.

A alfandega do Natal rendeu 232:107$000 de 1904. Neste mesmo anno a divida activa do Rio-Grande-do-Norte era de 518:828$192, e a passiva 458:870$846.

Cidades principaes. — NATAL (capital), cidade antiga, com 20.000 almas, dividida em dous bairros: o alto, onde se acham alguns edificios publicos mais notaveis, e o districto da Ribeira, onde está a séde do commercio. Assú, Ceará-mirim, Jardim, S. José do Mipibú, Caicó, Mossoró e Apodi.

É governador do Rio-Grande-do-Norte até 1908 o dr. Augusto Tavares de Lyra e vice-governador o dr. Juvenal Lamartine de Faria.

O poder legislativo é exercido pelo Congresso composto de 24 deputados e que

funcciona dous mezes, de 14 de Julho a 14 de Septembro de cada anno. A legislatura dura 3 annos. O poder executivo é exercido pelo governador, cujo mandato é de 4 annos e não póde ser renovado immediatamente. Esta eleição faz-se no dia 14 de Junho do último anno do periodo governamental.

O poder judiciario tem por orgãos : um Tribunal superior de Justiça (com 5 desembargadores), juizes de direito, juizes districtaes e o jury; os desembargadores e os juizes de direito são vitalicios.

Cada municipio é administrado por um Conselho de Intendencia composto de 7 membros, excepto o da capital que tem 9.

Ha no Estado 37 municipios, 12 comarcas e cinco districtos.

RESUMO HISTORICO

O territorio, que é hoje Rio-Grande-do-Norte, fazia parte da capitania doada ao célebre João de Barros, que nem por si nem por seus herdeiros poude jamais povoa-lo. Reverteu pois á corôa e só em fins do seculo XVI foi novamente objecto da attenção do govêrno central. Em 1597 o capitão Manuel de Mascarenhas Homem com indios e colonos chegou ao Rio-Grande-do-Norte com a incumbencia de submetter o gentio Potiguara e, graças ao concurso do chefe aborigene Sorobabé, conseguiu não só submetter a valente nação, como fundar o povoado do Natal e o forte dos Tres Reis Magos, — inicio de toda a civilização da capitania. Jeronymo de Albuquerque, seu successor no govêrno da colonia, com o auxilio dos missionarios jesuitas, continuou esta obra de paz.

No principio da guerra hollandeza, em 1631, tentou Callenfelds tomar o Rio-Grande-do-Norte, mas encontrou a resistencia do tenente-coronel Porto Carreiro; a segunda investida dous annos depois, com o auxilio de Calabar, foi mais feliz. O forte dos Tres Reis Magos foi tomado por Ceulen, e os Hollandezes alli se mantiveram até que no ultimo periodo da guerra, acossados violentamente em Pernambuco pelos gloriosos insurgentes de Vieira e Vidal de Negreiros, tiveram de concentrar ahi suas forças e abandonaram as outras capitanias. Em quasi toda esta lucta representou papel distinctissimo o indio Poti (d. Antonio Philippe Camarão) filho do Rio-Grande-do-Norte.

Em 1689, talvez com intuitos de colonização, foi este territorio elevado a Condado e entregue a Lopo Furtado de Mendonça; mas a tentativa não deu fructos, e a capitania continuou dependente da da Bahia até 1701; neste anno passou a ficar submissa á de Pernambuco, e assim continuou até 1817, quando o capitão-mór José Ignacio Borges rompeu de motu proprio esta ligação. Em 1818 passou tambem a constituir nova comarca, desligando-se da Parahiba.

Em 1822 constituiu o Rio-Grande-do-Norte uma das provincias do Imperio, e em 1889 um Estado da Republica, sendo seu 1.º presidente o dr. Miguel Joaquim de Almeida Castro.

A Constituição vigente data de 7 de Abril de 1892.

Em 1903 foi remettido de Londres para Amsterdão, afim de ser lapidado, o mais bello diamante do mundo.

Chama-se *Excelsior* e foi achado em 1903 na Africa Austral. E' do tammanho de um ovo de gallinha, sendo o seu peso bruto de 970 quilates, quasi o dôbro do pêso bruto do celebre Kohinor.

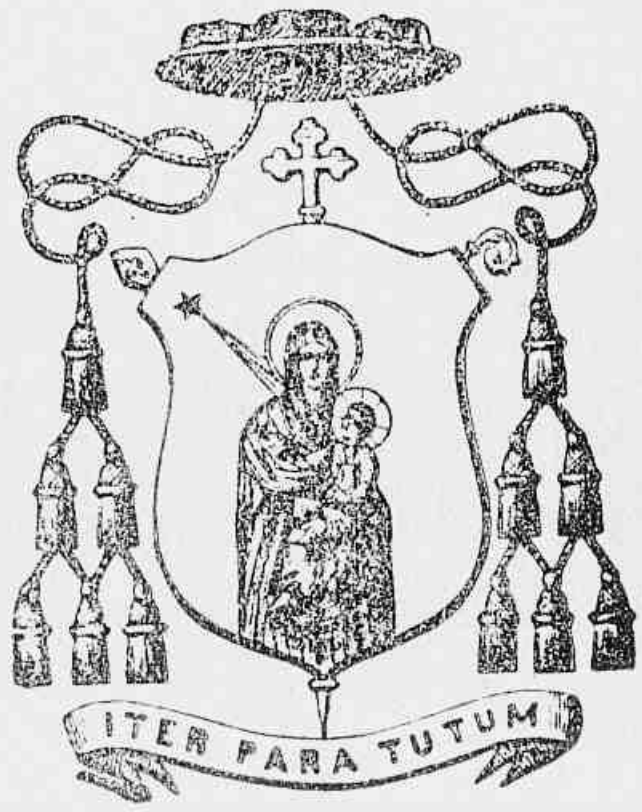
PARAHIBA

Confina ao N. com o Rio-Grande-do-Norte eao S. com Pernambuco, tendo de extensão de E. a O. 110 leguas. Superficie 74.731 kms. qs. População = 600.000 habs.



Dr. Alvaro Machado, senador.

O sólo parahibano é accidentado, prendendo-se todas as suas serras a um systema, o da Borborema, que o atravessa de Nordeste a Sudoeste e forma trez regiões distinctas : a do littorâl, comprehendendo os terrenos de catingas, que se extendem até 25 leguas ; a dos Cariris Velhos e Brejos, vasto planalto da Borborema com 25 até 40 leguas, e, além da vertente occidental d'este planalto, o valle do Piranhas, propriamente dicto, e de seus numerosos affluentes.



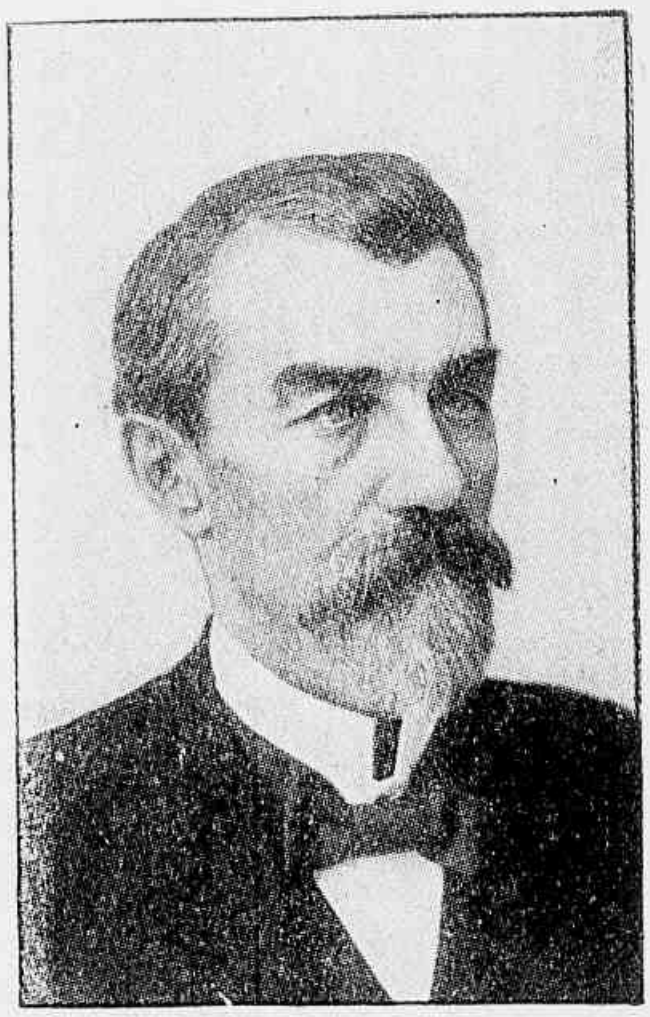
Armas do bispo d. Adaucto.



Marechal Almeida Barreto, senador.

Depois d'essa cordilheira, que limita este Estado com o de Pernambuco, as serras mais conhecidas são ao Norte : — Raiz, Araruna, Cuité, Caxêxa, Batopitá, Caturité, Carnoió, Bonita, Branca, Mogiqui, Carneira, Teixeira, Pico, Jabre, Pinhara, Negra, Commissario, Sancta Catharina, Boqueirão, Bonga e Luiz Gomes.

Os picos mais elevados são os do Jabre, Pico e Caturité.



A. A. da Gama e Mello, senador.

O principal de seus rios é o Parahiba do Norte, com mais de 400 kilometros de curso; seguem-se o Mamanguape, o Camaratuba e o Piranhas.

O clima é quente e sêcco ; o *inverno* é de Março a Julho.

Na barra do rio Parahiba existe o pharol da « Pedra-Secca. »

Os principaes productos agricolas do Estado são o algodão, a canna d'açucar,

ESTADO
do
PARAHIBA DO NORTE

Escala de 1: 2.777.500

5° 6° 7° 8°

Estado do Ceará

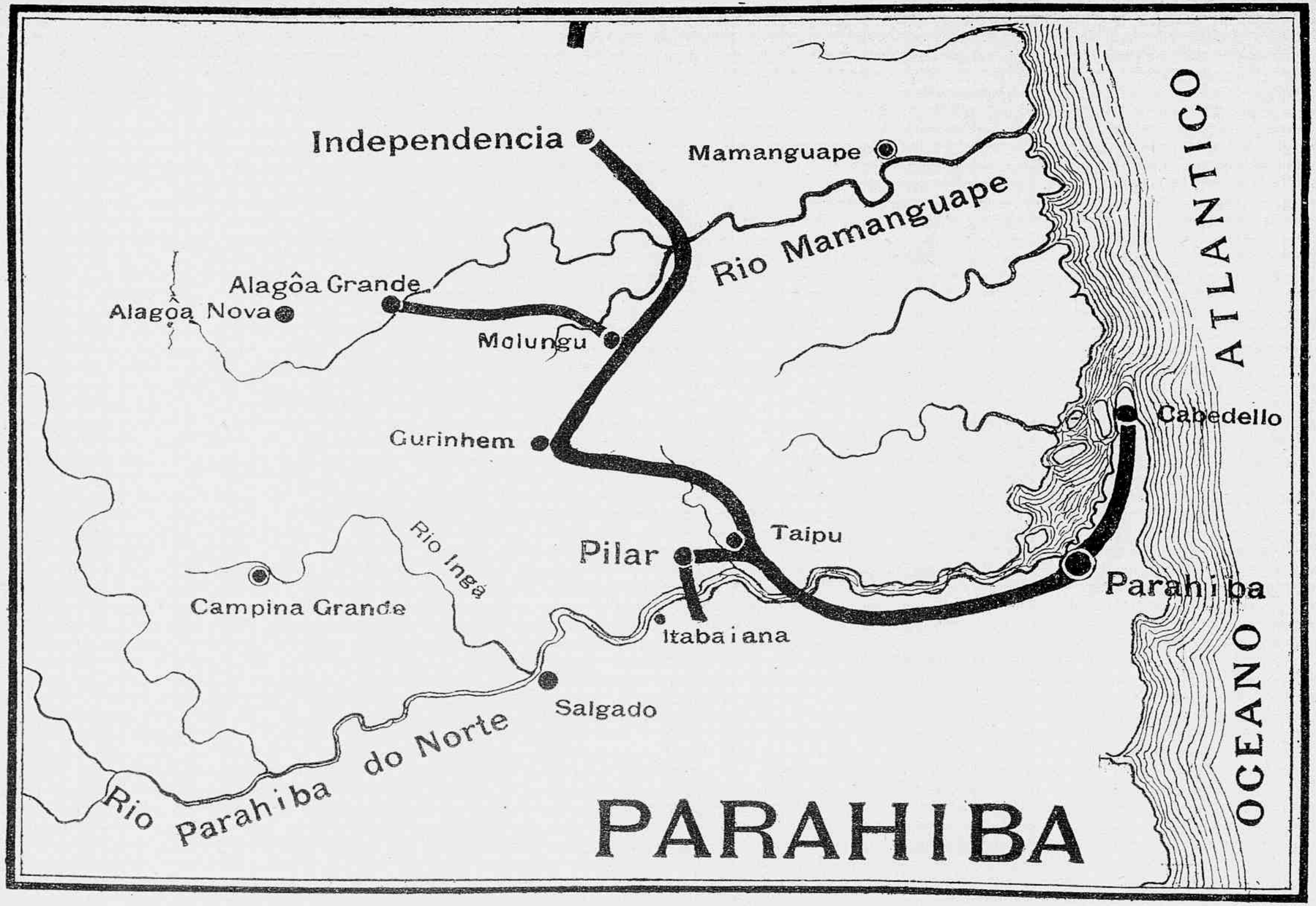
Estado do Rio Grande do Norte

Estado de Pernambuco

OCEANO ATLANTICO

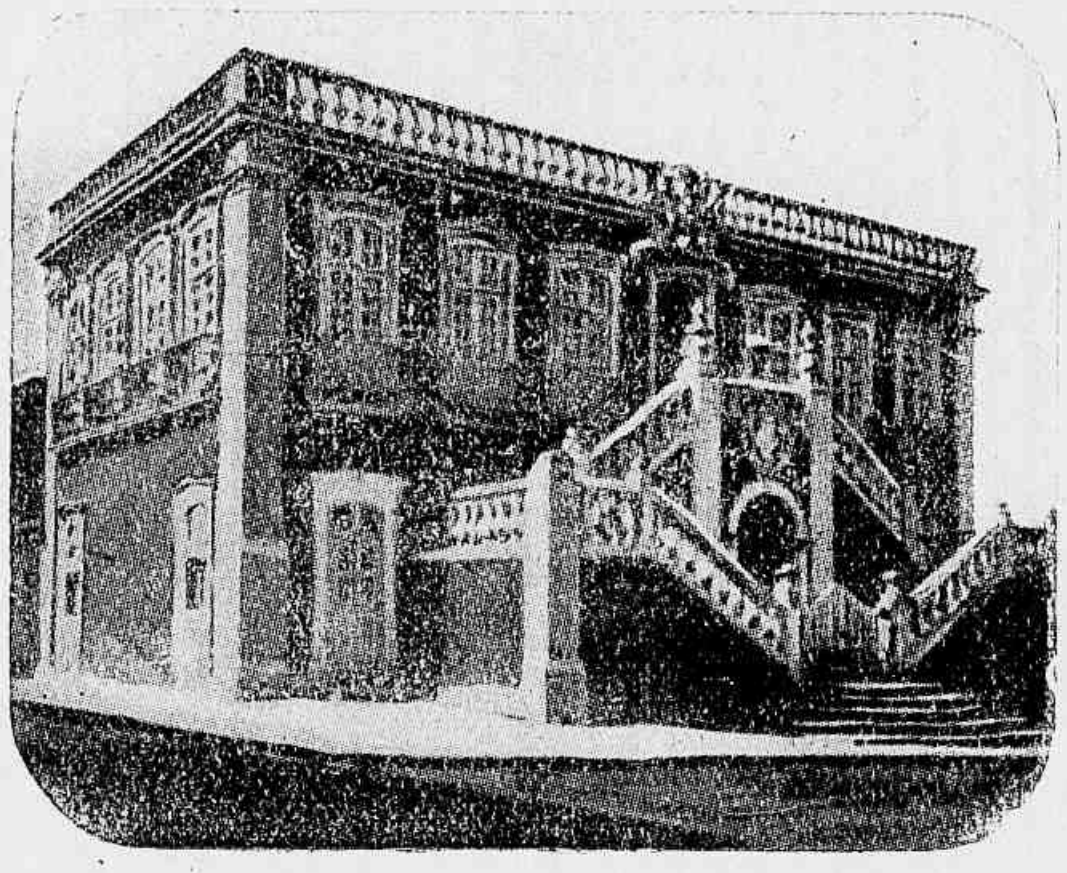
Serra de Luiz Gomes
Catolé do Rocha
Rio das Piranhas
Rio do Peixe
Rio de S. João
S.ta do Fonmigueiro
Rio do Catolé
Souza
Pombal
Cajazeiras
Rio das Piranhas
S.ta de Santa Catharina
Serra Jabitaca
Piranco
Rio Piranco
Misericordia
Serra do Bongá
Rio das Espinharas
Serra das Espinharas
Patos
Teixeira
Rio Sabugy
Imbuzeiro
Rio S. João
Rio Piancó
Rio Sucurú
Rio do Meio
Rio da Serra
Alagoa do Monteiro
R. S. Miguel
Cabaceiras
Caraúbas
Rio Taperoá
Rio Boaventurá
Cuité
Alagoa Nova
Campina Grande
Serra Bodopita
Fagundes
Boqueirão
Serra dos Cayriris Velhos
Rio Rio Grande do Norte
Rio Camaratuba
Independencia
Mamanguape
Bananeiras
Brejo d'Areia
Rio Mamanguape
Rio Mirim
Rio Garaú
Cabedello
Banabuye
Alagoa Grande
Rio Guinhem
Rio Espirito Santo
PARAHIBA
Cabo Branco
S. Rita
Itaipu
Pilar
Ingá
Rio Ingá
Salgado
Guarita
Alhandra
Natuba
Rio Parahyba do Norte
Barra de Bodocongó
R. Goyanna

Tourrette del.


Independencia
Mamanguape
Rio Mamanguape
ATLANTICO
Alagôa Grande
Alagôa Nova
Molungu
Cabedello
Gurinhem
Taipu
Pilar
Rio Ingá
Parahiba
Campina Grande
Itabaiana
Salgado
Rio Parahiba do Norte
OCEANO
PARAHIBA

cereaes, côco, fumo e café. Poder-se-hiam tambem explorar com proveito a mangabeira (que dá boa borracha), a carnaúba e muitas fibras.

A unica estrada de ferro existente é a « Conde d'Eu », hoje resgatada pela União e arrendada desde 1° de Janeiro de 1902 á



Parahiba. — Delegacia Fiscal.

Great Western ; tem de extensão em tráfego 165 km. (sendo 116 km. de Cabedello a Guarabira, 25 do Entroncamento ao Pilar, e 24 no ramalde Molungú a Alagôa-Grande.) Está presentemente ligada á E. F. do Natal a Nova-Cruz no Rio Grande-do-Norte. Em 1904 foi assignado o contracto, peloqual a *Great* Westernse obrigou a construir o ramal de Itabaiana a Campina-Grande, com a extensão de 75 kms. Este melhoramento vai servir ao alto sertão da Parahiba e está em via de realização. Seu movimento financeiro em 1903 foi : receita 853:070$930, despesa 726:368$520.
Para 1905 a lei de orçamento do Estado foi : receita — 1.120:500$; despesa — 1.120:500$.

O valor official da exportação em 1903 foi de



Dr. Adaucto, bispo.

4.789:464$000, sobresaïndo nella o algodão; o da importação no mesmo anno foi de 2.567:651$000.

A alfandega rendeu em 1904—988:390$000.

Cidades principaes. — Parahiba (capital), dividida em cidade alta e baixa, com bom palacio da presidencia, um theatro, a Intendencia, o Seminario, o mercado Tambiá, o Hospital da Misericordia, o Lyceu, uma Escola Normal, um quartel, o Thesouro do Estado, a



Parahiba. — Antigo convento de S. Francisco.

matriz e varias egrejas. — Areia, Cajazeiras, Mamanguape, Sousa, Itabaiana.

Preside o Estado o Snr. Walfrido Leal; o bispo é o dr. d. Adaucto Aurelio de Miranda Henriques.

O poder legislativo do Estado compõe-se de uma Assembléa de 30 deputados eleitos por 4 annos; as sessões annuaes duram dous mezes. O poder executivo é exercido por um presidente eleito por 4 annos, e cujo mandato não póde ser renovado seguidamente. O poder judiciario compõe-se de: um Superior Tribunal de Justiça, juizes de direito, o ministerio publico e jury. O Estado tem 36 municipios, administrado cada um d'elles por um Conselho Municipal, cujo mandato é de 4 annos.

RESUMO HISTORICO

O territorio d'este Estado fazia parte da capitania de Itamaracá, cujo donatario foi Pero Lopes de Sousa, que aliás não a colonizou. Foi no govêrno de Lourenço da Veiga, que Fructuoso Barbosa organizou a primeira expedição para a conquista da Parahiba; mas tanto d'esta vez, como de outra em que se dispoz para o mesmo fim, foi infeliz, não tendo conseguido sinão lançar os fundamentos do forte do Cabedello e bater alguns navios francezes. Annos depois, em 1584, Diogo Flores Valdez, a mandado do govêrno da Bahia, e d. Philippe de Moura para alli partiram; construiram o novo forte de S. Philippe, cujo commando foi confiado a Francisco Castejon, e iniciaram a obra que dous annos depois poude concluir João Tavares com o auxilio do indio Piragibe. Data pois de 1586 o definitivo dominio portuguez na Parahiba.

Em 1597 o forte do Cabedello resistiu ao attaque de corsarios francezes, e em 1631 ao do tenente-coronel hollandez Callenfelds; mas em 1634, Sigismundo von Schkoppe, depois de haver soffrido um revez, realizou a conquista completa da Parahiba, a cuja capital deu o nome de Frederika. A capitania ficou sob o dominio hollandez por longos annos; d'alli partiu para Europa o célebre conde Mauricio de Nassau em 1644. Quando se organizou a campanha dos « Independentes » para sacudir o jugo dos invasores, esse movimento echoou em varias capitanias : na Parahiba os insurgentes formaram o arraial de S^{to} André. Em 1654 a capitulação geral dos Hollandezes libertou finalmente a Parahiba do dominio extrangeiro.

D'essa epocha em deante tomou incremento a povoação do solo e a indústria agricola se desenvolveu com desaffôgo.

Em 1817 alli repercutiu o movimento revolucionario de Pernambuco, mas este foi logo suffocado pelas forças legaes.

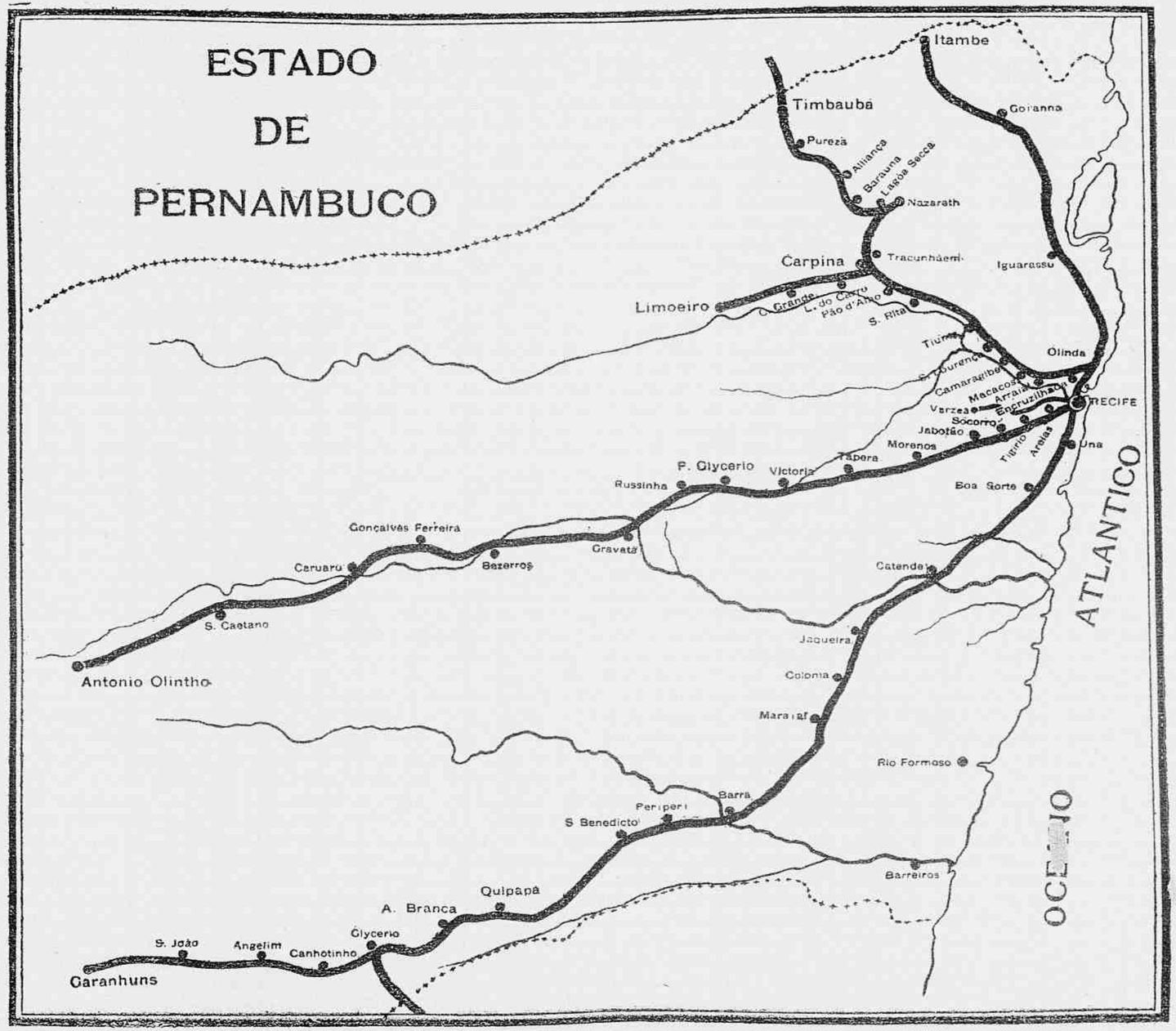
Em 1822 foi inscripta a Parahiba no numero das provincias do Imperio; em 1824, ainda uma vez acompanhando os destinos de Pernambuco, teve velleidades de abraçar a « Confederação do Equador », mas depressa tornou á legalidade. Seu primeiro presidente foi Philippe Nery Ferreira, que tomou posse em 9 de Abril de 1824.

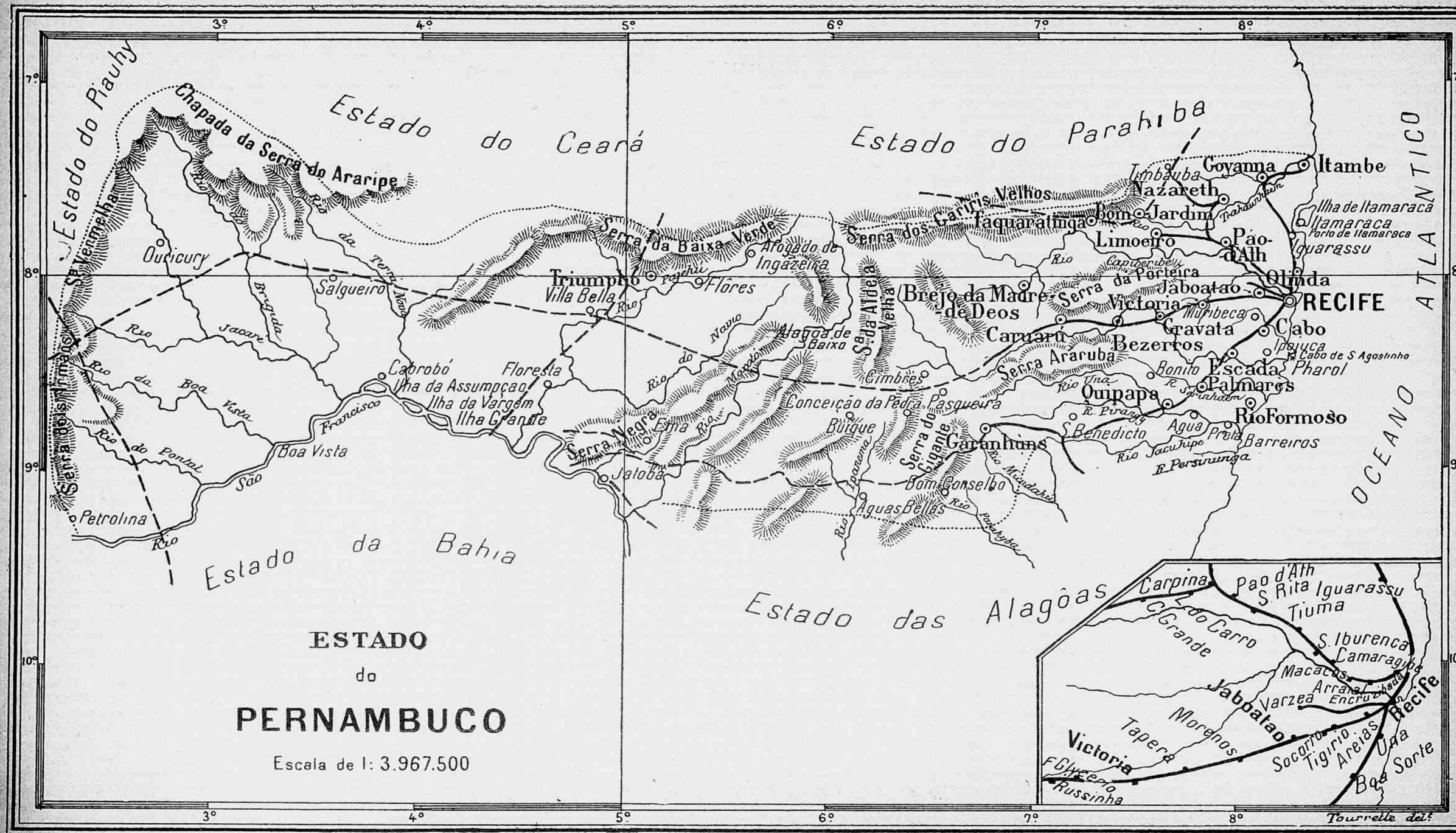
Em 1889, proclamada a Republica, tomou as redeas do govêrno do Estado uma juncta provisoria composta do tenente-coronel Honorato Caldas, dr. Antonio da Cruz Cordeiro senior, capitão João Claudino de Oliveira Cruz, commendador Thomaz de Aquino Mindello, capitão Manuel Alcantara de Sousa Cousseiro e dr. Manuel Carlos de Gouvêa. Em 6 de Dezembro de 1889 tomou posse como governador provisorio o dr. Venancio Augusto de Magalhães Neiva. O primeiro presidente eleito foi o dr. Alvaro Lopes Machado, que agora voltou ao govêrno.

A Constituição da Parahiba foi promulgada em 20 de Julho de 1892.

Nasceu na Parahiba Manuel de Arruda Camara — naturalista.

ESTADO DE PERNAMBUCO




Estado do Piauhy
Estado do Ceará
Estado do Parahiba
Estado da Bahia
Estado das Alagôas
ATLANTICO
OCEANO
Chapada da Serra do Araripe
Serra da Baixa Verde
Serra dos Gariris Velhos
Serra Negra
Serra Grande
Serra Araruba
Serra do Gigante
Serra da Porteira
Serra Talhada
Triumpho
Villa Bella
Flores
Salgueiro
Outeiro
Petrolina
Boa Vista
Floresta
Cabrobó
Ilha da Assumpçao
Ilha da Vargem
Ilha Grande
Jaloba
Conceição da Pedra
Pasqueira
Garanhuns
Bom Conselho
Aguas Bellas
Brejo da Madre de Deos
Caruaru
Victoria
Limoeiro
Nazareth
Bom Jardim
Taquaratinga
Goyanna
Itambe
Ilha de Itamaracá
Itamaracá
Porto de Itamaracá
Iguarassu
Páo d'Alho
Olinda
RECIFE
Jaboatão
Gravata
Cabo
Bezerros
Escada
Palmares
Rio Formoso
Barreiros
Quipapa
Bonito
Agua Preta
S. Benedicto
Pharol
Cabo de S. Agostinho
Carpina
Tiuma
S. Iburenca
Camaragibe
Macacos
Varzea
Jabbatao
Morenos
Tapera
Victoria
Socorro
Tigirio
Areias
Una
Boa Sorte
Recife
Russinha
Rio São Francisco
Rio Pajehú
Rio Moxotó
Rio Pajehuhy
Rio Capiberibe
Rio Una
Rio Ipojuca
Rio Jacuhipe
Rio Persinunga
Rio Mundahú
Rio Ipanema
Rio Esma
Rio Burique
Rio Brigida
Rio Jacaré
Rio Navio
Rio Limoeiro
Rio Limbauba
Rio Pirangy
Rio Una
Rio Tapacurá
Rio Capibaribe
Rio Beberibe
Rio Jaboatão
Rio Pirapama
Rio Ipojuca
Rio Serinhaem
Rio Una
Rio Formoso
Rio Sirinhaem
Rio Una
Rio Ipojuca
Rio Jacuhipe
Rio Persinunga
Rio Mundahú
Rio Pajehuhy

PERNAMBUCO



Confina ao N. com Parahiba e Ceará, ao S. com Alagôas e Bahia; a E. com o Atlantico a O. com Piauhi e Bahia. Superficie = 128.395 kms. qs. População = 2.089.500 hab. (cálculo Piza).



Dr. Sigismundo A. Gonçalves, governador.

As serras principaes, além das limitrophes são : a Negra, a do Gigante, Ararubá, a da Porteira, Jacarará e a da Aldeia-Velha. O Estado é marginado em parte pelo grande rio S. Francisco, e conta mais os rios : Capiberibe, Ipojuca, Pirangi, Serinhaem (affluentes do São Francisco), Moxotó, Pajehú, da Brigida, Boa-Vista e Pontal. Ha na costa quatro pharoes.

Pertence ao Estado a ilha Fernando de Noronha (distante 66 milhas da costa), que até 1895 foi presidio de sentenciados e possue ricas jazidas de phosphatos. É uma ilha vulcanica, em grande parte basaltica, e mede apenas 15 kms. qs.



D. Luiz Raimundo, bispo.

Junto á costa existe ainda a ilha de Itamaracá, de solo calcareo, que produz canna e afamadas mangas. Clima em geral saudavel ; no sertão é temperado.



Dr. Rosa e Silva, senador.

As producções do solo variam conforme a região : na *matta* (zona maritima), canna, cereaes e café ; no *agreste* ou *catinga* (zona média), a criação de gado e a cultura do algodoeiro. O *sertão* pouco produz e é sujeito a sêccas.

O fabrico do açucar é a principal fonte de riqueza do Estado.

O valor da importação no anno de 1902 foi de 37.621 : 442$000; o da exportação no mesmo periodo foi de 31.674 : 972$000. Na estação de 1902-03 a safra do açucar foi de 1.313.634 saccos.

Em 1903 a receita do Estado foi de 9.904:573$195, e a despesa — 9.901:311$666.

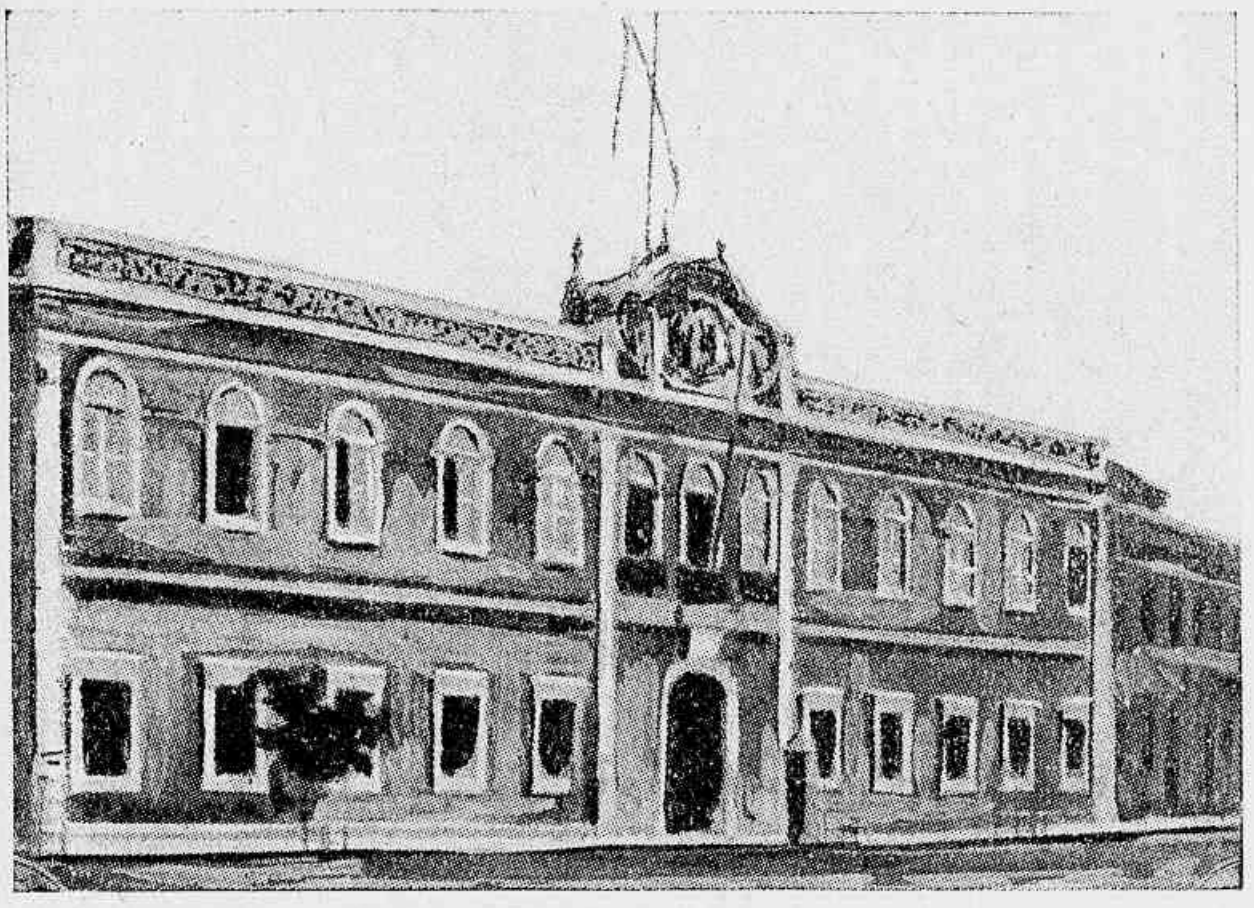
A alfandega do Recife no anno de 1904 rendeu 15.034:075$000.

Movimento maritimo no anno de 1902 : navios entrados 913, com 1.045.731 ton.; saïdos 841, com 918.198 ton.

Pernambuco tem já boa parte de seu territorio cortado por estradas de ferro, que são :

1.º a « E. F. Sul de Pernambuco », que foi administrada pelo Governo até 23 de Agosto de 1901, passando a sê-lo depois pela « Great Western of Brazil Railway Company », que a arrendou por contracto, tem 146 km., 420 de linha principal, de Palmares a Garanhuns, e 47 km., 488 do ramal de Glycerio a União, que liga com o Estado de Alagôas. Em 1901 tinha custado 23.521:175$910. No anno de 1903 rendeu 530:506$170, fazendo a despesa 634:672$950.

2.º a « E. F. Central de Pernambuco », com 179 km., 900, do Recife a Antonio Olyntho (7 h. 18 m. de viagem); arrendada em 1898 ao engenheiro Antonio Sampaio e a Pires Ferreira, foi transferido o contracto em 1901 á firma social A. de S. Pires Ferreira e Cª. Custou 31.151 : 199 $ 552. Em 1904 este contracto foi adquirido pela *Great Western* pela quantia de 78.000 lbs. esterlinas. Em 1903 teve a receita de 1.149:540$095 e a despesa de 1.129:825$674.



Arsenal da Guerra.

3.º A « E. F. do Recife ao S. Francisco » (do Recife a Palmares), com 124 km., 739 de extensão em tráfego. Era della cessionaria *The Recife and S. Francisco Railway Comp., limited,* mas em Agosto de 1901 foi resgatada pela União e arrendada á *Great Western of Brazil Railway Comp.* Em todo o anno de 1903 sua receita foi de 1.920:783$400 e a despesa de 983:783$690; transportou 340.647 passageiros e 149.691 ton. de mercadorias, excluidas as viagens a um kilom.

4.º A « E. F. do Recife ao Limoeiro », com 180 km. 285 de extensão (sendo 82 k., 976 do Recife ao Limoeiro, 13 k., 069 ramal de Carpina a Nazareth, e 84 k., 240 ramal de Nazareth ao Pilar). Foi resgatada em 1901 e está arrendada á *The Great Western of Brazil Railway Comp.*, Em 1903 transportou 267.528 passageiros e 117.399 ton. de mercadorias; rendeu 1.483:768$850 e despendeu 949:546$520.

Em 26 de Julho de 1904 foi auctorizada a modificação do contracto de arrendamento das linhas ferreas de Pernambuco, Rio-Grande-do-Norte e Alagôas com a *Great Western*. Por este accôrdo obrigou-se a Companhia ingleza a : adquirir o contracto de arrendamento da Central de Pernambuco; prolongar sta estrada até Pesqueira (50 kms.); reduzir a bitola da Estrada do Recife ao S. Francisco, e fazer a ligação de todas estas linhas de modo a permittir a viagem de Maceió a Natal num percurso de 800 kms. sem baldeações.

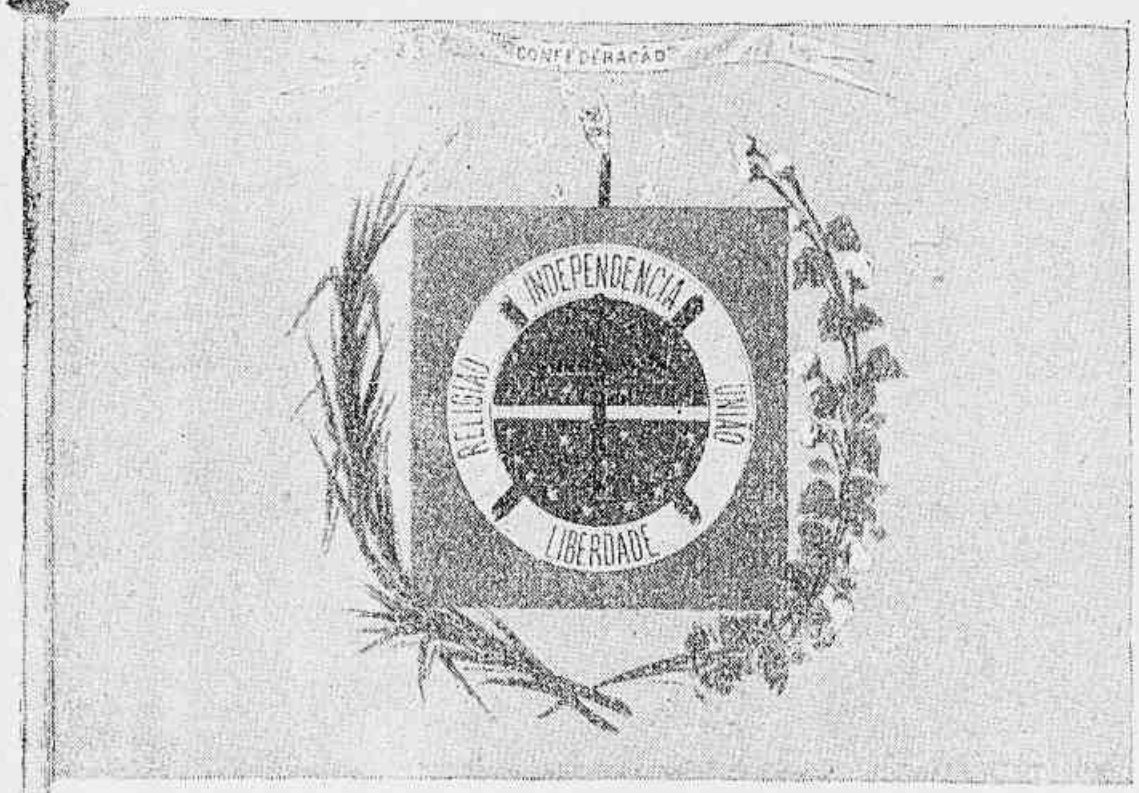
5.º A linha ferrea de Cucahú a Barreiros, pertencente á *Companhia Geral de*

Melhoramentos em Pernambuco, na qual se inaugurou em 1904 a estação Estacio Coimbra, que está a 16 kms. de Cucahú.

6º e 7º As duas estradas de trilhos urbanos, que ligam o Recife aos suburbios : a estrada aos Dous Irmãos com um ramal para a Varzea, e a do Recife a Olinda e Beberibe com o percurso total de 12 km.

Peculiar ao Estado existe a Companhia de Navegação Pernambucana, que mantem duas linhas: a do Norte (do Recife a Fortaleza, passando por Parahiba, Natal, Macau, Mossoró e Aracati) — e a do Sul (de Recife a Bahia, por Maceió e Penedo). Para Fernando de Noronha ha uma viagem mensal, assim como ha viagens extraordinarias até Manaus e Santos.

Cidades principaes. — RECIFE (capital), situada a 8º 3'25" lat. S. e 8º20'15" long. E. e banhada pelos rios Beberibe e Capiberibe, que a dividem em bairros ligados entre si por bellas pontes. A cidade, de grande movimento commercial, contem muitos edificios publicos notaveis, como o Palacio do Governo, o Congresso Legislativo, a Camara Municipal, a Misericordia, o theatro Sancta Isabel, a Alfandega, a Praça do Commercio, varios templos dignos de apreço, estações de estradas de ferro, etc.



Bandeira da Confederação do Equador.

A cidade é cortada por linhas de bondes, que conduzem a pittorescos arrabaldes.

Seguem-se as cidades de : Olinda (séde do bispado) com importantes estabelecimentos religiosos e uma vasta estação de estrada de ferro ; Victoria, Cabo, Escada, Goianna, Limoeiro, Rio-Formoso, etc. É governador do Estado o dr. Sigismundo Antonio Gonçalves, e rege a diocese o bispo d. Luiz Raimundo da Silva Brito, que foi sagrado e tomou posse em 1901. O poder legislativo é exercido por um Congresso, composto da Camara dos Deputados com 30 membros eleitos por trez annos, e do Senado com 15 membros eleitos por seis annos. Este Congresso reune-se annualmente no dia 6 de Março.

Exerce o poder executivo um governador eleito por quatro annos e que não póde ser reeleito para o periodo seguinte. O poder judicial é delegado a juizes de districto, junctas de municipios, jurys, juizes de direito e um Superior Tribunal de Justiça, composto de sete juizes. Ha um Ministerio Publico que tem por chefe o procurador geral do Estado.

Ha em Pernambuco 59 municipios, cada um dos quaes tem um Conselho Municipal e um prefeito ; o Conselho nas cidades é composto de nove membros, nas villas de cinco, e na capital do Estado de 15. Seu mandato é triennal.

RESUMO HISTORICO

O primeiro estabelecimento portuguez no territorio de Pernambuco foi uma feitoria fundada em 1526 por Christovão Jacques á margem do rio Iguarassú.

Em 1534, dividido o Brasil em capitanias, couberam as 60 leguas, da foz do rio S. Francisco ao referido rio Iguarassú, a Duarte Coelho, que ahi fundou logo um estabelecimento em Olinda. Habil donatario, Duarte Coelho fez prosperar a sua colonia, ligando-se com os Tabajaras, pondo em fuga os bellicosos Caetés, organizando com tino a administração, e promovendo a união dos Portuguezes com as mulheres indigenas.

Succederam-lhe seus descendentes, que tiveram o govêrno da capitania até 1630. Neste anno começou alli a guerra hollandeza com a tomada de Olinda pelo general Weerdemburch apoiado numa forte esquadra. Seguiram-se 24 annos de lucta heroica, na qual as armas da colonia mais de uma vez se cobriram de gloria contra o poderoso invasor : no Monte das Tabocas (3 de Agosto de 1645), e Guararapes (19 de Abril de 1648 e 19 de Fevereiro de 1649), distinguindo-se em todo esse periodo Mathias de Albuquerque, Vidal de Negreiros, o indio Poti (Philippe Camarão), o preto Henrique Dias, João Fernandes Vieira, Barreto de Menezes e Dias Cardoso. Foi no decurso desta guerra (1637-1644) que Pernambuco teve por governador hollandez o célebre principe Mauricio de Nassau, a cujas altas qualidades de administrador a capitania e mormente a cidade do Recife deveram reaes serviços. A restauração completa de Pernambuco succedeu á capitulação da Campina do Taborda (26 de Janeiro de 1654).

E' indubitavel que, não obstante os accidentes da guerra, a capitania se engrandeceu nesse periodo, e o seu povo ganhou estimulos de altivez e independencia, que nunca mais perdeu. Finda a lucta, Pernambuco continuou a progredir, extendeu o seu territorio á custa de parte da primitiva capitania de Itamaracá, que não vingára, e avassallou em sua orbita commercial e politica as vizinhas capitanias da Parahiba, Rio-Grande-do-Norte e Alagôas.

No comêço do seculo XVIII as rivalidades entre Portuguezes e Brasileiros, de uma parte, e conflictos de interesses entre Olinda e Recife, por outra parte, deram origem á guerra civil dos *Mascates*, cujos incidentes, desde a primeira sublevação do povo capitaneado por Pedro Ribeiro em Novembro de 1710, perturbaram sensivelmente a vida da capitania até 1714 — data das ordens expressas vindas da metropole para acabar com esse estado de cousas. Foi em 1710, por occasião dessa lucta, que o Pernambucano Bernardo Vieira de Mello proclamou a Republica no Senado de Olinda, — impulso nobre e patriotico que o levou á prisão na cadeia do Limoeiro, onde morreu consumido de tormentos e opprobrios.

Em 1716 reverteu definitivamente a capitania á corôa, com indemnização feita ao conde de Vimieiro.

Todo o resto do seculo empregou-o Pernambuco nos trabalhos proficuos da paz, desenvolvendo suas fontes de riqueza, devassando o sertão, fundando novos povoados e villas.

Em 1817 a velha animosidade entre Brasileiros e Portuguezes e o desaso do capitão-general desembargador Caetano Pinto de Miranda Montenegro deram causa a um levante, que degenerou em revolução formal. Povo e tropa fraternizaram contra Montenegro, obrigaram-n'o a saïr do Recife e organizaram um govêrno provisorio para a projectada Republica. Dentro em pouco o incendio alastrou, ganhando a idéa fervorosos adeptos nas capitanias vizinhas. Mas faltavam á revolução elementos de resistencia contra forças regulares, e estas, vindo da Bahia e do Rio-de-Janeiro, submetteram sem grande difficuldade os rebeldes, cujos cabeças Domingos Theotonio Jorge, os padres José Ignacio Ribeiro de Abreu e Lima (p. Roma) e Miguel Joaquim de Almeida (p.

Miguelinho), Domingos José Martins e outros pagaram com a vida, enforcados ou arcabuzados, esta ousadia de independencia. Luiz do Rego — o governador, e a « Alçada » presidida por Bernardo Teixeira Coutinho, nodoaram de sangue por essa occasião a historia da capitania. D. João VI por decreto de 6 de Fevereiro de 1818 concedeu felizmente plena amnistia aos rebeldes que haviam escapado da nefanda hecatombe.

Mas estava longe de fechar-se o cyclo das luctas internas. Em 1824, sendo já Pernambuco provincia do Imperio, proclamou alli a « Confederação do Equador » Manuel de Carvalho Paes de Andrade, e este movimento republicano invádiu até as provincias vizinhas. As forças legaes porém, expedidas do Rio-de-Janeiro ao mando de lord Cochrane e do coronel Francisco de Lima e Silva, deram combate aos revoltosos que, batidos em Olinda, Couro d'Anta, Agreste e Engenho do Juiz, tiveram de submetter-se. Seguiram-se as cruezas das célebres commissões militares que, entre outras victimas, immolaram João Guilherme Ratcliff; veio por fim a amnistia encerrar este livro negro.

Em principios de 1829 houve ainda alli tumultos mais ou menos graves; de 1831 a 1835 levantes militares e a famosa guerra civil dos « Cabanos »; em 1848, finalmente, a « Revolução Praieira » motivada pelas luctas dos partidos politicos intransigentes, e dirigida principalmente por Joaquim Nunes Machado, o corajoso tribuno que foi a mais illustre victima d'esta contenda. A energia do presidente Manuel Vieira Tosta, servida pelo concurso das tropas, pôz fim á revolução, depois do combate de Iguarassú a 30 de Março de 1849.

D'essa data em deante restabeleceu-se a paz na provincia.

Em 1889 passou a Estado da Republica, e sua constituição foi promulgada em 17 de Junho de 1891; o primeiro governador eleito foi o barão de Lucena.

A diocese de Olinda foi creada por bulla de 1676, tendo sido seu primeiro bispo d. Estevão Brioso de Figueiredo.

Nasceram em Pernambuco: fr. Antonio Jaboatão — historiador, Pedro de Araujo Lima (depois marquez de Olinda), e Caetano Maria Lopes Gama (depois visconde de Maranguape) estadistas, Domingos José Ribeiro dos Guimarães Peixoto (barão de Iguarassú) medico, Antonio Peregrino Maciel Monteiro (barão de Itamaracá) e Natividade Saldanha — poetas, fr. Joaquim do Amor Divino Caneca — jornalista, Antonio de Moraes Silva — lexicographo.

OS FRANCEZES EM ITAMARACÁ

(Regueira Costa)

Itamaracá na lingua tupi significa *maracá de pedra.*

Ao seu ancoradouro chamavam os portuguezes *Porto de Pernambuco* e ahi entrou Christovão Jacques, quando veiu fundar a sua feitoria, tendo aliás outros pontos que poderia preferir, como as barras do Recife, de S. Agostinho e outras.

E tanto Itamaracá era conhecido entre os portuguezes por essa denominação, que « de *Pernambuco* » chamavam elles tambem o rio, que cerca esta ilha, como se conclue do Diario de navegação de Pero Lopes de Sousa, que o dá como o da situação d'aquella feitoria.

N'esse porto fundeou a esquadra de Martim Affonso de Sousa em Fevereiro de 1531.

Depois de aprisionar tres embarcações francezas, uma defronte da ponta de Olinda e duas ao sul do Cabo de S. Agostinho, veiu Martim Affonso, que se separára de seu irmão, reunir-se-lhe n'esse ancoradouro a 19 d'aquelle mez.

Fazendo recolher os doentes, que trazia, á casa da feitoria, fundada por Christovão Jacques, despachou de Itamaracá para o rio do Maranhão, duas caravelas sob o mando de Diogo Leite e enviou a Portugal João de Sousa, afim de participar ao seu soberano

o aprisionamento das embarcações; e, após uma demora de dez dias, fizeram-se ambos de vela do porto da ilha para o sul.

No anno seguinte á partida de Martim Affonso, uma nau franceza, procedente de Marselha e denominada *La Pelerine*, veiu ter a Itamaracá, e o seu commandante, Jean Duperet, agradando-se da posição d'esta ilha, levantou ahi uma fortaleza que deixou guarnecida com trinta homens, regressando para a Europa com um carregamento de pau ᗡrazil e outras producções do paiz, sendo que esta nau foi tomada na costa da Andaluzia pelas caravellas portuguezas, que andavam no estreito de Gibraltar.

O visconde de Porto Seguro, na sua *Historia Geral do Brazil*, diz que é supposição sua que essa fortaleza, que elle chama Gallo-Pernambucana, fôra erguida em um dos morros de Olinda.

Não me parece, porém, razoavel essa conjectura do illustre historiador, que aliás não se funda em documento algum.

Além de que são accordes os escriptores em dizer que o ponto em que os francezes se estabeleceram n'aquella epocha, foi Itamaracá, accresce que a carta de D. João III de 28 de setembro de 1532, escripta a Martim Affonso, em resposta á que este lhe dirigira por João de Sousa, esclarece qualquer duvida a esse respeito.

N'essa carta diz elle não sómente que uma nau franceza viera de Marselha a *Pernambuco*, e só a Itamaracá era dado n'esse tempo o nome de Pernambuco, senão tambem que a gente, que saltára, desfizera uma *feitoria* e como é sabido só proximo d'essa paragem, no littoral de Iguarassú, é que se achava a unica feitoria aqui existente.

Se é certo pois que não foi em Olinda, mas em Itamaracá que os francezes se estabeleceram, tambem é fóra de duvida que quem d'ahi os expulsou não foi Duarte Coelho, como entende a maior parte dos escriptores.

E' verdade que Duarte Coelho, que a esse tempo se achava estacionado com uma esquadrilha na costa de Malagueta, teve ordem do rei de Portugal para desalojar os intrusos, como consta de uma carta regia dirigida ao conde de Castanheira em data de 25 de janeiro de 1533.

Chegando, porém, Pero Lopes com a noticia de havel-os derrotado, foi-lhe ordenado que ficasse cruzando na altura dos Açores.

Com effeito, explorado o rio da Prata e fundadas as colonias de S. Vicente e Piratininga, despachou Martim Affonso a seu irmão, o qual se fez de véla para a Europa a 12 de maio de 1532.

Tocando n'esse trajecto em Itamaracá, ali encontrou os francezes, e tratando de dar-lhes combate, o fez com tanto valor e galhardia que, após dezoito dias consecutivos, conseguiu render a fortaleza que elles haviam levantado e, depois de guarnecel-a com gente sua, ás ordens de Paulo Numes e de assentar de novo a feitoria que elles destruiram, seguiu para Portugal, levando duas naus, alguns indios e trinta e tantos prisioneiros.

Embora esse facto não seja por elle mencionado no seu minucioso Diario de navegação, que n'esta parte foi interrompido, continuando do dia em que elle sahiu de Pernambuco em demanda da Europa, o que dá a entender que tencionava mais de espaço se occupar de semelhante assumpto, comtudo, que foi Pero Lopes que expulsou os francezes prova-o não só o processo instaurado contra elle pelo barão de S. Blancard, á custa de quem fôra armada a nau *La Pelerine*, como uma carta de el-rei ao conde de Castanheira, de 21 de janeiro de 1533, em que *elle diz que chegára a Pernambuco, onde achou os francezes que tinham feito fortaleza e lh'a tomou a elles e ficou pacificamente em poder dos portuguezes.*

E a doação que lhe foi feita em 1535 de mais trinta leguas de terra, quando anteriormente, em carta de 28 de setembro de 1532, o rei de Portugal manifestava desejos de conceder-lhe sómente cincoenta, indica que posteriormente a esta data prestou elle no Brasil algum serviço relevante, e que este o foi em Itamaracá mostra-o de alguma sorte o facto de menção d'essa ilha, como comprehendida na respectiva carta de doação.

DARWIN EM PERNAMBUCO

(A. Carvalho)

Não foram poucos os estrangeiros illustres que visitaram Pernambuco no decurso do seculo passado; sabios eminentes e principes de sangue extasiaram-se ante as maravilhas da nossa natureza tropical, e até um futuro imperador, Maximiliano da Austria, não desdenhou a fidalga hospitalidade dum nosso opulento senhor de engenho.

Mas, dentre todos estes visitantes celebres, destaca-se, pelo caracter antipathico dos seus conceitos acerca da gente e das cousas pernambucanas, o famoso fundador da theoria evolucionista que tem o seu nome.

Vinha de regresso á Europa, após uma viagem de cinco annos em volta do planeta, o brigue inglez — *Beagle* quando, batido de ventos contrarios, arribou ao porto do Recife, em 6 de Agosto de 1836.

Da comitiva scientifica que trazia a bórdo fazia parte um jovem naturalista cujo nome, decennios mais tarde, devia echoar ovante por todo o mundo civilisado.

Mal fundeára o navio veiu á terra Charles Darwin, movido de natural curiosidade; desembarcado, não foram agradaveis as suas primeiras impressões.

Pernambuco, escreveu elle depois no seu diario de viagem, é uma cidade de aspecto enfadonho, senão repugnante; as suas ruas são estreitas, mal calçadas e immundas; as casas altas e sombrias.

Não tendo ainda terminado a estação invernosa, accrescenta, e estando alagada toda a região circumvisinha, malograram-se os meus projectos de excursões pelos arredores.

Ainda assim Darwin toma uma canôa e dirige-se a Olinda que, « devido á sua posição », lhe parece « mais amena e asseiada » do que o Recife.

Entretanto ali occorre um incidente que muito contribuiu para cimentar a animadversão do grande pensador pelos nossos patricios: deixemo-lo narrar o caso e vejamos si houve realmente motivo para tão profundamente magoar-se.

Devo registrar aqui, diz elle contando o seu passeio á nossa antiga capital, um facto occorrido pela primeira vez durante a nossa peregrinação de quasi cinco annos, isto é : ter deparado com falta de urbanidade. Em duas casas os moradores me recusaram grosseiramente e numa terceira me concederam com difficuldades permissão para atravessar os seus quintaes em demanda duma collina inculta donde eu desejava observar a região adjacente ».

Ora, bem considerados os costumes bisonhos e suspicazes do tempo, o aspecto assaz rebarbativo do sabio britanico e a sua ignorancia da lingua portugueza, é de facil explicação a pequena contrariedade a que a sua prevenção deu tamanho vulto; caso muito semelhante, já dous seculos antes, merecêra dum seu genial compatriota o ridiculo d'uma comedia espirituosamente intitulada — *Much I do about Nothing*.

Do quanto vinha prevenido contra nós, elle proprio o confessa : « Sinto-me satisfeito que isto succedêsse em terra de brasileiros, porquanto não lhes tenho bôa vontade : « é um paiz de escravidão e portanto de degradação moral » (1).

E a mesma animosidade irreflectida resalta vividamente quando, doze dias após ao partir o *Beagle* do porto do Recife, elle consigna no seu diario : « Finalmente deixamos as costas do Brasil. Espero em Deus não ter mais que visitar um paiz onde exista a escravidão. Ainda hoje, quando me fere o ouvido um soluçar distante recordo com dolorosa acuidade as sensações que experimentei ao perceber, passando por uma casa nas immediações de Pernambuco, os mais lamentosos gemidos, e suspeitar que era um pobre escravo que estava sendo torturado, ao mesmo tempo que comprehendia a minha impotencia para evitar-lhe o martyrio. »

Sem pretender attenuar o opprobrio que sobre a nossa cultura lançou o regimen servil, devemos observar que não era então o Brasil o unico paiz onde elle vigorava, nem aquelle onde imperava o mais deshumano tratamento dos miseros escravisados, o que muitos patricios de Darwin attestaram.

E, como toda a medalha tem... anverso, é facil encontra-lo para as suas diatribes sobre o assumpto nos dithyrambos de Koster.

(1) I feel glad that this happened in the land of Brazilians, I bear them no good will — a land of slavery, and therefore of moral debasement.

LIVRARIA ECONOMICA

A mais antiga no Norte do Brazil

FUNDADA EM 1845

Recebe semanalmente todas as novidades litterarias publicadas no paiz e Europa.

LIVROS DE SCIENCIA, LITTERATURA, DIDATICOS, ETC.

SORTIMENTO COMPLETO EM PAPELARIA

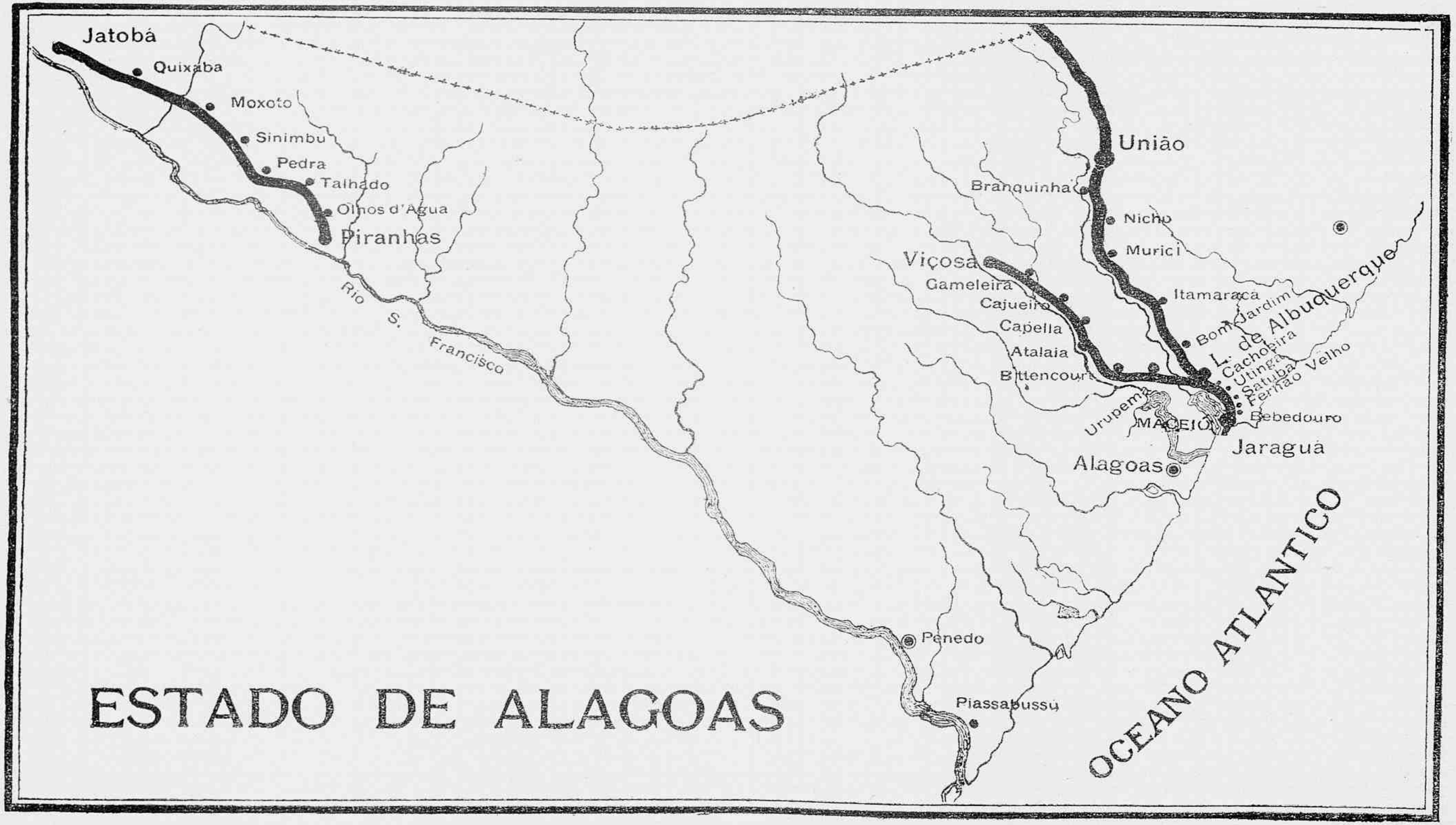
JORNAES DE MODAS
E REVISTAS LITTERARIAS

PROPRIETARIO-GERENTE

MANOEL NOGUINA DE SNYS

Rua Barão da Victoria, 17

PERNAMBUCO


Jatobá
Quixaba
Moxoto
Sinimbu
Pedra
Talhado
Olhos d'Agua
Piranhas
Rio S. Francisco
União
Branquinha
Nicho
Murici
Viçosa
Gameleira
Cajueiro
Capella
Atalaia
Bittencourt
Itamaracá
Jardim
Bom
L. de Albuquerque
Cachoeira
Utinga
Satuba
Fernão Velho
Urupema
MACEIÓ
Bebedouro
Jaraguá
Alagoas
Penedo
Piassabussú
OCEANO ATLANTICO
ESTADO DE ALAGOAS

ESTADO das ALAGÔAS

Escala de 1:1.983.750

Estado de Pernambuco

Estado da Bahia

Estado de Sergipe

OCEANO ATLANTICO

5º 6º 7º 8º 9º 10º

Branquinha
Muricy
Itamaracá
Bom Jardim
Dous Albuquerque
Cachoeira
Uringa
Saiba
Ferreiro Velho
Bebedouro
MACEIÓ
Jaraguá
Viçosa
Cameleira
Cajueiro
Pitanguy
Pitanguinha
Atalaia
Thencourt

Rio Mascato
Paulo Affonso
Sinimbú
Pedra
Cachoeira de Xingo
Paulo Affonso
Rio Talhado
Olhos d'Agua
Agua Branca
Rio Capia
Rio Cabaças
Serra da Caxoeira
S. Anna do Panema
Rio Panema
Piranhas
Rio de S. Francisco
Pao de Assucar
L. das Antas
Rio Traipú
Serra da Praça
Traipú
Rio Yaiba
Serra da Maraba
Rio Piauhy
Rio Perucababa
Penedo
Piassabussú
Porto do Penedo

Palmeira dos Indios
Victoria
Rio Mundahú
Rio Paraybinha
Villa Viçosa
Parahyba
Parahyba
Rio Paranguaba
L. dos Cavallos
Serra do Longa
Rio S. Miguel
Anadia
S. Miguel dos Campos
Rio Coruripe
Rio Traquia
S. Luiza do Norte
Alagoas
Atalaia
Pilar
S. Talhada
Rio Jacuhipe
Rio Mundahú
Rio Camaragibe
Rio Manguaba
R. S. Ant.º Grande
R. S. Ant.º Pequeno
R. Persununga
União
Branquinha
Nicho S.a do Ouro
Muricy
Porto Calvo
Porto de Pedras
Barra de S. Ant.º Grande
Ponta do Picão
Ponta do Prego
Lagoa Mundahú ou do Norte
Ponta e pharol de Maceio
MACEIÓ
Porto e enseada de Jaraguá
Porto Francez
Ponta de S. Miguel
Porto de S. Miguel
Ponta Azeua
S. Luiza
Poxim
Enseada da Piuba
L. Poxim
Coruripe
Porto do Batel
Baixos de D. Rodrigo

Tourrette del.

ALAGÔAS



Limites : ao N. e O. com Pernambuco, ao S. com Sergipe Bahia, a E. com o Atlantico. Area = 58.491 kms. qs. População = 728.000 habs.

Solo bastante ondulado e em alguns pontos montanhoso, sendo mais notaveis as serras : da Caxoeira, Caruaranha, Dous Ermãos, Palmares, da Priaca, Marabá, Talhada, e do Ouro. Todo o lado Sul do Estado é margeado pelo grande rio S. Francisco e banhado pelos affluentes d'elle : rio das Cabaças, Panema, Traipú, Itiúba, Piauhi. Mais para o N. correm o Coruripe, o S. Miguel, o Parahiba, o Mundahú, o Jacuïpe, o Una, e outros menores.

A orla maritima do Estado é notavel por muitas e grandes lagôas, como : a do Jiquiá, a do Norte, a do Sul, etc. ; junto á segunda está assentada a capital, e á margem da terceira estão as cidades antigas de Alagôas e Pilar.

Ha um pharol em Maceió.

Clima ameno, apezar de levemente quente e humido.

O Estado tem duas estradas de ferro : 1.º a « E. F. Central das Alagôas », de Maceió a União, com 88 kms. de extensão, que se transpõem em pouco mais de 3 horas, e da qual se destaca o ramal da Assembléa, de Lourenço d'Albuquerque a Viçosa, com 62 kms. percorridos em pouco mais de duas horas ; receita em 1903 — 720 : 730$050, despesa — 630 : 656$720 ; 2.º a « Paulo-Affonso », Piranhas a Jatobá, com 116 kms. de extensão, que os trens ordinarios num dia da semana (5.ª feira) percorrem em cêrca de 7 horas; receita no mesmo anno— 37:628$140, despesa — 115:198$080. Ambas estão hoje arrendadas á Great Western of Brazil Railway Comp., limited.



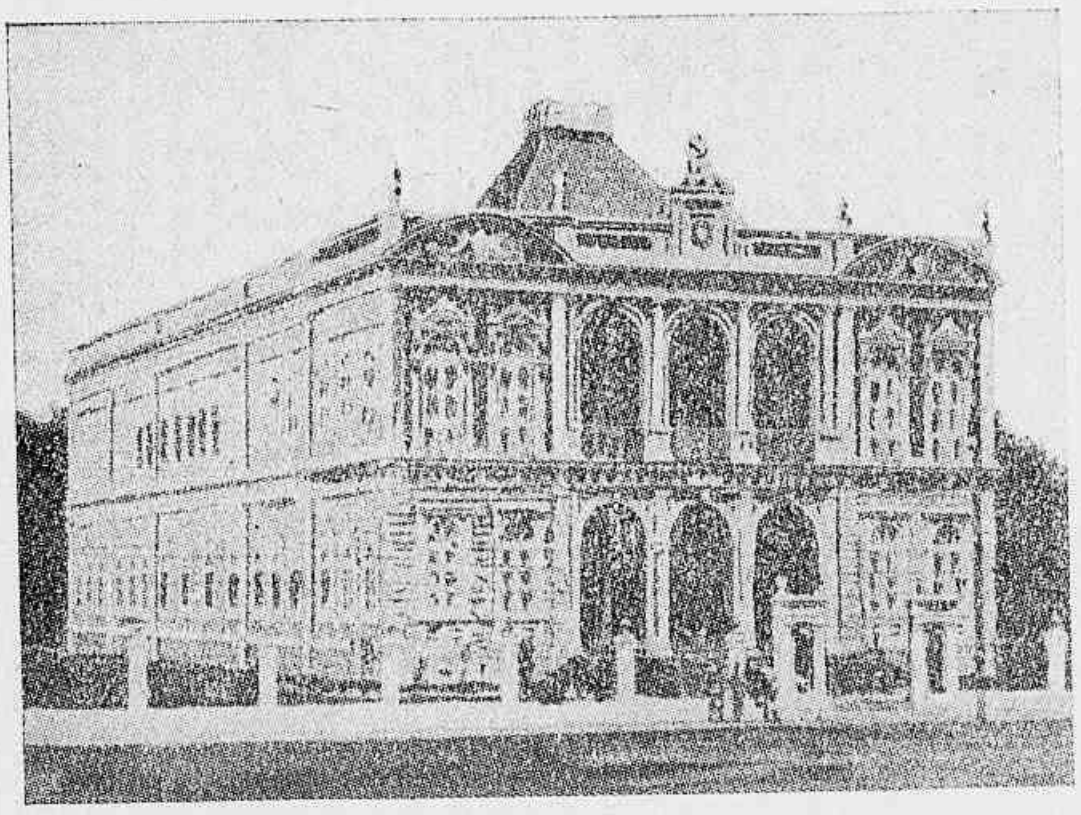
D. Antonio Brandão, bispo.

De União em deante, até aos limites do Estado com Pernambuco, o serviço é feito pela E. F. Sul de Pernambuco, pelo ramal de Glycerio que tem 48 kilometros de extensão.

Estão em estudos : uma estrada de Maceió á Colonia Leopoldina (com ramal para Porto-Calvo), outra de Alagôas a Paulo-Affonso (bifurcando-se na altura de Ana-dia), e um pequeno ramal de Satuba ao Pilar.

Funccionam no Estado duas empresas de navegação : uma pertencente á

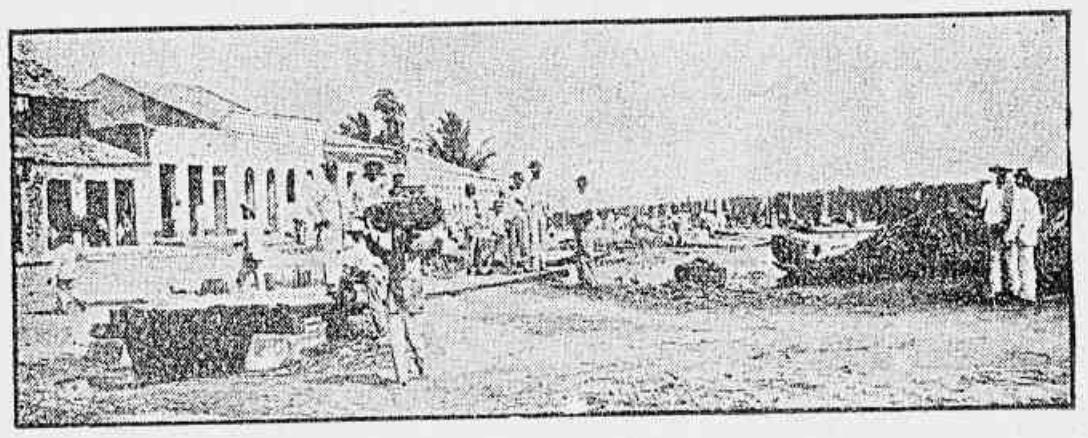
Companhia de Navegação Pernambucana, que mantem a linha de Penedo a Piranhas, com viagens semanaes; e a Companhia de Navegação das Lagôas, que faz a communicação de Maceió com Pilar (36 milhas).



Maceió. — Palacio do Govêrno.

Os principaes productos agricolas do Estado são : o algodão e o açucar. Sua exportação, no anno de 1902 foi, no valor de 8.507:974$000, e o da importação — 3.093.013$000.

No anno de 1904 as alfandegas de Maceió e Penedo renderam : 2.041:157$000. A receita do Estado em 1903 foi de 1.983:548$766 e a despesa 2.089:836$426. O orçamento para 1905 consignou as seguintes verbas : receita — 2.239 : 496$758 ; despesa — 2.239:266$169. Em 1904 a divida fluctuante de Alagôas era de 327:256$526, e a fundada de 665: 600$000.



Porto da Levada.

Cidades principaes.— Maceió (capital), a pequena distancia do porto de Jaraguá, com cêrca de 35.000 habitantes : Alagôas, Camaragibe, Penedo, Pilar, União, Viçosa, Atalaia, etc.

E' governador o dr. Joaquim Paulo Vieira Malta, e bispo da diocese recentemente creada d. Antonio Manuel de Castilho Brandão, que tomou posse a 23 de Agosto de 1901 (transferido do Pará). O Congresso do Estado compõe-se de duas camaras : Camara dos Deputados (30 membros eleitos por dous annos) e Senado (15 membros eleitos por seis annos), com renovação pelo terço biennalmente. O poder executivo tem por chefe um governador, cujo mandato é de trez annos, auxiliado por secretarios d'Estado.



Jaraguá — Rua Lourenço d'Albuquerque.

O poder judiciario tem por orgãos : o Tribunal Superior (com 7 membros), juizes de direito, o jury e juizes de districto. O Ministerio Publico tem por orgãos o procurador geral do Estado (vitalicio), promotores publicose curadores.

O Estado tem 34 municipios, havendo em cada um d'elles : um Conselho, um Intendente, um Commissario de policia e sub-commissarios de districto.

RESUMO HISTORICO

O territorio do actual Estado de Alagôas fez parte da primitiva capitania de Pernambuco e foi theatro de porfiadas luctas durante a invasão hollandeza (1630-1654). Para alli emigrou Mathias d'Albuquerque com um punhado de bravos afim de preparar a resistencia ao inimigo, — resistencia que foi depois continuada pelo conde Bagnuolo e em que se distinguiram heroicamente o indio Philippe Camarão, o preto Henrique Dias, os capitães Souto e Rebello e o valeroso André Vidal de Negreiros, o mesmo que alguns annos depois preparou com Fernandes Vieira a insurreição geral, cujo desenlace foi a libertação do territorio.

Nas fraldas da serra da Barriga organizou-se durante esse mesmo periodo o famoso quilombo dos Palmares, que só veio a ser destruido em 1696 por Bernardo Vieira de Mello á frente de um verdadeiro corpo de exercito.

Em 1711 foi creada a comarca das Alagôas, mas só em 1817 (decr. de 16 de Septembro) o territorio se desligou de Pernambuco, sendo elevado á categoria de capitania independente. Em 1822, após a independencia do Brasil, passou a provincia, cujo primeiro presidente foi d. Nuno Eugenio de Lossio e Seiblitz. Em 1824 desembarcou em Maceió o coronel Francisco de Lima e Silva, que d'alli marchou com suas forças para Pernambuco, onde abafou a revolução. Em 1835 installou-se a 1ª Assembléa Provincial Legislativa e em 1839 foi transferida a capital da cidade de Alagôas para Maceió, onde desde então se conserva. Esta transferencia deu logar a uma insurreição dos Alagoanos em curto praso abafada, e preferencias politicas suscitaram em 1844 nova revolução, da qual foi chefe proeminente o coronel José Vieira Peixoto. A partir d'essa epocha a tranquillidade interna permittiu á provincia notavel desenvolvimento material.

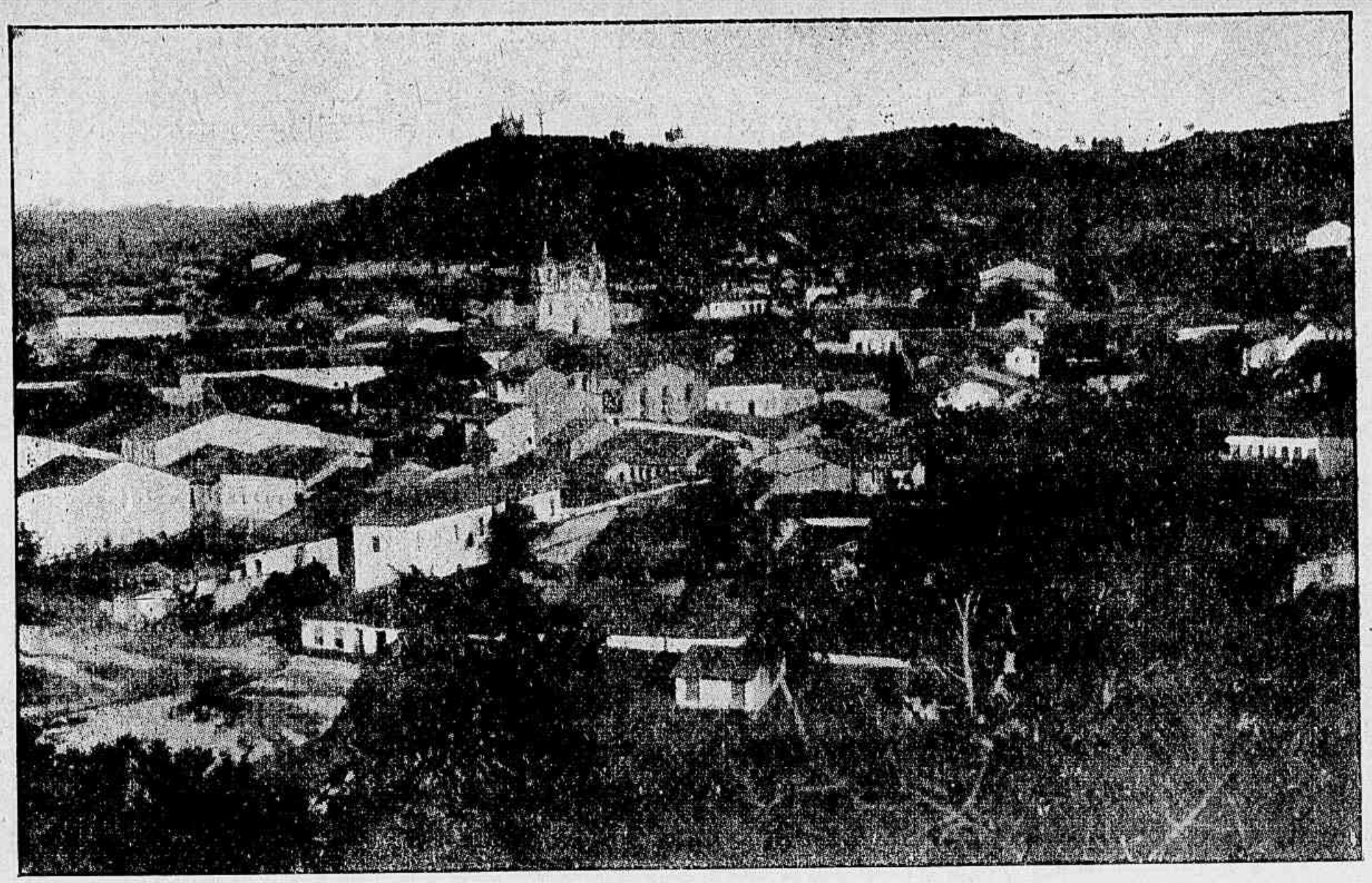
Em 1889, passando Alagôas a Estado da Republica, teve por primeiro governador o coronel Pedro Paulino da Fonseca. Sua constituição foi promulgada a 11 de Junho de 1891.

Alagoanos illustres foram entre outros : os drs. Fernando de Barros e A. J. de Mello Moraes (medicos), Ladislau Netto (naturalista), A. C. Tavares Bastos (parlamentar e publicista), marechaes Diodoro da Fonseca e Floriano Peixoto (presidentes da Republica).

A BIBLIA

A Biblia contém 3.566.480 lettras ; 773.746 palavras; 31.173 versiculos; 1.189 capitulos e 66 livros. A palavra *E* occorre 46.227 vezes. O meio exacto da Biblia é o versiculo 8 do Psalmo 118. O versiculo maior é o versiculo 9 do VIII capitulo de Esther. O mais curto é o versiculo 35 do capitulo XI de S. João. O mais antigo exemplar da Biblia, em hebraico, existia em Toledo, e era conhecido pelo *Codex Hillel*. O mais velho exemplar em lingua grega é o do Vaticano, e parece ter sido escripto nos meados do seculo IV. A mais pequenina edição da Biblia que se conhece foi feita na Universidade de Oxford, em 1875, e tem de comprimento 2 pollegadas e meia. A primeira tradução da Biblia nas linguas occidentaes foi a flamenga, de 1477. A primeira traducção portugueza foi a do padre João Ferreira de Almeida, publicada em 1681.

Em 1826 um advogado de Colmar legou 70.000 marcos a um hospital de loucos : « Eu ganhei esta somma, disse o testador, com os que passam a vida a demandar; faço agora portanto uma verdadeira restituição ».



Vista geral de Larangeiras.

SERGIPE



Confina ao N. com Alagôas, ao S. com a Bahia, a E. com o Atlantico e a O. tambem com a Bahia. Area = 39.190 kms. qs.; população 450.000 habitantes.

O territorio póde ser dividido em trez zonas distinctas : a zona maritima ou *praia* (6 a 13 kms.) — baixa e arenosa ; a central (6 a 13 kms.) que comprehende taboleiros agrestes e maçapês, cortada de rios e fertilissima ; e a occidental ou *sertão* (165 kms.) mais montanhosa e propria para criação de gado.

Das serras mais conhecidas, são principaes : a de Itabaiana, a Cajaïba, a Miaba, a Comprida, a Negra, a Canini e a dos Palmares. Além do caudaloso S. Francisco que limita todo o Estado pelo Norte, ha os seguintes rios dignos de menção : Japaratuba, Cotinguiba, Sergipe, Irapiranga, Piauhi, Poxim, Vasa-Barris e Real.

Não ha por emquanto estrada de ferro em Sergipe, mas a lei de 15 de Dezembro de 1903 auctorizou a União a construir uma linha do Timbó, na Bahia, a Propriá em Sergipe, ligando essa estrada Aracajú a Simão Dias por meio de ramaes. Em 1904 começaram os estudos da referida zona.

Ha trez pharoes na costa. A navegação interna é feita pela " Empresa Fluvial de Navegação a Vapor ".

Os principaes productos do Estado são açucar, algodão e gado.

ESTADO de SERGIPE

Escala de 1: 1.735.000

Escala de 1: 116.250

Escala de 1: 555.000

5º 6º 7º

10º 11º

Estado da Bahia

Estado das Alagôas

Estado das Alagôas

OCEANO ATLANTICO

OCEANO ATLANTICO

Rio do Fogo

Rio do Ouro Fino

Rio da Perpétua

Rio de S. Francisco

Rio da Ilha do Ouro

Rio do Porto da Folha

Serra Negra

Curral de Pedras

Porto da Folha

Rio das Traíras

Rio Propriá

Propriá

Aquidaban

Villa Nova

Pacatuba

Dôres

Rio Japaratuba

Japaratuba

Rio Betume

Bª do R. S. Franco

Ilha do Arambique

Rio Sergipe

Siriry

Capella

Rio Divina Pastora

Jacaracica

Rosario do Cattete

Riachuelo

Rio Cotinguiba

Maroim

Barra do Rio Japaratuba

Rio Salobro

S. Amaro das Brotas

Larangeiras

Rio Pomonga

ARACAJÚ

Barra e pharol do Rio Cotinguiba

Rio Poxim-Assú

Serra dos Palmares

Serra Itabaiana

S. Paulo

Itabaiana

Rio Lombada

Rio dos Fabricas

Rio Piauhy

Rio Irapiranga

Simão Dias

Rio Caussa

Rio Jacaré

Rio Macacos

Lagarto

Campos

Rio Rapukinga

Itaporanga

S. Christovam

Barra do Irapiranga

Rio Itabaianinha

Estancia

Rio Araua

S. Luzia

Rio Real

Rio Guararoma

Rio Fundo

Espirito Santo

Atalaia Pharol do Rio Real

Dende

Mucury

Brejo Grande

Pau de Canellas

Barra Nova

Ilha do Arambipe Samôco

Pharol de S. Pedro do Norte

Foz do Rio de S. Francisco

N. S. de Nazareth

Rio Poxim-assú

Rio Pitanga

Itaporanga

S. Christovam

Collegio

Várzea

Barra do Irapiranga

Tourrette del.

O valor official da importação em 1903 foi de 691:818$150 (mercadorias procedentes directamente do extrangeiro), 2.534:900$400 (mercadorias extrangeiras importadas por cabotagem) e 1.213:392$000 (mercadorias nacionaes), — total 4.444:110$550; a exportação do Estado teve no mesmo anno o valor official de 6.762:431$543.



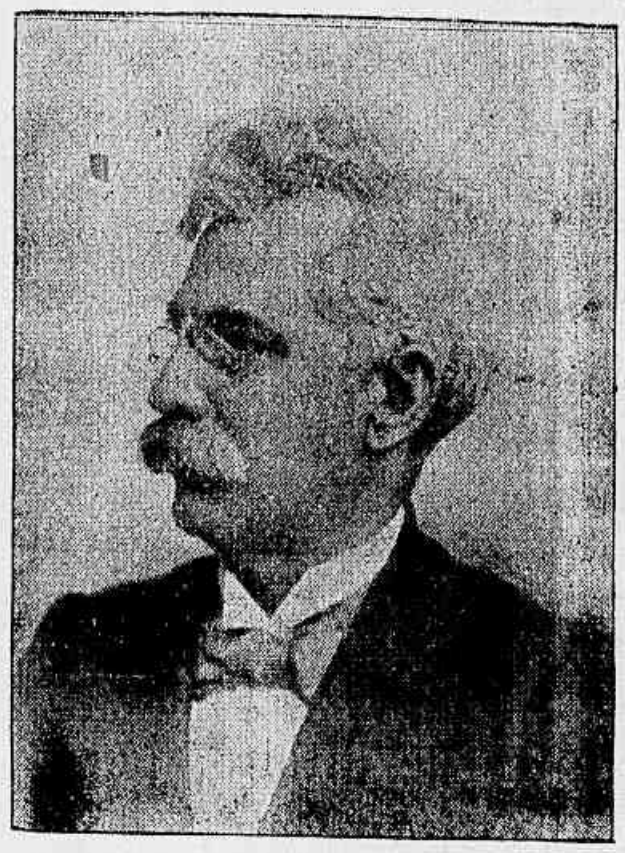
José L. Coelho e Campos, senador.

Sergipe exportou em 1903 — 19.632.608 kil. de açucar, 3.223.316 kil. de algodão, 8.817.992 lit. de sal, 1.995.867 l. de milho.

A renda da alfandega de Aracajú no anno de 1904 foi de 413:260$000.

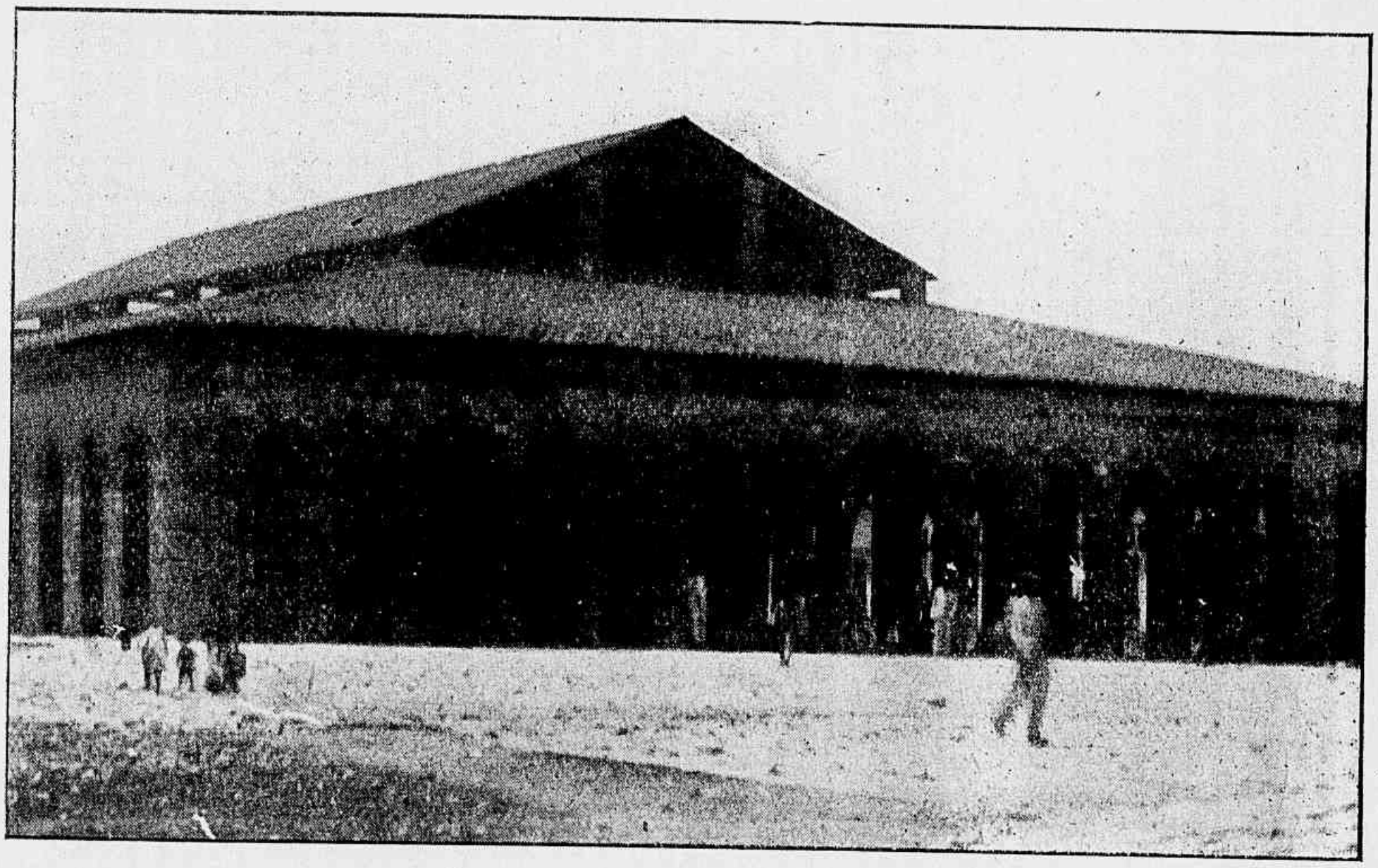
O balanço provisorio do 1º semestre de 1904 deu este resultado: receita do Estado — 885:953$983; despesa — 827:539$447.

Orçamento para 1905: receita — 1.522:726$; despesa — 1.435:254$183.



Martinho C. d'O. Garcez, senador.

Cidades principaes. — ARACAJÚ (capital), á margem direita do Cotinguiba com 30.000 almas, onde se notam o Palacio do Governo, o palacete da Assembléa Legislativa, a Escola Normal,



LARANGEIRAS. — Mercado publico.

o Atheneu Sergipense, uma excellente matriz, um bom Hospital, quarteis e outros edificios.

Seguem-se: Estancia, Capella, Itabaiana, Lagarto (onde ha um bellissimo

templo), Laranjeiras, Maroim, Propriá, S. Christovão, Simão-Dias, etc.

O Estado tem uma Assembléa legislativa, composta de 24 deputados eleitos por dous annos, e que se reune no dia 7 de Septembro de cada anno.

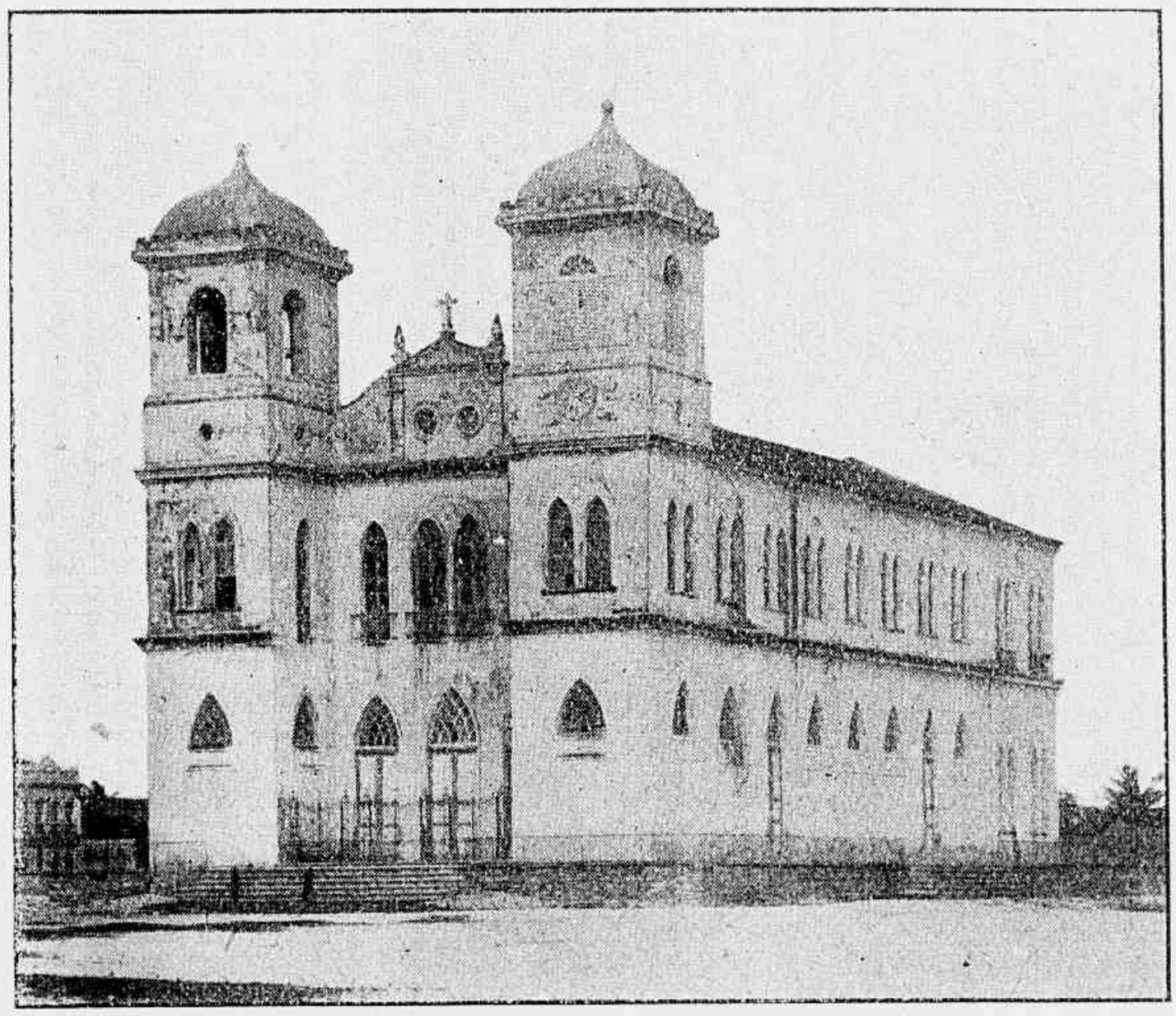


LARANGEIRAS. — Rua do Commercio.

Presidente do Estado — dezembargador Guilherme Campos.

O poder executivo é exercido pelo presidente, cujo mandato dura dous annos. O judiciario tem por orgãos: um Tribunal de Relação (com cinco desembargadores), juizes de direito, juizes municipaes, jury, tribunaes correccionaes e juizes de az nos districtos.

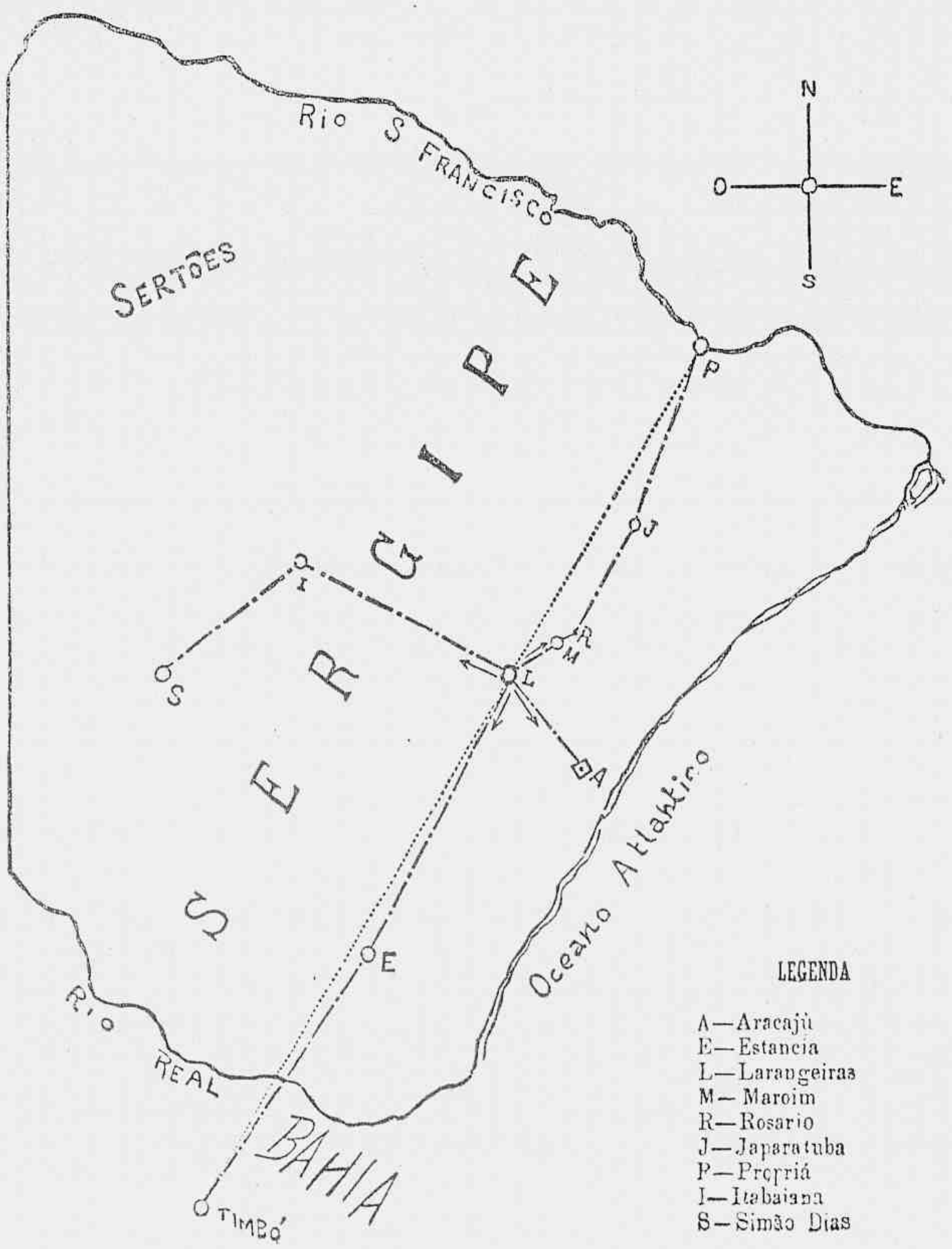
Ha em Sergipe 33 municipios, tendo cada um d'elles um Conselho Municipal e um intendente.



ARACAJÚ. — Matriz.

RESUMO HISTORICO

Nas 50 leguas da capitania da Bahia dadas por d. João III em 1534 a Francisco Pereira Coutinho estava comprehendido o territorio, que é hoje o Estado de Sergipe. Falhas ou quasi falhas algumas tentativas de colonização, só em 1590 se poude dizer feita a conquista definitiva do solo, e foi Christovão de Barros quem a realizou,



raçado da Estrada de Ferro do Timbó a Propriá com ramaes par Aracajú e Simão Dias) de accòrdo com as Instrucções do Governo da União, de 19 de Maio de 1904.

levantando logo, proximo á foz do rio Sergipe, um forte e um arraial que se chamou S. Christovão.

Iniciaram-se então mais regularmente os trabalhos de colonização e as industrias pastoril e agricola. Este progresso foi porém interrompido pela invasão hollandeza de 1630 : em 1637 Sigismundo van Schkoppe tomou S. Christovão, e completou pelo saque e pelo incendio a obra de devastação, que o proprio Bagnuolo começara para não deixar recursos ao inimigo que o perseguia. Retomada a posse do territorio pelos Portu-

guez em 1640, não cessou entretanto a lucta, que se prolongou até 1645, anno da definitiva libertação de Sergipe do dominio hollandez.

Foi necessario recomeçar a obra da colonização, e essa mesma já agora perturbada frequentemente pelo espirito de desordem que alli se implantára : luctas intestinas, levantes, sedições agitaram a nascente colonia governada por capitães-móres. Isto induziu o govêrno central a fazer de Sergipe uma comarca da Bahia, — medida que deu alguns fructos de paz e contribuiu para o desenvolvimento sergipano.

No decurso do seculo XVIII houve ainda lamentaveis luctas internas e a agitada questão dos limites com a capitania da Bahia que foi reprimida em 1750, perdendo Sergipe as villas de Inhambupe, Itapicurú e Abbadia.

Em 1817 os Sergipanos prestaram auxilio ao partido legal contra a revolução pernambucana, e isso lhes valeu como premio a elevação da comarca á categoria de capitania independente em 1820. No anno seguinte houve tentativa de nova annexação á Bahia, conseguindo alguma vantagem o partido recolonizador capitaneado pelo brigadeiro Pedro Vieira de Mello; mas a opportuna intervenção de Labatut, a composição de uma juncta governativa composta de patriotas e os successos de 1822 no Rio-de-Janeiro restituiram em breve a Sergipe a sua emancipação.

Constituido em provincia do Imperio, teve por primeiro presidente o brigadeiro Manuel Fernandes da Silveira, que tomou posse em 1824.

Em 1855, sob a presidencia do dr. Ignacio Joaquim Barbosa realizou-se a mudança da capital, de S. Christovão para Aracajú.

No dia 17 de Novembro de 1889, achando-se na administração da provincia o vice-presidente dr. Thomaz Rodrigues da Cruz, chegou a Aracajú a noticia da proclamação da Republica. O povo acclamou logo uma juncta governativa, que recebeu a adhesão das antigas camaras municipaes e administrou até o dia 13 de Dezembro — data da nomeação do primeiro governador, o dr. Felisbello Firmo de Oliveira Freire.

Sergipe, elevado desde então a Estado da Republica, teve a sua Constituição promulgada a 18 de Maio de 1892, sendo pouco depois eleito governador do Estado o capitão dr. José Calasans.

Nasceram em Sergipe : Tobias Barreto (philosopho e poeta), Pedro de Calazans, F. L. Bittencourt Sampaio e Elzeario da Lapa Pinto — poetas. Tobias Rabello Leite, Joaquim J. de Oliveira e M.-L. Aranha Dantas — medicos, d. Domingos Quirino de Sousa — bispo de Goiaz, fr. José de Sta Cecilia e p. José Gonçalves Barroso — oradores sagrados, Graciliano A. do Prado Pimentel — parlamentar e jurista.

A Assembléa Legislativa do Estado de Kansas, America do Norte, adoptou um projecto de lei contra os celibatarios.

Todo o homem de 40 annos pelo menos, e de 65 annos no maximo, gosando boa saude, e não casado, pagará um imposto de 25 dollars por anno.

Toda a mulher de 35 annos no minimo, e de 50 no maximo, gosando boa saude, e não casada, pagará imposto egual.

Serão exemptos do imposto os que provarem que são arrimo da familia. O producto do imposto será empregado em escolas.

***

Mais de 30 por cento dos habitantes de Londres são tão pobres, que não têm meios para comprar carne, manteiga, fumo, nem andar nos carris urbanos nem mesmo sellar cartas.

ESTADO DA BAHIA

Joazeiro
Pirangó
Carnahiba
Juremá
Angico
Itumirim
Jaguarari
Caturi
Villa Nova
Cartaça
Tiririça
Ituba
Jacurucí
Queimados
Rio do Peixe
Stª Luzia
Salgada
Serrinha
Lamarao
Agua Fria
116
Entroncamento
Aramari
Alagoinhas
Timbó
Pedras
Lagoa Redonda
Entre Rios
Sitio do meio
Capianga
Sahuipe
Sitio Novo
Catu
Pojuca Central
Pojuca
Pitanga
Matta
Camassari
Parafuso
Monitiba
A Comprida
Mapelle
Olario
Periperi
Plataforma
BAHIA
Jacú
Jacuipe
Traripe
Pilar
Sto Amaro
Feira de Stª Anna
Tapera Terra Nova
Magalhães
Jacare
Cruz
Pinheiro
Conceição
Serra
Belem
Cachoeira
São Felix
Nazareth
Cachoeirinha
Pombal
S. José
Sape
Genipapo
Candiai
Curalinho
Cruz Madrado
Tapera
Serra Grande
Tanquinho
Morro Preto
Lageado
Machado Portella
Bandeira de Mello
Queimadinha
Tamburil
João Amaro
Sitio Novo
Santo Antonio
Lapa
Amargosa
S. Francisco
Corta Mão
S. Miguel
Serra
Varzem Grande
Stª Anna
S. Antonio
Tatinga
Rio Fundo
Onha
ATLANTICO
OCEANO

ESTADO da BAHIA

Escala de 1:6.612.500

0º

15º

Estado de Pernambuco

Estado do Piauhy

Estado de Sergipe

Estado de Minas Geraes

OCEANO ATLANTICO

Capim Grosso
Cachoeira de Paulo Affonso
Casa Nova
Juazeiro
Remanso
Sento Se
Piranga
Jurema
Itumirim
Serra Muribeca
Rio do Sahire
Rio Jacaré
Monte Santo
Rio Irapiranga
Geremoabo
Pilão Arcado
Bom Fim
Serra de Ituiba
Villa Nova
Pombal
Tucano
Rio Itapicurú
Rio Real
Abbadia
Rio Verde de Bandy
Serra da Saúde
Diamantina
Rio Loatí
Rio Preto
Porto Alegre
Sta Rita
Chique Chique
Barra do Rio Grande
Jacobina
Queimados
Salgada
Soure
Itapicurú
Serrinha
Lamarão
Rio Inhambupe
Conde
Morro do Chapeo
Rio Jacuipe
Alagoinha
Monte Alegre
Camisão
Feira de Sta Anna
Rio Branco
Campo Largo
Rio Grande
Chapada
Lençoes
S. Amaro
Orobó
Curralinho
Cachoeira
S. Francisco
Rio de São Francisco
Rio Paramirim
Macahubas
Brotas
Rozario
Tapera
Rio Paraguassu
Bahia de S. Salvador
Abrantes
Chapada da Ribeira
Rio Formoso
Rio das Eguas
S. Antonio de Jesus
Maragogipe
S. SALVADOR
Amargosa
Itaparica
Rio de São Francisco
Urubú
Bom Jesus do Rio de Contas
Areia
Jaguaripe
Serra de Macahubas
Maracas
Valença
Rio Arrojado
R. do Corrente
Minas do Rio de Contas
Cayrú
Nova Baypeba
Brejo Grande
Santarem
Bom Jesus dos Meiras
Sincora
Camamu
Barcellos
Rio Carinhanha
Carinhanha
Caetete
S. Antonio
S. Rita
Rio de Contas
Maraú
Barra do Rio de Contas
Serra do Monte Alto
Monte Alto
Barracão
Ilheos
Poções
Rio dos Ilhéos
Olivença
Victoria da Conquista
Rio Una
Rio Verde Pequeno
Condeuba
Porto de Comandatuba
Rio Pardo
Porto do Poxim
Cannavieiras
Belmonte
Porto Seguro
S. Cruz
Villa Verde
Monte Paschoal
Serra dos Aymorés
Rio Jucurucú
Prado
Rio Jucuruçú
Alcobaça
Caravellas
Rio Mucury
S. José de Porto Alegre
Estado do Espirito Santo
Cachoeira de Paulo Affonso
Rio Moreno
Rio da Cruz
Ilha da Forquilha
Rio da Forquilha
Rio Gangorra

Escala de 1:345 Ks

Tourrelle del.t

BAHIA



Confina : a NE. com Sergipe, ao N. com Pernambuco, a NO. com Piauhi, a O. com Goiaz, ao S. com Minas-Geraes e Espirito-Sancto; a E. com o Atlantico. Tem de área — 426.427 kms. qs. População — cêrca de 2.335.000 hab.

O solo é pela maior parte montanhoso, cortado por grandes rios, e apresentando bellos planaltos em suas cordilheiras.

As montanhas do Estado fazem parte da cadeia maritima ou oriental e do chapadão do S. Francisco, sendo dignas de menção as serras : Muribeca, Itiuba, da Saúde, Orobó, de Macahubas, do Monte-Alto e dos Aimorés. Ao S. de Porto-Seguro está o monte Paschoal (356^{m} de alt.), que foi o primeiro ponto avistado por Alvares Cabral ao descobrir o Brasil em Abril de 1500.

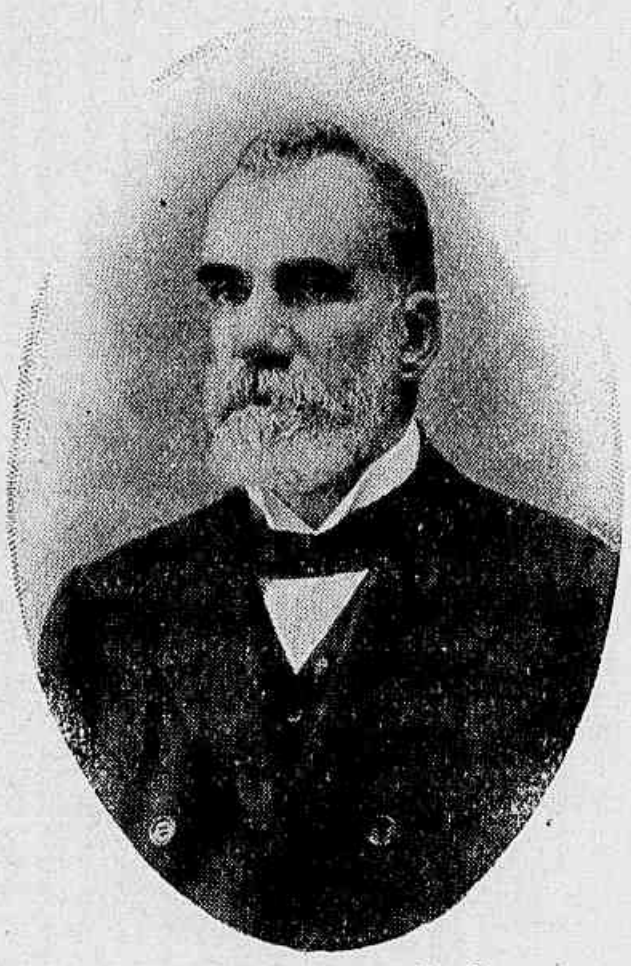
Seus principaes rios são : S. Francisco (com importantes affluentes), Itapicurú, Paraguassú, Jaguaribe, de Contas, Pardo e Jequitinhonha. É no percurso do S. Francisco, nos confins com Sergipe, que se admira a estupenda cachoeira de Paulo-Affonso, onde as aguas do caudaloso rio, aperadas em estreita garganta, se despenham com fragor num abysmo de 85 metros de altura. A navegação do baixo S. Francisco só é franca de Piranhas até á foz.

Ha no Estado oito pharoes, inclusive os do Morro de S. Paulo e dos Abrolhos.

As estradas de ferro, que cortam o Estado em varias direcções, são : a E. F. da Bahia ao S. Francisco, da capital a Alagoinhas com 123^{k},340 de extensão (percorridos em 4 h. e 27 m.), arrendada aos engenheiros J. T. de Alencar Lima e Austricliano Honorio de Carvalho; seu prolongamento, de Alagoinhas ao Joazeiro, com 352^{k},300 de extensão (percorridos em 16 horas); o ramal de Alagoinhas ao Timbó, com 83 kms. (3 h. e 60 m. de viagem); a E. F. de S^{to} Ama-



D. Jeronymo Thomé da Silva, arcebispo.



Dr J. Marcellino de Sousa, governador.

(por Estancia, S. Christovão Aracajú, Penedoe Maceió) — 486 milhas;

— Navegação Bahiana Sul, da Bahia a S. José (por Ilhéos, Canavieiras, Belmonte, Sancta-Cruz, Porto-Seguro, Prado, Alcobaça, Ponta d'Areia, Caravellas e Viçosa) 351 milhas;

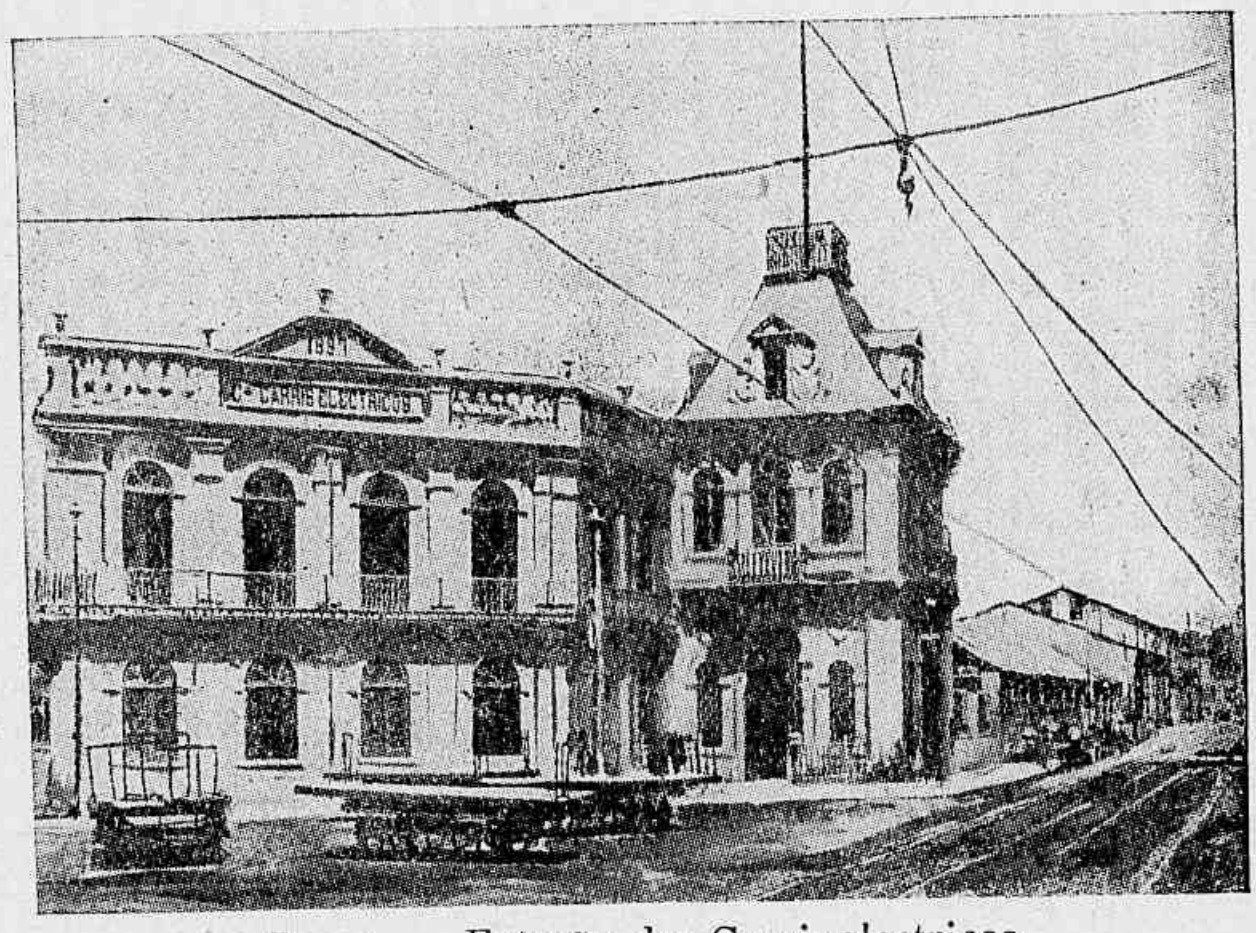
— Navegação Bahiana, da Bahia a Itaparica, e de Nazareth a Valença;

— Empresa Viação do Brasil, de Joazeiro a Pirapora, no alto S. Francisco, com 1.369 kilometros de extensão, que vae terminar no Estado de Minas.

ro (de Sancto Amaro a Jacú), com 49 kms. (inclusive ramaes); a E. F. Central da Bahia, de S. Felix a Machado-Portella, com 316k,600 (12 1/2 h. de viagem) e da Cachoeira á Feira de Sta Anna, com 45 kms. (2 h. e 15 m. de viagem); a de Nazareth a Amargosa com 98k,814 (5 h. de viagem); a de S. Miguel a Areia (25 kms.); a E. F. Centro Oeste, de Agua-Comprida a Candeias (28 kms.), e finalmente a de Caravellas, pertencente á Companhia Bahia e Minas, de Caravellas a Aimorés, com 142k,400 de extensão (trecho do Estado da Bahia). Está em projecto a estrada de Ilheus á Conquista (70 kms.).

As linhas de navegação costeira e fluvial são as seguintes:

— Linha da Bahia Norte, da Bahia a Pernambuco



Bahia. — Estação dos Carris electricos.

A riqueza mineral da Bahia é muito grande, pois abundam no Prado as areias monaziticas, e em differentes sitios os carbonatos preciosos, ouro, diamantes, argillas de primeira qualidade, ferro hydratado, aguas thermaes (do Sipó). A mais importante producção do Estado é a do fumo, seguindo-se-lhe o cacau, o café, os couros e pelles.

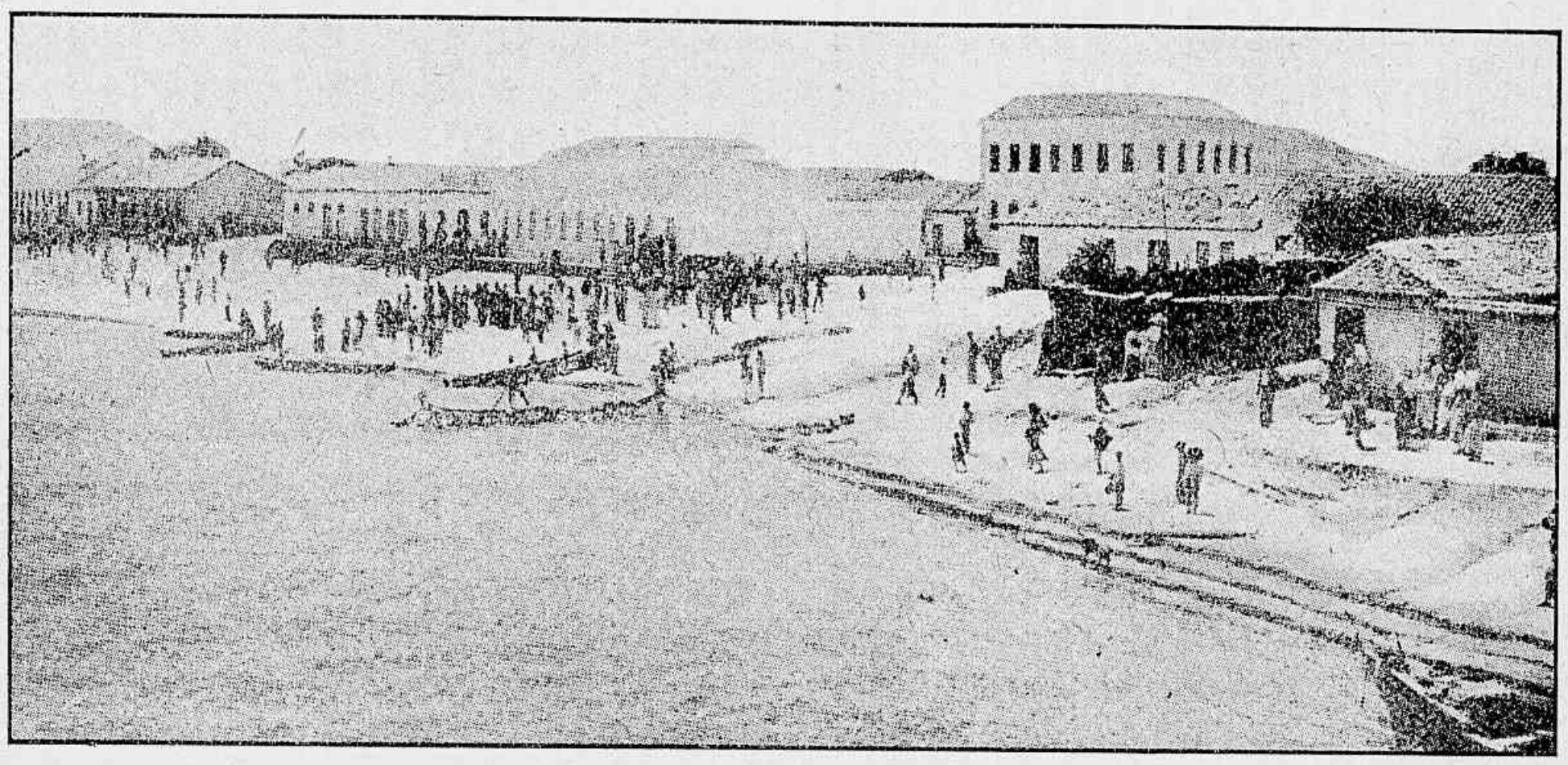
A Bahia exportou em 1903: 21.507.748 k. de fumo no valor official de 15.104:201$703; 21.456.459 k. de café no valor de 7.654:022$998; 14.713.429 k. de cacau no valor de 13.293:608$111; 1.869.643 k. de couros e



Armas do arcebispo do Jeronymo.

pelles no valor de 1.718:117$296; 8.548.525 k. de açucar no valor de 2.867:327$582; 1.570.840 k. de piaçava no valor de 740:034$521, e outros productos em menor escala.

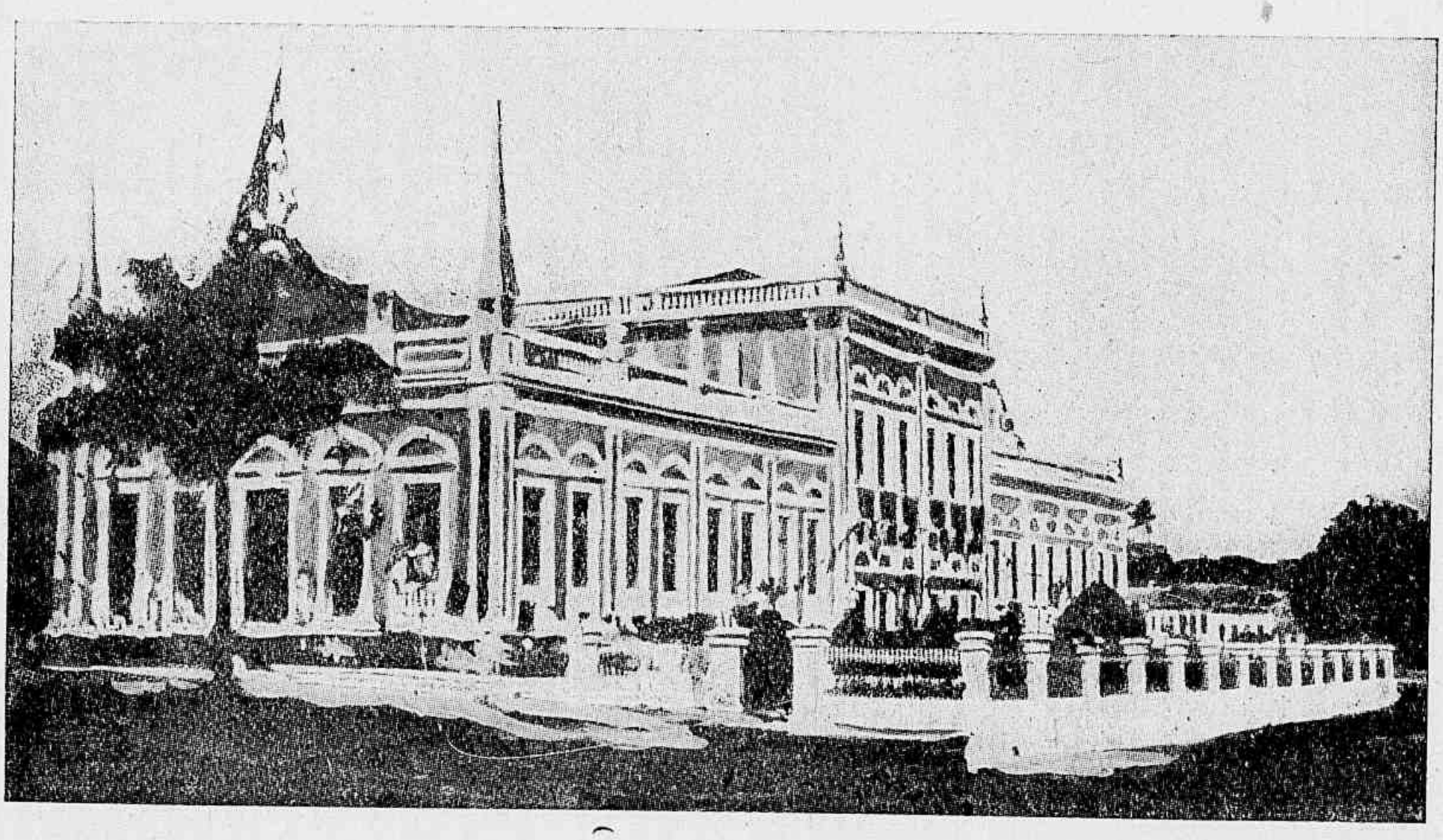
A alfandega de Bahia rendeu no anno de 1904 — 14.442:612$000.



REMANSO. — Rio S. Francisco.

O movimento maritimo pelos portos do Estado em 1902 foi o seguinte: navios entrados (a vapor e a vela) 884 com 1.144.840 toneladas; saïdos (a vapor e a vela) 873 com 1.530.989 toneladas.

A receita arrecadada pelo Estado em 1903 foi de 9.383:130$178, e a despesa



ALAGOINHAS. — Paço Municipal.

de 12.094:399$633. Deante d'este desequilibrio orçamentario o governador que tomou posse em 1904 sollicitou da Assemblea Legislativa do Estado providencias promptas e energicas: grande reducção das despesas publicas, a decretação de impostos e a reforma das secretarias e da organização judiciaria.

Cidades principaes. — Bahia ou S. Salvador (capital), com 220.000 habitantes, — antiga e pittoresca cidade composta de dous bairros chamados — Cidade alta e Cidade baixa, além de graciosos arrabaldes.



Valença (Bahia).

A Cidade baixa é o bairro commercial por excellencia, e a alta é onde se concentram a vida social, civil e domestica da população. Tanto numa como noutra abundam edificios notaveis, entre os quaes é justo citar a Alfandega, o Arsenal de Marinha, a Associação Commercial, o Palacio do Governo, o da Intendencia Municipal, o Senado, o Theatro S. João, o Hospital de Sancta Isabel, o Museu, o Thesouro, o Hospicio de S. João de Deus, o Seminario Archiepiscopal, a Escola de Bellas-Artes, a Escola Normal, o Gymnasio, a Escola de Medicina, uma Faculdade livre de direito, antigos e sumptuosos templos como o de S. Bento e o de S. Francisco, onde se admira uma obra de talha do seculo XVIII que é lavor artistico de primeira ordem. São várias as praças da cidade, algumas d'ellas elegantes e bem arborizadas: na praça Duque de Caxias ergue-se o magestoso monumento commemorativo do Dous de Julho, e na do Riachuelo o que symboliza a victoria dos Brasileiros na rude campanha do Paraguai. No pittoresco



Valença (Bahia).

Passeio Publico da cidade está um severo monolitho de marmore commemorativo da abertura dos portos do Brasil em 1808. Entre os suburbios da Bahia distingue-se o do Bomfim, centro de uma romaria tradicional frequentada todos os annos por milhares de devotos.

Entre seus mais importantes estabelecimentos fabris distinguem-se : a Avenida Luiz Tarquinio e o Burgo Industrial da Plataforma.



Virgilio C. Damasio, senador.

A cidade é bem illuminada e percorrida por trez linhas de bondes, achando-se em construcção mais outra, a Ferro-Carril de Ondina, que vae servir á cidade balnearia — Ondina — entre a Barra e o Rio-Vermelho.



Rui Barbosa, senador.

Entre as mais cidades do Estado distinguem-se : Feira de Sta Anna (com grandes feiras de gado), Bomfim (antigamente Villa Nova da Rainha), Cachoeira (centro industrial importante), Maragogipe (com ricas lavouras de café, fumo e canna), Sto Amaro, Alagoinhas (com grande movimento commercial), Jacobina (com jazidas de ouro), Nazareth, Ilheos, Caravellas e Barra do Rio Grande.

É governador do Estado até 1908 o dr. José Marcelino de Sousa e occupa a séde archiepiscopal d. Jeronymo Thomé da Silva.

O poder legislativo é delegado a uma Assembléa geral composta de Camara de Deputados (42 membros) cujo mandato é de dous annos, e Senado (21 membros) que se renova pelo terço biennalmente. A Assembléa reune-se regularmente no dia 7 de Abril de cada anno e sua sessão dura trez mezes. O poder executivo é delegado a um governador eleito por quatro annos.

O poder judiciario é exercido por juizes de paz, tribunaes do jury, juizes de direito e um Tribunal de Appellação composto de 12 juizes nomeados pelo governador, com approvação do Senado, mediante proposta do mesmo Tribunal, d'entre os magistrados vitalicios de mais de 10 annos de effectivo exercicio.

O Estado é dividido em 127 municipios, havendo em cada um d'elles um Conselho deliberativo e um intendente, todos eleitos.

RESUMO HISTORICO

No dia 22 de Abril de 1500 foi descoberto o Brasil por Pedro Alvares Cabral, que avistou o monte Paschoal, proximo de Porto-Seguro. Data d'esse dia memoravel o conhecimento do territorio bahiano, que explorações subsequentes revelaram mais amplamente.

O que hoje constitue o Estado da Bahia foi repartido em trez capitanias em 1534, quando D. João III planeou a colonização do Brasil : a da Bahia de Todos os Sanctos, doada a Francisco Pereira Coutinho; a dos Ilhéos, doada a Jorge de Figueiredo Corrêa; e a de Porto-Seguro, doada a Pero do Campo Tourinho. A primeira reverteu á corôa logo em 1549, quando morreu o donatario; a segunda em 1761 e a ultima em 1759.

Em 1549, quando se estabeleceu o govêrno central de Thomé de Sousa, foi sua séde a Bahia, á qual chegou elle no dia 29 de Março com boa leva de soldados, colonos e padres Jesuitas, procedendo logo á fundação da cidade, que ficou sendo chamada do Salvador. Por sua parte os Jesuitas, dirigidos pelo benemerito p. Manuel da Nobrega, iniciaram a obra da catechese. Pouco depois, em 1551, foi creado o bispado do Brasil, sendo nomeado primeiro bispo d. Pero Fernandes Sardinha.

Em 1572, pela creação de um govêrno especial para as capitanias do Sul, ficou a Bahia cabeça das capitanias do Norte; mas esta dualidade de govêrnos durou apenas cinco annos, restabelecendo-se o govêrno geral unico, com séde na Bahia, em 1577.

Prosperava a capitania rapidamente, quando rebentou a invasão hollandeza, sendo governador geral Diogo de Mendonça Furtado. No dia 9 de Maio de 1624 a frota de Pieter Heyn rompeu fogo sôbre a cidade do Salvador, a 10 as forças desembarcaram e a occuparam. Pouco durou entretanto a victoria : o cêrco da cidade pelos Portuguezes, reforços vindos de Pernambuco e o auxilio da esquadra de d. Fradique de Toledo, mandada pela metropole, conseguiram a 30 de Abril de 1625 a capitulação do invasor hollandez, que foi mais tarde tentar a conquista de Pernambuco e outras capitanias do Norte.

Resentiu-se naturalmente a Bahia dos effeitos da guerra hollandeza, que só acabou de todo em 1654; d'essa data em deante porêm, e mormente no decurso do seculo XVIII, proseguiu o desenvolvimento da capitania, cujo sertão foi sendo gradualmente explorado, cujos recursos naturaes foram sendo aproveitados intelligentemente.

Em 1763, por haver tomado grande incremento o Rio de Janeiro, resolveu a metropole transferir para alli a séde do govêrno central do Brasil, com a categoria de vice-reinado.

Em 1808 arribou á Bahia a esquadra em que vinha a familia real portugueza. O principe regente alli desembarcou no dia 24 de Janeiro com toda a solemnidade; a 28 publicou a famosa carta régia, que abria os portos do Brasil ás nações amigas, e a 26 de Fevereiro partiu para o Rio-de-Janeiro.

Em 1821 a Bahia recebeu com enthusiasmo a noticia do movimento liberal do Porto, constituindo-se logo uma juncta governativa presidida pelo desembargador Francisco Manuel de Moura Cabral e obrigando o capitão-general conde da Palma a deixar a cidade. Posteriormente, quando se accentuou a animosidade das Côrtes de Lisboa contra os Brasileiros sequiosos de autonomia, e veio tomar conta do commando das armas da Bahia o brigadeiro Luiz Ignacio Madeira de Mello (11 de Fevereiro de 1822), a resistencia dos patriotas se accendeu; sobrevieram combates em que Madeira levou a melhor, mas a insurreição alçou o collo no interior da capitania e começou a guerra da independencia.

Do Rio-de-Janeiro partiram em auxilio dos patriotas bahianos o commandante De Lamare com uma esquadrilha e o general Labatut para chefe das tropas. Este, vindo por Alagôas e Sergipe, entrou na Bahia com a brigada de Pernambuco e, manobrando habilmente para encurralar Madeira na capital, depois de felizes combates, forçou-o a abandonar a cidade no memoravel dia 2 de Julho de 1823.

Constituida em provincia do Imperio, a Bahia teve por primeiro presidente o dr. Francisco Vicente Vianna (barão do Rio de Contas). Em 1824, 1825 e 1829 houve ainda alli motins, e em 1837 rebentou a revolução, que se chamou — a Sabinada — por ter como principal cabeça o dr. Sabino Alvares da Rocha Vieira. Os revoltosos ficaram

então senhores da capital, abandonada pelo presidente Sousa Paraiso, e proclamaram a « Republica Bahiense » até á maioridade de d. Pedro II; mas os meios de resistencia organizados no Reconcavo e as medidas tomadas pelos generaes Callado e Coelho jugularam a revolta, que expirou no dia 16 de Março de 1838 com a tomada da capital.

Feita a Republica em 1889, passou a Bahia a Estado, sendo seu primeiro governador o dr. Manuel Victorino Pereira.

O bispado da Bahia foi elevado a arcebispado em 1676 por bulla do papa Innocencio XI.

Ahi nasceram : fr. Vicente do Salvador e Sebastião da Rocha Pitta — historiadores, Gregorio de Mattos — poeta satyrico; José da Silva Lisboa (visconde de Cairú) — economista; dr. Alexandre Rodrigues Ferreira — naturalista; Domingos Borges de Barros — visconde da Pedra-Branca, poeta e diplomata ; José da Costa Carvalho — um dos regentes do Imperio; José Maria da Silva Paranhos (visconde do Rio Branco), José Thomaz Nabuco de Araujo, João Mauricio Wanderley (barão de Cotegipe) e Zaccharias de Goés e Vasconcellos — eminentes estadistas; Junqueira Freire, Castro Alves e Rozendo Muniz — poetas, Agrario de Sousa Menezes — dramaturgo, d. Antonio de Macedo Costa — bispo do Pará, fr. José de Sancta Maria Amaral — philosopho, o dr. J. Zephyrino de Menezes Brum — iconographo, o dr. Manuel Victorino Pereira — vice-presidente da Republica no periodo de 1894-1898.

Conselhos de um homem práctico.

Diz-se que o barão de Rotschild tem na sua casa bancaria de Londres, em evidencia, um quadro, em se que lêm os conselhos seguintes, dirigidosaos seus numerosos empregados :

Examinai cuidadosamente todas as minudencias do negocio que constituir a vossa occupação.

Sêde pontuaes.

Tomai tempo para pensar ; mas, feita a reflexão, não adieis a execução do vosso projecto.

Sêde corajosos na lucta pela vida.

Soffrei resignadamente a molestia.

Conservai a vossa integridade como cousa sagrada.

Dizei sempre a verdade em materia de negocio.

Não façais conhecimentos inuteis.

Não procureis dar a apparencia de que valeis mais do que realmente sois.

Pagai com escrupulosa pontualidade as vossas dividas.

Arriscai o vosso dinheiro opportunamente.

Evitai as bebidas fortes.

Empregai bem o vosso tempo.

Não conteis jámais com o acaso.

Observai extrema delicadeza para com toda a gente.

Trabalhai com assiduidade.

Podeis, depois d'isso, contar com seguro exito.

***

Batem á porta, e a propria dona da casa vae abrir.

— Como? pergunta-lhe a visita, surprehendida, a sua criada foi-se embora?

— Não, mas está estudando piano.



Victoria. — Estado do Espirito-Sancto.

ESPIRITO-SANCTO



D. Fernando Monteiro, bispo.

Tem por limites : ao N. a Bahia, ao S. o Rio de Janeiro, a E. o Atlantico e a O. Minas-Geraes. Superficie : 44.839 kms. qs. População : 201.600 hab.

O aspecto do sólo é variado : plano e arenoso ou alagado nas immediações do littoral, montuoso para o centro. Em geral o clima é salubre, a não ser nas margens alagadiças do rio Doce, onde a malaria assola por vezes. Do lado de O. corre a grande serra dos Aimorés, da qual se destacam contrafortes para E.; além d'ella ha ainda as serras da Chibata, dos Puris, do Apollinario, do Batatal, etc. No Norte do Estado extendem-se vastissimas campinas cortadas de rios.

A principal arteria fluvial é o Doce, cujas cabeceiras demoram em Minas; seguem-se-lhe o Itaúna, o S. Matheus, o Timbuhi, o Jucú, o Itapemirim e o Itabapoana.

Ha no Estado : 1.º a E. F. Cachoeiro de Itapemirim, de que é cessionaria a

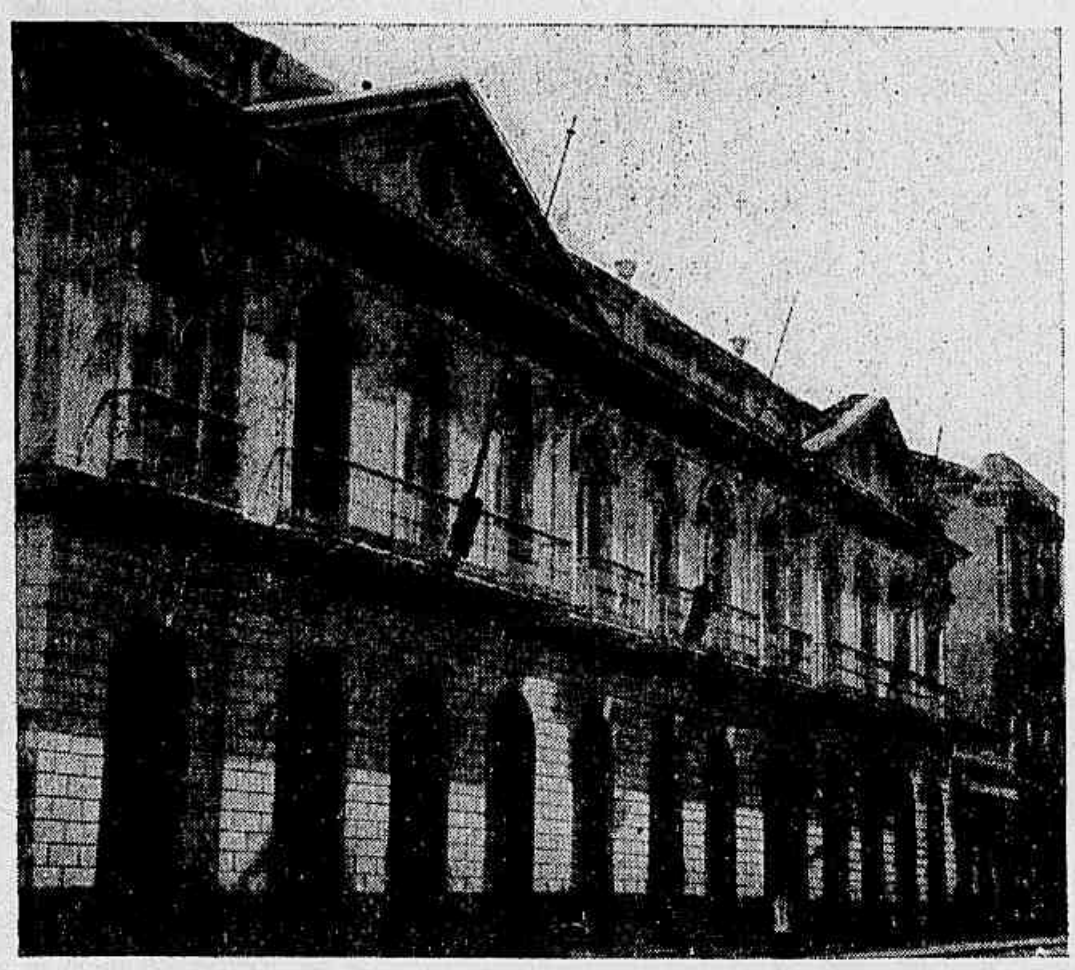
ESTADO
do
ESPIRITO SANTO

Escala de 1: 2.313.750

2° 3° 18° 19° 20° 21°

Estado da Bahia
Rio Muacy
Rio Itaunas
Rio S. Domingos
Conceição da Barra
Rio S. Matheus
L das Tres Ilhas
S. Matheus
Rio Preto
Rio Mucurical
Lagoa Tapada
Ilha do Imperador
Lagoa Juparanan
Bocca Secca
L. Juparanan Imirim
Lagoa de Monsarás
L. das Palmas
Linhares
L. do Limão
Rio Doce
Ponta de Monsarás
L. do Pão Doce
L. do Pão Gigante
L. do Choro d'Agua
Serra dos Aymorés
Rio Mutum
Estado de Minas Geraes
Rio Cahy
Rio Santa Joanna
Rio Santa Maria
Rio Timbuhy
S. Cruz
Rio S. Maria
Serra
Lagoa Jacumem
P. da Cachoeira
R. Mangarahy
Serra do Campo
VICTORIA
Serra da Chibata
Serra do Apolinario
Espirito Santo
Ilha Pacotes
Santa Isabel
Rio Jucu
Ilha Jacú
Ponta da Fruta
Serra dos Pilões
Serra do Pombal
Rio do Castello
Rio Benevente
Guarapary
Anchieta
Alegre
Cachoeiro do Itapemirim
Ponta dos Castelhanos
R. Itapemirim
Itapemirim
Rio Muqui
S. dos Purys
Mimoso
Ilha das Andorinhas
Rio Itabapoana
Barra do Itabapoana
Estado do Rio de Janeiro
OCEANO ATLANTICO

Tourrette del.

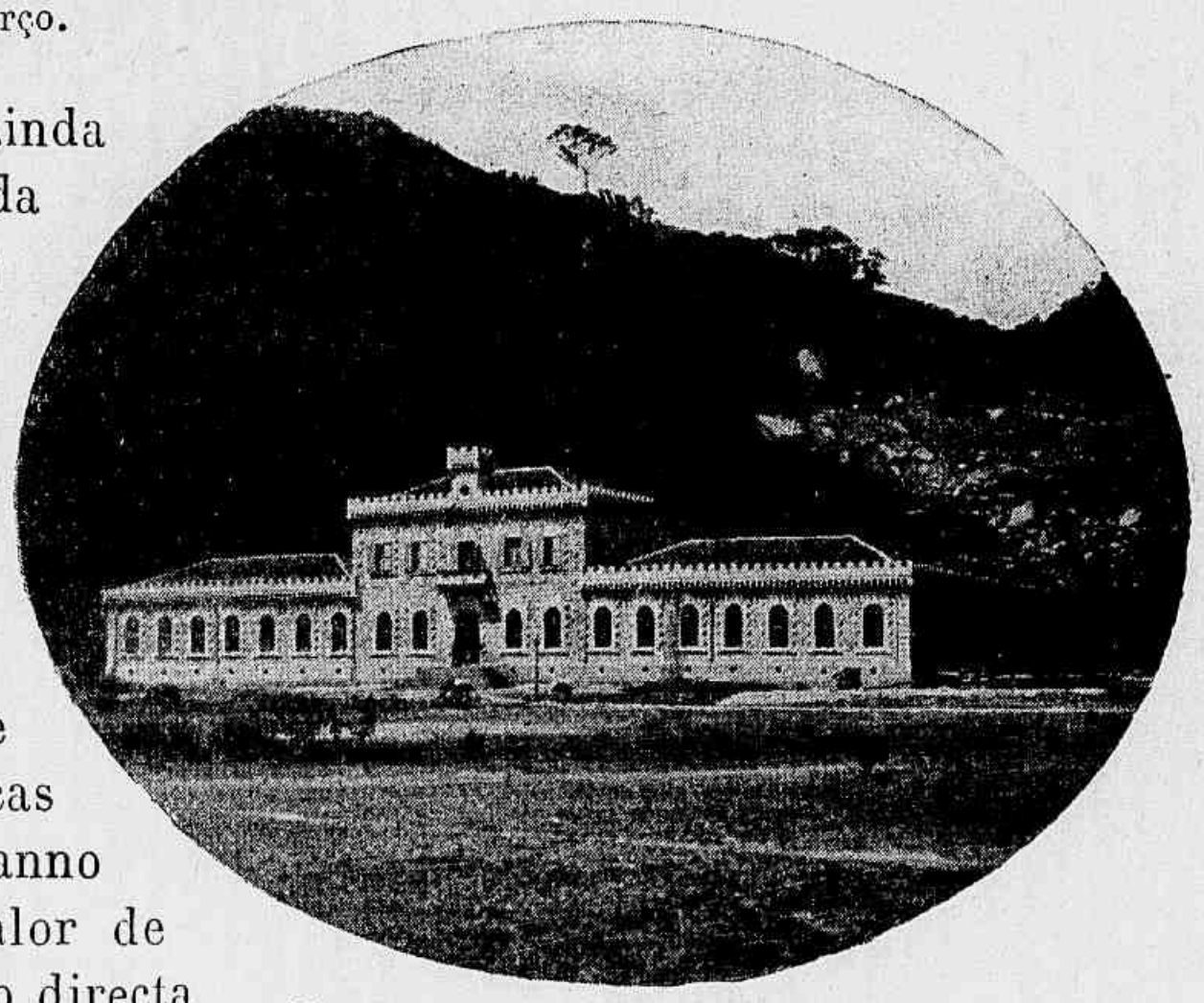


VICTORIA. — Rua 1º de Março.

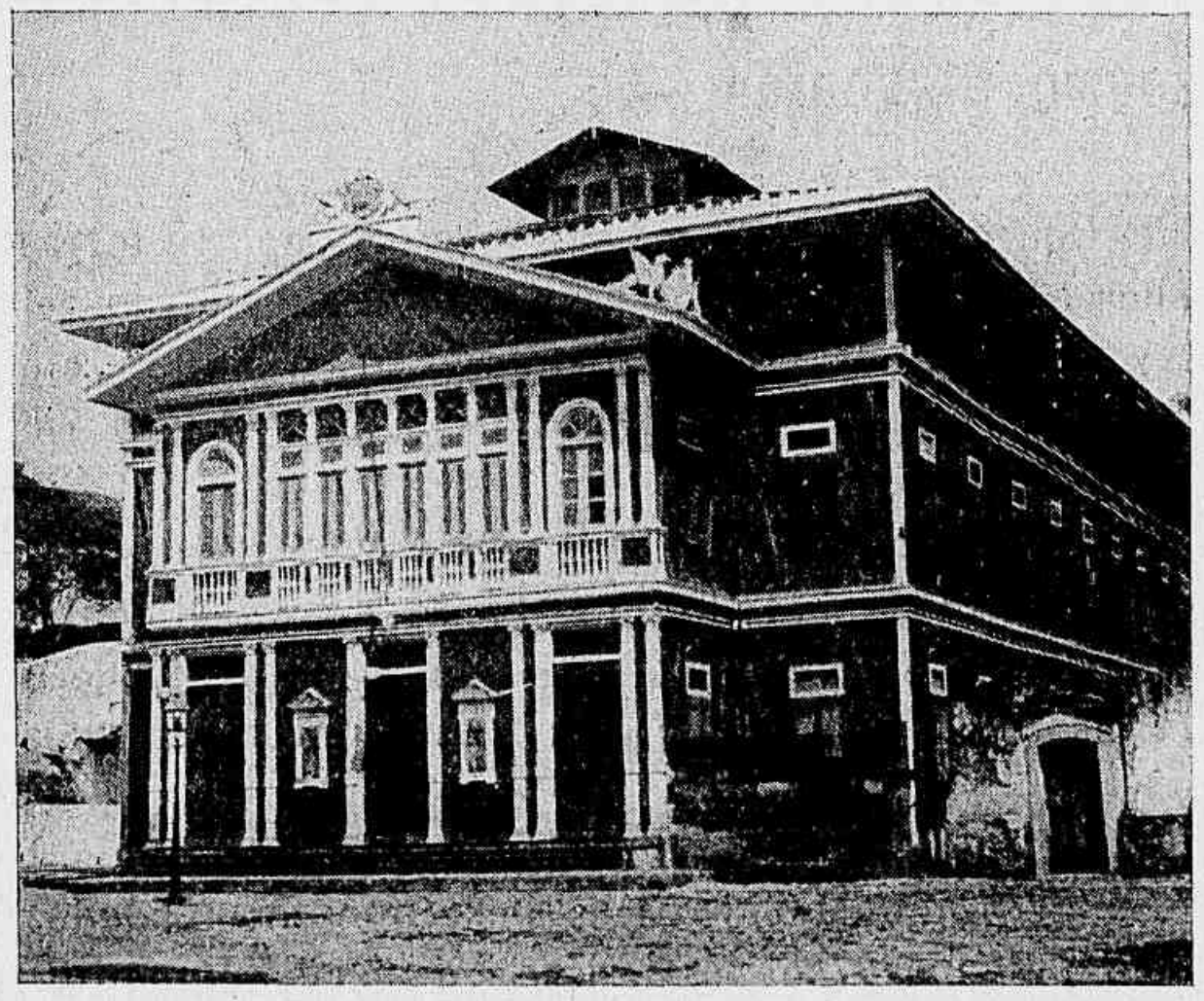
« The Espirito Santo and Caravellas Railway Comp. », com 71 km., 182 m. em trafego; d'estes, 49 km., 650 m. pertencem á linha principal) do Cachoeiro ao Alegre), e 21 km., 532 m. ao ramal que vae de Mattosinhos á estação do Castello. 2.º o trecho do Itabapoana ao Cachoeiro de Itapemirim (E. F. Leopoldina), 93k,230, que por Campos e Macahé se liga a Nicteroi. 3º A E. F. Victoria a Diamantina, que em 1904 já tinha 52 kms. em tráfego, chegando a Timbuhi.

A industria agricola é ainda pequena no Estado, apezar da prodigiosa uberdade do sólo; cultivam-se principalmente café e canna d'açucar. De suas mattas riquissimas se extrahem madeiras de construcção de primeira qualidade.

Em 1902 a exportação de café attingiu a 643.723 saccas ou 38.623.379 kilos. Nesse anno toda a exportação teve o valor de 11.165:514$000; a importação directa



VICTORIA. — Quartel de Policia.



VICTORIA. — Theatro Melpomene.

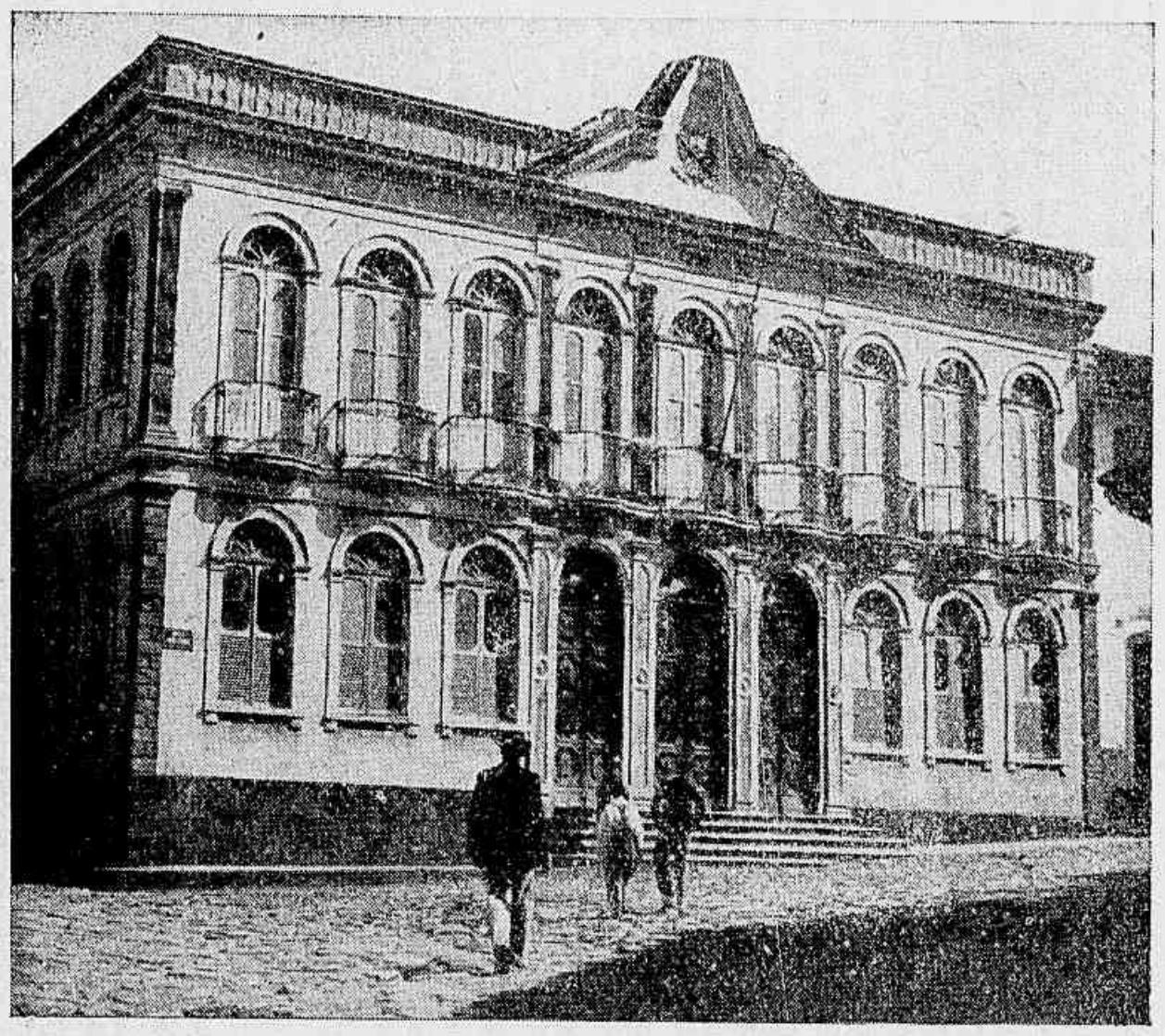
apenas o de 611:170$000, visto ser a maior parte das mercadorias recebidas por via terrestre, idas do Rio-de-Janeiro.

Para 1905 a receita do Estado foi orçada em 2.966:000$000, e a despesa em 2.963:249$376 a divida e total de compromissos do Estado monta a 18:258 contos.

Divida em 1903 : interna fundada — 1.687:400$; externa fundada — 14.000:000$; fluctuante 1.520:250$000.

A alfandega da Victoria rendeu no anno de 1904 — 406:229$000.

Cidades principaes. — VICTORIA (capital), onde se notam o Palacio do Governo, o do Congresso, uma espaçosa matriz, a Hospedaria de Immigrantes, a Casa de Misericordia, o Theatro e outros edificios; tem excellente porto e movimento commercial de alguma importancia. S. Matheus, Anchieta, Itapemirim, Guarapari e Itabapoana.



VICTORIA. — Congresso.

E' presidente Henrique da Silva Coutinho; e bispo da diocese d. Fernando de Sousa Monteiro, sagrado em Pariz a 13 de Outubro de 1901.

O Congresso Legislativo do Estado compõe-se de 25 membros eleitos por trez annos; esta camara reune-se annualmente a 7 de Septembro e a sessão dura dous mezes.

O presidente do Estado é eleito por 4 annos.

O poder judiciario é exercido por juizes de direito e uma Côrte de Justiça (com séde na capital), cujos membros são tirados dos magistrados de primeira intrancia por accesso natural de antiguidade.

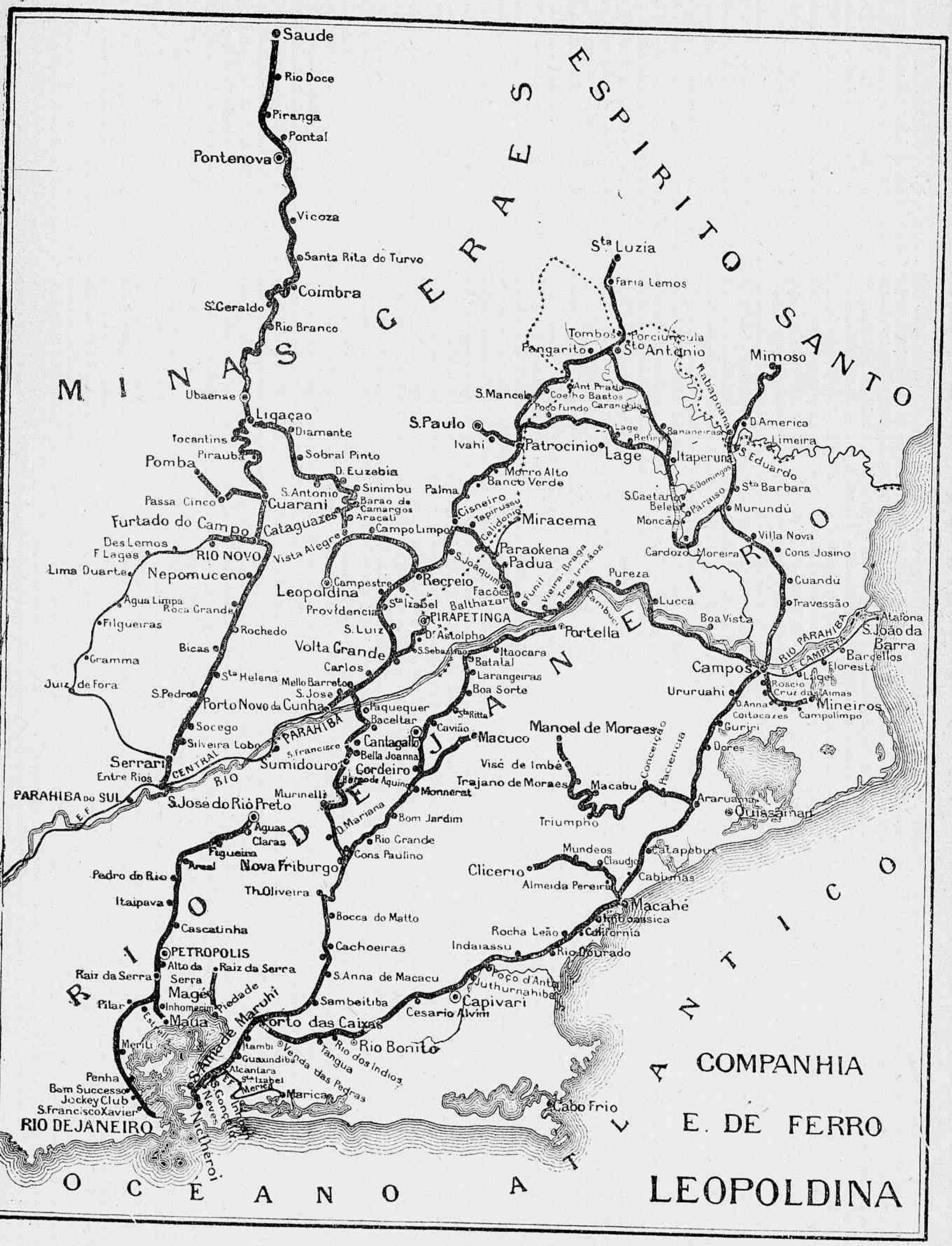
O Estado tem 29 municipios, havendo em cada um d'elles uma corporação administrativa composta: na capital, de 9 governadores municipaes; nas cidades, de 7; e nas villas, de 5. O mandato d'estes funccionarios dura quatro annos.

RESUMO HISTORICO

Foi provavelmente a expedição de Gonçalo Coelho a primeira que descobriu terras do Espirito-Sancto. Partindo de Lisboa em 1503 com seis caravellas, a mandado do rei para explorar a costa do Brasil, esteve na bahia da Traição, demorou-se na Bahia e em Porto-Seguro e, seguindo para o Sul, tocou em Julho de 1504 nas vizinhanças do rio Doce ou da Victoria.

Feita a divisão do Brasil em capitanias couberam estas 50 leguas a Vasco Fernandes Coutinho, o qual ahi chegou a 23 de Maio de 1535 e fundou o primeiro estabelecimento, que foi depois a villa do Espirito-Sancto, na bahia da Victoria, e depois outra povoação que veio a ser a cidade da Victoria, na ilha então denominada de S^{to} Antonio e mais tarde de Duarte Lemos.

Luctas com o gentio tupiniquim e aimoré, ingratidão de colonos, revezes de toda a especie amarguraram a existencia do infeliz donatario; os estabelecimentos fundados foram por varias vezes salteados pelos indigenas, motivando isso a dispersão de muitos moradores que se foram fixar em outros pontos : S. Matheus, Sancta-Cruz, Nova-


Saude
Rio Doce
Piranga
Pontal
Pontenova
Vicoza
Santa Rita do Turvo
Coimbra
S. Geraldo
Rio Branco
MINAS GERAES
ESPIRITO SANTO
Ubaense
Ligaçao
Tocantins
Diamante
Piraúba
Sobral Pinto
Pomba
D. Euzebia
Sinimbu
S. Antonio
Barão de Camargos
Passa Cinco
Cuarani
Aracati
Furtado do Campo
Cataguazes
Campo Limpo
Des Lemos
F. Lages
RIO NOVO
Vista Alegre
Lima Duarte
Nepomuceno
Campestre
Leopoldina
Agua Limpa
Roça Grande
Providencia
Filgueiras
Rochedo
S. Luiz
PIRAPETINGA
Bicas
Volta Grande
Gramma
Carlos
Juiz de Fora
Sta Helena
Mello Barreto
S. Pedro
S. Jose
Porto Novo da Cunha
Paquequer
Socego
Baceltar
Silveira Lobo
PARAHIBA
Cantagallo
Serrari
CENTRAL
Sumidouro
Bella Joanna
Entre Rios
Gordeiro
PARAHIBA do SUL
Murinelli
S. José do Rio Preto
Aguas Claras
Figueira
Areal
Nova Friburgo
Pedro do Rio
Th. Oliveira
Itaipava
Bocca do Matto
Cascatinha
Cachoeiras
PETROPOLIS
Alto da Serra
Raiz da Serra
Raiz da Serra
S. Anna de Macacu
Magé
Pilar
Inhomerim
Piedade
Sambeitiba
Maua
Porto das Caixas
Meriti
Itambi
Venda das Pedras
Rio Bonito
Tangua
Rio dos Indios
Guaxindiba
Alcantara
Penha
Bom Successo
Jockey Club
S. Francisco Xavier
RIO DE JANEIRO
Nictheroi
Maricas
Cabo Frio
OCEANO ATLANTICO
S. Gonçalo
Neves
Sta Izabel
Merity
Sta Luzia
Faria Lemos
Tombos
Porciuncula
Pangarito
Sto Antonio
Mimoso
S. Mancel
Ant. Prado
Coelho Bastos
Poço Fundo
Carangola
Rabapoana
S. Paulo
Ivahi
Patrocinio
Lage
Itaperuna
D. America
Limeira
S. Eduardo
Morro Alto
Banco Verde
Palma
Cisneiro
Tapirussu
Caledonia
Miracema
S. Caetano
Belem
Moncão
Paraiso
Sta Barbara
Murundú
Paraokena
Padua
S. Joaquim
Recreio
Facões
Funil
Vieira-Braga
Tres Irmãos
Pureza
Villa Nova
Cardozo
Moreira
Cons. Josino
Cuandú
Lucca
Travessão
Boa Vista
Portella
Itaocara
Batatal
Larangeiras
Boa Sorte
Campos
RIO PARAHIBA
E. F. CAMPISTA
Atafona
S. João da Barra
Bardellos
Floresta
Ururuahi
Roscio
Cruz das Almas
Mineiros
D. Anna
Coitocazes
Campolimpo
Manoel de Moraes
Visc. de Imbé
Trajano de Moraes
Macabu
Conceição
Hacienda
Gurirí
Dores
Araruama
Quissamã
Triumpho
Mundeos
Claudio
Catapebus
Clicerio
Almeida Pereira
Cabiunas
Macahé
Rocha Leão
California
Indaiassu
Rio Dourado
Poço d'Anta
Juthurnahiba
Capivari
Cesario Alvim
Lagoa Feia
COMPANHIA E. DE FERRO LEOPOLDINA

Almeida, etc. Em 1551, com a chegada do jesuita p. Affonso Braz, se iniciou a catechese do gentio, que foi continuada vantajosamente pelo p. Braz Lourenço e outros; esta cooperação dos padres auxiliou a fundação de novos nucleos de povoação na capitania. Todavia a guerra com os indios exigiu ainda em 1558 a intervenção do governador geral Mem de Sá, que mandou tropas sob o mando de seu proprio filho Fernão de Sá em auxilio do donatario; a victoria coube aos Portuguezes, mas o commandante perdeu a vida na lucta.

Da capitania seguíram para o Rio de Janeiro em 1564 reforços destinados a bater e expellir os Francezes, indo com elles o famoso indio Ararigboia; em 1566 novo contingente para o mesmo fim foi prestado. Em 1569 veio para o Espirito-Sancto o grande jesuita p. José de Anchieta, que ahi prestou relevantissimos serviços e falleceu em 1597 na aldeia de Reritiba, depois villa de Benavente. Em 1624 e 1640 a Victoria foi attacada pelos Hollandezes, mas de ambas as vezes a resistencia que encontráram os obrigou á retirada.

No anno de 1718 reverteu a capitania á Corôa por compra, que se fez ao donatario Cosme Rolim de Moura pela quantia de 40.000 cruzados, e em 1741 foi creada a comarca da Victoria, independente do Rio de Janeiro. Proseguiu entretanto o govêrno dos capitães-móres até 1798, data em que foi nomeado o primeiro governador Antonio Pires da Silva Ponte Leme; este distincto mineiro, tendo tomado posse da administração em 1800, prestou á capitania grandes serviços, promovendo abertura de estradas, desenvolvendo a mineração e cuidando com afinco da civilização dos indigenas, que tanto embaraçaram sempre no Espirito-Sancto o progresso das localidades e o povoamento do solo. Trabalharam muito, egualmente, os governadores que a Ponte se seguiram : Manuel Vieira de Albuquerque Tovar e sobretudo Francisco Alberto Rubim, cuja administração deixou vestigios duradouros.

Em 1822 passou a provincia do Imperio, sendo elevada Victoria a cidade, a 18 de Março do anno seguinte; foi seu primeiro presidente o bacharel Ignacio Accioti de Vasconcellos. Em 1856, sob a presidencia do bacharel José Mauricio Fernandes Pereira de Barros foram creadas as colonias : de Sancta Leopoldina nas margens do rio S^{ta} Maria, a do Rio-Novo, e a da Transilvania no rio Doce; mais tarde as do Porto do Cachoeiro, Timbuhi e Sancta-Cruz.

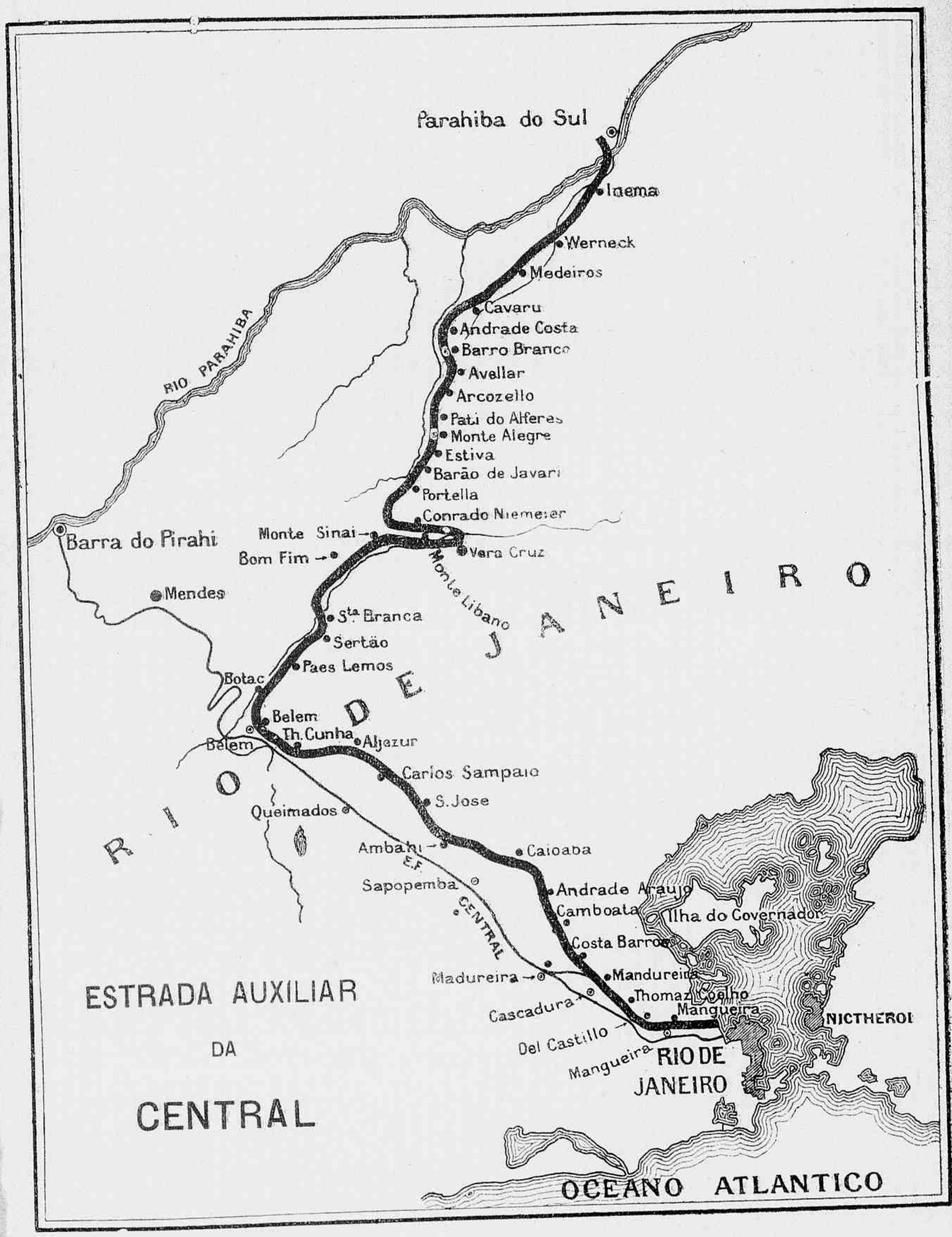
Proclamada a Republica em 1889, passou o Espirito-Sancto a Estado e teve por primeiro governador o dr. Affonso Claudio de Freitas Rosa.

Nasceram ahi : Domingos Martins, patriota victima da revolução de 1817 em Pernambuco; José Marcellino Pereira de Vasconcellos — advogado e escriptor; o dr. João Climaco de Alvarenga — emancipador enthusiasta; Braz da Costa Rubim e Basilio Carvalho Daemon — ambos investigadores diligentes da historia e geographia do Estado.

Avaliava-se até agora de maneira imperfeita o numero dos habitantes do Celeste Imperio. Mas o pagamento da indemnisação de guerra, exigido pela Europa, determinou a necessidade de um recenseamento, ao qual devemos noção exacta nesse ponto. A China encerra 426 milhões de habitantes, dos quaes 408 milhões residem na China propriamente dita, isto é nas 18 provincias. A densidade da população varia nessas provincias de 26 a 264 habitantes por kilometro quadrado.

***

Um sujeito entra no cemiterio e vae lendo nas lapides tumulares :
« Bom marido... boa esposa... bom genro... »
— Decididamente, diz elle ao saïr, é aqui que se encontram os casaes mais felizes!


Parahiba do Sul
Inema
Werneck
Medeiros
Cavaru
Andrade Costa
Barro Branco
Avellar
Arcozello
Pati do Alferes
Monte Alegre
Estiva
Barão de Javari
Portella
Conrado Niemeier
RIO PARAHIBA
Barra do Pirahi
Monte Sinai
Bom Fim
Vera Cruz
Monte Libano
Mendes
Sta Branca
Sertão
Paes Lemos
Botac
Belem
Th. Cunha
Aljezur
Belem
Carlos Sampaio
S. Jose
Queimados
Ambahi
Caioaba
E.F. CENTRAL
Sapopemba
Andrade Araujo
Camboata
Ilha do Governador
Costa Barros
Madureira
Mandureira
Thomaz Coelho
Cascadura
Mangueira
NICTHEROI
Del Castillo
Mangueira
RIO DE JANEIRO
OCEANO ATLANTICO
ESTRADA AUXILIAR
DA
CENTRAL

ESTADO
do
RIO DE JANEIRO

Escala de 1:2.313.750

Estado de Minas Geraes

Estado do Espirito Santo

Estado de S. Paulo

Districto Federal

OCEANO ATLANTICO

2º 1º 0º 1º 2º

21º

22º

23º

Natividade do Carangola
N. S. da Lage
Rio Itabapoana
Itabapoana
S. Antonio de Padua
Rio Pomba
R. Preto
R. Parahyba
Rios
S. Fidelis
Muriahé
R. do Parahyba
S. João da Barra
L. Tavares
Campos
L. Saquarema
L. Tavares-pequeno
L. Salgado
Cabo de S. Thomé
Porto Novo
Parahyba
Rio Negro
Rio Preto
Cantagallo
S. Sebastião do Alto
Rio Sapucaia
Sa de Macabú
Rio Imbé
Sta Maria Magdalena
Sa de S. João
Sumidouro
S. Francisco de Paula
Macuco
Rio Macabú
Sa do Imbé
Macabú
Parahyba do Sul
Sa do Rio Bonito
Sa Taquara
Sa das Aboboras
Thereza
S. Sebastião
Rio Paquequer
Sa do Paquequer
Jose de Ribeirão
Praia do Furado
Rio
Valença
Sa das Cruzes
Sa de Macahé
Nova Friburgo
Vista
Sa da Boa
Rio do Frade
L. Carapebus
Rio Macahé
Macahé
Rio Piabas
Sa das Minhocas
Vassouras
Theresopolis
Sa de S. João
Ilha de Sant'Anna
Ponta do Pecados Mortaes
Barra de S. João
Petropolis
Sa dos Orgãos
Inhomerim
Sa da Estrella
Barra do Piahy
Rezende
Barra Mansa
2994m Itatiaia
Rio Preto
Rio Piabanha
Rio Parahyba
Rio Barra Mansa
Rio Guandu
Rio Piahy
Rio Paraiba
Rio Parahyba
Rio Parahyba
Rio Parahy

RIO DE JANEIRO



Confina: ao N. com Minas-Geraes e Espirito-Sancto; ao S. e a E. com o Atlantico; a O. com S. Paulo. Superficie: 68.982 kms. qs. População: 1.300.000 hab.

O sólo é desegual: a Leste e Sudeste apresenta campos e lagôas, mas para o interior é bastante montanhoso, sendo atravessado pela Serra do Mar que se ramifica para todos os lados.

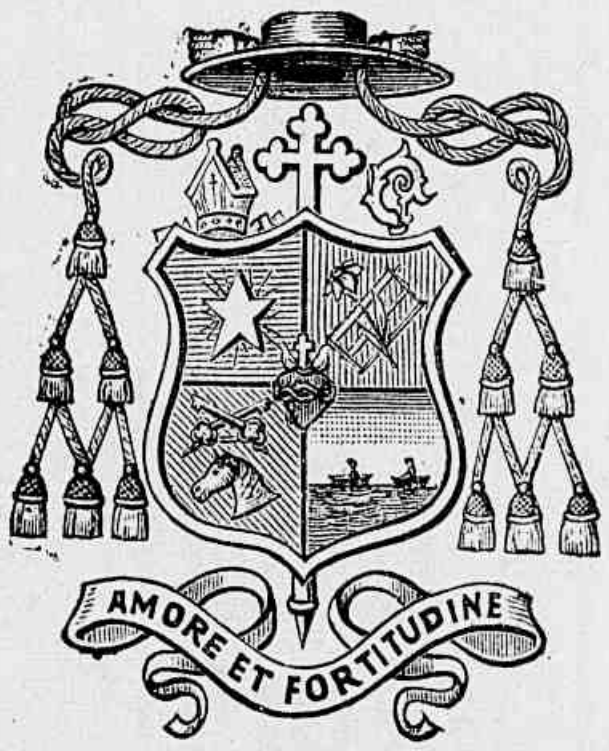
Clima quente e humido no littoral, fresco e saluberrimo nos pontos elevados como Petropolis, Theresopolis, Nova-Friburgo, etc.



Dr. Nilo Peçanha, presidente.

As principaes serras, todas ligadas á cadeia oriental, têm os nomes de: Estrella, Orgãos, Bôa Vista, Imbê, Macabú, Aboboras, Cruzes, Minhocas, Arirá, Itaguahi.

O mais importante rio do Estado é o Parahiba do Sul, que em parte lhe serve de linha divisoria com Minas, e atravessa ricos municipios cobertos de lavouras, recebendo muitos affluentes numa e noutra margem; entre estes devem citar-se os rios: Pirapitinga, Parahibuna, Pomba, Muriahé, Pirahi, Piabanha, Paquequer, Grande e Dous-Rios. Seguem-se o Macahé, o Mambucaba, o Iguassú, o Guandú, S. João, Macacú, Meriti, etc.



Armas do bispo de Petropolis.

D'entre as suas ilhas destaca-se a Grande, dependente do municipio de Angra dos Reis, na qual se acham estabelecidos um lazareto e a Colonia Correccional dos Dous Rios.

Lagôas notaveis: a Feia, com cêrca de 180 kms. de circumferencia; a de Araruama, com 42 kms. de extensão; a de Saquarema e a de Maricá.

Portos de primeira ordem: o do Rio de Janeiro e o de Angra dos Reis.

Ha na costa cinco pharoes, inclusive o « Castelhanos » na Ilha Grande.

O Estado é amplamente servido pelas seguintes estradas de ferro, cujo percurso ascende a 2.326 kms. no territorio fluminense :

E. F. Central do Brasil, trecho de Sapopemba a Engenheiro-Passos (216 k. 339 — 14 h. de viagem).

E. F. Central do Brasil, da Barra do Pirahi a Porto-Novo (153 k. 433 — 5 h.).

E. F. Central do Brasil, de Entre-Rios a Parahibuna (28 k. 173. — 1 h. 53 m.).

E. F. Leopoldina, de S. Francisco Xavier a S. José do Rio Preto (122 k. — 5 h. 35 m.).

E. F. Leopoldina, de Mauá a Inhomirim (8 k. — 15 m.).

E. F. Leopoldina, de Nicteroi a Portella (237 k. — 14 h. 20 m.).

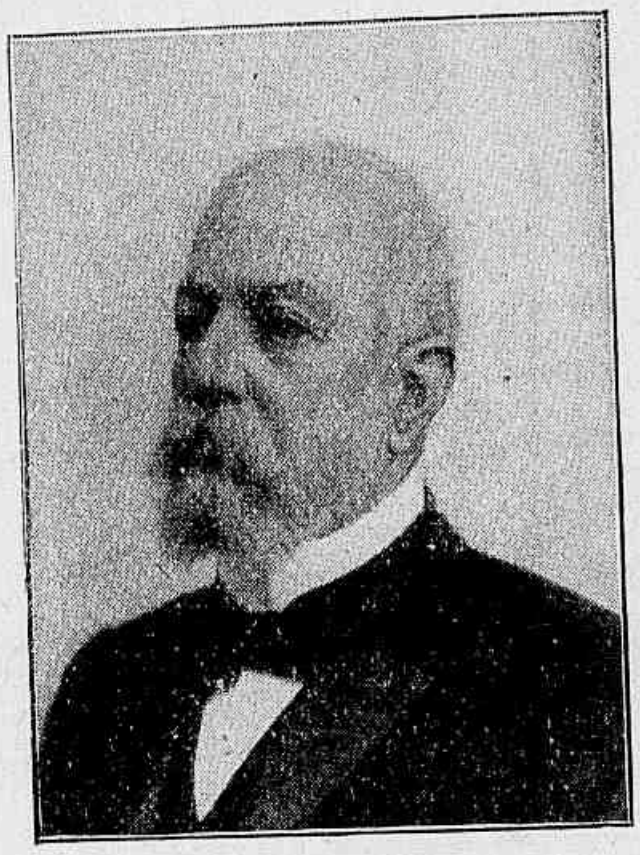
E. F. Leopoldina, de Cordeiro a Macuco (19 k. 5 — 30 m.).

E. F. Leopoldina, de N. Friburgo a Paquequer (98 k. — 3 h. 34 m.).

E. F. Leopoldina, de Porto das Caixas a Miracema, por Macahé, Campos.



D. João Braga, bispo.



Barão de Miracema, senador.

AGENCIA FINANCIAL

DE

PORTUGAL

RUA GENERAL CAMARA

Sobre-loja do edificio da

Associação Commercial do Rio de Janeiro

Continúa aberto o pagamento de juros da divida publica portugueza, fundada e amortisavel, nos termos da legislação vigente; e bem assim a emissão de

Saques sobre Portugal

pagaveis pelo BANCO DE PORTUGAL, (CAIXA GERAL DO THESOURO PORTUGUEZ), em todas as capitaes de districto e nas sédes dos concelhos do reino e ilhas adjacentes.

O AGENTE FINANCEIRO

ALFREDO BARBOSA DOS SANTOS

O SECRETARIO

CARLOS CANDIDO DA COSTA

S. Fidelis, Padua e Paraokena (206 k. — 13 h. 8 m.).

E. F. Leopoldina, de Macahé a Glycerio (43 k. — 1 h. 50 m.).

E. F. Leopoldina, de Araruama a Manuel de Moraes (90 k. — 4 h. 37 m.).

E. F. Leopoldina, de Quissaman a Visconde do Imbê (133 k.).

E. F. Leopoldina, de Campos a Mineiros (23 k. — 1 h. 20 m.).

E. F. Leopoldina, de Murundú a Sto Eduardo (21 k. — 1 h.).

E. F. Leopoldina, de Campos a Sto Antonio, por Itaperuna e Carangola (169 k. — 7 h. 55 m.).

E. F. Leopoldina, de Itaperuna a Patrocinio (31 k. — 1 h. 55 m.).

E. F. Auxiliar, de Camboatá a Parahiba do Sul (137 k. — 5 h. 15 m.).

E. F. Campista, de Campos a Atafona (S. João da Barra) — (40 k. — 1 1/2 h.).

E. F. Theresopolis, de Piedade á Barreira do Soberbo, com 25 kms., 420 em tráfego, proseguindo os seus trabalhos na serra.

Companhia V. F. Sapucahi, da Barra do Pirahi a Joaquim Mattoso (75 k. — 4 h.).



Campos. — Egreja de S. Francisco.

Companhia V. F. Sapucahi, da Barra a Passa-Trez (41 k. — 2 h. 4 m.).

União Valenciana, do Desengano a Rio-Preto (64 k. — 4 h. 3 m.).

Manufactura de Chapeos

DE

MATANÓ SERRICCHIO & Cª

SÃO PAULO

filial em RIO DE JANEIRO

Rua Alfandega, 137

Gerente : D. CAMERINI

F. V. Rio das Flores, de Commercio a Trez Ilhas (53 k. — 4 1/2 h.).
E. F. do Bananal, de Barra-Mansa a Trez-Barras (22 k. — 1 h. 20 m.).
E. F. Rezende e Bocaina, de Surubi a Bambús (24 k. — 1 h. 35 m.).
E. F. Maricá, de Neves a Maricá (49 k. — 3 h. 30 m.).
E. F. Vassourense, ramal a Vassouras (7 k. 500 — 1/2 h.).
E. F. Rio do Ouro, do Cajú a S. Pedro (61 k. 115 — 3 h. 37 m.).
E. F. Rio do Ouro, de José Bulhões a Tinguá (12 k. 140 — 30 m.).

Os principaes productos da industria do Estado são o café, o açucar e a aguardente; muito ha a esperar ainda do aproveitamento de toda a vasta zona da baixada, que urge sanear.

Esta zona foi, para tal effeito, dividida em quatro secções : a primeira abrangendo a superficie approximada de 3.730 kilometros quadrados ou 373.000 hectares, e comprehendendo os seguintes rios : Macacú, Guapi e affluentes, Estrella, Saracuruna, Inhomirim e affluentes, Iguassú, Pilar, Mantiquira e affluentes, Magé e affluentes, Surubi e affluentes, Sarapuhi e affluentes; a segunda abrangendo a superficiede 8.680 kilometros quadrados ou 868.000 hectares e comprehendendo os rios Macahé, S. Pedro e affluentes, Ururahi, Macabú e Lagôas Feia, de Cima e outras menores, Parahiba, Muriahé e affluentes; a terceira abrangendo a superficie de 3.970 kilometros quadrados ou 397.000 hectares, comprehendendo os rios S. João, Capivari, Bacachá e seus affluentes; a quarta abrangendo a super-

ARMAZEM KEAN

Rua do Ouvidor, 67

RIO DE JANEIRO

MOLHADOS E COMESTIVEIS

ESPECIALIDADES

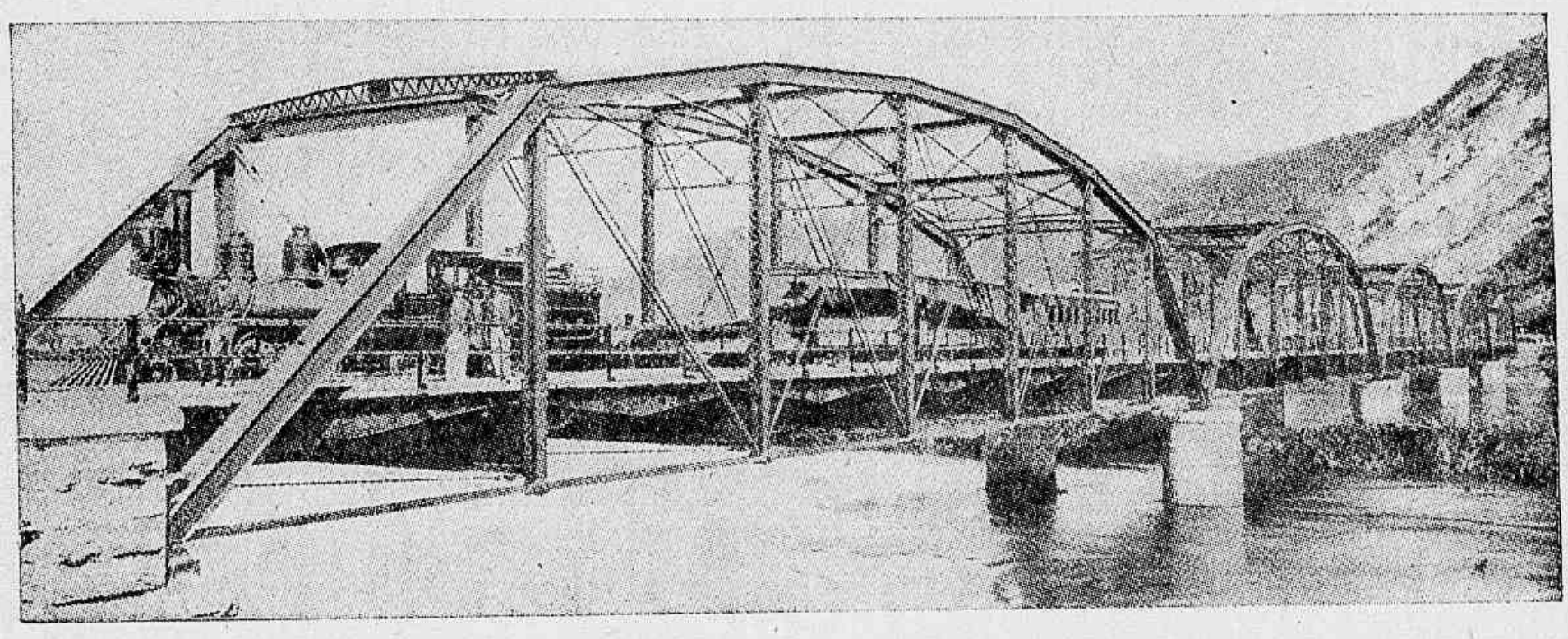
Vinhos, Licores, Champanhe, Chocolates,
Bombons, Doces,
Conservas, Massas e Farinhas alimenticias.

SILVA, CABRAL & C^IA

ficie approximadade 1.500 kilometros quadrados ou 150.000 hectares, comprehendendo toda a zona do littoral desde Iguassú até á cidade de Parati, comprehendendo a grande bacia do Guandú. Ao todo 17.800 kilometros quadrados, equivalentes a 1.788.000 hectares.

Uma vez drenada convenientemente esta zona e applicada á lavoura, é incalculavel o que ella produzir.

Ha alguns annos o Estado soffre os effeitos temerosos da crise do café.



Barra do Pirahi. — Grande ponte metallica sobre o Rio Parahiba.

Ao contrario do que geralmente se diz, o Estado do Rio de Janeiro possue riqueza mineralogica. Ha nas cercanias de Cantagallo minas de ouro, que no começo do seculo passado foram já exploradas; nos arredores de Friburgo, galena argentifera; em muitos pontos ao longo do rio Parahiba, calcareos abundantes; a 10 kilometros da cidade de S. Fidelis, na fazenda de S. Benedicto, uma rica jazida de graphito; no districto de Freixeiras (municipio de Cambuci) e em Quissamã, turfa; nos arredores de Campos e de Stº Antonio de Padua, bom amianto; perto de Mello Barreto (ao lado direito do rio Paquequer) e em Stº Antonio do Rio-Bonito (na Conservatoria), mica de excellente qualidade; em Cabo-Frio e Araruama, sal; ainda em Cabo-Frio e em outros pontos, uma rocha de textura granitica, mas durissima, idonea para calçamento de ruas.

A Alfandega de Macahé no 1º sem. de 1904 rendeu 34:958$000.

AGUA INGLEZA DE GRANADO

Approvada pela Directoria Geral de Saude publica

TONICA, ANTI-FEBRIL E APERITIVA

Receitada pela maioria dos Snrs Medicos

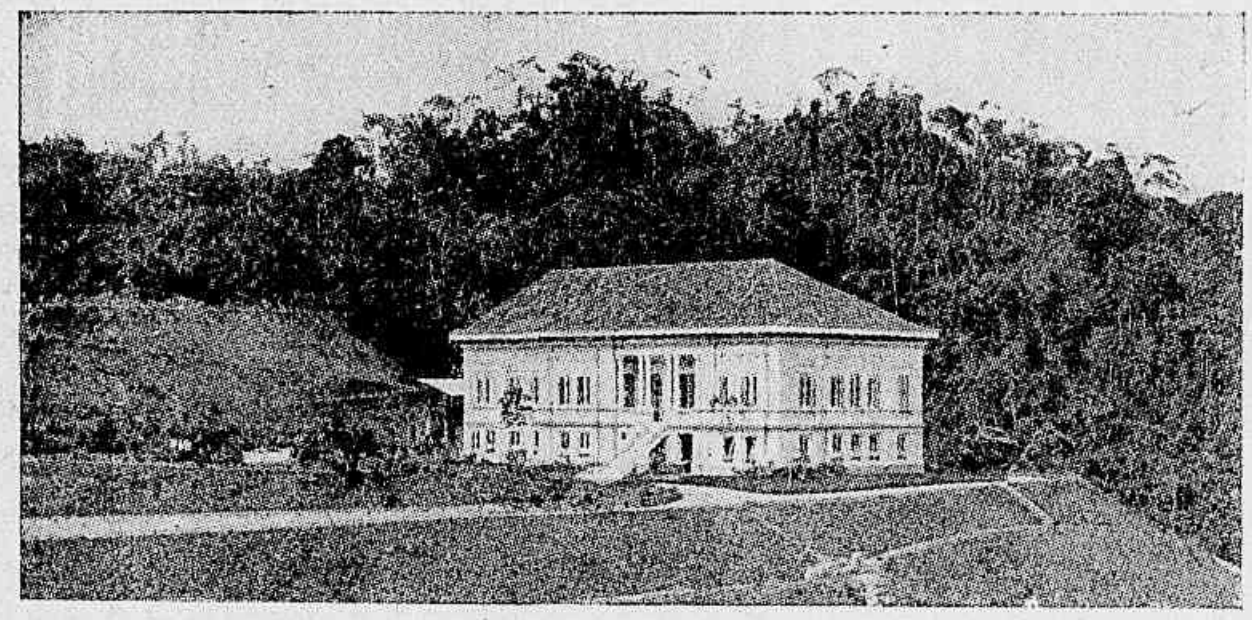
GRANADO & Cia

Rua 1º de Março nº 12

RIO DE JANEIRO

A receita do Estado para 1905 foi orçada em 8.212:761$662, e a despesa em 8.190:439$432. A divida passiva em 1904 era de 34.644:301$865. Tal situação financeira, grave e oriunda de causas diversas, suscitou do govêrno do dr. Nilo Peçanha uma serie de medidas heroicas, que estão produzindo seus fructos. Munido da auctorização legislativa, reduziu elle o funccionalismo e seus vencimentos, supprimiu subvenções, lançou o imposto territorial, reduziu alguns impostos de exportação como meio de animar indústrias e alliviar os productores, etc., etc. A situação actual tende ao equilibrio orçamentario e á amortização da divida.

Cidades principaes. — *Petropolis* situada a 750^{m} sôbre o nivel do mar, em ponto muito salubre e pittoresco da serra da Estrella, com bellas avenidas, construcções valiosas e importantes fábricas. Entre os melhores edificios da cidade contam-se : o Palacete da Municipalidade, o Forum e a Policia, um Hospital, e muitas casas particulares de bella architectura. A cidade é illuminada por luz electrica.



PETROPOLIS. — Collegio americano.

— NICTEROI, capital, á margem oriental da bahia do Rio-de-Janeiro, em cujos bairros ha chacaras apraziveis e praias muito procuradas para banhos (população 25.000 hab.). Existe alli, entre outros estabelecimentos, o grande «Collegio S^{ta} Rosa» mantido pelos padres salesianos, com excellentes officinas, onde se educam filhos do povo. Foi ahi inaugurado em 1900, no alto do morro vizinho, o notavel monumento commemorativo do 4º Centenario do Descobrimento do Brasil e dedicado a Maria Sanctissima Auxiliadora. Este monumento tem de altura total 37^{m} e compõe-se da estatua de Maria Auxiliadora em cobre dourado (6^{m} de alt.) sôbre um forte pedestal de mais de 30^{m}. Em 1904 inaugurou-se o theatro João Caetano.

— Campos, sôbre o rio Parahiba, com activo commercio e boas construcções, contando para mais de 30.000 habitantes, e illuminada por luz electrica. — Cantagallo, cercada de importantes lavouras de café ; Cabo-Frio, Parahiba do Sul, Vassouras com bellos e vastos edificios ; Valença, Theresopolis, Nova-Friburgo, Barra-Mansa, Angra dos Reis, Macahé, Parati, Rezende, S. Fidelis, S. João da Barra, Itaborahi, etc.

E' presidente do Estado o dr. Nilo Peçanha, e são vice-presidentes o dr. Francisco Chaves de Oliveira Botelho e os coroneis José Caetano Alves de Oliveira e Francisco Marcondes Machado ; bispo da diocese d. João Francisco Braga, tendo sido creado o bispado por bulla pontificia de 5 de Maio de 1892.

O poder legislativo é exercido pela Assembléa Legislativa composta de 45 deputados, eleitos de trez em trez annos ; a reunião ordinaria effectua-se a 1 de Agosto de cada anno, e dura a sessão trez mezes.

O poder executivo é exercido por um presidente eleito por quatro annos.

O poder judiciario tem por orgãos: o Tribunal da Relação, juizes de direito, juizes municipaes, o jury, tribunaes correccionaes e juizes de paz electivos. O ministerio publico tem por orgãos: um procurador geral do Estado e promotores publicos.

O Estado do Rio conta 49 municipios, tendo cada um d'elles uma Camara Municipal e um prefeito.

RESUMO HISTORICO (Comprehendido o Districto Federal)

Logo depois do descobrimento do Brasil, uma expedição exploradora da costa reconheceu a formosa bahia do Rio de Janeiro (1º de Janeiro de 1502) e outros pontos do littoral.

Aqui tocou em 1519 o célebre Fernando de Magalhães, em 1531 a expedição de Martim Affonso de Sousa, e no anno seguinte seu irmão Pero Lopes.

Em 1534, feita a divisão do Brasil em capitanias, o territorio que hoje constitue o Estado ficou distribuido por dous donatarios: Martim Affonso de Sousa (capitania de S. Vicente) e Pero Góes da Silveira (cap. do Parahiba do Sul); mas não se seguiu a isto tentativa séria de colonização.

No govêrno geral de d. Duarte da Costa, em 1555, tentaram os Francezes commandados por Nicolau Durand de Villegagnon fundar no Rio uma colonia permanente: estabeleceram-se primeiro no ilhéu da Lage e depois no Serigipe (hoje ilha de Villegagnon), onde levantaram um forte que se chamou de Coligny, sem que o govêrno da Bahia tivesse fôrças nem coragem para os inquietar. Mem de Sá, governador geral que succedeu a d. Duarte da Costa, tomou a peito porêm expellir os invasores; veio para isso da Bahia com alguma fôrça e, auxiliado pelos recursos mandados de S. Vicente, atacou em 1560 a fortificação dos Francezes, tomou-a e mandou arrasa-la. Retirando-se logo Mem de Sá. Os inimigos que se haviam refugiado no continente, auxiliados valiosamente pelos Tamoios, seus amigos e alliados, voltaram á ilha e fortaleceram-se novamente não só alli como em pontos do littoral.

Foi mister outra campanha: em 1565 Estacio de Sá com tropas portuguezas e reforços vindos do Espirito-Sancto e de S. Vicente, entrou no Rio de Janeiro e procurou debalde bater os Francezes; fez-se necessaria a vinda do proprio Mem de Sá com mais gente e navios em 1567. Deu-se o grande assalto a 20 de Janeiro, conseguindo as armas portuguezas afinal completo triumpho. Começou logo depois a fundação da cidade, da qual foi nomeado governador Salvador Corrêa de Sá, e que tinha de ser a capital da nova capitania do Rio de Janeiro.

De 1572 a 1577 foi séde do govêrno geral das capitanias do Sul, mas de 1577 em deante tornou a ficar sujeita ao govêrno da Bahia. Durante aquelle periodo de cinco annos realizou-se a formidavel expedição de Christovão de Barros contra os indios Tupinambás e Tamoios; estes foram quasi totalmente exterminados, e aquelles emigraram para o Norte.

Em 1577 creou-se para o Rio de Janeiro e capitanias do Sul uma prelazia especial, independente do bispo diocesano.

D'ahi em deante proseguiu o trabalho de colonização do territorio e desenvolveu-se a cidade. Em todo o decurso do seculo XVII não houve acontecimento de vulto, a não ser um disturbio popular no Rio de Janeiro em 1660, sendo governador Salvador Corrêa de Sá, descendente e homonymo do fundador da cidade. Foi causa d'esta perturbação da ordem o lançamento de um imposto mandado fazer por Thomé Corrêa de

Alvarenga, a quem Corrêa de Sá passára interinamente a administração, emquanto ia a S. Paulo. Os sediciosos depuzeram Alvarenga, mas não tiveram fôrça para mais : a força legal prendeu os cabeças e a agitação serenou.

Em 1676, tal era já o progresso do Rio de Janeiro, que foi elevada a bispado a prelazia, sendo primeiro bispo d. José de Barros de Alarcão.

Em 1710 a cidade defendeu-se galhardamente da invasão projectada por João Francisco Duclerc, que, tendo desembarcado com cêrca de 1.000 soldados francezes em Guaratiba, entrou por Jacarepaguá e Engenho-Velho e chegou ao coração da cidade. As forças da guarnição e sobretudo os estudantes commandados pelo bravo Bento do Amaral Gurgel obrigaram o invasor a capitular. Morreu na lucta o mestre de campo Gregorio de Castro Moraes, e Duclerc, preso, foi assassinado no dia 18 de Março de 1711.

Para vingar o mallôgro d'esta tentativa, organizou-se em França a expedição de Renato Duguay-Trouin com 4.000 homens de desembarque e mais de 700 boccas de fogo em 17 navios. Com estes meios de ataque Duguay-Trouin, no dia 12 de Septembro de 1711, entrou a barra, bombardeou a cidade e as fortalezas, desembarcou e dominou os morros. A resistencia foi nulla ou quasi nulla por parte do governador Francisco de Castro Moraes, que covardemente fugiu com a maior parte das tropas. O almirante francez ameaçou incendiar a cidade e assim conseguiu a capitulação, pagando o Rio-de-Janeiro um avultado resgate e expondo-se ao saque, que effectivamente se realizou.

Em 1763 foi transferida para o Rio-de-Janeiro a séde do govêrno geral com a categoria de vice-reinado, sendo primeiro vice-rei o conde da Cunha.

Em 1808, com a vinda da familia real portugueza para o Rio-de-Janeiro, esta capital e todo o territorio vizinho, que então constituia a capitania, tomaram notavel incremento.

O principe regente d. João desembarcou no dia 8 de Março, sendo então vice-rei o conde dos Arcos.

Séde ainda que temporaria da monarchia, tudo concorreu d'ahi em deante para os importantes acontecimentos da emancipação politica do Brasil. Em 1815, por carta de lei de 6 de Dezembro, passou a colonia a « Reino-Unido » com Portugal e Algarves. Chegando ao Rio-de-Janeiro a noticia da revolução liberal do Porto, viu-se forçado d. João VI a approvar a futura constituição de Portugal; começou a fermentação patriotica das sociedades secretas; seguiu-se a partida do rei para Lisboa a 26 de Abril, a nomeação de d. Pedro regente do Brasil, a politica reaccionaria das Côrtes de Lisboa, que não fez sinão exacerbar os animos dos Brasileiros, a chamada do principe d. Pedro a Portugal, a representação do povo contra essa medida, o « Fico » a 9 de Janeiro de 1822, a revolta da « Divisão Auxiliadora » de Jorge de Avilez e a sua capitulação deante da energia do povo e do principe, a convocação de uma Assembléa Geral Constituinte Legislativa, as ultimas represalias das Côrtes de Lisboa e por ultimo o desfecho ineluctavel, fatal, da independencia brasileira a 7 de Septembro de 1822.

Reunida no Rio-de-Janeiro a Constituinte em 1823, não logrou elaborar o Pacto Fundamental, e antes se exacerbaram tanto alli as discussões, que o imperador a dissolveu em 12 de Novembro do mesmo anno. No dia 25 de Março de 1824 foi jurada a Constituição Politica do Imperio, de cuja redacção d. Pedro I incumbira uma commissão de homens eminentes.

De accôrdo com esse codigo politico, o Rio-de-Janeiro ficou sendo uma provincia do Imperio, comprehendido nella até 1834 o Districto Federal, que só então passou a ter administração á parte como « Municipio Neutro ».

Depois d'esta reforma politica, em 1834, o primeiro presidente que teve a provincia foi Joaquim José Rodrigues Torres, mais tarde visconde de Itaborahi.

Em 1889, feita a mudança do regimen, passou a provincia a Estado da Republica, e foi seu primeiro governador o dr. Francisco Portella. A Constituição fluminense tem a data de 9 de abril de 1892; mas foi revista e modificada em 18 de Septembro de 1903.

Nasceram no Estado ou na cidade do Rio de Janeiro : Marianno José Pereira da Fonseca (marquez de Maricá) moralista, Joaquim José Rodrigues Torres (visconde de Itaborahi) estadista, Luiz Alves de Lima (duque de Caxias) general, Francisco Salles Torres-Homem (visc. de Inhomirim) e Francisco Octaviano de Almeida Rosa — parlamentares, Antonio José da Silva e Luiz Martins Penna — comediographos; Domingos José Gonçalves de Magalhães (visc. de Araguaia), Casimiro de Abreu, Fagundes Varella, Laurindo Rabello e Luiz Guimarães junior — poetas; o dr. Joaquim Manuel de Macedo e A. G. Teixeira e Sousa — romancistas; os drs. Francisco Freire Allemão e J. Saldanha da Gama — botanicos; os drs. Manuel de Valladão Pimentel (barão de Petropolis) e João Vicente Torres Homem — medicos e professores; d. Antonio Maria Correia de Sá e Benevides — bispo de Marianna; o contra-almirante Luiz Philippe de Saldanha da Gama; o p. José Mauricio Nunes Garcia e Leopoldo Miguez — musicos, fr. Francisco de Mont'Alverne e fr. Francisco de Sta-Thereza de Jesus Sampaio — oradores sagrados; João Caetano dos Santos — actor tragico; o dr. João Manuel Pereira da Silva — historiador, e dr. José Ferreira de Sousa Araujo — jornalista.

Dizem folhas de Nova-York que em 1903 havia nos Estados-Unidos 33 205 mulheres e 18.384 homens que obtiveram sentenças de divorcio; total 51.589 conjuges divorciados.

Pelo que mostram esses algarismos, o numero das mulheres divorciadas é quasi o triplo do dos homens, e o facto procede de que o homem divorciado contrahe novas nupcias muito mais facilmente do que a mulher divorciada.

Chicago é a cidade predilecta dos divorciados, e alli residem em numero de 4.341. Vem depois Nova-York com 2.146, sendo 784 homens e 1.362 mulheres; Philadelphia com 1.772; S. Francisco com 1.760; S. Luiz com 1.596; Indianopolis com 1.391; Boston com 1.106; Baltimore com 998; Brooklyn com 951; Nova-Orleans com 809; Buffalo com 495, e outras.

*
* *

A estrella de Belém, o fulgido guia dos Magos ao presepe onde nasceu Jesus, pelo que dizem os astronomos, não tarda a reapparecer. A sua volta visivel no firmamento deve dar-se em 1910 ou em 1911.

O astro é um cometa citado pelo historiador judeu Josepho, e depois tem apparecido vinte e tres vezes. Hoje é conhecido por cometa de Halley.

*
* *

O maior immovel da Europa foi terminado em Londres, no quarteirão de Holborn.

A superficie habitavel d'essa casa é de 910 mil pés quadrados; o numero de suas peças é de 6.153. Trinta elevadores hydropneumaticos põem em communicação os onze andares do edificio. No centro ha um vasto restaurante commum aos 8.000 locatarios.

A construcção d'esse enorme immovel custou dous milhões e meio de libras esterlinas.

DISTRICTO FEDERAL



O Districto Federal, situado de 22º43' a 23º6 lat. S., e de 4' long. E. a 35' de long. O., confina : ao N. e a O. com o Estado do Rio de Janeiro, ao S. e a E. com o Atlantico. Tem 8 leguas de extensão de N. a S., e 12 de E. a O. nos pontos mais distantes. Superficie 1.892 kms. qs. — População presumida 750.000 habs.

Suas serras principaes são : as da Tijuca-Jacarepaguá e Bangú, achando-se na primeira d'ellas o pico mais elevado do Districto Federal, que é o Pico do Andarahi com 1.025m de altitude sôbre o nivel do mar. O Corcovado tem 697m, a Gavea 478m e o Pão d'Açucar 385m. Riachos insignificantes atravessam o Districto : o Cabuçú, o Cortado, o Tijuca, o Macaco, o Cattete, o Maracanã, o Pavuna e o Irajá. Estes ultimos quatro desaguam na grande e admiravel bahia do Rio de Janeiro ou Guanabara, — porto dos mais bellos e mais amplos do mundo, e cuja circumferencia não tem menos de 45 milhas. A' margem occidental d'esta bahia está assente a cidade do Rio de Janeiro, capital da Republica, e na oriental a cidade de Nicteroi, que voltou a ser capital do Estado do Rio de Janeiro. Numerosissimas ilhas se acham dispersas por varios ponctos da bahia, sendo mais importantes as do Governador, Paquetá, Bom-Jesus, Vianna, Mocanguê, Cobras, Enxadas, Fiscal, Villegagnon e Lage. Fóra da barra demoram as Tijucas, Palmas, Cotindiba, Comprida e a Raza, onde está collocado o grande pharol electrico (24 milhas).

A cidade de Rio de Janeiro é o grande emporio commercial do paiz e um dos grandes centros commerciaes do mundo inteiro.

No anno de 1903 a importação teve o valor official de 204.578:693$793, rendendo a alfandega do Rio 74.159:069$000.

No mesmo anno entraram no porto 914 navios de longo curso e 1.204 de cabotagem, aquelles com a tonelagem de 1.661.027, e estes com a de 790.753.

Da praça da Republica parte a importante E. de F. Central do Brasil, que se dirige aos Estados do Rio-de-Janeiro, Minas-Geraes e S. Paulo ; e de S. Francisco Xavier parte uma das linhas (E. F. do Norte) da Leopoldina, que extende sua enorme rêde pelos Estados do Rio e Minas.

A E. F. Central em 1904 tinha em tráfego 1.464 km., 193, assim distribuidos : Rio de Janeiro a Cachoeira (bitola de 1 m. 60) 265 km. 278 (7 h. 13 m. de viagem.)

Cachoeira a S. Paulo (bitola de 1 m.), 230 km. 722 (7 h. 17 m.)

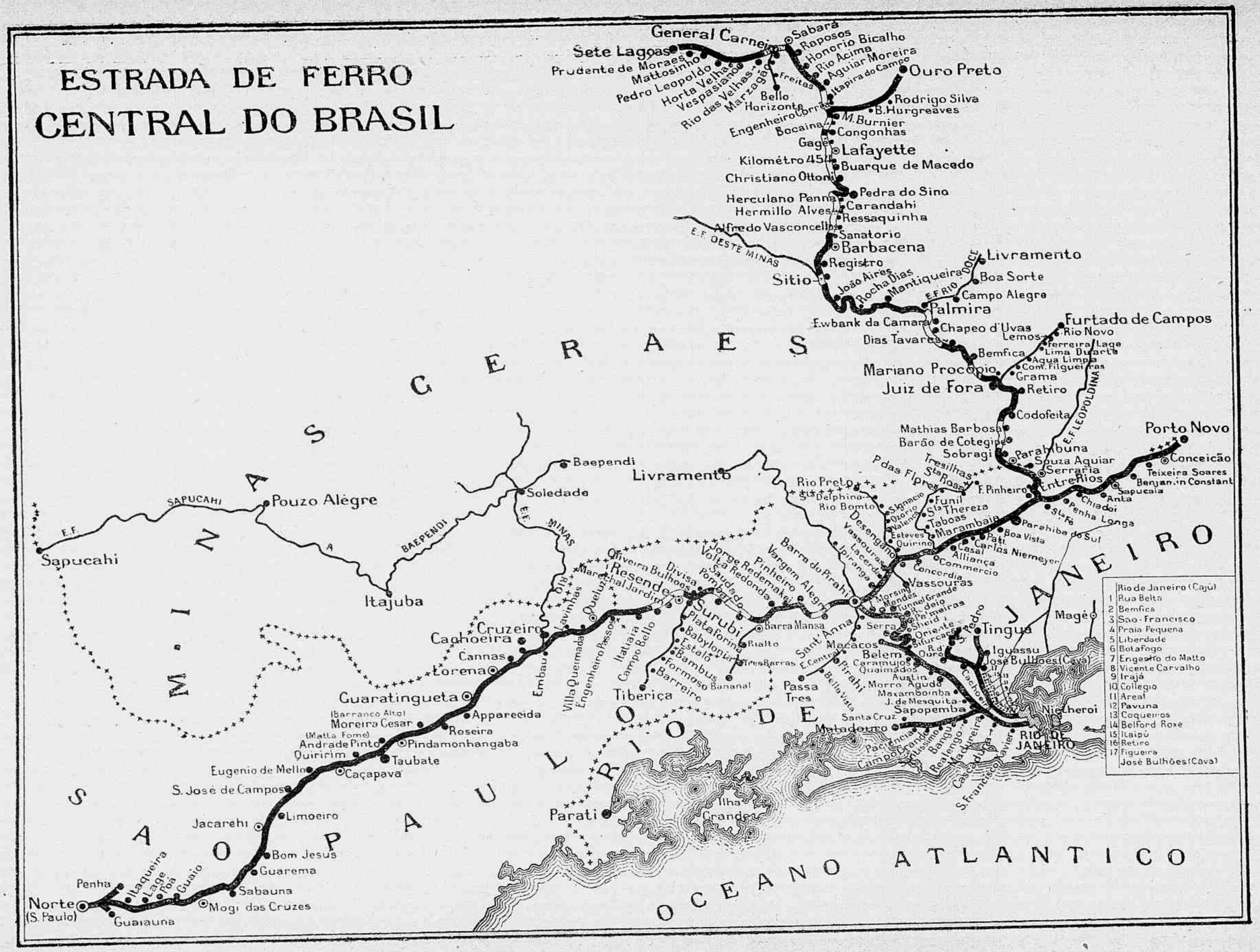
Rio a Sta Cruz (ramal) 56 km. (3 h. 20 m.).

DISTRICTO FEDERAL

Rio Guandu-mirim
Rio Guandu
Ramal de Santa Cruz
Freg. Nova
Campo Grande
Piraquara
Affonso
E. F. Central do Brazil
Rio Mority
Irajá
N.S. da Penha
Inhauma
E. F. Melhoramentos do Norte
N.S. da Ajuda
Ilha do Governador
I. de Paquetá
I. das Cobras
Niterõi
R. Maracanan
CAPITAL FEDERAL
Villegaignon
Lagoa
S. João
Pão de Assucar
Corcovado
L. Rodrigo de Freitas
Copacabana
P. do Arpoador
Dois Irmãos
R. da Tijuca
Lagoa Carioca
R. cortado
R. Antigo
L. Mapendi
Praia da Gávea
Curato Sta. Cruz
Rio Cabuçú
Serra do Bangu
Vargem Grande
Serra de Jacarepaguá
Taquara
Jacarepagua
N.S. da Penha
S. Bento
Vargem Pequena
Pahy
Sepetiba
Pedra
Guaratiba
Desterro
I. Sernambitiba
Restinga de Marambaia
Pedra do Relogio
Ilhas Tijucas
Lage
I. Alagada
I. das Palmas
I. Comprida
Pharol
I. Raza
I. Redonda

Tourrette del.t

ESTRADA DE FERRO CENTRAL DO BRASIL


MINAS GERAES
SAO PAULO
RIO DE JANEIRO
OCEANO ATLANTICO
General Carneiro
Sete Lagoas
Prudente de Moraes
Mattosinho
Pedro Leopoldo
Horta Velha
Vespasiano
Rio das Velhas
Marzagão
Bello Horizonte
Freitas
Sabará
Raposos
Honorio Bicalho
Rio Acima
Aguiar Moreira
Itapira do Campo
Ouro Preto
Rodrigo Silva
B. Hurgreaves
M. Burnier
Engenheiro Corrêa
Bocaina
Congonhas
Gagé
Lafayette
Kilometro 454
Buarque de Macedo
Christiano Ottoni
Pedra do Sino
Herculano Penna
Carandahi
Hermillo Alves
Ressaquinha
Alfredo Vasconcellos
Sanatorio
Barbacena
E.F. OESTE MINAS
Registro
Sitio
João Aires
Rocha Dias
Mantiqueira
E.F. RIO DOCE
Livramento
Boa Sorte
Campo Alegre
Palmira
Furtado de Campos
Rio Novo
Lemos
Ferreira Lage
Lima Duarte
Agua Limpa
Com. Figueiras
Chapeo d'Uvas
Ewbank da Camara
Dias Tavares
Bemfica
Mariano Procopio
Grama
Juiz de Fora
Retiro
Codofeita
Mathias Barbosa
Barão de Cotegipe
Sobragi
Parahibuna
Tresilhas
Sta Rosa
P. das Flores
Souza Aguiar
Serrania
Entre Rios
F. Pinheiro
Porto Novo
Conceição
Teixeira Soares
Benjamin Constant
Sapucaia
Anta
Chiador
Penha Longa
Sta Fé
Parahiba do Sul
Boa Vista
Patti
Carlos Niemeyer
Casal
Alliança
Commercio
Concordia
Rio Preto
Delphina
Rio Bomtio
Ignacio
Ozorio
Valente
Esteves
Quirino
Funil
Sta Thereza
Taboas
Marambaia
Vassouras
Desengano
Vasconcellos
Lacerda
Ipiranga
Barra do Pirahi
Vargem Alegre
Pinheiro
Jorge Rodemaker
Volta Redonda
Saudade
Pombal
Divisa
Oliveira Bulhões
Marechal Jardim
Resende
Surubi
Barra Mansa
Rialto
Plataforma
Babylonia
Estado
Bambus
Formoso
Barreiro
Tres Barras
Tiberiça
Passa Tres
Sant'Anna
Macacos
Belem
Caramujos
Quiomados
Austin
Morro Agudo
Maxamboinha
J. de Mesquita
Sapopemba
Santa Cruz
Matadouro
Paciencia
Campo Grande
Bangu
Realengo
Madureira
Cascadura
S. Francisco Xavier
Piedade
Engenho Novo
Meyer
Todos os Santos
Cachoeira
Riachuelo
Rua Haddock Lobo
Rua Mariz e Barros
Rua Conde de Bomfim
Rua Visconde de Itaúna
Rua Gonçalves Dias
Rua Sete de Setembro
Rua Primeiro de Março
Rua Uruguayana
Rua Buenos Aires
Rua Candelaria
Rua Sete de Abril
Rua Frei Caneca
Rua Senador Dantas
Rua Santa Luzia
Rua Santo Antonio
Rua Carioca
Rua Gonçalves Ledo
Rua Visconde de Inhaúma
Rua Uruguayana
Rua Sete de Setembro
Rua Primeiro de Março

Belém a Macacos (») 4 km. 929 (20 m.).
Barra do Pirahi a Curvello (em Minas) 659 km. 615.
General-Carneiro a Minas (ramal) 15 km. (38 m. de viagem).
Miguel-Burnier a Ouro-Preto (ramal), 42 km. 446 (1 h. 45 m.).
S. Paulo a Penha (ramal), 7 km. (25 m.).
Entre-Rios a Porto Novo do Cunha (ramal), 63 km. 763 (2 h.).

Esta estrada visa o ponto terminal de Pirapora, no rio S. Francisco, a 240 kilom. de distancia da estação de Curvello; alli prender-se-ha a uma linha de navegação que não tem menos de 1.400 kms. de extensão.

A Central teve em 1903 este movimento financeiro : receita — 30.519:758$572 ; despesa — 24.896 : 323$395. Transportou 15.781.601 passageiros e 1.021.607.015 kil. de mercadorias. Sua rêde telegraphica com 5.100 kilometros de linha de ferro zincado transmittiu 521.407 telegrammas com 8.202.289 palavras.



Arcebispo do Rio.

Da E. F. Leopoldina atravessa pelo Districto Federal o trecho inicial da E. F. do Norte, de S. Francisco Xavier a Meriti, com 16 kilometros; e da E. F. Auxiliar da Central tambem o trecho inicial, da Ilha das Moças a Camboatá, com 32 km, 044. Ha ainda no Districto Federal a E. F. do Corcovado (3 km 780), e por parte d'elle transita a E. F. Rio-do-Ouro com a extensão total de 77km 480.

— A sua divisão ecclesiastica é em 23 freguezias e um curato, a saber : Candelaria, Engenho-Novo, Engenho-Velho, Espirito-Sancto, Gavea, Gloria, Lagôa, Luz, N. Senhora de Lourdes, São Christovão, S. José, Sacramento, Sanct'Anna, Sancta Rita, Sancto Antonio, Sancto Christo dos Milagres (urbanas), Campo Grande, Guaratiba, Ilha do Governador, Ilha de Paquetá, Inhaúma, Irajá, Jacarepaguá (suburbanas) e curato de Sancta Cruz.

A bahia do Rio-de-Janeiro tem a forma de um triangulo irregular e representa em pequena escala a configuração geral da Republica : coincidencia realmente

singular. Mede na maior extensão, da ponta de S. João na barra á foz do rio Magé, 30 kilometros, e na maior largura 28 kilometros entre as boccas dos rios Meritï e Macacú. Seu perimetro, acompanhando o contôrno das praias, é de 140 kilometros. A barra tem de largura 1 kilometro 1/2, mas o canal navegavel (entre Lage e S.ta Cruz) não excede de 900 metros, com a profundidade de 52 metros.

O estabelecimento do porto, isto é, a hora da preamar lunar, é geralmente ás 3 h. da tarde; mas os ventos alteram-n'o de forma, que ás vezes vai das 2 h. 30 m. ás 3 h. 45 m. A altura das marés das aguas vivas ordinarias é de 1 m. 22, e a das equinocciaes varia entre 1 m. 43 e 2 m. 20.

Defendem-lhe a entrada as quatro fortalezas : Sta Cruz, Lage, S. João e Imbuhi.

A bahia recebe as aguas dos seguintes rios : Imboassú, Guaxindiba, Macacú (82 km navegaveis), Guapi, Magé-mirim, Magé, Iriri, Suruhi-mirim, Suruhi, Inhomirim ou Estrella, Iguassú (27 km navegaveis), Sarapuhi, Meriti, Irajá, Inhaúma, Icarahi, S. Lourenço, Mauá, Maracanã, Andarahi e Carioca.

Mais de 80 ilhas se acham nella disseminadas, sendo principaes as seguintes : d'Agua, Ajudante, Ambrosio, Ananaz, Aroeira, Baiacú, Bôa-Viagem, Bom-Jesus (onde está o Asylo dos Invalidos da Patria), Boqueirão (com depositos de polvora e munições de guerra), Braço-forte, Brocoió, Cabras, Cachorros, Cajú, Cambambis (grande e pequena), Catalão, Caximbau, das Cobras — outr'ora da Madeira (onde se acham o Hospital e a Intendencia do Ministerio da Marinha, o quartel do batalhão naval, uma fortaleza e dous grandes diques), Conceição, Enchadas (onde está a Escola Naval), Engenho, Flores (com a Hospedaria de immigrantes), Fundão, do Governador — outr'ora Paranapuan e Maracajá — (com 13 km. de comprimento sobre 5 a 6 de largura e mais de 40 de perimetro), Jurubahibas, Lage na entrada da barra (com uma fortaleza), Mocanguês (grande e pequena), Palmas, Pancarahiba, Paquetá (muito habitada, com 2 km, 5 de comprido), Pinheiro, Pombeba, Fiscal (com um bello quartel para os guardas da Alfandega), Raimundo, Redonda, Rijo, Sancta-Rosa, Saravatá, Sêcca, Tavares, da Velha, do Vianna, Villegagnon — antiga Serigipe — (com fortaleza e quartel do Corpo de marinheiros nacionaes).

A cidade compõe se de uma parte central, onde predomina o commercio, — de bairros que alguns são notaveis pela belleza das construcções e dos jardins, — e finalmente de suburbios que se desenvolvem cada anno ampliando a área da capital. Ligam-se uns a outros por numerosas linhas de bondes, que atravessam a cidade em todas as direcções, a saber :

— a do Jardim Botanico, que tem 73.397m,22 de linhas com a bitola de 1m,44, de tracção electrica;

— a Carioca, com 7k de linha da bitola de 1m,10, de tracção electrica ;

— a de S. Christovão e Tijuca, com 64km de linha de 1m,35 ;

— a Villa-Isabel, com 55km,980 de linha de 1m,44, tambem de tracção electrica;

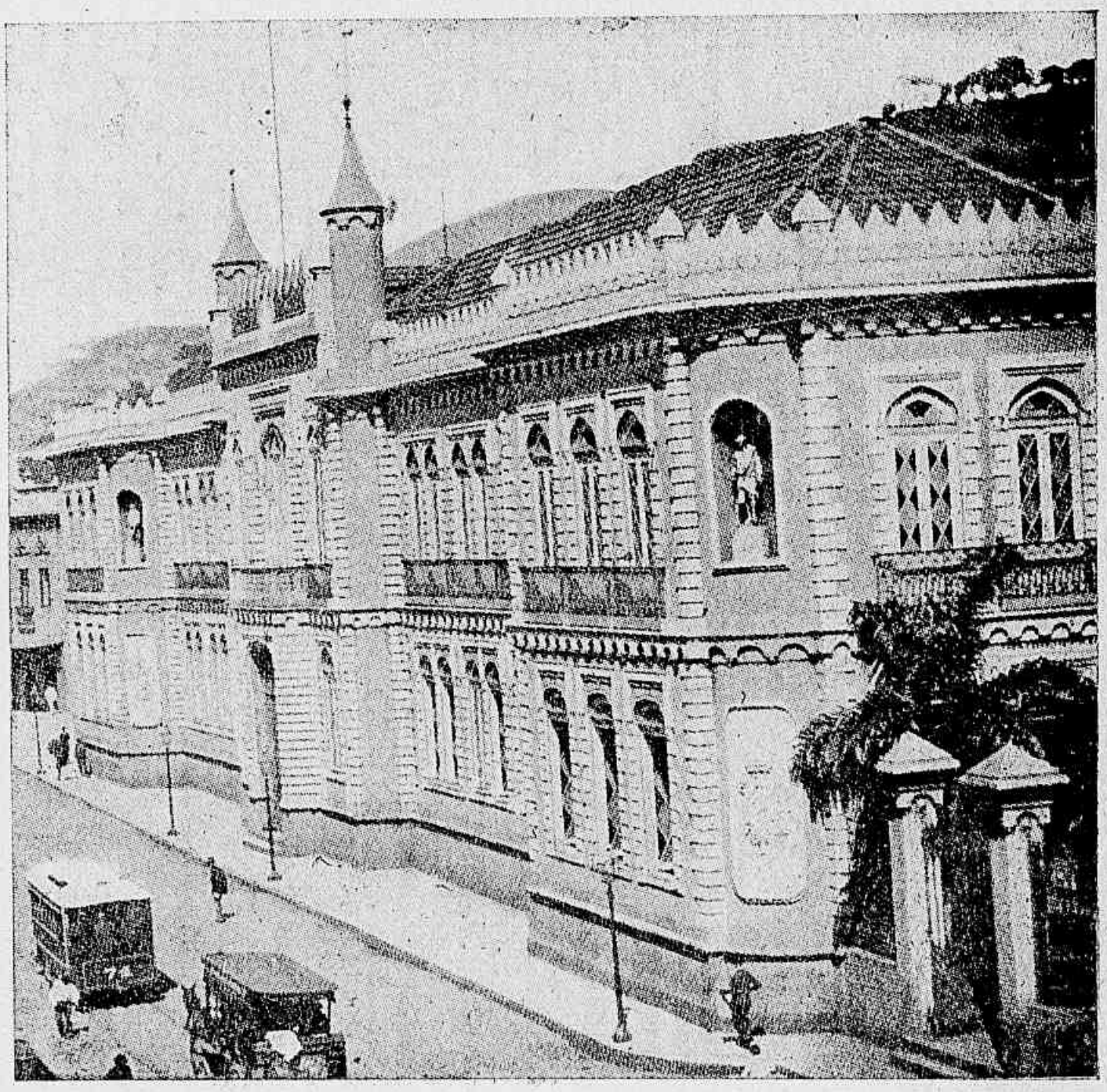
— a Carris-Urbanos, com 68km de linha de 0m,82 ;

— as de Jacarépaguá e Cachambi, ambas de tracção animal.

A Jardim Botanico em 1902 transportou 19.256.826 passageiros, tendo de renda 4.024:318$150 com a despesa de 2.879:405$000; a S. Christovão transportou 16.476.399 passageiros, tendo de renda 2.896:159$880 com a despesa de 2.337:558$210.

Por lei municipal de Septembro de 1904 foi concedida á Comp. Importadora e Introductora do Rio-de-Janeiro permissão para a construcção, uso e gôso de uma via ferrea elevada e circular, da bitola de 1^{m} e por tracção electrica, á similhança das usadas na cidade de Nova-York; essa estrada deverá ter por ponto inicial a praça 15 de Novembro e percorrerá zonas urbanas e suburbanas, com a elevação de 5^{m} no minimo e 15^{m} no maximo acima das calçadas.

Entre os principaes edificios e monumentos da capital devem ser citados : o Palacio do Governo, o Ministerio da Industria, Viação e Obras Publicas, a Casa da Moeda, o Palacete da Prefeitura Municipal, o Correio Geral, a nova Bolsa (ainda não concluida), a Imprensa Nacional (cujo inicio data de 1808), a antiga Escola de Bellas-Artes (construida pelo célebre Grandjean de Montigny), a Escola Militar (situada na praia da Saudade), a Escola Naval (na ilha das Enxadas), o novo Quartel dos Bombeiros (em via de construcção), algumas escolas primarias, como as da praça Duque de Caxias e da rua da Harmonia, a Escola Polytechnica, o vasto Hospital da Sancta Casa da Misericordia, o bello edificio manuelino do Gabinete Portuguez de Leitura, o Collegio Militar, o Museu Nacional hoje alojado no palacete da Boa-Vista que foi até 1889 residencia do imperador, a Estação Central da Estrada de Ferro Central do Brasil, o vasto Quartel de Policia, o Hospicio Nacional de Alienados, o novo Arsenal de Guerra e a Intendencia da Guerra tambem recentemente construida, etc.



Imprensa Nacional.

Dos muitos templos catholicos que a capital possue são dignos de nota : as antigas egrejas de S. Francisco da Penitencia e de S. Bento (annexas aos respectivos conventos), onde se admiram esplendidas obras de talha do seculo XVIII, — a magestosa e moderna egreja de N. Senhora da Candelaria decorada pelo pincel magistral de João Zephyrino da Costa, a matriz da Gloria e a egreja da Cruz dos Militares, cuja fachada tem estylo.

Dous magnificos jardins ornam a cidade : o parque da praça da Republica e o Passeio Publico, ambos delineados pelo illustre dr. Augusto Glaziou. No arra-

balde da Lagôa admira-se o Jardim Botanico, célebre pela sua opulenta alameda de *Oreodoxas* e por bellos especimes da Flora indigena e exotica. No alto da Tijuca encontra-se a Floresta Nacional, riqusisima de madeiras de lei. — Entre os monumentos artisticos da cidade figuram com honra: a estatua de Pedro I na praça Tiradentes, — obra de Rochet, as estatuas do general Osorio e do duque de Caxias, a do grande escriptor José Martiniano de Alencar e o busto do immortal Antonio Gonçalves Dias, o Monumento do Centenario (inaugurado em 1900), a estatua do dr. Teixeira de Freitas, — todos trabalhos do insigne esculptor brasileiro Rodolfo Bernardelli, e a estatua do visconde de Rio Branco inaugurada em 1902.

A cidade é por emquanto illuminada a gaz, com bicos Auer e incandescente racional, havendo 535.335m42, de canalização em fins de 1903, e 12.301 combustores publicos. A Companhia produziu nesse anno 21.480.300 metros cubicos de gaz, que se distribuiram pelos seguintes consumidores :

Illuminação pública da capital : 4.220.948m3,59 ; Repartições publicas 1.556.138,51 ; estabelecimentos de beneficencia : 321.160,10 ; particulares : 11.395.714,28.

O serviço da illuminação da cidade custou 525 : 784 $ 946 papel e 431:803$056 ouro.

O abastecimento d'agua regulava em fins de 1903 o volume médio diario de 150.675.870 litros d'agua dos seguintes mananciaes : serras do Tinguá e Commercio 120.834m3, Maracanã e affluentes — 13.235m3, Macacos — 4.182m3, e outros menos abundantes. Os povoados de Campo-Grande e Sta Cruz são abastecidos especialmente pelos mananciaes Rio da Prata do Mendanha e Piraquara, que fornecem 2.805 metros cubicos diariamente. O antigo e monumental aqueducto da Carioca, obra do seculo XVIII, forneceu diariamente a média de 2.087 metros cubicos. Em Septembro de 1904 foi inaugurado o novo reservatorio d'agua do morro do Castello com a capacidade para 233.000 litros.

O decreto de 18 de Septembro de 1903 approvou os planos e orçamentos para a execução das obras de melhoramento do porto, feito este grande trabalho com o producto do emprestimo contrahido em Londres para tal fim. A 25 do mesmo mez o govêrno da União assignou o respectivo contracto com C. H. Walker e Ca, de Londres, obrigando-se estes a construir 3.500m de caes (do Arsenal de Marinha ao prolongamento da r. de s. Christovão dentro de seis annos, e a arrasar o morro de Sto Antonio, que fornecerá o atêrro. Fazia parte do plano a abertura de uma avenida central na cidade.

Estes importantissimos trabalhos, orçados em 168.216:270$000, foram desde logo iniciados sob a direcção superior de duas commissões assim compostas : para as obras do porto — engenheiros Francisco de Paula Bicalho, Vieira Souto e Manuel Maria de Carvalho; para a avenida — engenheiros Paulo de Frontin e J. Valentim Dunham, ambos com auxiliares technicos.

As obras do porto foram solemnemente inauguradas no dia 29 de Março de 1904 com a presença do chefe do Estado, ministros, altas auctoridades civis e militares e grande concurso de convidados, consistindo a ceremonia da inauguração no inicio da dragagem no alinhamento da muralha do caes, que vai ser construido.

Os trabalhos da avenida foram inaugurados a 8 do mesmo mez com egual solemnidade, consistindo a ceremonia no inicio de corte de pedra do morro de S. Bento e na collocação da primeira pedra do primeiro edificio que se construiu, de propriedade do snr. Eduardo P. Guinle.

A avenida mede de mar a mar (praia de Sta Luzia á Prainha) 2.000m, mas o seu comprimento reduz-se a 1813m, deduzidos os trechos correspondentes ao Largo da Prainha e á Avenida da beira-mar; largura 33m, com dous passeios lateraes de 5m,50 cada um, e uma rua central de 22m que é arborizada. Este grande melhoramento da cidade exigiu a desapropriação e demolição de 585 predios, que custaram cêrca de 30.000 contos. No dia 7 de Septembro de 1904 fez-se, com toda a solemnidade e numerosissimo concurso de povo, a primeira travessia de toda a extensão da avenida, percorrendo-a em bonde electrico o presidente da Republica, que já viu o inicio de algumas construcções.

No concurso de fachadas para estes edificios, aberto pelo ministerio da Industria, apresentaram-se numerosos projectos, entre os quaes mereceram : 1º premio o do engenheiro Rebecchi; 2º o do architecto Morales de los Rios; 3º o do engenheiro Hehel.

Por seu lado o govêrno municipal iniciou egualmente notaveis melhoramentos materiaes na cidade. O plano do prefeito dr. F. Pereira Passos comprehende, alêm de outras obras menores : a abertura de uma grande avenida do principio da rua Chile ao fim da praia de Botafogo com 5.200m de extensão, outra do littoral ao largo de Estacio de Sá, e ainda terceira do littoral ao largo do Matadouro. Orcamento de taes obras : 79.375:917$450.

Para este fim, devidamente auctorizado o mesmo prefeito em 1904 lançou um emprestimo interno de £ 4.000.000, contractando-o com o Banco da Republica, e a 24 de Agosto d'esse anno decretou a abertura do credito de 80.000:000$000.

A « Mensagem » dirigida pelo dr. Passos ao Conselho de Intendencia Municipal em Septembro de 1904 consignou estes dados :

Receita arrecadada em 1903 : 22.144:000$659.
Receita arrecadada no 1º sem. de 1904 : 12.713:159$530.
Despesa realizada no 1º sem. de 1904 : 11.247:211$141.
Divida externa : £ 448.358.
Divida interna : 31.858:855$900.
Divida fluctuante : 1.761:935$836.

Em 1904 iniciou seus trabalhos a Companhia Nacional de Electricidade, com 4.000 contos de capital, assentando a primeira pedra das installações á margem do Ribeirão das Lages, em ponto distante desta Capital — 70 kilometros mais ou menos, no municipio do Pirahi, Estado do Rio-de-Janeiro. Ahi são aproveitados os trez saltos formados pelas aguas d'esse ribeirão, com uma differença de nivel de 270 metros, em distancia de poucos kilometros, montando-se a primeira usina geradora, depois de devidamende regulado o volume das aguas por obras de reprezamento.

D'esta usina será a energia accumulada conduzida por cabos aereos até esta Capital, onde as estações de distribuição serão construidas.

A empreza avalia em cifra superior a 10.000 cavallos a fôrça que a primeira

usina poderá produzir, parecendo á mesma empreza que durante os primeiros annos essa fôrça excederá ás necessidades do consumo presumivel.

Installações novas poderão duplicar esse total aproveitavel, com a utilisação de toda a quéda do Ribeirão e mais altas barragens do seu leito.

Ha intenção de iniciar as novas installações, logo que o consumo puder trazer a esperada compensação para os avultados capitaes que exige a sua realisação.

A distribuição deve concluir-se este anno.

A Companhia Nacional de Electricidade, organisada por um grupo de capitalistas d'esta Capital, não só se propõe a promover entre nós o desenvolvimento de todas as applicações industriaes de electricidade, como tem por objecto especial a exploração do contracto celebrado entre a Prefeitura d'este districto e William Reid and C°, em 7 de Junho de 1900 para o estabelecimento no perimetro d'esse mesmo districto de uma ou mais usinas, productoras de energia electrica gerada por fôrça hydraulica.

Este contracto garante-lhe por 15 annos o privilegio do fornecimento da energia, estabelecendo as condições da distribuição, e fixando as unidades de preço.

E' arcebispo do Rio-de-Janeiro o cardeal d. Joaquim de Arcoverde Cavalcanti d'Albuquerque, metropolitano das dioceses do Sul.

RESUMO HISTORICO

Veja-se o « Resumo historico » do Estado do Rio-de-Janeiro, a cujos destinos esteve ligada a capital do Brasil até quasi meiados do seculo passado.

A SAÚDE RESTITUIDA A TODOS

NEVRALGIAS ENXAQUECAS INSOMNIAS

HYSTERIA, CAIMBRAS DE ESTOMAGO,
NEURASTHENIA, INFLUENZA

e todas as

DOENÇAS NERVOSAS

cura infallivel com as

PILULAS ANTI-NEVRALGICAS

do Doutor CRONIER

PREÇO : 3 francos a caixa com a competente indicação

EM TODAS AS PHARMACIAS

Pilulas CRONIER

De IODURETO de FERRO e QUINA

Tonicas, febrifugas e reconstituintes

Recommendadas na

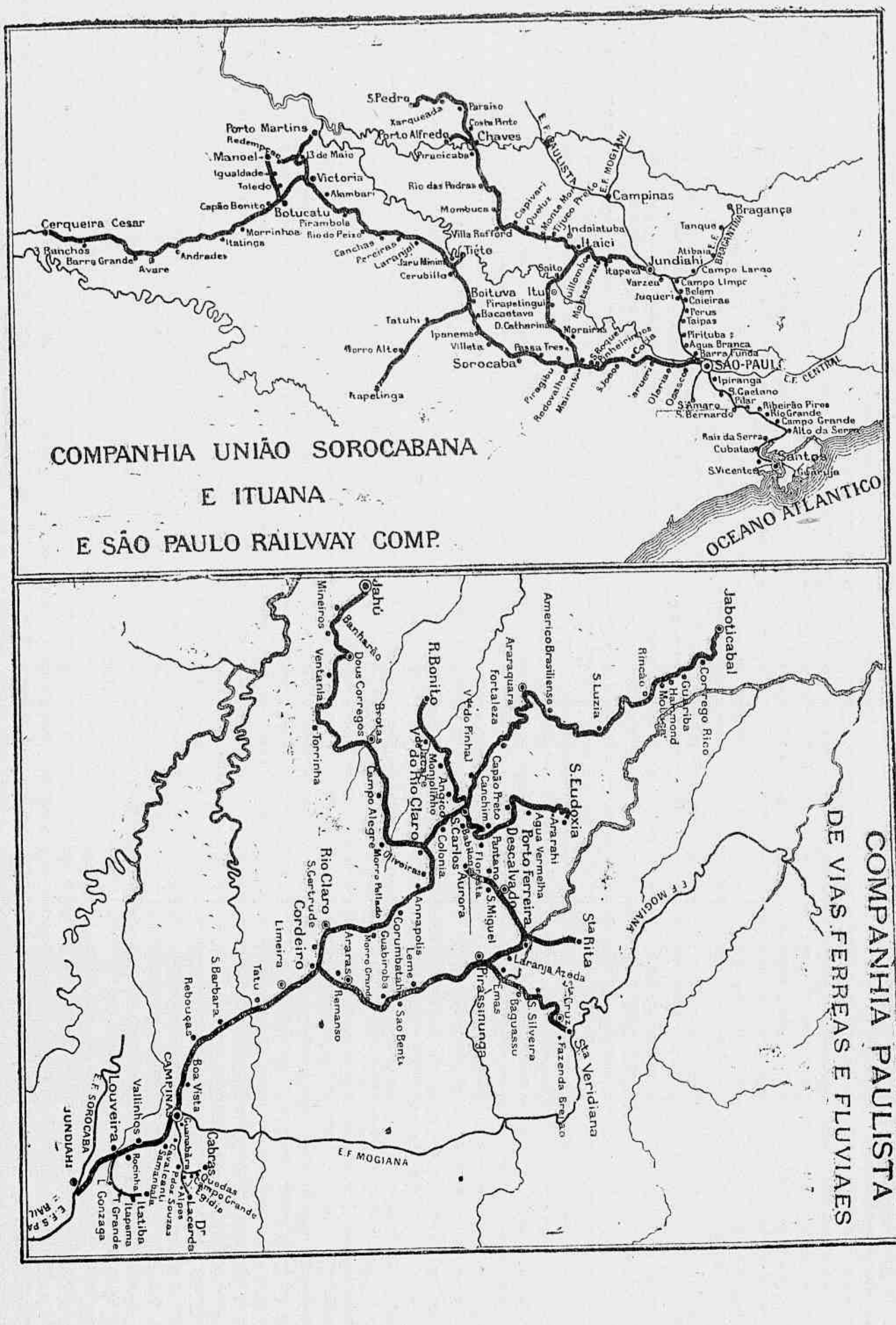
ANEMIA — CHLOROSE — FRAQUEZA
FEBRES, ETC.

1 frasco de 100 pilulas 4 francos
1/2 frasco de 50 pilulas 2 francos

Acompanhado da competente indicação

EM TODAS AS PHARMACIAS

Deposito : SCHMITT, Pharmaceutico, 75, rue La Boëtie, PARIS


COMPANHIA UNIÃO SOROCABANA
E ITUANA
E SÃO PAULO RAILWAY COMP.
COMPANHIA PAULISTA
DE VIAS FERREAS E FLUVIAES
OCEANO ATLANTICO
S.Pedro
Xarqueada
Porto Martins
Porto Alfredo
Chaves
Piracicaba
Rio das Pedras
Mombuca
Villa Rafford
Tiete
Cerqueira Cesar
Botucatu
Victoria
Alambary
Pirambola
Rio do Peixe
Canchas
Pereiras
Cerubillo
Boituva
Itu
Pirapetinguy
Bacantava
D.Catharina
Tatuhi
Ipanema
Villeta
Sorocaba
Morro Alto
Itapetinga
Campinas
Indaiatuba
Itaici
Saito
Capivary
Tijuco Preto
Monte Mor
Quebu
Jundiahi
Itapeva
Varzea
Juquery
Caieiras
Perus
Taipas
Pirituba
Agua Branca
Barra Funda
SÃO-PAULO
Ipiranga
S.Caetano
Pilar
S.Amaro
S.Bernardo
Ribeirão Pires
Rio Grande
Campo Grande
Alto da Serra
Raiz da Serra
Cubatão
Santos
S.Vicente
Guarujá
Bragança
Tanque
Atibaia
Campo Lindo
Campo Largo
Belem
Tanques
Mattosinho
Quilombo
Morraria
Roque
Pinheirinhos
Colia
Oleria
Ossasco
Barueri
Pinheiros
Piragibu
Rodovalho
Mairinque
S.Roque
Ararahy
Fazenda Brejão
Sta Veridiana
Sta Rita
Laranja Azeda
Pirassinunga
Descalvado
Porto ferreira
Agua Vermelha
S.Eudoxia
Araraquara
Fortaleza
Capão Preto
Canchim
Rio Claro
Cordeiro
Limeira
Tatu
Araras
Ramanso
Morro Grande
Guabiroba
Corumbatahy
Lerme
Sao Bento
Annapolis
Colonia
S.Carlos
Aurora
Florencia
Pantano
S.Miguel
Olivveiras
Morro Pellado
Brotas
Dous Corregos
Barrinha
Ventania
Torrinha
Jahú
Mineiros
Barrinho
R.Bonito
Vdo do Rio Claro
Vdo Pinhal
Monjolinho
Angico
Campo Alegre
S.Carlos
Rio Claro
S.Gertrude
Rebouças
S Barbara
Boa Vista
CAMPINAS
Louveira
Vallinhos
Rocinha
Itatiba
Itapema
Grande
L Gonzaga
JUNDIAHI
E.F. SOROCABA
E.F.S.PAULO RAILWAY
E.F MOGIANA
Cabras
Quedas
Campo Grande
Dr Lacerda
Alpes
Pdoz Souzas
Cavalcanti
Samambaia
Guanabara
Jabuticabal
Corrego Rico
Guariba
Hammond
Motuca
Rincão
S Luzia
Americo Brasiliense
Araraquara
Fortaleza
Vdo Pinhal
Brotas
Dous Corregos
Barrinha
Ventania
Torrinha
Jahú
Mineiros
Barrinho
R.Bonito
Vdo do Rio Claro
Monjolinho
Angico
Campo Alegre
S.Carlos
Rio Claro
S.Gertrude
Cordeiro
Limeira
Tatu
S Barbara
Rebouças
Boa Vista
CAMPINAS
Louveira
Vallinhos
Rocinha
Itatiba
Itapema
Grande
L Gonzaga
JUNDIAHI
E.F. SOROCABA
E.F.S.PAULO RAILWAY
E.F MOGIANA
Cabras
Quedas
Campo Grande
Dr Lacerda
Alpes
Pdoz Souzas
Cavalcanti
Samambaia
Guanabara
Jabuticabal
Corrego Rico
Guariba
Hammond
Motuca
Rincão
S Luzia
Americo Brasiliense
Araraquara
Fortaleza
Vdo Pinhal
Brotas
Dous Corregos
Barrinha
Ventania
Torrinha
Jahú
Mineiros
Barrinho
R.Bonito
Vdo do Rio Claro
Monjolinho
Angico
Campo Alegre
S.Carlos
Rio Claro
S.Gertrude
Cordeiro
Limeira
Tatu
S Barbara
Rebouças
Boa Vista
CAMPINAS
Louveira
Vallinhos
Rocinha
Itatiba
Itapema
Grande
L Gonzaga
JUNDIAHI
E.F. SOROCABA
E.F.S.PAULO RAILWAY
E.F MOGIANA
Cabras
Quedas
Campo Grande
Dr Lacerda
Alpes
Pdoz Souzas
Cavalcanti
Samambaia
Guanabara
Jabuticabal
Corrego Rico
Guariba
Hammond
Motuca
Rincão
S Luzia
Americo Brasiliense
Araraquara
Fortaleza
Vdo Pinhal
Brotas
Dous Corregos
Barrinha
Ventania
Torrinha
Jahú
Mineiros
Barrinho
R.Bonito
Vdo do Rio Claro
Monjolinho
Angico
Campo Alegre
S.Carlos
Rio Claro
S.Gertrude
Cordeiro
Limeira
Tatu
S Barbara
Rebouças
Boa Vista
CAMPINAS
Louveira
Vallinhos
Rocinha
Itatiba
Itapema
Grande
L Gonzaga
JUNDIAHI
E.F. SOROCABA
E.F.S.PAULO RAILWAY
E.F MOGIANA
Cabras
Quedas
Campo Grande
Dr Lacerda
Alpes
Pdoz Souzas
Cavalcanti
Samambaia
Guanabara

ESTADO do S. PAULO

Escala de 1: 5 143.750

10°

5°

20°

Estado de Matto Grosso

Estado de Minas Geraes

Estado do Paraná

Terrenos desconhecidos e habitados pelos indigenas

Rio Paranahyba

Rio Grande

Rio Paraná

Rio dos Dourados

Rio Tieté

Rio Preto

Rio Turvo

Rio Sapucahy-mirim

Rio Pardo

Rio Mogy guassú

Rio dos Porcos

Rib.º de S. Lourenço

Rio Jacaré pipira guassú

Rio Jacaré pipira-mirim

Rio Paranapanema

Rio Itarare

Rio Ribeira

Rio Pardo

Rio Parahyba

Rio Claro

Rio Piracicaba

Rio Tieté

Rio Tieté

Serra do Diabo

Serra do Jaboticabal

Jaguara

Franca

Batataes

Ribeirão Preto

Caconde.

Cajurú Canôas

Jaboticabal

S. José do Rio Preto

Avaré

S. Sebastião

Botucatu

S.ª de Botucatu

S. Barbara do Rio Pardo

Lençóes

Dous Corregos

Jahu

Piracicaba

Araraquara

Rio Claro

Limeira

Serra Negra

Amparo

Bragança

S. Ant.º da Cachoeira

Atibaja

Jundiahy

Tietê

Tatuhy

Porto Feliz

Itú

Sorocaba

Capivary

Indaiatuba

Cabreuva

Parnahyba

Mogy das Cruzes

S. Roque

Cotia

S. Paulo

Santos

S. Sebastião

Villa Bella

Caraguatatuba

Una

S. Amaro

Itapecirica

S. Vicente

Ilha de Santo Amaro

Bahia de Santos

Ponta do Guaraú

Bahia de Iguape

Iguape

Ilha de Mar Pequeno

Bahia de Cananéa

Ilha dos Porcos

Ilhas Busios

Ilha Victoria

Ilha de S. Sebastião

Ponta de Pirassununga

Oceano Atlantico

Bom Successo

Itapetininga

Palmital

Piedade

Campo Largo

Sarapuhy

Conceição de Itanhaem

Itapeva da Faxina

Capão Bonito

Apiahy

Paranapiacaba

S.ª do Paranapanema

S.ª dos Itatins

S.ª Negra

S.ª Guarahu

Jacarehy

Taubaté

Pindamonhangaba

Cunha

Guaratinguetá

Lorena

Cachoeira

Silveiras

Arêas

Bananal

S. José de Barreiros

Queluz

Pinheiros

Santo Antonio do Pinhal

Cruzeiro

Caçapava

S. José dos Campos

Parahybuna

Ubatuba

Natividade

S. Luiz do Parahytinga

Villa Bella

Ilha dos Porcos

Ilhas Busios

Ilha Victoria

Ilha de S. Sebastião

Ponta de Pirassununga

Oceano Atlantico

Mantiqueira

S.ª da Mantiqueira

Pirassununga

E. Santo do Pinhal

S. Carlos do Pinhal

Araras

Mogy-guassú

Mogy-mirim

Penha

Socorro

Serra Negra

Santo Antonio do Pinhal

Cruzeiro

Patrocinio

Monte Mor

S. Barbara

Indaiatuba

Cabreuva

Belem

Ipeuema

Bacaetava

Sarapuhy

Campo Largo

Piedade

Una

S. Amaro

Caraguatatuba

Itapecirica

S. Vicente

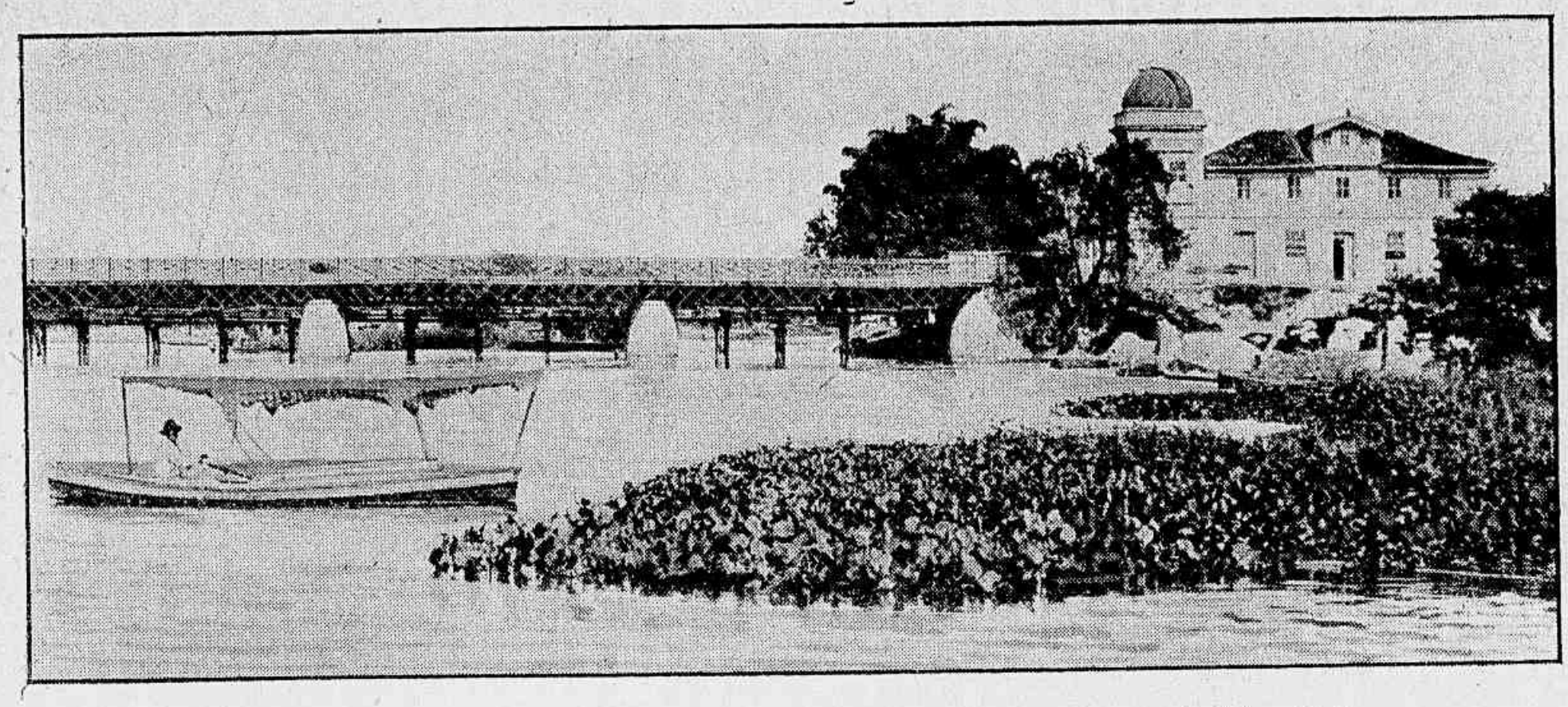
Conceição de Itanhaem

Ilha de Santo Amaro

Bahia de Santos

Ponta do Guaraú

Bahia de



S. Paulo. — Observatorio astronomico do General Dr. Conto de Magalhães.

SÃO PAULO



Dr. Jorge Tebyricá, presidente.

Tem por limites : ao N. o Estado de Minas, ao S. o do Paraná, a E. o Atlantico e o Estado do Rio de Janeiro, a O. Minas e Matto-Grosso. Superficie = 290.876 kms. qs. ; população = cêrca de 2.570.000 habs., dos quaes 800.000 pouco mais ou menos são extrangeiros e pela maior parte Italianos.



Francisco Glycerio, senador.

Duas grandes cordilheiras ha no Estado : a serra do Mar e a Mantiqueira. A primeira quasi beira o Oceano com os nomes de Cubatão e Paranapiacaba, destacando ramos diversos : Bocaina, Quebra-Cangalhas, Itapera, Mongaguá, Itatins, Guarahú, Negra, etc. A segunda (outr'ora Jaguamimbaba) é muito mais alta, e d'ella se esgalham as ramificações denominadas : Cantareira, Jugueri e outras. Além d'ellas existem as serras de Araraquara, Jaboticabal, Botucatú, etc.

Os principaes rios de S. Paulo são : Ribeira do Iguape, Parahiba, Mogi-Guassú, Rio-Grande (que divide com Minas), o Paraná (que divide com Matto Grosso), o Tieté (outr'ora Anhembi) com um grande salto em Itú, e o Paranapanema que divide com o Estado de Paraná.

São bons portos : Ubatuba, S. Sebastião, Cananéa e sobretudo Santos. — Ilhas : S. Sebastião, Cananéa, S. Vicente e S. Amaro.

Ha na costa trez pharoes.

Clima amenissimo, e dos mais saudaveis do mundo, na região alta ou de serra acima, onde a pressão média é de 700mm e a temperatura média de 19º centigrados.



Dr. José de Camargo, bispo.

A rêde de viação ferrea no Estado é importantissima ; conta ella as seguintes estradas, que a 31 de Dezembro de 1902 tinham ao todo 3.610 kms. de linha :

— S. Paulo Railway, de Santos a Jundiahi (por S. Paulo), com 139 kms. (4 h. de viagem) ;

Seu tráfego e sua renda são extraordinarios. Em 1903 correram nella 56.837 trens com 769.001 vehiculos. A receita foi de 21.915 : 825$220, e a despesa de 11.032 : 595$740.

A S. Paulo Railway firmou em Outubro de 1904 accôrdo de tráfego mutuo com a Minas e Rio, para o transporte do café que se destina a Santos.

A São Paulo Railway comprometteu-se a receber, por intermedio da Central do Brasil, na estação do Braz, todo o café enviado pela Minas e Rio e transportar a Santos, entregando-o aos respectivos commissarios, á vista dos conhecimentos primitivos, e depositando em qualquer estabelecimento bancario de Santos ou de S. Paulo os fretes correspondentes á Minas e Rio, não pagando, porêm, juro algum por qualquer quantia que, pela necessidade do serviço, venha a ficar em seu poder.

— Companhia Mogiana, de Campinas a Catalão (por Casa-Branca, Ribeirão-Preto, Franca, Jaguára e Uberaba), — com estes ramaes :

Sta Rita do Paraiso, de Ribeirão-Preto a Jussára, 66 kms. ;
Sertãozinho, de Barracão a Sertãozinho, 24 kms. ;
Espirito-Sto do Pinhal, de Mogi-guassú a E.-Sto do Pinhal, 37 kms. ;
Poços de Caldas, de Cascavel a Poços (2 h. 45 m.) ;
Amparo, de Jaguari a Monte-Alegre, 48 kms. ;
Silveiras, do Amparo a Serra-Negra, 41 kms. ;
Penha, de Mogi-mirim a Sapucahi, 50 kms. ;
Rio Pardo, de Casa-Branca a Canôas, 72 kms. ;
Extensão total em tráfego : 1.298 kms. de linha e 92 kms. de desvios ;

Passageiros transportadas em 1903 : — 1.194.722;
Mercadorias transportadas em 1903 : — 503.329.990 klgr.
Receita total — 16.528:007$825; despêsa — 9.076:911$366.
Extensão de fios telegraphicos : 4.758 kms.

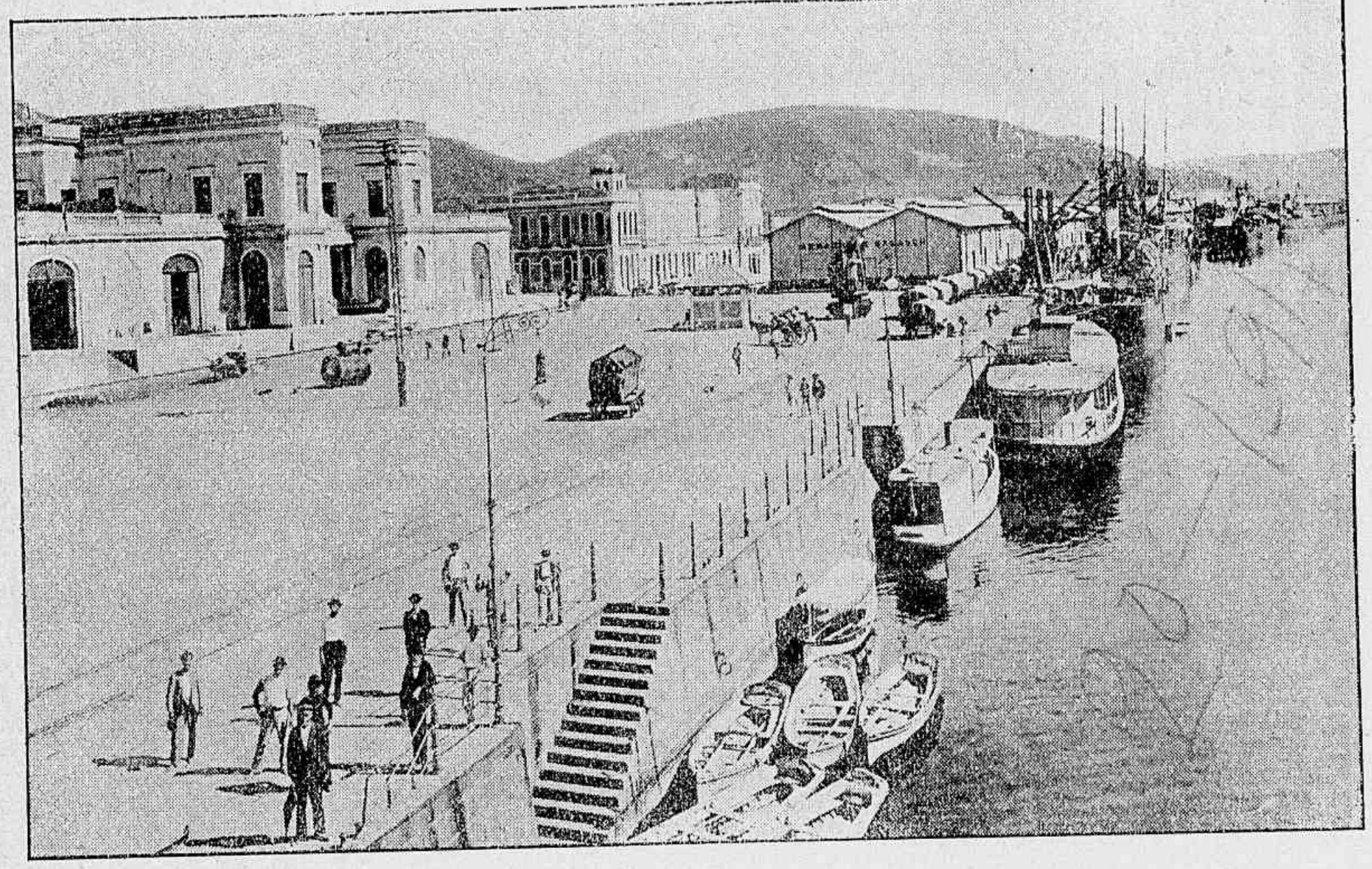


São Paulo. — Palacete H. Burchardt.

São notaveis e typos de perfeição as novas officinas construidas por esta companhia em Campinas.

— Companhia Paulista de Vias Ferreas e Fluviaes, de Jundiahi a Descalvado (por Campinas, Limeira, Cordeiro e Pirassununga) com 224 kms. de linha principal, e mais os seguintes ramaes :

Ramal dos Agudos (Dous-Corregos a Piratininga), 123 kms.
Cordeiro a Rio-Claro, com 17 kms. (24 m.);
Laranja-Azeda a Sta Veridiana — 38 kms. (1 h. 12 m.);
Porto-Ferreira a Sta Rita — 27 kms. (1 h. 28 m.);
Descalvado a Aurora — 14 kms. (57 m.);
Rio-Claro a Jaboticabal — 224 kms. (7 10 h. m.);
Jaboticabal a Bebedouro — 53 kms.;
Visconde do Rio-Claro a Jahú — 133 kms. (4 h. 22 m.);
S. Carlos a Sta Eudoxia — 63 kms. (2 h. 3 m.);



Santos. — Vista do porto.

S. Carlos a Ribeirão-Bonito — 41 kms. (1 h. 18 m.).
Rincão a Pontal — 93 kms.
Ao todo, 1.034 kms. de via ferrea em tráfego.
Seu movimento financeiro em 1903 foi este: receita 20.101:754$102, e despesa 9.571 : 201$000.
— E. F. Sorocabana e Ituana, em 1904 adquirida pelo govêrno da União e em 1905 vendida as Estado de S. Paulo, com estas linhas:
S. Paulo a Cerqueira Cesar — 421 kms., 211;
Boituva a Itapetininga — 65 kms.;
Cerquilho a Tieté — 8 kms. 690;
Victoria a Porto-Martins — 30 kms., 082;
Treze-de-Maio a Araguá (sub-ramal) — 8 kms., 677
Capão-Bonito a Agudos — 95 kms., 247;
Itú a Mayrink — 53 kms.;
Jundiahi a Itú — 67 kms., 731;
Itaici a S. Pedro — 149 kms., 425;

LIVRARIA COLLEGIAL E ACADEMICA DE

PEDRO DE S. MAGALHÀES

27, *Rua do Commercio*, 27

Caixa Postal, 103

S. PAULO-BRASIL

Variado sortimento de livros Collegiaes, Academicos—Medicina, Jurisprudencia, Romances, Dramas, etc.

EM PAPELARIA possue este estabelecimento um variado sortimento de papeis **commerciaes**, Diplomatas e Almassos, cujos preços têm feito admirar muitos compradores que acham os preços insignificantes. Tintas para copiar e escrever, Pennas, Lapis, Canetas possue egualmente escolhido sortimento.

Livros para Crianças. Enorme variedade entre os quaes se destacam o « João e a Joanna Patusca » que andam sempre a cantar — triolé — triolá interessantissimos, livros cheios de gravuras escolhidas por Dona *Miloca* — Bibliophila das *crianças*.

Livros para a Dona de Casa possue este estabelecimento variado sortimento onde se *destaca* o **Thezouro das Familias** ou encyclopedia dos conhecimentos da vida pratica. *Manual do Jardineiro*, interessante livro de noções praticas do cultivo das flores. Manual de criação de coelhos, gallinhas, etc.

EM JURISPRUDENCIA encontrarão os snrs. Jurisconsultos os livros mais modernos e de maior valor Juridico, assim como as obras mais recentes em **Medicina, Mathematica, Litteratura,** etc.

Variada collecção de **Livros Religiosos** e Escolares.

CARTÕES POSTAES grande manufactura; Importação e exportação para todos os Estados do Brasil.

Uma ligeira visita á

LIVRARIA MAGALHÀES

dar-lhe-ia magnifica impressão do variado conjuncto dos artigos ali expostos e vendidos a preços da **Epocha** (isto é baratissimo).

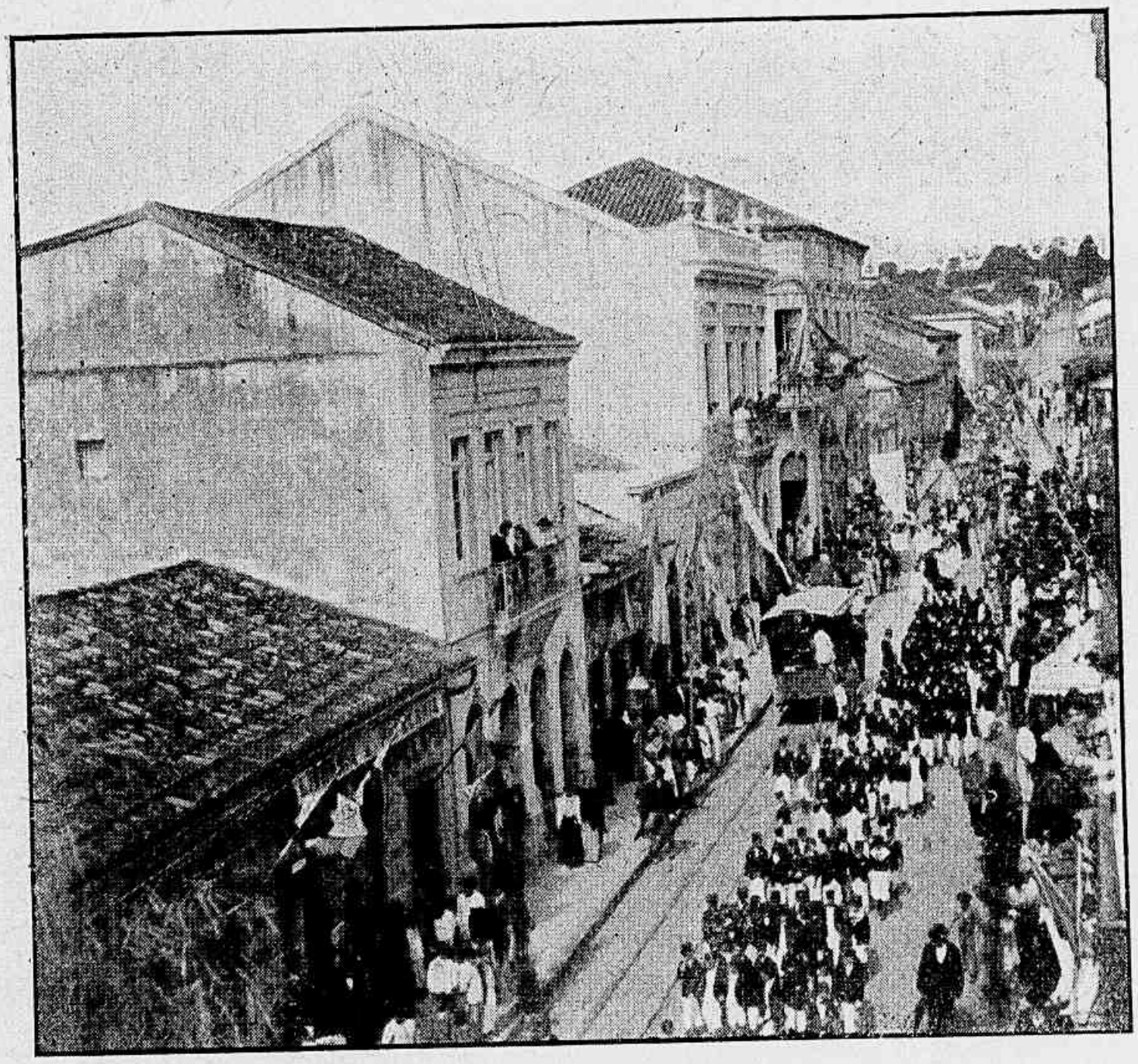
Este estabelecimento possue o maior deposito das edições da **Livraria H. GARNIER,** remette **catalogos** e informações a quem lh'as solicitar; os pedidos devem ser derigidos á Livraria de Pedro de S. Magalhães.

Chaves a João-Alfredo — 17 kms., 428.

Total — 912 kms., 8.

Em 1903 a receita foi de 10.097:048$000; e a despesa de 6.697:089$000.

— Estrada de Ferro Bragantina, de Campo-Limpo a Bragança, com 52 kms. (2 h. 27 m.), hoje propriedade da S. Paulo Railway, que pretende prolonga-la até Ouro-Fino, passando por Soccôrro.



Campinas. — Rua Barão de Jaguara.

— Companhia Itatibense, de Louveira a Itatiba, com 21 kms. (55 m.).

— Companhia E. F. do Dourado, com 20 kms.

— E. F. Araraquara, de Araraquara a Ribeirãosinho, 83 kms.

Ligada á rêde da Paulista, ha uma linha de navegação no Mogiguassú, do Porto Ferreira a Pontal, com a extensão de 136 kilom., e outras dão transporte nos rios Tieté, Piracicaba e Ribeira do Iguape.

Em 1904 tractou-se da fusão das duas comp. Paulista e Mogiana; feita esta, comprar-se-hia a Sorocabana e se faria a ligação das trez redes, uniformizando as tarifas. Este plano todavia não vingou.

A grande industria agricola do Estado é a do café, que produz com exuberancia, graças á uberdade e qualidades especiaes do sólo. A producção de café de S. Paulo no anno de 1902-1903 foi estimada em 7.750.000 saccas de 60 kilos, isto é, cêrca de metade do café produzido em todo o mundo. No anno de 1903 este Estado exportou 473.667.486 kilos de café, no valor official de 201.324:425$035. A depreciação do genero, porêm, collocou a lavoura paulista em situação penosa, que suscitou medidas urgentes do Poder Legislativo e novas applicações dos capitaes.

Em 100 municipios que prestaram em 1903 informações estatisticas havia 354.104.175 pés de café, podendo-se calcular que nos outros 72 municipios do Estado esse numero seja approximadamente de 250.000.000, o que dará o total de 604.104.175 cafeeiros. A industria vinicola progride em S. Paulo.

O algodão e os cereaes começam novamente a ser cultivados e da mangabeira silvestre, que abunda nos Campos Novos do Paranapanema, se extrahe borracha. Ha ferro de excellente qualidade e abundantissimo em Ipanema, e schistos ricos de oleo em Taubaté, marmores em varios pontos do Estado,

prata em Iporanga, ouro em Apiahi. A canna de açucar, trabalhada em bons engenhos centraes, dá bem na margens do Parahiba; o arroz de Iguape é de primeira qualidade.

A importação de S. Paulo em 1902 deu a renda de 34.907:033$000, e no 1º semestre de 1903 — 15.424:574$000.

A receita arrecadada em 1903 foi de 34.127:184$992, e a despesa effectivamente paga — 40.742:990$452.

A divida do Estado, externa e interna, em 31 de Dezembro de 1903 era de 22.573:748$583; a divida activa orça por 36 mil contos. Em 1901 entraram no Estado 71.782 immigrantes, sendo 22.000 espontaneos; mas nos annos seguintes esse número foi menor. No anno de 1904 a alfandega de Santos rendeu: 32.955:610$000.

Cidades principaes. — S. Paulo (capital), uma das mais bellas da União, reconstruida e augmentada com apuro artistico nestes ultimos 15 annos, divide-se em duas partes: o centro commercial de grande movimento, com os bairros da Luz, Sta Anna, Sta Iphigenia, Consolação, Sta Cecilia, Campos Elyseos e Bom-Retiro, — e a parte que comprehende a extensa baixada do Braz até Mooca, Pari e Penha. Sua área orça por 33.000.000 de metros quadrados, e a população por 280.000 habitantes.

Rica de edificios monumentaes e bellas avenidas, a



S. Paulo. — Estação da Luz.

cidade ostenta entre outras cousas: o Palacio do Governo, situado numa praça onde se acham tambem as secretarias da Justiça e das Finanças, a vasta e bem organizada Escola Normal, a recente Escola Polytechnica, o Quartel da Luz restaurado, o Viaducto do Chá, a importante Hospedaria de Immigrantes; um pouco mais arredado da cidade o bellissimo Monumento do Ipiranga, onde funcciona actualmente o Museu do Estado, a esplendida estação da Companhia

Ingleza Santos a Jundiahi, que é talvez a mais notavel construcção da America do Sul no seu genero. São numerosissimos os edificios particulares de bella architectura.

A cidade é abastecida de boa agua potavel derivada da serra da Cantareira, orçando o fornecimento diario por 30 a 35 milhões de litros; sua rêde de exgottos tinha em 1904 o desenvolvimento de 749.047m,85. Extensas linhas de bondes estabelecem facil communicação entre os pontos extremos e o centro da capital.

A receita da municipalidade de S. Paulo em 1903 foi superior a 4.078:000$, e para 1905 foi orçada em 3.962:069$756.

— Santos é o grande porto commercial do Estado; passou nos ultimos doze annos por consideraveis melhoramentos, figurando em primeira linha as suas magnificas Docas., e depois os grandes trabalhos de saneamento da cidade. No anno de 1902 o movimento maritimo foi este: navios entrados — 956, saïdos — 942.

Seguem-se-lhe importantes cidades do interior, como: Campinas (cognominada *Princeza d'Oeste*) com bella matriz (80.000 habs.); Amparo, illuminada por luz electrica, bello passeio público, theatro e agua encanada (50.000 habs.); Rio-Claro, de perfeito alinhamento (40.000 habs.); Jundiahi (25.000 habs.); Itú; com muitos edificios religiosos e um grande Gymnasio; Piracicaba, juncto ao rio do mesmo nome, cujo salto é de grande belleza (35.000 habs.); Taubaté; Sorocaba — famosa pelas suas antigas feiras de animaes, Jacarehi, Bragança, Lorena, Guaratinguetá, Pindamonhangaba, etc.

E' presidente de S. Paulo o dr. Jorge Tebyriçá, e bispo da diocese d. José de Camargo Barros, transferido do Paraná.

O poder legislativo do Estado é exercido pelo Congresso, que se compõe de duas camaras: Camara dos Deputados e o Senado, aquella com 3 annos de mandato, e este com seis annos renovando-se por metade triennalmente. O Congresso reune-se a 7 de Abril de cada anno.

O poder executivo é exercido por um presidente eleito por 4 annos.

O judiciario o é por um Tribunal de Justiça, juizes e jurados.

O Estado possue 172 municipios.

RESUMO HISTORICO

A expedição portugueza, que em 1501 veio ao Brasil sob o commando de André Gonçalves, foi a primeira que tocou em territorio de S. Paulo, visitando S. Sebastião e Cananéa.

Martim Affonso de Sousa em 1531 aportou á ilha do Abrigo, e em 1532 á ilha Induá-guassú, que elle chamou de S. Vicente, e alli iniciou um estabelecimento, que vingou graças ao auxilio de João Ramalho e de Tebireçá, cacique dos Guaianazes. A colonização da terra começou logo em seguida, e no mesmo anno Martim Affonso subiu aos campos de Piratininga, localidade que depois povoada se denominou S. André da Borda do Campo.

Na distribuição das capitanias em 1534, couberam ao mesmo Martim Affonso 100 leguas desde o rio Macahé até 12 leguas ao Sul de Cananéa, exceptuado um pequeno

trecho intercalar, que foi dado a seu irmão Pero Lopes de Sousa. Estava pois na capitania de S. Vicente comprehendido o territorio do actual Estado de S. Paulo.

Seguiu-se a S. Vicente a fundação de Santos por Braz Cubas, e a de S. Paulo pelo famoso jesuita José de Anchieta em 1554. Esta ultima progrediu mais rapidamente, constituindo-se pelo tempo adeante o centro propulsor do povoamento dos sertões pelas célebres bandeiras paulistas.

Em 1641, quando alli chegou a noticia da restauração de Portugal, diz-se que o povo amotinado e já cogitando em independencia se recusára a acclamar o rei d. João IV e pretendêra proclamar para seu rei a Amador Bueno da Ribeira, o qual obstinadamente rejeitou a honra offerecida.

Os « bandeirantes » com as suas expedições aventurosas pelo interior do paiz, em busca de indios e de minas, encheram o seculo XVII e boa parte do seguinte. Fernão Dias Paes, Affonso Sardinha, Manuel da Borba Gato, Antonio Rodrigues Arzão, Bartholomeu Bueno de Siqueira, Bartholomeu Bueno da Silva — o « Anhanguera », Paschoal Moreira Cabral e muitos outros prestaram assim enormes serviços á exploração e povoamento do solo, por elles devassado em todas as direcções com estupenda coragem.

Em 1720 desligou-se da capitania de S. Paulo, para constituir capitania especial, o territorio de Minas-Geraes, e em 1749 o mesmo succedeu aos vastos territorios de Goiaz e Matto-Grosso.

Quando no Rio de Janeiro se desenrolaram os agitados successos precursores da independencia, de 1821 a 1822, tambem em S. Paulo não foi pequena a commoção. Logo que alli chegou a noticia do movimento liberal do Porto e do que se passava na capital por esse motivo, José Bonifacio concertou com amigos o plano de uma nova organização administrativa e acclamou-se uma juncta ou govêrno provisorio presidido por João Carlos Augusto de Oyenhausen.

Surgiram porêm divergencias graves; projectou-se a conspiração conhecida pelo nome de « Bernarda de Francisco Ignacio », cujo intuito principal era consolidar a antiga preponderancia portugueza; rebentou o movimento de 23 de Maio de 1822, contra o qual protestaram camaras de outras cidades, e repetiu-se o motim a 19 de Julho. Estes acontecimentos induziram o principe regente a partir para S. Paulo; effectivamente no dia 25 de Agosto, alli chegando, tomou providencias para manter a ordem, dissolveu o govêrno provisorio e a 5 de Septembro partiu para Santos. No dia 7, de regresso a S. Paulo, e ao passar pelo Ipiranga, recebeu as mais graves noticias sôbre a attitude violenta das Côrtes portuguezas; comprehendeu então que já não era licito conter a onda e soltou o grito — *Independencia ou morte!* —

O delirio dos Paulistas, ao receberem-n'o na cidade, foi indescriptivel. D. Pedro d'alli partiu a 10 de Septembro com destino ao Rio de Janeiro.

Proclamada a independencia do Brasil, S. Paulo, na qualidade de provincia do Imperio, teve por primeiro administrador um govêrno provisorio que tomou posse a 9 de Janeiro de 1823, e depois, por primeiro presidente Lucas Antonio Monteiro de Barros (mais tarde visconde de Congonhas), que tomou posse a 1 de Abril de 1824.

A 11 de Agosto de 1827 foi alli creada a Faculdade de Direito.

A marcha progressiva da provincia foi levemente perturbada em 1842 por uma revolução, que o partido liberal suscitou contra a politica conservadora do gabinete de 23 de Março, o qual promulgára a creação do Conselho de Estado e a reforma do Codigo do Processo. A rebellião, chefiada pelo coronel Rafael Tobias de Aguiar, rebentou em Sorocaba a 17 de Maio e logo repercutiu em outras cidades; foi acclamado presidente da provincia o mesmo Rafael Tobias. Não tardou porêm a repressão, feita pelas forças legaes ao mando do barão de Caxias, o qual, entrando victorioso em Sorocaba a 20 de Junho, prendeu varios cabeças da revolta.

O periodo que se seguiu á pacificação foi brilhantemente dedicado pelos Paulistas ao

desenvolvimento de sua riqueza agricola, á construcção de estradas de ferro que a toda parte levaram progresso e luz, ao incremento enorme da immigração, á propagação da instrucção pública.

O magno problema da abolição da escravatura, que teve seu memoravel epilogo na lei de 13 de Maio de 1888 assignada pela princeza regente d. Isabel e referendada por um Paulista — o conselheiro Antonio da Silva Prado, teve em S. Paulo grandes propulsores — Luiz Gama e Antonio Bento de Sousa e Castro, que desde 1880 iniciaram a campanha com desusado vigor.

Tambem na adeantada provincia de S. Paulo teve andamento mais accentuado a ardente propaganda republicana, que se seguiu ao Manifesto de 1870. A « Convenção de Itú » em 1873 foi alli o factor da arregimentação do partido, que a 15 de Novembro de 1889, pelo concurso do exercito e da armada, conseguiu vêr triumphante a sua causa.

Proclamada a Republica, S. Paulo na categoria de Estado teve por primeiro govêrno um triumvirato que tomou posse a 16 de Novembro; a 3 de Dezembro foi nomeado governador o dr. Prudente J. de Moraes e Barros. A Constituição do Estado foi promulgada a 14 de Julho de 1891.

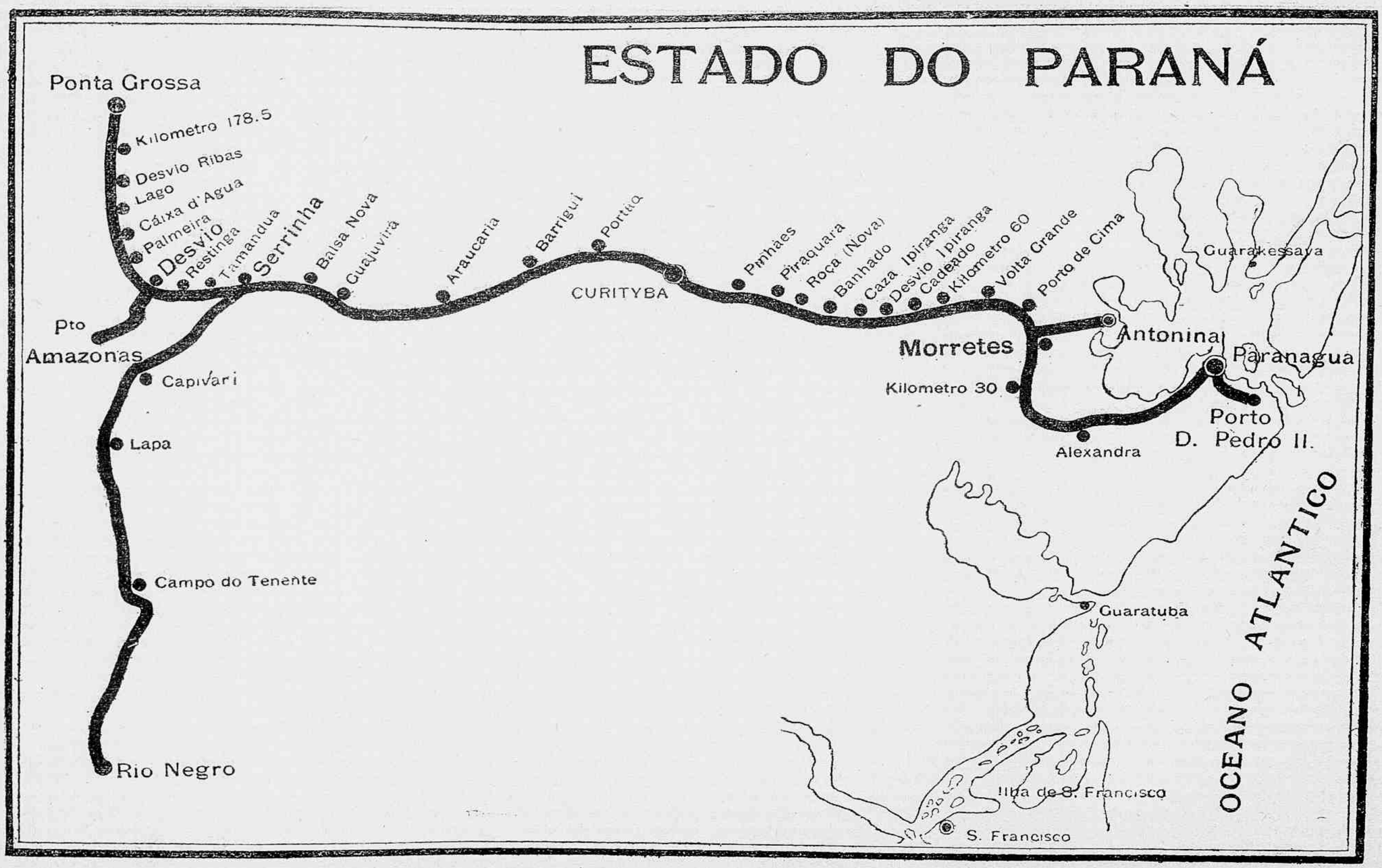
Foram distinctos filhos de S. Paulo : Alexandre de Gusmão — estadista, Bartholomeu Lourenço de Gusmão — o inventor dos aerostatos (1709), fr. Gaspar da Madre de Deus e F. Adolfo de Varnhagen — historiadores, os irmãos Andradas (José Bonifacio, Martim Francisco e Antonio Carlos) — collaboradores da independencia, Diogo Antonio Feijó — regente do Imperio, Gabriel J. Rodrigues dos Santos e José Bonifacio de Andrada e Silva — oradores parlamentares, Joaquim Corrêa de Mello — botanico, Manuel A. Alvares de Azevedo — poeta, José Ferraz de Almeida junior — pintor, Antonio Carlos Gomes — musico, Prudente J. de Moraes e Barros — presidente da Republica.

LIVRARIA H. GARNIER

Collecção das obras de WALTER SCOTT

Kenilworth
O Talisman
O Misanthropo
Waverley
A Prisão de Edimbourg
As Puritanos da Escocia
Quentin Durward
O Abbade
O Castello Perigoso
A Dama do Lago
A Desposada de Lamermoor
Guy Mannering
Woodstock
O Mosteiro

ESTADO DO PARANÁ



ESTADO do PARANA

Escala de 1:3.967.500

Estado de Matto Grosso

Estado de S. Paulo

Territorio disputado pelo E. de Santa Catharina

OCEANO ATLANTICO

Serra dos 5 Irmãos
Serra dos Dourados
Serra
Rio Ivahy
Rio Paranapanema
Rio Itarare
Rio das Cinzas
Rio do Peixe
Rio Pardo
Rio Forres
Rio Pereahy
Ilha das 7 Quedas
João
Rio
Rio Piquiry
Rio Iguarí
Salto das Sete Quedas
Rio Paraná
Rio Ligiuhi
Rio Natú
Rio S. Francisco
Rio Jegui-guassú
Rio Piracahy
Rio Bogy
Rio Iguassú
Rio Cuntuy
Rio Corumbatahy
Rio Tibagy
Rio Iapó
Rio Ribeirinha
Rio Varsea
Rio Negro
Rio Palmital
Rio Imbituva
Rio Jordão
Rio Caverinho
Rio Pitanga
Rio Ribeira
Rio Agua-assú
Rio Pitanga
Rio Umbarra
Rio Negro
Rio Tayarú
Rio Pardo
Rio Ribeirinha
Rio Negro
Rio Negro
Rio Negro

PARANÁ



Limites : ao N., S. Paulo ; ao S., Sancta-Catharina, Rio-Grande-do-Sul e Republica Argentina; a E. o Atlantico e Sancta-Catharina; a O., Matto-Grosso e Paraguai. Superficie — 240.000 kms qs. População — cêrca de 360.000 habs.

Divide-se em duas zonas : a do littoral, estreita e baixa, de clima quente e humido, — e a do planalto que vae da Serra do Mar ao rio Paraná, cuja altitude oscilla entre 200 e 1200 m., e onde a temperatura é amenissima e o clima similhante ao do Sul da Europa. Além da Serra do Mar que desce de S. Paulo, e que no seu ponto culminante no Paraná tem o nome de Marumbi (com 1810 m. de altitude), ha no Estado : a Serrinha (com 1215 metros em sua maior altura), a serra da Ribeira, Esperança (1365 m.), Apucarana, das Furnas, dos Agudos, da Ventania, dos Dourados e outras.



Dr. Vicente Machado, governador.

A zona elevada póde ser ainda subdividida em cinco zonas differentes e bem characterizadas : 1.ª o planalto de Curitiba (entre a Serra do Mar e a Serrinha); 2.ª os Campos-Geraes, vasto taboleiro formado de campos pontuados de capões entre a Serrinha e os sertões do Cinza e as florestas do valle do Tibagi); 3.ª o planalto de Guarapuava composto de campos famosos para a criação de gado; 4.ª a zona constituida pelos valles dos rios Iguassú, Jejuiguassú, Pequiri e S. João; 5.ª a zona que comprehende os valles do Ivahi e Tibagi. Estas duas ultimas estão cobertas de admiraveis florestas.



Brasilio F. da Luz, senador.

Grandes e importantes são os rios que cortam o territorio : o Paraná, formado pelo Paranahiba e pelo Grande, que vae desaguar no estuario do Prata, e que no seu percurso forma o famoso Salto das Septe Quedas ou do Guaïra, que é uma maravilha natural;

o Iguassú, com mais de 1.200 kms. de extensão o Tibagi, o Ivahi, o Paranapanema, o Negro, o Pequiri e outros de menor curso. A bahia de Paranaguá, com cêrca de 30 milhas de extensão, é uma das mais vastas e bellas do Brasil; segue-se-lhe em importancia, no Estado, a de Guaratuba.



Mor Alberto Gonçalves, senador.

Ha no Estado dous pharoes.

O Paraná possue duas estradasde ferro : E. F. do Paraná, resgatada pelo govêrno central em 1903, com as seguintes linhas :

Paranaguá a Curitiba — 111 kms. (3 h. 48 m.).

Curitiba a Ponta-Grossa — 190 kms. (8 h. 35 m.).

Serrinha a Rio-Negro — 88 kms. 915 (4 h. 3 m.).

Morretes a Antonina — 16 kms. 995 (39 m.).

Restinga-Sêcca ao Porto-Amazonas — 9 kms.

A receita de toda a estrada, em 1903, subiu 3.317:376$545, e a despesa a 1.710:761$095.

— Companhia S. Paulo a Rio-Grande, de cujas linhas se acha em tráfego o trecho de Jaguariahiva a Porto União, no Iguassú, com 463 kms., 028. Esta companhia começou egualmente a assentar a grande linha que, saïndo de S. Francisco em Santa-Catharina, vae atravessar o Estado de Paraná de L. a O. Subsiste entretanto uma grande e bella estrada de rodagem, a da Graciosa, que antes das vias ferreas foi o eixo de toda a circulação no Estado, de Antonina a Curitiba. Seu prolongamento, a Matto-Grosso, vae até Campo-Largo.

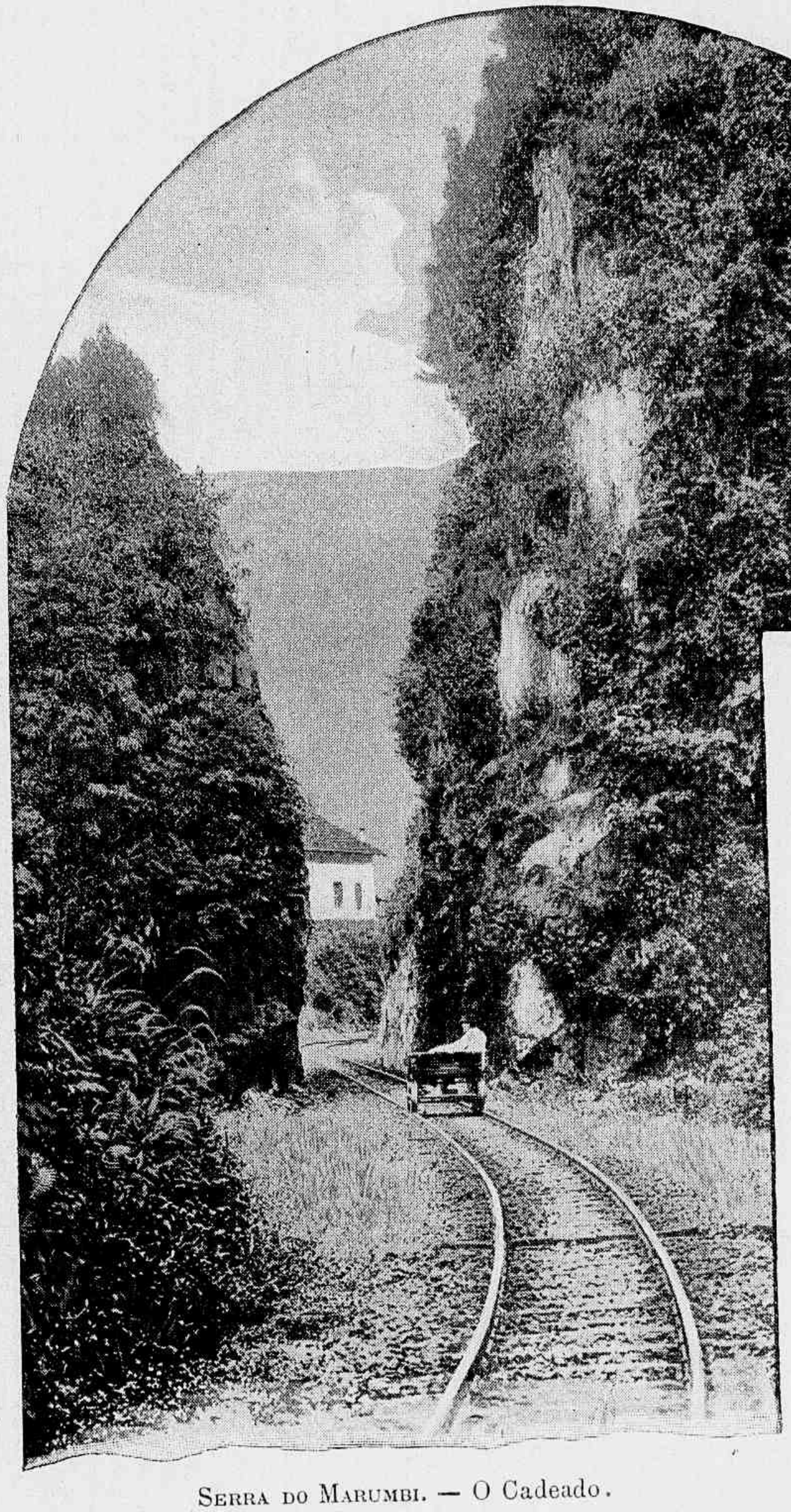


D. Duarte Leopoldo, bispo de Curitiba.

As duas grandes riquezas naturaes do Estado residem no excellente pinho — *Araucaria Brasiliensis* —, árvore corpulenta (35 m. de alt. × 1 m. 60 de diametro) que constitue verdadeiras florestas no planalto, e na herva matte que se colhe, prepara e exporta em grande escala. Os pinheiraes ainda não são convenientemente explorados, e ha 80 milhões de pinheiros, segundo um cálculo approximado ; de matte, no anno de 1901-02 exportou-se este producto no valor official de cêrca de 16.000: 000$000. No Paraná cultivam-se entretanto egualmente o feijão, o milho, a mandioca, o centeio, a vinha, a batata ingleza, sendo para notar o auxilio, neste particular, prestado pelas numerosas colonias de Allemães, Polacos e Italianos que se estabeleceram e prosperaram

nos terrenos de serra-acima no último quartel do seculo passado. Muitissimo ha ainda por fazer no que respeita á producção agricola, que alli encontra excepcionaes condições de clima. Só no municipio de Colombo a safra de vinho em 1903 orçou por 1.700 pipas.

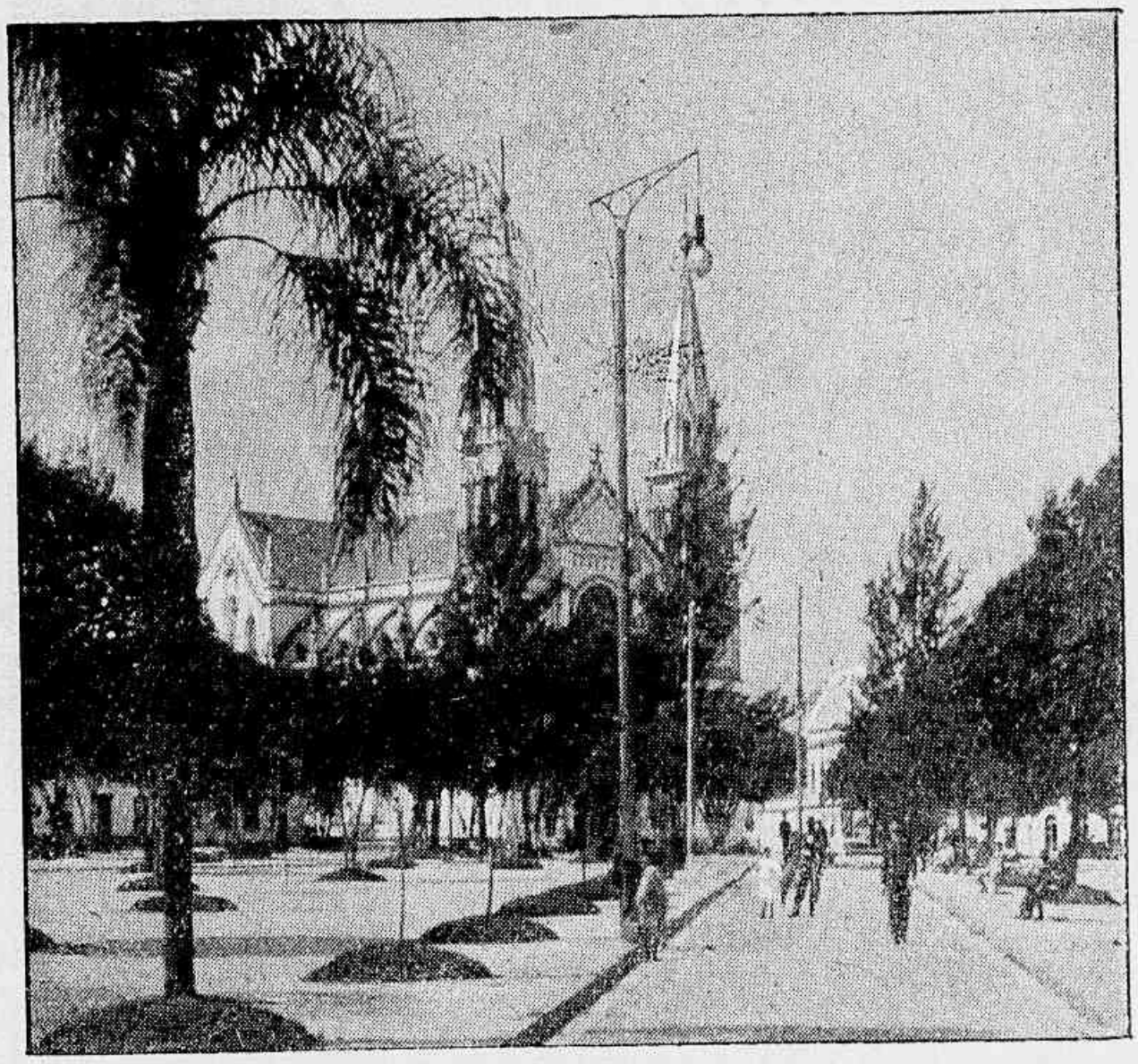
Ha ouro em Assungui, Vetuverava e em S. José dos Pinhaes; diamantes no valle do Tibagi; ferro por toda a parte e sobretudo perto de Antonina; mercurio em Palmeira; sal-gemma nas margens do Ivahi; bellos marmores em Bocaiuva; chumbo em Cerro-Azul; aguas mineraes em Votuverava e em Palmas á margem esquerda do Chapecó. No municipio de Imbituba, comarca de Ponta-Grossa, foi descoberta recentemente uma mina de carvão de pedra; o terreno occupa a area de 3.000 hectaros, e as amostras tiradas da camada superficial foram classificadas como « hulha gorda ».



Serra do Marumbi. — O Cadeado.

A exportação total do Estado em 1902 foi do valor de 16.162:695$000, e a importação no de 2.944:758$000. Nesse anno houve este movimento no porto de Paranaguá : navios entrados 325 com 188.570 ton.; saïdos 321, com 183.888 ton.

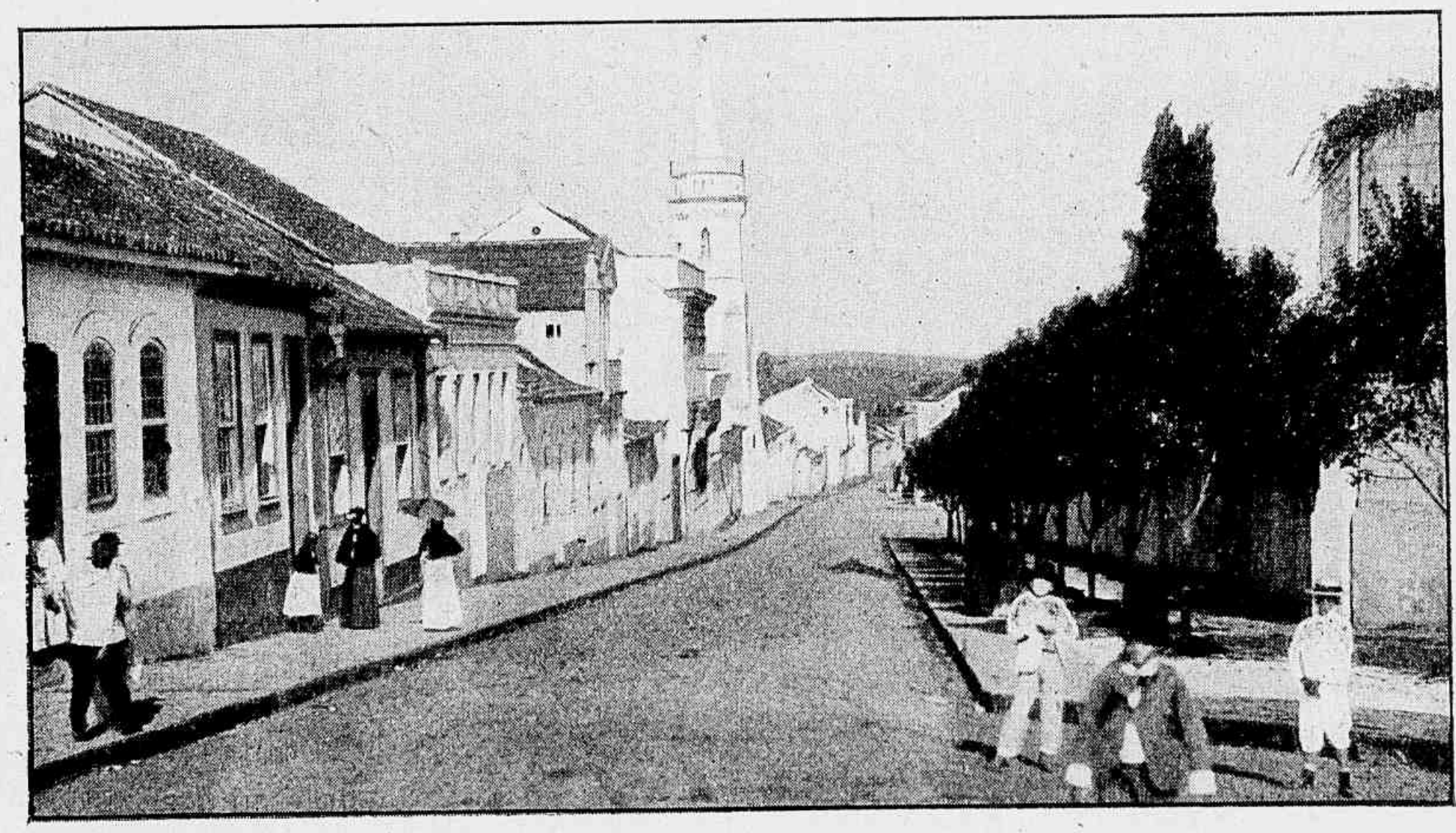
Receita orçada para 1904 : 2.823:212$665 ; despesa — egual quantia. No 1º semestre d'esse anno a alfandega de Paranaguá rendeu : 828.894$000.



CURITIBA. — Praça Tiradentes.

Cidades principaes. — CURITIBA (capital), collocada a 900 m. sôbre o nivel do mar, com 50.000 habs. Apezar de cidade nova, possue já edificios notaveis, como : o Palacio do Governo, o palacio do Congresso, a Sancta Casa da Misericordia, o Hospicio de N. Sª da Luz (para alienados e mendigos) inaugurado em 25 de Março de 1903, o edificio do Correio, a vistosa egreja cathedral que se inaugurou em 1893, o templo protestante dos Americanos. A cidade é illuminada por luz electrica. Em 1904 foram iniciados as grandes obras de abastecimento d'agua e construcção da rede de exgottos da cidade.

Seguem-se : Antonina (na bahia de Paranaguá), Campo-Largo, Castro, Ponta-Grossa, Paranaguá, Guarapuava, Lapa, Palmeira, Rio-Negro, S. José dos Pinhaes, etc.

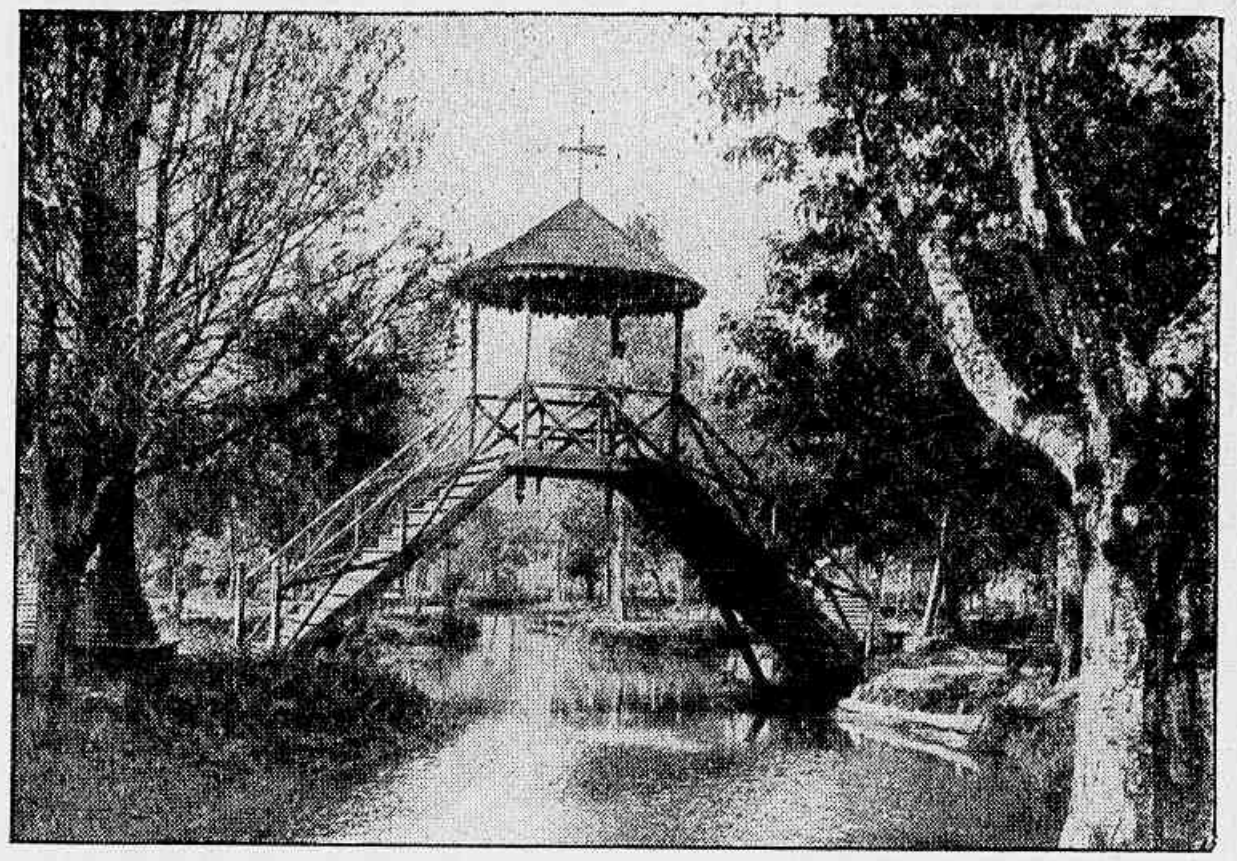


CURITIBA. — Rua São Francisco.

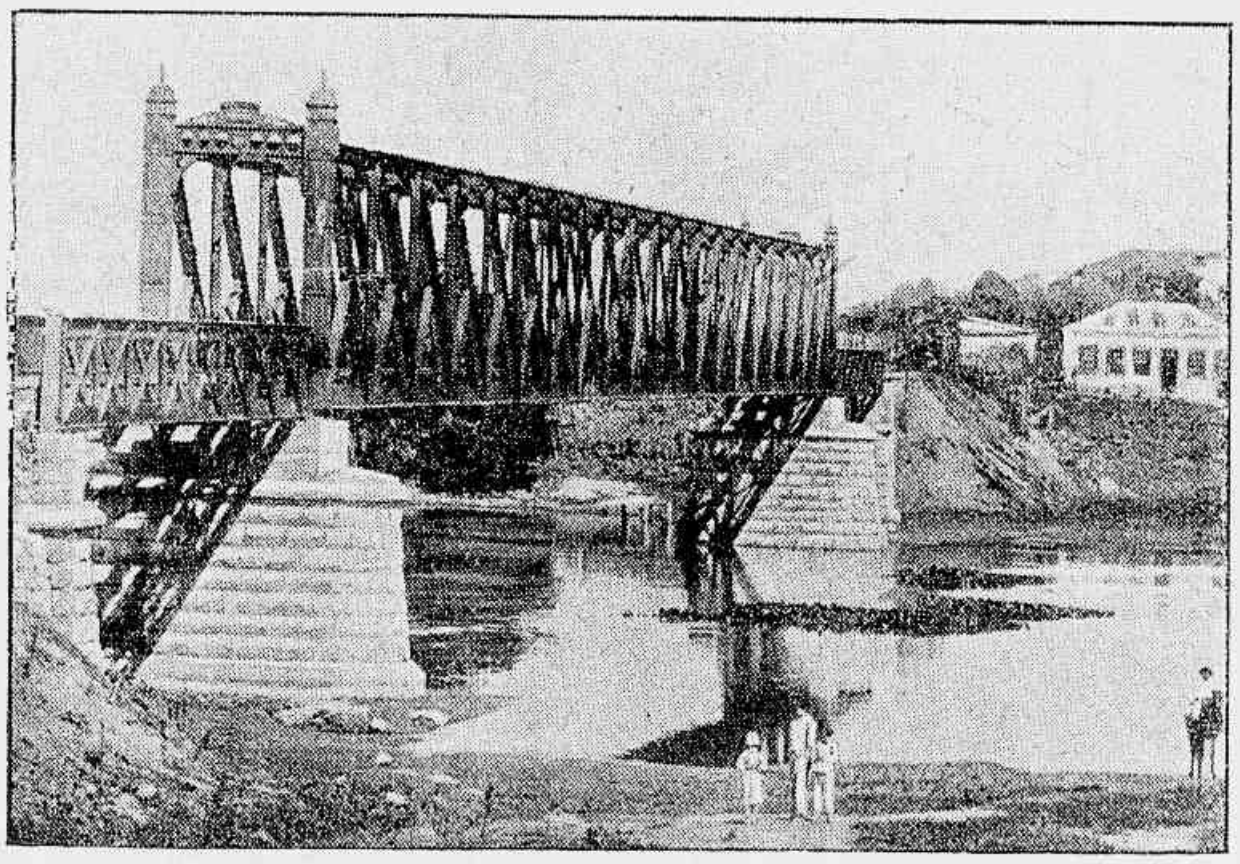
E' presidente do Estado o dr. Vicente Machado da Silva Lima, e bispo da diocese d. Duarte Leopoldo — sagrado em 1904.

O poder legislativo é delegado ao Congresso, que se compõe de 30 deputados eleitos por dous annos e se reune a 1 de Fevereiro.

O executivo é exercido pelo presidente do Estado, eleito por quatro annos. O



CURITIBA. — Passeio Publico



Ponte em Castro, sobre o rio Yapó.

judiciario tem por orgãos: um Superior Tribunal de Justiça composto de ministros; juizes de direito nas comarcas; tribunaes do jury nos termos, e juizes districtaes nos districtos.

O Estado é dividido em 39 municipios, tendo cada um d'elles uma Camara Municipal e um prefeito, todos eleitos por quatro annos.

RESUMO HISTORICO

O territorio da antiga provincia, hoje Estado do Paraná, foi naturalmente conhecido em parte pelos primeiros exploradores da costa brasileira, mas é muito incerto tudo quanto se refere a este ponto durante o seculo XVI. Attribue-se a Heliodoro Ebano Pereira a fundação dos povoados de Paranaguá e Curitiba nos primeiros annos do seculo XVII; esses dous nucleos de população se foram desenvolvendo no correr do tempo, graças á iniciativa dos colonos e á catechese feita pelos padres Jesuitas, vindo a ser cabeças dos dous municipios do mesmo nome e pertencentes á capitania de S. Paulo. Só em meiados do seculo XVIII se iniciou a exploração regular da parte occidental e meridional do territorio; os famosos campos de Guarapuava foram descobertos em 1770 por Candido Xavier de Almeida e Sousa.

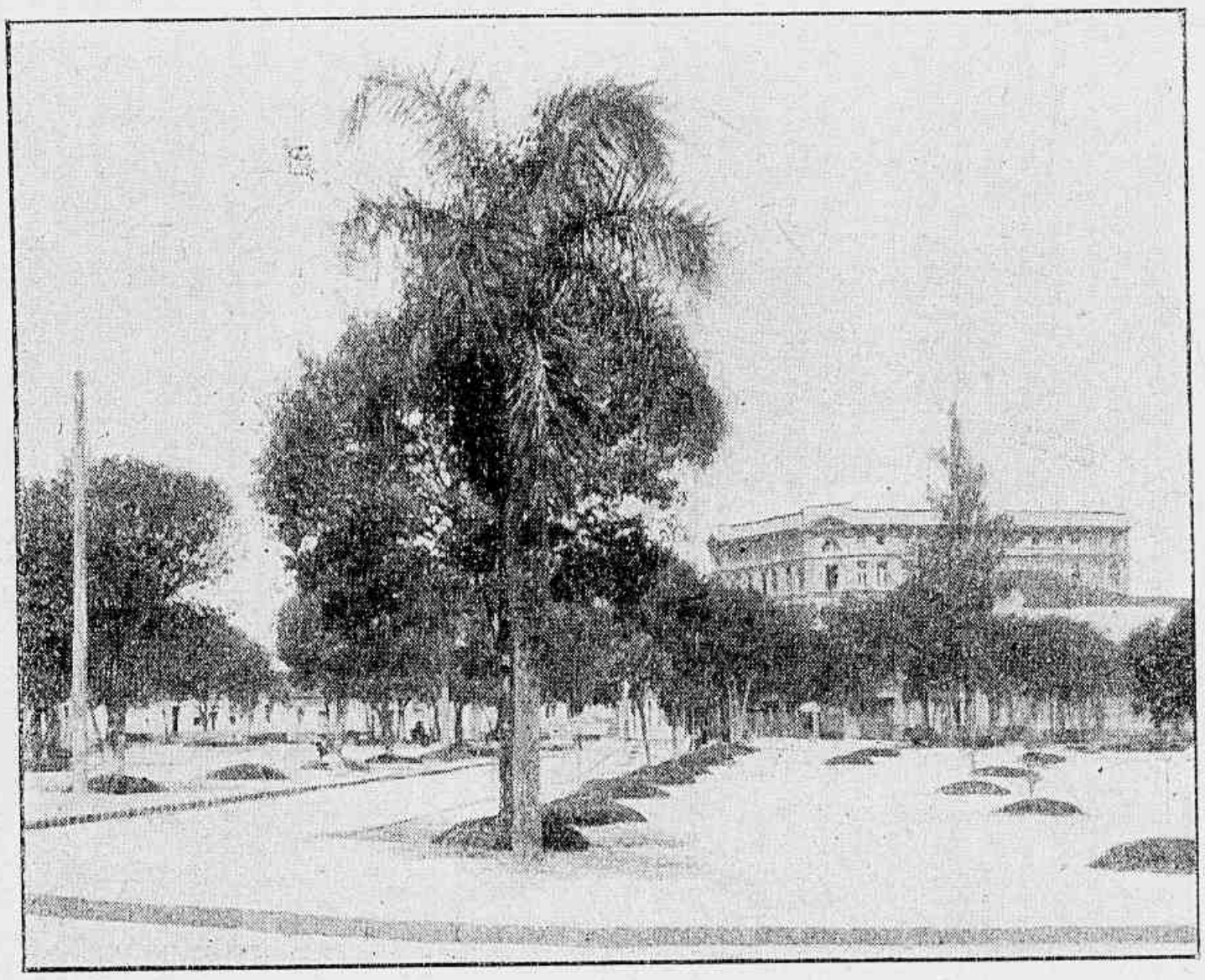
O Paraná foi elevado a comarca em principios do seculo passado, sendo séde da ouvidoria, primeiro Paranaguá e depois Curitiba; era Castro o terceiro termo da comarca. Com o progresso natural das villas creadas e o subsequente augmento da população surgiram as aspirações de autonomia administrativa, que a organização do Imperio em 1822 ainda não concedêra ao Paraná; esta autonomia veio por fim com o decreto de 29 de Agosto de 1853, que o desmembrou de S. Paulo, elevando-o a provincia. Foi seu primeiro presidente o conselheiro Zaccharias de Góes e Vasconcellos, e a ceremonia

da installação da provincia se realizou a 9 de Dezembro do mesmo anno. Data d'ahi o incremento da viação, da colonização e das industrias : a estrada da Graciosa foi concluida em 1875, e a bellissima estrada de ferro que de Paranaguá vae ao planalto se inaugurou em 1884.

Em 1889, feita a Republica, passou a Estado da Federação, tendo por seu primeiro governador eleito o dr. Generoso Marques dos Santos.

Em 1893 e 1894, por occasião da guerra civil, foi o Paraná theatro de luctuosos acontecimentos; dominado algum tempo pelos revoltosos, que tomaram a Lapa (heroicamente defendida pelo general Gomes Carneiro), Paranaguá, Curitiba e outros pontos, volveu ao dominio do governo legal graças ás forças militares expedidas do Rio-de-Janeiro e de S. Paulo.

Foram filhos illustres do Estado do Paraná : o barão de Serro-Azul, o desembargador Agostinho Ermelino de Leão, o dr. Leocadio José Correia, Dias da Rocha filho, os viscondes de Nacar e de Guarapuava, os drs. Manuel Euphrasio Corrêa, João José Pedroza, Joaquim de Almeida Faria Sobrinho e Jesuino Marcondes de Oliveira e Sá, alêm de outros.



CURITIBA. — Praça Tiradentes.

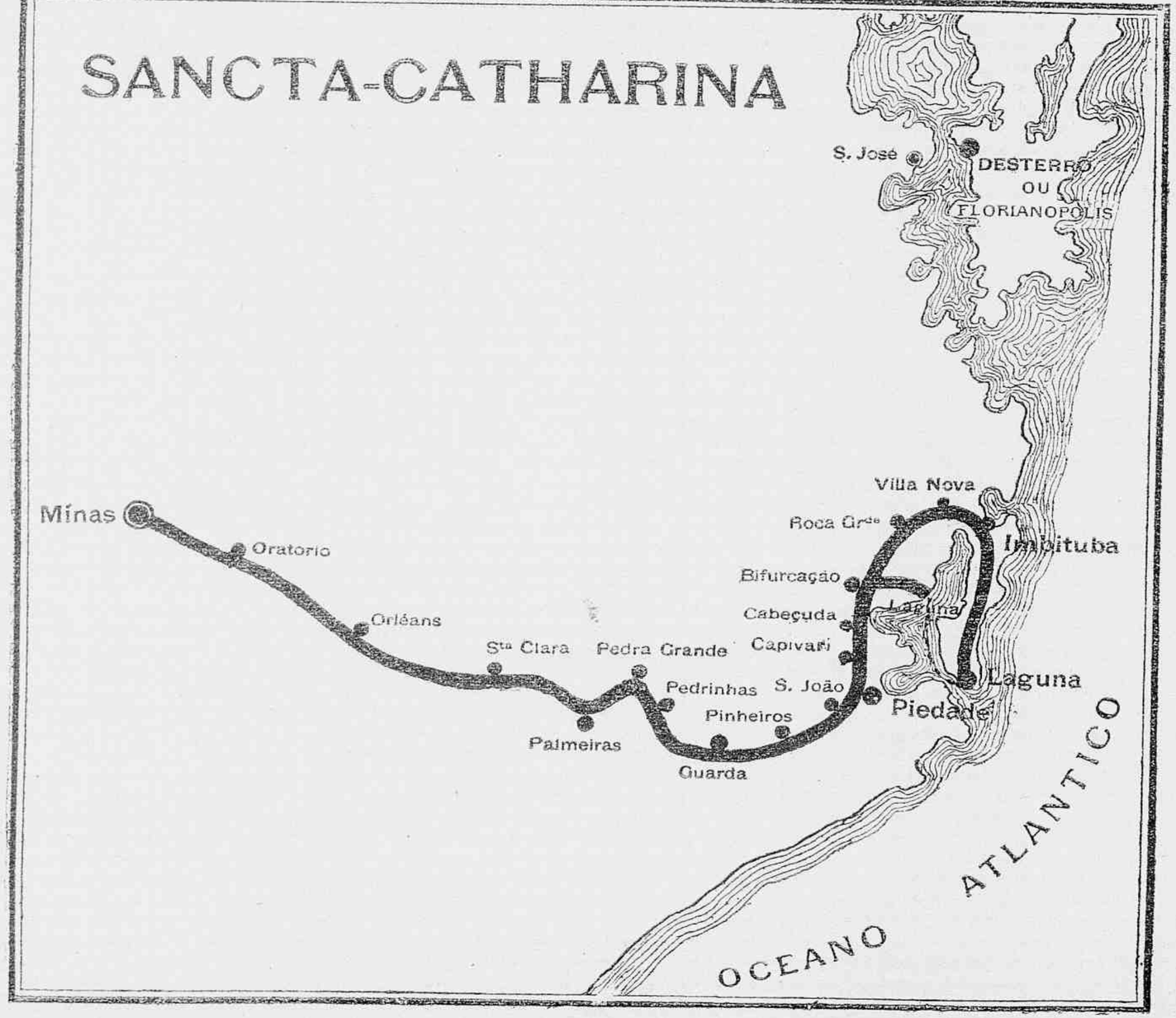
O multimillionario Rockefeller, norte-americano, elevou de um milhão a seis milhões o seu donativo para a fundação de um instituto, em que se estudem os meios de curar a tuberculose.

O instituto terá a sua séde em Nova-York e compôr-se-ha de um laboratorio, um museu de hygiene popular e um hospital.

Será dirigido pelo snr. Flexner, da Universidade da Pensylvania, publicará um periodico de medicina experimental e dará conferencias publicas.

Já foi enviado á Europa um certo numero de medicos para se entregarem a pesquizas especiaes e colherem o que houver de mais adeantado no assumpto.

SANCTA-CATHARINA



ESTADO de SANTA CATHARINA

Escala de 1:3.967.500

Escala de 1:906.250

Republica Argentina

Estado do Paraná

Estado do Rio Grande do Sul

Territorio contestado pelos Estados de Santa Catharina e Paraná de que o segundo está de posse

Serra de S. Antonio

Serra do Espigão

Serra Geral

Serra do Mar

Campos Palmas

Curitibanos

Lages

FLORIANOPOLIS

S. José

Itajahy

S. Francisco

Tubarão

Laguna

Araranguá

Rio Iguassú

Rio Negro

Rio Uruguay

Rio Itajahy do Norte

Rio Itajahy d'Oeste

Rio Itajahy-assú

Rio Tijucas

Rio Biguassú

Rio Massiambú

Rio das Canoas

Rio João Paulo

Rio Tubarão

Rio Araranguá

Rio Verde

Rio Capivary

Rio Embahu

Rio Maruhy

Rio Cubatão

Rio Moro

Rio Chapecó

Rio Chapecozinho

Rio Chopim

Rio Antonio guassú

Rio Pepery-guassú

Rio Arroyo

Ponta do Rapa

Ponta da Armação

Biguassu

Ilha de Santa Catharina

Ilha do Xavier

Ilha Campeche

Ilha Trez Irmãos

Barra do Sul

Ponta e pharol dos Naufragos

Serra do Cubatão

Malegues do Norte

Lagoa Grande

Bahia de S. Francisco

Ponta João Dias

Ilha de S. Fancisco Xavier

Ilha dos Tamboretes

Ilha dos Remedios

Paraty

Ponta e Porto de Itapocoroy

Porto de Itajahy

Ponta e Porto das Garopas

Ilha do Arvoredo

Ponta do Inglez

Ilha de Santa Catharina

FLORIANOPOLIS

Ponta Grossa

Porto de Garopaba

Porto de Imbituba

Ponta de Santa Martha pequena

Ponta de Santa Martha grande

Lagôa da Caveira

Lagôa do Morro Sombrio

OCEANO ATLANTICO

Minas

Garopaba

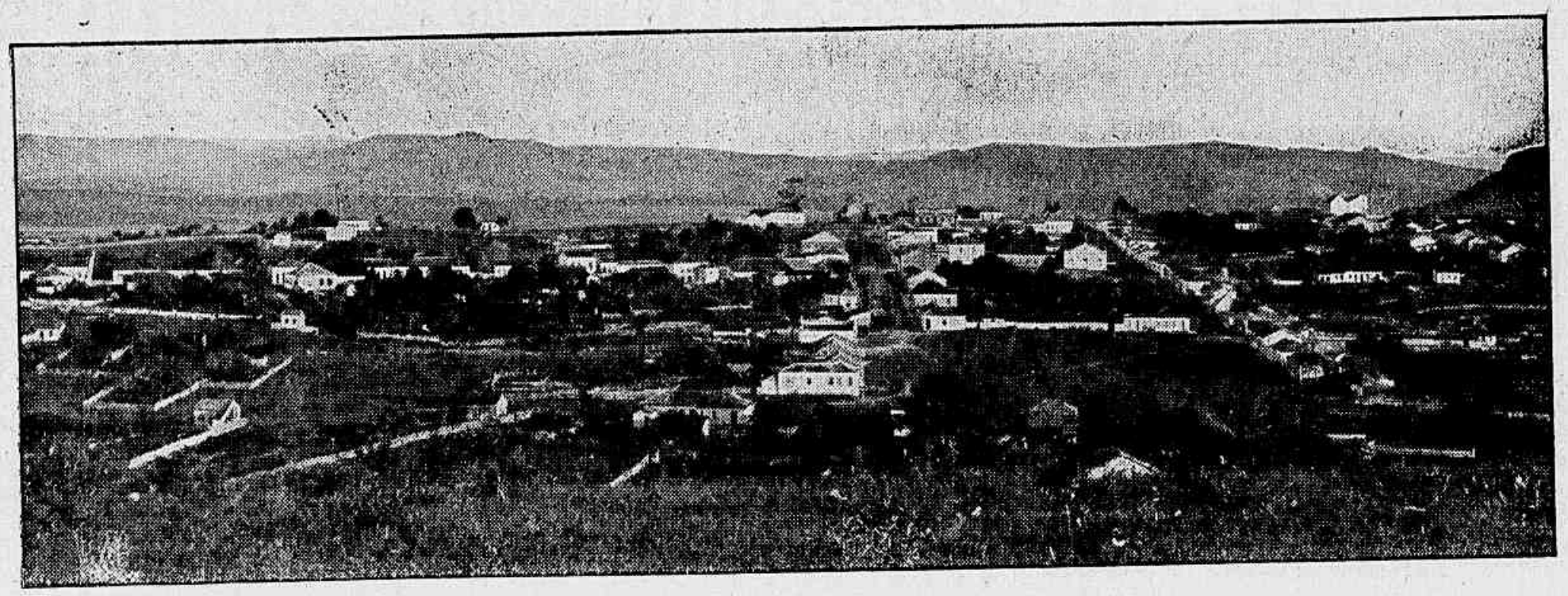
Tijucas

Biguassú

Cedro

Massiambú

Tourrette del.t



LAGES.

SANCTA-CATHARINA



Confina : ao N. com Paraná, ao S. com o Rio-Grande-do-Sul, a E. com o Atlantico, a O. com a Republica Argentina. Superficie 112.385 kms. qs. — População 406.000 habs.

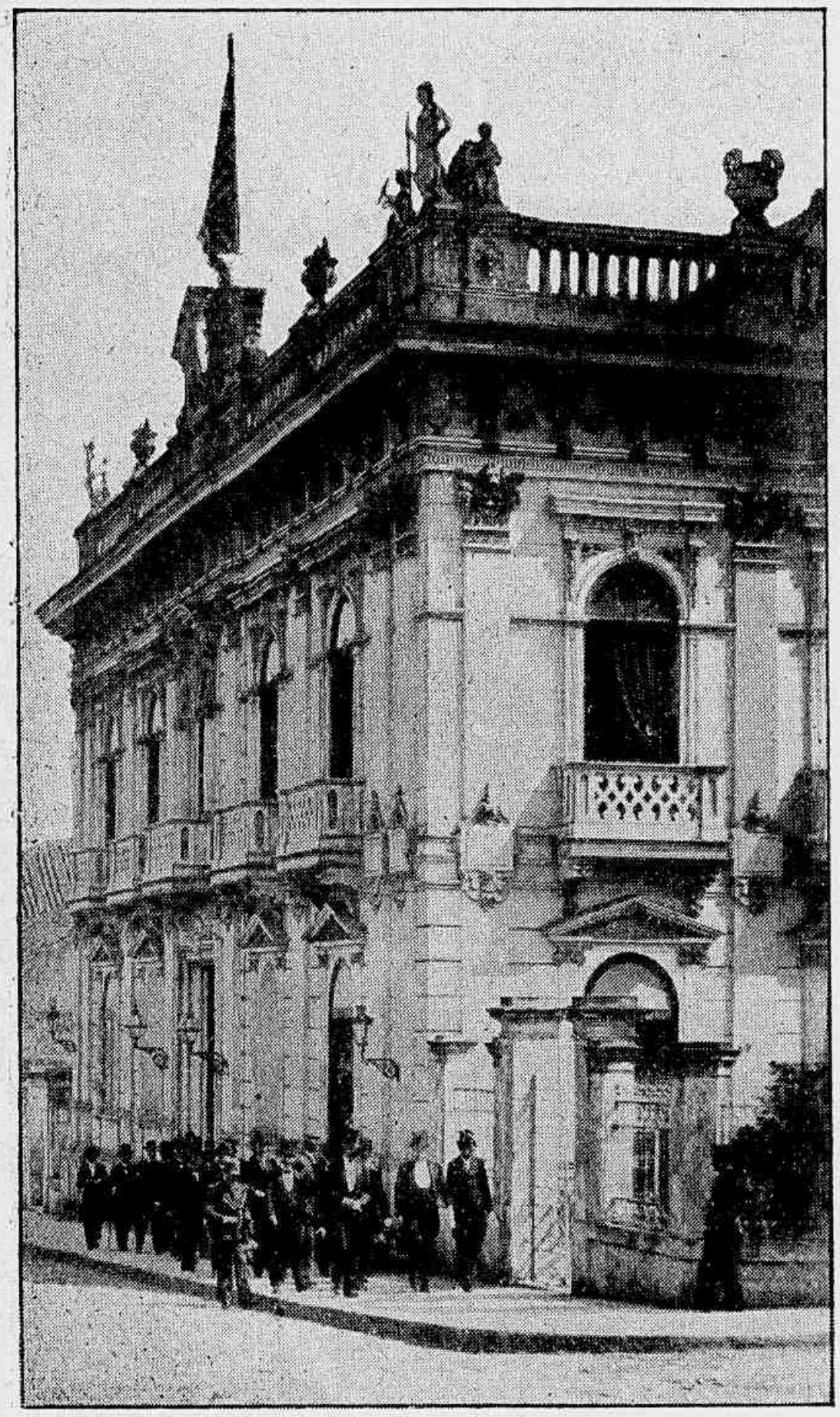
O solo apresenta duas regiões bem distinctas : a do littoral (que comprehende as duas grandes ilhas de S. Francisco e S^ta^ Catharina), mais cultivada e povoada, com formosos valles; e a do interior, mais alta, com extensas planicies mais ou menos onduladas, grandes florestas e cortada de volumosos rios.



Gustavo Richard, senador.

O Estado é percorrido pela Cordilheira Oriental ou Serra do Mar, da qual se esgalham para Leste e para o interior as serras de Tijucas, Itajahi, Tubarão, Espigão e outras. Seus principaes rios, além do Iguassú, que divide com o Estado do Paraná, são : o Itapocú, o Itajahi, o Tijucas, o Tubarão, o Araranguá, etc. As ilhas mais importantes são : a de S. Francisco, que tem approximadamente a forma de pentagono, e a ilha de S. Catharina onde está assentada a capital. Portos : Florianopolis, S. Francisco, Itajahi, Garopas, Imbituba e Laguna. Ha no Estado seis pharoes. Clima — em geral temperado e saudavel, mormente na região mais alta. A via ferrea do Estado é a E. F. Dona Theresa-Christina, de Imbituba ás Minas, com um pequeno ramal para Laguna, com 116 kms. de linha (7 h. de viagem). Trabalha-se no prolon-

gamento d'esta estrada ao porto de Massiambú, e estuda-se o ramal de Araranguá. Está tambem em andamento a grande linha de S. Francisco á foz do Iguassú, de que é concessionaria a Comp. S. Paulo ao Rio-Grande; esta linha, passando pela cidade Joinville, por S. Bento e pela colonia Lucena, irá entrar no Paraná pela colonia do Rio-Claro, cruzará em Roxo de Rodrigues a E. F. S. Paulo-Rio Grande, passará em Guarapuava e pelo valle do Iguassú irá ter á Colonia Militar, em frente á Republica do Paraguai. Em 1903 foi iniciada a respectiva exploração. Ha 7 pharoes na costa.



FLORIANOPOLIS. — Palacio do Governo.

As culturas mais desenvolvidas são as do café, canna, algodão, fructas, fumo, cereaes, mandioca; a criação de gado prospera facilmente, e já se exporta manteiga. Os hervaes de matte abundam, e juncto ao rio Tubarão ha minas de carvão de pedra que são exploradas com proveito. Este carvão, muito similhante ao japonez, deu pela analyse :

Humida	0,30 %
Mat. volateis...	33,40 %
Corbono fixo...	42,58 %
Cinzas	23,72 %
Enxofre	2,67 %

O movimento commercial e industrial vai crescendo sensivelmente. Em 1902 a importação teve o valor official de 2.418:772$000, e a exportação o de 7.274:212$949.

Em 1903 a Companhia Hanseatica introduziu 995 immigrantes.

A alfandega de Florianopolis no anno de 1904 rendeu 1.250:155$000.

A receita arrecadada pelo Estado em 1903 foi de 1.453:576$104, e a despesa de 1.466:501$114.

O passivo de Estado elevava-se em 1904 a 4.400:143$955.

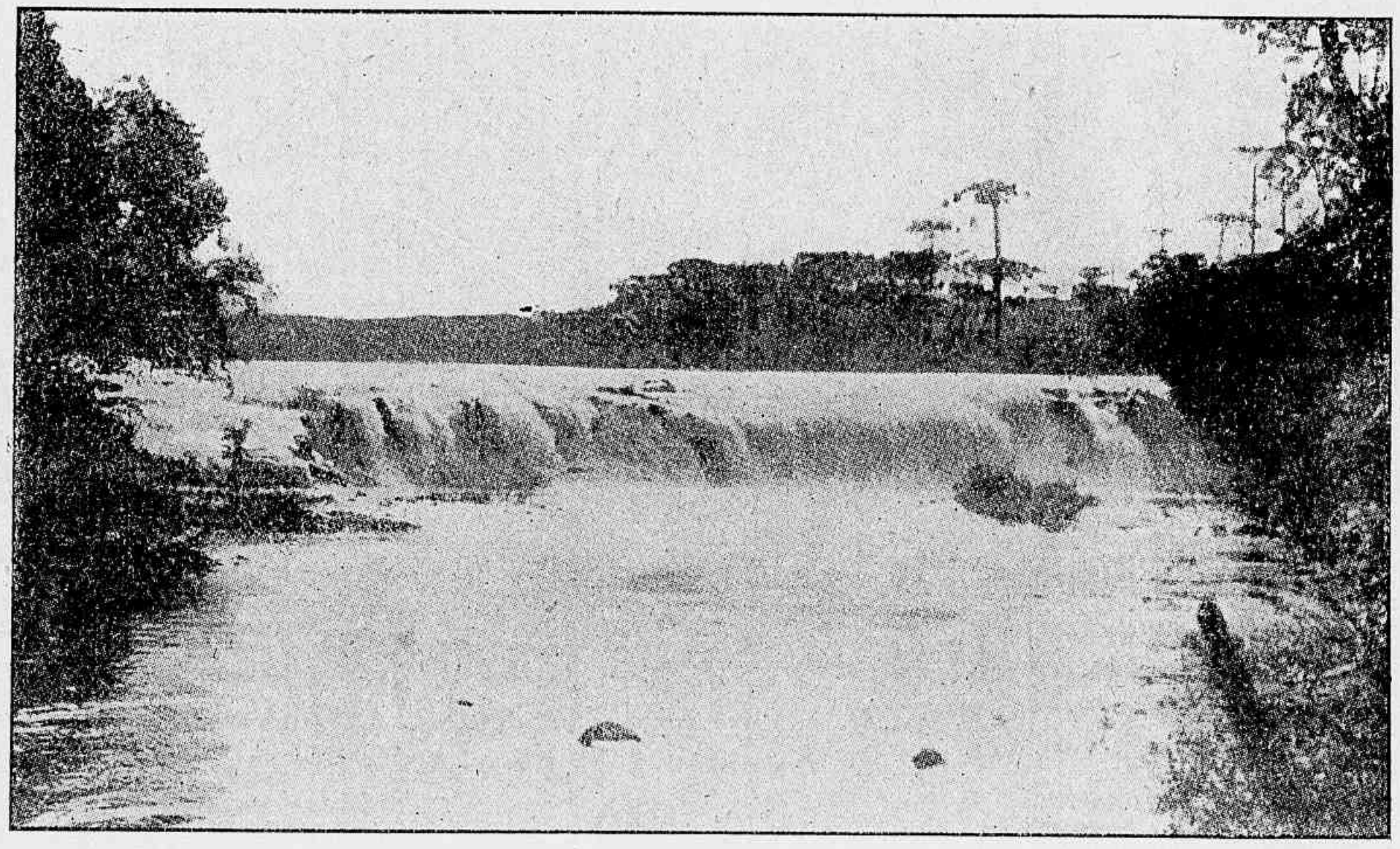
Cidades principaes. — FLORIANOPOLIS (antiga Desterro — capital), situada na costa occidental da Ilha de S. Catharina, com formosa bahia e de aspecto pittoresco Tem cêrca de 35.000 habs. e alguns edificios de certo porte como o Palacio do Governo, o Quartel, a Caridade, o Theatro Alvaro de Carvalho, a casa do Congresso, etc. Seus arrabaldes são lindissimos.

Laguna (20.000 habs.), á margem da lagôa do mesmo nome; Itajahi (18.000 habs.), S. Francisco (de fronte da bella bahia de Babitonga); Joinville (22.000 habs.); Lages (22.000 habs., na grande estrada que communica o Paraná com o Rio

Grande-do-Sul), Tubarão, Blumenau — municipio de grande actividade agricola e industrial, etc.

É governador do Estado o coronel Vidal José de Oliveira Ramos junior.

O Estado tem um Congresso Representativo composto na proporção de



S. Catharina. — Salto do Rio Correntes.

1 deputado para 15.000 habs.; a legislatura dura trez annos e os trabalhos começam a 22 de Julho.

O poder executivo é exercido pelo governador, eleito por quatro annos.

O poder judiciario é exercido pelo Superior Tribunal de Justiça composto de cinco magistrados, por juizes de direito, tribunaes do jury, tribunaes correccionaes e juizes de paz. O Estado conta 26 municipios, cada um d'elles com seu Conselho Municipal (com 5 a 15 membros, conforme a densidade da população) e um superintendente, eleitos por quatro annos.

RESUMO HISTORICO

A ilha de Sta Catharina, « Ijuriré-mirim » dos indigenas, foi descoberta por João Dias Solis em 1515; mas nem este nem outros navegadores ou exploradores, que por alli passaram no decurso do seculo XVI, deixaram o menor vestigio de estabelecimentos permanentes. Em 1534 a capitania foi dada a Pero Lopes de Sousa, mas a colonisação da terra não se fez.

A primeira colonia, inicio do povoamento do solo catharinense, foi estabelecida em 1651 por Francisco Dias Velho no proprio local, onde hoje se ergue Florianopolis; pouco depois Domingos de Brito Peixoto se estabeleceu na terra firme em frente á ilha, e mais tarde na Laguna. D'estes pontos se irradiou a colonização do territorio.

As depredações do corsario Lewis no nascente povoado do Sta Catharina afugentaram d'alli os colonos, e a localidade esteve abandonada por alguns annos, até que Antonio Affonso, Miguel Antunes Prompto e outros em 1666 recomeçaram a obra colonizadora.

Até 1709 este territorio esteve sujeito ao govêrno do Rio de Janeiro; passou depois a ser dirigido pelo de S. Paulo, até que em 1738 d. João V o elevou a govêrno independente. A 7 de Março de 1739 chegou como governador o brigadeiro José da Silva Paes, cujos serviços foram relevantes, já quanto á fortificação dos portos, já no que respeita á colonização da terra, para a qual elle reclamou a vinda de 4.000 familias açorianas e madeirenses. A chegada d'estes laboriosos colonos deu enorme incremento á agricultura e á industria.

Em 1777 um grave successo perturbou a existencia da capitania. Por ordem do rei de Castella o general d. Pedro Zeballos com 10.000 homens de desembarque abordou a ilha e d'ella se apossou facilmente, graças á inercia e covardia do governador Antonio Furtado de Mendonça. Tendo este fugido para terra firme com as tropas, alli mesmo capitulou. Por essa occasião o exodo dos habitantes da ilha foi enorme. No anno seguinte, concluido já o tractado entre Portugal e Hespanha, foi restituida Sancta-Catharina á corôa portugueza, e seu desenvolvimento economico se restabeleceu, proseguindo regularmente.

Proclamada a independencia do Brasil em 1822, tomou conta da administração uma Juncta Provisoria, a qual em 1824 passou o govêrno ao primeiro presidente nomeado para a provincia, o desembargador João Antonio Rodrigues de Carvalho.

Em 1839 repercutiram alli os acontecimentos da revolução rio-grandense chamada dos « Farrapos ». Os republicanos, guiados por David Canavarro, invadiram nesse anno a provincia, dominaram os campos da Vaccaria assim como todo o municipio de Lages e a 23 de Julho occuparam Laguna. D'ahi os desalojou a 15 de Novembro o general Andréa, não obstante a resistencia dos Rio-Grandenses secundados pelo famoso José Garibaldi.

Foi tranquilla a existencia da provincia até á proclamação da Republica em 1889. Passando a Estado, teve por primeiro governador o tenente dr. Lauro Severiano Müller nomeado por decreto de 24 de Novembro d'esse anno. Sua Constituição foi promulgada a 7 de Julho de 1892.

Em 1893 e 1894 foi Sta Catharina theatro de sangrentos e tristes episodios da Revolta da armada, que rebentára no Rio de Janeiro a 6 de Septembro, sob a direcção do cantralmirante Custodio de Mello. Tomada Desterro pelos revoltosos, alli se organizou um governo provisorio contra o do marechal Floriano Peixoto, e alli se deu o ultimo combate naval d'esta luctuosa campanha, sendo inutilizado o couraçado Aquidaban por certeiro torpedo, que lhe lançou um navio da esquadra legal.

Na sessão de 6 de Julho de 1904 o Supremo Tribunal Federal deu sentença favoravel a este Estado na velha e debatida questão de limites com o Paraná; mas este, por seu advogado, interpoz embargos ao accordam do referido Tribunal.

Nasceram em Sta Catharina: o distincto pintor — Victor Meirelles de Lima; o marechal Guilherme Xavier de Sousa, o brigadeiro Jacintho Machado de Bittencourt e o coronel Fernando Machado de Sousa — todos heroes da campanha do Paraguai; o irmão Joaquim do Livramento, o almirante Alvim (barão de Iguatemi), o constructor Trajano de Carvalho, o brigadeiro Jeronymo Francisco Coelho e a famosa heroina — Anna de Jesus Ribeiro (Annita Garibaldi).

HYMNO DO ESTADO DE SANTA CATHARINA (1)

(Adoptado pelo Decreto n. 132, de 21 de Abril de 1892,
e confirmado pela Lei n. 144 de 6 de Setembro de 1895.)

Voz

Sagrêmos n'um hymmo d'estrellas e flôres,
n'um canto sublime de glorias e luz,
as festas que os livres,—frementes de ardôres,
celebram nas terras gigantes da Cruz!

Côro

Quebram-se férreas cadêas,
rojam algemas no chão:
—do Povo nas epopêas
fulge a luz da redempção!

Voz

No céo peregrino da Patria gigante.
—que é berço de glorias e berço de heróes,—
levanta-se, em ondas de luz deslumbrante,
o sol—Liberdade—cercado de sóes!

Côro

Pela força do Direito,
pela força da Rasão,
cáe por terra o preconceito,
levanta-se uma Nação!

Voz

Não mais differenças de sangues e raças,
não mais regalias sem termo, fataes:
—a força está toda do Povo nas massas...
—irmãos somos todos,—e todos iguaes!

Côro

Da Liberdade adorada
no deslumbrante clarão
banha o Povo a fronte ousada
e avigora o coração!

Voz

O Povo, que é grande, mas não vingativo,
que nunca a Justiça e o Direito calcou,
com flôres e festas—deu vida ao captivo,
com festas e flôres—o throno esmagou!

Côro

Quebrou-se a algema do escravo,
e n'esta grande Nação
é cada homem—um bravo,
cada bravo—um Cidadão!

HORACIO NUNES.

(1) Musica do maestro José Brasilicio de Souza, lente de historia e geographia do Gymnasio Catharinense.

APHORISMOS DE UM MEDICO PRÁCTICO

Veraneio

Não terá necessidade de ir a estações d'aguas quem, durante todo o anno, levar a vida que ahi põe em práctica, embora substitua a agua mineral pela do contador da sua cozinha.

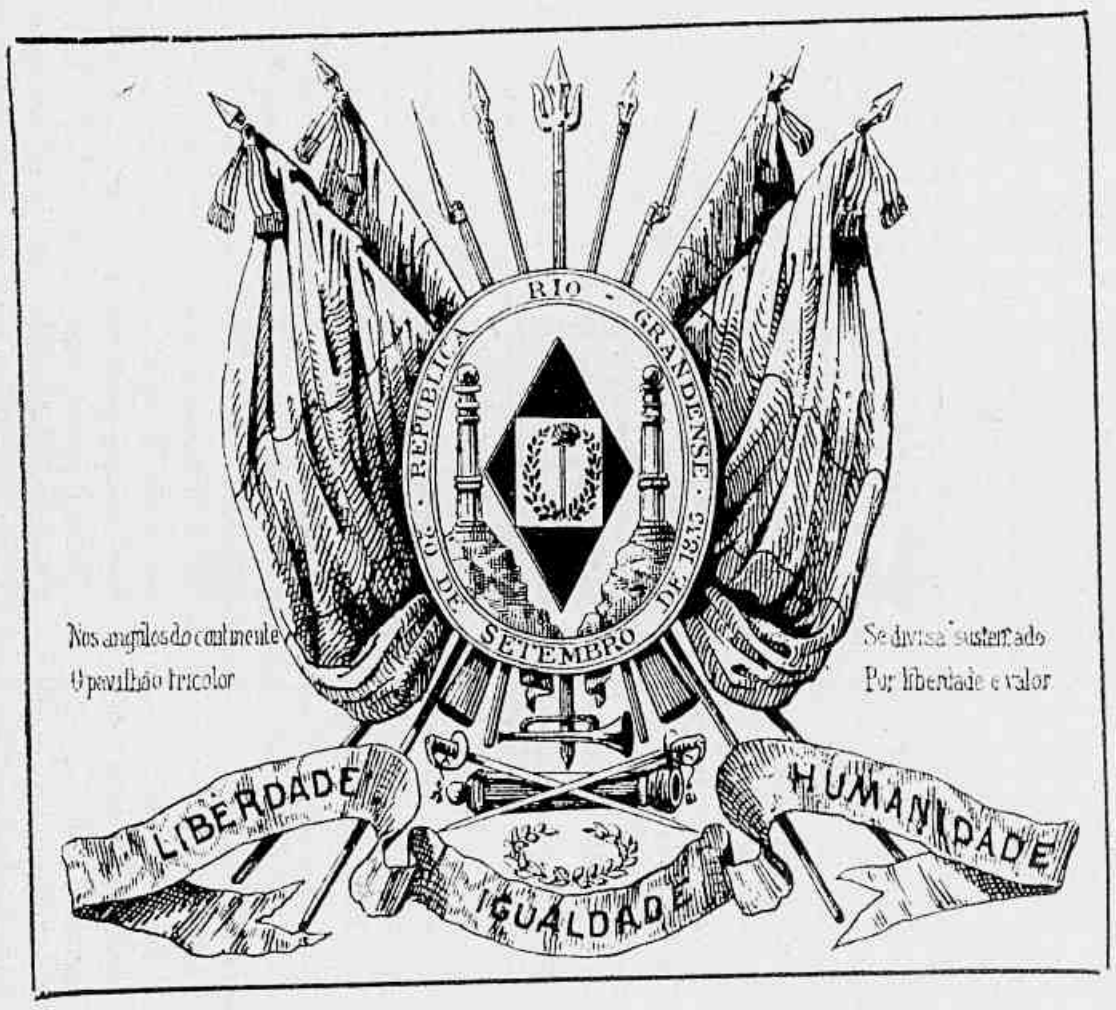
***

O mar é inimigo dos velhos. Os asthmaticos augmentam ahi a sua fadiga, os bronchiticos a sua tosse, o coração o seu esforço. « Deixae que os meninos se approximem d'elle. »

***

Querer supprimir o verão procurando climas frios, é um disparate que vem a ser pago pelos rins, os quaes têm na pelle a sua funcção compensadora. A natureza vinga-se quando lhe alteram os planos.

RIO-GRANDE-DO-SUL



Confina: ao N. com S. Catharina, ao S. com a Republica do Uruguai, a E. com o Atlantico e a O. com a Republica Argentina. Area 236.553 kms. qs. — População 1.350.000 habs.

O Estado apresenta duas regiões bem distinctas, separadas pela Serra do Mar que, depois de correr parallela á costa até o Tramandahi, dobra para O. e vae morrer nas margens do Uruguai. A parte septentrional é montuosa; na do Sul predominam os campos levemente ondulados. As principaes serras são ahi as de Botucarahi, S. Martinho, S. Xavier e Iborahi-açá. Do outro lado do Guahiba segue um cordão montanhoso rumo Sul com os nomes de Serras do Herval, dos Tapes e das Asperezas.

Os maiores rios do Estado são, além do Uruguai que o separa da Republica Argentina: o Jacuhi, o Ibicuhi, o Taquari, o Vacacahi, o Camaquam, o Jaguarão, o Quarahim e o S. Gonçalo. O Guahiba é como um prolongamento da Lagôa dos Patos, á qual vêm ter diversos rios.

Duas bellissimas e vastas lagôas dão ao Rio-Grande um facies characteristico: a dos Patos e a Mirim. A primeira corre de NE. a SO., tem cêrca de 200 kms. de comprimento e 60 kms. na maior largura. A segunda está na extrema meridional do Estado, tem cêrca de 174 kms. de extensão × 24 de largura, e liga-se á dos Patos pelo rio de S. Gonçalo.



Dr. Borges de Medeiros, presidente.

Na costa e na lagôa dos Patos ha sete pharoes.

O clima do Rio-Grande-do-Sul é saluberrimo; no inverno gela em algumas localidades.

As estradas de ferro existentes são:

— E. F. de Porto-Alegre a Uruguaiana, arrendada á Compagnie Auxiliaire des

15°

5°

Republica Argentina

Republica Oriental do Uruguay

Estado de Santa Catharina

OCEANO ATLANTICO

ESTADO
do
RIO GRANDE DO SUL

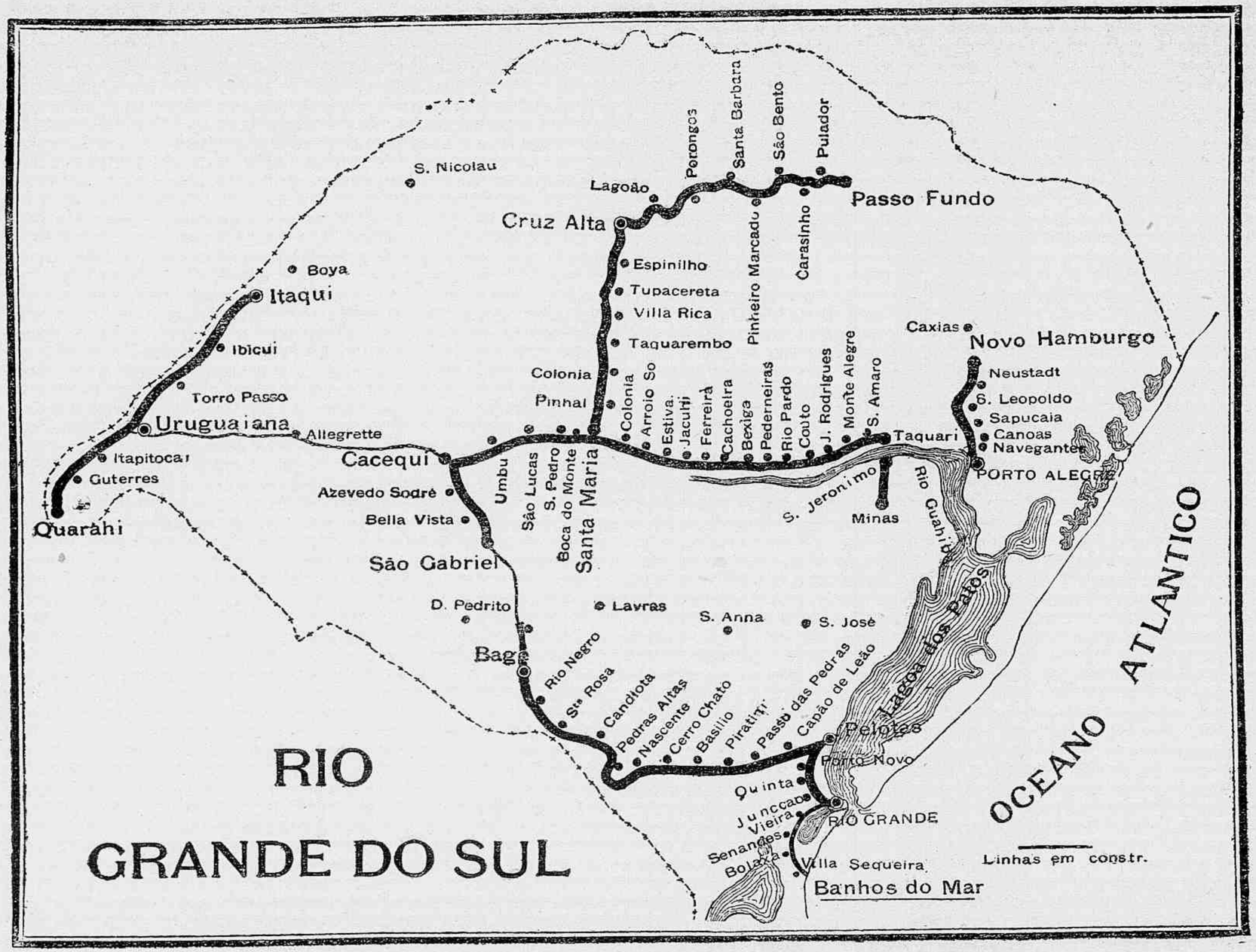
Escala de 1:5.555.000

30°

15°

5°

S.Angelo
Cruz Alta
S.Borja
Passo Fundo
Itaquy
Uruguayana
Alegrete
Quarahy
Torquilha
Cacequi
Caxoeira
S.Maria da Boca do Monte
Rio Pardo
Taquary
Triumpho
S.Leopoldo
PORTO ALEGRE
S.Gabriel
S.Anna do Livramento
Caçapava
D.Pedrito
Bage
Pelotas
Rio Grande do Sul
Jaguarão
Villa Sequeira
Santa Victoria do Palmar
Barra do Rio Chuy
Serra do Mar
Barra do Mampituba
Lagoa de Itapeva
Lagoa de Manoel Nunes
Lagoa dos Patos
Lagoa da Mangueira
Lagoa-mirim
Rio Jaguarão
Rio Camaquam
Rio Jacuhy
Rio Ibicuhy
Rio Ibicuhy-mirim
Rio Ibicuhy-guassu
Rio Yguhy-guassu
Rio Albuquerque
Rio Pindahy
Rio S.Rosa
Rio Mbocoretí
Rio Cebollaty
Rio da Varzea
Rio Uruguay-mirim
Rio Lageado
Rio Forquilha
Rio Pelotas
Rio Canoas
Rio Vacacahy
Rio Sepe
Rio Piquiry
Rio Capivary
Rio Taquary
Rio Caby
Rio Jacuhy
Rio Jacuhysinho
Rio Piratinin
Rio Camaquanzinho
Rio Ybicuhy
Rio Quarahim
Rio Ibicuhy
Rio Tapes
Rio Santa Barbara
Rio S.Gonçalo
Rio das Tainhas
Rio Lageado
Rio Divisa
Rio Silveira
Rio Ybicuhy
Rio Tapes
Rio Tapejara
Rio Tapera
Rio Saldanha
Rio Ybirapuitan
Rio Ybicuhy
Rio Ybicuhy-mirim
Rio Ybicuhy-guassu
Rio Jacuhy
Rio Jacuhysinho
Rio Jaguarão
Rio S.Gonçalo
Rio Camaquam
Rio Piratinin
Rio Capivary
Rio Piquiry
Rio Vacacahy
Rio Sepe
Rio Barbara
Rio Trapuá
Rio Campanhe
Rio Taquary
Rio Caby
Rio Jacuhy
Rio Jacuhysinho
Rio Forquilha
Rio Lageado


S. Nicolau
Lagoão
Porongos
Santa Barbara
São Bento
Pulador
Passo Fundo
Cruz Alta
Carasinho
Pinheiro Marcado
Boya
Itaqui
Ibicuí
Torro Passo
Uruguaiana
Allegrette
Itapitocaí
Guterres
Quaraí
Cacequi
Azevedo Sodré
Bella Vista
São Gabriel
Umbu
São Lucas
S. Pedro
Boca do Monte
Santa Maria
Espinilho
Tupacereta
Villa Rica
Taquarembo
Colonia
Pinhal
Colonia
Arroio So
Estiva
Jacuhy
Ferreira
Cachoeira
Bexiga
Pederneiras
Rio Pardo
Couto
J. Rodrigues
Monte Alegre
S. Amaro
Taquari
S. Jeronimo
Minas
Rio Guahyba
Caxias
Novo Hamburgo
Neustadt
S. Leopoldo
Sapucaia
Canoas
Navegantes
PORTO ALEGRE
D. Pedrito
Lavras
S. Anna
S. José
Bag
Rio Negro
Stª Rosa
Candiota
Pedras Altas
Nascente
Cerro Chato
Basilio
Piratiny
Passo das Pedras
Capão de Leão
Pelotas
Porto Novo
Laguna dos Patos
Quinta
Junccao
Vieira
RIO GRANDE
Senandes
Bojaca
Villa Sequeira
Banhos do Mar
OCEANO ATLANTICO
RIO
GRANDE DO SUL
Linhas em constr.

Chemins de Fer au Brésil em 1898; sua rêde tinha em 1902 a extensão total de 584 km. 564 assim distribuida :

Taquari a S. Gabriel (por Cachoeira, S. Maria e Cacequi) — 451 k. 893 (9 h. 20 m. de viagem).

S. Gabriel a Bagé (por S. Sebastião) — 128 k. 989.

Esta estrada em 1902 teve o seguinte movimento financeiro : receita 1.673:138$161 ; despesa 1.374:005$777.



D. Claudio Ponce de Leon, bispo.

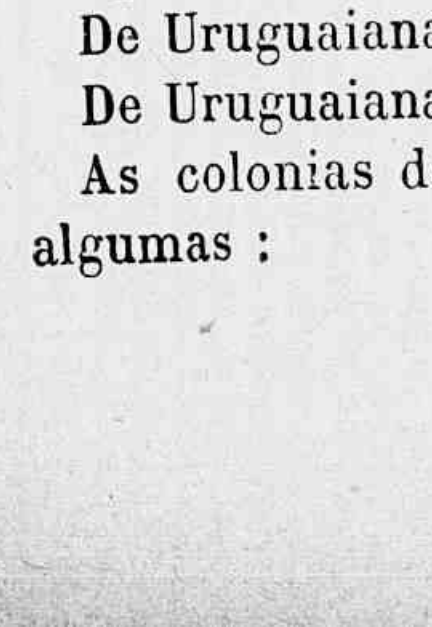
O govêrno do Estado empenha-se em conseguir um prolongamento d'esta estrada, que a ligue a Porto-Alegre, passando por S. João de Montenegro e entroncando em Novo-Hamburgo.

— E. F. do Rio-Grande a Bagé (por Pelotas e Piratini), pertencente á Southern Brazilian Rio Grande do Sul Comp., com 283 kms. de extensão (10 h. 10 m.). Movimento financeiro : receita em 1903 — 2.070:766$080 ; despesa 1.223:734$190.

— E. F. de S. Maria ao Uruguai, de que foi cessionaria a Compagnie des Chemins de Fer Sud-Ouest Brésiliens, mas hoje resgatada, com esta linha em tráfego : S. Maria a Passo-Fundo (por Cruz-Alta) — 355 k. 418 (14 h. 46 m.). Movimento financeiro em 1903 : receita 607:703$724; despesa 597:682$847.

— E. F. de Quarahim a Itaqui, da qual é cessionaria *The Brazil Great Southern Railway Comp.*, com 175 k. 597 de linha em tráfego (6 h. de viagem). Receita em 1903 — 145:253$198; despesa — 216:628$154.

— E. F. de Porto-Alegre a Novo-Hamburgo, com 44 kms. (1 h. 50 m.), que actualmente se extende até Taquara.



J. G. Pinheiro Machado, senador.

A Estrada Rio-Grande a Bagé tem ainda um ramal, que vae á costa do mar (Parada da Praia), com a extensão de 21 k. 300.

Na E. F. Porto-Alegre a Uruguaiana está em andamento um ramal do Couto a Sta Cruz, com 32 kms. e bitola de 1 m.

Várias companhias e empresas fazem o serviço de navegação interior do Estado, a saber :

Do Rio-Grande a Jaguarão e Sta Victoria;

Do Rio-Grande a Porto-Alegre : Transporte maritimo Telles e Ca e Paulo Stoosse C.;

De Porto-Alegre aos portos do Jacuhi, Cahi, etc. : Companhia Fluvial, Jacob Becker e Ca, Companhia Navegação do Cahi, Schilling e Ca., Companhia Venancio Aires, Companhia Montenegro, Companhia N. S. Leopoldense, etc.;

De Uruguaiana a Cacequi, pelo rio Ibicuhi;

De Uruguaiana a S. Borja, Itaqui, etc., pelo rio Uruguai;

As colonias do Estado são várias e prósperas. Eis os dados estatisticos de algumas :

Colonia Jaguari — População 13.500 habs. Producção 2.000:000$000; exportação 850 : 000$000; importação 820:000$000;

Colonia Ijuhi — População 9.000 habs.; exportação 800:000$000; importação 600:000$000;

Colonia Guaporé, com população superior a 20.000 almas, e area de 200.842



PORTO-ALEGRE. — Rua Floriano.

hectares, situada entre Taquari e o Carreiro; de florescente commercio.

Colonia Philippson, formada novamente por familias israelitas e situada perto de Sta Maria da Bocca do Monte, a 450m de altitude sôbre o nivel do mar.

LIVRARIA DO COMMERCIO

DE

SOUZA & BANOS

Rua dos Andradas, 348 e 350

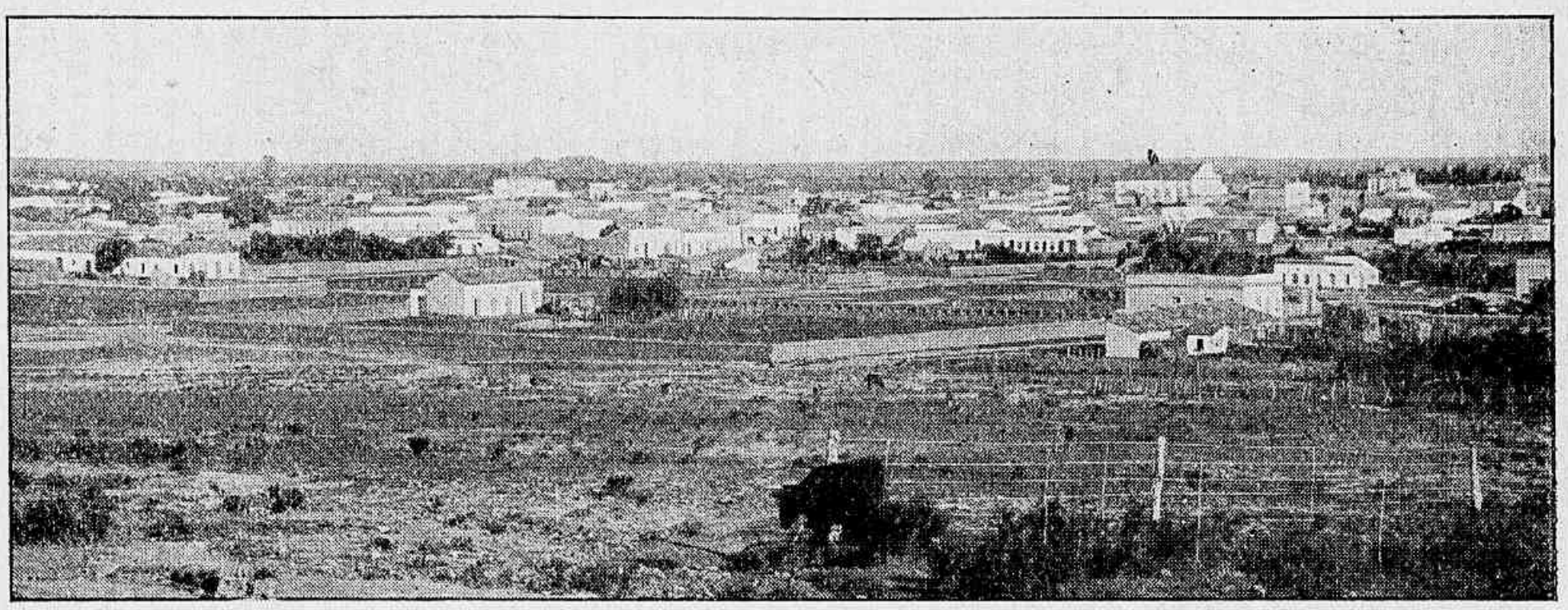
ESQUINA DA DO ROSARIO —— PORTO ALEGRE

FABRICA A VAPOR DE ENVELOPPES

Typographia — Cartonagem — Encadernação e Fabrica de Livros
Pautação em branco

Tem sempre em deposito grande sortimento de livros scientificos, romances, poesias escolares e de religião, em portuguez, francez, italiano e latim.

IMPORTAÇÃO DIRECTA — PREÇOS MODICOS



JAGUARAO. — Vista geral.

Nucleos Villa-Nova, Antonio Prado, S. Marcos e Marquez do Herval— População 4.500 habs.; producção 286:500$000.

Em 1901, na Exposição Industrial que se effectuou em Porto-Alegre, e em 1904 na Exposição de S. Luiz, brilhante foi o concurso d'estas colonias.

A principal e mais antiga industria do Estado, mórmente em sua parte meridional, é a industria pastoril; mas a agricultura tem-se desenvolvido nestes ultimos annos de modo notavel, particularmente nos nucleos coloniaes. A producção de cereaes, do feijão, das cebolas, dos doces e do vinho occupa

Typographia e Encadernação

Livraria Commercial

Pelotas — Estado do Rio Grande do Sud — Brazil

FRANCISCO MEIRA

—oo—

Casa especial de

PAPEL, LIVROS E ARTIGOS PARA ESCRIPTORIO

LITTERATURA NACIONAL E ESTRANGEIRA

Artigos de musica, objectos para desenho, photographia, phantasias e novidades

AGENCIA DE JORNAES NACIONAES E EXTRANGEIROS

Commissões e Consignações

IMPORTAÇÃO DIRECTA

—oo—

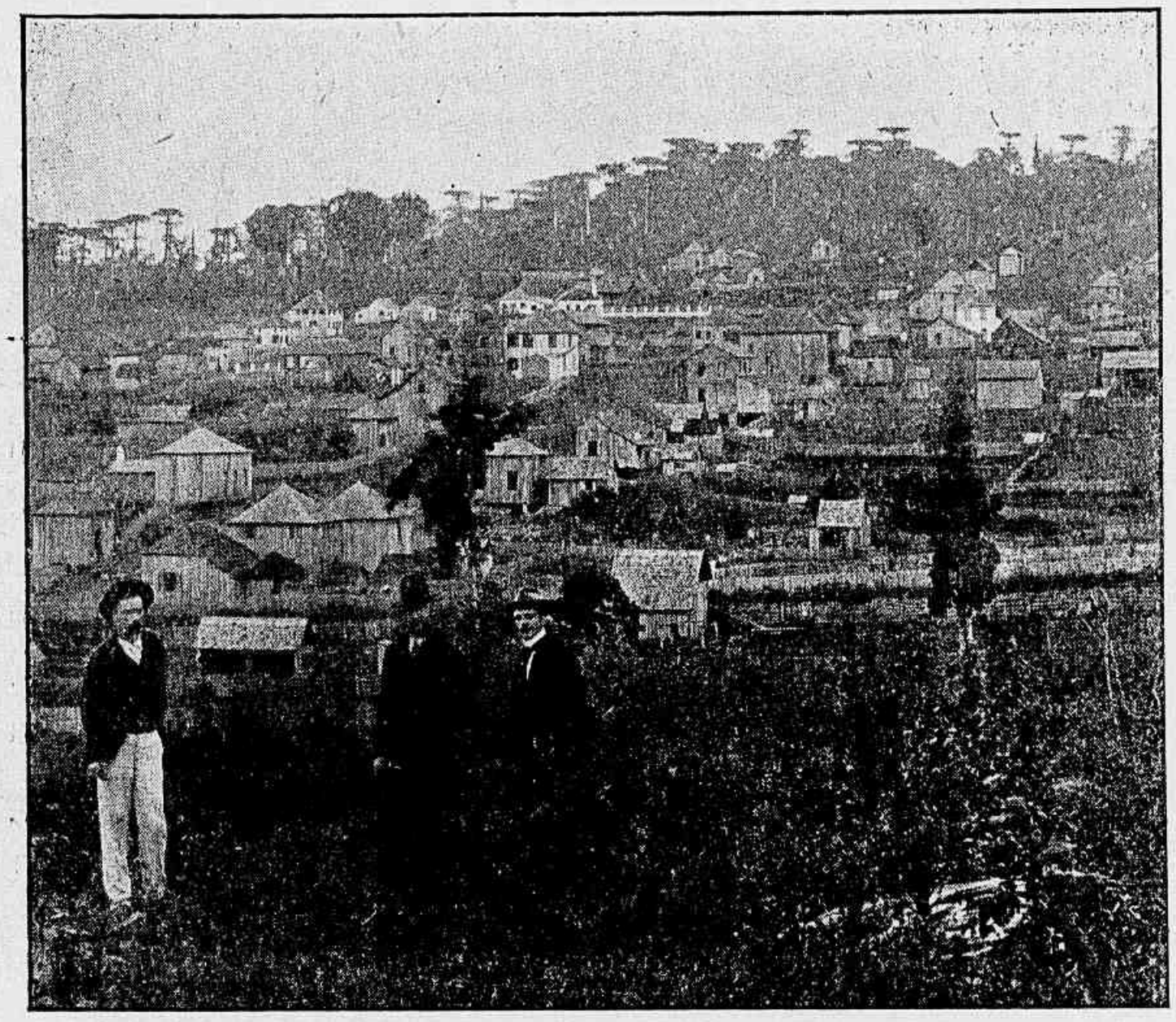
Rua Andrade Neves, 116 e 118 — Caixa 18

PAUTAÇÃO E DOURAÇÃO

logar saliente nas tabellas de exportação, embora longe esteja de competir com a do xarque.

O movimento commercial é consideravel: em 1902, a importação representou o valor official de 28.068:975 $ 000, dando as alfandegas do Rio-Grande, Porto-Alegre, Uruguaiana e Sta. Anna do Livramento a renda de 9.731: 933 $ 000, no 1º semestre de 1904.

A exportação em 1903 teve o valor official de 51.981:165$430 sendo para paizes extrangeiros 17.570:934 $ 635.



Colonia Guaporé.

Entre outras riquezas mineraes do Estado figura o carvão de pedra que existe nas minas do Candiota e do Arroio dos Ratos ou S. Jeronymo; esta última, que é regularmente explorada, produziu no anno de 1899 — 16.548 toneladas de carvão. Esse carvão, analysado no laboatorio da Baldwin Locomotive Works, deu o seguinte:

Humidade	4,00 %
Materias volateis	31,30 %
Carbono fixo	38,92 %
Cinzas	25,78 %
Enxofre	1,62 %

Em Caçapava e Camaquan extrahe-se cobre, e em Lavras e S. Sepé explora-se o ouro.

No anno de 1902 o movimento maritimo pelos portos do Estado (Rio-Grande, Porto-Alegre, Uruguaiana), foi este: navios entrados 1.222 com 464.211 ton.; saïdos 1.152 com 394.512 ton.

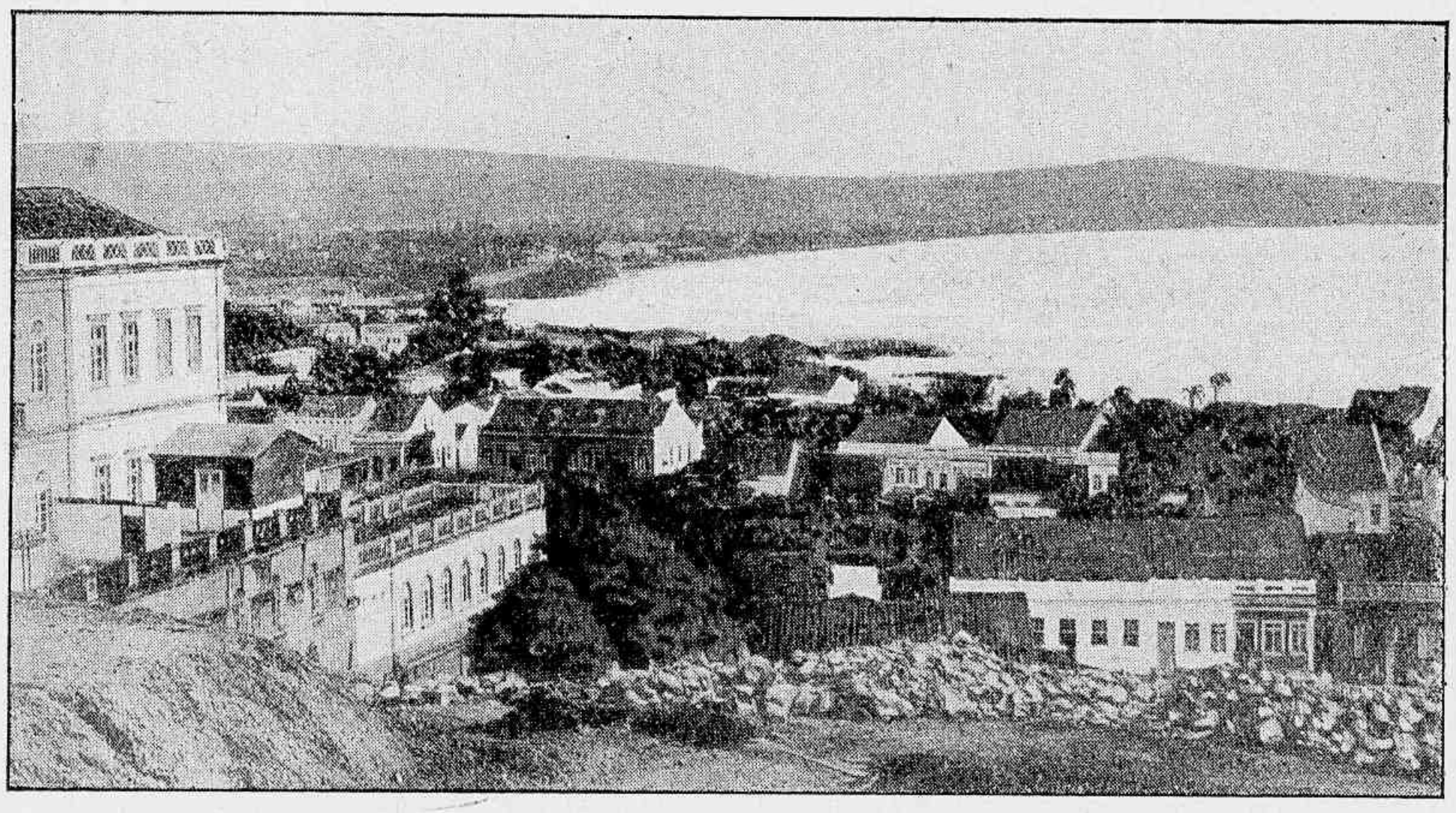
A receita em 1903 foi de 10.304:134$419, sendo a despesa ordinaria de 9.126: 676$486. A proposta de orçamento approvada para 1905 foi: receita 10.153: 533 $ 330; despesa 9.800:380$967.

A divida passiva do Estado em 1904 era de 3.185:250$000, tendo baixado em dez annos (1894-1904) 4.519:000$000.

Cidades principaes. — Porto-Alegre (capital), á margem esquerda do Guahiba, emporio de todo o commercio do Norte do Estado, cidade bem alinhada e provida de bellas construcções modernas, já na parte commercial propriamente

dicta, já na cidade alta, d'onde o panorama é dos mais pittorescos, já na varzea do Menino Deus, para onde se extendem as actuaes construcções. São mais notaveis entre seus edificios publicos : as Escolas de Engenharia e Militar, o Thesouro do Estado, o Seminario Episcopal, a Casa da Caridade, o Theatro S. Pedro, a Cathedral, o Hospital de Beneficencia Portugueza, o Mercado, alguns quarteis, etc. Na grande praça do Palacio foi erigida em 1885 a estatua do conde de Porto-Alegre.

A cidade é em toda a sua extensão atravessada por linhas de bondes pertencentes ás duas companhias : Carris de Ferro Porto Alegrense (31.119 metros) e



Porto-Alegre. — Parte da cidade baixa.

C. Carris Urbanos (14.824 m.). Boa illuminação e boa canalisação d'agua. População, cêrca de 90.000 habitantes.

Rio-Grande (25.000 habs.), porto commercial importante e ponto de partida da via ferrea que vae a Bagé ; Pelotas (30.000 habs.), elegante cidade á margem do rio S. Gonçalo, séde das grandes xarqueadas; Bagé (15.000 habs.), a cidade mais commercial da campanha ; Alegrete, á margem esquerda do Ibirapuitan ; S. Leopoldo, Uruguaiana, Rio-Pardo, Alegrete, Caçapava, Cruz-Alta, Jaguarão, etc.

E' presidente do Estado até 1908 o dr. Antonio Augusto Borges de Medeiros, e bispo da diocese o dr. Claudio José Gonçalves Ponce de Leon, sagrado em 1881.

Segundo a sua Constituição, o apparelho governativo tem por orgãos : a presidencia do Estado, a Assembléa dos Representantes e a magistratura.

O presidente é eleito por cinco annos e escolhe livremente um vice-presidente, que será seu substituto no caso de impedimento, renúncia ou morte.

A Assembléa dos Representantes compõe-se de 48 membros eleitos por 4 annos; cada sessão dura dous mezes, de 20 de Septembro a 20 de Novembro.

As funcções judiciaes são exercidas : por um Superior Tribunal composto de sete juizes desembargadores, por juizes de comarca, pelo jury e por juizes districtaes; os juizes de comarca são nomeados mediante concurso, e os distric-

taes livremente escolhidos pelo presidente do Estado. O Estado contem 66 municipios, havendo em cada um d'elles um intendente, que dirige os serviços, e um Conselho que vota os meios para mantê-los. São ambos eleitos por quatro annos.

RESUMO HISTORICO

O territorio do Rio-Grande do Sul não entrou na partilha das capitanias em 1534; a sua costa desabrigada e os perigos da barra do Rio-Grande afugentaram d'alli os exploradores por espaço de mais de um seculo. Aventureiros e colonos, idos de Sancta-Catharina e de S. Paulo por terra foram provavelmente os primeiros extrangeiros, que alli se estabeleceram. Na barra do Chui naufragou Martim Affonso de Sousa em 1531. Na sua região mais occidental, proximo ao rio Uruguai, foram os padres Jesuitas com suas reducções os primeiros fundadores de estabelecimentos de vulto.

Em 1678 comprehendeu por fim a metropole a necessidade de povoar essa importante e vasta região constantemente ameaçada pelos Hespanhoes; resolveu-se pois a colonisação das « terras de S. Gabriel », isto é, de todo o trecho que ia até á colonia do Sacramento. Estava ahi comprehendido o chamado « Continente de S. Pedro », depois « Capitania d'El-Rei » e hoje Estado do Rio-Grande-do-Sul.

A Colonia do Sacramento foi fundada por d. Manuel Lobo em 1680, tomada pelos Hespanhoes no mesmo anno e depois restituida á corôa portugueza em virtude do tractado de 1681, retomada pelos Hespanhoes em 1705, ainda uma vez entregue a Portugal por fôrça do tractado de Utrecht em 1715, sempre hostilizada pelos inimigos, até que em 1750 a Hespanha a readquiriu pelo tractado de 1750 em troca das sete missões do Uruguai concedidas a Portugal.

Separada de S. Paulo em 1738, a Capitania d'El-Rei passou a constituir capitania com Sta Catharina, dependente porêm do govêrno do Rio de Janeiro. Por essa mesma epocha lançaram-se os fundamentos da cidade do Rio-Grande, que a principio foi capital.

Em 1763 soffreu a capitania o ataque de d. Pedro de Zeballos com seu exercito de 6.000 homens. Feliz paradeiro aos planos conquistadores d'este cabo de guerra foi o tractado de Sto Ildefonso de 1777, em verdade ruinoso para Portugal, mas nessa hora salutar por deter a marcha dos invasores. As hostilidades recomeçaram annos depois: o tenente-general Sebastião Xavier da Veiga Cabral obrigou em 1801 os Hespanhoes a abandonarem S. José, Sto Antonio, Lagôa e Sancta-Rosa, e conseguiu a capitulação de Serro-Largo (30 de Outubro); por seu lado as Missões foram tomadas por Manuel dos Santos Pedroso e José Borges do Canto. Verdade é que Serro-Largo foi novamente occupado pelo inimigo; mas outro tractado de paz entre as duas metropoles (6 de Junho de 1801) restabeleceu a paz e permittiu ao Rio-Grande um periodo de tranquillidade. O progresso então realizado foi tal, que por decreto de 25 de Fevereiro de 1807 subiu á graduação de Capitania Geral, com séde do govêrno em Porto-Alegre.

De 1816 a 1820 foi theatro ainda uma vez de luctas sangrentas, vendo-se obrigado o govêrno portuguez a responder ás constantes tropelias e depredações de Artigas — o famigerado caudilho federalista, e almejando realizar o seu plano de levar ao Prata os limites do Brasil. Os generaes Curado e Marques de Sousa, o coronel Abreu, o brigadeiro Menna Barreto, o general Lecor e o conde da Figueira foram os heroes d'essa porfiada campanha, que se decidiu na batalha de Taquarembó a 22 de Janeiro de 1820, depois da qual Artigas destroçado fugiu para o Paraguai. Como corollario das victorias, foi encorporado Montevidéu, com o nome de « Provincia Cisplatina », ao Brasil.

Feita a independencia em 1822 passou o Rio-Grande-do-Sul a provincia do Imperio, tendo por seu primeiro presidente o desembargador José Feliciano Fernandes Pinheiro.

No dia 20 de Septembro de 1835 rebentou em Porto-Alegre a rebellião capitaneada pelo coronel Bento Gonçalves da Silva, que degenerou na cruenta guerra civil dos « Farrapos ». Durou esta tremenda lucta 10 annos, e no correr d'ella os revoltosos arvoraram francamente a bandeira republicana (6 de Novembro de 1836) depois da famosa reunião de Piratinim. Vária foi a sorte dos combates, e tibia a acção do govêrno central, que teve mais de uma vez o desaso de mandar para o Rio Grande presidentes incapazes. A bravura e constancia dos republicanos suppriu quasi sempre a falta de recursos. Por fim exhaustos, tiveram de ceder á força superior; batidos em 1842, 1843 e 1844 pelas tropas do barão de Caxias, que fôra nomeado presidente e commandante das armas em Septembro de 1842, solicitaram a paz, e reunidos os chefes em Ponche-Verde resolveram acceitar a amnistia, que o imperador d. Pedro II lhes offerecia.

Restabelecida a tranquillidade interna, volveu a população a seus trabalhos productivos, que só foram depois interrompidos pela campanha do Paraguai.

Declarada a guerra ao Brasil por Solano Lopez em 1864, intentou elle invadir o Rio Grande-do-Sul e para isso expediu uma fôrça de 9.000 homens sob o commando do tenente-coronel Estigarribia, destinada a entrar na referida provincia pelo passo de S. Borja. A columna paraguaia atravessou o Uruguai, tomou S. Borja e desceu até Uruguaiana, onde se fortificou. Os alliados por sua parte resolveram cercar a praça e manobraram de forma a consegui-lo, auxiliados pela esquadrilha brasileira que para isso transpoz o Salto-Grande. O imperador d. Pedro II pôz-se então á frente da lucta; seguiu a marchas forçadas para o theatro da guerra, e alli commandando um exercito de 22.000 homens obrigou Estigarribia a render-se com armas e bagagens. A victoria foi completa, e d'esta sorte a 18 de Septembro de 1865, se libertou o solo patrio do invasor audaz, que o maculára.

Dada em 1889 a proclamação da Republica, passou o Rio-Grande-do-Sul a Estado, e teve por primeiro presidente o dr. Julio Prates de Castilho.

A lucta vehemente dos partidos politicos não permittiu que no novo regime perdurasse inalteravel a paz. De 1892 a 1895 uma nova guerra civil estalou nesses campos já tão ensopados de sangue generoso. O partido federalista, chefiado pelo general João da Silva Tavares, tomou as armas contra o govêrno do Estado, pleiteando pela revisão da Constituição estadual e pela Republica parlamentar sob as inspirações do dr. Gaspar da Silveira Martins.

A final, impossibilitado de resistir ás forças militares mandadas pelo govêrno da União em defesa do governador, privado do auxilio de Gumercindo Saraiva e Saldanha da Gama, mortos em combate, acceitou a pacificação offerecida pelo general Galvão de Queiroz, que para este fim fôra commissionado pelo presidente da Republica dr. Prudente de Moraes.

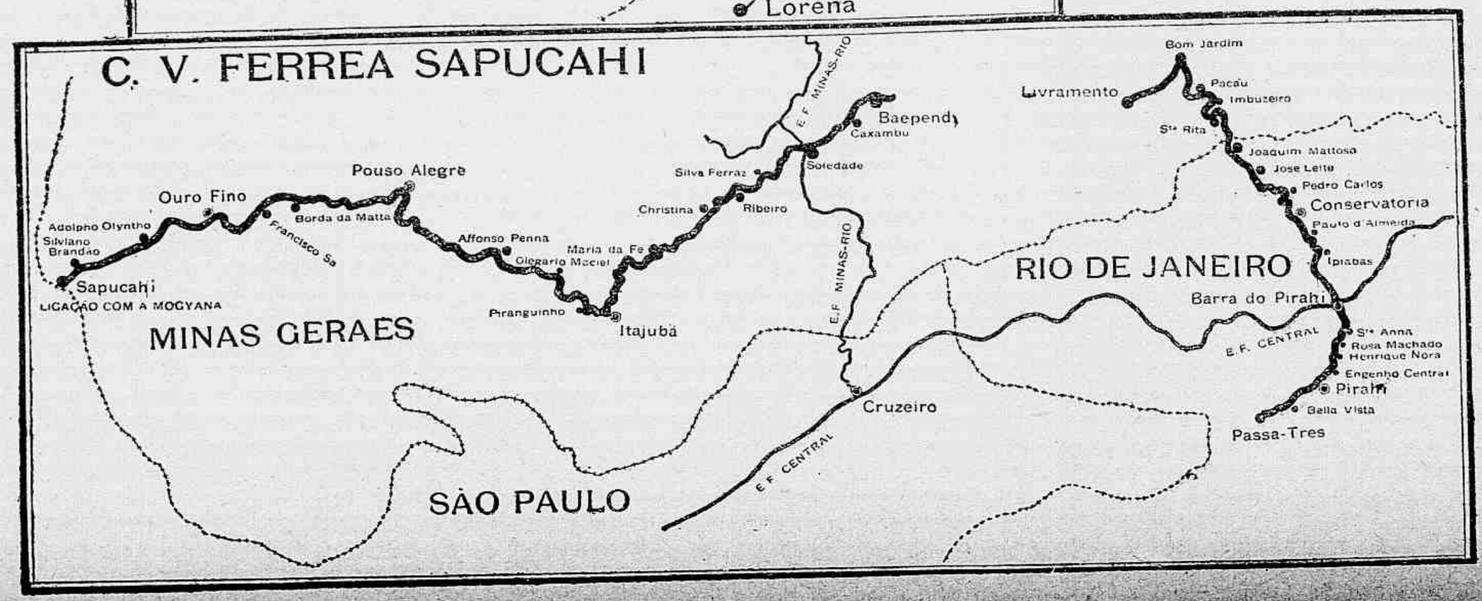
Filhos illustres do Estado : Manuel de Araujo Porto-Alegre — poeta, José Feliciano Fernandes Pinheiro (visconde de S. Leopoldo) — historiador, os generaes Manuel Luiz Osorio, Andrada Neves, Menna Barreto e conde de Porto-Alegre; Candido Baptista de Oliveira — mathematico, Felix Xavier da Cunha e Gaspar da Silveira Martins — oradores parlamentares, dr. Francisco Ferreira de Abreu (barão de Theresopolis) — medico professor, Julio de Castilho — estadista.

A maior fábrica de phosphoros do mundo inteiro é a de Tidaholm, na Suecia, perto da cidade de Skaraborg. Cada anno esta fábrica devora 600.000 pés cubicos de madeira; sua producção média é de 200 milhões de phosphoros por dia, o que quer dizer 73 billiões no fim do anno. Só o peso dos rotulos postos nas caixinhas se eleva a 124.000 kilos por anno, e o da colla empregada orça por 18.000 kilos.

COMPANHIA OESTE MINAS




E.F. DE MUZAMBINHO
E
MINAS-RIO
Harmonia
Alfenas
Areado
Fama
Pontalete
Esperança
Fluvial
Varginha
Flora
Tres-Corações
Campanha
Cambuquira
S Thomé
Aguas Virtuosas
Contendas
Bias Fortes
Freitas
Soledade
Stª Catharina
São Lourenço
Carmo
Pouso Alto
Virginia
Capivary
E.F. Sapucahi
Passa Quatro
Rezende
Tunel
Queluz
Perequê
Cruzeiro
E.F. CENTRAL
Lorena
ESTADO
DE MINAS


C. V. FERREA SAPUCAHI
Pouso Alegre
Ouro Fino
Borda da Matta
Francisco Sa
Adolpho Olyntho
Silviano Brandão
Sapucahi
LIGAÇÃO COM A MOGYANA
Affonso Penna
Maria da Fé
Olegario Maciel
Piranguinho
Itajubá
MINAS GERAES
SÃO PAULO
E.F. MINAS-RIO
Baependy
Caxambu
Soledade
Silva Ferraz
Christina
Ribeiro
Cruzeiro
E.F. CENTRAL
Bom Jardim
Livramento
Pacaú
Imbuzeiro
Stª Rita
Joaquim Mattosa
Jose Leite
Pedro Carlos
Conservatoria
Paulo d'Almeida
Ipiabas
RIO DE JANEIRO
Barra do Pirahi
E.F. CENTRAL
Stª Anna
Rosa Machado
Henrique Nora
Engenho Central
Pirahi
Bella Vista
Passa-Tres

ESTADO de MINAS GERAES

Escala de 1: 6.943.750

Estado de Goiaz

Estado de S. Paulo

Estado da Bahia

Estado do Espirito Santo

Estado do Rio de Janeiro

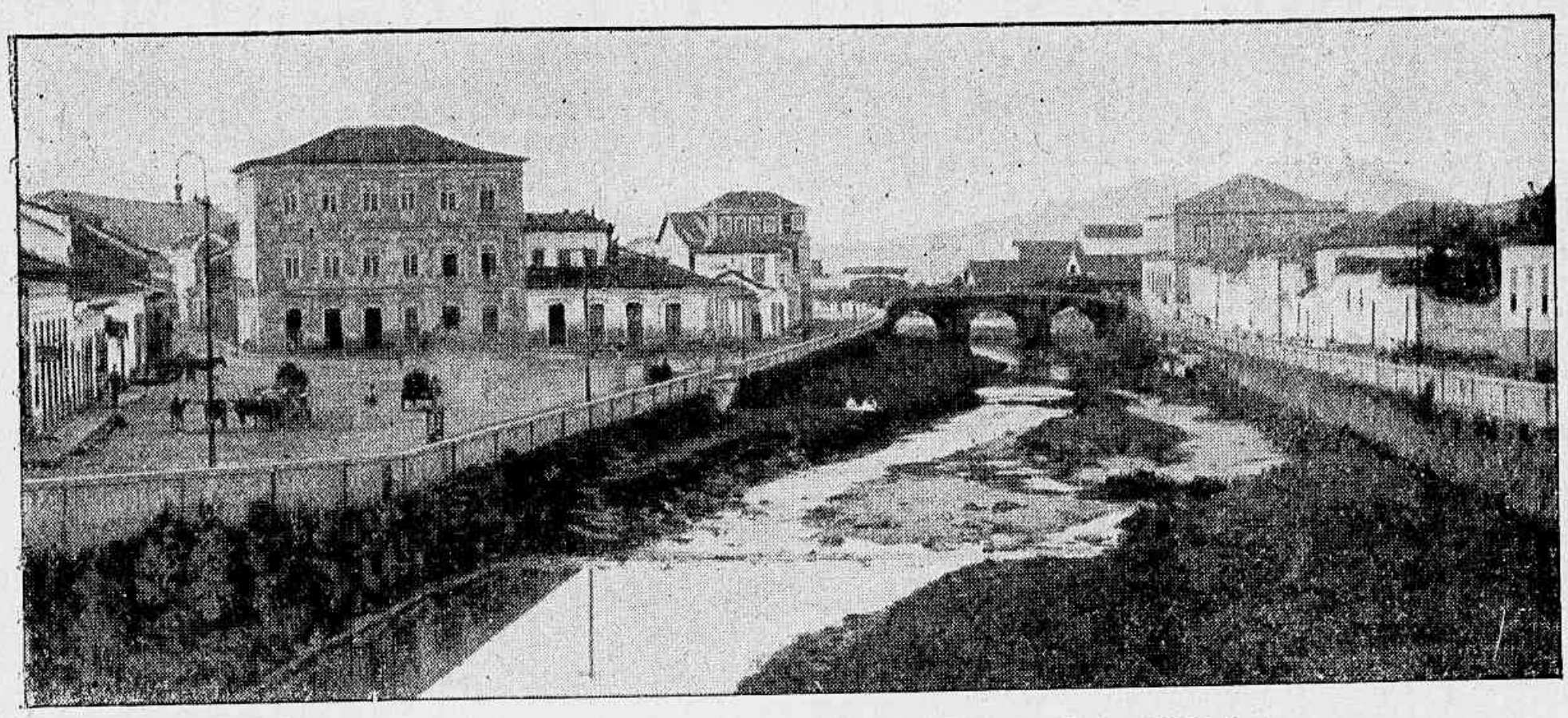
5º

0º

15º

20º

Januaria
Rio Pardo
Rio Urucuia
Rio Peri-assú
Rio Verde Pequeno
Rio Verde Grande
R. Mangahy
S.ª de S. Felippe
Rio Pardeiro
Montes Claros
Rio de San-Francisco
Paracatú
Rio Paracatú
Rio Bocayuva
Paracatú
S.ª da Manta da Corda
Abaete
S. Anna dos Alegres
Catalão
Rio Paranahyba
Rio Tijuco
Rio Grande
Rio das Velhas
R. dos Dourados
R. Quebra-anzol
Rio Borrachudo
Rio Indaiá
Rio do Paranaiba
Bagagem
Uberaba
S. Domingos do Prata
Chapadão
Sacramento
Araxa
Patos
Curvello
R. da Piedade
R. Curimatahy
R. Pardo
R. Paraúna
R. Sipó
Rio Pardo
Rio Jequitinhonha
R. Mosquito
S.ª das Almas
Rio Pardo
Salinas
Grão Mogol
S.ª do Chipre
S.ª dos Aymorés
S.ª Itacambira
Rio Arassuahy
Minas Novas
S. J.º Baptista
R. Mucury
Theophilo Ottoni
Rio Todos os Santos
Arassuahy
Diamantina
Rio Sassuahy
Serro
R. das Pedras
Pessanha
Conceição
Rio Doce
R. Guandú
S.ª do Souza
R. Manhuassú
Sete Lagoas
MINAS
S. Luzia
Itabira
St.ª Anna dos Ferros
Pitanguy
Sabará
Villa Nova de Lima
Caeté
S. Barbara
Ouro Preto
Alvinopolis
Ponte Nova
Aure Campo
S.ª da Chibata
Bambuhy
Pará
Bom Fim
Itapecerica
Marianna
Carangola
Formiga
Carandahy
Oliveira
Queluz
Viscondé do Rio Branco
Campo Bello
Bom Successo
Turvo
S. João d'El-Rei
Tiradentes
Uba
Cabo Verde
Alfenas
Lavras
Barbacena
Tres Pontas
S. João Nepomuceno
Palmyra
Tomba
Muriahé
R. Muriahé
Varginha
Tres Corações
Espirito Santo do Mar de Hespanha
Rio Novo
Leopoldina
Rio Pardo
Parahybuna
Caldas
Campanha
Juiz de Fora
Mar de Hespanha
Ouro Fino
Baependy
Ayuruoca
Pouso Alegre
Christina
Cambuhy
Itajuba
Paraiso
Jaguary
S.ª da Mantiqueira
Rio Parahyba
Tourrette del.t



Tomada da Ponte do Rozario. — Entrada de S. João d'El-Rei.

MINAS-GERAES



Confina : ao N. com a Bahia, ao S. com Rio de Janeiro e S. Paulo, a E. com Espirito-Sancto e Rio, a O. com S. Paulo, Goiaz e Matto-Grosso. Superficie 574.855 kms. qs. ; população 4.277.400 habs.

O vasto sólo mineiro comprehende duas regiões distinctas : a Matta e o Campo ; aquella (entre a Mantiqueira e a Serra do Mar) é como o primeiro degrau do planalto de Minas; este, mais elevado, composto principalmente de collinas e campos com pequenas mattas ou capões. Clima em geral temperado e saudavel; apenas na matta e nas margens do S. Francisco é quente e humido.

Fortemente accidentado o territorio do Estado de Minas, conta elle entre as principaes serras : a Serra da Mantiqueira; a do Espinhaço, onde se encontram os picos do Caraça (1.955 m.), Itambé (1.823 m.), Piedade (1.783 m.), e Itacolumi (1.752 m.) ao pé de Ouro-Preto, e que é como um ramal da precedente no rumo de NE.; e as serras da Matta-da-Corda e Canastra, que fazem parte do systema goiano ou central. D'ellas se ramificam muitas outras de menor porte, que em differentes direcções cruzam o Estado.

Principaes rios : o S. Francisco, desde sua nascente na serra da Canastra até á



Francisco Salles, presidente.



D. João B. C. Nery, bispo de Pouso-Alegre.

lometros pelos rios do interior;

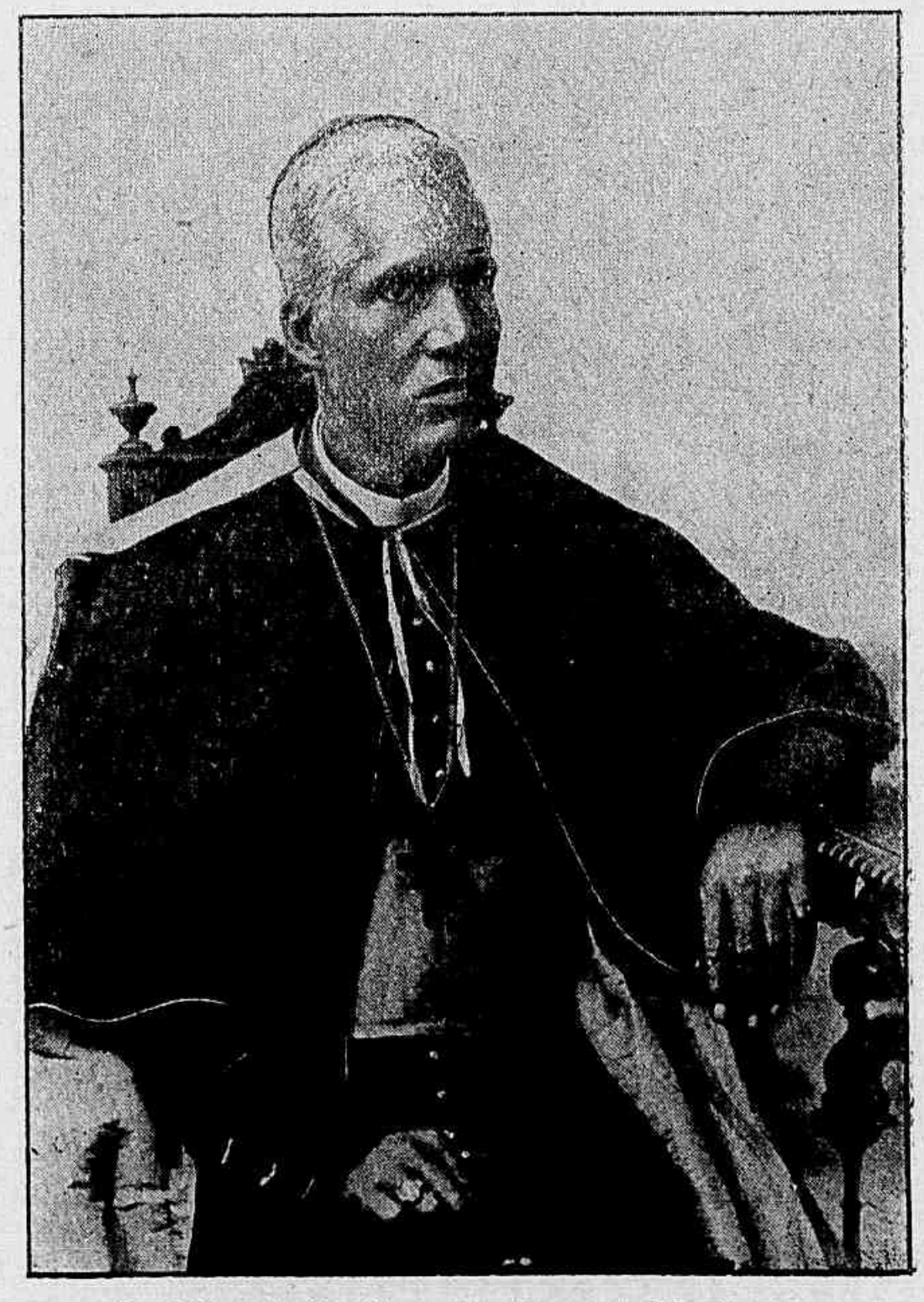
— Da E. F. Leopoldina: 353 kms. de Serraria a Saúde; 167 kms. de Porto-Novo-do-Cunha a Ligação (6 h. 49 m.); 12 kms. de Vista-Alegre a Leopoldina (32 m.); 150 kms. de Recreio a S^ta Luzia (5 h. 56 m.); 18 kms. de Paraokena a Cysneiro (1 h.); 18 kms. de Patrocinio a S. Paulo de Muriahé (1 h.); 31 kms. de Volta-Grande a Pirapitinga (1 h. 28 m.);

— Da E. F. Oeste de Minas: 602 kms. do Sitio a Paraopeba (por S. João d'El-Rei, Aureliano-Mourão, Oliveira e Pitangui), em 26 h. 50 m.; 50 kms. de Aureliano-Mourão a Lavras (2 h. 30 m.); 43 kms. de Lavras a Fortaleza (2 h. 50 m.); 49 kms. de Rio-Vermelho a Toscano de Brito (4 h. 25 m.); 34 kms. de Gonçalves-Ferreira a Itapecirica (1 h.; 6 m.)

foz do Carinhanha, rio amplissimo, da largura média de 1.000 metros ainda que pouco profundo; o Grande (affluente do Paraná) que nase juncto ao Itatiaia, até o ponto de sua confluencia com o Paranahiba; o Paranahiba, que faz o limite com Goiaz; o Paracatú, o Urucuia, o Jequitinhonha, o Pardo, o Doce, o rio das Velhas, importante tributario do S. Francisco e que é navegavel desde Sabará, o Verde, o Sapucahi, etc.

E' já consideravel a rêde de viação ferrea no Estado, contando:

— Da E. F. Central: 558 kms. que vão de Parahibuna até Curvello; os 42 k. 446 do ramal de Ouro-Preto; os 15 k. do ramal de Minas. Esta estrada visa o ponto de Pirapora, que está apenas a 240 kms. de Curvello, e d'onde se iniciará a navegação de 1.400 ki-



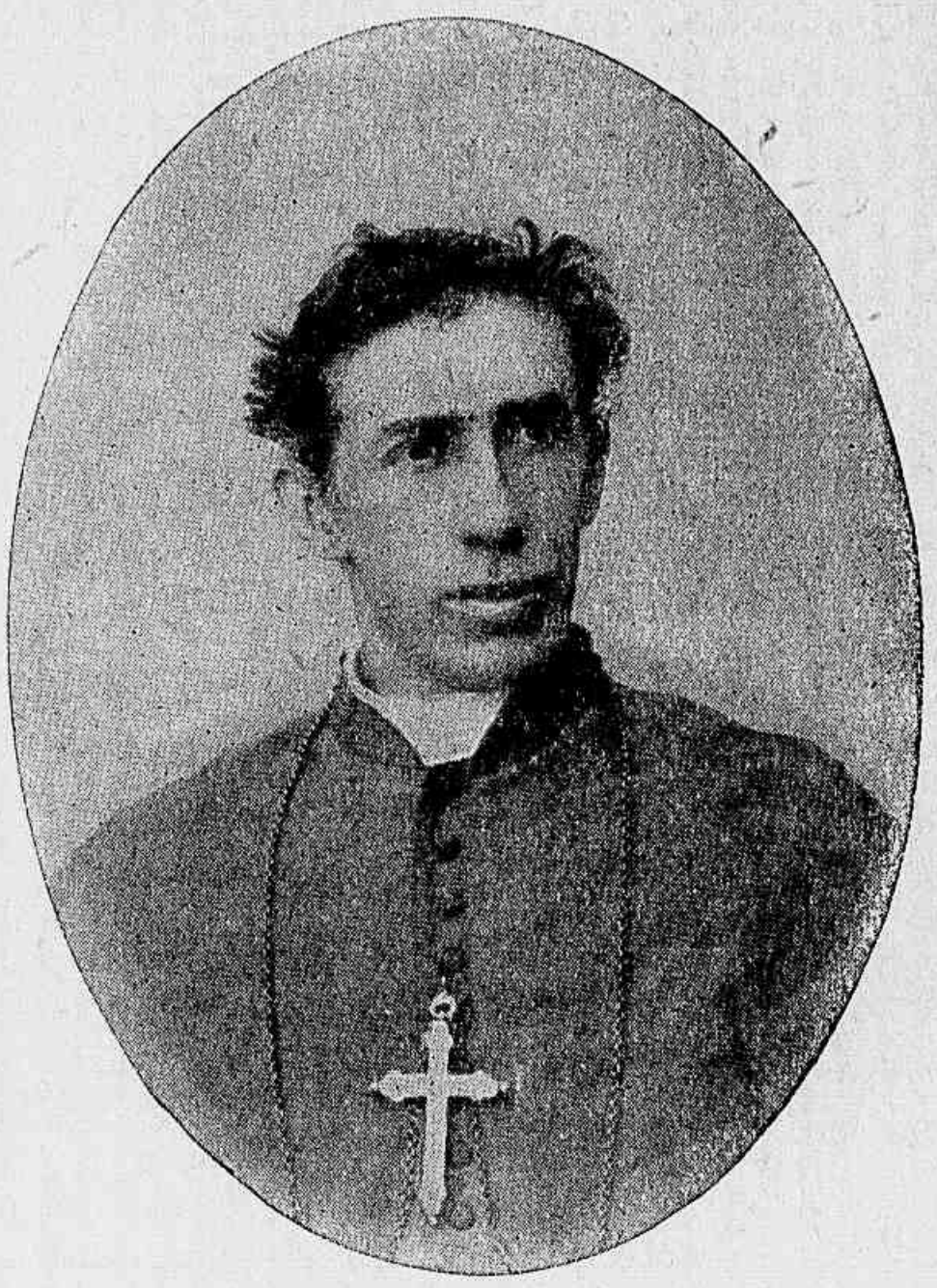
D. Silverio G. Pimenta, bispo de Marianna.

— Da E. F. Rio-Doce : — 27 kms. de Palmyra a Livramento (2 h.) ;

— Da E. F. Minas e Rio : — 170 kms. de Cruzeiro a Trez-Corações (7 h.) ; pertencendo aliás a S. Paulo os primeiros 25 kilometros até o Tunel;

— Da E. F. de Muzambinho : 152 kms. de Trez-Corações a Areado, por Varginha e Alfenas (7 h. 20 m.); e 86 kms., de Freitas a Campanha, por Aguas-Virtuosas e Cambuquira (4 h. 5 m.);

— Da Comp. V. F. Sapucahi : 271 kms., de Soledade a Sapucahi, por Christina, Itajubá, Pouso-Alegre e Ouro-Fino (11 h. 18 m.); 31 kms. de Soledade a Baependi, por Caxambú (1 h. 20 m.); 58 kms. de Joaquim-Mattoso a Bom-Jardim (2 h. 30 m.); 25 kms. de Bom-Jardim a Livramento. Em 1903 abriu mais 47 kms. ao tráfego, e teve este movimento financeiro : receita — 2.082:897$864, despesa — 1.728:605$389.

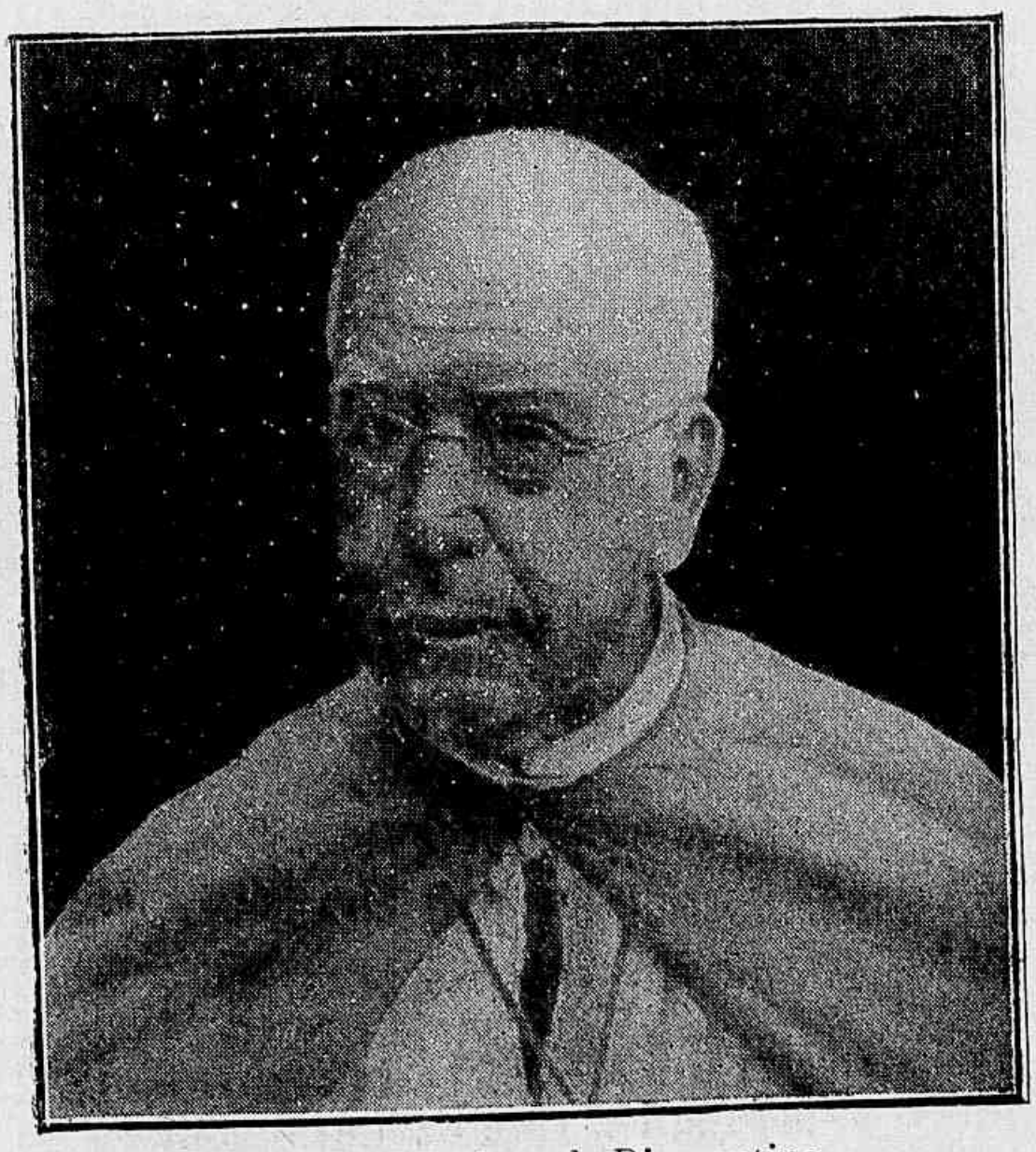


D. Joaquim Silverio,
bispo coadjutor de Diamantina.

— A estrada de Juiz de Fora e Piau, com 67 kms. (2 h. e 35 m.);

— Da Mogiana, o trecho de Cascavel a Poços de Caldas ;

— E da E. F. Bahia e Minas, o trecho de Aimorés a Bias-Fortes, com 116 kms 200.



O fallecido Bispo de Diamantina.

As estradas de ferro mineiras mediam em 1904 a extensão total de 3.758 kms., 277.

Até fins de 1901 o Estado gastára com a construcção de suas estradas a somma de 59.826:962$089, assim distribuida :

Leopoldina.....	17.577:570$392
Oeste de Minas..	8.562:859$370
Sapucahi.....	17.144:908$598
Muzambinho....	5.784:850$896
J. G. a Piranga..	446:904$050
Bahia e Minas...	16.311:867$738

Em 1904 foi inaugurada a navegação do rio Sapucahi, entre Fama e Carrito com um desenvolvimento de 108 kms.

Minas cultiva em grande escala café, fumo, algodão, canna de açucar e cereaes, e cria gado vaccum e suino. O fabrico do queijo, da manteiga e o do vinho progridem sensivelmente. As riquezas mineraes do sólo são extraor-

dinarias, avultando entre os productos explorados : o ouro, o ferro, os diamantes, o manganez e os marmores.

As mais importantes minas de ouro das que presentemente estão sendo lavradas no Estado de Minas-Geraes são as seguintes :

1) " Morro Velho " de propriedade da " The St. John d'el-Rei Gold Mining Co. ;

2) " Passagem " de propriedade da " The Ouro Preto Gold Mining Co.;

3) " Faria " pertencente á " The Faria Gold Mining Co. ;

4) " São Bento ", pertencente á " The São Bento Gold Estates Co. ;

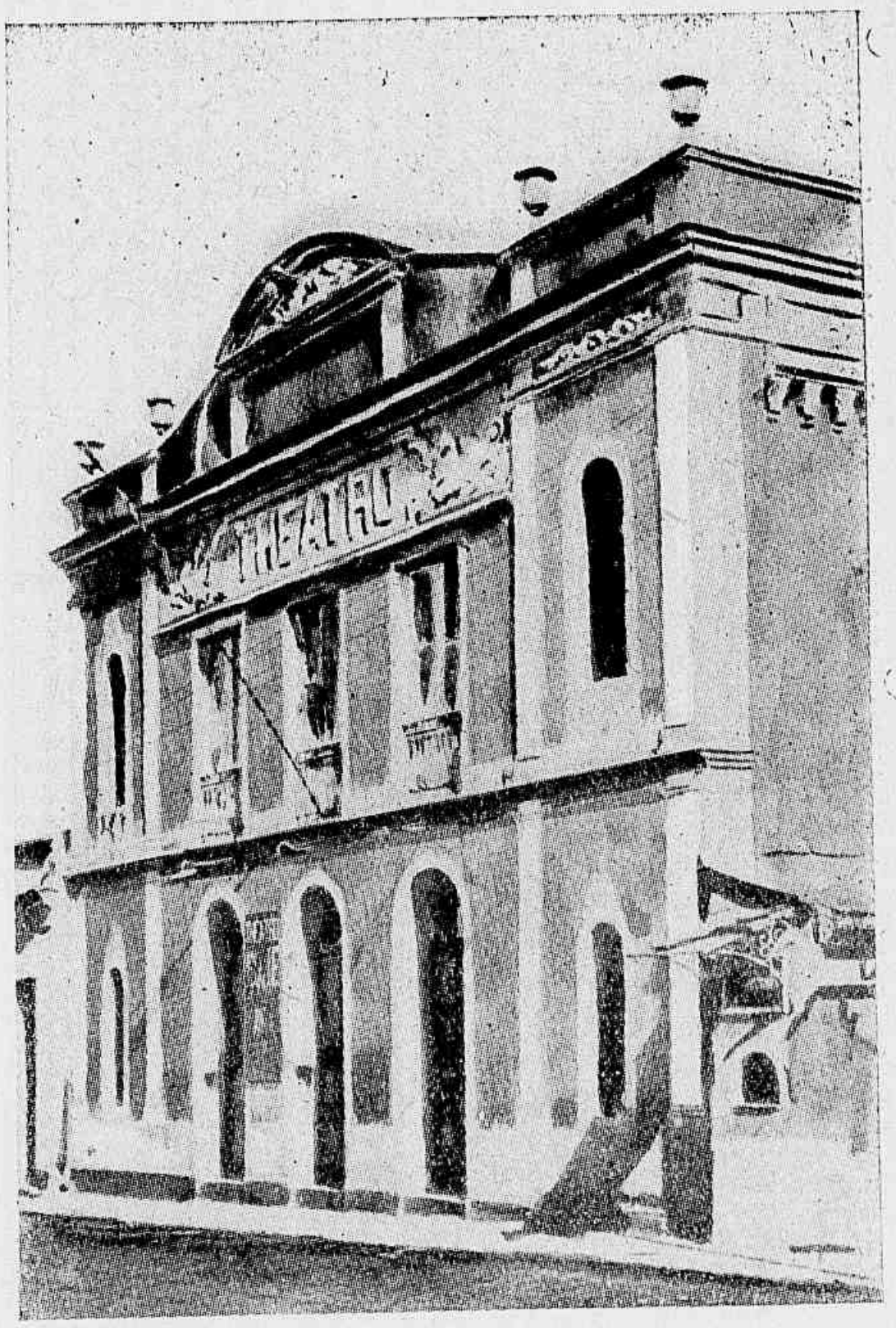
5) " Santa Quiteria ", explorada pela " The Anglo-Brazilian Gold Mining Co. ;

6) " Morro de Sant'Anna ", de propriedade da " The Ouro Preto Gold Mining Co., ,

7 " Itabira ", pertencente á



S. João d'El-Rei. — S. Francisco de Assis.



Theatro de Juiz-de-Fóra.

" Companhia Brazileira das Minas de Iabira ";

8) " Carrapato ", explorada pela " Carrapato Gold Mining Co. ;

9) " Juca Vieira ", de propriedade da " Lathom Gold Mining Co, Limit.;

10) " Florisbella ", pertencente á " Companhia Aurifera de Minas Geraes.

Apenas as duas últimas d'estas Companhias são nacionaes; todas as outras são inglezas.

Ha ricas jazidas de turmalinas azues e côr de rosa em S. Miguel, municipio de Arassuahi.

Exploram-se ainda no Estado as minas : de diamantes da Agua-Suja; de manganez (Companhia de Manganez Queluz de Minas), e de cinabrio do Tripuhi.

Os nucleos coloniaes de Minas são oito :

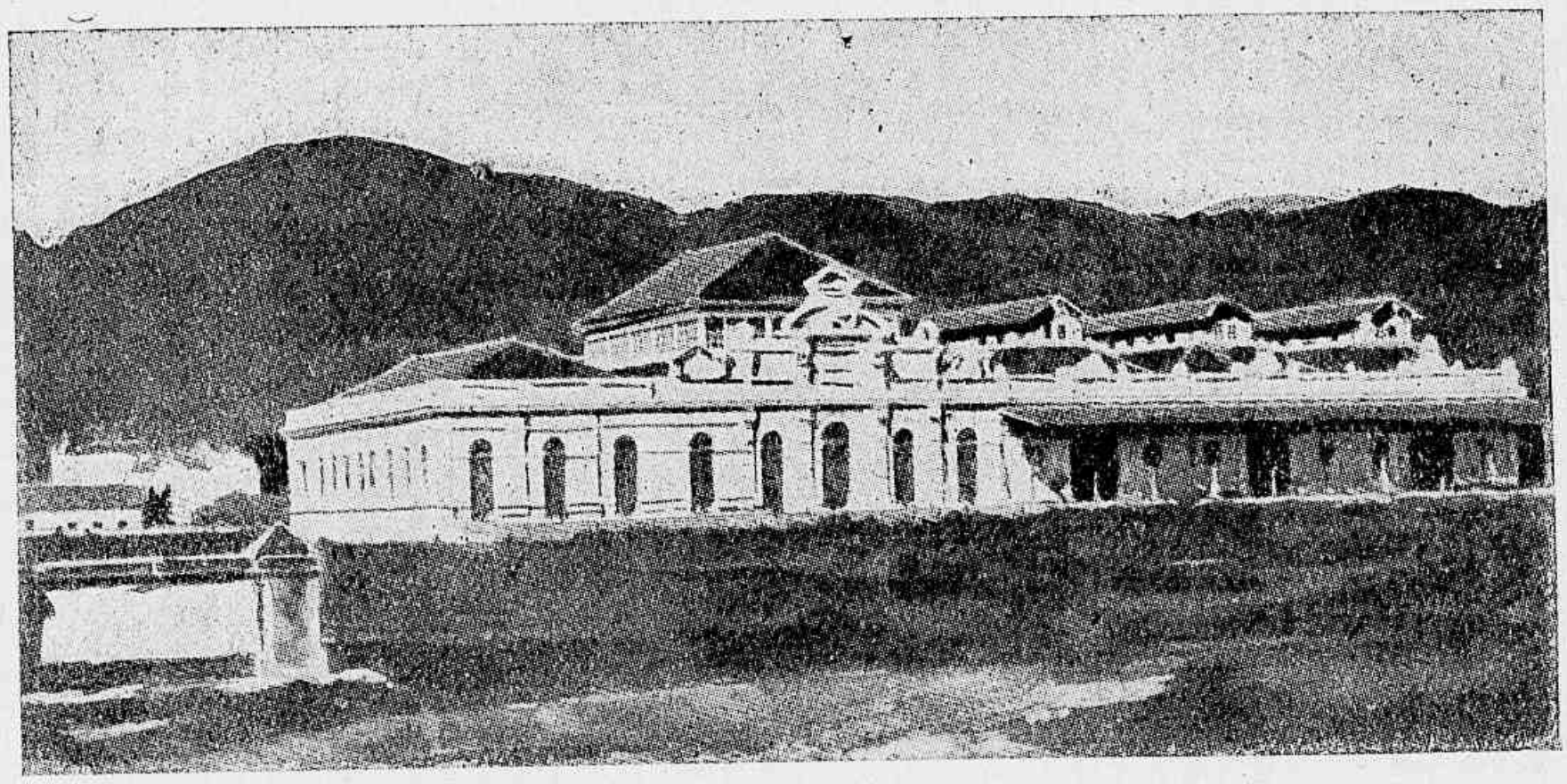
Rodrigo Silva, no municipio de Barbacena; Nova-Baden, no de Aguas-Virtuosas; Francisco Salles no de Pouso-Alegre; Affonso-Penna, Bias Fortes, Adalberto-Ferraz, Carlos Prates e Corrego da Matta nos suburbios da Capital.

Comprehendem todos elles uma área medida e demarcada de 77.152.195m²,40 dividida em 788 lotes ruraes e 234 urbanos. Acham-se localizados nesses nucleos 2.770 individuos.

A producção nelles obtida pelos colonos durante o anno de 1903 importou em 347:024$390.

O valor das propriedades,casas, animaes, etc. era calculado em 983:272$200.

Em 1903, a producção do café mineiro foi de 187.278.404 kilos, no valor



Alfandega de Juiz-de-Fora.

official de 77.692:290$444; a de gado subiu a 233.120 cabeças; a de queijos montou a 3.959.664 kilos.

De 1896 a 1901 foram exportados 19.821.999 grammas de ouro, representando em moeda nacional o valor de 61.164:672$451; só em 1901 a producção attingiu a 4.012.221 grammas, e em 1903 e 3.950.760 grammas no valòr da 9.936:116$400.

Em 1903 a exportação do minerio de manganez foi de 217.650.000 kilos, no valor official de 4.353:000$000.

Em 1903 o valor official de toda a exportação do Estado foi de 142.069:912$514:

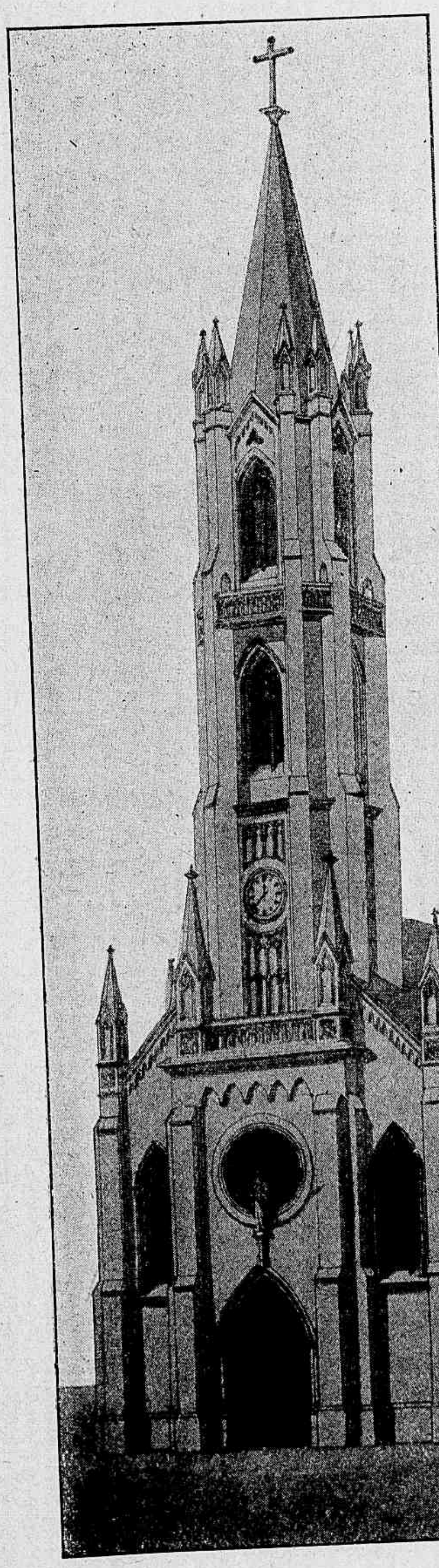
No mesmo anno a receita geral foi de 16.077:459$242, e a despesa — 16.252:974$000 (balanço provisorio). A depressão da renda foi devida á baixa do preço do café.

Em 1904 a divida passiva externa era de 58.345.500 francos e £ 37.100; a interna subiu a 1.3296:300$000.

Orçamento approvado para 1905 : receita — 16.278:969$700; despesa — 16.269:009$844.

Cidades principaes. — BELLO-HORIZONTE (capital), cidade inteiramente nova (inaugurada em 1897), situada em bellissima localidade e a 920 m. sôbre o nivel do mar, dividida em trez zonas : urbana suburbana e colonial ou de sitios. Longas e largas avenidas cortam-n'a em varias direcções, ostentando

muitas d'ellas construcções monumentaes e elegantes, públicas e particulares. Contam-se mais de 3.000 predios, todos modernos; prosegue o calçamento da cidade e está quasi concluida a sua arborização. O abastecimento d'agua é feito por quatro reservatorios, que medem junctos 13.092.200 litros por dia. Illuminação electrica. Entre os seus mais importantes edificios publicos, já promptos, figuram : o Palacio do Governo, as Secretarias d'Agricultura, do Interior e da Fazenda, a Faculdade Livre de Direito, a Estação da Estrada de Ferro, o Quartel de Policia. O parque da cidade, cuja área é de 572.400 ms. qs., será formosissimo, quando acabado.



Igreja de Nossa Senhora Mãe dos Homens,

— Ouro-Preto (antiga Villa-Rica e capital do Estado até 1897), situada a 1.160 m. sôbre o nivel do mar, dotada de bellos templos, de uma vasta cadeia, de antigos edificios a que se prendem memoraveis factos historicos, de uma Escola de Minas bem organizada, etc.; Juiz de Fóra (675 m. de alt.) sôbre o Parahibuna, com grande movimento industrial e commercial; Barbacena (1.178 m. de alt.) graciosamente situada num planalto, com excellente matriz e um grande Hospital de Caridade; Marianna, séde de um dos bispados e hoje decaïda de sua antiga prosperidade, vizinha das ricas minas da Passagem e do Maquiné, situada á margem do ribeirão do Carmo, cujas aguas deslisam sôbre areias auriferas; Campanha, com excellente clima e rodeada de preciosissimas fontes de aguas mineraes; Diamantina, séde de outro bispado, e centro da exploração de diamantes; Sabará, com templos curiosos, e vizinha da famosa mina do

Morro-Velho explorada com avultados lucros por uma companhia ingleza ; Cataguazes com um bom Forum e elegante theatro; Mar d'Hespanha, Pomba, Queluz; S. João d'El-Rei dotada de admiravel clima e de excellentes templos ; Caldas, na proximidade do Estado de S. Paulo, com fontes riquissimas de aguas thermaes, que na estação propria attrahem grande affluencia de visitantes; Christina, Baependi (com vastas plantações de fumo) ; Entre-Rios com grande movimento commercial; Curvello, Bom-Successo, Alfenas, Pitangui, Oliveira, Ponte-Nova ; Carangola, perto da qual se admira a opulenta Cachoeira dos Tombos do Carangola ; Pouso-Alegre, séde do terceiro bispado de Minas; Uberaba, com illuminação electrica e que toma rapido incremento depois de sua ligação com os grandes centros por meio da via ferrea da Mogiana; Trez-Corações, notavel centro do commercio de gado, em cuja feira no anno de 1903 se venderam 78.873 rezes, produzindo 7.994:500$000.

E' presidente de Minas o dr. Francisco Salles, e regem os trez bispados : d. João Antonio dos Santos (o de Diamantina, desde 1863), d. Silverio Gomes Pimenta (o de Marianna, desde 1896) e d. João Baptista Correia Nery (o de Pouso-Alegre) recentemente transferido da diocese do Espirito-Sancto, para a qual foi nomeado em 1896. O primeiro tem por bispo coadjutor d. Joaquim Silverio.

Em Minas, o Congresso compõe-se de duas camaras : a dos Deputados com 48 membros eleitos por quatro annos, e o Senado com 24 eleitos por oito annos, renovando-se o pessoal pela metade quatriennalmente. O Congresso reune-se a 21 de Abril e funcciona durante trez mezes.

O poder executivo é confiado a um presidente eleito tambem por quatro annos e que póde ter até quatro secretarios d'Estado.

O judiciario é exercido : pela Relação composta de desembargadores, por juizes de direito e jurados, e por juizes de paz eleitos em cada districto.

O Estado contem 126 municipios, tendo cada um d'elles um Conselho denominado Camara Municipal, com 7 a 15 vereadores eleitos por trez annos.

RESUMO HISTORICO

O territorio de Minas-Geraes só tarde foi conhecido, por se haver concentrado a principio, como era natural, a attenção dos Portuguezes no extenso littoral brasileiro. Um dos primeiros que o devassaram foi Sebastião Fernandes Tourinho que em 1573, subindo o rio Doce, fez volta e veio descer pelo Jequitinhonha trazendo noticias de minas de esmeraldas. Alguns annos depois, Antonio Dias Adorno fez excursão mais ou menos similhante em busca de pedras preciosas. Nenhuma d'essas viagens deixou porêm vestigios no interior.

Foi o genio aventuroso dos bandeirantes paulistas, excitado pela cubiça do ouro, o grande factor do povoamento de Minas e da fundação de numerosas aldeias, villas e cidades d'essa opulenta região. Deixaram maior renome, entre essas famosas expedições, as de : Fernão Dias Paes (de 1676 a 1681) que foi até Serro Frio, Antonio Rodrigues Arzão (em 1687) pelo sertão do Caeté, Bartholomeu Bueno de Siqueira (1693) a Cataguazes, Manuel de Borba Gato (1700) a Sabará. Marianna, Ouro-Preto, Pitangui, Caeté, S. João d'El-Rei e muitas outras cidades não tiveram outra origem.

Esse desbravamento do sertão deu logar por vezes a rixas e contendas graves, mas

faceis de explicar. Attrahidos pela sêde de grandes lucros, lidavam. Portuguezes ao lado dos Paulistas; inimizades entre estes e os reinóes, a quem appellidavam de « Emboabas », não tardaram a surgir. De uma vez houve verdadeiro combate entre Paulistas commandados por Domingos da Silva Monteiro e Portuguezes chefiados por Manuel Nunes Vianna; a lucta foi sangrenta juncto ao rio, que ficou sendo chamado « das Mortes », e os Brasileiros quasi foram alli exterminados.

Em 1709 a metropole creou a Capitania de S. Paulo e Minas-Geraes, dando-lhe por primeiro governador Antonio de Albuquerque Coelho Carvalho, que prestou excellentes serviços restabelecendo a ordem, creando villas, estabelecendo um regimento de cavallaria para a capitania, etc.

A mineração do ouro, encontrado a mancheias em differentes localidades, continuou a promover o augmento e a riqueza da população. Em 1720 ganhou a capitania os fóros de Capitania independente, separada de S. Paulo, tendo por primeiro governador e capitão-general d. Lourenço de Almeida, que tomou posse em 1721. Em 1720 houve uma revolta contra as « casas de fundição », no govêrno do conde de Assumar. Pouco depois descobriram-se ainda as minas de Arassuahi e os diamantes de Serro Frio.

Esses trabalhos de mineração reclamaram legislação especial : impostos de capitação, a creação de uma intendencia das minas, a demarcação de districtos defesos. A lavra de diamantes, de 1740 até mais ou menos 1752, foi feita por contractos arrematados; quanto á mineração do ouro, o govêrno portuguez estabeleceu o imposto do quinto, a capitação, depois certa e determinada contribuição annual, mais tarde outra vez a capitação, e de 1751 em deante novamente o imposto do quinto.

Os vexames soffridos pela população mineira a proposito da mineração fomentaram naturalmente o desgôsto dos filhos da terra, que viam partir para Portugal toda a riqueza de seu sólo sem compensações razoaveis. Em 1789 chegou como capitão-general o visconde de Barbacena com o intuito de proceder á cobrança do imposto dos quintos, que estava atrazado de alguns annos. O lançamento da « derrama » superexcitou os animos e foi pretexto azado para alçar o pendão da revolta : tramou-se a chamada « Conspiração do Tiradentes » (porque foi d'ella fervoroso propagandista Joaquim José da Silva Xavier — por alcunha o Tiradentes), dirigida por homens influentes e de notavel cultura : o tenente-coronel Francisco de Paula Freire de Andrade, Thomaz Antonio Gonzaga, Claudio Manuel da Costa, Ignacio J. de Alvarenga e outros. A infamia de um conjurado, o coronel Joaquim Silverio dos Reis, levou todo o plano da projectada Republica ao conhecimento do visconde de Barbacena; foram presos no Rio-de-Janeiro o Tiradentes, e em Minas os outros chefes da conspiração; installou-se a alçada para julgar os criminosos, e a 18 de Abril de 1792 foi lavrada a sentença. O alferes Silva Xavier subiu ao patibulo no dia 21 de Abril do mesmo anno; outros muitos foram degredados; Claudio Manuel suicidára-se ou fôra assassinado na cadêia de Villa-Rica.

Feita a independencia do Brasil em 1822, Minas-Geraes, na qualidade de provincia do Imperio, teve por primeiro presidente José Teixeira da Fonseca e Vasconcellos (barão de Caeté).

Em 1842, pouco depois de romper a revolução em Sorocaba, pelos mesmos motivos surgiu em Barbacena uma rebellião, que acclamou presidente a José Feliciano Pinto Coelho em vez do presidente legal.

O govêrno do Rio tomou logo providencias para a jugular, fazendo partir para Minas o barão de Caxias com fôrças militares; este general tomou Barbacena e seguiu no encalço dos revoltosos, que foram recuando por Queluz até Sabará, onde conseguiram reunir 3.000 homens. No arraial de Sancta Luzia, perto d'aquella cidade, travou-se o combate entre elles e a columna do coronel José Joaquim de Lima e Silva, irmão de Caxias. A derrota dos rebeldes foi completa; presos depois os principaes chefes

Theophilo Ottoni, José Pedro Dias de Carvalho, conego José Antonio Marinho e outros, foram remettidos para o Rio de Janeiro. A amnistia de 1844 lançou um véu sôbre este episodio.

Como Estado da Republica desde 1889, Minas teve por primeiro governador eleito o dr. José Cesario de Faria Alvim. Sua Constituição tem a data de 15 de Junho de 1891.

Nasceram em Minas : Claudio Manuel da Costa, fr. José de Stª Rita Durão, J. Basilio da Gama e Manuel Ignacio da Silva Alvarenga — poetas, fr. José Marianno da Conceição Velloso e dr. Joaquim Velloso de Miranda — botanicos, Bernardo Pereira de Vasconcellos e marquez de Paraná — estadistas, Theophilo Ottoni e seu irmão o mathematico Christiano Benedicto Ottoni, Bernardo Guimarães — romancista e Cesario Alvim — parlamentar e jornalista.

Altitudes de Montanhas e de Algumas localidades de Minas

Basta a menção de algumas altitudes de montanhas e localidades de Minas sobre o nivel do mar, para se fazer ideia do elevado planalto mineiro.

As *Agulhas Negras do Itatiaya* (na fronteira entre Minas, Rio e. S. Paulo) estão a 2.994 metros.

As *Pyramides do Itatiayassú* (cadeia da Mantiqueira) estão a 2.500 metros.

O *Pico da Serra do Papagaio* (em Ayuruóca) está a 2.293 metros.

O *Pico do Passa Quatro* (serra da Mantiqueira) está a 2.252 metros.

A *Serra do Caraça* (cadeia do Espinhaço) está a 1.955 metros.

O *Pico do Itambé do Serro* (Espinhaço) está a 1.817 metros.

A *Serra da Piedade* (a 7 leguas de Bello Horizonte) está a 1.787 metros.

O *Pico do Itacolumy* (a 18 kilometros de Ouro Preto) está a 1.750 metros.

A *Serra da Pedra Branca* (perto de Caldas, ao Sul) está a 1.710 metros.

O *Pico de Itabira do Campo* (a léste de Bello Horizonte) está a 1.520 metros.

A *Serra da Moeda* (municipio de Ouro Preto) está a 1.455 metros.

A *Serra de Ouro Branco* (ao sul de Outo Preto) está a 1.260 metros.

A villa de Pedra Branca (ao sul de Minas) está a 1.710 metros.

A cidade de Barbacena (muito saudavel), na região do campo) está a 1.178 metros, ou a 2.530 pés sobre o nivel do Atlantico.

A cidade de Ouro Preto (antiga Capital) está a 1.160 metros.

A cidade de Caldas (delicioso clima, ao sul) está a 1.000 metros.

A cidade de Caethé (ao centro) está a 943 metros.

A cidade de Entre Rios (ao centro) está a 938 metros.

A cidade de Bello Horizonte (Capital do Estado, ao centro) está a 920 metros.

A cidade de Bom Successo (a oéste) está a 844 metros.

A cidade de Itajubá (ao sul) está a 838 metros.

A cidade de Pouso Alegre (ao sul) está a 814 metros.

A villa de Caxambú (estação de aguas ao S.) está a 800 metros.

A cidade de Marianna (a mais antiga cidade de Minas) está a 745 metros.

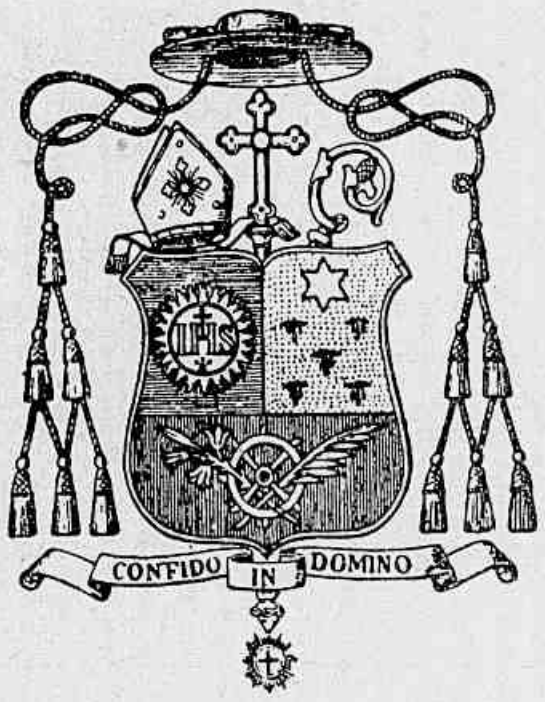
A cidade de Juiz de Fóra (a mais rica cidade do Estado) está a 675 metros.

A cidade de Abre Campo (a léste) está a 553 metros.

A mathematica é uma sciencia extraordinaria ; senão, vejamos :

Se um homem leva 12 dias para fazer uma parede, 12 homens poderão fazê-la num dia. E 288 homens em uma hora, 17.280 em um minuto e 1.036.800 homens em um segundo, isto é, antes de ter havido tempo para assentar um só tijolo !

GOIAZ

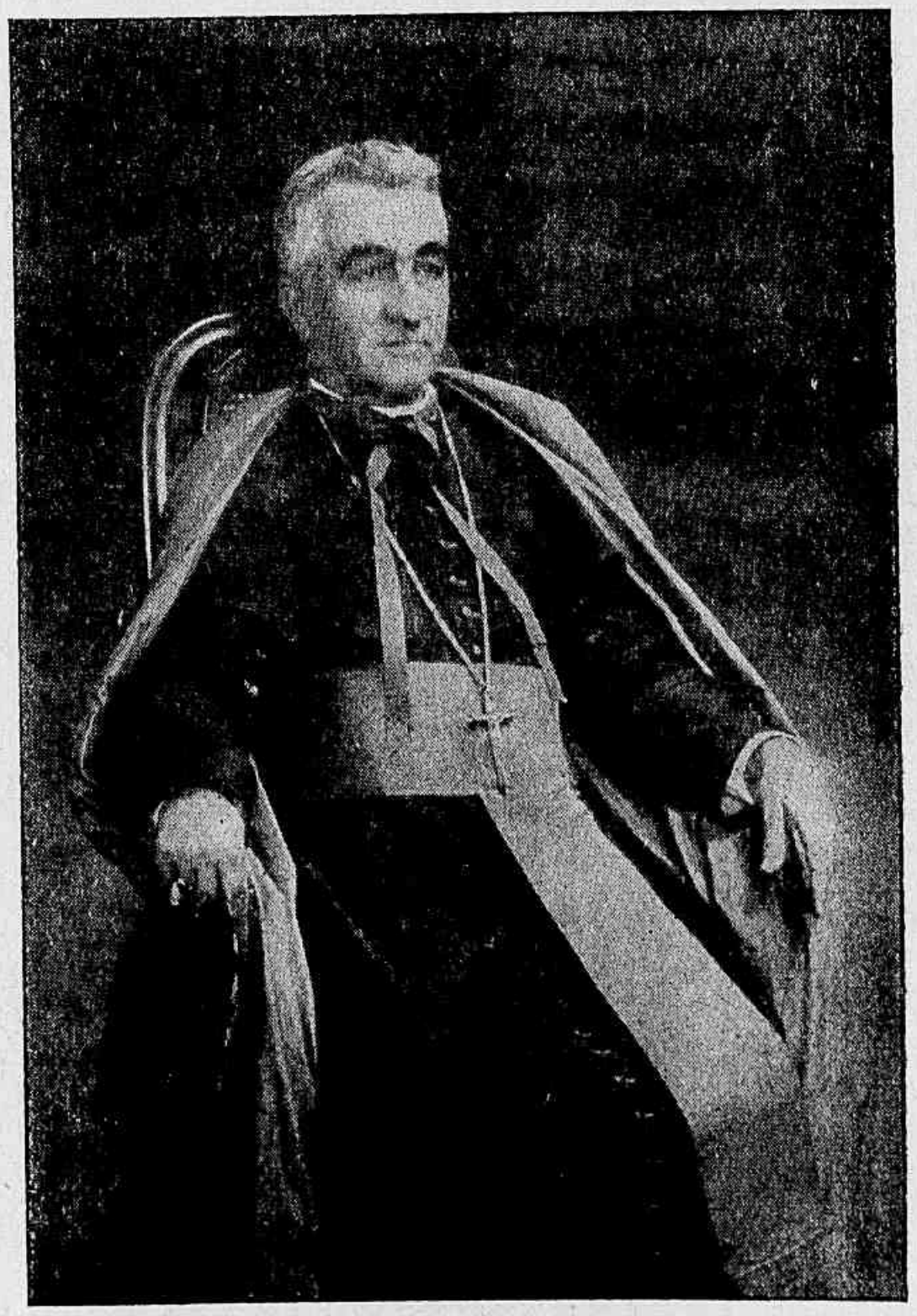


Armas do bispo d. Eduardo.

Limites : ao Norte, Pará e Maranhão ; a L., Maranhão, Piauhi, Bahia e Minas-Geraes; ao S., Minas-Geraes, S. Paulo e Matto-Grosso ; e a O., Matto-Grosso e Pará. Superficie 800.000 kms. qs. População 340.000 habs.; tocando pouco mais de 2 kms. qs. para cada habitante.

E' bastante montanhoso a Leste e ao Norte e um pouco ao Sul, sendo o territorio muito desegual, em grande parte coberto de immensas florestas, tendo tambem magnificos campos principalmente ao Sul e ao Sudoéste, onde se cria admiravelmente o gado. O clima é muito saudavel em certas regiões, sobretudo na parte meridional.

A riqueza natural do sólo é grande. Goiaz é no reino mineral um dos Estados mais ricos do Brasil, pois ahi se encontram crystaes, marmores, diamantes, ferro, kaolim, mica e sobretudo ouro. As suas minas apezar de trabalhadas pelos processos mais rudimentares, produziram até o fim do seculo XVIII, 9712 arrobas de ouro e actualmente demandam mais capital e trabalho para a extracção do precioso metal.



D. Eduardo Duarte Silva, bispo.

Nas florestas goianas encontram-se muitas madeiras preciosas para a construcção e marcenaria. Entre as plantas medicinaes merecem especial menção a baunilha, a salsa, a arnica, a quina, a jalapa, etc.

A serra das Vertentes de Eschwege é a dominadora e separa as trez grandes bacias : a do Tocantins ao Norte ; a do Rio-Preto a Leste ; e a do Paraná ao Sul. Toma nesse Estado as denominações de serras do Duro, S. Domingos, das Divisões, Urbano, S. Rita, Caiaposinho, etc. O ponto culminante d'esse systema fica no pico dos Pyreneus cuja altitude é de 1385^{m}. Na latitude de 15º 10′ a serra das

ESTADO de GOIAZ

Escala de 1:1.735.000

10° 5°

Estado do Pará

Estado do Maranhão

Estado do Piauhy

Estado da Bahia

Estado de Matto Grosso

Estado de Minas Geraes

Boa Vista

Serra do Estrompo

Rio Manoel Alves Grande

Chapadas das Mangabeiras

Rio do Somno

Rio das Balsas

Rio Tocantins

Porto Nacional

Serra Chavante

Rio Araguaya

Rio das Mortes

Rio Cayapó

Rio Crixás-assú

Rio Santa Thereza

Rio Maranhão

Conceição

Palma

Arraias

S. Domingos

Posse

Rio Paranan

Forte

S. José de Tocantins

Trahiras

Pilar

Rio das Almas

Rio Vermelho

Rio Grande

Lagoa Formosa ou de Feliz A. da Costa

Formosa

Pyrenopolis

S. Luzia

Jaraguá

Corumbá

Curralinho

Floriano Peixoto

GOIAZ

Serra de Santa Martha

Rio dos Bois

Rio de Meia Ponte

Rio Bonito

Rio Verde

Piracanjuba

Morrinhos

Rio Corumbá

Rio Verissimo

Bom-Fim

Santa Cruz

Entre-Rios

Catalão

Rio Claro

Rio Verdinho

Rio Correntes

Rio Aporé

Rio Paranahyba

Tagoatinga

Sa Taguatinga

Sa de S. Domingos

Tourrette del.t

Vertentes despede para o Sul um grande ramo, que Saint-Hilaire denominou serra de S. Francisco e do Paranahiba, e que serve de linha divisoria entre os Estados de Goiaz e Minas.



J. Joaquim de Souza, senador

Merece ainda menção a serra das Almas, que está situada entre os rios Maranhão e Paraná, e cuja parte mais elevada fica na chapada dos Veadeiros com 1678m acima do nivel do mar, sendo nessa chapada que fica o ponto culminante de todo o systema orologico de Goiaz.

Está o Estado situado nas trez grandes bacias brasileiras : amazonica, platina e oriental. Pertence á primeira o rio Tocantins que nasce na lagoa Formosa, recebe os rios Paranã, S. Thereza, Manuel Alves da Natividade, do Somno, Araguaia e muitos outros navegaveis. E' no Araguaia que fica a ilha do Bananal, talvez a maior ilha fluvial do mundo, com 360 kms. em linha recta de Norte a Sul e 120 kms. de Leste a Oeste. São tributarios do Araguaia, o Babylonia, Barreiros, Claro, Vermelho, Crixás-assú, das Mortes, etc. Pertencem á bacia oriental os rios Arrojado, Urucuia e Preto, que são affluentes da margem esquerda do S. Francisco. A' bacia platina perten-

COMPANHIA

Fabrica de Vidros e Crystaes do Brazil

Premiada com medalha de bronze na Exposição de Paris de 1889
Na Exposição de 1905 de São Luiz foi premiada com medalha de prata

1 e 6 Rua General Bruce 1 e 6, S. Christovão

TELEPHONE N. 619

Vendas só por atacado

Nesta fabrica encontra-se sempre um grande sortimento de chaminés de todos os feitios, tulipas, de linha, belgas e electricas, globos para gaz, ditos tulipas, cylindricos para palmatoria, ditos lisos foscadas ou floristados, ditos de cor, azul, branco e verdes, frascos cylindricos para Confeitarias e de bocca larga, com rolha esmerilhada de 1 a 15 libras, copos de todos os tamanhos e feitios, garrafas para vinho, de todos os feitios, compoteiras modernas, apanha-moscas, calices de todos os feitios, pratos de vidro, bebedouro para passaros, saleiras, manteigueiras, telhas (feitio de Marselha para clara-boia), isoladores para piano, lampeões de todos os feitios, etc., etc., etc.

BOLAS PRATEADAS PARA JARDIM

(TÉM SEMPRE EM GRANDE PORÇÃO)

Fabrica todas as qualidades e feitios e faz vasos de barro de suspensão para parasitas; moringas feitio melão e outros, quartinhas e copos de barro. Tendo uma secção especial para fabricação de vasilhame para pharmacia como seja : vidro para magnesias, agua ingleza, vinhos, oleo de ricino, etc.

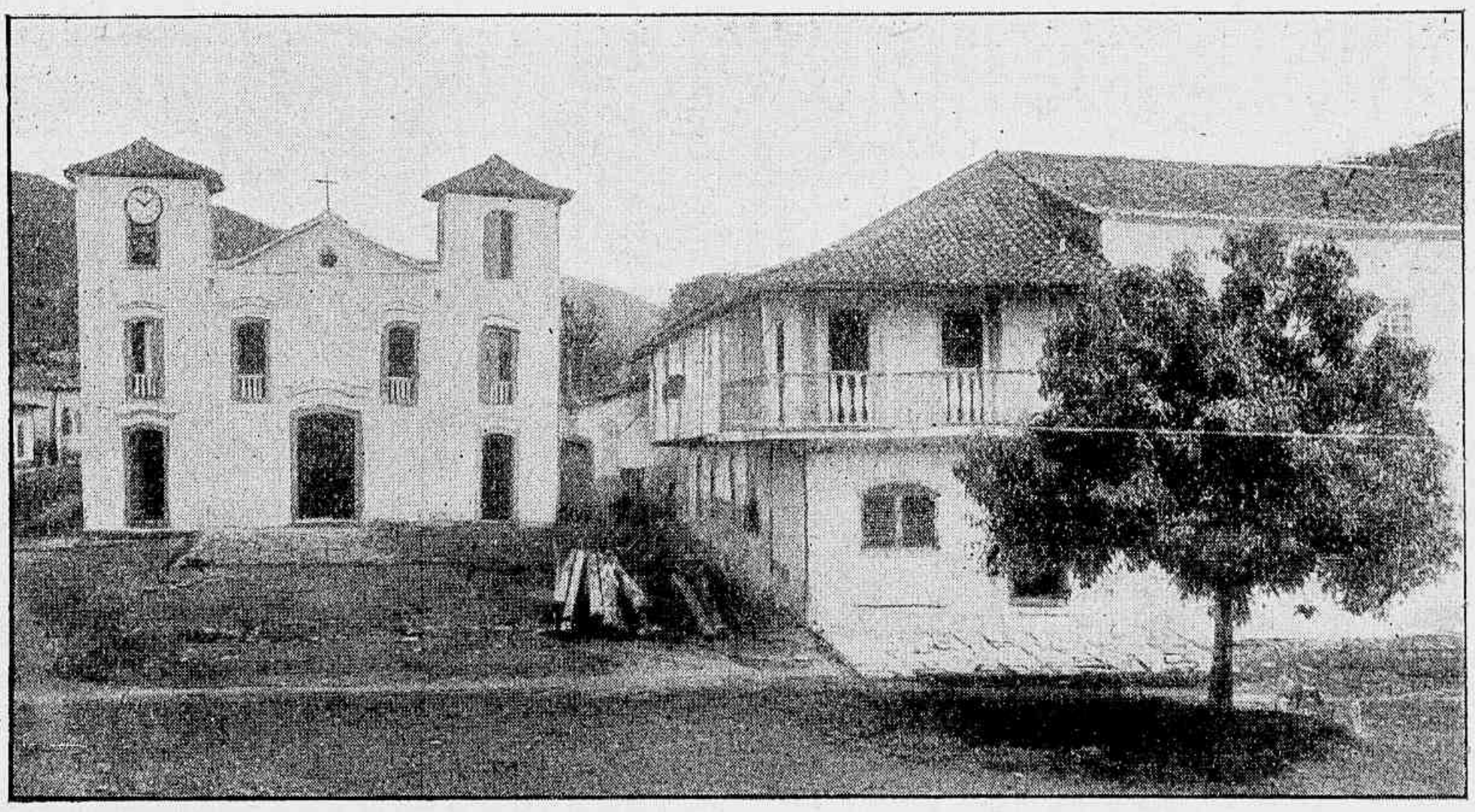
F. A. M. ESBERARD, Fundador e Director-Gerente.

cem os rios Paranahiba e Coxim. O primeiro nasce em Minas-Geraes, recebe em Goiaz os rios S. Marcos, Corumbá, Meia Ponte, Bois, Claro, Sucuriú e Pardo.

O longinquo Estado ainda não possue o beneficio da viação ferrea, mas dirigem-se para elle a E. de F. Mogiana e a Oéste de Minas. Em 1904 foi auctorizada uma revisão de antigos contractos, de forma que uma linha parta de Araguari (estação da Mogiana) á cidade de Goiaz, permittindo-se á Companhia construir um ramal para a margem do rio Tocantins.

A principal industria de Goiaz é a criação de gado; e das lavouras, a que mais desenvolvimento tem tido, é a do fumo que já é vantajosamente conhecido em todo o Brasil. Calcula-se em 450.000 k. a producção annual de seis municipios.

No municipio de S. Luzia fabrica-se excellente marmelada. O commercio é



Goiaz. — Egreja do Rosario e couvento dos Dominicanos.

feito com os Estados da Bahia e Minas-Geraes por meio de tropas e com o Maranhão e Pará pelos rios Tocantins e Araguaia.

Durante o anno de 1903 o Estado de Goiaz exportou 30.301 bois; 5.452 porcos, 142.776 kilos de fumo, 21.954 kilos de crystal, 48.218 kilos de borracha e 9.054 kilos de marmelada. O valor official da exportação foi de 216:063$661. O anno de 1903 foi de muito fraca exportação.

O exercicio de 1902 deu o seguinte resultado financeiro : receita 858:183$246; despesa 743:768$988, conseguindo-se o saldo de 114:414$258.

Cidades principaes. — Goiaz (antiga Villa-Boa) cap. do Estado, situada sôbre o rio Vermelho, que a atravessa de Léste a Oéste e a divide em duas partes deseguaes. Fica a 486^{m} acima do nivel do mar. São mais notaveis entre os seus edificios : o Palacio do Governo, a Delegacia Fiscal, o Asylo de S. Vicente de Paula, as egrejas da Boa-Morte, do Rosario, do Carmo e a de S. Francisco, o theatro de S. Joaquim, a Academia de Direito, o Lyceu e Escola Normal, etc.

Seguem-se : Curralinho, Jaraguá, Pyrenopolis (primeira cidade do Estado depois da Capital), Corumbá, Bomfim, S. Cruz, S. Luzia, Bella Vista, Catalão, Ipa-

mirim (antiga Entre-Rios), Pouso Alto, Morrinhos, Rio-Verde, Sta Anna do Paranahiba, Formosa, Palma, Porto-Nacional e Boa-Vista.

E' bispo da diocese desde 1893 d. Eduardo Duarte da Silva.

Em Goiaz o Congresso compõe-se de duas camaras : a dos Deputados com 24 membros eleitos por 4 annos e o Senado com 12 membros eleitos por 8 annos, renovando-se o pessoal pela metade quatriennalmente. O congresso reune-se a 13 de Maio e funcciona durante 2 mezes.

O poder executivo é confiado a um presidente eleito tambem por 4 annos. O judiciario tem por orgãos : o Superior Tribunal de Justiça, composto de 5 desembargadores, occupando um d'elles o cargo de Procurador Geral do Estado; juizes de direito; o jury; a junta correccional em todos os termos; juizes municipaes e districtaes.

O jury compõe-se de doze juizes é sorteado nos termos e julga os crimes inaffiançaveis; a junta correccional compõe-se do juiz municipal, juiz districtal e presidente do conselho municipal e julga os crimes cuja pena fôr, no maximo, de um anno.

Ha em Goiaz 37 municipios, tendo cada um d'elles um conselho e um intendente eleitos por 4 annos.

RESUMO HISTORICO

Já em dias do seculo XVII se effectuou a primeira entrada de exploradores no territorio goiano, e só em 1682, com a expedição do paulista Bartholomeu Bueno da Silva o *Anhanguera*, se veio a conhecer a grande riqueza aurifera do solo, que foi d'ahi em deante o movel do povoamento de Goiaz. O filho d'esse mesmo Bartholomeu em 1726, obtida a amizade dos indios Goiazes, continuou felizmente a obra de seu pae, colhendo alguns milhares de oitavas de ouro e fundando os arraiaes de Ferreiros, Sta Anna, Barra e Ouro-Fino; nomeado por isso em 1731 capitão-mór das terras que descobrira, deu incremento á obra de colonização. O progresso foi tão rapido, que em 1736 Goiaz foi logo erigido em comarca da capitania de S. Paulo, e em 1744 elevado a capitania, cuja capital ficou sendo Villa-Boa (hoje cidade de Goiaz), nascida do modesto arraial de Sta Anna fundado 18 annos antes.

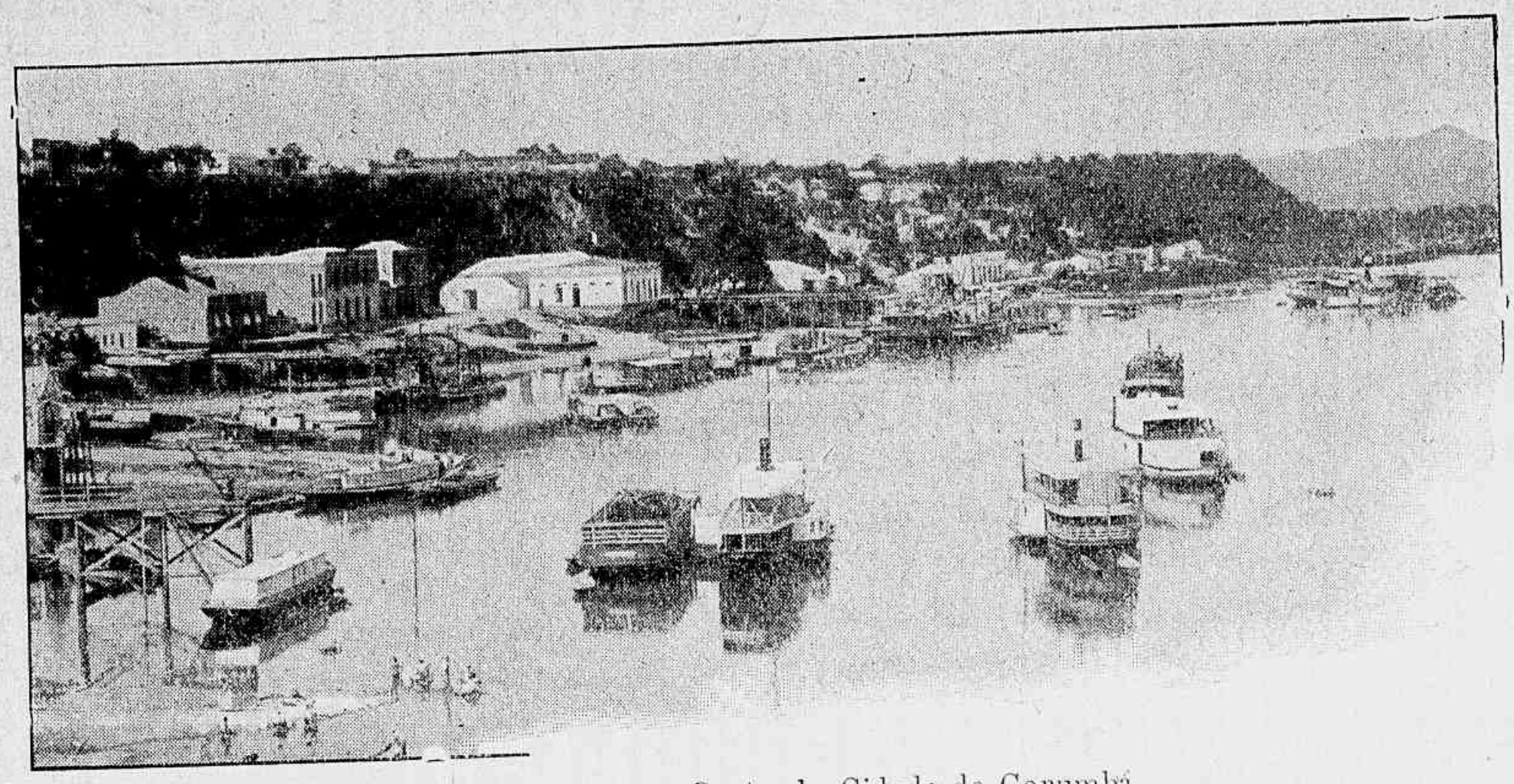
Seu primeiro governador geral foi d. Marcos de Noronha, que tomou posse em 1749. A prelazia de Goiaz ficou sujeita ao bispado do Rio-de-Janeiro até que, em 1825, por bulla de Leão XII se creou o bispado autonomo, cujo primeiro titular foi d. Francisco Ferreira de Azevedo.

Em 1822 passou a provincia do Imperio e em 1889 a Estado da Republica; seu primeiro presidente no passado regime foi Caetano Maria Lopes Gama (depois visconde de Maranguape), e seu primeiro governador sob as instituições republicanas — o major dr. Rodolfo Gustavo da Paixão, eleito em 15 de Novembro de 1891.

O numero de analphabetos na Italia sobe actualmente a 48,5 0/0 da população.

Assim o affirma uma estatistica official, accrescentando que essa proporção demonstra um consideravel progresso, visto como ha dez annos erão 61 0/0 os Italianos, que não sabiam lêr.

Cumpre observar que ao Norte da peninsula a proporção é apenas de 14 0/0. E' o Sul e são as ilhas que, com os seus 80 a 90 0/0 de analphabetos, contribuem para deprimir a média geral.



Matto-Grosso. — Porto da Cidade de Corumbá.

MATTO-GROSSO



Coronel Antonio Paes de Barros, presidente

Confina : ao N. com Amazonas e Pará; ao S. com o Paraguai; a E. com Goiaz, Minas, S. Paulo e Paraná; a O. com Amazonas e com a Bolivia. Superficie : 1.379.651 kms. qs. População : 157.000 almas.

Ha no Estado duas cadeias importantes de montanhas : uma que o atravessa obliquamente de L. a O., formando as serras dos Parecis, São Vicente, Salinas, etc., e outra na direcção meridional onde finda com os nomes de Amambahi e Maracajú. A serra de S. Vicente tem altura superior a 1.000 m.; a Chapada, a L. de Cuiabá, tem mais de 800 m.; o morro de S. Jeronymo 1.400.

Innumeros rios cortam o territorio : nas fronteiras o Apa, o Paraguai, o Guaporé, o Madeira, o S. Manuel, o Araguaia e o Paraná; no centro, o Taquari, o Cuiabá, o Arinos e parte do Tapajóz, parte do Xingú, o rio das Mortes, etc.

Riquissimo de productos mineraes, conta entre elles o diamante e o ouro, que só reclamam braços e capitaes. A terra dá com exuberancia café, canna de açucar, fumo, a ipecacuanha, a baunilha, a herva-



D. Carlos d'Amour, bispo.

ESTADO
de
MATTO-GROSSO

Escala de 1:11.572.500

20° 15° 10°

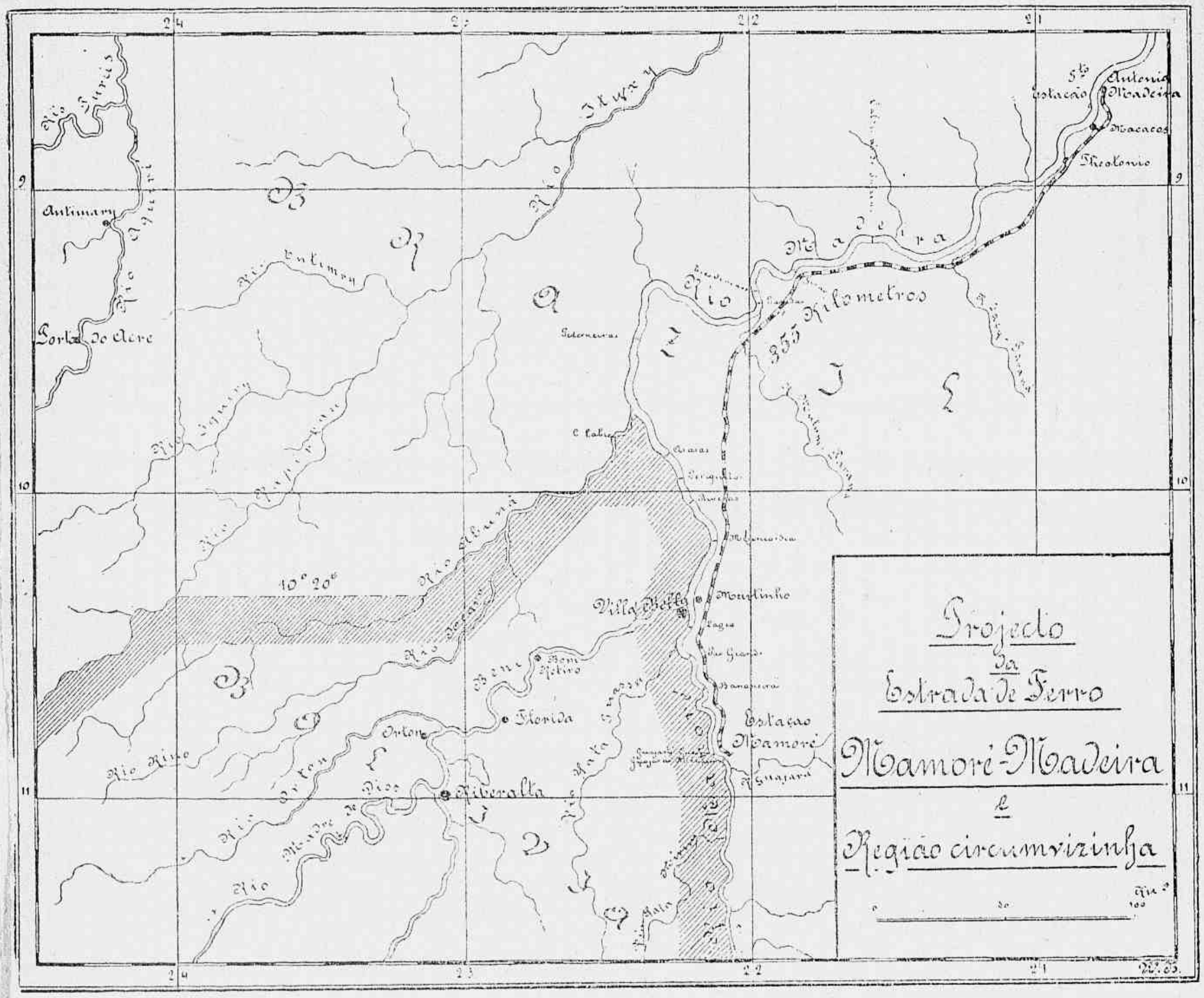
Estado do Amazonas

Estado do Pará

Rio Madeira
Rio Guaporé
Rio Jamary
Rio Ciparaná
Cordilheira do Norte
R. S. Martinho
Rio Tapajoz
Rio das Tres Barras
Rio Cairary
Rio Fresco
Rio Xingú
Rio Araguaya
S. Manoel
Rio Arinos
Rio Juruena
Serra Azul
Cordilheira dos Parecis
Saudes Parecis
Rio Sumidouro
Diamantino
Rozario
Rio Manso
Rio Manso ou das Mortes
Matto Grosso
Rio Jauru
Rio Cabaçal
Livramento
CUIABA
S. Antonio do Rio Abaixo
S. Luiz de Caceres
Poconé
Rio Paraguay
Rio Cuyabá
Rio S. Lourenço
Estado de Goyaz
L. Uberaba
L. Guahyba
L. Mandioré
R. Taquary
L. de Caceres
Corumbá
Bahia Negra
S. Anna do Paranahyba
Rio Apore'
Rio Pardo
Miranda
Rio Miranda
Sa. de Amambaly
Rio Apa
Sa. de Maracajú
R. Iguirey
Rio Parana
Estado de Paraná
Ilha das 7 Quedas
Republica da Bolivia
Republica do Paraguai

matte, etc. Cria-se gado em seus vastos campos. Todas estas riquezas tomarão incremento quando se realizar a projectada ligação do Estado com S. Paulo ou Paraná por meio de uma estrada de ferro.

Este desideratum entrou em caminho de realização, graças a um decreto do Govêrno da União, em 1904, auctorisando a revisão dos antigos contractos das estradas de ferro Uberaba a Coxim e Catalão a Palmas. De accôrdo com o novo traçado, parte uma linha de Baurú (estação da Sorocabana), segue pelo



valle do Tieté em direcção a Urubupunga (na margem do rio Paraná), e, atravessando este rio, irá pelas terras altas da serra dos Bahus até Cuiabá.

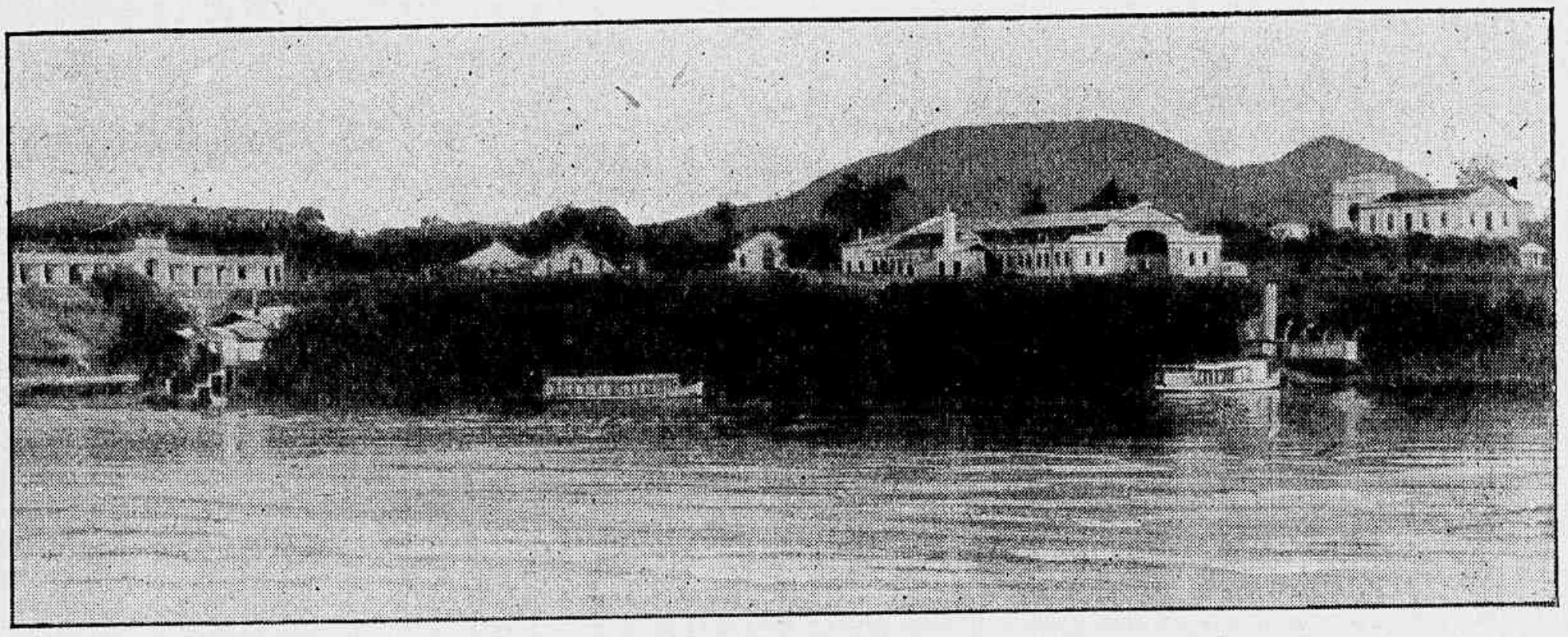
Por seu lado o govêrno do Estado firmou contracto para estabelecer uma linha de navegação a vapor nos rios Paraguai, Guaporé, Mamoré e Jaurú, assim como um serviço de transportes na nova estrada de rodagem do Guaporé ao Jaurú; assim se ligam as bacias do Amazonas e do Prata.

Ha ainda em Matto-Grosso muitas hordas de selvagens: Caripunas (no alto Madeira), Bororós e Parecis (no Guaporé), Coroados (nas cabeceiras do S. Lourenço), Bacairis (no Xingù), Caiuás, Guatós, etc.

A alfandega de Corumbá arrecadou em 1904 : 1.138:826$000.

Importação em 1902 no valor official de 2.488:114$000.

Exportação no valor de 7.555:960$000.
Orçamento de 1904 : receita — 1.853:886$554 ; despesa — 1.796:258$750.
A divida do Estado em 1904 era : fundada — 2.085:900$000; fluctuante —



Arsenal de Marinha. — Povoação do Lodario.

722:011$106. Grande parte das rendas é defraudada pelo contrabando, que se faz em grande escala pela fronteira do Paraguai e pelo rio Madeira; mal é este que urge reprimir.

Cidades principaes. — Cuiabá (capital), situada á margem esquerda do rio



Cuyabá. — Jardim publico, á praça Coronel Alencastro.

Cuiabá e a 288 m. sôbre o nivel do mar, com varios edificios publicos de boa construcção, como a Alfandega, o Quartel do 2º. de artilharia, o Arsenal, etc., praças ajardinadas, algumas egrejas e uma linha de bondes; Matto-Grosso (antiga Villa-Bella), Corumbá, S. Luiz de Caceres, Poconé, etc.

E' presidente do Estado — Antonio Paes de Barros, eleito em 1903, e bispo da diocese d. Carlos Luiz d'Amour, sagrado em 1877. Em 1904 foi nomeado bispo coadjutor d. Cyrillo de Paula Freitas.

O poder legislativo é exercido por uma só camara — Assembléa Legislativa, composta de 24 deputados eleitos por 12 annos, e que se reune a 13 de Maio de cada anno.

O executivo é exercido pelo presidente eleito por quatro annos.

O judiciario tem por orgãos : a Relação do Estado, composta de cinco desembargadores; juizes de direito nas comarcas ; supplentes d'estes juizes nos municipios ; o jury e juizes de paz nas parochias, estes ultimos electivos por quatro annos.

O Estado tem 12 municipios, havendo em cada um d'elles uma Camara de vereadores e um intendente geral, eleitos por quatro annos.



Joaquim D. Murtinho
senador.

Superficie. — Sua superficie ainda não foi exactamente determinada. Candido Mendes avaliou-a em 50.175 leguas quadradas, mas Conrado e Bellegarde estimaram-a em 51.000 leguas quadradas, assim como o Padre Pompeo em 2.090.880 kilometros quadrados e Lomelino de Carvalho em 1.379.651 kilometros quadrados.

Limites. — Matto-Grosso limita-se ao N. com os Estados do Amazonas e do Pará; a L. com os Estados de Goyaz, de Minas Geraes e de S. Paulo ; ao S. com o Estado de Paraná e com a Republica do Paraguay ; a O. com a Republica de Bolivia.

População. — Em 1890 era de 92.827 habitantes a população deste Estado, mas o Dr. A. Toledo Piza, num recente trabalho que publicou sob o titulo — *A população do Brasil em 1900* —, estima a população de Matto-Grosso em 157.000 habitantes.

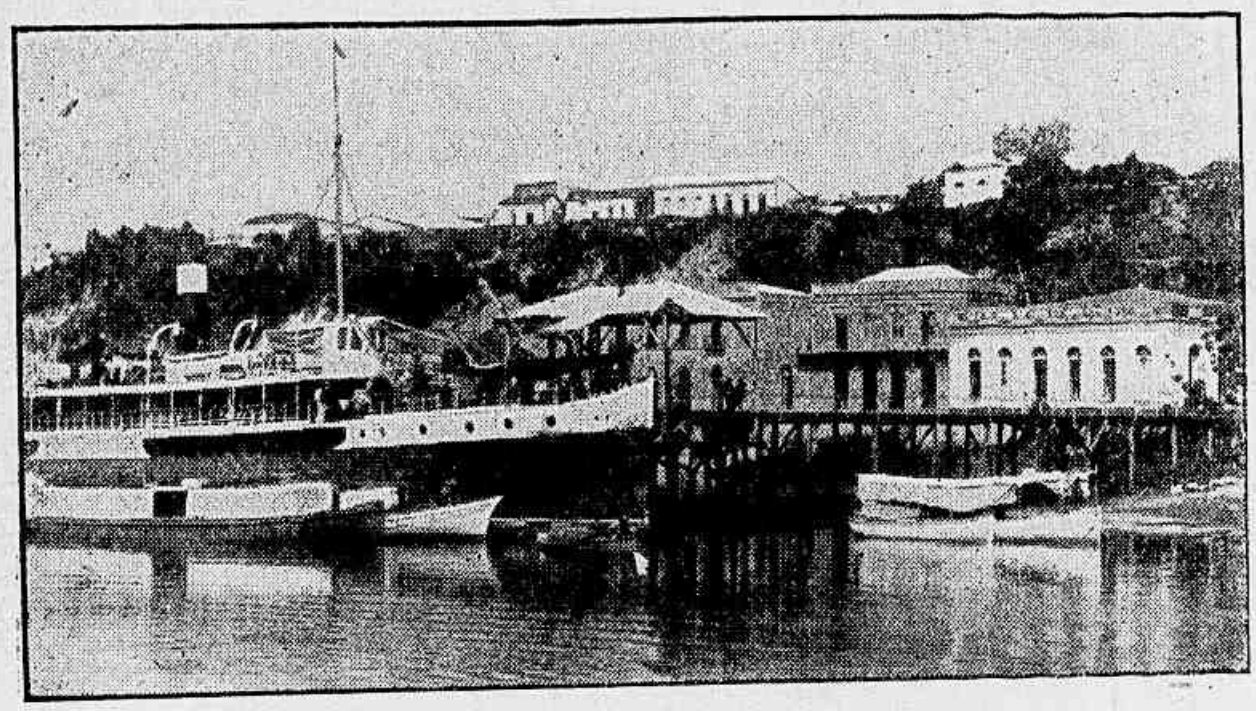
Clima e salubridade. — A respeito transcrevemos a abalisada opinião do Dr. João Severiano : « Talvez não seja com muito acerto que se capitule de malsão e inhospito o clima de Matto-Grosso. Composto de duas vastas regiões, o planalto e a baixada, são lhe bem diversas as condições climatericas, pelo seu hypsometrismo, natureza e influencia do solo.

O ar secco, a temperatura relativamente mais baixa do que a das baixas regiões, e por conseguinte mais agradavel, e as aguas das mais puras e sãs, constituem já não salubre, mas saluberrimo o clima do planalto, onde as molestias endemicas são quasi completamente desconhecidas e onde as epidemias poucas vezes assolam. E, pois, si essa região abrange cerca de duas terças partes do territorio matto-grossense, não é pelo clima da restante, isto é, do das comarcas alagadiças, onde actua uma atmosphera densa, pesada, e carregadas de principios miasmaticos, que se deve aferir o clima e salubridade, a constituição medica da provincia. »

Montanhas. — As montanhas deste Estado podem ser grupadas em dois systemas principaes, um que segue a direcção accidental e toca os limites com a Bolivia, e outro, na direcção oriental, fazendo linha divisoria com o Paraguay.

Ao primeiro destes systemas pertence a *Serra dos Parecis*, que penetra o territorio Amazonico; ao segundo pertence a *Serra das Divisões*, que vem na direcção de E. e cujas bifurcações pelo S. constituem as serras de *Amambahy* e *Maracajú*.

Rios. — Abundante é o systema potomographico deste Estado ; sendo muitos os rios que percorrem o seu vasto territorio, limitamo-nos a citar os principaes : Ao N. o *Madeira*, que recebe á direita o *Gy-paraná*, o *Jamary*, o *Camaré*, o *Jacy-Paraná* e o *Mutum-paraná*; o *Tapajoz*, um dos maiores rios da America, formado pelo *Arinos*



Matto-Grosso. — Cidade de Corumbá.

e *Juruena*; o *S. Manoel, Paranatinga* ou *Tres Barras*, nascido na *Serra Azul*, e que se lança no *Tapajoz* com um curso de quasi 1.200 kilometros; o *Xingú*, formado pelo *Ronuro* e *Coluena*, e em cujas zonas estão as tribus *Nahugá*, *Baccahirys* e *Trumahys*.

A E. o *Araguaya*, que tem por origem o corrego *Duas Pontes*, nascido na serra do *Cayapó*; seu curso é de 1.800 kilometros, dos quaes 1.200 banhando terra matto-grossense.

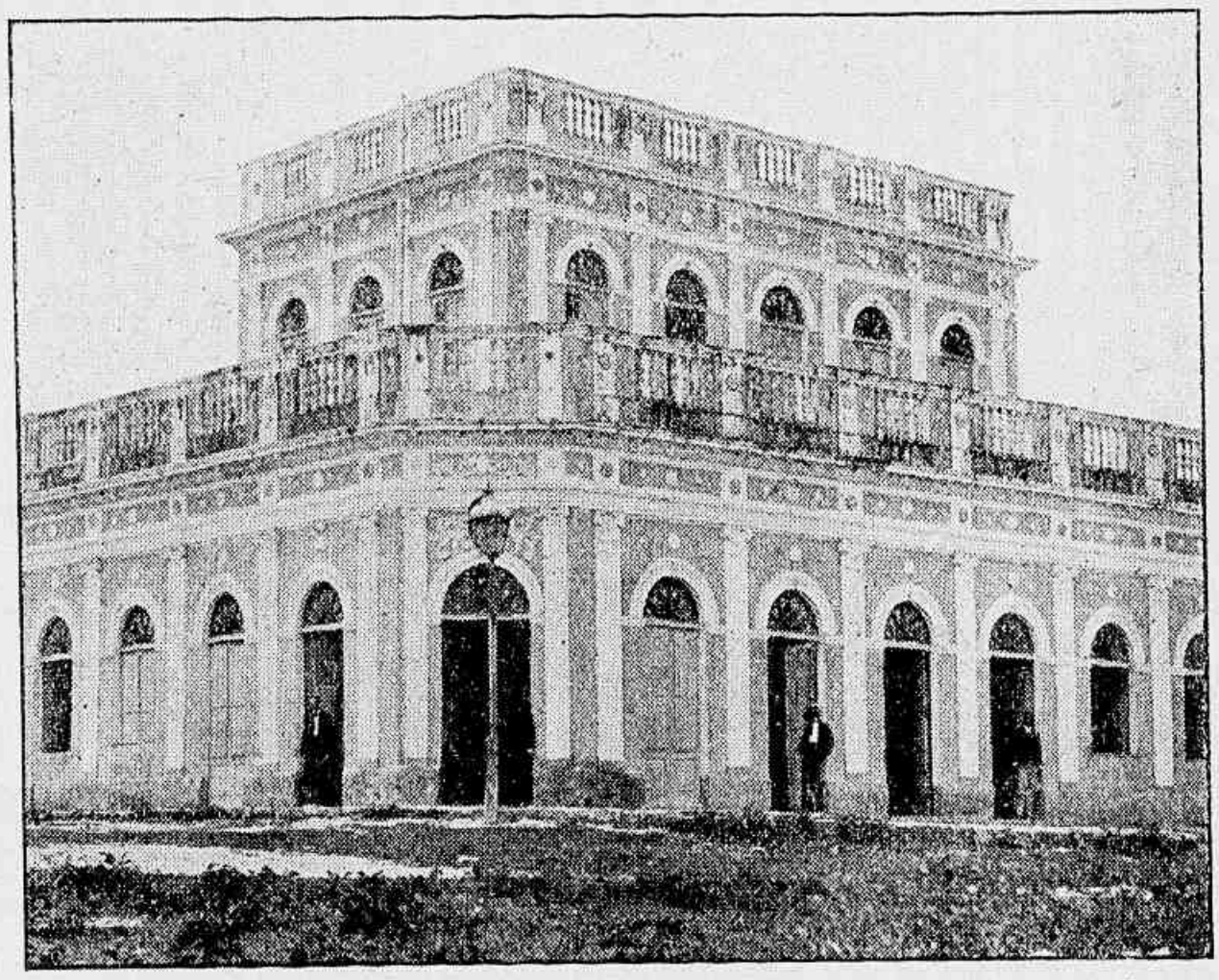
A S. E. o *Paraná*, formado pela reunião das correntes do *Paranahyba* com as do *Rio Grande*, e limita este Estado com os de Minas-Geraes, S. Paulo e Paraná.

Tanto este rio como o *Araguaya* recebe muitos tributarios, aliás importantes.

A O. o *Paraguay*, que nasce no alto da serra das *Sete Lagoas* e reune-se ao Paraná depois de cerca de 400 leguas de curso. Os principaes tributarios do *Paraguay* são: o *Rio Preto* ou *Pirahy*, o *Sipotuba*, o *Cabaçal*, o *Bugres* e o *Jaurú*.

O ultimo affluente do *Paraguay* em terra brazileira é o *Apa*, que nasce na serra de *Amambahy*.

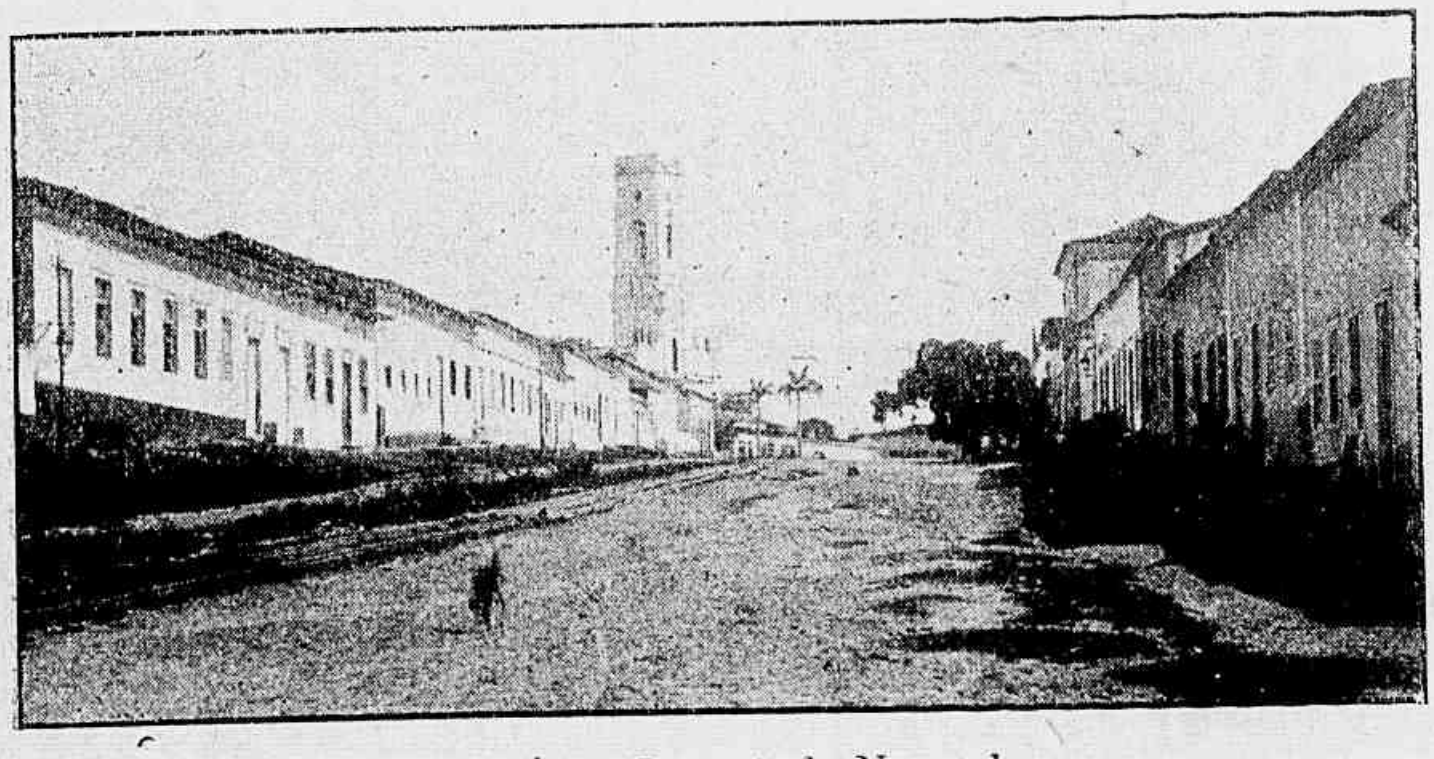
A communicação entre a Capital do Estado e as Republicas do Prata é feita pelos rios *Cuyabá*, *S. Lourenço*, *Paraguay*, *Paraná* e *Prata*.



Corumbá. — Intendencia Municipal.

Bahias e Ilhas. — As principaes bahias são: *Jany*, *Uberaba* (com 3 leguas de diametro), *Gayva*, *Mandioré* *Tamengo* e *Bahia Negra*.

A ilha mais notavel é a do *Pyrahim*, no rio *Cuyabá*.



Cuyabá. — Rua 15 de Novembro.

Productos naturaes. — Passamos para aqui, com a devida venia, o que disse o Dr. Caetano de Albuquerque a respeito dos productos naturaes d'este Estado, no seu precioso — *Resumo Chorographico do Estado de Matto-Grosso* —: « Seria quasi uma fabula a riqueza de Matto-Grosso si se não podesse apontar os si-

tios em que nos seculos XVII e XVIII se descobriram opulentas minas de ouro e diamantes. Basta lembrar as descobertas de Miguel Subtil e essa quasi lenda dos *Martyrios*, encontrados por Bartholomeu Bueno, o *Anhanguera*; as de Arayés, descobertas em 1670 por Manoel Corrêa; assim tambem as afamadas minas que deram logar aos arraiaes de S. Francisco Xavier, de Sant'Anna, de Ouro Fino, Bôa-Vista e S. Vicente Ferreira, nas immediações da antiga Villa Bella, e destruido este, em 1877, pelos *Cabixis*. Os terrenos auriferos do alto Paraguay, do Diamantino, do Boritysal, do Tombador e Coxim, são tambem geralmente conhecidos. O rio Coxim, o Diamantino, o Ouro, e muitos outros cursos d'agua, rolam o diamante de envolta com suas areias auriferas. Toda a cordilheira que borda a margem direita do Paraguay, assim como as do Arinos. são riquissimas em minerios de ferro.

. . . . . .

No reino vegetal, a baunilha, a ipecacuanha, a jalapa, a caroba, o jaborandy, a salsaparrilha, a copahyba, a quina, tão estimadas na therapeutica; a herva-matte, a siphonia elastica e madeiras de construcção, taes como: a peúva, o vinhatico, o guatambu, o cedro, o jacarandá, o angelim, a sucupira, o páo santo, o páo-brasil, e tantos outros.

O fumo e o café produzem magnificamente, e a canna de assucar faz verdadeiros prodigios, de modo que, sem exagero, pode-se dizer que Matto-Grosso é em riquezas naturaes o primeiro Estado da União: falta só que o esforço do homem saiba aproveital-as, para que diante delle abra-se futuro sem igual. »

EXPLORAÇÃO DE CRISTAES

O dr. Alves de Castro em um seu relatorio de 1905, escreveu:

A exploração de crystal em Matto-Grosso continúa cada vez mais em augmento no municipio de Sta Luzia, já sendo regular a sua procura.

Lemos no Araguary, de 25 de Março, a seguinte local bem interessante: — O Sr. Augusto Leyser, conhecido explorador de chrystaes, na Serra dos Chrystaes, em Goyaz, trouxe daquella procedencia uma enorme partida desse minereo, pesando 11 mil kilos, e que será remettida directamente á Allemanha. Esta partida de chrystaes custou ao Sr. Augusto de Leyser 51.530$000; fez de carreto até aqui 1.050$000; pagou de imposto de exportação no Estado de Goyaz 3.025$000; de taxa itineraria 60$000; de passagem no Rio Paranahyba 353$000; de imposto de trilho nesta cidade 24$000. Total: 58.052$000. »

A respeito desta industria, eis o que diz o Sr. agrimensor do Estado, no seu relatorio, em data de 6 de Agosto do anno passado:

« A exploração do chrystal na Serra, que tem tido epochas de grande actividade, está hoje mais reduzida.

Exploram-no por conta propria, empregando actualmente no serviço de seis a oito pessoas, os Srs. Emilio Levy, francez, Augusto Leyser, allemão, Jovino de Paiva e João Modesto Baptista dos Santos, mineiros.

Além desses cidadãos ha cerca de sessenta individuos na sua maior parte bahianos que trabalham isolados, sem nenhum recurso para um grande serviço, fazem a exploração contentando-se com o producto apenas sufficiente para o seu sustento, producto que vae quasi sempre vendido no mesmo dia ou a dinheiro ou por permutas de generos a uns seis compradores.

A exploração tem diminuido de intensidade ultimamente, não porque o chrystal esteja exgotado, ou haja diminuido o consumo nos mercados importadores — França e Allemanha —, onde de tanta nomeada gosa e para onde é elle exportado directamente pelos actuaes compradores. As causas devem ser outras e talvez o augmento do salario dos operarios que alli é de 3$000 por dia e o facto de que as jazidas superficiaes vão se tornando cada vez menos frequente e difficultando a extracção. Não deve ser extranho tambem a isso o facto de rixas que ultimamente tem havido entre fasendeiros visinhos

da Serra dos Chrystaes e exploradores, motivadas pelos estragos feitos em terrenos que elles consideram de sua propriedade.

A exploração do chrystal na Serra é feita sem nenhum processo methodico e sem o emprego de machinas apropriadas que, economisando tempo e dinheiro, facilitem o trabalho de extracção. Fazem-na por tentativas excavando aqui e alli superficialmente, no que perdem muitas vezes grande numero de dias sem resultado, até encontrarem uma jazida ou *cata,* segundo o nome expressivo dos exploradores, e de onde vão retirando ou catando os chrystaes que alli se acham em estado de deposito.

Raros são os exploradores que se aventuram ao serviço de uma jazida profunda, que demanda na maior parte dos casos o emprego de grandes capitaes para romperem as rochas ou cascalhos denominados por elles *dente de cão*, que formam espessas camadas só rompidas pela explosão da dynamite.

Outras vezes são obrigados a fazerem grandes escavações para exgotto das aguas muito abundantes na Serra com quinze a vinte palmos de profundidade. Todos esses obstaculos, causas de grandes despesas, nem sempre compensadas pela riqueza da jazida e pelo preço de chrystal, contribuem para que os exploradores não emprehendam grandes serviços.

Dos actuaes exploradores somente o allemão Leyser fez ultimamente um bom serviço em que despendeu perto de cincoenta contos de reis, tirando, porem, resultado segundo me informam. Foi o unico tambem que já fez o emprego de bombas para a extracção d'agua.

Os chrystaes communs na Serra são os de rocha (quartzo hialmo) branco e amarello.

Tem sido encontrados chrystaes coloridos de diversas outras côres, como o quartzo amethysta, o quartzo vermelho, etc., mas sao mais raros.

Em geral os crystaes coloridos alli são pequenos.

O crystal de rocha commumente encontrado na Serra é rolado e tem quasi sempre, pelo facto do rolamento em que perdeu as suas faces e arestas, a forma arredondada.

Estes crystaes, devido a sua semelhança e volume, são alli denominados de *ôvo de ema* e são sempre cobertos de uma camada algum tanto rugosa que lhes tira o brilho. São os melhores chrystaes.

O ôvo de ema pequeno, regulando o péso de 250 grammas, tem o nome de *balisa.*

Os chrystaes que ainda conservam a sua forma primitiva de chrystalisação em prismas hexagonaes pyramidados, qualquer que seja o seu tamanho, são chamados *canados.*

Os chrystaes bipyramidaes são raros e apenas pude vêr dous pequenos.

Outros nomes como *cascudos,* agulhas, etc., são alli dados a certos chrystaes.

O preço do chrystal branco na Serra é de vinte a vinte e cinco mil reis a arroba; e do amarello cinco mil reis por kilogramma devido a ser mais raro.

Com o cambio actual esses preços ainda deixam bom resultado. A sua exportação é feita em surrões de couro com peso de 60 kilos.

A exportação montou em 25.138 kilos no anno findo. »

RESUMO HISTORICO

Descobriram e povoaram os longinquos sertões de Matto-Grosso os mesmos Paulistas que, em aventurosas bandeiras, devassaram tantos outros pontos centraes do Brasil, á procura de minas. Conserva-se a tradição das expedições passageiras de Manuel Correia e Bartholomeu Bueno da Silva no ultimo quartel do seculo XVII. Em 1719 Paschoal Moreira Cabral, subindo o Coxipómirim, fundou perto d'elle um povoado, que depois se mudou para a Forquilha, logar de grande riqueza aurifera e proximo das célebres lavras do Subtil. Mais ou menos pela mesma epocha fundou-se outro estabelecimento á margem do rio Cuiabá, onde tambem se encontrára abundancia do precioso metal. A noticia d'estas riquezas suscitou repetidas levas de aventureiros, entre os quaes deixaram nome José de Sá e Arruda, o capitão-mór Jacintho Barbosa Lopes e os padres André dos Santos Queiroz e Joaquim Botelho. Graças a esta circumstancia

povoou-se o territorio de tal forma, que logo em 1727, com a assistencia do proprio capitão general de S. Paulo, Rodrigo Cesar de Menezes, foi solemnemente elevado a villa o povoado de Cuiabá.

As excursões dos bandos aventureiros chegaram em seguida aos Campos dos Parecis e a outros pontos, ora em busca de ouro, ora no encalço de indios, cuja caçada maculou por tanto tempo a nossa historia colonial.

Em 1738 foi o territorio de Cuiabá elevado a ouvidoria, e dez annos depois creou-se a capitania geral de Matto-Grosso, desligada da de S. Paulo, a cujo govêrno até então vivêra sujeita.

Foi seu primeiro governador d. Antonio Rolim de Moura, depois conde de Azambuja, que tomou posse em 1751. No anno seguinte foi erecta em villa a povoação de Pouso-Alegre com o nome de Villa Bella da Sanctissima Trindade de Matto-Grosso, que se constituiu séde do govêrno da capitania até 1820.

A metropole teve sempre o cuidado de commetter a administração d'esta capitania a homens de valor, que velaram pela sua defesa. Luiz de Albuquerque Mello Pereira e Caceres, auxiliado pelo benemerito engenheiro Ricardo Franco de Almeida Serra, fundou os registos de Insua e Jaurú (1773 e 1774), o presidio e forte de Nova-Coimbra (1775), o forte Principe da Beira (1776), o presidio de Albuquerque, hoje Corumbá (1778) e outros.

Em 1822 passou a provincia do Imperio.

Em 1864, declarada pelo dictador do Paraguai a guerra ao Brasil, foi Matto-Grosso a primeira victima, por se achar á mão do inimigo, e desapercebida de recursos para resistir á invasão premeditada e violenta. Uma esquadrilha levando a seu bordo 6.000 homens, sob o commando do coronel Barrios, atacou no dia 27 de Dezembro d'esse anno o forte de Coimbra, cujo commandante, o tenente-coronel Porto-Carrero, tendo apenas 115 soldados de guarnição e pouquissima munição de guerra, affrontou a investida não querendo render-se.

Ao cabo de dous dias de heroica defesa do forte, vendo impossivel a resistencia, retirou-se na noite de 28 com a guarnição embarcada no vaporzinho Anhambahi. Senhores de Coimbra, os Paraguaios continuaram a invasão, tomando Dourados, Miranda, Corumbá, Albuquerque, Coxim e Nioac, e tudo assolando na sua passagem nefasta.

A triste noticia d'estes acontecimentos despertou no Brasil a idéa de responder ao ataque de Lopez, investindo o Paraguai tambem pelo Norte; fôra mister para isso levar por terra um exercito a Matto-Grosso, descer o Cuiabá e repellir os invasores. A escassez de tropas e as enormes distancias demoraram porêm a execução d'este plano, concentrando-se todo o nosso esforço no ataque pelo Sul da republica. Só em Julho de 1865 partiu de Uberaba a expedição destinada a operar a diversão pelo Norte. Havendo ordem expressa de não ir a Cuiabá, a força passou por Cochim e salteada por epidemias já chegou reduzida a Miranda, onde se demorou 113 dias. D'ahi em deante sob o commando do coronel Camisão, o corpo expedicionario marchou para Nioac (cidade que já havia sido, como Miranda, abandonada pelo inimigo), atravessou o Apa e occupou Machorra e Laguna. D'esse ponto, pela lamentavel falta de viveres, foi preciso retroceder, e começou aquella célebre retirada, que Taunay immortalizou no seu livro, prodigio de valor e constancia dos soldados brasileiros acossados a um tempo pelo incendio das macegas, pelo tiroteio dos adversarios, pelos horrores da fome e pela epidemia do cholera-morbo. De 1600 homens, que invadiram o territorio paraguaio em Abril de 1867, apenas 700 chegaram de volta ás margens do Aquidauana em Junho.

No mesmo mez de Junho de 1867 Corumbá foi retomado aos Paraguaios pelo tenente-coronel Antonio Maria Coelho, e libertou-se Matto-Grosso do atroz inimigo.

Em 1889 passou a Estado da Republica, sendo seu primeiro presidente o dr. Manuel José Murtinho.

Erudição e Sciencia

N'esta nova secção creada para o *Almanaque Garnier* cabem as producções de maior ou menor interesse para o conhecimento scientifico, moral e practico do Brasil. Aqui ficam agrupados alguns artigos de vulgarização, estudos da natureza, do povo, da lingua, da historia, da archeologia e da ethnographia, todos referentes á nossa terra. E' bem de vêr que n'este primeiro anno, não será abundante nem rica, mas é de certo muito interessante e valiosa, e bastaria, para prova, attestar os nomes dos sabios e illustres collaboradores. N'este sentido, faremos todos os esforços para que cada vez mais se avolume com o interesse que estes estudos despertam, o conteúdo, substancia e proveito d'esta parte do *Almanaque*.

São já numerosos os que entre nós pesquizam e investigam a verdade, e muitos dos resultados a que chegaram ainda não tiveram a vulgarização que merecem. Na historia patria notam-se continuados e eruditos trabalhos de Alfredo de Carvalho e outros pernambucanos e os estudos excellentes do Barão de Studart referentes ao Ceará, publicados em valiosas monographias; na archeologia e ethnologia das raças os estudos do Dr Nina Rodrigues sobre os africanos, os trabalhos de F. Oppitz sobre os indios; os do Pe Teschauer, os de Orville Derby, Branner, E. Goeldi, Ihering e tantos outros nos varios ramos das sciencias geographicas e naturaes, que entretanto não são conhecidos por nós outros tão largamente como havia mister e como o merecem pelo cabedal que representam.

O Arco da Velha

Segundo D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos, achará o leitor a explicação do phrase *arco da velha* subentendendo, após o ultimo termo, o substantivo *lei* e recordando a historia do diluvio no Antigo Testamento.

Apesar da omissão da illustre romancista, parece-nos que ella colheu a lição acima na seguinte referencia de Bluteau : « Os Portuguezes lhes deram (aos arcos celestes) este nome, porque na *Ley velha* disse Deos, que poria nas nuvens este arco, por signal de paz entre si e os homens. »

Uma theoria mais interessante decorre de Theophilo Braga, que nos adverte da personificação do inverno em uma velha : a *Hollda* dos germanos e a *Befana* (Epiphania) da Italia. Entre os arabes, os dias de solsticio hibernal chamam-se, semelhantemente, os *dias da velha*. Identica mythificação se operou em Portugal; e dahi o nosso nome usual do iris, phenomeno mais frequente, em relação ás zonas temperadas, na passagem para a estação chuvosa ou fria, de que elle é um annuncio. Por isso escreveu Sá de Miranda em uma das eglogas :

« Mas oh que la mui cierta embajadora
Vieja del arco beve a la laguna!
Aguas se esperan luego ora por ora!
. . . . . .
Van-se los altos de niebla cubriendo! »

Ainda hoje é crença popular que o arco da velha vae beber aos rios a agua da chuva ; e, por outro lado, nada mais natural do que a comparação do inverno á velhice, das cãs á neve; assim como, em Metastasio, o parallelo entre a juventude e a primavera.

A' primavera, no sul da Europa, corresponde á paschoa, que com razão Castilho qualificou de *florída;* e, a quaresma, que, de todo ou em parte, coincide com o inverno, é costume representar-se tambem vulgarmente por uma velha. Tanto assim que, em nossa mãe-patria, o dia da *serração da velha* é o do meio da quaresma, e dizem : « hoje se serra a velha », como no hespanhol : « se parte la vieja » e no italiano : « si siega la vecchia ».

Para Bluteau, « o arco celeste que se vê de manhã annuncia tempo escuro e nublado, e o que se vê de tarde, prognostica tempo secco e sereno ». Os gregos formaram desse phenomeno o mytho feminino de Iris Thaumancias, isto é, filha de Thaumas ou Thaumante (do verbo *thaumázein*,

admirar); porque — allega o *Vocabulario* — são admiraveis as côres do meteoro produzido pelos raios do sol, quando atravessam as gotas da chuva. A jovialidade hellenica fez, pois, de nossa *velha* uma deusa encantadora. Extendendo-se do céo á terra, Iris parecia pol-os em communicação : tornou-se então a mensageira dos deuses (e, com especialidade, de Juno, em Homero), ao passo que Mercurio era o emissario de Jupiter.

Em Portugal existe o adagio : « Quando chove e faz sol, alegre está o pastor »; e os judeus, igualmente, tomaram o arco celeste (observavel sobretudo depois de uma tempestade) como esperança de melhores tempos e um signal da união entre Jahveh e o genero humano (*arcus fœderis*). Não sabemos se a lenda biblica proveiu da ideia antiquissima do annel de alliança dos casados (*annulus fœderis*), cujo symbolismo poetico resulta da fórma circular como expressão de um elo. Na idade média tambem, as *cintas* dadas pelos *amigos* ás mocinhas constituíam prova de amor e compromisso de nupcias.

A figuração do inverno em uma velha, perseguida, ao som de trompas de caça, pela primavera, ou jovem Maio, tendo sido popular, tornou-se ainda, como pensa Theophilo Braga, a fonte das cavalhadas de S. Joao e de S. Pedro.

Imagina-se, outras vezes, não o conflicto, mas o consorcio das duas estações, quando parecem simultaneas, o que succede, por exemplo, em nossa ex-metropole, pelas proximidades do dia 20 de março (veranico de S. Martinho). Foi dessa mistura das estações, da intromissão dos bellos dias em outros frios ou chuvosos, que procederam os themas poeticos de *velho-amoroso* (inverno) e da *bella mal-maridada* (primavera). Esse consorcio tem seu momento naturalistico em o *arco da alliança*, no *coaracy amã* (sol-chuva) dos tupis, quando diz o francez que *le diable bat sa femme*. No Egypto, o arco-iris pareceria talvez a serpente das aguas assetteada por Horus, o sol da rejuvenescencia primaveril; mas na India sería o enlace do luminoso deus Indra com a nuvem (Gnã), sua esposa. Tambem o proverbio francez algo encerra de mythologico : o sol (Lucifer) castiga com os raios, que são lategos de fogo, sua mulher, a nuvem, cujo pranto é representado pela chuva.

Corre no Brasil que se realisa então o *casamento da raposa*, animal que os indios denominavam de varios modos : *micura* ou *mucura* (de que veiu o nome do rio *Mucury*); *gambá* (de *guã*, seio, e *ambá*, ouco); *sarigüê* (de *çoó*, bicho; *r*, copulativo euphonico, e *igüê*, sacco), corrompido em *saruê*, etc. Lembraremos a pergunta vulgar : « Sabes de uma cousa? » e a resposta : « Gambá não é raposa », como que para significar-se que o nosso *didelphys* não é o *canis vulpes* da Europa, ou que macho não é femea (« birimbau não é gaita »); porque no Brasil ficaram confundidos o nome indigena e o portuguez na mesma accepção de marsupio, e, como não se usa de masculino *raposo*, emprega o povo, em vez delle, a palavra *gambá*. Assevera-se que macho e femea andam quasi sempre juntos, mas só de noite, porque são medrosos.

Se nos referimos aos indios foi porque sem o conhecimeuto dos contos selvagens não se comprehenderia a locução — *Casamento da raposa*, a qual, no entanto, facilmente se aclara á luz dos apologos que os tupis entreteceram sobre tal assumpto e se encontram, alguns, na principal obra do general Couto de Magalhães. A simultaneidade, pouco vulgar e curiosa, do sol e da chuva lembrou ao caipira, herdeiro dos indigenas, as fabulas em que seus ascendentes imaginavam a raposa casada sempre com um animal de especie differente, como, por exemplo, o cameleão (sinimbú), o martim pescador e o maribondo (cabuçú).

Tal se nos afigura a explicação da phrase que soe provocar aos nossos compatricios a vista do *rainbow* dos inglezes e do *arcus pluvius* latino.

Ao leitor fica, porém, o direito, de, havendo por extravagantes estas explanações, sentenciar, por isso que ellas não passam mesmo de coisas do arco da velha.

SILVIO DE ALMEIDA.

Uma nova historia do Brasil

O fecundo escriptor brasileiro Rocha Pombo metteu mãos a uma colossal e grandiosa empreza, a de escrever a *Historia do Brasil* em moldes ainda mais vastos que os dos seus predecessores Southey e Varnhagen. Dotado de capacidade sufficiente e de enorme força de trabalho e de vontade, é de esperar que os seus planos sejam coroados de exito. Aqui damos um trecho do seu prefacio no qual aprecia o *modo como se ha de escrever a historia patria*. Assim, escreve :

« I. — Os dois factores da historia são : o homem e a terra. São os dois grandes objectos que tem diante de si aquelle que se propõe estudar uma civilisação ou mesmo dar simples noticia de um povo. É facil de ver que si no meio da mesma natureza se abandonassem tres individuos, cada um com o maximo de aptidões caracteristicas e proprias da respectiva raça, mas um — *inglez*, outro — *syrio* e o terceiro — *chim:* é facil de imaginar que esses tres individuos não seguiram o mesmo caminho nem venceriam essa natureza do mesmo modo e com igual successo. Tambem é certo que si pozessemos — um inglez na Islandia, — outro inglez na Hespanha, e um terceiro inglez no valle do Zambeze ou numa das Molucas : é certo que poderiamos prever com uma segurança quasi absoluta qual delles teria mais probabilidade de tirar mais proveitos do seu esforço. Isto quer dizer que sem um confronto dos dois elementos não ha historia possivel e que estudar um delles sem estudar ao mesmo tempo o outro, e com igual solicitude: seria o mesmo que pretender traçar uma diagonal sem conhecer os dois vertices oppostos, ou marcar a força ascencional de um corpo sem saber primeiro qual é a densidade desse corpo e a do meio em que se vai mover. — Estamos, portanto, em presença da terra : temos de descrevel-a em toda a variedade dos seus aspectos, dos seus accidentes geographicos, dos seus caracteristicos de clima. Temos de tratar da extensa e opulenta flora que caracterisa as differentes zonas, desde as intertropicaes até as temperadas do Sul. Naturalmente a fauna aborigena, por menos importante que seja sob o ponto de vista industrial, não nos ha de merecer menos attenção. Um grande cuidado teremos de pôr em dar o mais minuciosamente que nos fôr possivel, um quadro das riquezas de subsolo e de todos os elementos naturaes dos outros dois reinos com que aqui conta a actividade industrial. Aberto o scenario, apresentaremos então o actor anticipando, a respeito delle, o que interessa conhecer, antes que por si mesmo, pela sua coragem, pelas suas virtudes, pelas suas paixões, pelo seu espirito, pelo vigor do seu esforço, elle venha fallar e dizer quem é.

II. — O homem aqui é um factor excepcionalmente curioso, porque é um producto de tres raças inteiramente distinctas : as duas raças subalternas — a amarella que aqui encontramos e a negra que foi importada — e a raça indo-européa que para aqui se trasladou. É necessario um cuidado, uma attenção muito especial no estudo destes elementos e do modo como se fundiram, das proporções em que entraram no estofo ethnico da sociedade que aqui se formou. De duas dessas raças, pelo menos — a branca e a africana — pode-se dizer que vinham do seu *habitat* de origem e se estabeleciam num *habitat* completamente novo : temos de estudar as modificações que nellas operou a deslocação. Pode-se fazer uma idéa do vasto campo que se dilata ante o nosso espirito, tendo de seguir a raça negra no caminho de dôres por onde chegou a redimir-se e a incorporar-se no nosso organismo ethnico, e tendo de acompanhar os aventureiros europeus na invasão do continente e os primeiros colonos escolhendo paragens em toda a vastidão do territorio que se lhes abria : todos atropelados de ancia e a desvendar natureza inteiramente nova ! Quanto ás populações indigenas, é preciso reunir tudo o que sobre ellas já conseguimos saber. Primeiro procuraremos : assignalar bem o caracter do selvagem que encontramos nesta parte do continente e as relações em que estavam com tribus de outras partes, discutir as origens das populações americanas, as suas linguas, as suas crenças, os seus costumes, o seu modo de vida, etc. Depois, veremos até que ponto levaram a resistencia opposta aos invasores e a importancia do contingente com que entraram no caldeamento geral.

III. — Ao tomar a tarefa de escrever a

historia do Brasil, o primeiro trabalho que se nos impõe, tanto por necessidade de methodo e ordem, como pela conveniencia de delimitar a esphera dentro da qual se tem de agir — é esboçar um programma, tão minucioso e conciso quanto fôr possivel, de toda a obra a executar. Esse programma ha de ser uma synthese geral da obra e para o formular, o que é indispensavel, antes de tudo, é fazer um inventario do material com que se vai jogar. — O autor de uma das melhores historias nacionaes de povo americano que conhecemos, o Sr. Barros Arana, ao prefaciar a sua excellente *Historia Jeneral de Chile*, nota as difficuldades que tem de vencer quem se incumbe de condensar factos historicos relativamente a qualquer paiz da America. Essas difficuldades crescem sobretudo quando se trata de acontecimentos do periodo colonial, porque a maior parte da documentação indispensavel se acha quasi sempre nos archivos das antigas metropoles. O Sr. Barros Arana divide em tres grupos as obras que constituem toda a litteratura historica do Chile. O primeiro grupo comprehende o sem-numero de chronicas e memorias avulsas dos contemporaneos. Estes eram quasi todos soldados e aventureiros, homens sem instrucção e muitos até sem vislumbre de imputabilidade. Têm o merito de serem testemunhas presenciaes dos factos que narram, tornando-se, infelizmente, esse merito muito restricto pela pouca fé que inspiram muitas das informações que nos deixaram. O segundo grupo é composto de monographias e theses, cujos autores, pela maior parte, são homens competentes, mas cujos trabalhos não passam de meros fragmentos, sem nexo historico e por sua natureza incompletos e deixando grandes periodos inexplorados. O terceiro e ultimo grupo comprehende as historias geraes, quasi todas tambem muito incompletas. — Tudo isso que o autor chileno expõe no seu prefacio podiamos nós applicar ao nosso paiz. A mesma divizão do material a ordenar é razoavel que façamos, accrescentando, apenas, que nós outros já temos á nossa disposição, quanto a trabalhos do primeiro grupo, os mais fartos mananciaes que, bem aproveitados, devem fornecer as mais abundantes colheitas a investigadores conscienciosos. Cabe aqui consignar o grande cuidado com que, desde meiados do ultimo seculo principalmente, se recolhem em todo o Brasil, todas as memorias, noticias, tradições de todo o genero que possam vir a interessar ao historiador futuro. Por toda parte registra-se zelosamente tudo que se refere ao governo, á administração, ás industrias, ás artes, ás sciencias, á vida collectiva, ás populações indigenas. Em todas as nossas capitaes existem hoje clubs e sociedades de eruditos que com afan se dedicam a estudar pontos da nossa historia, a discutir factos controversos, a recolher dados e colligir documentos, sendo que muitos desses institutos já mantêm publicações periodicas que formam verdadeiros e preciosos repositorios de elementos do mais alto valor que se transmittem aos vindoiros. Entre esses institutos, é justo destacar os de S. Paulo, de Recife, da Bahia; o *Museu Gœldi* do Pará, o *Museu Paulista* e especialmente essa notavel associação que já conta 60 e tantos annos de uma existencia laboriosa e utilissima, havendo-se constituido o centro de tudo quanto, dentro desse longo periodo da nossa vida nacional, tem havido no paiz de mais excellente pela intelligencia e pelo amor da patria: — O *Instituto Historico e Geographico Brasileiro*. Só as collecções das revistas publicadas por todas essas sociedades formarão amanhã uma bibliotheca importantissima, de proveito incontestavel para os que tiverem de estudar os varios departamentos da nossa vida. — Alem de taes publicações e das bibliothecas que têm conseguido formar todos esses institutos e outros congeneres, que não teriamos espaço para nomear, contamos com alguns archivos especiaes de historia, com muitas bibliothecas publicas, bibliothecas de associações e algumas particulares de innegavel valor, onde se encontram documentos de preço e informações valiosas a colligir e a condensar. — Ainda assim, no emtanto, tudo isso anda longe de ser o maximo que é possivel obter. Porque nós aqui podemos dizer o que diz o Sr. Barros Arana em relação ao Chile. A vida das antigas colonias esteve sempre estreitamente presa ás respectivas metropoles e é nos archivos de alem-mar que se reserva até hoje a maior somma de dados, pelo menos dos dados referentes ao periodo colonial. — O Sr. Barros Arana, enfrentando com a insufficiencia dos archivos do Chile, teve que recorrer aos da Hespanha. Passou em Madrid mais de trinta annos a revolver collecções, a copiar documentos,

a reunir a grande somma de materiaes de que se utilisou para a sua obra, talvez, por isso em grande parte, a mais completa de todas as que se têm escripto no Sul-America. »

O futuro nas linguas novi-latinas

Platão disse: O fim da sciencia é a unidade.

Si, pois, tudo no universo tende á simplificação, não póde a linguagem, um ser dotado de vida propria, na phrase de Schleicher, fugir d'essa lei geral.

Como toda vida, a da linguagem, cheia de agitações e tempestades, não deixa que muitos de seus intimos arcanos sejam desvendados pelas mãos de qualquer profano. Marimmenso que liga todos os continentes, partindo da Asia, berço da humanidade, é preciso que o mergulhador audaz se aprofunde no seu seio a buscar pérolas que, á luz das sciencias, são consideradas da mais antiga origem, e do mais alto valor.

Estas considerações nos vieram ao pensarmos em certas formas da linguagem, na agglutinação de certos nomes e na sabia lei do menor esforço.

E o *futuro* das linguas novi-latinas na sua forma apparentemente simples veiu appoiar o principio da transformação, simplificação e unidade das linguas.

E' da maior antiguidade a formação dos tempos e modos com o auxilio d'outros verbos, como os futuros das linguas romanas, os perfeitos das linguas germanicas, o futuro e o optativo do grego e sanskrito e o futuro e imperfeito do latim (Sayce).

Desapparecendo o futuro latino em *bo*, o latim classico aproveitou o emprego do verbo *habere*, soldado aos infinitos verbaes e formou a linguagem *dicere-habeo*, *portare-habes*, etc.

Esta construcção, conhecida do grego, é mais familiar á lingua popular que á escripta.

O verbo auxiliar, diz Diez, depois de tornar-se uma simples palavra *formal*, agglutinou-se pouco a pouco, como um sufficso, com o infinito, e acabou por fazer um só corpo que sob a fórma de um tempo simples tomou o logar do futuro latino, produzido em parte por uma construcção similhante.

As linguas novi-latinas formam por este processo o seu futuro com excepção do Valachio, que o constróe por meio do verbo *velle* (querer): *voiu cuntà* (quero cantar).

O Romanico obtem o futuro por meio de *venire* (vir): *veng a cantare* (venho a cantar).

Em Sardo o auxiliar é collocado antes do infinito: *hapu cantai* ou *hapo a cantare*.

E todas as mais linguas têm o futuro formado por composição:

Inglez: *shall* e *will*.

Allemão: *werden*.

Grego: *theto*, etc.

Nas linguas novi-latinas temos, porém:

Portuguez: *Amar-hei* = *amarei*. Empregando-se a figura tmese, disjunta-se aquella fórma e collocam-se os pronomes complementos: *amar-te-hei* ou *amar-te-ei*. Na linguagem do povo é substituida esta composição pelo verbo *querer*: *Quero amar*.

Francez: *Aimer-ai* = *aimerai* por *j'ai à aimer*, como provam as fórmas do sul ou do.....

Provençal: *Dir-vos-ai*, *donar-lo-us-ai*, *donar-t'eu-he*, fórmas que apparecem sempre disjuntadas por artigos ou pronomes. (*Dar-vos-ei*; *dar-vo-lo-ei*; *dar-te-lo-ei*).

Hespanhol: *Hacer-lo-he*, fórma mais primitiva que *lo haré* correspondente ao latim: *facere id habeo* (*fa-lo-ei*).

Italiano: *Cantero* = *cantar-ho*; *venderemo* = *vender-hemo* (*cantarei*, *venderemos*).

Um outro tempo desconhecido do latim e que tem formação similhante á do futuro, é o condicional.

Este tempo é formado do imperfeito do indicativo do verbo *haver*, contrahido e o infinito impessoal do verbo conjugado: *Amar-havia* = *amar-hia* = *amaria*.

Quem não tiver, pois, algum conhecimento dos estudos linguisticos, pensará que estas terminações do futuro e do condicional são formas puramente grammaticaes. Max-Müller julga que foi Castelvetro quem primeiro explicou o origem do futuro romanico quando na sua *Correttione* (1577), diz: *Cie è con lo'nfinito del verbo e col presente*, etc.

Entretanto já em 1492 Antonio de Nebrissa (hespanhol) tinha reconhecido esta composição.

Em portuguez cabe a precedencia a Duarte Vinces Leão que em 1606 em sua *Origem da Lingua Portuguesa* escreveu:

Tambem na voz activa supprimos algumas faltas que temos em nossa conjugação portugueza com este verbo *hei*, *has*, *ha* que é *habeo*, *habere* dos latinos, que ajuntamos ao infinitivo, porque dizemos *amar*EI, *amar*AA, *amar*EMOS.

Hoje é esta uma verdade inconcussa.

JULIO PIRES.

A terminologia scientifica

Não se pode conceber mais disparatada e incorrecta nomenclatura ou mesmo linguagem que a dos medicos e outros scientistas. Agora no Brasil de alguns annos para cá se tem iniciado um movimento que, de certo, não passou despercebido e nem será de todo inutil, no sentido de se corrigirem os glossarios scientificos, mórmente no que respeita ás derivações do grego e ao abuso de incriveis gallicismos.

Bastaria aqui citar os nomes dos doutores Silva Lima e W. Queiroz, na Bahia, auctores de trabalhos e monographias excellentes; e depois d'estes no Rio, os doutores Ramiz Galvão, e em jornaes Placido Barbosa, Figueira e outros. Ha muita opinião incerta, e das correcções propostas muitas ainda merecem estudo mais detido, e outras parecem logo ao primeiro lance inacceitaveis por excessivas, estremadas ou mesmo erroneas. Comtudo (á parte o inconveniente das polemicas aggressivas que geram sempre as discussões grammaticaes) esse movimento é salutar e prenuncia um interesse louvavel, porque é raro nos scientistas, pela pureza da linguagem que elles proprios deturparam e continuarao a deturpar, como aliás succede por toda a parte.

No ultimo Congresso latino-americano reunido aqui no Rio (1905), o dr. Pedro Basilio apresentou uma memoria na qual chegava resumidamente ás seguintes conclusões:

« 1.º — A nossa linguagem médica está muito viciada.

2.º — Os vicios são de todas as categorias.

3.º — Que ainda é possivel corrigir grande numero de vicios.

4.º — Em vez de *amnios* devemos dizer o amnio.

5.º — Em vez de *choroide* devemos dizer *chorioide*.

6.º — Em vez de *cleisagra* devemos dizer *clisagra*.

7.º — Em vez de esterno-cleido-mastoidêo — : esterno clido-mastoidêo.

8.º — Em vez de ligamento cleido-costal — : ligamento costo-clavicular.

9.º — Em vez de ligamento cleido-escapular — : ligamento escapulo-clavicular.

10.º — Em vez de *húmero* (com h) escreva-se *úmero* (sem h).

11.º — Em vez de karyokinese : caryocinése.

12.º — Em vez de fleimão e freimão : phlegmao.

13.º — Em vez de chicória : cichória (cikhória).

14.º — Em vez de *meiopragia* : miopragia.

15.º — Em vez de semeiologia : semiologia.

16.º — Em vez de semeiotica : semiotica.

17.º — Em vez de kinesitherapia : cinesitherapia.

18.º — Em vez de kymógrafo : cymógrapho.

19.º — Em vez de homœpathia e homeopathia : homopathia.

20.º — Em vez de a olécrana : o olecránio e ainda melhor o olécrano.

21.º — Em vez de orchidopexia: orchiopexia.

22.º — Em vez de orchidocele : orchiocéle.

23.º — Em vez de orchidotherapia : orchiotherapia.

24.º — Em vez de orchidotomia : orchiotomia.

25.º — Em vez de rachidotomia : rachiotomia.

26.º — Em vez de rachidiano : rachiano.

27.º — Em vez de thyroide : thyreoide.

28.º — Em vez de nephrético : nephritico e néphrico. »

Não sabemos se foram aceitas pelo douto Congresso; parece, porém, que não houve discussão. Uma contribuição a estado da *terminologia*. Annuncia-se que será publicada pelo Dr. P. Barbosa. M. M.

UMA PAGINA DE HISTORIA DA LITTERATURA POPULAR

(FOLK-LORE)

Comprehenderão todos os leitores o quanto é interessante o estudo da litteratura chamada popular, anonyma ou oral? Não faltam talvez os que olham com certo menosprêzo essas producções singelas que constituem o romanceiro, o cancioneiro e a novellistica do povo, e que consideram até como contradictorio o termo — litteratura oral —, desejando reservar o nome de *litteratura* áquellas producções em prosa ou verso que são transmittidas pelas *letras*. Porém um tal rigor de nomenclatura nos levaria ao absurdo de excluir da litteratura grega a « Iliada » e a « Odysséa »; pois é certo que estas epopeias verdadeiramente populares foram conservadas pela tradição oral exclusivamente, sendo cantadas ou recitadas por rhapsodos, durante seculos depois da epoca que as creou. E ninguem que tem estudado o assumpto desconhece o profundo sentimento poetico, a força de imaginação e a arte narrativa que não raro transparecem nas obras da litteratura popular, qualidades essas que têm provocado os enthusiasticos encomios de poetas taes como Molière, Gœthe e Almeida Garrett.

Mas, o que dá um interêsse particular ao seo estudo, é que as litteraturas populares nos revelam relações de intercurso entre povos, ás vezes os mais distantes, das quaes não falla nenhum documento escripto. E' sabido que os contos mais apreciados pelo povo transmigram de uma terra para outra, conservando, com tenacidade admiravel, seus traços geraes através de todas as mudanças de tempo, de espaço e de idioma. Assim, muitos themas novellisticos que se contam hoje em linguas europeias, têm sido retraçados até á India, onde foram apontados em collecções dos primeiros seculos da era christã, como o Pantchatantra, e alguns dentre elles incontestavelmente devem a origem ás crenças mythologicas de tempos mais primitivos ainda.

Entre nós, pouco se tem feito até aqui neste genero de estudos. Na segunda edição dos « Contos populares do Brasil », colligidos por Sylvio Roméro — que aliás representam a mais preciosa publicação até hoje apparecida no nosso paiz neste ramo da sciencia folkloristica — suprimiram-se as notas comparativas com que na primeira edição Theophilo Braga illustrara os contos brasileiros, assignalando parallelos em outras litteraturas: notas estas que, por incompletas que fossem, não deixavam de ser uteis aos estudiosos. Eu tentarei nestas paginas escrever a historia de um thema novellistico conhecido pelo povo em varias partes do Brasil, acompanhando-o por uma serie de paizes da America, Europa e Africa e procurando descobrir-lhe a fórma primitiva e o caminho que seguiu ao propagar-se por um terreno que se estende das margens do Nilo até o *pé da Cordilheira dos Andes*.

O 23.° conto da collecção de Roméro, « João mais Maria », recolhido no Rio de Janeiro e em Sergipe, é composto de tres themas originariamente distinctos. O primeiro, já descriminado por Theophilo Braga, é a historia dos *Meninos perdidos*, vulgarissima em muitos paizes, tendo fornecido, não ha muitos annos, o assumpto de uma ópera que agradou muitissimo na Allemanha, *Hänsel und Gretel*. A continuação do conto, á qual Braga deu o titulo *A Bicha de sete cabeças*, deve por sua vez ser considerada como formada pelo syncretismo de dois themas. A lenda do monstro que exige o sacrificio diario de um ente humano, do heroe que o mata, merecendo assim a mão da princeza a quem salvou, e do impostor que se apodera dos trophéus da victoria, sendo afinal desmascarado, acha-se no nosso conto, e em bastantes contos affins de outros povos, intercalada como episodio em outro thema, que é aquelle que nos occupará aqui.

O conto arriba citado narra-o do modo seguinte. Morta a feiticeira, João e Maria ficam morando na casa della, sob a guarda de tres cães ferozes que sahiram da cabeça da velha, e que elles amansaram, de conformidade com os conselhos de Nossa Senhora, atirando-lhes tres pães. Estes cachorros chamam-se *Turco*, *Leão* e *Facão* (nomes que, segundo se verá mais tarde, são de importancia capital), e mostram-se peculiarmente affeiçoados a João, a quem

nunca desamparam. Depois de alguns annos Maria namora-se de um homem, e tentam os dois dar cabo de João. Não o podendo conseguir por causa dos cachorros, combinam com Maria pedir ao irmão que a deixe um dia ficar com os tres guardas, e, tendo João sahido para o serviço, prendem os cachorros com correntes e tapam seus ouvidos com cera. Feito isso, o camarada de Maria vae procurar João para o matar, levando a espingarda carregada. Este, vendo-se perdido, pede o tempo para dar tres gritos, ao que o outro responde : « Podes dar cem. » O moço, trepando a uma arvore, grita : « Turco! Leão ! Facão! » por tres vezes. Ao primeiro grito, os cachorros abalam as cabeças, ao segundo despedaçam as correntes, e ao terceiro se apresentam diante de João e devoram o seu inimigo. Então, João abandona a irmã que o atraiçoou e vae correr mundo; seguindo-se a historia do monstro de sete cabeças.

Mas o conto dos tres cães protectores não acaba ahi; encontraremos a sua sequencia em uma versão que colhi em Sorocaba, e que é corrente no Estado de São Paulo. Nella, os cães chamam-se *Rompe-ferro*, *Rompe-vento* e *Busca-vida*: nomes de significação transparente, com excepção do segundo, que parece deve ser substituido por *Corta-vento*. Encontro este ultimo nome, ao lado de *Rompe-ferro* e *Ventania*, em outra versão, colhida por meu amigo o Dr Silvio de Almeida e conhecida tanto em Penedo de Alagoas como em Ibitinga, do Estado de São Paulo, e, ao que parece, tambem em Minas. Esta versão, que abrange só dois dos themas mencionados, o dos meninos perdidos e o do monstro de sete cabeças (aqui chamado *dragão*), excluindo o da irmã traiçoeira, remata por um traço significativo : os cachorros, depois de terminada a sua missão, transformam-se em pombinhas e voam!

Mas voltemos á versão de Sorocaba, que, por sua vez, supprime o thema do monstro de sete cabeças, concluindo assim : Maria, para se livrar de João que contraria o seu amor, põe no travesseiro delle tres alfinetes venenosos, os quaes entrando na sua cabeça o matam. Quando sae o feretro, Maria prende os tres cachorros num quarto de ferro ; mas o Rompe-ferro arromba a porta, os tres correm ao cemiterio e cavam a terra, abrem o caixão, e cada um delles arranca um alfinete da cabeça de João. Este, então, volta á vida, e Maria bem como seu amante são despedaçados pelos cães.

Ainda sob outra fórma apparece o nosso thema no 30.º conto de Roméro, colhido em Pernambuco. Ahi, João e Maria não são irmãos : é a mãe com o filho que vêm morar numa cidade deserta, cujos habitantes foram devorados por um gigante ; este, voltando durante a ausencia de João, ganha as boas graças da mulher e conspira com ella para se livrarem do moço. A mãe, fingindo-se de doente, pede ao filho que lhe traga para remedio, primeiro a banha de uma serpente, e depois a de um porco-espinho, tão ferozes ambos que ninguem póde com elles. (O primeiro destes remedios deve curar um mal de olhos, o outro, como se vê no fim do conto, resuscita até os mortos.) O moço mata tanto um como outro dos monstros; passando, porém, em casa de um velho, que é seu anjo da guarda, este troca os remedios milagrosos pela banha de duas gallinhas. Vendo a mãe que as feras não deram cabo de João, persuade-o, sempre guiada pelos conselhos do amante, que se deixe enlear — outro Samsão! — com cordas, que elle arrebenta, e novamente com correntes, que não é capaz de arrebentar. Neste momento se apresenta o gigante : e João consente em morrer, comtanto que o outro lhe cumpra tres pedidos. « Cumprirei vinte, quanto mais tres » : e João lhe pede que não faça uso dos objectos que seu pae deixou — um cavallo, uma espingarda e um facão — ; que parta o seu corpo em cinco partes e as ponha dentro de dois jacás no cavallo com a espingarda e o facão. Assim faz o gigante ; e o cavallo, com sua carga, vae ter á casa do velho, que restitue a João a vida e a vista com os remedios que guardou, depois do que este se vinga do gigante, poupando a vida da mãe.

Qual será a fórma primitiva deste conto tão espalhado nas diversas partes do Brasil? Na ultima versão citada não se explica a importancia attribuida aos tres objectos deixados pelo pae senão pelo papel que nas outras versões fazem os tres animaes dotados de poderes magicos ; e segue-se d'ahi que estas, nesse ponto, conservam a feição mais antiga, sendo provavelmente o nome *Facão* o motivo da metamorphose que transformou dois dos cães em utensilios de caça. Mas este mesmo nome, certamente estranhavel num cachorro, não

será devido á desfiguração de *Falcão*, que seria symbolo da rapidez, como *Leão* o é da força? Corresponderiam, assim, esses dois nomes perfeitamente a *Corta-vento* e *Rompe-ferro*: designações estas que, segundo toda a probabilidade, foram introduzidas posteriormente para indicar os papéis milagrosos que os animaes desempenham. Estes papéis, todavia, que constituem uma das feições caracteristicas do conto, deviam pertencer a sua fórma primitiva, que, por conseguinte, incluia tambem a morte e resurreição do moço. A traição da irmã (ou mãe), motivada pelo odio de seu amante; as tentativas frustradas de livrar-se do protagonista; o exito final — ao menos apparente — das ciladas e a salvação por forças sobrenaturaes, — são traços communs ás differentes versões. O que fica obscuro é o motivo da inimizade do amante, assim como a procedencia dos tres guardas: pois, se é bem comprehensivel que a imaginação popular faça nascer da cabeça de uma bruxa os cães dotados de poderes magicos, não póde ser primitivo este traço, que só serve para unir dois themas originariamente distinctos.

A solução do ultimo desses dois problemas parece se encontrar em um conto araucano do Chile, apontado em lingua pehuenche pelo Dr Rodolfo Lenz (1) e interessante sob varios aspectos. O conto, que tem por titulo *Los dos perritos* (Os dois cachorrinhos), póde, na parte que diz respeito ao nosso thema, ser resumido do seguinte modo. Um indiozinho vive junto com sua irmã maior, quando chega um Cherruve (2), que se amanceba com ella. O indio, que costuma pastorear as ovelhas, troca-as um dia, mao grado a opposição da irmã, por dois cachorros mais uma espingarda, offerecidos por um velho. Ella, enraivecida, resolve matá-lo: finge uma doença e pede ao irmão que lhe traga peras para remedio; depois manda o Cherruve atraz delle, fechando numa caixa os cachorros e a espingarda. O indio, ameaçado de morte pelo Cherruve, pede tempo para fazer sua oração, e, descendo da pereira, chama os cachorros: « *Norte! Sul!* » Estes acodem e matam o Cherruve, e o indio separa-se da irmã que lhe armou a cilada. Segue-se a historia do « Cherruve de sete cabeças », e o conto remata assim: recebendo a noticia da boa aventura do indiozinho, a irmã vae procurá-lo, trazendo as unhas cortadas de seu amante morto. Esconde-as na cama do irmão, que morre e é enterrado; mas os cachorros o desenterram, procuram as unhas que o feriram, arrancam-nas com os dentes e o fazem voltar á vida.

E' muito notavel a coincidencia, em tantas minucias, entre este conto e os do Brasil. Fica demonstrado por ella que a doença fingida da irmã e a tentativa de assassinio na cama por meio de armas envenenadas são traços que pertencem a uma fórma bastante antiga do conto. Nao se póde negar tambem que a versão araucana prima pela unidade do enrêdo habilmente urdido: a morte do indio é devida ao mesmo inimigo que o persegue desde o principio, e o odio da irmã é motivado pela acquisição daquelles mesmos animaes que o devem salvar. Mas será realmente este o motivo primordial? A espingarda, que tambem aqui se menciona sem utilidade alguma, está ahi como testemunho de uma versão mais primitiva ainda.

Os araucanos domiciliados hoje no Chile occupavam, em seculos passados, um territorio muito mais vasto, que comprehendia grande parte dos Pampos argentinos; e é, portanto, uma hypothese perfeitamente admissivel o ter havido antigamente, entre elles e os tupys-guaranys, relações de convivencia e troca de themas novellisticos (1). O nosso thema, porém, foi incontestavelmente importado na America pelos hespanhoes e portuguezes, visto que no solo da Iberia elle se encontra ainda hoje em varias versões. Um conto de Cabeceiras de Basto, apontado por Leite de Vasconcellos (2), e que combina o thema dos meninos perdidos com o da bicha de sete cabeças, só conserva do nosso dois cães milagrosos, chamados *Ares* e *Vento* (com-

(1) Rodolfo Lenz, Estudios araucanos (Santiago de Chile 1895-97). pag 242 a 249.

(2) Os Cherruves são umas entidades da mythologia araucana, que parecem ser personificações da força do fogo, tal como se manifesta nas trovoadas e phenomenos vulcanicos (Obra cit., pag. 235, nota 4). Seria interessante descobrir-lhes analogias nas crenças supersticiosas dos nossos indios. Nos contos elles fazem as vezes de nossos gigantes, dragões e outros monstros.

(1) Entre os contos tupys que se leem em « O Selvagem » do general Couto de Magalhães, alguns, como, por exemplo, « A Onça e a Raposa », são textualmente identicos a contos araucanos.

(2) Tradições populares de Portugal (Porto, 1882), pag. 274 a 277.

parem-se *Corta-vento* e *Ventania* na versão de Penedo-Ibitinga). Dois outros contos, recolhidos em Alanje e Montijo, da Estremadura hespanhola (1), fornecem, combinados, uma versão, segundo parece, vizinha da que serviu de fonte ao conto araucano.

No primeiro, os personagens principaes são irmãos; no segundo, sao mãe e filho.

Os tres cachorros, no primeiro, chamam-se *Ferro* (compare-se *Rompe-ferro* em dois dos contos brasileiros), *Chumbo* e *Aço;* no segundo, *Sol*, *Lua* e *Estrella d'Alva,* Da sua acquisição, só falla o segundo : o moço os recebe dum velho, a quem dá em troca tres vaccas, unica riqueza de sua mãe. Esta, que debalde se oppoz ao negocio, e vê tudo em casa destroçado pelos recem-vindos, enfurece, e o filho se vae embora seguido de seus cães. Falta, como se vê, o episodio do amante e das ciladas armadas com seu auxilio; mas trá-lo o outro conto, no qual o « gigante » diz a sua querida que peça laranjas ao irmão, e ataca a este quando está em cima da laranjeira. Os caes acodem e o subjugam sem matá-lo. Deveria, portanto, ser elle quem continúa a perseguir o moço até o fim; mas esta feição primitiva do conto está obliterada, incumbindo-se desse papel a irmã do negro que fraudulentamente arrogou a si a gloria de ter vencido o monstro de sete cabeças. As armas de que ella se serve são tres puas de aço, compradas a uma feiticeira, que se põem na cama do joven; o resto do conto assemelha-se perfeitamente á versão araucana e á brasileira de Sorocaba. No segundo conto hespanhol é a mae que vem visitar o moço e esconde debaixo de seu travesseiro o coração do negro morto; os cães, depois de resuscitada a victima, transformam-se em anjos e voam. Basta approximar este traço, que se encontra, pouco alterado, em duas das versões brasileiras, dos nomes diversos que têm os fiéis guardas, para ficar bem estabelecido o caracter sobrenatural que lhes pertencia primitivamente.

Passarei rapidamente sobre dois contos allemães (2) que evidentemente derivam do conto peninsular do monstro de sete cabeças, e apenas conservam um ou outro traço do thema que nos está occupando. No primeiro delles, *Die zwei Brüder*, doi irmãos, ao despedirem-se do caçador que os criou, recebem delle dois cachorros, duas espingardas e uma faca magica; e em caminho cada um adquire uma lebre, uma raposa, um lobo, um urso e um leão. Mais tarde um delles, tendo vencido o dragão e salvado a princeza, é assassinado pelo impostor que se apodera dos trophéus; mas resuscita-o o leão por meio de uma raiz maravilhosa, que a lebre foi buscar. O segundo conto, *Der gelernte Jäger*, nem sequer mereceria menção aqui, se não fosse pelas armas maravilhosas que adquire o protagonista : uma espingarda que nunca erra e uma espada que sempre mata.

Nada de mais natural do que estas migrações dos contos populares na Europa, onde os povos confins, desde tempos immemoriaes, mantêm relações intimas; porém nada de mais difficil do que dizer, ás vezes, qual foi o ponto de partida de taes migrações. Nem se podem retraçar as origens de todos os themas novellisticos até á India, nem é admissivel que o povo indiano, por prodigiosa que seja a força e originalidade da sua imaginação, fosse o unico inventor de quantas novellas, apologos, lendas ou fabulas correm pelo mundo. As versões allemas ha pouco citadas sao por demais alteradas e desenvolvidas para poderem ser as fontes do conto peninsular; mas será mesmo a Peninsula seu paiz de origem? Está provado que boa parte do folklore iberico é devida á influencia arabe; vejamos, pois, se este povo, cuja predilecção pelos contos é quasi proverbial, nos fornece uma versão mais primitiva.

O 10.º dos contos recolhidos por Spitta-Bey no Egypto, a « Historia do rouxinol cantor » (1), depois de uma introducção alheia ao thema, continúa assim : Um moço e a irmã (parece que tambem aqui ella é a mais velha dos dois) vao viver no deserto, estabelecendo-se em uma gruta, cujos moradores, trinta e nove ladrões, são assassinados pelo moço. O unico sobrevivente, um negro, torna-se seu inimigo implacavel, de mãos dadas com a irmã, sua concubina. (Veja-se o começo do conto pernambucano.) O moço, que vae todos os dias caçar as gazellas, encontra, uma vez, dois leões novos, que traz para casa « para servirem de companheiros á irmã. (Comparem-se o primeiro conto al-

(1) Um resumo encontra-se apud Lenz, Obra cit., pag. 329 a 335.

(2) Grimm, *Kinder- und Hausmarchen*, n. 60 e 111.

(1) Guillaume Spitta-Bey, *Contes arabes modernes* Leide-Paris, 1883, pag. 123 a 136.

lemão e o nome *Leão* do conto « João mais Maria ».) Para ficar livre do moço, ella, seguindo os conselhos do negro, finge estar doente e pede que o irmão lhe traga as uvas do paraiso, esperando que os animaes ferozes o devorem na viagem (versões de Pernambuco, do Chile, de Alanje). Entretanto, elle volta da expedição perigosa e é recebido com muitos carinhos pelos leões. De novo, a irmã o manda buscar a agua da vida (versão de Pernambuco); elle parte, montado num burro, e os leões, desta vez, insistem em acompanhá-lo. Elle leva felizmente a cabo esta nova empresa, obtem a mão de uma princeza, curando-a com a agua da vida, e, deixando em casa de sua mulher uma bilha do precioso líquido, volta para a gruta com a que lhe resta. Ahi os malvados o assassinam, partem o corpo em pedaços, põem estes dentro dum alforje nas costas do burro e tocam o burro para o deserto (versão de Pernambuco). Os leões, porém, conduzem o animal até a casa da princeza, que resuscita o marido com a agua da vida (hanisto analogia com o primeiro conto allemão). Este, depois, toma a sua vingança, matando os assassinos bem como seus filhos (compare-se a versão de Pernambuco, que, sob a influencia do christianismo, mitigou sensivelmente a barbaridade desta vingança.

Dado o caracter muito primitivo de toda a collecção de Spitta-Bey, na qual nunca apparece arma de fogo; visto o grande numero de traços dispersos pelas outras versões que se encontram neste conto do Egypto : parece-me innegavel que aqui temos a fórma mais antiga, por ora attingivel, das que hoje existem do nosso thema. E' claro que os arabes, assim como o importaram na Hespanha, o devem ter levado para outros paizes; não é de estranhar, pois, o encontrarmo-lo, pouco alterado, na Sicilia, que esteve durante seculos sob o dominio arabe. Numa das suas versões sicilianas (1), a inimiga do joven principe é a propria mãe, na outra é a ama que elle julga ser sua mãe; os remedios que ella o manda buscar são limões, laranjas e o *suor da feiticeira Parcemina*, que aqui faz as vezes da *agua da vida* e da *banha do porco-espinho*. Dos animaes serviçaes só apparece o burro, substituido na outra versão por um cavallo magico; são ermitões ou fadas os que resuscitam o morto. Em todos estes, e outros particulares, existe a mais surprehendente analogia com o conto pernambucano.

Tentemos agora restituir o conto. Um joven, acompanhhado da mãe (ou irmã mais velha), mora num logar deserto, cujos antigos moradores todos morreram (ou foram mortos por elle), com excepção de um só, que se incumbe de vingá-los matando o intruso; é auxiliado nisso pela propria mãe, amante do inimigo de seu filho. Ella finge doença afim de perdê-lo; mas umas forças sobrehumanas o defendem. Afinal os amantes conseguem matá-lo; um animal fiel leva os membros despedaçados. Resuscitado, elle volta e mata os assassinos.

Se quizermos ir mais adiante, entraremos no campo das hypotheses. Mas não parece obvio que possuimos neste conto o residuo de um mytho astral antiquissimo, quer dos indianos ou outro povo indo-europeu, quer do antigo Egypto, onde a lenda de Isis, Osiris, Tiphao e Horo offerece analogias muito notaveis? O joven verão que se estabelece no ermo deixado pelo inverno; o sol que o faz nascer (1) e, todavia, parece ser seu maior inimigo, pois com seu ardor destroe os esplendores de que o verão revestiu a terra; os offuscamentos (ou *doenças*) do sol, por neblinas ou trovoadas, que annunciam o fim do verão; enfim a sua morte e ressurreição: esta serie de phenomenos repetida annualmente explicaria todos os traços principaes do conto que temos acompanhado através de tantas terras.

O. Nobiling.

(1) Laura Gonzenbach, *Sicilianische Marchen* Leipzig, 1870), n. 67 c, sobre tudo, n. 26.

(1) Em mais de uma lingua indo-europeia, o *sol* é do genero feminino; nas linguas *não* indo-europeias, como a egypcia, não existe genero grammatical.

ETYMOLOGIAS

PRETO

Aqui ha quatro annos passados, um estudioso grammatico brasileiro suppoz enxergar na palavra *preto*, o vocabulo latino — *spretum*, de *sperno*, desprezar.

Assim o pensou, por imaginar tambem que o trabalho, por servidão, havia lançado o negro no mais baixo estado de vida e trato nas relações sociaes.

Não lhe cabia razão nenhuma, nem historica, nem litteraria e nem socialmente visto o caso que se vae examinar.

Na alta e média antiguidade, o captiveiro não foi opprobio só do *negro* : todas as raças foram submettidas ao estado servil, e o *branco* o precedeu nessa dura provação de bravia e encarniçada lucta, de povo contra povo.

E para designar essa crúa, e até mesmo natural oppressão, se a encararmos sob o exclusivo ponto de vista de animalidade, que lhe justificava a existencia, palavra nenhuma foi usada que exprimisse o opposto de sentimentos que só brotaram, e foram carinhosamente cultivados, muito mais tarde, no estado de plena, completa e inteira *humanisação* do homem.

Essas palavras designaram apenas o facto na sua completa nudez : *captivus*, do verbo latino — *capesso*, que por sua vez é o derivado de *capio*, significava o prisioneiro de guerra ; e pelo correr dos tempos veiu a dizer o mesmo que — *fraco*, e daqui *miseravel*, *vil*, *desprezivel*.

Escravo, outr'ora *esclavo*, é a palavra *slavus*, que, na origem se applicou gentilicamente aos prisioneiros de Carlos Magno, reduzidos, como de uso e costume, a uma necessaria e fatal servidão.

O homem, apezar de sua bruteza primitiva, não creou raizes vocabulares que fossem tristes attestados de um ideal menos digno e menos nobre.

Já no seculo XII, porém, *escravo* tem o sentido de servo em geral, sem distincção de côr e nacionalidade.

Na origem entretanto não significam esses termos o *contrario* de sentimentos, cuja só existencia seria bastante para abolir a escravidão.

Haverá alguem que por ahi julgue ter sido *burro* um termo de desprezo e necedade, apezar de ser o animal que este nome tem, superior de muito ao cavallo, em delicadeza, intelligencia e zelo?

Tal se não pode suppôr.

O *negro* entrou escravo em Portugal pelos annos 1430... em diante. E de logo, empregado no serviço domestico, e no amanho do campo, foi sempre *amimado*, como amimado era o boi, o cavallo ou outro qualquer animal, companheiro do homem, na rude e ingrata labuta da vida.

Nessa época, já era de uso popular a palavra *preto*, para designar tudo que fosse da côr do ébano, applicando-se indistinctamente quer aos homens, quer ás cousas.

Em uma farça de Gil Vicente, encontram-se os seguintes versos de sabor claramente popular :

Cabra preta vae por vinha,
Vae por vinha mana minha,
Te rogamus audi nos ;
. . . . . .

e, logo adiante, na farsa de *Inez Pereira* :

Homem que não tem *preto*,
Casa muito na ma ora.

No romance, á acclamação de dom João III, o genial artista mostra ser commum a expressão *estar preto*, *trazer preto*, para designar o luto, como hoje usamos os accidentaes, ao contrario dos nossos mais altos e afastados avós, que se serviam do *amarello*, do *azul* e até do *branco* para o mesmo fim :

De perlas não fazem conta
Porque he baixo ·etal ;
So um collar que levava
Toda Alexandria val ;
Na cabeça *leva preto*,
Por seu padre natural...

No *Triumpho do Inferno*, representada por occasião do parto da devotissima e muito esclarecida rainha D. Catherina, Gil Vicente allude a um velho e antiquissimo romance, dizendo :

Mas aquelles que folgavão
Nas villas e nas aldeas,
Quando as festas se ajuntavão,

Cantigas de mil raleas
Deste compasso cantavão :
No penedo *João preto*
E no penedo.
Quaes foram os perros
Que matarão os lobos,
Que comêrão as cabras,
Que roêrão o bacello
Que puzera *João preto*
No penedo?

Na *Fragoa d'Amor*, um negro, na boa e lavada companhia de Venus, Jupiter, Saturno, Sol, Cupido, a Justiça, um frade, etc., entra amando, e é requestado docemente, não só na plebéa linguagem portugueza — *na lingua de sua terra*, mas tambem na luzida e fidalga eloquencia de Castella, e ahi emprega — *preto*, no sentido da côr do carvão, da côr do ébano :

Venus. — *Prieto*, vienes de Castilla?
Negro. — Pos em que, minha condessa?
Que ainda que negro so,
Bosso oio che tão trabessa.
Tan *preta*, que me mató.
. . . . . .

Claramente se vê que por esses longinquos tempos, não havia sequer resaibo de desprezivel e vil na palavra *preto*, que por um negro mesmo era empregada em galanteios, para pintar o vulcão que ia nos olhos da deusa, que o empolga.

Venus não se agasta, na comedia, e se limita apenas, ella — a deusa já paga, expulsada da theogonia das cidades, a perguntar :

Negro, no te entiendo cosa?
Eres ya cristiano? di...
. . . . . .

ao que o negro, responde :

Furunando chama a mi,
E a bos chama faramosa.
. . . . . .

Os antigos na sua sciencia e nas suas producções litterarias, pensaram, não sei se com razão para a caracteristica primitiva, e só primitava das raças, que o negro era o *queimado* dos tropicos. Não preciso de encher paginas com citações de trechos em prosa e verso, na sua maioria banaes e correntes, basta lembrar a etymologia da palavra *ethiope*.

Ethiope, de *aithô*, eu queimo, e *ops*, rosto, é termo que designa não só o *homem preto*, como tambem, com leves alterações, certos oxydos e sulfuretos metallicos, de côr negra, no dizer de todos os diversos diccionaristas.

Ha ainda a notar que os termos que nos pintam as côres, têm sempre uma origem *concreta* nos seres naturaes : nenhum ha completamente abstracto *de principio*. Assim — *negro*, *niger*, se reporta á raiz *nux*, a noite, que é o negro commum; o *bleu*, francez, o *blaw*, allemão, o céo sem nuvens, o que chamamos *azul*, que é a pedra — *lapis-lazuli*, termo introduzido na peninsula pela emprestada sciencia arabe, que por momento parece ter limitado a extensão geographica do *smaltum*, da baixa latinidade.

Do latim *beryllus*, pedra preciosa, não nos ficou o popular verbo *brilhar*, como os seus derivados, e o proprio substantivo com o duplo emprego commum e onomastico?

Na poesia popular portugueza, encontram-se as quadras :

Anda cá meu *preto*, *preto*,
Meu *queimadinho* do sol;
Quanto mais *preto*, mais firme,
Quanto mais firme, melhor.

Os teus olhos negros, negros,
São gentios de Guiné :
De Guiné por serem *pretos*,
Gentios por não terem fé.

Os olhos dos meus amores
São *pretos* — não têm maldade;
Hei de mandar fazer delles
Um painel de piedade.
. . . . . .

Na linguagem popular, *preto* representa um colorido mais forte do que *negro*, de uso mais geral para designar a raça simplesmente, e Oliveira Martins, muito lido em chronicas e alfarrabios, assim o emprega no — *Brasil e as Colonias* : « Se o *negro* é *preto* na costa da Guiné, os obongos do Gabão são de um amarello sujo. »
. . . . . .

Por estas expendidas razões, de origem popular e de comparações etymologicas, vulgarisadas pela cultura, é que eu não acceitei, aqui ha quatro annos passados, a derivação de *sperno*, desprezar, aventada pelo sr. Alfredo Gomes, e agora discordo tambem do nosso mestre, o philologo João Ribeiro, quanto ao etymo somente, no que escreve elle na nota 132, da sua singular SELECTA CLASSICA (1).

(1) Parece-me obscura a etymologia de *preto*, a não contentar-se com a forma castelhana *prieto* que pouco adianta; Meyer Lübke deriva *prieto* de *pectre*,

Não me posso reportar á opinião do illustrado professor dr. Silvio de Almeida, por nao ter de memoria a sua monographia, que infelizmente perdi.

Creio que logo no seculo XII, os arabes, empenhados na vulgarisaçao da assimilada sciencia grega, dos postulados de Aristoteles e das artes entao em voga, lançaram em circulaçao a palavra *preto* — de PYRITES, Æ, ou de PYRITIS, IDIS, pedra de côr negra, e isto naturalmente por meio de uma forma popular intermediaria, que eu desconheço, por não encontrar documento desse periodo, mas que se pode facilmente reconstruir.

O que é certo é que, como vimos, esta palavra era já corrente nas composições genuinamente populares, no seculo de quinhentos, e que o contemplativo Luiz de Camões não a excommungou do seu épico e lyrico vocabulario, do que são amostras, para alguem, consoladoras as bellissimas endechas suspiradas sob o influxo do acre e capitoso odor allucinativo da escrava Barbora :

Aquella cativa,
Que me tem cativo,
Porque nella vivo
Ja não quer que viva.
Eu nunca vi rosa
Em suaves molhos
Que para meus olhos
Fosse mais formosa.

Nem no campo flores,
Nem no céo estrellas
Me parecem bellas
Como os meus amores :
Rosto singular,
Olhos soregados,
Pretos e cansados,
Mas não de matar.

Uma graça viva
Que nelles lhe mora,
Para ser senhora
De quem é cativa.
Pretos os cabellos,
Onde o povo vão
Perde a opinião,
Que os louros são bellos.

Pretidão de amor,
Tão doce a figura,
Que a neve lhe jura
Que trocara a côr.
Leda mansidão,
Que o siso acompanha
Bem parece extranha,
Mas barbara não.

Presença serena,
Que a tormenta amansa;
Nella emfim descansa
Toda minha pena.
Esta he a cativa
Que me tem cativo;
E pois nella vivo
E' força que viva.

Em 12 de Setembro de 1905.

HEMETRIO JOSÉ DOS SANTOS.

---

o que me parece inacceitavel. Não ha necessidade de insistir no vocabulo castelhano, porque desde o seculo XIII ha em Portugal a moeda *reaes pretos* (Viterbo), o som *é* do portuguez corresponde a *e* e neste caso o etymo *pletus* = cheio, de *plere*, satisfaz perfeitamente quanto á forma ; quanto ao sentido naveria mister imaginar uma translação ; effectivamente *branco* passou a designar *vasio* (em *branco*) e *preto* designava *cheio*, como era o sentido primitivo ; desta opposição parcial de sentidos resultou uma opposição completa entre *branco* e *preto*, na designação de plenitude e depois côres, raças, etc. Isto explica ainda o sentido de *espada em preto* (não afiada, cheia ou embotada) como se vê em J. de Barros e Moraes, *loco*. Tambem o facto de que antigamente eram necessarios *dez reaes pretos*, como se chamavam, para perfazer um real *branco*, confirmou o sentido pejorativo do primeiro, applicado á raça inferior. Affirmei acima que genericamente e como substantivo *preto* não designava o homem da raça negra, porque nos mais antigos documentos sempre se acha o designativo *negro* : Zurara, *Conquista* (pg. 400, terra dos *negros* ; guinéos *negros*, ibid ; terra dos *negros*, 406 ; uma *negra*, 411 ; aquelles *negros*, 371 ; etc.) em Ruy de Pina, na *Chronica de D. João II*, tambem se emprega o mesmo epitheto (alguns daquelles *Negros*, pg. 145 ; *negros* que Portugal hiam já christãos, pg. 158 ; um *negro* christão, 172) ; no *Roteiro de Vasco da Gama* : gente negra, 21 ; os *negros* começarãm de comer, pg. 7. São estes documentos os do tempo da conquista da Africa e nelles sempre occorre o designativo *negro* e não *preto* ; João de Barros escrevia da *Ropica* « com tres *pretos* acham mil soldados » e escreveu sem ambiguidade, porque *preto* era o nome de uma moeda — (o real preto). Ainda mesmo no correr do seculo XVI continuou como até hoje o designativo *negro*, mas já apparecem adjectivações como estas « homens que não eram muito *pretos* » (em Gaspar Corrêa, *Lendas da India*, 1.a parte, pg. 29), em Fr. João dos Santos que na sua *Ethiopia Oriental* prefere a expressão *negro*, já se encontram algumas phrases taes : « os mais destes cafres são *pretos* como azeviche », pg. 81 ; « caphres e mouros, uns *pretos* outros brancos », pg. 164 ; « entre estes vivem alguns mouros *pretos* », pg. 251. Na *Relação* do Pe Godinho « em seu logar tomei um moço *preto* », pg. 106 ; desse tempo por diante o epitheto de *negro* ou *preto* é indifferente, quando applicado substantivadamente, como nome geral, aos negros. O Pe Nobrega — *Cartas* (ed. Valle Cabral, pg. 52, etc.) chama sempre de negros aos indios. (Nota de H. S.)

POVOAMENTO E DESENVOLVIMENTO ECONOMICO DO BRASIL

(Conferencia e lição no Instituto Commercial)

Meus senhores — Tinha a honra de reger a cadeira de « Economia Politica, do Instituto Commercial, quando o seu nobre Presidente o Sr. Nunes da Rocha e a sua digna Directoria me pediram para transferir o curso desta sciencia para o de economia nacional e historia do commercio brasileiro.

A Economia Politica. debaixo do ponto de vista de sciencia abstracta, não ha duvida, é um factor de cultura para quem se quer dedicar á carreira do commercio; mas a Economia Politica applicada ao nosso paiz, ao estudo do movimento, da evolução economica do Brasil, desde o seculo xvi até hoje, e o estudo da historia do commercio brasileiro, cheia de épocas, cada qual mais illustrativa, tambem desde então até hoje, se afigurarão ao honrado Presidente do Instituto Commercial e á sua illustra Directoria, ser uma cadeira em que eu poderia ser mais util no meu pequeno e restricto campo de acção, do que regendo a cadeira de Economia Politica.

Eis porque, suspendendo esse curso, inicio hoje o da evolução economica do Brasil e da historia do commercio brasileiro.

Comecemos pelo seculo xvi.

Qual era a situação economica do Brasil nesse seculo?

Em Economia Politica temos de considerar os factores de producção, que são : a natureza, o trabalho e o capital.

Comecemos o nosso estudo da situação economica do Brasil no seculo xvi pelo homem, que é um dos mais importantes, senão o mais importante dos factores de producção.

O homem branco no Brasil iniciou logo a producção agricola, sob a fórma da lavoura do assucar, associando-se-lhe a dos cereaes e a industria pastoril.

Os primeiros lugares em que se iniciou a producção do assucar foram por ordem de data, S. Vicente, Pernambuco e Bahia; S. Vicente, em 1535 ; Pernambuco, em 1537; Bahia, em 1549. S. Vicente, isto é, S. Paulo, foi o primeiro fóco de producção agricola na zona do littoral, sob a fórma da fabricação do assucar e da aguardente.

Se esses foram os primeiros fócos de producção no seculo xvi, foram tambem os primeiros centros de povoamento.

Mas, durante o seculo xvi, esses fócos de povoamento não se communicavam pelo interior, estavam interceptados por zonas extensissimas, por grandes matas habitadas por indios ferozes, que prohibiam em absoluto toda e qualquer communicação entre os povoadores das zonas productoras.

E' facil comprehender, em face disto, que um dos primeiros problemas economicos que preoccupou a attenção dos nossos antepassados, e que exerceu capital valor sobre os acontecimentos historicos, foi fazer a communicação entre esses tres centros de povoamento, não pelo littoral, mas pelo interior. As communicações pelo littoral, naquelle tempo, além de atrazadissimas, eram extraordinariamente intercaladas por longo intervallo de tempo. Nao satisfaziam mesmo áquella phase rudimentar e modesta da producção economica que tinhamos, que, não obstante ser atrazada, e pobre, reclamava communicações mais rapidas que garantissem melhor os interesses dos productores.

Basta o quadro que vou mostrar a quem me ouve com attenção, do volume a que tinha chegado a producção no fim do seculo xvi, para que seja devidamente apreciado o trabalho que tiveram os nossos avós.

Ao findar esse seculo, a Parahyba tinha um engenho. Pernambuco tinha 66 engenhos, a Bahia 36, Ilhéos 3, Porto Seguro, Espirito Santo tinham 6, Rio de Janeiro tinha 3, e São Vicente. Total 120 engenhos.

Em meio seculo, apezar dos nossos antepassados terem contra si todos os elementos, desde um clima inhospito e extraordinariamente quente, até um meio social bravio e selvagem e impossibilidade de garantir a propriedade contra a aggressão do indigena, em meio seculo chegaram elles á estatistica de 120 engenhos da Parahyba ao Rio de Janeiro.

Devo dizer-vos que esta estatistica é o resultado de um esforço de muitos annos de estudo.

Ellas não são completas, mas são verdadeiras.

Por exemplo, já na parte da producção da Parahyba, eu desconheço o volume da producção, mas sei o seu valor em moeda; sei que rendia 40 mil cruzados por anno, isto é, 16 contos de réis.

Pernambuco, com os seus 66 engenhos, produzia 200 mil arrobas de assucar por anno.

Bahia, com os seus 36 engenhos, produzia 120 mil arrobas.

A producção de Ilhéos desconheço, assim como a de Porto Seguro, Espirito Santo e Rio de Janeiro com seus tres engenhos; mas, para supprir essa falta, essa omissão das estatisticas, posso garantir por outros dados estatisticos, que a producção do assuçar montava a 70 mil caixas por anno em todo o Brasil.

Deveis saber que o processo de accommodação, para exportação do assucar era em grandes caixas de cedro. São minudencias cujo valor e importancia adiante teremos de ver, pela influencia que exerceram sobre a evolução economica. Junto a cada *engenho de assucar* existia a modesta tenda de carpintaria.

O assucar não era acondicionado como hoje para a exportação e ia naquellas grandes e pesadas caixas, cuja remoção para o porto de embarque era de grandes difficuldades, reclamando excesso de trabalho e desperdicio de forças, por meio dos carros puxados a boi.

Ainda alcancei esses habitos, que vigoravam em muitas propriedades assucareiras, até pouco antes de 1870, em Sergipe. Como se vê, era uma mão de obra que sem o trabalho escravo reclamaria da productor muito capital, só para transportar seus productos para o littoral. Passam-me vivas pela imaginação essas scenas, de que fui testemunha quando criança, em casas de parentes e amigos.

Por conseguinte, tinhamos a producção de 70 mil caixas por anno.

Essa situação economica do Brasil, modesta, pequenissima, exigia a resolução do problema das communicações pelo interior.

Pelo littoral como acabei de dizer, quasi que não existiam; só depois de ser eliminado o inimigo hollandez do norte, foi que começou o regimen das frotas, que veio regular melhor as communicações maritimas, ainda que presas a privilegios e a monopolios de negociantes de Lisboa, cuja consequencia, como veremos, foi crear a maior crise economica por que tem passado o Rio de Janeiro, a de 1654.

Todos os interesses economicos surgiam em favor da abertura de communicações entre Pernambuco, Bahia e os sertões de S. Paulo.

Acabei de dizer-vos que existiam tres centros de povoamento; de tres pontos irradiou-se elle para os sertões.

Estudemos essas línhas, suas direcções, a razão de ser dellas e os interesses economicos que as crearam e as ligaram. E para exprimir melhor o meu pensamento, faço o quadro na pedra da zona geographica da Bahia (*figurando na pedra*) :

Imaginemos a costa aqui, neste traço que não obedece ás suas irregularidades. Aqui temos o rio S. Francisco; aqui temos o Real, o Itapicurú, o Inhambupe, o Paraguassú, e aqui a capital da Bahia, outros pequenos rios, até o rio S, Matheus.

Faço o traçado dos principaes rios, deixando os outros, porque com elles é que eu tenho de jogar para explicação das linhas que, iniciadas na Capital da Bahia, resolveram o problema economico das communicações pelo interior. Ao passo que o seculo XVI fechava-se com a producção de 70 e tantas mil caixas de assucar, já se despertava o interesse da exploração das minas, principalmente das pedras preciosas.

Eu insisto em chamar a vossa attenção para este ponto. Antes da idéa da exploração do ouro no Brasil, houve a idéa da exploração das pedras preciosas, como a esmeralda, que por mais de um seculo impressionou as gerações que se succediam, sem jamais serem as minas descobertas.

A primeira linha de povoamento que partio da cidade da Bahia, acompanhou paralellamente o littoral e por elle seguio até o rio Real, onde chegou antes do fim do seculo, porque Garcia d'Avila já tinha construido sua capella em Santa Luzia e Belchior Dias em Campos. Quanto mais subia para o norte, mais expandia-se o povoamente pelo sertão. Ahi está a fazenda de criação de gado do Jabebiri a 34 leguas do sertão, na bacia do rio Real.

Essa linha veio subindo e atravessando os rios Paraguassú, Itapicurá, Inhambupe e Real, mas não chegou ao rio S. Francisco por essa direcção sul-norte.

Peço-vos que attendais bem para esse

ponto. Não venho aqui fazer discurso, e sim estudar comvosco assumptos da economia nacional.

Para a geração actual agir como um factor de civilização, comprehender os seus deveres, os seus direitos, exercer a critica dos actos da autoridade, do seu legislador, do seu Governo, precisa muito bem conhecer o passado de seu paiz, porque é elle a melhor escola, o melhor livro de ensinamento civico.

Por conseguinte, quando eu não fôr bem claro, peço-vos que reclameis.

A linha de povoamento, por conseguinte, seguio pelo littoral, a primeira. Ella não desceu para o sul, senão em uma pequena distancia.

Sua tendencia foi o norte, acompanhando o littoral. O seu estadio prolongado no rio Real, 1573 a 1590, deu lugar á conquista de Sergipe, que é um facto politico filho dessa evolução economica da expansão do povoamento naquella direcção, muito mais do que dos interesses essencialmente politicos. Ahi parou, e appareceram as tendencias de dirigir-se ella para o occidente, pelos vales daquelles rios que ella cortou.

Dirigir-se o povoamento para o centro, não foi mais obra do seculo XVI e sim do seculo XVII, durante o qual, entretanto, ella não penetrou grandes distancias.

Mas no fim do seculo XVII estava resolvido o problema de communicação do norte com o sul, pelo interior, que veio trazer o boi dos curraes da Bahia ás povoações de Minas e São Paulo, entregues exclusivamente á exploração das minas e prohibidas até por lei da lavoura dos cereaes.

A linha de povoamento do littoral tomou tambem a direcção do sul. Seu avanço encontrou os maiores obices, as mais serias difficuldades, não só das condições geographicas da região, como do caracter dos indios que a habitavam, excessivamente selvagens e valentes. Foi a zona da invasão indigena por mais de um seculo. Foi a zona do insuccesso de muitos bandeirantes. Foi a zona da victoria de Baião Parente. Todavia ella chegou ao rio S. Matheus, não no seculo XVII e sim no seculo XVIII, prolongando-se ao rio Doce e Itapemirim. Os indios e as matas da região difficultaram a expansão de povoamento.

Só agora é que a Bahia activa a colonisação das bacias desses rios, onde estão as maiores riquezas mineraes do Brasil, na minha opinião.

Foi ahi em uma zona triangulär, nas cabeceiras desses rios, que Fernao Dias, de São Paulo, pensou ter descoberto a lenda da serra das Esmeraldas ou a serra Resplandescente. Hoje mesmo, essa zona de terra mantem-se impenetravel á força do povoamento.

Interceptada a linha nessa zona, e a linha do norte não podendo sahir do rio Real, deu-se então o factor paulista, que veio do sul pelo sertão, atravessou o rio das velhas, veio ás suas cabeceiras, começou a colonisação do São Francisco, ao mesmo tempo que o factor bahiano, representado em Garcia d'Avila, padre Pereira e Britto Guedes, descambavam para o Piauhy e creavam a economia desse rio, com os seus curraes de gado. Os dous pontos eram os rebentos de futuros centros economicos: *Joazeiro e Geremoabo*. A colonisação, portanto, do S. Francisco, desce de suas cabeceiras para a zona do littoral e o contrario. O ponto de juncção foi Urubú. Por que?

A resposta a essa pergunta constitue o assumpto de uma conferencia.

Quando achava-se já adiantado o povoamento das margens do S. Francisco, com as fazendas de criação de gado, as linhas de povoamento léste-oéste tenderam a dirigir-se para esse rio.

Assim, por exemplo, a linha léste-oéste do rio Real produzio Jeromoabo, a linha léste-oéste do Itapicurú produzio Jacobina e Joaseiro, a do Paraguassú produzio Agua Fria, grandes centros economicos dos seculos XVII e XVIII, cujo valor foi roubado por outras zonas, cuja producçao atrahio o homem, o capital e o trabalho, como veremos no correr de nossas conferencias. Podemos, pois, resumir no seguinte o que temos dito: o povoamento, do Brasil no Estado da Bahia, que é o centro mais importante de economia nacional nos primeiros seculos, deu-se, primeiro, pelo littoral; segundo, das cabeceiras do S. Francisco para a barra, pelo esforço paulista, e terceiro, pelas linhas léste-oéste acompanhando as bacias dos grandes rios.

Agora, pergunto: o que levou o bahiano a fazer a linha do povoamento norte e sul, cortando perpendicularmente os rios?

Foi o interesse da lavoura assucareira, de localisar-se nas melhores bacias, cuja constituição geologica adapta-se á natureza do

producto, como a bacia do Paraguassú, importantissima para essa lavoura, principalmente naquelle tempo, em que a camada de humus era densa, e do Jeriquicá, predilectas moradas de Gabriel Soares e seus contemporaneos.

Mas qual foi a causa da linha do povoamento do esforço paulista? Não foi a lovoura assucareira; foi, primeiro, o interesse da exploração das pedras preciosas e segundo o interesse de ter escravos.

Foram essas as duas causas que determinaram o paulista a vir ajudar a linha de povoamento léste-oéste; foi ainda a lenda indigena da serra das Esmeraldas, ou da serra Resplandescente.

Essa lenda, de cuja existencia os indios informavam aos conquistadores e que lhes vinha de gerações antiquissimas, levou a primeira exploração partida do Espirito Santo. Essa primeira penetração em busca da Serra das Esmeraldas não foi coroada de successo; insuccesso tambem tiveram a 2ª e a 3ª.

A posição de Bezerra, membro da familia que depois teve o titulo de Asseca, a de Benevides, e a sua morte pelos indios, despertou na metropole o maior interesse de se descobrir a serra das Esmeraldas.

Tenhamos em memoria que procuro aqui explicar a causa do esforço paulista que abrio uma excepção de povoamento pelas bacias dos rios até S. Francisco, começando de suas cabeceiras para o littoral, quando nos outros o facto se deu por meio inverso.

O insuccesso da penetração de Bezerra, sahido do Espirito Santo, impressionou profundamente a Côrte, que fez da serra das Esmeraldas um ponto de cogitação politica, de grande valor economico, prendendo a attenção dos habitantes do Brasil.

Então veio de Portugal o grande scientista de seu tempo, e que julgado mesmo com as exigencias e descobertas da sciencia de hoje, nao podia deixar de ser por nós admirado o seu alto talento, a sua extraordinaria cultura: D. Rodrigo de Castello Branco.

Veio esse emissario.

Quando chegou a S. Paulo, já tinha sahido a celebre bandeira de Fernão Dias, a mais notavel e que abrio a estrada de S. Paulo, e, que foi o primeiro esforço das estradas para a Bahia e muito depois para o Rio de Janeiro. E devo dizer — a engenharia moderna, na Estrada de Ferro Central, nao fez mais do que copiar a estrada de Rodrigo Paes; copiou o seu roteiro, que ligava S. Paulo, ou antes, Sabará, ao Rio de Janeiro.

Pois bem, quando chegou a S. Paulo, Castello Branco, encontrou a noticia da sahida da bandeira de Fernão Dias.

Podeis calcular, em 1674, uma bandeira que sahe de S. Paulo para chegar até a bacia do Jequitinhonha e ao Arassurahy, é um feito heroico, inacreditavel!

Castello Branco não quiz esperar a volta de Fernão Dias, preparou a sua bandeira e seguio.

E quando chegou ao Sumidouro, nas margens do rio das Velhas, encontrou de volta a bandeira de Fernão Dias, que conduiza em uma rede o cadaver de seu chefe, embalsamado!

E' uma cousa notavel e que devia chamar a attenção da nossa classe medica o processo de embalsamamento feito pelos homens da bandeira.

O facto é que foi embalsamado. E assim entrou conduzido em uma rêde pelas ruas de S. Paulo, a cuja camara entregaram o sacco de esmeraldas.

Foi nesse lugar, Sumidouro, que deu-se o assassinato de Castello Branco.

Pois bem, a bandeira de Fernão Dias, que descobrio a serra das Esmeraldas, serra que desappareceu de todas as pesquizas, pois desde então até agora nunca mais se pôde encontrar o seu roteiro, suggestionou novas entradas que entretanto nao descobriram as minas daquellas pedras preciosas, de grande valor economico hoje, pela falta de descoberta de novas jazidas. Ninguem desconhece o alto valor mercantil hoje da esmeralda.

Deu-se o assassinato de Castello Branco no Sumidouro, nas margens do rio das Velhas.

Como consequencia desta bandeira, começou o povoamento nas cabeceiras do Rio Pardo, Verde e Doce, por Mathias Cardoso e Antonio Filgueiras, que obtiveram verdadeiras donatorias de 40 leguas naquellas regiões. Sao estes dous homens que assignalam o primeiro esforço.

E' preciso remexer-se o pó dos archivos para trazer-se á actualidade a somma de serviços que elles nos prestaram.

Mathias Cardoso e Antonio Filgueiras, que abriram communicação pelo vale de S. Francisco e Rio das Velhas, entre Bahia e S. Paulo, para lá nao voltaram.

Influio talvez para isso o assassinato do fidalgo hespanhol Castello Branco, notabilidade scientifica da Côrte Hespanhola, que veio ao Brasil fazer pesquizas por ordem da Corôa.

Sendo assassinado por um brasileiro, Borba Gato, no Rio das Velhas, teve a autoridade o maior interesse em punir o assassino, que entretanto foi perdoado pela garantia que deu de descobrir a serra de Sabarabussú como descobrio e em que ransformou-se a lenda da serra Resplandecente.

E ficaram Mathias Cardoso e Antonio Filgueiras, nas cabeceiras de Rio Pardo; ahi installaram seus curraes de gado, começaram a colonisação, penetrando pelos sertões do Rio S. Francisco, com seus companheiros.

Como resultado dessa bandeira de Fernão Dias, deu-se o começo da colonisação e povoamento do Rio S. Francisco; e, por conseguinte, isto fez com que as linhas léste-oéste partidas da Bahia convergissem para aquelle ponto.

Eis as primeiras linhas de povoamento na Bahia.

Mas, associadas á questão de linhas de povoamento, temos as estradas.

E' facil agora reconstruir a estrada que ligou a Bahia ao Sul reservando esse assumpto para uma outra conferencia.

O meu intuito é mostrar-vos que o problema economico de mais valor no Brasil, no seculo XVI, ao começar do seculo XVII, era a communicação da Bahia para o Sul, resolvido no fim do seculo XVII.

O outro centro de povoação de que fallei é o de S. Vicente, igualmente de muita importancia.

E esse centro em relação á sua direcção podemos resumir nas seguintes palavras: a 1ª linha de povoamento foi de Santos para S. Paulo, transpondo a Serra, e creando a então villa de S. Paulo.

Agora, dahi o povoamento tomou tres direcções: tomou a direcção do Tieté e Parahyba, e creou Matto-Grosso, Goyaz e Rio de Janeiro; tomou a direcção de Sabará, creando Santa Catharina, Paraná, Rio Grande do Sul. Como se vê, é de maxima importancia esse centro.

Logo, o Rio de Janeiro é expansão colonial de S. Paulo, como Sergipe, Espirito Santo, Alagôas o são da Bahia.

Teremos occasião de estudar isto, e hei de mostrar como se deu a passagem da população para crear Piauhy.

Eis, em resumo, a estructura economica do nosso paiz no seculo XVI e as vias de communicação abertas no seculo XVII.

E assim ficou resolvido o problema da alimentação das cidades do sul com o gado do norte, porque naquella época o local da industria pastoril era a Bahia, Piauhy e Sergipe e o sul dedicava-se apenas á exploração das minas.

O outro centro de povoamento, este de muito pouco valor, é Pernambuco. O Pernambucano nunca gostou de sahir da costa.

E ha uma razão ethnica que justifica este facto, que nos preoccupará a attenção em outra conferencia, versando sobre o estudo do homem no Brasil, os elementos ethnicos do Pernambucano, do Bahiano, do Alagoano, do Cearense, do Paulista, do Mineiro, etc. Desde já poderia confrontar perante vós o esforço paulista, que penetrou da Capital de S. Paulo, atravessando extensões territoriaes enormes, até Ceará, com o nullo esforço do Pernambucano que não sahio da costa ou que apenas chegou até Alagôas, porque a conquista do Rio Grande do Norte, Ceará, Maranhão, etc., não foi feita por expansão colonizadora de Pernambuco.

A resolução do problema das communicações pelo interior, facilitando o transporte do gado para o sul, do assucar para o littoral e do sal para o interior, fez com que a lavoura progredisse extraordinariamente.

Na proxima lição estudaremos a evolução economica dos productos, como o assucar, os cereaes, e a funcção de moeda que esses productos exerceram, porque naquelle tempo o assucar era o denominador commum do valor, occupava o lugar que o numerario actualmente occupa.

Nessa funcção de moeda, temos tambem de estudar a luta economica travada nos seculos XVI e XVII entre duas classes importantissimas o lavrador de assucar e o jesuita, collocando-se de permeio o indio, como o braço do trabalho agricola. »

FELISBELLO FREIRE.

TERCEIRA PARTE

LITERATURA

Letras, Artes

Sem modificar substancialmente o plano primitivo do *Almanaque Garnier*, como o imaginou com grande tacto o seu fundador, entretanto em cousas menos essenciaes iremos iniciando algumas modificações que a mesma boa fortuna d'esta publicação, o exito e applausos que tem alcançado, nos tem aconselhado ou suggerido pouco a pouco. Desde logo, pareceu que convinha separar sem desunil-as de todo a collaboração propriamente scientifica da literaria e artistica; muitas cousas de sciencia, verdades que interessam ao conhecimento do Brasil e da nossa natureza aqui deviam ter cabida, desde que não excedessem, pelo tom e profundeza dos assumptos, a comprehensão commum. Foi por isso creada conjunctamente esta parte literaria, outra de *Sciencia e erudição* onde acharão lugar as questões do *folk-lore*, *ethnographia*, *historia*, *viagens*, *linguistica* e *sciencias naturaes*, sempre em referencia ao Brasil e ás nossas cousas. A secção de erudição e sciencia fica d'esta arte iniciada e acreditamos que terá mais tarde e successivamente maior importancia e desenvolvimento que por agora não tem.

Na parte de *Letras e Artes* seguiremos, alargando-o ainda mais, o programma antigo, tomando a peito o evitar-se aqui qualquer tendencia exclusivista e de *coteries* ou grupos, e, ao contrario, esforçando-nos para que todas as escolas e academias e agrupamentos literarios, e todos os que pensam e escrevem por todo o Brasil aqui tenham a acolhida e agazalho, sem outra limitação que a do merito, e do criterio com que escolhemos o que nos parece bom ou excellente.

N'este particular, o *Almanaque* poderia prestar não pequenos serviços á nossa historia literaria se de futuro elle puder (conforme a todos os esforços que a todas as horas temos feito) dar uma noticia circunstanciada das academias e sociedades literarias que se tem formado por quasi todos os Estados do Brasil e que entretanto, por deficiencia de um orgão commum, não são conhecidas umas das outras; n'este sentido, solicita o *Almanaque* a cooperação e a boa vontade dos seus amigos e collaboradores. Ao exemplo da *Academia Brasileira*, outras surgiram, como a de Pernambuco (para só mencionar esta) que nos parecem de grande e real valor. Não temos no Brasil nenhuma publicação que nos fale de tão interessantes manifestações do espirito e do talento artistico do nosso povo; nem sequer possuimos um registro bibliographico regular por onde se possa aferir a producção intellectual do paiz. O *Almanaque Garnier* poderia talvez até certo ponto exprimir, ainda que mediocremente, toda essa pujança e opulencia desconhecida, ignorada e não raro menosprezada pela maior parte dos que vivem na capital.

Tambem não é inutil encarecer que ha muita producção artistica, na pintura

ou na musica que cá se desconhece e ignora. O Pará, a Bahia e São Paulo pelas suas escolas, institutos e conservatorios poderiam attestal-o.

Na parte de *Erudição e sciencia* incluimos varias secções, ao nosso parecer, interessantes e que terão maior incremento em futuros numeros d'esta publicação; pelo interesse que, é sabido de todos, alguns assumptos provocam no Brasil; mencionamos as questões de *linguagem no Brasil*, os seus peculiares modos de dizer, o seu vocabulario tão singular e variado; a do seu *Folk-lore* ainda incompletamente estudado e ainda outras materias historicas e ethnographicas que sem o tom repellado e improprio das sciencias mais especiaes e exactas aqui encontram agazalho e hospedagem, ao sabor dos seus cultores e amigos.

E' certo que ainda o *Almanaque* de 1907 pouco mostrará d'este seu programma ecclectico; mas certissimo é que d'ora avante sobejará mais materia do que espaço para contentar a todos.

A TRES JULIAS

Curiosa coincidencia é que tenham egual nome — nome de baptismo, ou prenome — as tres mais notaveis de nossas escriptoras de hoje — Julia Lopes, Julia Cortines e Francisca Julia.



Julia Lopes de Almeida.

Digo com a restricção *de hoje*, porque não me posso esquecer do nome de Narcisa Amalia; mas a cantora das *Nebulosas* ha mais de vinte annos que se exilou das letras, encerrando-se num mutismo incomprehensivel depois dos triumphos alcançados.

Sei que convolou da poesia para o magisterio; mas não era razão para quebrar a lyra. Ahi estão como prova da compatibilidade Adelina Lopes Vieira e Zalina Rolim, duas professoras que não deixaram de ser poetisas.

Algum dos muitos espiritos desilludidos e máus que por ahi corvejam ha de talvez attribuir á puerilidade da coincidencia, a uma como força de rima, a associação dos tres nomes que reuni. Consola-me dessa possibilidade a convicção de que tal espirito nunca será o de quem conheça o nosso movimento literario de hoje.

Antes de dizer, de passagem e muito despretenciosamente, de

cada uma das Julias — que me perdoarão estas familiaridades de colleguismo literario, — observemos que ha nas tres uma feição commum-a indole máscula do seu talento.

E' observação antiga que em cada escriptora perde a humanidade uma mulher.

No nosso caso ainda a observação em parte se verifica ser exacta; mas só em parte, ou em certo sentido : a varonilidade do espirito destas tres senhoras não lhes tira, mesmo literariamente fallando, as graças do sexo — a delicadeza do sentimento, a finura da analyse, a commoção mais vibrante e todo o encanto do recato; e, fóra da litera-



Julia Cortines.

tura, a unica das tres que eu tenho a felicidade e a honra de conhecer, de Julia Lopes de Almeida, a esposa do meu querido amigo Filinto de Almeida, é, em todo o nobre alcance da expressão, uma perfeita mãe de familia. Nem precisava que eu o dissesse, nem para que o soubesse precisava conhecel-a : bastava a demonstral-o sem sombra de duvida o seu ultimo livro — o *Livro das Noivas*, que só uma boa mãe de familia era capaz de ter escripto.

Disse, porém, e mantenho, que as tres Julias se assemelham profundamente pela feição varonil do seu espirito.

Julia Lopes tem produzido paginas que mais de uma vez hão sido comparadas ás do mais vigoroso *conteur* de França, Guy de Maupassant, e a comparação, que é a mais expressiva e eloquente para demonstração do meu conceito, é justissima : dous, principalmente, dos contos da escriptora brasileira lembram como irmãos os do auctor de *Boule de suif* — a admiravel *Caôlha*, que foi para mim a verdadeira revelação deste poderoso talento, e, por ultimo, o conto de concurso publicado na *Gazeta de Noticias* com o titulo *Os porcos*, uma maravilha de sobriedade, de vigor de colorido, de exactidão de traço.

Julia Cortines, cujo livro de estréia coube-me a honra inesquecivel de appresentar ao publico, em toda essa collecção, que é grande e vária, nem uma vez só, ou, mais exactamente, uma unica vez, e essa mesma em uma traducção, escreve o nome de Deus, segundo lá observei quando quiz mostrar que iam lêr um livro realmente forte, moderno, sem pieguices nem derretimentos, ainda que nelle gemia encantadoramente toda a ternura da alma feminina.

Francisca Julia tem já desde o titulo do seu livro de versos —

Marmores, a affirmação de sua natureza pouco propensa ás fraquezas da sensibilidade.

Esta é uma convencida discipula dos mestres impassiveis, Leconte de Lisle, Theophilo Gautier, Heredia. Ao vêl-a pontificar, no templo da poesia, tão nova, tão formosa, tão rigida e austera, acode-me para logo á mente a figura ideial da *Salammbô*, antes estatua que mulher.

Vejam-me então que senhora trindade de senhoras a egualdade dos nomes agrupou!

Lamento que, para dar a este pallido esboço de critica literaria algum valor de arte, que o tornasse mais digno do assumpto, eu não tenha tido tempo de pedir a collaboração de um lapis como o de Julião Machado ou o de Angelo Agostini, que ahi puzesse no alto da pagina os retratos das tres Julias (1).



Francisca Julia.

Das tres, a que tem conquistado mais vasta reputação literaria é a prosadora, é Julia Lopes de Almeida. Tambem, é a mais edosa das tres e a que mais tem produzido. Começou pelo conto, em que se fez mestra; nesse genero tão explorado, ainda que realmente difficil, ensaiou as azas para o vôo mais alto e mais extenso do romance.

A Familia Medeiros, romance de costumes paulistas, acerca do qual já tive o prazer de escrever, quando appareceu, no *Tempo*, é, a todos os respeitos, dos melhores que possuimos: descripções vivas da paizagem e das scenas da natureza e da familia paulista, colhidas em flagrante realidade, dão a esse livro precioso o valor documental que ainda hoje faz viver a Escocia nos romances de Walter Scott.

A viuva Simões, que veio depois, é obra, de certo, mais fraca: dir-se-ia que a romancista ainda não conhecia sufficientemente a sociedade fluminense, muito mais vasta e complexa que a outra estudada no romance anterior, para della dar a impressão verdadeira e nitida que conseguira da vida paulista. Ainda assim, não é um máu livro.

Porque não tem Julia Lopes continuado a escrever romances, ou,

(1) Agora satisfaz-se a aspiração de auctor, com os retratos das tres escriptoras que deram assumpto ao artigo.

pelo menos, porque não tem continuado a publical-os, se é que algum outro possue escripto?

(1) Um tal poder de observação e de analyse não deve cingir-se á esphera demasiado estreita dos contos e novellas : é direito nosso pedir-lhe muito mais.

Como do maravilhoso engenho do velho Dumas dizia um critico, não é proprio de tão possante locomotiva aquecer-se para simples digressões de recreio.

Nunca li versos de Julia Lopes; nunca os terá composto?

Das outras duas Julias, das poetisas, Francisca Julia é mais solidamente educada, possue mais fortes estudos classicos, como em suas menores producções se revela; mas tenho que Julia Cortines é mais inspirada, mais imaginosa, mais rica de dotes naturaes.

Sei, por Filinto de Almeida, que, depois da brilhante collecção dos *Versos*, seu livro de estréia, tem continuado a cinzelar estrophes com o esmero dessas primeiras e nas quaes o seu grande talento progride e rebrilha (2).

Alegra-me immensamente sabel-o, e que a prosa vil da existencia não tem empoeirado as cordas dessa lyra de ouro.

Para concluir, uma nota de tristeza. Na fundação da Academia de Letras, era idéia de alguns de nós, como Valentim Magalhães e Filinto da Almeida, admittirmos a gente do outro sexo; mas a idéia cahiu, vivamente combatida por outros, irreductiveis inimigos das *machonas*, segundo a brutal denominação de um nosso illustre confrade, cujo desembaraço lhe rendeu os dissabores que conhecem. Com tal exclusão, ficamos inhibidos de offerecer a espiritos tão finamente literarios como os das tres Julias o scenario em que poderiam brilhar a toda luz.

LUCIO MENDONÇA.

Rio, Março de 1897.

(1) Este artigo foi escripto em Março de 1897; depois disso, tem a illustre escriptora publicado nada menos de tres romances — a *Casa verde*, de collaboração com seu distincto marido, *A Falencia* e *A intrusa*.

(2) Publicou recentemente o seu segundo livro de poesia, intitulado *Vibrações*. Tambem de Francisca Julia appareceu segundo livro, *Esphinges*.

A ESTHÉTICA DA LINGUA PORTUGUEZA (1)

Ha livros que, para a alma e a saude, têm um valor inverso, conforme a alma inferior, a força vital inferior ou então a alma superior e mais poderosa: no primeiro caso, são livros perigosos, corruptores, dissolventes, e no segundo, appellos de arautos que convidam os mais bravos a fazer entrar em liça a sua intrepidez.

FRED. NIETZSCHE.

João Ribeiro, a meu vêr, é um dos melhores e dos mais bellos nomes que ahi surgem dos alvoroços e tumultos da nossa actividade litteraria, um operoso trabalhador, um espirito intrepido e fascinante, e que se destacou tão brilhantemente, com tanto vigor e sobretudo com probidade, da massa de uma geração. A uma erudição escolhida e vasta, que se vae cada vez mais aperfeiçoando, a um poder de observaçao maravilhoso, a um talento notabilissimo e multiplo, allia em si uma sinceridade e uma modestia pouco communs entre nós, terra de pedanteria e nescio orgulho. Alem d'estas qualidades eminentes de um verdadeiro intellectual, o bizarro estylista do *Crepusculo dos Deuses* possue uma cousa muito mais rara ainda, a tal ponto que a surpreza não cessa, porque, por si só, isto basta para fazer a fortuna de um nome: essa "cultura" superior que Nietzsche tanto exalta e insistentemente reclama para as naturezas de escól e que, em summa, o grande philosopho tedesco julga a unica cousa necessaria.



Dr. João Ribeiro.

* * *

A alta cultura d'esse bom lettrado documenta-se luminosamente n'este livro revelador e singular, as *Paginas de Esthetica*, uma serie de ensaios brilhantes e notaveis quasi todos pela originalidade do assumpto e pela belleza da forma que mais os valorisa e exalça, enfeivados n'um volume artistico, elegantemente confeccionado.

Os viute ensaios que João Ribeiro nos offerece á meditação pertencem a esse genero litterario tao commum entre os allemaes, um genero sempre cheio de seducções e subtilezas, que possue a virtude de seduzir os espiritos, mesmo os mais refractarios, e em que Frederico Nietzsche, o philosopho que deu á Allemanha os livros os mais profundos e os mais artisticamente architectados, se tornou mestre inexcedivel e, ainda mais, o tornou difficil. Esse genero, que o visionario da *Vontade de Poder* considera como uma "forma da eternidade", requer uma argumentação logica e profunda, pensamento incisivo, suggestivo, revelador, e estylo vigoroso, conciso, sobrio, — n'elle devem predominar harmoniosamente o sentimento da forma e a nobreza da expressão. Nietzsche dizia sempre que o seu grande orgulho era dizer em dez phrases o que qualquer outro diz em um volume — o que um outro *não* diz n'um volume. De facto n'elle se constata

(1) Este artigo era materia destinada para o *Almanaque*, antes da minha direcção. Só por falsa modestia poderia recusal-o. J. R.

a vontade da economia do grande estylo, e na sua prosa aphoristica encontra-se uma ambição muito accentuada de estylo romano, *d'œrè perennius* no estylo.

Escriptor de tão rico engenho, dotado de profunda sensibilidade de esthetica e de nervosa impressionabilidade de artista, João Ribeiro é um dos raros brasileiros que ousou dictar seus pensamentos em forma concisa, simples, breve. As *Paginas de Esthetica* foram, com effeito, compostas n'uma forma sobria, laconica, tersa, distincta, eminente, como convem aos espiritos da sua laya, paciente, severa e friamente trabalhada, e com um cunho artistico que a superiorisa, ás vezes maliciosa, salpicada de accentos ironicos, e quasi sempre elegante e subtil, cheia de virtudes, magnificencias e excellencias transcendentaes, affirmando assim a tradicção diamantina dos nossos classicos, aquelles que mais trabalharam na polidez e perfeição da lingua portugueza. A linguagem de João Ribeiro me parece perfeita como modelo de pureza classica e como exemplo de bom gosto artistico: ella é douta, pulchra, polida, luminosa, rica em palavras nitidas e expressivas, sem termos technicos, abstractos e aridos, preciosa de evocaçao e colorido, sonoridades e clarezas, e de um perfume tão penetrante só comparavel ao do sandalo, que perfuma até a propria faca que o corta. O autor das *Paginas de Esthetica* tem essa prosa organica, solida, concreta, geometrica, suggestiva, propria para notar, definir e expor dos psychologos como Stendhal, uma prosa capaz de dizer as cousas as mais abstractas de maneira a mais corporal e positiva, uma prosa florida, flexivel, ductil, que brilha pela sua excessiva riqueza e pela sua limpidez. Joao Ribeiro, em fim, justifica a subtil definição do mestre que diz que para sêr bom estylista é preciso sêr secco, claro, sem illusão, possuir antes de tudo o que é proprio dos paizes quentes, o ar fino e secco do meio-dia, sua *limpidezza* — um ar puro, ligeiro, claro, livre, tepido, como aquelle que se respira nos altos cumes das montanhas onde toda animalidade se torna espiritual e toma azas.

Fructo de longas meditações e observações conscienciosas, as *Paginas de Esthetica* são um livro de synthese critica, uma verdadeira pequena encyclopedia de factos que se resolvem em ideologias imprevistas e de altos pensamentos carlyleanos de um grande proveito interior. Formam uma obra magnificamente feita e esplendidamente pensada, composta por um homem preparado, o mais preparado talvez de nós todos, em gayos saberes e dizeres delicados, e a qual se encontra hoje entre todas as maos delicadas, essas mãos aristocraticas, fidalgas, tão caras a Renan, que foi um d'aquelles cujo gesto, completamente hellenico, soube reconquistar a graça e o bom gosto antigo. Não são um tratado systematico, ordenado segundo as regras d'essa erudiçao *à bon marché* que faz as delicias dos paladares plebeus e dos traficantes de futilidades, mas um simples canhenho de finas annotações psychologicas, notas incisivas, reflexões profundas, observações penetrantes e analyses intelligentes, replecto de visões admiraveis e idéas nobres, idéas e visões sahidas todas de uma natureza privilegiada de artista, enamorada do passado, de cujo encanto se acham possuidas as suas obras poeticas, nas quaes verte mais originaes raridades que naturaes bellezas.

Este pequeno livro, que é um grande livro, escripto sem algazarras, sem rethorica, sem mystificação nem pedantismo, exempto de truismos ridiculos e de aphorismos apodecticos, cheio de precisão e harmonia, e sobretudo impregnado de uma forte dose de *humour* teutonico que não sentiram os allemaes e que só é comparavel ao *humour* de Carlyle que verteu para o inglez a philosophia do riso do formidavel João Paulo — este delicioso livro nos faz reflectir e sorrir ao mesmo tempo.

Nao ha nas *Paginas de Esthetica* essa graça scintillante, leve, alcyonea que exalça os livros de Anatole France e que se tornou privilegio do dizer gaulez, visto que o espirito que as editou paira n'uma atmosphera de duvida temperada pelo scepticismo e pelo desprezo: ha aqui uma ironia secca, amarga, cruel mesmo, calculada, accintosa, tão perfeitamente senhora de si mesmo como a ironia de Swift ou de Heine, e praticada

com uma obstinação constante. Nenhum traço de sentimentalismo, mas, ao contrario, um sentido exacto da realidade, um sentido que se torna malsano, tanto é elle subtil, incapaz de apegar-se ás mais especiosas illusões.

João Ribeiro é um grande ensaista e um humorista. E o seu livro, em cujas paginas florescem a vida e a graça primitiva de nossa gente culta, e que em cousa alguma se parece com esses massiços manuaes de vulgarisação esthetica e de doutrinamento philosophico, quasi sempre vasios e inuteis, é uma d'essas obras que de sua passagem nos deixam uma lembrança suave que se nunca apaga e um perfume que se jamais extingue, um tão bom perfume de antigo vinho grego.

***

Poeta, artista, historiador, investigador paciente, especialista no estudo da philologia, João Ribeiro escreveu as suas admiraveis *Paginas de Esthetica*, a exemplo de Joachim du Bellay et de Remy de Gourmont, para propagar a cultura e a lingua portugueza, mas inspirado por idéas muito differentes d'aquellas que levaram Gourmont a compôr a sua *Esthétique de la Langue Française* e imprimiram caracter á obra de Bellay sobre a *Défense et Illustration de la Langue Française.*

Seus estudos de philologia e seu culto pela arte classica desenvolveram n'elle esse espirito ávido de clarezas e perfeições; fizeram-lhe melhor comprehender e amar a belleza do nosso idioma,

... O meigo idioma
Abundante e grandioso e brando e fero,

no dizer de Felinto Elysio que elle cita e estima sobremaneira; communicaram-lhe essa revolta contra o " querermos (os mais de nós) escrever ao uso e abuso nosso *n'esse mau portuguez* que não é lingua reconhecida e acceita ". D'ahi, o serem as *Paginas de Esthetica* uma grande declaração de guerra contra os " corruptores " da nossa linguagem, um pamphleto vehemente contra os adversarios da restauração classica, os quaes nem ao menos têm o devido respeito e amor aos modelos eternos do nosso idioma, e um *toast* em honra da " nobreza, da polidez e urbanidade da palavra ", um vigoroso canto ao classicismo em todas as ordens da vida, um hymno enthusiasta e impregnado de ardente lyrismo á lingua do heroico Portugal, augusto e veneravel, como que a repousar agora dos seus heroismos e victorias tantas vezes assignalados por inspirados cantores. " E superior a todos, diz elle, porque accorda a voz do homem, do poeta e do artista, com as suas ricas e copiosas caudaes da eloquencia e da poezia, com o seu estylo breve ou erguido, galante ou fero, em todo o luzimento de seus mais finos quilates. Foi essa, decerto, a lingua do pequenino Portugal, que como flor perfumada rebentou na extremidade da arvore do mundo antigo, flor que havia de voltar a corolla e o polen para os oceanos desconhecidos. Foi essa, e não outra, a lingua que primeiro praguejou com a tempestade oceanica e a primeira que traduziu a alma das immensas distancias, a saudade. Foi tambem a primeira que com os seus destimidos luziadas, bracejando sobre as ondas, levou o annuncio da Fé e da Civilisação ás terras incognitas. Porque muito maior que as civilisações que se sepultam com as sciencias e vaidades, é aquella que ama e se reproduz e se revê nos filhos e na eternidade da historia ».

A lingua é o symbolo vivo da raça que a falla, e, no dizer do poeta, a consciencia de um povo projectada no espelho sonoro das palavras. Nenhuma imagem é mais exacta e fiel. A nossa, meiga ou féra, jovial ou triste, incarna as modalidades da alma grandiosa de uma raça vivaz, voluvel e expansiva, cheia de esperanças e illusões, sonhadora e pantheista por excellencia. A idéa mesmo da patria póde-se lêr, mais ou menos viva e perfeita, na physionomia que a retrata. E que, desde quando lhe infundiram o

sopro vital os Camões e os Vieiras, se tornou immortal e perenne. Ha de viver em quanto houver arte escripta e emquanto houver consciencia humana. Mesmo d'aqui a milhares de seculos si ella chegasse a desapparecer com todas as linguas da Europa, com o advento d'essa lingua universal sonhada pela dourada imaginação dos candidos utopistas, haveriam de vir Champolions crear uma nova sciencia de interpretação do passado que se sepultára em trevas: e então, os monumentos escriptos que nos legaram os formadores e perpetuadores da nossa intellectualidade surgirão aos olhos do paleologo vindoiro, augustos e solemnes como novas Thebas gigantescas e mysteriosas, e n'elles encontrará gravado com o sello da eternidade, o aureo instrumento de nosso sentir e saber, crystallisado em sua belleza e em sua perfeição que os seculos jamais poderão destruir. Tudo poderá desapparecer, como as vaidades, glorias e riquezas vãs de que se orgulha o nosso tempo: uma unica cousa ficará eternamente no mundo como herança inalienavel dos que foram aos que vieram, dos que vão aos que vêm: a lingua com que definiram o pensamento de uma raça agora immortal. A nossa lingua viverá para todo o sempre, e com ella ficarão vivendo aquelles que lhe traçaram formas definitivas e perfeitas e lhe incutiram essa physionomia e formosura que a tanto custo se alcançára, aquelles que vivem e governam o systema das nossas idéas. E a nós, os presentes, que a herdamos dos nossos avós com os juros de nove seculos, avaramente accumulados, compete propagal-a e defendel-a contra a acção doloza d'aquelles que ignoram que ella, a nossa lingua, é a unica cousa que importa antes de tudo conservar. Ora, para um povo, o abandono absoluto da sua lingua é o signal do anniquillamento da sua personalidade, a linguagem sendo a expressão directa, o symbolo exacto da vida interior, como diz Michelet, a representação fiel do genio dos povos, a expressão do seu caracter, a revelação de sua existencia intima, seu verbo, por assim dizer.

João Ribeiro sente que é lingua sua a lingua de Camões. E pergunta: " E como, pois, dizer que a lingua d'essas almas e d'essas energias, á qual (como dizia João de Barros) pertenciam a *monarchia do mar e o tributo dos infieis*, não é mais digna do presente e do progresso? A verdade é que nós e o presente não somos mais dignos d'ella. A' energia dos que fecundaram os desertos e fundaram novas patrias succede agora o frio terror de perdermos a que temos e talvez a não sabemos ter. Já se exalta ao que impiamente rouba a alma alheia de outras litteraturas e não poupam tolos escarneos ao que dispõe das riquezas maternas que por direito de herança lhe pertencem. Esse confronto é como um alvorecer de consciencias malsanas. Seja. Mas não se chame progresso a expiação ou a má fortuna d'aquelles que ha quatro seculos eram capitães e hoje não podem ou não querem ser mais que soldados ou bandoleiros ". Por ahi se vê que não é um singelo amor pela lingua dos nossos maiores que vive no coração do poeta: é aspiração mais alta que o torna desesperado, a gritar, como um afflicto, entre uma patria moribunda e a dôr de a vêr morrendo. A lingua do velho Portugal, que lhe anda no fundo da alma como uma grande lenda antiga, João Ribeiro se tortura por evocar do passado, a ver se lhe dá de novo a vida da historia. E'tal a sua angustia de peito que se insurge ante uma estranha e ineluctavel fatalidade, que ás vezes lhe escapam lamentos como este, a raiar pela objurgação de esperanças perdidas.

João Ribeiro combate, antes de tudo, a idéa que do " classicismo " fazem os contemporaneos imbuidos de *modernismo* que, ao seu parecer, não é sinão " uma das faces mais communs e triviaes da estupidez ", quando affirmam que a linguagem de que se serviram Gil Vicente e Fr. Luiz de Souza " não é mais digna do progresso e do presente ", visto que, organismo vivo que é, a lingua *evolue* com os mundos, os homens, os sentimentos e as idéas. Com razão, insurge-se contra essa linguagem desvirtuada, defeituosa e falsa de que nos servimos para exprimir o nosso sentir e o nosso pensar, e levanta-se por conseguinte contra toda essa legião de vocabulos barbaros arrancados impunemente a linguas estranhas, que em belleza e riqueza á nossa não excedem, e vindos, depois de

meio seculo sobretudo, gastar a formusura e a pureza do nobre idioma portuguez abundante e grandioso, creado por um povo de conquistadores, heróes e menestreis e manejada com respeito por cincoenta gerações de poetas e lettrados. Nao haverá excusa possivel, no dizer d'elle, quando, sob a côr e pretexto de *forma litteraria*, se roubam a linguas estranhas dizeres e expressões de differente metal, os quaes são como remendos de outra côr: pois, o nosso lexico é riquissimo, abundante e variado, havendo n'elle de tudo e para todos os gostos, mesmo para os mais exigentes e extravagantes, sem que necessario seja ir buscar a outras paragens vocabulos que a nossa desidia encontrar nao sabe nem se esforça.

Entenda-se, emfim. O que João Ribeiro quer, segundo confissao propria, não é a resurreiçao da vida antiga, mas, "a concatenação e a consciencia duradoura e alongada da raça que se não apaga e que se nunca extingue, a memoria da mocidade que se não refloresce ao menos perfuma a velhice ". O que elle deseja, é que se vivifique o passado, no presente, para fecundar o futuro. " A verdade, escreve elle, é que não ha lingua perfeita nem conhecimento perfeito das linguas, e é grande mérito da *forma litteraria* rejuvenescer vocabulos que o olvido desterrou injustamente e até crial-os com a propria seiva do pensamento, que é já em si uma linguagem etheri-forme ". O que elle prega, em fim, é a restauraçao da pura vernaculidade, é a renascença do bom gosto antigo contra a confusão malsana da epoca presente, é uma como reversão para um classicismo saturado de hellenismo.

* * *

A obra de João Ribeiro, apesar das duvidas e objecções que levantar possa, inaugura uma nova, uma preciosa maneira de ler os classicos. Não sabiamos até então como versal-os e entendel-os. Sabemos agora que para interpretal-os, é necessario antes de tudo que respiremos a atmosphera em que viveram e nos entranhemos por muito tempo n'aquelle vasto mundo tão cheio de preciosidades, clarezas e harmonias que edificaram, sem, comtudo, confundir o nosso tempo com o d'elles, achando primores, extremos e qualidades onde talvez só haja imperfeições e defeitos. « Tem cada epoca o seu espirito proprio, diz-nos João Ribeiro, que tanto é dizer que tem os seus pendores e preferencias, culpas, falhas e deformidades, que, como soem vir juntas, umas e outras, não é cousa facil separal-as e estimal-as no devido valor. Não ha entendimento tão pratico que as possa avaliar a esmo, sem desacerto e engano. Se nos antigos se nos depara um mundo de surprezas, ainda maior mundo é o que lhes faltou e nunca conheceram ou siquer imaginaram. Tudo isto se ha de lançar em conta, a peso e medida. »

Não quero affrontar ao insigne mestre com o meu portuguez mal alinhavado. Eis aqui, pois, com as suas proprias palavras, como devemos versar e entender os classicos da nossa lingua : « Se, pois, ha os que nao querem (ou não possuem a inclinação propria) ou nao desejam ler os classicos, versal-os e medital-os com amor, a razao é que a nós outros nos falta o ar, a atmosphera propria em que viveram os grandes escriptores da nossa lingua. Mas essa falta tambem póde ter o seu remedio. E' mister não só ler, mas viver, conviver, respirar e conspirar com os classicos, no mundo em que se moveram e commoveram. Então a leitura, transporta a seculos, é de certo uma arte difficil e para poucos; não é linear, e ha de ser sentida em duas dimensões do tempo : o passado no presente e até, se se lhe ajunta algum dom prophetico, no futuro. Os livros antigos, não só a *Odysséa* ou a *Eneida*, mas falo dos classicos da nossa lingua, exigem e requerem essas necessarias transfigurações com os seus scenarios já mortos. Não são, pois, o alimento commum da turba que lê a salario e jornal, dia por dia, a qual se

não vê para adeante, tambem não vê para traz, que tudo é um, e é a mesma cegueira. Os nossos classicos escreviam com lenteza e com vagar é que compunham. Não podem, pois, ser devorados d'um trago como os livros de hoje improvisados n'um lanço. Aquillo que com vagar se compoz, durante annos se castigou e poliu, do esboço á derradeira mão, guarda sempre cousas e idéas, subentendidas, ellipses e segredos mentaes, rascunhos de palimpestos, sentimentos inescriptos, outr'ora claros e hoje invisiveis, que é mister subentendidos, aclarados, decifrados, resuscitados, emfim, na propria atmosphera em que brilham á luz. Não é, pois, comprehendel-os o mero rastejar pela rama sem penetrar o subsolo, que era outr'ora a lume da terra, e no qual agora se sepultam profundos como raizes. N'aquelle evo, a medida era outra, e outra a balança do mundo. A Guerra e a Fé imperavam e, ao crepitar do lume do mistico, outras historias não se contavam que as dos soldados e dos monges. E só assim, a quem faça a experiencia d'alma d'aquelle tempo, é que os classicos poderão ser exemplares de clareza e suavidade. Entao, ó surpreza e milagre! Tudo resurge e se anima! a floresta mirrada reverdece e desabotoa toda em flor, revivem os pastores e os montes, os cavalleiros e os santos; accordam todos os echos das fontes e dos ventos que andavam movendo os álamos e as madresilvas... »

A leitura dos classicos é fructo d'essa necessidade, que ao espirito do artista se impoz, de corrigir, modificar, polir o seu estylo. Joao Ribeiro nos fala depois da paixão e heroismo que exige o conhecimento dos classicos, e nota, por outro lado, a verdadeira causa d'essa inextinguivel hostilidade que medra no seio da juventude lettrada contra aquelles que immortalisaram o nosso idioma. « A boa estimação dos classicos, escreve elle, o carinho e o amor com que devemos cercal-os, é o fructo da madureza do espirito, quando cessa a avidez de ideias novas ou apenas differentes, soberbas, bizarras, extravagantes. A juventude não ama aos classicos porque não tem a « consciencia do ridiculo » e não está ainda desenganada de presumidas sciencias e maravilhas que lhe avultam na alma, como estranhas revelações. Ao cabo de tantos lances, mais serena philosophia a modera e refreia e quebranta aquelles primeiros impetos. E não ha homem que, vivendo um pouco, não lhe chegue a hora de dizer, como o velho rei biblico que *sub sole nihil novum*. Nada ha mais velho que a moda, nada mais facil que a originalidade dos desobedientes... Mas vencida essa crise de crescimento, se nao se quer ser infante toda a vida, não ha outro endereço mais que o do amor e respeito aos modelos eternos da linguagem. O mais moderno e o mais livre de todos escriptores portuguezes, Eça de Queiroz, consagrou os ultimos restos da vida a limar e castigar o seu formoso e suave estylo, restituindo-o, quanto pôde, á nobreza antiga da lingua. E' que o espirito, na morte, se reintegra e continua eterno na sua propria especie, e só o corpo se contenta com volver e perder-se em outras fermentações e outras tantas modas e mutações da vida universal. »

Ao lêr estas paginas, saturadas de amor, respeitosas e tenras, revive em minha memoria o pensamento do profundissimo Carlyle: « A sciencia (como toda outra creação irreductivel da humanidade) sem veneraçao é esteril e pode ser venenosa : o homem que não sabe venerar, que não tem o habito de amar e venerar, ainda que seja presidente de cem sociedades reaes e leve na cabeça toda a mechanica celeste, toda a philosophia de Hegel, sempre se comportará como um par de oculos detraz dos quaes não existem olhos. » Na verdade, para se conhecer uma cousa, o que podemos chamar conhecer, o homem deve necessariamente a principio *amal-a*, sympathisar-se com ella, ser *virtualmente* aparentado com ella : o methodo inverso age com uma perversão multipla e verdadeiramente funesta. O grau de visão que habita n'um homem é uma correcta medida do homem. Para comprehender os classicos, Gil Vicente, Camões, Bernardes ou Vieira, é preciso possuir esse *estado de sympathia* que Guyau reclama no critico para bem julgar e esse sentimento graças ao qual unicamente se pode chegar

a entender a belleza interior da nossa lingua — o sentimento da forma e do rythmo. O essencial, é uma obediencia alongada e espontanea, e, fóra d'essa disciplina, só o raro exemplo o guiará. Affirma Nietzsche, cuja theoria sobre a necessidade de uma longa disciplina como instrumento de cultura e educação artistica forma talvez a parte a mais bella e a mais fecunda de sua philosophia, que, para elevar tambem a leitura dos classicos á altura de uma *arte*, é preciso antes de tudo uma faculdade que se tem precisamente esquecido hoje, uma faculdade que exigiria quasi que se tivesse a natureza de uma vacca e *não*, em todos os casos, a de um « homem moderno » — a faculdade de *ruminar*... Assim, a leitura dos classicos é, no sentir do philosopho allemão, uma « arte veneravel que, de seus admiradores, exige antes de tudo uma cousa, ficar isolado, tomar tempo, tornar-se silencioso, tornar-se *lento*, — uma arte de ourivesaria, e um mister de ourives no conhecimento da *palavra*, uma arte que requer um trabalho subtil e delicado, e que não realisa nada se não se applica com lenteza. Mas é justamente por causa d'isso que ella é hoje mais necessaria do que nunca, justamente pelo facto de que encanta e seduz mais, em a nossa edade do « trabalho » : quer dizer, da precipitação, da pressa indecente que se amofina e que quer depressa tudo « acabar », mesmo em se tratando de um livro, antigo ou moderno. Esta arte já por si não acaba facilmente com qualquer cousa que seja, ella ensina a *bem* ler, isto é, *lentamente*, com profundeza, cuidados e precauções, com *arrière-pensées*, portas escancaradas, com dedos e olhos delicados. » Então, só assim, se adquirirá essa sensibilidade para a composição harmoniosa do discurso que Nietzsche chama, muito propriamente, a *consciencia do ouvido*, e que, de ordinario é tão exigente n'elle e tão subtil como, em regra, em todos os grandes cultores do verbo.

A idea de João Ribeiro é authentica e preciosa, e vale talvez como a suggestão de todo um mundo. O seu profundo saber nos trouxe um conhecimento supremo, uma experiencia rara, um novo methodo para medir tudo que existe no mundo immenso sem fim e sempre novo, em que habitam os classicos. O philosopho não deixou escapar esta fortuna, e soube d'ella aproveitar-se para fazer uma admiravel descoberta. Não serei eu quem, com o meu precario saber e a minha misera esthetica, lhe opponha objecções e negue applausos. Não chamo a mim o direito de consultar com a minha modesta opinião materia em que sou notoriamente jejuno. Não o faço, aceitando aquelle antiquissimo conselho que nos dá um lettrado de bom senso, e o qual tem salvo uma humanidade inteira do ridiculo : *ne sutor ultra crepidam*. Quaesquer que sejam porem, ou venham a ser ainda, as theorias que a contrabalancem, a descoberta de João Ribeiro ha de orientar-nos sempre com toda segurança na interpretação dos nossos classicos.

Esta é a idéa fundamental da obra de João Ribeiro, um intellecto dotado de um soberbo pensamento philosophico e de uma admiravel visão esthetica, e que sem custo obteve o que na philosophia nietzscheana se chama a *consecração da cultura*, entendida como unidade do pensamento, do sentimento e do estylo, — como *unidade de estylo artistico* em todas as manifestações da vida. N'este terreno, compete aos doutos da nossa litteratura discutil-a, submettel-a ás leis ordinarias da critica, reduzil-a a cathegorias, analysal-a — isto é *destruil-a*. Quanto a mim, obscuro servidor da belleza e ardente apologista do ideal tragico, não me resta outra cousa que agradecer calorosamente a João Ribeiro por nos ter revelado toda a belleza intima do idioma portuguez, cujos segredos interpreta com a mesma curiosidade com que um hagiographo esplana o texto dos livros sagrados e com o mesmo carinho com que um herborista pede á flor que lhe revele seus intimos segredos.

Não me sobra espaço para discutir, examinar, analysar algumas das idéas-forças que em grande numero se encontram n'este pequeno manual de sabedoria. Ha muita philosophia, muita sciencia esthetica, muita arte desseminadas nas 170 paginas d'este pri-

moroso livrinho que li e reli com um prazer ineffavel, ainda quando não applauda todas as cousas que n'elle existem, embora com muitas d'ellas esteja de accordo. Na verdade, não poderia crer que João Ribeiro me reservasse tão abundantes thesouros. Tudo nas *Paginas de Esthetica* é admiravel: a superioridade da sua cultura, a erudição historica, erudição de bôa lei, a profundeza das suas observações e a força dos seus conceitos, o conhecimento solido das litteraturas e das artes, antigas e modernas, a justa interpretação e o exacto lugar em que colloca a cada escola, os pontos de vista interessantes em que se apoia para julgar cousas, factos e idéas do dominio da esthetica, as soluções que apresenta a um grande numero de problemas artisticos e linguisticos, e, sobretudo, a impeccabilidade classica da sua forma, recamada de uma arte admiravel, revestida de discreto lyrismo, mas attrahente e onduloso, que exige do leito, se elle quer penetrar o sentido profundo da obra, um conhecimento completo da anatomia philosophica que este lyrismo encobre. João Ribeiro nos transporta a uma atmosphera de luz e amor, de claridades, harmonias e scintillações offuscantes, onde o ardor combativo do seu espirito, temperado nas aguas lustraes da *gaya scienza*, as mais das vezes, desapparece sob a cuidada ornamentação litteraria e o pensamento, eminentemente aristocratico, cheio de elegancias e requintes, espontaneidades e *allures* superiores, pratica a dialectica á maneira de um rythmo obsedante, fascinante, fluente que envolve, desarma, suggere e persuade sem demonstrar, sem refutar abertamente, sem negar brutalmente, n'uma attitude muito diversa d'aquella em que se comprazem os philisteus da cultura e os cortezãos do entendimento.

João Ribeiro nos apparece, em o nosso meio quasi inculto, preparado para exercer uma influencia duradoura na intellectualidade brasileira, pela vastissima cultura que revela e pela pujança cerebral de que este livro é irrecusavel documento. Sua influencia, no mundo das idéas, será consideravel, salutar e fecunda. Si suas idéas não são inteiramente novas, a sinceridade de João Ribeiro, sua alta visão esthetica e seu fino senso psychologico, sua recusa a todo compromisso, seu ardôr de apostolo, dão a ellas um sentido novo e profundo, estimavel ao mais alto ponto. E no fundo, como observa o philosopho, não é a raridade e a força do genio, mas, a influencia de uma certa disposição heroica da alma e o gráu de parentesco e connexão d'esta alma com o genio, que são decisivos.

Não sem protesto me submetto á iniqua tyrannia do espaço que me obrigou sacrificar ao silencio de um fundo lugubre de gaveta uma grande porção d'este trabalho agora reduzido no que ahi fica: porque nao disse todo o meu pensamento sobre as *Paginas de Esthetica* e o seu autor. Apenas fallei da parte mais importante, que é como que a espinha dorsal da obra, e a que pertence mais pessoalmente a João Ribeiro, a defeza e illustração da lingua portugueza, tal como venho de a expôr, summariamente embora. Ficaria, portanto, muito desolado se tomassem estas paginas por um resumo completo da obra de João Ribeiro, livro que tem a virtude inestimavel de haver sido escripto por um homem que escapou ao terra-á-terra da chronica, se elevou á philosophia da arte e possue um valor de estheta.

João Ribeiro, em summa, pertence ao numero d'aquelles que fazem pensar e sorrir, com elle, contra elle, acima d'elle, e que tornam intelligentes e gayos. Seu labor sincero, tão intenso, tão nobremente inspirado, merece ser citado como exemplo. E, se autoridade tivesse para exemplos apontar, como tal indicaria á consideração dos contemporaneos este fervoroso apostolo da Belleza, porque elle é digno de entrar

N'ella sede severa dell' arte e del silenzo,

na phrase de Gabriele d'Annunzio, o maravilhado.

ELYSIO DE CARVALHO.

Da "Pastoral"

UMA VOZ :

I

Não te exponhas, disse a velha,
A' luz fria do luar;
Deixa que se perca a ovelha,
Gado não te ha de faltar.
E' o lobo e não a faraota
Que te attrahe ao seu algar.
Não saias, donzella incauta,
Ao luar.

II

Mas a moça, a noite inteira,
Ouviu a ovelha balar,
Tão triste e só na lareira
Que não poude descançar.
E em quanto a velha dormia,
Fugiu, deixando o seu lar;
Era claro como o dia
O luar.

III

Desde então anda esgarrada
Pela montanha, a chorar,
A pobre moça enganada
Naquella noite de luar.
À lua é mãe da tristeza
E é mais traidora que o mar.
Desconfia da belleza
Do luar.

(Segundo Quadro : *A Visitação.*)

COELHO NETTO.

Um bohemio pela decima vez ameaça o tio de matar-se, se não lhe empresta 1 : 000$0000. « Tracta-se de uma divida de honra, etc., etc. »

— Tudo o que eu poderia fazer por ti, responde o tio, era emprestar-te o revólver... mas irias vendê-lo!

O Misanthropo

A' boca, ás vezes, o louvôr escapa
E o pranto aos olhos; mas louvôr e pranto
Mentem : tapa o louvôr a inveja, emquanto
O pranto a vesga hypocrisia tapa.

Do louvor, com que espanto, sob a capa
Vejo tanta dobrêz, ludibrio tanto!
E o pranto em olhos vejo, com que espanto
Que escarnecem dos mais, rindo á socapa!

Porque desde que esse odio atroz me veio,
Só traições vejo em cada olhar venusto?
Perfidias só em cada humano seio?

Acaso as almas poderei sem custo,
Ver, perspicuo e melhor, só quando odeio?
E é preciso odiar para ser justo?

RAIMUNDO CORRÊA.

HOTEL DOS ESTRANGEIROS

1, *Praça José de Alencar*, 1 — *Rio de Janeiro*

Proprietario : ALFREDO ELYSIARIO DA SILVA

Tramways da Companhia Jardim Botanico. Preço 300 reis. Ponto de carros e tilburys na Praça em frente ao Hotel.

Telephone nº 498 — *Endereço telegraphico* : **Hotel Estrangeiros-Rio**

Espaçosos salões. Salas de leitura, bilhares, salões para banquetes, etc. 120 aposentos de 2 e 3 peças cada um. Pensão a partir de 10.000 reis por dia segundo o numero de pessoas e tamanho dos aposentos. Banhos quentes e frios. O Hotel está proximo ao estabelecimento hydrotherapico do Dr Julio Brandão e do estabelecimento de banhos de mar. Um contracto com a Empreza de Carruagens S. Mendes y Cia, proporciona aos Sñrs hospedes e viajantes, todas as facilidades no transporte a qualquer hora do dia ou da noute. Lavanderia. Secção de engommadeiras. Officina de marcenaria para reparação de malas, cadeiras e outros objectos de viagem.

HYGIENE IRREPREHENSIVEL

Mosquiteiros nos aposentos. Conselho previdente da Directoria Geral de Saude Publica

SUCCURSAES

HOTEL DO CORCOVADO EM PAINEIRAS

—:— *Telephone nº* 169 —:—

O mais bello panorama do mundo e o melhor clima da Capital

PENSÃO LARANGEIRAS

Telephone nº 1512 — *Rua das Larangeiras*, 192 — A Pensão mais chic do Rio de Janeiro.

METROS BARBAROS

Um dos nossos maiores poetas, Magalhães Azeredo, nas suas ultimas producções, tem procurado introduzir na metrica portugueza os chamados (por opposição aos *classicos*) *metros barbaros*. A innovação, e aliás é a sorte, a principio, de todas as innovações, foi recebida com alguma opposição ou, para falar verdade, com alguma indifferença. Sem embargo de ser um poeta de grande merito, Magalhães de Azeredo vive longe do Brasil, que é a sua terra e ainda mais d'ella se affasta por seus ideaes que parecem os de um europeu e talvez até mais estrictamente os de um romano d'aquelles que ainda hoje sonham a reconstituição do imperio antigo e mediterraneo.



Magalhães de Azeredo.

Este *absenteismo* da sua esthetica torna-o, não impopular, mas muito menos conhecido do que o merece por todos os motivos; as suas poesias são aqui admiradas por um publico de escol, muito selecto e restricto, por uns poucos d'aquelles que o comprehendem e o tém na verdadeira estima que lhe reclamam as suas qualidades geniaes de escriptor. Nenhuma poesia ha tão nobre e eloquente como a sua.

Raros, mui raros, entre nós, possuem como elle a severa correcção de forma, a elegancia e o sentimento da linguagem, no que ella tem de mais expressivo e musical.

Uma reforma ou innovação metrica d'aquella especie tentada uma vez ha um seculo por José Anastacio da Cunha (na versão do Idilio XIV de Gessner), não logrou a approvação de A. de Castilho que mais tarde examinou a questão, a proposito de outra tentativa de Nolasco da Cunha.

« E' uma chimera, dizia Castilho, sem o minimo vislumbre de possibilidade ». Tratava-se então de naturalizar os hexametros e pentametros latinos, que entre tanto ja haviam sido tentados no XV e XVI seculo, na poesia hespanhola, não sem algum exito.

N'este particular, é lastimavel que até hoje se não tenha publicado um manuscripto de Nolasco, *O Homero moderno*, no qual expõe as suas theorias do hexametro portuguez e em hexametros traduz o canto V dos *Lusiadas*; dentre suas obras publicadas, em metro latino foram algumas poesias que sahiram no *Investigador Portuguez* no anno de 1813.

Estes dous innovadores eram eruditos ou sabios e apenas mediocres poetas, o que pode explicar a má fortuna que acharam os seus insulsos hexametros.

O caso de Magalhães Azeredo é, porém, muito distincto d'aquellas tentativas imperfeitas e inhabeis. A innovaçao de hoje vem apadrinhada por um poeta elegantissimo, inspirado e eloquente.

« Pretender que a nossa poética, diz elle, é já bastante opulenta de ritmos e não precisa de outros se me affigura temerario; não é menos opulenta a italiana e acolheu os *metros bárbaros*. Essa razão de resto foi já invocada contra o alexandrino e não o

impediu de vingar. Razão semelhante invocavam os músicos da escola melódica antiga contra as concepções de Wagner... Todos os misoneismos se parecem nos gestos e nos argumentos.

Como foi contestada a affinidade entre os meus versos e os hexametros e pentametros, proval-a-ei com alguns exemplos :

Te meminisse docet, quae plurima voce peregi
Supplice, quum posti florea serta darem.

TIBULLUS. — *Lib. I, El. II.*

Namque agor, ut per plana citus sola verbera turbo
Quem celer assueta, versat ab arte puer.

TIBULLUS. — *Lib. I, El. V.*

Me miserum adspicite, et si vita puriter egi,
Eripite hanc pestem perniciemque mihi.

CATULLUS. — *El. LXXVI.*

Leiam-se esses dísticos á maneira moderna : (da declamação antiga perdeu-se o segrêdo; acompanhavam-na geralmente os accordes da harpa, e ella devia assemelhar-se ao modo como se cantam hoje as letras dos trechos musicaes, em que se dá ás sillabas a duração de um ou mais tempos, conforme as exigencias da música). E veja-se como ha nestes meus a mesma sonoridade :

Lá, no castello tácito, as negras janellas abertas,
como órbitas sem olhos, fitam o parque, o bosque,

o cálido horizonte. Calmíssima, a noite de estio
estende, sem um sôpro, tenues sendaes violaceos

sobre o arvorêdo grave. Na altura, é de puro azeviche
o ceu, mas constellado, coruscante de joias.

Em outras elegias o verso correspondente ao pentametro é de tipo diverso :

Harpas eolias pendem dos altos ramos?
Nec scire, utrum sis albus, an ater homo,

diz Catullo no célebre epigramma a Cesar.

Ha innúmeros exemplos de pentametros que dão a mesma impressão dos nossos decasíllabos :

Ut cedant certis sidera temporibus.
E Berenice vertice caesariem.
Quam de virgineis gesserat exuviis.

São do bello e famoso carme d'aquelle poeta sobre a *Coma de Berenice*.

Eis ainda hexametros de cadencia differente, tirados das *Elegias* de Propercio :

Perjuras tunc ille solet punire puellas.
Quam vacet alternus blandos audire sussurros.
Non tribus infernum custodit faucibus antrum.

Estes se lhes semelham :

Rouxinol que cantas escondido, e o fragil ninho
tens no cavo tronco de um carvalho centenario,
ou num muro ha vinte longos séculos erguido...

Quanto ao ritmo poético portuguez, supponha-se que eu escrevo esta estrofe :

O' Natureza augusta!
tu geras innúmeras vidas;

e a cada instante sonhas
mil novas creaturas.
Mas todas destruidas,
as queres por tuas peçonhas
ó pérfida Locusta,
de mãos impuras!

Ninguem contestará serem genuinamente portuguezes os versos de que ella consta. Ora, os das minhas elegias são idénticos, com a differença de serem agrupados em dísticos, dois a dois, o que não lhes altera a harmonia, tanto mais não havendo a simetria das rimas. A falta d'estas, em todo um volume não escasso, será talvez uma audacia, hoje, no Brasil; diga-se melhor, uma extravagancia... mas, por Deus! só faremos o que vemos fazerem os outros? »

De todas as innovações metricas do portuguez a unica que logrou algum exito foi a dos *alexandrinos* com Figueirêdo no seu *Theatro* em Bocage e afinal em Castilho. O endecassyllabo italiano dos quinhentistas era apenas uma novidade quanto á disposição estrofica, mas era já um *metro* frequente nos cancioneiros dos seculos XIII e XIV. N'estes mesmos cancioneiros ha uma especie de alexandrino imperfeito, *quinarios duplos* ou duplos de *redondilha menor*, *muinheiras*, que foram estudados por um allemão hoje professor na Universidade de Santiago de Chile, o philologo Friedrich Hanssen, e por outros especialistas da poesia medieval. Estas questões de origem, porém, interessam apenas a eruditos e a investigadores.

O que se não pode negar é que os versos de Magalhães de Azeredo têm a mesma pompa, sonoridade e belleza dos de Carducci e podiam ser incluidos e exemplificados no excellente tratado de versificação recentemente publicado por Olavo Bilac e Guimarães Passos. Aqui damos por amostra déstes versos novos a formosissima

ESTATUA MUTILADA.

De alvíssimo pentélico as formas divinas refulgem.
Certo, gerou-te a patria da Belleza,
a Héllade eterna. O' corpo sublime, que bárbaras garras
torpes te mutilaram atrozmente?
Psiche, Afrodite ou Juno, quem quer que tu foste, sem pena
o martello sacrílego feriu-te,
os brancos pés quebrou-te, rompeu-te os espléndidos braços;
(onde essas mãos liriaes foram dispersas?)
nivea petrina, seios em flor, bellos flancos polidos
como urnas... nada, ah! nada te pouparam!
Sómente o resto. Intacto, sereno elle brilha. Sereno,
hierático, impassivel, e perfeito.
Eram assim as Deusas. Tu és uma Deusa. Debalde
te offenderam, debalde ignaras gentes
aqui te relegaram supina, nesta orla de bosque,
numa rústica e sórdida morada.
Debalde, anno após anno, por séculos lentos e escuros,
entre almas incapazes de entender-te,
de te sentir o arcano prestígio, dormiste em silencio.
Tu sabias (as Deusas tudo sabem)
que eu de longinquas terras viria, de terras selvagens,
para te amar, ó Deusa, de joelhos...

SURDINA

No ar socegado um sino canta,
Um sino canta no ar sombrio...
Pallida, Venus se levanta...
Que frio!

Um sino canta. O campanario
Longe, entre nevoas, apparece...
Sino, que cantas solitario,
Que quer dizer a tua prece?

Que frio! embuçam-se as collinas :
Chóra, correndo, a agua do rio;
E o céo se cobre de neblinas...
Que frio!

Ninguem... A estrada, ampla e silente,
Sem caminhantes, adormece..,
Sino, que cantas docemente,
Que quer dizer a tua prece?

Que medo panico me aperta
O coração triste e vasio!
Que esperas mais, alma deserta?
Que frio!

Já tanto amei! já soffri tanto!
Olhos, porque inda estaes molhados?
Porque é que choro, a ouvir-te o canto,
Sino que dobras a finados?

Trevas, cahi! que o dia é morto!
Morre tambem, sonho erradio!
— A morte é o ultimo conforto...
Que frio!

Pobres amores, sem destino,
Soltos ao vento, e dizimados!
Inda vos choro... E, como um sino,
Meu coração dobra a finados.

E com que magua o sino canta,
No ar socegado, no ar sombrio!
— Pallida, Venus se levanta...
Que frio!

OLAVO BILAC.

O ESCRIVÃO COIMBRA

Apparentemente ha poucos espectaculos tão melancolicos como um ancião comprando um bilhete de loteria. Bem considerado, é alegre; essa persistencia em crer, quando tudo se ajusta ao descrer, mostra que a pessoa é ainda forte e moça. Que os dias passem e com elles os bilhetes brancos, pouco importa; o ancião estende os dedos para escolher o numero que hade dar a sorte grande amanhã, — ou depois, — um dia, emfim, porque todas as cousas podem falhar neste mundo, menos a sorte grande a quem compra um bilhete com fé.

Não era a fé que faltava ao escrivão Coimbra. Tambem não era a esperança. Uma cousa não vae sem outra. Não confundas a fé na Fortuna com a fé religiosa. Tambem tivera esta em annos verdes e maduros, chegando a fundar uma irmandade, a irmandade de S. Bernardo, que era o santo do seu nome; mas aos cincoenta, por effeito do tempo óu de leituras, achou-se incredulo. Não deixou logo a irmandade; a esposa pôde contel-o no exercicio do cargo de mesario e levava-o ás festas do santo; ella, porém, morreu, e o viuvo rompeu de vez com o santo e o culto. Resignou o cargo da mesa e fez-se irmão remido para não tornar lá. Não buscou arrastar outros, nem obstruir o caminho da oração; elle é que já não resava por si nem por ninguem. Com amigos, se eram do mesmo estado da alma, confessava o mal que sentia da religião. Com familiares, gostava de dizer pilherias sobre devotas e padres.

Aos sessenta annos, já não cria em nada, fosse do ceu ou da terra, excepto a loteria. A loteria, sim, tinha toda a sua fé e esperança. Poucos bilhetes comprava a principio, mas a idade, e depois a solidão vieram apurando aquelle costume, e o levaram a não deixar passar loteria sem bilhete.

Nos primeiros tempos, não vindo a sorte grande, promettia não comprar mais bilhetes, e durante algumas loterias cumpria a promessa. Mas lá apparecia alguem que o convidava a ficar com um bonito numero, comprava o numero e esperava. Assim veiu andando pelo tempo fóra, até chegar aquelle em que loterias rimaram com dias, e passou a comprar seis bilhetes por semana; repousava aos domingos. O escrevente juramentado, um Amaral que ainda vive, foi o demonio tentador nos seus desfallecimentos. Tão depressa descobriu a devoção do escrivão, começou a animal-o nella, contando-lhe lances de pessoas que tinham enriquecido de um momento para outro.

— Fulano foi assim, Sicrano assim, Beltrano assim, dizia-lhe Amaral expondo a aventura de cada um.

Coimbra ouvia e cria. Já agora cedia ás mil maneiras de convidar a sorte, a que a superstição pode emprestar certeza, numero de uns autos, somma de umas custas, um arranjo casual de algarismos, tudo era combinação para encommendar bilhetes, compral-os e esperar. Na primeira loteria de cada anno comprava o numero do anno; empregou este methodo desde 1884. Na ultima loteria de 1892 inventou outro, trocou os algarismos da direita para a esquerda e comprou o numero 2981. Já então não cançava por duas razões fundamentaes e uma accidental. Sabeis das primeiras, a necessidade e o costume; a ultima é que a For-

tuna negaceava com gentileza. Nem todos os bilhetes saíam brancos. A's vezes (parecia de proposito) Coimbra dizia de um bilhete que era o ultimo e não compraria outro, se lhe saisse branco ; corria a roda, tirava cincoenta mil reis, ou cem, ou vinte, ou ainda o mesmo dinheiro. Quer dizer que tambem podia tirar a sorte grande; em todo caso, aquelle dinheiro dava para comprar de graça alguns bilhetes. « Comprar de graça » era a sua propria expressão. Uma vez a sorte grande saiu dous numeros adeante do delle, 7377; o delle era 7375. O escrivão criou alma nova.

Assim viveu os ultimos annos do imperio e os primeiros da republica, sem já crer em nenhum dos dous regimens. Não cria em nada. A propria justiça, em que era official, não tinha a sua fé; parecia-lhe uma instituição feita para conciliar ou perpetuar os desaccordos humanos, mas por diversos e contrarios caminhos, ora á direita, ora á esquerda. Não conhecendo as Ordenações do Reino, salvo de nome, nem as leis imperiaes e republicanas, acreditava piamente que tanto valiam na boca de autores como de reos, isto é, que formavam um repositorio de disposições avessas e cabidas a todas as situações e pretenções. Não lhe attribuas nenhum scepticismo elegante ; não era dessa casta de espiritos que temperam a descrença nos homens e nas cousas com um sorriso fino e amigo. Não, a descrença era nelle como uma capa esfarrapada.

Uma só vez saiu do Rio de Janeiro, foi para ir ao Espirito-Santo, á cata de uns diamantes que não achou. Houve quem dissesse que essa aventura é que lhe pegou o gosto e a fé na loteria ; tambem não faltou quem suggerisse o contrario, que a fé na loteria é que lhe dera a vista antecipada dos diamantes. Uma e outra explicação é possivel. Tambem é possivel terceira explicação, alguma causa commum a diamantes e premios. A alma humana é tão subtil e complicada que traz confusão á vista nas suas operações exteriores. Fosse como fosse, só daquella vez saiu do Rio de Janeiro. O mais do tempo viveu nesta cidade, onde envelheceu e morreu. A irmandade de S. Bernardo tomou a si dar-lhe cova e tumulo, não que lhe faltassem a elle meios disso, como se vae ver, mas por uma especie de obrigação moral com o seu fundador.

Morreu no começo da presidencia Campos Salles, em 1899, fins de abril. Vinha de assistir ao casamento do escrevente Amaral, na qualidade de testemunha, quando foi accommettido de uma congestão, e antes da meia-noite era defunto. Os conselhos que se lhe acharam no testamento podem todos resumir-se nesta palavra : *persistir*. Amaral requereu traslado daquelle documento para uso e guia do filho, que vae em cinco annos e entrou para o collegio. Fêl-o com sinceridade, e não sem tristeza, porque a morte de Coimbra sempre lhe pareceu effeito do seu caiporismo; não dera tempo a nenhuma lembrança affectuosa do velho amigo, testemunha do casamento e provavel compadre.

Antes do golpe que o levou, Coimbra não padecia nada, não tinha a menor lesão, apenas algum cançasso. Todos os seus orgãos funccionavam bem, e o mesmo cerebro, se nunca foi grande cousa, não era agora menos que d'antes. Talvez a memoria accusasse alguma debilidade, mas elle consolava-se do mal dizendo que « com a memoria lhe sairam muitas cousas ruins da cabeça. » No foro era bemquisto, e no cartorio respeitado. Em 1897, pelo S. João, o escrevente Amaral insinuou-lhe a conveniencia de descançar, e propoz-se a ficar á testa do

cartorio, para seguir « o exemplo fortificante do amigo ». Coimbra recusou, agradecendo. Entretanto, não deixava de temer que viesse a fraquear e cair de todo, sem mais corpo nem alma que dar ao officio. Já não saía do cartorio, ás tardes, sem um olhar de saudades prévias.

Chegou o Natal de 1895. Desde a primeira semana de Dezembro foram postos á venda os bilhetes da grande loteria de quinhentos contos, chamada por alguns cambistas, nos annuncios, loteria-monstro. Coimbra comprou um. Parece que dessa vez não cedeu a nenhuma combinação de algarismos; escolheu o bilhete d'entre os que lhe apresentaram no balcão. Em casa, guardou-o na gaveta da mesa, e esperou.

— Desta vez, sim, disse elle no dia seguinte ao escrevente Amaral, desta vez cesso de tentar fortuna; se não tirar nada, deixo de jogar na loteria.

Amaral ia approvar a resolução, mas uma ideia contrária suspendeu a palavra antes que ella lhe caisse da boca, e elle trocou a affirmação por uma consulta. Por que deixar para sempre? Loteria é mulher, pode acabar cedendo um dia.

— Já não estou em idade de esperar, retrucou o escrivão.

— Esperança não tem idade, sentenciou Amaral, recordando uns versos que fizera outr'ora, e concluiu com este velho adagio : Quem espera sempre alcança.

— Pois eu não esperarei e não alcançarei, teimou o escrivão; este bilhete é o ultimo.

Tendo affirmado a mesma cousa tantas vezes era provavel que ainda agora desmentisse a affirmação, e, mallogrado no dia de Natal, voltaria á sorte no dia de Reis. Foi o que Amaral pensou e não insistiu em convencel-o de um vicio que estava no sangue. A verdade, porém, é que Coimbra era sincero. Tinha aquella tentação por ultima. Não pensou no caso de ser favorecido, como de outras vezes, com alguns cincoenta ou cem mil reis, quantia minima para os effeitos da ambição, mas bastante para convidal-o a reincidir. Poz a alma nos dous extremos : nada ou quinhentos contos. Se fosse nada, era o fim. Faria como fez com a irmandade e a religião; deitaria o habito ás ortigas, remia-se de freguez e iria ouvir a missa do Diabo.

Os dias começaram a passar, como elles costumam, com as suas vinte e quatro horas iguaes umas ás outras, na mesma ordem, com a mesma successão de luz e trevas, trabalho e repouso. A alma do escrivão aguardava o dia 24, vespera do Natal, quando devia correr a roda, e continuou os traslados, juntadas e conclusões dos seus autos. Convem dizer, em louvor deste homem, que nenhuma preoccupação extranha lhe tirára o gosto á escrevania, por mais que preferisse a riqueza ao trabalho.

Si quando o dia 20 alvoreceu e poz a menor distancia a data fatidica é que a imagem dos quinhentos contos veiu interpor-se de vez aos papeis do foro. Mas não foi só a maior proximidade que trouxe este effeito, foram as conversas na rua e no mesmo cartorio ácerca de sortes grandes, e, mais que conversas, a propria figura de um homem beneficiado com uma dellas, cinco annos antes. Coimbra recebera um tal Guimarães, testamenteiro de um importador de sapatos, que alli foi assignar um termo. Em quanto se lavrava o termo, alguem que ia com elle, perguntou-lhe se estava « habilitado para a loteria do Natal ».

— Não, disse Guimarães.

— Tambem nem sempre hade ser feliz.

Coimbra não teve tempo de perguntar nada; o amigo do testamenteiro deu-lhe noticia de que este, em 1893, tirára duzentos contos. Coimbra fitou o testamenteiro cheio de espanto. Era elle, era o proprio, era alguem que, mediante uma pequena quantia e um bilhete numerado, entrára na posse de duzentos contos de reis. Coimbra olhou bem para o homem. Era um homem, um feliz.

— Duzentos contos? disse elle para ouvir a confirmação do proprio.

— Duzentos contos, repetiu Guimarães. Não foi por meu esforço nem desejo, explicou; não costumava comprar, e daquella vez quasi quebro a cabeça ao pequeno que me queria vender o bilhete; era um italiano. *Guardate, signore*, implorava elle mettendo-me o bilhete á cara. Cançado de ralhar, entrei n'um corredor e comprei o bilhete. Tres dias depois tinha o dinheiro na mão. Duzentos contos.

O escrivão não errou o termo porque nelle já os dedos é que eram escrivães; realmente, não pensou em nada mais que decorar esse homem, reproduzil-o na memoria, escrutal-o, bradar-lhe que tambem tinha bilhete para os quinhentos contos do dia 24 e exigir-lhe o segredo de os tirar. Guimarães assignou o termo e saiu; Coimbra teve impeto de ir atraz delle, apalpal-o, ver se era mesmo gente, se era carne, se era sangue... Então era verdade? Havia premios? Tiravam-se premios grandes? E a paz com que aquelle sujeito contava o lance da compra! Tambem elle seria assim, se lhe saissem os duzentos contos, quanto mais os quinhentos!

Essas phrases cortadas que ahi ficam dizem vagamente a confusão das ideias do escrivão. Até agora trazia em si a fé, mas já reduzida a costume só, um costume longo e forte, sem assombros nem sobresaltos. Agora via um homem que passára de nada a duzentos contos com um simples gesto de fastio. Que elle nem sequer tinha o gosto e a comichão da loteria; ao contrario, quiz quebrar a cabeça da Fortuna; ella, porém, com olhos de namorada, fel-o trocar a impaciencia em condescendencia, pagar-lhe cinco ou dez mil reis, e tres dias depois... Coimbra fez todo o mais trabalho do dia automaticamente.

De tarde, caminhando para casa, foi-se-lhe mettendo na alma a persuasão dos quinhentos contos. Era mais que os duzentos do outro, mas tambem elle merecia mais, teimando como vinha de annos estirados desertos e brancos, mal borrifados de algumas centenas, raras, de mil reis. Tinha maior direito que o outro, talvez maior que ninguem. Jantau, foi á casa pegada, onde nada contou pelo receio de não tirar cousa nenhuma e rirem-se delle. Dormiu e sonhou com o bilhete e o premio; foi o proprio cambista que lhe deu a nova da felicidade. Não se lembrava bem, de manhã, se o cambista o procurou, ou se elle procurou o cambista; lembrava-se bem das notas, eram parece que verdes, grandes e frescas. Ainda apalpou as mãos, ao accordar; pura illusão!

Illusão embora, deixara-lhe nas palmas a maciez do sonho, o fresco, o verde, o avultado dos contos. Ao passar pelo Banco da Republica, pensou que poderia levar alli o dinheiro, antes de o empregar em casas, titulos e outros bens. Esse dia 21 foi peor, em ancia, que o dia 20. Coimbra estava tão nervoso que achou trabalho demasiado, quando de ordinario ficava alegre com a concurrencia de papeis. Melhorou um pouco, á tarde; mas, ao sair, entrou a ouvir meninos que

vendiam bilhetes de loteria, e esta linguagem, gritada da grande banca publica, novamente lhe fez agitar a alma.

Ao passar pela egreja onde era venerada a imagem de S. Bernardo, cuja irmandade elle fundou. Coimbra deitou olhos saudosos ao passado. Tempos em que elle cria! Outr'ora faria uma promessa ao santo; agora...

— Infelizmente não! suspirou comsigo.

Sacudiu a cabeça e guiou para casa. Não jantou sem que a imagem do santo viesse espreital-o duas ou tres vezes, com o olhar seraphico e o gesto de immortal bemaventurança. Ao pobre escrivão vinha agora mais esta magoa, este outro deserto arido e maior. Não cria; faltava-lhe a doce fé religiosa, dizia comsigo. Saiu a passeio, á noite, e, para encurtar caminho, enfiou por um becco. Deixando o becco, pareceu-lhe que alguem chamava por elle, volton a cabeça e viu a pessoa do santo, agora mais celeste; já não era a imagem de madeira, era a pessoa, como digo, a pessoa viva do grande doutor christão. A illusão foi tão completa que lhe pareceu ver o santo estender-lhe as mãos, e nellas as notas do sonho, aquellas notas largas e frescas.

Imagina essa noite de 21 e a manhã de 22. Não chegou ao cartorio sem passar pela egreja da irmandade e entrar outra vez nella. A razão que deu a si mesmo foi saber se a gente local trataria a sua instituição com o zelo do principio. Achou lá o sacristão, um velho zeloso que veiu para elle com a alma nos olhos, exclamando:

— Vossa senhoria por aqui!

— Eu mesmo, é verdade. Passei, lembrou-me saber como é aqui tratado o meu hospede.

— Que hospede? perguntou o sacristão sem entender a linguagem figurada.

— O meu velho S. Bernardo.

— Ah! S. Bernardo! Como hade ser tratado um santo milagroso como elle é? Vossa senhoria veiu á festa deste anno?

— Não pude.

— Pois esteve muito bonita. Houve muitas esmolas e grande concurrencia. A meza foi reeleita, sabe?

Coimbra não sabia, mas disse que sim, e sinceramente achou que devia sabel-o; chamou-se descuidado, relaxado, e voltou para a imagem olhos que suppoz contrictos e pode ser que o fossem. Ao sacristão pareceram devotos. Tambem este elevou os seus á imagem, e fez a reverencia habitual, inclinando meio corpo e dobrando a perna. Coimbra não foi tão extenso, mas imitou o gesto.

— A escola vae bem, sabe? disse o sacristão.

— A escola? Ah! sim. Ainda existe?

— Se existe? Tem setenta e nove alumnos.

Tratava-se de uma escola, que ainda em tempo da esposa do escrivão, a irmandade fundára com o nome do santo, a Escola de S. Bernardo. O desapego religioso do escrivão chegára ao ponto de não acompanhar a prosperidade do estabelecimento, quasi esquecel-o de todo. Ouvindo a noticia, ficou pasmado. No tempo delle, não houve mais de uma duzia de alumnos, agora eram setenta e nove. Per algumas perguntas sobre a administração, soube que a irmandade pagava a um director e tres professores. No fim do anno ia haver a distribuição dos premios grande festa a que esperavam trazer o arcebispo.

Quando saiu da egreja, trazia Coimbra não sei que resurreições vagas e cinzentas. Propriamente não tinham côr, mas esta expressão serve a indicar uma feição nem viva, como d'antes, nem totalmente morta. O coração não é só berço e tumulo, é tambem hospital. Guarda algum doente, que um dia, sem saber como, convalece do mal, sacode a paralysia e dá um salto em pé. No coração de Coimbra o enfermo não deu salto, entrou a mover os dedos e os labios, com taes signaes de vida que pareciam chamar o escrivão e dizer-lhe cousas de outro tempo.

— O ultimo! Quinhentos contos! bradavam os meninos, quando elle ia a entrar no cartorio. Quinhentos contos! O ultimo!

Estas vozes entraram com elle e repetiram-se varias vezes, durante o dia, ou da boca de outros vendedores ou dos ouvidos delle mesmo. Quando voltou para casa, passou novamente pela egreja, mas não entrou; um diabo, ou o que quer que era desviou o gesto que elle começou a fazer.

Não foi menos inquieto o dia 23. Coimbra lembrou-se de passar pela Escola de S. Bernardo; já não era na casa antiga; estava em outra, uma boa casa assobradada, de sete janellas, portão de ferro ao lado e jardim. Como é que elle fôra um dos primeiros autores de obra tão conspicua? Passou duas vezes por ella, chegou a querer entrar, mas não saberia que dissesse ao director e temeu o riso dos meninos. Foi para o cartorio, e, de caminho, mil recordações lhe restituiam o tempo em que aprendia a ler. Que elle tambem andou na escola, e evitou muita palmatoada com promessas de orações a santos. Um dia, em casa, ameaçado de apanhar por haver tirado ao pae um doce, aliás indigesto, prometteu uma vela de cera a Nossa Senhora. A mãe pediu por elle, e alcançou perdoal-o; elle pediu á mãe o preço da vela e cumpriu a promessa. Reminiscencias velhas e amigas, que vinham temperar o arido preparo dos papeis. Ao mesmo S. Bernardo fizera mais de uma promessa, quando era irmão effectivo e mesario, e cumpriu-as todas. Onde iam taes tempos?

Emfim, surdiu a manhã de 24 de Dezembro. A roda tinha de correr ao meio dia. Coimbra accordou mais cedo que de costume, mal começava a clarear. Comquanto trouxesse de cór o numero do bilhete, lembrou-se de o escrever na folha da carteira para havel-o bem fixo, e no caso de tirar a sorte grande... Esta ideia fel-o estremecer. Uma derradeira esperança (que o homem de fé nunca perde) lhe perguntou sem palavras : Que é que lhe impedia tirar os quinhentos contos? Quinhentos contos! Taes cousas viu neste algarismo que fechou os olhos deslumbrados. O ar, como um eco, repetiu : Quinhentos contos. E as mãos apalparam a mesma quantia.

De caminho, foi á egreja, que achou aberta e deserta. Não, não estava deserta. Uma preta velha, ajoelhada deante do altar de S. Bernardo, com um rosario na mão, parecia pedir-lhe alguma cousa, se não é que lhe pagava em orações o beneficio já recebido. Coimbra viu a postura e o gesto. Advertiu que elle era o autor daquella consolação da devota, e olhou tambem para a imagem. Era a mesma do seu tempo. A preta acabou beijando a cruz do rosario, persignou-se, levantou-se e saiu.

Ia a sair tambem, quando duas figuras lhe passaram pelo cerebro : a sorte grande, naturalmente, e a escola. Atraz dellas, veiu uma suggestão, depois um

calculo. Este calculo, por mais que digam do escrivão que elle amava o dinheiro (e amava) foi desinteressado; era dar de si muita cousa, contribuir para elevar mais e mais a escola, que era tambem obra sua. Prometteu dar sem contos de reis para o ensino, para a escola, Escola de S. Bernardo, se tirasse a sorte grande. Não fez a promessa nominalmente, mas por estas palavras cem sobr'escripto, e todavia sinceras : « Prometto dar cem contos de reis á Escola de S. Bernardo, se tirar a sorte grande. » Já na rua, considerou bem que não perdia nada, se não tirasse a sorte, e ganharia quatrocentos contos, se a tirasse. Picou o passo, e ainda uma vez penetrou no cartorio, onde buscou enterrar-se no trabalho.

Não se contam as agonias daquelle dia 24 de Desembro de 1898. Imagine-as quem já esperou quinhentos contos de reis. Nem por isso deixou de receber e contar as quantias que lhe eram devidas por actos judiciaes. Parece que entre onze horas e meio dia, depois de uma autoação e antes de uma conclusão, repetiu a promessa de cem contos á Escola : " Prometto dar, etc. " Bateu meio dia, e o coração do Coimbra não bateu menos, com a differença que as doze pancadas do relogios de S. Francisco de Paula foram o que ellas são desde que se inventaram relogio, uma acção certa, pausada e acabada, e as do coração daquelle homem foram precipitadas, convulsas, deseguaes, sem acabar nunca. Quando elle ouviu a ultima de S. Francisco, não se pôde ter que não pensasse mais vivo na roda ou o que quer que era que faria sair os numeros e os premios da loteria. Era agora... Teve ideia de ir dalli saber noticias, mas recuou. Mal se concebe tanta impaciencia em jogador tão velho. Parece que estava adivinhando o que lhe ia acontecer.

Desconfias o que lhe aconteceu? " A's quatro horas e meia, acabado o trabalho, saiu com a alma nas pernas, e correu á primeira casa de loteria. Lá estavam, escriptos a giz em taboa preta, o numero do bilhete delle e os quinhentos contos. A alma, se elle a tinha nas pernas, era de chumbo, porque ellas não andaram mais, nem a luz lhe tornou aos olhos, senão alguns minutos depois. Restituido a si, consultou a carteira, era o numero exacto. Ainda assim, podia ter-se enganado, ao copial-o. Voou n'um tilbury a casa, não se enganára, era o numero delle.

Tudo se cumpriu com lealdade. Cinco dias depois, a mesa da irmandade recebia os cem contos de reis para a Escola de S. Bernardo e expedia um officio de agradecimento ao fundador das duas instituições, entregue a este por todos os membros da mesa em commissão.

No fim de Abril, casara o escrevente Amaral, servindo-lhe Coimbra de testemunha, e morrendo na volta, como ficou dito atraz. O enterro que a irmandade lhe fez e o tumulo que lhe mandou levantar no cemiterio de S. Francisco Xavier corresponderam aos beneficios que lhe devia. A escola tem hoje mais de cem alumnos, e os cem contos dados pelo escrivão receberam a denominação de patrimonio Coimbra.

MACHADO DE ASSIS.

HERESIA SOCIOLOGICA

E' uma trivialidade que o mundo vive de phrases feitas, de chapas, como se diz em estylo photographico-literario.

E a nossa inveterada, e já agora, parece, invencivel, preguiça intellectual ou antes indolencia para reagir contra a presumida verdade aceita por todos, nos leva a aceitar, como dogmas, apezar da nos vangloriarmos dos progressos do espirito critico e do livre exame, certas noções esteorotypadas em phrases que acabam por ter todas as feições de annexins, esses epitomes da sabedoria das nações, e todas as apparencias de uma verdade inconcussa. E, no emtanto, quantas dessas phrases, em que uma sabedoria superficial e precipitada cristalizou ensinamentos, noções, criterios, dictames que á força de serem repetidos acabaram por ser tidos por incontestaveis resistiriam a uma analyse profunda, a um exame minucioso e acurado dos seus titulos á veracidade? Uma dessas é justamente a que, por influencia dos posivistas, escrevemos na nossa bandeira : Ordem e Progresso « e que não é sinão a synthese da asseveração de Augusto Comte : A ordem é factor do progresso; o progresso é o desenvolvimento da ordem ». Note o leitor psychologo que o que contribue para dar a esta phrase, e a todas as suas semelhantes, a autoridade que tem, é menos a verdade nellas contida, que o seu tom peremptorio, affirmativo, dogmatico, que tão effectivamente impressiona a maioria dos espiritos, que não é de scepticos, nem de criticos, e mais que tudo, talvez, o seu rythmo, propriissimo para agradar e embalar a nossa intelligencia, que foge naturalmente ao esforço de analysar.

Todas estas phrases feitas, todas estas grandes chapas de moral ou de philosophia domestica, politica, social, historica, são rythmicas, são musicaes e melodiosas como um bello verso. Muitas dellas, talvez a maior parte, ao contrario da crença commum que as julga anonymas, são invenções de poetas, que as impuseram menos pela exacção do seu pensamento que pela belleza rythmada da sua forma. Como, sob esta forma eram faceis de decorar e de repetir, a humanidade, que não examina nem discute, as adoptou e as foi repetindo, transformando uma opinião em uma verdade indiscutivel, porque a verdade não é sinão uma opinião repetida. Nesta repetição de seculos a phrase, talvez primitivamente menos bem feita, e até rude, foi, como o calháo que as torrentes arrastam, arredondam e pullem, ganhando em precisão, em concisão, em harmonia, virtudes sobre-excellentes para se fazerem coisas aceitas.

Aqui no Brasil, quando os nossos timoratos monarchistas-sebastianistas, e os nossos não menos timidos republicanos-democratas, entendiam censurar, e nunca o fizeram sinão a medo, a victoria de um grupo de sectarios sobre o sentimento nacional, victoria expressa no lemma por elles imposto á nossa bandeira, não lhes acudia outro argumento que dizerem que « Ordem e Progresso » é uma banalidade, que todos os pensadores politicos já a repetiram, que é a mesma base e razão de ser de toda a sociedade e do Estado e, portanto, não podia servir de divisa a uma nação, singularmente. Esqueciam elles que essa nação é apenas a *anima vilis* em que, unico entre todos os paizes do mundo, o positivismo orthodoxo poude tentar as experiencias sociologicas recommendadas pelo seu fundador, o qual preconisou esse motto para lemma de toda a sociedade humana, quando che-

gasse o tempo, que elles com a mais estupenda e ingenua candidez acreditam chegará, da catholicidade positivista.

Mas não é verdade, ou pelo menos não é tão verdade, como o suppõe a trivialidade de tal lemma, que a ordem seja condição de progresso, nem que o progresso seja o desenvolvimento da ordem. A historia está ahi para o provar, aos que tem olhos para ver e ouvidos para ouvir. Dispensa-se até intelligencia para comprehender.

Abro-a ao acaso e depara-se-me esta viva pagina de Michelet, talvez o historiador moderno que mais fundo e claro viu na confusão do desenvolvimento historico da humanidade e certamente o que teve mais nitida e segura a visão do passado, ás vezes mais difficil, como conceitúa um seu emulo portuguez, do que a do futuro. Vem elle recontando, naquelle seu estylo de grande poeta, isto é de grande vidente, como o decimo sexto seculo, si não virmos sinão a serie de guerras e de acontecimentos politicos, é um seculo de sangue e de ruinas. « Abre-se pela devastação da Italia pelas tropas mercenarias de Francisco I e de Carlos V, com as medonhas assolações de Solimão, que annualmente despovoa a Hungria. Vêm depois as lutas terriveis das crenças religiosas, em que a guerra não é só de povo a povo, mas de cidade a cidade, de homem a homem, em que vai até o lar domestico, e até entre o pai e o filho. O que deixasse a historia nesta crise, acreditaria que a Europa vai cair numa profunda barbaria. Longe disso, a flor delicada das artes e da civilização cresce e fortifica-se no meio dos violentos choques que parecem prestes a destruil-a. Miguel Angelo pinta a Capella Sixtina no mesmo anno da batalha de Ravenna. O jovem Tartaglia sai mutilado do saque de Brescia para ser o restaurador das mathematicas. A grande epoca do direito entre os modernos, o tempo de l'Hôpital e de Cujas, é o do são Bartholomeu. » (« ŒEuvres », II, 42, Bruxelles, 1840.)

E toda a Idade Media não será a illustração mais convincente de que o progresso não é, pelo menos tanto quanto se diz, incompativel com a desordem? Esses dez seculos são, em toda a historia, desde ao menos a da Grecia e de Roma, que são para nós a historia classica, os de maior e mais completa e universal desordem. A invasão dos Barbaros, destruindo o Imperio Romano e o resto de disciplina, de administração, de autoridade, de ordem politica e social, em summa, que ainda nelle havia resolveu, baralhou, confundiu tudo, raças, povos, religiões, leis, sentimentos, costumes, linguas. Misturou e perturbou tudo o que no homem e na sociedade de então havia de mais intimo e essencial como o que nelles havia de mais extenso e superficial. Podia-se dizer que os virou e revirou de dentro para fóra.

Os historiadores e philosophos que não viram sinão esta enorme desordem, ou que se deixaram assombrar por ella a ponto de não divisarem o ingente trabalho de reorganisação que sob ella se fazia, chamaram a esta epoca, uma das mais fecundas da historia, de éra de trévas, e malsinaram-na de improficuidade. Uma erudição mais allumiada (e não se deve escurecer a parte, consideravel, do fundador do positivismo nesta mais justa concepção da Idade Média) mostrou que esse periodo não foi inutil, ou sequer mesquinho, para o progresso humano. Si, sob certos aspectos, como diz Littré, foi uma epoca de infancia, por outros era viril e superior á idade antecedente. Ella deu, como enumera o mesmo escriptor, na ordem social e politica o catholicismo superior ao paganismo, a distincção do

poder espiritual do temporal, a servidão melhor do que a escravidão e os costumes cavalheirescos; na ordem scientifica, a grande creação da alchimia, com todas as suas consequencias; a numeração decimal; na ordem escolastica a longa e memoravel controversia do realismo e do nominalismo; na ordem literaria e artistica, uma poesia nova, uma nova architectura, uma nova musica; na ordem industrial as invenções, importantissimas, da bussola, do papel de trapos, da agua ardente, de acidos poderosos, a polvora, a imprensa, e na ordem politica, a emancipação dos servos, os rudimentos do governo representativo, os estados-geraes e a separação crescente do elemento leigo e do eclesiastico e mais os schismas, as heresias, a reforma, factores da libertação do pensamento humano (*Etudes sur les barbares et le moyen âge*, XXVII, Paris, 1874). E, mais ainda, preparou e começou a formação das nações e sociedades modernas, das suas novas linguas e instituições, e na ordem espiritual produziu Thomaz de Aquino, Abelard, Rogerio Bacon, Dante, Machiavelo. Que maior progresso saiu jamais de uma epoca de tranquillidade e de ordem? E a Renascença que é sinão o producto directo da epoca mais agitada da agitadissima historia italiana, os seculos XIV e XV, quando a Italia dividida e subdividida em uma grande quantidade de Estados, dos quaes alguns se resumiam numa cidade, republicas, ducados, reinos, senhorias, etc., era o campo de batalha das mais terriveis guerras extrangeiras, o terreiro das assolações de francezes, allemães, normandos, sarracenos, hespanhoes, a arena movediça e ensanguentada dos mais cruéis conflictos intestinos, guelfos e gibelinos, florentinos e venezianos, romanos e milanezes, Pazzis contra Medicis, a nobreza contra os papas ou estes contra ella, uma briga secular, ferrenha, tragica, que a historia, a poesia, o romance, o theatro vulgarizaram? Pois não foi deste cáos, desta « selva selvaggia » que horripilava e compungia o Dante, que saiu essa epoca, unica da historia, e tão admiravelmente definida só pelo seu nome — a Renascença? E o nosso seculo XIX não procedeu, immediatamente tambem, quasi sem solução de continuidade, com a sua arte nova, com os maravilhosos progressos da sua sciencia e da sua industria, com todo um mundo e partes de outros chamados á vida e á grande civilização do occidente, do agitadissimo fim do seculo XVIII, com a Revolução, as guerras continentaes, as insurreições nacionaes que por toda a Europa se alastraram, as guerras da independencia, a formação de novas nações, gestações sempre barulhentas e difficeis, as questões sociaes e politicas, o aparecimento do quarto estado com suas reivindicações revolucionarias, e dominando tudo, talvez explicando esta feracissima desordem, a anarchia mental, a indisciplina espiritual, o livre pensamento que, desde a Reforma do seculo XVI, inspira, estimula, apoia a evolução espiritual da humanidade, e, por esta, a sua mesma evolução geral?

E toda a historia, consultada sem preconceitos de igreginha ou conventiculo responderia da mesma maneira, que a desordem não é tal obstaculo ao progresso, que este se faz a despeito della e que, ao contrario, frequentemente o estimula porque por via de regra a desordem corresponde nas sociedades a certas crises pathologicas uteis nos individuos, crises eliminatorias de elementos morbidos que lhe empeciam a saude, revigorados pelo tratamento ou pela propria reacção do organismo á procura do seu equilibrio, e convencidos da necessidade de curar della.

JOSÉ VERISSIMO.

POTYGUAR

— Sim, meu excellentissimo amigo, ciciou o doutor Polycarpo, entesando o busto; o estro de Felinto e o de Garção fizeram-me inveja, ao mesmo tempo que me mostravam a entrada do Parnaso.

Não me pude ter que não lançasse mão profana ás cordas da lyra e dedilhasse um thema á minha Philomena, de nome mais doce do que um favo do Hymetho e alma mais constante do que a rocha a que amarraram Prometheu!

E vai d'ahi sahiu-me um soneto, depois outro... e, após uma cantata, veio um epigramma ao presidente da provincia por me negar uma licença com vencimentos.

Não nasci, porém, para as asperezas da satyra como Marcial e Petronio. O meu temperamento é de liberal cavalleiro namorado, como o Leonardo de Camões. Nasci para cantar as flores, o amor, os passarinhos... E, para exemplificar, o doutor folheava o manuscripto :

— Olhe, cá está um sonetinho que fiz em Agosto de 1869, dirigido a uns periquitos que passavam em bando para os lados da minha terra :

Aves, aves gentis que em bando alegre
Voais ao sabor de Zephyro fagueiro...

Aquella noite Honorio não podéra escapar á tremenda estopada com que ha muito o ameaçava o seu companheiro na casa de commodos da baroneza de Meia-Ponte. Desde que viera alli morar, Honorio vira-se cercado por um sujeito de grande cabelleira luzidia escorrendo oleo de Orisa, de sobrecasaca comprida e sebosa e calças côr de lirio.

Chamavam-lhe o doutor Polycarpo, e o deputado recordava-se de tel-o visto em Pernambuco, cursando a faculdade e dando licções particulares de latim.

Viera á Côrte solicitar uma vara de juiz de direito, e agarrara-se ao Honorio desesperado de tres mezes de rua do Ouvidor e de esforços infructiferos; e queria tomal-o todo para si, pegajoso e abafadiço, como se todo elle lhe pertencesse em plena propriedade.

Logo pela manhã entrava-lhe no quarto para saudar familiarmente em latim: *quomodo vales, amice?* ou *si vales, bene est.*

Em portuguez era mais respeitoso e dava-lhe sempre excellencia, aflautando a voz, todo melloso. Acompanhava-o ao almoço, aconselhando-lhe os melhores bocados com muitas citações de Horacio e de Virgilio; seguia-o até o recinto da camara para o ouvir e applaudir quando discursava; subia a rua do Ouvidor ao seu lado ás quatro da tarde, em compostura grave, com a sobrecasaca comprida, cahindo em pregas durassobre as magras tibias. Se o Honorio jantava em casa lá estava o doutor para lhe fazer companhia, provocando a sua opinião sobre os successos do dia para a commentar religiosamente. Se o deputado ia ao theatro, elle o acompanhava até a porta, e, se o outro não o convidava a entrar deixava-o finalmente, recommendando-lhe que não se constipasse.

Outras vezes perdia de todo a cerimonia, e avançando, risonho e grave, filava-lhe uma entrada para as geraes. O processo era sempre o mesmo e Honorio já o conhecia :

— V. Ex. está pecunioso hoje?

Haud a pecunia perbene valeo!

Honorio sorria e pagava.

Sempre cortez, mellifluo, sibilante e sentencioso, o doutor Polycarpo cercava-o espiando-lhe as vontades, o despertar de um desejo, os longinquos prodromos de uma idéa. Para o interessar fizera a confidencia de sua vida inteira, das tristezas e desillusões de pretendente infeliz, das agruras dos quatriennnios successivos de juiz municipal no sertão. Depois sabendo as inclinações litterarias do Honorio, para se fazer valer, contára como lhe nascera o estro na provincia onde ensinava latim e grammatica, antes de ir para o Recife estudar direito. Lá se afundara na meditação dos classicos. Castilhos era o seu mestre, a Mythologia a fonte inexgotavel das suas inspirações, as *Cartas de Echo e Narciso* o seu livro de cabeceira. Mas, que lucta titanica sustentára depois no Recife, contra os litteratos da nova geração com Sylvio Romero, Celso de Magalhães e Souza Pinto á frente!

Para nacionalisar o classismo, Polycarpo cultivava nas horas vagas o indianismo á moda de Gonçalves Dias, e adoptára em taes producções o pseudonymo de *Potyguár*. D'ahi a guerra que lhe fizera o Sylvio com umas idéas novas de realismo e sciencia na arte que elle Polycarpo desmoralisára mostrando que eram antipoeticas. Fôra uma guerra atróz! Quando Polycarpo empunhara a tuba sonorosa da poesia épica para cantar os feitos dos nossos bravos nos Campos do Paraguay, os adversarios incapazes do sopro divino, sahiram-lhe ao encontro com gracolas soezes.

E o doutor fazia um gesto largo de desolação, e continuava :

— *Infandum jubeo renovare dolorem!* Ah! meu excellentissimo amigo, nem me respeitaram o tabernaculo da vida privada. O Generino e o Souza Pinto me accusaram pelo *Diabo a quatro,* de buscar inspirações no vinho Figueira e nas mulatinhas esbeltas e gracis como as palmeiras da minha terra! Eu que no intimo do peito guardava a imagem pura da idéal Philomena; eu, que de poesia e amores castos encheria a minha vida cantando como Petrarcha e amando como Dante amou a sua Beatriz! Odios litterarios são capazes de tudo.

Mas tambem não silenciára diante da inaudita aggressão.

Potyguár brandira o tacape da critica e o Generino, o Sylvio e o Souza Pinto, ficaram litteralmente em papas.

Cansára-se, porém, d'aquellas luctas para que não fôra feito. Regressára para a provincia, levando intacto, bem guardado, no sacrario do cerebro, o seu ideal poetico. De quando em quando, pela oitava pagina do *Diario de Pernambuco,* vinha-lhe um écho longinquo das luctas pela idéa nova, como lhe chamavam, mas as suas crenças, as suas idéas e os seus sentimentos permaneceram intactos. Julgasse-o o nobre deputado por toda a sua obra que alli tinha colligido para um dia dal-a em volume...

Por vezes Honorio evitara a verificação, mas nessa noite fatal o doutor Polycarpo dissera-se doente ao levantar-se da mesa de jantar, e recolhera-se ao leito.

Honorio fôra vel-o ao seu quarto, e alli, a sós, abusando da delicadeza do outro, Polycarpo puxou a conversa para o terreno desejado.

No momento propicio ao attentado, saltou da cama, tirou da canastra um grande masso de papeis; e perfidamente, sentado na cama com a cabeça envolvida num lenço de ramagens, o manuscripto sobre os joelhos, *Potyguár* foi lendo as suas producções poeticas, uma a uma, vagarosamente, degustando os versos retumbantes, os tropos calidos, repicando as rimas sonoras.

Fazia um calor abafado, havia no ar cheiros vagos do iodoformio, de aguardente e de sarro de cachimbo.

Honorio não sabia como despedir-se. Os dedos do poeta folheavam sem cessar odes, sonetos, cantatas, estrophes soltas, pequenos poemas patrioticos, madrigaes e redondilhas. A sua voz sibilante e lenta, toda doçuras, accentuava a significação dos titulos e das epigraphes : *A ti, a ella, a uma jovem sertaneja, a minha dama*, ou quando o poeta trepava ao heroico : — *Andrade Neves, Humaytá, o Passo da Patria*, a *Barranca*, cortados a trechos por latinorios: *Sub umbra, Sub tegmine fagi, Amor et mors, Pro Patria, Pro vita civium*, e outras cousas assim.

As' vezes interrompia a leitura para explicar á maneira de Lamartine, o mysterio romanesco de alguma estrophe : « Estes versos foram feitos estando eu sentado debaixo de um coqueiro... Este poemeto, fil-o eu no Recife, quando chegou a noticia da batalha de Tuyuty. A minha Philomena sabe bem em que occasião lhe recitei este soneto. »

Honorio não poude mais. Polycarpo começava a resumir as suas theorias de arte, numas estancias á Poesia :

Rosea moça, crinaurea formosa
que sorris...

Honorio bateu na testa, lembrando-se de que tinha de redigir aquella noite um parecer sobre negocio importante.

Apertou as mãos ao amigo desejando-lhe bôa noite. Entrou no seu quarto, separado por um tabique delgado do aposento do poeta. Sentou-se á mesa e mexeu nuns papeis, pensando em trabalhar.

Mas o demonio da Poesia apossara-se aquella noite do doutor Polycarpo; e como se a falta de ouvinte não lhe podesse cortar a torrente poetica que o invadia, e em que mergulhava deliciosamente, Polyguár contentava-se a si mesmo, e cada vez mais vibrante e sonora do outro lado do tabique, a declamação continuava :

Rosea moça, crinaurea formosa,
que sorris meiga e bella ao cantor,
que delicias lhe vestes nos labios :
que lh'inundas o peito em dulçôr...

Honorio desesperado tomou o chapéo e a bengala, e saindo pé ante pé foi espairecer para o Sant'Anna.

H. Inglez de Souza.

(*Do Bacharel.*)

A SESSÃO DO INSTITUTO

(Trecho de carta)

E a proposito de teu proximo casamento dá que te conte uma historia da qual poderás tirar fecunda lição.

O caso é verdadeiro tanto quanto o possa affirmar, pois se passou commigo. Como sabes, com tua prima, essa nobre e sadia creatura que foi minha mulher, vivi na mais confiante harmonia; não alguns annos somente, quasi um quarto de seculo.

Attribuo esse entendimento entre nós dois, essa justa comprehensão da vida conjugal, a um pequeno episodio, quasi uma anecdota, que occorreu nos primeiros tempos de nossa união e que me ensinou a comprehender o coração da mulher e a inutilidade de o procurar enganar, mais que a leitura de tantos psychologos que abundavam já por aquellas eras.

O que faz a felicidade de dois entes que casam, não é tanto a perfeita conformidade na vida material de que a intima confraternisação do espirito. Sem o recipro co entendimento do caracter e da vontade não pode ser difinitiva a conjuncção de duas creaturas. Certo a continuidade da vida commum, e sobre tudo a crença convencional de que é difinitiva tal situação, gerando habitos que se inveteram, creando essa atmosphera da vida normal do individuo, têm uma grande força de resistencia que ás vezes dura por uma vida inteira. Mas, quantas vezes a apparencia regular e calma não nasce da calada resignação com que duas creaturas infelizes esperam uma futura libertação sem a energia de se rebellar contra o destino, ou convencidas da inutilidade dessa rebellião?

Pode existir entre marido e mulher a inteira e completa confusão de existencia; sem a comprehensão ideal dos espiritos, sem que a vida intellectual se concia funda tambem, se integre uma com a outra, não ha essa ligação indestructivel que, satisfazendo as exigencias do temperamento de cada um, constitúe a só felicidade que pode tornar supportavel a vida conjuncta.

Sem essa felicidade assim construida, o mais pequeno successo pode determinar a desagregação daquella intima coexistencia. Quantos factos de divergencias retardatarias, de divorcios crepusculares não têm sorprehendido a sociedade rompendo subitamente a existencia de casaes que toda a gente, mesmo a mais intima, via levar sem attrictos a monotonia conformada do casamento?

E' que essa existencia vivia apenas da força do habito, da convenção da fatalidade do matrimonio. Uma qualquer circumstancia que venha demonstrar praticamente a mentira dessa convenção pode operar o desmoronamento de toda a architectura.

Só a felicidade, gerada pela comprehensão dos espiritos, tornando necessaria e desejavel a continuidade desse estado, cria a indissolubilidade desses laços.

Para mim, pela sciencia que adquiri da sociedade e do coração humano, esta se me afigura a verdade, e a transmitto ao meu jovem amigo no momento em que me communica o seu proximo enlace, sem tomar nada pelo sermão.

Vejo agora que o meu caso ficou á margem tendo-me embrenhado por umas considerações psychologicas de que me penitencio. Se não comprehenderes o que acima ficou dito ou se o achares pueril, a velhice é uma segunda infancia, perdôa ao teu velho amigo e rasga esta carta, mas rasga-a depois de a teres lido até o fim. Ganharás com isso. Torno ao meu caso.

Foi nos primeiros tempos do meu casamento. Mal havia escoado o primeiro anno de uma existencia suave, iniciação do longo periodo dessa intensa vida a dois que foi a nossa vida commum.

Eu ainda não havia sido inteiramente conquistado pela collaboração de minha mulher no trabalho de meu espirito, na realisação do meu programma de vida. Aconteceu que por esse tempo, uma pequena aventura amorosa, um simples capricho, se intercallou, já me não lembra como, na regularidade de meus dias.

A intriga sê enredou e eu não tive o espirito de resistir a uma tentação facil: aceitei uma entrevista que ficou marcada para certa noite em que havia, ou devia haver, sessão num instituto de que eu era socio.

Minha mulher não se mostrava curiosa dos meus passeios, que aliás não eram frequentes nem longos, e nada houve que embaraçasse minha sahida nessa noite fatal.

Eu deveria ter, porém, tanto explicado a necessidade de ir ao instituto, tanto deveria ter procurado mostrar a naturalidade de minha sahida, que no animo arguto de tua prima se desenhou a suspeita de meu delicto. Nada me objectou, porém; deixou-me partir e nossa despedida, a não ser o requinte de ternura com que minha excitação procurava encobrir a minha infidelidade, foi semelhante ás nossas despedidas de sempre.

Parti. Quando tornei á casa, onze horas passadas, encontrei minha mulher que ainda lia. Deitada, na ampla, levissima camisola aberta de onde emergiam o cóllo e o busto, num confiante abandono, a luz de uma lampada sobre a pequena meza de cabeceira delineava-lhe em claro-escuro as formas gracis do corpo jovem.

As minhas explicações ao entrar deveriam ter sido mais compromettedoras que as anteriores. Minha mulher ouviu-me a não habitual loquacidade; olhou-me longamente, envolvendo-me no seu claro olhar bondoso e fundo. Eu estava muito longe de me aperceber da miraculosa intuição daquelle olhar. E minha mulher decifrava nas demazias de minha linguagem a verdade do meu desvio como si eu lhe falasse no proprio idioma nosso.

Precisava, porém, dar-me a lição e chamar-me á consciencia de minha miseria.

E então, Maria, do modo mais natural do mundo, disse:

— Mas... tu foste sem gravata?...

E eu, num rapido relancear de uma perspicacia extraordinaria, prevendo que havia esquecido a gravata no escuso quarto onde estivera, volvi affectando nenhuma surpresa:

— E' verdade... Fui sem gravata... Quando cheguei ao Instituto varios de meus collegas observaram; alguns troçaram, perguntando onde eu havia jantado... Um continuo offereceu-se para ir comprar uma gravata num armarinho proximo... Achei que não valia a pena... Levantei a golla do palitot e assim passei a noite... Mais, não sei mesmo como tal aconteceu. Um caso extraordinario... sahir sem gravata... nem sei como não reparaste, ao jantar... "

Ditas que foram por mim estas palavras, minha mulher tomou de seu livro e recomeçou a leitura.

Eu fui despir-me e avalia tu, meu caro, do meu desapontamento quando, ao tirar o collarinho, vi que estava de gravata, que trazia ao pescoço uma grande gravata de *plastron*, de cores vivas, gritadoras, braulhentas, que não poderia passar desapercebida de olhos mesmo que pouco vissem...

Comprehendi, no maximo enleio que, de um modo extraordinariamente fino, minha mulher me havia feito sentir que ella estava senhora do meu segredo, que ella me havia colhido na flagrancia de minha mentira.

O peso da humilhação me fixou no soalho. Maria comprehendeu a afflicção do meu momento e, com generosidade, pousando o livro, apagou a luz e accomodou-se no leito fechando os olhos para dormir... Não sei como pude terminar o meu vestuario. Perturbado, humilhado, diminuido, vaguei pelo quarto, fazendo mil pequenas cousas, deixando passar o tempo, sem coragem de me metter no leito, naquelle leito meu cuja ampla metade minha mulher, enrodilhada a um canto, me deixava vasia, convidativa, apetecivel. Passaram-me pela mente mil projectos; quiz ir dormir para outro quarto; quiz atirar-me aos pés da viva creatura e pedir que me perdoasse, quiz... nem mais sei quanta cousa quiz. O que nesse momento me teria entretanto sido mais desejavel seria que o soalho afundasse, numa subita transformação de theatro, e eu desaparecesse daquelle lugar, das vistas daquella creatura de que me não julgava digno.

Afinal, decorrido não sei que tempo, metti-me na cama. Acocorei-me, livido, longe, o mais que pude do corpo da minha mulher, temendo de lhe sentir o contacto.

Apaguei minha luz. E o peso da treva cahiu sobre a minha miseria.

Ao outro dia minha mulher se ergueu do leito como se nada tivesse acontecido, com uma superioridade stoica, que fez o meu assombro; a manhã e o dia correram como todas as nossas manhãs e todos os nossos dias...

Sahi para o trabalho, tranquillisado, posto no meu lugar, sem que o mais ligeiro olhar de minha mulher, a mais leve expressão na conversa denunciasse a insinuação mais subtil, a referencia mais longinqua aos factos da vespera. Voltei á tarde e ao vel-a ainda senti-me contrafeito um pouco. Minha mulher, porém, me recebeu como todos os dias costumava receber-me e o nosso jantar correu como os nossos jantares de todos os dias...

Somente, quando o café foi servido, um tinto café fumegante em finas canequinhas da India, sem que nada lhe denunciasse, na voz ou no rosto, uma intenção de ironia, minha mulher perguntou-me, pondo-me no olhar envergonhado e submettido os seus meigos olhos dominadores;

— Tu hoje não tens sessão no Instituto?...

Ao que eu retorqui, vivamente, com uma caricia:

— Mas, não!... O meu Instituto és tu...

E dizia uma verdade, porque com ella aprendera o segredo da vida e da ventura...

RODRIGO OCTAVIO.
da Academia Brasileira.

Rio.

D. MARIA NORBERTA ROMÉRO

Como artista, d. Norberta Roméro é incontestavelmente uma das manifestações melhor accentuadas e mais genuinamente caracteristicas da nossa raça, a renovar-se na expansão que vai tendo sob este esplendoroso céo americano — manifestação espontanea e exuberante como a de todos os legitimos genios que passam por aqui sem a consagração dos grandes publicos e sem o classico baptismo que só recebe la naquella Milão refulgente, — arbitro das ruidosas glorias universaes.

Tivesse outros mestres e outros estimulos, e esta nossa compatriota já se teria feito um nome de que a patria de Carlos Gomes bem se poderia desvanecer.



Norberta Roméro.

Mas, mesmo assim, sem sahir da terra carioca, estudando quasi como quem quer adivinhar por instincto os grandes e profundos segredos da musica e tudo vencendo, mais á custa de esforço proprio dir-se-hia, do que devido ás lições que os mestres lhe dão — mesmo assim, pode-se considerar esta digna e inspirada cultora da grande arte de Bellin como das mais excelsas e mais raras affirmações de talento artistico de que nos desvanecemos.

Ella tem estudado até agora sob a direcção do professor Annibal de Castro, um artista conscienCioso e digno que ahi vive na penumbra, porque é modesto e sabe ter o nobre orgulho do merito legitimo. Felizmente para si, Annibal de Castro bem se póde consolar das amarguras que são sempre o premio dos artistas : já conquistou a gloria de ter feito uma discipula do valor de d. Norberta Roméro. Cremos que nenhuma outra lhe seria mais grata.

O popular instrumento que sabe gemer como a alma sensivel e terna do povo — o violão — é o instrumento predilecto da extraordinaria artista e nelle, asseguramol-o convencidissimos, tem ella feito o que muito poucos terão conseguido mesmo no Brasil do Norte, onde mais se ama o violão. Alem de vencer, de primeira vista, as peças mais difficeis, a que ella dá sempre uma expressão perfeita, requintada de uma nota pessoal tão fina e por assim dizer tão palpitante — conhece tanto a sua arte e é já tão senhora do instrumento, que não se concebe como quem se ergueu tão cedo a taes prodigios não sinta vontade de se impôr mais afoitamente á admiração do nosso publico.

O repertorio de d. Norberta é vastissimo e escolhido. Os seus auctores são desta ordem: Chopin, Ravina, Paganini, Pergolesi, Gounod, E. Shand, Domingos Ferreira, Verdi, Bellini e tantos outros dessa luminosa culminancia da arte, onde só vivem os predestinados da gloria.

As obras primas desses todos ella transporta para o instrumento, que, sob os

seus dedos, assume uma como plangencia de coração e suggere ás almas o extase, a maravilha das preces silenciosas e das grandes edificações.

Isso comprehende-se que já é muito por certo e bastaria para dar-lhe a proporção de uma revelação excepcional. Mas d. Norberta se distingue ainda pelas suas faculdades originalissimas de compositora, tendo já trabalhos de que os proprios mestres não desdenhariam. Ella compõe e executa, portanto, côm a consciencia de quem já encontrou a ampla senda em que ha de desdobrar o seu talento admiravel.

Em muitos dos nossos salões, tem conquistado verdadeiros triumphos, tornando-se digna dos applausos mais enthusiasticos. Esses applausos têm chegado mesmo, por vezes, a ser ovações ruidosas que para muitos valeriam por definitiva consagração.

E' com a mais sincera alegria, portanto, e o mais justo desvanecimento que com o retrato de d. Norberta Roméro evornamos hoje esta pagina de honra, fazendo deste modo á brilhante artista, que é uma das mais gratas surprezas da nossa cultura nestes ultimos tempos, a homenagem mais legitima de que se poderia orgulhar o nosso coração. E não terminaremos estas linhas sem fazer extensiva esta homenagem a esse grande velho que é já uma legenda viva do nosso genio nacional — o dr. Mello Moraes Filho — cuja alma limpida e serena se ha de sentir confortada de se haver dilatado tão brilhantemente na alma dessa gloriosa creatura que é mais do que sobrinha do eminente poeta, porque é filha do seu coração e do seu espirito.

ROCHA POMBO.

Ave, Marieta

Hontem no templo viste-me ajoelhado,
E sorriste do teu racionalista...
Não era o crente, não, era o artista,
Não deante do altar, mas a teu lado.

Não me importava nada, á tua vista,
O pallido Jesus crucificado,
E nem a Virgem Mãe, nem o coitado
Do S. Sebastião a quem Deus vista.

Eu so via, meu anjo e idolatrava
O artistico encanto que te dava
Sobre a espadua morena a trança preta.

E quando se rezáva Ave, Maria,
Eu sosinho commigo repetia :
Ave, cheia de graça, ó Marieta!

LUCIO DE MENDONÇA.

NOITE DE INSOMNIA

Este leito que é o meu, que é o teu, que é o nosso leito,
Onde este grande amor floriu, sincero e justo,
E unimos ambos nós o peito contra o peito,
Ambos cheios de anhelo e ambos cheios de susto...

Este leito que ahi está revolto assim, desfeito,
E onde, humilde, beijeí teus pés, as mãos, o busto,
Na ausencia de teu corpo a que elle estava affeito,
Mudou-se para mim n'um leito de Procusto.

Louco e só, desvairado! a noite vae sem termo
E, estendendo lá fora as sombras auguraes,
Envolve a natureza e penetra o meu ermo!

E mal julgas talvez, quando acaso te vaes,
Quanto me punge e corta o coração enfermo,
Este horrivel temôr de que não voltes mais!...

EMILIO DE MENEZES.

ILLUSÕES

Velas fugindo pelo mar em fora...
Velas... pontos-depois... depois, vasia
A curva azul do mar, onde, sonora,
Canta do vento a triste psalmodia...

Partem, pandas e brancas... Vem a aurora
E vem a noite após, muda e sombria;
E se em porto distante a frota ancóra,
E', p'ra partir de novo em outro dia...

Assim as Illusões. Chegam, garbosas,
Palpitam sonhos, desabrocham rosas
Na esteira azul das peregrinas frotas...

Chegam... Ancoram na alma um só momento,
Logo, as velas abrindo, amplas ao vento,
Fogem p'ra longes solidões remotas...

MEDEIROS E ALBUQUERQUE.

A' PORFIA

Entre dous homens que o Fado
Junctou, nenhum d'elles diz,
Mas cada um ha porfiado
Com o outro em ser mais feliz.

Depois... Nenhum d'elles diz,
Mas cada um, desanimado,
Ja se julga bem feliz
Em ser menos desgraçado.

RAYMUNDO CORRÊA

Milagre

Com cinco pães o Christo
Deu de comer a cinco mil pessoas;
Eu não me assombro d'isto,
Pois tu que o meu espirito magôas
Tens um só coração
E amas, comtudo, uma população.

ARTHUR AZEVEDO.

O SENTIMENTO TRAGICO NO SECULO XIX

(Fragmento)

Hall Caine affirma que o romance do futuro será religioso no mais elevado sentido da palavra.

Terá razão o naturalista inglez, si o termo religioso fôr tomado como synonimo de sentimento agudo da vida. Mas para que a litteratura possa percorrer este novo estadio, será preciso escorraçar o pessimismo de que a escola de Zola a inficcionou, durante o ultimo quarto do seculo findo.

Não sejam estas minhas palavras tomadas, em sentido absoluto, como depreciação da obra gigantesca de quem escreveu a *A Terra* e *Germinal*, quem escreveu onde não sei o que mais admirar se o dantesco do meio, em que se agitam os personagens, se o aspecto epico de figuras arrancadas de massa popular como Buteau, o velho Fouan e Chaval.

A allusão attinge apenas a parte systematica e manca dessa obra que foi justamente o que caiu na moda e cobriu as imitações da uma verdadeira leprá literaria.

Não era só o sensualismo que perdia essa corrente esthetica: era o mais soberano despreso pela personalidade humana, por essa personalidade que tem constituido o apanagio das grandes epocas literarias. Que maior gloria podia haver, então, para um autor novel do que, á fiusa de sciencia, inverter o papel historico do homem, fazendo-o regressar a besta?

Essa mania não inficcionou somente os latinos : influiu tambem sobre os povos teutonicos, que ainda agora a estão expungindo da sua litteratura.

Em Berlim foi moda pôr o homem de quatro pés, dando assenso ao que existe de mais ascoroso na animalidade.

« Assim, diz H. Schoen, nos escriptos dos novos autores allemães daquelle tempo encontraram-se bellezas desta ordem : uma « vacca sonha um maravilhoso agacho na esterqueira » : « o sol escarra as suas entranhas de estrellas no porão da noite : « o astro é como uma laranja podre que estoirando lança de si um fedor insupportavel » : o « firmamento transforma-se num hirsuto mandrião ».

Já é hoje difficil acreditar que taes audacias podessem encontrar criticos para amparal-as como expressão symptomatica de futuras genialidades.

Não tardou que do esterquilinio, onde as vaccas sonhavam com a santa Aveia, os mais recentes, dentre os esthetas, que se esparrinhavam no atoleiro da vida que não valia a pena ser vivida, ascendessem, de subito, para o Sete Estrello.

Então as capellas e os claustros, inclinando-lhes o gosto para as fórmas poeticas dos rituaes catholicos, irritaram o espirito critico dos transformistas, que encontravam nesse facto uma razão justificativa da theoria dos decadentes.

A moda foi-se : mas o residuo ficou. Todavia, o verdadeiro sentimento da vida, como da vida intensa, da vida integral, dessa vida que Ruskin considerava a unica riqueza do homem, a creadora da religião da belleza : esse sentimento enchendo o seculo e provocando as mais absurdas reacções, ora do espirito de seita, ora do espirito universitario, ora da vagabundagem mental, victima dos primeiros, achou talvez meio de dissolver as tristezas aguçadas por semelhante litteratura, creando a escola da energia.

ARARIPE JUNIOR.
Da Academia da Brasileira.

Academia Brasileira

Duas eleições de academicos realizaram-se no correr do anno de 1905. Foram ambas muito disputadas e sahiram eleitos Souza Bandeira e Mario de Alencar.

SOUZA BANDEIRA vem occupar a cadeira vaga pela morte de Martins Junior que aliás como o seu antecessor Francisco de Castro não chegou a occupal-a definitivamente, pois não foram sequer recebidos na illustre companhia a cuja convivencia foram chamados.

Souza Bandeira foi recebido em sessão solemnissima realizada com todo o fulgor na noite de 10 de Agosto e foi sua eleição excellente e feliz a do novo academico. Na Academia elle veiu representar o que se tem aqui chamado a *Escola do Recife*, um matiz da nossa cultura intellectual e que se distingue por um colorido philosophico e por certas tendencias criticas iniciadas por

Tobias Barreto. Souza Bandeira, porém, trouxe elementos novos, originaes e proprios da sua personalidade de si mesma distincta; ao espirito culto que se lhe reconhece ajunta a elegancia, a polidez e correcção de forma que n'elle já revelam o escriptor feito e acabado, o jornalista facil e suave, sobrio e ameno, que já não accusa mais a emphase nativa da terra em que floresceu outr'ora a *escola condoreira* ou a poesia scientifica e social.

Ao contrario, parece que o culto da literatura germanica e da saxonia n'elle apagou a pompa desordenada tão propria dos latinos e meridionaes de hoje. A sua esthetica senão classica, conserva ao menos o perfume clas-sico, a regularidade das linhas e a plastica serena do escriptor que não necessita mais appellar para o modernismo e para a moda da ultima estação.

Representando, pois, a escola do Recife, elle a representa não como um *fac simile*, mas como uma imagem nova, mais progressiva, mais liberal e mais bella. No escriptor que elle é, sempre se entrevê o homem que pensa, o philosopho que quer comprehender a lei da vida e do universo. E como todos os metaphysicos de todos os tempos elle é seguramente um poeta.



Dr. Suoza Bandeira.

Recebeu-o na Academia um escriptor de vulto como é Graça Aranha, tambem do norte e um pouco do Recife : e entre ambos ha o *substractum* commum da iniciação philosophica e da atmosphera intellectual d'aquella escola.

Os discursos de ambos, não o podiam ser mais, foram excellentes; pela ironia, pelo sentimento de orgulho dos dois intellectuaes, symbolisavam n'aquelle momento o que mais alto, mais fino e delicado possue a nossa terra, quer dizer, esta Academia tão malsinada dos philisteus, dos irreverentes de toda a grandeza que se não traduz em dinheiro ou posições, dos politicos e até dos que com ella especulam, d'ella tirando o unico proveito malsão que pode offerecer.

Não nos cabe dar aqui uma noticia biographica nem uma apreciação critica da individualidade do novo academico. Nasceu no Recife ; lá se educou e se formou com brilhantismo bacharel em direito ; mas como é o caso geral e triste, pouco deve ao curso juridico, que como todos os cursos entre nós apenas fornecem um pretexto e uma atmosphera intellectual aos que estudam e aos que sentem a ingenita vocação das letras e das sciencias. Foi outr'ora secretario de governo de varias Provincias e alto funccionario em varios Ministerios e é hoje advogado e Procurador dos feitos da Fazenda da capital da Republica e é, afinal, no escol dos escriptores um escriptor.

A sua eleição foi disputada por Osorio Duque Estrada, illustre poeta,

que conseguiu tambem muitos votos. Está, porém, escripto, ao que parece, que os candidatos que não triumfam nas eleições da Academia, traduzam a victoria do concurrente como desabono proprio, o que absolutamente nos parece de mau gosto e de duvidoso espirito. E foi o que infelizmente succedeu, um pouco na eleição de Souza Bandeira, e muitissimo na de Mario de Alencar (em Outubro de 1905).

Como quer que seja, a Academia recebeu com grande solemnidade e justa satisfação o novo Academico; e na mesma noite em que o recebeu, dois poetas, Alberto de Oliveira e Salvador de Mendonça, recitaram poesias, dedicadas a Machado de Assis ao entregar-se a este um ramo do carvalho de Tasso, presente de Joaquim Nabuco, tirado a antiga arvore do Janiculo a cuja sombra costumava descansar o grande epico. E podia dizer-se alli como o poeta :

— Zeus ainda existe em mim !
Sussurra a arvore antiga, os braços alevanta
E réza... E' cada folha uma boca que canta,
Flue-lhe um hymno do tronco...

Mario de Alencar será provavelmente recebido na primavera do anno proximo 1906; no anno proximo daremos circumstanciada noticia.

J. R.

O Grande Circulo

E' como a alegria humana,
— Tão mysteriosa e tão triste! —
Tudo o que no mundo existe,
Tudo o que d'alma dimana.

De onde viemos? — perguntamos;
E ainda outra amarga pergunta
A essa, já negra, se ajunta :
Para que mundo marchamos?

E nem ha livro de sabios,
— Ai! que afflictiva desgraça! —
Que a duvida satisfaça,
Que paira nos nossos labios.

Por tudo o mesmo mysterio
Nos cerca, e nos aniquilla :
Da estrella doce e tranquilla
Ao verme do cemiterio.

Porque é que o mar se debruça
Pelas areias da praia,
E sendo forte — desmaia,
E sendo eterno — soluça?

Porque no peito da rocha,
— Aberto ao sol e á lua, —
Nem um sorriso fluctua,
Nem uma flor desabrocha?

Porque, como numa festa,
Da rola o canto dolente,
Mais o silvo da serpente
Ha no seio da floresta?!

Porque num berço repousa
Loura e formosa criança,
Se amanhã é uma esperança
No vacuo immenso da lousa?

E' eterno o Amor? Seus arcanos
Vibram sempre a mesma corda?
Mas... quem hoje se recorda
De quem amou, ha cem annos?

Do Amor o sol tambem passa,
E, por entre estradas tortas,
Leva as esperanças mortas
Na procissão da Desgraça...

Só existe um templo eterno :
O templo da Dôr... e, nesse
A calma do céo não vê-se,
Mas vê-se a furia do inferno.

Estranha fatalidade!
E' nossa alma, pequenina,
Triste sombra de uma mina
Sob o occaso da Saudade!

Todo o mundo — verme ou hymno! —
Como que fórma o teclado
De um piano desgraçado,
Cujo pianista é o Destino!

Que o mesmo turbilhão forte
Que nos envolve na vida,
Nos arrasta na descida
Que finalisa na morte.

LEONCIO CORREIA.

ANHANGÁ

Era Anhangá, entre os selvagens,
O deus da caça, o protector
Dos animaes contras as pilhagens
E as vexações do caçador.

Muitas historias estupendas
Delle se contam, por ahi.
— A mais gentil dessas legendas
Quereis saber? Pois bem, ouvi :

.....

Persegue um indio uma veada
Que amamentava um veadinho
Fogem os dois... Não ha caminho.
Vão pela matta emmaranhada.
Rasgam o corpo em muito espinho
Correndo sempre...
A mãi, coitada,
Correr podia mais depressa,
Mas o filhote é pequenino;
Vacilla, esfalfa-se, tropeça,
E o caçador veloz, ladino,
Já quasi a flecha lhe arremessa.

E correm... correm... Repentino,
O arco se enteza, a flecha vôa...
O veadinho cai ferido,
Emquanto a mãi que se atordoa,
Sem ter o lance percebido,
Segue a fugir, correndo á toa,
E o rastro seu ficou perdido.

Da preza, então, se apoderando,
O indio se põe a comprimil-a,
Gritos atrozes lhe arrancando...
A mãi, bem sabe, ha de attrahil-a,
Por esse embuste miserando,
Lá do escondrijo onde se asyla.

Eil-a que vem... Eil-a... Não tarda
Em acudir do filho ao grito,
Que mãi nenhuma se acobarda,
Si o filho ouviu chamal-a afflicto.
O caçador, occulto, a aguarda,
E, quando perto a vê, perito,
O arco dispara...
A flecha... zás...
O coração d'ella trespassa...
Exulta o indio... Bella caça!

Mas o cadaver que ali jaz
Corpo de bicho não parece.
E' gente!... E' gente... Que desgraça!
E' uma velhinha.,. Quem será?
O indio se achega e reconhece
A sua propria mãi querida
De quem, assim, tirara a vida
Por um castigo de Anhangá!

AFFONSO CELSO.

Um pobre diabo vae ao Necroterio reclamar o corpo de um parente :

— Ha algum signal particular, por onde reconhecer o homem? pergunta o empregado.

— Sim, snr. : elle era surdo-mudo.

A LUA

Comme un phare avancé sur un rivage obscur,
elle éclaire de loin la route des étoiles.

LAMARTINE.

Assim como um pharol que uma praia resplendece
das estrellas a marcha ao longe ella esclarece

TEIXEIRA DE SOUZA.

Bemdita luz dolente!
luz fresca de luar, branca, macia,
luz candorosa que nos delicia,
e não deixa que em luto permanente
sua funebre marcha a Noite siga!
O' Lua feiticeira!
irmã menor da terra e companheira,
de amantes corações discreta amiga!

Conforme as variantes do seu posto
em relação ao Sol que firme a espera,
o seu disco mudanças accentua;
no fundo escuro da celeste esphéra
o arredondado refulgente rosto
não nos mostra constante a argentea Lua!

Não a propria, do Sól de quem é filha
reflecte a claridade com que brilha,
o resplendor que encerra.
E' n'um certo decurso
que ella *enche*, *mingua* e *cresce* em seu percurso
em derredor da terra!

Em taes vicissitudes, na apparencia
tão variada do lunar aspecto,
julgou achar a primitiva sciencia
do tempo um medidor facil, correto.
Ao seu rapido gyro inda recorre
a maritima gente,
para ver a distancia, e ter presente
a posição no mar que a não percorre!

Da amplidão infinita
mandas o influxo que as marés agita,
abalas do Oceano a economia;
no perturbado liquido elemento
produz-se oscillatorio movimento:
durante noite e dia
duas vezes as aguas se entumescem,
duas vezes de nivel ellas descem.

Dizem que já não vives, que hoje em dia
és cosmico phantasma, linda morta,
que tua massa lacerada e fria
nenhum ser vivo abriga e nem comporta —
devastada volcanica cratera
na qual apenas o silencio impera! —

Satellite querido! Astro fulgente!
em cuja amena chama se extasia,
e abrasa a phantasia
a mente scismadôra!
Lua consoladora!
Bemdita seja a tua luz dolente.

J. E. TEIXEIRA DE SOUZA.

Rio.

ALBERTO DE OLIVEIRA

O ultimo livro de Alberto de Oliveira veiu mostrar ainda accrescidas a força e a juventude do grande poeta. Mas o que desde logo impressionou n'este admiravel livro foi uma caracteristica totalmente nova, o sentimento nacional, o da vida do nosso povo, dos costumes e da atmosphera em que vivemos com a comprehensão magistral e inexcedivel da paizagem e da natureza que nos cerca.

« *The literature, like the art of a nation, is rooted in national characteristics* », diz um critico de hoje. E em verdade, o influxo das literaturas extranhas é apenas um instrumento inicial e ephemero da educação artistica; esta quando completa, lança raizes no seu proprio solo nativo e d'elle se nutre substancialmente.

O novo livro de Alberto de Oliveira marca uma phase que é talvez o apogeu do seu talento poetico; e quem sabe? talvez ainda para o futuro nos reserve maiores surprezas.



Alberto de Oliveira.

D'entre as joias do novo volume ha uma que a todas excede pelo brilho, pela harmoniosa perfeição com que foi imaginada e trabalhada — *Alma em Flor* — poema que só pode ser comparado aos *Timbiras* de G. Dias ou ao *Uraguay* de B. da Ganna. Ahi a poesia da nossa terra, da nossa paizagem, da vida e sentimento da nossa gente, chegou a uma expressão sobria, simples, esculptural e inegualavel. A unidade da composição, a belleza descriptiva, a acção como se desdobra suave e sem tropeço, a linguagem tersa, a technica admiravel, fazem d'este poema uma obra-prima da nossa literatura.

A respeito do livro, escreveu Olavo Bilac, grande poeta como

Alberto, a seguinte pagina literaria, com o encanto e a graça que dá a tudo quanto escreve :

« Com as maís bellas rosas de Primavera, em Outubro, appareceu um novo livro de Alberto de Oliveira.

Um novo livro de versos...

Quantos se publicam por ahi, neste vastissimo Brasil tão cheio de sabiás e de poetas! Não ha semana em que o correio me não traga dois ou tres volumes, quasi todos muito mal impressos, quasi todos differentes apenas na polychromia das capas e na polyonymia dos titulos, e iguaes na futilidade ou na insignificancia do texto... Supponho que é o Brasil, de todo o planeta, o paiz em que mais volumes de versos se imprimem : não ha estudante que não almeje ver o seu nome fulgurando á frente de uma collecção de poesias; e só Deus sabe, ás vezes, que somma de sacrificios dolorosos representa a publicação desses folhetos que ninguem lê...

Mas um novo livro de versos de Alberto de Oliveira! que inesperada fortuna e que encantado regalo!

Para ler as *Novas Poesias* desse amado Poeta, escolhi um repousado e claro domingo, de vivo sol e de céo escampo : metti o volume debaixo do braço, e, fugindo á poeira das demolições, ao alarido da cidade, aos apertões da gente endomingada, abalei para o alto das Paineiras. E foi á sombra de uma arvore ancian, em cuja copa chilravam aves, ao pé do velho aqueducto em que a agua limpida cantava e sobre o qual bailavam as borboletas, que percorri, com uma delicia crescente, o livro suave.

Em torno de mim, a Vida das arvores, das aguas, da luz, das aves, dos insectos borborinhava e fulgia : e, como o livro me fallava justamente de tudo isso, — de cursos de agua cantante, de arvores cheias de ninhos, de gorgeios de passaros, de luz e de amores, — eu tinha a illusão de estar vendo, compendiada e fixada por milagre, nas tresentas paginas do volume que lia, toda a força e toda a meiguice da Natureza que me cercava.

« Alberto de Oliveira não é sómente o maior dos nossos poetas vivos : é tambem, depois da publicaçao desta segunda serie das suas *Poesias*, o mais *brasileiro* de todos os poetas do Brasil.

E' verdade que o volume abre com um soneto de assumpto classico, *Taça de Coral*, — um sóneto que me dá a impressão de estar alli envergonhado e timido, achando-se com razão " deslocado " entre companheiros de outra raça, de outra indole e de outra idade. E' uma composição em que se admira a antiga *maneira* do poeta, — o seu amor do exotismo, e o seu brilhante e raro talento de evocaçao... Mas, logo ao volver da prímeira pagina, como estamos longe da Grecia, das deusas do Olympo, dos pastores da Arcadia, das paizagens, dos homens e das cousas da Hellade!

Ninguem, como Alberto de Oliveira, soube jamais comprehender e amar o esplendor desta abençoada terra : no seu novo livro, o amor do Brasil palpita em cada verso, estremece em cada syllaba, scintilla em cada rima.

Varias mulheres e varios amores povoam e animam estes versos : mas sente-se bem que todas ellas se confundem e resumem na grande Mulher, entre todas amada, que é a Terra, e que todos elles se reduzem e apuram no grande Amor, entre todos sincero, que é o da Terra.

Em Alberto da Oliveira, o lyrismo é inseparavel da geolatria. Todas as suas imagens, todas as suas comparações, todas as suas metaphoras, hyperboles e ampliações relacionam-se com esse culto, com esse « naturismo », que é, por assim dizer, a forma apurada e exagerada do seu pantheismo. Alberto é, antes de tudo, um apaixonado cantor da Terra Brasileira.

Vêde-o, aqui celebrando os amores de uma flor e de um insecto, alli exalçando a belleza da capa verde de um gigante da matta, além o mundo de affectos e de caricias que ha dentro de um ninho de musgo, adiante entoando um hymno ao luar...

Ide folheiando o livro. Aqui o tendes tomando para confidente dos seus amores uma montanha :

Assim eu fallo... Eis que um soluço amigo
Subterreo ao meu responde, — cousa estranha!
Pulsava em ancias, a chorar commigo,
O coração de pedra da montanha!

Vêde-o agora, lamentando a sorte de uma pobre *Arvore Sêcca* :

Sobre o despenhadeiro debruçada,
Retorcida, convulsa, immensa,
Com as raizes já frouxas, e mirrada,
Está uma arvore annosa, e pensa...

Agora, notae como o poeta comprehende a mysteriosa linguagem das cousas :

A matta virgem, desgrenhada aos ventos,
Eleva á noite a alma complexa e varia;
Do musgo humilde ás grimpas de araucaria,
Ha talvez gritos, ha talvez lamentos...

E que lindas, que harmoniosas paizagens sabe elle pintar! Admirae este pequenino uadro :

Sobre a serra erguida,
Em frente, esplendido, apparece e brilha
O sol. Loureja o ipê com as aureas flores.
Late nos grotões fundos, indo ao faro
Da caça, ao buzinar dos caçadores,
Da fazenda a matilha.
E, no ar que sopra dos capões escuros,
Sente-se, de mistura a essencias finas
E ao cheiro das resinas,
Um sabor acre de cajás maduros... »

E este outro :

Um chão de folhas, sob um céo de flores,
Eis a matta. Recebe-nos, á porta
Do templo da verdura,
Azul, trefega, leve borboleta,
Que, volateando inquieta,
Vae pelo atalho, o espaço corta,
E nos guia na selva espessa e escura.
Outras, alada chusma de mil cores
Vêm-lhe ao encontro, farfalhando... Agora,
Vê onde mais sorpreso
O olhar se te demora ;
Olha estes ramos, a vergar com o peso
Das bignonias em flor; olha o disforme
Entrelaçado de cipós, que os fios
Lembram suspensos de uma aranha enorme;
Olha estes hartos troncos, luzidios
Uns, rôfos outros, uns desempenados,
Outros recurvos, tortos, semelhando,
Em contorsões, vultos de condemnados...

Mas a composição, na qual mais ardentemente se avulta o temperamento deste poeta, é o poema *O Parahyba*.

O grande rio encontrou o seu Poeta! Estes alexandrinos, de uma nobreza sem par, cheios de intensa e estonteante poesia da nossa terra hão-de ficar na lingua portugueza como um monumento imperecivel; só um grande artista da palavra, senhor de todos os segredos da linguagem e da metrica, poderia compôr estes versos da uma sonoridade incomparavel, em que ha inauditas combinações, de vogaes, e estupendas paraphonias de rythmos. Estas estrophes são, na poesia, o que a partitura dos *Mestres Cantores* é na Musica : uma obra prima, uma maravilha de orchestração.

Lendo o poema, ouve-se o estrondo, vê-se o rebrilhar das aguas do rio gigante, sente-se o perfume das selvas que se abobadam sobre elle, escuta-se-lhe o reboar nos grotões e nas furnas, e tem-se toda a alma levada no seu curso triumphal, despenhada em cascatas, espraiada pelos sertões, estrangulada em socavões de montes, cahida afinal no mar, — onde elle entra,

Sandando os céos azues n'um formidavel canto
Na divina embriaguez da sua força eterna!

« O talento de Alberto de Oliveira está hoje em plena maturidade. Passou, para elle, a época brilhante, mas indecisa e ligeira, da primavera : chegou agora o outono, sazão bemdita, em que as arvores se arreiam de fructos que amadurecem, e em que as almas realisam, sob uma forma esplendida e definitiva, os seus melhores sonhos.

Aqui está um Poeta, que deve ser mostrado como exemplo. E não só pela segura e radiante róta da sua evolução artistica, — como ainda pela rara firmeza, com que soube conservar-se fiel á sua vocação e ao seu ideal.

Alberto sentiu-se Poeta, na idade em que lhe alvorecia a intelligencia, e Poeta ficou sendo, alheio ás seducções do jornalismo e da litteratura facil que o chamavam, sem trahir uma só vez a sua nobre Musa. Quiz ser apenas o que devia ser : um lyrico, um apaixonado, um enternecido cantor das cousas bellas da Vida. Toda a evolução do seu espirito se foi fazendo dentro desse ideal.

A Arte recompensa os que sabem amal-a e servil-a. Para a fidelidade deste Artista, achou ella este premio sublime : a gloria de ter completado a sua missão, chegando a ser, não um Poeta de inspiração méramente subjectiva e egoista, mas um Poeta da sua terra e da sua gente, — alliando á pureza nobre da concepção a perfeição suprema da fórma, e afirmando-se, entre os do seu tempo, como o maior de todos, e de todos o mais *brasileiro*. »

N'este momento verifico que ainda outras apreciações criticas confirmam o grande triumpho que este livro alcançou. Souza Bandeira, Nestor Victor, Oscar Lopes, Carmen Dolores, escrevem com enthusiasmo do livro e todos são accórdes em que longe de ter soado a hora da decadencia para o poeta que já tanto escreveu, ainda mais brilhante refulge agora a sua aureola de gloria.

J.

CASTRO ALVES

(Duas poesias ineditas)

De grande interesse para a nossa historia literaria é o rapido e substancioso estudo critico e biographico de Castro Alves, publicado por Alfredo de Carvalho, em que se corrigem muitos dos erros que correm a respeito do poeta, graças a informações do contemporaneo e amigo do poeta, J. B. Regueira da Costa.

N'esse estudo encontram-se as duas poesias inéditas seguintes, que de certo não augmentam a nomeada de C. Alves, mas a primeira d'ellas exprime a primeira maneira do seu estro juvenil e foi escripta para o album do Desembargador Antonio Domingos Pinto. Eil-as :

CANSAÇO

O naufrago nadou por longas horas...
Na praia dorme frio n'um desmaio.
A força apoz a lucta abandonou-o,
Do sol queimou-lhe a face ardente raio.

Pois eu sou como o nauta... Apoz a lucta
Meo amor dorme languido no peito.
Cançado... talvez morto dorme e dorme
Da indifferença no gelado leito.

Sobre as azas velozes a andorinha
Maneira se lançou nos puros ares...
Veio apoz o tufao... luctou de balde
Mas em breve boiou por sobre os mares.

Eu sou como a andorinha... Ergui meo vôo
Sobre as azas gentis da phantasia;
A descrença nublou-me o céo da vida...
E a crença estrebuchou n'uma agonia.

Como as flôres de estufa que emurchecem
Lembrando o céo azul do seu paiz,
Minha alma vae morrendo — suspirando
Por seus perdidos sonhos tão gentis.

E que durma... E que durma... O' virgem santa
Que crêou sempre pura a phantasia,
Só a ti é que eu quero que te sentes
Ao meo lado na ultima agonia.

Antonio de Castro Alves.

Recife, 7 de Outubro de 1863.

Estes versos são uma das raras amostras da primeira epoca do cantor d'*Os Escravos*, quando ainda se deixava influenciar pelo scepticismo de Byron e de Musset, que Alvares de Azevedo tão profundamente inoculára na geração contemporanea.

A outra poesia inedita de Castro Alves é a dedicada aos academicos que com elle se alistaram como voluntarios afim de, sob o commando do Conselheiro Trigo de Loureiro, seguirem para o Paraguay a desaffrontar a honra nacional ultrajada.

« Esta poesia foi recitada no Theatro Santa Isabel, arrancando delirantes applausos, diz-me Regueira Costa; infelizmente só tenho em lembrança os seguintes fragmentos :

O céo é alma, o relampago
E' uma idéa de luz,
Que pelo craneo do espaço
Perpassa, brilha e reluz;
Depois o trovão é o verbo;
Segue-o o raio, gladio acerbo,
Que se desdobra soberbo
Pelos paramos azúes.
Acção e idéa são gemeas...
Quem as podera apartar?
O facto é a vaga agitada
Do pensamento, que é o mar.
. . . . . .
. . . . . .
. . . . . .
. . . . . .
Assim sois vós; nem se pense
Que o livro enfraquece a mão;
Troca-se a penna co' a espada.
Hontem Numa, hoje Catão;
E' o mesmo : se a penna é espada,
Por mão de Homero vibrada,
Co'o gladio — epopéa ousada —
Traça mundos Napoleão.

Diga-se, apenas, de caminho que raras vezes no Brasil se tem visto uma vida tão nobre e ardentemente entregue á pesquiza de nossa historia literaria e politica como a de Alfredo de Carvalho, que já tem publicado contribuições e estudos entre os melhores que conhecemos; entre os espiritos da nova geração é um dos muito poucos que occupam o primeiro plano.

ACADEMIAS

Alem da *Academia Brasileira* que é a official ha outras dissidentes que por ahi vivem... O *Almanaque Garnier* de 1907 dá, e é um dos seus meritos, largo quinhão a uma d'ellas—a dos *Goncourts* que se reune ás vezes aqui e alli, e ainda não tem casa; mas lá tem o seu *ponto* por perto da Avenida. A ella concorrem Fabio Luz, Curvello de Mendonça, Pedro do Couto, E. Carvalho, M. Maciel, e mais algum doente imaginario ou alguns *fosforos* entre os quaes não haveria surpreza em ver-se um academico dos do *Syllogèu*.

A *Academia dos Goncourts* não é ao que pode parecer, infensa ás outras. Vive por si, e já é grande fortuna lograr um pouco de vida, n'esta terra onde tudo morre de sete dias.

Aqui ficam n'estas derradeiras paginas uns traços fugitivos, *croquis* e retratos de alguns dos do grupo os quaes nos promettem, de futuro, collaboração menos elogiativa do que já teem dado solidas e excellentes provas na collecção do *Almanaque*.

Dr. Maximino Maciel

Tenacidade no querer, força indomita de vontade inquebrantavel, a par de uma insacciavel sêde de saber e um apêgo sem nome aos livros, taes as caracteristicas de Maximino Maciel. Aliás parece ser esse o destinctivo da brilhante pleiade de sergipanos que illustram as lettras brasileiras.



Dr. Maximino Maciel.

Um tanto reservado, a principio combatido em todas as sendas, que procurou trilhar, pelos dominadores do dia, conservou durante muito tempo um ar desconfiado e arredio, sempre em attitude de combate, como quem espera a aggressão certa e o ataque inesperado, ou na posição calma de defesa... armada. Esse modo de ser, pouco communicativo, esse isolamento a que se condemnou, longe das rodas alegres dos lettrados, explicam-se pelas luctas que teve de pelejar com o meio hostil para vencel-o, dominal-o e impor-se.

Provinciano pauperrimo, sem sombra de recursos para encetar uma carreira qualquer, cheio de aspirações altas e dignas, em busca de posição a que lhe davam direito suas aptidões, travou a lucta ingente com o meio aggressivo e por sua vez tornou-se aggressor, resultando dahi um travo do seu caracter, quasi amargor, que a vida mais facil de agora e as considerações sociaes de que vai sendo alvo, vão a olhos vistos adoçando. A constante batalha contra tudo e contra todos enrijou-lhe a vontade, acrysolou o sentir, enalteceu as qualidades moraes

que se entibiariam em vida facil, e dahi surdiu o feitio moral inteiriço, a inquebrantavel energia com que se soergeu no meio abastardado.

Maximino é um producto do meio hostil.

Quem hoje o vê calmo, sereno, na sua eterna sobrecasaca, sorridente, e luminoso por detrás do nasoculo de ouro, protegido pelo chapéu *haute-forme*, mal se lembrará do estudante de 1883, que procurava diplomar-se pela Academia de Medicina da Côrte, onde os recursos faltaram ao provinciano confiante e deslumbrado pelo grande centro da vida nacional. Não lhe quebrou um só fio da vontade tensa esse revéz.

Fez-se professor e foi procurar em S. Paulo o diploma que lhe abriria todas as portas das posições remuneradas e da vida, em 1890, depois de um largo tirocinio de sete annos de magisterio particular e de privações. Formado bacharel pela Faculdade do Rio voltou ao estudo de medicina *realizando o seu idéal* em 1901, já sendo professor cathedratico do Collegio militar desde 1893.

Durante esse periodo de luctas produzindo sempre, sempre atacado e defendendo-se com galhardia, publicou a *Grammatica Analytica;* a *Philologia Portugueza; Noções geraes de Agronomia* para servir de complemento ao curso de Historia Natural que professou na Escola Normal e no Gymnasio Nacional; *Lições de portuguez* professadas no Collegio militar; para coroar com distincção o seu curso medico — *Antroprometria medica e juridica*, e agora, medico da liga contra a tuberculose, = *Valeur des différents méthodes de traitements dans la Tuberculose.*

Por esta resenha se vê quanto é trabalhador, productivo e incansavel o professor, bis-doutor, Maximino Maciel, que arvora como tropheus de suas victorias em dous dedos da mão esquerda os dous anneis symbolicos de bacharel em direito e doutor em Medicina.

No fundo entretanto continúa e o será sempre o cultor da lingua vernacula, e o mestre habil.

F.

Elysio Carvalho

Descae-se fatalmente em um daquelles estados d'alma *humidos* de que falla Nietzsche, sempre que se enfrenta com assumpto tão difficil, como este de dar em traços rapidos e poucas palavras o perfil moral de um ser complicado como é Elysio de Carvalho, de uma psychologia digna de estudo acurado, com *suas virtudes, seus talentos, seus odios*, que o fazem, na sua propria phrase, *umhomem de idéas extremas e conclusões radicaes, uma natureza impulsiva e espontanea, um rebelde* NATO, que não é *um escriptor brasileiro* e sim *supernacional e pertence ao movimento intellectual europeu.*

Ora, em se tratando de um ser áparte, inconfundivel, *unico, superhomem, supernacional*, não me podia furtar á obsessão de começar fallando de Nietzche, de me lembrar de Stirner e de me deixar levar na corrente de idéas que tanto preoccupam o Elysio, mais como cousas exoticas, como novidades litterarias do que como convicções philosophicas, pois que elle lê *mais para satisfazer a vaidade de homem lido do que para encontrar alimento necessario para o cerebro.*

Poucos no Brasil conheciam a autor do *Zarathustra;* ninguem entendia as com-

plicações do *Unico e sua Propriedade* de Stirner. As nebulosidades de Nietzche, a sua philosophia egoistica e dionysiaca, os sibyllinos e infinitos paragraphos da *Aurora*, a *Origem da Tragedia* e o *Antechristo* precisavam, como livros santos, como alcorões de novos credos, da interpretação dos textos, e Elysio de Carvalho atirou-se a esse trabalho insano de vulgarisar e popularisar as obras dos dous allemães, que a pedanteria nacional dos *novos* agora comprehende e aprecia, deliciando-se com os textos os mais complicados em que as palavras parece terem sido collocadas a esmo. Se por um lado a propaganda feita pelo vulgarisador do *naturismo* em favor dos symbolos nietzcheanos e dos *novos valores moraes*, foi util aos estudiosos e avidos de saber e perniciosa a uns tantos mocinhos muito eruditos que espantam o burguez com os seus monoculos e os conhecimentos profundos de cousas da *Extranja*, por outro lado o individualismo de Stirner não conseguiu fazer carreira apezar dos artigos, biographias e ensaios com que o fundador da primeira Universidade Popular no Brasil, enche e continúa a encher columnas e columnas de revistas e jornaes, artigos que collados tem já kilometros de extensão, e de um me lembro que media cinco metros e trinta e tres centimetros conscienciosamente medidos.



Elysio de Carvalho.

Irritado com a affirmativa de que os mais notaveis individualistas têm perecido em manicomios, tendo o seu idolo — Nietzsche — terminado os seus dias fóra do uzo da razão, atirou-se ao estudo da Psychiatria e enfrentou o grande problema do — *genio*. Um dia quando pregava as suas idéas individualistas combatendo Victor Basch e Max Nordau, um amigo o encarou como quem procura os estygmas de um degenerado, e de tal modo o fixou que o Elysio comprehendeu que havia ali uma allusão, e, cortando uma phrase em começo, perguntou:

— Já me julgas louco tambem?

E não são raros nelle esses *disparos*, que um conhecido costuma provocar, contrariando-o, para affirmar depois que elle é eloquente, inspirado, convicente e admiravel quando se *queima*. E elle se *queima* frequentemente, ao menor signal de desattenção ás suas palavras, á menor distracção do ouvinte aos seus artigos que não primam pela synthese, e muito pelo contrario são sempre extensos, cortados de §§, á moda do mestre.

E' entretanto um fraco typo do superhomem, com sua adiposidade, e apezar ou por causa della tem saúde fraca, nevralgias frequentes, irritabilidade neurasthenica, enxaquecas que o tornam intratavel quando o acommettem. Será um *representative man* das theorias exoticas do individualismo, do egoismo sublimado do anarchismo transviado, mas não é um *superhomem* physicamente superior, capaz de vencer e esmagar.

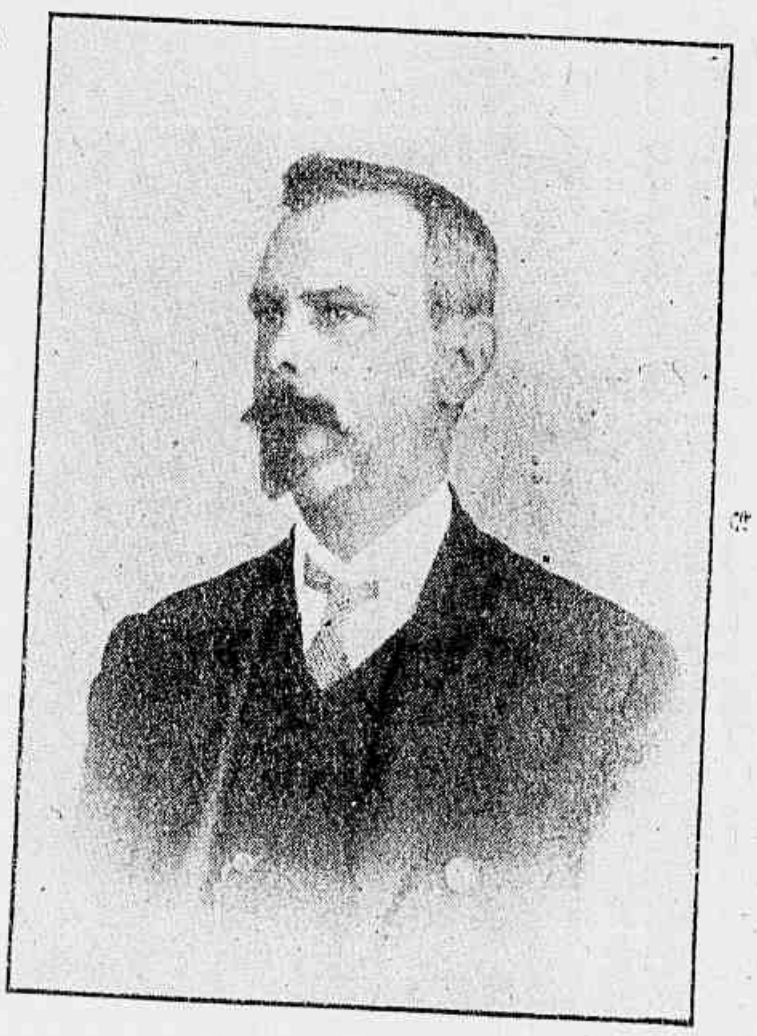
FABIO LUZ.

Fabio Luz

Quando a agitação proletaria começou de se fazer sentir mais intensamente nos centros importantes do velho mundo, reflectindo-se esbatidamente sobre o Brasil, Fabio Luz que já, em virtude de sua funcção medica, sentira de perto a immensidade da miseria humana, entendeu dar contingente mais propagavel, mais evidente, em pról da terminação d'essa situação premente.

Foi, indo de casa em casa, do palacio á misera palhoça, da opulenta vivenda do rico ao misero acampamento do pobre, que Fabio Luz poude presentir o que por ahi além iria de extraordinariamente desgraçado.

Com esse diuturno perambular por meio de homens sem lar conveniente, sem hygiene necessaria, sem o pão imprescindivel, sem a instrucção precisa, se foi pouco e pouco delineando em seu cerebro bem formado a urgente necessidade de uma reacção vigorosa em bem de uma melhor e mais equitativa distribuição dos capitaes humanos



Fabio Luz.

Foi, analysando com as suas finas qualidades de observação; foi auscultando physica e moralmente esses homens de organismo depauperado pelo labor exagerado, e pela nenhuma compensação ás perdas d'elle provenientes, que Fabio Luz se julgou obrigado a trabalhar pela cessação d'esse estado deprimente para o periodo de civilisação que atravessamos.

Como medico, elle via que era entre os proletarios — classe que mais directamente concorre para o amanho do planeta — que, em « crescendo » formidavel dominava a grande destruidora — a tuberculose.

Contemplando esse espectaculo doloroso, todos os seus sentimentos affectivos reagiram de modo violento sobre seus talentos, determinando seu apparecimento no mundo das letras.

Entendeu cavalheirescamente que lhe era obrigado trazer á sua profissão auxilio poderoso com o livro, onde em estylo fino e singelo pintasse a toda a gente os males da mór parte de nossos semelhantes.

Conhecedor d'esse estupendo analysta, d'esse formidando critico social, que em *Conquête du Pain* e *Paroles d'un Révolté* expoz á luz clara do mundo todas as chagas d'uma sociedade em decomposição; amando esse admiravel principe dos revoltados — o primeiro na reacção dignificadora em pról dos direitos do homem, facil lhe foi vêr quão urgente se tornava mais latitude se désse á batalha.

Meditando ao mesmo tempo nos trabalhos de Tolstoï — o talento altruistico que sonha erradamente modificar as condições miseraveis da massa soffredora com os farrapos de um christianismo incompativel com a éra presente, poude Fabio Luz sentir o dever de vir collaborar nessa cruzada de cujo periodo agudo o seculo entrante vai ser testemunha.

Assim apparelhado, toma a lança, e de viseira erguida apresenta-se no campo da lucta. — *Ideologo* é o seu primeiro lance.

Os adversarios, certos da inferioridade do numero d'esses cruzados da liberdade, gozam calmamente dos prazeres que lhes proporcionam esses por quem surge o novo cavalleiro. A investida, entretanto, fal-os reparar no valeroso combatente. E o medo de perder os proventos inhibe-os de acceitar o cartel, e elles se deixam ficar quedos, continuando a gozar, a gozar...

Retirado o cavalleiro por falta de quem lhe queira dar combate, entreolham-se medrosos e uma sombra perpassa sobre suas cabeças... Era a bandeira branca que o cavalleiro lá deixára, balouçando á brisa, fazendo-os lêr em caracteres rubros — Ideologo!

K.

Pedro do Coutto

H. Heine dizia que depois de ser baptisado ficára em peores condições do que dantes : começou a ser odiado pelos judeus, porque apostatara e mal visto pelos protestantes que não acreditavam na sua conversão.

Pedro do Coutto. cuja ironia pungente tem pontos de contacto com a do grande poeta allemão, depois que se libertou do jugo pesado da orthodoxia comtista, ficou malquistado pelo Apostolado Positivista, como um espirito rebelde e rebellado, odiado pelo rebanho lanzudo e desgrenhado, de faces encovadas, dos *positiveiros* exaltados, intransigentes como christãos novos; ao passo que para o mundo adverso ao Positivismo da Rua Benjamin Constant, continúa a carregar o labéu de orthodoxo, tunica de Nessus que lhe está presa ao corpo como stigma indelevel.



Pedro do Coutto.

E não é sem razão que assim o julgam.

Coutto trouxe da sua educação comtista todos os beneficios de uma orientação segura, de um criterio scientifico firme, de uma lucidez critica extraordinaria, e com elles todos os defeitos de intransigencia doutrinaria, de dogmatismo magistral e de preconcebidos juizos, que se tornariam insupportaveis se não tivessem sido *arejados* por um ambiente mais humano e menos *scientifico*, modificados pelo convivio com outras intelligencias menos dadas aos exclusivismos mathematicos e *seccativos*, e pelo largo contacto com a litteratura moderna, fóra do catalogo e da bibliographia do *cathecismo*.

Não é pois um fervente e inteiriço discipulo de Comte senão na parte scientifica da doutrina e na geral orientação do seu espirito ; não é tão pouco um adepto de qualquer outra philosophia ou religião, cá fóra.

Como Heine não era protestante nem judeu, sendo ao mesmo tempo as duas

cousas ; Coutto é e não é positivista, no sentido restricto da palavra, não sendo outra qualquer cousa longe do positivismo; é um espirito emancipado em certos pontos e em outros assumptos adstricto a todas as regras ferrenhas do Comtismo.

Muitas vezes temerario nos seus juizos, que elle acredita sempre firmados em bons dados adquiridos e de accordo com as hypotheses as mais sympathicas, chega a ser imprudente nas suas affirmativas muito cheias de uma sã e rude franqueza, porejando sinceridade, que lhe tem servido sempre de embaraço para alcançar a posição dominante a que tem direito pelo seu talento e pela sua competencia.

Esse estorvo, apezar das tentativas que tem feito para afastal-o, apezar das leituras de Lesage e dos conselhos de Gil-Blas, que elle affirma será seu mestre na vida em futuro proximo, lhe tem custado grandes esforços para removel-o. Mas o estorvo está dentro delle, na sua hombridade de caracter, na rectidão de sua consciencia que ainda lhe não permittiu transigir para vencer.

Seria Coutto um victorioso na vida se os seus principios educativos tivessem recebido a orientação da corrente actual de baixos expedientes e curvaturas perante os potentados. Elle entretanto foi educado para a *epocha normal* de moralidade e de grandeza mental.

Fluente orador, de palavra quente e audaz, eximio professor de mathematica, com um cabedal litterario variado, com um grande poder de assimilação, em outro meio e em outros tempos estaria fadado para os postos elevados. Mais aqui está destinado ao papel de iconoclasta vigoroso, derribando com força e talento os mainpanços das lettras e da politica.

De camartello em punho, como uma férula de mestre, vai demolindo as miseraveis *igrejinhas* que com tanto labor os corrilhos idiotas construiram de taipa e cuspo.

Temperamento de luctador, de humor agressivo e alegre, está sempre bem na controversia, na lucta, mas sempre com a mira em um ideal de justiça e liberdade, dentro dos moldes *decretados* por A. Comte para um futuro de regeneração e de paz.

O seu elemento predilecto é a controversia; a sua obsessão o nacionalismo, mesmo o jacobinismo, uma das feições caracteristicas do positivismo brasileiro, que chega quasi ao estreito regionalismo.

Mesmo nesse ponto em que fica em contradição com os principios liberaes de sua philosophia, mesmo de accordo com a aspiração elevada para uma republica mundial, sem fronteiras e sem exercitos permanentes, elle continúa a pensar nas pequenhas patrias, receia que o Brasil se venha a desmembrar, deseja conserval-o grande territorialmente, grande no convivio das Nações.

Pregando a fraternidade parece que a restringe ; e não erraria quem dissesse que para elle deve haver uma fraternidade brasileira, que póde passar e desenvolver-se ao lado da solidariedade humana sem chocal-a. Assim, atira sentenciosamente o anathema contra a antiga metropole, trepado nas andas do seu patriotismo hypertrophiado, com os olhos ardentes e vivos por detrás dos nasoculos coroado pela inseparavel cartola luzidia, a que elle attribue as qualidades de um diploma, as virtudes de uma apresentação franqueando-lhe todas as portas,

abrindo todos os benevolos sorrisos serviçaes, provocando as curvaturas de respeito e consideração e a decisiva influencia nas relações sociaes, como Fomitich Kuvalda — dos *Vagabundos* de M. Gorki — attribuia a um par de calças novas essas mesmas virtudes mirificas.

F.

O PASTOR E A MONJA

(IMITAÇÃO DE UHLAND)

« Onde vaes, monja tão linda,
Tão tristonha, aonde te vaes?
Na terra ha tristeza ainda
Para os pobres dos zagaes.

Vê como é triste a invernia,
Despidos lenhos sem flor...
Lá onde rosas havia
Ha só da neve o fragôr. »

E a monja diz, num gemido :
« — Breve o inverno acabará.
« Sobre o lenho resequido
« De novo a flor nascerá.

« Só em mim nunca perece
« O meu inverno sem luz...
« Nunca um ramo refloresce
« Na arvore que tenho... a Cruz!

JOÃO RIBEIRO.

DO ROMANCEIRO

(DE HEINE)

Pelo valle seguindo tristemente
Um cavalleiro disse olhando o céo
—« Quem me espera na vida? um seio ardente
Ou espera-me acaso a tumba fria? »
A voz da montanha respondeu :
— A tumba fria!

E foi seguindo o cavalleiro a estrada,
Um soluço profundo o estremeceu.
—« Bem!... espera-me a tumba regelada,
Mas ao menos ahi na tumba a paz. »
A voz da montanha respondeu :
Na tumba ha paz!

A lagrima que os olhos lhe descerra,
Pela cavada face lhe desceu :
— « Seja o meu derradeiro amor na terra,
Esse da morte! venha a tumba emfim!
A voz da montanha respondeu :
— A tumba emfim!

JOÃO RIBEIRO.

DICCIONARIO
das
Rimas Portuguezas
PRECEDIDO
D'um Tratado completo de versificação
POR
MARIO DE ALENCAR
da Academia brazileira

LIVRARIA H. GARNIER

SOBRE EDUCAÇÃO POPULAR

A necessidade de instruir o povo é uma questão resolvida. O que se discute ainda, e é preciso discutir sempre, é a natureza da instrucção que convem ás massas e o modo como tem de sêr ministrada, porque é nessa instrucção falsa, abstracta, incoherente, que residem a fonte de todos os erros funestos do espirito humano e a causa de todos os males profundos que perturbam a existencia das sociedades modernas.

Nascidos no seculo da sciencia positiva, não podemos mais acceitar as religiões sobreviventes, nem os dogmas forjados pela especulação metaphysica. O seculo que findou, seculo de maravilhas e de conquistas sobre o desconhecido, póde perfeitamente ser caracterisado com uma phrase : *o crepusculo dos deuses*. Todos os dogmas são mortos. A sciencia, na sua profunda missão de tudo investigar e de tudo determinar, invadiu com seus clarões ardentes os mais ignorados reconditos da consciencia humana, varrendo de lá as ultimas superstições e os ultimos terrores. O mundo, que desde tempos immemoriaes vinha sendo governado por idéas mythicas, mysticas e subjectivas, emancipou-se do jugo da metaphysica. O antigo dualismo, esse conceito religioso, o mais nocivo entre todos, vestigio das superstições primitivas, é tambem morto. Sabemos agora, mediante as conclusões obtidas pelos methodos scientificos, rigorosamente objectivos, de observação e de experiencia, que a vida humana e terrestre não comporta duas origens differentes, que não ha lucta entre a materia e o espirito, mas que ambos são simplesmente duas manifestações do mesmo *monos*, a mesma unidade vista de duas faces differentes, que as leis physicas são ainda as leis intellectuaes. A sciencia, com seu determinismo implacavel mas veridico, destruiu a hypothese absurda e criminosa de Deus, que surgiu do terror que aos homens primitivos inspiraram os phenomenos exteriores do cosmos. « O terror, diz Petronio, pariu os primeiros deuses. » O velho edificio das causas primarias e finaes abateu, bloqueado por todos os lados, pelas linguas de fogo da philosophia positiva. O intellecto é impotente para conhecer as causas e as substancias. Seu limite é a coordenação dos phenomenos. Um vasto campo de factos se desenrola diante dos nossos olhos. Nosso papel é constatal-os e ordenal-os. Não procuremos a razão, o *porque* das cousas. O estudo da phenomenalidade é o unico objecto da sciencia. « A intelligencia humana, diz Comte, só póde conhecer o phenomeno : este é toda a realidade cognoscivel ». Somos tambem homens do mundo relativo... A astronomia está acima dos principios estabelecidos pelas chammas das fogueiras das crenças theologicas. Galileu triumphou do obscurantismo e Copernico, descobrindo que a Terra girava em torno do seu eixo e realizava um movimento de translacção annual em torno do Sol, o centro do nosso systema planetario, destruiu a cosmogonia biblica. Percebemos desde então as correspondencias até aqui occultas dos elementos creados. Todos os phenomenos da vida organica, inorganica e super-organica, sabe-se, desde os mais simples de movimento até os mais complexos da sociologia, a grande sciencia em formação, estão sujeitos ás leis immutaveis da physica terrestre. A philosophia monista triumpha definitivamente do velho anthropocentrismo morbido das edades pancraticas. A historia, com a famosa lei dos « tres estados », soffreu um progresso admiravel; com os novos principios scientificos, explicam-se, faz-se a luz sobre factos carcomidos pela caligem dos tempos. A vida, que começando na *mónera* termina no homem, tem para explical-a a theoria do transformismo. A psychologia tornou de uma facilidade extrema a solução dos mais complexos problemas psichicos e sociaes. A economia social, tendo estabelecido já algumas demonstrações principaes, prevê a possibilidade do sistema economico que o anarchismo defende.

O seculo XIX, pois, nos armou para o bom combate contra a ignorancia, a impostura e a miseria, enlarguecendo o caminho traçado pela Encyclopedia Franceza e beneficiandonos com esplendidos thesouros, lentamente accumulados. O trabalho admiravel de um Bichat, de um Comte, de um Huxley, de um Spencer, de um Darwin, de um Kropotkine, não teve simplesmente um resultado especulativo, mas consequencias humanas entre as quaes nos dotar de uma consciencia superior. Os principios e as leis das sciencias exactas, os axiomas philosophicos, as formulas chimicas e as descobertas da physica,

penetraram pouco a pouco nossas consciencias e ampliaram nossas concepções, crearam um estado moral novo, estado moral do qual succedia logicamente, necessariamente, um novo estado economico. Nós nos inspiramos agora da observação penetrante da natureza, e participando da educação scientifica moderna, alargamos o campo critico das descobertas de suas applicações, acceleramos, firmes na crença de que os homen podem ser melhores, mais sabios e mais felizes do que não são presentemente, mas desembaraçados dos phantasmas metaphysicos e das grosseiras superstições, a realisação cada vez menos problématica do bem-estar humano na consciencia profunda da perfectibilidade indefinida do individuo e da especie.

E, portanto, um unico ensino convem ao proletariado : — é o ensino superior positivo, scientifico e philosophico, que communica conhecimentos verdadeiros e precisos, noções luminosas e reaes, essencias claras, cousas praticas e uteis, factos positivos, ideas generosas e altivas que levem directamente o intellecto á investigação da verdade na natureza é no homem, que só procura conhecer o cognoscivel, o real, o existente, *o que é*, a natureza, nosso eu, nossas experiencias, sem pretender firmar leis apodecticas, imperativas e eternas, um criterio fisco, uma regra estatica, a « verdade absoluta », contentando-se simplesmente em estabelecer a certeza objectiva.

ELYSIO DE CARVALHO.

ANNIBAL AMORIM

Dentre os poetas da ultima geração que manejam cuidadosa e pacientemente o verso brasileiro destaca-se, fóra de toda a duvida, o poeta cujo nome encima estas linhas, e destaca-se de um modo admiravel, porque bem poucos conhecemos entre elles que tenham apresentado em seu inicio literario tão rapida transformação como o mostrou não ha muito, Annibal Amorim. Tendo surgido em 1902, com o seu primeiro livro de versos — "Pompas" — filiado á poesia bizarra de B. Lopes, teve logo cedo que desligar-se della, por não achal-a de accordo com o seu temperamento, com as mas diversas tendencias e maneiras de sentir.



Annibal Amorim.

Annibal Amorim é, antes de tudo, um pensador e um melancolico.

E' certo que o poeta dos "Brazões" exerceu em seu espirito certa e determinada influencia, mas quem quer que tivesse senso critico, sagaz e observador, notaria que tudo aquillo era passageiro, que todo aquelle modo de poetar, forte e bizarro, seria pouco duradouro e que o poeta voltaria em breve a cantar todas as impressões que lhe ferissem a alma, todas as queixas que lhe pairassem no coração.

Seu espirito, voltado quasi sempre para os assumptos humanos, philosophicos e pantheisticos compraz-se em descrever os soffrimentos e as agonias do homem, a essencia das cousas, e as fortes e sensacionaes impressões da Natureza, que elle tanto ama.

Isso mesmo elle nos mostrou com o apparecimento do seu segundo livro — Novilunios — vindo á luz um anno depois.

Já neste livro apresenta uma nova feição do seu modo de sentir e de observar.

Influenciado por Alberto de Oliveira, que, incontestavelmente, é hoje um dos maiores poetas brasileiros, e um dos mais raros da nossa lingua, Annibal Amorim apparece com um grande culto pela Natureza, a grande Mãe, e por ahi vê-se a enorme vantagem que os — Novilunios — levam sobre as — " Pompas ".

Em 1904 o poeta dá-nos o seu terceiro livro — " Novos Poemas " —

E' a phase mais bella de sua carreira literaria.

Ahi, sim, elle apparece já firmado em profundos conceitos literarios, mostrando estar sabedor de todos os segredos do Verso.

Nessa obra predominam as notas lyrica e pantheistica.

O objectivismo e o subjectivo ahi se congraçam numa como confraternisação empolgante e suggestiva.

Não ha negar, os — " Novos Poemas " — assignalaram em as nossas letras a firme convicção de que um poeta, forte e rigoroso, vinha ostentar-se entre nós, concorrendo assim para a solidez, a pujança e a grandeza da poesia brasileira.

UMA LAGRIMA

Por que negal-o? — a fio, por seu rosto,
Nesse dia uma lagrima corrêra:
Toda a historia desse intimo desgosto
Minh'alma triste, nos seus olhos lêra.

Tão moça ainda, mal entrado havia
Na edade do prazer, que pouco dura,
E já dos fados á mercê se via,
Ella, a ingenua e formosa creatura!

Era o mimo dos paes que, a idolatravam,
E, assistida de affectos e de zelos,
Vinham, leves, com as rosas, que a adoravam],
Beija-flores pousar nos seus cabellos.

A amargura ennublara-lhe o semblante,
Enchêra o coração de acerba magoa:
E nos seus olhos de uma luz brilhante
Tremeluzia aquella gotta d'agua...

Foi a primeira! a primeira
Que, sentida, lhe rolou,
E que vio gerar-se, á beira
De uns olhos que alguem amou.

O' lagrima donde vieste?
Que mundo ignorado é o teu?
— « Vim de uma plaga celeste,
Onde brilhava só eu!

« Andei pelas nuvens frias,
Desci ao fundo do mar;
E em gelo nas invernias,
Certa vez, me vi tornar.

« E fui orvalho, no estio,
Para ser — ó grande dôr! —
Agora, em rosto sombrio,
Uma lagrima de amor! »

Foi essa gotta, tremula, que a medo
Scintillára, de subito, naquella
Hora negra de horror, e que tão cedo
Correu, tranquilla, pela face della.

Um dentre vós existirá que entenda
A linguagem das lagrimas! E caiba
Um dia a alguem o lhes contar a lenda,
Que todo coração talvez não saiba!

Se os que amam, porventura, não soberem]
A verdade dizer, então quem ha-de
Falar das cousas que se desfizerem,
Das ancias, das paixões, e da saudade?

Sabei, alma dos homens, que uma triste
Feição nunca mostrastes de alta magoa,
Que muitas vezes todo um drama existe
Representado numa gotta d'agua!

ANNIBAL AMORIM.

A CIDADE INTERIOR

Redeas soltas ao pensamento, corpo lasso, distendido em febricitante calor, sonhei um sonho de vizões grandiosas, em que as coisas visiveis da realidade se misturavam com as coisas impossiveis de uma fantasia delirante.

Alta era já a noite. Eu via o céu pontuado de estrellas, outros sóes e outros mundos desconhecidos dos homens. Eu via a vida occulta, a vida calada no silencio indefinido da noite misteriosa.

De repente, surdo rumor de jovem gallo, que principia a cantar, depois um outro canto mais vibrante, e ainda outros e outros mais, té formarem o choro matizado de vozes numerosas, umas breves e alacres, outras mais morosas e sentimentaes, outras rapidas e cortantes á guisa de commando e poderio. Havia porém a saude, a alegria, nesse formoso concerto animal, que prelibava as doçuras da luz avizinhando-se nos horizontes roseos. Toda aquella animalidade inferior antegozava o sabor da pastagem livre entre as hervinhas, preparando-se para o recomeçar monotono de sua vida bruta. Emtanto, esses seres pareciam felizes, pareciam ter o instincto forte e vivo dessa felicidade compativel com a especie. Eu via que nelles pulsava um coração, e que era desse coração rudimentar que saia o hymno matinal, o hymno feliz e simples com que saudavam o retorno do sol.

Disse então a mim mesmo : vejamos o homem, o que elle faz, o que pensa agora na paz grandiosa dessa hora matutina...

Terá elle o mesmo sentimento de alegria ao começar uma nova jornada?

Nisto, o meu pensamento elevou-se rapido, e pude contemplar a gran cidade adormecida.

Eu via as ruas indolentes, ainda em repouso, interrompido apenas de espaçados ruidos de carroças. Eram as primicias da agitação humana. Carregadores rudes começavam a faina, pezadamente, emquanto tanta gente dormia ainda o somno molle da madrugada... Eram tristes, e eram cançados de um labor sem fim. Esses não tinham tempo de amar o trabalho, jamais o abandonando para restaurar as forças physicas e gozar a sensação dulçurosa do renovo. São os galés do serviço, os escravos novos, herdeiros de uma sorte acaso mais dura ainda que a dos antigos negros, cujas vidas, por isso que propriedade dos senhores, reclamavam destes algum cuidado ás vezes paternal e carinhoso.

Não eram, porém, unicos os conductores de vehiculos de toda sorte, que madrugavam no trabalho. Pequenos caixeiros de casas commerciaes; operarios de fabrica, mal dormidos, mal abrigados, mal vestidos; costureiras erradias e anemicas, residentes nos bairros longinquos : toda essa gente se movia já, somnolenta, fatigada, arrastando-se de alma fria para o serviço ingrato e doloroso. Emtanto, pouco a pouco, a poeira luminosa do sol, ainda occulto, invadia a terra, apagando as lamparinas faiscantes do azul.

Essa meia luz indecisa acalentava um pouco os corações mais sensiveis á poesia eterna das coisas; mas esse sentimento salutar não tinha tempo bastante de amadurecer, de traduzir-se num poderoso impulso para a vida.

As carroças chegavam já ao seu destino; os bonds paravam nas portas das officinas e das fabricas : e toda essa massa immensa de pobres seres, tonteantes do somno interrompido, mergulhava pelos corredores estreitos, pregando-se ao serviço nos compartimentos fechados, onde não viam mais a luz pura dos espaços livres, nem podiam sentir o halito perfumado da manhã...

Pude vêr então quantas dôres, quantos ais comprimidos enchem esses voluntarios carceres espalhados pela cidade operosa.

Havia tambem madrugadores de outra sorte, agitados por motivos diversos; que não pelos necessidades imperiosas da subsistencia.

Eram varios e, entre elles, procuradores ferozes que se postavam nas portas das avenidas, para sorprehender os inquilinos retardatarios que falliram ao alluguel, exhaustos pela molestia, pelas desgraças na familia, ou pela falta de trabalho. Eram terriveis, de sobrecenho carregado, insensiveis ás caricias da manhã, reclamando os juros do capital, vociferando injurias e vomitando ameaças de despejo ás tristes victimas da miseria, ou da iniquidade social. Eu via dentro delles a noite fechada de seus corações. Em vão subia o sól, e derramava cachoeiras de luz pelos recantos da terra. Havia trevas eternas nas almas duras.

Todavia, uma grande parte da cidade dormia ainda, ou apenas começava a dormir, depois das noites veladas nas orgias nocturnas, nos bailes faustosos, nos theatros illuminados, nos jogos vergonhosos de mil especies. E o meu pensamento via tambem a esses, em seus leitos macios, em seus sonhos tumultuosos, nos seus lugubres pezadellos, nas suas visões inquietas de um agitado dormir. Jogadores estendidos na cama viam ainda as cartas saltitantes e os parceiros anciosos : brigavam, escamoteavam, falavam, gesticulavam, contorciam-se no desespero das grossas perdas, ou desmandibulavam-se no sorriso mal comprimido das cartadas victoriosas.

Subi um pouco mais. Vi os politicos vasios de idéas, fatuos de idiota vaidade, invejosos, intrigantes, sonhando planos mesquinhos de assalto ao poder, aos cofres da nação. Alguns se viam rastejando aos pés dos ministros, outros, menos subservientes, mas não menos ambiciosos, sonhavam combates parlamentares de opposição, revoltas, conspirações, assaltos de outra especie aos mesmos instrumentos de exploração da cohorte immensa das gentes que trabalham.

E o meu pensamento desvairado deixou de contemplar essas almas negras do orgulho e do crime social. Era então uma outra especie de gente que elle via agora : os grandes industriaes e os grandes commerciantes, os agiotas, os capitalistas, os poderosos encorporadores das vastas emprezas movidas pelo dinheiro, pelas *acções*, pelos titulos de credito e por todas essas mil riquezas artificiaes, que sugam as riquezas verdadeiras creadas pela terra e pelo trabalho do homem. Eram a vasta potencia universal da grande cidade cambiadora. Em roda delles apinhava-se, como nuvem de gafanhotos, uma immensa multidão de farejadores de negocios : corretores, bolsistas, zangões, commerciantes menores e traficantes de todas as mercadorias humanas. E não eram somente estes : era quasi toda a cidade esfomeada em torno do poderoso senhor dos tempos modernos — o metal amarello e luzente, com o seu sequito de vassalos feitos de papel fiduciario. Eram os politicos, eram os ministros, era o proprio governo, eram os serventuarios civis e religiosos do Estado e da Egreja; eram os representantes da justiça, os

advogados em busca de bôas causas, os medicos á cata dos clientes ricos, os jornalistas atraz de motivos com que pudessem louvar bastante Sua Magestade Potentissima, Imperatriz das cinco partes do mundo.

Tal me parecia o mundo enorme da concurrencia, da lucta do homem contra o homem. « Retira-te, porque eu quero o logar, porque sou mais forte e te esmago. » Nessa parte da cidade, que possúe um throno e tem uma séde monstruosa, a Bolsa, o dinheiro era o deus unico, embellezando as coisas mais feias, as coisas mais degradantes e mais immundas com um simples raio de sua graça e de seu poder. Os pequenos, os desgraçados, os trabalhadores, são a carne viva de que se alimentam o rico, o industrial, o intermediario parasita e ganancioso.

E o meu pensamento turbado, prestes a diluir-se no fumo escuro dessa trafi-cancia inominada, murmurou exangue ás nuvens que fugiam apressadas : Será possivel, meu Deus, que não haja um raio de virtude, uma pequena lufada de solidaridade e amor nessa formidanda massa de habitantes da grande cidade ?

Desconcertado, triste e frio como a morte, fitava um ponto luminoso do espaço. E, á medida que o fitava, esse disco de luz se movia e vinha para mim, até que, chegando mais perto, senti um calor suave e doce segredando-me que tambem era o pensamento vagabundo de uma virgem que ardia em febre.

— Triste és, disse-me elle, porque apenas contemplas a massa bruta, a massa negra dos homens maus. Tu não és um ser real, tu és apenas uma faisca, um vapor transparente que tem agora a virtude unica de poder penetrar os corpos opacos. Olha de cima a immensa cidade moderna : aqui e ali, por entre a massa negra, vê bem que irradiam scintillações luminosas de puros corações. Olha as mãis bôas, que se curvam risonhas, ou dolentes, no berço dos filhinhos estremecidos. Vê quanta dedicação sem interesse, quanto amor se destilla de suas almas... A harmonia dos mundos se revela ahi. Uma virtude maravilhosa se evapora desses lares bemditos. E' por elles que a sociedade vive, sem arrebentar ao choque das injustiças. Olha adiante, e vê aquelle medico, aos solavancos, por cima de um tilbury, em busca dos seus doentes. A este não o move o dinheiro, é o soffrimento que o attrae e conduz. Seu objetivo é aliviar as dôres dos infelizes machucados, feridos no rude combate da vida. Por cem outros, por mil outros, que farejam as casas ricas, este só salva a classe, salva o sacerdocio e a missão sublime de curar os enfermos.

Entre aquelles mesmos negociadores, que ha pouco contemplavas, alguns existem que não são impellidos pelo interesse individual e egoista. Muitos delles buscam a fortuna e as riquezas pensando na familia, pensando nos filhinhos, aos quaes desejam dar um pouco mais de conforto, um pouco mais das commodidades necessarias á vida. E, si é certo que o fim não justifica os meios, tambem é certo que os moveis justos, os nobres fins que visa o homem, são grandes elementos para aperfeiçoar o caracter e suavizar os ardores da lucta pela vida, conforme ella se desdobra hoje pelo mundo.

Olha ainda, e verás coisas mais bellas : aquella pobre viuva apressada, que passa, vae de porta em porta modular lições de musica, com o que sustenta os orphãosinhos que deixou em casa. A sua arte é vida e é amor ; sua voz encanta, porque traduz as proprias dôres, as profundas dôres humanas que vicejam na humildade desconhecida.

Pensamento irmão, pensamento amigo, repara em outras emanações formosas que brotam do mundo : uma triste moça, que ama, e espera o noivo ingrato. Ella o sabe máu, ella o sabe perdido, e entretanto o ama apezar disso. Soffre quando o accusam e, luctando com a familia, luctando contra a sociedade, que vê nesse casamento a vergonha e o desastre, comtudo ella o ama ainda e o amará sempre. Quem sabe as forças de que o amor é capaz?... Por ventura a regeneração se fará... E o que não fez a prisão, o que não conseguiram os processos crueis da sociedade na repressão do crime, obterá o amor santo e puro de uma virgem purissima.

Olha quantas luzes brilham ainda no seio vasto e poderoso das naturezas idealistas. Curva o teu sentimento esteril e a tua razão apagada diante dos verdadeiros poetas, que cantam e amenizam a vida; diante dos philosophos vigorosos, que pensam e estudam os meios de plantar a solidariedade entre os homens; diante das almas caridosas, que vão ao catre da agonia; diante das forças radiosas da Verdade, que sobrenadam no paúl dos vicios e das paixões inferiores.

Acaso não és satisfeito ainda, pensamente louco? Que és tu sinão o fogo fatuo de um febricitante? E quererias, talvez, arrazar a cidade como o deus feroz de Moysés, que desruiu Sodoma e Gomorra... Tua febre cedeu agora: sê confiante, torna ao ninho, recupera as forças perdidas e vai viver, e vai luctar na immensa cidade operosa. Si tudo estivesse feito, não haveria luctas, não haveria o crysol onde se ensaiam e onde se robustecem as energias civicas do homem. E' porque ha trevas, que ha luz, porque ha crimes, que se destacam as virtudes; porque ha dôres lancinantes, que existem as alegrias puras da consolação; porque ha mentira e erro, que se pode obter o prazer ideal de descobrir e doutrinar a Verdade. Então, accordei. E, procurando ainda o sulco luminoso de minha doida visão, via apenas um raio de sol que faiscava entre os cabellos louros de minha filhinha sorridente.

CURVÊLLO DE MENDONÇA.

O Sineiro de Canudos (1)

Ao Dr. Asclepiades Jambeiro.

Salvador Mocambo tinha na cabeça, a palmos, o sertão de Canudos onde tanta gente suou sangue na revolta de Antonio Conselheiro. Nascera na caatinga, quasi della se não afastára. Vaqueiro fôra o pae de Salvador Mocambo, o filho seguio-lhe a profissão. Na mocidade destemperára bastante. Serenando na dansa, ralhára na viola cantigas sem fim. Puzéra ás tontas, com minéstras e denguices, muita cabocla bonita, tornando-se figura obrigatoria de quanta encamicada havia.

Déstro, forçudo, valente, um galalão, nao se repassava de sol ou chuva. Sabia das manhas das boiadas, conhecia, pelo volume da barriga, a segurança das eguas, conservando sem falha de memoria os ferros de gado do patrão e os marcos das fazendas visinhas. O vaqueiro Salvador, tal a melhor joia da fazenda do capitão Jonas Lebre, ignorante as posses proprias, pois vivia á larga na capital bahiana. Solteirão, imper-

(1) Este é um especimen da collecção originalissima dos *Contos de todo o Brasil* em que o illustre auctor revela a grande arte da côr local, da linguagem, dos costumes e das paizagens do Brasil.

tinente, gastava dinheiro com as mulheres damas, só de côr duvidosa. No fim do inverno o capitão Jonas recebia o producto da venda do gado, honestissimamente vendido pela jagunçada. O boiame do capitão progredia de anno em anno; as epizootias do *rengue e do mal triste* nao pareciam feitas para os seus touros ou garrotes.

Salvador Mocambo constituira-se o vigilante-mór da bicharada do capitão Jonas cuja unica obrigação era, consoante o habito sertanejo, conceder ao vaqueiro o quarto dos productos da fazenda. Salvador nao desejava riquezas. Bastava-lhe o sertão, os seus thesouros quando respeitados pelo vento da secca. Era dono dos joazeiros, de folhas muito verdes e flôres amarellas, como vestidos de esmeralda e ouro; sem impecilios possuia os mandarucús isolados e muito altos no centro da vegetação rasteira, torres de cathedral por sobre casas de cidade pequena; os chiques-chiques, abrindo a neve em perfumes de flôres alvinitentes, defendidas pela ponta de agudos espinhos; os saxateis cabeça de frade, os canudos de pito, que, quando juntos, pelas flôres em espigas e pennachos, lembram um exercito só de officiaes.

Salvador Mocambo adorava os sertões, amor fórte, singelo, bom. Desgracioso como todo o tabaréo, nervos afogados em preguiça, Salvador era o homem de lucta que sao todos os matutos nortistas quando um obstaculo qualquer lhes fustiga a alma adormecida, os musculos afrouxados de nativo ocio, molles como a fructa sorva, ou inquebraveis qual o ferro resistente. « Eu só tenho medo do sól » — dizia Salvador rindo; realmente o sol é o tyranno do sertão e o carrasco do sertanejo. Quando os céos choram apenas em Outubro as chuvas do cajú, será de lagrimas o verão sertanejo. Até as aves emigram na rapida trajectoria da fuga.

Um dia Salvador teve a vida povoada pela paixão. Amou e soffreu. Duiz casar e a noiva acabou raptada por um moço da cidade. O tabaréo sentio a raiva, o ciume, a affronta, bater-lhe ás portas do coroção pedindo agasalho eterno. Travou-lhe a bocca o gosto do sangue; na mente enterrou-se-lhe, á moda de prégo, a terrivel justiça da vingança. Montou a cavallo, atirou-se pela caatinga como no encalço da boiada em disparo. Alcançou o par fugitivo num sitio onde os molungús e as quixabeiras vicejavam luxuriantes á beira das cacimbas. Matou o rival, pôz nua a mulher e tocou para traz. Deixou a antiga noiva com o cadaver do amante e raptor junto dos molungús e quixabeiras, aquelles de flôres vermelhas, o sangue do assassinado, estes de fructos negros, como o luto da misera desamparada.

Correram vozes pelo sertão acerca do crime. As autoridades não se moveram, nem os matutos culparam o autor do desaggravo pundonoroso. Salvador Mocambo tornou-se porém, insociavel, taciturno, gelado em silencio torvo. Já nem escrevia mais ao capitão Jonas, deixando a um jagunçote a tarefa de communicar-se com o senhor da fazenda. O capitão Jonas mostrava-se cada vez mais amigo das crioulas de baraugandâu. Contribuia, com o aspero labor dos vaqueiros, para a compra daquelles vistosos ornamentos de prata que, sobre as camisas de bicão, as crioulas collocam á cinta nos dias de festança do Bomfim. As Venus de chamusco davam-lhe em troca a gomma variada de suas ambrosias e dos seus nectares, o vatapá, o carurú, o acassá de leite, o agurá larangiforme de arroz fermentado moido em pedra e agua adoçada, sem esquecer a misturada do bobó, com os seus ingredientes varios : feijão mendubi, agua, sal e banana da terra. O velhão do Jonas preferia taes comedorias aos embigos-de-freira, biscoutos que as mãos das sinhasinhas lhe offereciam á hora do chá n'alguma casa de cabedaes, dotes e heranças. A pesca do marido á moda de farraxo, attrahindo o peixe com a luz, era infructifera com o ricaço do Jonas cujo estomago amoroso só admittia jabá de gado preto.

Para este pandego negreiro suavam a mais não poder o Salvador Mocambo e os companheiros no sertão, agachados á beira das cacimbas ou correndo atraz das boiadas soltas, enquanto a jia do capitão Jonas, aliás bem branco, se enlodava no charco dos amores africanos, alguns cheirosos á maritacáca.

Salvador deixára de escrever ao patrão depois do assassinato commettido por elle, receioso, como desconfiado matuto, que o viessem incommodar. Chegada a época do *verde*, a feliz quadra chuvosa, Salvador sentia-se rei na caatinga onde a *bicharada ferve via*, desde as seriemas chorosas até as sussuaronas ferozes de garras promptas a pôr qualquer vivente em um bôlo de carnes. Salvador conhecia egualmente os dias de ara-

gem, as horas da medonha secca quando só o ouricury fornece a padaria sinistra dos paes de bró, pondo os ventres em fórma de tambor sem saciar a fome. Salvador não arredára pé, quasi morrera, ao grunir do vento da secca, o flagellante nordéste.

Não tinha mais um boi, nem mais um cavallo para açoutar a manguá de couro! Alimentava-se com um nada, sem o recurso da caça. Lá se armasse mundés para apanhar cascaveis, quando os ophidios descessem á busca de hypotheticos terrenos de mussuananga. Ah! se ainda houvesse uma castanha de muturi nos cajueiros! Pretendel-o, era querer a pititinga minda, que nada em aguas fartas, a rastejar pelo sólo resequido... Uma porcellana cheia d'agua valeria um thesouro. Salvador ripou rente as crinas de cavallo, poz-lhe ás ancas esqueleticãs o sino, outr'ora cheio de provisões e demandou a serra longinqua onde a mulher do compadre João Mindo sevava mandioca no tijupá hospitaleiro. O cavallo custou a subir o tombador ingreme, mas afinal sempre attingio o suspirado sitio do Mindo.

Dissipada por completo a medonha catastrophe da secca, Salvador regressou ao sertão, voltando por pequenas jornadas, saudando uma por uma, com indisivel emoçao, as plantas surgindo aos olhos saudosos: as barannas offerecendo ao viajante o presente das suas flôres em cacho, os joás apertados em moitas e os marpeiros disseminadissimos, o roxo dolente da casca das mubusanas, um mundo de ramos a occultar uma fauna das mais ricas. O canto da primeira sericoia trouxe lagrimas aos olhos rudes de Salvador. Sentio, pela primeira vez na vida, uma sensação indefinivel, agridoce, a saudade, o divino travo-gozo.

Dispunha-se Salvador a voltar de novo ás antigas lidas de vaqueiro, quando vozes de amigos entraram a contar-lhe as proezas de famoso asceta sertanejo, Antonio Vicente Mendes Maciel, o Antonio Conselheiro, que, mercê da dôr, prégava pelos sertões a fóra a redempção dos homens. No animo do vaqueiro ainda havia restos de temor pelo crime de morte praticado no desafogo do odio e do ciume, o grande espinho dos corações humanos. Começou a ruminar a idéa de limpar pelo perdão a escorralha sanguinea de sua vida. Hora a hora cresceu-lhe o desejo de juntar-se ao Antonio Conselheiro, cujos devotos alcançavam o céo.

Um dia entendeu partir para Canudos, a implorar os favores do Alto pela sua salvação. Partio. Achou em caminho gente de todos os pontos e laias, gente de Alagoinhas, Feira de Sant'Anna, Geremoabo, Bom Conselho, Simão Dias. Era mescla de tudo a peregrinação e os peregrinos. Salvador passava de continuo por patricios simplorios e bons. Acotovellava nas estradas as mais depejadas *solteiras*, vestidas de vicios, mas despidas de vergonha, e os mais terriveis clavinoteiros, réos de muitas mortes.

Chegado a Canudos, quedou assombrado ante a *belleza* da igreja nova, molle assombrosa, protesto formidavel contra a architectura e a esthetica, á margem do Vasa-Barris.

Salvador foi acolhido em Canudos com satisfação e applauso. Não tardou em ser querido na grei do Conselheiro e de seus mais temerosos asseclas: Chico Ema, Quimquim de Coiqui, João Abbade, Pajehú, Lalaú, José Gammo e tantos outros. Privou logo com Antonio Bentinho, mulato que era osso e ronha, trazendo o Conselheiro a par de quanlo se dizia e pensava em Canudos; não faltou a um só *beija*, ceremonia na qual os santos, veronicas e cruzes eram osculados, de bocca em bocca, pela multidão dos jagunços fanatisados, desencardindo a consciencia de crimes no beaterio hystero-illuminado da religião do Conselheiro.

Salvador admirava o Conselheiro com todas as forças d'alma. Acompanhara-o de longe, respeitoso, na sombra; quando o Conselheiro, por indicação de Antonio Beatinho, dirigio-lhe a palavra, Salvador sentio uma zouzeira na cabeça, quasi perdeu os sentidos.

O Conselheiro falou-lhe, duas ou tres palavras apenas, e afastou-se caxingando um pouco, vestido de azulão, a cabeça núa, as mãos grosseiras sustendo um cajado, os hombros varridos pela grenha hirsuta, o peito invadido pelas barbas grisalhas tirante a brancas, os olhos pretos nas covas das orbitas em o rosto macerado, o rosto comprido, pallido, a pallidez dos desenterrados.

Salvador nem teve tempo de responder-lhe, confessar-lhe o seu antigo crime, expor-lhe o sangue oxydado da velha culpa. Salvador raro o via a não ser nas cerimonias

do *sanctuario*, nem havia muito quem visse o Conselheiro no arraial dos bequinhos e das casas de taipa.

Depois chegaram os dias aziagos de Canudos. Cresciam as desgraças á maneira da fertil *lingua de vacca*, que todos tem e ninguem cultiva. A paisagem triste entrou a só ter echos para tiros e luctas. Antonio Conselheiro queimára, en 1893, no *Bom Conselho* as taboas que na localidade recebiam os editaes para a cobrança dos impostos decretados pelas camaras recem-autonomas da Bahia. Em Masséte, Uaná, no Cambaio, em mil encontros, cada vez mais renhidos, a jagunçada habituou-se a derrotar a *fraqueza do governo*, isto é, as forças commandadas por chefes cuja hierarchia vencida ia mostrando a importancia das derrotas legaes, o tenente Pires Ferreira, o major Febronio, o coronel Moreira Cesar, o general Arthur Oscar. Salvador prestou relevantes serviços na caatinga. A principio a voz do canhao o intimidou bastante, mas dissipou-se celere a pavida impressão. Nas gargantas do Combaio obrara proezas contra as forças do major Febronio, atirando enormes lascas de pedra « que passavam como balas razas monstruosas sobre as tropas apavoradas. «

Quando Salvador voltava a Canudos não era mais o heróe, mas o candidato á salvação, jejuava, rezava á semelhança da beata mais debil e hysterica.

Por fim a batalha foi apenas em torno de Canudos bloqueado. Salvador Mocambo assumio então as funcções de sineiro effectivo da egreja velha, funcções desempenhadas com uma ponctualidade fervorosa. Canudos tinha diante de si um exercito de quasi 6.000 homens, recebendo diariamente a visita incommoda das balas de um Withorth 32, a *matadeira* dos jagunços. Desde madrugada pelo correr do dia, o duello de morte se travava, enchendo de échos sinistros os ermos onde as arvores eram a excepção da regra triste de uma esterilidade infinita, a esterilidade das maldições biblicas. Quando a balaria da *fraqueza do governo* se tornava mais densa, Salvador ia para a torre da egreja velha. O sino badalava furioso, com impaciencias e coleras, vibrante, falando de odios surdos por todas as molleculas vibrantes do metal. Assistira Salvador ao encontro da jagunçada contra as tropas de Moreira Cesar, sempre de corda na mão, sempre puxando o velho sino para o clamor da vingança, o berreiro da revide. A casaria de Canudos fôra invadida pela gente de Moreira Cesar, o coronel *Corta Cabeças*, e o combate se travára immenso, disperso, brutal, implacavel, até as tropas legaes ficarem em pavoroso desbarato.

No meio das sangreiras vinham cahindo os crepusculos, véo de pudor sobre os mysterios da morte. Salvador trepava á torre, diluia-se no espaço o som da *Ave-Maria*, o sino entrava a tócar umas notas doces, plangentes, pacificas. Os jagunços cessavam o fogo.

Assim foi sempre, até nos dias de completo cerco do arraial. O toque da *Ave-Maria* era infallivel. Contraste singular, os canhões da Favella pareciam esperar aquelle momento para despejar sobre Canudos a mais dura colera. As pausas da *Ave-Maria* marcavam-se a estouro de granadas e schrapnells.

Na descahida da noute serena o sineiro punha a faceirice tragica de não perder uma só nota da voz religiosa do bronze até transformar a mystica *Ave-Maria* n'um signal de alarma, feroz, continuo, animando a fusilaria dos jagunços nas crinalhas das egrejas.

Toda a alma de Canudos vivia no sino e no sineiro da egreja velha. A jagunçada, rija de bronze, rezava e matava, matava quando lhe cortavam o caminho do céo alcançado nas preces e jejuns. A egreja velha, ao peso de tanta bala, mostrava enorme ventre aberto. Aluido o madeiramento, o campanario a cahir. Salvador nelle subia para o toque vespertino.

Um dia, porém, monstruoso shrapnell alargou ainda mais o escancarado ventre de ruinas do templo. O tecto saltou em estilhas, a torre desceu n'uma quéda violenta. O sino, o sino de Salvador, vôou pelos ares, badalando ainda, ainda, chegando ao sólo a tinir de raiva.

Salvador Mocambo comprehendeu o fim da missão propria. Contemplou longamente o instrumento, o fiel companheiro, inerte na terra, rezou um Padre Nosso e decidio-se a desapparecer.

De tarde, na linha de fogo, á hora da *Ave-Maria*, um tiro de Mauser varou-lhe os

intestinos. Salvador veio se arrastando, gemendo, até alcançar o sino da egreja velha. Apalpou-o, cingio-o, agonisou e morreu, abraçando sempre o velho sino, posto ao chão, entregado ao rigor de todos os silencios.

ESCRAGNOLLE DORIA.

(Dos *Contos de todo o Brasil.*)

CONFERENCIAS LITERARIAS

Coelho Netto

As Conferencias literarias instituidas no anno de 1905 por um grupo de homens de letras dos mais eminentes despertaram a attenção e a concurrencia do publico mais selecto do Rio de Janeiro. Entre os oradores contavam-se Olavo Bilac, Medeiros, João do Rio, Affonso Celso, Alcindo Guanabara, Manoel Bomfim, Pe Severiano de Rezende e a grande escriptora Julia Lopes que successivamente occuparam a tribuna.

Os themas escolhidos foram sempre assumptos geraes e faceis, leves ou graciosos, como convinham áquellas reuniões em grande parte de senhoras.

Uma das mais bellas conferencias foi a de Coelho Netto, o mais subtil dos nossos prosadores. *A Palavra* — foi o thema que desenvolveu com improvisos rasgos de grande eloquencia e belleza de imagens.

Aqui transcrevemos a noticia elegante, bella mas de certo insufficiente que da conferencia deu João do Rio:

« Um poeta comparou-a a uma chuva de ouro, e houve quem, á sahida, ao Artista chamasse de animador da Palavra. Nunca a fantasia de Coelho Netto, essa fantasia inesgotavel e rara, cujas fulgurações deslumbram sempre, se elevou tao alto e no alto pairou tão levemente. A Palavra! Era um assumpto repisado. Muito antes de Luciano de Samosata, o primeiro ironista de Alexandria, que o conferencista citou, já nos labios do homem, maravilhado, cantava a ode de arroubo pela sua propria creação. Pois Coelho Netto conseguiu ser novo, ser inedito e ser totalmente admiravel.

A sala, cheia do que ha de distincto na nossa sociedade, recebeu-o com palmas e fez-lhe no fim uma demorada ovação.

E' impossivel dar um resumo pallido da conferencia. Reflectido, o verbo de Coelho Netto perde da sua luz irradiante.

O auctor do *Sertão* dividiu a sua conferencia em duas partes: — thema e periphrase. O thema constou da recitação dos versos de V. Hugo; a periphrase, fel-a elle magnificamente.

A Palavra, começou elle. Comecemos por uma definição tomada a um diccionario: Palavra é uma voz articulada, de uma, ou de muitas syllabas, que significa um conceito ou um pensamento da alma, ou suas modificações. « Os phrenologistas, sustentando a doutrina das localisações cerebraes, abriram á Sciencia largos tramites da investigação, e Brôsa estabeleceu com precisão o centro da palavra, dando-lhe por séde a terceira circumvolução frontal do lobulo anterior esquerdo. » Temos assim a abeilheira, mas, como succede com os panaes, havemos de nos contentar com a exteriodade. Assim como não sabemos como trabalham os enxames, instillando o mel e compondo a cêra, assim ainda ignoramos como se fórma a palavra. Já devem ter notado que não venho fazer uma erudita dissertação *ad usum grammatici*, mas uma palestra ligeira, auxiliado pela fantasia que, nos assumptos mais graves, acha sempre meio de fazer entrar um pouco de sonho. No começo da nossa palestra, disse com a definição dos didacticos o que é a palavra. Interroguemos a Musa que nos espreita, quieta, envolta na tunica de azul pallido, uma capella de rosas brancas a cingir-lhe a fronte como uma vita aromal, a lyra pousada sobre os joelhos.

— A Palavra.

— A palavra é um som, é um brilho: sáe de um teclado, irradia de uma constellação. Ergue-se a musa inspirada e diz: A grande harpa humana tem vinte e cinco cordas e chama-se o alphabeto.

Quem tange esse instrumento, especie de asmocordio? — O halito de Deus e a alma. Em torno das vinte e cinco lettras gyra o grupo terebrante dos algarismos. As lettras reproduzem o Pensamento; os algarismos, as suas accumulações, imitam os titans — vão aos céos, descem aos abysmos, atravessam os seculos. São elles que nos dizem os grandes mysterios precursores dos astros e das tormentas, annunciadores dos cataclysmos, penetram o seio da terra, rasgam a venda do Futuro e, como sentinellas do Tempo, fornecem os grandes marcos da Eternidade, que se chamam chronologia — pela qual passam, cantando, as legiões da Historia.

O numero cresce como o mysterio. Com um nada, um zero, faz-se dez vezes maior: é o milagre de Tiberiade reproduzido pela mathematica.

A lettra é garrula, o algarismo é silencioso; ambos, porém, são alados. A lettra fórma a palavra, elemento feminino; o algarismo fórma o numero, elemento masculino.

Ha, porém, uma sciencia nupcial em que as lettras e os algarismos apparecem ligados, caminhando juntos para o absoluto—a Algebra...

Mas fiquemos nas lettras—atomos da palavra, poeira luminosa que nos entra na alma pelo raio de sol da instrucção. De onde vieram? Diz a lenda que foram os phenicios navegantes que as legaram aos gregos.

De onde a tiraram os pescadores da purpura? Das estrellas? das ardentias? das fórmas bizarras das nuvens? das fórmas das raizes? A lettra entra-nos na respiração—o nosso halito parece vir directamente do alphabeto: se fallamos, que é a palavra? um refluxo em que a alma canta como a sereia debruçada na curva da onda.

Ha quem affirme que ás lettras correspondem sons e côres. O conferencista acha que cada uma tem a sua expressão propria e, empregada com certo engenho, suggére. O *a* é alegre, sempre claro, sempre limpido; o *e*, austero; o *i*, vivo; o *o*, grave; e o *u*, taciturno. Não ha uma palavra formada dessa vogal que nao seja lugubre.

As consoantes são o movimento. As vogaes são, a bem dizer, o esqueleto, as consoantes são os musculos, os nervos. Os nervos são a inflexão, a alma é a idéa.

Depois Coelho Netto falla das palavras novas, das velhas, das que se transformam, dos hiatos, como o hiato *ai!* que não tem patria nem idade, das palavras estrangeiras. A sua imaginação torna-as cousas vivas, pensantes, anima-as de sentimentos, estabelece a theoria do meio transformador.

A inflexão, o timbre, é a expressão da palavra, o seu habito externo. Ha timbres sympathicos e antipathicos. Os gagos só apresentam palavras coxas; os lerdos, palavras arrastadas; os loucos, o cháos; e sobre o mudo, o artista tem phrases extraordinarias: « Provocai-o, e vereis a scentelha: a palavra está nelle encerrada como o fogo na rocha, o olhar fuzila e resplandece. E' a fulguração do verbo, a palavra sob a fórma de lume, como Jehovah na sarça do Sinai ».

Em seguida falla das palavras que, consideradas velhas, tornam a reviver e circulam hoje, da palavra adulterada, e diz: « Os glossarios são as grandes cidades verbaes onde as palavras, abairradas por lettras, esperam o reclamo do Pensamento. Entre as casas ha tumulos em que jazem os archaismos. » Depois demonstra como os povos dominados defendem e guardam o seu idioma como a religião dos maiores, pinta essa defesa no Brasil, em que os negros e os indios conseguiram introduzir uma porção de vocabulos no portuguez, e ahi, insensivelmente, arrastando o auditorio, assegura que a palavra tem o seu meio proprio. Odorifero pronunciado por um preto velho é impossivel, como é chocante o calão numa senhora de sociedade.

Falla, após, da palavra escripta, que os olhos sugam como duas abelhas, da palavra transmittida e até da palavra aerea, levada nos remigios dos pombos-correios.

A sua peroração foi radiosa, com phrases a Hugo taes como: « O diccionario é o indice de Deus. A palavra é tudo, divina ubiquidade ». E a proposito revive a scena de Miguel Angelo, diante da sua estatua de Moisés, bradando o *Parla!* em pleno delirio, emquanto a estatua se conservava muda, sem o halito essencial, o que ha de divino no homem—o dom superior.

Agora direis que vos illudi com a minha palestra, concluia Coelho Netto, que não fiz mais do que lançar bolhas de sabão ao vento. E' sina das palavras voar. Foram-se! Podeis resumir a minha conferencia e a vida nas expressões do principe taciturno: « Palavras, palavras, palavras... » Mas lembrai-vos de que a palavra é o symbolo da Creação.

Car le mot c'est le Verbe et le Verbe c'est Dieu.

A princeza de Sandalo

Costumes de music-halls

O Casino palpitava. Tantan Balty, no seu ultimo numero, dissera, com québros de olhos e perversidades na vóz, uma cançoneta extraordinariamente velhaca. A sala, sob a clara luz das lampadas electricas, accendia-se, gania luxurias. Senhores torciam o bigóde com o olhar vitreo, as damas envolviam os braços nas plumas das *boas* com um ar mais acariciador. Nós estavamos todos. Na orla dos camarotes, pintados de vermelho, pousavam em attitudes de academia, expondo vestidos de tonalidades vagas e anneis em todos os dedos as mais encantadoras creaturas da estação. Por traz dos camarotes surgiam panamás, monoculos, faces escanhoadas, bigode a Kaiser, e os *garçons* passavam de corrida levando garrafas e bandejas. Em baixo, na platéa, velhos frequendadores tomando *bocks*, reporters, caixeiros, moços do commercio batendo as bengalas nas folhas das mezas, uma ou outra mulher entristecida e a *claque*, uma *claque* absurda, berrando chamadas deante dos copos vasios, quasi no fim da sala.

Tantan Balty voltara, resfolegara, e com as duas grossas mãos no labio rubro, parecia querer beijar toda a multidão. Afinal, a campainha retiniu e o velario correu, cerrou-se sobre uma ultima graça de Tautau. Tinha acabado a segunda parte. Havia um rumor de cadeiras, de estampidos de rolha, de copos entrechocados, por todo o *hall*. As lampadas electricas tinham uma medonha trepidaçao, como se fossem grandes borboletas de luz presas de agonia a bater as azas brancas.

No camarote de bocca, solitarios e de *smoking* fui encontrar o barão Belfort e o conde Sabiani. O conde era um homem alto, de torso largo, bigode espesso. Tinha a phisionomia fatigada e flacida. Olhando o seu turvo olhar, logo me vieram á mente as coisas tenebrosas que a respeito correm. O barão, porém, contava com um ar desprendido, a historia de Tautau Balty, que elle conhecera numa bodega de Toulouse, em mil oitocentos e noventa, já velha e já gorda. Parou, sorriu : — Seja bem vinda a virtude entre o crime e o vicio...

O conde Sabiani estendeu a sua mão cheia de anneis, consultou o programma preguiçosamente.

— Temos agora a princeza Veronica. *Per dio! Quelle femme, mon petit!*

Disse isso como um obsequio, endireitou o punho, recostou-se. Usava uma pulseira de pequenas opalas com fecho d'oiro. O barao sorrira novamente, endireitando os cravos da botoeira.

— Conhece a princeza Veronica?

— A princeza? Ha de concordar, barão, que de certo tempo para cá, o Rio tem uma epidemia de titulares exoticas...

— Que quer? E' a civilisação. E quasi todas mais ou menos authenticas ! São as titulares de Byzancio, meu caro. Consulte os programmas dos casinos e as notas das jornalécos livres. Ha princezas valacas, principes magyares, condessas italianas, marquezas hungaras, duquezas descendentes de Coligny, fidalgas do Papa—a marqueza de Castellane, a princeza russa, a condessa de Bragança, a princeza Tolomei, Gladys Wright, mulher de um lord, a princeza Thrasny, todas com um titulo que lhes doura a arte e a renda. O Rio não seria cosmopolis se nao as tivesse. A grande preoccupação dessas admiraveis creaturas é convencer os amigos com documentos fartos de que são mesmo

descendentes de familias illustres, e a sociedade fica convencida porque isso satisfaz a sua immensa vaidade. Nós estamos exactamente como na corte de Justiniano, em que Theodora, dançarina de circo, era imperatriz. E isso é prodigiosamente agradavel ao burguez que paga, á turba que olha, e ao principio immacuente da belleza e da democracia. Não ha commerciante triste depois de ter pago joias a princezas. Estas formosas deuzas, que o povo admira e inveja, pozeram os brazões ao alcance de todos os labios. São as princezas de Byzancio, caro. Sagrou-as o bispo de Hermapolis.

O conde Sabiani sorriu com perversidade e litteratura.

— O barão faz a iniciação dos puros?

Belfort não respondeu. Já começara a terceira parte. O bombo dera uma pancada grossa, e os violinos da orchestra faziam uma escala de *pizzicati*, sustentados pelas longas e sensuaes arcadas dos violoncellos e do contra-baixo. O velario de purpura descerrou-se por sobre uma paysagem lunar. Os scenarios estavam tão apagados á luz de leite das lampadas, que todo o palco parecia alongar-se numa infinita brancura. Na platéa appareciam faces de homem, mulheres ajustavam o *face à main*, e a *claque* ao fundo, deante dos mesmos copos vasios, berrava :

— Veronica! Veronica!

— Faça a iniciação, meu amigo, como diz o Sabiani, faça...

Sim tutelar, ó Lua
Margem da Alegria
Onde abordam os barcos das almas puras...

Houve um trilo de flauta como um trinado de passaro, o bombo reboou, caiu num chóque de pratos, e de um pulo surgiu no meio do palco, a princeza Veronica. Era magra, desossada, com a face afiada das divindades egypcias. Sorrindo mostrava os dentes irregulares, e tinha a cor das mumias, como se a sua pélle fosse queimada por lentos oleos barbaros. Vestia meias de seda cor de carne; os pés, enluvados de branco, de tão finos e minusculos recordavam a graça dos lirios a desabrochar, e o seu corpo de serpente ondulava dentro da um estojo de lantejoulas de prata.

— E' uma creoula!

— Da Jamaica, filha de um velho rei indio.

Bizarre deité, brune comme les nuits,
Au parfum mélangé de musc et de havane
Œuvre de quelque obi...

O barão citava Beaudelaire, o barão amava!

Veronica bateu as palpebras, abriu os olhos luxuriosos, e numa reviravolta, adejou. A multidão inteira offegava, com a alma presa áquella vizão de sylphide perversa. Não era o bailado classico das dançarinas do Scala e da Opera, com violencias de artelhos e sorrisos pregados nos labios, não era o québro idiota das danças hungaras ou a choréa alacre dos bailes inglezes—era uma dansa inédita. Havia no seu meneio a graça das aves, no sorriso a volupia de um outro mundo, no lauguour com que abria os braços, o deliquio da paixão. Os grossos diamantes que lhe escorriam dos lobulos pareciam aquecer-se na sua pelle ardente; as flores, presas á carapinha de negra, aureolavam-na de desmaios de purpura. Ella fluctuava, passaro, serpente lendaria, adejando num esplendor de prata.

— Oh! barão deu-lhe agora para o exotismo. Essa Veronica é uma preta como outra qualquer, que se intitula princeza.

Callei-me porém. O barão falava, sussurrava as phrases da sua admiração.

— Como ella dança! A dança é tudo, é o desejo, a supplica, a raiva, a loucura... Ella dança como uma sacerdotisa, como uma estrella perdida nas nuvens. Tem desde o salto medroso das féras até o vôo medroso das pombas. Ha nos seus gestos a orgia sanguinaria de uma leôa e a maravilha constellada de uma ave do paraizo. Ao vel-a recorda a gente Salomé deante de Herodes, dançando a dança dos sete véus para obter a cabeça de S. Joao, deante desse ondear de vida que no ar se desfaz em sensualidades,

sonha-se o tetrarcha de Wilde, ebrio de amor « Salomé! Salomé! Os teus pés, a dançar sao como as rosas brancas que dançam sobre as arvores! »

Veronica terminara o bailado, toda ella rodopiante, desapparecida no halo argenteo do saióte, e assim gyrando vertiginosamente, com os seus dois pés finos e estranhos, parecia uma flor de prata, uma estranha parasita caida dos espaços naquelle ambiente de nevoas. As palmas rebentaram num chuveiro. Ella parou, abriu os braços, deixou escorregar vagarosamente os pés, tão de vagar que parecia ir se afundando, até que caiu no grande *écart*, a mão na testa sorrindo. O publico, porém, enervado queria mais, batia com as mãos, com os pés; as mulheres nos camarotes erguiam-se, e Veronica tornou a apparecer, fazendo gestos de agradecimento que eram como supplicas de amor.

— *Danses américaines!* disse.

E immediatamente, no miudo compasso da orchestra, o seu corpo, da cinta para baixo começou a desarticular-se, a mexer. Os pés estalavam no chão, rapidos, havia sapateados e corridas; as ancas magras cresciam, augmentaram rebolando; o ventre ondulava; aquelle corpo que fugia e avançava com meneios negaceados, confudiu-se na harmonia dos compassos em adejos. A mulher desapparecia numa exasperante combinação de sons gesticulados, de vibrações de cantharida, de crises damnadas de espasmo. Era perturbadora, infernal, incomparavel!

Quando ella acabou o barão ergueu-se rapido.

— Vamos vel-a...

O conde Sabiani que olhava para baixo, acompanhando o movimento febril da multidão, fez um vago gesto, ficou cheirando o seu cravo.

Nós descemos a escada pequena que dá no botequim. Já a orchestra tocava um fandango e a bella Carmen, uma antiguissima hespanhola de meias rubras, soltava olés roufenhos. O publico desinteressava-se. O barão parou um instante como á espera de um homem gordo, que caminhava amparado á bengala. O homem vinha conversando com dois rapazes de frack e chapéu de palha, que recuavam estendo as maos como a abotoar invisiveis inimigos e cahiam para a frente, mimando cabeçadas crueis. O homem gordo acabou por encostar-se ao balaustre, e disse sem rir:

— *C'est drôle çà!*

Um dos moços, com o collarinho inverosimilmente alto, afastou o outro na ancia de accumular as attenções e segurando a gola do gorducho, murmurou:

— Entao eu segurei o cabra...

O barão seguiu.

— São os elegantes valentes! Não acabam mais com as histoiras. Vamos ver a Veronica... Sabes que ella se perfuma de sandalo?

Seguimos para o fundo do jardim onde só havia na illuminação de nevoa, entre as arvores, duas mulheres de grande manto a conversar; subimos a entrada de sarrafos da caixa. O *regisseur*, um italiano loiro de face intelligente, comprimentou-nos com um sorriso camarario e nós fomos andando, entre creados de blusa azul e varredores. A um canto, um duo americano preparava-se para entrar em scena. A's portas dos camarins abertas, as *chanteuses* esperavam todas pintadas, as mãos nervosas. O barao bateu á porta do camarim da princeza: — *Go in...*

E nós entramos. O pequeno espaço rescendia todo a um enebriante perfume de sandalo, e havia por toda a parte uma orgia floral—rosas vermelhas, rosas brancas, catléas-crispi estendendo os tentaculos de neve, lirios vermelhos com os pistillos amarellos, angelicas, anemonas, cravos, tuberosas—e enramando a olencia desse deboche de flores, o fino desenho, a renda anemica das avencas verdes. Na redolente atmosphera, afundada no divan, envolta numa toalha de felpo, surgia a figurinha de bronze da princeza indiana, e a princeza chorava. Grossas lagrimas corriam dos seus olhos de deuza Isis e adejando as mãos ella soluçava.

Oh! my dear, sweet heart, ce chien... elle não veiu.

— Quem?

— O de hontem, aquelle de hontem. E não pagam. Dizem que é pela minha côr. Ha muitos aqui. It is very, Belfort? Mon petit, c'est vrai? Abriu os braços como uma boneca, emborcou num choro convulso:

— Malhereuse. I'm malhereurese...

Ella fallava todas as linguas da Europa numa ingenua e horrivel confusao. O barão limpou o monoculo, pegou-lhe no braço paternal e philosophico.

-- Estranha creatura, ainda continuas a te perfumar de sandalo? Ainda és o sonho enervante do Oríente, o fluido dss florestas bizarras?... Deixa lá... Acalma-te. Nao te comprehendem, pequeno idolo amado. E' como se esses homens podessem differençar o sabor que tem um licor quando bebido num maravilhoso vaso trabalhado pelos barbaros, do mesmo licor tragado em qualquer copo. Elles são homens. E tu—tu és a princeza dos sandalos...

E ficamos alli vendo a creaturinha chorar, emquanto lá fóra nos ruidos da musica, no bruhaha da multidão subia mais forte a onda da luxuria.

JOÃO DO RIO.

Silvio Romero

E' uma das mais fortes personalidades do nosso meio literario. Espirito voluvel, instavel, progressivo, dá a uma critica superficial a falsa impressão de contraditorio ou illogico ; mas, a sua coherencia e harmonia interior é mais profunda e verdadeira e será de certo melhor comprehendida quando elle tiver percorrido todo o cyclo da actividade literaria que se impoz. A somma dos trabalhos produzidos é já enorme, e a efficacia do seu influxo nas letras quando appareceu com os seus ideaes novos de critica foi tão completa que não pode ser mais discutida. A sua obra principal é a *Historia da Literatura Brasileira ;* antes d'este esforço colossal e coroado de grande exito, não havia propriamente nem uma theoria da nossa historia mental e nem sequer alguma cousa que não fossem rezenhas imperfeitas, incorrectas e feitas sem o estudo das fontes e dos documentos originaes. A *Historia da Literatura*, ainda não concluida, é um producto do interesse pela nossa cultura e não pertence ao numero das producções *indifferentes* que em geral despertam a attenção dos nossos *absenteistas*. Em certo lugar, diz a proposito, Silvio Romero :

« A mais completa indifferença pelo que é producto intellectual brasileiro aqui reina. Os poucos que têm a molestia das letras e se esforçam por aviventar o pensamento nacional ao contacto das grandes idéas do mundo culto, sem afogar esta nacionalidade nascente num pelago de imitações sem criterio, esses não sao ouvidos pelo geral do publico, occupado em bater palmas ao ultimo folhetim ou aos ultimos versinhos chegados de Lisboa ou de Pariz...

« As raizes deste desarranjo pasmoso vão perder-se no solo empedernido dos tempos coloniaes e imperiaes.

« O imperio continúou, sob um falso constitucionalismo, o velho absolutismo e a antiga myopia da metropole. Que os norte-americanos continuem a trilhar as sendas da intelligencia ingleza, é cousa que deve ser applaudida ; porque a Inglaterra *sabe pensar ;* que o Brasil continúe a copiar Portugal, é uma triste herança da historia, que todo bom patriota deve modificar e corrigir.

« Durante mais de tres seculos foi o Brasil governado por prepostos de um governo absoluto. Retalhado a princípio em capitanias, mal divididas e mal determinadas, que foram entregues a alguns aventureiros e aulicos, o que nos fez ter tambem nossa idade feudal, passou depois ao dominio directo da corôa, que tratou de segregal-o do mundo e exploral-o. Num e noutro systema o indio era considerado uma fera, que devia ser caçada ; o negro uma machina, que se devia estupidificar para produzir, o peão portu-

guez, o colono, um ente de sangue bastardo, distante do sangue azul, escravo dos fidalgos e de El-Rei, *Nosso Senhor !...* Nestas condições, as populações, as populações que se iam formando no paiz traziam a marca da origem : — a submissão.

« Nada de franquias e privilegios municipaes. A instrucção era nulla ; a imprensa prohibida; as communicações com o estrangeiro vedadas. A Inquisição florescia e os conventos abundavam ; o jesuita machinava a formação de um vasto Paraguay. As questões de justiça estavam em grande parte nas mãos dos governadores e eram, em alçada superior, decididas na metropole. No exercito, o filho do paiz não subia aos altos postos; reinava o regimen dos privilegios e exclusões.

« O povo não tinha vida autonomica, nem tinha iniciativa ; a justiça lhe era ministrada como um favor do monarcha. As sesmarias territoriaes eram concedidas aos portuguezes, que tambem monopolizavam o commercio. Na ordem puramente intellectual, a educação era jesuitica ; desenvolvia-se a memoria, com prejuizo do raciocinio. A escravidão no seio das familias veiu consolidar este complicado systema de abatimento, de alheação da vida independente. Desde o principio, toda a população dividiu-se em duas grandes classes: — senhores e escravos. Aquelles eram os portuguezes, ou seus descendentes ; os outros — os negros e os indios ! Os mestiços destas duas classes, quando livres, eram tratados com rigor ; porque se tinha em larga escala o preconceito da côr... As decadas foram passando ; e o tempo foi robustecendo esta obra da injustiça e da extorsão. Dahi saiu o imperio do Brasil, paiz de senhores, de grandes, de magnatas ; mas terra sem povo, no alto sentido da palavra ! E como Portugal foi sempre uma feitoria ingleza, nas relações exteriores nós o somos tambem, e nas internas governanos ainda o europeu com todos os seus abusos, com todos os seus prejuizos. A nossa Independencia, sendo um facto historico de alcance quasi nullo, não tendo havido aqui uma revolução que afogasse os velhos preconceitos, não nos abriu uma phase de autonomia e liberalismo. »

Tudo isto é verdade indiscutivel. Os vicios coloniaes continuam e talvez sem algumas das virtudes d'aquelle tempo. Mas, tambem, seria excessivo negar que começa e já desponta o espirito novo da autonomia e da consciencia propria. O Brasil é apesar de tudo o unico paiz do hemispherio do sul que tem vida intellectual definida.

A festa de Natal

A tradição da *noite de Natal* encerra em seu santo recato o dogma basico da nossa religião.

Na scena biblica do retabulo, simples como a do ninho ou a da florescencia, a fé vê realisada a prophecia da vinda do Messias e confirmada a crença da divindade do Christo.

A centelha fecunda, descida ao seio da Virgem na mensagem angelica, irradiou na terra nessa noite sacra e a *roza mystica* brotou o *menino deos.*

Ave Maria ! Eis ahi, na saudação do anjo Gabriel todo o poema do facto divino e a pedra angular do templo catholico. Sem a virgindade da Mãe do Redemptor, a encarnação tornaria o Christianismo um culto illogico como os ritos protestantes.

O mysticismo antigo não produzio tão casta e mimosa legenda. A *Virgem* é mais pura e mais ideal que todas as creações das lendas orientaes ; — nem o mytho da luz relampago que fecundou a Maga Dogdô da Babylonia na visão nocturna, nem o da *flor d'agua*, cujo perfume gerou o deos To no sonho virginal da nympha Lhamo-ghinprul possuem a puresa espiritual e suave simplicidade da legenda Christan. Nesta, o verbo encarna pela graça de Deos e o grande misterio se consuma como o do polleu sem consciencia da flor.

A festa do dia de natal — *natalis dies* — remonta quasi da Igreja Catholica. Instituida pelo Pontifice Telesphoro, grego de nascimento, que morreo no anno 133 da nossa era, foi o Papa romano Julio 5°, no seculo 3° (337 a 352), que a fixou no dia 25 de Dezembro.

De todas as festividades religiosas é a que mais se impõe á devoção feminina. A razão é obvia; trata-se de um recem-nascido. E desde os quinze annos, quando a imaginação começa a tecer a grinalda de noiva, — desde essa idade, em que na phrase de Victor Hugo (o grande poeta) « as asas da existencia ainda nada carregarão da vida nem sentirão o peso dos cuidados maternos » —, acha-se tanto encanto em uma creança, um menino falla tanto ao coração da mulher!

O *menino Jesus*, pois, não podia deixar de ser para ella, a imagem mais tocante da divindade. O embellezo é supremo e ainda que a fé entre menos nesse deslumbramento que o instincto da maternidade que se revela em sua alma desde a adolecencia, a adoração é de todo o seo ser e o culto indeclinavel e profundo. O proprio menino mythologico — *o amor* —, a despeito de sua gentileza e travessuras pagans, desapparece a seos olhos ao lado do pésinho descalço e da camisinha de renda do *menino Jesus*.

Foi outr'ora verdadeiramente popular a *festa do Natal* e já vão longe esses bellos tempos e com elles as ceias succulentas ao relento que nos esperavão da missa do gallo e das romarias pelos presépios.

Nessa noite, mais de uma boa velha, que tinha deitado sua gallinha preta no dia de Santa Barbara, ia escutar no ovo milagroso o primeiro pipidar do futuro *gallo musico;* e formosas raparigas, vestidas de branco e soltos os cabellos velavão detraz da porta para sorprehender, no sibilo do vento nocturno pelas fendas das fechaduras, o nome do noivo que a sorte lhes destinava.

Essas crendices innocentes passaram ou só talvez ainda existão em algum recanto de aldêa. Nas cidades, as avós e netas de agora perderão a simplicidade primitiva que caracterisava a vida patriarchal.

Em compensação a superstição já não levanta os esquadrões de feiticeiras que percorrião as ruas nos domingos e dias de festa para dizer a *buena dicha*.

A esse respeito vou narrar aqui um facto, occorrido entre nós ha muitos annos e que lembra a historia de Edipo — esse drama horrivel do parricidio involuntario.

O « Jornal do Commercio », da epoca, deo noticia delle e tirei-o de um recorte, que me proporcionou o sr. Barão do Penedo, então nosso Ministro em Londres, em um dos serões habituaes da Legação Brasileira, em que o illustre diplomata se comprazia em abrir o escrinio litterario, que guardava as preciosas notas de sua brilhante imaginação de artista.

Eis o facto :

Antonio Magalhães e sua mulher Margarida cultivavam uma pequena herdade nas immediações de Pilar de Taypa á margem do rio « Parahyba ». Seo filho unico, Melchor, moço de 20 annos e excellente sujeito, ajudava-os em seos trabalhos de campos. A modesta familia era feliz.

Melchor teve a debilidade, em uma noite de natal, de consultar uma cartomante e a puerilidade ainda maior de crer na fatidica predicção : — « Matarás teo pae e tua mãe » lhe disse a feiticeira.

Elle estremecia seos paes. Desde esse momento, seo unico pensamento, sua idéa fixa, foi partir, não tornar mais a vel-os, para evitar a toda a custa o crime, de que só a possibilidade o horrorisava.

Sem sciencia de seos paes ausentou-se do Brasil; mas tendo sido infeliz em seos esforços para ganhar a subsistencia, voltou, passado algum tempo e sempre dominado pelo sinistro vaticinio foi procurar collocação longe da paragem de sua casa paterna, na « Passagem », perto de S. João del Rei.

Mudou de nome e se fez administrador de uma Fazenda. Sua actividade, sua intelligencia e a pratica que tinha de trabalhos agricolas chamarão desde logo a attenção do Fazendeiro. Este era viuvo e tinha entre outras filhas uma de rara belleza. Maria, era esse seo nome, namorou-se de Melchor e casou-se com elle.

Durante dous annos a gentil menina o fez apparentemente feliz. Melchor não lhe confiara o segredo da terrivel predicção e evitava sempre fallar-lhe de seos paes. No meio porém da felicidade que enchia seo lar amoroso, o ar melancolico e sombrio que nublava de vez em quando a physionomia do marido, inquietava a jovem esposa, que se desvelava em destruir aquella subita e invencivel tristeza, cuja causa ignorava.

Ella reconheceo dentro de pouco tempo que a alma varonil de Melchor estava affectada de uma enfermidade mysteriosa. Redobrou de caricias, esgotou todas as delicadesas do amor apaixonado que elle lhe inspirava e a interrogação muda e continua de seo olhar carinhoso,

em vez de levar ao espirito enfermo do moço a tranquillidade perdida produzio o effeito contrario : — Melchor se converteo em um homem desconfiado e ciumento.

Por esse tempo ao velho Magalhães e sua mulher, depois de constantes e incansaveis pesquisas inuteis, o acaso os punha no caminho do filho, por informações de um preto, que o conhecia desde menino.

Os dous anciãos emprehenderão a viagem e chegarão á « Passagem » sem prevenir a ninguem. Desejavão sorprehender o filho, mas Melchor não se achava nesse momento em casa. Tinha ido vender uns animaes não longe d'alli. Era já noite.

Magalhães e Margarida se derão a conhecer a sua nora. Contaram-lhe a desesperação e a dôr que lhes havia causado o desapparecimento de Melchor. Maria os recebeo como a paes, com a mais affectuosa hospitalidade. Vendo-os cansados, lhes offereceo seo proprio quarto e cama, emquanto lhes preparava uma accomodoção especial. Como Melchor só devia chegar pela madruguda, ella recolheo-se a um pequeno aposento no interior da casa.

Pouco depois chegava o moço; vinha satisfeito; tinha feito um excellente negocio. Entra, dirige-se ao dormitorio, onde pensava encontrar sua mulher esperando-o como de costume em taes occasiões. Crê que ella já está dormindo pela escuridão que reinava no quarto. Estende a mão sobre a cama e dá com duas pessoas. Nenhuma duvida mais lhe resta — foi atraiçoado. Pucha o rewolver e faz duas victimas.

Apenas havia consummado o crime, ouvio dentro a voz de Maria, que assustada pela detonação, vinha com uma lampada, sem dar-se conta do que se passava.

A luz illuminou a scena. Melchor com um olhar comprehendeo tudo. Tinha commettido um duplo parricidio. A predicção da feiticeira estava cumprida.

O choque moral foi tão forte, que não poude supportal-o; enlouqueceo ali mesmo. — »

O leitor tirará por si a moralidade do facto. Se não fosse haver dado credito ás palavras da cartomante, semelhante desgraça não teria acontecido. Melchor sem o pesadelo que o obcecava, continuaria a ser o moço feliz e alegre que se fazia querer de todos; nem o espirito despreoccupado, engendraria os ciumes que lhe armarão o braço.

Foi a predicção que o tornou cavilloso e sombrio e preparou a acção do monstruoso crime.

BARÃO DE ALENCAR.

Rio de Janeiro.

Graça Aranha

Este nome de Aranha encontra-se na historia do Maranhão desde o seculo do descobrimento dessa região, o XVII. Dessa familia de capitães móres, governadores, soldados, funccionarios e magistrados, descende o escriptor que occupa hoje um dos mais distinctos lugares nas letras brasileiras. E della vem não por alguem daquellas categorias, mas por um jornalista que todo o Norte do Brasil conheceu e estimou no segundo periodo da formação do nosso antigo regimen politico até o seu estabelecimento definitivo — do definitivo das cousas humanas. Foi seu pai Themistocles Aranha, o conhecido redactor do *Paiz* do Maranhão, em certo memento da nossa historia o jornal mais bem feito, mais lido e mais considerado do Norte do Brasil, no tempo em que o jornalismo ainda era, sinão um apostolado, uma digna carreira, e não uma nova forma de industria.



Graça Aranha.

De propriedade e sob a direcção de Themistocles Aranha, a quem Joaquim Serra chamará de « jornalista habil, de phrase calma, substanciosa e cortez, o animador generoso dos talentos novos » durou o *Paiz* de 1863 a 1883 sendo desde 1878 diario. Como jornalista de raça, intelligencia e caracter, Themistocles Aranha ficava bem no meio dessa geração que deu ao Maranhão o seu eterno renome intellectual. Foi companheiro e camarada de Odorico Mendes, de João Lisboa, de Gonçalves Dias, de Sotero dos Reis, de Henriques Leal, de Gentil Braga, de Vieira da Silva, de Frederico Corrêa, e de tantos outros cujo talento era tanto que poude ultrapassar as raias do provincialismo e fazel-os celebridades nacionaes.

Desse homem intelligente, liberal, culto e bom nasceu, com uma dignissima senhora da familia Graça do Ceará, na capital do Maranhão, em 21 de Junho de 1869, José Pereira da Graça Aranha, o futuro autor de *Chanaan*.

Em uma bella pagina deste livro sob um claro disfarce, o filho amantissimo commemorara a memoria querida nestas palavras commovidas : « Meu pai era a propria doçura, e as imagens delle que conservo no fundo da minha pupilla são de um homem feito de sorrisos suaves e inextinguiveis; tinha uma intelligencia, subtil, e aerea, mas a pudor da audacia o entorpecia, e por isso todo o seu grande capital de bondade e de amor ficou sepultado no fundo do seu coração, e o mundo o ignorou... »

E diz mais, num trecho capital da sua obra, onde a sua fina intelligencia de escriptor se allia aos seus rarissimos dotes do coração amantissimo, como outro não conheço.

Não, não é daquelles duros cavalleiros dos tempos coloniaes, despoticos capitães-móres e governadores que procede seu espirito, aquillo a que o seu grande amigo Sr. Joaquim Nabuco chamaria « a sua formação » artistica, e menos o seu

vasto e generoso sentimento humano; esse cabedal lhe veiu directamente deste timido mas intelligente e bom jornalista de provincia, que « continha e refreiava a sua imaginação e que elle mesmo creava barreiras ao seu espirito », e da mãe, a « mulher forte » de quem elle foi successivamente o amparado e o amparo.

Foi numa atmosphera de intelligencia e amor que lhe correram os primeiros annos, e o trabalho intellectual foi o primeiro que viu. O Maranhão teve a dita e a honra de ser, num certo momento, a terra do Brazil mais povoada de homens de talento e estudo, e de o comprehender e saber apreciar. Essa gloria ella a manteve, conservando com devoção e orgulho a recordação desses tempos gloriosos, quando já elles tinham passado. Muito moço embora — pois apenas conta 36 annos, — o Sr. Graça Aranha cresceu sob a influencia deste culto da sua gloria intellectual, que a sua terra natal era a unica a ter e a ter o direito de tel-a.

Na indagação das suas origens esquecia-me apontar um parentesco que acaso explica o que na doçura da sua indole, na bondade incomparavel do seu coração, ha de revolta, de energia, de capacidade para a lucta, de acção : elle é sobrinho de José Candido de Moraes e Silva, o jornalista revolucionario da época da independencia do Maranhão, o redactor do *Pharol*, com cujo nome o povo o chrismou.

Desse seu parente, personagem famosa nas chronicas da independencia do Brasil septentrional, escreveu Graça Aranha um perfil a Carlyle na *Revista Brasileira*, onde tive a honra de o ter por meu collaborador. Não esqueçamos que foi o mesmo homem, que já então elaborava esse livro de compaixão humana que é o *Chanaan*, livro de amor e de doçura, quem numa carta publica renunciava com indignação continuar a servir, em pingue funcção, a um governo que lhe exigia a pratica de um acto repugnante ao seu sentimento juridico e moral.

Com 13 annos, concluidos os estudos preparatorios na sua terra natal, entrou Graça Aranha para a Academia de Direito do Recife, donde saiu formado em direito com 18. Até 1891 seguiu a magistratura. Neste anno casou e estabeleceu-se no Rio. Quando se aqui fundaram as faculdades livres de direito, foi convidado para professar em ambas ellas, o que fez de 1894 a 1898.

Nunca teve a pressa, a ancia de escrever que em geral caracterisa os nossos moços que se sentem dotados para as letras. Leu muito, estudou muito, cultivou de facto o seu espirito e não o ornou sómente. Reflectiu, pensou, meditou, familiarisou-se especialmente com o que, em todos os tempos e povos, se póde chamar classico. A philosophia e a arte foram as suas predilectas. A preoccupação das cousas sociaes veiu mais tarde. Os seus collegas de academia, os seus amigos, os seus companheiros de estudos faziam grandissimo caso delle, admiravam-no, estimavam-no. Mas elles se recusava á publicidade, que ainda hoje, sei de fundamento, desestima. Até a epoca em que entrou para a collaboração da *Revista Brasileira*, por mim revivida, em 1900, creio que nada escrevera si não um prefacio para o livro *Concepção monistica do universo* do Sr. Fausto Cardoso. E naquella *Revista*, de que foi um dos mais dedicados e efficazes amigos, escassa foi a sua contribuição. Em cinco annos não deu mais talvez que uns quatro artigos. Todos, porém, reveladores de um talento de primor. Um delles, e sob o disfarce de um pseudonymo feminino, que elle me fez acceitar como de uma senhora real, foi o soberbo conto que achou lugar no *Chanaan*, do casal que recolhe uma

criança abandonada, della faz a filha que lhe faltava, ama-a como tal e assiste assombrado o descobrimento por ella dos seus paes verdadeiros, uns miseraveis.

Pelo mesmo tempo, escreveu outros tantos artigos sobre assumptos internacionaes num jornal diario que pouco durou. Esses artigos foram, entretanto, justamente apreciados pela singularidade das idéas, audacia dos pensamentos e vigor da expressão. Nelles apontavam as primeiras demonstrações daquella philosophia social que acharia sua fórma em *Chanaan*.

E é toda a sua obra literaria antes deste grande livro, que, si para uns, os que tinham a ventura de conhecer o autor, era apenas uma confirmação do que delle sabiam e esperavam, para outros, a grande maioria, era a revelação extraordinaria de um escriptor de genio, como poude dizer sem favor o Sr. Joaquim Nabuco.

Imaginado, pensado, posso dizer, no Brasil, intimamente vivido no espirito do autor durante quatro ou cinco annos, este livro foi redigido em Londres onde o poeta — póde-se-lhe, sem abuso, chamar assim — se achava como secretario da missão especial para tratar com o governo inglez, da questão de limites do Brasil com a Guyana Ingleza, e publicado em Pariz pela casa Garnier em 1902.

O successo desse romance não é exagerado dizer incomparavel no Brasil, e não foi só de livraria, mas literario. Commoveu e admirou a todos que o leram. A edição primitiva esgotou-se em poucos mezes e no mesmo anno, teve segunda, que tambem se acha esgotada, devendo breve apparecer a terceira.

Chanaan trazia para a literatura brasileira, não sómente, as faceis novidades de fórmas literarias, as contrafeições mais ou menos evidentes dos processos literarios exoticos, como aqui soe por via de regra acontecer, mas verdadeiramente um novo sentimento d'arte, uma nova concepção social e sobretudo uma nova sensação da alliança intima e necessaria entre estes dous factos.

Depois de haver passado mais de cinco annos (1898 a 1904) naquella missão voltou agora ao Brasil o Sr. Graça Aranha. Cremos não ser indiscretos dizendo que assim como elle levou d'aqui na mente o romance que lá escreveu, nos vagares que lhe davam os trabalhos da Missão, assim de lá trouxe o novo livro que será aqui escripto, não duvidamos, digno par de *Chanaan*.

Para o Sr. Graça Aranha a literatura, a Arte, como elle prefere dizer, é uma preoccupação grave, quasi austera. Elle a estudou funda e carinhosamente, em todos os seus aspectos, nestes annos de Europa, chegando a esta conclusão, que, bem entendida, é a Arte a grande regeneradora da vida.

Da contemplação san de suas obras, da meditação e comprehensão das suas producções mais eminentes, quer no dominio da poesia e da musica, quer no dominio da plastica devem sair as emoções regeneradoras do espirito e do coração humano. E na sua esthetica, como já em *Chanaan* se vê, consubstanciam-se intimamente um profundo sentimento de piedade humana e da pura arte, isto é, a sensação funda das cousas, da natureza, da vida, das suas formas e aspectos exteriores e tambem da sua significação intima e mysteriosa.

E' na quasi perfeita unidade destes factos que está a superioridade dessa obra; esperamos que crescendo e desenvolvendo-se o engenho do Sr. Graça Aranha se completará na obra verdadeiramente prima que *Chanaan* nos deu o direito de esperar.

JOSÉ VERISSIMO.

João do Rio — Paulo Barreto

Ha mais ou menos dous annos, subitanea, inesperadamente surgiu na imprensa, quasi na região glacial e inerte dos *factos diversos*, e foi uma verdadeira surpreza, um talento novo, ousado, brilhante, original, não parecendo a nenhum (como não é costume nos que começam) e com uma esthetica toda exquisita e nova totalmente insolita nos arraiaes do jornalismo casmurro e inepto.

Alcindo Guanabara, mestre da sua arte, saudou ao que chegava em phrazes memoraveis.

Foi literalmente uma revelação. João do Rio (que sempre foi este o seu pseudonymo) conquistou logo um lugar dos mais altos na imprensa diaria. Os seus artigos, commentarios ironicos, *interviews*, noticias literarias e artisticas, estendiam-se pelas folhas em pannejamentos coruscantes de lentejoulas... Todo o vasto subsolo do Rio, as religiões que n'esta Babel cosmopolita consolam ou enlouquecem os homens desde o turco ao inglez, a musa urbana dos casinos e bodegas, do espiritismo, o magismo, telepathismo, todos os *ismos* em que acabam os nomes e as tolices modernas, virginaes ou syphiliticas, foram virados com a côr verde e phosphorea das cousas subterraneas para a luz solar e intensa do dia; os *candoblés*, os *forrobodós*, as *academias*, as *conferencias*, os *cabidos*, os *parlamentos*, todas as reuniões inventadas e por inventar que dão idéa da sociabilidade d'esse egoistico genero humano — acharam em João do Rio o rhapsoda e interprete, alacre, vivo, elegante, engraçado e todavia complacente, ás vezes admirativo, ingenuo e outras vezes até certo ponto *compromettedor*.



João do Rio.

Este jornalista, comtudo, é menos um homem de imprensa que um artista que desvairou do verdadeiro caminho. E' um poeta errado ou um romancista que não teve ainda coragem de guardar ineditos todos os capitulos do seu romance. E' um sequioso de ineditismos, um psychologista da multidão como só os ha nas grandes cidades, e elle por si é já um indice do que o Rio vale um Paris ou um Londres.

Sabe-se que Paulo Barreto começou ahi por uns jornaes insignificantes e obscuros que felizmente ninguem leu. Xingou e descompoz a toda a gente e elogiou os jovens amigos e maltratou os « velhos » suspeitos; tudo inutilmente.

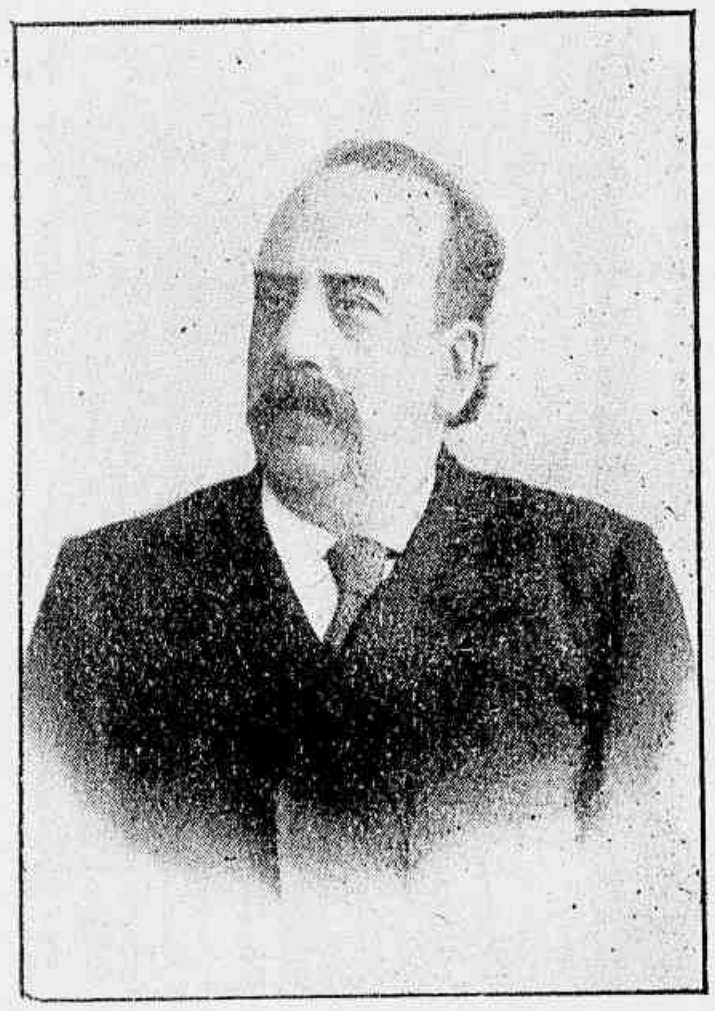
Em 1903 entrou para a grande imprensa depois de um pequeno silencio, mas d'esta vez quando já sabia lêr e podia ser lido, e então excitou os applausos que jamais se negam aos que tem o verdadeiro merito feito de solidez como elle o tem com grande relevo e em alto gráo. Passada esta phase de impaciencia, que está a acabar, o seu *Lehryahre*, como definiu Gœthe nos annos de aprendizado, elle será um dos mais notaveis dos nossos homens de letras e terá provavelmente a fortuna melancolica e triste de uma cadeira na Academia.

E então, *lauri sub umbra*, elle nos recontará no seu estylo venesiano e illuminado as bellas historias que passaram, as paixões, as alegrias e as torturas eternas d'alma que como psychologo tão finamente estuda e comprehende. O livro succederá ao jornal, a sciencia (que só ha uma que é a da madureza) succederá á curiosidade, ao movimento; a cadeira paralitica e academica forrará o muito que andaram as gambias do *reporter*. E' a unica cousa que lhe falta já : a academia ou a velhice, que tudo é um.

Mello Moraes

De todos os nossos poetas contemporaneos o que mais se approxima das fontes vivas da poesia genuina e popular, é o grande cultor do naturalismo e tradicionalismo, Mello Moraes.

Natural da Bahia, o mais rico e antigo nucleo das nossas tradições, filho do historiador que lhe transmittiu o nome illustre, passou a mocidade na convivencia de Castro Alves, Eleziario Pinto, Mendonça, Laurindo Rabello e outros que foram n'aquella epoca os vultos mais notaveis da poesia brasileira. Comtudo entre elles, tinha Mello Moraes a sua nota original que foi cada vez mais se tornando intensa, inspirada nos costumes, crenças ou superstições, na vida mesma do povo.



Mello Moraes.

Não é a sua philosophia aquelle nativismo estreito e odioso que por vezes tem ensanguentado a nossa historia; é, não obra de odio, mas de amor da patria, amor consciente, estudado, pesquizado nos veios ingotaveis que fluem desconhecidos no sub-solo da civilisação e dos costumes novos que cada vez mais se implantam com a corrente adventicia e perenne dos conquistadores da terra natal.

Mas não é só o povo o objecto do seu culto; o é tambem esta natureza tropical, exuberante, que elle descreve magistralmente em uma das suas mais bellas poesias, *Ponte de lianas* :

Eis a floresta, o valle, o ermo agreste,
Em que as aves do céo passam cantando;
O rio que de estrellas se reveste
A' limpidez da noite murmurando;
A balsa plena d'esse odor celeste,
Qual incenso que a Deus sobe voando;
Em que nas séstas, ao páo-d'arco louro,
Canta a cigarra d'esmeralda e ouro.
Além se eleva, á fonte debruçada,
A triste piassaba em seu deserto,
Como a viuva á terra abençoada,

A' terra santa de um sepulchro aberto.
Talvez, ó sim! — quem sabe? — a malfadada
Pergunte ao écho pelo ar desperto :
— Que é da tribu que vinha aqui, responde!
E o écho repercute : aonde...? aonde...?

Muitas das poesias reunidas sob o titulo geral de *Cantos do Equador* acham-se traduzidas em linguas extrangeiras e aqui popularisadas pelo canto e pela musica.

O *Bem-te-vi* foi ainda ha pouco traduzido por Hippolyte Pujol. Aqui damos a versão que embora ao nosso parecer não traduza o sentimento de languôr e as côres fortes e intensas da paysagem tropical, é comtudo uma tentativa feliz, em bellos versos harmoniosos e inspirados :

Le Bemtevi (1)

(*Mello Moraes Filho*)

Sur le soir d'un beau jour, à l'ombre du feuillage
D'un énorme manguier tout émaillé de fleurs
Une vierge des champs, brunette, en doux langage
Disait à son amant mille et mille douceurs.

Le ciel était si beau ! — Elle, tendre et rieuse,
Rappelait leur rencontre au bord du grand chemin
Un jour de grand soleil, à l'ombre d'une yeuse...
Ses lèvres s'empourpraient du plus rouge carmin.

Ses yeux s'amortissaient de langoureuse ivresse,
Quand, léger comme un trait, un indiscret oiseau
Vint s'abattre auprès d'eux sous la feuillée épaisse,
Comme pour contempler un amoureux tableau!

Et l'amant murmurait en ardeur haletante
Les plus tendres propos; les rêves les plus doux
Caressaient tout riants l'esprit de son amante...
— " Ma belle brune, si, sans obstacle jaloux,

Tu me laisses cueillir un baiser sur ta bouche,
Mon cœur te donnera toute sa passion;
Je tisserai de plume un hamac pour ta couche,
Chantant sur ma viole une douce chanson... "

J'ignore à quel mystère assista le boccage
Au premier des baisers à la vierge ravi;
Mais, elle, de pudeur, se couvrit le visage,
Et l'oisillon s'enfuit, s'écriant: « *Bem-te-vi !* »

HIPPOLYTE PUJOL.

St-Paul, 26 juin, 1905.

(1) Il y a dans la faune brésilienne un petit oiseau, une espèce d'étourneau, dont le chant ou plutôt le cri aigu reproduit, en sons bien articulés, les paroles *Bem-te-vi*, qui, en portugais, signifient : « *Je t'ai bien vu* ». Comme le nom de cet oiseau du Brésil n'a point de correspondant en français, nous avons conservé dans notre traduction le mot original *Bem-te-vi*.

Para o Cancioneiro de Ciganos compoz o grande poeta um grande numero de quadrinhas sob essa forma pequenina e mimosa, cristallisou um semnumero de pensamentos bellissimos. Hoje que se admiram aqui e em Portugal os versos de Corrêa de Oliveira, é util e é de justiça lembrar que os de Mello Moraes já os haviam precedido e com grande fulgôr. Aqui transcrevemos alguns.

. . . . . .
A arvore do amor se planta
No centro do coracão;
Só a póde derrubar
O golpe da ingratidão.

***

. . . . . .
Tenho um calix com veneno
P'ra findar minha existencia:
O calix é teu amor,
O veneno—a tua ausencia.

***

Os espinhos de uma flor
Que extremos meus cultivaram,
Rasgando-me os seios d'alma
Na ferida se entranharam.

***

Pela dôr que então senti
Triste pranto derramei,
Mas por serem de quem eram
Da ferida nao tirei.

***

Botei-me a chorar saudade
Defronte do meu jardim;
As flores me responderam:
« Cala, que tudo tem fim. »

Os ferros d'el-rei são duros,
Mas o de amor é mais forte;
Para os d'el-rei ha a lima,
Para o de amor só a morte.

***

Não nasci em palhas d'ouro,
Porém fui bem educado,
Nos desacertos do mundo
Tenho sido desgraçado.

***

Até na flores se encontra
A differença na sorte!
Umas enfeitam a vida,
Outras enfeitam a morte!

***

Sem ter vida tenho vida,
Vivo, morto vou vivendo,
Vivendo por ter desejos
Para cumpril-os, morrendo.

***

Ha uma especie de plantas
Que vingam sem ter raizes:
Assim sao certos sorrisos
Nos labios dos infelizes.

***

Mais vale a tosca palhoça
Onde nella o riso mora,
Do que palacios dourados
Onde no ouro se chora.

LIVRARIA H. GARNIER

Livros de missa

Livros para premios



Ulysses Sarmento.

ESSENCIA CAPTIVA

Deserta a alcova. Lugubre e deserto
O leito, o amado leito onde ella um dia,
Com os dedos a folhear um livro aberto,
Pouco a pouco, entre sonho, adormecia.!

Chromos, quadros riquissimos bem perto.
E aqui e alli, flôres e phantasia...
Jarros e livros em lugar incerto...
Mudo eis o leito onde ella emfim, dormia.

Nem um só de seus passos se presente.
Nem um só de seus cantos se revela.
O echo, não se ouve mais de sua fala.

Tudo desfeito, tudo! Unicamente,
Imperecivel, suave, a essencia della,
Vaga, presa e captiva nesta sala!...

ULYSSES SARMENTO.

OS ESTADOS-UNIDOS NO SECULO XX

Antes que as tres victorias japonezas — Liau-Yang, Mukden e Tsú-Shima — tivessem vibrado golpe decisivo no grande urso moskowita, muitos dos escriptores, que procuram estudar o futuro dos povos, vaticinaram para o seculo actual a ascenção ao zenith do ceu mundial de dous astros de primeira grandeza : o Imperio russo e a joven Republica da America do Norte.

Hoje, dos dous apenas um permaneceu intacto e, forçoso é confessal-o, como que procura a passos agigantados realisar a prophecia que lhe acenou com o imperio do mundo.

Nos cem annos que constituiram o seculo findo, a colonia ingleza, apenas emancipada, começou a evoluir, augmentou o patrimonio primitivo, ainda que por vezes lançasse para isso mão de meios dolosos, e cresceu até adquirir certa pujança; tratou então de impedir quaesquer tentativas de absorpção por parte das nações da Velha-Europa.

O caso do Mexico, para não citar outro, elucida perfeitamente esse ponto da historia externa dos Estados-Unidos e constitue elemento de nota de uma phase da sua evolução.

Infelizmente o celebre axioma : « A America para os americanos » aos poucos foi apresentando ligeira alteração; soffreu o accrescimo de insignificante adjuncto attributivo — *do Norte* — aliás de importancia para as outras nações do Novo-Continente. Como os demais povos entraram a padecer os americanos do terrivel

mal da « megalomania » por outros alcunhado de « imperialismo » ou « jingoismo ».

A guerra com a Hespanha foi o primeiro indicio da molestia cujo resultado immediato foi a absorpção de Porto-Rico, logo seguida do protectorado disfarçado de Cuba.

O impulso estava dado; cumpria proseguir. A occupação das Philippinas com o dramatico episodio de Aguinaldo foi o complemento necessario do triumpho sobre os hespanhóes; os Estados-Unidos deixavam de ser potencia americana e faziam a sua estreia na politica mundial. Estabelecidos no archipelago tagal e já senhores das Hawaï pareceu logica aos americanos nova pretenção que acabavam de formular : a supremacia yankee no Grande-Oceano. Puzeram mãos á obra lançando sem demora as bases do futuro imperio economico que deve preceder a dominação politica. Pedidos de concessões á China, acquisição de minas na Mandchuria, emprestimos ao Japão, taes foram os meios postos em jogo e cujo resultado, cumpre dizel-o, foi realmente auspicioso.

A intervenção de Roosevelt no conflicto russo-japonez obedeceu sem duvida ao plano imperialista confessado com a maior franqueza pelo governo de Washington quando declarou aspirar á dominação dos Dous-Mares. Ao contemplar taes audacias pasma a velha Europa, porém não protesta, antes parece acceitar a intervenção desse novo elemento como absolutamente natural. Demais esta sua attitude explica-se : o factor americano representará em breve cem milhões de almas dotadas de organisação especial, propensas á lucta e dispostas a adquirir elementos formidaveis de ataque. Por isso assiste ella impassivel ás reclamações yankees na Turquia e em Marrocos, ouve sem pestanejar as ameaças de bombardeios em terras suas, ao passo que se inclina perante as decisões da Casa Branca que arvoram os Estados-Unidos em representante directo e *unico* de todos os outros povos americanos.

No seculo actual a historia do mundo já soffreu não pequena alteração : outr'ora o *mot d'ordre* partia do Velho Mundo, amanhã nada se fará sem o consentimento da nação que banham as aguas do Meschascebê.

GASTÃO RUCH.

LIVRARIA GARNIER

BIBLIOTHECA DA INFANCIA

BIBLIOTHECA DA JUVENTUDE

BIBLIOTHECA DAS ESCOLAS

BIBLIOTHECA DAS FAMILIAS

BIBLIOTHECA POPULAR

Albuns illustrados para Creanças

ADHERBAL DE CARVALHO

Menos conhecido como poeta do que como critico e prosador é entretanto A. de Carvalho um lyrico suave e delicioso, e é esse talvez o melhor dos aspectos do seu multiplo talento que não sendo sempre lembrado porque outras manifestações para o vulgo sobrelevam esta.

Adherbal de Carvalho reuniu sob o titulo de *Ephemeras*, hoje em segunda edição, os seus poemas na maior parte lyricos, de um lyrismo quente e sensual, mas onde se sentem a sinceridade e a espontaneidade do verso, sem artificio.

E' simples, natural, meigo, ainda que uma vez ou outra ceda a qualquer influxo mais intellectual do que affectivo das escolas poeticas da actualidade.



Adherbal de Carvalho.

Leia-se, por exemplo, a *Nevrose do goso*, soneto lindamente burilado; *soneto* que é realmente uma *sonata*, como diz o poeta :

Quero-te nua, inteiramente nua,
Para beijar-te as fórmas palpitantes,
Quero unir minhas carnes delirantes
Ao teu corpinho alvissimo de lua.

E assim que beijar quero a bocca tua,
Os teus seios nervosos e offegantes,
Quero roubar-te aos olhos scintillantes
O amor que ha muito no meu peito actua.

Quero-te toda nua, inteiramente,
Ebria de amor por sobre mim cahida,
Louca de sensações e de desejos!

E eu hei de n'esse goso eternamente
Embriagar-te, talvez de mais, querida,
N'uma sonata harmonica de beijos!

Do mesmo genero são *Pubere*, *Ideal*, *Thesouro*, *Flor de Marmore* e outros.

Outras vezes um tom de philosophia serena e de melancolia sem amargor é a nota predominante como na simples quadra escripta n'um album :

Uma interrogação, de reticencias cheia,
Eis o que vem a ser a vida que passamos,
Longe do mundo que nós ambos deploramos,
E junto d'esse amor que nos seduz e enleia!...

Os proprios poetas que elle prefere indicam essa tendencia do seu espirito : Henrique Heine, Manzoni e Edgar Poe, dos quaes se encontram nas *Ephemeras* algumas traducções feitas com grande esmero. Comtudo, e apezar d'estas suas predilecções o seu espirito é mais equilibrado e harmonioso, mais optimista e jovial como os do que nada tem que temer das injustiças sociaes.

Não é a sua a esthetica do realismo crú e barbaro e rudemente real, mas é da phantasia e do sonho como a define excellentemente no seu bello sonelo *a Arte*:

A arte, querida, é uma mulher formosa,
Exposta nua em sua plenitude,
Deixando vêr a linha primorosá
De um hello corpo, cheio de saude.

A arte parece ter como a virtude
Da plangente canção mysteriosa,
Que no psalterio dedilhou saudosa
David : ethérea nota de alaúde!

Para uns, ella é inda uma promessa
Da ideal perfeição divina, e d'essa
Requintada paixão de um craneo insano,

Que quer a fórma, a côr, a linha, a vida!...
No entanto a arte é para mim, querida,
Um grande sonho do ideal humano.

HISTORIA TERRITORIAL DO BRASIL

(Felisbello Freire)

O apparecimento de um novo livro desse eminente escriptor brasileiro, offerece-nos ensejo de esboçar, em rapidas linhas, os aspectos mais brilhantes do seu talento e do seu admiravel e raro amor ao estudo e ao trabalho.

Felisbello Freire destacou-se, muito moço ainda, como fundador e chefe do partido republicano de Sergipe, seu Estado natal, do qual foi o primeiro governador no regimen vigente, prestando-lhe assignalados serviços que ainda hoje perduram, máu grado os governos deshonestos ou ineptos, que, com uma ou duas excepções, começaram desde logo a fazer a infelicidade daquella interessante circumscripção do Brasil.

Eleito espontaneamente pelos seus patricios, apezar da guerra que lhe moveram o governador de então e os antigos politicos do Imperio, fez parte do Congresso Constituinte, em cujos trabalhos tanto se destacou que foi logo chamado para o cargo de Ministro no governo do Marechal Floriano Peixoto. Emtanto, a politica não lhe tem sido propicia. A elevada consideração que, pelos seus reaes meritos, goza no seio da politica federal, é a unica força determinante de seu retorno periodico ao Congresso Nacional. Os sumarchistas, uma vez senhores do Estado de Sergipe, difficilmente admittem que sejam eleitos os seus conterraneos de talento e preparo intellectual como Filisbello Freire e Sylvio Roméro. E é assim que temos visto a representação daquella terra constituida de individualidades completamente nullas, quando aliás conta em o numero de seus filhos, além daquelles espiritos nota-

veis e de outros ainda, homens do merecimento intellectual e moral de João Ribeiro e Gumercindo Bessa.

Pois bem : Felisbello Freire, si não foi de todo ainda excluido da politica, deve-o aos momentos de crise aguda em que seus trabalhos se tornam indispensaveis; por isso, tambem, a força invejavel e poderosa de sua actividade concentrou-se de ha muito no estudo paciente e apaixonado da historia do Brasil. Mergulha-se nos archivos poeirentos, onde jazem os manuscriptos seculares do nosso passado; dias inteiros, mezes e annos, ninguem o vê sinão rapidamente, em momentos furtivos, revelando aos intimos as alegrias intensas de seu contacto com os homens que desbravaram este paiz e fizeram a sua relativa grandeza de hoje. De quando em quando, uma grande obra se revela como o fructo maduro, e cada vez mais bello, dessa como arvore do estudo, cujas raizes penetram dia a dia mais fundamente nas camadas desconhecidas da nossa historia.

São numerosos os seus livros já publicados, desde a *Historia de Sergipe* (1891) até a *Historia da cidade do Rio de Janeiro* (1902), parcialmente editada, sem falar na sua immensa obra parlamentar e no grande numero de conferencias e publicações avulsas, ou diffusas na imprensa diaria e periodica.

Pouco lhe importa o desamor quasi geral dos nossos intellectuaes pelos estudos historicos, de que especialmente se occupa. Infatigavel, sereno, a alma radiante e a consciencia intima de que presta um serviço positivo ao seu paiz, continúa ainda, continúa sempre, rejuvenescido pelo trabalho, confeccionando os seus livros e offerecendo-os ao patrimonio commum de toda a gente. Todavia, a verdade e a justiça logram conquistar os seus merecidos triumphos. Quando apparece um assumpto importante, no scenario politico e no Congresso, eil-o que surge em seus modestos, logicos e persuasivos discursos, illuminando as questões mais difficeis com o estudo vasto e completo de sua evolução historica. Não é o brilho vulgar da eloquencia que o faz ser tão apreciado : é o cunho nacional que imprime aos seus argumentos e ao modo de encarar as nossas necessidades. Todas as questões economicas e financeiras, todas as grandes questões politicas são por elle tratadas com uma proficiencia espantosa que ninguem contesta e que todos applaudem. Nas ultimas legislaturas os seus discursos assignalam-se como verdadeiros accontecimentos, triumphos incontestes da verdade e da logica, que repercutem em toda a imprensa e em todos os angulos do paiz.

Não admira, pois, que o seu ultimo trabalho tenha sido coroado do mais largo successo, não somente nesta capital, mas em todos os Estados. *Historia Territorial do Brasil*, tal é o seu titulo, o mesmo que damos para epigraphe do presente artigo. Assumpto velho, e entretanto novissimo, porque delle ainda ninguem cogitou entre nós. Grande obra em cinco volumes, tratando minuciosamente dos cinco centros de nosso povoamento e de sua irradiação pelas antigas provincias, que formam os Estados de hoje.

E' a divisão natural, obedecendo á ordem chronologica do movimento colonisador sob o impulso das causas economicas. Isso constitue uma das maiores curiosidades do livro. Nelle se vê o Brasil nascer em pequenos nucleos, ao longo do littoral, depois expandir-se pelo interior já sob a acção de brasileiros natos, de mistura com os extranhos que se votaram mais ou menos conscientemente á tarefa de desbravar os nossos sertões. E' um Brasil novo, um Brasil vivo e forte, que em

nada se parece com o que se diz nos compendios anemicos adoptados nas escolas para ensino do nosso passado.

O primeiro volume, agora apparecido, parte da Bahia e estuda as diversas linhas de povoamento ramificando-se pelos actuaes Estados de Sergipe, Espirito Santo e algumas regiões de Minas Geraes. E' verdadeiramente commovedor o espectaculo desse trabalho doloroso, e muitas vezes sanguinolento, que foi necessario desenvolver para fundar as nossas cidades de hoje, em cujo seio vivemos pacificamente, sem suspeitar, siquer, o que custaram aos nossos maiores.

« A conquista do sertão, a exploração das minas, a creação das villas e cidades, com a explicação dos factos que deram logar a essa creação ; patrimonio das camaras municipaes e limites de seus termos com as povoações confinantes; as sesmarias dos particulares; terras devolutas do Estado; seus limites com os Estados visinhos; a fusão das antigas donatarias; pleitos sobre o direito de propriedade territorial do particular e do Estado; seu patrimonio; as antigas estradas e as modernas; as antigas e as modernas industrias; as ordens religiosas e os seus patrimonios; o territorio da capital e os pleitos entre sua camara e as ordens religiosas; os bens vagos; a situação actual do direito de propriedade territorial do particular, do Estado e da União; situação actual do povoamento; os bandeirantes; evolução das questões diplomaticas sobre nossas fronteiras; economia dos municipios, dos Estados e da União. »

Eis ahi os assumptos de que se occupa o recente trabalho de Felisbello Freire. E' possivel que os nossos homens de lettras o não apreciem e estimem Nesta terra em que se fazem successivas series de conferencias litterarias, sem que uma só dellas tenha tido como thema um assumpto nacional; nesta terra, dizemos, cuja actividade intellectual assim se dispersa pelo mundo, fazendo abstracção completa do paiz em que vivemos e dos seus interesses, nesta terra tudo é possivel. Para os nossos homens de lettras, a historia do Brasil é desinteressante e aborrecida; mas os esforços amorosos de Felisbello Freire vieram desvendar a causa dessa indifferença. Nós outros não nos conhecemos : ao passo que aqui se sabem de cór os incidentes minimos da historia de França, ignoram-se vergonhosamente as paginas mais bellas e dramaticas da nossa historia. Sem duvida a *Historia Territorial do Brasil* não é um livro de versos ou de litteratura amena mas está cheia de uma poesia substancial e profunda, e dos mais possantes mananciaes para a inspiração animada de grandes obras d'arte. Não nos faltariam a nós outros motivos para o devaneio litterario, uma vez que quizessemos seguir essas *entradas*, essas *missões*, essas *bandeiras*, de cujos lances dramaticos Felisbello Freire nos dá tão suggestivas amostras, apezar de se manter no ponto de vista economico e historico. Devemos-lhe, pois, esse veeiro de ouro e brilhante, que nos desvenda a todos. Os governos, os Estados, os municipios, os homens praticos, seguindo a trilha por elle restaurada, podem cavar verdadeira e realmente o ouro e o brilhante escondido nos roteiros; mas as naturezas sonhadoras e idealistas, os espiritos anciosos de arte e litteratura, ahi acharão tambem o ouro e o brilhante, quiçá mais finos ainda, de tragedias immensas que tiveram por theatro este proprio paiz onde vivemos hoje.

Escrevendo estas rapidas linhas, não temos outro objetivo que não seja este muito simples : tributar uma homenagem ao trabalho, ao trabalho infatigavel e

sem preço, no paiz classico do parasitismo e da preguiça intellectual. Desconhecel-o neste homem, que a elle se tem votado durante mais de vinte annos de pesquisas laboriosas, parece-nos uma iniquidade sem nome, contra a qual protestará o futuro, assim como já hoje protestam os espiritos de justiça que o conhecem e o leem.

CURVELLO DE MENDONÇA.

A America Latina [1]

Por Manuel BOMFIM.

A casa Garnier acaba de publicar, com este titulo, um livro do Dr. Manuel Bomfim, cujas idéas urge propagar de toda a fórma, porque encerram a verdadeira e unica solução de um complexo problema social relativo ás nações sul-americanas. São 430 paginas macissas, de observações e deducções rigorosas e logicas, enxertadas de uma preciosa documentação e animadas por um largo sopro de vida e por uma audacia antes honesta que bellicosa.

Aqui faço, cumprindo um dever de americano e de brasileiro, um escorço dessa obra, sob todos os pontos de vista admiravel.

E' opinião corrente na Europa que a America latina é um agremiado de populações incapazes, antipathicas ao progresso, de uma inactividade morbida, rixentas e aventureiras, exploradas por administradores deshonestos; nações, portanto, predestinadas á ruina e á decadencia e que jamais poderão sair do estado de barbaria em que vivem. Amparada por taes convicções, a Europa prevê o momento em que se tornará indispensavel a sua intervenção, na apparencia para arrastar esses povos a melhores destinos, mas realmente para delles fazer uma presa magnifica.

E se ainda o não tentou ostensivamente, a America latina o deve, até certo ponto, aos Estados Unidos. Mas esse momento poderá chegar, mesmo com o consentimento formal ou tacito da grande nação saxonia. Esse juizo dos publicistas europeus não erra, de facto, emquanto considera as nações latino-americanas deploravelmente atrasadas; mas claudica na interpretação dada a esse atraso e é ameaçador, pelas conclusões a que chega.

As causas attribuidas pelos « estadistas de vista curta » ao terrivel mal que afflige essas sociedades são antes symptomas do que causas. O auctor propõe-se a estudar as verdadeiras causas da quasi paralysia dessas nações, situadas em territorios riquissimos, com todas as condições de progresso e cultura. E como estudar o problema é indicar-lhe a solução, deduzirá das premissas as consequencias naturaes, definirá as necessidades reaes desses povos e indicará o caminho para a resurreição.

(1) Este livro *A America latina*, cheio de ideas (de algumas das quaes se pode talvez discordar) fecundo em verdades e suggestões é um dos mais bellos fructos da nossa cultura mental. Seria desejavel que fosse vulgarizado por todos os paizes latino-americanos.

Os phenomenos de parasitismo biologico são em grande parte os mesmos que os de parasitismo social.

Ha similitudes, divergencias e singularidades nos effeitos produzidos em um e outro caso. A theoria é conhecida : o parasita torna-se tal quando, apoderando-se de uma presa, passa a se nutrir exclusivamente della, desprezando os habitos de trabalho, abstendo-se de toda actividade que não seja a necessaria para extrahir do parasitado o seu sustento. Essa abolição quasi completa das funcções normaes leva-o á atrophia e á degeneração.

O parasita degenera; o parasitado definha e se enfraquece, quando não morre. Mas o parasita social pode, volvendo á vida activa que levava anteriormente á sua condição parasitaria, regenerar-se; e o parasitado, liberto da sucção permanente de todas as suas forças vivas, chegará, embora tardiamente, a retomar a marcha normal da sua evolução.

Ora, este é justamente o caso da America latina em relação ás suas metropoles (e num detalhado exame da historia iberica, o auctor acompanha as phases da influencia de Portugal e Hespanha sobre as nações sul-americanas). Primeiro, da educação guerreira e depredadora dessas metropoles — onze seculos de guerra constante, de rapinas e saques — educação derivada das constantes invasões dos seus territorios pelos carthaginezes, romanos, wisigodos, vandalos, alanos, suévos, arabes e sarracenos : depois, o *parasitismo heroico*, a ancia de abocanhar o mundo e devoral-o, « porque se habituara a viver exclusivamente do fructo das conquistas, porque não sabia fazer outra cousa senão guerrear; porque cultivara intensamente por onze seculos os instinctos guerreiros e aggressivos, e guerrear se tornara para os homens uma necessidade organica... » (pag. 59); finalmente, a transformação do parasitismo, de depredador em sedentario : senhora de ricas presas, a Iberia se dispoz a devoral-as. Dessa transformação sedentaria resultou a degeneração das metropoles, ainda hoje verificavel á mais ligeira inspecção.

Sobre as sociedades sul-americanas os effeitos do parasitismo são geraes e especiaes. São effeitos geraes (porque são communs aos organismos biologicos) : o enfraquecimento do parasitado, a obrigação a este imposta de prestar ao parasita certos serviços accessorios, além do encargo de nutril-o; a adaptação do parasitado á nova condição. São effeitos especiaes os que consistem : *a*) na *hereditariedade e educação* — conservantismo, a rotina sob todos os aspectos, impotencia para observar, mania das formulas livrescas, incapacidade radical para estudar a natureza e os factos naturaes e achar as soluções que convenham aos problemas sociaes ; *b*) na *tradição e imitação* — o Estado, uma simples machina de perceber tributos, tal qual as metropoles, corpo alheio e superior á nacionalidade, opposto mesmo ao interesse social, tradição que se tem mantido até hoje, apezar das transformações politicas que têm occorrido; *c*) *reacção contra o Estado metropole* — tendencia ás revoltas e ás soluções violentas, determinada pela oppressão da metropole, que só ante essas explosões cede dos seus propositos extorsivos, tendencia que ficou no caracter das novas sociedades; *d*) *remanescentes da metropole* — com a repulsa organisada pelas colonias, os parasitas abandonaram a presa, mas a estas ficaram agarrados os *colchetes* e *ventosas* do parasita, e o papel destes agentes foi sempre o de se oppôr no primeiro momento a toda tentativa de independencia; essa resistencia teve duas phases — a reacção aberta ao movi-

mento de emancipação e a escamoteação desse movimento pelos reaccionarios, que por fim a elle adheriram e se lhe puzeram á frente, para se aproveitarem da obra dos radicaes e affeiçoal-a aos seus interesses.

Os vicios de organisação das novas sociedades foram amplamente explicados e discutidos nos capitulos anteriores; o caracter essencial de taes sociedades deriva dessas causas primarias, mas outros elementos concorreram para a formação desse caracter, tal a influencia das raças indigena e africana e os effeitos do cruzamento. Não é de grande importancia esse factor. « Reduzida, porem, como é, não se pode desconhecer a influencia dos selvagens — pretos e indios. Pelo que vem dos africanos, elle se exprime por uma certa affectividade passiva, uma dedicação morna, doce e instinctiva, sem ruido e sem expansões.

O indigena americano, quanto a qualidades positivas, se caracterisa por um amor violento á liberdade, uma coragem physica verdadeiramente notavel e uma grande instabilidade intellectual, direi mesmo instabilidade de espirito. » (Pags. 271 e 272). Dessa mescla de factores heterogeneos constituindo o caracter dos povos sul-americanos primitivos — portuguezes e selvagens — o typo resultante é isso que se vê — producto logico de taes factores.

Os eternos pronunciamentos das nações latino-americana — conflicto perpetuo entre os espiritos liberaes e o elemento refractario irreductivel — é uma revivescencia das luctas anteriores. Só ha um meio de transformar essas luctas materiaes em combates de idéas : diffundir a instrucção, fazer o povo interessar-se por um ideal, liberto da influencia nefasta da caudilhagem e da fradaria. Uma aggressão estrangeira a nações assim desapparelhadas para a vida é cousa possivel; mas a resistencia será feroz e muito difficilmente seremos conquistados : povos que se habituaram mesmo a um simulacro de independencia não se sujeitarão nunca a um retorno humilhante a uma fórma inferior de existencia. Depois, as nações sul-americanas têm todo o direito de aspirar a uma evolução normal e hão de chegar ao fastigio da civilisação desde que se supprimam os obstaculos que lhes impecem a marcha. O parasitismo enfraquece o parasitado, mas não o faz degenerar. Estes povos são aptos ao progresso e, em verdade, têm progredido até hoje, muito lentamente, se quizerem, mas, em summa, progredido.

Em conclusão : « é triste a condição em que nos achamos... Soffremos neste momento uma inferioridade, é verdade, relativamente aos outros povos cultos. E' a *ignorancia*, é a falta de preparo e de educação para o progresso — eis a inferioridade effectiva; mas ella é facilmente curavel. O remedio está indicado. Eis a conclusão ultima desta longa demonstração : a necessidade imprescindivel de attender-se á instrucção popular, se a America se quer salvar. » (Pags. 398 e 399). E' preciso, é indispensavel a diffusão da instrucção, sem a qual não ha povos aptos á felicidade; sem a instrucção, não ha mesmo progresso material.

E' um dever de honra dos governos, o supremo dever, interessar-se pela instrucção, disseminal-a em todas as classes, por todos os meios. Nem pode haver liberdade sem educação. « A liberdade não é nem o arbitrio, nem o capricho; a liberdade é o direito no individuo de achar elle mesmo o modo de conduzir-se e de entrar em accordo com os seus semelhantes. E' por isso que não pode haver liberdade sem instrucção, onde o individuo aprenda a conhecer-se a si proprio e

ao meio dentro do qual vive, e conhecer tambem os recursos de que possa dispôr. » (Pags. 414 e 415).

Que todos aquelles que têm uma parcella da auctoridade moral e intellectual, as almas verdadeiramente generosas e fortes, se dirijam aos governantes, delles reclamando a realisação desse ideal. « Voltemo-nos para a acção fecunda, demos á vida toda a nossa actividade, e ella nos levará para o progresso e para a victoria, como leva a arvore para o alto e para a luz. » (Pag. 429.) São as ultimas palavras do livro.

Ao lado do eixo principal que procurei representar nesse resumo inexpressivo ha assumptos parallelos, abordados pelo auctor com alta capacidade de analyse.

FROTA PESSOA.

Rio, junho de 1905.

O Riso

O homem é um animal que descobriu o fogo, dizem os anthropologistas; o homem é um animal que faz uso de instrumentos, affirmam os ethnologos; o homem é um animal que raciocina, escrevem os metaphysicos; o homem é um animal que reza, pregam os theologos; o homem é um animal que troca, doutrinam os economistas; o homem é um animal que ri, entendem finos humoristas, profundos pensadores, insignes philosophos, Aristoteles, Kant, Schopenhauer.

E o homem não sómente ri; mas é o ser unico que provoca o riso.

Nota Henry de Varigny que as coisas inanimadas, e da mesma sorte os animaes, não fazem rir. Sómente o fazem, quando lembram o homem, a elle se assemelham pela fórma ou gesto, ou reproduzem os traços da acção humana.

Eis por que o macaco é sempre objecto de riso, lembrando o homem pela sua physionomia, gestos e acções.

Se não se póde affirmar em absoluto que o riso seja exclusivo do homem, tambem não se póde negar que elle o torna superior aos outros animaes.

Rabelais, Molière, Voltaire, rindo com elegancia, graça e espirito, prestaram maior serviço á humanidade do que todos os philosophos, moralistas e pensadores, porque o homem é um animal comico, que não se corrige senão á custa de muita gargarlhada.

Donde provem o riso?

Variam as opiniões, mas todas ellas podem reduzir-se a duas principaes.

Uns dão como causa do riso a crueldade; outros a bestidade humana.

Mas nos parece que não ha razão para attribuir o riso exclusivamente a um ou outro motivo, desde que o homem é um animal tão cruel quanto tolo.

O que se nos afigura exacto é que o riso é menos uma consequencia da

crueldade ou da tolice do que um poderoso instrumento de selecção na lucta pelo desenvolvimento esthetico, moral e social.

Em toda a escala zoologica nota-se que o macho é superior em belleza á femea, ao passo que a mulher leva vantagem ao homem no ponto de vista plastico e esthetico.

Assim como o homem por processos exclusivamente seus, soube tirar da eglantina a flor, que é uma obra prima de fórma, brilho, côr e perfume, a mulher pela força unica do riso pôde elevar-se a esta creatura divina, alem da qual não existe coisa alguma de superior.

Nota Theodoro de Banville que nada igualha a sensação produzida por estas tres palavras — uma mulher bonita.

Foi o riso a escada mysteriosa, pela qual a mulher tocou á suprema perfeição.

A mulher, vinda do pó ou da lama, póde adquirir riqueza, forma, espírito, póde possuir carruagens, diamantes, adoradores, póde attrahir os olhos, os corações, os desejos; mas se ainda provoca o pequeno sorriso ironico dos elegantes, é que lhe falta alguma coisa.

O riso não é sómente o mais expressivo e gracioso dos movimentos esthenticos; desempenha ainda efficaz funcção social, prevenindo, impedindo, corrigindo faltas sem gravidade, pequenos desvios que escapam á acção da justiça.

Assim é que o livro mais precioso e fecundo para a humanidade tem sido D. Quichotte, do immortal Cervantes, que soube rir e fazer rir á custa das miserias e ridiculos do homem, o mais vaidoso, hypocrita e incongruente dos animaes.

ARTHUR ORLANDO.

LIVRARIA H. GARNIER

ROMANCES DOS MELHORES AUCTORES NACIONAES E ESTRANGEIROS

Livros de jogos e adivinhações para as noites de reunião da sociedade brasileira

SORTES DE CARTAS, DE PHISICA, DE PRESTIDIGITAÇÃO

Correspondencia amorosa.

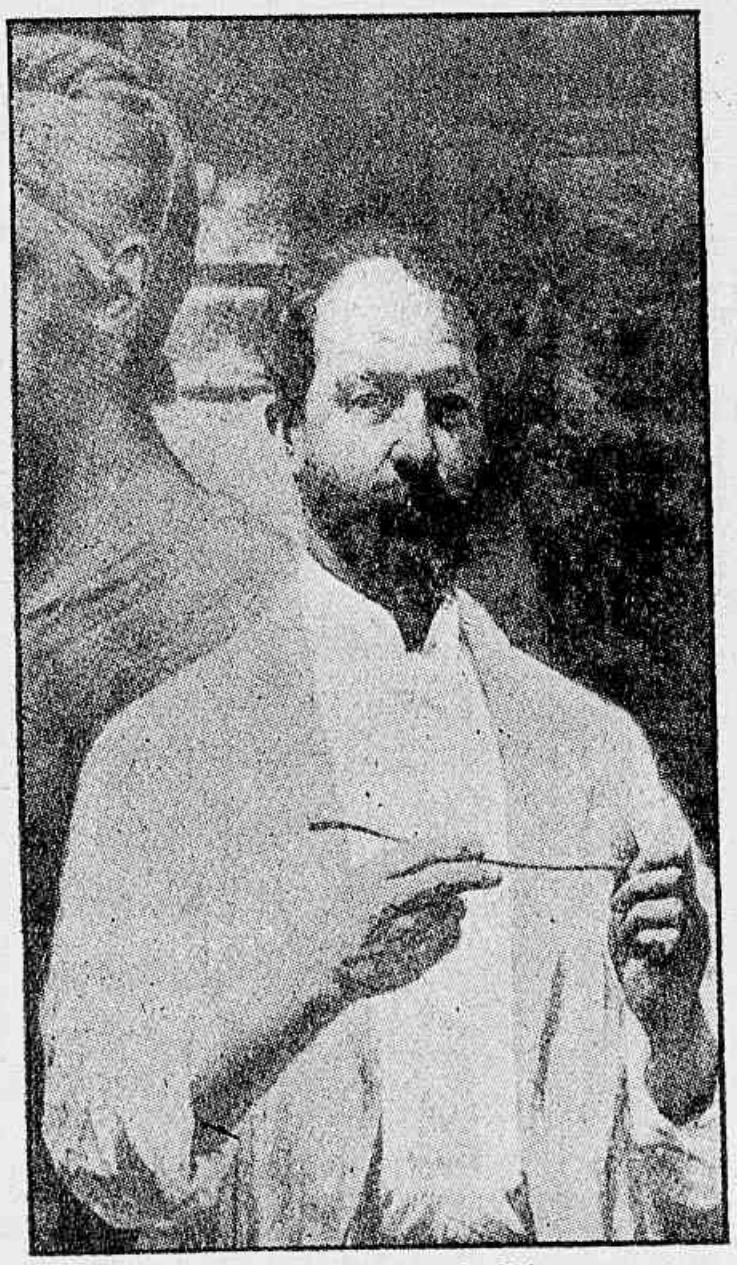
NOTABILIDADES



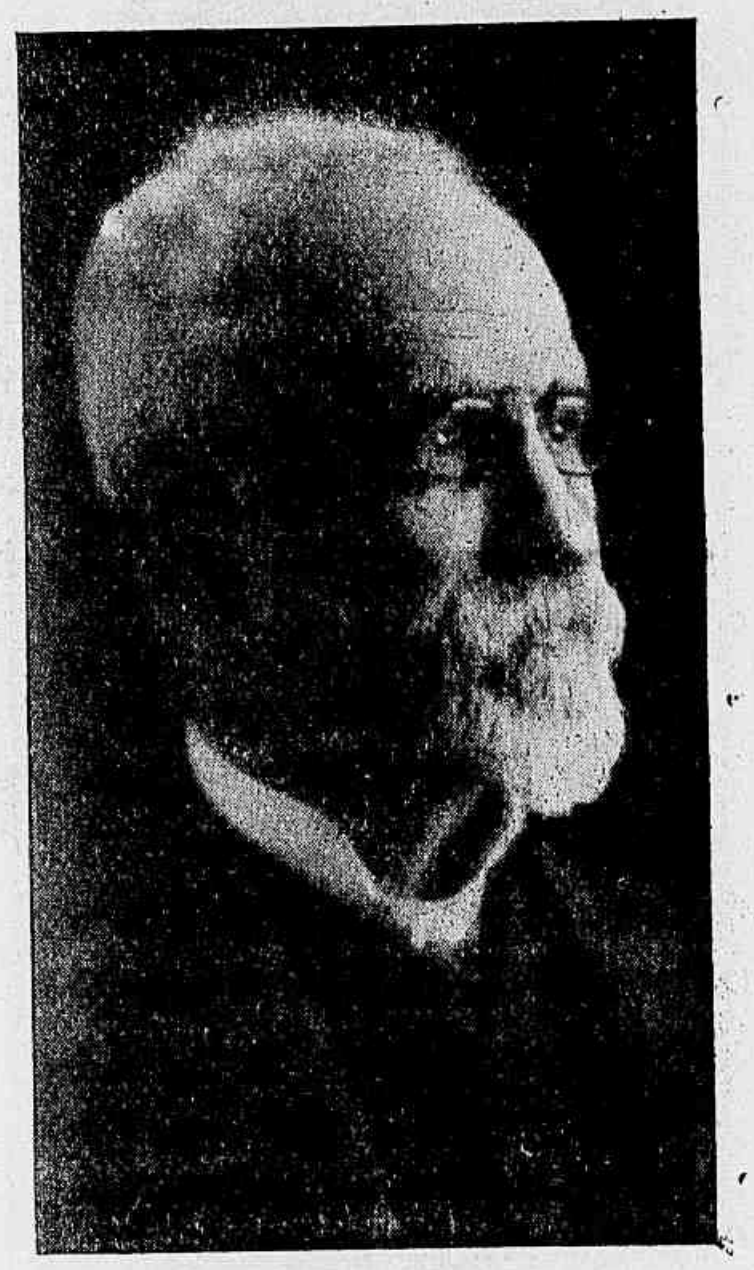
Barão de Stuart.



Almeida Junior.



Rod. Bernardelli.



Fortunato Duarte.



Martins Junior.



Alfredo de Carvalho.



(*Photographia artistica de Silvio Bevilacqua.*)

AS DUAS PIANISTAS HELÉNA E SUZANA DE FIGUEIREDO.

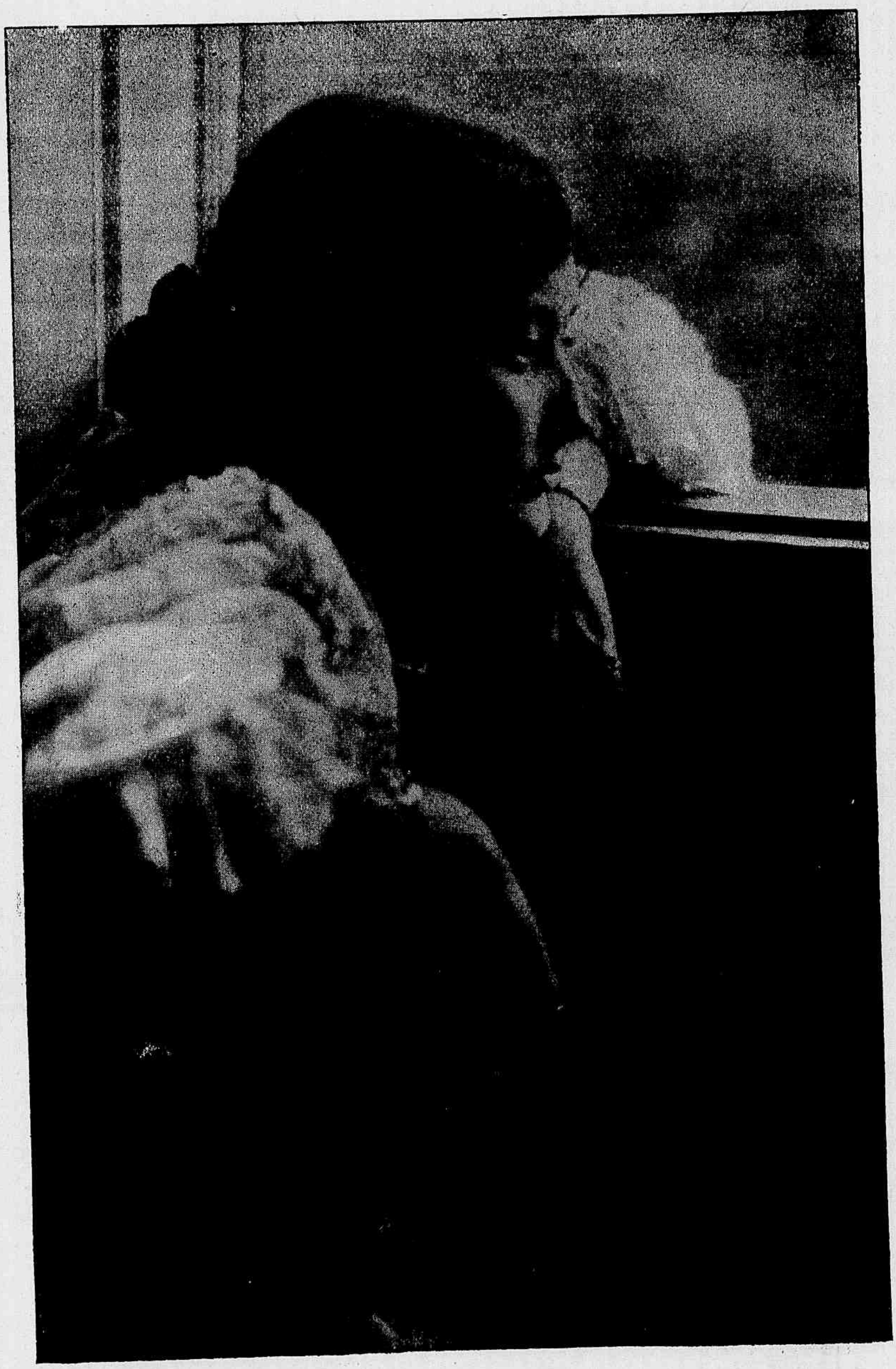


(*Photographia artistica de Silvio Bevilacqua.*)

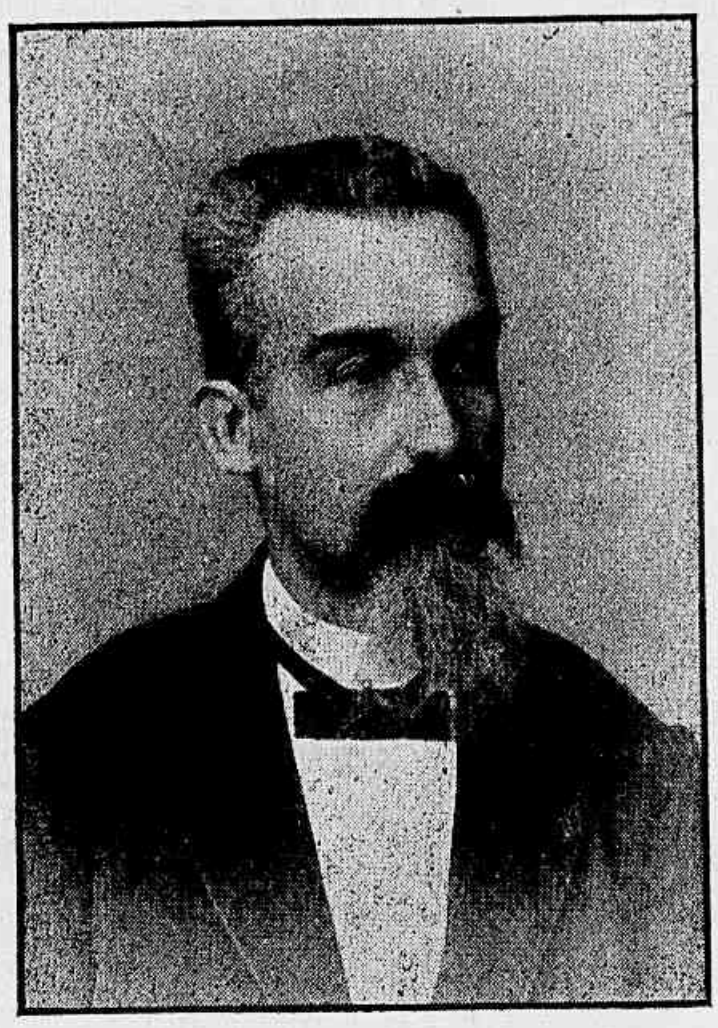
FÉ, ESPERANÇA E CARIDADE.



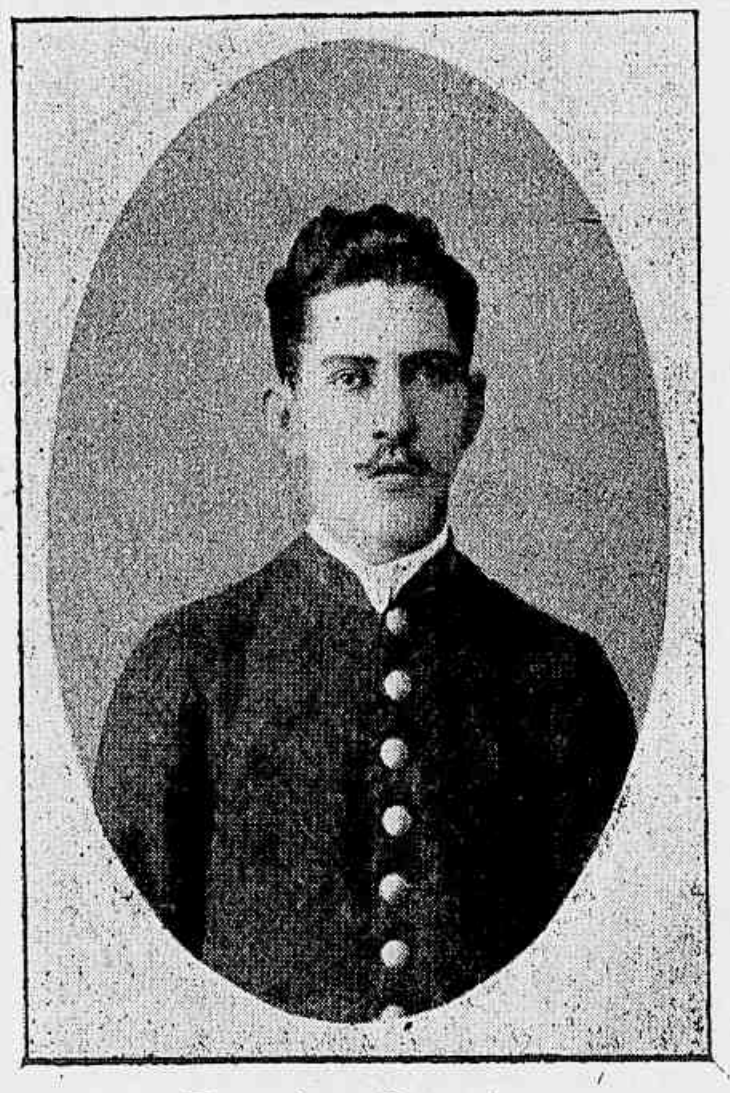
A morte de Virginia. — Quadro de A. Parreiras.



MELANCOLIA.



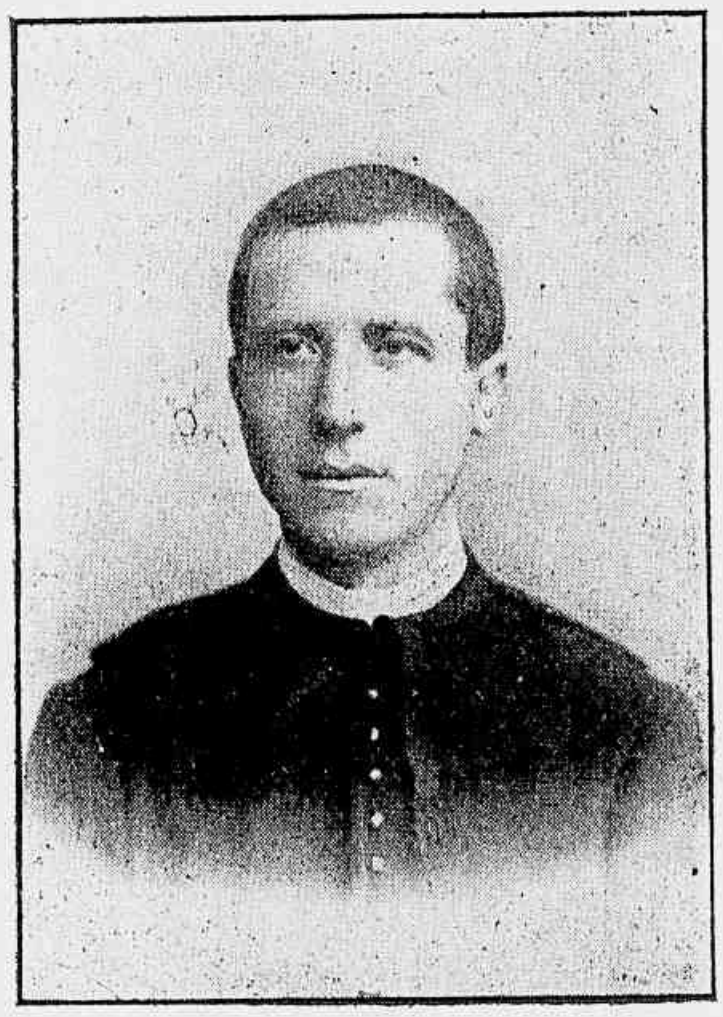
Dr. Freire da Silva.



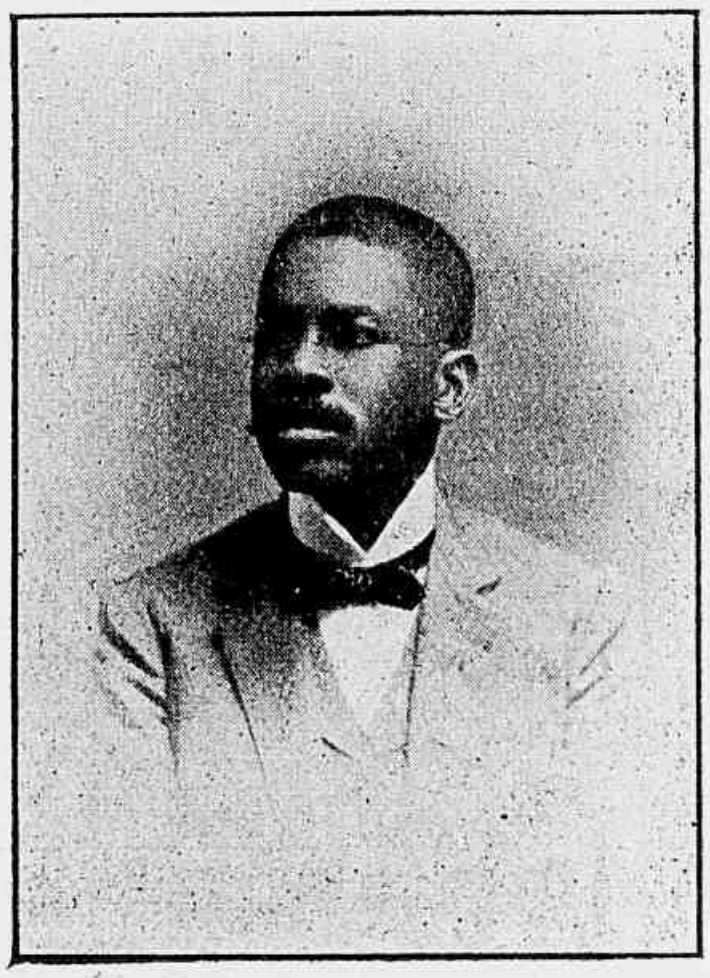
Francisco Barreto.



Gonçalves Dias (esculptura de B. Berna).



Padre L. Zanchetta.
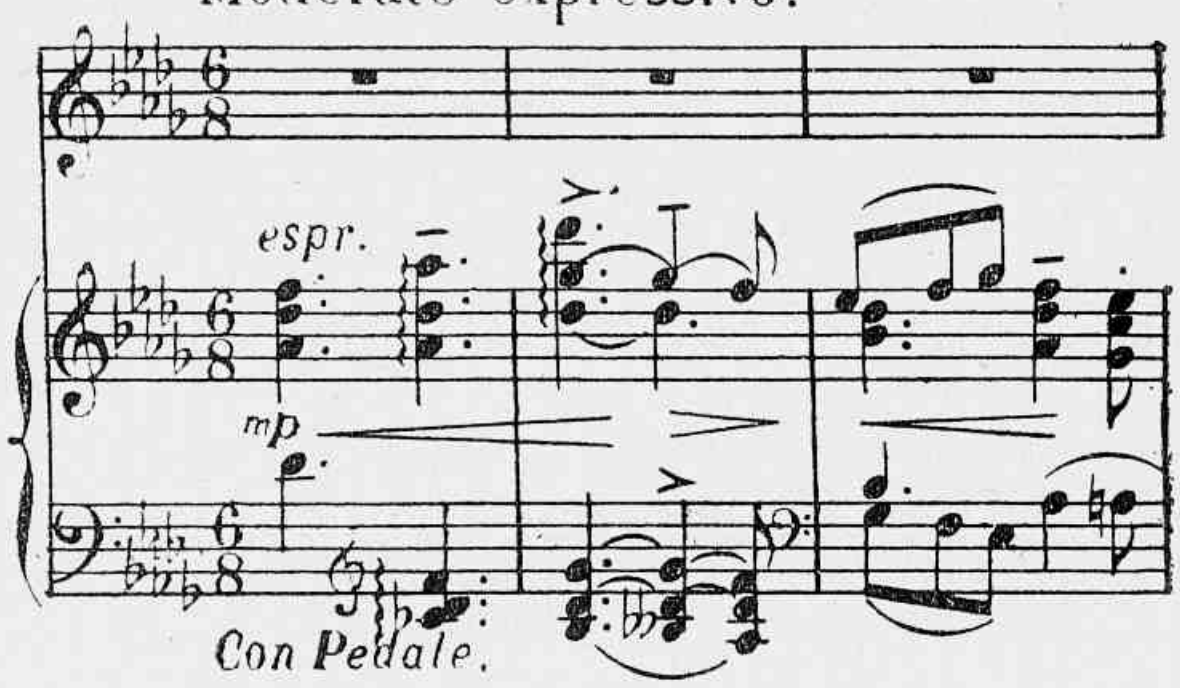


Hemeterio dos Santos.



Dr. Felisbello Freire.



Moderato expressivo.
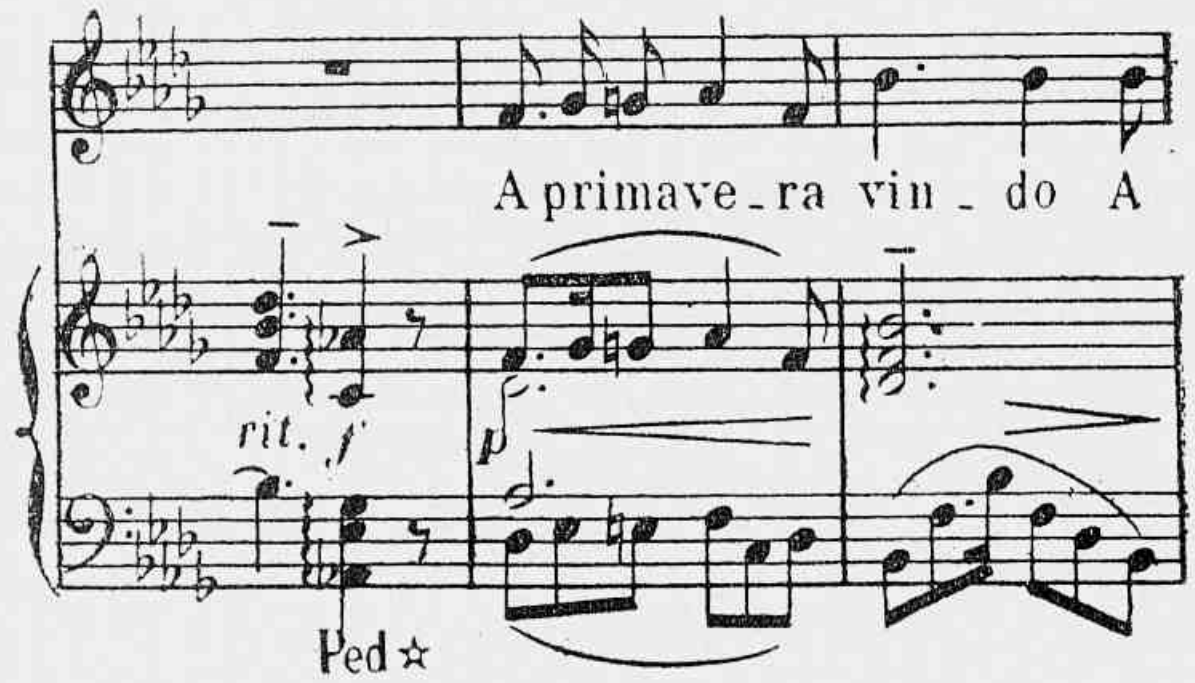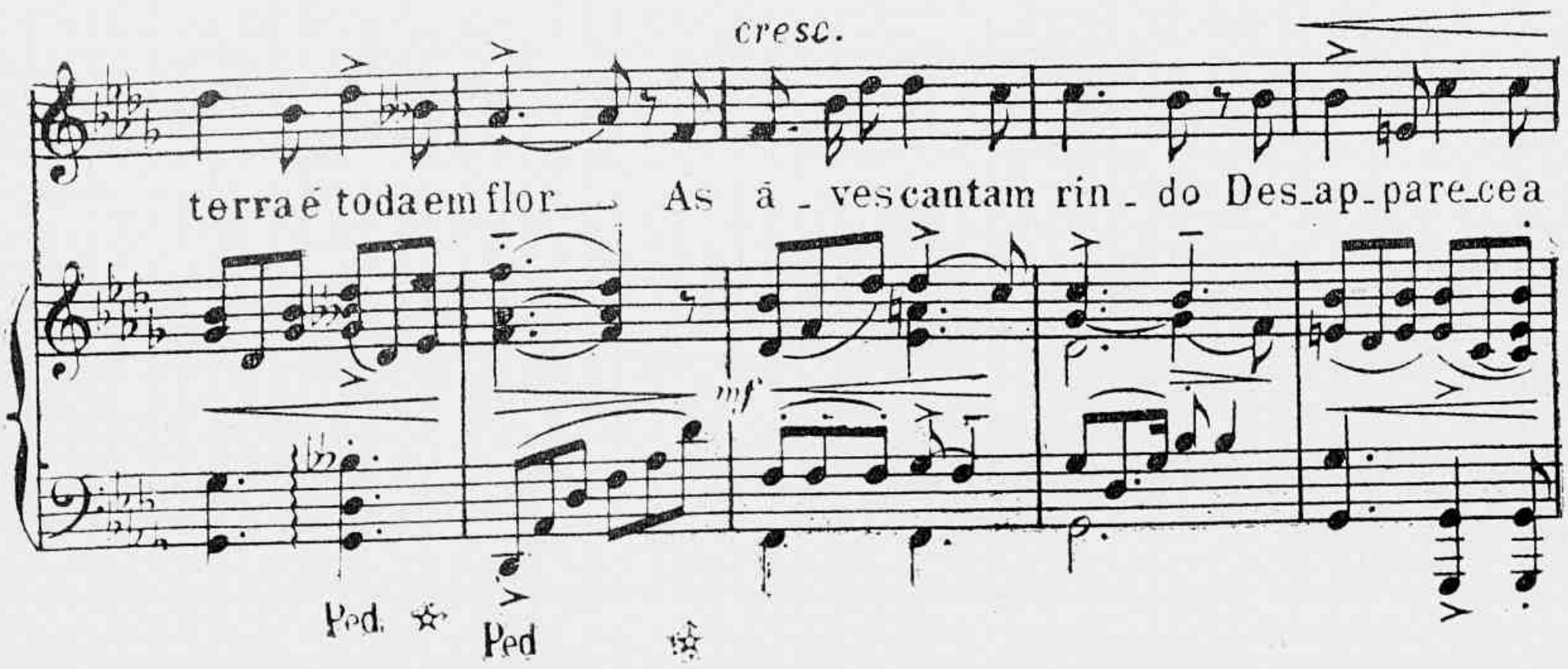


A PRIMAVERA
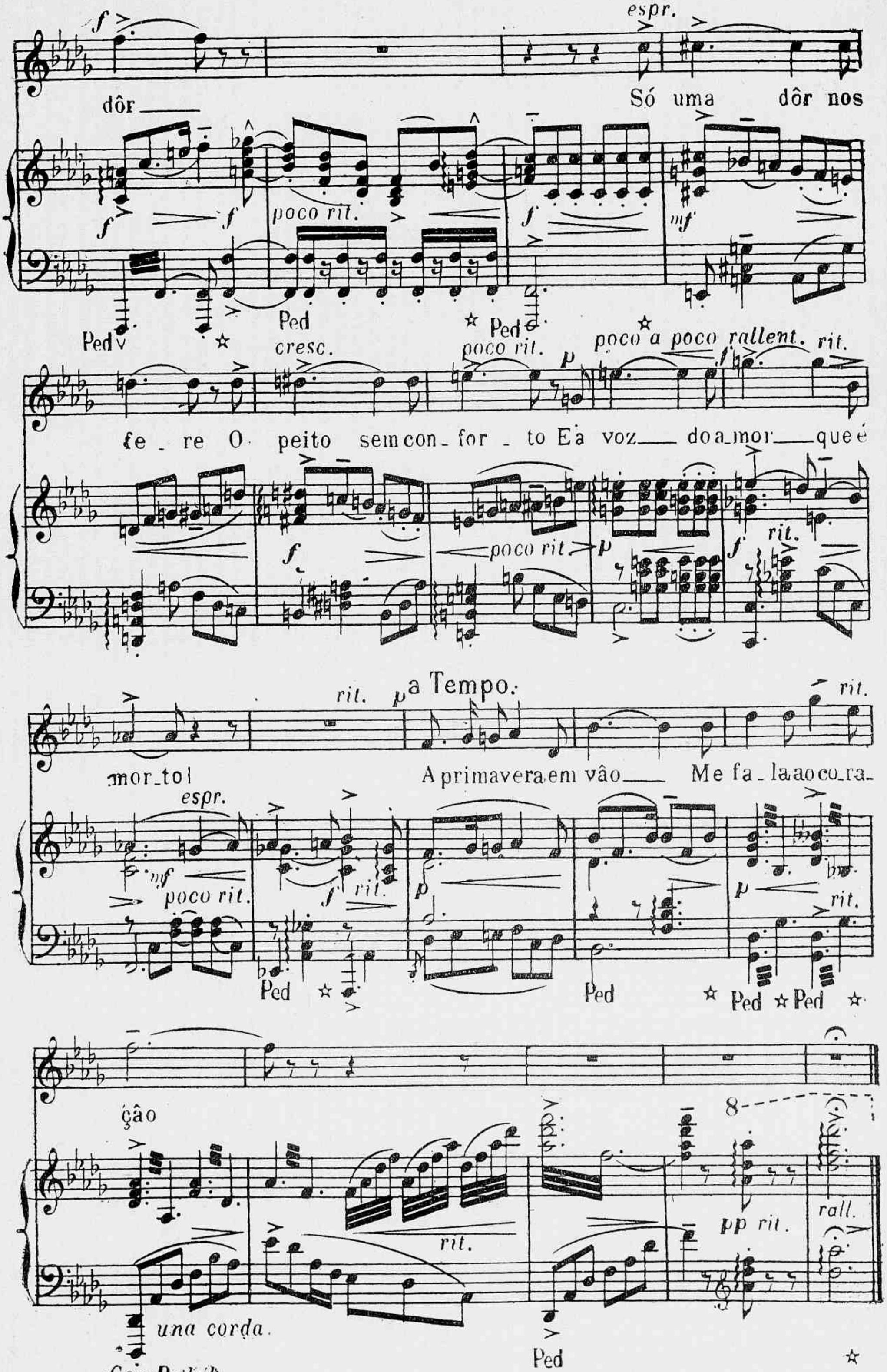
(A Silvia Bevilacqua)

Poesia de JOÃO RIBEIRO

Musica de FRIED VON WICKEDE






dôr
Só uma dôr nos
fe re O peito sem con for to E a voz do amor que é
mor tol
A primavera em vão Me fa la ao co ra
çâo
Con Pedale
una corda.
poco rit.
cresc.
poco a poco rallent. rit.
a Tempo.
espr.
rall.

QUARTA PARTE

O ANNO POLITICO

Brasil — 1905

— No dia 13 de Janeiro o presidente do Estado de Sergipe decretou a substituição dos impostos interestadoaes.

— A 14 foi prorogado o estado de sitio nesta capital e na cidade de Nitheroy até 16 de Fevereiro, prendendo-se esse facto ainda aos acontecimentos de 14 de Novembro de 1904, a que nos referimos no *Almanaque* do anno passado.

Na mesma data foi sanccionada uma resolução legislativa mandando desapropriar a casa onde residia o marechal Deodoro no momento da proclamação da Republica.

Ainda nesse dia o Supremo Tribunal decidiu que os civis implicados nos acontecimentos de 14 de Novembro fossem julgados pela justiça ordinaria e os militares no fôro militar.

Finalmente ainda é dessa data o decreto de nomeação de um embaixador do Brasil em Washington, a qual recahiu no Snr. Dr. Joaquim Nabuco de Araujo.

— No dia 20 de Janeiro foram definitivamente resolvidas as questões sanitarias da Republica Argentina com o Brasil.

— No dia 6 de Fevereiro foi aberto o Congresso Estadoal do Paraná.

— A 7 foram assignados os decretos mandando observar nas eleições federaes as instrucções mencionadas na ultima reforma a e dando regulamento a essa reforma.

— A 8 o Dr. Augusto Montenegro tomou posse do cargo de governador do Pará.

Na mesma data foi prorogado por mais 30 dias o estado de sitio nesta capital e em Nitheroy.

— A 7 de Março reune-se a 1ª sessão preparatoria da camara dos deputados de Pernambuco.

— A 10 foi aberta a assembléa estadoal de Matto-Grosso.

Na mesma data o 2.º procurador seccional interino deu promoção nos autos do processo relativo aos acontecimentos de 14 de Novembro opinando pela pronuncia dos Drs. Alfredo Varella e Vicente de Souza e Snrs. Luiz Pinto de Andrade e Arthur Rodrigues da Silva.

Ainda nessa data o conselho geral de investigação sobre os referidos acontecimentos despronunciou o alferes e um brigada do 20.º de infanteria, pronunciando 82 officiaes de diversas patentes.

— A 11 foi assignado em Paris o contracto de um emprestimo municipal do Pará no valor de 1 milhão esterlino.

— No dia 12, na capital da Bahia, a folha de egual nome publicou um editorial apresentando a candidatura do Dr. Ruy Barbosa á presidencia da Republica.

Nesse mesmo dia o juiz seccional da 2.ª vara julgou improcedente a denuncia contra o Dr. Vicente de Souza e procedente quanto aos accusados Dr. Alfredo Varella, Pinto de Andrade e Arthur Rodrigues Silva.

A 14 o presidente da Republica recebeu solemnemente as credenciaes do embaixador dos Estados-Unidos, Snr. David Thompson.

Em data de 15 foi assignado em S. Paulo o contracto da ratificação do emprestimo para a compra pelo governo da Estrada de Ferro Sorocabana.

— No dia 16 foi convocada por decreto a Assembléa Estadoal de Sergipe.

— A 15 foi sanccionada pelo presidente do Estado do Paraná uma lei creando um instituto commercial.

— A 21 de Março realisou-se uma manifestação publica de estima ao presidente da Republica, Snr. Dr. Rodrigues Alves.

— A 22 iniciaram-se em diversos pontos da Republica os trabalhos da nova qualificação eleitoral.

— Em data de 1º de Abril o Supremo Tribunal indeferiu um pedido de *habeas corpus* em favor do Dr. Lauro Sodré.

— A 7 foi installado o Congresso Estadoal de S. Paulo.

— A 17 abre-se se o Congresso Estadoal de Alagoas.

— Em data de 25 de Abril foi aberto em sessão extraordinaria o Congresso do Amazonas.

— A 26 o Supremo Tribunal militar resolveu declarar mais uma vez competente a jurisdicção militar para processo e julgamento do Dr. Lauro Sodré. Annullou a nomeação do conselho de guerra, declarando que cumpria fosse convocado outro cuja composição obedecesse aos principios legaes.

A 27 inaugurou-se em Florianopolis a exposição estadoal.

— A 5 de Maio realisou-se em Goyaz a reunião da duplicata da Camara dos deputados. O Senado, segundo noticias da imprensa, constituiu-se com senadores diplomados pelo presidente do Estado sem formalidade de reconhecimento. A opposição retirou-se.

— Em data de 6 de Maio o Supremo Tribunal, tomando conheci-

mento dos recursos interpostos pelo Dr. Alfredo Varella e outros e pelo 2.º promotor seccional do despacho da 2.ª vara, que pronunciou o Dr. Alfredo Varella e outros e despronunciou o Dr. Vicente de Souza, pronunciou todos os réus como incursos na pena do art. 115 do Codigo penal.

— A 29 accentua-se um movimento politico em S. Paulo, declarando-se uns a favor da candidatura do Dr. Bernardino de Campos, outros do Dr. Campos Salles para a presidencia da Republica.

— A 3 de Junho o Congresso opposicionista de Goyaz proclamou presidente do Estado o Snr. senador Joaquim de Souza. O Congresso governista elegeu o Snr. Rocha Lima.

— A 5 foi lançado em Londres o emprestimo de 3 milhões esterlinos para as obras do porto do Rio de Janeiro.

— No dia 1º de Julho foi aberta a Assembléa Estadoal do Ceará.

— No dia 3 o Congresso Constituinte paulista approvou em 3.ª discussão as emendas ao projecto da nova Constituição.

— A 14 de Julho o Estado do Rio Grande do Norte fixa com o Banco da Republica a negociação de um emprestimo.

— Em data de 18 é approvado em 3.ª discussão o projecto de reforma da Constituição do Ceará.

— Na mesma data o presidente do Tribunal de Justiça do Estado de Goyaz declara não se reconhecer competente para decidir da legitimidade do governo do Estado. A' vista disso, 3 desembargadores dissidentes elegeram um novo presidente do Tribunal.

— A 15 é lida na Camara dos Deputados Geraes uma mensagem do presidente da Republica, submettendo á apreciação do Congresso nacional o caso politico de Goyaz.

— No dia 25 teve imponente manifestação em S. Paulo o Dr. Campos Salles, de volta de Caxambú. O orador official apresentou-o candidato á presidencia da Republica.

— No dia 26 partiu para o norte de Goyaz o coronel Frederico Lemos, constando que elle ia constituir governo fora da capital.

— A 25 foi lido no Senado um telegramma do Snr. Rocha Lima, de Goyaz, communicando que a opposição, ali, desistira de formar governo.

— A 29 o Supremo Tribunal negou deferimento ao pedido de *habeas corpus* solicitado em favor do general Olympio da Silveira, do coronel Lauro Sodré e outros militares implicados nos acontecimentos de 14 de Novembro.

— No dia 30 foi eleito presidente do Estado de Sergipe o dezembargador Guilherme Campos.

— Em data de 31 encerram-se os trabalhos do Congresso Estadoal de Goyaz constituido pela opposição.

— A 1.º de Agosto é installada a Assembléa Legislativa do Estado do Rio de Janeiro.

— Em data de 3 é assignado em Paris o contracto definitivo de um emprestimo contrahido pelo Estado do Paraná.

— A 18 é publicado no Rio de Janeiro um manifesto do Snr. Dr. Campos Salles em que elle explica por que concordou com a apresentação da sua candidatura á presidencia da Republica e agora desiste.

— A 1.º de Setembro foi eleito governador do Maranhão o senador Benedicto Leite.

Na mesma data é publicado o manifesto dos procuradores dos partidos que constituem maioria na União, apresentando candidatos á presidencia da Republica o Snr. Dr. Affonso Augusto Moreira Penna e á vice-presidencia o Snr. Dr. Nilo Peçanha. Entre os signatarios figura o Snr. Dr. Ruy Barbosa, que tinha sido apresentado candidato á presidencia pelo Estado da Bahia.

— No dia 2 foi sanccionada pelo presidente da Republica um acto legislativo concedendo amnistia a todos os implicados nos acontecimentos de 14 de Novembro.

— A 6 foi approvada em 3ª discussão a reforma da Constituição do Estado de Matto-Grosso.

— Em data de 7 installa-se o Congresso Legislativo do Estado do Pará.

— No dia 11 é installado o Congresso Estadoal do Espirito-Santo.

Na mesma data é sanccionada pelo presidente da Republica a resolução do Congresso approvando os actos praticados pelo governo durante o estado de sitio.

— A 25 a Assembléa Estadoal do Espirito-Santo declara, por 12 votos contra 10, haver base para a accusação do presidente do Estado e iniciação do seu processo.

— Em data de 12 de Outubro realisou-se no Casino Fluminense um grande banquete politico offerecido aos Snrs. Affonso Penna e Nilo Peçanha, candidatos da maioria á presidencia e vice-presidencia da Republica.

O senador Joaquim Murtinho, falando em nome da colligação que assentou na escolha dos dois candidatos, manifestou idéas no seu conjunto accordes com as que, usando da palavra em seguida, apresentou o Snr. Dr. Affonso Penna no seu programma politico. Nesse documento o candidato da colligação não se mostra partidario da revisão constitucional, nem da prompta conversão da moeda papel. Declara-se favoravel ás tarifas aduaneiras de razoavel protecção á industria nacional; á facilitação das communicações internas pelo aperfeiçoamento dos

meios de transporte; ao fortalecimento da nossa marinha mercante; aos melhoramentos de portos; á attenuação dos effeitos das seccas nos Estados do nórte, devendo-se proseguir nas obras para isso destinadas; á reorganisação do Banco da Republica; á acquisição de meios apropriados para o concerto dos nossos navios de guerra, á completação das obras de melhoramento encetadas na Capital Federal, etc.

— A 13 do mesmo mez de Outubro, o Dr. José Marcellino, governador da Bahia, quando desembarcava na cidade, foi alvejado por um homem do povo, que lhe desfechou pelas costas 2 tiros de rewolver. Um feriu o sacro, o outro o parietal esquerdo. Os ferimentos foram julgados leves.

— Em 28 tomou posse do governo do Estado da Parahyba o Snr. Walfrido Leal, 1.º vice-governador, por ter o Dr. Alvaro Machado renunciado ao cargo, sendo candidato ao Senado Federal.

— No dia 8 de Novembro dá-se a sublevação da guarnição da fortaleza de Santa-Cruz, sendo assassinado pelos rebeldes o major Digno Freire da Silva.

A 9, os soldados revoltosos, tendo satisfeito a sede de vingança que mantinham contra o 2º tenente Pedro Fernandes Torres, que descobriram refugiado num esconderijo, e assassinaram barbaramente, renderam-se ao coronel Dantas Barreto, commandante das forças legaes em operação.

— No dia 14 abriu-se o Congresso bahiano em sessão extraordinaria, para tratar das finanças do Estado.

— A 6 de Dezembro a imprensa noticia o grave facto de terem alguns officiaes e marinheiros da canhoneira allemã « Panther », alta noite, em Itajahy (Estado de Santa-Catharina), invadido mais de uma casa de particulares em diligencia policial, e por fim haverem prendido e levado para bordo um individuo de nome Steinhoff, subdito allemão.

— A 7 o embaixador do Brasil em Washington agradeceu aos representantes das Republicas do continente americano a escolha que unanimemente fizeram da cidade do Rio de Janeiro para lugar da reunião do 3.º Congresso Internacional Americano em 1906.

— A 8 começaram as negociações entre o governo brasileiro e o da Allemanha relativas á questão da canhoneira « Panther ».

A Questão Peruana

A 10 de Janeiro de 1905 foram assignadas as ratificações do accordo brasileiro-peruano de 12 de Julho de 1904. Esse accordo fixou as bases para a discussão diplomatica entre os dois paizes e o *modus vivendi* a que se devia obedecer emquanto a questão não fosse derimida. Por convenio assignado na mesma occasião creou-se um tribunal arbitral para julgar as reclamações de particulares a respeito dos conflictos que se deram nestes ultimos annos no Alto-Purús e no Alto-Juruá entre Brasileiros e Peruanos.

No dia 1° de Agosto de 1904 no Rio de Janeiro começou a discussão diplomatica entre o Snr. Barão do Rio Branco, nosso ministro das relações exteriores, e o Snr. Sevane, ministro do Perú, sendo este depois substituido pelo Snr. Larrabura Unánue, nas mesmas funcções. Em vez, porem, de encerrar-se no prazo marcado, isto é, no ultimo dia do anno de 1904, a discussão ficou adiada e até o fim de 1905 ainda esperava sua solução.

A vista disso, por notas de 11 e 13 de Novembro de 1905, trocadas em Lima, foram prorogados até 31 de Maio de 1906 o *modus vivendi* no Alto-Juruá e no Alto-Purús e a neutralisação dos territorios do Breu e de Catay.

A 8 de fevereiro de 1905, sua santidade o Papa autorisou o Nuncio Apostolico residente no Rio de Janerio, monsenhor Tonti, a aceitar a nomeação de membro da comissão arbitral que se devia reunir para cumprimento do convenio de 12 de Julho, tendo o Brasil e o Perú assentado na escolha do illustre prelado para exercer as funcções de terceiro membro e sobre-arbitro. Foi nomeado nosso representante o Dr. Gastão da Cunha, deputado federal nesse momento, ficando como arbitro por parte do Perú o seu respectivo ministro, Snr. Larrábura.

O tribunal devia reunir-se seis mezes depois da ratificação do convenio; mas assentou-se por fim na sua abertura para 15 de Janeiro de 1906.

De conformidade com o art. 9° do accordo, constituiram-se duas commissões mixtas para fazerem um reconhecimento rapido do Alto-Purús e do Alto-Juruá, sendo nomeados para chefes da primeira o engenheiro Euclides Cunha e da segunda o coronel Belarmino de Mendonça, tambem engenheiro militar.

A 19 de Outubro de 1905 o Dr. Euclides Cunha dava por terminada sua commissão, estando tambem quasi a findar a do Alto-Juruá.

A Questão do Acre

Para satisfazer uma clausula do tratado de 17 de Novembro de 1903, foi organisado em Petropolis, no começo de 1905, um tribunal arbitral brasileiro-boliviano para julgar de actos administrativos e de factos occorridos nos territorios permutados.

Por parte do Brasil são seus membros: como arbitro o Dr. Gastão da Cunha; como secretario, o Dr. Graça Aranha; como advogado, o Dr. Heraclito Graça. Pelo lado da Bolivia: como arbitro, o Dr. Romero; como secretario, o Dr. Mendez; como advogado, o Dr. Fernandez. O presidente da commissão mixta é tambem o Nuncio Apostolico, Monsenhor Julio Tonti.

Esse tribunal ainda não tinha sido encerrado ao terminar o anno de 1905.

Nações Extrangeiras — 1905

— A 13 de Janeiro foi assignado o tratado de arbitramento da Inglaterra com a Austria-Hungria.

Na mesma data a França toma posse dos territorios que lhe foram cedidos pelo rei de Sião.

No dia 16 o governo norte-americano telegrapha ao Snr. David Thompson, ministro dos Estados-Unidos no Rio de Janeiro, communicando que o tinha nomeado embaixador no Brasil, e que essa nomeação fora confirmada pelo Senado Federal.

— A 17 o Snr. Emile Combes, presidente do Conselho de Ministros em França, apresenta a demissão collectiva do gabinete ao presidente da Republica.

— A 21 de Janeiro, foi assignado o tratado de arbitramento entre a Suecia e os Estados-Unidos.

No mesmo dia o governo dos Estados-Unidos assigna o protocollo em virtude do qual é assegurada a integridade do territorio da Republica de São-Domingos.



Rouvier.

— No dio 23 o Snr. Maurice Rouvier, que fora convidado a organisar novo gabinete em França, submette ao presidente Loubet o decreto da respectiva organisação. Continúa a dirigir a pasta dos negocios estrangeiros o Snr. Delcassé.

— Em data de 26 o gabinete hespanhol, presidido pelo Snr. Ascarraga, apresentou sua demissão. Foi encarregado de organisar novo ministerio o Snr. Villaverde.

— A 31, nos Estados-Unidos, a respectiva commissão parlamentar votou uma autorisação concedendo ao presidente Roosevelt plenos poderes para dirigir a construcção do canal do Panamá.

— No dia 1.º de Fevereiro o gabinete hungaro apresentou pedido de demissão collectiva.

— A 4 estalou uma revolução em Buenos-Ayres, com ramificações em Bahia Blanca e Concordia. Foi decretado pelo governo o estado de sitio.

Sabe-se a 6 que estão prisioneiros dos revolucionarios, em Cordoba, o vice-presidente da Republica Argentina e outras personalidades politicas.

A 7, com a occupação de Cordoba pelas tropas legaes, considera-se completamente dominado aquelle movimento.

— Na dia 8 de Fevereiro as Republicas do Perú e do Equador entram num accordo para a solução da questão de limites que ha entre os dois paizes.

— No dia 9 o governo francez apresentou á Camara o projecto da separação das Egrejas e do Estado.

— A 10 foi approvado nos Estados-Unidos o tratado de arbitramento com o Japão.

— A 13, tendo o juiz Medina suspenso o chefe de policia de Assumpção, no Paraguay, o governo decreta estado de sitio, mandando prender em seguida aquelle juiz e outros magistrados.

— A 16 approvou o Senado francez a nova lei militar.

— No dia 5 de Março o presidente dos Estados-Unidos, Snr. Theodoro Roosevelt, reeleito, enceta o seu novo quatriennio.

— Em data de 20 é annunciada officialmente a visita do imperador Guilherme ao porto de Tanger por occasião do seu cruzeiro pelo Mediterraneo.

— A 27 chega Guilherme II a Lisboa, onde lhe é feita magnifica recepção.

— No dia 29 de Março a Camara dos Communs, na Inglaterra, votou unanimemente uma moção condemnando a politica de represalias fiscaes do Snr. A. Balfour.

Nesse mesmo dia o Conselho dos Estados na Suissa, ratificou os tratados de arbitramento da Republica com a França, a Belgica, a Inglaterra, a Italia, a Suecia e Noruega e a Austria-Hungria.

— A 31 chegou a Tanger o imperador Guilherme, onde foi rece-

bido com grande solemnidade. Veiu ao seu encontro o tio do sultão cumprimental-o em nome deste.

Guilherme II, respondendo ao enviado de Abd-el-Aziz, disse que sua visita era feita ao sultão soberano e independente. Esperava que « Marrocos fosse em breve uma nação livre, com portos francos ao commercio de todas as nações e completamente isempto de monopolios exclusivistas ».

— No dia 5 de Abril chegou a Napoles o imperador Guilherme.

— A 7 recebe-se noticia de que estão revoltadas as populações da região oriental de Creta.

— No dia 8 pediu demissão o presidente do Conselho de Ministros da Suecia.

— No dia 11 sabe-se que, continuando a lavrar a insurreição na ilha de Creta, as potencias preparam-se para intervir.

A 13 foram presos os cabecilhas desse movimento.

A 18 sabe-se que 2.000 aldeões de Arkadi proclamaram a annexação de Creta á Grecia.

— No dia 25 de Abril é publicada a nova Constituição concedida pela Inglaterra ao Transvaal.

— No dia 28 chega a Paris o rei Eduardo VII, onde teve carinhosa recepção.

— A 30 os Consules residentes em Canéa (Creta) convidaram as autoridades a retirar dos edificios publicos a bandeira da Grecia, que tinham arvorado.

— Em 4 de Maio partiu de Paris o rei da Inglaterra.

— A 11 o corpo consular residente em Creta declarou ás potencias ser favoravel ás reformas administrativas e financeiras reclamadas pelas povoações.

— No dia 25 nos é communicado dos Estados-Unidos que assumiu proporções de significativa demonstração de sympathia a recepção do nosso embaixador em Washington, Snr. Joaquim Nabuco.

— Em data de 30 chega a Paris o rei da Hespanha, tendo magnifica recepção.

No dia seguinte, á noite, quando a carruagem que conduzia Affonso XIII e o presidente Loubet dobrava a rua de Rivoli, de regresso de um espectaculo na Opera, explodiu uma bomba de dynamite, ferindo varias pessoas do povo. Os chefes de Estado nada soffreram.

— A 31 rebentou uma rev ução na provincia de Santiago, da Republica Argentina, que foi de tro em pouco dominada.

— No dia 1.° de Junho o magazen de Marrocos recusou a proposta de melhoramentos apresentada pelo governo francez.

— A 5 chegou a Londres Affonso XIII, tendo extraordinaria recepção.

— No dia 6 apresentou seu pedido de demissão o Snr. Delcassé. Ficou na direcção interina da pasta dos negocios estrangeiros em França o presidente do Conselho, Snr. Rouvier. A sahida do Snr. Delcassé veiu offerecer possibilidade de um accordo de vistas mais prompto entre a França e a Allemanha na questão de Marrocos.

No mesmo dia celebrou-se em Berlim o casamento do Kronprinz com a duqueza Cecilia Mechlemburgo.

Ainda nessa data confirma-se a noticia de um combate em Miledoni (Creta) entre forças russas e cretenses de um lado e de outro os insurrectos. Tropas italianas e francezas occuparam diversos pontos da ilha.

— No dia 13 foi assassinado na Grecia o ex-ministro Delyannis por um individuo de baixa condição social.

— A 20 o Snr. Villaverde, presidente do Conselho na Hespanha, reconhecendo o gabinete em minoria, pediu sua demissão collectiva.

A 23 organisa-se novo ministerio sob a presidencia do Snr. Montero Rios.

— A 1° de Julho falleceu nos Estados-Unidos o Snr. John Hay, ministro das relações exteriores.

— Em data de 3 pediu demissão o gabinete de Hollanda.

— No dia 6 foi nomeado o Snr. Elihu Root para a pasta das relações exteriores nos Estados-Unidos.

— A 21 foi alvo de uma tentativa de assassinato o sultão da Turquia Abdul-Hamid, na capital do imperio.

— Em data de 23 dá-se o encontro do czar da Russia com o imperador da Allemanha em Bjoerko, perto de Kronstadt. Houve entre ambos demorada conferencia.

Ainda nesse dia consta que os governos de Inglaterra e de França communicaram ao sultão de Marrocos que seus governos tinham resolvido aceitar a conferencia internacional por elle proposta.

— A 28 o presidente do Chile incumbe o Snr. Miguel Lanchagas de organisar novo gabinete.

— No dia 10 de Agosto assumiu a presidencia da Republica do Equador o Snr. Lizardo Garcia.

— No dia 11 foi praticado um attentado contra a vida do presidente da Republica Argentina, Snr. Manoel Quintana, que sahiu illeso.

— No dia 12 foi assignado o tratado anglo-japonez, que só se publicou pelos fins de Setembro :

Por esse tratado, nos termos do art. 2°, estabelece-se que no caso em que uma das partes contractantes seja objecto de ataque sem provocação da parte de

uma ou mais de uma potencia, dando-se o caso dessa parte contractante ter de defender seus direitos territoriaes e seus interesses especiaes contra a aggressão, a outra parte contractante deve vir-lhe em auxilio. No art. 3.º reconhece-se, em termos os mais precisos, a situação predominante que o Japão ora occupa e deve occupar de ora em diante na Coréa, não contrariando o principio de egualdade para o commercio e a industria das outras nações. O novo tratado veiu substituir o accordo de 30 de Janeiro de 1902.

— A 18 de Agosto foi publicada a Convenção ajustada entre o Japão e a Coréa.

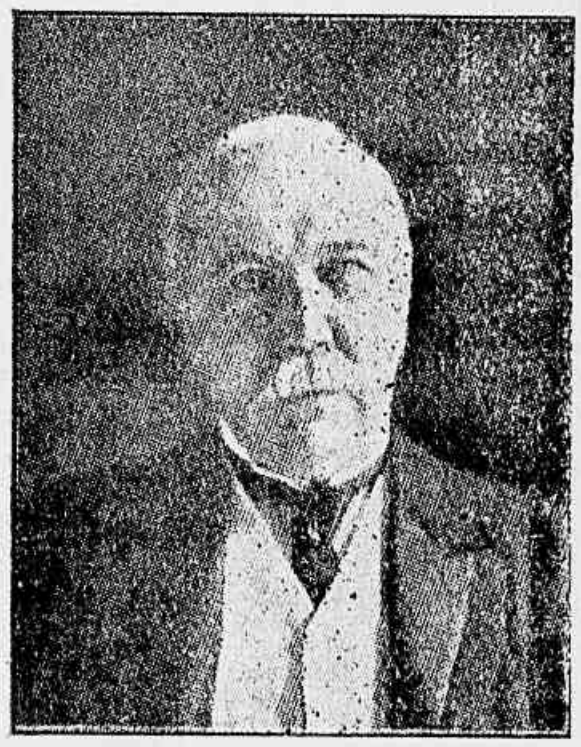
— Em data de 22 chegam noticias de grande agitação na Andaluzia, provincia de Hespanha.

— A 2 de Setembro a Turquia regeitou um projecto das potencias pelo qual se submettiam á fiscalisação internacional as finanças da provincia da Macedonia.

— No dia 13 o imperador Francisco José aceitou a demissão do gabinete hungaro.

— A 16 teve-se communicação de que o maghzen escolhera a cidade de Algeciras, na Hespanha, para ponto de reunião da conferencia sobre Marrocos.

— A 18 o rei da Hungria nomeou novamente para a presidencia do Conselho o conde Fejervary.



Sir Henry Bannermann, chefe do novo gabinete na Inglaterra.

— No dia 23 de Setembro chegou a Madrid o Snr. Loubet, presidente da Republica franceza, que teve esplendida recepção.

— No dia 28 foi assignado o accordo franco-allemão sobre Marrocos.

— Em data de 6 de Novembro chegou a Berlim o rei da Hespanha, que foi muito bem recebido.

A 12 Affonso XIII partiu de Berlim para Vienna.

— No dia 22 o rei D. Carlos, de Portugal, chegou a Paris onde teve magnifica recepção.

Na mesma data, tendo a Turquia regeitado as propostas das potencias relativas ás reformas na Macedonia, uma esquadra internacional, composta de navios russos, austriacos, francezes e italianos, é vista em frente do Pireu.

— A 2 de Dezembro o Snr. Arthur Balfour, presidente do gabinete inglez, apresentou sua demissão. Sir Henry Bannermann foi encarregado de organisar o novo gabinete.

— No dia 5 a esquadra internacional occupa a ilha de Lemnos, no mar Egêo.

— No dia 6 o Senado francez approva a lei da separação das Egrejas e do Estado.

— Em data de 10, em Assumpção, a Camara dos Deputados aceitou a renuncia apresentada pelo presidente da Republica do Paraguay, Snr. Gaona, sendo eleito para substituil-o o Dr. Cecilio Baez.

— A 11 de Dezembro foi entregue a resposta do governo ottomano á nota dos embaixadores. Essa resposta é concebida em termos que põem fim a todas as diffiuldades, que obstavam a solução do conflicto.

— No dia 20 o gabinete hungaro pediu demissão.

— A 23 a Republica do Mexico creou uma legação no Brasil.

— A 24 ficou definitivamente constituido na Italia o gabinete Fortis.

— Na dia 27 foi organisado em Portugal um novo gabinete, ficando na presidencia o Snr. Luciano de Castro.

O Divorcio Scandinavo

Um dos factos mais importantes de 1905 foi a separação dos dois paizes scandinavos, Suecia e Noruega, que desde 1814 (tratado de Kiel) se achavam reunidos num só reino.

Como veremos pelo resumo chronologico que aqui se faz dos factos occorridos, e que felizmente chegaram até ao seu desenlace sem que se houvesse de lamentar uma luta, cruenta, a causa principal do conflicto foi a questão dos consulados, de ha muito latente, pela divergencia de interesses commerciaes que sempre houve entre a Suecia e a Noruega. A ultima se acha voltada para o Atlantico; a Suecia para o Baltico. A grande importancia desta vem-lhe principalmente da sua agricultura e da sua industria; a da Noruega resulta principalmente do grande desenvolvimento da sua marinha mercante.

8 de Fevereiro. — Sabe-se, pelas declaraçôes de um dos membros do governo no Storthing (parlamento norueguez), que as negociações entre os governos da Suecia e Noruega relativas á questão consular tinham sido completamente mallogradas. Essa questão vinha do anno anterior. O governo norueguez ja então reputava bastante melindrosa a situação creada pela nova phase em que entrava essa causa de tão fundas divergencias entre os dois paizes.

7 de Abril. — O principe real Oscar (nesse momento regente do reino), propoz a creação de um ministerio de estrangeiros commum aos dois paizes e a

instituição de serviços consulares independentes, mas subordinados áquelle ministerio.

12 de Abril. — Em sessão do Riksdag (parlamento sueco), os representantes de todos os partidos, excepto o socialista, declararam adherir á proposta do principe regente e approvaram a abertura das novas negociações.

25 de Abril. — O ministerio norueguez resolveu não reencetar negociações com a Suecia emquanto não fôr estabelecido o serviço consular á parte. Declarou não desejar a dissolução da união dos dois paizes, mas sim o reconhecimento das suas respectivas soberanias.

7 de Maio. — A Commissão especial do Storthing incumbida de estudar a questão consular deu parecer favoravel á creação de dois serviços distinctos, um para a Austria, outro para a Hungria.

11 do Maio. — A Commissão diplomatica do Storthing apresentou um projecto estabelecendo serviços consulares distinctos para a Noruega e para a Suecia.

18 de Maio. — Foi votada em Christiania a lei que institue a separação do serviço consular.

26 de Maio. — O rei Oscar votou o projecto relativo ã separação, não aceitando ao mesmo tempo o pedido de demissão apresentado pelo gabinete norueguez.

7 de Junho. — O Parlamento da Noruega declarou a separação do seu paiz do da-Suecia. Foi depois approvada uma mensagem ao rei Oscar pedindo sua coadjuvação na escolha de um dos principes da dynastia Bernadotte para o throno da Noruega. O rei Oscar protestou contra o acto do governo norueguez.

No mesmo dia o governo provisorio lançou uma proclamação ao exercito solicitando a sua adhesão para a resolução que acabava de ser tomada pelo paiz.

8 de Junho. — O rei Oscar negou-se terminantemente a receber a deputação do Parlamento norueguez.

Nessa data resolve o soberano convocar o Riksdag em sessão extraordinaria.

13 de Junho. — O governo sueco declarou não reconhecer o governo provisorio norueguez.

O rei Oscar dirigiu ao Storthing uma carta justificando o seu voto ao projecto de separação dos serviços consulares.

14 de Junho. — O Congresso dos socialistas e democratas, da Suecia, resolveu distribuir cem mil copias de um manifesto em que combate toda idéa de guerra com a Noruega.

O rei Oscar tambem lançou um manifesto em que diz que a resolução do Parlamento norueguez lhe causou profunda magoa.

15 de Junho. — Desmente-se uma noticia que correu da mobilisação do exercito e armada noruegueza.

20 de Junho. — Realisou-se a abertura do Riksdag em sessão extraordinaria.

O Storthing, em Stockolmo, approvou o texto de uma nova mensagem enviada nesta data a Oscar II. Nessa mensagem, que tambem é enviada ao povo sueco e ao Riksdag, diz o governo provisorio norueguez que a ruptura era inevitavel. Pede ao soberano e ao povo da Suecia auxiliarem a separação pacifica, continuando a manter laços de amizade com o povo norueguez.

21 de Junho. — Na fala do throno lida neste dia por occasião da abertura do

Riksdag, o rei declara que a corôa não recorreria ao emprego da força para manter a união. Estava prompto um projecto, que ia ser apresentado ao Parlamento, autorisando a abertura de negociações com o Storthing afim de serem estabelecidas as bases da separação.



Hakon VII, rei da Noruega.

Expostos os factos até aqui, o que de mais interessante depois se segue pode-se resumir em poucas palavras. O rei Oscar se recusou formalmente a fazer escolha de um principe sueco para o throno da Noruega, como propuzera o governo provisorio. A' vista dessa inabalavel resolução do velho soberano, a corôa foi offerecida ao principe Carlos da Dinamarca. Tendo este, depois da dissolução legal entre os dois paizes, acquiescido ao convite, a 18 de Novembro o Storthing elegeu-o por unanimidade para o throno da Noruega. A 25 de Novembro os novos soberanos fizeram sua entrada em Christiania, em meio das mais enthusiasticas manifestações. O principe Carlos tomou o nome de Hakon VII ao receber a corôa de soberano. A 27 do mesmo mez realisou-se a ceremonia do juramento.

Guerra Russo-Japoneza

Damos em seguida o diario dos factos occorridos em 1905, até á memoravel batalha de Tsu-shima, completando assim os trabalhos apresentados nos dois « Almanaques » anteriores.

1.º de Janeiro. — O almirante Togo fez baixar uma proclamação alterando o plano do bloqueio de Porto-Arthur. Os japonezes iniciaram o assalto contra o porto de Sung-Chun-Chan, da linha de defeza de Porto-Arthur.

2 de Janeiro. — Dá-se a rendição de Porto-Arthur.

4 de Janeiro. — Os japonezes em operações no Sha-ho bombardearam vigorosamente as posições russas em Lin-shi-pu.

9 de Janeiro. — Chegou a Porto-Saïd a divisão supplementar da esquadra do Baltico.

15 de Janeiro. — Realisou-se em Porto-Arthur a ceremonia funebre em honra dos soldados japonezes mortos nos diversos combates em torno á praça.

16 de Janeiro. — Os russos propuzeram aos japonezes e estes aceitaram a troca de prisioneiros.

19 de Janeiro. — Os japonezes conseguiram desencalhar 5 vapores russos da esquadra de Porto-Arthur.

21 de Janeiro. — Os japonezes bombardearam as collinas de Nowgorod e Putiloff, na região do Cha-tto.

22 de Janeiro. — O general Kuropatkine recebeu um reforço de 4 divisões, dispondo neste momento de 9 corpos de exercito. A esquadra russa do Baltico, segundo noticias de Durbas, levantou ferro, fazendo-se ao largo de Madagascar.

25 de Janeiro. — Os russos tomaram a offensiva contra a direita japoneza e occuparam Kailatosa Krigutsya. No dia seguinte tomaram os entrincheiramentos inimigos em Cha-ho-pu. Foi officialmente confirmada a perda do cruzador japonez Tagazago.

27 de Janeiro. — Os japonezes occuparam Liao-mao-ku e Li-chia-wo-feng. — Os russos, que haviam transposto o Hum-ho, começaram a bater em retirada.

30 de Janeiro. — Sabe-se estarem ligeirameute feridos os generaes russos Mistchenko e Kondratovitch. — O 2º corpo do exercito japonez occupou a povoação de Lu-áo-kao. Em Chan-tan-pu houve um combate que terminou com a retirada das tropas russas. Estas tiveram 4.000 baixas.

1.º de Fevereiro. — Kuropatkine repelliu varias columnas inimigas em Bai-tai-tse. A esquadra do Baltico ancorou á vista de Nossi-Bé.

4 de Fevereiro. — Os russos bombardearam varios pontos da ala direita das forças japonezas, perdendo estas 700 homens.

5 de Fevereiro. — O generalissimo Oyama repelle um ataque dos russos contra o exercito da direita.

7 de Fevereiro. — Sabe-se de fonte certa que as forças russas se retiraram ao nordeste da Coréa. — O almirante Togo partiu de Tokio; vae assumir o commando da esquadra japoneza.

8 de Fevereiro. — O exercito russo repelliu um ataque do exercito japonez do centro.

10 de Fevereiro. — Os japonezes assumiram a offensiva contra a direita do exercito russo.

11 de Fevereiro. — Neste dia e na vespera os russos foram repellidos pelos japonezes em Uai-Tao-Chum e Li-Tuen-Tun.

13 de Fevereiro. — Foi decretado o estado de sitio em Vladivostock. Os russos em operação na Mandchuria continuam a estender para a direita a sua linha de fortificações.

15 de Fevereiro. — Partiu de Libau a 3.ª esquadra do Baltico, sob o commando do almirante Niebogatoff.

16 de Fevereiro. — Os russos foram repellidos em 2 ataques contra Wai-Tuo-San.

17 de Fevereiro. — Bateram em retirada 9.000 soldados de cavallaria russa que haviam transposto o Hun-Ho.

22 de Fevereiro. — Chegaram á ilha Formosa 20 torpedeiras japonezas.

24 de Fevereiro. — Os japonezes concentraram no norte da Coréa o seu 5.º exercito. — Um relatorio do general Sakharoff consigna a derrota dos russos no combate de Tsih-Khe-Tcheng, desmentindo assim a noticia de que tinham sido repellidos ali 8 batalhões japonezes. — Os russos evacuaram a collina de Beresneff depois de um combate á arma branca.

26 de Fevereiro. — Chegou a Petersburgo o general Stoessel, que o czar recebeu em Tzar-Koe-Selo.

27 de Fevereiro. — A 3.ª esquadra russa passou á vista de Cherburgo.

28 de Fevereiro. — Os japonezes ameaçam cortar as communicações russas entre Fuskun e Tie-Ling.

1.º de Março. — Os japonezes em operação no Cha-ho continuaram a avançar

contra a esquerda extrema do exercito russo. Este, porem, conseguiu apoderar-se da cabeceira da ponte que atravessa aquelle rio.

2 de Março. — A ala direita do exercito japonez effectuou defronte de Mukden um movimento envolvente semelhante ao executado ao Sul de Liao-Iang.

4 de Março. — A divisão Oku atacou as posições russas á margem do Hun-Ho obrigando-as a recuar 9 milhas para o norte. — Desembarcaram na Coréa 2.000 japonezes.

5 de Março. — Os japonezes appareceram a certa distancia de Mukden.

6 de Março. — O general Oku tomou Ou-shin-fu e Ta-chun-ka-pu. Os postos avançados dos exercitos Nodgi e Kuroki reuniram-se por traz do Tieling. — Aos hospitaes de sangue tinham baixado 15.000 russos. — Constituiu-se o 5.º exercito japonez de 140.000 homens, que ja começaram a desembarcar na Coréa.

8 de Março. — Estão envolvidos o centro e a direita russa e as tropas se retiram para Mukden acossadas pelo inimigo. Kuroki annunciou terem os russos evacuado a linha do Cha-Ho. — A esquadra do almirante Rodjestvensky deixou Madagascar, regressando para Djibouti.

9 de Março. — Está consummada a derrota de Kuropatkine. Na ultima batalha perto de Mukden tiveram os russos 33.000 baixas. O exercito japonez avalia as suas em 50.000.

10 de Março. — O governo japonez recebeu communicação de ter sido occupada Mukden pelas suas forças hontem ás 10 horas da manhã. Toda a grossa artilheria russa cahiu em poder do inimigo. As baixas russas nas ultimas batalhas são computadas pelos japonezes entre 150 a 200.000 homens. Consta que Kuropatkine vae estabelecer seu quartel em Karbin.

13 de Março. — O general Kuropatkine pediu a sua demissão. — Calcula-se que nas ultimas operações em torno de Mukden entrassem 850.000 combatentes.

14 de Março. — As tropas japonezas continuam a avançar em todas as direcções perseguindo o inimigo. Kuropatkine communica ao seu governo que a retaguarda effectua a retirada em perfeita ordem. — Chegou a La Suda a esquadra russa sob o commando do almirante Niebogatoff.

15 de Março. — Foi repellido em Tie-Ling o primeiro ataque das avançadas japonezas. — Chegaram a Singapura 3 cruzadores e 1 transporte japonez.

16 de Março. — Os japonezes occuparam Tie-Ling. — A esquadra russa sob o commando do almirante Rodjestvensky partiu de Tananarive com destino desconhecido.

17 de Março. — O czar concedeu a demissão pedida pelo general Kuropatkine e nomeou o general Lienevitch para o commando supremo das forças russas na Mandchuria.

21 de Março. — O general Kuropatkine assumiu o commando do 1.º exercito em operações na Mandchuria.

22 de Março. — A retaguarda do exercito russo chegou a Lipinghai, 70 milhas ao norte de Tie-Ling.

24 de Março. — Fundeou em Porto-Saïd a 3.ª esquadra do Baltico.

25 de Março. — Partiu para o Extremo- Oriente a esquadra russa sob o commando do almirante Niebogatoff.

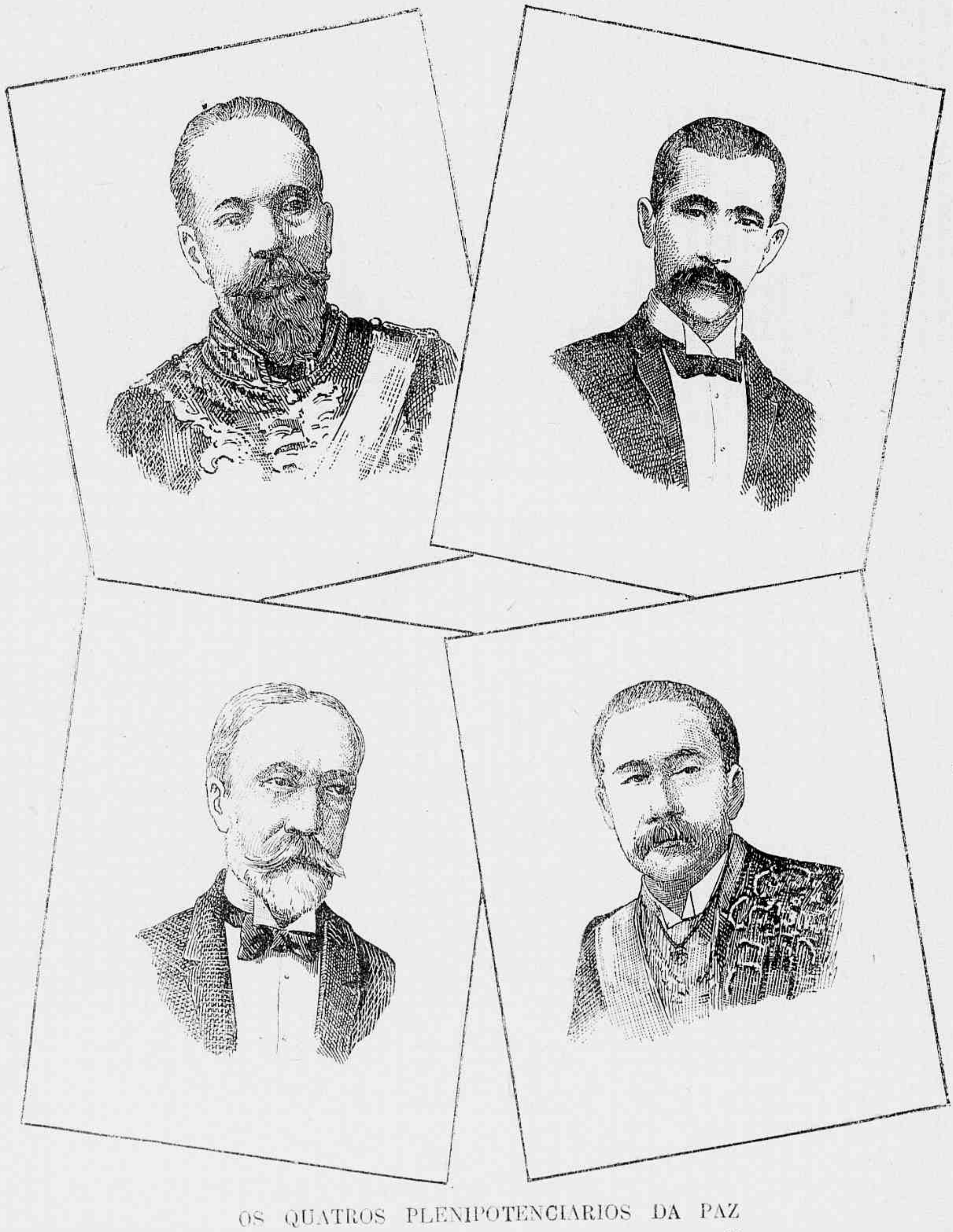
28 de Março. — O generalissimo Lienevitch transferiu a muitos kilometros para o norte a sua base de operações na Mandchuria. — Accentua-se o exodo dos habitantes civis e chinezes de Karbin.

1.º de Abril. — Os japonezes proseguem em marcha progressiva para o norte.

3 de Abril. — Chegou a Djibouti a esquadra russa sob o commando do almirante Niebogatoff.

9 de Abril. — Lienevitch communica ao governo russo que os corpos do exercito sob seu commando estão completamente reorganisados.

18 de Abril. — Telegrammas de diversas procedencias registam uma preoccupação geral em relação á posição das duas esquadras belligerantes.



OS QUATROS PLENIPOTENCIARIOS DA PAZ

Em cima : Witte, barão Komura. — Em baixo : Rosen, Takahira.

26 de Abril. — Os japonezes vão decretar o estado de sitio na ilha Formosa.

7 de Maio. — Os japonezes occuparam a ilha de Sakhalina.

10 de Maio. — Fizeram juncção as esquadras do almirante Rodjestvensky e Niebogatoff.

27 de Maio. — Começa pouco antes das 2 horas da tarde a grande batalha naval travada no estreito de Tsu-Shima, e que ficará conhecida por esse nome na historia. Só no dia seguinte poude ser terminada. Deu-se a destruição quasi completa da esquadra russa, sendo feitos prisioneiros o commandante em chefe Rodjestvensky e as outras principaes figuras da marinha russa.



Theodoro Roosevelt.

O facto deste enorme desastre é que determinou a possibilidade do governo russo consentir em pensar na paz e acceder aos generosos esforços do benemerito presidente dos Estados-Unidos, Snr. Theodoro Roosevelt, que teve a idéa da conferencia entre as duas nações belligerantes.

Mesmo depois de reunidos os plenipotenciarios em Portsmouth (Estados-Unidos), foi devido principalmente á perseverança, energia e raro tacto do Snr. Roosevelt que a 29 de Agosto puderam as duas partes entrar num accordo, que se traduziu pelo tratado de paz assignado a 5 de Setembro pelos negociadores. Esse tratado foi ratificado pelos respectivos governos a 14 de Outubro, e a 25 de Novembro puderam os delegados da Russia e do Japão trocar entre si as duas copias desse documento que punha termo á mais cruenta das guerras contemporaneas.

A Revolução na Russia

Ja antes da guerra notavam-se graves symptomas de perturbação no organismo politico do grande imperio moscovita. Graves porque elles começavam a manifestar-se pelos meios violentos a que recorre o desespero dos opprimidos. Em 1901 era assassinado o ministro do interior Sipiaguine; em 1903 o chefe de policia Metienko; em 1904 o general Bobrikoff, governador da Finlandia; alguns mezes depois deste o successor de Sipiaguine, general Plehve; com poucos dias de intervallo o general Andreieff, vice-governador de uma provincia.

Estes dois ultimos casos ja occorriam quando o paiz se achava em luta com o Japão. Dahi por diante, como veremos pelo resumo que damos abaixo, em vez de acalmar em frente da calamidade da guerra exterior, o movimento foi num crescendo vertiginoso. A guerra em

si e principalmente os seus desastrosos resultados foram a causa occasional da explosão :

Pelo meiado de Janeiro, em Petersburgo, abandonam o trabalho centenas de milhares de proletarios. Redigem uma petição ao czar, concebida nos termos os mais respeitosos em relação á pessoa do soberano, mas clara e energicamente hostis á classe governante, a *burocracia*, « que provocou a terrivel guerra e está levando o paiz á ruina », diziam elles. Collocou-se á frente dos paredistas o *pope*, ou padre Gapon, que mandou entregar ao Ministro do Interior uma carta em que dizia que os operarios desejavam ver o czar no dia seguinte « para expôr-lhe pessoalmente as necessidades do povo russo ». O governo entendeu recusar-se a attender por qualquer forma ao pedido. Quando no dia seguinte vinha á frente de uma grande massa o padre Gapon, trazendo nas mãos uma cruz e emblemas religiosos, os soldados que guarneciam as pontes que levam ao palacio imperial, tendo ordem de atirar, fizeram diversas descargas. O padre Gapon foi dos primeiros que cahiram feridos, mas não mortalmente. Houve uma verdadeira hecatombe. Constou terem ficado por terra 2.000 mortos e 3.000 feridos. E' desse dia 22 de Janeiro que data propriamente a revolução. Ainda nesse mez a parede estende-se a Moscou, Varsovia, Lodz e outras cidades. Só nesta ultima attinge a 100.000 o numero de paredistas. Em Odessa, Karkoff, Sebastopol, Knovo, Vilna, apparecem indicios seguros de que a revolução está ganhando terreno. A Finlandia e a Polonia ameaçam revoltar-se.



O pope Gapon.

A 2 de Fevereiro trava-se em Varsovia uma luta entre o povo e a policia, de que resultam 600 mortos e 1.000 feridos. — A 17 é assassinado em Moscou o grão-duque Sergio Alexandrovitch, voando-lhe o corpo espedaçado por uma bomba de dynamite atirada sob o carro em que o principe passava. Foi um facto este que causou sensação no mundo inteiro. — A 23 era egualmente victimado o principe Andronnikoff. — As paredes cessam neste ou naquelle ponto por falta de recursos, mas explodem em outros mais numerosas e dahi a pouco nos proprios locaes em que tinham cessado. — Um comicio realisado pelos estudantes de Petersburgo assume caracter francamenter evolucionario. — O governo, agindo com severidade, por outro lado começa a entrar em concessões. O czar recebe uma commissão de operarios que lhe quer falar pessoalmente. Publicam-se decretos favoraveis aos judeus e aos velhos crentes. Promettem-se outras mais importantes reformas.

De Março a Maio continuam as paredes, que cessam e reapparecem em Petersburgo, em Moscou, em Minsk, Varsovia, Lodz. Nestas duas ultimas cidades dão-se graves e sangrentos conflictos. — E' decretado o estado de sitio em diversos districtos. — Por ukase imperial de 29 de março o czar perdôa as dividas dos camponezes desde 1857. — Por lei de 30 do mesmo mez concede liberdade de cultos aos velhos crentes. — O Congresso dos Zemstvos, de Moscou, que se reune mais de uma vez, discute a nova organisação do imperio. — No mez de Maio dão-se sangrentas manifestações antisemitas em Zethomir; o movimento ganha as aldeias e villas do interior. — A 21 desse mez é decretada a creação de um Conselho de Defeza Permanente.

Pelos fins de Junho occorre a grande hecatombe de Odessa. A bordo de um couraçado, o *Kniaz Potemkin,* o commandante assassina um marinheiro a tiro de rewolver. A guarnição subleva-se, invadindo a cidade, onde se dão tremendos conflictos em que perecem cerca de 4.000 pessoas. Parte da cidade arde em chammas. A revolta estende-se aos portos de Libau e Cronstadt. Outro couraçado, o *Georges Pobiedonostzeff*, faz causa commum com o primeiro. Mas a 3 de Julho este segundo submette-se ás autoridades de Odessa. Partindo deste porto, o *Kniaz* vagou por muitos dias no mar, chegando por fim, em Constanza, onde a equipagem entrega-se ás autoridades roumanias. — O Congresso dos Zemstvos reune-se mais uma vez em Moscou apezar da prohibição e esforços em contrario do governo. Elabora um projecto de constituição de toma differentes deliberações.

Em Agosto manifesta-se vivo movimento revolucionario nas provincias do Baltico. Não ha povoação em que se conserve ordem. Os camponezes mostram-se de uma audacia incrivel, atacando, saqueando as grandes propriedades. — E' publicado um manifesto imperial acompanhando a lei que institue uma Assembléa Nacional (a Gosondarstvennaria Douma). O manifesto e a lei são acolhidos com frieza pelo povo e positivo desagrado pelos espiritos liberaes. — E' grande o descontentamento na Polonia, que nada obteve com a nova lei. — Poucos dias depois subleva-se a Finlandia. — A Curlandia arde em fogo e sangue.

O que principalmente avulta no movimento revolucionario de Setembro são os grandes conflictos que se travam no Caucaso entre armenios e tartaros, ajudados estes por cerca de 4.000 Kurdos armados, vindos de Persia. Fm Tiflis, Baku, Chucha e outros pontos dão-se grandes mortandades. Neste ultimo local são destruidas ruas inteiras. Avaliam-se os prejuizos só ali causados em mais de 12 milhões de francos. Em Baku são mortos mais de 1.500 tartaros. Estes proclamam a guerra santa. Esforçam-se principalmente por inutilisar os poços de petroleo, que constituem a principal industria da região. E' nomeado um novo vice-rei, que se esforça ardentemente por estabelecer tregoas duradouras entre os dois povos que se degladiam. Mas pouco consegue; não tarda, recomeçam as lutas.

Logo em principio de Outubro é convidado para organisar ministerio sob novos moldes o conde Witte, que dahi por diante, embora ainda sem nomeação official, começa a exercer influencia nos actos do governo. — Em Petersburgo, e principalmente em Moscou dão-se sangrentos conflictos provocados em grande parte pelos estudantes, divididos em prosemitas e antisemitas. — Mas o que reveste um caracter excepcionalmente grave é a decisão tomada pelos directores do movimento revolucionario de declarar a gréve geral em todo o imperio no dia 26. A 27 o numero de paredistas conta-se por 1 milhão em toda a Russia. Até os advogados adherem ao movimento. Reina verdadeiro panico em Petersburgo, aggravado pelas trevas quasi completas em que á noite se encontra a cidade. — Nessa atmosphera de terror, publica-se inesperadamente a 31 uma nova Constituição outorgada pelo czar á Russia.

Resultantes desse acto, rebentam em Novembro graves conflictos entre os revolucionarios e os representantes da reacção, acoroçoados estes vivamente pelas proprias autoridades em muitos pontos do imperio. Em Odessa são massacrados mais de 5.000 judeus. Em Kichineff e em outros pontos da Bessarabia passam-se scenas indescriptiveis, em que os judeus são as victimas principaes. Em Moscou, em Kieff produzem-se tambem movimentos antisemitas. Em Tiflis dá-se grande mortandade, tendo por causa inicial ainda uma manifestação anti-revolucionaria. Só na Finlandia, que obteve a outorga de uma Constituição, os animos acalmam temporariamente.

O conde Witte, que só no dia 6 de Novembro é nomeado presidente do Con-

selho, demitte o governador de Petersburgo, general Trepoff, e mais 10 governadores das provincias onde os attentados contra os judeus tomaram caracter mais violento. Antes foi publicado um manifesto imperial concedendo amnistia aos criminosos de delictos politicos até 30 de Outubro. — Mas nem por isso consegue Witte obter a confiança dos revolucionarios. — Dá-se em Cronstadt uma grande revolta de marinheiros; cerca de 15.000 homens entram em acção contra a ordem publica. — Em Petersburgo é proclamada de novo a gréve geral que cessara com a promulgação da Constituição; adherem á parede os empregados dos telegraphos, correio e telephones. — Rebenta outra grande revolta de marinheiros em Sebastopol; avultado numero de soldados adherem ao movimento. — Chegam noticias desoladoras de Vladivostock, onde reina completa anarchia entre os militares. — Revoltam-se 5.000 prisioneiros russos em Nagasaki. — Principalmente a revolta de Sebastopol põe em panico novamente Petersburgo, onde se propalam boatos sinistros.



Nicolas II, imperador da Russia.

Ja entrava o mez de Dezembro e o conde Witte ainda não tomara medidas de verdadeiro rigor contra os revolucionarios, a não ser contra os da Polonia, de onde chegavam agora melhores noticias, a ponto do governo resolver suspender ali o estado de sitio. Mas dahi por diante Witte começa a reagir decididamente contra os agitadores. Manda prender a commissão central dos operarios em Petersburgo, que resolvera provocar nova parede geral. Dissolve outros directorios, entre elles o da União das Uniões. Manda fechar os jornaes que acabam de publicar um manifesto sedicioso do partido democratico socialista. Fazem-se prisões em massa em Moscou. — A coragem e a firmeza do presidente do Conselho começaram a inspirar certa confiança em Petersburgo. — Tanto mais quanto parecia attenuar-se uma outra causa de grave apprehensão : os evidentes signaes de indisciplina que se manifestaram na guarda imperial de Tsarkoié-Selo. O imperador em pessoa passou revista em mais de um regimento desse corpo. — Em todo caso, ainda depois disso deram-se diversas desordens militares em Petersburgo, Varsovia e outros locaes. O governo melhorou as condições dos soldados, do ponto de vista pecuniario. — Infelizmente, porem, si em Petersburgo termina o anno numa calma relativa, apezar da parede geral novamente declarada, em Moscou os revolucionarios batem-se furiosamente dias inteiros com as tropas legaes, avaliando-se em mais de 10.000 o numero das victimas massacradas nessa luta titanica.

LIVRARIA GARNIER

Obras de ALEXANDRE HERCULANO

O Anno Religioso

1905

— Em data de 5 de Janeiro foi nomeado bispo coadjutor de Matto-Grosso o Rev^mo padre Cyrillo de Paula Freitas.

— A 7 de Fevereiro noticia a imprensa que o papa Pio X resolveu codificar todas as leis ecclesiasticas e para esse fim nomeou uma grande commissão composta de cardeaes e bispos, fazendo parte della todas as provincias do mundo catholico. A provincia do Brasil teria como representante D. Antonio do Rego Maia, bispo do Pará.

— Foi publicado no dia 15 o itinerario que pretendia seguir a peregrinação á Terra-Santa aqui promovida pelo Rev^mo padre Francisco Alexandre J. Brid.

A 21 partem os peregrinos do Rio de Janeiro no vapor italiano « Rio Amazonas ». O estandarte que levam tem no centro a imagem de N. S. Jesus-Christo empunhando a Cruz, e é ladeado pela inscripção: « Opportet instaurare omnia in Christo ». Ao alto acha-se a citação: « Et crit sepulchrum ejus Gloriosum Jerusalem ».

— No dia 10 de Março Sua Santidade o Papa assigna um breve estabelecendo a forma, as côres, as decorações e os modelos dos uniformes das Ordens da nova Milicia Aurata. Ella comprehenderá uma unica classe de 100 cavalleiros distribuidos por todo o orbe catholico. Esses cavalleiros poderão usar como distinctivo as esporas de ouro. No mesmo breve Pio X reorganisa as Ordens de cavallaria pontificaes e dá outras providencias.

— A 12 é publicada a lista official das ordens cavalheirescas pontificias. Sua Santidade considera taes apenas as de Christo, Piono, S. Gregorio, S. Silvestre e a Milicia Aurata.

— Em data de 28 o Papa inaugurou solemnemente nos jardins do Vaticano o Santuario da gruta consagrada a N. S. de Lourdes. A ceremonia, a que assistiram mais de 10.000 pessoas, esteve de uma rara imponencia.

— A 16 de Maio chegaram a Roma os peregrinos brasileiros de volta de sua viagem á Terra-Santa.

A 21 foram elles recebidos pelo Papa em audiencia especial.

— A 30 de Novembro foi elevado a Conde romano e prelado domestico assistente do solio pontificio, D. José, bispo de S. Paulo.

— A 5 de Dezembro promulgou o Snr. Emilio Loubet, Presidente

da Republica Franceza, a importante lei da separação das Egrejas e do Estado, que a Camara adoptara na noite de 3 para 4 de Julho, por 344 votos contra 233, e o Senado votara a 6 de Dezembro por 181 contra 102. Na Camara os debates occuparam 50 sessões; no Senado duraram um mez.

A lei applica-se á Egreja catholica e á Egreja protestante. A Republica Franceza garante a liberdade de consciencia e o exercicio livre dos cultos, não reconhecendo, não pagando, não subvencionando qualquer delles. Cada um dos cultos poderá nomear seus representantes como entender. E' vedado ao clero, sob penas prescriptas, diffamar os representantes da Republica e prégar a desobediencia ás leis. Ficam em poder da Egreja todos os edificios, templos e capellas que lhe pertencem e lhe é garantido indefinidamente o goso gratuito e exclusivo dos edificios que, sendo propriedade do Estado, estejam actualmente consagrados ao culto.

Promulgando a lei elaborada pelo Parlamento, o Presidente da Republica Franceza annullou assim uma das obras capitaes de Napoleão, a Concordata assignada em Paris em 1801 entre o Primeiro Consul e o representante de Pio VII.

— Em data de 11 de Dezembro, no Consistorio secreto, realisado pela manhã no Vaticano, foi creado cardeal o arcebispo do Rio de Janeiro, Conde D. Joaquim Arcoverde de Albuquerque Cavalcanti. Na allocução que Sua Santidade pronunciou perante o Consistorio disse que, elevando á dignidade de cardeal um arcebispo sul-americano, quiz dar uma prova solemne de sua benevolencia a todos os paizes da America Latina.

A 13 realisou-se a ceremonia da imposição do barrete cardinalicio ao novo principe da Egreja. Pio X conferiu o titulo de Santo Aleixo ao cardeal Arcoverde.

LIVRARIA GARNIER

MANHÃS DA AVÓ

LEITURA PARA A INFANCIA, DEDICADA ÁS MÃES DE FAMILIA

Por Victoria COLONNA

1 volume in-18 cart. . . . . 2$500

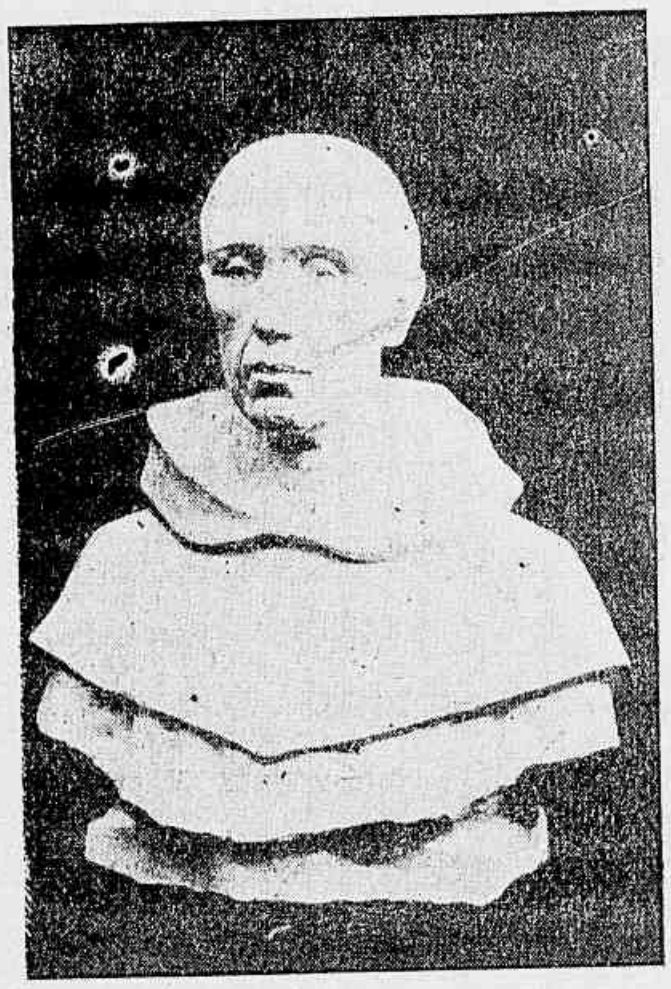
Este livro, especialmente util para a infancia, é escripto sob a fórma de contos de uma avó a seus netos. Ha n'este bom livro uteis conselhos de moral, e muitas noções de artes, industria e sciencia. A forma que adoptou a autora é a mais conveniente para prender a attenção dos meninos.

O Anno Artistico

1905

— A 6 de Maio inaugurou-se na Villa Borghése, em Roma, um bello monumento ali erigido em honra á memoria de Victor Hugo.

— No dia 1.º de Julho realisa-se em Campinas a inauguração da estatua de Carlos Gomes, a maior gloria musical do Brasil e filho daquella cidade paulista.



Frei Leandro do Sacramento.

O magnifico monumento, de que damos uma reproducção em outra parte deste « Almanaque », é obra do insigne professor Snr. Rodolpho Bernardelli.

Por essa occasião inaugurou-se tambem naquella cidade um museu Carlos Gomes, á imitação dos museus desse genero, consagrados a Dante, a Shakespeare, Goethe, Victor Hugo, etc., que ha nas cidades européas.

— Dá-se a 7 de Agosto a inauguração da estatua do mais illustre entre os jurisconsultos brasileiros, o Dr. Teixeira de Freitas, de que tambem offerecemos em outro ponto deste



A descida ao tumulo, das representações do padre Petit, em Nancy.

« Almanaque » uma illustração. Aquelle trabalho artistico, obra do Snr. Rodolpho Bernardelli, foi inaugurado na Avenida Passos, no ponto do antigo Largo de S. Domingos.

— Figura no Jardim Botanico, desde o dia 15 tambem de Agosto, quando foi inaugurado, o busto de frei Leandro do Sacramento, 1.º director daquelle estabelecimento.

— Ainda em Agosto realisou-se a abertura da 2.ª exposição do Photo-Club do Rio de Janeiro. Poude-se reconhecer ali o grande progresso que o ramo de arte a que a associação se consagra tem realisado entrs nós. Os Snrs. Silva Junior, Guerra Duval, Barroso Netto, L. Musso, e outros, apresentaram trabalhos muito lindos.

— O padre Petit teve a feliz idea de montar em Nancy (França), representações da paixão de Christo verdadeiramente curiosas e que obtiveram um exito completo. O padre mandou construir em vasto jardim uma immensa sala em amphitheatro com capacidade para 2.000 lugares. A scena artisticamente decorada, graças ao concurso de um eminente pintor parisiense, continha diversas arvores naturaes e recebia a luz do dia e os raios do sól, o que produzia um interessante effeito de realidade. A representação, repetida todos os domingos, até 1.º de Outubro, começava ás 5 1/2 horas da manhã. Só de 10 em 10 annos poderão ser repetidas estas representações. A 1.ª parte comprehendia as scenas principaes da vida de Christo. Cada uma dellas era precidida de um prologo



O monumento de H. Taine.

recitado por um côro de vinte anjos. Depois disso, um quadro vivo symbolico, correspondente á scena que ia ser representado. A 2.ª parte era consagrada á Paixão propriamente dita. Seguia-se a esta a parte da historia santa desde a traição de Judas até á ressureição, com apotheose final. Cerca de 40 artistas, fóra os 400 comparsas, desempenhavam-se com tal convicção, que se os tomaria por verdadeiros actores da sagrada tragedia.



Monumento de Camillo Desmoulins.

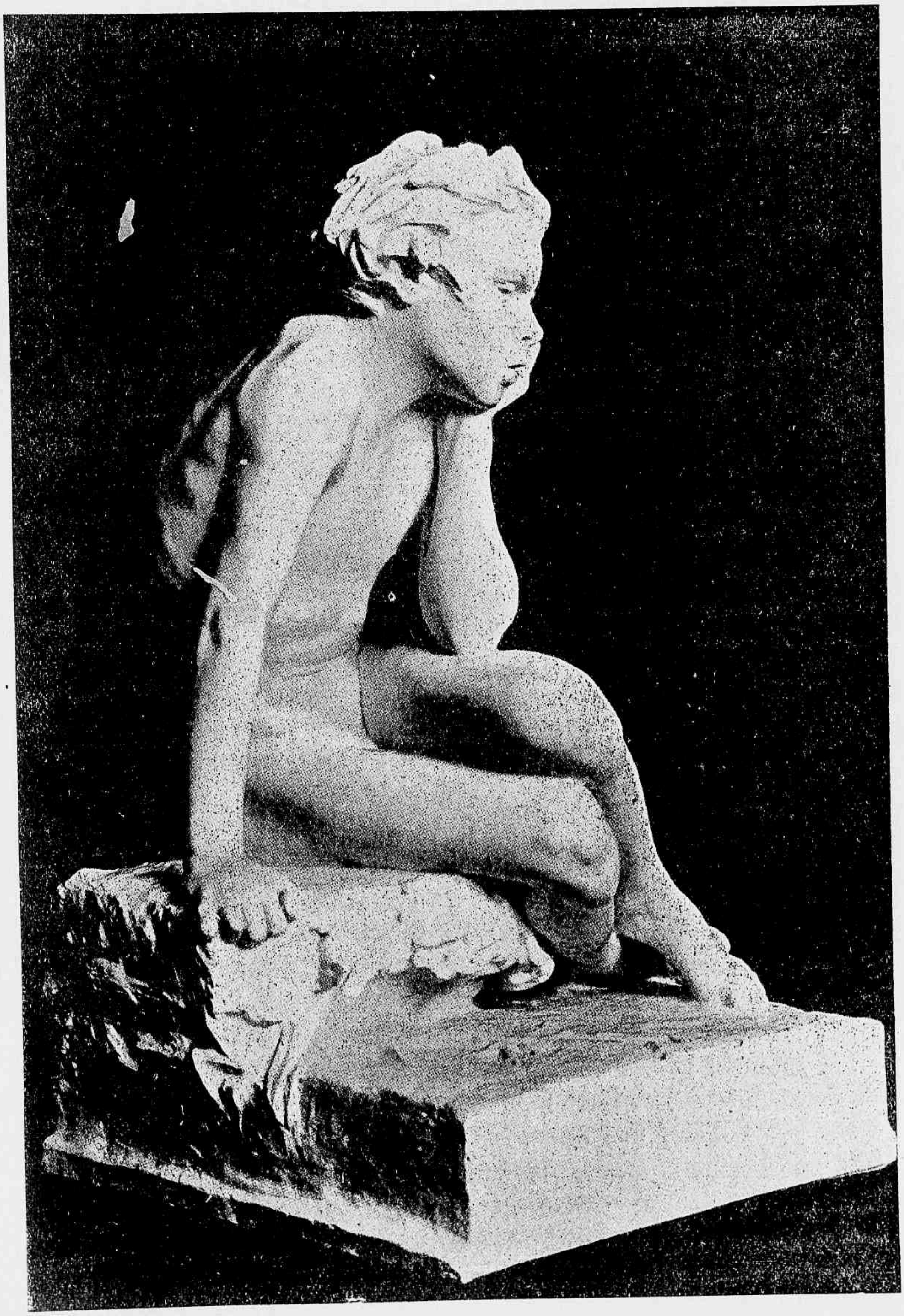
— Desde o dia 24 de Setembro tem o illustre Hyppolito Taine um monumento erigido á sua memoria em Vouziers, sua terra natal. O nome de Taine, o preclaro autor da *Philosophia da arte*, da *Historia da litteratura ingleza*, das *Origens da França contemporanea*, é hoje geralmente conhecido. Não ha intellectual que deixe de ter na sua bibliotheca um lugar reservado para as obras do probo e alto trabalhador.

— Pela mesma epoca inaugurou-se em Paris, no Palais Royal, perto da galeria de Orleans, uma bella estatua de Camillo Desmoulins, em que o fogoso tribuno da Revolução é representado no momento em que vae subir a uma cadeira para falar ao publico.

— Abre-se em Setembro a exposição geral na Escola de Bellas Artes do Rio de Janeiro. Houve este anno trabalhos de todo o ponto dignos de nota : os retratos dos Snrs. Machado de Assis e Ubaldino do Amaral, pelo Snr. Henrique Bernardelli ; dois trabalhos, tambem retratos, pelo Snr. Visconti ; algumas telas do Snr. Eugenio Latour, etc.

— Em Tulle, departamento do Correzio, na França, inaugurou-se

um monumento á memoria do sargento Lovy, morto no combate de Ksar-el-Aroudj a 29 de Março de 1903. Lovy era filho daquella cidade. O trabalho foi devido ao esculptor Thomsen.



Caim, por Teixeira Lopes.

— Um professor do collegio de França, o Snr. Luiz Léger teve a idéa de levantar-se um monumento commemorativo a João de Luxemburgo, rei da Bohemia, que cahiu mortalmente ferido no correr da batalha de Estrée-les-Crecy, combatendo com os seus contra os inglezes, na guerra dos cem annos. A idéa foi levada a effeito por subscripção publica e o trabalho ja se acha, desde Outubro, collocado na praça de Crecy, em Paris.

— Fez-se uma exposição no mez de Outubro, no Gabinete Portuguez de Leitura do Rio de Janeiro de varios trabalhos do illustre esculptor portuguez, Snr. Teixeira Lopes, a quem se deve o monumento a Eça de Queiroz que se erigiu em Lisboa e muitas outras obras de arte.

— A 26 de Outubro, no square de Paris das Arènes-de-Lutèce, inaugura-se o monumento de Gabriel de Mortillet, celebre naturalista francez.

O Anno Litterario

1905

« Elementos de Zoologia e Botanica », pelo Dr. Manoel Bomfim ; « Codigo Penal », 2.ª edição pelo Dr. Oscar de Macedo Soares; « Manual pratico dos syndicatos operarios », por H. Gailhard Bancel (Minas); « Artistas do meu tempo », pelo Dr. Mello Moraes Filho; « Diccionario de Rimas », por Guimarães Passos; « O protestantismo perante os factos », pelo ex-padre A. A. Lino da Costa, ministro evangelico ; « O mal de Amor » (hygiene da geração, contagio, etc.), pelo Dr. P. Garnier; « Nucleos coloniaes », pelo engenheiro Honorio Coutinho; « Annotações theorico-praticas ao Codigo Criminal do Brasil », pelo Dr. Antonio Bento de Faria; « Bombas », estudo pelo Dr. Fernando Terra; « O conselheiro Antonio Prado » esboço politico pelo Dr. Leopoldo de Freitas; « Estudos de litteratura brasileira », por José Verissimo, 4.ª serie ; « Cidade e municipio de Porto-Alegre », monographia publicada pela Intendencia Municipal ; « Da segunda bulha cardiaca », dissertação do Dr. Antonio de Barros Terra; « A Cabana do tio Thomaz », por Becher Stowe; « Synopses sobre o assucar », por Julio Urzedo da Rocha ; « Explicação da Syntaxe Latina », do padre Antonio Rodrigues Dantas, nova edição; « Alistamento em geral e especialmente no Rio de Janeiro », dissertação pelo Dr. Velho Py, da cadeira de hygiene; « O methodo », seu fundamento e utilidade,

por Augusto Franco; « Tratado pratico da nova lavoura do quiabeiro e quimgombô », por José Leite da Cunha Bastos (Jacarehy); « Livro de Leitura », por A. Mascarenhas; « Responsabilidade civil do Estado » pelo Dr. Amaro Cavalcanti; « Noções de Astronomia », pelo capitão Sebastião Francisco Alves; « Volatas », livro de contos, por Floriano de Albuquerque; « Estudantinas », livro de versos por Alvaro Reis; « No Hospicio », de Rocha Pombo; « Guia dos Estados Unidos do Brasil », por O. Bilac, G. Passos e B. Junior; « Delicadezas Grossas », versos do padre Corrêa de Almeida; « A America Latina », pelo Dr. Manoel Bomfim; « A Caminho », collectanea de artigos politicos do Dr. Lucio de Mendonça; « Donaciana », de René de Bazin, traducção brasileira; « A questão monetaria », pelo Dr. Mattos Camara; « Maximas do Marquez de Maricá », edição revista e emendada; « Paramos », phantasias de Solfieri de Albuquerque; « Ivanhoé », romance historico de Walter Scott, traducção brasileira; « Encyclias », versos de Theodorico de Brito; « Homens e Cousas estrangeiras », por José Verissimo; « Questões sociaes », sobre a necessidade da reforma das Caixas Economicas », pelo Dr. José Agostinho dos Reis; Confissões do grande doutor da Egreja Santo Agostinho; « Compendio da Litteratura Brasileira », por Coelho Netto; « Dois metros e cinco », romance de Cardoso de Oliveira; « O vomito em therapeutica » pelo Dr. Anjo Coutinho; « Casamento perfeito », de Diogo de Paiva Andrade; Technologia das Industrias, 3 vol.; « Cultos e Crenças », livro de versos de Antonio Lamego; « Esboço de psychiatria forense », pelo Dr. Franco da Rocha; « Campinas antiga », pelo Dr. Octavio; « Volutas » livro de versos de Raymundo Monteiro; « Veras », versos de Raul Moreno (Minas); « Contribution à l'étude de l'intoxication d'origine ophidienne », pelo Dr. Victor Brasil (S. Paulo); « Maciel Monteiro », estudo biographico, por Phaelante da Camara (Bahia); « A pratica da homœpathia simplificada, de A. Espanet, traducção brasileira; « Valeur des différentes méthodes dans la tuberculose » pelo Dr. Maximino Maciel; « Documentos para a historia da conquista e colonisação da costa léste e oéste do Brasil », pelo Dr. M. Cicero Peregrino; « Lyra Carmen », livro de versos, de Brant Horta; « Guia da Cidade do Rio de Janeiro », pelo engenheiro Paula Pessoa; « Serviço policial », pelo Dr. José Tavares Bastos; « Historia de um cerebro », por Elysio de Carvalho; « As grandes applicações da electricidade », por A. Soulier, traducção brasileira; « Compendio de Geographia Elementar », pelo professor Said Ali; « O Rio de Janeiro », guia mandado publicar pela Prefeitura do Districto Federal; « Magnetismo curador, traduzido de Alphonse Bué, mandado publicar sob os auspicios da Federação Espirita Brasileira; « Esaú

e Jacob », romance de Machado de Assis; « A necessidade de um equilibrio americano », por Luciano Pereira da Silva; « Almanaque Brasileiro Garnier », 1906; « Apontamentos de Direito Operario », pelo Dr. Evaristo de Moraes; « Ultimos Sonetos », livro de Cruz e Souza; « Paginas de Esthetica », por João Ribeiro: « Manual do sapateiro », por Sauzat, traducção do Dr. Pires de Almeida; « Poesias », segunda serie, por Alberto de Oliveira; « Violeta », romance, por uma Senhora (Uberaba); « O Ciume », conferencia realisada no Instituto de musica, pelo Dr. Manoel Bomfim; « Vibrações », livro de versos, por D. Julia Cortines; « A Dor », conferencia realisada no mesmo Instituto, por Alcindo Guanabara: « Pedras preciosas », versos de Luiz Guimarães Filho; « Mocidade », livro de versos, por Bruno Barbosa; « Para ler na cama », contos fluminenses, do Dr. Octavio Teffé; « Historia de Manon Lescaut e do Cavalleiro des Grieux », vertida pelo Snr. R. Avellar; « Um apello em pról dos lazaros », por F. Graça Martyr (S. Paulo); « Factos e memorias », pelo Dr. Mello Moraes; « Noções de Agronomia », pelo professor Eugenio Manoel Nunes; « Tartufo no Rio de Janeiro », comedia em 5 actos, de Xavier Pinheiro (pai); « Eu sei ler », livro de leitura e scenas infantis; « Pastoral », para o theatro, por Coelho Netto; « Lyrio Ame », poesia de Hollanda Cunha; « Pretidão de amor », conferencia litteraria realisada por Benedicto Severo (Hemeterio dos Santos); « Lições de clinica e propedeutica », pelo Dr. Francisco de Castro, publicada pelo Dr. Rubião Meira; « Monographia sobre a palavra *se* em romanico », pelo Conego Braga (Paraná); « Estudos de litteratura brasileira », quinta serie, por José Verissimo; « Tarifa de cubagem das madeiras », por J. A. Francon, traducção de Renato da Silveira; « O annuario da estatistica demographo-sanitaria », pelo Dr. Bulhões Carvalho; « Resistencia dos materiaes », pelo Dr. José Eulalio.

O Anno Jornalistico

1905

« O Domingo », revista semanal illustrada; « Portugal moderno », orgão da colonia portugueza no Brasil; « Alma Nova », revista litteraria (Pará); « Jornal de medecina » (Recife); « S. Paulo antigo e S. Paulo moderno », revista; « O jornal » (Pará); « Ideal Sport Club », orgão da associação do mesmo nome (S. Paulo); « Aurora », revista

litteraria (S. Paulo); « Revista agricola », publicada pela Sociedade de Agricultura de Santa Catharina; « A Arara », publicação humoristica (S. Paulo); « O Cartão Postal », orgão do club Philo-cartista do Paraná; « Philo-cartista Brasileiro », dedicado á propaganda do cartão postal; « A Comedia », jornal de caricaturas; « Revista Odontologica Paulista »; « Seculo xx », revista mensal; « O Norte », jornal diario (Bahia); « Vida Nova », publicação bi-mensal; « Vera-Cruz », revista artistica e litteraria, mensal (S. Paulo); « Brasil Illustrado », (S. Paulo); « Tico-tico », folha illustrada, para creanças, publicação semanal, da empreza d'*O Malho*; « Luz Maritima », orgão da associação de Resistencia de Marinheiros e Remadores; « Papagaio », revista semanal; « Leitura para todos », revista mensal, da empreza d'*O Malho*.

O ANNO NECROLOGICO

1905

Brasileiros

— No dia 3 de Janeiro suicidou-se em Porto-Alegre D. Honorina Castilhos, viuva do Dr. Julio de Castilhos.

— A 8 f. o Dr. José Saldanha da Gama, lente da Escola Polytechnica.

— F. a 9 o Dr. Eloy Benedicto Ottoni, com 80 annos de edade : irmão do conselheiro Theophilo Ottoni.

— A 19 f. o Dr. Joaquim Borges Carneiro : exerceu diversos cargos no professorado; foi director interino da Instrucção Publica Municipal ; secretario do primeiro ministro do Interior no regimen republicano.



José do Patrocinio.

— José do Patrocinio, f. a 29 de Janeiro. Foi uma perda esta que assumiu o caracter de um acontecimento nacional. Não houve em seu tempo publicista brasileiro cuja nomeada e popularidade excedesse á desse homem, de origem humilde, e que tinha contra si o preconceito da côr. Dotado de poderoso talento, apaixonado e intrepido, Patrocinio se impoz á opinião, constituindo-se desde os primeiros annos de sua carreira, na *Gazeta da Tarde*, e depois na *Cidade*

do Rio, de sua propriedade, o mais ardente e temivel advogado da causa abolicionista, que se tornou victoriosa por fim. E' esse o seu immarcessivel lauréI. Finda a campanha libertadora, elle tomou parte como jornalista em todas as grandes questões politicas e sociaes que se succederam, morrendo, por assim dizer, com a penna na mão. Suas exequias, feitas por conta do Estado, tiveram verdadeira imponencia pelo concurso de toda uma população que acompanhou os despojos do illustre brasileiro até a ultima morada.

— A 6 de Fevereiro f. o Snr. Gustavo Massow, socio da livraria Laemmert Cª, no Rio de Janeiro.

— F. a 10 o general de brigada Antonio Carlos da Silva Piragibe, commandante da brigada policial. Tinha 62 annos de edade. Assentou praça de soldado em 1862. Fez a campanha do Paraguay, de onde voltou em 1870, sendo confirmado capitão no anno seguinte. Reformado pelo marechal Floriano em 1892, foi cumprir desterro, por motivos politicos em Tabatinga. Voltou no anno seguinte, com a amnistia. Reverteu ao serviço effectivo em 1897, tendo agraduação de general em 1899, e a effectividade em 1903. Nomeado commandante da brigada policial do Rio em 1904, prestou assignalados serviços á ordem por occasião dos acontecimentos de 14 de novembro do mesmo anno.

— O visconde de Serro Frio (Antonio Carlos da Cruz Machado), f. a 11 de Fevereiro. Era um dos velhos parlamentares da metade do segundo reinado. Foi deputado e senador por Minas Geraes; presidente de Goyaz, do Maranhão e da Bahia. Presidiu a memoravel sessão de 13 de Maio, sendo agraciado por esse motivo com o titulo por que passou a ser conhecido. Retirou-se da vida politica com a proclamação da Republica.

— Raul Braga, homem de lettras, f. na mesma data de 11.

— A 21 f. o commendador José Antunes Rodrigues de Oliveira Catramby, membro do Instituto Historico e Geographico e da Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro.

— A 23 f. em Nitheroy o Snr. Alfredo Azamor, homem de lettras.

— Em data de 14 de Fevereiro f. o Dr. José Gil Castello Branco, director do Externato do Gymnasio Nacional.

— O senador Bernardo de Mendonça Sobrinho, f. a 26, no Estado de Alagoas, de que era repensentante.

— No dia 10 de Março f. D. Marianna Cecilia Meirelles da Fonseca, viuva do marechal Deodoro.

— F. no dia 7 de Abril em Barbacena o padre José Joaquim Corrêa de Almeida, n. a 4 de setembro de 1820. O padre Corrêa de Almeida é apontado como o segundo poeta satyrico que tenha tido o Brasil,

conseguintemente como o successor de Gregorio de Mattos, embora fosse sempre mais sereno e menos ferino do que este. Contam-se delle anedoctas de espirito. Deixou muitas obras, entre as quaes as *Satyras e epigrammas*, *A Republica dos Tolos*, *Sonetos e Sonetinhos*, *Semsaborias metricas*, *Decrepitude metromaniaca*, *Carnaval no Rio de Janeiro*, etc.

— O marechal Almeida Barreto, f. a 3 de Maio, com 74 annos de edade. Foi marechal de campo e do exercito, conselheiro de guerra, grã-cruz da ordem de Aviz, commandante superior da guarda nacional, senador da Republica pelo Estado da Parahyba, etc.

— A 18 f. no Pará o Snr. Veiga Cabral, que exerceu papel saliente nas lutas do Amapá, em defeza do Brasil.

— Dr. Ezequiel Ramos, f. em S. Paulo a 24 de março : antigo advogado, ex-senador, presidente do Senado paulista.

— O Dr. Bento Luiz de Oliveira Lisboa, f. a 6 de Junho : ministro aposentado do Supremo Tribunal, presidente do Rio Grande do Sul no regimen passado.



Aristheo de Andrade.

— O antigo director do Collegio Universitario Fluminense, Affonso Herculano de Lima, f. a 16 de Junho.

— A 9 de Julho f. o deputado federal pelo Estado do Rio de Janeiro, J. M. Alvares de Azevedo Sobrinho, conhecido e bem reputado homem de lettras.

— Na mesma data f. em Alagoas Aristheo de Andrade, poeta de muita promessa, com 27 annos de edade. Estreou-se em 1900 com o cancioneiro *Noivado*, que teve brilhante repercussão. Deixou por acabar o poema *Jesus* e mais um volume.

— O Conselheiro Manoel Francisco Correia, f. a 11 de Julho : senador pelo Paraná e ministro de Estado varias vezes, no antigo regimen. Director aposentado do Tribunal de Contas, que se creou com a Republica. Membro de numerosas associações beneficentes e de lettras. A actividade, a sociabilidade e o espirito bemfazejo que caracterisavam o conselheiro Correia, junto ao seu espirto esclarecido e indagador, fizeram delle um dos brasileiros mais conhecidos e estimados de sua epoca.

— Na mesma data f. em Pelotas o Dr. Joaquim da Silva Tavares.

— A 27 de Julho f. o general reformado Francisco Victor da Fonseca e Silva.

— No dia 5 de Agosto f. o Dr. João Paulo de Carvalho, lente de phisiologia da Faculdade de Medicina e antigo director do Instituto Nacional de Surdos-Mudos. Desempenhou mais de uma vez honrosas commissões do governo na Europa. Era um homem de saber, sympathico, despretencioso. Deixou muitos trabalhos impressos, entre elles : *Phisiologia do sangue* (1877); *Lições de clinica medica* (1882 *a* 1884); *Theoria parasitaria* (1884); *Causas das lesões cardiacas no Rio de Janeiro* (1887).



Dr. Macedo Soares.

— Conselheiro Dr. A. Joaquim de Macedo Soares, f.a 14 : ministro do Supremo Tribunal e um dos mais apreciados jurisconsultos brasileiros. Era tambem escriptor e philologo distincto, tendo deixado muitos trabalhos impressos. Entre as muitas homenagens que foram tributadas á sua memoria, citaremos o discurso pronunciado no Supremo Tribunal, pelo Dr. Lucio de Mendonça, que, não esquecendo outras qualidades do Dr. Macedo Soares, poz em relevo os seus vigorosos esforços na campanha abolicionista e as suas fundas convicções de livre pensador, que sempre sustentou, desde os primeiros passos na vida publica. O conselheiro Macedo Soares n. na villa de Maricá, Estado do Rio de Janeiro, a 14 de Janeiro de 1838.

— A 29 falleceu na capital federal o sympathico e joven homem de lettras Camerino Rocha, natural do Pará.

— No dia 5 de Setembro f. o conselheiro Dr. Carlos Augusto de Carvalho. Homem de muito talento e preparo, durante o regimen passado exerceu o cargo de presidente da então Provincia do Paraná e depois da do Pará. Na Republica foi ministro das Relações Exteriores, no governo do marechal Floriano, e depois no do Dr. Prudente de Moraes. Foi mais tarde director do Banco da Republica, consultor juridico do ministerio das Relações Exteriores, etc. Deixou trabalhos



Dr. Carlos Augusto de Carvalho.

juridicos de muito valor, nomeadamente *a Nova consolidação das leis vigentes* até 11 de Agosto de 1899, que veiu completar a grande obra de Teixeira de Freitas.

F. a 7 o desembargador Joaquim da Costa Ribeiro: foi chefe de policia em Pernambuco no antigo regimen e depois presidente do respectivo Tribunal de Relação.

— No dia 23 f. o contralmirante Alfredo Augusto de Lima Barros, lente do Collegio militar.

— A 7 de Outubro falleceu em Florença o illustre pintor Pedro Américo, n. na cidade de Areas, da Parahyba do Norte, a 18 de Abril de 1843. Foi um dos maiores artistas que tenha tido o Brasil. Fez seus estudos preparatorios no antigo Collegio D. Pedro II, matriculando-se em seguida na então Academia de Bellas Artes. Seguiu em 1858 para a Europa, de onde voltou em 1864, depois de um curso brilhante, trazendo volumosa bagagem artistica, em que avultava o primoroso quadro *A Carioca*. Pouco tempo depois regressou á Europa com o fim de completar estudos. De volta ao Brasil em 1870, foi designado para uma cadeira na Academia de Bellas Artes, onde professou 2 annos, tornando á Europa com o fim de pintar o seu grande quadro militar *A Batalha do Ivahy*, que o consagrou definitivamente. Deve-se-lhe grande numero de outros quadros magistraes: *O Voto de Heloïsa* (1884); *Voltaire abençoando o neto de Francklin* (1890); *Hamleto* (1893); *O Noviciado* (1894); *Honrae Patria* (1897), etc., etc.

— A 18 de Outubro f. nesta capital o conselheiro João Capistrano Bandeiro de Mello, lente jubilado da Faculdade de Direito de Recife. Durante o imperio foi presidente da então provincia do Rio Grande do Norte, de Santa Catharina, do Maranhão, Pará e Bahia. Na Republica exerceu varias e honrosas commissões.

— A 20 f. o desembargador Fernandes Pinheiro, com quasi 70 annos de edade. Era presidente da Corte de Appellação e um ornamento da nossa magistratura pela sua circumspção e probidade.

— Em data de 24 f. o Dr. Bernardino Ferreira da Silva, ministro do Supremo Tribunal.

— Dr. Balbino Candido da Cunha, f. a 5 de Dezembro, em S. João d'El-Rei, com 72 annos de edade. No passado regimen foi deputado á Assembléa de minas e presidente da provincia do Paraná.

— F. a 27 Pedro Rabello, distincto litterato, membro fundador da Academia de Lettras. Deixou bellos attestados do seu talento: um livro de contos, *Alma Alheia*, outro de versos, *Opera Lyrica*, e muitos escriptos esparsos nos diversos jornaes e nas revistas de que foi collaborador.

Extrangeiros

— No dia 4 de Janeiro f. em Lisboa o conde de Sobral.

— A 10 f. em Paris a agitadora Luiza Michel, n. em Troyes em 1833. De um devotamento nunca desmentido pela causa libertaria, ella era o typo feminino mais popular em toda a França e conhecida no mundo inteiro. Deixou diversas obras: *O Livro do Dia de Anno* (1872); *A Miseria* (1881); *As Despresadas* (1882); *A Communa* (1898), e outros.

— Bordalo Pinheiro, mui notavel caricaturista portuguez, bastante conhecido no Brasil, onde fez uma exposição que obteve grande exito. F. em Lisboa a 23 de Janeiro.



Julio Verne.

— A 24 f. na Allemanha o esculptor Siemeing.

— Na mesma data f. na Italia o Secretario da Propaganda, Monsenhor Spinola Savelli.

— A 20 de Março f. na Allemanha o escriptor Hammerstein.

— No dia 24 f. em França o illustre romancista Julio Verne. Creou um novo genero na litteratura, o romance scientifico e geographico, que lhe deu uma reputação universal. Contam-se por dezenas os seus livros, muitos dos quaes tiveram uma procura verdadeiramente extraordinaria em seu tempo, obras ainda hoje lidas com grande prazer pelos apreciadores do genero. Citaremos apenas: *Viagem ao centro da terra* (1864); *Da terra á lua* (1865); *Os Filhos do capitão Grant; Vinte mil leguas submarinas.*

— A 13 de Abril f. em Paris Lefebvre Laboulaye, n. naquella cidade em 1833. Foi quem na qualidade de embaixador em S. Petersburgo preparou a duplice alliança.

— O principe Henrique de Bourbon, f. na Italia no dia 14.

— A 21 f. o escriptor hespanhol Valerio Fornos.

— F. a 26 de Maio em Paris o barão Affenso de Rothschild, da grande e opulenta familia dos Rothschilds, e pessoalmente muito estimado naquella cidade por seu espirito philantropico.

— A 30 f. em Berlim o Dr. Garcia Merou, ministro plenipotenciaro da Republica Argentina, notavel politico e publicista.

— O archiduque José, f. em Fiume a 13 de Junho.

— Na mesma data f. na Austria-Hungria o barão Nathaniel de Rothschild.

— F. em Bruxellas a 5 de Julho o grande geographo Elysée Reclus, n. em 1830. Havia nelle dois homens, o politico e o scientista. Nesta ultima qualidade só tinha por toda parte admiradores. Como politico, de ins inctos os mais radicalmente libertarios, soffreu as consequencias da sua fé, sendo banido da França em 1871, como partidario da Communa. Autor da *Geographia Universal* (1875-1894); d'*A Terra* (1867-1868); d'*A Historia de um rio; Historia de uma montanha* (1880), e outros.



Elyseo Reclus.

— A 15 de Julho f. em Hespanha o ex-presidente do Conselho, Fernando de Villaverde.

— No dia 23 f. em Paris o pintor francez Jean Jacques Henner, n. em 1829: um dos mais estimados artistas do seu tempo. Autor de: *Fabiola*, *Penseriosa*, *Créole*, *Rêveuse*, *La Source*, *Hérodiade*, *Dormeuse*, etc., etc.

— A 16 de Agosto f. em Lisboa Emydio Navarro, o mais vibrante e valente jornalista politico de Portugal. Durante mais de 20 annos representou sempre importante papel na vida politica do paiz.



O tenor Tamagno.

— F. a 20, em França, o pintor William Bouguereau, n. em 1825. Salientou-se principalmente por suas pinturas decorativas e pelo agradavel da tonalidade dos seus quadros. Entre elles contam-se: *Bacchante sur une panthère*, *Quatre heures du jour*, *Saint Jean-Baptiste*, *La Vierge consolatrice*, etc., etc.

— A 31 de Agosto f. em Milão o celebre tenor Francesco Tamagno, n. em Turim em 1851. A voz extensa, solida e vigorosa de que dispunha, junto ao seu verdadeiro sentimento dramatico, deram-lhe muito justamente uma reputação universal. *O Trovador*, *Propheta*, *Guarany*, *Huguenotes*, *Aïda*, *Guilherme Tell*, e outras operas, valeram-lhe ruidosos e proficuos triumphos, na Europa como na America.

— A 5 de Setembro f. o eminente politico argentino Miguel Cané.

— No dia 11 f. em Portugal a actriz Emilia Adelaide, muito conhecida e estimada no Brasil por seu distincto talento.



José Maria de Heredia.

Santiago de Cuba, em 1842. livro *Tropheus;* elle representa a collecção de sonetos mais perfeitos, talvez, que se conheça na lingua franceza.

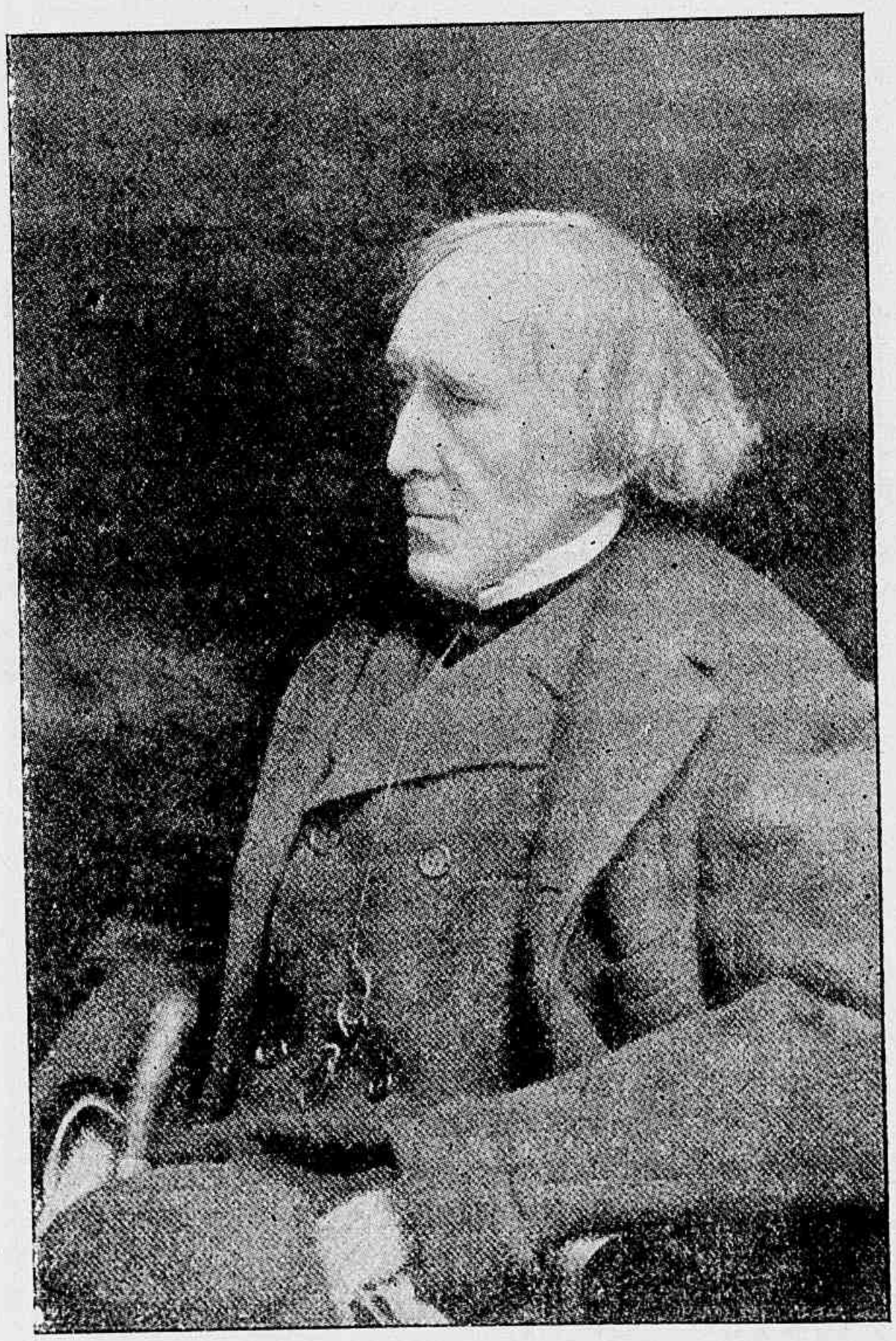
— A 14 f. na Inglaterra o celebre actor sir Henry Erving. Appareceu em scena pela primeira vez em 1856, mas só dez annos depois é que conquistou a grande nomeada que veiu a ter. Os inglezes viam em Irving sobretudo o magno sacerdote do culto por Shakespeare. O rei fel-o nobre e a Universidade de Oxford conferiu-lhe o titulo de doutor por seus trabalhos litterarios.

— No dia 24 de Outubro f. em Paris o pintor flamengo Florent Willelms.

— F. a 13 em Dakar o explorador francez Savorgnan de Brazzã, de origem italiana, n. em Roma em 1852. A França lhe deve assignalados serviços no oeste africano, onde foi fundada a Brazzaville em honra ao seu nome. Morreu em serviço da patria que fizera sua, de volta de uma delicada commissão que o governo francez lhe confiara.

— A 25 f. em Paris o deputado republicano Godofredo Cavaignac, n. em 1853. Foi ministro da marinha nos dois gabinetes Bourgeois e Brisson.

— Em data de 3 de Outubro f. em França o laureado poeta José Maria de Heredia, n. em La Fortuna, perto de Deve o seu renome principalmente ao



O actor inglez sir Henry Irving.

— A 11 de Dezembro f. o distincto litterato francez Paul Meurice, celebre principalmente pela amizade incondicional que votou a Victor Hugo e sua rara dedicação á memoria do grande poeta.

— F. a 20 de Dezembro em França o general Saussier, n. em 1828. Era tido na conta de um excellente e disciplinado militar.

LIVRARIA GARNIER

COLLECÇÃO INFANTIL

Leituras para crianças com gravuras coloridas. Compõe-se esta collecçao dos seguintes albuns :

Primeiro livro das crianças.
Segundo livro das crianças.
Terceiro livro das crianças.
Anjo da Guarda (O).
Aventuras de Hilario (As).
Bom Irmão (O).
Chapéo Preto (O).
Estevão Murillo.
Gato da Avósinha (O).
Polo Norte (O).
Thiago, o Pequeno Saboiano.
Ultimo Conto de Perrault (O).

Cada album in-8º. $800

CONTOS DE SCHMID

Rosa de Tannenburgo 1 vol.
O Cestinho de flôres, 1 vol.
Henrique d'Eichenfels, 1 vol.
Genevova de Brabant, 1 vol.
A cruz de madeira, 1 vol.
Os ovos da Paschoa, 1 vol.
A Rola, 1 vol.
O Carneirinho, 1 vol.
Capella da Floresta, 1 vol.

Preço de cada volume- . . . . . 1$500

EU SEI LER

Leituras e scenas infantis por, UM PAI, obra ornada de numerosas gravuras por LIX, impressas em côres, 1 vol. in-folio cart. 5$000, dourado 7$800

SABEREI LER

ALPHABETO METHODICO E DIVERTIDO

POR UM PAI

Obra ornada de numerosas gravuras coloridas por LIX. 1 vol. in-folio cart. 5$800
dourado. 7$800

—

Este magnifico album está impresso em typo grande e é muito attrahente, devido á quantidade de figuras, despertando assim a attenção da meninada ; constitue um verdadeiro brinde e os primeiros passos para aprendizagem dos bébés.

13

GOTTA, CALCULOS
RHEUMATISMO



são **COMBATIDOS**

com bom **RESULTADO** pelos

Saes de Lithina Effervescentes

LE PERDRIEL

(Carbonato - Benzoato - Salicylato - Citrato - Glycerophosphato - Bromhydrato).

Superior a todos os outros dissolventes do acido urico, pela sua acção curativa sobre a propria diathese arthritica.

O acido carbonico **NASCENTES** que d'elle se desinvolve e se combina molecularmente com a Lithina e assegura a efficacia d'esta.

ESPECIFICAR o Nome "**LE PERDRIEL**" *para evitar a substituição de similares inactivos, impuros ou mal dosados.*

LE PERDRIEL, 11, Rue Milton, PARIS

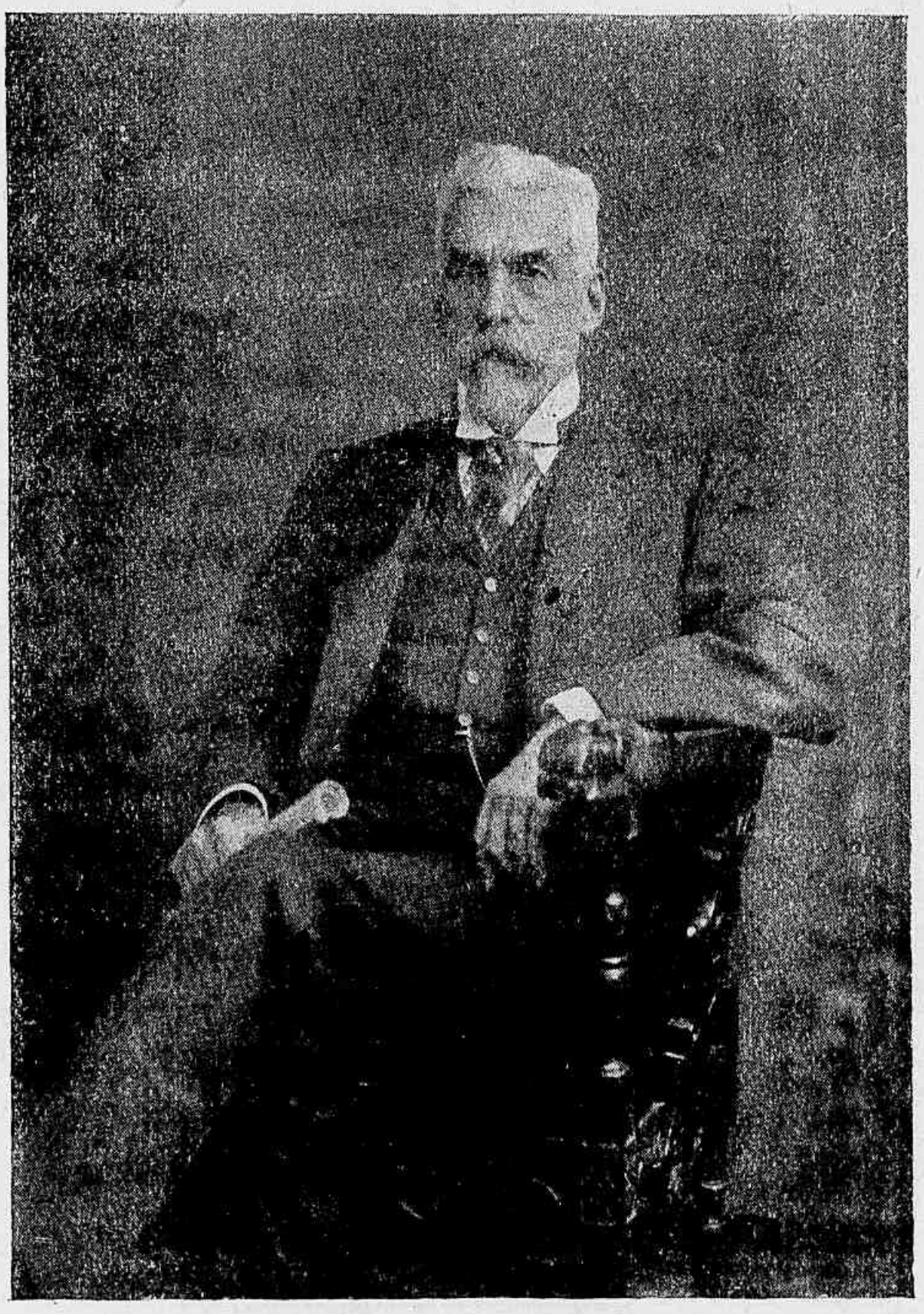
E TODAS AS PHARMACIAS

QUINTA PARTE

VARIEDADES

Os Melhoramentos da Capital Federal

Daqui a muito pouco tempo, quem se tenha retirado do Rio de Janeiro antes de iniciados os grandes melhoramentos por que hoje passa a vèlha cidade colonial, voltando de novo ver-se-ha tão desorientado, quasi, como si visitasse uma grande cidade que lhe fosse de todo desconhecida. E que surpresa agradavel para os olhos!

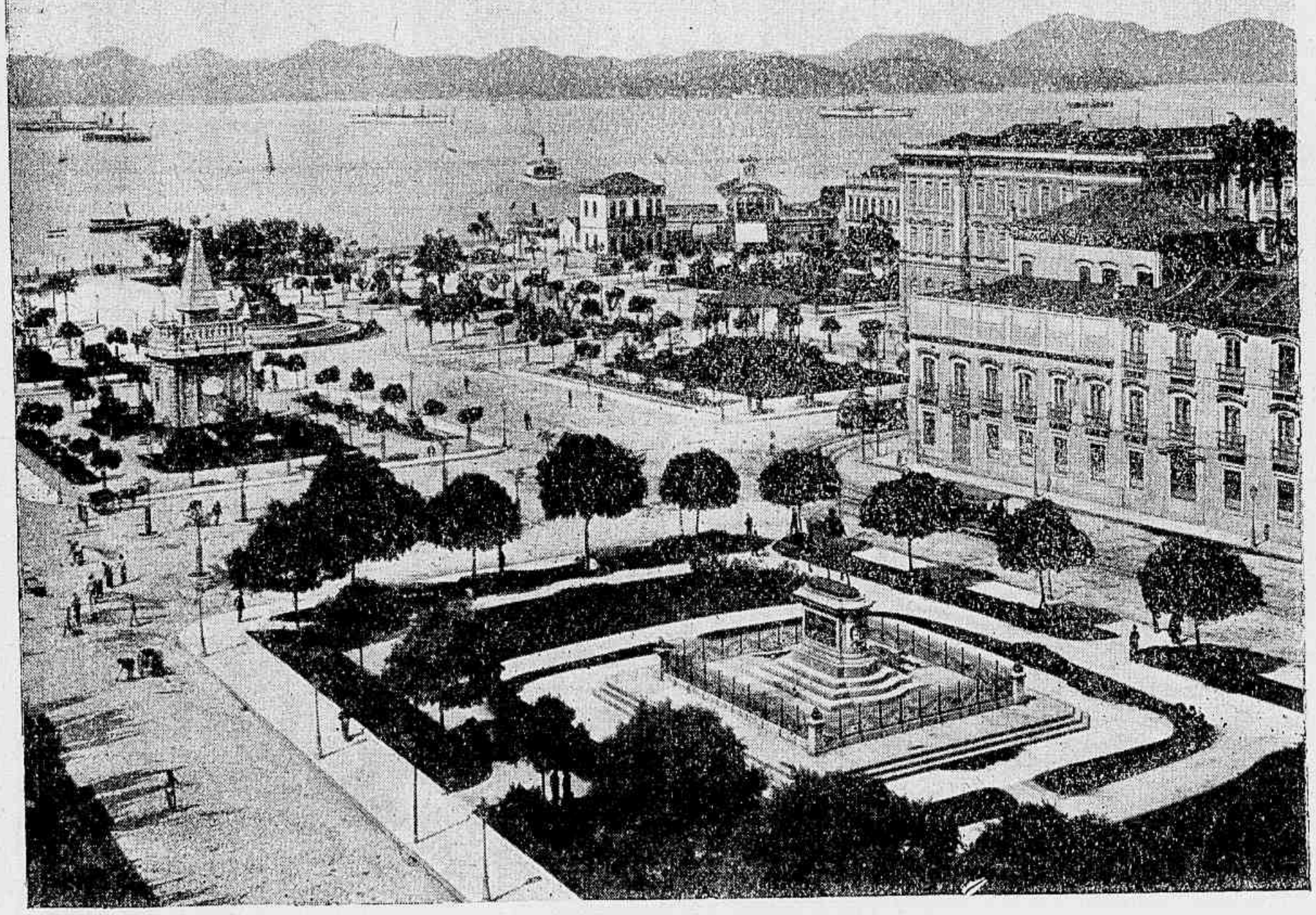


Dr. Francisco Pereira Passos,
Prefeito do Municipio do Districto Federal.

Em vez das ruas estreitas, sombrias e irregularissimas que deixou, dos becos excusos, das praças acanhadas ou sem elegancia nenhuma, construidas ao insosso capricho dos antigos mestres d'obra verá, uma vasta cidade moderna, cortada de largas e extensas avenidas, que lembram as grandes artérias das metropoles européas e mesmo algumas rivalisam com outras, das mais bellas, que ali se encontram; ruas espaçosas e claras; multiplos jardins, profusamente floridos; praças amplas e bem alinhadas, de que terá desapparecido o velho casario acaçapado e sem gosto; unido e commodo calçamento. Verá principalmente como emfim houve nesta terra uma geração que poude se aperceber da generosidade sem par com que a natureza nos dotou e soube intelligentemente utilisal-a para realçar com os adornos que lhe são proprios a obra do homem.

Ainda ha muito a fazer. Só os melhoramentos do porto, que o governo federal tomou a seu cargo, e que comprehendem um caes de 3.500 metros de extensão, pedem annos para ser construidos. Ao longo desse caes ficarão dispostos os armazens ou depositos, numa avenida de 40 metros de largura, a qual se liga em seu extremo, que é o antigo Largo do Prainha, com a Avenida Central.

Ha as obras do Canal do Mangue, que vae ser prolongado, formando uma



Rio. — Praça 15 de Novembro.

avenida de 90 metros de largura e 2.770 de comprimento, que se chamará Avenida Maracanã.

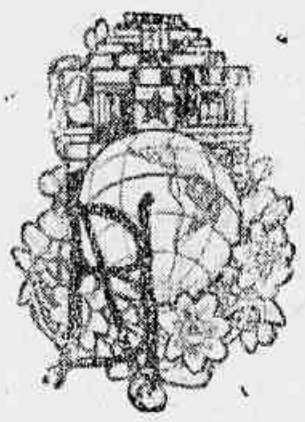
Ha o arrasamento e nivelamento dos morros do Senado e do Castello, para melhor ventilação da cidade.

Alem disso a municipalidade propoz-se a abrir desde logo 3 avenidas e alargar 12 ruas, sem contar que deverão ser alargadas gradualmente umas, prolongadas outras, melhorado o systema de desaguamento pela canalisação de varios arroios, etc. Novas praças e jardins se formarão. Numa palavrá, far-se-ha quanto possa contribuir para o saneamento e embellezamento da cidade.

Mas como se verá pelas illustrações que o « Almanaque » aqui offerece aos seus leitores, o que ja poude ser executado em tão breve espaço de tempo,

causa verdadeira admiração, principalmente a quem, ja tendo conhecido a capital federal, volta a vel-a actualmente.

A impressão é das mais agradaveis, desde o caes Pharoux, para quem, pondo o pé em terra, encontra de fronte de si uma praça limpa, ajardinada, embellezada de todo o ponto, a Praça Quinze de Novembro, e lembra o seu aspecto bisonho e a atmosphera malsã que ali havia ha pouco tempo, coisas aptas que eram a predispor tão mal o viajante contra a cidade.



Ex-libris da Bibliotheca Nacional.

A uma distancia facilmente transponivel, sahindo-se do caes Pharoux, ja se encontra a bella Avenida Central, construida pelo governo da União, franqueada ao transito desde 15 de Novembro de 1905, de 1.800 metros de comprimento e 33 de largura, atravessando em linha recta toda a cidade velha, vindo do antigo Largo da Prainha e terminando na Praia de Santa Luzia, proximo do Passeio Publico. Ja está de lado a lado cheia de predios os mais elegantes, e muitos que são verdadeiros palacios, uns terminados, outros a maior parte, em grande adiantamento. Durante todo o dia carros, automoveis e pedestres percorrem animadamente a Avenida, onde ja se contam differentes estabelecimentos abertos, entrando ella assim aos poucos nas suas funcções de arteria principal da cidade.



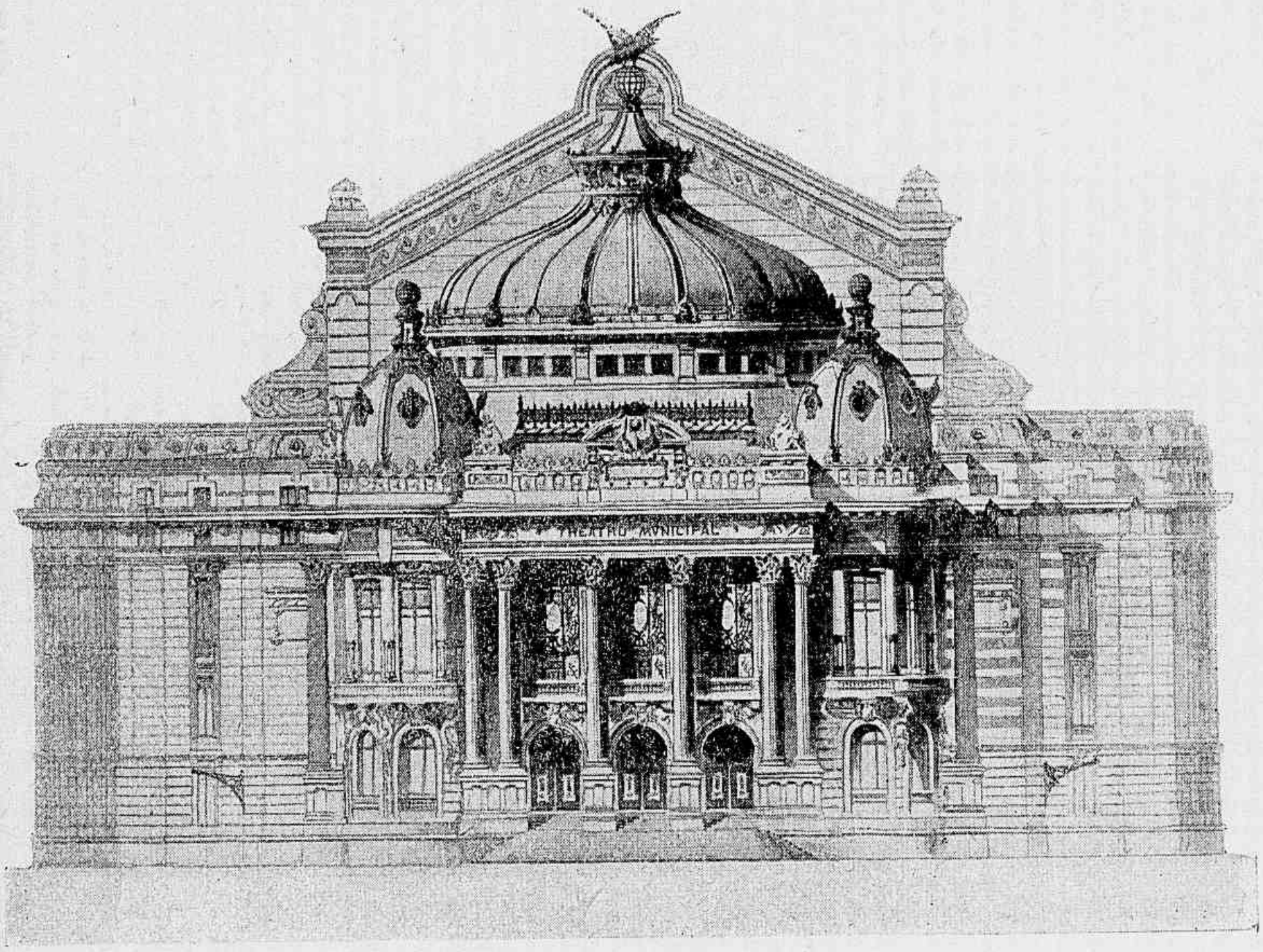
Dr Paulo Frontin.

Chegados que sejamos á Praia de Santa Luzia, encontramo-nos com a Avenida Beira Mar, cuja grande belleza melhor se pode ver por emquanto na enseada de Botafogo, ja toda ella ajardinada, sendo hoje este um dos principaes logradouros da sociedade elegante do Rio. A Avenida Beira Mar terá uma extensão de 5.200 metros sobre 33 de largura, vindo desde o extremo da Praia de Botafogo a ligar-se pelo limite sul com a Avenida Central e por esta com a do novo caes.

Alem desses melhoramentos muitos outras ja se podem admirar, e varios, entre elles, de grande importancia. Por exemplo :

A nova Rua do Acre, antiga da Prainha, inteiramente transformada,

larga, limpa, commoda, não se podendo fazer mais uma idéa da triste, miseravel e entulhada viela que foi. A Rua Larga de S. Joaquim, hoje Marechal Deodoro, com que a nova Rua do Acre faz angulo, representa outro grande melhoramento, como ora se acha, tendo desapparecido a chamada Rua Estreita, e indo assim prolongada, encontrar-se com a rua Visconde de Inhauma.



Theatro municipal (em construcção).

Esta por sua vez mudou completamente de aspecto, tambem alargada e reconstruida, como a de S. Bento, a da Uruguyana, a do Sacramento, hoje Avenida Passos, porque ella se prolongou, fazendo desapparecer a antiga e triste Rua Camerino e indo encontrar-se com a Rua Marechal Deodoro.

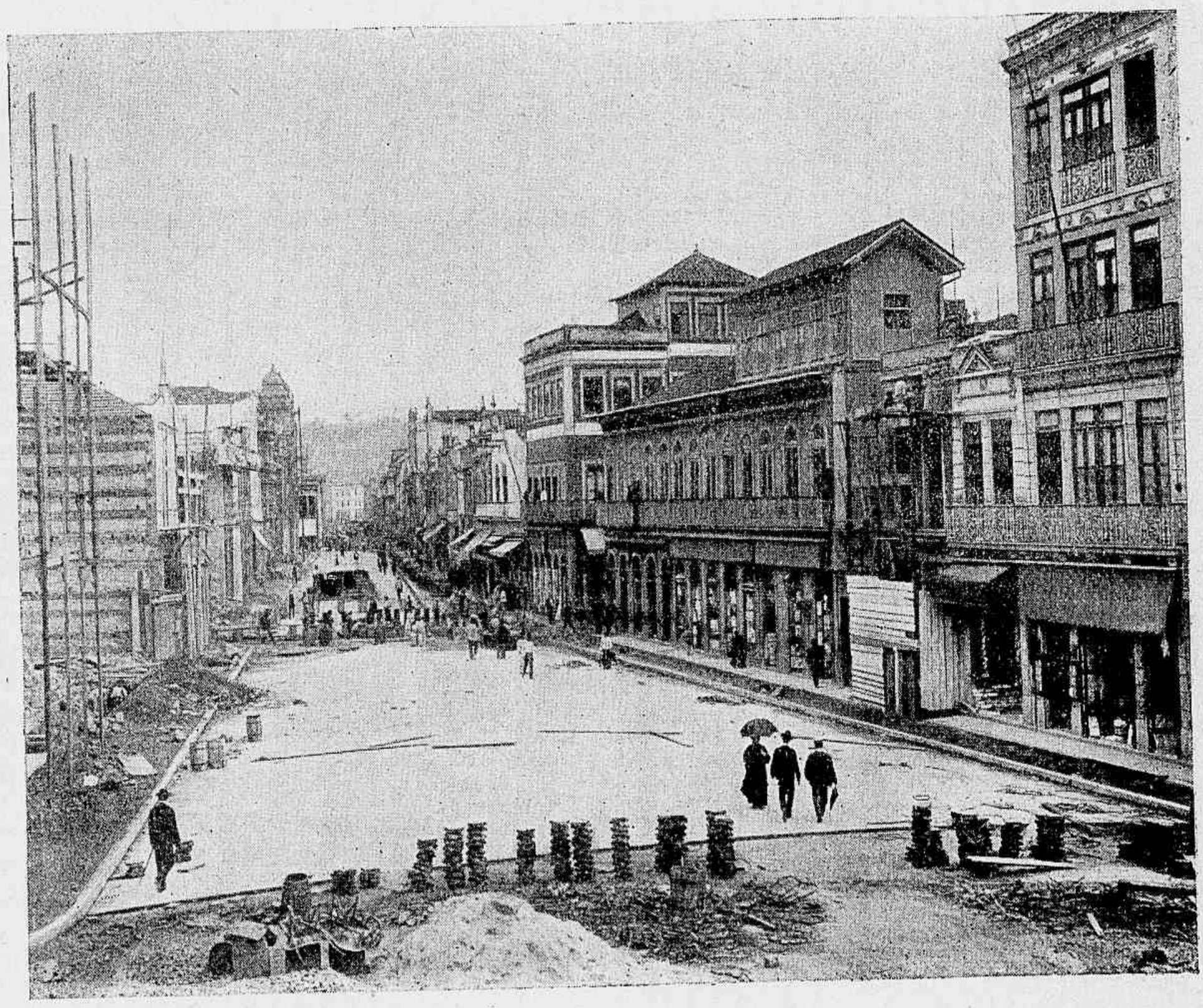
Ja se acham em grande adiantamento diversas outras obras, as das ruas da Assembléa e Carioca, a de Frei Caneca, etc.

Em todos os pontos da cidade sente-se um movimento febril de transformação ou melhoramentos. Ampliou-se, como ja se referiu, o caes Pharoux e completou-se o ajardinamento da Praça Quinze de Novembro, dotando-a com um bello pavilhão. Aterrou-se, nivelou-se, embellezou-se a Praça Marechal Deodoro. Deu-se aspecto mais bonito e aceiado ao quadrilatero da Praça da Republica, fronteiro ao Quartel general. Ja vão adiantadas as obras de ampliação do palacio da prefeitura, que se estende até á rua do Nuncio. Aperfeiçoou-se o calçamento de muitas ruas e praças na zona urbana e suburbana. Communicou-se o Largo de S. Francisco com a rua da Carioca, prolongando

a travessa daquelle nome. Reformou-se o jardim da Praça Tiradentes. Fez-se demolir o velho edificio do Mercado da Gloria e plantou-se um bello jardim no seu lugar. A rua Treze de Maio foi inteiramente transformada.

Fora da cidade, ajardinou-se o Alto da Boa Vista, na Tijuca. Construiu-se a nova estrada das Furnas em substituição do antigo caminho Quebra Cangalhas, na Serra da Tijuca, etc.

Das avenidas que se vão construir a Mem de Sá começa no Largo da Lapa,



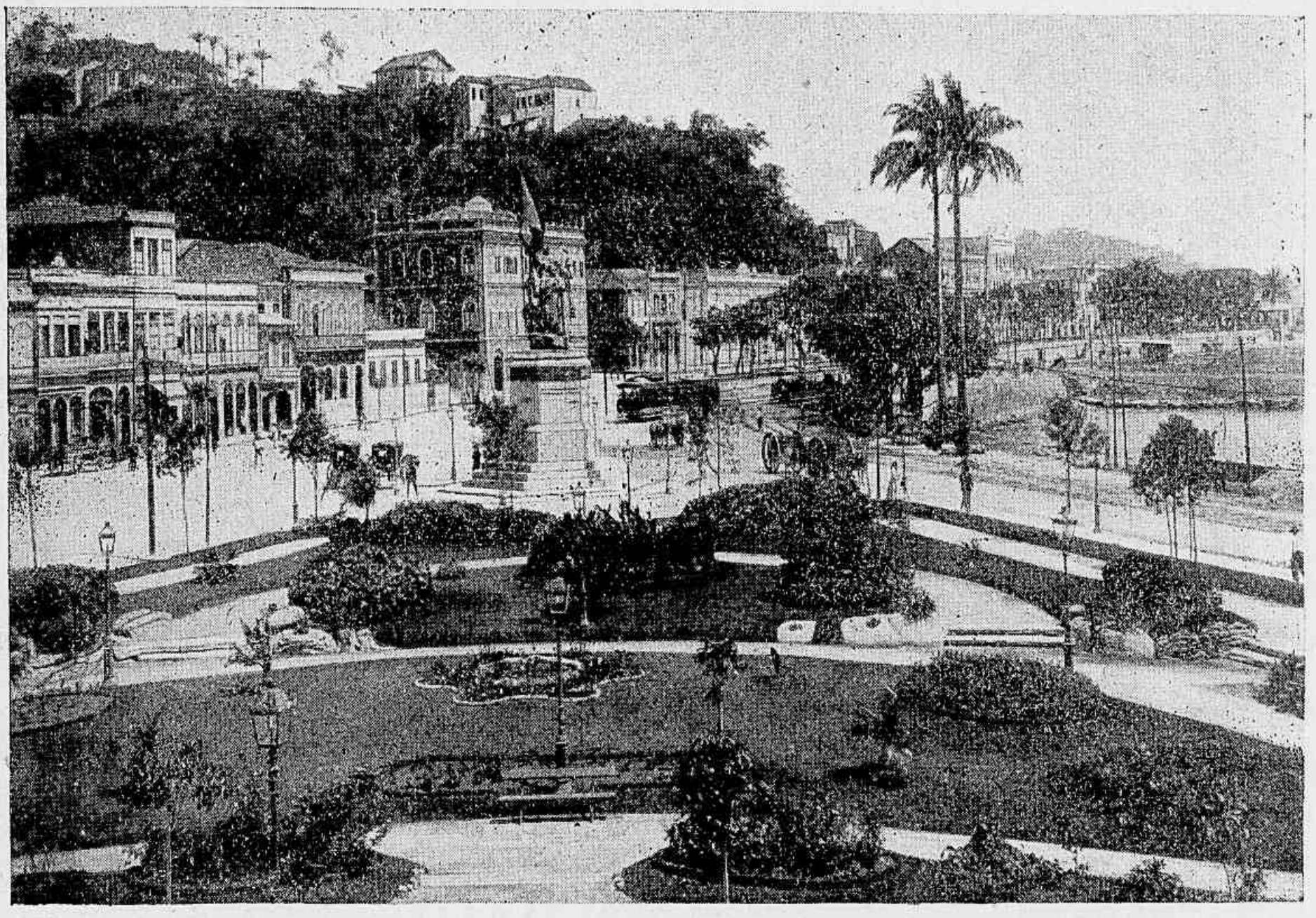
A rua da Uruguayana, em obras.

ao lado do Passeio Publico, por onde se communica com a Avenida Central, e a Avenida Beira-Mar, e atravessando os terrenos de Morro do Senado, une-se obliquamente, aos 1.500 metros, com outra de 750 metros, a Salvador de Sá, que ja está em construcção e vae terminar quasi na rua Estacio de Sá.

Uma dos mais importantes ruas projectadas é a que liga a Praça Quinze de Novembro com a de Tiradentes e a da Republica, tendo 1.500 metros de extensão até unir-se ás Avenidas Salvador e Mem de Sá.

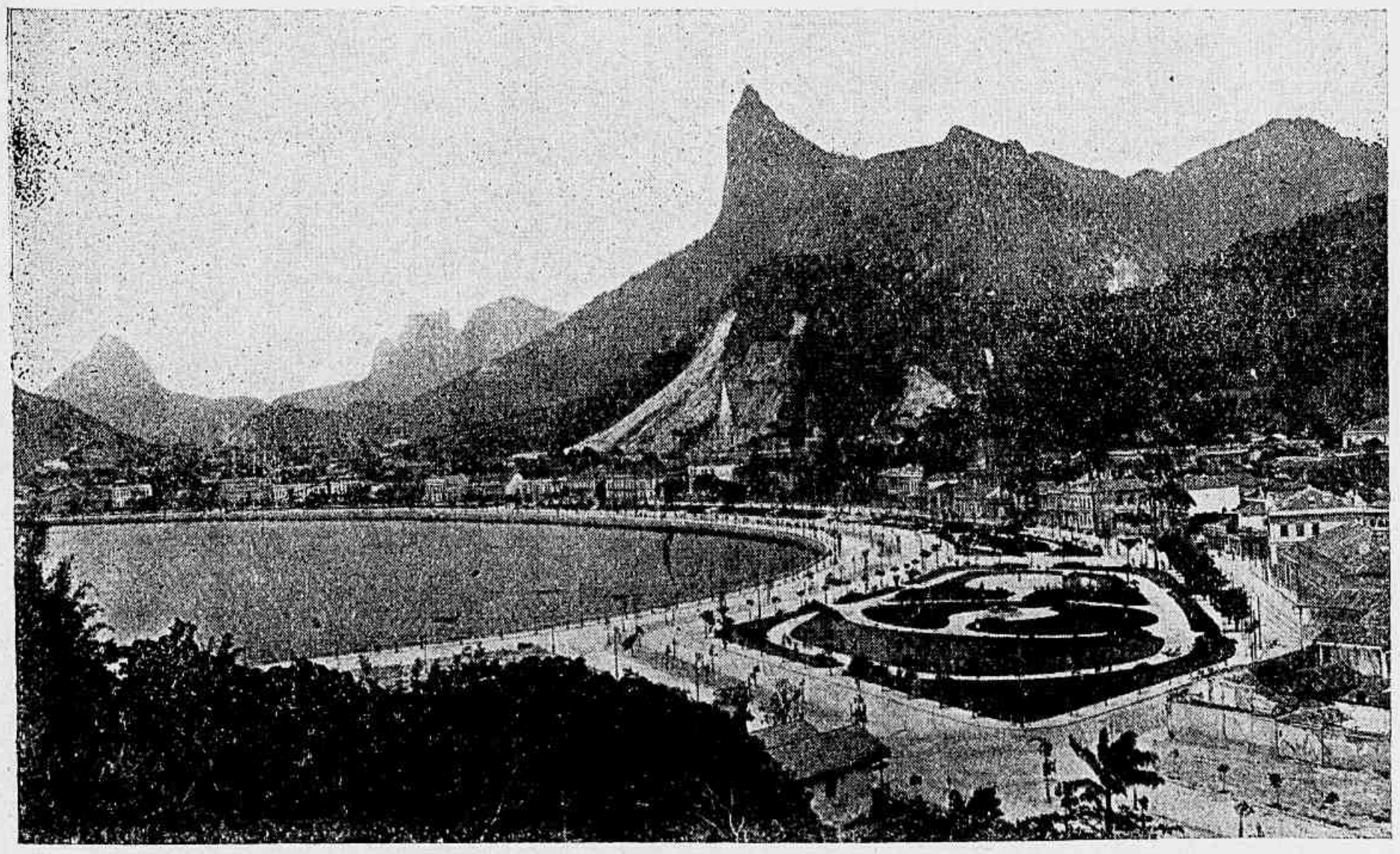
Por este rapido esboço pode-se fazer uma idéa do que ja está realisado e do que se ha de fazer para a transformação completa da cidade do Rio de Janeiro. Hoje ja se pode garantir que ella num futuro bem proximo será a primeira da America do Sul sob todos os seus aspectos.

Proporcionando aos nossos leitores as vistas de alguns dos melhoramentos indicados, não deviamos deixar de com ellas dar no « Almanaque » o retrato



Um trecho do jardim da Gloria.

dos dois homens a quem principalmente se deve a execução do que até aqui se



Enseada de Botafogo. — Avenida beira mar.

tem feito e a boa orientação, o gosto e a competencia com que geralmente se tem trabalhado. Esses dois homens são o Prefeito municipal do Districto

Federal, Dr. Francisco Pereira Passos, e o Dr. Paulo Frontin, chefe da commissão de obras por parte do governo federal.

Os terramotos da Calabria

De quantas catastrophes occorreram no anno de 1905 occasionadas pelos elementos, nenhuma se pode comparar aos grandes terramotos que assolaram principalmente a região da Calabria, no meio dia da bella Italia, pelo mez de Setembro. Quer quanto á extensão dos prejuizos materiaes causados, quer pelo numero de vidas que ali se sacrificaram, ella foi superior ao cataclysmo de Lahore, na India, que se deu no mez de Abril.

Ja havia algum tempo que o Vesuvio dava signaes de ameaçadora actividade. Roncos surdos eram ouvidos, não só nas regiões circumvisinhanças da montanha, mas ainda a distancia consideravel. No fim do mez de Agosto houve uma erupção violentissima, que tornou quasi inhabitaveis as povoações mais proximas. Os moradores, embora ja habituados a esse phenomeno, como aos tremores de terra, abandonaram a região em massa, precipitadamente, por tal modo impressionou-os a intensidade dessa manifestação.

Na noite de 7 para 8 de Setembro a lava que fervia no interior da cratera irrompeu, estendendo-se a uma distancia de mais de 40 metros, cobrindo uma parte da estrada de ferro que sobe pela montanha. Ao mesmo tempo bombas incandescentes rebentavam nos ares produzindo formidaveis estrondos.

Tambem no mesmo dia 8, ás 2,^{55} da manhã, produzia-se o primeiro grande cataclysmo da Calabria, que repercutiu embora levemente em Napoles, Florença e Castellamare, e com mais intensidade em Messina, cidade da Sicilia. O tremor mais forte durou 27 segundos.

De todos os pontos da região chegaram logo noticias desoladoras : de Catanzaro, Monteleone, Pizzo, Martirano e uma grande quantidade de villas e povoações. Mas só os telegrammas do dia seguinte ao da horrivel catastrophe é que puderam dar uma idéa mais precisa das desgraças e damnos causados.

A communa de Zamaro ficou completamente destruida. A povoação de Piscopio não foi destruida, foi arrasada; toda ella era um montão de vigas, pedras e caliça. Mais de 100 mortos em Lecce. Muitas desgraças na provincia de Cossenza. Grandes estragos e muitas victimas em Daffina, Daffinello, Lozzone.

Mesmo em Messina, da Sicilia, diversos immoveis abateram, sepultando nas suas ruinas os habitantes. Forte abalo na Liguria, mas nenhum accidente.

Descreviam-se scenas compungentes e tragicas. Em Monteleone, por exem-

plo, os detentos da penitenciaria, 400 homens, despertando com os formidaveis abalos que tinham sacudido o edificio, tentaram primeiro fugir, lançando-se alguns sobre os guardas. Diante da resistencia que se lhes oppunha, ficaram presas de um panico medonho e davam urros de desespero. Nisto desaba o tecto, sepultando um bom numero desses infelizes.

Em Catanzaro os doentes em tratamento no hospital atiraram-se dos leitos e, dando-se um desabamento parcial no edificio, abandonaram-no, espalhando-se pela cidade em gritos desoladores.

Ainda não se tinham reerguido os animos, renovam-se os tremores de terra a 14, em Cossenza, Reggio, Monteleone e outros pontos. Despenham-se casas e egrejas.

Ainda nessa data era impossivel precisar o numero de mortos por occasião da primeira catastrophe. Mas ja haviam dessoterrado das ruinas cerca de mil cadaveres. Todos os dias iam-se descobrindo villas inteiras destruidas por completo e não se sabia o que fora feito dos seus habitantes. Em Cittanova 600 pessoas tinham desapparecido e havia 3.000 feridos. A povoação de Ouvinga desapparecera totalmente. Ja então calculava-se que nem 100 milhões de liras bastassem para soccorrer as victimas de modo efficaz.

Veiu terminar a obra dos terramotos a tempestade, que se despenhou em seguida por toda a região. As populações, sem abrigo, conheceram os horrores da desgraça por completo.

E ainda tremores de terra faziam-se sentir de espaço a espaço, arrasando os albergues que se tinham podido improvisar, ou afugentando delles as populações, que sahiam fugindo espavoridas campo a fora.

Ainda no dia 22 de Setembro derrocou-se o monte S. Paulino na Sicilia, sepultando uma parte da população da cidade de Sutera.

Nestas tragicas emergencias, houve uma nota consoladora: o rei Victor-Manoel mostrou-se á altura da situação. Elle se fez transportar immediatamente á região assolada, e sua presença, actividade, energia, e o espirito sociavel que desenvolveu, levantavam o moral das populações, que ao annuncio da chegada do soberano iam-lhe ao encontro, em massa, implorando soccorros. Pontos houve em que, pelo máo estado das estradas, elle teve de fazer kilometros a pé.

Outro facto que enterneceu o coração italiano foi o interesse que as desgraças occorridas na patria da arte despertou no mundo inteiro. Em quasi todas as grandes capitaes da Europa abriram-se subscripções, fizeram-se kermesses e bandos precatorios em favor das tristes victimas da Sicilia. O movimento, porem, foi mais accentuado, a acção mais efficaz nos centros em que a colonia italiana era mais consideravel, porque ahi, muito naturalmente, foram os proprios filhos de Italia que tomaram a iniciativa com o ardor e o devotamento proprio da raça e alem disso de irmãos mais proximos dos infelizes sinistrados. Haja vista o que fez a colonia italiana de S. Paulo, a do Rio de

Janeiro e de outros pontos do Brasil, reunida aos brasileiros que quizeram comparticipar da iniciativa.

Como nasceu Cuiabá

Nasce o Caxipó-mirim no planalto da *Chapada* (a), de onde precipita-se depois de um sinuoso percurso de cerca de doze kilometros, engrossando logo o seu volume as aguas de cinco contribuintes, cuja serie fecha-se com o ribeirão das *Tres Barras*.

Pouco abaixo dessa corrente, na paragem em que o rio primitivamente se repartia em dous braços, formando a extincta ilhota do *Capitão-mór,* assentara-se outr'ora a povoação da Forquilha, em terreno circumjacente ao arraial hoje existente do Coxipó do Ouro.

Em sua origem modesto acampamento de uma turma de bandeirantes sem destino prefixado, occupou ella a principio apenas a nesga de terra delimitada a léste pelo braço occidental daquella ilha, e só mais tarde desceu ao sitio antes semeado de malocas *Carijós*.

Da lucta travada entre os invasores e os incolas, lucta sem duvida desigual, mas renhida, a historia local nada menciona, chegando mesmo os raros documentos contemporaneos a silenciarem inteiramente a respeito, silencio que tambem se reproduz nas chronicas do tempo.

O que parece certo, e a tradicção confirma, é que se parte daquella tribu conseguio furtar-se ao contacto dos brancos, emigrando para o interior, a outra parte talvez mais numerosa submetteu-se á escravidão que lhe era imposta pela lei do mais forte, tendo entretanto com o decorrer dos dias apparecido casos de revolta contra esse jugo, expressos em deserções isoladas.

Naturalmente indolentes, incapazes por isso de qualquer esforço demorado, os individuos desse grupo denunciaram-se fracos auxiliares quando applicados em trabalhos de ordem sedentaria, sendo que foram utilisados com maior vantagem na mineração, e mais ainda como dextros caçadores e experimentados guias através das mattas.

Conhecedores da região, e já por fim sabedores da estima votada ao ouro, vemos dous de seus membros conduzirem em 1722 (b) o sorocabano Miguel Sutil ao declive da collina de N. S. do Rosario, onde lhe desvendam por entre o grammado virente grande copia do precioso metal.

Era a situação da *Forquilha* naquella sobre modo lisongeira quatro annos

(a) Tem origem nas immediações da fasenda do Burity, numa altitude correspondente a 434 metros sobre a matriz de Cuiabá, on sejam 653 metros sobre o nivel do mar (Dr. P. Vogel, *Reisen in Matto-Grosso*, 1887-88).

(b) João Severiano da Fonseca data esse facto como occorrido em 1720 (*Viagem ao redor do Brazil*, vol. II). Leverger indica o anno de 1722 (*Apontamentos chronologicos da provincia de Matto Grosso*).

de existencia relativamente tranquilla haviam alterado o seu aspecto, substituindo pouco a pouco as rudes paliçadas de nacoris por solidos ranchos de páo a pique, e multiplicando prodigiosamente o numero de habitantes.

A noticia daquella descoberta, porem, exerceu influencia tão preponderante no espirito dos moradores da povoação, gente ferretoada pelo anhelo de espantosas riquezas, que em menos de um anno na outr'ora prospera localidade sómente restavam cercas cahidas e esteios desaprumados para attestarem a passagem ahi de uma população civilisada.

O abandono fóra completo, e a emigração para a nova lavra, que recebeu a denominação de Cuyabá — do rio mais proximo — operou-se com açodamento só explicavel pela abundancia mineral do sitio, de cujos arredores foram extrahidas em menos de um mez quatrocentas arrobas de ouro, sem que as excavações fossem alem de uma camada correspondente a quatro braças abaixo da superficie do solo (a).

Essa pujança arrastou com sofreguidão para ahi sertanistas e aventureiros de S. Paulo, Minas, Bahia, Piauhy e Maranhão, aos quaes se encorporaram tambem individuos de varios nacionalidades, muito embora os perigos de uma longa travessia de mais de quinhentas legoas (b), não tendo sido reduzido o numero dos que nella succumbiram.

« Estavam esses homens, escreve o brigadeiro Machado de Oliveira, exclusivamente dominados pelo objecto que os levou a emigrarem do seu paiz, e tanto que lhe faltavam meios de manutenção e segurança para viagem tão prolongada e perigosa, em que por certo depariariam com mil difficuldades e riscos. Assim desprecavidos, não tardou muito que não cahissem victimas, uns da fome, outros das intermittentes dos paizes do Tieté, e muitos dos Payaguás, que em numerosas canôas affrontavam as expedições naquellas paragens em que não podiam ser evitados. »

Por impaciencia, senão por imprevidencia, esses *flibusteiros do sertão*, no dizer de Humboldt, « padeceram grandes destroços, mortandades de gente por falta de mantimentos, doenças, foram comidos das onças e soffreram outras muitas miserias. »

« Houve comboyo de canoas, relata Barbosa de Sá (c), em que morreram todos sem ficar um vivo, pois eram achadas as canoas e fazendas podres pelos que vinham atraz, e os corpos mortos pelos reductos e barrancos. »

A uma monção, porem, que se despedaçava de encontro ás cachoeiras do Tieté ou do Taquary — roteiro preferido posteriormente á navegação da Anhanduhy-assú — ou que era destroçada pelos selvagens, succediam-se

(a) Felippe José Nogueira Coelho. — *Memoria chronologica da provincia de Matto Grosso*.

(b) De Araraytaguaba a Cuiabá a distancia pela via fluvial é reputada em 530 1/2 leguas, segundo Lacerda e Almeida, incluindo o trecho de dezesete leguas comprehendido no varadouro de Camapuan (*Diario de Viagem*).

(c) José Barbosa de Sá. — *Chronicas de Cuiabá*.

outras mais ousadas, ou quiçá mais adestradas, porque em São Paulo repetia-se sempre que « o ouro em Cuiabá era em tanta abundancia que os caçadores serviam-se delle em vez de chumbo. »

Assim, apesar de taes obstaculos, as novas minas já em 1726 tinham-se metamorphoseado em pitoresco arraial de cerca de tres mil habitantes, contando mais de cem casas de edificação regular e duas Igrejas (a).

De todos os acontecimentos teve a metropole exacto conhecimento, e no interesse de melhor assegurar a arrecadação da fazenda real, até então effectuada sem o rigor que convinha á corôa, ordenou que para o arraial se transportasse o governador Rodrigo Cesar de Menezes, incumbindo-o tambem da erecção de Cuiabá em villa.

E a 15 de Dezembro daquelle anno aqui aportava esse funccionario, em cumprimento á determinação regia, tendo-se feito acompanhar do Dr. Antonio Alves Lanhas Peixoto, ouvidor de Paranaguá, do padre Lourenço de Toledo Taques, como visitor, e do ajudante Antonio Borba, que se fez tristemente celebre pelo seu comportamento brutal e violento.

A expedição que os conduzio compunha-se de trezentas canôas tripuladas por tres mil pessoas, e esse accrescimo de população — despejada assim de chofre sobre um centro afastado de todos os recursos — trouxe como corollario a elevação do preço dos generos de consumo immediato, e foi o annuncio dos males que vieram em pouco flagellar o povo.

Dezeseis dias depois — a 1º de Janeiro de 1727, — era Cuiabá elevado á categoria de villa, lavrando, se do acto o seguinte termo :

« Ao primeiro dia do mez de Janeiro de 1727, nesta Villa Real do Senhor Bom Jesus de Cuiabá, sendo mandado por S. M. que Deus Guarde, a crea-la de novo o Ex^mo Snr. Rodrigo Cezar de Menezes, governador e capitão-general desta capitania, e que o acompanhasse para o necessario, o Dr Antonio Alves Lanhas Peixoto, ouvidor geral da comarca de Paranaguá sendo por elle eleitas as justiças, juizes ordinarios, Rodrigo Bicudo Chacim, o thesoureiro coronel João de Queiroz Magalhães, e Vereadores Marcos Soares de Faria, Francisco Xavier de Mattos, João de Oliveira Garcia, e procurador do Conselho Paulo Anhayá Lima, servindo de escrivão da Comarca Luiz Teixeira de Almeida, almotacé o brigadeiro Antonio de Almeida Lara, e o capitão-mór Antonio José de Mello, levando o estandarte da Villa Mathias Gomes de Faria, foi mandado pelo dito Snr. governador capitão general que com o dito Dr Ouvidor, todos juntos com a nobreza e povo, fossem á praça levantar o pelourinho desta Villa, a que em nome d'El-Rei deu o nome de Villa Real do Bom Jesus, e declarou que sejam as armas de que usasse um escudo dentro com o campo verde e um morro ou monte no meio todo salpicado com folhetas e granitos de ouro, e por

(a) Bom Despacho e Senhor Bom Jesus. Nesta ultima, edificada em 1722 pelo capitão-mór Jacintho Barbosa Lopes, repousam os restos de Paschoal Moreira Cabral, fallecido em 1724, aos setenta annos de idade.

timbre, em cima do escudo, uma phenix; e nomeou para levantor o pelourinho ao capitão-mór Regente Fernando Dias Falcão, e todos sobreditos com o dito Dr Ouvidor, nobreza e povo foram á praça desta villa, onde o dito Fernando Dias Falcão levantou o pelourinho, do que para constar a todo tempo fiz este termo que assignou o dito Snr. general com os sobreditos. E eu Gervasio Leite Rabello, secretario deste governo, que o escrevi, dia e era ut supra. — Rodrigo Cesar de Menezes. — Antonio Alves Lanhas Peixoto. — Rodrigo Bicudo Chacim. — Marcos Soares de Faria. — Francisco Xavier de Mattos. — João de Queiroz Magalhães. — João de Oliveira Garcia. — Luiz Ferreira de Almeida. — Antonio José de Mello. — Paulo de Anhayá Lemes. — Antonio de Almeida Lara. — Mathias Soares de Faria. — Fernando Dias Falcão. — João Pereira da Cruz. — Manoel Dias de Barros. — Luiz de Vasconcellos Pessoa. — Manoel Vicente Neves. — Salvador Martins Bonella. »

Rodrigo Cesar só regressou a S. Paulo em Setembro de 1728, e a sua permanencia na villa foi assignalada por uma serie de extorsões, processos e actos de requintada violencia — do que dá justa medida a perseguição movida contra os irmãos Lourenço e João Leme — forçando desse modo os seus habitantes a abandonarem interesses e propriedades, e a se internarem pelos sertões uns, e outros a tomarem caminho para Goiaz e São Paulo (a).

Do grão de decadencia a que chegou Cuiabá, logo depois da partida daquelle governador, dá uma testemunha a noticia que segue :

« A villa só tem oito ou nove casas de telha, entre as quaes a melhor é a que foi do general Rodrigo Cesar; as mais são de capim, mas com serem assim se não vendiam quando cheguei, por mais pequenas que fossem, por menos de 200 a 500 oitavas cada uma, e as que tinham mais algum commodo chegaram a 700, porem d'ahi a dous annos as vi vender a 40 e 50 oitavas, quando as não desamparavam os donos que vinham para o povoado : o mesmo succedeu ás roças : pedindo por algumas quando fui, 300 a 400 oitavas, as venderam ao depois por 50 a 100, e muitas as abandonaram os donos retirando-se para S. Paulo (b). »

« Era tudo miserias, queixas e lamentos : a terra falta de roças, que brotavão os milhos espigas sem gramma alguma; os que escapavam á doença, não escapavam á fome; assim que tudo era gemer, chorar, morrer (c). »

A decadencia manifesta-se notoria e constante em todos os sentidos; e esse estado de cousas vigorou até que os primeiros actos de moderação do general Joaquim da Silva Caldeira Pimentel vieram reanimar a confiança publica.

O germem do mal, porem, estava lançado e a lembrança dos calamitosos dias que a presença de Rodrigo Cesar assignalára, perdurava ainda na memoria

(a) Só em 1728 mais de mil pessoas abandonaram Cuiabá em busca de Goiaz.

(b) Noticias praticas das minas de Cuyabá, etc., que dá ao Rev. Padre Diogo Soares o capitão João Antonio Cabral Camello, etc. (Revista do Instituto Historico, vol. VI).

(c) Barbosa de Sá. — *Chronicas de Cuyabá.*

de todos, actuando de modo que os poucos moradores da villa buscavam apenas pretexto para abandonal-a.

Dessa irradiação, e mais ainda pela indole aventureira dos primeiros povoadores do sertão mattogrossense, nasceram as entradas para a região occidental, que tomaram vulto depois dos descobrimentos dos irmãos Fernando e Arthur Paes de Barros, originando-se d'ahi o povoamento do valle do Guaporé.

Indirectamente, pois, os desmandos de um governo mal intencionado e pessimamente orientado, foram os factores de um conjuncto de acontecimentos que trouxeram ao Brazil maior amplidão territorial, e a Portugal feliz opportunidade de indemnisar-se dos prejuizos que a má fé da politica hespanhola lhe havia acarretado com a occupação das Felippinas, procedimento contrario ao estabelecido no tratado de Tordesilhas de 1494 e extranhavel em face da convenção de Saragoça de 1523.

A pesar de sua preocupação doentia de imitador de Luiz XIV, bem comprehendeu d. João V o alcance dos novos successos e, para melhor assegurar o dominio portuguez naquella zona, apressou-se em crear por acto de 9 de Maio de 1748 a capitania independente de Matto-Grosso.

ESTEVÃO DE MENDONÇA.

Cuiabá.

A canhoneira « Patria »

Depois de ter tocado em differentes portos do Norte, sendo recebida por toda parte em meio de ruidosas festas e jubilo fraternal, chegou ao Rio de Janeiro a 24 de Setembro de 1905 a canhoneira « Patria », pertencente á marinha portugueza.

Este bello vaso de guerra foi construido com o producto de uma grande subscripção entre os filhos do velho e glorioso reino residentes no Brasil.

Pode-se dizer que foi grandiosa a recepção que a Capital da Republica lhe reservou.

Mal, ás 7 horas da manhã, lançava ancora o garboso navio, de todos os lados da bahia de Guanabara surgia um enxame de lanchas a vapor, botes, rebocadores e canôas conduzindo centenas de pessoas, portuguezes e brasileiros, que se approximavam da canhoneira.

Antes de tudo, depois das formalidades legaes para a franquia do ingresso, foram recebidas as commissões pelo commandante, capitão tenente Silva Ribeiro, cuja amabilidade captivou desde logo os seus hospedes. Mas no mesmo dia foi franqueada a entrada a bordo a todos os visitantes.

Fora excellente a viagem que fizera a « Patria » do porto da Bahia para o do Rio de Janeiro.

No mesmo dia o commandante e diversos officiaes vieram á terra, onde assistiram ás primeiras festas que se realisavam em sua honra.

Era o inicio da grande serie de manifestações de amizade e carinho que se succederiam umas ás outras durante a estadia da bella canhoneira em nossas aguas. Rapidamente faremos referencia apenas ás principaes.

A 26 de Setembro realisou-se no Theatro Lyrico uma recita em beneficio á Sociedade Portugueza de Beneficencia, a que assistiram o commandante e officiaes da « Patria ».

No dia 27 realisou-se no Corcovado um magnifico convescote offerecido ao commandante e á officialidade pelo snr. Conde de Avellar, presidente da commissão executiva da grande subscripção patriotica portugueza.

A' noite desse mesmo dia, em honra á officialidade do vaso de guerra lusitano, houve espectaculo no Theatro S. Pedro.

A 28 o Snr. Barão do Rio Branco, ministro das Relações Exteriores, offereceu um sumptuoso baile no palacio Itamaraty em homenagem ao anniversario do rei de Portugal. Foi festa que deixará duradoura lembrança.

No dia seguinte, 29, o Snr. Dr. Fernando Mendes abria os seus magnificos salões, honrando o commandante da « Patria » com esplendido banquete, a que se seguiram recepção e baile.

Dava-se a 30, no Jardim Botanico, uma *garden party*, offerecida á officialidade da canhoneira pelas associações portuguezas desta capital.

Ainda nesse dia, á noite, o Club Gymnastico Portuguez realisou em seus salões uma festa em homenagem aos illustres hospedes.

A 1.º de Outubro os officiaes da « Patria » tiveram de se dividir para poderem satisfazer á necessidade de representação nas multiplas festas desse dia. Ellas começaram por um sumptuoso almoço, que lhes foi offerecido pela redacção d' « O Paiz ». No correr do dia houve uma festa na Sociedade de Beneficiencia Portugueza, corridas no Derby Club e touradas no Campo de Marte.

O commandante e a officialidade necessitavam muito legitimamente dispôr de alguns dias para por sua vez obsequiar a sociedade fluminense, em que os membros da colonia portugueza sempre foram comprehendidos. De modo que era indispensavel haver interrupções no programma das festas, quando não as occasionava o máo tempo.

Durante tres dias foi um verdadeiro *fervet opus* a bordo. Principalmente o elemento feminino estava ancioso por conhecer o bello vaso de guerra da marinha portugueza. O commandante Silva Ribeiro e toda a officialidade foram inexcediveis em amabilidades e finezas para com todos os seus visitantes. O *champagne* espumava nas taças a toda hora, porque as saudações se succediam, calorosas e enthusiastas, da parte de uns e de outros.

Ja a 5 realisava-se no Leme uma sympathica festa bucolica, promovida por distincto membro da colonia portugueza em honra á officialidade da « Patria ».

O importante Club dos Diarios offerecia-lhes une grande baile a 7.

A estas seguiram-se outras festas ainda, como a sessão solemne da Associação Commercial do Rio de Janeiro, realisada a 15, e outras, que fora longo enumerar.

Até o dia da partida para Santos, 19 de Outubro, pode-se dizer qne foi uma festa só a estadia da canhoneira « Patria » no Rio de Janeiro.

Naquelle porto immediato, de S. Paulo, como nos outros portos do Sul que o vaso de guerra portuguez foi visitando, por toda parte o carinho e o enthusiasmo das recepções demonstraram mais uma vez quão intimos e indissoluveis laços unem a Republica Brasileira á gloriosa nação de que ella procede.

O Congresso da Tuberculose

Foi particularmente importante a Congresso Internacional da Tuberculose reunido em Paris no mez de Outubro de 1905.

Bastaria para tornal-o assignalado um unico facto: o da communicação do professor Behring, sabio allemão, de haver descoberto « um principio curativo da tuberculose, que repousa sobre a impregnação das cellulas vivas do organismo por uma substancia proveniente do virus tuberculoso ».

São estas as proprias expressões do eminente medico, a quem a humanidade ja deve em boa parte uma grande descoberta anterior, a do serum antidiphterico, que venceu um flagello contra o qual até então a sciencia não dispunha de um verdadeiro especifico. O illustre sabio declarou esperar que « o proximo Congresso da Tuberculose consignará os grandes progressos realisados na luta contra a thisica humana. »

Mas um motivo de regosijo para nós outros, brasileiros, foi o modo digno por que a Republica se fez representar nessa assembléa, tanto mais quanto foi o nosso paiz o unico da America do Sul que para ella contribuiu este anno de modo efficaz.

Sabe-se que tão bello resultado deve-se principalmente aos esforços do nosso inquebrantavel compatriota Dr. Hilario de Gouveia, residente em Paris.

Antes da abertura do Congresso, nomeado que fora chefe da nossa missão, elle veiu ao Brasil especialmente tratar de organisar melhor os elementos. Desse modo conseguimos que, não só o governo geral, como os de differentes Estados mandassem representantes áquelle Congresso.

Na vespera da inauguração, o Dr. Hilario, posto que gravemente atacado de influenza, com febre intensa, presidiu em sua casa a uma reunião de todos os delegados do Brasil, e os distribuiu por grupos de accordo com as preferencias e aptidões de cada um, para acompanharem os trabalhos das grandes secções em que se dividiu o Congresso.

Foram egualmente constituidos grupos para as excursões e visitas projectadas aos sanatorios e dispensarios francezes, ficando assentado que, findas as discussões do Congresso, frequentariam as conferencias projectadas e por fim apresentariam ao chefe da delegação relatorios parciaes que servissem de base geral.

Por continuar doente, de cama, o Dr. Hilario de Gouveia não poude assistir ás reuniões do Congresso, enviando por isso o seu discurso como representante da missão brasileira, o qual foi aceito pelo Congresso.

Disse o nosso eminente patricio que os ecos da generosa campanha levantada em França chegaram ao Brasil, onde tinham provocado reacção salutar.

Deu noticia das ligas brasileiras que aqui se constituiram logo que se organisou em Berlim a Associação Internacional contra a Tuberculose. Essas ligas, continuou elle, foram das que se fizeram inscrever e representar nas tres conferencias internacionaes organisadas por essa associação. A partir da terceira o governo se fez representar por tres delegados officiaes no Conselho privado.

Diz que foi immensa a influencia benefica que as resoluções e ensinamentos dessas tres conferencias exerceram sobre a campanha anti-tuberculosa no Brasil. Ella concorreu muito para a reforma sanitaria, radical, que se obteve; para o voto no Congresso Nacional de um credito de 300 milhões de francos destinados a trabalhos de saneamento na capital brasileira, que passa neste momento por uma transformação destinada a fazer della dentro em pouco uma das mais saudaveis e mais bellas da America; para o credito votado pelo Conselho Municipal que se destinou á construcção de habitações operarias hygienicas por preço barato, etc., etc.

Essas medidas não podem, escreveu o Dr. Gouveia fazer-se sentir desde ja em relação á prophylaxia da tuberculose, mas tudo faz crer que se approxima o momento em que os individuos presas da molestia acharão uma assistencia curativa efficaz.

Alem desse discurso inaugural do chefe dos nossos representantes, o Snr. Dr. Azevedo Lima fez uma interessante e minuciosa exposição da luta contra a tuberculose no Brasil. O Snr. Dr. Clemente Ferreira fez diversas communicações, relativas ao papel do dispensario na luta contra a tuberculose, ao sanatario de Piracicaba e a outros estabelecimentos. O Snr. Dr. Emilio Ribas discorreu acerca da mortalidade pela tuberculose em S. Paulo. O Snr. Dr. Pacifico Pereira enviou uma interessantissima communicação sobre a tuberculose na Bahia, com numerosos dados estatisticos. O Snr. Dr. Placido Barbosa, uma communicação sobre a prophylaxia da tuberculose pela alimentação no Rio de Janeiro. Alem destas foram feitas outras communicações.

Na secção brasileira da Exposição figuraram em primeiro plano as plantas das villas operarias approvadas pelo Dr. Passos; do dispensario central da Liga Brasileira contra a Tuberculose, cuja pedra fundamental foi lançada no

Rio de Janeiro em 1905 em commemoração á reunião do Congresso da Tuberculose, conforme constou em Paris da leitura de um telegramma do nosso ministro do Interior. Figuraram ali egualmente photographias, em ponto grande, da villa operaria Luiz Tarquinio, da Boa Viagem, no Estado da Bahia, dos dispensarios Clemente Ferreira em S. Paulo, e Octavio de Freitas, em Pernambuco; do sanatario de Piracicaba, etc.

Cocomitante com o Congresso reuniu-se em Paris a Associação Internacional contra a Tuberculose, de cujo Conselho privado fazem parte os Snrs. Drs. Hilario de Gouveia, Azevedo Lima e Clemente Ferreira.

Entre outras resoluções foi ali unanimemente adoptada uma proposta do Dr. Hilario de Gouveia, feita em nome da Liga Brasileira, para que nos paizes onde existem raças differentes a estatistica da mortalidade pela tuberculose seja feita pelas raças, de accordo com o Instituto de Estatistica Internacional, que aceitou a referida proposta em uma reunião realisada em Francfort-sobre-o-Meno no dia 3 de Julho do corrente anno.

Registraremos emfim a sessão solemne realisada aqui a 28 de Novembro na séde da Liga contra a Tuberculose em honra ao presidente da instituição, Snr. Dr. José Jeronymo de Azevedo Lima, que acabava de regressar da Europa, onde fora um dos nossos dignos representantes, por parte do governo federal, no Congresso da Tuberculose.

BIOGRAPHIA

V. de S. Leopoldo (José Feliciano Fernandes Pinheiro)

Vou estudar um distincto brasileiro, tão illustre e intelligente, quão benigno e virtuoso; cuja memoria, ainda hoje, é abençoada por todos aquelles que tiveram a fortuna de conhecel-o.

O Visconde de S. Leopoldo é um nome sympathico na nossa historia. Percorreu brilhantemente o cyclo da carreira publica; como apostolo devotado á verdade, venceu todas as seducções, concentrando-se na sua Thebaida, no seu retiro modesto de sabio, para legar seu nome ás letras, em seus primeiros escriptos.

Nasceu o nosso biographado a 9 de Maio de 1774, na cidade de Santos, na então provincia de S. Paulo. Foram seus pais o coronel de milicias José Fernandes Martins e D. Thereza de Jesus Pinheiro.

Estudou o curso de preparatorios com seu padrinho de chrisma, o vigario de Santos, José Xavier Toledo; de quem, igualmente recebeu lições da lingua franceza; não obstante, a opposição de seu tio, o conego da cathedral. Aprendeu mais o latim.

Com 18 annos de idade, em 1792, partiu para Coimbra, em cuja Universidade, seis annos após, graduou-se e obteve o diploma de bacharel em canones.

Em Lisbôa, encontrando-se com alguns distinctos conterraneos, com Antonio Carlos Machado Ribeiro de Andrada e Silva foi admittido na direcção do estabelecimento litterario : *Arco do Cego*, á testa do sabio author da *Flora Fluminense*.

N'essa folha escreveu varios trabalhos.

Seu sabio e feliz tirocinio abriu-lhe a porta de juiz da alfandega do Rio Grande do Sul e de Santa Catharina, nomeado por Carta Regia de 15 de Janeiro de 1800. Tomou posse a 1 de Agosto de 1804 e serviu até 23 de Maio de 1823, com algumas interrupções distrahidas por varias commissões.

Estes seus serviços mereceram alto apreço do Governo, que confiou-lhe o cargo de auditor geral de todos os regimentos do Rio Grande do Sul, por Carta de 19 de Setembro d'esse anno.

O bom desempenho d'essa commissão concorreo para que obtivesse os postos de tenente coronel, por decreto de 1.º de Setembro de 1810 e o de coronel pelo de 19 de Outubro de 1811, com o soldo dobrado de capitão de infantaria.

Em 1812, como auditor de guerra, acompanhou o exercito pacificador em sua marcha até Montevideo.

Muito proveito colheu pelo conhecimento que adquiriu d'essas localidades, onde se passaram as scenas por elle narradas nos seus *Annaes da Provincia de S. Pedro*.

Para não interromper a sua carreira de magistrado, requereu ao Governo uma compensação que lhe foi concedida, por decreto de 9 de Junho de 1818, com o predicamento da correição ordinaria. A 17 de Dezembro de 1821 teve as honras de dezembargador e o predicamento do primeiro banco.

Para galardoar seus serviços D. Pedro I, por Carta Imperial de 13 de Outubro de 1825, deu-lhe as honras de conselheiro e a 21 de Novembro o convidou para ministro do Imperio.

Como administrador politico foi nomeado, a 5 de Novembro de 1822, presidente (primeiro), da provincia do Rio Grande do Sul, tendo tomado posse a 4 de Março de 1824.

A sua administração foi assignalada pela fundação da colonia de S. Leopoldo, pelo estabelecimento da primeira typographia e pela inauguração da Casa da Caridade que, solemnemente, se effectuou a 1 de Janeiro de 1826.

O honrado dezembargador, diz a chronica, foi o fundador da imprensa riograndense. O Sr. Alfredo Rodrigues, entretanto, diz-nos que o primeiro jornal apparecido na sua provincia, ou ao menos o mais antigo, foi o *Constitucional Fluminense*. E o Sr. Tancredo de Mello refere que a mais antiga typographia riograndense foi estabelecida em Porto Alegre em 1827, sob os cuidados do Marquez de Barbacena.

Presidia essa provincia, quando foi convidado, a 24 de Novembro de 1825, para ministro do Imperio do 4.º Gabinete.

Pouco depois foi agraciado com o titulo de Visconde de S. Leopoldo, com grandeza, e nomeado conselheiro de Estado, por decreto de 18 de Maio de 1827.

Seu governo foi glorioso por mais de um titulo. N'elle abriram-se as portas da Academia das Bellas Artes, as das Faculdades de Direito de S. Paulo e do Recife.

Continuou a desempenhar essa elevada funcção no 5.º Gabinete, o de 21 de Janeiro de 1826. Desgostoso, porém, pelo modo porque era tratado o Imperador D. Pedro e seus conselheiros, pediu e obteve demissão, por decreto de 20 de Novembro de 1827.

Dias antes de deixar o ministerio, a 17 de Agosto, assignou o tratado de amizade e de commercio entre a Gran Bretanha e o Brasil, referendado a 10 de Novembro, pelos plenipotenciarios brasileiros : Marquez de Queluz, ministro de Estrangeiros; Marquez de Maceyó, ministro da Marinha e Visconde de S. Leopoldo, ministro do Imperio.

Desembaraçado do governo continuou a servir no Conselho de Estado, exercendo as funcções de Secretario.

Bastante enfermo pediu exoneração d'esse Conselho, concedida por decreto de 9 de Março de 1830. Foram-lhe entretanto conservadas as honras e as proeminencias annexas á esse elevado cargo.

Partiu para Porto Alegre, e ahi educava seus filhos e vigorava as forças perdidas, recuperando ¡saude, quando a 20 de Setembro de 1835 explodiu a revolução republicana.

Conservou-se na legalidade, contribuindo d'esse modo para despertar a animosidade dos revolucionarios, que o perseguiram, obrigando-o a viver, durante alguns mezes, refugiado em sua casa, que soffreu grandes prejuizos.

Fernandes Pinheiro começou a sua vida publica, como deputado ás Côrtes Portuguezas, de 1821 a 1822, representando a provincia de S. Paulo.

Reconhecidos feridos os direitos dos brasileiros, os deputados Antonio Carlos, padre Feijó, Silva Bueno e outros [retiraram-se de Lisboa a Inglaterra, a 22 de Outubro de 1822. Fernandes Pinheiro não os acompanhou, conservou-se na Assembléa e assignou as bases da constituição portugueza.

Moderado por caracter e fiel a principios sinceros de doutrina, assim entendeu proceder. Não obstante, formulou uma indicação declarando que achando-se os seus constituintes em desaccordo com o governo de Lisboa, não se deveria assignar e jurar um documento hostil a direitos brasileiros.

Partira Fernandes Pinheiro, como representante de uma colonia portugueza ; regressara para figurar, como deputado, á Constituinte Brasileira em 1824 para organisação de um gigante Imperio.

O illustre deputado riograndense não se salientara, na oratoria parlamentar, de modo a tornar-se emulo de Antonio Carlos, Lino Coutinho, Bernardo

de Vasconcellos, Ledo Vega, Costa Aguiar, Tin Calmon e outros notaveis tribunos da sua epocha.

As suas glorias teve-as no gabinete de sabio, no seu retiro infatigavel, operoso e aproveitavel.

N'elle elevou-se á maior culminancia, notabilitando-se como historiador.

A 22 de Janeiro de 1826 com a creação do Senado foi escolhido pelo 1.º Imperador senador pela provincia de S. Paulo.

Adheso sincero ao principio monarchico e amigo pessoal de D. Pedro I, os successos politicos que determinaram a abdicação do Imperador o desgostaram profundamente; bastante triste retirou-se da scena politica para dedicar-se á familia, e nas horas vagas distrahir-se com a cultura de uma chacara que possuia nos arredores de Porto Alegre.

Como diplomata teve occasião, varias vezes, de mostrar o alto cultivo da sua robusta intelligencia, a honradez de seu libado caracter, a habilidade nas negociações.

Com summa pericia se houve, como representante do Brasil, nos ajustes do tratado de paz do Imperio com as provincias Unidas do Rio da Prata, celebrado a 24 de Maio de 1827. A 17 de Agosto seguinte, como negociador ratificou um outro tratado: o de commercio entre a Inglaterra e a Prussia com o Brasil.

Notabilisou-se, porém, especialmente, na *Memoria* apresentada ao Ministro de Estrangeiros, conselheiro Antonio Peregrino Maciel Monteiro, futuro Barão de Itamaracá, que o commissionou com outros, para que como presidente de uma commissão, respondesse: Quaes os limites que podem ser considerados como naturaes em relação ás cidades e topographias do paiz?

Mereceu essa *Memoria* a exaltação do Ministro. E' o melhor trabalho diplomatico do nosso escolhido historiador. O seu apparecimento suscitou renhida discussão com o diplomata portuguez conselheiro Costa e Sá, da qual, com uma habilidosa replica, sahio victorioso o nosso eminente compatriota.

A sua joia mais preciosa, comtudo, são os seus *Annaes da provincia de S. Pedro*, em dous volumes, modelados pelos de Tacito, a quem procurou seguir as pisadas, quanto permittia a natureza dos objectos e a indole das duas linguas.

Bem julgado pela commissão do Instituto Historico e Geographico Brasileiro que, deu um luminoso parecer; o Sr. Dr. Sylvio, d'elles tratando, diz que S. Leopoldo é dos nossos historiadores aquelle que melhor sabia fazer um livro.

Na Revista d'aquelle Instituto lêm-se, ainda, do illustre santista dous trabalhos: *Da Vida e feitos de Bartholomeu de Gusmão e de Alexcandre de Gusmão.*

Essas biographias foram criticades pelo referido diplomata portuguez, Snr. conselheiro José Maria da Costa e Sá.

Não ha negar, o Sr. Visconde de S. Leopoldo foi um dos homens de seu

tempo que escreveu muito e bem, e que bastante contribuiu para enriquecer os primeiros volumes do orgão do nosso Instituto Historico.

O Sr. Barão Homem de Mello, teve a feliz idea de publicar no tomo 37, 1874, pag. 5, 2ª parte, da Revista trimensal do Instituto as *Memorias* do nobre Visconde, de grande merito para os que cultivam os estudos historicos patrios.

Compõem-se de XVI bellissimos capitulos, escriptos em linguagem elegante e correcta e enriquecidos de interessantes e instructivas noticias.

Desde cedo começou Fernandes Pinheiro a escrever.

Em Lisboa deu á luz varias memorias e discursos, tendo-se dedicado, especialmente, a assumptos nacionaes brasileiros.

Nota-se em toda a sua obra estylo facil, correcto e elegante; narração desenvolvida e linguagem de puro atticismo; por isso tem sido considerado um dos mais conceituados escriptores da nossa litteratura.

Possuia todos os dotes de completo historiador.

Não fôra S. Leopoldo talhado para as grandes lutas. Seu caracter era placido e sereno.

Espirito pensador, profundo philosopho, dominava os acontecimentos na alta superioridade da sua razão, observando a marcha dos negocios publicos, com reflexão poderosa, sem se emiscuir nas paixões do dia.

Collocado em uma alta posição, trocou a farda de ministro pela mesa de trabalho do litterato e deixou as agitações da politica pelo viver singelo de homem de sciencia.

Todos os seus trabalhos distinguem-se mais pela investigação dos factos, por um espirito esclarecido e illustrado de imparcialidade.

Foi escriptor respeitavel, severo e corajoso. Era poeta e artista, qualidades essas que o tornaram recommendavel historiador.

Em 1838 com o conego Januario da Cunha Barboza e o Marechal Raymundo José da Cunha Mattos concorreu para a fundação do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, do qual foi eleito seu 1.º presidente perpetuo.

Na 1.ª sessão publica d'essa sabia Associação, a 3 de Novembro de 1839, proferiu um eloquentissimo discurso.

Vulto eminente do seu tempo, o seu respeitavel nome foi alem das nossas plagas; os sabios europeos o distinguiram chamando-o ao gremio de varias sociedades litterarias do velho mundo.

Após a sua maioridade, o Senhor D. Pedro II deu uma prova de alta consideração ao velho estadista, confiando-lhe o honroso cargo de veador de suas augustas irmãs.

S. Leopoldo nasceu para historiador, para illesamente transmittir a verdade dos factos á posteridade.

Ha certos homens observadores que, semelhantes á ave de Juno, têm uma retina de extraordinaria clarividencia em cada um dos poros. Fernandes Pinheiro, podia-se dizer que em cada um de seus poros palpitava um coração.

A sua bondade era a vibração de seus nervos, as suas idéas vinham a ser outras tantas sensitivas.

O corpo humano é como uma grande arvore que depois de passar pelas raizes, o tronco, o ramo, termina lá, nos confins do céo, como essa flôr espherica e mais bella, que se chama por sua fórma cabeça, por seu conteudo cerebro. A vida do preclaro historiador da *Provincia de S. Pedro*, terminou pelo coração, que o tinha na cabeça, e que ali era a pendula, a agulha e a machina que movia, que indicava, que soava todas as idéas.

O senador por S. Paulo amava seus semelhantes. Poder-se-hia applicar-lhe os versos de Terencio:

Homo sum, et nihil humane a me alienum puto.

A sua fidelidade como historiador é incontestavel. O seu escrupulo e amor da verdade era tal que preferia antes deixar a relação de alguns acontecimentos imperfeita do que completal-a quando não podia obter já as noticias exactas dos que os tinham presenciado. A sua autoridade como escriptor contemporaneo é immensa.

Orna o salão das sessões do Instituto Historico, conjunctamente com os bustos do conego Januario da Cunha Barboza e do Marechal R. J. da Cunha Mattos, como homenagem honrosa, á memoria dos grandes serviços e reconhecido devotamento á patria e ás letras nacionaes, um outro, o do venerando e muito illustre 1.º presidente perpetuo. Vasado em marmore, foi elaborado pelo esculptor Sr. Joaquim José da Silva Guimarães.

Trabalhava o notavel publicista na composição de uma *Historia Geral do Brasil*, quando, com 73 annos de idade, falleceu a 6 de Junho de 1847; 1 anno, 4 mezes e 20 dias após o passamento do 1.º secretario perpetuo do Instituto Historico, conego Januario da Cunha Barboza; na cidade de Porto Alegre. Foi sepultado no cemiterio da Santa Casa da Misericordia, d'essa cidade.

O seu enterro foi muito concorrido; de toda a parte partiram manifestações de pezar a sua respeitavel familia.

Perdeu a patria um eminente cidadão e as letras um emerito cultor.

Era tio S. Leopoldo dos nossos dous illustres litteratos: Manoel de Araujo Porto Alegre, e conego Dr. Joaquim Caetano Fernandes Pinheiro.

Este escreveu-lhe a biographia, sob o titulo: *Apontamentos biographicos sobre o Visconde de S. Leopoldo*. Aquelle recitou o seu *Elogio funebre*.

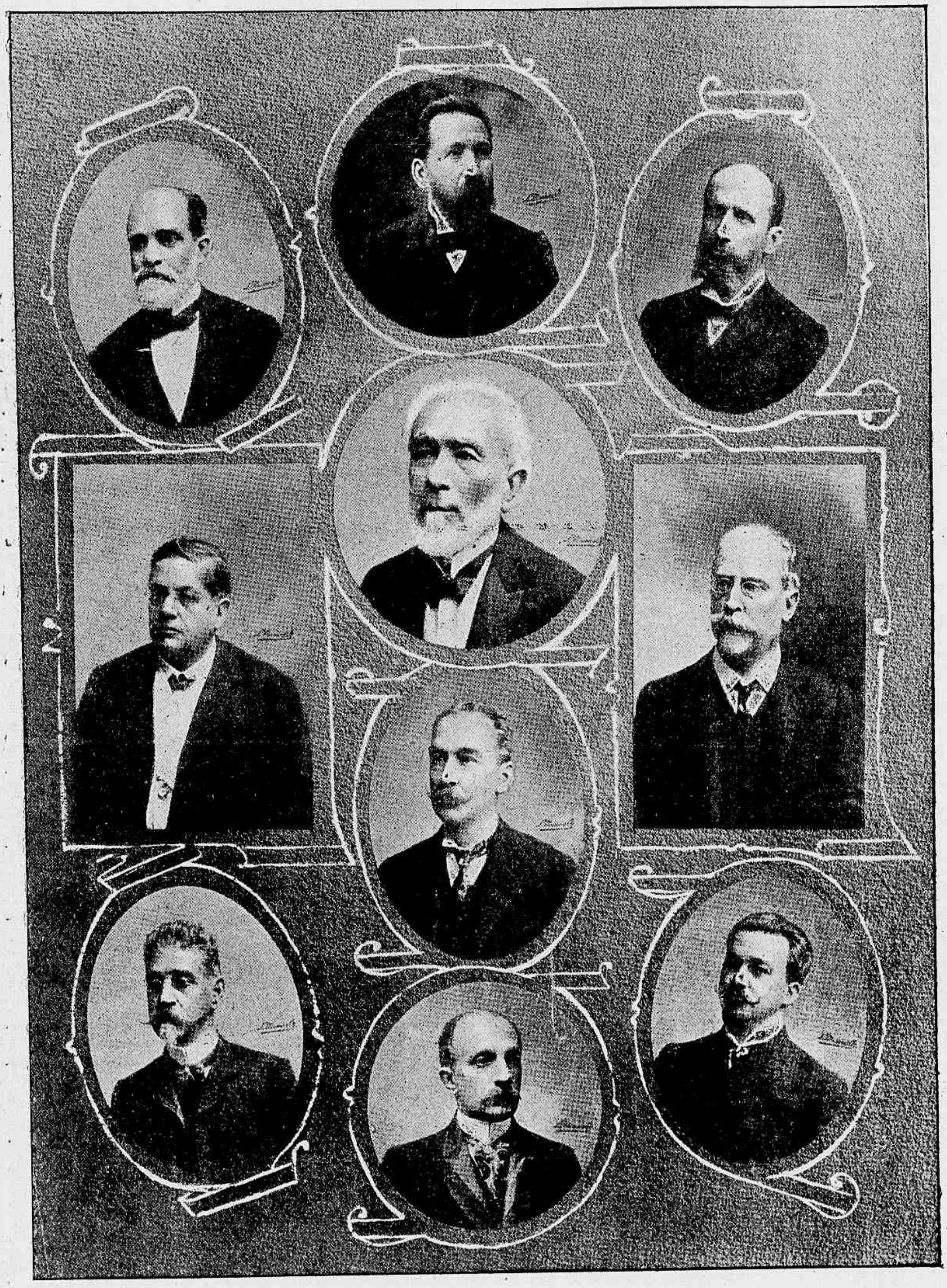
Ambos esses trabalhos podem ser lidos na *Revista Trimensal do Instituto Historico e Geographico Brasileiro*.

Sobre este nosso biographado, igualmente, estudou o nosso respeitavel mestro e amigo Sr. Barão Homem de Mello, dando á luz uma bellissima noticia, apparecida na *Revista Litteraria*, redigida pelo Sr. Quintino Bocayuva.

Li com muito interesse todos elles, de onde tirei apontamentos para este meu ligeiro estudo biographico.

DR A. DA CUNHA BARBOZA.

Congresso Scientifico Latino-Americano



Dr. Paula Freitas — 1.º Secretario.

Dr. Americo dos Santos — 1.º Thesoureiro.

Dr. Barboza Rodrigues — Membro da Com. Executiva.

Conselheiro Carlos de Carvalho — Vice-Presidente.

Marquez de Paranaguá — Presidente.

Dr. Villela dos Santos — Membro da Com. Executiva.

Dr. Sá Vianna — Membro da Com. Executiva.

Dr. Guedes de Mello — 2.º Secretario.

Dr. Alfredo Lisboa — 2.º Thesoureiro.

Dr. Carlos Seidl — Membro da Com. Executiva.

E' opinião corrente entre aquelles que puderam ser testemunhas : das tres reuniões que já tem realisado o Congresso Scientifico Latino-Americano, aquella em que elle obteve mais pleno successo foi a ultima, de 1905, realisada desta vez no Rio de Janeiro. Aqui deixaremos uma breve noticia registando o importante facto.

Realisou-se a 5 de Agosto, no Gabinete Portuguez de Leitura, a sessão preparatoria do 3º Congresso. Tomou assento á mesa a commissão organisadora, cabendo a presidencia ao Snr. Dr. Carlos de Carvalho, vice-presidente, na ausencia do presidente, Snr. Marquez do Paraná, que não pudera comparecer por enfermo.

Tratando-se de organisar a mesa de Congresso, foi acclamada a seguinte directoria : presidente, o reitor da Universidade de Montividéo, Snr. Dr. Eduardo Acevedo; 1º, 2º e 3º vice-presidentes, os Snrs. Drs. Eduardo Poirier, representante da Guatemala, Alexandre Alvares, representante do Chile, e Eliseo Canton, representante da Republica Argentina; secretarios, Snrs. Drs. Bartholomeu Carbajal y Rosas, representante do Mexico, e Daniel Anisito, representante do Paraguay.

Depois approvou-se e regimento interno e tomaram-se outras medidas.

A 6 foi celebrada na Igreja da Candelaria uma missa em acção de graças pela installação do 3º Congresso.

A' noite desse mesmo dia realisou-se no Theatro S. Pedro a sessão solemne de installação, com assistencia do Snr. presidente da Republica.

Entre os muitos discursos pronunciados por essa occasião, salientou-se o do Snr. barão do Rio Branco, ministro das Relações Exteriores, pela sobriedade e atticismo da forma.

Tambem foi muito applaudido o longo discurso pronunciado pelo conselheiro Carlos de Carvalho, já hoje de saudosa memoria.

Seria longa mesmo uma simples referencia que se fizesse a quantos trabalhos se apresentaram e discutiram-se nas varias secções em que se dividiu o Congresso. Por isso assignalaremos apenas os que foram apresentados no dia 14, na secção de sciencias juridicas e sociaes : aquelle pelo qual ficou reconhecida a existencia de um direito internacional peculiar aos paizes do continente americano, e outro em favor de um Congresso policial sul-americano.

Nesse mesmo dia 14 encerram-se os trabalhos dessa e das outras secções.

A 15 realisou-se no Club Naval a sessão plena, em que ficou resolvido que o 4º Congresso se reunirá em Santiago do Chile, no anno de 1908.

A sessão do encerramento deu-se no dia seguinte, no Gabinete Portuguez de Leitura. Nessa sessão, o presidente da mesa, o illustre Snr. Dr. Eduardo Azevedo, proferiu notavel discurso, assim terminando :

« Apezar de todas as deficiencias em materia de adiantamentos scientificos, é immensa a obra destes Congressos, de divulgação de idéas e sobretudo de solida approximação internacional.

« Nada deixa a desejar a este respeito o que acaba de realisar-se no Rio de Janeiro. Pode estar orgulhosa a nacionalidade brasileira : seu grande preparo e sua rica bagagem ficam em alto relevo nas actas de todas as sessões e servirão de estimulo a novas e fecundas investigações. Seus altos dotes de cultura e de assombrosa amabilidade fez o cimento de uniões poderosas reservadas ao porvir americano. »

Como despedida, o governo offereceu um esplendido banquete no Theatro S. Pedro, em homenagem aos membros do Congresso.

Poemetos em prosa

(Baudelaire)

O Estrangeiro.

— Homem exotico, que amas tú na vida, dize? Teu pae, tua mãe, tua irmã ou teu irmão?

— Não tenho pae, nem mãe, nem irmã, nem irmão.

— Teus amigos?

— Proferiste um vocabulo cuja significação me é desconhecida.

— Tua patria?

— Ignóro em que latitúde está situada.

— A belleza?

— Divindade immortal, eu a amaria profundamente.

— O ouro?

— Abomino-o, como abominas a Deus.

— E que amas, pois, estrangeiro enygmatico?

— Amo as nuvens... as nuvens que passam... além... as maravilhosas nuvens!

Embriagae-vos.

E' necessario ser sempre ebrio.

Nisto está tudo : é a unica questão. Para não sentir o formidavel peso do tempo, que alquebra os vossos hombros e vos inclina para a terra, é preciso embriagar-vos sem cessar.

Mas com que? Com vinho, poesia ou virtúde, á vossa vontade. Mas, embrigae-vos.

E se alguma vèz, sobre a escadaria de um palacio, na herva verdoenga de um fosso ou na solidão sombria do vosso quarto, despertardes com a embriaguez já dissipada, interrogae ao vento, á vaga, á estrella, á ave, ao relogio, a tudo que foge, a tudo que geme, a tudo que róla, a tudo que canta, a tudo que fala, perguntae que hora é essa ; e o vento, a vaga, a estrella, a ave e o

relogio vos dirão: « E' a hora de se embriagar! Para não seres escravos martyrisados pelo tempo, embriagae-vos; embriagae-vos, sem cessar! Com vinho, com poesia ou virtude, á vossa vontade. »

MARINHA.

Um porto é um logar fascinador para um' alma fatigada da lucta pela vida.

A amplidão do céo, o broslado caprichoso das nuvens, as colorações variadas do oceano, o scintillar dos pharóes, são um prisma maravilhosamente apropriado a enlevar a vista sem jamais entediá-la.

As fórmas delgadas dos navios, a mastreação excentrica, ás quaes o marulhar imprime oscillações harmoniosas, fazem germinar no coração o amor á belleza e ao rythmo.

E, sobretudo, ha ahi uma especie de prazer aristocratico e mysterioso para aquelle que não tem ambição nem curiosidade, em contemplar, ouvindo a bramidora musica marinha, todos os movimentos dos que partem e dos que voltam, dos que têm ainda a força de querer, o desejo de viajar e conhecer os esplendores de outras terras estranhas...

Ceará.

SOUZA-PINTO.

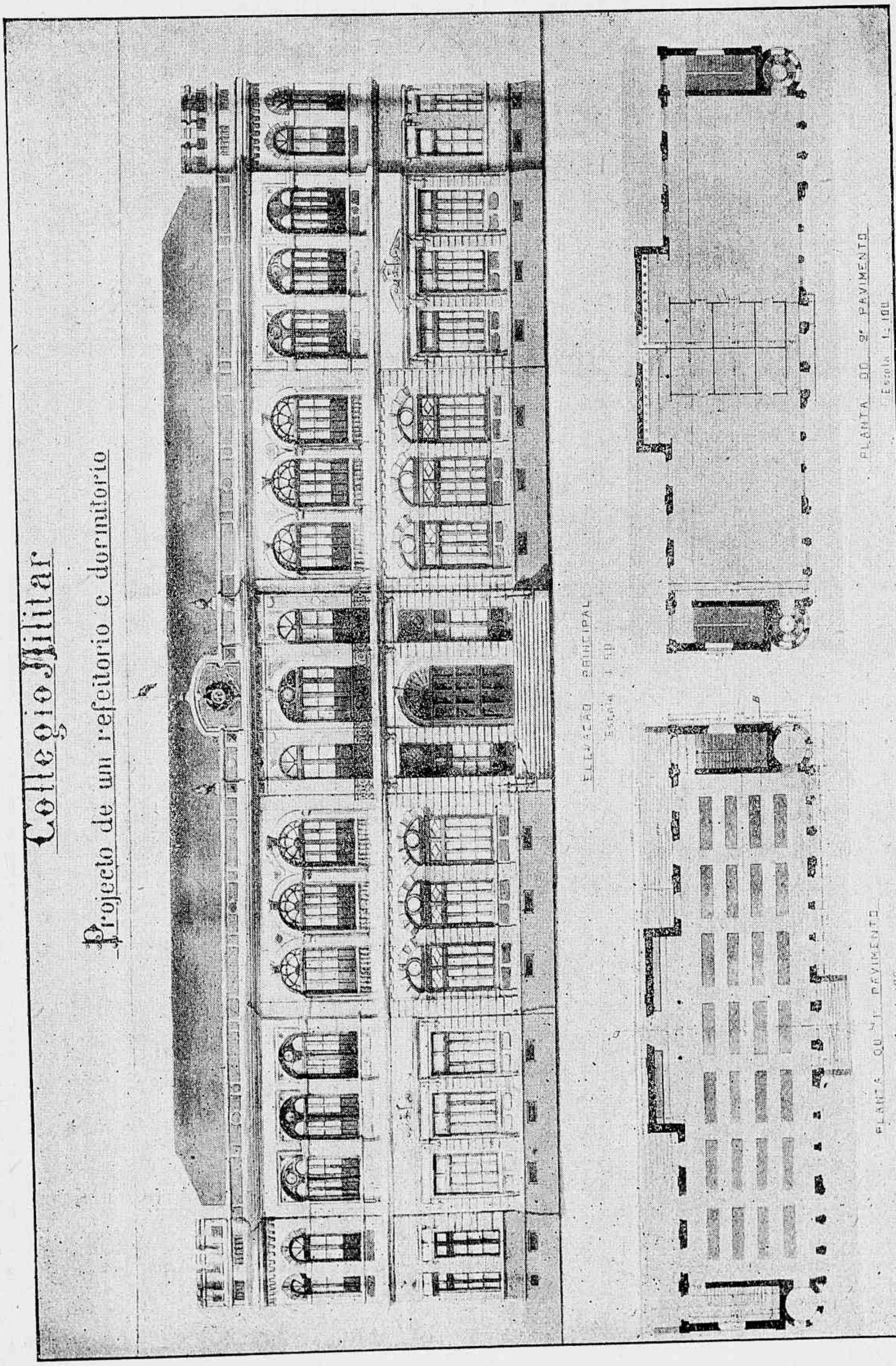
Collegio militar

Pensamos não ser fóra de proposito sorprehender o momento historico em que surgio esta bella instituição, pois, sem diminuir de uma linha o merito daquelles que tiveram parte directa na sua creação, reclamamos para a classe militar, para o proprio exercito, a acção preponderante que nella exerceo, ainda que indirectamente.

Em 1896, quando o problema abolicionista assumia em nosso paiz a sua crise aguda, apresentou-se para dirigir a náo do Estado um ministerio francamente reaccionario, sob a presidencia do eminente estadista Barão de Cotegipe.

O governo não se illudio; para manter a instituição monarchica, era preciso conter a onda abolicionista, que se avolumava e procurava tudo envolver'os homens de governo e instituições reinantes. Mas, alem dessa lucta tremenda em que se via assoberbado, o gabinete Cotegipe teve de enfrentar uma outra que, embora accidental, assumio caracter de extrema gravidade: a questão militar, como foi denominada. Vencido nesta, enfranquecido no seu prestigio, retirou-se da liça en 1888, assumindo então o governo a 10 de Maio o gabinete João Alfrêdo, com um programma diametralmente opposto ao daquelle estadista, a ponto de dar-nos, logo, a 13 de Maio, a lei ampla da abolição immediata, vindo assim ao encontro das aspirações do paiz, que a recebeo com enthusiasmo delirante.

Bem sabia o governo que a promulgação dessa lei determinava um golpe



de morte no regimen monarchico, e que era preciso, não só enfraquecer os elementos que lhe tinham dado ganho de causa, mas ainda tomar medidas que

trouxessem para a instituição sympathias que havia perdido com a decretação daquella lei.

O elemento militar, que tão grande auxilio, pode-se dizer que decisivo, havia prestado ao movimento aboliconista, parecia disposto a proseguir em sua obra, pondo-se francamente ao lado da propaganda republicana.

Nesse momento de profunda agitação politico-social de nossa patria, irrompêo em um do Estados nossos limitrophes — a Bolivia, — grave movimento revolucionario, e para manter a integridade de nosso territorio, o governo teve necessidade de fazer seguir para o longinquo Estado de Matto Grosso uma forte columna expediccionaria, tendo á sua frente o marechal Deodoro da Fonseca, chefe militar de prestigio, este extraordinariamente augmentado pela acção decisiva que tinha assumido na questão militar, e em que, apesar de delegado do governo no gabinete Cotegipe, como Presidente do Rio Grande do Sul, viase obrigado a romper com elle, indo em defesa de sua classe, que via ameaçada em seus melindres.

Foi nesta conjunctura que, emquanto fazia partir para Matto Grosso a columna expedicionaria ás ordens de Marechal Deodoro, o gabinete João Alfrêdo, tendo como Ministro da guerra interino talentoso estadista, habil e sagaz, o conselheiro Thomaz Coelho, tomou a si a creação do Collegio Militar, instituição destinada a dar instrucção aos filhos de militares, principalmente orphãos, não só da classe activa, como reformados e honorarios com serviços de guerra, e tambem, mediante contribuição, aos menores procedentes de outros classes sociaes. Creado o Collegio por Decreto nº 10202 de 9 de Março de 1889, foi inaugurado em 16 de Abril seguinte, tendo como seu primeiro commandante o então major de Eugenheiros e hoje general Antonio Vicente Ribeiro Guimarães; ajudante o então capitão de Estado maior, hoje coronel e seu actual commandante, Dr Manoel Rodrigues de Campos; e secretario o então capitão de engenheiros e hoje coronel Antonio Vieira Arêas Junior, professor do mesmo Collegio, e disponibilidade, de accordo com o novo regulamento.

São sem duvida devidos ao acerto dessa primeira nomeação o brilho e notoriedade de que gosa essa instituição, pois ninguem ignora a competencia e tenacidade ao general Guimarães, a dedicação e actividade do coronel Campos e a circumspecção e criterio do coronel Arêas, e bem assim dos demais auxiliares nomeados então.

Teve logar a installação do Collegio no palacete — Babylonia á rua S. Francisco Xavier nº 41 e que tinha nessa epoca o nº 19.

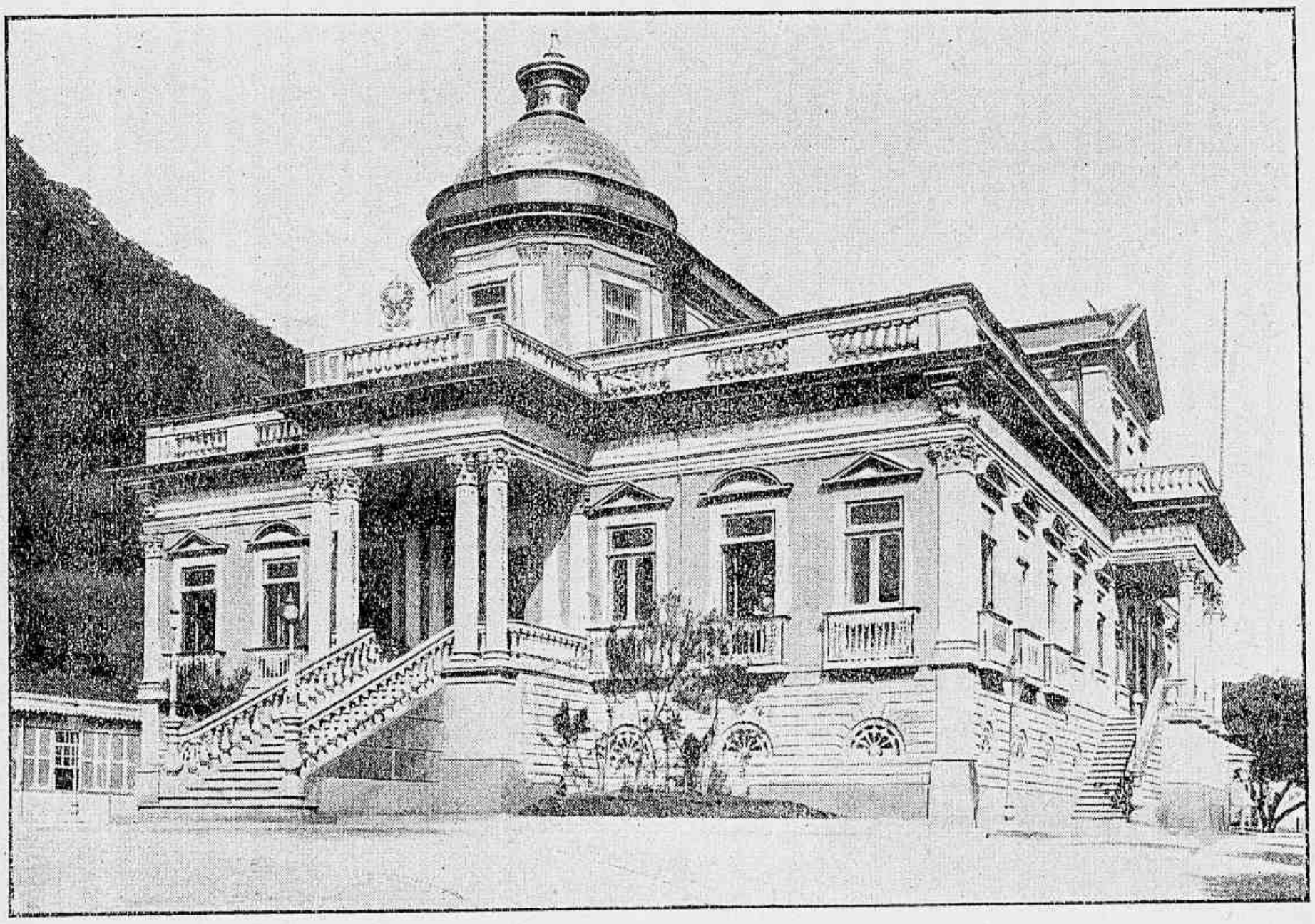
A acquisição deste palacete foi contractada com o Barão de Itacurussá pela importancia de 220 apolices de 1 : 000.000 rs. cada uma, valôr nominal.

Como se vê, foi uma acquisição feita em condições vantajossimas para o governo, pois, alem do Palacete, adquirio todos os terrenos limitados pelas ruas S. Francisco Xavier e Barão de Mesquita, 337m,40 desta e 354m daquella.

A 6 de Maio do anno seguinte foram pela primeira vez abertas as aulas

do estabelecimento com 44 alumnos, fazendo parte do seu corpo docente os senhore Barão Homem do Mello, 1° tenente Alfredo Augusto de Lima Barm (ha pouco fallecido como contr' almirante), cap. d'inf. Antonio Vieira Arêas Junior, José Ferreira da Paixão, Felisberto José de Menezes; 2° tenente Nelson de Vasconcellos e Almeida, Dr Arlindo de Aguiar e Souza e Marcolino Leitão; tenente de infanteria Sevilio Gonçalves, Horacio Fluminese e Manuel Gonçalves Corrêa, como mestres.

Quanto a sua administração, alem do commandante, ajudante e secretario acima citados, fazim parte della o tenente Antonio Benedicto de Araujo,



Collegio militar.

como quartel-mestre o tenente Francisco de Paula Ourique, como commandante de companhia; Marcellino Caetano Leitão, como escripturario; monsenhor Luiz Raymundo da Silva Brito o hoje bispo de Olinda, como capellão; 2° cirurgião do exercito Dr Luiz Carlos Duque Estrada, médico; capitão honorario Antonio Emilio Vaz Lobo, porte; Eustaquio Heliodoro da Silva e Affonso das Chagas Guimarães, guardas.

No flm do primeiro anno lectivo contava o Collegio 95 alumnos. No anno seguiente 174, e nesta proporção veio crescendo o numero, sendo hoje de 700.

Ao commandante Guimarães substituiram os commandantes Mendes de Moraes e Roberto Trompowsky, e que pouco puderam fazer pelo estabelecimento, não só devido ao periodo de administração ephemera que tiveram, como alem disso por não o permittir a situação agitada em que se encontrou o paiz nessa occasião.

A 2 de Maio de 1894 foi nomeado o tenente coronel Alipio Costallat, commandante do Collegio. Data de sua administracção nova phase de progresso para o Instituto. Com effeito sentindo um carinho e dedicação especiaes pelo estabelecimento, nos dez annos que lhe dirigio os destinos dotou-o de muitos melhoramentos, dentre os quaes destaca-se o aterro do campo de exercicio e recreio, construcção de casas para residencia dos ajudante do pessoal e material, para portaria e corpo da Guarda, e construcção da muralha interna e externa. Tendo sido promovido a general o coronel José Alipio, e não podendo por este facto continuar no commando, por ir de encontro ao regulamento, foi nomeado para succedel-o, em 18 de Maio de 1904, o coronel Manoel Rodrigues de Campos.

Com a longa experiencia que possuia da administracção e magisterio, e, alem disso, senhôr de uma intuição pedagogica invejavel, facil lhe foi no curto periodo em que está dirigindo o estabelecimento, pois não ha ainda dous annos, conseguir já grande copia de melhoramentos para o Instituto.

Somente essa circumstancia, alliada á extraordinaria capacidade de trabalho que possue o mesmo commandante, explicam como em tão curto periodo tanto tem conseguido fazer em beneficio do Collegio.

Assim é que ao assumir o commando, afóra os melhoramentos secundarios, de menor vulto, conseguio dotar o Collegio com uma installação electrica excellente, e que foi inaugurada a 13 de Maio do anno passado com o maior brilhantismo; uma officina de encadernação que tem dado os melhores resultados, não só em relação á conservação dos livros da bibliotheca, secretaria e demais dependencias do Collegio, como ainda ao serviço que presta aos officiaes do Collegio, que alli mandam encadernar livros de sua bibliotheca com dispendio razoavel; officina de concerto de calçado, destinada ao remonte do calçado de alumnos e que tem produzido regular economia no fornecimento deste artigo.

A par desses melhoramentos ha o edificio-pavilhão, destinado a refeitorio e dormitorio dos alumnos, e que está quasi a ser terminado em sua construcção.

A conclusão deste edificio vae produzir vantagens extraordinarias na economia interna do estabelecimento, pois sendo elevadissimo o numero de alumnos actualmente, os alojamentos e salas de aulas ressentem-se já de exigua capacidade.

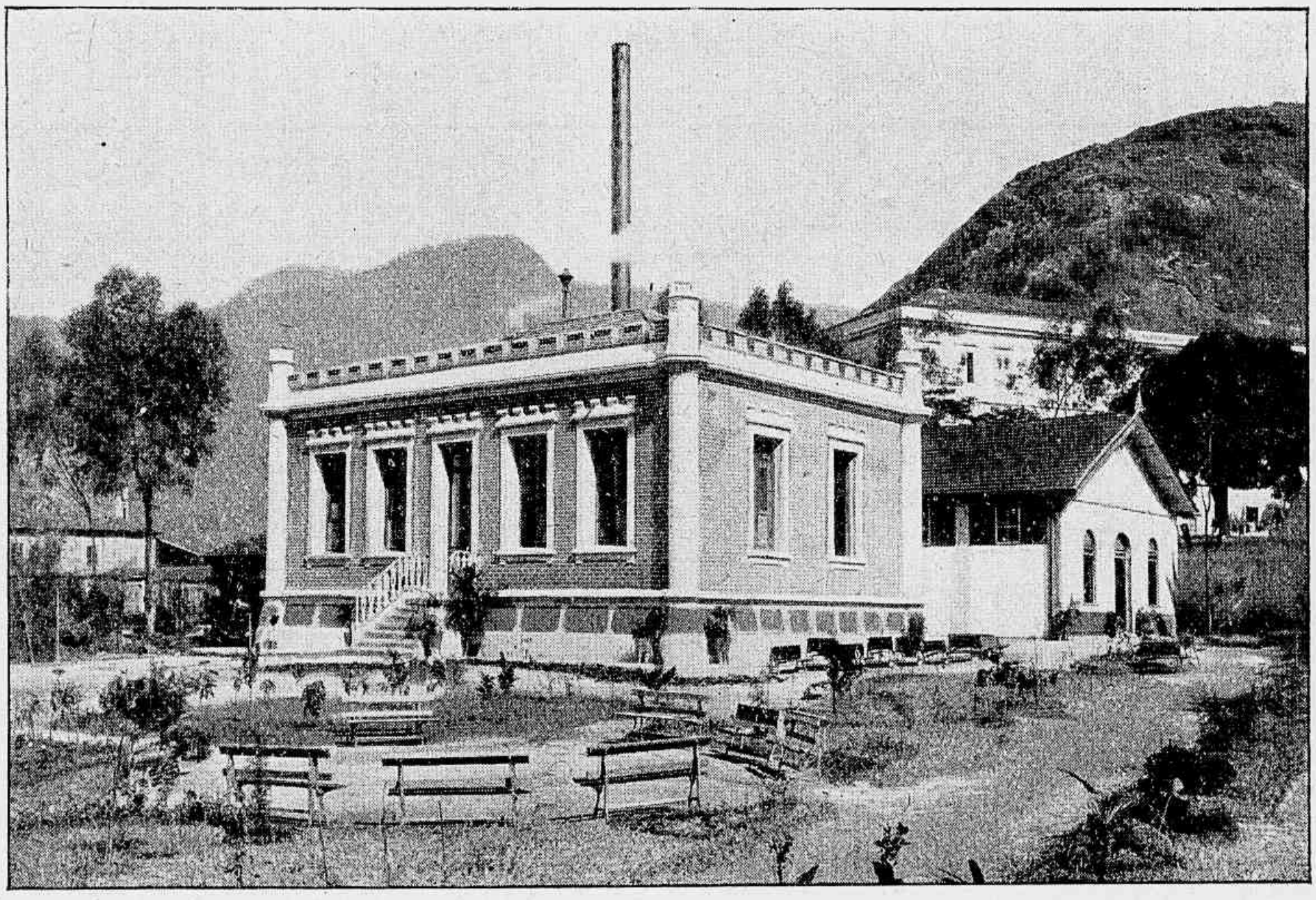
Mas o espirito operoso do coronel Campos não pára; elle multiplica-se por preoccupações diversas.

Ora é a instrucção practica dos alumnos, que os faz sobresahir em exhibição na Avenida, onde foram recebidos em delirio; ora a inauguração do busto de Thomaz Coelho, e que terá logar na praça em frente ao palacete, que está sendo para esse fim bellamente preparada; ora a instituição de premios aos alumnos, distinctos por sua applicação e conducta, e que realisou-se ultimamente no Collegio; ora a acquisação de uma pequena bomba de incendio

para exercicios de alumnos, como essa que percorreo a Avenida guarnecida pela nova secção creada, de bombeiros.

Em summa, o seu espirito esclarecido tem dado uma feição completamente nova ao Collegio Militar, pois o tem remodelado em todas as suas partes, e o novo Regulamente que acaba do conseguir do governo e que tem o nº 5698 de 2 de Outubro, virá certamente completar e facilitar a sua tarefa.

Em virtude desse Regulamento foi supprimido o curso primario do Collegio, bem como a clausula de prestação de serviços militares por parte dos



Collegio militar (Usina da electricidade).

alumnos gratuitos, tendo estes, entretanto, preferencia de matricula nas Escolas Militares.

O ensino irá do 1º ao 7º anno, por exames de promoção, sendo o do ultimo de madureza, que, alem de dar o alumno preparado para frequentar qualquer escola superior da Republica, fornece-lhe um titulo profissional-o de agrimensor.

O nosso Collegio Militar, considerado o primeiro no seu genero, pelo menos na America do Sul, confirma opiniões insuspeitas, como a dos membros do Congresso latino americano, que, visitando por mais de uma vez, assim se manifestaram, tem produzido optimos cidadãos.

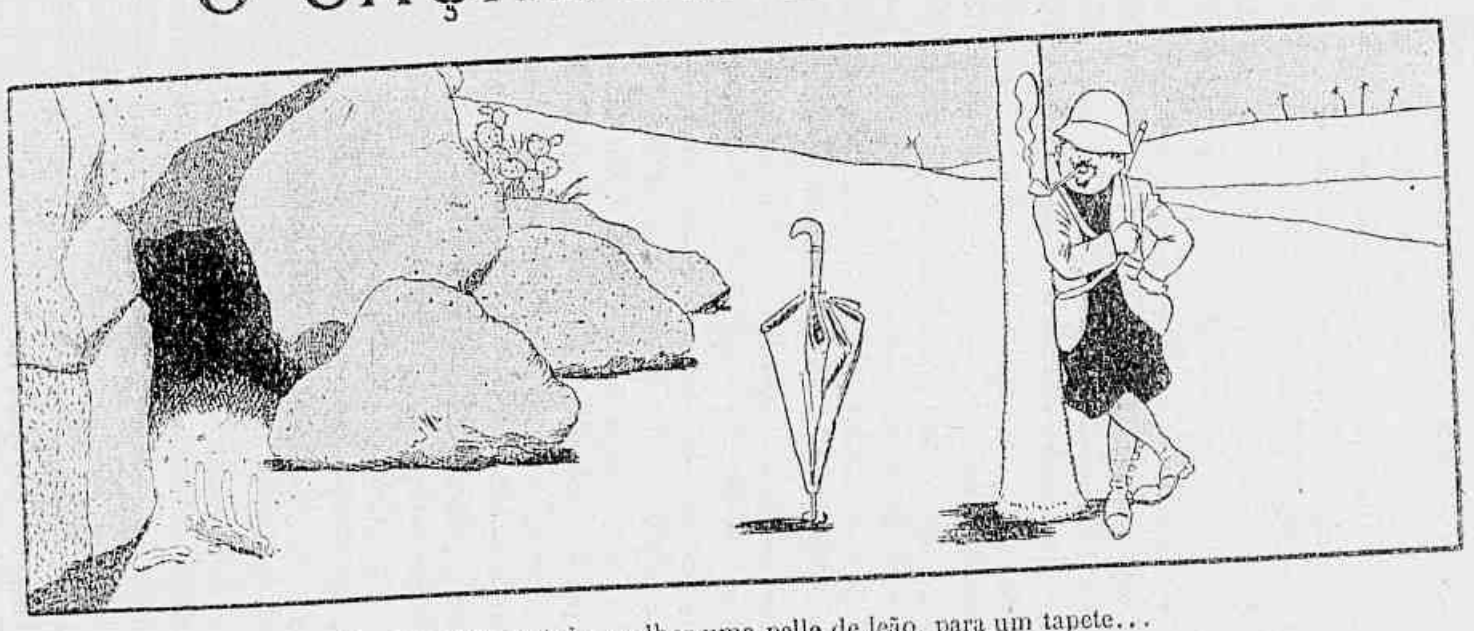
E' assim que em todas as profissões encontram-se ex-alumnos deste Instituto : militares, do exercito e armada, medicos, engenheiros, advogados, commerciantes, jornalistas, traductores publicos, etc. Todos honram com brilho a casa de onde sahiram. No proprio Collegio leccionam actualmente

os Drs Graça Couto e Milton Cruz, engenheiros, e os Drs Daltro Santos e Mario Barreto, juristas, ex-alumnos.

Dentre os melhoramentos de que cogita agora o coronel Campos figura o da installação de uma pequena officina typographica, destinada a imprimir, afim de serem distribuidas aos alumnos, as licções dos respectivos Professores, bem como a construcção de quatro salas para aulas.

O Collegio Militar é, enfim, uma instituição que honra o nosso paiz, e si bem que talvez não seja possivel, infelizmente, como quer o projecto do Snr. general Pires Ferreira, no Senado, crear tantos Collegios Militares, quantos são os Estados da Republica, pensamos, todavia, que é perfeitamente exequivel a creação de mais dous, um ao Norte e outro ao Sul do Brasil.

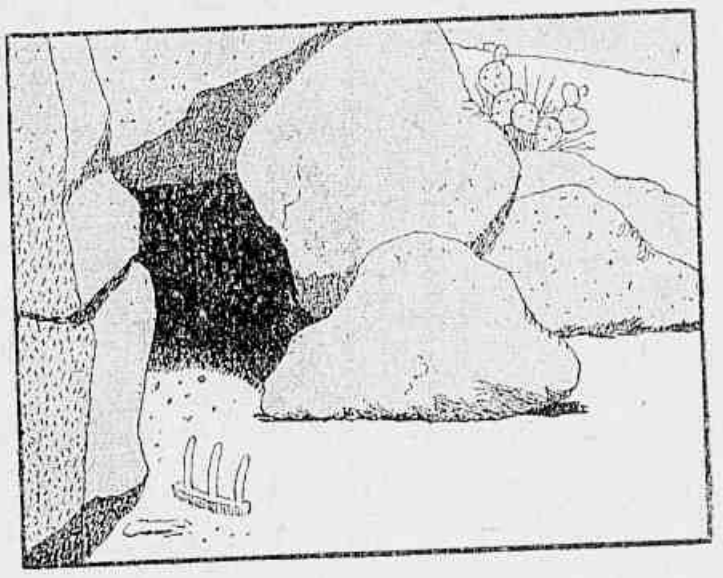
O CAÇADOR DE LEÕES



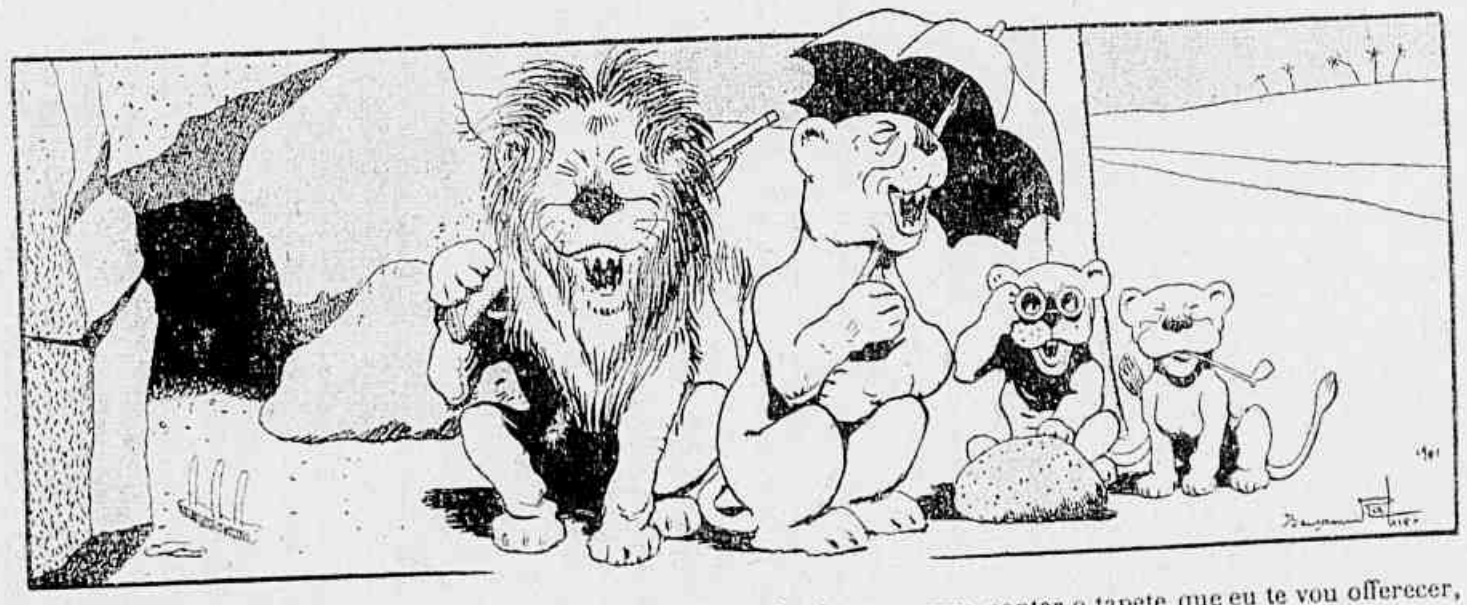
1. — O caçador. — Vou mandar á minha mulher uma pelle de leão, para um tapete...



2. — O caçador. — Creio que ouvi um rugido que partia d'esta gruta.



3. — Entremos...



4. — O leão. — Esse caçador deixou-nos muito bonitas lembranças, sem contar o tapete que eu te vou offerecer, minha leôa, de pelle de europeu.

PARTE VI

TABELLAS — NOTAS — INFORMAÇÕES

GOVERNO DA REPUBLICA

(Até 15 de novembre de 1906.)

Presidente. — Dr. Francisco de Paula Rodrigues Alves.

Casa civil do presidente. — Secretario, Alfredo do Regulo Valdetaro; official de gabinete, José Affonso de Paula Costa.

Casa militar. — Chefe, general Antonio Geraldo de Sousa Aguiar; sub-chefe, capitão-tenente Santos Porto; ajudantes de ordens, capitão-tenente Magalhães Castro e 1º tenente Cesar de Mello; 1º tenente de artilharia João Lopes de Oliveira Lyrio e 2º tenente Pessoa.

Vice-presidente. — Dr. Affonso Penna.

Ministros de Estado:

Do Interior e Justiça, dr. José Joaquim Seabra.
Da Fazenda, dr. Leopoldo Bulhões.
Da Industria e Viação, dr. Lauro Müller.
Do Exterior, barão do Rio Branco.
Da Guerra, marechal F. de Paula Argollo.
Da Marinha, vice-almirante Julio Cesar de Noronha.

SENADO FEDERAL

SECRETARIA

(R. do Areal, 2.)

Director, dr. José B. da Serra Belfort.
Vice-director, Antonio de Salles Belfort Vieira.
Officiaes: João Carlos de Oliveira, Francisco Calmon, Aristides dos Passos Costa, Gil Goulart Jor, dr. Luiz O. Guillon Ribeiro, João Pedro de Carvalho Vieira, Benevenuto dos Santos Pereira.

SENADORES

Alagôas. — Manuel José Duarte e Euclides Vieira Malta.
Amazonas. — Jonathas de Freitas Pedrosa, Silverio J. Nery.
Bahia. — Virgilio Climaco Damasio e Arthur Cesar Rios.
Ceará. — Joaquim de Oliveira Catunda e Pedro A. Borges.
Capital Federal. — Candido Barata Ribeiro e Lauro Sodré.
Espirito-Sancto. — Luiz Siqueira da Silva Lima e Cleto Nunes Pereira.
Goiaz. — José Joaquim de Sousa e Urbano Coelho de Gouvêa.

Maranhão. — Manuel Ignacio Belfort Vieira e Augusto Olympio Gomes de Castro.

Matto-Grosso. — José Maria Metéllo e Joaquim Duarte Murtinho.

Minas-Geraes. — Feliciano Augusto de Oliveira Penna, Julio Bueno Brandão.

Pará. — Justo Leite Chermont e José Paes de Carvalho.

Parahiba. — Antonio Alfredo da Gama e Mello.

Paraná. — F. Xavier da Silva e Brazilio Ferreira da Luz.

Pernambuco. — Herculano Bandeira de Mello e Francisco de Assis Rosa e Silva.

Piauhi. — Firmino Pires Ferreira e Raimundo Arthur de Vasconcellos.

Rio-de-Janeiro. — Carlos Augusto de Oliveira Figueiredo.

Rio-Grande-do-Norte. — José Bernardo de Medeiros e Joaquim Ferreira Chaves.

Rio-Grande-do-Sul. — Ramiro Fortes de Barcellos e Julio Anacleto Falcão da Frota.

Sancta-Catharina. — Gustavo Richard e Philippe Schmidt.

S. Paulo. — Joaquim Lopes Chaves e Alfredo Ellis.

Sergipe. — Martinho Cesar da Silveira Garcez e Olympio de Sousa Campos

CAMARA DOS DEPUTADOS FEDERAES

SECRETARIA

(R. da Misericordia, 1)

Director : Horacio Leal de Carvalho Reis (dr.).

Chefes de secção : José Maria Mafra ; João Maria do Valle, (dr.) ; Carlos Francisco Xavier e Cicero Costa.

Officiaes : Aureliano Nobrega de Vasconcellos, Antonio Borges de Athaïde junior, Leopoldo José da Rocha, Arthur Dias, José A. Marcio da Silva e Agenor de Roure.

Porteiro da Secretaria : Eugenio Caetano da Silva.

SECRETARIAS DE ESTADO

SECRETARIA

DA JUSTIÇA E DOS NEGOCIOS INTERIORES

Director geral da justiça, dr. Pelino da Costa Guedes.

Director geral do interior, Candido Augusto Coelho da Rosa.

Director geral da contabilidade, João Carlos de Sousa Bordini.

Funcciona na Praça Tiradentes, n. 65.

DAS RELAÇÕES EXTERIORES

Director geral, Joaquim Thomaz do Amaral(visconde de Cabo-Frio).
Funccciona na rua Marechal Floriano Peixoto n. 150.

DOS NEGOCIOS DA FAZENDA

Director do Expediente, dr. Pedro Teixeira Soares.
Director de Contabilidade, Manuel Candido de Leão.
Director do Contencioso, dr. Carlos Augusto Naylor.
Director de Rendas publicas, Luiz Rodolpho Cavalcanti de Albuquerque.
Funccciona na rua do Sacramento n. 17.

DOS NEGOCIOS DA GUERRA

Director geral, dr. Francisco Manuel das Chagas.
Funccciona no quartel-general á praça da Republica, n. 56.

DOS NEGOCIOS DA INDUSTRIA, VIAÇÃO E OBRAS PUBLICAS

Director geral da industria, dr. José Francisco Soares Fº.
Director geral de obras e viação, dr. José Freire Parreiras Horta.
Director geral de contabilidade, Francisco Maria Machado de Assis.
Funccciona na praça Quinze de Novembro.

DOS NEGOCIOS DA MARINHA

Director geral, Augusto de Souza Lobo, cap. de mar e guerra.
Funccciona na rua Visconde de Inhaúma, praia dos Mineiros.

TRIBUNAL DE CONTAS

(R. do Sacramento, 17.)

Presidente, dr. Thomaz Wallace da Gama Cockrane.
Director : dr. Viveiros de Castro.
Consultor geral da Republica, dr. Tristão de Alencar Araripe junior.

CORPO DIPLOMATICO BRASILEIRO

AMERICA :

Na *Republica Argentina.* — Enviado extr. e min. plen., dr. Joaquim F. de Assis Brasil.
Na *Bolivia.* — Env. extr. e min. plen., dr. Alfredo de M. Gomes Ferreira.
Na *Venezuela.* — Env. extr., dr. Manuel de Oliveira Lima.
No *Chile.* — Env. extr. e min. plen., Henrique Carlos Ribeiro Lisboa.
Nos *Estados-Unidos.* — Embaixador, dr. Joaquim Nabuco.

No *Paraguai*. — Env. extr. e min. plen., dr. Brasilio Itiberê da Cunha.
No *Perú*. — Env. extr. e min. plen., dr. Eduardo F. Simões dos Santos Lisboa.
No *Uruguai*. — Env. extr. e min. plen., Francisco Xavier da Cunha.
Na *Colombia*. — Ministro em missão especial, dr. Eneas Martins.

EUROPA :

Na *Allemanha*. — Env. extr. e min. plen., dr. José Pereira da Costa Motta.
Na *Austria-Hungria*. — Env. extr. e min. plen., dr. Cyro de Azevedo.
Na *Belgica*. — Env. extr. e min. plen., dr. José Cordeiro do Rego Barros.
Na *França*. — Env. extr. e min. plen., dr. Gabriel de Toledo Piza e Almeida.
Na *Gran-Bretanha*. — Env. extr. e min. plen., dr. Francisco Regis de Oliveira.
Na *Hespanha*. — Env. extr. e min. plen., dr. Pedro de Araujo Beltrão.
Na *Italia*. — Env. extr. e min. plen., dr. Julio Henrique de Mello e Alvim.
Em *Portugal*. — Env. extr. e min. plen., dr. Alberto Fialho.
Na *Russia*. — Env. extr. e min. plen., dr. José Augusto Ferreira da Costa.
Na *Sancta-Sé*. — Env. extr. e min. plen., dr. Bruno Gonçalves Chaves.
Na *Suissa*. — Env. extr. e min. plen., dr. Olyntho Maximo de Magalhães.

ASIA :

No *Japão*. — Enc. de neg., dr. Manuel Carlos Gonçalves Pereira.

CONSULADOS

AMERICA :

Argentina, Alfandega 1.
Colombia, Alfandega 107.
Mexico, Carmo 53, sobrado.
Paraguai, Alfandega 23.
Perú, Rosario 42, 2º andar.
Republica Dominicana, Hospicio 106, sobrº.
Venezuela, Rua Theophilo Ottoni, 10.
Costa-Rica, Rua D. Anna nº 12. (Botafogo).
Equador, Rua do Ovidor, 28.
Estados Unidos da America, Rua 1º de Março, 99.
Guatemala, Praia do Flamengo, 32.
Honduras, Praia do Flamengo, 32.
Nicaragua, Praia do Flamengo, 32.
Uruguai, Rua do Ovidor, 42.

EUROPA :

Allemanha, Carmo, 38, sobrado.
Austria-Hungria, General Camara, 63.
Belgica, Theophilo Ottoni, 16.
Dinamarca, General Camara, nº 88.
França, Alfandega, 83.
Grecia, Ouvidor, 130.
Hispanha, Rua do Ouvidor, nº 34.
Hollanda, General Camara, 88, 2º andar.
Italia, Rua D. Manoel, 16.
Suecia e Noruega, Rua S. Pedro, 15.
Turquia, Ouvidor, 130.
Grã-Bretanha, General Camara, 2.
Luxemburgo, Grão Ducado (Servem os consules dos Paizes Baixos.) General Camara, 88, sobrado.
Portugal, General Camara, 1.
Russia, Primeiro de Março, 69.
Suissa, Quitanda, 19.

CONSELHO MUNICIPAL

Secretaria.

(Praça Ferreira Vianna.)

Director geral, José Caetano de Alvarenga Fonseca.

Intendentes

Tertuliano da Gama Coelho, Eduardo José Pereira Raboeira, dr. Joaquim Silverio de Castro Barbosa, Manuel Luiz Machado, dr. Joaquim Francisco Bittencourt da Silva Fº, Joaquim Januario de Araujo Coutinho, Pedro Pereira de Carvalho, Pedro Moutinho dos Reis, Honorio dos Santos Pimentel e Antonio Rodrigues de Campos Sobrinho.

REPARTIÇÕES PUBLICAS FEDERAES

Alfandega do Rio-de-Janeiro (r. Visconde de Itaborahi). — Inspector, Honorio Alonso Baptista Franco ; chefes de secção, Miguel Fernandes de Barros, João Peixoto da Fonseca Guimarães e Manuel A. de Carvalho Aranha ; administrador das capatazias, Antonio Martins dos Reis Jor ; guarda-mór, Luiz da Gama Berquó.

Caixa da Amortização (r. Primeiro de Março). — Juncta administrativa : o Ministro da Fazenda, o inspector da Caixa, barão de Aguas Claras, drs. João Capistrano Bandeira de Mello, Ubaldino do Amaral, José A. d'Oliveira Coelho e Joaquim Antonio de Sousa Ribeiro.

Casa da Moeda (Praça da Republica, 101).— Director, dr. Pedro Luiz Soares de Sousa.

Delegacias fiscaes do Thesouro nos Estados. — *Alagôas*, Felinto Elysio do Nascimento ; *Amazonas*, José Hermogenes de Oliveira Amaral ; *Bahia*, José Ataliba da Silva Galvão; *Ceará*, Jeronymo Vieira d'Azevedo; *Espirito-Sancto*, Elpidio João da Bôa Morte; *Goiaz*, Francisco Victorino Xavier de Brito; *Maranhão*, José Augusto Corrêa; *Matto-Grosso*, Antenor Augusto Corrêa (em commissão); *Minas-Geraes*, Leopoldo Augusto Ribero Bhering; *Pará*, José Bernardino Dias da Silva; *Parahiba*, Manoel da Silva Guimarães Ferreira; *Paraná*, Caetano Alberto Munhoz; *Pernambuco*, major L. C. da Silva Peixoto; *Piauhi*, Luiz Lucas Castello Branco ; *Rio-Grande-do-Norte*, Luiz E. Pinheiro da Camara; *Rio-Grande-do-Sul*, Ignacio M. Domingues filho; *S. Paulo*, A. Silvestre Paes de Barros; *Sancta-Catharina*, Augusto Rangel Alvim ; *Sergipe*- Antonio de Padua Mamede.

Imprensa Nacional (r. Treze de Maio, 2). — Director geral, dr. Alfredo Augusto da Rocha ; inspector technico, José Xavier Pires.

Inspectores das Alfandegas dos Estados. — *Bahia*, Horacio Seabra; *Ceará*, M. Raimundo Corrêa de Farias; *Corumbá*, João Alves Guerra; *Espirito-Sancto*, José Augusto Monjardim de Aranjo; *Macahé*, Luiz Augusto Werner; *Maceió*, Joaquim Nanzianzeno Henrique do Amaral; *Manaus*, Argemiro Candido Pereira da Costa; *Maranhão*, José Mauricio da Silva; *Pará*, Alfredo Nicolau dos Santos; *Parahiba*, Julio Maximiano da Silva; *Paranaguá*, R. J. dos Reis Lisboa; *Penedo*, J. dos Reis Lisboa; *Pernambuco*, Manuel A. de Carvalho Aranha; *Porto-Alegre*, João Francisco do Prado Jacques; *Rio-Grande-do-Norte*, Manuel Coelho de Sousa e Oliveira; *Rio-Grande-do-Sul*, Crescentino Baptista de Carvalho; *Sant'Anna do Livramento*, João Climaco de Mello; *Sancta-Catharina*, Alfredo Theotonio da Costa; *Santos*, Antonio Roberto de Vasconcellos; *Sergipe*, Flaviano da Silveira Fontes; *Uruguaiana*, Antonio Mesquita da Silva.

Laboratorio Nacional de Analyses (no edif. da Alfandega). — Director, dr. José Borges Ribeiro da Costa.

Estado Maior do Exercito (praça da Republica). — Chefe, gen. de divisão F. A. Rodrigues Salles.

Supremo Tribunal Militar (r. Marechal Floriano, 152). — Ministros: almirantes Francisco Pereira Pinto, Elisiario José Barbosa, Francisco José Coelho Netto, contra-almirante José Candido Guillobel, Rufino Enéas Gustavo Galvão, F. de Paula Argollo Francisco Antonio de Moura, João Thomaz de Cantuaria e João Nepomuceno de Medeiros Mallet, generaes J. Maria Marinho da Silva e Francisco José Teixeira junior, e drs. Antonio Augusto Cardoso de Castro, José Novaes de Sousa Carvalho e Acyndino Vicente de Magalhães.

Arsenaes de guerra. — Da *Capital Federal*, director coronel João Candido Jacques; de *Matto-Grosso*, director major Celestino Alves Bastos; do *Rio-Grande-do-Sul*, director tenente-coronel João Leocadio Pereira de Mello.

Bibliotheca do Exercito (r. Marcilio Dias). — Bibliothecario, general Francisco José Cardoso Junior.

Collegio Militar (r. S. Francisco Xavier, 45). — Commandante, coronel Manuel Rodrigues de Campos.

Direcção Geral de Artilharia (r. General Canabarro, 46). — Director geral, general Luiz Antonio de Medeiros.

Direcção Geral de Engenharia (r. Guanabara, 56). — Director geral, general Modestino de Assis Martins.

Direcção Geral de Saúde do Exercito (largo do Moura, Arsenal). — Director geral, gen. dr. José Leoncio de Medeiros.

Intendencia da Guerra (campo de S. Christovão). — Intendente, gen. de div. João Pedro Xavier da Camara.

Eschola Preparatoria e de Tactica do Realengo. — Commandante, coronel Bento M. Ribeiro Carneiro Monteiro.

Hospital Central do Exercito (morro do Castello). — Director, dr. Ismael da Rocha.

Laboratorio Chimico Pharmaceutico Militar (r. Evaristo da Veiga, 37). — Director, Alfredo José Abrantes, major.

Laboratorio Militar de Bacteriologia (r. General Canabarro, 40). — Director, Francisco de Paula Oliveira Guimarães, Dr. Cor.

Directoria Geral da Estatistica (r. da Misericordia, A 2). — Director, dr. João Sabino Damasceno.

Directoria Geral dos Correios (r. Primeiro de Março). — Director, dr. Joaquim C. de Miranda e Horta; sub-director, dr. Bonifacio de A. Faria Rocha; contador geral, Ernesto P. de Azeredo Coutinho.

Succursaes :

Botafogo, Praça Duque de Caxias, Praça Municipal Estacio de Sá, S. Christovão e Villa-Isabel.

Agencias urbanas :

Estação central de E. F. C. do Brasil, praça da Republica.
Largo de Catumbi n. 91.
Rua Haddock Lobo n. 189.
Fabrica das Chitas, rua Conde de Bomfim.
Gavea, rua do Marquez de S. Vicente, ponto dos bondes.
Largo de Sancta Rita.
Largo da Lapa n. 2.
Rua do Bomfim n. 34.
Rua Frei Caneca n. 94.
Raiz da Serra da Tijuca, r. Conde do Bomfim n. 199.
Rua S. Francisco Xavier n. 49 A.
Rua Humaitá n. 33 G.
Rua Barão de Mesquita n. 63.
Largo do Guimarães (Sancta Thereza).
Rua do Estrella n. 37.
Rua Mariz e Barros n. 17.
Rua N. Sª da Copacabana n. 55.
Caju, na Estação Central da E. F. Rio do Ouro.
Rua S. Luiz Gonzaga n. 291.
Largo Sto Christo dos Milagres.
Praça 11 de Junho.
Avenida Rui Barbosa.
Alto da Boa-Vista n. 12.

Agencias suburbanas :

Cascadura, r. D. Pedro n. 35 e 37.
Cupertino, r. Vital n. 14.
Madureira, juncto á estação.
Encantado, r. dr. Goyaz, n. 266.
Engenho de Dentro, r. Manuel Victorino n. 29 e 31.

Engenho Novo, r. Dr. Lins de Vasconcellos, n. 21.
Meyer, rua Dr. Dias da Cruz n. 7 A, em frente á estação
Piedade, na estação.
Riachuelo, rua D. Anna Nery n. 230.
Rocha, rua Henrique Dias n. 6.
Sampaio, na Avenida Sampaio, estação de Sampaio.
S. Francisco Xavier.
Mangueira, na estação de S. Francisco Xavier.
Todos os Sanctos, rua Goiaz n. 142 A.

Estrada de Ferro Central do Brasil (praça da Republica). — Director, dr. Gabriel Osorio de Almeida.

Hospedaria de Immigrantes (ilha das Flores). — Administrador, dr. José de Castro Rabello.

Inspecção Geral das Obras Publicas (praça da Republica, 103). — Inspector, dr. Luiz Van Erven.

Inspectoria Geral de Illuminação (praça da Republica, 24). — Inspector, dr. Jaime Benevolo.

Jardim Botanico (na Lagôa). — Director, João Barbosa Rodrigues.

Observatorio de Rio-de-Janeiro (morro do Castello). — Director, dr. Luiz Cruls ; astronomos, drs. H. Morize e Nuno Alves Duarte Silva.

Repartição Geral dos Telegraphos (praça Quinze de Novembro). — Director geral. dr. Caetano Cesar de Campos.

Supremo Tribunal Federal (r. 1º de Março). — Presidente, dr. Olegario Herculano de Aquino e Castro; membros, drs. Joaquim de Toledo Piza e Almeida, Eduardo Pindahiba de Mattos, Herminio Francisco do Espirito-Sancto, Pedro Antonio de Oliveira Ribeiro, João Barbalho Uchoa Cavalcanti, Lucio de Mendonça, João Pedro Belfort Vieira, Manuel José Murtinho, André Cavalcanti de Albuquerque, Alberto Torres; procurador geral da Republica,

Côrte de Appellação (Rua do Lavradio). — Membros : Guilherme Corrêa deiro Coelho Cintra, Manuel José Espinola, Agostinho de Carvalho Dias Lima, Cassiano Candido Tavares Bastos, José Cesario de Miranda Ribeiro, Henrique João Dodsworth, Antonio Ferreira de Sousa Pitanga, Salvador Antonio Moniz Barreto de Aragão, João da Costa Lima Drummond, Affonso Lopes de Miranda, Caetano P. de Miranda Montenegro, Edmundo Moniz Barreto, F. J. Viveiros de Castro e Ataulfo N. de Paiva.

1.ª *vara criminal.* — Juiz, dr. José Calheiros de Mello.
2.ª *vara criminal.* — Juiz, dr. Cicero Seabra.
3.ª *vara criminal.* — Juiz, dr. Virgilio de Sa Pereira.
4.ª *vara criminal.* — Juiz, dr. Joaqim Moreira da Silva.
5.ª *vara criminal.* — Juiz, dr. Diogo J. de Andrade Machado.
Vara de Provedorias e Residuos. — Juiz, dr. Eneas Galvão,
1.ª *vara de orphãos.* — Juiz, dr. Zacharias do Rego Monteiro.
2.ª *vara de orphãos.* — Juiz, dr. Celso Apeigio Guimarães.
1.ª *vara do Commercio.* — Juiz, dr. P. de A. Nabuco de Abreu.

2.ª *vara do Commercio.* — Juiz, dr. J. de B. Raja Gabaglia.
3.ª *vara do Commercio.* — Juiz, dr. Nestor Meira.
1.ª *vara do Civel.* — Juiz, dr. Bellarmino da Gama e Sousa.
2.ª *vara do Civel.* — Juiz, dr. Gabriel L. Ferreira.
3.ª *vara do Civel.* — Juiz, dr. J. L. de Bulhões Pedreira.

Curadoria de orphãos. — Curador, dr. José Pinto de Sousa Dantas.

Juizo dos Feitos da Fazenda Municipal (r. dos Invalidos, 108). — Juiz, dr. Pedro Augusto de Moura Carijó.

Juizo seccional do Districto Federal (r. do Nuncio, 13). — Juiz federal, dr. Godofredo Xavier da Cunha; juiz substituto, dr. Henrique Vaz Pinto Coelho.

Procuradoria da Republica na secção do Districto Federal. — Procurador, dr. Cesario da Silva Pereira; 1º adjuncto, dr. Antonio Angra de Oliveira; 2º adjuncto, dr. Pedro Francelino Guimarães Fº.

Casa de Correcção (r. Frei Caneca, 293). — Director, dr. João Pires Farinha; vedor, João Carlos Thompson Junior.

Casa de Detenção. — Administrador, cap. Arthur de Meira Lima.

Colonia Correccional dos Dous Rios (na Ilha Grande). — Director, ten. Francisco Siqueira Rego Barros.

Guarda Nacional da Capital Federal (rua da Constituição, 41). — Commandante superior, general João Vicente Leite de Castro.

Registo Geral de Hypothecas. — 1º Districto. Official, dr. João Köpke. — 2.º Districto. Official, Quintino Bocayuva Junior. — 3.º Districto. Official, dr. José Lopes da Silva Trovão.

Archivo Publico Nacional (r. dos Ourives, 1). — Director, Francisco Joaquim Bittencourt da Silva.

Hospicio Nacional de Alienados (praia da Saudade, 18). — Director, dr. Juliano Moreira.

Colonia de Alienados (ilha do Governador). — Director, dr. Domingos Lopes da Silva Araujo.

Corpo de Bombeiros (praça da Republica, 37). — Commandante, coronel Feliciano Benjamin de Sousa Aguiar; inspector geral do pessoal, tenente-coronel Eugenio Rodrigues Jardim.

Deposito Publico (rua da Relação, 6). — Depositario, Joaquim Silverio de Azevedo Pimentel.

Directoria Geral da Saúde Publica (rua Clapp, 17). — Director geral dr. Oswaldo Gonçalves Cruz; secretario, dr. João Pedroso de Albuquerque; chefe do Laboratorio Bacteriologico, dr. Emilio E. Gomes; chefe do serviço demographico, dr. J. L. Bulhões Carvalho.

Directoria de obras do Ministerio da Justiça (rua dos Invalidos, 67). — Director das obras, dr. Henrique José Alvares da Fonseca.

Hospital Paula Candido (Jurujuba). — Director, dr. Luiz Tavares de Macedo Junior.

Lazareto da Ilha Grande. — Director, dr. Alfredo de Mello e Alvim.

Bibliotheca Nacional (r. do Passeio, 70). — Director, dr. Manuel Cicero Peregrino da Silva; chefes de secção, João Carlos de Carvalho, bachareis Antonio Jansen do Paço e Aurelio Lopes de Sousa.

Eschola de Minas (Ouro-Preto). — Director, dr. Joaquim Candido da Costa Senna.

Eschola Nacional de Bellas-Artes. — Director, Rodolfo Bernardelli; vice-director.

Eschola Polytechnica (largo de S. Francisco de Paula). — Director, dr. João Baptista Ortiz Monteiro ; vice-director, dr. Paulo de Frontin.

Faculdade de Direito do Recife. — Director, dr. Joaquim Tavares de Mello Barreto; vice-director, dr. Augusto Carlos Vaz de Oliveira.

Faculdade de Direito de S. Paulo. — Director, dr. Vicente Mamede de Freitas.

Faculdade de Medicina da Bahia. — Director, dr. Alfredo Brito ; vice-director, dr. Alexandre Evangelista de Castro Cerqueira.

Faculdade de Medicina do Rio-de-Janeiro. — Director, dr. Luiz da Cunha Feijó.

Gymnasio Nacional. Externato (r. Marechal Floriano Peixoto). — Director, dr. João Antonio Coqueiro. — Internato (campo de S. Christovão, 25). — Director, Leoncio Correia; vice-director, dr. Elpidio da Trindade.

Instituto Benjamin Constant (praia da Saudade). — Director, coronel Jesuino da Silva Mello.

Instituto Nacional de Musica (r. Luiz de Camões, 52). — Director, Henrique Oswald.

Instituto Nacional dos Surdos-Mudos (r. das Laranjeiras, 82). — Director, dr. João Brasil Silvado.

Instituto Serotherapico (Manguinhos, em Inhaúma). — Director, barão de Pedro Affonso.

Museu Nacional (quinta da Boa-Vista). — Director, dr. João Baptista de Lacerda.

Arsenaes de Marinha : Capital Federal — inspector, contra-almirante Carlos Frederico de Noronha; Matto-Grosso — inspector, capitão de fragata José de Macedo Coimbra; Pará — inspector, capitão-tenente Altino Flavio de Miranda Corrêa.

Bibliotheca e museu de Marinha (r. Conselheiro Saraiva, 12), Alfredo Cordoril Petit, cap. ten.

Capitania do Porto do Rio-de-Janeiro (edificio da Secretaria de Marinha). — Capitão do porto, cap. de mar e guerra José Antonio de Oliveira Freitas.

Conselho Naval (r. Conselheiro Saraiva, 8). — Membros, contra-almirante Alexandrino Faria de Alencar, capitães de mar e guerra Affonso de Alencastro Graça e José Pedro Alves de Barros, e dr. Joaquim de Oliveira Machado.

Directoria de Hydrographia. — Director, Otton de Carvalho Bulhão, cap. de frag.

Directoria de Meteorologia. — Director, cap. tenente Americo Brasil Silvado.

Enfermaria de Beribericos (Copacabana). — Director, dr. Galdino Cicero de Magalhães.

Eschola de Aprendizes Marinheiros (ilha das Cobras). — Commandante, cap. tenente João Adolpho dos Santos.

Eschola Naval (ilha das Enxadas). — Director, contra-almirante Duarte Huet Bacellar Pinto Guedes.

Hospital de Marinha (ilha das Cobras). — Director, dr. Euclides Alves Ferreira da Rocha.

Repartição da Charta maritima. — Chefe, contra-almirante José Candido Guillobel.

Directoria de Pharoes. — Director, cap. de fragata Eduardo Augusto Verissimo de Mattos.

REPARTIÇÕES PUBLICAS MUNICIPAES

Prefeitura (na praça da Republica).

Prefeito, dr. Francisco Pereira Passos.

Director Geral do Interior e Estatistica, dr. Alexandrino Freire do Amaral.

Director Geral da Fazenda municipal, Carlos Florencio Fontes Castello.

Director Geral de Instrucção Publica, José de Campos de Medeiros e Albuquerque.

Director Geral de Obras e Viação, dr. Carlos A. do Nascimento Silva.

Director Geral de Hygiene e Assistencia Publica, dr. J. J. Torres Cotrim.

Inspector das Mattas e Jardins, dr. Julio Gonçalves Furtado.

Eschola Normal. — Vice-director, dr. Servulo J. de Siqueira Lima.

Pedagogium. — Director, dr. Manuel Bomfim.

Instituto Profissional Masculino. — Director, dr. Alfredo Magioli de Azevedo Maia.

Instituto Profissional Feminino. — Directora, D. Evangelina Monteiro de Barros.

Casa de S. José. — Director, dr. Alfredo Rodrigues Barcellos.

Serviço de Isolamento e Desinfecção. — Inspector, dr. Alfredo da Graça Couto.

Hospital de S. Sebastião. — Director, dr. Carlos P. Seidl.

Asylo de S. Francisco de Assis. — Director, dr. José Joaquim Coelho de Freitas Henriques.

Matadouro. — Director, Antonio Luiz Rodrigues.

Superintendencia da Limpeza Publica. — Director, dr. Manuel Maria del Castillo.

AGENCIAS DA PREFEITURA

1. Districto, Candelaria, Rua do Mercado 14.
2. — Sancta Rita, R. Camerino 103.
3. — Sacramento, Travessa S. Francisco de Paula n. 1.
4. — S. José, R. Senador Dantas 45 sobr.
5. — Sancto Antonio, R. Lavradio 96.
6. — Sancta-Thereza, R. Aqueducto 54.
7. — Gloria, R. do Cattete, 194.
8. — Lagôa, R. Voluntarios da Patria 4.
9. — Gavea, R. Marquez de S. Vicente 2 E.
10. — Sanct'Anna, Praça 11 de Junho.
11. — Gamboa, R. America 184
12. — Espirito-Sancto, R. Haddock Lobo 10.
13. — S. Christovão, Praça Marechal Diodoro (Campo de S. Christovão) nº 40.
14. — Engenho-Velho, Trav. de S. Vicente de Paulo 2.
15. — Andarahi, R. Barão de Mesquita 72 D.
16. — Tijuca, R. Boa-Vista 29.
17. — Engenho Novo, R. 24 de Maio 127.
18. — Meyer, R. Dr. Diaz da Cruz 49.
19. — Inbaúma, R. Dr. Manoel Victorino 125.
20. — Irajá, R. Coronel Rangel 60.
21. — Jacarépaguá, Tanque, n. 2.
22. — Campo-Grande, R. do Rio A s/n.
23. — Guaratiba, Largo da Matriz s/n.
24. — Sancta-Cruz, R. Dr. Philippe Cardoso s/n.
25. — Ilhas, R. Dr. Furquim Werneck 7 (Paquetá).

SÉDES DOS DISTRICTOS DE INFLAMMAVEIS

1º Districto — Gavea, Gloria, Lagoa, S. José e Candelaria. (O fiscal funcciona na Rua do Acre n. 100).

2º — — Sancta Rita, Sacramento, Sanct' Anna, Sancto Antonio e S. Christovão. (O fiscal funcciona á rua de Sancto Christo n. 257),

3º — — Supprimido o logar de fiscal pelo dec. 289, de 24 de Abril 1902. foram transferidas as attribuições d'esse funcionnario para os

agentes da Prefeitura nos districtos : 12º — Espirito-Sancto, 14º — Engenho-Velho, 17º Engenho-Novo, 19º — Inhaúma e 25º — Ilhas.

4º Districto — Jacarépaguá, Irajá, Campo-Grande, Guaratiba e Sancta-Cruz. (O fiscal funcciona na Agencia de Sancta-Cruz.)

DELEGACIAS DE POLICIA

URBANAS.

1ª. Rua da Assembléa, n. 35.
2ª. Rua Camerino, n. 95.
3ª. Rua da Saude, n. 150.
4ª. Rua Sete de Setembro, 105.
5ª. Praça da Republica, n. 2.
6ª. Rua da Misericordia, n. 90.
7ª. Rua Evaristo da Veiga, n. 94.
8ª. Rua do Lavradio, n. 188.
9ª. Rua do Porto, n. 2.
10ª. Rua Visconde de Itaúna, n. 179.
11ª. Rua de Catumbi, n. 47.
12ª. Rua da Luz, n. 1.
13ª. Rua Gonzaga Bastos, n. 58.
14ª. Rua de S. Christovão, n. 299.
15ª. Rua Vinte e Quatro de Maio, n. 20.
16ª. Rua Lucicio do Lago, Engenho Novo.
17ª. Rua Barão de Guaratiba, 4, Gloria.
18ª. Rua dos Voluntarios da Patria, n. 74.
19ª. Rua Jardim Botanico, n. 25.
20ª. Rua Goyaz, 268, Engenho de Dentro.

SUBURBANAS.

1ª. Estrada da Penha, n. 52, Inhaúma.
2ª. Rua Dr. Candido Benicio, Jacarépaguá.
3ª. Campo Grande.
4ª. Curato de Sancta Cruz. — R. Philippe Cardoso.
5ª. Guaratiba. — Arraial da Pedra.
6ª. Madureira. — R. Domingos Lopes, n. 89.
7ª. Ilha de Paquetá. — R. Collegio, n. 7.
8ª. Ilha do Governador. — R. Formosa.

DIAS DE SESSÕES E AUDIENCIAS E SÉDE DOS TRIBUNAES

Supremo Tribunal Federal, r. 1º de Março, ás quartas-feiras e sabbados, ás 11 horas da manhã, e, sendo impedidos, nos dias anteriores.

Secretaria do mesmo tribunal, das 9 da manhã ás 2 da tarde.

Supremo Tribunal Militar, rua Marechal Floriano 152, ás segundas, quartas-feiras e sabbados ás 10 horas da manhã.

Conselho Naval, r. Conselheiro Saraiva 8, ás terças e sextas-feiras.

Côrte de Appellação, rua do Lavradio, ás segundas e quintas-feiras, ás 10 horas da manhã.

Procurador Seccional do Districto Federal, r. 1.º de Março, 26, sobrado.

Tribunaes correccionaes, funccionam nas pretorias sob a presidencia dos pretores nos dias annunciados.

Tribunal do Thesouro, r. Sacramento 17, ás quintas-feiras, ás 11 horas da manhã.

Tribunal de Contas, no Thesouro, r. Sacramento 17, todos os dias, ás 10 horas da manhã.

Juncta Commercial, r. Visconde do Rio Branco, 52, ás segundas e quintas-feiras, ás 10 horas da manhã.

Auditoria de Guerra, r. Marechal Floriano 154, ás segundas, quartas e sextas-feiras, ás 10 horas da manhã, juiz dr. Enéas de Arroxelas Galvão.

Auditoria de Marinha, r. Conselheiro Saraiva, 8, ás quartas-feiras e sabbados, ás 10 horas da manhã, juiz dr. Vicente Saraiva de Carvalho Neiva.

Juizo dos Feitos da Fazenda Municipal, r. Invalidos 108, 2º andar, ás terças e sextas-feiras, ás 12 horas da manhã, juiz dr. Pedro Augusto de Moura Carijó.

Juizo Seccional, r. Nuncio 13, ás terças e sextas-feiras, ás 11 horas da manhã, juiz dr. Godofredo Xavier da Cunha.

Juizo Substituto Seccional, r. Nuncio 13, ás terças-feiras e sabbados, juiz dr. Henrique Vaz Pinto Coelho da Cunha.

Chefe de Policia e seus Delegados, r. Lavradio 88 e 90, todos os dias das 10 ás 3 horas da tarde.

Vigararia Geral do Arcebispado, palacio da Conceição, ás terças e sextas-feiras, ás 12 horas da manhã.

Juizo Ecclesiastico, palacio da Conceição, ás terças e sextas-feiras, á 1 hora da tarde.

Pretorias (Juizes) :

Primeira — Candelaria e ilha de Paquetá — Pretor, dr. Torquato Baptista de Figueiredo.

Segunda — Sancta Rita e ilha do Governador — Pretor, dr. Raimundo Corrêa.

Terceira — Sacramento — Pretor, dr. Affonso Lamounier junior.

Quarta — S. José — Pretor, dr. Auto Barboza Fortes.

Quinta — Sancto Antonio — Pretor, dr. Alfredo de Almeida Russell.

Sexta — Gloria — Pretor, dr. Edmundo do Almeida Rego.

Septima — Lagôa e Gavea — Pretor, dr. José J. Saraiva junior.

Oitava — Sanct'Anna — Pretor, dr. Luiz Augusto Carvalho e Mello.

Nona — Espirito-Sancto — Pretor, dr. J. Jaime de Miranda.

Decima — S. Christovão — Pretor, dr. Elviro Carrilho da Fonseca e Silva.

Decima primeira — Engenho-Velho — Pretor, dr. José Augusto de Oliveira.

Decima segunda — Engenho Novo — Pretor, dr. J. Ovidio Marcondes Someiro.

Decima terceira — Inhaúma e Irajá — Pretor, dr. Luiz Sampaio Vianna.

Decima quarta — Jacarépaguá e Guaratiba — Pretor, dr. João Buarque de Lima.

Decima quinta — Campo-Grande, e Sancta-Cruz — Pretor, dr. Joaquim Moreira da Silva.

Pagamento de impostos

Janeiro. — Fóros vencidos, federaes e municipaes. Na Prefeitura Municipal os alvarás de renovação de licença até Fevereiro, sem multa; e na Recebedoria Federal tiram-se neste mez e no seguinte os registros para a venda de mercadorias sujeitas ao imposto de consumo; na falta, a multa de 30$000.

Fevereiro. — Na Prefeitura Municipal os alvarás de renovação de licença, sem multa, até o fim de mez. — Na Recebedoria Federal tiram-se os registros para a venda de mercadorias sujeitas ao imposto de consumo e paga-se a 2ª prestação do imposto do consumo de agua, do exercicio anterior, por hydrometro, e a 1ª do imposto de industrias e profissões, sendo essa cobrança feita de uma só vez, se o imposto computado annualmente não exceder de 200$ e se exeder será metade cobrado nesta época e a outra em Agosto.

Março. — Na Prefeitura Municipal a 1ª prestação do imposto predial e da taxa sanitaria.

Abril. — Na Recebedoria Federal paga-se o imposto sôbre vehiculos (bondes); e na Prefeitura faz-se a entrega das collectas sobre predios, de accordo com o disposto no Dec. 432; pena : multa correspondente a um anno do imposto.

Maio. — Na Recebedoria Federal, a 1ª prestação do imposto sobre o vencimento e subsidio dos serventuarios de officios de justiça. Na Prefeitura Municipal o imposto sobre animaes de sella, particulares e de aluguel; e faz-se a entrega das collectas sobre predios, de accôrdo com o disposto no Decr. 432; pena : multa correspondente a um anno de imposto.

Junho. — Na Recebedoria Federal o imposto sobre pennas de agua.

Julho. — Neste mez, e durante todo o anno pagam-se, na Recebedoria Federal, os impostos de *consumo*, *transmissão de propriedade*, *fóros de terrenos* e *de dividendo*, etc.; e do mesmo modo, na Prefeitura Municipal, os alvarás de primeiras licenças, laudemios e outras contribuições municipaes. As licenças tiradas depois de Fevereiro, pagam multa.

Agosto. — Na Recebedoria Federal, 1ª prestação do imposto de consumo de agua, por hydrometro e a 2ª prestação do imposto de industrias dos estabelecimentos que pagam mais de 200$ par anno.

Setembro. — Na Prefeitura Municipal, a 2ª prestação do imposto predial e a da taxa sanitaria.

Outubro. — Na Prefeitura Municipal o imposto territorial.

Novembro. — Na Recebedoria Federal, a 2ª prestação do imposto sobre o vencimento e subsidio dos serventuarios de officios de justiça.

Os estabelecimentos industriaes, que mudarem de firma o local, devem requerer, communicando esta occurencia no prazo de 8 dias, seb pena de multa de 50$ a 200$000.

Na falta do pagamento á bocca do cofre dos impostos federaes supra, é o contribuinte obrigado á multa de 10 °/₀ sôbre o valor devido nas precisas epochas e a 15 °/₀ o que realizar o dicto pagamento depois do dia 20 de Março do trimestre addicional de cada exercicio, e não realizando o pagamento dos impostos municipaes tambem á bocca do cofre incorre o contribuinte na multa de 25 °/₀ dentro de seis mezes e d'ahi por deante na de 50 °/₀ além da pena que lhe possa caber.

São pagos na Recebedoria Federal os impostos sôbre industrias e profissões e os de transmissão de propriedade.

Todo o anno. — Pagam-se os impostos não especificados acima, como os de consumo, transmissão de propriedade, foros de terrenos, taxa de dividendos, etc.

As sociedades anonymas pagam o imposto de 2 1/2 % sobre o total dos dividendos a distribuir semestralmente, e devem faze-lo dentro de 30 dias a contar da publicação do annuncio ; pela infracção, a multa de 20 a 50 %.

COMPANHIAS DE NAVEGAÇÃO

Companhia Lloyd Brasileiro. — Rua da Saúde n. 14. (Agencia, Alfandega n. 44).

Companhia Messageries Maritimes. — Rua Primeiro de Março n. 79, 1° andar.

Real Companhia a Vapor de Southampton (*Royal Mail*). — Rua General Camara n. 2.

La Veloce. — Rua Primeiro de Março n. 81.

Navigazione Generale Italiana. — Rua Primeiro de Março n. 39.

La Ligure Braziliana. — Rua Primeiro de Março n. 37.

Real Companhia Portugueza. — Rua da Alfandega n. 83.

Companhia Nacional de Navegação Costeira. — Rua do Hospicio n. 9.

Société Générale de Transports Maritimes à Vapeur. — Rua 1° de Março n. 34.

Norddeutscher Lloyd Bremen. — Rua General Camara n. 68.

Companhia Espirito-Sanctense. — Rua Gonçalves Dias n. 20.

Hamburg-Südamerikanische Dampschifffahrts-Gesellschaft. — Rua Conselheiro Saraiva n. 15.

Companhia Navegação Carioca. — Rua Primeiro de Março n. 64.

Empreza Navegação Gram-Pará. — Rua Primeiro de Março n. 51.

Serviço Maritimo de Santos. — Rua de S. Pedro n. 2, sobrado.

Serviço regular semanal com a estrada de ferro Campista, para S. João da Barra, Campos, S. Fidelis e linha de Carangola. — Becco da Lapa n. 4.

Liverpool Brasil and River Plate Steamer. — Rua Primeiro de Março n. 58.

Companhia Real Hungara de Navegação — Adria — Rua General Camara n. 78.

Esperança Maritima. — Rua General Camara n. 23, e Saúde 50.

Cantareira e Viação Fluminense. — Cáes do Pharoux.

S. João da Barra e Campos. — Rua da Saúde n. 142.

Sul Paulista de Navegação e Mineração. — Rua Primeiro de Março n. 73.

Viação do Brasil. — Rua da Alfandega n. 24.

Amazonas Steam Navigation. — Rua de S. Pedro n. 54.

Chargeurs Réunis. — Rua Primeiro de Março n. 13.

Companhia Conceição. — Rua Fresca n. 7.

Empreza Estivadora. — Rua Primeiro de Março n. 79.

Navegação Fluminense. — Rua da Saúde n. 12.

Companhia Ferry. — Praça Quinze de Novembro, cáes do Pharoux.

Knotts Prince Line of Steamers. — Rua da Quitanda n. 119.

Lloyd Austriaco de Trieste. — Rua General Camara n. 24.

Lloyd de Bremen. — Rua General Camara n. 68.

Companhia Nacional de Navegação de Marselha. — Rua Primeiro de Março n. 39. 1° andar.

Melhoramentos do Brasil (secção maritima). — Nas Docas Nacionaes.
New Zeland Shipping Company. — Rua de S. Pedro n. 2.
Companhia Pernambucana de Navegação. — Rua General Camara n. 11.
Pacific Steam Navigation Company. — Rua de S. Pedro n. 2.
Companhia Progresso Maritimo. — Rua da Gamboa n. 58.
Companhia Rio e S. Paulo. — Rua do Hospicio n. 57, sobrado.
Rob. M. Sloman's Line—Companhia Geral de Serviços Maritimos.—Rua Primeiro de Março n. 49, 1º andar.
Companhia Serviços de Portos. — Rua General Camara n. 64.
Shaw, Savill and Albion Company.— Rua de S. Pedro n. 2.
The Norton Line of Steamers. — Rua de S. Pedro n. 2.
Serviço Maritimo Joaquim Garcia. — Rua da Saúde n. 12.
Empreza de Navegação Salina. — Rua da Quitanda n. 111.
Companhia Transatlantica Hespanhola. — Rua do Ouvidor n. 34.

JARDINS E PASSEIOS

Jardim Botanico, na estrada da Gavea, aberto das 7 horas da manhã ás 6 da tarde.

Passeio Publico, rua do Passeio em frente á das Marrecas; está aberto das 6 horas da manhã ás 10 da noite.

Praça da Republica (antigo Campo de Sanct'Anna), aberto das 7 horas da manhã ás 9 da noite.

Praça Tiradentes (antigo largo do Rocio), aberto das 6 horas da manhã ás 10 da noite.

Praça Quinze de Novembro (antigo largo do Paço).

Praça Duque de Caxias (antigo largo do Machado), aberto das 6 horas da manhã ás 10 da noite.

Parque da Bôa Vista, na Quinta da Bôa Vista, em São Christovão, onde se acha o Museu Nacional.

Pedregulho, no alto do Pedregulho, onde existe a Caixa d'Agua.

Praça Onze de Junho (antigo Rocio Pequeno.)

Praça da Penha, na freguezia de Irajá.

Jardim Zoologico, em Villa-Isabel, para onde ha bondes a todas as horas do dia.

Floresta da Tijuca, servida pelos carros da Estrada de Ferro Electrica.

Morro do Corcovado. Tem um bom restaurante, nas Paineiras.

Silvestre, morro de Sancta Thereza.

Praça Septe de Março, no fim do Boulevard Villa-Isabel.

Praça da Gloria.

Jardim da Praia de Botafogo.

ASYLOS

Asylo do Bom Pastor, rua do Bom Pastor, na Fabrica das Chitas.
Asylo dos Invalidos da Patria, na Ilha do Bom Jesus.
Asylo Isabel, rua Mariz e Barros, 32.
Asylo de Mendicidade, rua Visconde de Itaúna, 299.
Asylo das Orphãs da Sociedade Amante da Instrucção, rua Ipiranga, n. 20.
Asylo das Orphãs de S. Francisco de Paula, collegio dos Sanctos Anjos, á rua Barão de Mesquita.
Asylo de S. Luiz, ponta do Cajú.
Asylo de S. Cornelio, rua do Cattete n. 2.
Asylo da Sancta Casa da Misericordia, rua de S. Clemente, 166.
Asylo de Sancta Maria, no Hospital da Misericordia.
Asylo Gonçalves de Araujo, campo de S. Christovão, 102.
Eschola Correccional Quinze de Novembro, rua de S. Christovão n. 168.
Asylo de Nossa Senhora Auxiliadora, rua Humaitá, 56.
Casa dos Expostos, rua Evaristo da Veiga 60 e 62.
Recolhimento de Sancta Theresa, rua General Severiano.

HOSPITAES PARTICULARES

Hospital da Sancta Casa da Misericordia, praia de Sta. Luzia.
Hospicio de S. João Baptista, rua da Passagem, esquina da de Copacabana
Hospicio de N. S. do Soccorro, praia de S. Christovão, 165.
Hospicio de N. S. da Saúde, rua da Gamboa, 215.
Hospicio de N. Sa das Dôres, Cascadura.
Hospital da Beneficencia Portugueza, rua de Sancto Amaro, 24.
Hospital da O. S. Francisco de Paula, rua Duque de Saxe, 33.
Hospital dos Lazaros, praia dos Lazaros, em S. Christovão.
Hospital da Ordem 3º do Carmo, rua do Riachuelo.
Hospital da Ordem 3º da Penitencia, Largo da Carioca.
Casa de Saúde S. Sebastião, dr. Simões Corrêa, rua Bento Lisboa, 104.
Casa de Saúde do dr. Eiras, fim da rua Marquez de Olinda, Botafogo.
Casa de Saúde do dr. Catta Preta, rua Fresca, 3.

TABELLIÃES

1º Cartorio. — Dario Teixeira da Cunha. Rua do Rosario n. 56.
2º Cartorio. — Dr. Emygdio Adolfo Victorio da Costa, rua do Rosario n. 64.
3º Cartorio. — Evaristo Valle de Barros, rua do Rosario, n. 56.

4º Cartorio. — Antonio Joaquim de Catanheda Junior, rua do Rosario n. 70.
5º Cartorio. — Dr. Ibrahim Carneiro da Cruz Machado, rua do Rosario 23.
6º Cartorio. — Gabriel Ferreira da Cruz, rua do Rosario 69.
7º Cartorio. — Belmiro Corrêa de Moraes, rua do Rosario 35.
8º Cartorio. — Affonso Herculano da Costa Brito, Hospicio 134.
9º Cartorio. — Pedro Evangelista de Castro, Quitanda 81.

Tabellião de protesto de lettras. — Coronel Aristides A. Guaraná, rua do Rosario, 20.

Tabellião de registo especial de titulos e documentos — Dr. José Mariano Carneiro da Cunha, r. do Rosario 36.

BANCOS E ESTABELECIMENTOS DE CREDITO

Banco da Republica. — Rua da Alfandega, esquina da rua da Candelaria. — Directores, Drs. J. E. Bulhões Carvalho, Custodio J. Coelho d'Almeida e Leopoldo C. d'Andrade Duque Estrada.

Banco Rural e Hypothecario. — Rua Primeiro de Março, esquina da rua da Alfandega.

Banco Agricola do Brasil. — Rua Primeiro do Março n. 43.

Banco Alliança do Porto. — Rua do Rosario n. 104.

Banco Brasil e Norte America. — Rua da Candelaria n. 2, sobrado.

Banco Commercial e Constructor. — Rua do Hospicio n. 17.

Banco Commercial do Porto. — Agencia, rua S. Pedro n. 52.

Banco Constructor do Brasil. — Rua do Hospicio n. 26.

Banco Commercial do Rio-de-Janeiro. — Rua Primeiro de Março n. 57.

Banco do Commercio. — Rua Primeiro de Março, esquina da General Camara.

Banco de Credito Brasileiro. — Rua do Hospicio n. 126, sobrado.

Banco de Credito Financeiro. — Rua do Sacramento n. 16.

Banco de Credito Movel. — Rua do Rosario n. 24.

Banco de Credito Real do Brasil. — Travessa Tocantins, 3.

Banco dos Funccionarios Publicos. — Rua da Constituição n. 51 (Funcciona depois das 6 horas da tarde).

Banco Hypothecario do Brasil. — Rua Primeiro de Março n. 35.

Banco Italia Brasile. — Rua da Alfandega n. 31.

Banco da Lavoura e do Commercio. — Rua Primeiro de Março n. 61.

Banco Nacional Brasileiro. — Rua da Alfandega n. 20.

Banco Paris e Rio. — Rua da Alfandega n. 11.

Banco Popular Brasileiro. — Rua Primeiro de Março n. 33.

Banco Rio e Matto-Grosso. — Rua da Alfandega n. 22.

Brasilianische Bank. — Rua da Quitanda n. 109.

London Brazilian Bank. — Rua da Alfandega, esquina da da Candelaria.

Banco Central de Emprestimos e Penhores. — Rua Septe de Septembro n. 173.

Banco de Credito Rural e Internacional. — Rua da Alfandega n. 3.

Banco de Credito Real de Minas-Geraes, correspondente. — Rua Primeiro de Março n. 97.

Banco de Credito Real de S. Paulo, agencia rua Primeiro de Março n. 57.

Banco do Estado do Rio-de-Janeiro, correspondente, rua Primeiro de Março n. 65.

Banco Francez do Brasil. — Rua da Quitanda n. 78.

Banco Industrial dos Estados do Sul. — Rua do Hospicio n. 93, 1º andar.

Banco Iniciador de Melhoramentos. — Rua da Quitanda n. 27.

Banco Intermediario do Rio-de-Janeiro. — Rua da Candelaria n. 5.

Banco Mercantil de Santos, agencia, rua General Camara n. 11, sobrado.

Banco Metropolitano do Brasil. — Rua do Rosario n. 75, sobrado.

Banco do Minho, agencia, rua da Quitanda n. 123 A.

Banco União de S. Paulo, agencia, rua da Candelaria n. 14, sobrado.

Caixa Economica e Monte de Soccorro. — Rua Marechal Madrado Bittencourt n. 7.

Companhia de Credito Geral (descontos e penhores). — Rua do Sacramento ns. 6 e 8.

Companhia Mercantil e Hypothecaria. — Rua Primeiro de Março n. 41.

London River Plate Bank. — Rua da Alfandega n. 19 e 2.

Sociedade Bancaria do Rio-de-Janeiro. — Rua dos Benedictinos n. 18, sobrado.

Sociedade de Credito Urbano. — Rua do Hospicio n. 51, sobrado.

The British Bank of South America. — Rua Primeiro de Março n. 31 A.

Agencia Financial de Portugal. — Rua General Camara, sobreloja do edificio da Associação Commercial do Rio de Janeiro.

Associação Commercial do Rio-de-Janeiro.

(Praça do Commercio, 1º andar, sala nº 1).

Presidente : Bento José Leite; Vice-presidente : visconde da Veiga Cabral; — 1º Secretario : Julio Cesar de Oliveira; — 2º Secretario : Manuel Avelino Pinto Braga; — Thesoureiro : Antonio Joaquim Peixoto de Castro; — Vogaes : Braz Antonio Bifano, Ferdinand Jaymot e Richard Riechers.

Chefe da Secretaria : dr. A. F. Copertino do Amaral.

Camara Syndical dos Corretores.

(Praça do Commercio).

Presidente, José Claudio da Silva.

Caixa Economica e Monte do Soccorro.

(R. D. Manuel, 3).

Presidente : dr. João Franklin de Alencar Lima. Membros do Conselho Fiscal barão de Aguas-Claras, dr. Leopoldo C. Duque-Estrada, João de Deus Freitas, Angelo Thomaz do Amaral e Joaquim de Mello Franco; gerente, dr. José Antonio de Magalhães Castro sobº.

VEHICULOS PUBLICOS

TABELLA DOS PREÇOS DOS TILBURIS E CARROS DE PRAÇA

A Capital Federal para o serviço de vehiculos é assim dividida:

Secção central — Comprehende todo o centro da cidade, tendo por limites os seguintes ponctos:

Largo da Lapa, Plano inclinado, Estrada de Ferro Central, largo da Prainha, Barcas Ferry e Sancta Casa de Misericordia.

Cattete—Secção unica. Comprehende largo da Lapa, ruas transversaes e parallelas, praia do Flamengo até á praça José de Alencar.

Laranjeiras—1ª secção. Comprehende praça Duque de Caxias até ao fim da rua das Laranjeiras e ruas transversaes e parallelas.

2ª secção—Comprehende do comêço da rua Senador Octaviano até Aguas Ferreas.

Botafogo—1ª secção. Comprehende a praça José de Alencar, ruas transversaes e parallelas, praia do Flamengo, além da rua do Pinheiro, praia de Botafogo, até ao fim e rua do Commandante Tamborim, transversaes e parallelas até ao canto da de S. Clemente.

2ª secção—Comprehende as ruas de S. Clemente, Voluntarios da Patria, General Polydoro e transversaes e parallelas até ao largo dos Leões.

3ª secção—Comprehende as ruas de Humaitá, lagôa de Rodrigo de Freitas, e ruas transversaes e parallelas até ao principio da do Jardim Botanico.

4ª secção — Comprehende a rua do Jardim Botanico até ás Trez Vendas, ruas transversaes e parallelas e rua D. Castorina até á villa Arthur Sauer.

5ª secção—Comprehende toda a rua Marquez de S. Vicente até ao poncto terminal dos bondes, ruas transversaes e parallelas.

6ª secção— Comprehende toda a praia da Saudade até á Eschola Militar, ruas transversaes e parallelas inclusive a da Passagem.

Cidade Nova—1ª secção. Comprehende as ruas do Riachuelo desde o Plano Inclinado, rua Frei Caneca desde o seu comêço até á Caixa d'Agua do Estacio, Barão de Paranapiacaba, Sanct'Anna até Visconde de Itaúna, S. Leopoldo até Visconde de Duprat.

2ª secção—Comprehende as ruas Senador Eusebio desde o seu comêço até ao largo do Matadouro, S. Diogo, Visconde de Itaúna, Miguel de Frias até á rua de S. Christovão.

3ª secção—Comprehende as ruas Camerino e do Costa, começando da do Marechal Floriano até á praça Municipal, ruas Visconde da Gavea e Dr. João Ricardo desde a praça da Republica, rua da Saúde desde o largo da Prainha, a da America, Gamboa e transversaes e parallelas até á Estação Maritima da Estrada de Ferro Central.

4ª secção—Comprehende a praia Formosa desde a Estação Maritima da Gamboa até á ponte dos Marinheiros.

5ª secção—Comprehende as ruas Machado Coelho, Pereira Franco, Estacio de Sá, Haddock Lobo até ao canto da do Bispo, ruas do Mattoso, de S. Christovão até ao largo do Matadouro e transversaes e parallelas.

Rio Comprido—1ª secção. Comprehende as ruas Malvino Reis, desde o canto da de Haddock Lobo até ao largo do Rio Comprido, Barão de Itapagipe até ao canto da do Bispo, transversaes e parallelas.

2ª secção—Comprehende as ruas Sancta Alexandrina, Estrella, Barão de Petropolis e do Bispo até ao canto da de Haddock Lobo.

S. Christovão—1ª secção. Comprehende as ruas de São Christovão, o largo do Matadouro até ao fim, Coronel Figueira de Mello até ao campo de S. Christovão, transversaes e parallelas á direita.

2ª secção—Comprehende as ruas Coronel Figueira de Mello, desde o canto da de S. Christovão, rua Escobar, praia de S. Christovão até á rua General Bruce, por esta até á de S. Januario e por esta e pela de S. Luiz Gonzaga até ao largo da Cancella, transversaes e parallelas, inclusive o parque da Bôa Vista, a saïr na rua de S. Christovão.

3ª secção—Comprehende as praias de S. Christovão, desde o canto da rua General Bruce, e do Cajú, ruas de S. Januario, Bella de S. João até ao fim, praia do Retiro Saudoso e ruas transversaes e parallelas.

Pedregulho—Secção unica. Comprehende a rua S. Luiz Gonzaga, desde o largo da Cancella, rua Dona Anna Nery até ao canto da do Jockey-Club e por esta até ao largo de Bemfica, ruas Coronel Silva Veiga, da Alegria até ao canto da rua Bella de S. João, transversaes e parallelas.

Engenho Novo—1ª secção. Comprehende a rua Mariz e Barros em toda a sua extensão, rua S. Francisco Xavier, desde o canto da de Mariz e Barros até ao Collegio Militar, rua Duque de Saxe, transversaes á direita.

2ª secção—Comprehende a rua de S. Francisco Xavier desde o Collegio Militar até á estação do mesmo nome, ruas Jorge Rudge e Oito de Dezembro.

3ª secção—Comprehende as ruas Vinte e Quatro de Maio e Dona Anna Nery até á estação do Riachuelo, transversaes e parallelas.

4ª secção—Comprehende as ruas Vinte e Quatro de Maio e Dona Anna Nery até á estação do Engenho Novo, transversaes e parallelas.

Villa Isabel—1ª secção. Comprehende a rua Boulevard 28 de Septembro, desde o canto da de Jorge Rudge até á praça Septe de Março, transversaes e parallelas.

2ª secção—Comprehende as ruas Visconde de Sancta Isabel e Barão do Bom Retiro até o canto da Vinte e Quatro de Maio, transversaes e parallelas.

Andarahi—1ª secção. Comprehende as ruas Barão de Mesquita desde o Collegio Militar até o canto da de D. Affonso, Maxwell, Visconde de Itamarati até á de S. Francisco Xavier, transversaes e parallelas.

2ª secção—Comprehende a rua Barão de Mesquita, desde o canto da de D. Affonso até á de Paula Brito, avenida S. Salvador de Mattosinhos até á de Maxwell e por esta á villa Senador Soares, transversaes e parallelas.

Fabrica das Chitas—1ª secção. Comprehende as ruas Haddock Lobo, desde o canto da do Bispo, Conde de Bomfim até á esquina da do Desembargador Isidro, transversaes e parallelas.

2ª secção—Comprehende a rua Desembargador Isidro desde o comêço até ao fim, transversaes e parallelas.

Tijuca—1ª secção. Comprehende a rua Conde de Bomfim desde o canto da do Desembargador Isidro até o da do Uruguai e transversaes e parallelas.

2ª secção—Comprehende a rua Conde do Bomfim desde o canto da rua do Uruguai até ao ponto terminal dos bondes, transversaes e parallelas.

TILBURIS

Cada corrida dentro da secção.	1$500
Cada hora dentro da secção.	3$000

CARROS

Cada corrida dentro da secção	3$000
Cada hora dentro da secção	5$000

OBSERVAÇÕES

N. 1.—O vehiculo tomado em uma secção, passando a outras, vencerá tantas corridas quantas secções atravessar.

Caso pare em qualquer das secções, vencerá o preço da hora, continuando a viagem.

N. 2.—Quando o vehiculo, tomado á hora, atravessar mais de uma secção será contado, além do preço da hora, mais o da corrida por cada secção que percorrer.

N. 3.—A hora começada é contada por inteiro.

N. 4.—Os preços d'esta tabella soffrem o augmento de 500 réis para os tilburis e 1$ para os carros no serviço das 10 horas da noite ás 6 horas da manhã.

N. 5.—Para os pontos não designados nesta tabella ou não incluidos nas zonas supra indicadas, bem como para os morros, o preço será previamente ajustado.

Os pontos de estação são os seguintes :

1º — *Para tilburis.* — Largo de S. Francisco de Paula — em frente á Eschola Polytechnica, rua Treze de Maio, rua Primeiro de Março, da esquina do Ouvidor á da Alfandega, praça da Republica — lado da estação Central da Estrada de Ferro, praça Duque de Caxias, praia de Botafogo, praça José de Alencar, praça Municipal, largo da Lapa, largo Estacio de Sá, lado da rua de Haddock Lobo, largo da Segunda Feira lado da rua S. Francisco Xavier, largo da Fabrica das Chitas, largo do Rio Comprido, largo de Catumbi, Boulevard Villa Isabel e Praça Tiradentes.

2º—*Para carros*—Praça Tiradentes, praça da Republica em frente ao Quartel General até á Estrada de Ferro, praça Municipal, largo do Moura, rua D. Manuel, largo da Lapa, praça Duque de Caxias e becco do Theatro.

ENTERROS

O serviço de enterros é feito por intermedio da Empresa Funeraria (commettida á Sancta Casa da Misericordia) e estabelecida em um dos salões do edificio da mesma Sancta Casa, na praia de Sancta Luzia.

O expediente principia ás 9 horas da manhã e termina ás 5 horas da tarde de todos os dias.

A pessoa que tiver de tractar de um entêrro deve munir-se do attestado de obito passado pelo medico e dirigir-se á pretoria respectiva, onde obterá a certidão necessaria para ir então ao escriptorio da Empresa. Ahi, mediante prévio pagamento (ou fiança de pessoa conhecida), se encarregam do fornecimento de tudo pelos preços estabelecidos nas tabellas seguintes.

Si a pessoa fallecida pertencer a alguma das corporações religiosas que têm cemiterio privativo, deverá o encarregado do entêrro dirigir-se (munido do diploma ou outro documento comprobatorio) á secretaria da respectiva ordem, onde lhe darão a guia para o cemeterio.

TABELLA PARA FUNERAES DE ADULTOS E DONZELLAS

Classes	Caixão	Vehiculo	Sepultura rasa	Carneiro	Certidão de obito	Vestimenta	Altar	Eça	TOTAL
1ª	360$000	180$000	28$	250$	1$	200$	36$	40$	1:095$000
2ª	200$000	94$000	28$	250$	1$	70$	28$	20$	691$000
3ª	117$000	82$000	28$	250$	1$	36$	20$	20$	554$000
4ª	75$400	58$000	14$	250$	1$	26$	16$	16$	456$400
5ª	41$600	47$000	14$	250$	1$	14$	...	...	367$600
6ª	22$100	16$000	6$	250$	1$	13$	...	...	308$100
7ª	14$000	8$200	6$	250$	1$	8$	...	...	287$200
8ª	12$000	8$200	5$	250$	1$	6$	...	...	282$200

TABELLA PARA FUNERAES DE ANJOS

Classes	Caixão	Vehicule	Sepultura rasa	Carneiro	Certidão de obito	Vestimenta	Altar	Eça	TOTAF
1ª	160$000	100$000	20$	160$	1$	....	36$	40$	517$000
2ª	108$000	71$000	20$	160$	1$	....	28$	28$	416$000
3ª	62$400	58$000	20$	160$	1$	....	20$	20$	341$400
4ª	40$800	42$000	10$	160$	1$	....	16$	16$	295$800
5ª	28$800	24$000	10$	160$	1$	....	...	...	233$800
6ª	16$000	14$000	4$	160$	1$	....	...	...	195$000
7ª	10$000	8$200	4$	160$	1$	....	...	...	183$200
8ª	8$000	8$200	4$	160$	1$	....	...	...	181$200

As armações estão na unidade de cada vão por 8$, 4$, 3$, e 2$000.
As vestimentas só são referentes a donzellas.

APPLICAÇÃO DAS TABELLAS

As pessoas que não quizerem muito luxo podem obter um entêrro simples e decente pelos seguintes preços :

PARA ADULTOS

1.ª Combinação : — Caixão n. 3. Carro n. 2. Carneiro. Certidão..... 462$000
2.ª Combinação : — Caixão n. 4. Carro n. 3. Sepultura rasa. Certidão. 186$400

3.ª Combinação : — Caixão n. 5. Carro n. 5. Sepultura rasa. Certidão.	103$600
4.ª Combinação : — Caixão n. 7. Carro n. 6. Sepultura rasa. Certidão.	37$000

PARA DONZELLAS

1.ª Combinação : — Caixão n. 3. Carro n. 2, Carneiro. Certidão.....	462$000
2.ª Combinação : — Caixão n. 3. Carro n. 3. Sepultura rasa. Certidão.	180$400
3.ª Combinação : — Caixão n. 5. Carro n. 5. Sepultura rasa. Certidão.	103$600
4.ª Combinação : — Caixão n. 7. Carro n. 6. Sepultura rasa. Certidão.	37$000

PARA ANJOS

1.ª Combinação : — Caixão n. 3. Carro n. 2. Carneiro. Certidão.....	294$400
2.ª Combinação : — Caixão n. 3. Carro n. 5. Sepultura rasa. Certidão.	97$400
3.ª Combinação : — Caixão n. 6. Carro n. 5. Sepultura rasa. Certidão.	51$800
4.ª Combinação : — Caixão n. 7. Carro n. 6. Sepultura rasa. Certidão.	29$800

OBSERVAÇÕES

Os caixões para adultos e donzellas de ns. 1 e 2 que tenham mais de 60 pollegadas pagarão por pollegada de excesso : o n. 1 mais 6$000 e o n. 2 mais 3$000.

Os de ns. 1 e 2 para anjos maiores de 30 pollegadas pagarão : os de n. 1 mais 5$ e os de n. 2 mais 2$500 por pollegada.

Os preços fixados nas tabellas acima são para os enterros dos fallecidos dentro dos limites da cidade. Os fallecidos fóra dos limites, ainda que dentro das freguezias de S. João Baptista, da Lagôa, S. Francisco Xavier e S. Christovão, pagarão mais :

Os caixões de ns. 1 a 5.	5 %
Os vehiculos de conducção	20 %

TAXAS DO CORREIO

Cartas ordinarias. — 100 rs. para a capital 200 rs. para o interior e 300 rs. para o exterior por 15 grammas ou fracção de 15 grammas.

Cartas-bilhete. — 200 rs. por cada uma com circulação geral dentro do paiz. Para o extrangeiro 300 rs.

Bilhetes-postaes. — 50 rs. os bilhetes simples, 80 rs. os bilhetes duplos (circulação em todo o paiz). Para o extrangeiro 100 rs. os simples, e 200 rs. os com resposta paga.

Manuscriptos, *autos*, *cópias*, *desenhos*, *partituras de musicas*, *guias*, etc. — 150 rs. por 50 grammas ou fracção d'este peso. Não podem exceder ao peso de 2 kilogr. cada maço, nem apresentar dimensões maiores de 45 centimetros; em rôlo, porém, podem ter o comprimento de 75 centimetros sôbre 10 de diametro. Os autos judiciaes são recebidos sem limitação alguma. Para o extrangeiro pagam 100 rs. por 50 grammas ou fracção d'este peso (porte minimo 250 rs.)

Impressos, preços correntes, livros, brochuras, felicitações, participações de casamento, photographias, gravuras, etc. — 20 rs. por 50 grammas ou fracção d'este peso. Para o extrangeiro pagam 50 rs. por 50 grammas ou fracção d'este peso.

Jornaes e revistas (publicações diarias ou periodicas, não excedendo o periodo de um trimestre) 10 rs. por 100 grammas ou fracção d'este peso. Para o extrangeiro 50 rs. por 50 gramma ou fracção d'este peso.

Amostras de mercadorias. — 150 rs. por 50 grammas ou fracção d'este peso. Para o extrangeiro 100 rs. por 50 grammas ou fracção de 50 grammas (porte minimo para o extrangeiro 150 rs.). Não devem exceder as dimensões de $0,^{m}30 \times 0,^{m}20 \times 0,^{m}10$, nem passar do peso de 250 grammas.

Encommendas (com registo obrigatorio). — 150 rs. por 50 grammas ou fracção d'este peso. Não podem exceder o peso de 3 kilogr. nem ter dimensões superiores a $0,^{m}40 \times 0,^{m}22 \times 0,^{m}16$. Para o extrangeiro não são expedidas encommendas.

Encommendas com valor declarado (além da taxa relativa ao peso). — Até 10$000 rs. pagam 500 rs. De 10$ a 15$000 pagam 750 rs. De 15$ a 20$000 pagam 1$000 rs., e assim por deante na razão de mais 250 rs. por cada 5$000 rs. ou fracção d'esta quantia.

Avisos de entrega. — Nacional 100 rs., extrangeiro 200 rs.

Registo de correspondencia. — A taxa do registo é de 200 rs. além do porte respectivo. Para o extrangeiro 400 rs.

Registo com valor declarado. — Pela remessa de um valor declarado dentro de uma carta paga-se, além da taxa do porte da carta, o premio de 2 % sôbre o valor do seguinte modo : até 10$ rs. 300 rs.; de 10$ a 15$ — 450 rs.; de 15$ a 20$ — 600 rs. e assim por deante até o maximo de 300$000 rs., crescendo sempre 150 rs. por 5$000 rs. ou fracção de 5$000 rs. As cartas com valor devem ser registadas e pagar taxa de registo.

Vales postaes. — Estes vales podem ser nominaes ou ao portador á vontade dos tomadores. Pagam o premio de : 400 rs. até 25$ rs., 700 rs. até 50$ rs.; 1$200 até 100$ rs., 1$750 rs. até 150$ rs. e assim por deante mais 500 rs. por 50$000 rs. ou fracção de 50$000 rs. até o maximo de 1:000$000 rs.

Os vales postaes ao portador não podem exceder a 200$ rs. quando tiverem de ser pagos no Rio-de-Janeiro ou nas administrações de 1.ª classe; de 100$000 rs. nas outras administrações, e de 50$000 rs. nas agencias de 1.ª, 2.ª e 3.ª classe.

Os vales nominaes poderão ir até 1:000$000 rs., quando tiverem de ser pagos no Rio de Janeiro ou nas administrações ; até 200$000 rs. para as agencias de 2. e 3.ª classe para isso auctorizadas.

Os vales postaes devem ser remettidos em cartas registadas.

Expedem-se vales postaes para Portugal até o maximo de 180$000 rs. não se acceitando fracções de 1$000 rs. Taxa de 2 %.

Correspondencia official. — Expedida por auctoridades e repartições estaduaes e municipaes, officios até 25 grammas ou fracção 100 rs.; maços e manuscriptos até 50 grammas ou fracção de 50 grammas 50 rs.; impressos até 100 grammas ou fracção de 100 grammas 20 rs.

Exempções. — São exemptas de taxa as correspondencias dirigidas ás aucto-

ridades federaes, serviço eleitoral, judicial, saúde pública, hygiene, estatistica e impressos relativos á Instrucção Pública.

AGENCIAS DO CORREIO

Nas seguintes agencias vendem-se sellos e mais fórmulas de franquia, registam-se correspondencias, etc.: — Largo da Lapa — Praia de Botafogo (no fim da) — no ponto dos bondes da Praça Duque de Caxias — no Largo de Catumbi — Gavea do Jardim — Praça Municipal — Rua Conde do Bomfim — Rua Frei Caneca, proximo á Detenção — Rua Humaitá — Rua Theodoro da Silva — Campo de S. Christovão — Estacio de Sá — Fabrica das Chitas (Rua Conde de Bomfim) — na Estação Central da Estrada de Ferro — Ponta do Cajú (E. F. Rio do Ouro) — Rua Bella — Raiz da Serra da Tijuca — Rua Leopoldo — Praça da Egrejinha — Largo do Rio Comprido — Largo dos Guimarães (Sancta Theresa) — Praça Sancto Christo dos Milagres — Rua Barão de Mesquita.

Nos suburbios estão funccionando as seguintes agencias:

Cascadura, largo da Estação nº 300; Cupertino, proximo á estação; Encantado, defronte da cancella da estação; Engenho de Dentro, rua José dos Reis nº 1; Engenho Novo, na estação; Meyer, rua Dr. Dias da Cruz nº 20; Piedade, Riachuelo, Rocha e Todos os Sanctos, nas respectivas estações; Sampaio, na Villa Sampaio; S. Francisco Xavier, rua Jockey-Club nº 4.

Os carteiros ambulantes estão subordinados á 8ª secção no Correio Geral, á rua 1º de Março.

Tendo sido augmentadas as collectas das caixas urbanas d'esta capital, damos, para conhecimento do público, os novos horarios:

Caixas das redacções dos jornaes e pontos dos bondes de Botofago, S. Christovão e Villa Isabel, cinco collectas: ás 6, 9 e 12 da manhã, 3 da tarde e 9 da noite.

Caixas centraes da cidade, abrangendo a área comprehendida entre os cáes Pharoux, Praia de Sancta Luzia, Lapa, Riachuelo, Praça da Republica, rua Marechal Floriano Peixoto, rua Camerino, Saúde, Prainha e todo o centro commercial, cinco collectas: ás 6, 9 e 12 da manhã, 3 e 7 da tarde.

Caixas da cidade nova entre a Praça da Republica e a Ponte dos Marinheiros, trez collectas: ás 6 e 12 da manhã e 3 da tarde.

Caixas dos morros de Sancta Theresa, Paula Mattos, Castello, Gamboa e Sacco do Alferes, trez collectas: ás 6 e 12 da manhã e 3 da tarde.

Suburbios da Estrada de Ferro Central. — Cinco collectas, a começar de Cascadura: ás 6, 9 e 11,40 da manhã 2,35 e 6,10 da tarde.

Caixas das succursaes. — Botafogo, na séde da succursal, na esquina da rua dos Voluntarios da Patria e na esquina da rua da Passagem: collecta-se ás 6, 9 e 12 da manhã e 7 da noite.

Nas caixas da Praça José de Alencar até a Eschola Militar e tunel do Largo dos Leões: ás 6, 9 e 12 da manhã e ás 3 da tarde.

Praça Duque de Caxias. — Na séde da Succursal, e na caixa da Praça Duque de Caxias em frente á rua das Laranjeiras, collecta-se ás 6, 9 e 12 da manhã, 3 e 7 da tarde.

Nas caixas do Caes da Gloria até Laranjeiras e Cosme Velho collecta-se ás 6, 9 e 12 da manhã e 3 da tarde.

Estacio de Sá. — Na séde da Succursal, ás 6 e 12 da manhã, 3 e 7 da tarde, nas caixas das ruas Frei Caneca, Catumbi, Rio Comprido, Engenho Velho e Mariz e Barros ás 6, 12 da manhã e 3 da tarde.

S. Christovão. — Na séde da Succursal ás 6, 12 da manhã e 3 e 7 da tarde; nas caixas da Ponta do Cajú, S. Januario, Pedregulho e em toda a zona de S. Christovão, ás 6 e 12 da manhã e 3 da tarde.

Villa Isabel. — Na séde da succursal ás 6 e 12 da manhã e 3 e 7 da tarde, nas de S. Francisco Xavier e Andarahi ás 6 e 12 da manhã e 3 da tarde.

Domingos e dias feriados:

Serão feitas apenas duas collectas ás 8 e 9 da manhã em todas as caixas da cidade, inclusive as das zonas suburbanas. Estas collectas estão em correspondencia com as distribuições de 8 e 11 da manhã no centro da cidade e meio dia nas succursaes de Botafogo, praça Duque de Caxias, Estacio de Sá, S. Christovão e Villa Isabel. As collectas dos dias uteis estão em correspondencia com as distribuições.

MARIO

LIVRO DE LEITURA ENCYCLOPEDICA PARA MENINOS

Astronomia — Physica — Chimica — Zoologia — Botanica — Mineralogia — Geologia Geographia — Historia — Folk-Lore e Literatura

Por PAULO TAVARES

Membro do conselho superior de instrucção publica, secretario do externato do Gymnasio Nacional

---

Um cortador entra no escriptorio d'um advogado:

— Senhor advogado, diz elle, quando um cão faz um prejuizo, o dono d'esse animal é ou não responsavel?

— Comcerteza que sim.

N'esse caso, como o seu cão acaba de tirar do meu talho um peça de carne, são dois mil reis que v. ex^a me deve.

— Nada mais justo, respondeu-lhe o advogado, e calha bem por que é precisamente o preço da minha consulta.

***

— Capitão, não nos resta mais um unico cartucho.

— Não temos mais cartuchos? Bem, então mande cessar fogo.

TARIFAS TELEGRAPHICAS

TARIFA, POR PALAVRA, DOS TELEGRAMMAS NACIONAES

ESTADO DE PROCEDENCIA	ESTADO DE DESTINO																			
	Pará	Maranhão	Piauhi	Ceará	Rio Grande do Norte	Parahiba	Pernambuco	Alagôas	Sergipe	Bahia	Espirito-Sancto	Rio de Janeiro	Minas-Geraes	S. Paulo	Goiaz	Matto-Grosso	Paraná	Sancta-Catharina	Rio Grande do Sul
Pará	120	240	3405	450	540	620	690	750	800	850	890	930	970	970	1$040	1$070	1$010	1$040	1$070
Maranhão	240	120	2000	350	450	540	620	690	750	800	850	890	930	930	1$010	1$040	970	1$010	1$040
Piauhi	350	240	120	240	350	450	540	620	690	750	800	850	890	890	970	1$010	930	970	1$010
Ceará	450	350	240	120	240	350	450	540	620	690	750	800	850	850	930	970	890	930	970
Rio Grande do Norte	540	450	350	240	120	240	350	450	540	620	690	750	800	800	890	930	850	890	930
Parahiba	620	540	450	350	240	120	240	350	450	540	620	690	750	750	850	890	800	850	890
Pernambuco	690	620	540	450	350	240	120	240	350	450	540	620	690	690	800	850	750	800	850
Alagôas	750	690	620	540	450	350	240	120	240	350	450	540	620	620	750	800	690	750	800
Sergipe	800	750	690	620	540	450	350	240	120	240	350	450	540	540	690	750	620	690	750
Bahia	850	800	750	690	620	540	450	350	240	120	240	350	450	450	620	690	540	620	690
Espirito-Sancto	890	850	800	750	690	620	540	450	350	240	120	240	240	450	540	540	450	540	620
Rio-de-Janeiro	930	890	850	800	750	690	620	540	450	350	240	120	350	450	540	540	450	540	620
Minas-Geraes	970	930	890	850	800	750	690	620	540	450	350	240	120	350	450	540	240	350	450
S. Paulo	970	930	890	850	800	750	690	620	540	450	350	240	350	120	350	450	240	450	540
Goiaz	1$040	1$010	970	930	890	850	800	750	690	620	540	450	450	350	120	240	540	620	690
Matto-Grosso	1$070	1$040	1$010	970	930	890	850	800	750	690	620	540	540	450	240	120	540	240	350
Paraná	1$010	970	930	890	850	800	750	690	620	540	450	350	450	240	450	540	120	240	350
Sancta-Catharina	1$040	1$010	970	930	890	850	800	750	690	620	540	450	540	350	540	620	240	120	250
Rio Grande do Sul	1$070	1$040	1$010	970	930	890	850	800	750	690	620	540	620	450	620	690	350	240	120

Cada telegramma paga, além da taxa acima, uma addicional fixa de 600 réis. Os que contiverem mais de 100 palavras pagam nova taxa fixa por grupo de 100 palavras.

O telegramma urgente paga o triplo da taxa variavel.

O telegramma cotejado paga mais 25 % sôbre a taxa variavel.

O telegramma de imprensa, em linguagem clara, paga 50 % da taxa variavel.

O telegramma urbano paga a taxa de 500 réis até 20 palavras e mais 200 réis por cada 10 ou fracção de 10 palavras.

Contagem das palavras. — Tudo quanto escreve o expeditor na minuta do telegramma entra no cálculo da taxa, inclusive qualquer caracter isolado, lettra, algarismos, aspas, parentheses ou alineas.

Exceptuam-se os signaes de ponctuação, traços de união e apostrophos.

O logar do destino conta-se sempre por uma palavra, embora se componha de duas ou mais palavras, por exemplo : *Rosario-Norte*, *Rosario-Sul*.

O maximo limite de uma palavra é fixado em quinze caracteres; os excedentes de quinze caracteres são contados como mais uma palavra.

Nos numeros escriptos em algarismos conta-se cada grupo de 5 por uma palavra, os excedentes até cinco são contados como mais uma palavra.

O maximo da extensão de um telegramma é de 200 palavras.

Os telegrammas com resposta paga estão sujeitos a duas taxas fixas.

Os de mais de 100 palavras pagam egualmente duas taxas fixas.

Os despachos escriptos em cifra são contados em grupo de cinco lettras por uma palavra, do mesmo modo que os escriptos em algarismos.

Os vales de resposta prescrevem dentro de seis semanas da data de sua expedição, não cabendo nenhum direito ao reembôlso.

Os telegrammas devem ser escriptos de modo bastante claro, para evitar dúvidas na transmissão, correndo por conta do expeditor os erros originados por calligraphia illegivel.

Pensamentos de Alexandre Dumas Filho :

Os homens inventaram o pudor, a poesia, o sacrificio, a dedicação no amor; mas inventaram tambem o excesso, o trafico, a libertinagem, a hypocrisia, o que nenhum animal inventou. A natureza fez o homem indecente, a sociedade fel-o immoral.

O amor, contrariamente ao que se dá com a paixão, alimenta-se e renova-se sem cessar no seu proprio fóco, sem poder exgotar-se nunca. Não é o fogo terrestre, é o fogo divino; não é o acaso, não é um choque improvisto que o faz nacer, é a harmonia universal que o cria. Póde-se ter uma ou duas paixões; nunca se têm dous amores.

A mulher é um ente circumscripto, passivo, instrumental, disponivel, em espectativa perpetua. E' a unica obra por acabar que Deus permittio ao homem que completasse. E' um anjo de refuge.

Os vestidos curtos das filhas fazem as mocidades compridas das mãis.

N'UM RESTAURANTE :

O freguez. — Por que razão não têm o paliteiro sobre a meza?

O rapaz. — O patrão não compra mais palitos, porque se apercebeu que havia freguezes indelicados que os levavam.

TARIFA PARA O TRAFEGO COM A "WESTERN"

Preço por palavra do Rio-de-Janeiro para :

BRASIL (*)

Pará	2$000
Maranhão	1$850
Ceará	1$400
Recife	1$100
Bahia	$950
Sanctos	$500
Desterro	$650
R. Grande	$950

REPUBLICA ORIENTAL DO URUGUAI

	Fr. cts.
Montevidéo	1.25
Paisandú	1.25
Frei Bento	1.25

REPUBLICA ARGENTINA

Buenos Aires	1.75
Rosario	1.75

CHILE

Santiago	2.55
Valparaiso	2.55

EUROPA (**)

Allemanha	6.17 ½
Austria	6.12 ½
Belgica	5.87 ½
Dinamarca	5.95
França	5.97 ½
Hespanha	5.88 ¾

EUROPA (**continuação)

	Fr. cts.
Hollanda	5.97 ½
Inglaterra	5.55
Italia	5.85
Madeira	5.65
Noruega	6.05
Portugal	5.72 ½
Russia	6.45
Suissa	6.07
Suecia	6.25 ½
S. Vicente, Cabo-Verde	4.59 ½

AMERICA DO NORTE

Baltimore	7.00
Boston	6.80
Chicago	7.10
Nova-York	6.80
Nova-Orleans	7.10
Philadelphia	7.00
S. Francisco	7.45
Washington	7.00
Nova Scotia	6.80
Nova-Brunswick	6.80
Quebec	6.80

AFRICA

Teneriffe, via S. Vicente	7.62
Dakar	7.32
Cabo da Boa Esperança, via S. Vicente	11.8 ½
Nova-Zelandia	12.02 ½

(*) Mais a taxa fixa de 600 rs. por telegramma.

(**) As taxas não mencionadas na presente relação podem ser obtidas no escriptorio da companhia, á rua da Candelaria, esquina da General Camara.

As taxas em francos são convertidas em moeda nacional, segundo o equivalente do franco fixado trimensalmente pela administração brasileira.

Policia correccionnal :

— E' a terceira vez no espaço de um anno que você comparece perante o tribunal.

— Que quer o Sr. juiz? Ou bem que hei de trabalhar ou bem que não hei de fazer nada. Quando trabalho, prendem-me por larapio ! quando não faço nada, prendem-me por vadio ! E' de uma pessoa andar com o juizo a arder!

*
* *

Em mattas da Cachoeira, bairro de Villa Guarnesia (Minas), foi descoberto um grande jequitibá.

Mede o tronco 76 palmos de circunferencia e 24 de diametro.

A árvore monstro é sustentada por grossas arestas e tem uma concavidade formada no tronco, onde podem caber vinte pessoas.

Consumo d'agua

REGULAMENTO

E' do teôr seguinte o regulamento para a arrecadação das taxas de consumo de agua no Districto Federal, a que se refere o decreto n. 5.141, de 27 de Fevereiro de 1904 :

Capitulo I — *Das taxas de consumo* — Art. 1.º A contribuição da pena de agua a que se referem o art. 1º § 4º do decreto legislativo n. 2.639, de 22 de Septembro de 1875, e art. 11 do decreto n. 8.775, de 25 de Novembro de 1882, constará de duas taxas : uma de 54$ annuaes para os predios de 1ª classe e outra de 36$ para os de 2ª e para as penas voluntarias , a que se refere o art. 8º do citado decreto n. 8.775.

Paragrapho unico. São de 1ª classe os predios de aluguel superior a 2.400$ annuaes e de 2ª os de aluguel não excedente áquella importancia. (Lei n. 489, de 15 de Dezembro de 1897, art. 7º).

Art. 2.º Os estabelecimentos de educação, os de beneficencia e respectivos hospitaes, as congregações civis ou religiosas e casas de saúde, que actualmente não gosam de exempção das taxas acima, e bem assim as estalagens, pagarão, segundo o consumo verificado por hydrometro, á razão de 100 réis por metro cubico; as casas de banho, as cocheiras e quaesquer estabelecimentos em que o consumo seja proveniente de uso industrial, pagarão, pelo mesmo modo, á razão de 150 réis por metro cubico. (Lei n. 489 cit., art. 7º § 1º).

Capitulo II — *Das exempções.* — Art. 3º. Gosam de exempção :

1º, as concessões especiaes por donativos feitos ao Estado, nos termos do art. 17 do regulamento annexo ao decreto n. 2.898, de 12 de Março de 1862, limitadamente aos respectivos concessionarios, quando não contiver a condição de perpetuidade sem restricção alguma;

2º, as casas de caridade, não comprehendidos os hospitaes das ordens terceiras;

3º, o Asylo do Bom Pastor e o Dispensario de S. Vicente de Paulo. (Ords. ns. 23, de 24 de Outubro de 1898 e 48, de 4 de Septembro de 1903.)

Capitulo III — *Do lançamento.* — Art. 4.º O lançamento para a arrecadação das taxas de penna de agua será organizado pela Recebedoria com os elementos de que dispuzer e com os que lhe forem mensalmente remettidos pela Inspectoria Geral de Obras Públicas e servirá por dous annos, findos os quaes será revisto por empregados da Recebedoria , designados pelo respectivo director e, em seguida, trasladado para novos livros.

§ 1.º As inscripções dos contribuintes comprehendidos na disposição do art. 2º se farão em virtude de communicações da Inspectoria Geral de Obras Públicas, das quaes deverá constar o consumo de agua nos semestres findos a 30 de Junho e 31 de Dezembro, o nome da rua e o numero do predio em que se der o consumo.

§ 2.º A revisão do lançamento deverá achar-se concluida até o dia 31 de Outubro do último anno do biennio, para servir de base á cobrança do primeiro anno do biennio seguinte e poderá ser commettida aos mesmos empregados que forem designados para o lançamento do imposto de industrias e profissões.

§ 3.º Logo que terminar o trabalho da revisão, o director da Recebedoria fará publicar, por editaes, no *Diario Official*, quaesquer alterações que tenha havido, em relação ao lançamento anterior, afim de que os interessados apresentem suas reclamações dentro do prazo de 30 dias, da data da publicação.

Art. 5.º Os predios que se acharem comprehendidos dentro da área de fornecimento obrigatorio serão lançados para o pagamento da contribuição da penna de agua, ainda que seus donos não tenham entrado no goso d'ella.

Art. 6.º As propriedades que se compuzerem de quartos ou pequenas accommodações com entradas independentes por um pateo ou corredor que communique com a rua por uma entrada commum, vulgarmente denominadas cortiços, e as avenidas serão lançadas na proporção de uma pena de agua para cada grupo de seis ou fracção de seis quartos ou accommodações de entradas independentes; mas, si estes forem exgottados separadamente, serão lançados um a um, para o pagamento da contribuição, conforme o respectivo valor locativo.

Art. 7.º As modificações que soffrerem os predios e as construcções novas que occorrerem no decurso do exercicio serão communicadas á Recebedoria pelos proprietarios ou seus representantes, arrendatarios, tutores, curadores e outros, mediante declaração escripta e sellada, dentro do prazo de 30 dias, a contar d'aquelle em que se tiverem concluido as obras.

Art. 8.º O augmento ou diminuição do aluguel no correr do exercicio não dá direito a ser elevada, nem reduzida, a contribuição.

Art. 9.º A' medida que a Inspectoria Geral das Obras Públicas remetter os elementos de que tractam o art. 4º e seu § 1º, a Recebedoria irá procedendo ás necessarias averbações, de modo que o lançamento se ache sempre em dia.

Art. 10. Os collectados poderão requerer dispensa da contribuição relativa ao tempo em que o predio estiver desoccupado, nos seguintes casos:

1º, de vacancia, por trez ou mais mezes consecutivos e completos, ainda que em dous exercicios, contanto que o predio não se ache vasio por conta do inquilino;

2º, de fechamento por ordem de auctoridade;

3º, de demolição, incendio ou ruinas.

§ 1.º As petições baseadas nos ns. 1 e 2 d'este artigo serão apresentadas no prazo de 30 dias, contados da desoccupação.

§ 2.º As referentes ao n. 3 poderão ser apresentadas até o dia 31 de Dezembro do respectivo exercicio.

§ 3.º As petições apresentadas fóra dos prazos dos dous paragraphos antecedentes não serão attendidas em relação ao tempo decorrido anteriormente.

Art. 11. No fim de cada exercicio serão, mediante despacho do director da Recebedoria, escripturados em ról, annexo ao lançamento, os predios que continuarem desoccupados, demolidos ou em ruinas, devendo para este fim a Sub-Directoria informar as petições existentes, seja qual fôr o estado dos predios, até 31 de Janeiro do anno subsequente.

Art 12. No caso de transferencia de dominio de predios, o novo proprietario

é responsavel pelo pagamento das contribuições correntes ou que estiverem em debito, visto constituirem *onus real*.

Paragrapho unico. Estas transferencias serão communicadas á Recebedoria, para as competentes averbações, acompanhadas de documentos comprobatorios, dentro do prazo de 30 dias, contados da data das escripturas, do — cumpra-se — dos juizes nos acórdãos que homologarem sentenças de partilhas e do último acto, nas arrematações, salvo quando tractar-se de hasta publica federal ou municipal, em que o prazo se contará da data da assignatura da respectiva carta.

Art. 13. A falta de lançamento não exime o contribuinte de pagar as taxas e multas a que estiver sujeito.

Art. 14. Os livros de lançamento serão constituidos por folhas impressas, distribuidas pela Recebedoria aos encarregados da revisão, as quaes serão encadernadas depois de numeradas e rubricadas pelo sub-director, inclusive as que se addicionarem em branco para notas, additamentos e ról de vacancia.

Capitulo IV — *Da arrecadação* — Art. 15. A arrecadação das taxas será feita á bocca do cofre pela Recebedoria, precedendo editaes publicados pela imprensa :

1.º As do art. 1º no mez de Junho de cada anno;

2.º As do art. 2º no mez de Agosto e em Fevereiro do anno subsequente.

Art. 16. As certidões de divida serão preparadas até a vespera do dia em que tiver de começar a cobrança, ficando sómente em branco o logar para a data do recibo e assignatura do empregado.

Art. 17. Não será admittido o pagamento da contribuição relativa ao 2º semestre do consumo de agua por hydrometro , ficando em divida a do primeiro.

Art. 18. A cobrança não realizada á bocca do cofre será promovida pelos cobradores da Recebedoria antes de recorrer-se ao meio executivo.

Capitulo V — *Da fiscalização* — Art. 19. Compete a fiscalização do pagamento das contribuições :

1.º Ao director da Recebedoria, que a exercerá por si e seus empregados;

2.º Aos juizes, que nenhum andamento darão ás causas que tiverem de julgar, sem o prévio pagamento da taxa devida.

3.º Aos tabelliães ou outros serventuarios publicos, os quaes não lavrarão escriptura de transferencia ou qualquer documento de alienação, sem a transcripção dos certificados expedidos pela Recebedoria e Contencioso do Thesouro Federal, de se achar o predio quite até o exercicio em que o acto tiver logar.

Capitulo VI — *Dos recursos* — Art. 20. Das decisões do director da Recebedoria haverá recurso para o ministro da Fazenda.

§ 1.º Os recursos serão interpostos dentro do prazo de 30 dias, contados da publicação no *Diario Official*.

§ 2.º Nenhum recurso sôbre multa será acceito sem prévio depósito da respectiva importancia.

Capitulo VII — *Disposições penaes* — Art. 21. Os infractores dos artigos 7 e 12 paragrapho unico, incorrerão na multa de 20$ a 50$000.

Art. 22. Os que não pagarem a contribuição nos prazos do art. 15, incorrerão na multa de 10 %, que será elevada a 15 %, si o devedor não realizar o pagamento até 20 de Março do trimestre addicional do respectivo exercicio.

Art. 23. Fica responsavel pela importancia da contribuição que deixar de arrecadar o empregado que infringir o disposto no art. 17.

Art. 24. Os que infringirem o art. 19, ns. 2 e 3, ficam sujeitos á multa de 50$ a 100$000.

Art. 25. Os encarregados da revisão responderão pela impontualidade na entrega das folhas do livro do lançamento e pelos prejuizos que causarem á Fazenda por dólo, negligencia ou falta de exacção no cumprimento de seus deveres.

Art. 26. A multa em que incorrerem os infractores do art. 19, n. 2, será imposta pelo ministro da Fazenda, cabendo ao director da Recebedoria impôr todas as mais comminadas neste capitulo.

Paragrapho unico. As multas serão pagas dentro do prazo de 30 dias da data na publicação no *Diario Official*, findo o qual promover-se ha a cobrança amigavel e, em seguida, a executiva, salvo o recurso permittido no art. 20.

Capitulo VIII — *Disposições geraes* — Art. 27. A Recebedoria enviará annualmente á Directoria de rendas Publicas do Thesouro Federal a estatistica dos predios abastecidos por penas e por hydrometros, comprehendidos os que gosarem de exempção.

Art. 28. A cobrança da contribuição no exercicio de 1904 será feita pelo lançamento existente.

Art. 29. A disposição do art. 24 fica dependente de approvação do Congresso.

Art. 30. Revogam-se as disposições em contrario.

Um russo conta a sua campanha na Coréa.

— Eu era uma sentinella perdida. De repente, avistei très piratas armados até aos dentes, que se approximavam. Levantei-me, calei baioneta e enfiei...

— Os tres piratas?

— Não, pelo caminho á esquerda.

***

Um pobre diabo conta que por causa d'uma querella recebora uma bofetada.

— Uma bofetada! e qual foi o resultado?

— Ora, trouxe a cara inchada durante oito dias.

***

Um individuo que passava por valente, leva uma bofetada.

— Isso é a serio? pergunta elle a quem lh'a deu.

— E'a serio, sim senhor.

— Logo vi que comigo ninguem brincava!

***

En Junho de 1903 soffreram os Americanos dos Estados-Unidos duas grandes catastrophes : uma estupenda enchente do Mississipi, que causou enormes estragos em S. Luiz, em Kansas e outras localidades; e um pavoroso incendio nas florestas do Estado de Nova-York, cujo prejuizo foi calculado em 100 milhões de dollars. Uma extensissima região ficou transformada em braseiro, interromperam-se as communicações em largo, trecho do paiz e nao poucas victimas se contaram.

CAMBIO

***Valor** dos metaes e das moedas dos principaes paizes que têm relações commerciaes com o Brasil segundo o estado do cambio entre o Brasil e a Inglaterra.*

Cambio sobre Inglaterra: Dinheiros por 1$000 Rs.	Inglaterra		França 1)	Portugal	Allemanha	Estados Unidos	Uruguai	Repub. Argent.	Premio do ouro	Desc. do papel
	Valor da £	Valor do schilling	Valor do franco	Valor de 1$000 réis fortes	Valor do reichsmark	Valor do dollar	Valor do peso	Valor do peso	%	%
6—	40$000	2$000	1$589	8$899	1$962	8$235	8$510	7$945	350,00	77,78
1/16	39$587	1$979	1$572	8$807	1$941	8$151	8$422	7$863	345,36	77,55
1/8	39$183	1$959	1$556	8$717	1$921	8$067	8$335	7$770	340,82	77,31
3/16	38$787	1$939	1$541	8$629	1$902	7$986	8$252	7$704	336,36	77,08
1/4	38$400	1$920	1$525	8$543	1$883	7$906	8$170	7$627	332,00	76,85
5/16	38$019	1$900	1$510	8$458	1$864	7$828	8$089	7$552	327,72	76,62
3/8	37$647	1$882	1$495	8$375	1$846	7$751	8$010	7$478	323,53	76,39
7/16	37$281	1$864	1$481	8$294	1$828	7$676	7$932	7$405	319,42	76,16
1/2	36$923	1$846	1$466	8$214	1$811	7$602	7$855	7$334	315,38	75,93
9/16	36$571	1$828	1$452	8$136	1$793	7$530	7$781	7$264	311,43	75,69
5/8	36$226	1$811	1$439	8$059	1$776	7$458	7$707	7$195	307,55	75,46
11/16	35$887	1$794	1$425	7$984	1$760	7$389	7$635	7$128	303,74	75,23
3/4	35$555	1$777	1$412	7$910	1$744	7$320	7$565	7$062	300,00	75,00
13/16	35$229	1$761	1$399	7$837	1$728	7$253	7$495	6$997	296,33	74,77
7/8	34$909	1$745	1$386	7$766	1$712	7$187	7$423	6$934	292,73	74,54
15/16	34$594	1$729	1$374	7$696	1$696	7$122	7$360	6$871	289,19	74,31
7—	34$285	1$714	1$362	7$627	1$681	7$059	7$292	6$810	285,71	74,07
1/16	33$982	1$699	1$350	7$560	1$666	6$996	7$230	6$750	282,30	73,84
1/8	33$684	1$684	1$338	7$493	1$652	6$935	7$166	6$690	278,95	73,61
3/16	33$391	1$669	1$326	7$428	1$637	6$875	7$104	6$632	275,65	73,38
1/4	33$103	1$655	1$315	7$364	1$623	6$815	7$043	6$575	272,41	73,15
5/16	32$820	1$641	1$303	7$301	1$609	6$757	6$983	6$519	269,23	72,92
3/8	32$542	1$627	1$292	7$239	1$596	6$700	6$923	6$464	266,10	72,68
7/16	32$268	1$613	1$282	7$179	1$582	6$644	6$865	6$409	263,02	72,45
1/2	32$000	1$600	1$271	7$119	1$569	6$588	6$808	6$356	260,00	72,22
9/16	31$735	1$586	1$260	7$060	1$556	6$534	6$752	6$303	257,02	71,99
5/8	31$475	1$573	1$250	7$002	1$543	6$480	6$696	6$252	254,10	71,76
11/16	31$219	1$560	1$240	6$945	1$531	6$428	6$642	6$201	251,22	71,53
3/4	30$967	1$548	1$230	6$889	1$518	6$376	6$588	6$151	248,39	71,30
13/16	30$720	1$536	1$220	6$834	1$506	6$325	6$536	6$102	245,60	71,06
7/8	30$476	1$523	1$210	6$780	1$494	6$275	6$484	6$053	242,86	70,83
15/16	30$236	1$511	1$201	6$726	1$483	6$225	6$433	6$006	240,16	70,60
8—	30$000	1$500	1$191	6$674	1$471	6$176	6$382	5$959	237,50	70,37
1/16	29$767	1$488	1$182	6$622	1$460	6$129	6$333	5$912	234,88	70,14
1/8	29$538	1$476	1$173	6$571	1$448	6$081	6$284	5$867	232,31	69,91
3/16	29$312	1$465	1$164	6$521	1$437	6$035	6$236	5$822	229,77	69,68
1/4	29$090	1$454	1$155	6$472	1$426	5$989	6$189	5$778	227,27	69,45
5/16	28$872	1$443	1$147	6$423	1$416	5$944	6$143	5$734	224,81	69,22
3/8	28$656	1$432	1$138	6$375	1$405	5$900	6$097	5$692	222,39	68,98
7/16	28$444	1$422	1$130	6$328	1$395	5$856	6$052	5$650	220,00	68,75
1/2	28$235	1$411	1$121	6$281	1$384	5$813	6$007	5$608	217,65	68,52
9/16	28$029	1$401	1$113	6$235	1$374	5$771	5$963	5$567	215,33	68,29

1) A columna relativa ao valor do franco de França serve tambem para os *francos belgas* e *suissos*, para as *liras italianas* e para as *drachmas gregas*.

Cambio sobre Inglaterra: Dinheiros por 1$000 Rs.	Inglaterra		França 1)	Portugal	Allemanha	Estados Unidos	Uruguai	Republ. Argent.	Premio do ouro	Desc. do papel
	Valor da £	Valor do schilling	Valor do franco	Valor de 1$000 réis fortes	Valor do reischmark	Valor do dollar	Valor do peso	Valor do peso	%	%
8 5/8	27$826	1$391	1$105	6$190	1$364	5$729	5$920	5$527	213,04	68,06
11/16	27$625	1$381	1$097	6$146	1$355	5$688	5$877	5$487	210,79	67,83
3/4	27$428	1$371	1$089	6$102	1$345	5$647	5$835	5$448	208,57	67,59
13/16	27$234	1$361	1$082	6$058	1$335	5$607	5$794	5$409	206,38	67,36
7/8	27$042	1$352	1$074	6$016	1$326	5$567	5$753	5$371	204,22	67,13
15/16	26$853	1$342	1$066	5$974	1$317	5$529	5$713	5$334	202,10	66,90
9—	26$666	1$333	1$059	5$932	1$308	5$490	5$673	5$296	200,00	66,67
1/16	26$482	1$324	1$052	5$891	1$298	5$452	5$634	5$260	197,93	66,44
1/8	26$301	1$315	1$044	5$851	1$290	5$415	5$596	5$224	195,89	66,21
3/16	26$122	1$306	1$037	5$811	1$281	5$378	5$557	5$188	193,88	65,97
1/4	25$945	1$297	1$030	5$772	1$272	5$342	5$520	5$153	191,89	65,74
5/16	25$771	1$288	1$023	5$733	1$264	5$306	5$483	5$119	189,93	65,51
3/8	25$600	1$280	1$017	5$695	1$255	5$271	5$446	5$085	188,00	65,28
7/16	25$430	1$271	1$010	5$657	1$247	5$236	5$410	5$051	186,09	65,05
1/2	25$263	1$263	1$003	5$620	1$239	5$201	5$375	5$018	184,21	64,82
9/16	25$098	1$254	$997	5$583	1$231	5$167	5$340	4$985	182,35	64,59
5/8	24$935	1$246	$990	5$547	1$223	5$134	5$305	4$952	180,52	64,35
11/16	24$774	1$238	$984	5$511	1$215	5$100	5$271	4$921	178,71	64,12
3/4	24$615	1$230	$977	5$476	1$207	5$068	5$237	4$889	176,92	63,89
13/16	24$458	1$222	$971	5$441	1$199	5$036	5$203	4$858	175,16	63,66
7/8	24$303	1$215	$965	5$407	1$192	5$004	5$171	4$827	173,42	63,43
15/16	24$150	1$207	$959	5$373	1$184	4$972	5$138	4$797	171,70	63,20
10—	24$000	1$200	$953	5$339	1$177	4$941	5$104	4$767	170,00	62,96
1/16	23$850	1$192	$947	5$306	1$169	4$910	5$074	4$737	168,32	62,73
1/8	23$703	1$185	$941	5$273	1$162	4$880	5$043	4$708	166,67	62,50
3/16	23$558	1$177	$935	5$241	1$155	4$850	5$012	4$679	165,03	62,27
1/4	23$414	1$170	$930	5$209	1$148	4$821	4$981	4$650	163,41	62,04
5/16	23$272	1$163	$924	5$177	1$141	4$791	4$951	4$622	161,82	61,81
3/8	23$132	1$156	$919	5$146	1$134	4$762	4$921	4$594	160,24	61,58
7/16	22$994	1$149	$913	5$115	1$127	4$734	4$892	4$567	158,68	61,34
1/2	22$857	1$142	$908	5$085	1$121	4$706	4$863	4$540	157,14	61,11
9/16	22$721	1$136	$902	5$055	1$114	4$678	4$834	4$513	155,62	60,88
5/8	22$588	1$129	$897	5$025	1$107	4$650	4$806	4$486	154,12	60,65
11/16	22$456	1$122	$892	4$995	1$101	4$623	4$777	4$460	152,63	60,42
3/4	22$325	1$116	$886	4$966	1$095	4$596	4$750	4$434	151,16	60,19
13/16	22$196	1$109	$881	4$938	1$088	4$570	4$722	4$408	149,71	59,95
7/8	22$068	1$103	$876	4$909	1$082	4$543	4$695	4$383	148,27	59,72
15/16	21$942	1$097	$871	4$881	1$076	4$518	4$668	4$358	146,86	59,49
11—	21$818	1$090	$866	4$854	1$070	4$492	4$642	4$333	145,45	59,26
1/16	21$694	1$084	$861	4$826	1$064	4$466	4$615	4$309	144,07	59,03
1/8	21$573	1$078	$857	4$799	1$058	4$441	4$590	4$285	142,70	58,90
3/16	21$452	1$072	$852	4$772	1$052	4$417	4$564	4$261	141,34	58,57
1/4	21$333	1$066	$847	4$746	1$046	4$392	4$539	4$237	140,00	58,33
5/16	21$215	1$060	$842	4$719	1$040	4$368	4$513	4$214	138,67	58,10
3/8	21$098	1$054	$838	4$693	1$034	4$344	4$489	4$190	137,36	57,87
7/16	20$983	1$049	$833	4$668	1$029	4$320	4$464	4$168	136,07	57,64

1) A columna relativa ao valor do franco de França, serve tambem para os *francos belgas* e *suissos*, para as *liras italianas* e para as *drachmas gregas*.

Cambio sobre Inglaterra: Dinheiros por 1$000 Rs	Inglaterra		França 1)	Portugal	Allemanha	Estados Unidos	Uruguai	Republ. Argent.	Premio do ouro	Desc. do papel
	Valor da £	Valor do schilling	Valor do franco	Valor de 1$000 réis fortes	Valor do reichsmark	Valor do dollar	Valor do peso	Valor do peso	%	%
11½	20$869	1$043	$829	4$642	1$023	4$297	4$440	4$145	134,78	57,41
9/16	20$756	1$037	$824	4$617	1$018	4$273	4$416	4$122	133,51	57,18
5/8	20$645	1$032	$820	4$593	1$012	4$250	4$392	4$100	132,26	56,95
11/16	20$534	1$026	$815	4$568	1$007	4$228	4$369	4$078	131,02	56,71
3/4	20$425	1$021	$811	4$544	1$001	4$205	4$345	4$057	129,79	56,48
13/16	20$317	1$015	$807	4$520	$996	4$183	4$322	4$035	128,57	56,25
7/8	20$210	1$010	$802	4$496	$991	4$161	4$300	4$014	127,37	56,02
15/16	20$104	1$005	$798	4$472	$986	4$139	4$277	3$993	126,18	55,79
12—	20$000	1$000	$794	4$449	$981	4$117	4$248	3$972	125,00	55,56
1/16	19$896	$994	$790	4$426	$975	4$096	4$233	3$952	123,83	55,33
1/8	19$793	$989	$786	4$403	$970	4$075	4$211	3$931	122,68	55,10
3/16	19$692	$984	$782	4$381	$965	4$054	4$189	3$911	121,54	54,86
1/4	19$591	$979	$778	4$358	$960	4$033	4$168	3$891	120,41	54,63
5/16	19$492	$974	$774	4$336	$956	4$013	4$147	3$871	119,29	54,40
3/8	19$393	$969	$770	4$314	$951	3$993	4$126	3$852	118,18	54,17
7/16	19$296	$964	$766	5$293	$946	3$973	4$105	3$833	117,09	53,94
1/2	19$200	$960	$762	4$271	$941	3$953	4$085	3$813	116,00	53,71
9/16	19$104	$955	$759	4$250	$937	3$933	4$064	3$794	114,93	53,47
5/8	19$009	$950	$755	4$229	$932	3$914	4$044	3$776	113,86	53,24
11/16	18$916	$945	$751	4$208	$927	3$894	4$024	3$757	112,80	53,01
3/4	18$823	$941	$747	4$187	$923	3$875	4$005	3$739	111,76	52,78
13/16	18$731	$936	$744	4$167	$918	3$856	3$985	3$721	110,73	52,55
7/8	18$640	$932	$740	4$147	$914	3$838	3$966	3$702	109,70	52,32
15/16	18$550	$927	$737	4$127	$909	3$819	3$946	3$685	108,69	52,09
13—	18$461	$923	$733	4$107	$905	3$801	3$927	3$667	107,69	51,85
1/16	18$373	$918	$729	4$087	$901	3$783	3$909	3$649	106,69	51,62
1/8	18$285	$914	$726	4$068	$896	3$765	3$890	3$632	105,70	51,38
3/16	18$199	$909	$723	4$048	$892	3$747	3$872	3$615	104,73	51,15
1/4	18$113	$905	$719	4$029	$888	3$729	3$853	3$598	103,77	50,92
5/16	18$028	$901	$716	4$010	$884	3$711	3$835	3$581	102,81	50,69
3/8	17$943	$897	$712	3$992	$880	3$694	3$817	3$564	101,86	50,46
7/16	17$860	$893	$709	3$973	$876	3$677	3$800	3$547	100,93	50,23
1/2	17$777	$888	$706	3$955	$872	3$660	3$782	3$531	100,00	50,00
9/16	17$695	$884	$703	3$936	$867	3$643	3$765	3$515	99,07	49,76
5/8	17$614	$880	$699	3$918	$864	3$626	3$747	3$499	98,16	49,54
11/16	17$534	$876	$696	3$900	$860	3$610	3$730	3$483	97,26	49,30
3/4	17$454	$872	$693	3$883	$856	3$593	3$713	3$467	96,36	49,07
13/16	17$375	$868	$690	3$865	$852	3$577	3$696	3$451	95,47	48,84
7/8	17$297	$864	$687	3$848	$848	3$561	3$680	3$436	94,59	48,61
15/16	17$219	$860	$684	3$830	$844	3$545	3$663	3$420	93,71	48,38
14—	17$142	$857	$681	3$813	$840	3$529	3$647	3$405	92,85	48,14
1/16	17$066	$853	$678	3$796	$837	3$514	3$631	3$390	91,99	47,91
1/8	16$991	$849	$675	3$780	$833	3$498	3$615	3$375	91,15	47,68
3/16	16$916	$845	$672	3$763	$829	3$483	3$599	3$360	90,30	47,45
1/4	16$842	$842	$669	3$746	$826	3$467	3$583	3$345	89,47	47,22
5/16	16$768	$838	$666	3$730	$822	3$452	3$565	3$331	88,64	46,99

1) A columna relativa ao valor do franco de França serve tambem para os *francos belgas* e *suissos*, para as *liras italianas* e para as *drachmas gregas*.

Cambio sobre Inglaterra: Dinheiros por 1$000 Rs.	Inglaterra		França 1)	Portugal	Allemanha	Estados Unidos	Uruguay	Republ. Argent.	Premio do ouro	Desc. do papel
	Valor da £	Valor do schilling	Valor do franco	Valor de 1$000 réis fortes	Valor do reichsmark	Valor do dollar	Valor do peso	Valor do peso	%	%
14 3/8	16$695	$834	$663	3$714	$818	3$437	3$552	3$316	87,82	46,75
7/16	16$623	$831	$660	3$698	$815	3$422	3$536	3$302	87,01	46,52
1/2	16$551	$827	$657	3$682	$811	3$407	3$521	3$287	86,20	46,29
9/16	16$480	$824	$654	3$666	$808	3$393	3$506	3$273	85,40	46,06
5/8	16$410	$820	$651	3$650	$804	3$378	3$491	3$259	84,61	45,83
11/16	16$340	$817	$649	3$635	$801	3$364	3$476	3$246	83,82	45,60
3/4	16$271	$813	$646	3$619	$798	3$350	3$461	3$232	83,05	45,37
13/16	16$202	$810	$643	3$604	$794	3$336	3$447	3$218	82,27	45,13
7/8	16$134	$806	$641	3$589	$791	3$322	3$432	3$205	81,51	44,90
15/16	16$066	$803	$638	3$574	$788	3$308	3$418	3$191	80,75	44,67
15—	16$000	$800	$635	3$559	$784	3$294	3$404	3$178	80,00	44,44
1/16	15$933	$796	$633	3$544	$781	3$280	3$390	3$165	79,25	44,21
1/8	15$867	$793	$630	3$530	$778	3$267	3$376	3$152	78,51	43,98
3/16	15$802	$790	$627	3$515	$775	3$253	3$362	3$139	77,77	43,75
1/4	15$737	$786	$625	3$501	$771	3$240	3$348	3$126	77,04	43,51
5/16	15$673	$783	$622	3$486	$768	3$227	3$334	3$113	76,32	43,28
3/8	15$609	$780	$620	3$472	$765	3$214	3$321	3$100	75,60	43,03
7/16	15$546	$777	$617	3$458	$762	3$201	3$307	3$088	74,89	42,82
1/2	15$483	$774	$615	3$444	$759	3$188	3$294	3$075	74,18	42,59
9/16	15$421	$771	$612	3$430	$756	3$175	3$281	3$063	73,49	42,36
5/8	15$360	$768	$610	3$417	$753	3$162	3$268	3$051	72,80	42,13
11/16	15$298	$764	$607	3$403	$750	3$150	3$255	3$039	72,11	41,89
3/4	15$238	$761	$605	3$390	$747	3$137	3$242	3$027	71,42	41,66
13/16	15$177	$758	$603	3$376	$744	3$125	3$229	3$015	70,75	41,43
7/8	15$118	$755	$600	3$363	$741	3$112	3$216	3$003	70,07	41,20
15/16	15$058	$752	$598	3$350	$738	3$100	3$204	2$991	69,41	40,97
16—	15$000	$750	$595	3$337	$735	3$088	3$191	2$979	68,75	40,74
1/16	14$941	$747	$593	3$324	$732	3$076	3$179	2$968	68,09	40,50
1/8	14$883	$744	$591	3$311	$730	3$064	3$166	2$956	67,44	40,27
3/16	14$826	$741	$589	3$298	$727	3$052	3$154	2$945	66,79	40,04
1/4	14$769	$738	$586	3$285	$724	3$040	3$142	2$933	66,15	39,81
5/16	14$712	$735	$584	3$273	$721	3$029	3$130	2$922	65,51	39,58
3/8	14$656	$732	$582	3$260	$718	3$017	3$118	2$911	64,88	39,35
7/16	14$600	$730	$580	3$248	$716	3$006	3$106	2$900	64,25	39,12
1/2	14$545	$727	$577	3$236	$713	2$994	3$094	2$889	63,63	38,88
9/16	14$490	$724	$575	3$223	$710	2$983	3$083	2$878	63,01	38,65
5/8	14$436	$721	$573	3$211	$708	2$972	3$071	2$867	62,40	38,42
11/16	14$382	$719	$571	3$199	$705	2$961	3$060	2$856	61,79	38,19
3/4	14$328	$716	$569	3$187	$702	2$950	3$048	2$846	61,19	37,96
13/16	14$275	$713	$567	3$175	$700	2$939	3$037	2$835	60,59	37,73
7/8	14$222	$711	$565	3$164	$697	2$928	3$026	2$825	60,00	37,50
15/16	14$169	$708	$562	3$152	$695	2$917	3$014	2$814	59,40	37,26
17—	14$117	$705	$560	3$140	$692	2$906	3$003	2$804	58,82	37,03

1) A columna relativa ao valor do franco de França serve tambem para os *francos belgas* e *suissos*, para as *liras italianas* e para as *drachmas gregas*.

Anno IV

TABELLA DE CAMBIO

Um Milreis papel valendo Dinheiros Esterlinos(*)	Inglaterra		França	Alle-manha	Estados Unidos	Brasil	Portugal	Rio da Prata	Agio do OURO	Depreciação do PAPEL
	Shilling	Libra Esterlina	FRANCO	Reichsmark	Dollar	Moeda de ouro de 20$000	Valor de 100$000 fortes OURO	PESO OURO	0/0	0/0
17	705,882	14$117,647	561,125	692,744	2$908,061	31$764,705	314$197,923	2$805,629	58,82	37,03
1/32	704,587	14$091,743	560,096	691,473	2$902,725	31$706,422	313$621,413	2$800,481	58,53	36,92
1/16	703,296	14$065,934	559,070	690,207	2$897,409	31$648,351	313$047,015	2$795,352	58,24	36,80
3/32	702,010	14$040,219	558,048	688,945	2$892,112	31$590,493	312$474,721	2$790,242	57,95	36,68
1/8	700,729	14$014,598	557,030	687,688	2$886,834	31$532,846	311$904,508	2$785,150	57,67	36,57
5/32	699,453	13$989,071	556,015	686,435	2$881,576	31$475,409	311$336,375	2$780,077	57,38	36,45
3/16	698,181	13$963,636	555,004	685,187	2$876,337	31$418,181	310$770,309	2$775,022	57,09	36,34
7/32	696,914	13$938,294	553,996	683,943	2$870,935	31$361,141	310$206,100	2$769,984	56,80	36,22
1/4	695,652	13$913,043	552,993	682,704	2$865,917	31$304,347	309$644,330	2$764,968	56,52	36,11
9/32	694,394	13$887,884	551,993	681,470	2$860,733	31$247,739	309$084,394	2$759,968	56,23	35,99
5/16	693,140	13$862,815	550,997	680,240	2$855,569	31$191,335	308$526,480	2$754,986	55,95	35,87
11/32	691,891	13$837,837	550,004	679,014	2$850,424	31$135,135	307$970,577	2$750,022	55,67	35,76
3/8	690,647	13$812,949	549,015	677,793	2$845,297	31$079,136	307$416.673	2$745,076	55,39	35,64
13/32	689,407	13$788,150	548,029	676,576	2$840,189	31$023,339	306$864,758	2$740,148	55,12	35,53
7/16	688,172	13$763,440	547,047	675,364	2$835,099	30$967,741	306$314,821	2$735,237	54,84	35,41
15/32	686,940	13$738,819	546,068	674,155	2$830,027	30$912,343	305$766,852	2$730,344	54,56	35,30
1/2	685,714	13$714,285	545,093	672,952	2$824,974	30$857,142	305$220,840	2$725,468	54,29	35,18
17/32	684,491	13$689,839	544,122	671,752	2$819,938	30$802,133	304$676,774	2$720,610	54,01	35,06
9/16	683,274	13$665,480	543,153	670,557	2$814,920	30$747,330	304$134,644	2$715,769	53,73	34,95
19/32	682,060	13$641,207	542,189	669,366	2$809,920	30$692,717	303$594,441	2$710,945	53,46	34,83
5/8	680,851	13$617,021	541,227	668,179	2$804,938	30$638,297	303$056,153	2$706,139	53,19	34,72
21/32	679,646	13$592,920	540,269	666,996	2$799,974	30$584,070	302$519,770	2$701,349	52,92	34,60
11/16	678,445	13$568,904	539,315	665,818	2$795,027	30$530,035	301$985,283	2$696,576	52,65	34,49
23/32	677,248	13$544,973	538,364	664,643	2$790,097	30$476,190	301$452,681	2$691,820	52,39	34,37
3/4	676,056	13$521,126	537,416	663,473	2$785,185	30$422,535	300$921,955	2$687,081	52,11	34,25
25/32	674,868	13$497,363	536,471	662,307	2$780,290	30$369,068	300$393,093	2$682,359	51,84	34,14
13/16	673,684	13$473,684	535,530	661,145	2$775,413	30$315,789	299$866,088	2$677,653	51,57	34,02
27/32	672,504	13$450,087	534,592	659,987	2$770,552	30$262,697	299$340,928	2$672,964	51,31	33,91
7/8	671,328	13$426,573	533,658	658,834	2$765,708	30$209,790	298$817,605	2$668,291	51,04	33,79
29/32	670,157	13$403,141	532,726	657,684	2$760,882	30$157,068	298$296,109	2$663,634	50,78	33,68
15/16	668,989	13$379,790	531,798	656,538	2$756,072	30$104,529	297$776,429	2$658,993	50,52	33,56
31/32	667,826	13$356,521	530,873	655,396	2$751,279	30$052,173	297$258,557	2$654,369	50,26	33,44
18	666,666	13$333,333	529,952	654,258	2$746,502	30$000,000	296$742,483	2$649,761	50,00	33,33
1/32	665,511	13$310,225	529,033	653,124	2$741,742	29$948,006	296$228,197	2$645,168	49,74	33,21
1/16	664,359	13$287,197	528,118	651,995	2$736,999	29$896,193	295$715,692	2$640,592	39,48	33,10
3/32	663,212	13$264,248	527,206	650,868	2$732,271	29$844,559	295$204,957	2$636,031	49,22	32,98
1/8	662,068	13$241,379	526,297	649,746	2$727,561	29$793,103	294$695,933	2$631,487	48,96	32,87
5/32	660,929	13$218,588	525,391	648,628	2$722,866	29$741,824	294$188,761	2$626,957	48,70	32,75
3/16	659,793	13$195,876	524,488	647,513	2$718,188	29$690,721	293$683,292	2$622,444	48,45	32,63
7/32	658,662	13$173,241	523,589	646,403	2$713,525	29$639,794	293$179,537	2$617,945	48,19	32,52
1/4	657,534	13$150,684	522,699	645,296	2$708,879	29$589,041	292$677,516	2$613,463	47,94	32,40
9/32	656,410	13$128,205	521,799	644,115	2$704,249	29$538,461	292$177,214	2$608,995	47,69	32,29
5/16	655,290	13$105,802	520,908	643,094	2$699,633	29$488,054	291$678,616	2$604,543	47,44	32,17
11/32	654,173	13$083,475	520,021	641,998	2$695,034	29$437,819	291$181,721	2$600,106	47,18	32,06
3/8	653,061	13$061,224	519,136	640,906	2$690,451	29$387,755	290$686,514	2$595,684	46,93	31,94
13/32	651,952	13$039,049	518,255	639,818	2$685,883	29$337,860	290$192,988	2$591,277	46,68	31,83
7/16	650,847	13$016,949	517,377	638,734	2$681,331	29$288,135	299$701,136	2$586,885	46,44	31,71
15/32	649,746	12$994,923	516,501	637,653	2$676,794	29$238,578	289$210,948	2$582,508	46,19	31,59
1/2	648,648	12$972,972	515,629	636,576	2$672,272	29$189,189	288$722,416	2$573,146	45,94	31,48
17/32	647,554	12$951,096	514,759	635,502	2$667,766	29$139,966	288$235,531	2$573,709	45,70	31,36
9/16	646,464	12$929,292	513,893	634,432	2$663,275	29$090,909	287$750,287	2$569,465	45,45	31,25
19/32	645,378	12$907,563	513,029	633,366	2$658,799	29$042,017	287$266,682	2$565,147	45,21	31,13
5/8	644,295	12$885,906	512,168	632,303	2$654,338	27$993,288	286$784,682	2$560,843	44,96	31,01
21/32	643,216	12$864,321	511,310	031,244	2$649,891	28$944,723	286$304,305	2$556,551	44,72	30,90
11/16	642,140	12$842,809	510,455	630,189	2$645,460	28$896,321	285$825,535	2$552,278	44,48	30,78

(*) Esta primeira columna indica a taxa do Cambio na praça, isto é, o valor do Milreis $ papel em Dinheiros Esterlinos (Pence) e suas fracções (1 Libra = 240 Dinheiros). As outras, excepto as duas ultimas, o valor das diversas moedas (Ouro) em Milreis, Reis e Milesimos de Reis papel.

Anno IV

TABELLA DE CAMBIO

Um Milreis papel valendo Dinheiros Esterlinos(*)	Inglaterra		França	Alle-manha	Estados Unidos	Brasil	Portugal	Rio da Prata	Agio do OURO 0/0	Depreciação do PAPEL 0/0
	Shilling	Libra Esterlina	FRANCO	Reichsmark	Dollar	Moeda de ouro de 20$000	Valor de 100$000 fortes OURO	PESO OURO		
18 23/32	641,068	12$821,368	509,603	629,137	2$641,044	28$848,080	285$348,364	2$548,017	44,24	30,67
3/4	640,000	12$800,000	508,754	628,088	2$636,642	28$800,000	284$872,784	2$543,770	44,00	30,55
25/32	638,935	12$778,702	507,907	627,043	2$632,255	28$752,079	284$398,786	2$539,538	43,76	30,43
13/16	637,873	12$757,475	507,063	626,001	2$627,882	28$704,318	283$926,362	2$535,319	43,52	30,32
27/32	636,815	12$736,318	506,223	624,963	2$623,524	28$656,716	283$455,506	2$531,115	43,28	30,20
7/8	635,761	12$715,231	505,384	623,929	2$619,181	28$609,271	282$986,229	2$526,924	43,04	30,09
29/32	634,710	12$694,214	504,549	622,897	2$614,852	28$561,983	282$518,463	2$522,747	42,80	29,97
15/16	633,663	12$673,267	503,716	621,869	2$610,537	28$514,851	282$052,261	2$518,584	42,56	29,86
31/32	632,619	12$652,388	502,887	620,845	2$606,235	28$467,874	281$587,595	2$514,435	42,33	29,74
19	631,578	12$631,578	502,060	619,824	2$601,949	28$421,052	281$124,458	2$510,300	42,10	29,62
1/32	630,541	12$610,837	501,235	618,806	2$597,677	28$374,384	280$662,841	2$506,178	41,87	29,51
1/16	629,508	12$590,163	500,414	617,792	2$593,420	28$327,868	280$202,738	2$502,071	41,63	29,39
3/32	628,477	12$569,558	499,594	616,780	2$589,174	28$281,505	279$744,141	2$497,974	41,40	29,28
1/8	627,450	12$549,019	498,778	615,773	2$584,943	28$235,294	279$287,043	2$493,892	41,17	29,16
5/32	626,427	12$528,548	497,984	614,768	2$580,726	28$189,233	278$831,436	2$489,824	40,94	29,05
3/16	625,407	12$508,143	497,153	613,767	2$576,523	28$143,322	278$377,313	2$485,769	40,71	28,93
7/32	624,390	12$487,804	496,345	612,769	2$572,334	28$097,589	277$924,667	2$481,727	40,48	28,81
1/4	623,376	12$467,532	495,539	611,774	2$568,158	28$051,948	277$473,491	2$477,698	40,25	28,70
9/32	622,366	12$447,325	494,736	610,783	2$563,995	28$006,482	277$023,776	2$473,683	40,02	28,58
5/16	621,359	12$427,184	493,936	609,794	2$559,847	27$961,165	276$575,518	2$469,680	39,79	28,47
11/32	620,355	12$407,108	493,138	608,809	2$555,711	27$915,993	276$128,708	2$465,690	39,57	28,35
3/8	619,354	12$387,096	492,342	607,827	2$551,589	27$870,967	275$683,394	2$461,713	39,35	28,24
13/32	618,357	12$367,149	491,549	606,848	2$547,480	27$826,086	275$239,404	2$457,749	39,13	28,12
7/16	617,363	12$347,266	490,759	605,873	2$543,381	27$781,350	274$796,897	2$453,798	38,90	28,00
15/32	616,372	12$327,447	489,971	604,900	2$539,302	27$736,757	274$355,821	2$449,851	30,68	27,88
1/2	615,384	12$307,692	489,186	603,931	2$535,233	27$692,307	273$916,138	2$445,933	38,47	27,77
17/32	614,400	12$288,000	488,403	602,965	2$531,176	27$648,000	273$477,872	2$442,019	38,24	27,66
9/16	613,418	12$268,370	487,623	602,001	2$527,133	27$603,833	273$041,007	2$438,118	38,01	27,54
19/32	612,440	12$248,803	486,846	601,041	2$523,102	27$559,808	272$605,534	2$434,230	37,80	27,43
5/8	611,464	12$229,299	486,070	600,084	2$519,085	27$515,923	272$171,449	2$430,354	37,58	27,31
21/32	610,492	12$209,856	485,298	599,130	2$515,080	27$472,178	271$738,744	2$426,490	37,35	27,19
11/16	609,523	12$190,476	484,527	598,179	2$511,088	27$428,571	271$307,413	2$422,638	37,14	27,08
23/32	608,557	12$171,156	483,759	597,231	2$507,111	27$385,103	270$877,427	2$418,799	36,92	26,96
3/4	607,594	12$151,898	482,994	596,286	2$503,141	27$341,772	270$447,345	2$414,972	36,70	26,85
25/32	606,635	12$132,701	482,231	595,344	2$499,187	27$298,578	270$021,596	2$411,157	36,49	26,73
13/16	605,678	12$113,564	481,470	594,405	2$495,245	27$255,520	269$592,572	2$407,354	36,27	26,62
27/32	604,724	12$094,488	480,712	593,469	2$491,315	27$212,598	269$171,134	2$403,562	36,06	26,50
7/8	603,773	12$075,471	479,956	592,536	2$487,398	27$169,811	268$742,909	2$399,783	35,84	26,38
29/32	602,825	12$056,514	479,203	591,606	2$483,493	27$127,158	268$359,013	2$396,016	35,63	26,27
15/16	601,880	12$037,617	478,452	590,678	2$479,601	27$084,639	267$955,439	2$392,260	35,42	26,15
31/32	600,938	12$018,779	477,703	589,754	2$475,720	27$042,253	267$486,181	2$388,517	35,21	26,04
20	600,000	12$000,000	476,957	588,833	2$471,852	27$000,000	267$068,235	2$384,785	35,00	25,92
1/32	599,063	11$981,279	476,212	587,914	2$467,996	26$957,878	266$651,592	2$381,064	34,78	25,81
1/16	598,130	11$962,616	475,471	586,998	2$464,151	26$915,887	266$236,246	2$377,355	34,57	25,69
3/32	597,200	11$944,012	474,731	586,085	2$460,319	26$874,027	265$823,043	2$373,658	34,37	25,57
1/8	596,273	11$925,465	473,994	585,175	2$456,499	26$832,298	265$409,426	2$369,972	34,16	25,46
5/32	595,348	11$906,976	473,259	584,268	2$452,690	26$790,697	264$997,938	2$366,298	33,95	25,34
3/16	594,427	11$888,544	472,527	583,363	2$448,893	26$749,226	264$587,725	2$362,635	33,74	25,23
7/32	593,508	11$870,170	471,796	582,462	2$445,108	26$707,882	264$178,779	2$358,983	33,54	25,11
1/4	592,592	11$851,851	471,068	581,563	2$841,335	26$666,666	263$771,096	2$355,343	33,33	25,00
9/32	591,679	11$833,590	470,342	580,667	2$437,573	26$625,577	263$364,669	2$351,714	33,12	24,88
5/16	590,769	11$815,384	469,619	579,794	2$435,640	26$584,615	262$959,492	2$348,096	32,92	24,76
11/32	589,861	11$797,235	468,897	578,883	2$430,085	26$543,778	262$555,561	2$344,489	32,71	24,65
3/8	588,957	11$779,141	468,178	577,995	2$426,358	26$503,067	262$152,868	2$340,893	32,51	24,53
13/32	588,055	11$761,102	467,461	577,110	2$422,642	26$462,480	261$750,409	2$337,308	32,31	24,42

(*) Esta primeira columna indica a taxa do Cambio na praça, isto é, o valor do Milreis $ papel em Dinheiros Esterlinos (Pence) e suas fracções (1 Libra = 240 Dinheiros). As outras, excepto as duas ultimas, o valor das diversas moedas (Ouro) em Milreis, Reis e Milesimos de Reis papel.

Anno IV

TABELLA DE CAMBIO

Um Milreis papel valendo Dinheiros Esterlinos(*)	Inglaterra		França	Alle-manha	Estados Unidos	Brasil	Portugal	Rio da Prata	Agio do OURO	Depreciação do PAPEL
	Shilling	Libra Esterlina	FRANCO	Reichsmark	Dollar	Moeda de ouro de 20$000	Valor de 100$000 fortes OURO	PESO OURO	0/0	0/0
20 7/16	587,155	11$743,119	466,746	576,228	2$418,938	26$422,018	261$351,177	2$333,734	32,10	24,30
15/32	586,259	11$725,190	466,034	575,348	2$415,244	26$381,679	260$952,168	2$330,171	31,90	24,18
1/2	585,365	11$707,317	465,323	574,471	2$411,563	26$341,463	260$554,385	2$326,619	31,70	24,07
17/32	584,474	11$689,497	464,615	573,596	2$407,892	26$301,369	260$157,793	2$323,078	31,50	23,95
9/16	583,586	11$671,732	463,909	572,725	2$404,233	26$261,398	259$762,417	2$319,547	31,30	23,84
19/32	582,701	11$654,021	463,205	571,856	2$400,584	26$221,547	259$368,240	2$316,028	31,10	23,72
5/8	581,818	11$636,363	462,503	570,989	2$996,947	26$181,818	258$975,258	2$312,518	30,90	23,61
21/32	580,937	11$618,758	461,804	570,125	2$393,321	26$142,208	258$583,428	2$309,020	30,71	23,49
11/16	580,060	11$601,208	461,106	569,264	2$389,706	26$102,719	258$192,855	2$305,532	30,41	23,37
23/32	579,185	11$583,710	460,411	568,405	2$385,918	26$063,348	257$803,424	2$302,055	30,32	23,26
3/4	578,313	11$566,265	459,717	567,549	2$382,508	26$024,096	257$415,166	2$298,588	30,12	23,14
25/32	577,443	11$548,872	459,026	566,696	2$378,925	25$984,962	257$028,077	2$295,131	29,92	23,03
13/16	576,576	11$531,531	458,337	565,845	2$375,353	25$945,945	256$642,147	2$291,685	29,73	22,91
27/32	575,712	11$514,242	457,649	564,997	2$371,792	25$907,046	256$257,376	2$288,246	29,53	22,80
7/8	574,850	11$497,005	456,964	564,151	2$368,241	25$868,263	255$873,758	2$284,834	29,34	22,68
29/32	573,991	11$479,820	456,281	563,308	2$364,711	25$829,596	255$491,246	2$281,408	29,14	22,56
15/16	573,134	11$462,686	455,600	562,467	2$361,172	25$791,044	255$109,955	2$278,003	28,95	22,45
31/32	572,280	11$445,603	454,921	561,629	2$357,634	25$752,608	254$729,762	2$274,608	28,76	22,33
21	571,428	11$428,571	454,244	560,793	2$354,145	25$714,285	254$332,023	2$271,223	28,57	22,22
1/32	570,579	11$411,589	453,569	559,960	2$350,647	25$676,077	253$972,764	2$267,849	28,38	22,10
1/16	569,732	11$394,658	452,896	559,129	2$347,159	25$637,982	253$596,106	2$264,484	28,19	21,99
3/32	568,888	11$377,777	452,225	558,300	2$343,682	25$600,000	253$220,252	2$261,129	28,00	21,87
1/8	568,047	11$360,946	451,556	557,475	2$340,215	25$562,130	252$845,666	2$257,784	27,81	21,75
5/32	567,208	11$344,165	450,889	556,651	2$336,758	25$524,372	252$472,186	2$254,449	27,62	21,64
3/16	566,371	11$327,433	450,224	555,830	2$333,311	25$486,725	252$099,808	2$251,124	27,43	21,52
7/32	565,537	11$310,751	449,561	555,011	2$329,875	25$449,189	251$728,527	2$247,809	27,24	21,40
1/4	564,705	11$294,117	448,900	554,195	2$326,449	25$411,764	251$358,338	2$244,503	27,05	21,29
9/32	563,876	11$277,533	448,241	553,381	2$323,032	25$374,449	250$989,236	2$241,207	26,87	21,18
5/16	563,049	11$260,997	447,584	552,570	2$319,626	25$337,243	250$621,217	2$237,921	26,68	21,06
11/32	562,225	11$244,509	446,928	551,761	2$316,230	25$300,146	250$254,275	2$234,644	26,50	20,94
3/8	561,403	11$228,070	446,275	550,954	2$312,844	25$263,157	249$888,407	2$231,377	26,31	20,83
13/32	560,583	11$211,678	445,624	550,150	2$309,467	25$226,277	249$523,606	2$228,120	26,13	20,71
7/16	559,766	11$195,335	444,974	549,348	2$306,101	25$189,504	249$159,869	2$224,872	25,94	20,60
15/32	558,951	11$179,039	444,326	548,548	2$302,744	25$152,838	248$797,191	2$221,633	25,76	20,48
1/2	558,139	11$162,790	443,680	547,751	2$299,397	25$116,279	248$435,567	2$218,404	25,58	20,37
17/32	557,329	11$146,589	443,037	546,956	2$296,060	25$079,825	248$074,993	2$215,185	25,39	20,25
9/16	556,521	11$130,434	442,394	546,163	2$292,732	25$043,478	247$715,464	2$211,974	25,21	20,13
19/32	555,716	11$114,327	441,754	545,373	2$289,414	25$007,235	247$356,976	2$208,773	25,03	20,02
5/8	554,913	11$098,265	441,116	544,585	2$286,106	24$971,098	246$999,523	2$205,581	24,85	19,90
21/32	554,112	11$082,251	440,479	543,799	2$282,807	24$935,064	246$643,103	2$202,398	24,67	19,79
11/16	553,314	11$066,282	439,845	543,016	2$279,517	24$899,135	246$287,709	2$199,225	24,49	19,67
23/32	552,517	11$050,359	439,212	542,234	2$276,238	24$863,309	245$933,338	2$196,061	24,31	19,56
3/4	551,724	11$034,482	438,581	541,455	2$272,967	24$827,586	245$579,986	2$192,905	24,13	19,44
25/32	550,932	11$018,651	437,951	540,678	2$269,706	24$791,965	245$227,647	2$189,764	23,96	19,32
13/16	550,143	11$002,865	437,325	539,904	2$266,454	24$756,446	244$876,316	2$186,622	23,78	19,21
27/32	549,356	10$987,124	436,698	539,131	2$263,212	24$721,030	244$525,994	2$183,494	23,60	19,09
7/8	548,571	10$971,428	436,074	538,361	2$259,979	24$685,714	244$176,672	2$180,374	23,43	18,98
29/32	547,788	10$955,777	435,452	537,593	2$256,755	24$650,499	243$828,345	2$177,264	23,25	18,86
15/16	557,008	10$940,170	434,832	536,827	2$253,540	24$615,384	243$481,012	2$174,163	23,08	18,74
31/32	546,230	10$924,608	434,214	536,061	2$250,334	24$580,369	243$134,666	2$171,070	22,90	18,63
22	545,454	10$909,090	433,597	535,302	2$247,138	24$545,454	242$789,304	2$167,986	22,72	18,51
1/32	544,680	10$893,617	432,982	534,543	2$243,951	24$510,638	242$444,922	2$164,911	22,54	18,40
1/16	543,909	10$878,186	432,368	533,786	2$240,772	24$475,920	242$101,516	2$161,844	22,37	18,28
3/32	543,140	10$862,800	431,757	533,031	2$237,603	24$441,301	241$759,081	2$158,787	22,20	18,17
1/8	542,372	10$847,457	431,147	532,278	2$234,442	24$406,779	241$417,504	2$155,737	22,03	18,05

(*) Esta primeira columna indica a taxa do Cambio na praça, isto é, o valor do Milreis $ papel em Dinheiros Esterlinos (Pence) e suas fracções (1 Libra = 240 Dinheiros). As outras, excepto as duas ultimas, o valor das diversas moedas (Ouro) em Milreis, Reis e Milesimos de Reis papel.

Anno IV

TABELLA DE CAMBIO

Um Milreis papel valendo Dinheiros Esterlinos(*)	Inglaterra		França	Alle-manha	Estados Unidos	Brasil	Portugal	Rio da Prata	Agio do OURO	Depreciação do PAPEL
	Shilling	Libra Esterlina	FRANCO	Reichsmark	Dollar	Moeda de ouro de 20$000	Valor de 100$000 fortes OURO	PESO OURO	0/0	0/0
22 5/32	541,607	10$832,157	430,539	531,527	2$231,293	24$372,355	241$077,109	2$152,697	21,86	17,93
3/16	540,845	10$816,901	429,933	530,779	2$228,149	24$338,028	240$737,662	2$149,666	21,69	17,82
7/32	540,084	10$801,687	429,328	530,032	2$225,014	24$303,797	240$398,973	2$146,642	21,51	17,70
1/4	539,325	10$786,516	428,725	529,288	2$221,889	24$269,662	240$061,334	2$143,627	21,34	17,59
9/32	538,569	10$771,388	428,124	528,545	2$218,773	24$235,624	239$724,642	2$140,620	21,17	17,47
5/16	537,815	10$756,302	427,524	527,805	2$215,665	24$201,680	239$388,894	2$137,622	21,00	17,36
11/32	537,062	10$741,258	426,926	527,067	2$212,567	24$167,832	239$054,084	2$134,632	20,83	17,24
3/8	536,312	10$726,256	426,330	526,331	2$209,476	24$134,078	238$720,210	2$131,651	20,67	17,12
13/32	535,564	10$711,297	425,735	525,597	2$206,395	24$100,418	238$387,267	2$128,678	20,50	17,01
7/16	534,818	10$696,378	425,142	524,865	2$203,322	24$066,852	238$055,251	2$125,713	20,33	16,89
15/32	534,075	10$691,502	424,551	524,135	2$200,245	24$033,380	237$723,851	2$122,757	20,17	16,78
1/2	533,333	10$666,666	423,961	523,407	2$197,202	24$000,000	237$393,986	2$119,809	20,00	16,66
17/32	532,593	10$651,872	423,373	522,681	2$194,154	23$966,712	237$064,730	2$116,868	19,83	16,55
9/16	531,855	10$637,119	422,787	521,957	2$191,115	23$933,518	236$736,385	2$113,936	19,66	16,43
19/32	531,120	10$622,406	422,202	521,235	2$188,085	23$900,414	236$408,949	2$111,013	19,50	16,31
5/8	530,386	10$607,734	421,619	520,515	2$185,062	23$867,403	236$082,417	2$108,097	19,33	16,20
21/32	529,655	10$593,103	421,037	519,797	2$182,048	23$834,482	235$756,786	2$105,189	19,17	16,08
11/16	528,925	10$578,512	420,457	519,081	2$179,043	23$801,652	235$432,052	2$102,289	19,00	15,97
23/32	528,198	10$563,961	419,879	518,367	2$176,046	23$768,913	235$108,212	2$099,398	18,84	15,85
3/4	527,472	10$549,450	419,302	517,655	2$173,056	23$736,263	234$785,261	2$096,514	18,68	15,74
25/32	526,748	10$534,979	418,727	516,945	2$170,076	23$703,703	234$463,525	2$093,638	18,51	15,62
13/16	526,027	10$520,547	418,154	516,237	2$167,103	23$671,232	233$142,014	2$090,770	18,35	15,50
27/32	525,307	10$506,155	417,582	515,530	2$164,138	23$638,850	233$821,789	2$087,910	18,19	15,39
7/8	524,590	10$491,803	417,011	514,826	2$161,182	23$606,557	233$502,281	2$085,058	18,03	15,27
29/32	523,874	10$447,489	416,442	514,124	2$158,233	23$574,351	233$183,924	2$082,213	17,87	15,16
15/16	523,160	10$463,215	415,875	513,423	2$155,293	23$542,234	232$866,035	2$079,376	17,71	15,04
31/32	522,448	10$448,979	415,309	512,725	2$152,361	23$510,204	232$549,211	2$076,547	17,55	14,93
23	521,739	10$434,782	414,745	512,028	2$149,436	23$478,260	232$233,247	2$073,726	17,39	14,81
1/32	521,031	10$420,624	414,181	511,333	2$146,520	23$446,404	231$918,141	2$070,912	17,23	14,69
1/16	520,325	10$406,504	413,621	510,641	2$143,611	23$414,634	231$603,889	2$068,106	17,07	14,58
3/32	519,621	10$392,422	413,061	509,950	2$140,711	23$382,949	231$290,497	2$065,407	16,91	14,46
1/8	518,918	10$378,378	412,503	509,260	2$137,818	23$351,351	230$977,932	2$062,516	16,75	14,35
5/32	518,218	10$364,372	411,946	508,573	2$134,933	23$319,838	230$656,221	2$059,733	16,59	14,23
3/16	517,520	10$350,404	411,391	507,888	2$132,055	23$288,409	230$355,355	2$056,957	16,44	14,12
7/32	516,823	10$336,473	410,837	507,204	2$129,186	23$257,065	230$045,316	2$054,189	16,28	14,00
1/4	516,129	10$322,580	410,285	506,523	2$126,324	23$225,806	229$736,116	2$051,428	16,12	13,88
9/32	515,436	10$308,724	409,734	505,843	2$123,470	23$194,630	229$427,745	2$048,674	15,96	13,77
5/16	514,745	10$294,906	409,185	505,165	2$120,623	23$163,538	229$120,201	2$045,928	15,80	13,65
11/32	514,056	10$281,124	408,637	504,488	2$117,785	23$132,530	228$813,481	2$043,189	15,65	13,54
3/8	513,368	10$267,379	408,091	503,814	2$114,953	23$101,604	228$507,580	2$040,457	15,50	13,42
13/32	512,683	10$253,671	407,546	503,141	2$112,130	23$070,761	228$202,586	2$037,733	15,35	13,31
7/16	512,000	10$240,000	407,003	502,470	2$109,313	23$040,000	227$898,227	2$035,016	15,20	13,19
15/32	511,318	10$226,364	406,461	501,801	2$106,503	23$009,320	227$594,767	2$032,306	15,05	13,07
1/2	510,638	10$212,765	405,920	501,134	2$103,704	22$978,723	227$292,114	2$029,604	14,89	12,96
17/32	509,960	10$199,203	405,381	500,468	2$100,910	22$948,207	226$990,262	2$026,909	14,74	12,84
9/16	509,283	10$185,676	404,844	499,805	2$098,123	22$917,771	226$689,217	2$024,220	14,59	12,73
19/32	508,609	10$172,185	404,307	499,143	2$095,344	22$887,417	226$388,967	2$021,539	14,44	12,61
5/8	507,936	10$158,730	403,773	498,482	2$092,573	22$857,142	226$089,511	2$018,865	14,28	12,50
21/32	507,265	10$145,310	403,239	497,824	2$089,809	22$826,948	225$790,845	2$016,198	14,13	12,38
11/16	506,596	10$131,926	402,707	497,167	2$087,052	22$796,833	225$492,968	2$013,538	13,98	12,26
23/32	505,928	10$118,577	402,177	496,512	2$084,302	22$766,798	225$195,870	2$010,886	13,83	12,15
3/4	505,263	10$105,263	401,648	495,859	2$081,559	22$736,842	224$899,566	2$008,240	13,68	12,03
25/32	504,599	10$091,984	401,120	495,207	2$078,824	22$706,964	224$604,034	2$005,601	13,53	11,92
13/16	503,937	10$078,740	400,593	494,557	2$076,096	22$677,165	224$309,278	2$002,969	13,38	11,80
27/32	503,276	10$065,530	400,068	493,909	2$073,375	22$647,444	224$015,295	2$000,344	13,23	11,68

(*) Esta primeira columna indica a taxa do Cambio na praça, isto é, o valor do Milreis $ papel em Dinheiros Esterlinos (Pence) e suas fracções (1 Libra = 240 Dinheiros). As outras, excepto as duas ultimas, o valor das diversas moedas (Ouro) em Milreis, Reis e Milesimos de Reis papel.

MOEDAS

I

Moedas brasileiras : especies, valores, pesos, titulos e modulos

ESPECIE	VALOR em reis	PESOS em grammas	TITULO em millesimos	METAL puro em grammas	MODULO em millim.as	DECRETOS
Ouro..	20$000	17,930	917	16,441	30	Decreto n.º 6143 de 10 de Março 1876.
	10$000	8,965	917	8,220	22,5	
	5$000	4,482	917	4,110	—	Está desmonetizada.
Prata .	2$000	25,500	917	23,383	37	Decreto n.º 4822 de 18 de Novembro 1871.
	1$000	12,750	917	11,691	30	
	500	6,375	917	5,845	25	
Nickel	400	12,000	25 °/o de nickel e 5 °/o de cobre com a tolerancia de 1 °/o para mais ou para menos.		—	Estão desmonetizadas as antigas moedas de nickel.
	200	8,000			—	
	100	5,000			—	
Cobre.	40	12,000	95 partes de cobre		30	Decreto n.º 5469 de 19 de Novembro 1873.
	20	7,000	5 partes de estanho		25	Decreto n.º 4019 de 20 de Novembro 1867.
	10	3,500	1 parte de zinco		20	

NOTA. A *tolerancia* no peso das *moedas de ouro* é : de 5 centig. para mais ou para menos nas de 20$; e de 25 *millig.* nas de 10$; — no peso *das moedas de prata* é : de 10 centig. para mais ou para menos nas de 2$; de 5 centig. nas de 1$ e de 25 millig. nas de 500 reis ; — no peso *das moedas de nickel* é de 2 °/o para mais ou para menos. — A *tolerancia no titulo* tanto das moedas de ouro como das de prata é de dous millesimos. — As moedas de prata são acceitas em pagamento nas estações públicas sem limitação alguma ; os particulares não são obrigados a receber em pagamento mais de 20$. As moedas de nickel são dadas e recebidas em pagamento até 1$; as de cobre até a a quantia de 200 reis. A relação legal entre o ouro e a prata é de 1 : 14,22. — As moedas de prata cunhadas no periodo de 30 de Sept. 1867 a 3 de Sept. 1870 têm o peso : de 25 gram. as de 2$; de 12.5 gr. as de 1$; de 6,25 gr. as de 500 reis e de 2,5 gr. as de 200 reis; as duas primeiras, do titulo de 900, as duas últimas, do título de 835 ; as do titulo de 900 têm menos 4 °/o de valor entrinseco, e as do titulo de 835 menos 10,5 °/o do que as actuaes. — A lei de 3 Sept. 1870 mandou desmonetizar todas as moedas de prata do titulo de 900 e as de valor de 200 reis do mesmo metal.

II

Principaes moedas extrangeiras

ALLEMANHA

Leis monetarias de 4 de Dezembro de 1871 e 9 de Julho de 1873.
Relação de ouro á prata 1 : 13.95.
Unidade : Reichsmark de ouro — 1fr.23457.

		Peso em gram.	VALORES AO PAR Francos	Reis
Ouro a 900 .	20 marcos ou dupla corôa.	7.965	24.69	8,719
	10 marcos ou corôa	3.982	12.35	4,359
	5 marcos.	1.991	6.17	2,179
Prata a 900 .	5 marcos.	27.777	5.555	1,972
	2 marcos.	11.111	2.222	786
	Marco, dividido em 100 pfennig	5.555	1.111	393
	1/2 marco, ou 50 pfennig	2.777	0.555	197
	1/5 de marco, ou 29 pfennig.	1.111	0.222	78

Nickel	10 pfennig	0.111	93
	5 pfennig	0.055	19
Cobre	2 pfennig	0.022	7
	1 pfennig	0.011	4

Por decisão de Junho de 1888, a circulação das moedas extrangeiras, no Imperio Allemão, ficou prohibida a contar de 1 de Junho do mesmo anno.

A circulação fiduciaria da Allemanha é regulada pela lei de 30 de Janeiro de 1875.

ARGENTINA (REP.)

Lei de 5 de Novembro de 1881.

Unidade : Peso de prata = 5 fr.

		Peso em gram.	VALORES AO PAR francos	reis
Ouro 900	Argentino	8.064	25.00	8.829
	Médio Argentino	4.032	12.50	4.414
Prata a 900	Peso dividido em 100 centavos	25.000	5.00	1.765
	50 centavos	12.000	2.50	882
	20 centavos	5.000	1.00	353
	10 centavos	2.500	0.50	176
	5 centavos	1.250	0.25	88
Cobre	2 centavos		0.10	35
	1 centavo		0.05	17

Quasi toda a circulação metalica compõe-se de soberanos inglezes, de moedas de 20 francos de França, de Hespanha e dos Estados hispano-americanos.

Na provincia de Buenos-Aires conta-se em *peso-papel*. Este peso, na épocha da sua creação representava uma piastra forte : hoje não vale sinão 72 reis (ouro) do Brasil, valor determinado por um decreto do govêrno da provincia em 1866. Divide-se o papel em 8 reaes.

Nas outras provincias conta-se por piastras fortes, de 1.910 reis (ouro) do Brasil.

Em Buenos-Aires, as mercadorias e os titulos são pagos em peso-papel. No commercio por atacado não é raro servirem-se de barras de ouro ou de prata para os pagamentos.

FRANÇA

Lei monetaria de 7 de Abril e 15 de Agosto de 1795, 28 de Março de 1803, 25 de Maio de 1864, 27 de Junho de 1866, 2 de Agosto de 1872, 31 de Julho e 31 de Outubro de 1879.

Unidade : Franco 1 = fr.

		Peso em gram.	VALORES AO PAR francos	reis
Ouro a 900	100 francos	32,258	100.00	35.316
	50 francos	16,129	50.00	17.658
	20 francos	6,452	20.00	7.063
	10 francos	3,226	10.00	3.352
	5 francos	1,613	5.00	1.766

Prata a 900	5 francos	25,000	5.00	1.766
Prata a 835	2 francos	10,000	1.86	657
	Franco, dividido em 100 centesimos.	5,000	0.93	328
	50 centesimos.	2,500	0.46	164
	20 centesimos.	1,000	0.19	67
Bronze	10 centesimos.	10,000		37
	5 centesimos.	5,000		13
	2 centesimos.	2,500		5
	1 centesimo	1,000		3

ESTADOS-UNIDOS

Leis monetarias de 12 de Fevereiro de 1873 e 28 de Fevereiro de 1878.

Relação de ouro a prata, 1 : 15.98.

Unidade : Dollar de ouro = 5 fr. 1825.

Ouro a 900	Fifty Dol (California)	80,718	259.130	91.510
	Aguia dupla, 20 dollars	33,436	103.655	36.607
	Aguia, 10 dollars	16,718	51.827	18.303
	Meia aguia, 5 dollars	8,359	25.913	9.151
	3 dollars.	5,015	15.548	5.491
	Quarto d'aguia 2 1/2 dollars	4,179	12.956	4.575
	Dollar (Lei de 12 de Abril de 1873)	1,672	5.182	1.830
Prata a 900	Dollar de 100 cent. (Lei de 28 de Fev. 1878)	26,729	5.345	1.888
	1/2 dollar, 50 cents.	12,500	2.50	883
	3/4 de dollar, 25 cents	6,250	1.25	441
	2/5 de dollar, 20 cents.	5,000	1.00	453
	Dime. 10 cents.	2,500	0.50	176

INGLATERRA

Leis monetarias de 1816, 4 de Abril de 1870 e 17 de Maio de 1887.

Unidade : Libra esterlina, soberano ou pound = 25 fr. 22128.

A libra esterlina divide-se em 20 chélins, cada chélim em 12 pence e cada penny em 4 farthings.

		Peso em gram.	VALORES AO PAR Francos	Reis
Ouro a 916.66	5 soberanos.	39,940	126.107	44.536
	2 soberanos.	15,976	50.442	17.813
	Soberano (sovereign).	7,988	25.221	8.906
	Meio soberano.	3,994	12.610	4.453

Prata a 926	Corôa, 5 chilins	28,276	5.811	2.052
	Meia corôa	14,138	2.905	1.006
	Duplo florim, 4 chilins	22,620	4.648	1.640
	Florim, 2 chilins	11,300	2.325	820
	Chilim	5,655	1.161	410
	6 pence	2,828	0.580	205
	4 pence (groat) (*)	1,885	0.387	137
	3 pence	1,414	0.291	101
	2 pence	0,942	0.195	21
	Penny	0,471	0.097	25
Prata a 893	Escudo de banco ou dollar de Jorge III	28,717	5.22	1.860
	5 chilins	13,030	3.19	1.127
	1 chilim	8,015	1.59	562

(*) Essas moedas são cunhadas exclusivamente para a distribuição da *caridade real*, no dia da quinta-feira sancta de cada anno. O lord grão esmoler e a deão de Windsor, seguidos de numeroso pessoal da aristocracia e do alto clero, distribuem, em nome do soberano, vestuarios e dinheiro a tantos pobres de ambos sexos quantos são os annos do monarcha; o numero de peças de moeda em cada bolsa, é tambem egual ao dos dictos annos. Cunham-se cada anno 198 libras d'essas moedinhas; as sobras, depois da distribuição, são remettidas á rainha. Este uso remonta a Carlos II, 1666.

PESOS E MEDIDAS

Synopse do Systema metrico decimal

UNIDADES LINEARES

ITINERARIAS

Myriametro	Mm	10000^{m}	$= 10^{km}$
Kilometro	km	1000	= 1
Hectometro	hm	100	= 0.1
Decametro	Dm	10	= 0.01

GEOMETRICAS

Metro (1)	m	1^{m}	$= 0^{km}001$
Decimetro	dm	0.1	
Centimetro	cm	0.01	
Millimetro	mm	0.001	

UNIDADES DE SUPERFICIE

AGRARIAS

Myriametro quadrado	Mm^2	100000000 M^2	$=$	100^{km2}
Kilometro »	km^2	1000000	=	1
Hectaro (hectom. quad.)	ha (hm^2)	10000	=	0.01
Aro (decam. »)	a (Dm^2)	100		
Centiaro (metro »)	ca (m)	1		

GEOMETRICAS

Metro quadrado	m^2	1^{m2}
Decimetro quadrado.	dm^2	0.01
Centimetro »	cm^2	0.0001
Millimetro »	mm^2	0.000001

UNIDADES DE VOLUME OU CAPACIDADE

Metro cubico	m^3	1^{m3}
Decimetro cubico.	dm^3	0.001
Centimetro »	cm^3	0.000001
Millimetro »	mm^3	0.000000001

PARA LIQUIDOS E SECCOS

Hectolitro.	hl	100 l
Decalitro	Dl	10
Litro.	l	1
Decilitro	dl	0.1
Centilitro.	cl	0.01

PARA LENHA

Decastereo	Ds	10^s
Stereo	s	1^{m3}
Decistero.	ds	0.1

UNIDADES DE PESO

MÉDIO OU GRANDE

Tonelada.	t	1000^{kg}	
Quintal.	q	100	
Myriagramma.	Mg	10	= 10000^g
Kilogramma	Kg	1	= 1000
Hectogramma.	Hg	0.1	= 100
Decagramma	Dg	0.01	= 10

PEQUENO

Gramma (1).	g	$0^{kg}001$	= 1^g
Decigramma	dg		= 0.1
Centigramma	cg		= 0.01
Milligramma	mg		= 0.001

(1) Theoricamente deveria ser o *metro* $\frac{1}{1.000,000}$ da quarta parte do meridiano terrestre, practicamente adoptou-se como valor fundamental do metro o comprimento da regua denominada *mètre des archives*, medido na temperatura de 0°C.

(1) Peso *normal* (isto é, no vacuo e na temperatura de 4 graus centigrados) de 1 cm^3 d'agua distillada.

Medidas itinerarias e topographicas independentes do systema metrico

MILHA NAUTICA

O comprimento da milha nautica sendo definido como a sexagesima parte de um grau, tomado em um círculo maximo da esphera póde assumir diversos valores, conforme o círculo maximo fôr um meridiano ou o equador. A repartição hidrographica americana *Coast and Geodetic Survey*, com o fim de impedir inevitaveis confusões, adoptou officialmente para a *milha nautica* o valor de *uma sexagesima parte do comprimento de 1º do circulo maximo de uma esphera, cuja superficie fosse egual á da terra.*

Este valor calculado com os elementos de Clarke para o espheroide terrestre dá para *uma milha : 1853 m. 248.*

Eis como comparação, differentes valores da milha deduzidos de outras definições :

Comprimento de 1' de longit. no Equador.	$1855^{m}34$
Comprimento de 1' de latitude no Equador	1842.79
Comprimento de 1' de latitude a 45º. . . .	1852.18
Comprimento de 1' de latitude no pólo . .	1861.65

Medidas itinerarias independentes do systema métrico

Milha geographica de 15 ao grau equatorial.	7422^{m}
Legua de 18 ao grau meridiano médio . . .	6174
Legua de 25 ao grau meridiano médio . . .	4445
Milha maritima de 60 ao grau (M)	1852
Legua marit. de 20 ao grau merid. m. (3M).	5557
Milha maritima quadrada (M^2).	$3km^2.4366$
Legua maritima quadrada ($9M^2$).	$30km^2.8776$

MEDIDAS BRASILEIRAS ANTIGAS

Por lei de 26 de Junho 1862, o systema metrico foi tornado obrigatorio a contar de 1 de Janeiro de 1874 ; entretanto tem-se conservado no interior o uso de muitas das medidas antigas, que por essa razão é ainda util conhecer.

Tonelada (54 a)	13 1/2 (1)	793kg.2384
Quintal	4	58 . 7584
Arroba a	32	14 . 6896
Arroba metrica em uso no commercio .		15 kg.
Libra (lb)	2	458 g. 050
Marco.	8	229 g. 825
Onça (on)	8	23 g. 694
Oitava.	3	3 g. 586
Escropulo	24	1 g. 195
Grão.		0 g. 04981

(1) Relação entre cada unidade e a seguinte, a não ser esta irregular.

MEDIDAS

DE COMPRIMENTO

Braça (b)		$2^{m}.20$
Vara (5 pm)		$1^{m}.10$
Pé (12 pl)	1 1/2	$0^{m}.33$
Palmo (pm)	8	$0^{m}.22$
Pollegada (pl)	12	$0^{m}.0275$
Linha (ln)	12	$0^{m}.00228$
Ponto		$0^{m}.000191$
Covado		$0^{m}.68$
Passo geometrico		$1^{m}.65$

ITINERARIAS

Legua	3	$6^{km}.600$
Milha		$2^{km}.200$
Legua geometrica		6 km
Milha geometrica		2 km

DE SUPERFICIE AGRARIA

Legua quadrada	9	$43^{km2}.56$
Milha quadrada		$4^{km2},84$
Alqueire de Minas Geraes e do Rio de Janeiro (10.000 b^2)		$4^{ha}.84$
Alqueire de S. Paulo (5.000 b^2)	25	$2^{ha}.42$
Geira (400 b^2)		$19^{a}.36$
Tarefa (na Bahia, 900 b^2)		$43^{a}.56$

DE SUPERFICIE

Braça quadrada (100 pm^2)		$4^{m2}.84$
Pé quadrado (1.44 pm^2)		$0^{m2}.1089$
Palmo quadrado		$0^{m2}.0484$
Pollegada quadrada	65	$7^{cm2}.5625$
Linha quadrada	144	$5^{mm2}.2533$
Ponto quadrado	144	$0^{2}.0365$

DE VOLUME

Braça cubica (100 pm^3)		$10^{m3}.648$
Pé cubico (1 pm^3. 728)		$35^{dm3}.957$
Palmo cubico		$10^{dm3}.648$
Pollegada cubica	512	$20^{cm3}.796875$
Linha cubica	1728	$12^{mm3}.040481$
Ponto cubico	1727	$0^{mm3}.006968$

DE CAPACIDADE PARA SECCOS

Moio	15	$21^{hl}.762$
Fanga	4	1451.08
Alqueire	8	$36^{l}.27$
Quarta	8	$9^{l}.0675$
Selamim		$1^{l}.1334$

DE CAPACIDADE PARA LIQUIDOS

Tonel	2	$840.^{l}$
Pipa		$420.^{l}$
Almude	12	$31^{l}.944$
Canada	4	$2^{l}.662$
Quartilho		$0^{l}.6655$

Quilate para peso dos diamantes : $0^{dg}.1922$

MEDIDAS INGLEZAS E SUA CONVERSÃO

TABELLAS PARA A CONVERSÃO DAS MEDIDAS INGLEZAS EM MEDIDAS METRICAS, VICE-VERSA (COAST Y GEODETIC SURVEY, 1893 REPORT)

Medidas lineares

INCHS	MILLIMETROS	FEET	METROS	YARDS	METROS	MILES (*)	KILOMETROS
1	25.4051	1	0.304 801	1	0.914 402	1	1.609 35
2	50.8001	2	0.609 601	2	1.828 804	2	3.218 69
3	76.2002	3	0.914 402	3	2.743 205	3	4.828 04
4	101.6002	4	1.219.202	4	3.657 607	4	6.437 39
5	127.0003	5	1.524 003	5	4 572 009	5	8.046 74
6	152.4003	6	1.828 804	6	5.486 411	6	9.656 08
7	177.8004	7	2.133 604	7	6.400 813	7	11.265 43
8	203.2004	8	2.438 405	8	7.315 215	8	12.874 78
9	228.6005	9	2.743 205	9	8.229 616	9	14.884 12

Medidas de superficie

SQ. INCHS	CENT. QUADR.	SQ. FEET	DEC. QUADR.	SQ. YARDS	MET. QUADR.	ACRES	HECTARES
1	6.452	1	9.290	1	0.836	1	0.4047
2	12.903	2	18.581	2	1.672	2	0.8094
3	19.355	3	27.871	3	2.508	3	1.2141
4	25.807	4	37.161	4	3.344	4	1.6187
5	32.258	5	46.452	5	4.181	5	2.0234
6	38.710	6	55.742	6	5.017	6	2.4281
7	45.161	7	65.032	7	5.853	7	2.8328
8	51.613	8	74.323	8	6.689	8	3.2375
9	58.065	9	83.613	9	7.725	9	3.6322

(*) Para transformar rapidamente qualquer numero de milhas inglezas *Statute miles* em seu valor equivalente em kilometros e subdivisões lança-se mão da *seguinte regra práctica* muito approximada :

Addiciona-se ao numero dado de milhas, sua metade, mais a decima parte e mais a centesima parte ; a somma é em kilometros o equivalente do numero de milhas :

Exemplo : sejam 9 milhas a transformar em kilometros.

1/2 de 9 = 4.50 ; 1/10 = 0.9 : 1/100 = 0.09.

Somma 9.0 + 4.5 + 0.9 + 0.09 = 14 k. 490 em logar de 14 k. 484, valor rigorosamente exacto.

Medidas de volume

CUBIC. INCHS.	CENT CUBCS.	CUBIC. FECT.	METS. CUBCS.	CUBIC. YARDS.	METS. CUBCS.	BUSH	HECTOLITROS
1	15.387	1	0.02832	1	0.765	1	0.35239
2	32.774	2	0.05663	2	1.529	2	0.70479
3	49.161	3	0.08495	3	2.294	3	1.05718
4	65.549	4	0.11327	4	3.058	4	1.40957
5	81.936	5	8.14158	5	3.823	5	1.76196
6	98.323	6	0.16990	6	4.587	6	2.11436
7	114.710	7	0.19822	7	5.352	7	2.46675
8	131.097	8	0.22654	8	6.116	8	2.81914
9	147.484	9	0.25485	9	6.881	9	3.17154

Medidas de capacidade para liquidos

FLUID. DRACHMS	CENTS. CUBCS.	FLUID. OUNC.	CENTS. CUBCS.	QUARTS.	LITROS	GALLONS AMER.	LITROS
1	3.70	1	29.57	1	0.94636	1	3.78543
2	7.39	2	59.15	2	1.89272	2	7.57087
3	11.09	3	88.72	3	2.83908	3	11.35630
4	14.79	4	118.29	4	3.38543	4	15.14174
5	18.48	5	147.87	5	4.73179	5	18.92717
6	22.18	6	177.44	6	5.67815	6	22.71261
7	25.88	7	207.02	7	6.62451	7	26.49804
8	29.57	8	286.59	8	7.57087	8	30.28348
9	33.27	9	266.16	9	9.51723	9	34.06891

Medidas de peso

GRAINS	MILLIGRAMMAS	AVOIR DU POIDS OUNCES	GRAMMAS	AVOIR DU POIDS POUNDS	KILOGRAMMAS	TROY OUNCES	GRAMMAS
1	64.7989	1	28.3499	1	0.45359	1	31.10348
2	129.5978	2	56.6991	2	0.90719	2	62.20696
3	194.3998	3	85.0486	3	1.36078	3	93.31044
4	259.1957	4	113.3981	4	1.81437	4	124.41392
5	323.9946	5	141.7476	5	2.26796	5	155.51740
6	388.7635	6	170.0972	6	2.72156	6	186.62088
7	453.5924	7	198.4467	7	3.17515	7	217.72437
8	518.3914	8	226.7962	8	3.62874	8	248.82785
9	583.1903	9	255.1457	9	4.08233	9	279.93133

Medidas lineares

METROS	INCHS	METROS	FEET	METROS	YARDS	KILOM.	MILES
1	39.37	1	3.28083	1	1.093611	1	0.62137
2	78.74	2	6.56167	2	2.187222	2	1.24274
3	118.11	3	9.84250	3	3.280833	3	1.86411
4	157.48	4	13.12333	4	4.374444	4	2.48548
5	197.85	5	16.40417	5	5.468056	5	3.10685
6	236.22	6	18.68500	6	6.561667	6	3.72822
7	275.59	7	22.96583	7	7.655278	7	4.34959
8	314.96	8	26.24667	8	8.748889	8	4.97096
9	354.32	9	29.52750	9	9.842500	9	5.59233

Medidas de superficie

CENT. QUADR.	SQ. INCHS	MET. QUADR.	SQUARE FEET	MET. QUADR.	SQUARE FEET	HECT.	ACRES
1	0.1550	1	10.764	1	1.196	1	2.471
2	0.3100	2	21.528	2	2.392	2	4.942
3	0.4650	3	32.292	3	3.588	3	7.413
4	0.6200	4	43.055	4	4.784	4	9.884
5	0.7750	5	53 819	5	5.980	5	12.355
6	0.9300	6	64.583	6	7.176	6	14.826
7	1.0850	7	75.347	7	8.372	7	17.297
8	1.2400	8	86.111	8	9.568	8	19.768
9	1.3950	9	96.875	9	10.764	9	22.239

Medidas de volume

CENT. CUB.	CUB. INCHS	LITROS	CUB. INCHS	METROS CUB.	CUB. FEET	METROS CUB.	CUB. YARDS
1	0.0610	1	61.023	1	35.314	1	1.308
2	0.1220	2	122.047	2	70.629	2	2.616
3	0.1831	3	183.070	3	105.943	3	3.924
4	0.2441	4	244.094	4	141.258	4	5.232
5	0.3051	5	305.117	5	176.572	5	6.540
6	0.3661	6	366.140	6	211.887	6	7.848
7	0.4272	7	427.164	7	247.201	7	9.156
8	0.4882	8	488.187	8	282.516	8	10.464
9	0.5492	9	549.210	9	317.830	9	11.771

Medidas de capacidade

CENT. CUBICOS	FLUID DRACHMS	CENTILITROS	FLUID OUNCES	LITROS	QUARTS	DECALITROS	GALLOUS (AMERIC)	HECTOLITROS	BUSHELS
1	0.27	1	0.338	1	1.0567	1	2.6417	1	2.8377
2	0.54	2	0.676	2	2.1134	2	5.2834	2	5.6755
3	0.81	3	1.014	3	3.1700	3	7.9251	3	8.5132
4	1.08	4	1.353	4	4.2267	4	10.5668	4	11.3510
5	1.35	5	1.691	5	5.2834	5	13.2085	5	14.1887
6	1.62	6	2.029	6	6.3401	6	15.8502	6	17.0265
7	1.89	7	2.367	7	7.3968	7	18.4919	7	19.8642
8	2.16	8	2.705	8	8.4535	8	21.1336	8	22.7019
9	2.43	9	3.043	9	9.5101	9	24.7753	9	25.5397

Medidas de peso

MILLIGRAMMAS	GRAINS	KILOGRAMMAS	GRAINS	KILOGRAMMAS	OUNCES AVOIR DU POIDS	KILOGRAMMAS	POUNDS AVOIR DU POIDS
1	0.01543	1	15432.36	1	0.35274	1	2.20462
2	0.03086	2	30864.71	2	0.70548	2	4.40924
3	0.04630	3	46297.07	3	1.05822	3	6.61387
4	0.06173	4	61729.43	4	1.41096	4	8.81849
5	0.07716	5	77161.78	5	1.76370	5	11.02311
6	0.09259	6	92594.14	6	2.11644	6	13.22773
7	0.10803	7	108026.49	7	2.46918	7	15.43236
8	0.12346	8	123458.85	8	2.82192	8	17.63698
9	0.13889	9	138891.21	9	3.17466	9	19.84160

1 **kilogramma** = 32.1507 Ounces troy.

1 **tonelada metrica** = 2204.6 Pounds avoir du poids.

1 **tonelada ingleza** (20 cwts) = 1016.0 kilogrammas.

1 **quintal** (cwt), 112 lbs. = 50.8024 **kilogrammas.**

1 **braça ingleza** (fathom) = 1.829 metros.

1 **milha** nautica 1853.25 metros.

1 **imperial gallon** (inglez) = 4.5435 litros.

1 **imperial bushell** (inglez) = 36.3477 litros.

Tabella de coefficientes para passar das unidades metricas para as diversas unidades inglezas ou americanas e vice versa

POR

C. W. Hunt, M. Am. Soc. M. E., e completada por H. M.

PARA PASSAR D AS UNIDADES METRICAS PARA AS INGLEZAS

Millimetros × 0.039937 = polleg. inglez.
Centimetros × 0.3737 = idem idem
Metros × 35.37 = idem idem
Metros × 3.281 = pés inglezes
Metros × 1.094 = jardas
Kilometros × 0.621 = milhas terrestr.
Kilometros × 3280,7 = pés
Millimet. quad. × 0.0155 = polleg. quad.
Centimet. quad. × 0.155 = polleg. quad
Metros quadr. × 10.764 = pés quadrad.
Kilometros quadrados × 247.1 = acres
Hectaros × 247.1 = acres
Centimetr. cub. × 0.0610 = polleg. cubic
Cent. cub. × 0.271 = fluid drachms U.S.P.
Cent. cub. × 0.0338 = fluid ounces U.S.P.
Metros cubicos × 35.315 = pés cubicos
Metros cubicos × 1.308 = jardas cubicas
Metr. cub. × 264.2 = gallões (de 231 inchs³)
Litros × 61.022 = pollegadas cubicas
Litros × 34.84 = fluid ounces
Litros × 0.2642 = gallões (de 231 inchs³)
Grammas × 15.432 = grãos
Gramma × 981 = dynes (C. G. S.)
Joule × 07.373 = pés-libra
Kilos × 2.2046 = libras
Kilos × 35.3 = ounces avoir du poids
Kilogrammetros × 7.223 = pés libra
Kilos por cent. quad. × 14.223 = libras por poll. quadrada
Kilos por metro × quadrado × 0.672 = libras por pé quadrado.
Kilowatts × 1.34 cavallos vapor inglezes
Cavallos vapor francezes × 0.986 = cavallos vapor inglezes.

PARA PASSAR DAS UNIDADES INGLEZAS PARA AS METRICAS

Pollegadas inglezas × 25.4 millimetros
Pollegadas × 0.0254 = metros
Pés × 0.30479 = metros
Jardas × 0.91438 = metros
Milhas × 1.609 = kilometros
Pés × 0.000305 = kilometros
Pollegadas quadradas × 645.1 = millimetros quadrados
Pollegadas quadradas × 6.451 = centimetros quadrados
Pés quadr. × 0.0927 = metros quadr.
Acres × 0.004047 = kilometros quadr.
Acres × 0.40479 = Hectaros.
Pollegadas cubicas × 16.387 = cent cubic.
Fluid drachms × 3.69 = cent. cubicos.
Fluid drachms × 3.69 = cent. cubicos.
Fluid ounces × 29.57 = idem idem
Pés cubicos × 0.02832 = metros cubicos
Pés cubicos × 28.316 = litros.
Galões americanos × 3.785 = litros
Bushells (americanos) (210.4 inchs³,) × 0.3521 = Hectolitros.
Bushells inglezes × 0.3635 = Hectolitr.
Ounces (avoir du poids) × 28.35 = gram.
Libras × 0.4536 = kilos.
Toneladas × 1016.05 = kilos
Quintaes × 50.80 = kilos
Pés-Libra × 0.13826 = kilogrametros
Libras por pollegada quadrada × 0.0703 = kilospor centimetro quadrado
Libras por pé quadrado × 1.488 = kilos por metro quadrado
Cavallos vapor inglezes × 1.01386 = cavallos vapor francezes
Kilowatts × 1.3596 = caval. vapor franc.

TABELLAS DE JUROS

I

Juros simples

NUMEROS	3 °/o	3 1/2 °/o	4 °/o	4 1/2 °/o	5 °/o	5 1/2 °/o	6 °/o
1	0.008	0.009	0.011	0.012	0.014	0.015	0.016
2	0.016	0.019	0.022	0.025	0.027	0.030	0.033
3	0.025	0.029	0.033	0.037	0.041	0.045	0.049
4	0.033	0.038	0.044	0.049	0.055	0.060	0.066
5	0.041	0.048	0.055	0.062	0.068	0.075	0.082
6	0.049	0.057	0.066	0.074	0.082	0.090	0.099
7	0.057	0.067	0.077	0.086	0.096	0.106	0.115
8	0.066	0.077	0.088	0.099	0.110	0.121	0.132
9	0.074	0.086	0.098	0.111	0.123	0.136	0.148
10	0.082	0.096	1.110	0.123	0.137	0.151	0.164
20	0.164	0.192	0.219	0.247	0.274	0.301	0.329
30	0.247	0.288	0.329	0.370	0.411	0.452	0.493
40	0.329	0.384	0.438	0.493	0.548	0.603	0.658
50	0.411	0.479	0.548	0.616	0.685	0.753	0.822
60	0.493	0.575	0.658	0.740	0.822	0.904	0.986
70	0.575	0.671	0.767	0.863	0.959	1.055	1.151
80	0.657	0.767	0.877	0.986	1.096	1.206	1.315
90	0.740	0.863	0.986	1.110	1.233	1.356	1.480
100	0.822	0.959	1.096	1.233	1.370	1.507	1.644
200	1.644	1.918	2.192	2.466	2.740	3.014	3.288
300	2.466	2.877	3.288	3.699	4.110	4.521	4.932
400	3.288	3.835	4.383	4.931	5.479	6.027	6.575
500	4.110	4.794	5.479	6.164	6.849	7.534	8.219
600	4.931	5.753	6.575	7.397	8.219	9.041	9.863
700	5.753	6.712	7.671	8.630	9.589	10.548	11.507
800	6.575	7.671	8.767	9.863	10.959	12.055	13.151
900	7.397	8.630	9.863	11.096	12.329	13.562	14.795
1.000	8.219	9.589	10.959	12.329	13.699	15.068	16.438
2.000	16.438	19.178	21.918	24.657	27.397	30.137	32.877
3.000	24.657	28.767	32.877	36.986	41.096	45.205	49.315
4.000	32.877	38.356	43.835	49.315	54.794	60.274	65.753
5.000	41.096	47.945	54.794	61.644	68.493	75.342	82.192
6.000	49.315	57.534	65.753	73.973	82.192	90.411	98.630
7.000	57.534	67.123	76.712	86.301	95.890	105.120	115.068
8.000	65.753	76.712	86.671	98.630	109.589	120.548	131.507
9.000	73.973	86.301	98.630	110.959	123.288	135.616	147.945
10.000	82.192	95.890	109.589	123.288	136.986	150.685	163.383

Modo de usar. — Multiplica-se o capital pelo numero de dias durante os quaes venceu juros. Tira-se ao producto a fracção (si elle a tem) e mais dous algarismos. O numero que resta divide-se em milhares, centenas, dezenas e unidades. Procuram-se na tabella os juros d'estas partes (conforme a columna da taxa) e sommando-se estes juros parciaes, tem-se o juro total procurado. Exemplo: Qual o juro de 6:252$000 rs. em 125 dias a 5 1/2 °/o? O producto do capital pelo n.º de dias é 781.500. Tirando-se dous algarismos, resta 7.815. Procurando-se na tabella o juro de 7.000, de 800, de 10 e de 5, acha-se 115.068; 13.151; 0.164 e 0.082. Sommando estas parcellas, tem-se 128$165, o juro desejado.

Para os multiplos de 10.000, para 70 ou 80 mil (por exemplo) toma-se o juro de 7.000 ou 8.000 e multiplica-se por 10. Para várias quantias durante numeros de dias differentes com a mesma taxa de juro, obtem-se primeiro os *numeros* (producto das quantias pelos numeros de dias). Sommam-se os varios numeros e com a sua totalidade vai-se á tabella em busca dos juros.

Juros compostos

II

Mostra o valor do capital 1$000 réis collocado a juro composto capitalizado annualmente, a diversas taxas, no fim de annos.

ANNO	a 1 °/₀	a 1 1/2 °/₀	a 2 °/₀	a 2 1/2 °/₀	a 3 °/₀	a 3 1/2 °/₀
10	1,105	1,161	1,219	1,280	1,343	1,411
20	1,220	1,347	1,486	1,638	1,806	1,990
30	1,348	1,563	1,811	2,098	2,427	2,807
40	1,489	1,814	2,208	2,564	3,262	3,960
50	1,644	2,105	2,692	3,437	4,384	5,586
60	1,817	2,443	3,281	4,400	5,891	7,879
70	2,007	2,835	4,010	5,632	7,918	11,122
80	2,217	3,291	4,875	7,210	10,640	15,677
90	2,449	3,819	5,943	9,229	14,300	22,112
100	2,705	4,432	7,245	11,814	19,220	31,190
110	2,990	5,144	8,831	15,122	25,829	44,016
120	3,305	5,971	10,765	19,356	34,714	62,106

ANNO	a 4 °/₀	a 4 1/2 °/₀	a 5 °/₀	a 5 1/2 °/₀	a 6 °/₀	a 6 1/2 °/₀
10	1,480	1,553	1,629	1,708	1,790	1,877
20	2,191	2,412	2,653	2,918	3,207	3,524
30	3,243	3,745	4,322	4,984	5,743	6,614
40	4,801	5,716	7,040	8,513	10,286	12,416
50	7,107	9,033	11,467	14,542	18,420	23,307
60	10,520	14,027	18,679	24,840	32,988	43,750
70	15,571	21,784	30,426	42,430	59,077	82,124
80	23,050	33,830	49,561	72,476	105,780	154,159
90	34,120	52,537	80,730	123,800	189,470	289,377
100	50,505	81,589	131,499	214,469	339,312	543,200
110	74,760	126,709	214,202	361,218	607,638	1:019,662
120	110,662	196,780	348,912	617,007	1:088,188	1:914,048

ANNO	a 7 °/₀	a 8 °/₀	a 9 °/₀	a 10 °/₀	a 11 °/₀	a 12 °/₀
10	1,967	2,159	2,367	2,593	2,839	3,105
20	3,870	4,661	5,604	6,728	8,062	9,646
30	7,612	10,063	13,267	17,450	22,892	29,960
40	14,974	21,724	31,410	45,260	65,001	93,050
50	29,357	46,902	74,360	117,391	184,565	289,002
60	57,946	101,257	176,030	304,482	524,058	897,596
70	113,989	218,606	416,730	789,744	1:488,017	2:787,795
80	224,234	471,954	986,552	2:048,401	4:225,108	8:658,430
90	441,103	1:018,914	2:335,526	5:313,024	11:996,879	26:891,925
100	866,716	2:199,757	5:529,038	13:780,603	34:064,173	83:522,308
110	1:706,925	4:749,120	13:089,247	35:743,306	96:722,590	259:407,485
120	3:357,784	10:522,980	30:987,730	92:708,936	274:635,720	805:680,963

Dias comprehendidos entre duas datas

A	DE JANEIRO	FEVEREIRO	MARÇO	ABRIL	MAIO	JUNHO	JULHO	AGOSTO	SEPTEMBRO	OUTUBRO	NOVEMBRO	DEZEMBRO
Janeiro	365	334	306	275	245	214	184	153	122	92	61	31
Fevereiro ...	31	365	337	306	276	245	215	184	153	123	92	62
Março.....	59	28	365	334	304	273	243	212	181	151	120	90
Abril.....	90	59	31	365	335	304	274	243	212	182	151	121
Maio.....	120	89	61	30	365	334	304	273	242	212	181	151
Junho.....	151	120	92	61	31	365	335	304	273	243	212	182
Julho.....	181	150	122	91	61	30	365	334	303	273	242	212
Agosto.....	212	181	153	122	92	61	31	365	334	304	273	243
Septembro ..	243	212	184	153	123	92	62	31	365	335	304	274
Outobro.....	273	242	214	183	153	122	92	61	30	365	334	304
Novembro ...	304	273	245	214	184	153	123	92	61	31	365	335
Dezembro...	334	303	275	244	214	183	153	122	91	61	30	365

Explicação. — O numero de dias decorridos entre duas datas quaesquer se acha no encontro da columna vertical e da linha horizontal, que trazem, aquella o nome do mez da primeira data, e esta o nome do mez da segunda :

Exemplos : 1,º Quantos dias entre duas datas eguaes do mez de Janeiro e do mez de Março? — Procura-se a columna vertical do mez de Janeiro, desce-se por ella até encontrar a linha horizontal do mez de Março e acha-se : 59. 2.º Quantos dias de 5 de Março a 5 de Novembro? — Desce-se pela columna de Março até a linha de Novembro e encontra-se : 245. Si fosse de 5 de Março a 15 de Novembro accrescentar-se-hia 10 (a differença entre 5 e 15) ao numero 245 achado, e ter-se-hia 255. E assim em os todos casos analogos.

Quando o anno é bissexto accrescenta-se um dia ao número achado, si o mez de Fevereiro está comprehendido entre as duas datas.

O MEZ DE S. JOSÉ

NOVA EDIÇÃO CORRECTA

Para uso dos seminaristas e dos sacerdotes, pelo R. Padre Xavier REIDER

OBRA APPROVADA POR EXIMIOS PRELADOS

e recommendavel tambem a todos os fieis, que nella verão quanto a devoção a S. José poderá soccorrel-os em suas necessidades espirituaes e temporaes.

H. GARNIER, Livreiro-Editor — RIO DE JANEIRO

DIVISORES FIXOS

Para calcular juros a diversas taxas

TAXAS ANNUAES	TAXAS MENSAES	DIVISORES FIXOS	TAXAS ANNUAES	TAXAS MENSAES	DIVISORES FIXOS
1	—	36000	9½	—	3789
1⅛	—	32000	9¾	—	3692
1¼	—	28800	10	⅚	3600
1½	⅛	24000	10¼	—	3512
1¾	—	20571	10½	⅞	3428
2	⅙	18000	10¾	—	3349
2¼	—	16000	11	—	3273
2½	—	14400	11¼	—	3200
2¾	—	13091	11½	—	3130
3	¼	12000	11¾	—	3064
3¼	—	11077	12	1	3000
3½	—	10285	12½	—	2880
3¾	—	9600	13	—	2769
4	⅓	9000	13½	1⅛	2667
4¼	—	8471	14	1⅙	2571
4½	⅜	8000	14½	—	2483
4¾	—	7579	15	1¼	2400
5	—	7200	15½	—	2323
5¼	—	6857	16	1⅓	2250
5½	—	6545	16½	1⅜	2182
5¾	—	6261	17	—	2118
6	½	6000	17½	—	2057
6¼	—	5760	18	1½	2000
6½	—	5538	18½	—	1946
6¾	—	5333	19	—	1895
7	—	5143	19½	1⅝	1846
7¼	—	4965	20	1⅔	1800
7½	⅝	4800	20½	—	1756
7¾	—	4645	21	1¾	1714
8	⅔	4500	21½	—	1674
8¼	—	4364	22	1⅚	1636
8½	—	4235	22½	1⅞	1600
8¾	—	4114	23	—	1565
9	¾	4000	23½	—	1532
9¼	—	3892	24	2	1500

Explicação. — Torna-se facil por meio d'esta tabella calcular os juros de uma quantia durante qualquer numero de dias. Basta muliplicar o capital ou a quantia pelo numero de dias e dividir o producto pelo divisor fixo correspondente á taxa. O quociente da divisão é o juro procurado. Convém não confundir as taxas annuaes com as taxas mensaes, que são dadas em columnas separadas.

Peso especifico de algumas substancias

(O peso da agua distillada na temperatura de + 4° C. é tomado como unidade)

Acido carbonico	0,00152	Ferro fundido	7,207
Aço	7,820	Ferro forjado	7,788
Agua distillada	1,000	Flint glass	3,329
Agua do mar	1,026	Gallio	5,950
Aguardente 18°	0,947	Gêlo	0,930
Aguardente 22°	0,923	Graxa de vacca	0,923
Aguardente, 36°	0,848	Hydrogenio (gaz)	0,00089
Alcool absoluto	0,715	Iridio	22,400
Aluminio	2,560	Latão	8,395
Ammoniaco	0,897	Leite de vacca	1,032
Antimonio	6,712	Leite de cabra	1,034
Ar atmospherico	0,00129	Manteiga	0,942
Arêa de rio	1,880	Magnesio	1,740
Argilla	1,930	Marfim	1,917
Arsenico	5,670	Marmore de Carrara	2,716
Assucar	1,606	Mercurio	13.598
Azeite de oliveira	0,915	Mel	1,450
Azoto (gaz)	0,00125	Nickel	8.279
Batata	0,940	Oxygenio (gaz)	0,00143
Banha de porco	0,936	Ouro puro	19,258
Bismutho	9,822	Oleo de amendoas	0,917
Borracha	0,973	Oleo de linhaça	0,940
Calcio	1,570	Osmio	22,470
Cal viva	0,840	Palladio	12.050
Canfora	0,996	Pedra pomes	0,914
Carvão vegetal	0,250	Phosphoro	1,770
Carvão de pedra	1,329	Platina laminada	21,450
Cêra branca	0,968	Platina batida	23,000
Cêra amarella	0,974	Porcellana	2,150
Centeio	0,740	Prata pura	10,475
Cerveja	1,024	Rhodio	12,440
Cevada	0,633	Sebo	0,942
Chloreto de sodio	2,260	Selenio	4,320
Chumbo	11,352	Tellurio	6,115
Coke	0,340	Terra argillosa	1,240
Clara d'ovo	1,041	Tungstenio	17,600
Cobre fundido	8,788	Uranio	18,350
Diamantes leves	3,501	Vapor d'agua	0,00080
Diamantes pesados	3,531	Vidro de garrafa	2,732
Espirito de vinho 33°	0,863	Vidro de vidraça	2,527
Espirito de vinho 36°	0,848	Vinagre	1,019
Estanho	7,292	Vinho de Bordeus	0,993
Enxofre	2,033	Vinho de Malaga	1,030
Ether sulfurico	0,712	Vinho do Porto	0,997
Farinha de trigo	1,035	Zinco	7,100

Conversão em millimetros das alturas dos barometros graduados em pollegadas (e fracções de pollegada) inglezas

POLLEG. DECIMOS	MILLI-METROS	POLLEG. DECIMOS	MILLI-METROS	POLLEG. DECIMOS	MILLI-METROS
26,0	660,39	27,7	703,57	29,4	746,75
1	662,93	8	706,11	5	749,29
2	665,47	9	708,65	6	751,83
3	668,01	28,0	711,19	7	754,37
4	670,55	1	713,73	8	756,91
5	673,09	2	716,27	9	759,45
6	675,63	3	718,81	30,0	761,99
7	678,17	4	721,35	1	764,53
8	680,71	5	723,89	2	767,07
9	683,25	6	726,43	3	769,61
27,0	685,79	7	728,97	4	772,15
1	688,33	8	731,51	5	774,69
2	690,87	9	734,05	6	777,23
3	693,41	29,0	736,59	7	779,77
4	695,95	1	738,13	8	782,31
5	698,49	2	741,67	9	784,85
6	701,03	3	744,21	31,0	787,39

CONVERSÃO DE CENTESIMOS DE POLLEG. INGL. EM MILLIMETROS	
CENTES.os DE POLLEGADA	MILLIMETROS
1	0,254
2	0,508
3	0,762
4	1,016
5	1,270
6	1,524
7	1,778
8	2,032
9	2,286
10	2,540

Relação entre as unidades de pressão

ATMOSPHERAS	KILOG. POR CENTIM.2	LIBRAS INGL. POR POLLEG.2	LIBRAS INGL. POR POLLEG.2	KILOG. POR CENTIM.2	ATMOSPHERAS
1	1,033	14,697	1	0,070	0,068
2	2,066	29,394	2	0,141	0,136
3	3,100	44,091	3	0,211	0,204
4	4,133	58,788	4	0,281	0,272
5	5,166	73,485	5	0,352	0,340
6	6,200	88,182	6	0,422	0,409
7	7,233	102,879	7	0,493	0,477
8	8,267	117,576	8	0 563	0,545
9	9,300	132,283	9	0,633	0,613
10	10,333	146,970	10	0,704	0,681
20	20,667	293,940	20	1,408	1,363
30	31,000	449,910	30	2,112	2,044
40	41,333	587,880	40	2,816	2,726
50	51,667	734,850	50	3,520	3,408
60	62,000	881,820	60	4,224	4,089
70	72,333	1.028,790	70	4,928	4,769
80	82,667	1.175,760	80	5,632	5,452
90	93,000	1.322,830	90	6,336	6,133
100	103,333	1.469,700	100	7,039	6,815

Comparação das escalas dos thermometros Fahrenheit, Centigrado e Réaumur

FAHR.	CENTIGR.	RÉAUMUR	FAHR.	CENTIGR.	RÉAUMUR	FAHR.	CENTIGR.	RÉAUMUR
5	—15,00	—12,00	50	+10,00	+8,00	95	+35,00	+28,00
6	14,44	11,56	51	10,56	8,44	96	35,66	28,24
7	13,89	11,11	52	11,11	8,89	97	36,11	28,89
8	13,33	10,67	53	11,67	9,33	98	36,67	29,33
9	12,78	10,22	54	12,22	9,78	99	37,22	29,78
10	22,22	9,78	55	12,78	10,22	100	37,78	30,22
11	11,67	9,33	56	13,33	10,67	101	38,33	30,67
12	11,11	8,89	57	13,89	11,11	102	38,89	31,11
13	10,56	8,44	58	14,44	11,56	103	39,44	31,56
14	10,00	8,00	59	15,00	12,00	104	40,00	32,00
15	9,44	7,56	60	15,56	12,44	105	40,56	32,44
16	8,89	7,11	61	16,11	12,89	106	41,11	32,89
17	8,33	6,67	62	16,67	13,33	107	41,67	33,33
18	7,78	6,22	63	17,22	13,78	108	42,22	33,78
19	7,22	5,78	64	17,78	14,22	109	42,78	34,22
20	6,67	5,33	65	18,33	14,67	110	43,33	34,67
21	6,11	4,89	66	18,89	15,11	111	43,89	35,11
22	5,56	4,44	67	19,44	15,56	112	44,44	35,56
23	5,00	4,00	68	20,00	16,00	113	45,00	36,00
24	4,44	3,56	69	20,56	16,44	114	45,56	36,44
25	3,89	3,11	70	21,11	16,89	115	46,11	36,89
26	3,33	2,67	71	21,67	17,33	116	46,67	37,33
27	2,78	2,22	72	22,22	17,78	117	47,22	37,78
28	2,22	1,78	73	22,78	18,22	118	47,78	38,22
29	1,67	1,33	74	23,33	18,67	119	48,33	38,67
30	1,11	0,89	75	23,89	19,11	120	48,89	39,11
31	—0,56	—0,44	76	24,44	19,56	121	49,44	39,56
32	0,00	0,00	77	25,00	20,00	122	50,00	40,00
33	+0,56	+0,44	78	25,56	20,44	123	50,56	40,44
34	1,11	0,89	79	26,11	20,89	124	51,11	40,89
35	1,67	1,33	80	26,67	21,33	125	51,67	41,33
36	2,22	1,78	81	27,22	21,78	126	52,22	41,78
37	2,78	2,22	82	27,78	22,22	127	52,78	42,22
38	3,33	2,67	83	28,33	22,67	128	53,33	42,67
39	3,89	3,11	84	28,89	23,11	129	53,89	43,11
40	4,44	3,56	85	29,44	23,56	130	54,44	43,56
41	5,00	4,00	86	30,00	24,00	131	55,00	44,00
42	5,56	4,44	87	30,56	24,44	132	55,56	44,44
43	6,11	4,89	88	31,11	24,89	133	56,11	44,89
44	6,67	5,33	89	31,67	25,33	134	56,67	45,33
45	7,22	5,78	90	32,22	25,78	135	57,22	45,78
46	7,78	6,22	91	32,78	26,22	136	57,78	46,22
47	8,33	6,67	92	33,33	26,57	137	58,33	46,67
48	8,89	7,11	93	33,89	27,11	138	58,89	47,11
49	9,44	7,56	94	34,44	27,56	139	59,44	47,56

INDICE

PRIMEIRA PARTE

	Paginas
Dr. Ramiz Galvão	4
Chronologia — Calendario	6
Calendario gregoriano	8
Calendario ecclesiastico	9
Seculo XX	9
Éclipses de 1907	13
O anno de 1907	15
Festas nacionaes brasileiras	17
Festas estadoaes	17
Festas nacionaes dos principaes paizes extrangeiros	19
Festas officiaes observadas nas legações e consulados extrangeiros	21
Calendario perpetuo	22
Aspecto do céu	24

SEGUNDA PARTE

Geographia. — Estatistica	61
A população do Brasil em 1906	62
Altitude das principaes montanhas do Brasil	64
Rios principaes com a sua extensão approximada	65
Distancia em milhas do Rio-de-Janeiro a Manaus e Porto-Alegre	66
População do Brasil em 1905	67
As estações	68
A hora no Brasil	68
Periodo presidencial dos Estados	70
O Episcopado brasileiro	71
Importação e exportação	71
Receita e despesa federaes	75
Ethnographia selvagem	79
Estado do Amazonas	99
Pará	104
Maranhão	111
Piauhi	116
Ceará	119
Rio-Grande-do-Norte	124
Parahiba	128
Pernambuco	131
As Franceses em Itamaracá	135
Darwin em Pernambuco	137
Alagôas	139
Sergipe	142
Bahia	147
Espirito-Sancto	154
Rio-de-Janeiro	159
Districto Federal	168
São-Paulo	175
Paraná	185
Sancta-Catharina	191
Rio-Grande-do-Sul	196
Minas Geraes	205
Goiaz	214
Matto Grosso	218
Erudição e sciencia	226

	Paginas
O arco da velha	226
Uma nova historia do Brasil	228
O futuro das linguas novi-latinas	230
A terminologia scientifica	231
Uma pagina de historia da literatura popular	232
Etymologias	237
Povoamento e desenvolvimento economico do Brasil	240

TERCEIRA PARTE

LITERATURA	245
A tres Julias	246
A esthetica da lingua portugueza	250
Da Pastoral	258
O Misanthropo	259
Metros Barbaros	260
Surdina	263
O escrivão Coimbra	264
Heresia sociologica	271
Potyguar	274
A sessão do instituto	277
D. Maria Norberta Romera	280
Ave, Marieta	281
Noite de insomnia	282
Illusões	282
A porfia	283
Milagre	283
O sentimento tragico no seculo XIX.	283
Academia brasileira	284
O grande circulo	286
Anhangá	287
A lua	288
Alberto de Oliveira	289
Castro Alves	293
Academias	294
Dr. Maximino Maciel	294
Elysio de Carvalho	295
Fabio Luz	297
Pedro do Coutto	298
O pastor e a monja	300
Do romanceiro	300
Sobre educação popular	301
Annibal Amorim	302
Uma lagrima	303
A cidade interior	304
O sineiro dos Canudos	307
Conferencias literarias	311
A princeza de Sandalo	313
Silvio Romero	316
A festa de Natal	317
Graça Aranha	321
João do Rio — Paulo Barreto	324
Mello Moraes	325
Le Bemtevi	326
Essencia Captiva	328
Os Estados-Unidos no seculo XX	328
Adherbal de Carvalho	330
Historia territorial do Brasil	331
A America Latina	334
O riso	337
A primavera	345

QUARTA PARTE

O ANNO POLITICO. BRASIL 1905	347
A questão peruana	352
A questão do Acre	353
Nações Extrangeiras, 1905	353
O divorcio scandinavo	358
Guerra Russo-Japoneza	360

	Paginas
A revolução na Russia	364
O anno religioso	368
O anno artistico	370
O anno litterario	374
O anno jornalistico	376
O anno necrologico	377
Extrangeiros	382

QUINTA PARTE

VARIEDADES	388
Os melhoramentos da Capital-Federal	387
Os terramotos da Calabria	393
Como nasceu Cuiabá	395
A canhoneira Patria	399
O congresso da tubercolose	401
Biographia — Visconde de S. Leopoldo	403
Congresso scientifico latino-americano	409
Poemetos em prosa	411
Collegio militar	412

SEXTA PARTE

TABELLAS. — NOTAS. — INFORMAÇÕES.	419
Governo da Republica	419
Senado Federal	419
Camara dos Deputados federaes	420
Secretarias do Estado	420
Tribunal de Contas	421
Corpo Diplomatico Brasileiro	421
Consulados	422
Conselho Municipal	423
Repartições publicas federaes	423
Repartições publicas municipaes	429
Agencias da Prefeitura	430
Sédes dos districtos de inflammaveis	430
Delegacias de policia	431
Dias de sessões e audiencias e séde dos tribunaes	431
Pagamento de impostos	432
Companhias de navegação	434
Jardins e passeios	435
Asylos	436
Hospitaes particulares	436
Tabelliães	436
Bancos e estabelecimentos de credito	437
Vehiculos publicos	439
Enterros	441
Taxas do correio	443
Agencias do correio	445
Tarifas telegraphicas (telegrammas nacionaes)	447
Tarifa para o trafego com a « Western »	449
Consumo d'agua	450
Cambio	454
Moedas	462
Pesos e medidas	465
Medidas inglezas e sua conversão	469

	Paginas
Tabella de coefficientes para passar das unidades metricas para as diversas unidades inglezas ou americanas e *vice-versa*	473
Tabellas de juros	474
Peso especifico de algumas substancias	478
Conversão em millimetros das alturas dos barometros graduados em pollegadas (e fracções de pollegada) inglezas	479
Comparação das escalas dos thermometros Fahrenheit, Centigrado e Réaumur	480



ALIMENTO DAS CRIANÇAS

PARIS. — Typ. H. GARNIER.

Companhia Marcenaria Brasileira

Antiga casa MOREIRA SANTOS

Fundada em 1850

Recompensas de merito das Exposições nacionaes de 1873, 1875, 1879, 1881 et 1894. Paris, 1889, Buenos Aires, 1882, Philadelphia, 1896, Chicago, 1893.

Primeiro Premio da Exposiçao nacional de 1901

MOVEIS DE ESTYLO

e

FANTASIA

Mobiliarios completos para casas familia e escriptorios

Moveis de qualquer estylo

em jacarandá, imbuiá, peroba e vinhatico

PREÇOS SEM COMPETENCIA

VISITEM O DEPOSITO A'

3, Rua da Constituição, 3

DOENÇAS O PEITO

Tuberculoses, Anemia, ...ienia, Rachitismo, Tosse,
Fraqueza Bronchite

CURAM-SE ... CELEBRE

XAROPE DE HYPOP... PHITO DE CAL
DE S... N... (Dr CHURCHILL)

Indispensavel durante o aleitamento, a dentição e a formação ossea

O mais poderoso dos tonicos, pois cura a tuberculose.
Por esse motivo é prescripto pelos medicos do mundo inteiro.

Exigir o nome de « SWANN » e a assignatura do Dr CHURCHILL, bem como a marca da União dos fabricantes de que só teem direito os productos authenticos.

VENDE-SE EM TODAS AS PHARMACIAS

PHARMACIA SWANN, 12, rue Castiglione — PARIS

DOENÇAS DA BEXIGA

E DAS VIAS GENITO URINARIAS

Catharro da bexiga, Cystite, Calculo, Retenção ou Incontinencia de urina, Inflammação, etc.

CURAM-SE COM O

ELIXIR BALSAMO DIURETICO DO Dr ADEL

de Extracto de Buchu

De ... rapidamente é ... indicado aos doentes que ... ... mentado outros medicamentos sem maior resultado.

VENDE-SE EM TODAS AS PHARMACIAS

PHARMACIA SWANN, 12, rue Castiglione — PARIS

Reconstituinte geral, Depressão do Systema nervoso, Neurasthenia, Excesso de trabalho.

PHOSPHO-GLYCERATO DE CAL PURO

NEUROSINE PRUNIER

NEUROSINE-XAROPE — NEUROSINE-GRANULADA
NEUROSINE-OPIADAS

DEPOSITO GERAL
CHASSAING & Cie, Paris, 5, avenue Victoria.

Debilidade geral, Anemia, Rachitismo, Phosphaturia, Enxaquecas.

PARIS. — IMP. H. GARNIER.